A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

Só se deve dizer tudo o que sabemos e sentimos a quem tudo pode compreender.

J. de Maistre

N.º 3942—12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Sexta-feira, 2 de Dezembro de 1921

Telefone n.º 2293 — Endereço Tel. CAPITAL — Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

O estado da questão

No momento em que escrevemos considera-se irreductivel a questão politica posta pelo governo aos partidos, e que consiste na exigencia de que esses partidos votem nos elementos que fizeram um movimento revolucionario contra eles proprios, acusando-os de incompetentes, senão de deshonestos, e afirmando ao mesmo tempo que tinham ao seu lado a nação inteira. Em virtude dessa irreductibilidade, é de prever que o sr. Maia Pinto apresente ao Chefe do Estado a demissão do gabinete a que preside.

Que governo lhe sucederá?

E que fará esse governo?

Procurará executar o chamado programa revolucionario em toda a sua amplitude? Procurará apenas efectivar o minimo desse programa, reconhecido praticavel pelos dois ministerios que o antecederam?

Parece que não se trata de maneira alguma do programa revolucionario, mas pura e simplesmente, da questão eleitoral.

O governo Maia Pinto reclama uns 30 deputados votados pelos partidos, a titulo de exprimirem as diversas correntes de opinião republicana que não estão representadas nos partidos, e com os nomes de personalidades que nunca darão o seu apoio a um programa como o de 19 de outubro,—uma delas é o sr. Basilio Teles, cujas idéas conservadoras são conhecidas, envolverão o das entidades mais ativas e preponderantes do movimento outubrista.

Os partidos declaram que não podem riscar os seus candidatos, adeptos da sua politica, para os substituir pelos seus adversarios, que condenavam essa politica. Dahi o desacordo, que, como se vê, não interessa ao programa revolucionario, o qual não poderia ser imposto por um grupo de 30 deputados. O que se verifica é que a questão não é de ideas, mas de pessoas.

Em resumo, os partidos não acedem ás exigencias do sr. Maia Pinto e o sr. Maia Pinto vai se embora.

Formar-se-ha, em plena semana eleitoral, um novo governo. E' ele que vem resolver o caso?

Mas como? Com a dictadura? Adiando as eleições?

E' um programa revolucionario, com o qual tudo se poderá fazer menos conquistar a opinião publica.

E pense-se no caso nas consequencias imediatas e gravissimas que esse novo acto revolucionario pode ter, com uma atmosfera interna e externa, absolutamente contraria a tais processos?

Se o sr. Presidente da Republica não quiser entrar nesse caminho, terão os novos revolucionarios de resolver uma crise presidencial, que implicaria a necessidade dum novo reconhecimento das potencias?

A verdade é que estamos em presença duma questão nacional, em que todo o paiz tem a palavra, e não apenas um retalho de Lisboa.

Migalhas

Landru

Toda a gente e mesmo varias outras pessoas tiveram ensejo de notar que, emquanto se desenrolava no tribunal de Versailles o julgamento desse homem que, alem de se apelidar Landru como qualquer de nós, se chamava—ó predestinação!—Desiré, eu me mantive no mais hermético silêncio, guardando a minha opinião e isto simplesmente porque não queria pesar no animo dos jurados, que acabam de o condenar á morte.

Agora que se cumpriram os fados, cabe-me dizer que considero iniqua a sentença proferida. Segui nos jornais francezes o detalhe das audiências e a grande verdade é esta: não ha contra o seductor de Gambais uma unica prova absolutamente juridica. Vão cortar a cabeça ao pobre Landru simplesmente porque ele não conseguiu provar a sua inocencia, quando, afinal, ao tribunal é que competia provar a sua culpabilidade. A' medida que se ia desfiando o rosário das suas conquistas, o presidente inevitavelmente dizia ao acusado:

—«No dia tantos, a senhora Fulana partiu comsigo para a sua casa de campo. Nunca mais a viram. Que foi feito dela?

E Landru respondia tranquilamente:

—«Não sei. A senhora Fulana passou comigo um dia ou umas horas e foi-se embora. Pode v. ex.ª, senhor presidente, explicar-me para onde ela se dirigiu?

Hão de concordar que, se nos perguntassem que foi feito de algumas senhoras com quem nos temos encontrado na vida, ficariamos muito embaraçados. Verdade seja que não lhes vendemos a mobilia; mas muita vez a vontade não nos tem faltado, principalmente nestas epocas em que qualquer banco de cosinha vale o seu pêso em platina.

O presidente do tribunal, que tambem não sabe o que foi feito das noivas de Landru e que afinal é, como a policia, como o magistrado instructor, como o procurador da Republica, pago mensalmente para isso, não será guilhotinado. Em minha consciencia, não é justo.

A grande verdade é que Landru vae pagar com a cabeça um crime que a sociedade não perdoa: o de ser um humorista. Desde a hora em que o prenderam e o meteram nas mãos do celebre juiz Bonin, o nosso homem, sem perder um minuto a sua tranquilidade de espirito, respondeu sempre ás perguntas indiscretas da justiça com outras perguntas não menos indiscretas e quasi todas elas espirituosas. Basta que Landru tenha dito a decima parte do que se lhe tem atribuido para que ele deva ser considerado como uma pessoa, em primeiro logar muito finória, em seguida muito engraçada.

Ora a justiça, tal como ela está constituida, não gosta nem de finórios nem de graciosos. Um reu, mesmo que seja inocente, tem de tremer diante das balanças de Themis. Se não treme, se blagueia, se leva á parede o juiz que o interroga e faz rir o escrivão que elabora o processo, comete um crime muito mais grave do que aquele de que o acusam e, se não poderem castigál-o pelo primeiro, não o pouparão pelo segundo. E' o caso de Landru.

Ainda que ele tivesse assado num meu fogão de cosinha dozé mulheres, o que é uma tarefa que nem todos os presidentes de tribunal seriam capazes de levar a cabo, acho que não deviam condenál-o. Landru era um bocado de Paris.

Durante as audiencias tinha travado as relações mais cordeais com os jornalistas, com as testemunhas, os soldados da guarda e até com parte do publico.

Uma familiaridade se tinha estabelecido entre o reu e o pretorio e essa familiaridade era simplesmente a consequencia da simpatia que toda a gente sentia em França por Landru. Dizia um jornalista:

—Se o guilhotinarem, ficaremos todos tristes. Teremos a impressão de perder um velho camarada, um pouco pervertido, mas muito reinadio.

Esta é a opinião geral. Landru vai fazer falta a Paris. Gostava-se dele porque era engraçado e entalava a Justiça, a Autoridade com piadas que pareciam de Courteline. Tinha assado dose mulheres? . . . Que importancia tem isso numa terra onde ha tantas e onde todos os homens fariam o mesmo se não tivessem outras ocupações.

ANDRE' BRUN.

Segredo a toda a gente

Tomar chá

Ha quem afirme que a nova geração, pelo menos, aquela que se permite ao luxo de pensar e de escrever tem abusado um pouco, sob o ponto de vista literario—do chá. Não é bem assim e, mesmo que assim fosse não teriamos motivos para deixar de nos regosijar. Uma chicara de chá foi sempre, incontestavelmente, uma afirmação de elegancia, de bom gosto, de distinção, de fidalguia—qualidades—que não ficam mal nem mesmo aos frequentadores de café. Mas, a verdade é que, muito pouca gente sabe tomar uma chicara de chá—como muito pouca gente sabe calçar um par de luvas. De facto para equilibrar entre os dedos, com graciosidade, com levesa, com ternura, com inspiração, uma chicara de porcelana doirada e fumegante sem correr o risco de quebrar a chicara, de entornar o chá, de sujar o fato—embora na piedosa intenção de lhe tirar as nodoas—são precisas muita arte, muita psicologia, muito savoir faire. Pode ser uma aspiração. Equivale na elegancia—á casaca de seda de Lauzun. Corresponde na literatura—á rosa branca de Oscar Wilde. Pois bem. Ninguem ignora que o chá está hoje, em plena moda, por toda a parte. A Lisboa velha não passa sem ele, muito quente, ao deitar da cama. A Lisboa elegante não prescinde dele, muito forte, ao cair da tarde. E entretanto—perguntar-se-ha—se é certo que o chá é fidalguia, é elegancia, é bom gosto, se, de facto está provado que toda a gente o toma em Portugal—então porque motivo a educação portuguesa é cada vez mais reduzida, mais inquietante e mais contraditoria? E' facil. O que por aí se toma não é chá: é quando muito agua chalada. E, na melhor das hipoteses, ché, chi, chó e chu—chá é que seguramente não é...

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

LER NA 2.ª PAGINA

FACTOS E PALAVRAS -§- A PROPOSITO DUMA CONFERENCIA, por Boto de Carvalho -§- -§- -§- -§- CORREIO DE LETRAS E ARTES -§- -§- -§- -§- NOTICIAS DA ULTIMA HORA -§- -§- -§- -§-

LER NA 3.ª PAGINA

TEATROS de O homem que passa -§- -§- -§- -§- -§- BOAS NOITES MINHA SENHORA -§- -§- -§- -§- -§- SPARTACUS, de Rocha Martins -§- -§- -§- -§- -§-

Por terras já dantes navegadas

O que me disse Fogg

Foi a 23 de Setembro do ano passado que foi apresentado a William Fogg, recente membro do Club dos Excentricos de Londres.

William Fogg de 23 anos era a mais moderna edição das qualidades excepcionais da excentricidade de seu pai, o famoso Phileas Fogg, cujo retrato a oleo pendia duma parede do club apoz a sua consagração como mestre dos «glob trotters».

A indolencia de Aoudja coalhára por completo o sangue já de si frio de Phileas e o rebento desta união consagrada por um amor a 90 kilometros á hora em volta ao mundo, era duma excentricidade digna do «Club». Era o homem da móda.

Chegava 3 horas atrazado ás entrevistas, mas sempre «affairé», falava pelos cotovelos e pedia emprestado ao mordomo, Passepartout, — agora tão gordo que já não passava por parte alguma—«shellings» que perdia precipitadamente na roleta do Club.

Subia-lhe ao cerebro a mania das apostas.

Naquela noite ou tarde de Londres (tão semelhantes são!) William Fogg enterrado num «maple», tocado pelo «wisky», gritava esbaforido:

—«Então ninguem aposta que sou capaz de dar a volta ao mundo em menos de 80 dias»?

Mas os colegas passavam sorrindo, sem querer experimentar de novo as temeridades velozes dum membro da familia Fogg. Phileas raramente ia já ao «club»; cheio de gota, amparado pela velha oriental, passava os dias a rever a colecção de postais e restos de bilhetes que trouxera da viagem. Nesse dia porem, veiu despedir-se do Club, e quiz, o acaso que visse encontrar seu filho naquele estado.

Phileas foi rodeado de velhos amigos, desde «sir» Archibald a Sullivan e não perdeu a ocasião para, mesmo defronte de todos os colegas, dar uma lição ao inexperiente filho.

—São 7 horas e 45 minutos. Ha 27 minutos que estás dizendo tolices, «My dear William». Ninguem dá hoje a volta ao mundo em 80 dias. E' certo que em 1910 um enviado do «Excelsior» fez o percurso em 43 dias.

—Já vê— . . . atreveu William.

—Mas . . .

E o silencio voltou. Todos os «lords» estavam suspensos da palavra recta, secca, quasi dogmatica do ex-passageiro do vapor «Mongolia»...

—Mas . . . o mundo avançou; mais de 10 anos passaram. A civilisação tem marchado. O progresso, os inventos, dominam tudo. Os meios de comunicação facilitaram-se. Ha os expressos e os aeroplanos.

—Então . . .

—Então digo que não se pode repetir a minha proeza em menos de 354 dias e . . . 17 minutos acrescentou consultando a sua cebola infalivel.

Apesar da consideração que as duzias de anos de Phileas merecia a todos os do «Club dos excentricos», não poude deixar de ouvir-se um sosurro de desaprovação e risota, emquanto a meia voz se escutava em puro inglez:

—Está «mathias . . .»

—Coitadinho está «lirú».

Phileas puxou do «livrinho de notas» fez uns rapidos calculos e atirou esta ao ar.

— Aposto 100 mil libras ouro em que a volta ao mundo não se faz atualmente em menos tempo que 354 dias e 17 minutos ou sejam 8496 horas e 17 minutos ou ainda 509.777 minutos completos!

Só lhes digo—o que aliaz podem confirmar pela leitura dos jornais londrinos do tempo — que dos 50 membros do club só ficou Phileas Fogg; todos mais partiram á conquista das 100 mil libras ouro. Mas Phileas Fogg calmo, sereno, fazendo contas no seu «carnet» levantava-me—seu unico ouvinte—um pouco do véu dos seus pensamentos:

— Partiram ha já 3/4 de hora. Os primeiros contratempos surgem. A esta hora não ha «taxis» disponiveis em Londres. O passaporte só pode ser tirado daqui a dois dias, visto amanhã ser sabado, depois domingo e a não ser que mudem, seguir-se-ha 2.ª feira; ninguem trabalha. Para 3.ª feira está marcada a greve da marinha mercante...

E, confidencialmente acrescentou-me:

«Eu já tentei de novo a aventura... Foi uma desgraça! Em França estive 8 horas dentro dum tunel parado sem saber porquê.

«No Egipto não me reconheceram e rebentára uma insobordinação. O paquete para a India veiu 8 dias atrazado. Em Bombaim assim que cheguei fui recebido a tiro e á bomba... com que os naturais festejavam o seu amor á Inglaterra. Quiz um elefante tinha rebentado uma greve geral da C. G. T. (Confederação Geral das Trombas). Para entrar no Japão perdi 3 semanas a fim de provar que não era americano a tratar de verificar o desarmamento niponico.

«Na America não havia logares nos comboios nem nos hoteis durante uma semana por se ir realisar um «match» sensacional de «boxe». Na travessia do Atlantico o navio foi pelos ares devido a uma bomba que um russo colocára por esquecimento na casa das maquinas. Fui dar aos Açores que só tem comunicação com a Europa duas vezes por ano, nos anos bissextos é claro.

«Em Lisboa estive tres dias á espera que houvesse uma aberta nas revoluções; o «sud-express» perdeu por 23 horas a ligação de Espanha; fui assaltado no rapido de Bordeus e estive 5 dias á ordem da policia de Paris para dar esclarecimentos; e quando cheguei a Londres passava um ano da minha partida. «Good bye». Aposto em como ganho a aposta. Venha jantar comigo. «Aoudja» faz uma sopinha de rabo de boi explendida...»

Que eu saiba, rialmente, nenhum dos membros do «Excentric Club» voltou ainda a dar sinais de vida. E' que, viajar, hoje em dia, neste estado de civilisação e progresso, é mais dificil do que descobrir a America ou as Indias. O galope, o sobressalto, o passaporte, a alfandega, a noticia nos jornais dos descarrilamentos, a dinamitagem das pontes, a falta de logares nos hoteis, as greves dos descarregadores ou dos ferro-viarios... fazem com que, eu pelo menos, quando regresse de ferias, da viagem de estudo ou recreio, venha ancioso por descançar... de tão cançante descanço!

Mune-se uma pessoa de pouca bagagem material e grandes reservas de paciencia. Malas despachadas nem se pensa em levar. São sempre «boites á surprises» onde metemos os nossos cómodos e encontramos depois o logar, quando não são as proprias malas que vão fazer outros percursos e nunca mais regressam.

Em cada fronteira—e elas são tantas agora pela Europa Central—seja a que hora fôr ha que acordar, mostrar as malas, o retrato e o dinheiro quando não temos que nos apiar em bicha humana por casebres mal iluminados para operações protocolares e desnecessarias. O passaporte é um caustico; serve para se gastar muito dinheiro cujo destino é pagar aos empregados cuja missão é verificarem que pagamos o necessario para eles passarem revisão ao papel onde se prova que pagámos e suficiente para eles viverem a revistar os passaportes onde etc. etc. Nenhuma outra utilidade porque aquilo serve para toda a gente e mediante o estabelecido passa-se a qualquer.

Nos hoteis nem por «amor do proximo» alguem se chega «para lá um bocadinho» a dar-nos lugar. Desde a guerra... ha muito mais gente.

Por isso eu adoro os livros de viagens, desde os grandes, os classicos, os sempre citados, até aos pequenos volumes de impressões de alguem que nos leva comsigo nos wagons-lits do pensamento atravez as paisagens da fantasia sempre mais belas do que as da realidade.

E' uma velha sentença dos povos, como quem diz de Deus, «não fazer aos outros o que não queremos que nos façam» e é tomando a inversa—tambem talvez verdadeira—que eu passo a fazer aos outros o que quereria que eles me fizessem; quinze leitores, talvez os mesmos que o ano passado viajaram comigo, vão ter o meu descritivo charro, sem elevações, nem eruditas e estupantes divagações historicas. Impressões de viagem, croquis rapidos, diario fugitivo, sobre o joelho...

ARMANDO FERREIRA

N. da R.—Deve ser posto brevemente á venda o 1.º volume de *Cronicas d Viagem* do nosso colaborador Armando Ferreira, constituido pelos artigos publicados na «Capital», no ano passado, em novembro e dezembro.

A edição da Empreza «Lumen» é ilustrada por Rocha Vieira.

1.º de Dezembro

Como foi comemorado o dia de hontem

No monumento aos restauradores

Os festejos do 1.º de Dezembro, comemorando a data de 1640, foram prejudicados pela inconstancia do tempo, pois que durante o dia cairam fortes bategas de agua.

Pelas 13 horas, chegou á Praça dos Restauradores uma força da G. N. R. da 3.ª companhia, aquartelada no Castelo, sob o comando do tenente Azevedo, alferes Lucas e alferes Correia, com a respectiva banda.

A's 14 horas, chegava junto do monumento dos Restauradores, os srs. ministros da Justiça e da Guerra, comparecendo tambem, o chefe e sub-chefe do Estado Maior da guarda republicana, e toda a oficialidade, o sr. governador civil e comandante da policia, etc.

Pelas 15 horas, chegou o sr. Presidente da Republica, acompanhado do sr. Jaime Atias, que descendo do seu automovel, junto do monumento foi colocar um lindo bouquet em flores naturais na cimalha inferior do mesmo monumento, levantando um viva a Portugal e á Republica no que foi secundado pela assistencia.

Em seguida o sr. Presidente da Republica tomando o seu automovel, seguiu para a Camara Municipal onde teve lugar a sessão solene.

Pela Avenida, via-se distribuida policia, fazendo cordão, que se estendia pela rua central até junto do monumento, vendo-se tambem alguns agentes da P. S. E.

A' chegada do sr. Presidente a assistencia, levantou entusiasticos vivas, á Republica e á Patria, sendo executado pela banda o hino nacional, e o hino 1.º de Dezembro.

Terminada a cerimonia junto do monumento, o sr. Presidente da Republica, foi seguido pelo sr. ministro da Guerra, e da Justiça chefe, e sub-chefe da G. N. R. governador civil, e toda a oficialidade em direcção á Camara Municipal onde teve lugar a

Sessão solene

Eram 15 horas e 5 minutos quando o Chefe do Estado chegou á Camara Municipal, acompanhado do seu secretario particular sr. Jaime Athias, sendo recebido pelos srs. Agostinho Estrela, presidente da Camara, general Ramos da Costa, presidente da comissão 1.º de Dezembro e alguns vereadores.

O sr. dr. Antonio José d'Almeida tomou a presidencia, secretariado pelos srs. presidente do Ministerio, coronel Maia Pinto, dr. Agostinho Fortes, Agostinho Estrela e coronel Ramos da Costa.

O sr. presidente da Camara abriu a sessão em nome do chefe do Estado dando a palavra ao sr. dr. Agostinho Fortes, o qual dissertou largamente sobre a conjuração de 1640.

Tomou em seguida a palavra no meio do maior silencio o sr. dr. Antonio José de Almeida que proferiu um notavel discurso patriotico.

Em seguida s. ex.a encerrou a sessão, sendo muito ovacionado, e cumprimentado por varios oficiais da G. N. R. e exercito, ministros, governador civil de Lisboa, etc.

Dentro da Camara o serviço de policia era feito por 40 guardas da esquadra da Camara e 2 cabos sob as ordens do chefe Aleixo.

Na rua o serviço de policia era feito por 10 guardas e um cabo sob as ordens do chefe Coelho, da esquadra da rua dos Capelistas.

Comemorações

Comemorando a data da independencia de Portugal, estava vistosamente ornamentado o monumento dos Restauradores, com bandeiras e vasos com plantas e uma vistosa iluminação eletrica. O edificio do Palacio do Conde de Almada, tambem se encontrava vistosamente ornamentado.

No centro Almirante Reis, teve lugar um recita, seguida de baile, em comemoração da data de hontem o qual foi muito concorrido.

No Centro Antonio José de Almeida, realisou-se um baile abrilhantado por um quarteto, que tambem esteve muito animado.

Na Academia Recreio Musical do Comando Geral de Artilharia, teve lugar uma soirée dançante, na qual tomou parte a troupe de bandolinistas 27 de agosto, sob a regencia do sr. Artur Saraiva.

Na Sociedade João Rodrigues Cordeiro e Concentração Musical 24 de Agosto, tambem se festejou a data comemorativa do 1.º de Dezembro.

No quartel dos Paulistas, pelas 14 horas, formou a 2.ª companhia do 2.º batalhão, ali aquartelado, fazendo uma alocução em comemoração ao dia, o alferes sr. Arnaldo Augusto Saldanha, tendo assistido alguns oficiais e sargentos, sendo [illegible]

O MOMENTO POLITICO

Continuam as negociações entre o governo e os directorios partidarios

A crise ministerial está latente e pode declarar-se aberta ainda hoje—Tudo depende dos resultados duma conferencia que se está realisando no Palacio do Congresso

Conforme claramente dissemos no ultimo numero deste jornal, a situação politica agravou-se sensivelmente. E' cada vez mais funda a divergencia entre os dominantes outubristas e os directorios dos tres maiores partidos constitucionais.

Narremos, com imparcialidade, o que dizem uns e outros, habilitando assim o publico a fazer o seu juizo e a pronunciar, em ultima instancia, a sentença decisiva no pleito politico.

O que dizem os outubristas

E' ponto assente que a divergencia entre outubristas conservadores e radicais já não existe. Em face do choque entre o governo e os partidos, os revolucionarios outubristas uniram-se e unanimemente se manifestam contra a possibilidade duma eclosão eleitoral onde eles não estejam numerosamente representados. Alegam, razão suficiente, que o movimento outubrista não se fez para dar ganho como de causa aos partidos, mas para que estes, reconhecendo os erros do passado, se reorganisassem em novas bases, com garantias seguras para a administração honesta da coisa publica. «Nós, dizem os outubristas, demonstramos desinteresse material, não exercendo acto algum do poder de que resultasse proveito que não fosse puramente nacional; em vez de fazermos a politica mesquinha do nosso interesse pessoal ou politico, falamos aos partidos, procurando com eles uma «entente» que restituisse o paiz á tranquilidade; démos aos partidos as auctoridades administrativas e por tal forma que nenhuma reclamação eles nos fizeram; emfim, não pode, sem má fé, atribuir-se-nos fins inconfessaveis na gestão dos negocios publicos nem na orientação geral da politica. Que exigimos, em troca? Simplesmente que o espirito do movimento se não perca, para o que é suficiente uma representação, em minoria, no Congresso constituida por figuras representativas da Republica, escolhidas entre os homens publicos extra partidarios». Isto ouvimos a outubristas dirigentes. Vejamos o criterio oposto.

Falam os partidaristas

Ouçamos um deles, personagem de destaque, que, ex-ministro e parlamentar, com voto num dos directorios:

—Fizemos o balanço eleitoral das nossas forças e reconhecemos que elas nos garantiam uma determinada representação parlamentar; o sr. Maia Pinto tinha-nos dito que necessitava, para os seus amigos, dumas vinte e cinco cadeiras parlamentares; essas cadeiras ficaram livres, no nosso balanço; é acaso culpa nossa se o governo ou a situação outubrista não dispõem de popular dade para fazerem eleger, nessas vinte e cinco cadeiras ou fóra delas, os seus amigos ou afeiçoados? Dizem-nos, agora, que devemos sacrificar o nosso eleitorado, forçando-o a votar neste ou naquele candidato outubrista incluido nas nossas listas. Ainda que nós, membros dos directorios, quizessemos transigir até esse ponto, o eleitorado das provincias aceitaria tal despropósito? Os directorios não teem mesmo força para imporem, ás comissões de freguezias, este ou aquele candidato partidario e, portanto, muito menos este ou aquele politico que não está filiado nos partidos da «Frente Unica».

Eis, em resumo, o estado da questão. Para se encontrar uma formula conciliatoria realisaram-se algumas reuniões, que resultaram improficuas. Vamos referir-nos ás principais.

Duas «demarches» inuteis

Ante-ontem á noite realisou-se, na Presidencia do Ministerio, uma conferencia entre o sr. Presidente do Ministerio e os Directorios dos partidos. Foi demorada e a discussão foi acesa, embora sem ultrapassar os limites da cordialidade. Não se chegou á conclusão alguma. Em consequencia do fracasso o sr. Maia Pinto, de acordo com os ministros ouvidos em conselho, dirigiu-se ao Chefe de Estado, a quem relatou o estado da questão. Se bem que se não tivesse falado em demissão do governo, o sr. Maia Pinto deixou entrever a possibilidade da crise total do gabinete, se uma formula eleitoral conciliatoria não fosse encontrada. O sr. Presidente da Republica, ratificando a sua confiança no governo Maia Pinto, declarou que ia convocar os directorios, falar-lhes ele proprio e ouvir-lhes as razões. Esforçar-se-hia, em seguida, por obter a transigencia politica indispensavel á manutenção do «statu-quo» politico até se conhecer o resultado final das eleições marcadas para 11 do corrente.

Efectivamente, o Chefe de Estado mandou logo expedir os convites e ontem, ao fim da tarde, a reunião efetuou-se, sem que dela transpirassem os termos em que a questão foi posta nem as palavras que pronunciaram os personagens politicos convocados pelo sr. Antonio José de Almeida. Crê-se, todavia, que o Chefe do Estado apelou para o patriotismo de todos, pondo mais uma vez a questão de confiança aos partidos e aos partidarios, de maneira a que o não forçasem, a ele, Chefe do Estado, á reprodução dum gesto de renuncia á sua Alta Magistratura, gesto que, desta vez, seria definitivo e irrevogavel.

Nada se resolveu que fosse eficaz para esclarecer os horizontes, extremamente nublados, da situação. Mas, para ultimo exame da questão, ficou aprazada uma nova reunião, para hoje ás 14 horas, no Palacio do Congresso. Neste momento está-se ela efetuando. O governo está representado pelo seu chefe o sr. coronel Maia Pinto, pelo sr. Veiga Simões, ministro dos Estrangeiros, pelo sr. Vasco de Vasconcelos, ministro da Justiça e pelo sr. Costa Cabral, ministro da Instrução Publica. Devem ter comparecido, em grau completo, os directorios dos partidos.

Esta reunião deve ser a ultima. Dela pode resultar a

Queda do Governo

se, por desgraça, não fôr encontrada a procurada plataforma conciliatoria. Diremos, nas noticias da *Ultima Hora*, o que soubermos, mas desde já reproduzimos a opinião dos outubristas, que unanimemente afirmam que a queda do governo não será signal da sua submissão, antes pelo contrario...

O orgulho de Landru

não permite que assine o pedido de indulto

PARIS, 2. — Depois de lida a sentença condenando á morte Landru, o jury assinou um requerimento dirigido ao Presidente da Republica pedindo clemencia, o qual foi assinado tambem pelo Conselho dos parentes das mulheres desaparecidas.

Landru recusou-se a assinar dizendo que um homem como ele não solicita graça nem perdão.—(H).

I. S. C.

Continua a gréve

Continuam em gréve os alunos do Instituto Superior do Comercio esperançados que o sr. dr. Vasco Borges, ministro do Comercio, reconsidere na sua medida reconduzindo o professor Candido Correia.

A assembleia geral dos estudantes do I. S. C. reune amanhã ás 17 horas em assembleia geral para continuação dos trabalhos da ultima sessão.

LER A'MANHÃ

II

O eterno sorriso de Paris.

A Lei do inquilinato

Não será publicada na proxima semana

Informa-nos o senhor Ministro da Justiça ser destituida de fundamento, a noticia dada por alguns jornais, de ser esta semana publicada a lei do inquilinato com as modificações introduzidas.

A comissão ainda não apresentou ao ministro o resultado dos seus trabalhos, não se sabendo ainda quando o fará.

Factos e palavras

... DUMA CONFERENCIA

Na quarta feira pelas nove horas da noite encerrou-se no Palacio da rua Barata Salgueiro aquela exposição que os catalães num louvavel e util proposito trouxeram até nós.

Na sala terrea do Palacio um ar frio e desconfortavel, a pedir chapeu na cabeça e a gola do sobretudo levantada punha uma nota bem portuguesa e bem nossa: a falta de meio ambiente.

A economia de luz electrica punha tons mortos nos quadros. E as estatuas adormeciam em sombra.

Pequenos grupos ao acaso, falando baixo, em vão tentavam despertar a vida. Lá fora a chuva gemia forte com repentes de tragedia; o esbarrondar da chuva nas claraboias, trovões a espaços rolando sobre nós... realisavam uma agua-forte apagada num canto, com braços erguidos numa suplica, arvores que deixavam as folhas mortas fugir bailando, um vendaval que se adivinha, com nuvens a correrem sobre os montes.

Dez horas. Ecendem-se mais luzes. Os quadros começam a despertar.

Humberto Pelagio fala. A sua voz acompanha a voz da tempestade perdendo-se no ambiente das telas. Ha senhoras de longos decotes que escutam. Os homens colocam a mão em concha sobre o ouvido.

E os catalães, rapazes novos, magos que descobriram o sentido da vida, sorriem. Nas ultimas palavras de Pelagio a Catalunha estendendo os braços vigorosos cahia sobre os braços abertos de Portugal. Revivia em instantes a jornada fraterna de 1640.

A um canto da sala as tres telas de Mir espalham grandesa num vigor que nos atrai.

Bailam-nos nos ouvidos as palavras do conferente, fazendo-nos notar o significado daquela hora. Fala-se de Arte o seu valor, a visão larguissima dos resultados dum intercambio.

E é agora a voz de Barbey que se eleva como uma afirmação de fé e a vontade.

Ha na sua voz uma vaga tristeza. E' sempre triste a hora de enterramento, quando se levam saudades, recordações que nascem e não esquecem. Mas a sua voz sobe logo, em afirmações plenas de mocidade e de compreensão duma vida.

E o apelo ás nossas caudições de povo que renasce num enorme desejo de que a nossa Arte brilhe em terras de Catalunha ergue-se como um hino de amizade de povos que ha muito se compreendem e se atraiem para o mesmo caminho no futuro.

Amainára a tempestade. As almas dos dois povos ficaram enlaçadas no espaço.

Pelas paredes a Kermesse de côres brilhava francamente cheia de confiança.

Olhei em volta procurando a assistencia. Senhoras, homens, os catalães, eu...

E daquela pleiade de artistas novos que lutam e desejam e querem levantar uma Arte adormecida... ninguem.

Porque não foram os artistas novos a uma terra onde um artista novo pontificou num ultimo aplauso a um grupo de artistas novos cujas condições de vida de energia e de vontade são muito superiores ás nossas?

Decerto... por causa da maita chuva que alagou as ruas...

BOTO DE CARVALHO

✦ ✦ ✦

E' o assunto obrigado de todas as conversas em Piemonte, uma leôa que aparece, de quando em quando, vagueando no monte Cenis. Muitos caçadores voluntarios que estão dispostos a capturar o animal, declarando formalmente ter visto o covil onde a leôa repousa... quando repousa e reconhecido, por vezes, sinais de passos do felino; e, ao derredor do covil, muitissimos ossos de cabritos e outros animais.

Os caçadores estiveram dois dias e duas noites de emboscada. Na ultima noite um rugido surdo se fez ouvir de subito e uns olhos fosforescentes brilharam na sombra. Então os caçadores — está-se a ver — tomados de medo, dispararam as armas ao acaso, precipitadamente, e viram uma massa enorme saltar de rochedo em rochedo, no mesmo tempo que um bramido formidavel, cortando o silencio, os obrigava a dar ás de Vila Diogo...

Esta descoberta decidiu então numerosos camaradas do nosso Tartarin a tentar a aventura, e a não desesperar de haver ás mãos, mais dia menos dia, a famosa leôa do monte Cenis—tema favorito de todas as conversas.

✦ ✦ ✦

O sr. Viviani chefe da delegação franceza espera poder aceitar o convite que lhe fez o delegado italiano, mr. Schanzer, de assistir á inauguração da estatua de Dante nesta cidade e pronunciar um discurso elogiando a Italia e genio italiano.

✦ ✦ ✦

O decrescimento do valor do dolar é atribuido ao acrescimo das vendas alemãs e pela compra do marco estrangeiro e ainda pelas noticias vindas de Londres de que a Inglaterra consentiria num adiamento do pagamento das quantias devidas pela Alemanha. Esperam-se ainda maiores utuações no valor do marco.

* * *

LONDES, 2. — Sendo demitido em 10 deste mez todos os recrutas da policia e dos guardas da fronteira, ficam as forças militares da Bulgaria consistindo de 10.000 voluntarios, compreendendo a policia e a guarda da fronteiro.

* * *

BERLIM, 1.—O movimento da emigração alemã acaba de tomar um grande aumento. No mez de Outubro ultimo 824 subditos alemães embarcaram em Bremen com destino aos Estados Unidos, ao contrario do que sucedeu no ano procedente, em que o numero dos emigrantes foi somente 106. O movimento emigratorio em 1920 este todavia longe dos numeros que atingiam antes da guerra. As saidas por Hamburgo são com efeito elevadas em 1920 a 722 contra 8.730 a 1911 e 2.072 por Bremen contra 9.710. Contudo em 1921 espera-se os totais de antes da guerra hão de ser atingidos calculando-se para o primeiro semestre as saidas por Bremen por 3.333 emigrantes e 5.556 por Hamburgo.

* * *

A imprensa australiana começou a discutir a aliança anglo-japoneza e regista-se como opinião unanime que deve ser considerada sem efeito, em vista da marcha dos recentes acontecimentos. O «Sydney Sund», diz que os principais estadistas australianos conhecem que a aliança trouxe beneficios para o Commonwealth. Hoje porem começam a compreender que cessarem os motivos que lhes deram vida: A aliança morrera, por que não tem razão de existir.

✦ ✦ ✦

O sr. Eynac, sub-secretario do Estado da aeronautica assistiu hontem ás experiencias efectuadrs com exito do sistema inventado pelo engenheiro frances Loth, o qual permite aos aviões voarem com nevoeiro e na escuridão. O sistema consta de cabos electromagneticos colocados no solo e que emitem ondas que o aviador recebe por meio de um capacete especial. Segundo a intensidade dessas ondas, assim o aviador conhece se está mais ou menos afastado da direcção representada pelos cabos.

Exposição de Arte Catalã

Foi encerrada no dia 30 ultimo com uma conferencia de Humberto Pelagio

No salão de exposições da Sociedade Nacional de Belas Artes onde os artistas catalães expõem a sua arte sincera acusando a sua vontade de vencer, Humberto Pelagio, uma afirmação da gente nova do nosso paiz, daquela camada que sem o corpo do reclame, trabalha conscientemente na sombra, veio falar-nos de arte em amena «causerie» com todo o brilhantismo da sua energia moça, e com o desassombro dos que se propõem caminhar na vida sem as muletas do compadrio, tanto de moldo a enlourar genios de pechisbeque e talentos eleitos de papelão.

A sua conferencia burilada com o cinzel da sua alma irrequieta de beleza, deixou nos da sua personalidade uma impressão definida como artista da palavra e como critico de solidas qualidades, e duma independencia de vistas, que vai muito alem do circulo vicioso das conveniencias, formula batida do criticismo indigena.

Amigo verdadeiro da Catalunha, essa nacionalidade que renasce muito antes da independencia politica, a sua conferencia foi ainda o abraço da sua alma alvoroçada nos seus amigos da Norte-Iberia que tem teriam compreendido a beleza do seu gesto embalado pela sua mocidade sincera e crente.

A Humberto Pelagio os nossos cumprimentos.

Um crime passional

Porque foi assassinado o director do Grand-Teatre de Bordeus

PARIS, 30.—Dizem de Bordéus: São conhecidos os pormenores do assassinio do sr. Louis Perron, director do «Grand Teatre», por sua mulher Gabriela Perron.

O crime foi cometido em 28 do corrente, ás 14 horas.

Madame Perron e o marido sahiram de casa, pouco antes dessa hora, depois duma discussão vivissima, que se prolongou nas ruas. Madame Perron increpava o marido por manter relações amorosas com uma senhora, de quem tinha dois filhos; suplicou o marido que rompesse essas relações, obtendo uma recusa formal. Madame Perron puchou então por um revolver e desfechou por tres vezes contra o marido, ferindo-o levemente no pescoço e mortalmente no peito, atravessando-lhe o coração. A morte foi instantanea.

Madame Perron foi logo presa. Ela ja na vespera tentara matar a sua rival, mas a arma negou fogo.

A assassina é cantora e irmã duma artista de certo renome, Mlle. Demangeat, da Opera.

A sensação produzida pelo drama é enorme.

Um australiano esperantista

Esteve na nossa redacção o sr. Tarsey T. B. Herdsen, australiano e esperantista que veio saudar a imprensa e manifestar-nos o seu contentamento por ver que a policia de Lisboa tem nos seus membros alguns elementos, que conhecem perfeitamente a lingua internacional.

A Conferencia do desarmamento

O almirante Beatty partiu para a Inglaterra

NOVA YORK, 2. — O almirante Beatty partiu para Inglaterra. Discursando no «lunch» que lhe foi oferecido á despedida, disse que a limitação dos armamentos navais se realisava com sucesso na Conferencia de Washington sem fação de qualquer especie.—(R.)

A tonelagem da França e da Italia

LONDRES, 2.—O correspondente em Washington do «Forning Post» informa que a França consentiu em retirar o seu pedido para que a tonelagem dos navios principais excedesse a que fosse concedida á Italia.—(R.)

Debates em volta dum caminho de ferro chinez

WASHINGTON, 1.—Espera-se que a questão do caminho de ferro de Shantung seja origem de violentos debates. O Japão deseja que o caminho de ferro seja administrado por uma direcção chino-japoneza, ao passo que a China deseja que seja libertado de togo. A opinião de Inglaterra e dos Estados Unidos, é que todos os caminhos de ferro sejam administrados por um «consortium» de fiscalisação, com igualdade de tratamento para todas as nacionalidadds em todas as esferas de influencias e um tribunal superior para julgar os pleitos.—(Lat. Am.)

A questão chineza está na ordem do dia

WASHINGTON, 1.—A questão chineza está na ordem do dia. O ponto de vista da Inglaterra e dos Estados Unidos é que a China deve fazer todo o possivel para com o seu proprio esforço normalisar a sua posição e incutir confiança ás nações que tomarem medidas preventivas contra a China, e que a sua incapacidade tornou necessaria. A Inglaterra e os Estados Unidos tendem mais para o ponto de vista chinez do que o Japão.—(Lat. Am.)

Os intuitos do novo delegado japonez

WASHINGTON, 1.—Atribue-se ao novo delegado do Japão que veio substituir na delegação da conferencia do desarmamento o embaixador do Japão, barão Sidehara, as seguintes palavras: «factos já realisados na China, não devem servir como assunto de discussão na Conferencia.—(Lat. Am.)

Palavras de Lord Curson

LONDRES, 1.—O ministro dos negocios estrangeiros, Lord Curson, referindo-se á Conferencia de Washington, disse: «Não ha vantagem em reduzir os armamentos maritimos, se não se fizer o mesmo com os de terra. Um exemplo não deve ser dado por uma, duas ou mesmo trez nações. Deve ser seguido por todas, proporcionalmente, á sua posição e força. A Grã Bretanha não pode aceitar ou submeter-se a sacrificios que os outros não aceitam. Se reduzir-mos as nossas esquadras não consentiremos que outros construam maquinas ou instrumentos de ataque pelo ar ou no fundo dos mares, que tornem os nossos sacrificios irrisorios e nos coloquem em situação perigosa.—(Lat. Am.)

O que diz um socialista belga da atitude do seu pais na conferencia

BERLIM, 2.—O socialista Vlamish protesta na «Gazeta do Povo» contra a atitude francofila tomada pelos delegados belgas na Conferencia de Washington. O jornal diz que o novo governo belga devia ter mostrado que no que diz respeito á politica estrangeira a Belgica não é um simples instrumento da França. Supunha-se que a Belgica na conferencia do desarmamento solicitasse um desarmamento completo, mas não o fez por ser agradavel á França.—(R.)

Politica italiana

ROMA, 2. — Efectuou-se a fusão num unico partido, representando cem deputados, dos dois grupos liberais, o liberal-democratico e o social-democratico.—(R.)

Loteria espanhola

Numeros mais premiados

MADRID, 2. — Numeros mais premiados na loteria 21.614, 26.229, 6.671; premiados com 1.500 pesetas: 29.377, 356, 15.746, 21.443, 22.896, 5.176, 14.947, 15.279, 22.668, e 27.850.—(R).

Lloyd George e a divida da Russia

LONDRES, 2. — Lloyd George discutiu com Krassin o problema da divida da Russia e da restauração economica, falando-se numa moratoria de sete anos.

Consta que Moscow se dirigirá tambem a Washington sobre o assunto.—(R).

O primeiro ministro da Grecia faz declarações

LONDRES, 2.—O sr. Gounaris, primeiro ministro da Grecia, disse ao Daily Telegraph que tinha comunicado a Lord Gurzon que a Grecia aceitava o principio da mediação dos aliados entre a Grecia e a Turquia. A Grecia não põe condições, mas diz o Daily Telegraph acentua certas considerações incluindo a utilidade que haverá na extensão dum regimen outonomo sob um governador cristão dos territorios de Smyrna até á margem Oriental do mar de Marmara de maneira a assegurar se a livre comunicação pelos estreitos.—(R).

A viagem do principe de Galles

BOMBAIM, 2. — O principe de Galles continua a ser ovacionado na sua viagem pela India. Foi brilhantemente recebido em Jouhpur por sir Pertab Singh regente dos territorios e pelo mahrajah seu sobrinho-neto.—(R)

Os Estados Unidos fazem-se representar na conferencia cambial de Paris

WASHINGTON, 2.—O governo decidiu aceitar o convite dos Aliados para se fazer representar na conferencia que se realisará brevemente em Paris sobre a questão cambial.—(R).

A lucta em Marrocos

Uma promoção ao generalato

MADRID, 2.—O Boletim Oficial publica a promoção de Rodriguez Moullo a General de Divisão, na vaga deixada pelo General Silvestre.—(R).

A rainha vai visitar os hospitais de Melilla

MADRID, 2. — A Rainha de Espanha está em preparativos para ir visitar os hospitais militares de Espacha e Melilla.—(R).

Continua o debate no parlamento

MADRID, 2. — Continua no parlamento o debate sobre Marrocos. O ministro da Guerra comunicou que tinham sido tomadas mais duas posições importantes em Marrocos.—(R).

Vão recomeçar as operações

MADRID, 2.—Dizem de Tetuan que o general Berenguer partirá hoje dali para Melilla com o fim de recomeçar as operações acerca das quais guarda absoluta reserva dizendo apenas que durarão até meados de dezembro e terão como objectivo aquilo que constitue o ideal de todos os que defendem a manutenção da Espanha em Marrocos o qual é a posse inteira e completa da zona que lhe foi reservada pelo tratado de Algeciras.—(Lat. Am.)

Tribunal de Marinha

O Julgamento de dois sargentos

Pelas 13 horas, reuniu o tribunal da Marinha para julgar os reus, primeiro sargento ao serviço geral José Teixeira de Almeida, e o primeiro sargento fogueiro, Antonio Augusto.

O primeiro era acusado do crime de infidilidade, e o segundo de furto.

O mesmo tribunal era constituido pelo capitão de Mar e Guerra, Isidoro Pedro Lager Pereira Leite, como presidente, promotor de Justiça capitão de Mar e Guerra, Artur Vital Cunha e Freitas, e como defensor, capitão de Fragata Antonio Pinheiro Libano, sendo secretario do Tribunal, o 2.º tenente do secretariado geral Temoteo dos Santos.

Como juiz auditor, estava presente o sr. dr. Antonio de Souza e Lemos.

Depois de ouvidas as testemunhas de acusação, e de defeza do reu José Teixeira de Almeida, foi dáda a palavra ao promotor de justiça, que fez uma cerrada acusação ao reu, usando depois da palavra o defensor.

Perguntando o presidente ao reu se mais alguma coisa tinha que alegar em sua defeza, recolheu este, dando entrada na sala, o outro reu, Antonio Augusto, 1.º sargento fogueiro, ouvindo-se as testemunhas de acusação, e em seguida as de defeza.

Foi dada a palavra ao promotor de justiça, Capitão de Mar e Guerra Artur Vital da Cunha e Freitas, que durante trez quartos de hora, no seu discurso fez uma cerrada acusação ao reu, usando em seguida da palavra a defeza, estando á hora a que fechamos, o nosso jornal ainda fazendo uso da palavra.

O Concerto Blanch do proximo domingo

Se o programa do anterior concerto foi colossal e teve magistral execução, o programa organisado pelo maestro Blanch para o proximo concerto da sua «Orquestra Sinfonica Portuguesa», que se realisa no domingo em S. Luiz, excede ainda aquela.

Basta ver que se executa pela 1.ª vez a ouverture da celebre opera «A vida pelo Czar», do grande compositor russo Glinka, e a extraordinaria «Sinfonia em Sol menor», a obra prima de Mozart, que se pode considerar quasi uma 1.ª audição, pois só foi executada uma vez em 1913, e não tornou a ser ouvida, e ainda o famoso «Capricio espagnol», de Rimsky-Korsakoff, o «Rigodon de Dardanus», a ouverture de «Tannhauser» e outras obras notaveis.

Porque não ha carne em Lisboa

O contrabando pela fronteira é o despreso dos poderes centrais

Uma carta do sr. Joaquim Pratas, presidente da Camara Municipal.

A' Redacção de «A Capital».—A fim de que V. se digne informar o publico para que justiça se vá fazendo e a critica possa recair sobre quem deve, venho comunicar-lhe que o fornecimento de carnes á cidade apesar dos bons esforços apregoados pelas entidades competentes continua com os entraves já conhecidos. Assim tem esta comissão presentemente 170 bois na estação de Santa Comba, aguardando o transporte para a capital.

Os nossos visinhos espanhois, mais felizes, nem este entrave tem, comprando livremente nos mercados a coberto da vantagem fabulosa de um cambio favoravel.

Ainda que nos repugne o papel de delatores, e com o fim unico de provarmos a V. que os poderes centrais não tem ligado ao contrabando para Espanha o cuidado que deveriam merecer os interesses do publico, lhe devo comunicar que acabo de ter a denuncia feita por alguem que me autorisou a torna-la publica, de que na ultima feira realisada a 28 do corrente, em Ladario, distrito de Vizeu, foram compradas inumeras cabeças para Espanha. E o que mais nos fere no nosso brio patriotico é que estes compras não são feitas por espanhois que acorrem aos mercados mas por portugueses a seu soldo! Na referida feira destacaram-se entre estes os srs. Antonio da Asseiceira, da Ponte do Abade e Antonio Agostinho, de Sezures, concelho de Castendo.

Aqui tem V. dois individuos que como muitos outros conseguem rir-se das leis sem que ninguem lhes vá á mão, pois apesar de nesta mesma data comunicar superiormente ás autoridades competentes esta denuncia, estou de antemão convencido de que nada se conseguirá.

Com toda a consideração sou de V.

Joaquim Pratas—Presidente

A provincia n'A CAPITAL

ALMADA, 30.—Reune na sexta-feira, 2, extraordinariamente, a Comissão Executiva da Camara Municipal, a fim de tratar de assuntos de expediente considerados de muita urgencia.

—Pouco ou nenhum interesse está despertando o proximo acto eleitoral.

—No antigo largo do Catila, desta vila,—o mais central—começaram as obras de construção de um chafariz, melhoramento este que se deve á actual camara.

—Na dependencia da Misericordia onde se encontrava o Posto de Desinfecção acaba de ser instalada a Tesouraria da Fazenda Publica deste concelho, o que muito agradou ao publico, por ficar, sem duvida, num ponto bastante acessivel.

—No Club Recreativo José Avelino, de Cacilhas, realisa se ámanhã, quinta-feira, á noite, um concerto de saxofone, sob a habil direcção do nosso conterraneo e distincto musico da G. N. R., sr. Leonel Duarte Ferreira. A entrada é apenas permitida aos socios e damas de sua familia.

—Na Sociedade União Artistica Piedense, terá lugar no proximo domingo, uma «soirée», e no dia 11, uma recita pelo Grupo José Guedes, subindo á scena o drama «A Filha do Saltimbanco», em beneficio do cofre.—(Correspondente).

CARREGAL DO SAL — Está despertando pouco interesse o proximo acto eleitoral. Ainda não foi nomeada a autoridade administrativa para este concelho.

Para deputados propõem as comissões de Vizeu os srs. drs. Julio Gonçalves, Visconde de Pedralva e dr. Godinho do Amaral, para senadores, os sr. Arnaldo Lobão e dr. Bernardo Pais de Almeida.

— As autoridades respectivas investigam dois casos: roubo de 1.250$00 do quarto de dormir e quando dormia o Antonio Silvestre, comerciante desta vila e crime de enterramento de um recemnascido em Outubro p. p. feito por uma mulher de uma povoação no limite desta vila, sendo já feita a autopsia ao recemnascido e exame á mãe, que está em liberdade.

— O dia de hoje tem sido de verdadeiro inverno.—(C.)

OS INQUERITOS

Sobre os crimes praticados no Arsenal de Marinha em 19 de outubro continuou hoje o contra almirante sr. Silveira Moreno a ouvir varias pessoas.

O sr. dr. Barbosa Viana, director da P. S. E. incumbido de investigar os casos ocorridos fóra do Arsenal recomeçou esta tarde os interrogatorio e acareações, interrompidos durante o dia e a noite de hontem por ser friado.

A' hora a que escrevemos está o sr. dr. Barbosa Viana ouvindo novamente o sr. José da Maia, irmão de José Carlos da Maia, devendo ainda hoje ouvir dois «reporteres» da «Imprensa da Manhã», que presenciaram a morte do almirante Machado Santos.

Durante a noite e madrugada devem tambem ser acareados o guarda marinha Benjamim Pereira com o capitão de fragata sr. Luiz Francisco Ramos, sendo provavel que volte tambem a ser acareado com o «Dente de Ouro» o padre Maximiano Lima.

O «chaufeur» do camionete fantasma e o padre Maximiano Lima foram transferidos para os quartos particulares do governo civil.

ULTIMA HORA

POEIRA DA ARCADA

Uma numerosa comissão de oficiais do exercito reformados foi hoje solicitar do sr. ministro das Finanças melhoria de reforma.

✦ ✦ ✦

Houve hoje nova conferencia sobre assuntos financeiros, entre o sr. ministro das Finanças e os governadores do Banco de Portugal e do Banco Ultramarino e alguns directores gerais.

A prisão do dr. Vasco Fernandes

O sr. dr. Ramada Curto, na qualidade de advogado do capitão medico do Ultramar sr. Vasco Fernandes, vai protestar contra esta prisão, com o fundamento de que o seu constituinte não podia ser preso á ordem do ministerio da Guerra, visto pertencer ao quadro do Ministerio das Colonias.

Avelino Monteiro

Chega-nos á ultima hora a noticia da morte da esposa deste nosso querido amigo e colaborador, ilustre oficial da armada. «A Capital» apresenta a este seu amigo os seus mais sentidos pesames.

Uma carta do sr. Germano Martins

Do sr. dr. Germano Martins, director geral do Ministerio da Justiça e a proposito da entrevista que, no nosso ultimo numero, publicámos com este homem publico, recebemos a seguinte carta:

...sr. Director:

Eu não disse ao seu redactor, porque o não sei nem me consta, que o sr. dr. Afonso Costa esteja actualmente encarregado no estrangeiro de resolver quaesquer negocios do paiz. Agradeço a retificação deste mal entendido. Seu muito amigo — *Germano Martins.*

POLITICA

Um banquete politico oferecido ao sr. coronel Manoel Maria Coelho

Na 5.ª feira, 8 do corrente, é oferecido no Avenida Palace um banquete ao sr. Manoel Maria Coelho, sendo os convivas muitos dos revolucionarios civis e militares de 19 d'Outubro. A inscrição faz-se na Presidencia do Ministerio, perante o sr. Capitão Sarmento, da G. N. R.

E' quasi certo que esta noite será declarada a crise total do ministerio

Ao fim da tarde, 17 horas, deu-se o ministerio como formalmente demissionario. A noticia, nestes termos, é talvez prematura.

Entretanto a crise total do gabinete póde considerar-se como virtual. Eis o que se passou:

O sr. Maia Pinto nada conseguiu na reunião efectuada no Congresso na Republica e a que noutro lugar nos referimos.

Esta-se, pois em face duma crise eleitoral de posições irreductiveis, quer por parte dos partidos quer dos outubristas representados pelo governo.

Para se adoptar uma resolução definitiva foi convocado pelo chefe do governo o conselho de ministros, para reunir imediatamente. O sr. Maia Pinto irá avistar-se, depois do conselho com o sr. Presidente da Republica.

Dessa conferencia sahirá, provavelmente, a declaração oficial de crise total do ministerio. Pode tambem dar-se o hipetese duma dictadura ministeral.

Ultima informação

Chega-nos a noticia que necessita confirmação, de que os partidos, em face da situação, vão resolver abster-se do acto eleitoral.

TEATRO

Primeiras representações

TEATRO NACIONAL—A casa cercada (La maison cernée) *4 actos de Pierre Frondaie, tradução de José Sarmento.*

Peça

Conhecia apenas sobre a peça de Pierre Frondaie, uma critica detalhada quando da sua primeira representação, em dezembro de 1919, no «Sarah Bernhardt» de Paris. Consegui esta manhã ler com atenção os quatro actos do curiosissimo dramaturgo francez, na separata teatral de L'Illustration, o que devo puramente ao acaso e á amabilidade de alguem.

Da sua representação e da sua leitura fiquei com a impressão de que a peça de Frondaie é uma excelente obra de teatro moderno, perfeitamente á altura do publico de Paris e do autor consagrado de «Montmartre» e de L'homme qui assassina».

Se se não trata duma obra creadora sob o ponto de vista de tecnica teatral é sem embargo uma urdidura scenica maravilhosamente conduzida como interesse e como acção, prendendo o espectador inteiramente, dominante em absoluto pelo inesperado, conquistando amplamente o estado moral e sentimental da plateia. A figura de Lady Ward é explendidamente desenhada e colorida, o mesmo sucedendo á do coronel Ward e á Jeff Gordon.

A personagem do major Dawis é talvez a que nos parece menos real e menos humana, visto que baseia toda a sua acção e toda a sua energia, no combate a outro personagem, pelo motivo pueril de antipatisar com ele. E sabem os leitores porque o major Darvis antipatisa com o tenente Gordon?

Porque o pai dele Gordon merreu desonrado.

Como se fosse possivel admitir que uma creatura de bem, equilibrada e rasoavelmente sensata como o major Daw.s mostra ser, fizesse recair num filho uma pseudo-falta do pai.

Mas, aparte esta pequena incoerencia que aliás justifica toda a acção, a peça de Frondaie, com todo o seu justo reclamo, veio bem de França para o Nacional, embora nós continuemos convencidos que não seria para abrir amplamente as portas deste teatro, duma vez para sempre, aos originais portugueses, que a gerencia desde que eles marquem um valor de literatura dramatica, não faz nenhum favor em admitir.

Duas palavras ainda sobre o enredo:

Um coronel. Ward, comanda um regimento inglez na guerra.

Está-se na Alexandria. Sua mulher muito mais nova, conheceu em tempos Jeff Gordon com quem esteve para casar. Jeff Gordon é agora apresentado pelo coronel no regimento, com a patente de tenente. Lady Ward reconhece-o e ama-o ainda. Um oficial, o major Dawis presente-o, e detesta Gordon porque conheceu o pai que morreu desonrado.

O coronel encarrega Gordon duma missão arriscada. Este vem despedir-se de Lady Ward que o detem. A casa é cercada pela força de Darwis. Um estratagema consegue adiar um pouco o conhecimento da verdade, mas na madrugada, Gordon tenta pôr termo á existencia por se considerar perdido. E' acusado de espião e, é então ele proprio mandado fuzilar pelo coronel. Lady Ward, que sabe isso a tempo, confessa tudo ao marido e consegue salva-lo. O coronel morre, não se sabe porquê, perdoando.

Lady Ward e Gordon, despedem-se com uma reticencia:

«Il est mort. Adieu, Jeff, au revoir, si Dieu le veut... Allez...»

A tradução

A peça de Frondaie o que Robert de Flers chamou «um drame tout nu» foi vertida para portugues pelo sr. José Sarmento.

A tradução ouve-se com agrado não tendo nem prazer emfaticos nem notas dissonantes ou erros, pelo menos sensiveis a uma primeira audição.

O sentido do dialogo foi escrupulosamente mantido e não raramente desenvolvido até com brilho.

Apenas na primeira tirada da fala final de Ward, já moribundo no 4.º acto, o sr. Sarmento prolongou um pouco mais que no texto original e se bem que o fizesse com consciencia e equilibrio, não deixa de tirar uma certa logica, visto que Ward morre dahi a minutos. Mas, é possivel que o tradutor o fizesse propositadamente para buscar um especial efeito.

Desempenho

Os tres papeis principais da «Maison Cernée» são dos mais dificeis de representar que temos visto ultimamente. A personagem aristocratica e sentimental de Lady Ward, creada em Paris por Mme. Michelle é altamente complicada para exteriosiar e requer uma rara distinção, uma nobreza de atitudes, uma impecavel correção de linha e de côr.

Coube esse papel á actriz a tantos titulos ilustre que é Ilda Stichini. E' claro que sendo uma mulher inteligente e uma artista de recursos soube adaptar-se ao seu personagem, colori-lo e foi, dentro das suas possibilidades e da sua forma uma interprete perfeitamente digna de qualquer primeiro teatro. A inflexão intelegente, perturbante e aristocraticamente sensual na grande sena do fim do 3.º acto, nobre e triste na morte do coronel Ward e no final da peça, soube-a dar sem desfalecimento sensivel.

Antonio de Melo interpretou o personagem admiravel de Jeff Gordon, que é um papel admiravelmente escrito e muito sentido pelo autor.

Novo, elegante, soldado da grande guerra, a Antonio de Melo assentára muito bem com a sua bela linha ingleza, a farda de oficial.

Conseguiu elevar-se á altura do papel e fazer uma obra impecavel? Evidentemente não.

Nem por emquanto a sua dicção é justa de inflexões, nem a sua gesticulação isenta de defeitos.

Precisa dum grande ensaiador, que corrija as suas incipiencias e aproveite as suas faculdades, que as tem, e onde avulta a sua linha de galã moderno e elegante.

Fez um grande esforço, honesto e estudou. Quanto a nós o sr. Antonio Melo não teve culpa nenhuma de lhe distribuirem o mais dificil papel que ha dois ou tres anos se representa em Lisboa.

A distribuição duma peça é um problema que se deve pôr em equação puramente matematica, a que ha que dar soluções positivas.

Quem resolve essa equação, em função dos valores com que conta — valor e que são simples algarismos—é a direcção artistica.

Quando as soluções veem negativos as culpas vão para o matematico...

O sr. Melo foi um numero inocente...

Propositadamente deixámos para o fim das tres grandes figuras o actor Eduardo Brazão.

E' consolador ver ainda como esse homem representa. Eu sou insuspeito neste elogio porque podia ser neto de Brazão—pertenço a uma outra e distante geração.

No entanto, comovidamente, as minhas melhores saudações vão para esse grande actor que ainda representa em plena juventude de espirito e de sentimento.

Os seus admiraveis e sobrios processos histrionicos revelaram-se ainda uma vez neste grande papel do coronel Word.

A naturalidade flagrante, o supremo á vontade, a aparente e fria calma inglesa, o desespero impulsivo e humano, a nobresa de caracter, a depressão fisica, e a morte, só um grande actor possuindo um notavel valor scenico, pode como Eduardo Brazão, vitoriosamente transmitir ao espectador. Houve quem lamentasse um pouco a sua amnesia, algumas vezes sensivel.

Eu por mim confesso que prefiro Brazão com amnesias e falhas a muitos actores que teem excelentes e reconhecidas memorias.

Brazão perderia a sua memoria—nós é que certamente nunca perderemos a memoria dele...

Das restantes personagens ha só a dizer bem. Bem foi o sr. Mario Santos, explendidamente mesmo.

Muito bem foi o sr Rafael Marques e ainda bem foi a sr.ª Albertina de Oliveira. Quer dizer, optimo conjunto.

Scenarios

Adereços, «toilettes»

O scenario do 2.º acto e da autoria do sr. Augusto Pina e parece-nos uma das melhores scenas que ultimamente teem aparecido nos nossos teatros.

Bela iluminação, optima cor local, a interpretação que o sr. Augusto Pina deu á maquete original de Bertin, está em tudo á altura do nosso primeiro teatro. Enriqueceu-a mais mesmo do que mostra a reprodução do «decor» de Sarah Bernhart, com rara felicidade.

Seja-nos porém licito formular uma opinião sobre uma mera questão de proporções.

A torre arabe que se desenha num plano muito mais proximo do espectador do que o imenso bloco do templo branco tem uma escala de decoração que lhe dá a aparencia dum monumento a ter na realidade maiores dimensões.

Para que aquelas janelas se desenvolvessem e ficassem com um tamanho rasoavel, estando a torre na situação prespectiva em que está, o templo seria alguma coisa de incomensuravel, pois está a uma distancia muito maior.

A fuga do pano direito pareceu-nos tambem um pouco precipitada.

Mas isto não tira o valor da scena da «maison cernée» que é, repetimos, uma das melhores que aqui se tem pintado.

As scenas dos srs. Campos e Oliveira são feitos com honestidade.

E' melhor a do 1.º acto. A linha de horisonte do 3.º é dura, pouco prespectivada a côr da casario, não conseguindo dar distancias apesar do «truc» dos sucessivos planos.

A côr geral do interior é bonita.

Os adereços são feitos a rigor e bons até aos menores detalhes.

As toiletes de Ilda Stichini excelentes e de optimo gosto. O vestido «branco e oiro» é uma nota linda de simplicidade e de harmonia, assim como o chale branco e negro.

O vestido negro do primeiro acto está harmonioso.

Bonita é tambem e elegante a toilete de Albertina de Oliveira na scena da «soirée».

Que pena não poder atribuir os vestidos de Ilda Stichini a nenhuma celebre modista...

Seria uma compensação. Infelizmente eles são feitos segundo a propria direção da artista numa humilde costureira — o que vem provar que uma grande modista é mais um snobismo que uma necessidade — nós os homens que o digamos...

O HOMEM QUE PASSA

BOAS NOITES, MINHA SENHORA

PALESTRA AO SERÃO

Porque será que tão poucas mulheres tomam a responsabilidade dos seus actos? Realmente as feministas teem de reconhecer que, pelo menos nesse ponto o homem é muito superior á mulher; está sempre pronto a dizer: Fiz porque quiz. «Agradou-me praticar este acto e por isso fi-lo».

A mulher, em geral, ao ser chamada a tomar a responsabilidade dos seus actos, se vê as coisas tomarem mau caminho, titubeia, hesita e acaba a maior parte das vezes por mentir.

E' um grave defeito da educação feminina e que muito precisa ser corrigido. Devemos dirigir o espirito da creança de ambos os sexos, por forma a que ela distinga muito nitidamente o bem do mal, seguindo a moral existente e a religião que pratica, e, logo em seguida, é necessario incutir-lhe a noção da responsabilidade.

E' preciso repetir-lhe constantemente: O caminho a seguir é este; mas, se por acaso te desviares de qualquer maneira da linha traçada, não procures enganar-te nem enganar os outros, não busques subterfugios nem te escondas por detraz da mentira.

Dize «sei que faço mal, não tenho coragem de o não fazer; mas pelo menos, reconheço o mal que faço, não me engano a mim nem aos outros.»

Quantas vezes tenho visto pessoas quererem desculpar faltas de toda a especie com a desculpa de que tinham sido levadas por maus conselhos ou que não tinham compreendido bem o alcance do que haviam feito.

Na maior parte das vezes estas razões não passam do que o rifão popular chama: «desculpas de mau pagador». E, falemos franco, as mulheres são eximias nesse genero de deitar poeira nos olhos e de fugir ás responsabilidades. Todos teem culpa menos ela.

E era tão bom que esse defeito de educação desaparecesse! Essas fraquezas é que fazem a verdadeira inferioridade da mulher, tentemos corrigi-las e tornarmo-nos eguais aos homens não pelo voto, o terrivel e ridiculo voto, mas pela franqueza e hombridade dos processos para que a triste frase—«a habitual mentirinha feminina»—deixe de ter razão de ser.

FRIOLEIRAS

Penteados

Quantas vezes temos ouvido declamar contra os penteados modernos, com os seus caracolinhos, que tão depressa caem sobre os olhos, como desaparecem deixando apenas um caracol no meio da testa que chegou mesmo ha bem poucos anos a ser ali pegado com cola.

Já estou vendo varias das minhas leitoras sorrindo, ao recordarem esse caracolinho rebelde que não queria ficar no seu logar e o... tambem sorrio. Mas o meu sorriso acentua-se ao recordar os tempos e os extraordinarios penteados com que as nossas antepassadas apareciam de tempos a tempos.

Recorda-me agora com muita precisão, um figurino antigo que vi. Representava ele uma dama do seculo XIII, os ricos vestidos caíam graciosamente, com a sua longa cauda que uma mão segurava, e sobre a cabeça erguia-se um edificio enorme, formidavel, imenso! tão alto que segundo reza a cronica, era necessario ao cabeleireiro uma escada de mão para o poder construir.

Digamos pois aos velhos rabugentos quando eles começarem a falar nos grandiosos tempos idos, nos esplendidos dias de outrora «que nós, pelo menos não necessitamos ter nos nossos «boudoirs» um movel tão desgracioso e incomodo, como um escadote.

HIGIENE DA BELESA

Conservação do cabelo

E preciso pentearmo-nos todas as noites. Devemos dividir o cabelo em tres ou quatro partes e escová-lo muito bem fazendo em seguida uma leve massagem com as pontas dos dedos.

Começamos dos lados e, vamos fazendo a massagem até que os dedos se encontrem no alto da cabeça.

Deve-se repetir a operação duas ou tres vezes de manhã e á noite. Tres dias na semana esfrega-se o casco com vaselina, põe-se pouca porção de cada vez para não tornar o cabelo gorduroso.

Uma vez por semana esfrega-se a cabeça com algodão molhado numa loção nos sitios em que se divide o cabelo. Darei a receita da loção para a minha proxima palestra.

Usando este preparo basta lavar a cabeça de dois em dois mezes, mas deve-se aparar o cabelo uma vez por mez no quarto crescente. Quando o cabelo é pouco ou fino, devemos mudar de penteado frequentes vezes.

GULOSEIMAS

Bolo coberto

Peneira-se 125 gramas de farinha, junta-se uma pitada de sal, e uma colher do chá de Baking Powder e 125 gramas de margarina. Acrescenta-se-lhe 100 grs. de cidrão. 125 grs. de passas, 125 grs. de corintes, tudo muito bem picado e 125 grs. de assucar.

Batem-se separados os ovos e misturam-se com uma chavena de leite, deita-se a seguir nos ingredientes secos. Barra-se um papel com manteiga forra-se uma lata com ele, onde se deita o polme e leva-se ao forno a cozer.

Depois de frio cobre-se com a seguinte mistura; Põe-se ao lume a tomar ponto meio quilo de assucar com uma chavena de agua; quando estiver em ponto alto tiram-se e deita-se-lhe duas claras batidas ao de leve, mexe-se rapidamente até que comece a engrossar e deita-se para cima do bolo.

PENSAMENTOS

Ha muitos seculos que a moral procura subir o pendor que a natureza desce, mas é tão ingreme e tão escorregadio, que a moral acaba sempre por tornar a cair

Etienne Rey

Não basta ser virtuoso, é preciso saber consolar-se de o ser.

Etienne Rey.

O homem deve escolher sempre para esposa a mulher que escolheria, para amigo, se ela fosse homem.

Joubert

A Esperança é a escada de luz, por onde ascendemos ao Paraizo; a Desilusão, os degraus de basalto, por onde descemos ao Cynismo.

Sacramento Monteiro

SONETO

A Sulamite

Quem anda lá por fóra, pela vinha,
Na sombra do luar meio encoberto,
Subtil nos passos e espreitando incerto,
Com brando respirar de creancinha?

Um sonho me acordou... não sei que tinha...
Pareceu-me sentil-o aqui tão perto...
Seja alta noite, seja assim deserto,
Quem ama até em sonhos adivinha...

Moças da minha terra, ao meu amado
Correi, dizei-lhe que eu dormia agora,
Mas que póde ir contente e descançado.

Pois se tão cedo adormeci, conforme
E' meu costume, olhae, dormia embora,
Porque o meu coração é que não dorme.

Antero de Quental

RESPOSTAS AO INQUERITO

Fechou hoje o concurso, não tenho em meu poder mais respostas do que as que publico em seguida. Agradeço a todas as minhas leitoras que contribuiram tanto para tornar interessante esta minha secção, com o seu espirito e graça.

Prefiro um homem inteligente. A mulher é que precisa de beleza, para o homem basta o espirito e a intelectualidade.

Maria Ana

Prefiro a inteligencia; quero senti-lo superior a mim.

Uma humilde.

Não me parece que seja muito humilde, visto achar que só um homem inteligente lhe póde ser superior.

Belo! Belo! Belo! A beleza é tudo, o resto é quasi nada.

Uma artista.

O julgamento de Landru

O discurso da acusação

Aberta a penultima audiencia, o advogado geral sr. Godefroy levantou-se e disse:

—«E' porventura possivel, conceber-se, na nossa epoca, tal serie de crimes?»

As perversidades renovadas dum Landru pareciam tão pouco que ninguem as acreditava e a seu proposito formaram-se tantas zombarias e gracejos que nem se conseguiu afastal-os desta audiencia.

Não se tratará duma manobra politica, para desviar a atenção dos cidadãos da negociação dum tratado de paz que não corresponde as esperanças duma brilhante victoria?

Em seguida o advogado geral recorda os crimes de Jack l'Eventreur, de Dumollards de Tropmann, do relojoeiro Pel.

—«Landru? Foi por momentos, para aqueles que se divertem com mulheres, uma especie de Charlot».

Ele aparecia como um acusado comico. Neste paiz onde se chasqueia a autoridade ele era o Guignol ultrajando a justiça. Sabemos hoje o que se deve pensar desta rapesa presa, perante provas que se amontoam e nos convencem. Espanta-vos que dez mulheres e um rapaz, desaparecessem de repente?

Concluí, depois de ter ouvido as testemunhas. Todas disseram, parentes e amigos que se essas desgraçadas fossem vivas, apareceriam, uma após outra, aqui no tribunal».

Mas lealmente o acusador cita uma vez mais a ausencia de provas materiais

«Contudo, nas ultimas audiencias, não viram as vitimas lançar á cara de Landru as suas cinsas geladas? Como póde Landru praticar sem se dar por isso, esses crimes durante um tão longo periodo?

E' uma das consequencias do grande drama que sofreu a nossa patria... uma consequencia do flagelo que é a guerra.

Os nossos serviços estavam desorganisados e os nossos agentes de policia tinham bastante que fazer na caça aos inimigos externos e internos. Um criminoso tão inteligente como este Landru, devia tirar um horrivel partido desta situação excecional.

Landru não toma mais notas

Landru já não toma notas. E' muito tarde para isso. O advogado Godefroy, ardente, violento, guiado por uma profunda convicção, fala vehementemente e pede ao tribunal do povo para o considerar um outro jurado.

O advogado traça um retrato vivo do vaidoso Landru, procurando situações lisongeiras na aparencia, mas perdendo-as rapidamente.

Ele vai de queda em queda e em 1914 e relegado ao tribunal, sendo condenado em 17 anos de prisão.

Agora nós deparamos com Landru guiado pela «escroquerie», sem despresar um só pormenor. E' necessario pôr em relevo a hipocrisia do acusado.

O romance das noivas

Vamos escutar, uma vez mais, o romance das noivas. A primeira foi Mme. Cuchet.

—«Ele exerceu sobre ela faculdades fascinantes».

O acusador dirige-se directamente a Landru, mas este não levanta os olhos.

—«No decurso destes longos debates, pedi-vos todas as justificações, mas na vossa cara escarninha, a resposta foi sempre: «não tenho nada para vos dizer. E' á justiça que compete fazer a prova. Lastimo não ter duas cabeças para vos oferecer».

Já houve um assassino famoso, Prausim, acusado de ter morto uma mulher galante. Tinham-no visto sair de casa dela e ele respondia: «Está em jogo a honra duma mulher galante».

Pois bem! vós Landru, vós dizeis não teres sido sequer o amante dessas desgraçadas, mas simplesmente um mercador de moveis. Que especiais?»

A voz possante do acusador tirou Landru do seu mutismo.

«Ah! Landru sabia escolher pobres creaturas amorosas, mas não antipaticas; pobres creaturas a quem as passagens da vida tinham tornado credulas. Quem falou delas com desprezo? Certamente que não foi a policia, mas o proprio Landru».

Depois de traçar um quadro pungente do Landru, ajoelhando-se deante do cadaver das suas vitimas para as despedaçar depois de se ter ajoelhado ao lado delas, perante o altar, o acusador exclama:

—«Está enfim destruida a lenda do jovial Landru. Está deante de nós um monstro inacessivel á piedade e aos sentimentos humanos. Resta-me pedir a supressão deste ramo corrompido da arvore social».

Noticiario

Portugal

—O nosso colega Leitão de Barros vai publicar um livro com tres peças com um acto, cujos titulos são: «As mãos», «A aposta das lagrimas» e «Junior».

—O dr. Melo Barreto está acabando de traduzir a «Les Ailles bisées» de Pierre Voff.

—Desistiu de levar á scena a «Gioconda» de d'Anunzio a companhia Luz Veloso.

—Na recita unica que se realisarão no Teatro S. Luis pela companhia Alves da Cunha, no seu regresso do norte, subirá á scena a peça original portuguez de Artur Cohen, «A Vida».

—O actor Erico Braga vai mandar traduzir a peça «La Passante» para a companhia Lucilia Simões.

—Realiza-se amanhã no Teatro Salão dos Anjos a festa artistica dos artistas internacionais «Serrana & Moreno» com um especiaculo cheio de atrações. Como prova de homenagem dedicam-na ao sr. Francisco Grandela.

— No proximo dia 18 realiza-se no Club Simões Carneiro, uma festa de homenagem aos amadores: Edmundo Leeandro, J. Pereira Netto e Tomaz Pereira, com a representação do drama em 4 actos, intitulado «Vitimas da Seitá Negra», no qual tomam parte além dos homenegeados, D. Judith Leandro, José Horta, Antonio Ribeiro, Armando Alves e Alvaro Lourenço.

A «Mise-én-scene» está a cargo do homenegeado Tomaz Pereira. Abrilhanta a festa a «Orchestrina Rosa» sob a regencia do sr. Paredes.

Estrangeiro

PARIS, 2. — O conhecido actor gerente francês sr. Firmin Gemier foi nomeado Director do teatro «Odeon».

39—Folhetim de «A CAPITAL» — 2 de Dezembro de 1921

ROCHA MARTINS

Spartacus

Romance das lutas proletarias em Roma

VI

—Crassus! — gritava Aurelio — dá-me minha irmã! Os seus olhos fusilavam relampagos, avançava para o outro que os vultos dos senadores guardavam e que muito altivo, abrindo o caminho, volvia:

—Por quem me tomas?! Já te disse que enviei Emerencia para a Grecia —e logo, num tom mais brando, acrescentou: Vejo, por Hercules! — que se vai esquecendo a tradição... Lamento-o mas vejo que tens tanto coração como Lavinia que defendia as escravas quando tu a condenavas... E's um homem! Vou desfazer-me do bem precioso por tua causa mas não quero mais negocios comtigo nem com os teus!...

Arunco sorria quasi; de boa vontade se arruinaria, entregaria tudo áquele soberbo rico de quem dependia a felicidade da filha. Olhava-o enternecido e balbuciava:

—Eu sabia que te havia de comover. Foste meu hospede! E's meu velho amigo... Ambos servimos com Sylla...

Num gesto aborrecido, ao ouvir falar do dictador morto, afastou-o; o outro continuava a recordar o passado e do fundo da sua consciencia subia todo o horror do erro cometido, aquela venda de Emerencia, a maneira como a deixara levar. Lembrava-se que seria um castigo dos deuses o depender dela a sorte da filha estremecida.

Com um mau sorriso nos labios, Crassus tomava as taboas das mãos do poeta grego, traçava a sua firma, ordenava, sempre com o mesmo ar convencional: Escreve para que Emerencia regresse, o meu libreto Braulio, que o traga...

Depois ouvindo Aurelio que, muito palido, se lhe dirigia ainda encolhia os grandes hombros e retorquia:

—Mais não posso fazer! Que regresse!

— Porém como aquietar esses escravos até que m'a entregues? interrogava Arunco.

Com o seu desdem tornava:

—Por Pollux! Que sei eu?! Acaso tenho trafico com semelhante gente?... Se eles confiassem, como todo o mundo, na minha assinatura... Mas só a gente honrada a aceita!

—Escreverias que mandaste buscar a noiva de Oenomaus e eu levaria essa resposta aos rebeldes!...

—Para que te inquietares?! E' uma questão de dias!.. Decerto ou esperam ou já não carecem dela para a trocar por uma morta... Mas emfim, eu cedo!

As suas palavras gelidas soaram sob a aboboda da casa onde vinham entrando os senadores no fim da assembleia. Era uma turba branca, laivada de vermelho e que falava alto, agitava os braços, se movia ante a noticia da dotação:

—Nomeamos Publius Varinius para o comando da legião que os vai bater!

Ele, com a sua alta estatura, um grande sorriso feliz nos labios passava scintilando as suas insignias de pretor ao lado do consul que o ouviu. A' frente caminhavam os lictores abrindo alas e gritando pela liteira de Caio.

— Publius Varinius! — gargalhou Crasso sem vêr o grupo formado por Aurelio e Arunco nos braços um do outro — Publius Varinius!... Oh!... Acaso os vencerá?!

— Mas se é um general, esteve na Galia e na Asia,.. balbuciavam a seu lado.

— E' pobre! — resmungou com desdem, aborrecido e colerico — E' pobre! Esquecem-se como se dominou Viriato, o Lusitano!

Procurou mais uma vez o poeta Felux e não o viu; admirou-se mas sorriu quando reparou em Flavio falando baixinho com Aurelio.

Quasi advinhava como ele lhe dizia que Emerencia continuava no palacio de Crassos cujo atrio era de marmore azul e onde devia haver uma festa.

— Mas que tem a pobresa?! interrogava ainda o senador junto do grande rico.

— Que tem?! E' que a guerra contra os escravos faz-se com ouro...

Nomeem-me general da legião e eu compro essa gentalha ou parte dela... a melhor!... — e ria muito buscando afastar-se.

Com efeito Flavio dissera ao irmão de Lavinia as suas certezas acerca da falsidade dessa partida para a Grecia, contara como houvera a idea da ceia no lindo palacio de marmore com o portico de columatas azues. Indicava os convidados que vinham exigir a promessa e dizia tudo aquilo solicitando, ao mesmo tempo, que lhe pagassem a sua divida a Crassos em troca do que lhes confiava.

Com um olhar furioso Aurelio buscava o seu socio de ha pouco, viu-o já na liteira que se perdia entre as multidões, ao som dos berros dos seus escravos:

— Passagem ao senador Marcos Crassus!...

A' porta da Curia Hortelia discutia-se acaloradamente; os senadores vinham saindo e o povo apontava-os, dizia-lhes os nomes, saudava-os; alguns avançavam no meio duma onda de gente suplicante, entre a qual se destacavam os gorros vermelhos dos libertos e nos humbrais das lojas os comerciantes fixavam Publius Varinius que ia combater as legiões dos escravos e o seu nome subia com outro que já se ia decorando:

— Spartacus! Spartacus!...

Decahia a tarde; as meretrizes empavesavam-se de rostos cobertos, vadios das praças publicas berravam, os advogados sahiam do Forum suando em bica, ainda roucos das bicurras e por toda a rua, em direcção aos arcos, naquela tarde ardente e calida de Roma, todos falavam da revolta e dos seus chefes, citando os tempos de Atenias e dos mil gladiadores que se tinham apunhalado na arena do circo para não servirem de divertimento aos vencedores.

Arunco mal se atrevia a dar um passo; ficava pregado no mosaico do senado, com a sua tunica suja, o rosto empastado de poeira e suor, sem ouvir o filho que rouquejava:

— Oh! Crassus não teem coração!...

— Um bom romano não o deve ter! — disse junto dele o gordo senador —, convictamente.

— E agora?! Que fazer?! interrogava o velho alheio á frase, todo voltado para o filho.

— Agora?! Pae.. Vae tu para junto de Daria... Perdemos a nossa Lavinia, Manlio, como dizes e foi ferido... Decerto o mataram... Eu não sei nem tu sabes de minha mulher nem de meu Elio... Não ha infelicidade maior e é dela que ganha aquele que hospedamos, e que julga que o ouro tudo paga! Oh! malditos escravos!...

— Oh! maldito rico!... soluçou o pae, sentindo que as pernas lhe vergavam ao exclamar:

— E Marcio?! E o meu outro filho? Tinha ido á Sicilia... Decerto o mataram no regresso... Só me restas com tua mãe...

Acabava por não se poder suster, as pernas tremiam-lhe e cahia desamparado no leito onde ha pouco Crassus estivera bebendo o seu refresco. O filho, amparava-o, balbuciando:

— Socega... eu terei Emerencia... nós a levaremos a esses miseraveis! O amafado senador, ao vêr o velho abatido, encolhia os hombros e dizia para Flavia mais satisfeita ante a promessa de que lhe pagariam a divida:

— Eram todos assim estes amigos de Sylla...!

Crassus entrara em casa rapidamente, perguntára por Felix e logo o intendente, o ilucidára.

— Senhor, chegou á pressa com letras tuas e saiu na «carrança» com Emerencia...

(Continúa)

Collegio Vasco da Gama

T. das Freiras (a Arroios), n.º 2 — TELEFONE, NORTE 2146

O mais bem situado de Lisboa. Campos de equitação e recreios. Educação esmerada. Optima alimentação. Todos os alunos do curso dos liceus, do curso comercial e de instrução primaria propostos a exame pelo conselho escolar do Colegio, foram aprovados, tendo prestado brilhantes provas, e obtendo alguns as mais elevadas classificações. Podem consultar-se os directores.

P. Antonio Manuel da Silva Pinto Abreu, Dr. Luiz Gonzaga da Silva Pinto Abreu.

Instalações electricas EM TODOS OS GENEROS — OLIVER, LTD.—Rua da Prata, 250, 2.º—Telefone C. 1158.

Alberto Afonso

— LISBOA —

Postais ilustrados

TUBERCULOSE

NUCLEOCALCINA FORMOSINHO

Reconstituinte poderoso, scientifico e racional

PHARMACIA FORMOSINHO

Praça dos Restauradores, 18

POLICLINICA DO ROCIO

Largo de Camões 18 (ao Rocio)

CLASSES POBRES—Tel 3747

Rins e vias urinarias — Dr. Cemossa Saldanha, ás 10 1|2.

Medicina geral, doenças nervosas e electroterapia — Dr. Cancela d'Abreu, ás 14 e 1|4.

Olhos — Dr. Henrique Roquete, ás 15.

Pele e sifilis.—Dr. Zeferino Falcão, ás 14 e 1|2.

Bocas e dentes—Dr. Amor de Melo; ás 9 1|2.

Medicina geral, coração e pulmões.—Dr. F. Martins Pereira, ás 15 1|2.

Cirurgia, doenças das senhoras e partos.—Dr. Luiz Ottolini, ás 15.

Ouvidos nariz e garganta. — Dr. Cordeiro Lobato, ás 14.

Remedio sensacional com o uso do sete plantas medicinais: **Faz nascer** o cabelo ás pessoas calvas. **Cura** em pouco tempo a queda do cabelo e dá a este um extraordinario vigor. **Extermina** radicalmente a caspa em pouco tempo.

A Juventude é o melhor de todos os remedios preventivo da calvicie.

Unico depositario: DROGARIA DIAS, R. Fanqueiros, 842 a 844 Frasco 2$50 — Tel. C. 3900. Todos frascos levam a assinatura do seu verdadeiro auctor LUIZ ALBERTO DA SILVA.

Joalharia, Relojoaria e Ourivesaria

— DE —

JULIO REI, L.da

ex-empregado da Joalharia Abreu

Grande sortimento em joalharia, relojoaria e pratas por preços sem competencia

Antiga RELOJOARIA OLIVEIRA

30, Praça dos Restauradores, 31 (Palacio Foz)

A casa que mais barato vende.— Ourivesaria e Relojoaria — Temos sempre grandes sortidos de objectos que vendemos SO' PELO PESO e joalharia que vendemos com as maximas garantias. VIUVA MARQUES—R. de S. Paulo, 20—LISBOA—

Banco Nacional Ultramarino

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Fundos de reserva 25.000.000$

Assembleia Geral Extraordinaria

Por ordem do sr. Ex.mo Sr. Vice-Presidente da Mesa da Assembleia Geral, e convocada a mesma assembleia para continuação dos trabalhos da Assembleia Geral Extraordinaria interrompidos em 10 de outubro p. p., reunir no edificio do Banco, no dia 28 do corrente, pelas 14 horas.

Assunto: Circulação Fiduciaria nas Colonias.

Lisboa, 19 de outubro de 1921.

(a) Francisco Mendonça do Sommer.

A Urbana Portugueza

Fundada em 1888

Efectua seguros terrestres, maritimos, de cristais e gréves e tumultos. Agentes geraes em Lisboa Eduardo de Noronha, Ld.ª Rua Augusta, 56, 1.º

Telefone 1536 C.

RELOGIOS —A Maior Variedade— Ourivesaria e Relojoaria Confiança — DE ALMEIDA, LIMITADA — Grande sortimento em pratas para brindes e joias — Rua dos Fanqueiros, 1 a 5 e 51 a 53

AZEITE

PURO DE OLIVEIRA

Finissimo para conservas e consumo

PEDIDOS A':

SOCIEDADE EXPORTADORA DE PEIXE, Ltd.

RUA DE S. PAULO, 20, 1.º

Sapataria Januario

O mais perfeito Calçado de Luxo

Sempre os mais chics modelos

MEIAS FINAS

— Telefone Central 5527 —

78 - Rua Santa Justa - 80

193 - Rua Arco Bandeira - 195

Maquinas de escrever

ACESSORIOS, reparações garantidas —OLIVER, LTD.—Rua da Prata, 250, 2.º —Telef. 1158 C.

Agua da Certã

A' Agua mineiro-medicinal da Fonte da Certã apresenta uma composição chimica que a distingue de todas as outras até hoje usadas na therapeutica.

E' empregada com segura vantagem nas Diabetes — Dyspepsias — Catarros gastricos putrido ou parasiticos—nas perversões digestivas derivadas das doenças infecciosas, na convalescença das febres graves, nas atonias gastricas dos diabeticos, tuberculosos, hidrópicos, etc., no gastricismo dos engordados pelos excessos ou privações, etc., etc.

Mostra a analyse bacteriologica que a Agua da Fonte da Certã, tal como se encontra na garrafa, deve ser considerada como microbiologicamente pura, não contendo o colibacillo, nem nenhuma das especies pathogenicas que podem existir em aguas. Alem d'isso, gosta ao uma certa acção microbicida. O E. Typhico Diphterico e Vibrião cholerico em pouco tempo n'ella perdem toda a sua vitalidade, outros microbios apresentam maior resistencia maior.

A Agua da Fonte da Certã são gazes livres, é limpida, de sabor levemente acida, muito agradavel como bebida pura quer misturada com vinho.

Bénard Guedes

RAIOS X — DIATERMIA — RADIO

Tratamento do cancro

Calçada do Sacramento—10

Todos os dias ás 4 horas — Tel. C. 1233

OURO E PRATA

— MUITO MAIS BARATO — Só na OURIVESARIA Correia, Mouro Pimenta, Ltd. 184 — Rua de S. Paulo — 186

Casa das malas

Fundada em 1887

Joaquim da Silva & C.ª (Filhos)

O maior sortimento em Malas, correias e artigos de viagem. Rua da Prata, 110, 112 e 114—LISBOA TELEFONE CENTRAL 3716

Novo Fanqueiro da Avenida

NETTO & CORREIA, Ltd.

Avenida Casal Ribeiro, 3, 5, 7 TELEFONE 2168 Norte

Exposição e Abertura da Estação de Inverno

Muitas variedades e grande sortido em todos os artigos da sua especialidade

RETROSEIRO, MODAS E CONFECÇÕES

— — GANHAR POUCO PARA VENDER MUITO — —

REGALEIRA-CLUB

DANCING PALACE — Telefone 3238

VARIEDADES E CONCERTOS

Jazz Band - Tziganes - Diners - Concerts

SOOPERS TANGOS

Magnifico serviço de Restaurant

ROBERT NICOL—Danseur de L'APOLLO de Paris

INTERESSA A TODOS!...

QUEREIS conservar os vossos calçados pela aplicação de uma «Pomada» de absoluta confiança?

—Usai a INDIANA, incomparavelmente a melhor pelo seu brilho pelas suas esplendidas qualidades de conservação do cabedal e ótima apresentação em cores: **preto, amarelo, castanho escuro da moda — completa novidade.**

A' venda nos principais Armazens de Cabedais, nas boas Sapatarias do Paiz e no Deposito Geral:

A' PELARIA FINA

Casa de bons artigos em SOLAS, CABEDAIS, ATACADORES e malas especialidades destinadas á confecção de calçado de Luxo e Vulgar

de Policarpo Junior, Limitada

RUA JARDIM DO REGEDOR, 13, 15 e 17 --- LISBOA

TELEFONE C. 3823 — TELEGRAMAS: PELFINA — Agentes exclusivos de revenda para Portugal e seus dominios, Espanha e Estados do Brasil

Agua de CALDELLAS

Doenças do Figado e dos Intestinos

(entero-colite muco-membranosa e prisão de ventre)

DEPOSITARIOS:

BANDEIRA DE MELLO, L.da

Rua Augusta, 75, 1.º e 2.º

Teleph. 2070C.

ULTRAMARINA

Efectua seguros contra todos os riscos

Rua da Prata, 108, —1.º

SINISTROS PAGOS ATE' 31 DE DEZEMBRO DE 1920 — Esc. 3.574.750$37

Antonio Casanovas Augustine, L.da

CAMBIOS E PAPEIS DE CREDITO

57, 59, 61, RUA DO COMERCIO, 57, 59, 61

SABÃO NACIONAL

Sabões — TEL. C. 2519

O COMERCIO EXTERNO L.da

R. S. Paulo, 104 1.º

Furunculos, diabetes, doenças da pelle e dos intestinos

Curam-se com

Fermento d'uvas Formosinho

Recomenda-se exigir o nome **FORMOSINHO**

FARMACIA FORMOSINHO P. dos Restauradores 18 — LISBOA

RITZ-CLUB

ESMERADO SERVIÇO DE RESTAURANTE

= Concertos todas as noites =

= VARIEDADES =

Um dos restaurantes mais chics de Lisboa

Praça dos Restauradores, 27, 1.º

PIANOS

Bechstein e outras marcas

Representante: J. Heliodoro d'Oliveira — ROCIO, 56, 57 e 58

— A casa que mais barato vende — Ourivesaria e Relojoaria —

Temos sempre grandes sortidos de objetos que vendemos SO' PELO PESO e joalharia que vendemos com as maximas garantias.

VIUVA MARQUES—R. de S. Paulo, 200 —LISBOA—

CORTICITE

Estabelecimento EROLD, Ltd. — R. dos Douradores, 7

Ourivesaria e Joalheria

J. J. NUNES — 171 — RUA DA PRATA — 171

Dr. Lelo Portela

— Clinica medica-sifilis — RETOMOU A CLINICA — Consultorio —

Tel: C. 1883 — P. Luiz de Camões, 6

ASSIGNATURAS DE *"Os Sports"*

Portugal

6 mezes... 7$50

12 » ... 15$00

Estrangeiro

12 mezes... 30$00

Pagamento adeantado

Grande Café d'Italia

é sem duvida o café da moda

ALMOÇOS

serviço á la carte

— Rua 1.º Dezembro —

Simões Bayão

(Laureado pela Escola de Paris)

Doenças de boca, cirurgia, protheses e ortodoncia

Largo de S. Paulo, 13, 1.º — Telefone 3078

Banco Nacional Agricola

Soc. An. Resp. Lda.

SÉDE-R. de S. Julião, 188 e 190 — LISBOA

Nos termos do artigo 8 e 19 dos Estatutos do Banco são convidados os Srs. acionistas a entrar com a importancia de Esc. 25$00 por acção, correspondente á 2.ª prestação do capital omitido, desde 15 a 31 de outubro corrente.

As cautelas representativas de acções devem ser apresentadas no acto do pagamento nos locais abaixo designados e nos dias correspondentes na provincia.

Lisboa, Evora — Banco Nacional Agricola

Lisboa, Porto, Chaves — Pinto & Sotto Maior

Pelo Banco Nacional Agricola — Os Directores

a) *Eduardo Fernandes d'Oliveira*

a) *Eduardo Correa de Barros*

a) *Joaquim Nunes Mexia*

ARTIGOS FOTOGRAFICOS

LUIZ ROSA

233—RUA DA PRATA—235

Prisão de ventre

E suas consequencias. Funcionamento metodico do intestino pelo LAXATIVO VEGETAL VERITAS. Infalivel e inofensivo, comprovado por centenas de pessoas que diariamente fazem uso dele. Preparado por Mendes & Braga, farmaceuticos.—183, Rua do Mundo, 135, Lisboa.— Telefone, 554.

Garlopas—Serras de fita 0,70 e 0,90 —Maquinas automaticas para afiar laminas de garlopa e plaina.

EM ARMAZEM

SANTOS AMARAL, Lda.

Rua da Palma, 225|9—LISBOA — Telefone C. 1560

FITA ISOLADORA

Branca e preta

15 mm e 40 mm (Fabricação alemã). Ao melhor preço do mercado

SANTOS AMARAL, Ltd. RUA DA PALMA, 225|9—Lisboa — TELEFONE Central 1580

Escola Berlitz

26-A, Rua do Alecrim

• Abrem-se brevemente • novos cursos • para principiantes em •

FRANCEZ : : INGLEZ

: : Já está aberta : : : : a inscrição: : :

Ventoinhas eletricas

110 e 210 volts

EM ARMAZEM

SANTOS AMARAL, L.da

Rua da Palma, 225|9—LISBOA — Telefone C. 15 0

TIJOLO

PREÇOS SEM CONCORRENCIA

ENTREGA IMEDIATA

C.ª Ceramica de Telheiras

L. do Directorio, 4, 2.º

TABACARIA CENTRAL

90—Rua da Assunção—90

TABACOS—LOTARIAS—AGUAS REFRESCOS

AGUA DOS CUCOS

TORRES VEDRAS

A AGUA minero medicinal dos Cucos, unica no seu tipo em Portugal para o artritismo, reumatismo gotoso, rins e bexiga, tem além disso dado otimos resultados nas doenças das senhoras, utero e anexos. A AGUA DOS CUCOS vende-se em toda a parte na linha de Cascais em Carcavelos, Parede, Monte-Estoril e Cascais. Deposito geral: ... LISBOA.

Horta e Costa

Rins e vias urinarias

12, Rua da Trindade 12

Consultas das 2 ás 5

TELEFONE 2424

Papelaria Camões

Grande sortimento — de — *objectos para pintura a oleo e aguarela*

A. Guerreiro

Da Escola Dentaria de Paris

Dentaduras sem chapa

R. de S. Paulo, 26 (junto ao Arco) Telefone—22

Leitaria GLOBO

— DE — Rocha & Coutinho, Ltd. Tel. C. 2160

R. Conceição, 68 e R. Correeiros, 1 e 6

Puro Leite *Especialidades em doçarias*

Serviço permanente de — chá, café, cacau, torradas, etc. —

O Medico Conceição e Silva, J.or —RETOMOU A SUA CLINICA DAS VIAS URINARIAS E DOS RINS em 6 de Outubro—R. DO OURO, 148

Andrade & Pereira

Alfaiates

Novidades de Estação

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS

LISBOA-PORTO

Representantes em Portugal — DO —

Banco Portuguez do Brazil

LISBOA — PORTO

R. do Ouro, 18 a 24

28, Praça da Liberdade, 29

Vinhos espumosos de Lamego

(CAVES DA RAPOSEIRA)

Reservas de finissimas qualidades

A' venda em todas as confeitarias e mercearias. Depositario em Lisboa: ARTHUR BENARUS — Telefone 10— Central — Poço do Borratem 4, 4.º

TUBO BERGMAN

da casa Bergmann Elektricitats Werke 9 mm e 11 mm

EM ARMAZEM

SANTOS AMARAL, L.da

Rua da Palma, 225|9—Lisboa — Telefone C. 1560

OURIVESARIA ATHAYDE E RELOJOARIA

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Grande sortimento de objectos de ouro, prata e brilhantes

Rua Fernandes da Fonseca, 1

Esquina da R. da Mouraria, 101 e 103

AZULEJOS

tijolos, etc.

Ceramica Mont'Argila "LSES"

Preços sem concorrencia

Agencia em Lisboa—Gilman Santiago, Ltda.—L. S. Julião, 7, 2.º

MOBILIAS E ESTOFOS

Bizarro da Silva, Limitada (Antiga casa Bizarro da Silva & C.ª) — Rua Augusta, 8., 84 — Rua dos Correeiros, 21 — Telefone C. 2838

Grandes descontos em todos os artigos

Use Agua, Crême e Pó de Arroz "RAINHA da HUNGRIA"

e todos os productos da

Academia Scientifica de Belleza

que se encontra á venda nos seguintes estabelecimentos

Pharmacia Durão—Rua Garrett, 60.
Pharmacia Nascimento — Rua da Prata, 115 e 117.
Perfumaria Flôr do Liz—Rua Nova do Almada, 67.
José Feliciano Alves de Azevedo & C.ª—R. 1.º de Dezembro, 55, 65.
Pharmacia Avellar—Rua Augusta 22 a 27.
Silva Neves & C.ª—Rua da Prata, 229, 231.
Thomaz Mendonca, Filhos, Ltd.—Calçada do Combro, 43, 47.
União Commercial de Drogas, Ltd. —Rua Augusta, 105.
Perfumaria Paris—Rua dos Retrozeiros, 58.
Galeria Parisiense—Rua Garrett, 42
Eduardo Martins—R. Garrett, 4 a 11
Perfumaria Viuva Dias—Rua da Praça da Figueira, 40.
Camisaria Modelo—Rua do Ouro, 115, 117, 119.
Loja do Povo—Praça de D. Pedro, 89 a 92.
Brazil Elegante—Praça de D. Pedro, 7 a 8.
Farmacia Barreto — Rua do Loreto, 24 a 30.
Farmacia Silva Carvalho—Rua Eugenio Santos, 48 a 52.
Loja da America—Rua do Ouro, 206, 208.
Casa Africana—Rua Augusta.
Salão Mimoso—Rua Augusta, 282.
Neto Natividade & C.ª—Rocio.
Lopes & Maia, Ltd.—Rua do Ouro, 287 a 289.
Tátá & Rodrigues—R. Garret, 53, 55.
Farmacia Coelho de Jesus—Avenida da Liberdade, 5.
Carmona, Ltd.—Rua da Escola Politecnica, 263, 267.
Farmacia Ultramarina—Rua do S. Paulo, 99, 101.
Casa Santos, Ltd.—R. da Palma, 7-A
Retrozaria J. Fernandes—Rua dos Retrozeiros, 79 a 83.
Henrique Xavier & C.ª—Rua do Ouro, 253, 255.
«Au Bon Marché»—Rua da Assunção, 45, 47.
Damião & C.ª—Rua Garret, 57, 59.
Camisaria Azevedo—Rocio, 34, 35.

Deposito geral para revenda

Academia Scientifica de Belleza

Avenida da Liberdade, 23-A

Telefone: 3641 — Telegramas: «Bellezas»

Canetas com tinta

O que ha de melhor

PAPELARIA DA MODA

167 — Rua do Ouro — 169 — LISBOA

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS

LISBOA-PORTO

REPRESENTANTES EM PORTUGAL

DO

— BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL —

LISBOA — PORTO

R. do Ouro, 18 a 24 — 28, Praça da Liberdade, 29

Rua do Comercio, 136 a 140

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

O dever de obedecer á razão é a unica lei da vontade.

V. Cousin

N.º 3943-12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Sabado, 3 de Dezembro de 1921

Telefone n.º 2293 — Endereço Tel. CAPITAL — Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

A ULTIMA ESPERANÇA

Numa entrevista, hoje publicada no «Seculo», o sr. capitão Camilo de Oliveira, pronunciando-se sobre a situação politica actual, afirmou que o programa da revolução, em que teve parte tão predominante, concretisa a aspiração do paiz. E' mais uma vez a repetição, feita pelo revolucionario de maior destaque, de que o movimento em que se empenhou foi um movimento nacional. Certo é, tambem, que um revolucionario de não menor destaque do que o sr. Camilo de Oliveira,—referimo nos ao sr. Afonso de Macedo—declarou ha tempos que os revolucionarios da manhã de 19 de outubro tinham sido vencidos pelos assassinos da noite de 19 de outubro, o que induziu a acreditar que o movimento virtualmente fracassara, sendo chimerica a esperança de impor o seu programa. Pelo visto, a recordação dos assassinios já vai longe, ou então entende-se agora no campo revolucionario que os morticinios da noite tragica nenhuma influencia exerceram, na realidade sobre a consciencia nacional de que o programa referido se supõe ter emanado.

Temos, pois, que o movimento tornou a ser vencedor, e uma verdadeira concretização da vontade nacional. Sendo assim, não se compreende qual o motivo porque os revolucionarios de 19 de outubro não apresentam os seus nomes ao sufragio popular, preferindo solicitar a protecção dos partidos para que eles os incluam nas suas listas.

A estranheza é tanto mais natural quanto é certo que interpretando-se o sentimento da nação, não se justifica—como de resto em nenhum caso se deveria justificar—a provenção de que se o sr. Maia Pinto deixar o poder pelo facto de os partidos não elegerem os outubristas, ensandwichados no meio de varias personalidades independentes, podem ocorrer graves sucessos de alteração de ordem publica. Semelhante provenção é inadmissivel, partindo da boca dum governo que dispõe duma grande força militar, pela confiança que merece aos outubristas, que nele se encontram representados.

Não se pode reincidir em determinados processos. Quando se deu o movimento, o sr. Presidente da Republica declarou que não nomearia o governo que os revolucionarios lhe foram propôr. Mudou depois de resolução, porquê? Porque á meia noite lhe foram dizer que se estavam matando republicanos ilustres, o que era impossivel evitar a continuação da chacina, enquanto o governo escolhido pelos revolucionarios não fosse nomeado. Nós não acreditamos que toda a guarda republicana, dispondo de 4.000 homens armados em Lisboa, tivesse conhecimento desta afirmação. Não podemos acreditá-o. Com governo ou sem ele, não nos capacita mos de que essa grande força deixasse continuar a serie dos massacres. Se tal sucedesse, seria para descrer da propria luz do sol!

O sr. dr. Antonio José de Almeida cedeu. Cedeu, levado pelos seus sentimentos humanitarios, republicanos, patrioticos. Mas desde logo pensou em resignar o seu logar visto que moralmente entendia que não procedera com a independencia necessaria. Foi preciso que a grande maioria das camaras municipais do paiz lhe fosse ratificar a sua confiança, a garantir-lhe que lhe daria toda a sua solidariedade para que nada o podesse forçar a sair dos limites constitucionais.

Agora, diz-se que o governo do sr. Maia Pinto foi junto do sr. Presidente da Republica fazer-lhe uma provenção parecida. Se o governo se demitisse, graves perturbações de ordem se podem dar. Mas então voltamos á mesma? Torna-se a colocar o Chefe do Estado entre a espada e a parede? O sr. Camilo de Oliveira é um ilustre oficial da Guarda Republicana. Em vez de discretiar sobre o governo dos Estados, o que não é propriamente a sua função, que o sr. Camilo de Oliveira diga nos jornais, e que estes publiquem as suas palavras em grossos normandos, que o sr. Camilo de Oliveira declare que, quer continue no poder o governo o sr. Maia Pinto, quer não continue, a ordem estará assegurada pela corporação a que s. ex.ª pertence, e que a serie dos massacres politicos não se repetirá jámais!

O que não pode ser é que se faça sobre o sr. Presidente da Republica uma nova «démarche», semelhante á da noite de 19 de outubro, para o levar; desta vez, a trahir os seus deveres mais sagrados. Não o conseguirão, porque a honra do sr. Presidente da Republica é a honra da Nação e o sr. Presidente da Republica não pode deshonrar-se.

Mas não ha o direito de pungir a alma desse grande cidadão, desse honrado velho, dessa altissima figura da Patria, especulando com o seu coração para fazer abdicar a sua consciencia. Não pode ser! O país mais uma vez tem os olhos fitos no sr. Antonio José de Almeida. Ele é a derradeira esperança da lei e da justiça; é a ultima garantia da Patria e da Republica!

Migalhas

O valor do homem

O «Popular Science Monthly», que é uma gazeta americana de vulgarisação scientifica, acaba de nos fornecer uma apreciação bastante lisongeira do valor do homem.

Segundo calculos absolutamente precisos, um homem vale 2 dollars e 45 centimes se o aplicarmos á iluminação, visto que um bipede racional—como o outro que diz, aquele outro que diz tanto disparate—pesando 150 libras contem aproximadamente 3500 pés cubicos de oxigenio, de hidrogenio e de azote e os 1000 pés cubicos são tarifados na America a 70 centimos. Um homem contem, além disso, o carbone bastante para se fazerem 9.800 lapis de grafite, fosforo para 800.000 pavios fosforicos ou envenenar 500 pessoas e agua que encheria um reservatorio de 38 litros. Tem dentro de si tambem uns 60 quadrados de assucar, uma quantidade apreciavel de amido e o ferro suficiente para se construir um prego onde se prenda a corda que o enforque.

Acho interessante divulgar estes detalhes para consolação de muitos a quem o mundo se lança em resto e não servirem para nada neste mundo. Afinal cada um de nós traz comsigo tudo quanto necessita para escrever, para se iluminar, para matar o seu proximo, para adoçar o seu café, para atenuar a sua sêde e para pôr termo á existencia. A Providencia tambem nos forneceu novo mil e tantos lapis afim de proteger as industrias dos versos liricos, das entrevistas por cima de toda a folha e das revistas para assar.

A' primeira vista o valor de 2 dollars 45 atribuido ao homem—a revista americana é redigida por pessoas bem educadas que não avaliam a mulher no ponto de vista da iluminação da grafite e do amido—pode parecer modico, se o considerarmos, por exemplo, em relação ao preço de uma vitela de peso equivalente.

Mas a vitela não adquire esse valor senão depois de morta. Ao passo que enquanto vivos e alem do valor absoluto acima enunciado, o homem em pé, o funcionario sentado, a mulher deitado, tem um valor ficticio e fiduciario, variavel segundo a hora, o meio e o scenario em que vivem.

Em qualquer especie de boi os diferentes bocados: assem, rabadilha, pojadouro, tem um valor cotado segundo uma tarifa imutavel. Ha só uma qualidade de vaca—o boi no talho não muda de sexo—; ao passo que ha muitas especies de homens. No artista e no artifice é a mão que vale dinheiro, na dançarina e no cantor é o pé. A barriga faz valer o politico e o dono de restaurante. As nadegas são o ganho pão do burocrata e do cavaleiro. E no antebraço que na classe militar exprime o valor estimativo, indicado pelos galões,

O coração nunca valeu nada em pessoa nenhuma; pelo contrario representa um valor negativo que deprecia o individuo e prejudica a colectividade.

Quanto ao cerebro, ha certos idiotas que imaginam ter ideias preciosas. Nessa convicção vão vivendo, cheios duma miseravel vaidade, até que chega o dia em que são reduzidos ao seu verdadeiro valor: algumas grosas de lapis e alguns centos de caixas de fosforos.

ANDRE' BRUN.

Asilo-Oficina Santo Antonio de Lisboa

Amanhã, domingo, pelas 15 horas, realisa-se na séde desta tão prestimosa instituição, Avenida Almirante Reis, 38, uma sessão solemne para distribuição de premios ás educandas, que outorgou, durante ele, diversas canções. A's 14 horas será distribuido um jantar, que é oferecido pelo membros da Direção e Conselho Fiscal.

O edificio do asilo e a exposição de trabalhos executados pelas educandas, estarão patentes ao publico das 13 ás 18 horas.

Uma palestra interessante

Ouvindo o sr. dr. Mates Cid

As reformas do inquilinato e do regimen prisional

A' porta da «Marques» fumando um optimo havano de que contemplava beatificamente os espirais do fumo azulado, o sr. dr. Matos Cid, antigo ministro da Justiça no governo presidido pelo sr. Barros Queiroz, correspondeu com um sorriso e um aperto de mão ao nosso cumprimento.

—Que quer v. de mim?—pergunta o distinto advogado. Mais uma nova entrevista?...

—Apenas duas palavras, cinco minutos para perguntar a v. ex.ª o que pensa sobre a actualização dos impostos...

O sr. dr. Matos Cid fita-nos com um olhar que denota uma certa extranheza:

—Mas, meu excelente amigo, eu não sou financeiro!...

—Bem o sabemos, mas como a actualização dos impostos implica com a remodelação da actual lei do inquilinato?...

—Ah! sim, compreendo onde quer chegar. Não ha duvida alguma de que é absolutamente necessária a remodelação da lei do inquilinato, mas isso, meu caro jornalista, não é assunto para se tratar á porta duma pastelaria, ainda que essa pastelaria seja a «Marques».

«E' um caso muito e excepcionalmente grave, e não é numa entrevista só «ol d'oiseau» que eu poderei dizer o que penso sobre tão importante assunto.

—Mas, sr. dr. Matos Cid, nós não pretendemos uma entrevista, e duas palavras suas bastariam, talvez, para elucidar os leitores d'«A Capital» sobre a viabilidade da actualização dos impostos, no que diz respeito, bem entendido, á propriedade urbana.

E' a um sorriso de duvida do ex., nós insistimos:

—Dizia-se, não sabemos se com fundamento, que o sr. Peres Trancoso tencionava apresentar um projecto de lei sobre a actualização dos impostos, e que pela pasta da Justiça seria apresentado um outro remodelando a lei do inquilinato, e em que se concedia aos senhorios o poderem augmentar de 30 % as rendas que os inquilinos pagavam em 1914.

O antigo ministro da Justiça esboça um sorriso de incredulidade e exclama:

—Mas isso não pode nem deve ser assim! Veja v. o que sucedeu com um decreto semelhante publicado ha tempos, em que não se permitia o augmento das rendas dos predios construidos, creio que até 1919. Os outros, os proprietarios das habitações construidas depois disso, podiam o que queriam pelas rendas desses predios, e estavam dentro da lei!...

«De resto, o augmento de 300 % sobre as rendas de 1914 não seria justo e complexo, porquanto a essa data inquilinos haviam que pagavam rendas minimas, como quatro o cinco escudos por seis e oito divisões. Com esse augmento passariam agora a pagar doze ou quinze escudos por mez, o que seria ridiculo na presente situação economica.

—Como se poderia então remodelar a lei do inquilinato?

—Já lh'o disse ha pouco: isso é um assunto de reconhecida importancia, e eu não posso de modo algum emitir assim a minha opinião.

«No entanto, sempre lhe poderei dizer que a reforma da lei do inquilinato deve ser estudada com muito criterio e imparcialidade, de modo a não ferir os interesses nem dos inquilinos nem dos senhorios.

—Uma pergunta ainda, sr. dr. Matos Cid: O que ha a respeito do seu projecto sobre a reforma do sistema prisional?

—Para lá está, na comissão encarregada de o estudar. Parece-me, segundo me informaram, que o governo tenciona aceitar as bases gerais do meu projecto para efectivar a reforma do regimen prisional.

E concluindo, ao mesmo tempo que nos dava um vigoroso aperto de mão, s. ex.ª acrescentou:

—De resto a reforma prisional deve ser feita conjuntamente com a reforma do Codigo Penal, que já é velho, absolutamente fora dos processos novos de Justiça, como aliás tantissimos regulamentos e leis que regem isto tudo...

Os soviets

Um acordo entre a Inglaterra, França e America para derrubar os bolchevistas?

BERLIM, 3.—O general Slaschzev, que fugira de Constantinopla para se bandar com os bolchevistas, teve uma conferencia com Lenine e Trotzkine, em que deu exatas informações sobre o exercito Wrangel, a que pertencera. Informou os dois caudilhos bolchevistas da existencia de um acordo entre Warangel, a Inglaterra, a França e a America para derribar o bolchevismo. Indicou até o nome dos generaes de Warangel bem como tambem o nome daqueles representantes do exercito vermelho que mantinham relações secretas com o general Warangel.

O mesmo general Slaschzev, dirigiu ao exercito de Warangel um apelo que começa pelos seguintes termos: «Apelo para vós oficiais e soldados. Voltai á vossa patria, sujeitai-vos ao poder dos soviets, não sois escravos do capital estrangeiro, por cuja causa, escravos que combatem contra a sua propria patria e seu povo.» Este apelo está tambem assinado por um outro general que fugiu de Constantinopla com Slaschzev.—(R.)

CROQUIS DE VIAGEM

Por terras já dantes viajadas...

II — O eterno sorriso de Paris

12. Set.

Seis horas da manhã sou acordado, no meu sarcófago ambulante, para pagar perto de 4 escudos.

Desde a vespera, á partida, recolhera os cobres de papel portuguez julgando não mais serem necessarios. Mas passada uma noite inteira de velocidade... de luxo, o rapido mais rapido que nos une á Europa, dá-me a triste desilusão de estar ainda em Portugal. Realmente só entre nós se podia conceber esta ideia curiosa de ter de pagar uma sobretaxa ao passar pelos «rails» da Beira Alta. Compra-se o bilhete, paga-se tudo que é necessario em velocidade, locações, o diabo em papelinhos, mas... faltava ainda este espectular comico dos escudos á Beira Alta por passarmos sem transbordo, nas suas linhas. Quebrado o sono desço do meu «casifo», que um jovem vem enfardar e disfarçar de... assento.

A noite passa por o lado de lá da fronteira, o friosinho da manhã entra pela vidraça e por mais que puxe da minha coreografia e lembre os mapas onde a minha curiosidade tem viajado não sei, ao certo, em que parte de Portugal estou. E' campo, quasi arido e cheira-me ás proximidades de Espanha.

A's 8 horas com efeito o grande rapido de luxo para em «Vilar Formozo» onde alguns capotes beirões sonolentamente procedem a formalidades burocraticas e aduaneiras. São 8 e 20 minutos depois atravessada a fronteira em ponto invisivel chega-se a «Fuentes de Onoro». Nada de novo. Apenas são 7 horas e meia; rejuvenesceido uma hora, disponho-me ao aborrecimento da travessia daquele deserto escalvado e castanho que se chama «Leon». O «wagon lit» nem sequer nos dá a regalia de observarmos os panoramas... dos nossos companheiros de compartimento, prazer a que sempre me dedico em viagem. Por isso só ás 11 horas conto que «Salamanca» está «en su sitio» e «Medina» ao meio dia oferece-me os seus cães desguarnecidos para despojo dos meus ossos.

Com um atrazo insignificante valeme o rapido de «Madrid» que por ali passa e me alberga num salão incómodo de companhia com várias familias portuguezas e brazileiras que vão curar os males... aos modistos de Paris.

Uma ideia é preciso fixar: os comboios em Espanha já andam pelo seu pé, ou por outra, pelas suas rodas; não chegam atrazados; esse mal contagion-se-nos e não os nossos que perdem as ligações, que chegam quando chegam, e partem de vez em quando. O espanhol ri-se hoje de nós com grande razão. E, apezar da minha pouca simpatia instintiva pelos vizinhos reconheço-lhes cortezia, franqueza e uma desenvoltura de pessoas nadando em felicidade. Sempre é gente que come... e come barato. Um almoço, com vinho e gorgeta no «Wagon-Restaurant», por 8 pesetas é qualquer coisa para eles como 16 tostões dos... antigos.

Sobre o comboio, agora atravessando uma pastosa massa de cazario que uma flexa cristã protege e se chama «Valadolid», cai um calor... pical. Quando vamos entrar na zona fertil do norte, escurece o dia. Reconheço agora o trajecto; Miranda, a silhueta espantosamente bela das torres da catedral de Burgos, Vitoria, os vales apertados, a vegetação onde se destacam os letreiros e anuncios de sabões farinhas, hoteis, fabricas, jornais, em «placards» imaginosos e expressivos duma actividade industrial e comercial que nós nos esforçamos por querer ameaçuinhar assobiando de papo para o ar o hino da restauração.

Já noite, janta-se. Infalivelmente «Rioja» a regar um peixe pôdre e uma colecção de ossos de galinha que me indispoem. Ninguem come peixe senão uma ingleza, senhora só tão como todas as inglezas senhoras sós, saida por ela abaixo e desgraciosa com um espargo sem manteiga.

Em S. Sebastien — que saudade tenho desta linda vila—ha uma debandada de familias espanholas, grulhada irreverente, buliçosa, cantante; uma «niña» traz castanholas na garganta e combina com «su novio» um «baile», tres «tea-dancings» e não sei quantas mais festas em... socorro dos feridos de Marrocos que não tornarão a dar um passo na sua vida e outra dança: a «pavana» do Marrocos.

São 10 da noite quando Hendaya aparece.

Corre-se á alfandega, abrem-se, fecham-se as malas, carimbam-se os passaportes e busca-se em correria o lugar para Paris.

Entrar em França é sempre como chegar ao nosso paiz; todos os franceses tem caras nossas conhecidas. As camas estão feitas e mal o comboio se põe em marcha, no negrume da noite, volto a ser embalado como num colo de aço em que me levassem a adormecer.

13. Set.

Pelo que me diz o condutor, um velho que conheço não sei de onde, enquanto escamoteia a cama, estive hoje para me suceder a historia do homem que acordou... morto. Pelo silencio das duas horas da manhã, para áquem de Bordeus a maquina parou num descampado. Avaria? Parece que sim. Escuridão absoluta. Uma hora depois os que estavam acordados sentiram por detraz, ao longe, o ronco longinquo doutro expresso marchando em cima daquele. Espectaculo optimo para lesões de coração. Foi necessario disparar 3 tiros para o ar com a maquina, para que o outro parasse a algumas dezenas de metros á retaguarda de nós... E é isto.

Viajar não ha ninguem que me tire da cabeça, é cada qual em sua casa a ler os livros dos outros! Já da mesma opinião não é o meu companheiro, um portuguezinho gordo, que fez fortuna ultimamente e que palitando os dentes depois do café, me confia secretamente as suas aspirações:

—Isto de «Wagon-Lits» é uma grande coisa; mas tomára já que haja o «sleeping».

A chegada a «Paris» faz-se ás 11 horas e meia. E' sempre o mesmo alvoroço em quem lá chega. Da «Austerlitz» ao «Quai d'Orsay» ninguem vai sentado, apesar da escuridão dos tuneis. Logo, nos olhos de quem nos espera, ha beijos de afectividades. Dois minutos e pronto, o «Sena», cinzento, esfumado, torrente de solda prateada, alegra-nos a vista. Aspectos conhecidos. Recortes de edificios mil vezes decorados, as pernadas elegantes das pontes; o «taxi», o mesmo, o sempre eterno «taxi» vermelho, ferilha doidamente, com uma probabilidade maxima de choque e atropelamento, e, uma estatistica minima na percentagem de acidentes. O «taxi» — soube-o agora, este cançado aspecto de automovel desleigante que é afinal um dos melhores serviços de Paris—tem a sua historia, a sua corôa de guerra.

Gallieni uma noite mobilisou todos, afim de fazer sair de improviso em direcção ao «Marne» as tropas que foram ajudar Joffre; lagarta vermelha, cocheando pelas estradas da «banlieue» pejada de «poilus», salvou a França.

Contou-me um «chauffeur» de bigode louro farto, idade igual á de todos os colegas, e que me levou á «Pensão Peyris», já apresentada a veolencias, o ano passado. Aqui, Rue du Conservatoire, e no «Bayard» defronte continuam os portuguezes a estar como «chez soi». Este ano abundam os brazileiros e principalmente os hespanhois, argentinos, cubanos, os «novos ricos», em suma. «M.me Peyris» dá-me novidades: Que tem um neto, tendo sido a «mademoiselle» (sic) sua filha muito feliz. Que o preço da pensão por dia é o mesmo do ano passado, o que para mim paradoxalmente quer dizer que me custa ... o dobro.

Cada franco custou-me, este ano, 8 tostões, e arrependo me de os não ter vindo comprar a Paris, onde pelo nosso magro dinheiro, apezar de tudo, me dariam francos a 600 e tal! Vá lá uma pessoa a perceber os cambios da pequena «Republica da R. do Comercio!»

Almoçado, deito-me ao rio... de gente que passa no «boulevard» e sinto-me alagado... em caricias. Paris afaga, Paris sorri interminavelmente; incontestavel, como diz o poeta, que anda pé de arroz no ar.

E a atracção especial desta vivacidade, desta «charme» inesplicavel domina-me, faz-me esquecer, perdido pelos «boulevards», pelos jardins, até que o crepusculo vem pôr uma nota de melancolia nas coisas e nos sêres; mas anda-se, anda-se sempre.

Depois do «boulevard» de dia, ha «Montmartre» á noite; e eu venho encontrar Paris novamente iluminado, fogo de vistas policolôr, lantejoulado de anuncios a incendiar os predios. Porta sim, porta não, a «rue Faubourg Montmartre» dá nos um pequeno «cabaret», até á «rue Pigalo» rio de perdições que vae desaguar no «boulevard» «Rouchechouart», encontrando-se no caminho tudo quanto se possa fantasiar desde a «Boite á Fursy», o «Porchoire», «Tabarin», «Casino de Paris», «La Pie que chante», os imensos Ratos, que morrem, vivem e revivem, o «Inferno», o «Ceu», a «Cigale», dezenas, qual dando mais a nota de originalidade, de modernismo e atracção.

A' noite, muito noite, sai comigo o companheiro sempre ajudado por Eça. Ama-se, faz-nos perder a noção do tempo e do dinheiro, e não sei onde iria parar se ao transferir os francos, gastos durante um meio dia bem passado, para escudos não caisse em mim dolosamente.

—Não és mulher para mim não!... Muito cára. Amanhã abandono-te. Vou ao meu destino. Adeus Paris! Adeus «Coquette»!

ARMANDO FERREIRA

POLITICA

Crise ministerial?

Ela virá talvez a declarar-se ainda hoje, perdendo porem, o primitivo aspecto politico

Se o espaço duma manhã é suficiente para fazer murchar as rosas, uma boa noite basta para transformar, pelo menos aparentemente, a marcha logica dos acontecimentos politicos em Portugal. A crise que a Nação atravessa parecia ontem, ao fim da tarde, bastante esclarecida, se bem que do horizontes assignalados por nuvens negras, caliginosas, precursoras do violento temporal. Verificava-se o rompimento definitivo entre o governo e os partidos da conjunção republicana, pretextado, ainda mais que motivado, no jogo do cabra-cega eleitoral; o sr. coronel Maia Pinto, chefe do governo, dirigira-se ao encontro do sr. presidente da Republica, naturalmente para que o Supremo Magistrado da Nação servisse de arbitro na contenda convocaram-se conselhos de ministros, antes e depois e a toda a hora; e quando o montanha la finalmente dar de si, a cidade amanheceu surpresa, ao ler esta «nota oficiosa» publicada nos jornais matutinos:

«O governo não obstante a falta de concordancia manifestada pelos partidos constitucionais relativamente ao problema eleitoral, tendo em atenção a resolução urgente de graves problemas de ordem financeira e economica pendentes, os quais para interesse da nação devem prevalecer acima de todos os outros, deliberou continuar no poder até considerar terminado a sua missão».

Esta prosa tem a virtude de ser ininteligivel. Não encontramos ninguem—e não foram poucos os politicos que interrogámos!...—que nos desse a decifração do enigma politico que esta sibilina nota oculta. Diz-se nela que o Governo fica. Está bem. Explica-se tambem que fica «por cumprir a sua missão». Excelente! Simplesmente nós não sabemos já em que consiste essa missão nem quais são os meios de que vae usar ou servir-se para dar viabilidade ao seu proposito. Ainda ha poucos dias que essa missão consistia, conforme as declarações governamentais, em fazer as eleições e, tanto quanto constitucionalmente não era possivel, por em lei reformas administrativas, de inadiavel e urgente necessidade. Não falando nessas reformas que, aliás, já não são realisaveis dentro dos quinze dias que procedem e que se seguem as eleições, nós perguntamos se o governo vai realmente realisar o acto eleitoral, submetendo-se ás pressões partidarias que originaram aparentemente, o embroglio politico dos ultimos dias.

A nota oficiosa é pois, um misterio que o tempo se encarregará de desvendar. Talvez que a chave da decifração esteja na seguinte noticia, enviada para os jornais com caracter de oficiosa:

«O governo resolveu pedir ao sr. presidente da Republica a reunião para hoje de um conselho de ministros sob a sua presidencia, a fim de tratar de questões de ordem administrativa.

Depois do conselho di ministros o sr. presidente do ministerio avistou-se com o chefe do Estado, ficando o conselho, a pedido do governo, marcado para hoje ás 15 horas».

Esta tarde vai, pois, realisar-se um conselho de ministros, destinado talvez a imprimir novo caracter á crise ministerial latente. Até ontem, a questão do conflito eleitoral parecia ser o «pivot» unico onde girava o maquinismo governamental; é possivel que se dê agora outra forma á crise, filiando-a em divergencias de ordem administrativa, entre o governo e o chefe do Estado.

Nós ouvimos, efetivamente, que o sr. Peres Trancoso, ministro das Finanças, redigira e submetera á assignatura presidencial dois decretos, ambos previamente aprovados em conselho de ministros. Esses dois diplomas são daqueles a que se costuma chamar de «bota-abaixos ou de «vai ou racha», mas, por desgraça, nao colhemos mais informações do que as acima expostas, o que é pouco, concordamos, mas não se pode exigir mais a quem di o que tem. O sr. dr. Antonio José d'Almeida teria negado a sua assignatura a esses decretos? Não sabemos ao certo, mas diz-nos que sim. E' esta questão que será desvendada e ainda hoje e que pode conduzir á queda do governo, se o Chefe do Estado persistir no seu proposito e não promulgar esses preciosos diplomas.

A crise mudaria assim d'aspecto, deixando de ser exclusivamente politica para ser apresentemente administrativa.

E' claro que os leitores de «A Capital» encontrarão na «Ultima Hora» as informações complementares que se podermos obter.

ECONOMIA NACIONAL

O sr. Alvaro de Lacerda

DIZ-NOS:

o que foi o Congresso Economico do Porto, e os prejuizos que advem do imposto ad-valorem

De fagida numa das ruas da Baixa abordámos o sr. Alvaro de Lacerda.

—Então o Congresso do Porto?

—O melhor possivel.

—Diga-nos duas palavras...

—Olhe veja os jornais do Porto.

—Mas a sua opinião.

—Foi uma maneira adequada admiravel de interessar o comercio em problemas da maior importancia para a vida nacional.

—E compareceram delegados de todo o paiz?

—Sim, de todo. Venho o melhor impressionado com o que lá se passou.

Necessitavamos tocar um assunto, insistimos.

—Quais foram os assuntos que mais prenderam a atenção do Congresso?

—Entre outros bem importantissimo, o imposto «ad valorem». Não faz dizer o que este imposto tem contribuido para a irregularidade das relações economicas dentro do paiz e para o aumento do custo da vida.

Este absurdo imposto que as Camaras lançam sobre os productos saidos do seu concelho tem causado serios embaraços á industria. Por exemplo a fabrica Brandão Gomes em Espinho esta paralisada. Calcule que o fabricante, que negocia com varios productos, tem que ir busca-los aos diversos pontos do paiz em concelhos diferentes, e como cada concelho lhe lança um imposto de saida, resulta que, em cada producto consumido na fabrica de conservas entram trez e quatro impostos «ad valorem». E ainda por cima tem que pagar o imposto de saida do concelho em que labora.

Como vê assim é impossivel.

Ha Camaras como por exemplo as dos concelhos limitrofes, que fazem mil contos por ano neste imposto, e como as suas despezas não são grandes ficam com um saldo positivo exagerado que muitas vezes é aplicado a despezas de que não resulta interesse imediato.

—E que tenciona fazer o Congresso?

—Impedir que isto se dê. Como tal já representámos ao ministro e continuaremos enquanto não formos atendidos.

Tambem mereceu grande atenção ao Congresso a protecção aos nossos pescadores de bacalhau.

Temos facilitado em haler a concorrencia estrangeira se dispensarmos uma eficaz protecção á nossa exploração, tendo sobretudo em conta tambem o que se faz com os pescadores ao pé da costa como nos pescamos as sardinhas e nós temos que ir busca-lo á Terra Nova, sujeitando-nos a todos os riscos e dispendios.

E por agora mais nada conclue o sr. Alvaro de Lacerda. O resto já vão nos jornais. E continuou o seu caminho, interrompido pela curiosidade do «reporter».

Casa roubada...

O sr. ministro das Finanças que eu conheço ha muito atravez de algumas paginas curiosissimas sobre costumes orientaes — tem-se mostrado, desde que o destino implacavel o levou ao Ministerio, dum optimismo encantador. Bem sei que o optimismo é a doutrina dos fortes — mas sei tambem (e com que dolorosa evidencia) que os altos interesses do paiz não correm positivamente em maré de rosas. Mas nem por isso e talvez por isso mesmo a doutrina celebre do dr. Pangloss deixou de ser instalada comodamente no Terreiro do Paço. Portugal é um paiz muito interessante. E' uma verdadeira «boite á surprises.» E' pois explicavel o criterio transparente do sr. ministro das Finanças. A verdade é que o paiz não tem cinco réis — para mandar cantar um cego. Não tem. Porquê? Não o digo. Entraram depois da casa roubada — Trancou a porta.

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

Artistas Catalães

No rapido das 8,30 de hoje, partiram para o Porto os ilustres catalães srs. Joseph B. rbey, conselheiro municipal, Felix Elias, pintor e critico de arte e C. Bernardinas, que foram agradecer á Sociedade Nacional de Belas Artes da capital do Norte o convite feito para fazerem uma exposição de arte catalã naquela cidade.

No Nogaro, a despedirem-se, vimos os srs. Francisco Santos, escultor, Severo Portela, pintores, Martinho da Fonseca, Humberto Pelagio, Benvindo Ceia, Pedro Guedes e o arquiteto Antonio do Couto.

Sociedade Nacional de Belas Artes

Abre amanhã na S. N. B. A. na rua Barata Salgueiro, a exposição de Tapetes de Beiriz dirigida pela Sociedade de Venda de Productos Industriais. L...

Factos e palavras

A PROPOSITO DA SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS-ARTES

(Casmurrice de velhos, e pertinacia de novos)

— *O que é a Sociedade Nacional de Belas-Artes?*

— *Um casarão, onde cada um pendura á altura da barriga a sua incompetencia de vêr sem ser com os olhos da cara! Um casarão para pintores pintados, caxas, mudos e bermudos, que arrotam ai as suas digestões dificeis de pasteis e pinturas a oleo de figado de bacalhau.*

E desde as Santas aos Reis continuarão, comcerteza a obstinaram-se em birras de velhos deante dum gesto historico de bico de pé!...

Que para ser velho nem é preciso ser da edade dos mais edosos: a edade não consta da certidão de edade; um camelo, por exemplo, é sempre mais velho que um homem, e um homem por si, pode ser muito mais novo que muitos homens que ainda hão-de nascer depois de si.

Ah, senhores, como tudo o que é velho é de sobejo e necessitava ser lavado á esponja! mesmo com a capa cheia de quadros eu tenho a impressão de que não ha nenhum quadro senão quando está alguma janela aberta!

Quem me dera no tempo em que Camões morria de fome e não havia gatos nacionais.

Ha duas grandes vergonhas neste mundo: não a ter, e ser socio nacional das Belas-Artes, socio filarmonico das horriveis artes!

Ora isto, senhores, sou eu que escrevo, eu que perante os socios da sociedade nacional, tenho o gesto salutar de voltar a cara, e um pavoroso gesto nacional!

MARIO SAA
ex-pintor portuguez

❖ ❖ ❖

A França acaba de estabelecer uma nova linha de comunicação com o Norte de Africa. Já estava em ligação com Marrocos pela linha de aviação Toulouse-Casablanca, o agora estabeleceu um novo serviço de hidro-aviões organisado pela «Companhia de Navegação aero-naval».

A primeira secção desta nova linha está agora concluida e foi aberta ao trafico em 30 de Novembro, depois de terem sido realisadas diversas viagens com bom exito. Os hidro-aviões conservam-se em comunicação permanente pela telegrafia sem fios com a França ou com a Corsega, e levam duas horas a percorrer a distancia que dantes demorava sete horas por barco. As primeiras viagens provocaram um enorme entusiasmo na Corsega e na Côte do Azur e os pedidos de logares excede imenso a lotação a bordo dos aparelhos.

❖ ❖ ❖

Pelos cinemas — não nos nossos — aprendem-se, ás vezes, coisas singulares. Entre nós, o cinema está longe, muito longe, de ser moralisador. Aquelas enormes fitas com quatro mil episodios, todos eles, pormenorisando, requintadamente, crimes e escaladas, assaltos e envenenamentos, deviam desaparecer dos «écrans». Seriam substituidos por «films» extraidos de bons romances — vão surgir dois em breve; — fitas instrutivas, que nos levassem, de passeio, pelos nossos arredores — os mais belos de Portugal — amenisando-os, digamos assim, com historias alegres que não necessitavam roçar pelo disparate absurdo. Poder-se-iam mostrar no nosso povo, que é facil, os costumes interessantes dos outros paizes, atraz dos quais nós correríamos; como as leis neles se cumprem; os grandes desastres... que série infinita de belos «films» substituiria, com vantagens remarcaveis, os roubos e mistérios que todos os noites, como agua mole em pedra dura, vão martelando o cerebro das creanças, sempre propenso para o mal.

Ali, por exemplo, no «High-Life», onde a frequencia de menores é assombrante, que belo escola não surgiria ensinando, moralisando e espalhando naquelas almas rudes a semente do bem... Ah! isto são quimeras!

—Mas nos cinemas — não nos nossos — surgem, por vezes, coisas singulares. Ha dias, no Cairo, exibiu-se um «film» onde se mostravam os exercicios que, em Paris — e com tão bons resultados — tem praticado os cães-policias. Neste momento ensinava-se os cães a reconhecer os malfeitores e os scenas seguiam lentas, umas após outras. Na sala do espectaculo, e ao lado dos respectivos donos, havia dois cães: um de gado, alsaciano, o outro de raça vulgar, ambos enormes, valentes. Fazia calor e as linguas dos animais pendiam, emquanto eles fitavam, curiosos, as imagens que o «écran» reproduzia. Agora é um cão-policia que mostra as suas habilidades, quando, subito, surge na fita um individuo andrajoso do saco e cordo,—aqueles que os cães mais detestam. O animal, ao vel-o, forma o salto e atira-se ao homem, lutando bravamente.

Então, na sala, os dois cães, vendo o colega arremessar-se ao ladrão, romperam a ladrar e quizeram atirar-se violentamente ao lençol branco onde a luta continuava. Prontamente dominados pelos seus proprietarios, os animais, sempre rosnando, olhos fitos no «écran», miravam, contentes, o camarada que, alfim, domára o malfeitor. E só quando a «fita» findou é que os nobres animais readquiriram a sua tranquilidade, emquanto a multidão saía ameigando-os alegremente...

❖ ❖ ❖

A França, em todas as suas Universidades e Academias, vai celebrar dentro de breves dias, o mais glorioso centenario — o de Pasteur, o sabio a quem a humanidade inteira tanto deve. Na festa que, como é de calcular, será imponentissima, tomará parte a Academia de Belas Artes, onde, ha bons sessenta anos, o sabio ilustre era professor de fisica, tendo ahi por discipulos o grande pintor Regnault, o esculptor famoso que é Antonin Mercié, Allar e Laguillermie, todos eles membros, hoje, da Academia de Belas-Artes, e que, como a França, como a Humanidade, não esquecem o sabio que foi Pasteur.

Pasteur!

E sabem os leitores quais eram os honorarios do sabio a dentro da Academia? 2:400 francos anuais...

❖ ❖ ❖

O Instituto de França conta, entre os seus membros, tres Bourgeois, e as pessoas que lhes escrevem não sabem o trabalho que dão aos porteiros do Palacio de Mazarino! Todos os dias chegam cartas dirigidas ora ao presidente do Senado, Leão Bourgeois; ou ao seu colega da Academia das Sciencias Moraes e Politicas, Emilio Bourgeois; ou ao general José Bourgeois, que pertence á Academia das Sciencias.

A maior parte das pessoas que escrevem aos tres ilustres personagens, limitam-se a este endereço: «Mr. Bourgeois, membro do Instituto». E lá estão os porteiros, embaraçados, em palpos de aranha, para saberem a qual dos Bourgeois as cartas se referem... Entregaram-as a todos expondo Emilio Bourgeois, antigo director da Sèvres, a uma consulta sobre a Sociedade das Nações; o general a vêr-se embaraçado e Leão Bourgeois a tratar um problema sobre T. S. F., aviações, ou meteorologia, que são da competencia do general. Vai dahi foi pedido pelo menos áqueles a quem era possivel fazel-o, que juntassem nome e denome.

❖ ❖ ❖

Vicente Arnoso, o poeta ilustre de «Coimbra, terra d'Amores» acaba de publicar, ilustrado por Carlos Cordeiro e editado pela «Lumen» um novo livro, intitulado «Cantigas e mais cantigas». São dele as seguintes quadras:

Sósinho ninguem se sente,
Deixa fallar, quem diz lá;
Por mais só que a gente vive
Ha mortos, por nosso mal.

Andorinha volta sempre
Em cada ano ao seu ninho,
Por mais voltas que eu de
Volto sempre ao seu caminho.

Arvore morta, faz pena
Não a cortes, deixa-a estar.
De viver mais duma vez
Ninguem se pode gabar.

Uma fonte aqui bem perto
Vae sempre secca no verão
Vem o inverno alaga-a
Que penas virão do chão!

Loteria de Lisboa

Numeros mais premiados

6006 60.000$00

1734	10.000$00
3109	4.000$00
3551	2.000$00

SALÃO CENTRAL

Madame Dubarry

A adaga misteriosa

A belissima pelicula, do grande «metragem, «Madame Dubarry», que tanto sucesso tem causado naquele elegante cinema, despede-se hoje do publico. Não voltará a exibir-se, pelo que não devem as pessoas que ainda não assistiram a tão extraordinario acontecimento cinematografico, perder a noite de hoje, sem duvida de rara concorrencia.

Para a proxima segunda feira reserva a empreza uma estreia sensacional: o film em 18 episodios «A adaga misteriosa, do reportorio do notabilissimo actor norte americano Eddie Polo, o mais afamado e o mais popular artista de fitas de aventuras.

A nova produção cinematografica é uma verdadeira maravilha na sua especialidade, não só pelos novidades que encerra, cheias de emoção e de imprevisto, como pelo desempenho dos seus principais interpretes, dentre dos quais se encontra o prodigioso Eddie Polo, o rei da força, da intrepidez e da temeridade.

Belos vão ser as noites que vamos passar, admirando o novo trabalho do grande atleta, tão querido para o publico de Lisboa.

Musica

O CONCERTO BLANCH DE AMANHÃ

Damos a seguir, completo, o assombroso e artistico programa do concerto da «Orchestra Synfonica Portugueza», dirigida pelo maestro Pedro Blanch que amanhã se realisa no São Luiz e que tanto entusiasmo está despertando:

1.ª parte—I «A vida pelo Czar» overture, 1.ª audição, Glinka; «Capricio espagnol», Rimsky-Korsakoff. II a) Alborado; b) Variationi; c) Alborada; d) Scena e canto gitano; e) Fandango asturiano. Todos estes numeros são executados sem interrupção.

2.ª parte—III «Synfonia em sol menor». Mozart, a) Allegro; b) Andante; c) Menuetto; d) Finale.

3.ª parte—IV «Rigodon de Dardenus», Rameau; V «Tannhauser, ouverture Wagner.

OS TEMPORAIS

Os desmoronamentos

Continuam os trabalhos de remoção do entulho proveniente do desabamento ocorrido na rua Correia Teles.

Como o predio a Campo de Ourique situado na rua n.º 2, ameaça ruina, predio que fica situado nas trazeiras do que abateu na rua Correia Teles, vai o proprietario do mesmo ser intimado a proceder o mais rapido possivel ás respectivas obras, afim de evitar qualquer desastre.

O proprietario do predio da rua Correia Teles, foi intimado a compareceer no governo civil afim de prestar declarações.

PELO TELEGRAFO

A Conferencia do desarmamento

Briand chegou a França

HAVRE, 3.—Chegou de Washington o Presidente do Governo francês.

Sendo entrevistado declarou que se a França conserva as suas espingardas e os seus canhões não é por gosto. Referindo-se aos armamentos navais disse que a França não levantaria dificuldades. Sobre os falsos e odiosos desigaios que lhe foram atribuidos relativos á Inglaterra e á Italia declarou que os aliados da França deviam tapar os ouvidos a tais boatos, e que estava certo que a aliança continuará a ser o que foi nos grandes dias de perigo.—(R).

A atitude do Congresso dos Estados-Unidos

WASINGTON, 2.—O representante do Estado de Massachussets requereu no Congresso que os Estados Unidos não concordassem com nenhum limite de desarmamento naval sem que primeiro tenha sido denunciado o tratado anglo-japonez.

A moção apresentada classifica o tratado como aliança ofensiva e defensiva, e portanto em contradição com o espirito das propostas americanas.—(Lat. Am.)

A França não quer igualdade de desarmamento com o Japão

WASHINGTON, 3.—Causou aqui surpreza geral a exigencia da França. O sr. Briand desmentiu que o seu paiz pretendesse ser igualado ao Japão, no numero de navios de combate de primeira classe; mas logo em seguida reclamou um enorme aumento de material de guerra e esquadras submarinas.

Este facto surpreendeu os delegados e tecnicos americanos e consta que um deles apreciára a proposta franceza, exclamando: «A França esquece que estamos numa conferencia de desarmamento».—(Lat. Am.)

A questão alfandegaria da China

WASHINGTON, 2.—Os delegados chinezes levantaram a questão dos direitos alfandegarios, reclamando a autonomia aduaneira da China. Os Estados Unidos e a Inglaterra opinam que se mantenha a administração e pautas actuais, com um pequeno aumento para realisar um saldo mais proporcional ás necessidades do governo de Pekin.—(Lat. Am.)

A imprensa americana e o tratado anglo-japonez

WASHINGTON, 2.—A imprensa americana continua a mostrar um grande interesse pelo tratado anglo-japonez, e os delegados da Inglaterra são continuamente assediados com perguntas sobre a aliança.

Não existe nenhum tratado de arbitragem entre a Inglaterra e os Estados Unidos; o que existe é um acordo pelo qual uma contenda susceptivel de causar uma tensão de relações entre os dois paizes, só será discutida depois de decorrido um ano.—(Lat. Am.)

O tratado anglo-niponico

WASHINGTON, 2.—Os Estados Unidos conservam-se alheios ás discussões das propostas que por varias vezes lhes teem sido apresentadas sobre a conveniencia de dar maior latitude ao tratado anglo-niponico, encorporando nele todas as acções do Pacifico.—(Lat. Am.)

A Alemanha e os aliados

A moratoria pedida pela Alemanha é bem recebida pela Inglaterra

LONDRES, 3.—Segundo a «Westminster Gazette» os peritos financeiros ingleses consideram a moratoria pedida pela Alemanha como uma solução provisoria das actuais dificuldades, visto que a crise a que ela deu logar não será evitada mas simplesmente adiada. Consta terem proposto a realisação dum emprestimo internacional, á taxa de 4 0/0, garantido por toda a propriedade alemã e subsequentemente pela Liga das Nações, devendo esse emprestimo ser amortisado anualmente de moneira a ser extinto dentro de 42 anos.

O «Times» diz que a moratoria não deverá ser concedida para reduzir a importancia das reparações a pagar, mas unicamente para obter garantias para o pagamento dessas reparações.

Outros jornais escrevem que a moratoria faz parte do plano do governo inglez, que pretende restaurar o equilibrio economico da Europa.

Os circulos oficiais são aparentemente optimistas sobre o sucesso das negociações, as quais terão contudo que ser aprovadas pela Comissão Internacional de Reparações, no passo que os circulos financeiros se mostram mais reservados, receando que grandes dificuldades terão ainda que ser vencidas por não se dizer respeito aos detalhes da operação.

Julga-se que a França oferecerá forte oposição a todos os projectos de reorganisação, tanto mais que se espera que o sr. Briand, que já está de regresso á Patria, adoterá na Camara uma atitude espora contra a Alemanha, afim de defender a sua propria posição, que é seriamente atacada pelo sr. Poincaré e pelos seus partidarios por causa do seu procedimento durante a Conferencia de Washington.

A incerteza sobre esta questão prevalece em Berlim, refletida pelas grandes flutuações no cambio do marco.—(R.)

As despezas da comissão militar inter-aliada

BERLIM, 3.—O total das despezas feitas pela Comissão Militar inter-aliada, que esteve na Alemanha durante o mez de outubro ultimo, importa em 1.250 milhões de marcos, representando a quinta parte desta importancia o que se se dispendeu só em automoveis.—(R.)

O sr. Bradbury não foi o autor da proposta de moratoria

PARIS, 3.—Entrevistado por um redactor do «Intransigente» o sr. Bradbury, delegado britanico á comissão das reparações desmentiu formalmente ser ele o autor da proposta de se conceder uma moratoria á Alemanha e de ter assistido á conferencia entre o chanceler do Echiquier e o sr. Rathenau. A Alemanha manifestou oficiosamente o desejo de solicitar um prazo de pagamentos, mas a comissão das reparações não tomou em tempo algum conhecimento de tal desejo. Se tal pedido for feito, continuou o sr. Bradbury, a minha opinião pessoal é que a concessão da demora no limite dos pagamentos, se for feita pela maioria dos membros da comissão das reparações, será desastrosa não só para a «Entente» mas tambem para todo o mundo, pela minha farei quanto em minhas forças caiba, para impedir essa eventualidade.—(R).

Um furacão nas proximidades de Madrid

MADRID, 3.—Um violento furacão acompanhado de chuvas torrenciais, causa grandes destroços nas proximidades desta cidade, quebrando os fios telegraficos e arrancando arvores. De maior parte das provincias chegam noticias tambem de grandes temporais.—(R.)

Em Melilla realisam-se importantes operações

MELILLA, 3.—Realisou-se uma importante operação em que entraram tres colunas para se tomar o Mont Harcho. As tropas espanholas encontram-se já prestes a tomar esta posição, que tem extraordinaria importancia estrategica para se poder prosseguir seguramente no avanço para o rio Kert.—(R.)

A França em Roma

ROMA, 3.—Nos meios diplomaticos correra com insistencia o boato de que sr. Barrères a resignar o seu cargo de embaixador francez em Roma, dando-se até como motivo o ultimo incidente italo-Francez. Tal noticia, porém é formalmente desmentida pelos meios oficiais.—(R.)

A carestia da vida em Vienna d'Austria

VIENA, 3 — Devido aos excessivos preços dos artigos de necessidade diaria, foi feita uma grande demonstração pelos operarios desta cidade perante o edificio do Parlamento, onde se reuniram para cima de 30.000.

A multidão aproveitando-se desta oportunidade cometeu grandes excessos saqueando muitos armazens, hoteis e outros estabelecimentos das principais ruas da cidade.

Centenares de montras foram arrombadas com barras de ferro, ficando muitas pessoas feridas.

Os prejuizos são enormes.—(R.)

Petrogrado vai chamar-se... Leningrad

BERLIM, 3.—Anunciam de Moscow que a cidade de Petrogrado mudará novamente de nome e chamar-se-ha desde o primeiro de janeiro Leningrad ou seja cidade de Lenine, como reconhecimento da Russia dos Soviets aos meritos do revolucionario russo Lenine.—(R.)

E' enviado um protesto á Romenia

BERLIM, 3.—Tchitcherine, comissario dos negocios extrangeiros da Russia, enviou á Romenia um energico protesto contra o auxilio prestado por estalnação aos bandos de Potlura. Segundo a citada nota, encontraram-se documentos que mostram claramente o entendimento entre as autoridades romenas e contra revolucionarios e que as faculdades pelo governo romeno todas as armas e munições. O governo dos Soviets declara portanto responsavel a Romenia por todos os actos praticados pelos contra revolucionarios.—(R.)

Pessoal da C. P.

Os ferro-viarios da C. P. conjuntamente com a comissão de melhoramentos, e todo o sindicato, reune na proxima segunda-feira em assembleia geral para tratar das suas reclamações, junto da direção da Companhia.

O colorido pessoal, vai nomear uma comissão para tratar da solução das mesmas reclamações junto do sr. ministro do Comercio.

Não pensam em gréve, como alguns jornais tem propalado.

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Está amanhã aberto ao publico e domingos seguintes, dos 14 ás 17 horas, este interessante museu, no Campo Grande, 382 (lado oriental), fundado pelo admirador do grande artista sr. Cruz Magalhães, revertendo o produto das entradas a favor do Asilo de S. João.

Sociedade de Geografia de Lisboa

Ha sessão ordinaria segunda feira, 5, pelas 21 1/2 horas. Expediente. Admissão de socios e pequenas comunicações scientificas.

Tribunal do Comercio de Lisboa

Julgamento importante

Terminou ante-hontem neste Tribunal, após varias sessões o julgamento da acção de letras em que o autor Sebastião da Silva Santos Reis pedia ao reu, o conde de Castelo Mendo, o pagamento de cerca de escudos 20.000$00 que este dizia não lhe dever, alegando que essas letras as havia já pago e que depois lhe foram furtadas e falsificadas etc.

Por parte do autor, foram suas testemunhas pessoas da maior respeitabilidade, como os srs. dr. Costa Nery, dr. Leite do Faria, Alvaro de Lacerda, O'Neill Pedrosa, Joaquim Loureiro e outros, fazendo a defeza o distinto advogado dr. Alvaro Costa, que num brilhantissimo discurso prendeu a atenção do Tribunal durante largo tempo, demonstrou por forma irrespondivel a justiça que assistia ao autor e de forma que os jurados der m por unanimidade a causa a seu favor, declarando em resposta aos quesitos que nenhuma dessas letras tinha ainda sido pagas e que nenhumas se mostravam falsificadas, nem tinham sido furtadas. A sentença deve ser proferida ...

Exposição Teixeira Bastos

Abre depois de amanhã, nos salões de Araujo & Bastos, Lda. na rua do Palma, 132, a exposição de quadros do pintor sr. Julio Teixeira Bastos.

Agradecemos o convite que nos foi enviado.

Vai ser proibida a exportação da cortiça em bruto — Vai ser suspensa a lei do imposto "ad-valorem"

A comissão de exportação do Ministerio dos Estrangeiros votou por unanimidade a proibição da exportação da cortiça em bruto, que não seja raspada, cosida ou recortada, e a suspensão da lei do imposto «ad-valorem», por não ter sido devidamente regulamentada, causando, assim, prejuizos e incomodos ás populações rurais do paiz.

Os respectivos decretos devem ser assinados hoje.

ULTIMA HORA

Crise ministerial certa. Crise presidencial possivel.

Que o governo do sr. Maia Pinto se encontra em crise, já não oferece duvida. Que dum momento para o outro, pode vir a declarar-se demissionario, é mais que provavel.

A' hora em que encerramos as nossas notas de reportagem, preside o Chefe do Estado a um conselho de ministros, convocado para as 15 horas, no Palacio de Belem. Estamos convencidos que esta reunião terá como consequencia a queda do governo, que não conseguiu obter do Chefe do Estado os poderes dictatoriais que, aliás, ele não pode dar; ninguem dá o que não tem...

O gabinete do sr. Maia Pinto encontra-se, realmente, numa situação extremamente dificil. Não tendo conseguido celebrar um acordo eleitoral com os partidos, não pode satisfazer as pretensões politicas que o cercam; não tendo tempo para efectuar reformas, cuja oportunidade de revolucionario foi perdido, não vê um objectivo digno para continuar á frente dos destinos da Republica.

Ora uma das mais questões de administração publica virão a proposito para justificar a demissão.

E' natural que o sr. Presidente da Republica insiste com o governo para que faça o expediente até se conhecer nitidamente o resultado eleitoral, mas nós duvidamos que os ministros acedam ao patriotico desejo do Chefe do Estado.

Que se seguirá, depois? Eis o enigma e o..., perigo. Anda tanta coisa no ar, que tudo pode suceder, até mesmo não se fazerem eleições, surgindo, dum momento para o outro, uma crise presidencial, de consequencias gravissimas para as Instituições e para a Patria.

Amancio Alpoim

O sr. dr. Amancio Alpoim desligou-se, definitivamente, do Partido Reconstituinte, onde estava filiado, embora já de ha tempos voluntariamente afastado.

Os inqueritos

Declarações do sr. Barbosa Viana

O director da P. S. E. ouviu novamente hoje o sargento da armada Paulo Dias Gigante.

O sr. dr. Barbosa Viana ainda continua a ouvir os srs. capitão Camilo de Oliveira, Leopoldo Alves, capitão tenente Carvalho de Crato e o guarda da Penitenciaria que tomou parte na «escolta da morte», Acacio Ferreira.

Acerca duma entrevista concedida pelo sr. Carlos da Maia ao «Seculo» de hoje, declarou o sr. dr. Barbosa Viana o seguinte aos jornalistas:

Ao encetar a instrução do processo sive unicamente por fim o honrado proposito de descobrir os responsaveis e como tal nunca duvidei assim como ainda hoje não duvido em ouvir os parentes mais proximos dos oficiais das vitimas.

Sempre que me queiram oferecer elementos elucidativos encontrarão em mim uma pessoa que de bom grado atenderá ás suas indicações.

Sobre as apreciações dos jornais declarou o sr. dr. Barbosa Viana, que o fez em virtude do momento presente ser deveras delicado embora reconheça os altos prejuizos que uma apreensão representa para as emprezas.

POEIRA DA ARCADA

Foi nomeado para servir no Comissariado Geral do Governo á Exposição Internacional do Rio de Janeiro o primeiro tenente José do Couto.

❖ ❖ ❖

Entrou no dique a canhoeira *Bengo*.

❖ ❖ ❖

Está em Lisboa em gozo de licença de campanha o alferes de artilharia de campanha, sr. Pimenta. Concluida essa comissão esta na disposição de pedir a sua demissão.

❖ ❖ ❖

Na semana finda em 26 de novembro manifestaram-se em Lisboa 2 casos de difteria, 10 de febre tifoide, 1 de tosse convulsa e 7 de variola, e no Porto 10 de febre tifoide e 1 de tosse convulsa.

❖ ❖ ❖

Foram transferidas com os respectivos professores, as escolas moveis, de carreiras de S. Tiago para Prado, concelho do Vila Verde; de Barbaide para Cabeço do Infante, freguesia de Sarzedas, Castelo Branco, e de alem do Rio, Gaia, para Varelinha, Ferreira do Zezere.

❖ ❖ ❖

Vai ser nomeada uma comissão para remediar os serviços do ministerio do Comercio.

❖ ❖ ❖

Uma comissão de operarios da Fabrica de Vidros da Amora, atualmente paralisada, acompanhada pelo major, sr. Tavares de Carvalho, procurou hoje o sr. ministro do comercio, para solicitar a abertura do trabalhos na linha ferrea de Barreiro a Cacilhas, afim de nelas serem colocados os operarios vidreiros desempregados.

Nota do dia

Depois de quasi dois anos de ausencia da scena portugueza, e em romagem por terras do Brazil, Chaby Pinheiro está novamente em Lisboa. Volta a dar-nos a beleza serena da sua arte admiravel, adaptavel a todas

as creações, com um equilibrio que só possuem os grandes artistas.

O Brazil acaba de tributar lhe a sua homenagem, e nunca a alma da nação irmã foi mais generosa, e mais verdadeira, do que quando lançava aos quatro ventos da Fama o nome glorioso de Chaby Pinheiro.

Chaby voltou, e felizmente para o teatro, embora o teatro seja hoje entre nós um problema dos mais dificeis, uma crise violenta de que só os fortes se salvarão.

Sem casas de espetaculo, e a braços com a febre boateira que de chofre fez retrair a onda dos espectadores, abalançar-se hoje numa empreza deste genero é quasi uma façanha dos tempos homericos.

Se porém é certo, que Chaby tem a defeza inexpugnavel do seu nome, verdade é tambem que um Hymalaia de dificuldades lhe deve surgir neste momento, e que ele talvez não pressentisse quando ainda em terras de St.ª Cruz, alvo de carinhos e de homenagens.

Chaby, que agora vai para o Porto, deve reaparecer em Lisboa lá para fevereiro, quando começar o exodo das companhias chicoteadas pela crise do inverno (é extraordinario! não é?), e conseguir alojamento porque agora a exploração dos teatros é á bicha...

X. X.

Noticiario

Portugal

Na proxima segunda feira publicaremos um artigo do nosso colega «O Homem que Passa» em resposta a uma carta que publicámos de M.me Josette Martin.

—Foram á scena no Porto as peças «Casa Cercada» pela companhia Palmira Bastos e o «Senhor roubado» pela actriz Maria Matos. A critica fez-lhes as mais elogiosas referencias.

—Não tem o fundamento que julgavamos a noticia que hontem demos ácerca da publicação dum livro de teatro do nosso colega Leitão de Barros.

—Na 1.ª festa artistica da actriz Lina Demoel que esta noite se realisa no Apolo tomam parte, fazendo numeros especiais, Henrique Alves, Pires Marinho, Alberto Reis, Artur Duarte, Jorge Roldão, Justino de Magalhães, Armando Machado e Celeste Leitão.

Repetir-se-ha «Gato por Lebre» em que há dias tambem apareceram as muito aplaudidos e noveis actrises Violanto Soares e Alda de Sousa.

OS CONTOS DE «A CAPITAL»

O TIO TOMÉ

POR LUIZ RIPADO

Tomé Bernardo era um homem importante na aldeia.

Regedor ha muitos anos, apesar das suas poucas letras, desempenhava estes e outros cargos o contento dos aldeões que muito lhe queriam.

Era temido e respeitado. Tinha cincoenta anos bem puxados, mas era ainda desempenado e espadaudo, olhos pequenos e alegres, suissas negras sombreando-lhe a vermelhidão das faces, pescoço curto e hombros largos.

Conhecia-se-lhe a rijeza dos musculos quando arremetia com movimentos ageis e desfechava um soco em qualquer valentão que o desrespeitasse.

Era mestre no jogo do pau, e manejava-o com tal pericia, que até se contava que, na sua mocidade, espalhara uma romaria de ponta a ponta, e os soldados da ronda viram voar as baionetas pelo ar, enquanto ele, numa cambalhota, se punha de novo em guarda, pronto para a defeza...

Servira no exercito e lá perdera o medo á morte, pois era sempre dos primeiros nas fileiras onde a metralha fazia mais estragos.

Como todo o homem de acção, falava pouco e revelava-se por obras.

De resto, boa pessoa. Tanto assim, que os aldeões ao verem-se aflitos, faziam-no seu juiz em muitos pleitos e demandas, recolhendo ao seu conselho e «muito saber».

Tirante o seu fraco pelas mulheres, que o levara a seduzir muitas cachopas pouco ciosas de sua honra, que ele depois, á traição, fazia rolar no feno, entre beijos e promessas de casamento, em certo sitio muito do seu agrado, não eram os defeitos na mocidade de molde a agoirar-lhe mau futuro...

«Assentara» por fim, fizera-se um excelente chefe de familia; e a sua casa era um modelo de aceio e boa ordem, devido aos desvelos da sra. Emilia, sua mulher, com quem casara ha bons vinte e dois anos, muito trabalhadeira, e com seu dedo para a administração da casa.

Só um desgosto o preocupava, o trazia taciturno e abatido, serralhado numa dor profunda... O filho que a companheira lhe dera, apesar dos seus bons conselhos, da rudeza da educação, de todos os esforços para o fazer um homem da sua tempera, saira-lhe um doidivanas que lhe povoava a vida de apreensões e de cuidados.

Não era que o rapaz fosse calaceiro ou inimigo do trabalho, não senhores.

Ajudava o pai na lavoura, cavava de sol a sol, e até arranjara um remedio para livrar os vinhedos do bicho... Inteligente, lá isso!...

Mas o diabo era aquele seu feitio de cigano, de vagabundo, sem apego á terra onde nascera, abandonando a aldeia por longos dias... Um saquitel ás costas, a sachola ao hombro, sem avisar ninguem, ele ahi ia pelas aldeias e alminhas circumjacentes, não se sabia se em busca de moça perfeitaça e louçã que lhe dera volta ao miolo, se na mira de espalhar o bem socorrendo os pobres distantes que viviam sem a graça do senhor.

Lá vinha porem o dia em que sentindo lá dentro estalar-lhe a fibra sentimental, voltava ao lar paterno, como o filho prodigo, ralado talvez de saudades da mãe, que o ficava esperando num anceio, num misto de descrença e de esperança, como só as mães sabem esperar os filhos...

Da ultima vez, porem, abalara para não mais voltar. Depois duma violenta altercação com o pai num dia de setembro—na sazão da safra dos vinhedos—em que o Tomé censurara por certos galanteios que dirigira, numa folia, á sobrinha do prior, chegando encegueecido pela colera, a dar-lhe uma bofetada, o rapaz sentiu-se ofendido e foi de abalada por ahi fóra.

O tio Tomé desde então mostrava-se lugubre e mal encarado, o remorso a espicaçar-lhe a alma, curtindo no silencio uma dor sem remedio; e, se sucedia encontrar a sr.ª Emilia limpando as lagrimas ao avental de ramagens, desatava a vez num alarido de pragas como se quizesse, assim, afugentar a saudade que lhe roubava o socego.

«As mimaços da mãe é que lhe tinham estragado o filho!».

Por isso a sr.ª Emilia evitava chorar diante do marido, e só quando o sabia fóra de casa dava vasão á sua dôr, sentindo estalar-lhe o coração, num choro convulso:

«Nunca mais o tornarei a ver! Para que uma mãe cria um filho!...»

—Deixe lá, sr.ª Emilia,—dizia-lhe a mulher do Zé barbeiro, a consola-la. Não se atrigue vocemecê, que mais dia menos dia tem-o de volta. Aquilo foi para o Brazil, se calhar, e vem ai pôdre de rico...

Ainda ha-de ser a alegria da sua casa. Que bom moço é ele, Deus o ajude...!

E acabava tambem por chorar.

❖ ❖ ❖

Sucedeu que um dia o tio Tomé Bernardo, acabadas as sopas e engolido o ultimo copo, foi procurado por uma comissão de lavradores que lhe vinham pedir conselho para uma questão grave.

Entravam os membros da comissão que trazia á frente o Manuel do Couto que fora o juiz de paz em St.ª Eulalia.

A sr.ª Emilia ofereceu-lhes cadeiras e pediu-lhes que se sentassem, emquanto o Tomé Bernardo, enchendo o cachimbo, fez um gesto ao presidente como convidando-o a falar.

«Que dissesse ao que vinha; no falar é que a gente se entende.

Manuel do Couto tossiu levemente, guardou os oculos no estôjo de cartão e limpando o suor que, em camarinhas, lhe aljofrava a fronte, grave e solene começou a narrativa.

Era o caso que A..., aldeola a duas leguas distante, estava alvoroçada por maleficios de alma penada.

Ninguem lá vivia feliz.

Parecia terra amaldiçoada de Deus, ha coisa de dois meses...

Todas as noites, depois das onze, um fantasma surdia nas encostas dos montes, descia todo branco, arrastando correntes que retiniam com sinistros sons, e depois de roubar o trigo nas eiras, punha em alvoroço o povoado.

Os homens mais valentes fizeram-lhe montarias e atiraram-lhe como a um lobo, os mastins foram-lhe no encalço, mas era tudo em vão. Ele escondia-se por valados e atalhos zombando das balas e dos galgos, como se fosse o proprio «Satan».

Era, um martirio!

A's vezes, alta noite, quando a aldeia dormia, ouviam-se pancadas á porta das habitações, as mulheres fugiam apavoradas, os sinos tocavam a rebate, e quando se lhe ia dar caça, a aventesma tinha desaparecido.

Metade da aldeia andava foragida, vivendo em barracas ao ar livre, leguas distantes do povoado. Que lhes valesse, pois o tio Tomé Bernardo.

«Vinham pedir-lhe o seu conselho.»

Tomé Bernardo, que desde a ausencia do filho, não dava mostras de alegria, riu no entanto com gosto.

Tinha graça aquela historia!

Não havia, então, por lá um homem capaz de atirar um tiro a essa alma do diabo, a esse ladrão, que outra coisa não era o fantasma!

«Que não, que não havia»—disseram a uma os da comissão. O Zé moleiro, homem destemido e valente, que matara trez homens cara a cara, ao fazer-lhe frente, de chumbeira na mão, perdera o sangue frio e correra para casa, transido de medo,

—O' almas do chucharro. dissera o tio Tomé carregando o sobrecenho, pois vamos lá ver se o lobisomem resiste a um tiro certeiro da minha clavina!

—Não, que eu nunca errei a pontaria!

E logo ali se resolveu que o tio Tomé partiria para A..., naquela mesma tarde, com a comissão que o procurava.

A sr.ª Emilia ainda se quiz opôr, mas ninguem seria capaz de fazer mudar de resolução o valente regedor.

A tarde estava a cerrar-se, doce e calma, e uma leve viração perpassava agitando os ramos dos pinheirais distantes.

Ao chouto dos machos que levavam grandes chocalhos badalando como sinetas, pozeram-se eles em marcha caminho da terra amaldiçoada de Deus.

Quando chegaram a A... os aldeões receberam Tomé Bernardo com mostras de grande alegria, fazendo algazarra e dando vivas. O tio Tomé foi levado em charola para casa do Manuel do Couto, e uma vez ali, em frente da mesa coberta por uma toalha de imaculada alvura, deliciou o estomago com belas iguarias, adredo preparadas para o seu paladar, e um verdasco que fazia honra á adega do Manuel do Couto.

Sobretudo aquela «fritada» em que anho estava delicioso, não lhe esqueceria mais...

—Melhor que uma consoada, sim senhores! rematava feliz.

❖ ❖ ❖

Eram dez horas quando resolveram sair. Com o Tomé Bernardo iam os mais afoitos e valentes. O Manoel do Couto. esse, ia por honra da firma. Mas em compensação, o José moleiro, que fora meirinho, ia de gosto, pois tinha fumaças de valente.

O Alberto Trindade, que manejava a navalha como os melhores, ofereceu-se para ir tambem. E outros formavam o grupo, egualmente valentões e destemidos.

Tomé Bernardo ia á frente, comandando. Meio toldado pelo vinho, ria a bom rir.

—Com que então, grandes palermas, o fantasma arrasta correntes e não tem medo das balas! Vocês são o diabo! Raios os partam! Como se houdesse fantasmas que resistissem a um tiro duma clavina! O diabo são vocês! Que as mulheres tenham medo, vá lá, mas os homens...!

—O' tio Bernardo, não esteja para ahi a «escanchar» a boca com riso—volveu-lhe o José Moleiro. Vocemecê bem sabe que eu me ponho á frente dum bacamarte como quem ouve missa, mas olhe que a aventesma não é para graças. E' assim coisa como o ar vestido de branco... Não ha tiro que lhe acerte, já se deixa ver...

—Se resistir a clavina, não resiste á navalha. Arranco-lhe os figados; vocês verão... E ainda eu não me lembrei de lhe jogar uma cacetada. Ora não ha... O' Zé Moleiro, pois eu que não temo os vivos, querias tu que me arreceasse dos mortos...? E's parvo.

—Isso é que se vai ver... Que a gente não vem cá para outra coisa. Vocemecê fala muito porque ainda não se viu em frente duma alma penada. Sente-se assim um calafrio na espinha, que a gente até parece que vai morrer...

—Tinha graça, se eu vinha a apanhar resfriado na espinha por causa dum ladrão, e o Tomé sorria com prazer.

—Ria-se vocemecê, embora, que eu não lhe peço meças em questão de valentias; mesmo se estou aqui é por que tenho confiança em si, senão não tinha vindo...Nem nenhum cá vinha!

—Não se hão-de arrepender.

—Ordinario! Marche!

E todos rindo, encorajados pela serenidade do tio Tomé atravessaram os campos solitarios e vieram postar-se em sitio onde pudessem ver surgir o monstro.

* * *

Esconderam-se num valado, como lobos num fojo, á espera...

Um relogio distante deu horas. Contaram-as. Eram onze! A hora fatal!

Os companheiros do tio Bernardo, imoveis, contendo a respiração, olhavam o espaço onde fosforeavam vagalumes, estarrecidos, julgando ver garras enormes que se abaixavam sobre eles para depois os arrebatarem pra as nuvens.

O Manoel do Couto sentia ganas de fugir, mas dominava o medo, por vergonha, receando as chalaças do tio Tomé ou mesmo que ele lhe mandasse uma bala se fugisse, porque o regedor detestava os cobardes.

Era um verdadeiro comandante. Tinha-os ali petrificados de pavor, mas obedientes, resignados, querendo dar mostras de coragem e ousadia.

Ouviam-se murmurio, ao longe; e nas habitações distantes, as janelas ainda acesas, indicavam que a aldeia, não podendo dormir, velava na solidão da noite.

Subito ouviu-se um gemido cortando o espaço e logo o Zé moleiro se agarrou ao braço do tio Thomé, estorvando-lhe os movimentos.

—Tio Thomé! O' Tio Tomé!

—Cala-te que é um Sapo,

Arredem-se de mim.

Ouvia-se agora distante mas nitido, o arrastar da corrente e uma figura branca, enorme, descia pela vertente da montanha, uma lanterna na mão, gelando de pavor os circunstantes.

Thomé Bernardo aconselhando silencio, dum pulo saltou o valado, dizendo:

«Atras de mim. Arremetam com gana! A ele! Ao gatuno! Só desfecham girando eu dar a voz de fogo. Ouviram? Vamos: Preparar! E já subia pela encosta, espapando-se com a terra, quando sentiu um zagalote riblar-lhe ao ouvido.

—Fogo! bradou.

Subito a fuzilaria rasgou o cristal da noite e a lanterna do fantasma apagou-se.

Ele, porém, continuava a mover-se, a avançar, direito ao bando, sem medo ás balas, inacessivel e inviolavel.

Então, os companheiros do Thomé, não poderam mais; perdendo o sangue frio desfecharam as clavinas á doida, estabelecendo a confusão, e cobardemente fugiram, aos gritos...

Só o Thomé bradava ainda:

—A ele! sucia de cobardes!

Morte ao ladrão!

A colera punha-lhe rugidos na voz que já não parecia a mesma.

E a suar, num entusiasmo feroz, subia sempre a vertente — da montanha, as mãos ferindo-se nos silvados, sem um desanimo, numa obstinação de quem cumpre um dever, arrojando-se para a frente, — num arranco de louco desfechando a clavina.

Mas subito o fantasma abeirara-se dele, quando já não tinha mais munições. No negrume da noite, lutaram os dois corpo a corpo.

O fantasma tornara-se humano, no instinto da defeza da vida. Abraçaram-se com furia, lutando ora um por cima, ora outro.

O Bernardo sentia as veias latejarem e procurava cravar a navalha no coração do monstro, emquanto este, com os tentaculos poderosos das suas mãos como **pieuvres**, pretendia enlaça-lo, estrangula-lo, crivando-lhe as unhas na carne. A luta durou instantes até que o Thomé, num repelão, conseguindo libertar-se das garras do monstro, abriu a navalha e enterrando-lh'a no coração fel-o rolar pela encosta abaixo, seguindo-o aos gritos:

—Ah! grande ladrão! Matei-te como a um cão! Sucia de cobardes! Venham vêr o fantasma... morto!

O Alberto Trindade que não tivera coragem para sair do valado e que adivinhara tranzido de pavor, que, qualquer coisa grave se estava passando ao ouvir a voz do Thomé, soltou o valado, e foi prevenir a aldeia. Esta, que estava á espreita, espalhou-se de roldão pelo campo, aos berros, gatinhando pela encosta, lanternas e archotes iluminando o local sinistro numa explosão de alegria cantando victoria.

Mas quando todos se abeiravam do fantasma, numa curiosidade imensa num alvoroço indiscutivel, no desejo insaciavel de o verem, de o apalparem, — estacaram subito estarrecidos, petrificados.

E viram então o Thomé Bernardo, as mãos sangrando ainda, o rosto desmudado pela dôr, os olhos pavidos saindo-lhe das orbitas, abraçando o cadaver, sacudindo-o todo, a chorar como uma criança, gritando como um doido:

—Matei o meu filho!...

Matei o meu filho!

N. da R. — *A Capital* no intuito de dar proteção e guarida aos novos, abriu a secção com o titulo acima, onde publicará as produções literarias dos jovens escritores, desde o momento que manifestem verdadeiro interesse. Convem no entanto que se não alarguem nas suas produções, as quais não devem exceder uma coluna de composição.

CRONICA LITERARIA

Fialho de Almeida

Em Fialho havia duas naturezas contraditórias, prejudicando-se entre si. O artista e o critico; ambos extraordinarios mas sem equilibrio. O artista geralmente não realizava as suas criações senão por uma profunda acuidade do sentimento, por uma vibração subjectiva, que comunicava á sua paleta de pintor ou ao seu estro de poeta a emoção estética, que era o fundo admiravel de quasi toda a sua obra.

Nos seus contos e pequeninos romances coloria-se com frequencia uma imaginação, propensa a fugas subitâneas, estrelando-se de luminosidades ou reflectindo as mais doces «nuances» do espectro. Sentia mais a beleza do que a realizava, entremostrando-a por vezes em faiscações de génio ou velando-a em bizarrias de linguagem, que um vocabulário excentrico mesclava de neologismos violentos e imprevistos. Por vezes, perdia-se em abaladas do sonho, pedindo á quimera a tinta com que dava vida ás suas idealidades errantes de boémio nostálgico.

Era um hipersensivel, vivendo no permanente desequilibrio do seu espirito escarnecedor e sarcástico. Como Camilo, seu modelo nas desumanidades do comentário critico, não conheceu a medida do espirito gaulês, a sobriedade e a justeza, o humorismo que roça de leve, ferindo graciosamente a epiderme dos factos, ou procurando a verdade e apontando-a sem paixão. O sarcasmo violento e agressivo foi sempre o seu processo. Feria a torto e a direito, quasi com colera, por vezes, com ferocidade selvagem. Ainda quando fazia reparos justos, não convencia como Barbey d'Aurevilly, o mestre supremo da critica francêsa, na arte de procurar, nas obras de génio, os seus defeitos essenciais.

Foi, pois, como critico um escarnecedor implacavel, irreverente e impiedoso, o que o levava a construir as suas teorias de arte nos dominios da imaginação morbida, onde ele foi buscar, na maioria dos casos, a origem da sua inspiração, ao mesmo tempo fulgurante e ousada.

Poeta, foi-o como ninguem, porque a fantasia não iluminou nunca as criações do espirito, com uma intensidade de emoção mais forte e mais estranha. O sonho abre na sua obra as mais amplas clareiras de idealidade, tamisando a luz em cambiantes suaves de azul, de rosa e oiro. A «Madona do Campo Santo» é a obra prima dum sonhador que consegue alhear-se da realidade, para viver por momentos a vida artificial da arte, na aspiração a um mundo superior, onde tudo é quietação, ou vaga renuncia ás preocupações transitorias. Mas este sonhador de subjectividades riquintadas e de fugas idealistas é tambem um pintor e um paisagista que sabe fixar os mais belos aspectos da natureza, em cujo convivio póde compreender a estranha vibração que iluminou as melhores telas de Corot e deu alma as paisagens de Daubigny.

Se o seu espirito critico não desiquilibrasse, por vezes, certas das suas paginas de sonho calmo, Fialho de Almeida dar-nos-ia as mais estranhas criações naturalistas, aquecidas pelo estro mais poderoso e pela fantasia mais desbordante e mais alada. A sua obra ficou, por isso mesmo, desigual mas é, nessa propria desigualdade, que temos de procurar a caracteristica mais acentuada do seu genio. Sem ela, é bem possivel que Fialho não tivesse podido subir tão alto.

JOAQUIM COST.

ROCHA MARTINS

Spartacus

Romance das lutas proletarias em Roma

VI

Teve um sobresalto, fixou o seu liberto como admirado e depois pôs-se a rir, a rebolar-se sobre fôfos, contagiando o outro nas suas gargalhadas:

— E' inestimavel o grego! E' precioso! E' um dom dos deuses!... Has-de dar-lhe um punhado de ouro quando voltar...

—Sim, ó «dives»... Ele traz sempre na bolsa o producto dos teus favores!

Continuava a rir longamente; sobretudo quando lhe disseram que Aurelio o procurava; ouvia já os seus passos no corredor e a custo serenava.

—Não lhe restava duvida; á porta ouvira as declarações do Flavio, calculára que o irmão de Lavinia viria a sua casa em busca da escrava, e, que embora ele lh'a pudesse recusar, ficaria por mentiroso. Assim levara-a decerto para a sua antiga residencia, onde já habitavam uns servos de confiança e a custo continha mais as casquinadas ao interrogar:

— Com que então de Carrunca?... Na fachada?...

— Sim... na fechada... Oh! e os cavalos corriam a bom correr!

Riu com mais gosto e afiançava:

—O grego é um dom dos dons! Mais interessante que todos os histriões... Sublime como Garlus! E' mais comediante do que Roscius! Se Sylla o conhecesse dar-lhe-ia o anel de ouro da grandeza romana... E eu dei-lhe verdascadas!—Pobre, sublime magnifico Felux!... Por fim, num arranco feliz, gritava:

—Salvé oh! Aurelio! E' Jupiter que te conduz para veres a verdade dos meus dizeres!...

Dentro do carro, que atravessava Roma, o poeta olhando Emerencia, cujo rosto conservava a sua frieza marmorea, perguntava-lhe docemente:

—Já ouviste falar da felicidade?! Para lá te conduzo!

Não lhe respondeu no seu grande desdem por aquele homem que, servia o odiado Crassus mas fixava-o, com um olhar estranho, pasmado no solavanco das rodas.

Felux, com o seu estilete, traçava na taboa o punho dum gladio.

VII

Ao longo da campina vasta e fertil alastravam os destroços do exercito romano vencido; Publius Varinius a custo podera salvar uma cohorte e o mesmo sucedera ao seu tenente Thoranius. Deixara o acampamento abandonado com os feridos e era nas suas ruas largas, talhadas numa encruzilhada da «decumana» e «pretaria», cortada pela «principalis», que os soldados vencedores trocavam entre si as presas num grande alarido, num clamor rixoso. Era sempre assim após os combates: disciplinadas durante a acção tornavam-se terriveis na divisão dos despojos que Spartacus lhes abandonara com restrições enquanto Crixos os incitava á chacina. Assim fôra sempre desde que tinham descido das encostas do Vesuvio por um ardil engenhoso do general que mandara cortar as cepas e com elas entrelaçava escadas solidas; depois encheram a planicie, revoltaram os povos, galgaram o Silarus, tornaram a Lucania, onde os pastores correram ao seu encontro, a cavalo e armados. Creara-se assim o corpo de «equites». Assaltavam-se de roldão as cidades onde os ricos se defendiam e os pobres faziam causa comum, os escravos bem como muitos soldados que se passavam com o armamento. Deste modo possuiam já Brutium, Thuri, Metaparta, Nala e Nuceria, todo o sudoeste da Italia, onde Spartacus guardava um real poder. Roma tremia diante desse escravo que lhe pulverisava as legiões com bravura na luta, com presuasão de seguida.

Uma linha de «velitas» enquadrava o vastissimo orasto ganho aos romanos; a soldadesca continuava nas suas discussões diante das joias, das armas, dos trajos, das provisões apreendidas e Crixos, ao lado dum adigo gladiador tornado chefe duma centuria e que se chamava Ganious, lamentava-se da forma como o general procedia diante das cidades conquistadas.

— Os ricos não teem mais direitos nem aos bens nem ás mulheres. Levaram uma existencia de gosos enquanto nós sofriamos... Agora é a nossa vez de possuirmos as suas mobilias, as suas patricias, os seus prazeres... E êles que nos sirvam!... gargalhava, á escolha da opinião que dizia:

— Estava eu bem para com os meus soldados se obedecesse a essas idêas de Spartacus... Egualdade, bondade, todos por um... oh!... Meu pae morreu crucificado, minha mãe foi arrastada por um cavalo que os feitores chicoteavam, no tempo da guerra de Athenius... Eu fui sempre um misero... Quero o meu quinhão na vida... Spartacus ganha as victorias e é realmente assombroso mas não ganha as soldadas... e ria tambem fazendo luzir os belos brincos de perolas nas suas orelhas compridas.

Uma longa fileira de prisioneiros se desenhava ao largo, trazida por entre as hervas altas; carregavam-se os feridos para o acampamento e Jarmelo, o lusitano, conduzindo á redea um lindissimo cavalo negro de Espanha, arreiado de magnificos brocados entrava pela rua «principalis» com um sequito numeroso de soldadas e mulheres.

Spartacus acudira junto da tenda dos prefeitos ao ouvir o barulho. Estava mais abatido; a sua fronte marmorea tostára-se na campanha de todo esse verão ardentissimo. Chegára o outono; ele via as arvores amarelecidas e pensava já em se recolher aos quarteis nas cidades durante o inverno querendo, na sua tactica, que as não devastassem.

Estava ainda com a armadura de combate que Eudoxio constantemente limpava das manchas de ferrugem a sua cabeça descoberta mostrava á frente uma mecha de cabelos brancos, os olhos negros fulguravam-lhe, mas notava-se-lhe melancolia na face doce e cançada.

—Spartacus! já tinhas as insignias de pretor... Aqui te trago o cavalo do proprio Publius Varinius... Encontrei-o guardado por um centurião que ontem, antes do combate, passou para as nossas hostes... Aqui te entrego o cavalo das Espanhas... e baixinho: Faze dele um trono!...

Em roda aplaudia-se, um berro de triunfo passou por todo o acampamento, «velites», «equites», «principes» e «bastuti», a infantaria, a cavalaria e os corpos de reserva, e soltaram o seu brado aclamativo!

— Salvé Spartacus, «imperator»!

Era a designação que em Roma davam aos generais e que os soldados entusiasmados, depois das victorias, lhe ofereciam tambem.

Crixos tocou no braço de Ganious, mordeu os labios e o titulo resoou de novo:

— Salvé Spartacus, «imperator»!

Myrta acudira com o negro Eudoxio ao ouvirem como o exercito saudava o seu chefe que agradecia de mão espalmada e erguida. No cólo de Numesia o filho de Aurelio ria levantando a mãosita rosada, Janio brincava com o seu amuleto.

As armas rebrilhantes, os capacetes scintilando sob o sol doce daquela tarde de gloria, as agoias romanas das insignias enfeixadas junto ao pretorio, todos os carros, espadas, arcos, setas, fundas e balas de chumbo estavam a meio da crasta esperando-se o momento em que ele lhes desse destino. Os seus olhos tristes viam todo o seu triunfo, compreendia que era já maior que todos os seus predecessores na revolta e, sempre de mão espalmada, olhando aqueles aplausos, não disfarçava o seu sorriso magoado.

(Continúa.)

Banco Nacional Ultramarino
Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada
Fundos de reserva 25.000.000$
Assembleia Geral Extraordinaria
Por ordem do sr. Ex.mo Sr. Vice-Presidente da Mesa da Assembleia Geral, é convocada a mesma assembleia para em... de outubro... os trabalhos da Assembleia Extraordinaria interrompidos em... de outubro p. p. reunir no edificio do Banco, no dia 29 do corrente, pelas 13 horas.
Assunto: Circulação Fiduciaria nas Colonias.
Lisboa, 18 de outubro de 1921.
(a) Francisco Mendonça de Sommer.

Banco Nacional Agricola
Soc. An. Resp. Lda.
SÉDE-R. de S. Julião, 188 e 190
LISBOA
Nos termos do artigo 8 e 12 dos Estatutos do Banco são convidados os Srs. acionistas a entrar com a importancia de Esc. 25$00 por acção, correspondente á 2.ª prestação do capital emitido, desde 15 a 31 de outubro corrente.
As cautelas representativas de acções devem ser apresentadas no acto do pagamento nos locais abaixo designados e nos seus correspondentes na provincia.
Lisboa, Evora — Banco Nacional Agricola
Lisboa, Porto, Chaves — Pinto & Sotto Maior
Pelo Banco Nacional Agricola
Os Directores
a) Eduardo Fernandes d'Oliveira
a) Eduardo Correa de Barros
a) Joaquim Nunes Mexia

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

O unico contra-veneno da vaidade é o trabalho.

Victor Hugo

N.º 3944-12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Segunda-feira, 5 de Dezembro de 1921

Telefone n.º 2238 — Endereço Tel. CAPITAL — Oficina de impressão — Rua da Rosa, 71 — Preço 10 centavos

A situação

Pode dizer-se que ha quarenta e oito horas que o publico se encontra em presença dum verdadeiro enigma politico, cuja explicação cabal ainda ninguem lhe forneceu.

Esse enigma consiste nas causas —nas circunstancias que levaram o governo, o Chefe do Estado e os partidos a pronunciar-se pelo adiamento das eleições, constitucionalmente fixadas para o proximo domingo, 11 do corrente.

Até agora o que temos é a nota oficiosa dos partidos que, em linguagem sibilina, se mostram dispostos a aceitar o adiamento eleitoral, e a entrevista que hoje publica o «Seculo», e na qual o sr. Maia Pinto confessa que se vai praticar um acto de ditadura.

Sobre o que ninguem pode discordar, nem mesmo aqueles que mais se tenham empenhado na sua realisação, é que se vai praticar um acto grave.

Com efeito, não ha maneira de iludir a Constituição, e a Constituição, sobre o caso, estatue taxativamente que agora numa dissolução parlamentar, se tem de fixar o dia das eleições, dentro dum praso de 40 dias, e sem alteração de especie alguma. Se este preceito constitucional não fôr observado, o decreto da dissolução torna-se nulo, de pleno direito, e a Camara dissolvida póde tornar a servir.

Não reunirá desta vez porque os partidos que nela tinham quasi a totalidade dos logares, não se reunirão, visto aceitarem o adiamento. Mas nem por isso deixaremos de ficar numa situação inconstitucional.

E' que a Constituição, ao contrario do que parece acreditar-se nas altas regiões do poder e nas esféras politicas, não é pertença dos governos, nem dos partidos, nem mesmo do Chefe do Estado. Está acima de todas estas entidades, porque pertence ao paiz, — e é o vivo simbolo da Republica.

Perante um caso desta natureza, que ainda ha quarenta e oito horas, ninguem julgaria possivel, o espirito publico não póde deixar de admitir que poderosissimas razões levassem governo Chefe do Estado e partidos, a promover ou aceitar a violação da Constituição.

Que razões foram essas?

Ninguem o sabe.

A nota dos partidos alude a uma exposição da situação actual do paiz que lhe teria sido feita pelo sr. ministro do Comercio, em nome do sr. Presidente da Republica. O sr. Maia Pinto fala largamente numa agitação de dia a dia.

Que significa isto? Se havia agitação, ela não se manifestava publicamente, e por isso mesmo não podia traduzir melhor estado de opinião. E que importancia tinha ela para levar governo, Chefe do Estado e partidos, á aceitação dum regimen de ditadura?

A opinião publica não pode capacitar-se de que não houvesse causas gravissimas para que assim se rasgasse mais uma vez a Constituição do paiz, até agora só rasgada em periodos revolucionarios. Por isso mesmo a sua anciedade é extrema.

Ninguem pode saber como o paiz inteiro acolherá este acto cujas consequencias não foram talvez devidamente medidas. Mas, pelo menos, ha a esperar dele uma atitude de reserva, que não é natural que se modifique até ao dia 8 de janeiro, data em que, segundo se diz, se realisarão as eleições, se até lá não se decidir um novo adiamento.

A situação é esta. Descrevemo-la sem paixão, mas não podemos encara-la sem receio.

Lêr na 2.ª pagina:

POLITICA

CROQUIS DE VIAGEM

Por terras -:- -:- -:- -:- -:- -:- -:- já dantes viajadas...

III — A Berlim! A Berlim!

14 de Setembro.

Da ante-mão fixára em Lisboa que os francos a consumir deviam ser no menor numero possivel. Como defeza contra o cambio alto, ao dobro do do ano passado, puzera em plano a ida aos paizes ainda mais desditosos que o nosso. De resto, era esta uma rudimentar tactica cambial. Custa a resistir á tentação do sorriso de mulher linda que Paris nos atira, abrindo-nos os braços e convidando-nos a ficar, mas logo pela manhã, soergui-me na cama gritando:

— A Berlim, a Berlim!

Estava determinado. O comboio, o grande expresso do Oriente—Paris, Berlim, Varzovia—parte ás 5 da tarde. Por 120 francos compromete-se a levar-me até Berlim em 1.ª classe. Não acho caro, tanto mais que posso ter direito por este preço a um assalto, agora em moda nos caminhos de ferro de França, ou a um descarrilamento e choque como o de ha dois dias na linha de Strasburgo.

Aproveito a manhã para fazer a trivial visita ao «Père Lachaise.»

Iludi-me. A visita tão reclamada pelo que havia lido num excesso de amor parisiense sobre o maior cemiterio de Paris não correspondeu á espectativa. O dia nublado, enegrecendo mais a «patine» de todos os monumentos, não me deixou obter senão impressões do forno crematorio, enorme templo com chaminés de cozinha economica, e a pequena pagina de Bartholomé que fantaziára de proporções muito maiores «o Monumento aux Morts.»

E' belo mas não me tenta a passar para lá daquela porta que dá para baixo da terra.

De resto, no «Père Lachaise» como em todas as cidades do mundo, dos vivos ou dos mortos, mora-se apinhado e disputam-se os palmos de terra onde não haja uma pedra. Junto aos restos de «Abellard e Heloise» onde os amantes infelizes vem sempre pôr flores frescas cava se esquadrinha-se, diminue-se o arruamento, para dar logar a novos habitantes; trespassam-se logares disputa-se um cantinho no velho «Père Lachaise.» E' lá que moram todos os «imortaes já mortos,» toda a literatura, a pintura, os marechais da França, um ou outro guardando os ossos sob obra architetonica de genio, a maioria com a elegancia de um David d'Angers ou o sentimento dum Barrias e alguns sob tumulares rococós de burguezia endinheirada. Prefiro na claridade, no risonho socego, o cemiterio de Milão ou esse monumental «campo santo» de Genova; prefiro mesmo—vá a ousadia—a vista desafogada, o lindo ar, o panorama soberbo do nosso Alto de S. João que merece sempre uma palavra de apreço, e, até dá vida a quem lá vae... e volta.

E' possivel que se conteste, que o «Père Lachaise» seja um risonho jardim, que o ceu façanhudo mostrando carranca de trovoada seja o que lhe dá este todo, pesado, triste, museu de celebridades em medalhões desde Thiers ao cançonetista Beranger, de Ney a um cãosinho de estimação...

Deixemos os mortos e vamos á vida. Não conhecia «les Buttes-Chaumont» e aproveito para visita-lo. E' a dois passos. 10 minutos de «taxi». Um parque como os parques que se presam: o seu infalivel lago, uma ponte pencil, uma barca de passagem.

Lá ao alto duns rochedos artificialmente selvagens um pequeno «templo» com mais um panorama de Paris. Já o disse muitas vezes: Paris é a cidade dos panoramas. A cada ponta ha um torrão, um montículo, uma colina onde perpetuamente, como num cinema de sessão continua, gente passa a ver aos pés, nebulosa, cheia de ruidos, eriçada de flexos e cupulas a cidade-coração da Europa.

Nas «Buttes-Chaumont» ha uma diversão barata: «a ponte dos suicidas» arco em tijolo, de altura respeitavel, donde pelo que dizem, uma pessoa se pode suicidar... de graça. Entre as relvas esculturas, bronzes e crianças brincando.

Um portuguez timorato, de ha 40 anos, havia-me recomendado que não fosse a «Buttes-Chaumont» sem pistola ou mesmo metralhadora, por causa... dos «apaches». Meu Deus! Só se foi noutros tempos! Desta vez apenas vi assestados 4 e 5 em cada banco do jardim, os seios das mamãs e das amas, francezas, explendorosamente em exposição aos possantes desde o romper do sol até aos primeiros frescos do crepusculo.

Vá o «touriste» a qualquer praça publica, ao jardim do «Palais Royal», ás «Tulherias», á «Place des Vosges», ao «Parc Mont-Souris», a qualquer sitio onde haja uma arvore, uma fonte, um canteiro e logo verá ali perto uma população de mulheres com os berços de rodas ao lado, costurando, fazendo meia, e mostrando a quem passa, o «patriotismo...» com que amamenta os filhos que a Patria em crise de gente, lhe pede.

E o portuguez habituado ao pudor praxêdico dum povo ainda na infancia das liberdades fisicas, que se estarrece ao ver uma «missesinha» a fumar, cai de cócoras quando passa no seio... destes seios imponentemente á mostra.

Do «Buttes Chaumont», dá-se uma olhadela á feira de la «Villette», com os mesmos «carrousseis», os mesmos «tiro ao alvo», e alguns manos daquele «orgão gigante» que no falecido «music-hall» da Avenida fazia «torcicólos» á gente ao ver se o maestro a reger uma «Carmen» infernal a uns pares dançando um roseo minuete. Reconheci-o... e fugi a 7 pés antes que começasse a tocar.

◊ ◊ ◊

No rapido partem oficiais francezes. Levam o destino da fronteira alemã, vão para a região ocupada, e não tem nada já dos «homens que fizeram a guerra». São os profissionais, e apresentam um tom arrogante dei conquistadores, o eterno sorriso *dos que vencem*.

O norte da França que o comboio atravessa é o mesmo que, o ano passado, percorri em direção a Bruxelas. Em «S. Quentin» vejo a cidade nova, casario improvisado alinhamento curioso de pequenos «chalets» da mesma côr, um pequeno jardim em volta. A diferença é flagrante! Como se trabalhou! Como resurgem as vilas, as cidades! Ainda as grandes ruinas ostentam as suas grandes chagas, naturalmente para exploração do forasteiro, mas ao lado ha já uma casinha nova com um ligeiro talhe, resumido, simplificado, dedo ou olho de americano no caso.

Ainda é dia. Mas pelos campos nada se adrega das janelas do comboio. Uma nuvem baixa de novos, avança, cavalga, transformando tudo em volta num mar de rama de algodão, donde emergem em gesto de dança os braços dalguma arvore de tronco invisivel.

Quando chegamos a «Jeaumont» na fronteira belga é perfeitissimamente noite. No entanto distingo ao lado da estação, a velha estação arruinada durante a guerra.

No compartimento só vai, a um canto, um mulherão, de cabelo ruivo, que dormita, sob um guarda pó formidavel. Atribuo-lhe a Polonia por Patria e fico a meditar como nos havemos de deitar os dois, no mesmo assento, sendo ela de estatura... para artilharia.

Depois do jantar — dançante, no «Wagon-restaurant», (doze francos, com cerveja), o unico divertimento que posso ter, á espera que a visinha polaca se aninhe para dormir, é abrir a janela do corredor que deita para a noite, e olhar, adivinhar a paisagem negra tendo cuidado em verificar aqueles disticos das portinholas que dizem em francez e alemão: menino não te debruces».

A's 11 estamos em «Charleroi», um nome evocativo, e pouco depois em «*Tamines.*» Por todas as estações nóto nas linhas de resguardo centenares de maquinas, e wagons alemães, pintados de vermelho, e de que os aliados nem sabem naturalmente que hão-de fazer. Perto da meia noite uma formidavel iluminação a lampadas electricas, dum efeito surpreendente alegra-me a vista adormecida. E' apenas «Namur», estação enorme, deserta. Depois atravessa-se um rio, o «Huy», prateado pela lua como manda a poesia, e chega-se a «Liége».

Todo o percurso, apesar da noite, tem sido para mim explendido de observar. Fabricas, fabricas, grandes fogueiras, massas de construções com dezenas de janelas iluminadas, chaminés *fumegantes*, *clarões* onde vejo passar minusculos pontos negros humanos na faina do trabalho. E' bem a Belgica. E eu aproveito este contentamento de vêr que ainda ha quem trabalhe no mundo, para me estirraçar, diminuir a luz e aprestar-me para entrar pela 1.ª vez na Grande Republica do Imperio Alemão.

E' tempo. Ao canto, já a minha companheira de carruagem resôna em... polaco puro.

ARMANDO FERREIRA

LER AMANHÃ

IV — Em que um homem á procura de hotel só ouve falar de Erzemberg, e do que mais lhe sucéde.

Migalhas

Do mundo desconhecido

Falava-se outro dia, deante de um militar, de um dos seus camaradas, cuja existencia ele tinha partilhado durante longos mezes, a quem tinha acompanhado nas raras alegrias e nas longas inquietações de confusas e dilatadas horas, de um camarada junto do qual ele tinha estado em circunstancias dificeis, perigosas e ridiculas, onde a alma de um homem se revela, se é ela que se pode revelar. E dizia-se:

— V. que foi seu companheiro, que o conhece bem...

Aquele a quem falavam respondeu simplesmente:

— Não o conheço.

— O quê? Depois de tanto tempo...

Ele explicou então:

— Outr'ora pensava que os homens em rebanho, numa escola, na sociedade, na banca dos cafés, entre os muros de uma caserna, eram como dados guardados numa caixa e tendo contacto pelas suas seis faces. Mais tarde convenci-me que eram apenas esferas girando livres sobre o mesmo plano e tocando-se, de longe em longe, por acaso e num só ponto... Agora...

E num gesto indicava no espaço o movimento vago de corpos gravitando sem lei e em todos os sentidos, sem nada que forçadamente os separe e nada que inevitavelmente os reuna.

Em verdade a opinião desse militar deve ser exacta, e á mingua de melhores resultados, a guerra trouxe-lhe uma certa experiencia e algumas ideias rasoaveis.

Afinal não conhecemos ninguem. A alma do nosso visinho é aquele celebre muro por detraz do qual é possivel que se passe alguma coisa e talvez se não passe coisa nenhuma. Este problema é muito mais complicado que o do infinito. Determinou-se o movimento dos mundos, podemos predizer o futuro das raças, é possivel prever os movimentos duma multidão, tal como um entomologista indica as evoluções dos insectos duma colmeia ou dum formigueiro.

Mas o irmão é um desconhecido para o seu irmão e o coração duma mulher é um enigma pavoroso mesmo para o homem por quem ela morre de amores.

Um dia, D. Aninhas tinha dito já me não lembra que disparate e do lado alguem exclamou admirativamente:

—«Não se sabe o que ha dentro daquela cabecinha.

Ninguem o sabe, ninguem o saberá, nem mesmo a minha pequenina.

Tantos demonios cheios de fantasia e perversidade combatem dentro de nós que se não sabemos justificar os gestos que ontem fizémos, menos podemos prever os desejos e os odios que comandarão a nossa vontade de amanhã.

Socrates dizia um dia em grego: —«Conhece-te a ti proprio». Muita gente imagina que o grande ironista nos dava um conselho. Engano. Era um desafio.

ANDRE' BRUN.

Ordem publica

Disseram os jornais, ha dois ou trez dias, que uma comissão de senhoras norte-americanas tinha entregue ao presidente Harding um documento congratulando-se pelos provaveis exitos diplomaticos da conferencia de Whasington. Isto nada tinha evidentemente de extraordinario se esse documento não tivesse atingido — tantas foram as assinaturas—o comprimento exiguo de trez mil metros. Os senhores estão a rir? Mas não sei bem de quê. O gesto das ilustres trans-atlanticas que Abel Herman pintou com os cabelos doirados e as mãos cheias de joias — não é nada de estranhar no paiz do Tio Sam. O que não sabem talvez é que todos nós vamos suplicar ao governo, aos partidos, aos politicos que nos deixem em socego, durante vinte e quatro horas. Essa representação conta já trez mil kilometros de comprimento e se afluencia de assinantes continuar como até hoje, dentro em breve o vasto documento terá dado a volta ao mundo. Aqui está como os portuguezes batem os americanos.

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

O escudo em Berlim

Os jornais publicaram hoje um telegrama pelo qual viemos a saber que uma Sociedade comercial portugueza de publicações e telegrafia, limitada, encetara negociações em Berlim para a cotação do escudo portuguez na bolsa daquela capital.

Pelo visto o ministerio dos estrangeiros, com o sr. Veiga Simões á frente, transferiu-se para a séde daquela sociedade, de que são proprietarios e dirigentes dois individuos de nacionalidade espanhola. Custa-nos a crêr que um organismo que tão caro nos custa, como esse do ministerio dos estrangeiros, se deixasse descer até ao ponto de ter que se amparar com a protecção da referida sociedade para conseguir aquilo que só a ele, e por ele só, competia alcançar.

No ministerio do estrangeiros ha funcionarios inteligentes e sabedores que dispensam muito bem a muleta da referida sociedade para o cumprimento de sua missão.

Sabemos que as agremiações comerciais e varias entidades exportadoras já ha muito estavam empregando diligencias para conseguir a cotação do escudo; ora se ao ministerio dos estrangeiros não cabem os lucros da consecução daquele beneficio que a Sociedade comercial de publicações e telegrafia se arroga, cremos bem que áqueles organismos portuguezes alguma coisa se deve e que não foi por intermedio de individuos que, atravez de tudo, são estrangeiros no nosso paiz, que tal coisa se alcançou.

Tambem pela noticia traçada sobre os joelhos dos redactores da Agencia Radio viemos a saber que esta agencia não é, afinal, aquela que, com o mesmo nome, tem uma larga expansão mundial, montada com capitais francezes e cuja vida social é em Paris, na rua Louis, le Grand, junto dos grandes boulevards; o que, de resto, para o nosso caso nada importa, visto que tambem esta, a que em Lisboa é propriedade da Sociedade Comercial de publicações e telegrafia de que são fundadores, proprietarios e directores, dois individuos de nacionalidade espanhola, é estrangeira, qualquer que seja a mascara com que se cubra.

Agencia Latino-Americana

E' justissimo que o governo lhe conceda as prerogativas de ordem moral que solicita

Esta agencia telegrafica de serviço internacional exclusivamente portuguesa, fundada com capitais portuguezes, e dirigida por jornalistas portuguezes, apresentou aos poderes publicos uma representação pedindo certas prerogativas de ordem moral para que melhor possa desempenhar o papel que se impoz de estabelecer uma vastissima rede telegrafica de propaganda do nosso paiz que por vezes tão maltratado tem sido por certas agencias estrangeiras,

A Agencia Latino-Americana propõe-se ligar o paiz com as mais remotas regiões do mundo para tornar conhecidas todas as modulações da nossa vida social, impedindo as deturpações que tanto nos tem prejudicado no conceito mundial: ligar as colonias com a metropole com o levantado objectivo de intensificar a propaganda dos seus produtos e noticiar os progressos da sua civilisação.

Parte deste programa está já executado e a Agencia Latino-Americana tem conquistado um lugar de destaque pela sua informação cuidada e minuciosa.

A exemplo do que em outros paizes se pratica que quasi todos teem agencias que os servem nos seus objectivos de expansão, chegando até a subsidia-las, natural é que o governo atenda os justos fundamentos do representação da Agencia Latino-Americana, tanto mais que ela só pede auxilio de ordem moral.

Entendemos até que o governo não deve hesitar para que tenha á sua disposição gente portugueza dirigindo serviços de informação, que por esse meio possa contrariar os efeitos das noticias tendenciosas que tantas vezes de Badajoz, por exemplo, teem sido espalhadas aos quatro ventos, desacreditando o paiz.

Machado Santos

A comissão encarregada de levar a efeito a construção de um Mausuleu destinado a guardar os restos mortais do Fundador da Republica composto dos srs. Drs. Mario Ramos e Fernando de Albuquerque Stockler, Manuel Rodrigues Junior, Adelino Pereira de Almeida e Francisco Candido Gomes Lamas, reuniram afim de apreciar os desenhos do Mausuleu a erigir. A comissão resolveu tambem avistar-se com os Direções dos Jornais para lhes pedir a sua patriotica colaboração.

Pede tambem para que toda a correspondencia seja dirigida a rua dos Fanqueiros 396.

BANQUEIROS

(Caricatura de EDUARDO DE FARIA)

— Sim senhor, arranjaram-nos uns bons bancos...

INCONFIDENCIAS...

Uma hora com Columbano

Evoca-se a memoria do grande pintor que foi Manuel Maria Bordalo Pinheiro — Desenhos e gravuras — O que tem sido a acção do iminento artista no Museu de Arte Comtemporanea

Columbano Bordalo Pinheiro, com Guerra Junqueiro, Eugenio de Castro, Carolina Michaëlis, Gomes Teixeira e Viana da Mota, representam em Portugal os expoentes maximos da mentalidade creadora, e são, aqui e em todo o mundo mais do que a gloria e o orgulho duma raça ou de um paiz: são a propria gloria da Humanidade. Cita-se Columbano em Paris, como se fala de Junqueiro em Espanha ou na America. As telas dum como os versos do outro, perpassam e dominam, entusiasmam e conquistam, capitais, paizes, raças e civilisações. São eternos por que são belos e são creadores. As modas passam e eles ficam, premiando gloriosamente a humanidade com o prazer supremo dos admirar. As telas de Columbano—já o escreveu Julio Dantas maravilhosamente—tem o ar nobre e inconfundivel de certos quadros de Velasquez.

As suas figuras têm o quer que seja de indefenivel na distinção das atitudes e na eleição explendidamente rithmica dos tons.

Dizer hoje que Columbano é o maior retratista portugues, podendo formar com essa triade formidavel de, Zorn, de Sargent e de Lásbow é quasi uma banalidade.

Acabamos de estar no seu atelier da Escola de Belas Artes onde desde os reposteiros brandos de veludo á tonalidade suave e religiosa do ambiento, se respira e se compreende nas mais insignificantes coisas, o temperamento raro dum artista maravilhoso e recolhido, vivendo exclusivamente para a sua concepção e para o seu nobre ideal de beleza.

E' isso que impressiona vivamente na vida e na obra de Columbano.

E' um grande homem que quer viver despercebido e na sombra.

Nem reclames, nem festas, nem recepções. A sua vida é sóbria e simples. O seu divertimento é uma sessão de cinema. E então, com sua esposa, sempre acompanhado dela, o grande mestre, o homem eminente, o artista que é uma das nossas mais queridas glorias, confunde-se com a multidão anonima, compra o seu bilhete como o mais humilde cidadão, e, entre o povo, amalgamado com ele, ninguem pode descobrir que aquele homem modesto e de maneiras distintas, com a sua luneta e os seus passos lentos e tristes, é o mestre dos mestres. No entanto a sua figura, «maigré tout», é observada. Ou quando janta no Leão ou quando nos Condes e no Olimpia ocupa o seu «fauteuil», aponta-se em voz baixa: o Columbano...

E' uma figura simpatica que se gosta de encontrar, que os pais mostram respeitosamente ás creanças para que fixem aqueles olhos serenos, aquela expressão magueda e tranquila, aquele ar vagamente alheado do mundo e das coisas da vida...

◊ ◊ ◊

A arte de Columbano tem ultimamente evoluido imenso. Não é, nesta rapida reportagem de jornal que seria possivel fixar siquer os topicos dessa notavel evolução.

A côr das suas telas como que se tem tornado mais luminosa e mais transparente. Ele, que era o artista supremo do «esfumato»—que nessa maravilha que é a «Chavena de chá» atingiu um limite estranho e não ultrapassavel—dá agora aos seus quadros uma vibração de côr, um dinamismo fluido e encantador.

O retrato que vimos em meio, e que a ser exposto ha-de constituir um retumbante e inesperado sucesso é uma obra curiosissima e que servirá mais tarde para marcar definitivamente a fase actual do grande mestre.

Basta que por encanto cometamos a inconfidencia—e Columbano perdoará—de declarar que a dama retratada, se veste dum tom avermelhado e quente, entre groseille e vermelho, admiravelmente transparente e luminoso.

◊ ◊ ◊

Na intimidade, Columbano tem o «sans-façon» dos temperamentos verdadeiramente superiores. Recebe e está á vontade.

Mostra-nos agora, na tranquilidade dum grande «mapple» uma pasta de desenhos desse grande artista que foi Manuel Maria Bordalo Pinheiro.

E' extraordinario como ainda em Portugal não foi possivel estudar esses grandes pintores que se chamavam Bordalo Pinheiro, Metrass, o Visconde de Menezes, Fonseca, Anunciação, Cristino etc.

Na pintura recénte nós vamos quando muito até Silva Porto. E' preciso que o estudo desses homens se faça com carinho e com a justa admiração a que têm direito.

Manuel Bordalo Pinheiro foi um grande artista, ainda hoje quasi completamente desconhecido alem do ambiente das relações e da familia. Os seus esquiços, os seus croquis, teem o ar e o interesse de desenhos de Sequeira. Era sobretudo extranha e realmente admiravel a sua facilidade em desenhar inteiramente de côr, sem modelos e sem recursos que não fossem os da imaginação. Para esse todo ser completo este artista fundou com Almeida Garrett o primeiro jornal de Belas Artes, para o qual ele proprio gravava.

E, alem disto, fez o projecto dos estatutos duma Sociedade de Belas Artes, em que devia haver um «bazaar» para venda de quadros.

Eis ai uma nota que não deixa de ter actualidade...

◊ ◊ ◊

A obra que Columbano tem vindo realisando no Muzeu de arte contemporanea é em tudo digna do seu grande nome.

O muzeu encontra-se fechado para obras. Não queremos ser inconfidentes. Quando ele se inaugurar falaremos a seu tempo. No entanto seja-nos licito felicitar desde já Columbano pelo sucesso indiscutivel com que levou a cabo a instalação de escultura.

Aquilo é do melhor que ha em todo o mundo.

Só aquela sala vale e honra um muzeu.

Além de tudo o muzeu do largo da Biblioteca tem uma condição essencial para o tornar interessante: tem a sua fisionomia propria, não se parece com mais nenhum. A arte e o grande «bom gosto» do Columbano, com o auxilio desse outro grande mestre que é José Luiz Monteiro tem realisado prodigios.

Aos nossos leitores recomendamos uma visita logo que o muzeu reabra. Haverá ainda a novidade das salas de aguarela e de pastel. Quando se sai daquela casa a gente traz a impressão consoladora e fortificante de que são estes homens, sem revoluções e sem odios os grandes e generosos construtores da Republica.

Factos e palavras

A PROPOSITO

... DUM DISCURSO DO SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA

Entre continuas bategas de agua realisaram-se ha dois dias as cerimonias comemorativas do 1640. Elas tiveram, num apagado brilho, a esteril banalidade do costume.

No entanto é preciso tirar para a luz, que justiceiramente lhe compete, o discurso proferido pelo sr. Presidente da Republica na sala nobre da Camara Municipal. Ele faz parte daqueles que, pelo seu valor intrinseco, devem ficar.

Não foi a historica enumeração de nomes e de factos, dita como os professores o costumam dizer da cadeira de mestres, numa aula de historia, aos meninos que ha pouco entraram no Liceu, e que afinal é o costume neste dia. Não foi a oração literaria acumulada de palavras sem sentido.

Foi a nitida compreensão dessa data na hora que vai passando, a relação existente entre duas epocas distantes dessa Historia, que os sabios dizem que se repete ás vezes. Foi o aviso proclamado pelo homem que dada a sua posição, dada a sua conduta, melhor o podia proclamar. Foi a lição do sentido da Historia ditada por um mestre que a mostrou conhecer. Foi finalmente a oração literaria feita por um orador e por um poeta.

E nós, que tão habituados estamos já aos Pachecos, aos Acacios, aos eternos gramofones de velhos discos, aos homens sem ditos e sem palavras, sentimos uma calma satisfação quando aos nossos olhos se depara um documento de tal valor.

Que os homens da nossa terra o leiam e ponderem.

Que os nossos politicos o estudem e analisem.

E que ele consiga realisar aqueles resultados que levaram o sr. Presidente da Republica a pensadamente o proferir.

Os sabios historiadores constatarami que a Historia ás vezes se repete.

Esperemos que os homens evitem que a Historia mais uma vez se repita.

O sr. Presidente da Republica bem o deu compreendido.

Que os outros lhe sigam o exemplo, compreendendo tambem.

E que o milagre se realise descendo a bom senso ao cerebro daqueles que tão longe andam das mais elementares, das mais triviais leis da logica e do bom censo.

3-XII-9...

BOTTO DE CARVALHO

❖ ❖ ❖

Os politicos andam aflitos com o desejo de realisarem a sua vontade mantendo integra a Constituição...

E' caso para se chamar obrar... para inglês vêr.

❖ ❖ ❖

A campanha difamatoria ácerca de Portugal continúa, apesar dos protestos dos desmentidos...

Todos falam e murmuram
Ninguem olha para si...

...Diz o povo e com rasão.

❖ ❖ ❖

O lunatico de S. Bartolomeu de Messines continúa na lua.

Da por paus e por pedras se o não tomam a serio e jura que, a olho nu, se há-de ter a confirmação daquilo que ele afirma.

Ha pessoas que, no dizer do povo, teem macaquinhos no sótão. Será o caso de este ter macaquinhos na lua, ou andará ele proprio com a lua?...

❖ ❖ ❖

Hontem, ás duas horas da madrugada um coxo, absolutamente coxo, andando sobre duas muletas, fazia verdadeiros prodigios de equilibrio, sob a influencia duma colossal... dóse de vinho. De vez em quando pedia esmola. Ora com estes dotes não faria muito melhor indo para o Coliseu?

As letras

Acabo de ver publicado um novo livro de D. Ana de Castro Osorio intitulado «Espertesas de Sacristão», primorosamente ilustrado por Leal da Camara.

—Saiu já o livro de André Teixeira ... que é uma interessante ... sobre a vida do Porto.

—... ser editado pela 12.ª vez o ... Ana Placido «Luz coada por ferros».

—A empresa editora Seara Nova vai editar um livro de Peres Correia, o autor da «Flandres» que se intitulará «Patria».

—Parece que Viana da Mota trabalha nalguns trabalhos literarios e poeticos que brevemente dará á luz da publicidade.

—O dr. Teofilo Braga vai publicar um interessante livro sobre politica que se intitulará «Antes e depois da Republica».

❖ ❖ ❖

Um jornal francez dá a noticia de ter chegado a uma cidade do Mediterraneo um indio de 146 anos que, pausadamente, faz a sua viagem de nupcias. Os francezes são mestres na «blague» e eu não sei francamente até que ponto deva ser acreditada esta noticia. No entanto se ela for verdadeira havemos de concordar que com 146 anos tinha obrigação de já ter juizo...

❖ ❖ ❖

O juri que condenou Landru á pena de morte depois de lida a sentença assinou um requerimento ao Presidente da Republica pedindo benevolencia para o condenado. Os parentes das mulheres desaparecidas assinaram tambem.

Quem não assinou foi Landru que proclamou alto que um homem como ele não pede graça nem perdão.

Em todo o caso é de crer que se o Presidente da Republica usar da benevolencia que os jurados lhe pediram, Landru manifeste a sua gratidão aos jurados facultando-lhes um passeio... Gambais.

❖ ❖ ❖

Landru, ainda Landru...

Ao ouvir ler a sentença de pena de morte enquanto um arrepio passava nas espinhas dorsais dos assistentes, Landru levantando a cabeça protesta pela sua inocencia.

E num gesto quixotesco negou-se a assinar o pedido de benevolencia para a pena de morte.

Landru ao mesmo tempo que era julgado pelo tribunal era-o tambem pelas consciencias.

Os homens condenam... por inveja e ciume, as mulheres absolvem... por coração, por indole e por um pouco de admirações.

UM INCIDENTE

A proposito de um incidente ocorrido ha dias no Teatro de São Luiz, trocaram-se as seguintes cartas:

Exm.os Srs. Dr. José Francisco Teixeira de Azevedo e Dr. José de Menezes Pita e Castro, meus queridos amigos. — Tendo sido eu perfeitamente ofendido publicamente pelo Exm.º Sr. Tomaz d'Aquino Pereira d'Eça e Albuquerque Leal, peço-lhes o favor de em meu nome procurarem este senhor e de lhe exigirem uma reparação pelas armas.

Na entrada, to conferir-lhes todos os poderes para dirimirem esta pendencia como entenderem.

Agradecendo, sou com muita consideração — de V. V. Ex.as — C.º, Mt.º Att.º Vr. e Obg.º — a) *José Maria Rangel de Sampaio*.

Ex.mo sr. dr. José Maria Rangel de Sampaio. Col. e nosso presado amigo. — Tendo nós procurado no dia 28 do corrente pelas 15 horas o ex.mo Tomaz de Aquino Pereira d'Eça e Albuquerque Leal, em cumprimento do mandato de v. ex.ª, expresso na sua carta de 27 do corrente mez e ano, e que a esta juntamos, por esse senhor ... que se nos recusava a nomear testemunhas e a bater-se em duelo, dando como razão — que seria estupido aliciar-se, visto saber pouca esgrima em relação a v. ex.ª.

Não obstante esta recusa terminante, aguardamos o prazo convencional das quarenta e oito horas na previsão de uma possivel reconsideração do senhor Eça Leal, e como este prazo expirou sem que fossemos procurados em seu nome, ou de sua parte recebessemos qualquer comunicação, damos por terminada a nossa missão e com o pundonor por terminada só com toda a lisura de v. ex.ª, ficando v. ex.ª com toda a liberdade para qualquer procedimento futuro que entenda dever tomar.

Com toda a consideração e estima somos — De V. Ex.ª — C.os Ats. e Vrs. e Obrs. — a) *José Francisco Teixeira de Azevedo* — a) *José de Menezes Pita e Castro*.

Reitor da Universidade de Coimbra

Foi nomeado definitivamente Reitor da Universidade de Coimbra o sr. dr. Antonio Luiz Gomes. Esta nomeação foi muito bem aceita por todos os academicos visto o sr. dr. Luiz Gomes ser um republicano de muito elevado respeito.

PELO TELEGRAFO

A luta em Marrocos

O alto comissario vai para Melilla

TETUAN, 5.—O alto comissario vai partir para Melilla. Tem aumentado a apresentação de mouros com as suas espingardas submetendo-se ás autoridades. Circulam rumores sobre suplicios infligidos aos prisioneiros pelos mouros em Alhucemas.—(R.)

A rainha Victoria visita os hospitais militares

MADRID, 5.—A rainha Victoria parte para Sevilla, Cadiz e outras cidades da Andaluzia, afim de visitar os hospitais militares onde se encontram hospitalisados os soldados feridos na campanha de Marrocos.—(R.)

A Alemanha e os aliados

Wirth quer cumprir o tratado

BERLIM, 5.—Discursando na associação da imprensa, o chanceler Wirth afirmou a sua vontade de cumprir todas as obrigações do tratado e consagrar-lhe todas as forças da Alemanha, susceptiveis de constituir uma base de credito cuja cobertura fosse realisavel economicamente, mas acrescentou que a possibilidade do emprestimo depende tambem dos prestamistas estrangeiros; convem, pois, esperar com paciencia os acontecimentos da semana proxima.—(H.)

O julgamento do comico Fatty

SÃO FRANCISCO, 5.—Não tendo o juri encarregado do processo Fatty chegado á unanimidade no seu veredictum, foi dissolvido. Supõe-se que a maioria de 10 contra 2 era a favor da absolvição do acusado.—(H.)

Conferencia do desarmamento

A redução das marinhas de guerra

WASHINGTON, 5.—Na conferencia estão decorrendo rapidamente os acontecimentos para a realisação de grandes reduções nas marinhas de guerra de todas as potencias, assim como para o estabelecimento da paz no Extremo Oriente e no Pacifico. Consta que a percentagem de navios de grande tonelagem proposta pelos Estados Unidos foi finalmente aceite por tres grandes potencias.

A Grã Bretanha, o Japão e a America declararam ter-se empenhado em unir os seus esforços para evitar todas as possibilidades de guerra no Extremo Oriente e no Pacifico. Julga-se que o resultado será o desmantelamento de fortalezas ali existentes.

Foi egualmente proposto que todas as nações se retirem dos territorios arrendados á China, em condições tais que se espera que serão devidamente cumpridas pela China.—(R.)

A situação da França e da Italia

WASHINGTON, 5.—A situação da França e da Italia no que se refere ás suas respectivas forças continua sem alteração. A França declara que não possue uma marinha e portanto não poderá limitá-la. A Italia continua pugnando pela abolição de unidades capitais de combate e de construção de barcos com mais de 1500 toneladas declarando que não poderá aceitar restrições na sua esquadra, emquanto esta não egualar a esquadra franceza.—(Lat.—Am.)

E' aceita a proposta de Hughes

WASHINGTON, 5.—Os tecnicos navais, segundo consta, chegaram á conclusão definitiva de que a Inglaterra, o Japão e os Estados Unidos aceitam a proporção de forças navais proposta pelo sr. Hughes.

Se na sessão plenaria fôr resolvido que o Japão conserve o dreadnought «Mutu» serão necessarias certas modificações no acordo, mas sobre este ponto é possivel que haja certa discussão, em vista de certos erros que parece existirem nos calculos feitos pelos tecnicos niponicos na avaliação feita das forças navais do Japão.—(Lat.—Am.)

As questões do Pacifico e do Extremo Oriente

WASHINGTON, 5.—Os representantes das nove nações, que formam a comissão a que estão entregues as questões do Pacifico e do Extremo Oriente, aprovaram uma moção para que os paizes estrangeiros que gosam do privilegio de terem correio proprio na China o abandonem sob condição do governo chinez montar um eficaz serviço nacional postal. Tencionam-se tambem abolir os tribunais estrangeiros, mas este assunto foi adiado assim como o que se refere á fiscalisação dos caminhos de ferro nacionais pela China.—(Lat. — Am.)

Os dominios ingleses

Lloyd George conferencia com os «sinn-feiners»

LONDRES, 4.—O sr. Lloyd George e outros ministros tiveram uma conferencia com os delegados «sinn-feiners», entre os quais o sr. Griffiths. As informações provenientes desta conferencia mostram que há francas esperanças de resolver a questão irlandeza a contento das duas partes. Em todo o caso ainda é possivel que haja nova reunião.—(H)

O Cabo fica com a defeza militar da Africa do Sul

LONDRES, 5.—Foi recebida comunicação de que foi entregue ás autoridades da União a defeza militar da Africa do Sul.

Foi oferecido em Pretoria um banquete de despedida ao general Carter ex-comandante em chefe das tropas inglesas, tendo assistido o Principe Artuar of Connaught.—(R.)

A resposta dos irlandeses é esperançosa

LONDRES, 5. — A resposta dos «sinn-feiners» ás novas propostas de paz feitas pelo governo inglez, será apresentada ao governo antes de sexta feira, depois de devidamente estudada pelo gabinete do Ulster.

Excentricidades americanas

Uma piscina e um trapesio no Senado norte-americano

No Senado de Washington inaugurou-se uma verdadeira novidade de luxo até agora ignorado em todas as casas legislativas do mundo.

A ideia foi do senador Basth, que durante alguns mezes levou a madurar os ouvidos dos seus colegas para um projecto criando no Senado o departamento de higiene dos senadores.

O projecto por fim passou, e o departamento lá está funcionando, com luxo asiatico.

O departamento foi construido no grande jardim do Senado, e consta de um pavilhão enorme, que é o que de mais belo se possa precisar em «confort» e magnificencia.

Alem de esplendidos banheiros e uma grande piscina, tudo em marmore e porfiro, anexo está um gimnasio para exercicios higienicos, pois que os senadores norte-americanos só entram na banheira ou se lançam á piscina depois de cançados e suados. Assim, fazem a sua partida de foot-ball, trepam no trapezio, penduram-se nas argolas, estiram-se na barra fixa, saltam nas paralelas, e ali estão sempre em grande azafama.

Ha tambem massagistas, pedicuros, e medicos, por cada fim.

O senador Basth teve discursos interessantes, momento quando fazia a apologia do banho, as suas virtudes e o seu papel na historia do mundo. Entre muitas frases do autor do projecto, ha esta:

«Lembrai-vos colegas, de que os antigos romanos chegavam a tomar oito banhos por dia de inverno e de verão, e que eram os mais poderosos do mundo, graças aos seus musculosos.

O caso é que a inovação passou, e lá esta no jardim do Senado americano, o Senatorial bathss, montando com uma opulencia deslumbrante.

Não deixa de ser interessante o ponto deste facto: e sr. Calvino Coolidge, presidente do mais alto corpo legislativo dos Estados Unidos e homem da grande prestigio politico e social, foi um dos mais ardorosos defensores da providencia em questão, amparando-a com sinceridade e energia.

Banhos e ginastica!

O MOMENTO POLITICO

Varias informações acerca da solução inconstitucional da crise

Morte ingloria da "Frente Unica"—Os partidos perante o enigma eleitoral de 8 de Janeiro

Uma solução inesperada

Estes ultimos quinze dias foram ferteis em surpresas politicas. Deu-se o Ministerio como demissionario, e, realmente, pouco faltou para ser substituido. Podemos garantir que se iniciaram mesmo algumas «demarches» para se encontrar um politico que arcasse com a dificuldade, quasi insuperavel, de organisar um ministerio que sucedesse ao gabinete Maia Pinto. O sr. Domingos Pereira chegou a ser chamado a Lisboa, enviando-se a Braga, expressamente e pelo comboio rapido de sabado, um correio, com certa importancia. O sr. Domingos Pereira não veio, ou porque não foi preciso, visto a crise politica ter repentinamente mudado de aspecto ou porque (o que nos parece mais certo) se recusou, logo e sem mais exame, a organisar o ministerio sucessor do governo actual. A crise, a declarar-se principalmente aberta, seria quasi insoluvel, porque os partidos não se sentem com força para governar e porque os elementos mais combativos do outubrismo não permitiriam uma revolução que lhe fosse adversa. E' aqui, efectivamente, que reside a chave do enigma politico. Essa chave deu uma solução, que ninguem, de boa fé, póde deixar de classificar de absolutamente e descaradamente inconstitucional.

Qual seria então a solução da crise, se o Ministerio Maia Pinto abandonasse o poder? O Chefe do Estado, seria forçado, a bem ou a mal, a nomear um governo que lhe seria ditado pelos radicais outubristas. E o programa destes sabe-se qual é, porque eles proprios o dizem: dissolução do exercito, saneamento do funcionalismo civil e adiamento, «sine die», do acto eleitoral. A esse governo presidiria, naturalmente o sr. Mesquita de Carvalho. E por aqui se vê tambem que a solução dum gabinete Domingos Pereira seria inviavel, dada a orientação legalista que este homem publico sempre manteve.

A solução dum gabinete outubrista radical arrastaria, infalivelmente, a uma crise de presidencia da Republica. Não sabemos se o sr. Antonio José d'Almeida se resignaria ou não a referendar o decreto de adiamento eleitoral, «sine die». Não vai ele assinar hoje um outro, que marcam eleições, muito platonicamente, para 8 de Janeiro?

O certo é, porem, que, assinando ou não, teria de resignar, porque do contrario, ficaria numa situação de coagido permanente, do bonecro de engonços, acionado, muito á vontade, por um governo de facção.

E uma crise presidencial seria de solução quasi impossivel, visto que o novo chefe de Estado teria de ser eleito pelo Congresso dissolvido, coisa absolutamente impraticavel no estado actual da politica portuguesa.

Mas foi somente este ponto de vista que guiou os grandes eleitores para a genial concepção, já traduzida em facto corrente, da «Bloco Unico» contra a Constituição? Não foi. A verdade é outra e nós vamos expô-la.

Morreu a "Frente Unica"— Viva o "Bloco Unico"!...

Principiamos por publicar, na integra, a iniquissima «nota oficiosa» dos partidarios:

«Tendo tomado conhecimento da situação actual do Paiz, que lhe foi exposta pelo sr. ministro do Comercio, em nome do Sr. Ex.º o Presidente da Republica, os partidos Republicano Portugues, Republicano Liberal e Republicano de Reconstituição Nacional, por intermedio dos seus Directorios, resolvem comunicar ao Chefe do Estado que aceitam as medidas indispensaveis para que a ordem seja mantida e se evitem novos motivos de desprestigio para a Nação e para a Republica.

Declaram mais que não criarão dificuldades ao governo nem deixarão de considerar unicamente inspirada nos supremos interesses da Patria qualquer atitude tomada pelo Chefe do Estado relativamente a reunião dos colegios eleitorais.

(aa) Pelo P. R. P. Vitorino Guimarães; pelo P. R. L. Colaço Lino de Almeida; pelo P. R. R. N. José Barbosa.

Durante muitos dias, intermináveis para a ansiedade publica, durou a força da crise. Os partidos, teimosamente entrincheirados no respeito inviolavel á Constituição, negaram-se a transigir com o governo. Se, em qualquer altura, o tivessem feito, as eleições realisar-se-iam no prazo constitucional. Podiam, aparentemente, usar desse meio patriotico de transigencia, sobre o qual se aplicaram criterios do bocho do «chiffon de papier» aplicado á Lei Fundamental. O certo é, porem, que, de repente e quando ninguem o esperava, os enormes partidos, tanto cioso de si, disparam contra a Nação uma «nota oficiosa», onde declaram a sua consciente cumplicidade com que ainda será o comunicado no celebre «Diario do Governo». E porque o fizeram? Porque motivo optaram pelo crime em vez de honrosamente transigirem? Porque reconhecerem a sua impotencia eleitoral (eles tambem!...) e quizeram recompor-se a custa do adiamento. A desordem interna dos partidos, de ameaça em ameaça inconstitucionais, levou os seus dirigentes a pactuarem, declarando, publicamente, que não criarão dificuldades ao governo e não deixarão de considerar unicamente inspirada nos supremos interesses da Patria qualquer atitude tomada pelo Chefe do Estado relativamente á reunião dos colegios eleitorais.

Nesta, nós, como todos, o pudor, nesta nota oficiosa», de por o Chefe de Estado aparentemente fora da questão. Pobre, pomperrimo Chefe de Estado!...

Assim, morre ingloriamente, a «Frente Unica». Mas hoje, 5 de Dezembro (horrivel sarcasmo do tempo e da fortuna!...) sucede-lhe o «Bloco Unico»... contra a Constituição!

Eis explicada a crise. A moralidade tirá-la-ha o republicano de bons principios, unico cuja alma e oração estão comnosco. Ele ha-de reflectir neste caso singular, que merece tambem ser inserto no nosso noticiario: desde sabado que as informações politicas desapareceram dos outros jornais! Porque? A verdade é que sómente «A Capital» deu informações sobre a marcha da crise, limitando-se os outros jornais a encobrir, em meia coluna de palavras estereis, a deficiencia da informação, ou então coisa pior e... inconfessavel.

E, agora, que vai seguir-se?...

Não sabemos se as eleições se farão realmente no dia 8 de janeiro. Nas sociedades bem constituidas ha uma coisa que se chama a lei, que a todos obriga e á qual todos obedecem. Entre nós, portuguezes, já não ha essa garantia. Se aos bandos politicos convier adiar o acto eleitoral anunciado para janeiro, poderão livremente fazê-lo. O «chiffon de papier» já não embaraça ninguem... Encaremos, porém, tão a serio quanto possivel, a hipótese das eleições em 8 de janeiro.

Entendemos que as causas que levaram ao adiamento ilegal de agora vão repetir-se, agravadas, nas vesperas do novo dia, marcado arbitrariamente.

A desordem interna dos partidos que se colocaram fóra da lei, ha-de acentuar-se. Ninguem os tomará a sério. Se a provincia já não obedece aos directorios, muito menos submissa se mostrará em janeiro. Daqui até lá vão ferver, em cachão, as ambições e as vaidades dos politicos. De modo que todos, governo e partidos, terão no dia 8 de janeiro as mesmissimas dificuldades do momento presente, impotentes para elegerem quem lhes apraze e forçados, se quizerem fazer eleições, a aceitarem os candidatos que a provincia lhes ha-de impôr.

A Comp. Rey-Colaço Robles Monteiro

devido ao grande sucesso da peça

O REGRESSO

resolveu dar mais — uma serie de —

4 espectaculos

no

THEATRO CHIADO - TERRASSE

Hoje ás 21

primeira representação

ULTIMA HORA

Os belos gestos

Madame Josette Martin, a bem conhecida modista Lisboeta, a quem o nosso camarada Leitão de Barros teve ocasião de se referir numa das suas cronicas e de quem «A Capital» publicou ha dias uma carta, teve a gentileza de nos enviar para os nossos pobres a quantia de Cem escudos, significando-nos assim o seu agradecimento pela aludida publicação.

Agradecemos, em nome dos nossos protegidos, a Madame Josette Martin e num dos proximos numeros indicaremos o destino que teve tão generosa dadiva.

POEIRA DA ARCADA

O capitão sr. Pimentel requereu ao ministerio da justiça que lhe fosse revisto o processo que lhe está correndo pelo T. M.

❖ ❖ ❖

Partiu ontem do Rio de Janeiro para Paris o dreadnought brazileiro «Minas Gerais» que ali vai buscar o cadaver de D. Isabel.

Os inqueritos

O contra almirante, sr. Silveira Moreno não ouviu hoje pessoa alguma sobre o inquerito a que está procedendo.

O director do P. S. E. conferenciou esta tarde com aquele oficial da armada e esteve ouvindo o capitão tenente sr. Augusto Madeira e o capitão de fragata Luiz Francisco Ramos.

A' hora a que daqui retirámos tinha chegado o «Deuté de Ouro».

Tambem estiveram no gabinete do director daquela policia os srs. Augusto Machado Santos e Carlos da Maia Junior.

AS BOMBAS DE HONTEM

A P. S. E. continua nas suas diligencias para a descoberta do autor ou autores da bomba que hontem ao principio da noite rebentou no 2.º andar do predio n.º 21, á rua das Escolas Gerais.

Parece suspeitar-se de um individuo vestido de ganga que pouco antes foi visto sair do predio em questão.

O jogo

Prisão de 12 "pontos"

A policia deu hontem a noite um assalto a uma casa de jogo sita na calçada da Estrela, 173, 1.º, apreendendo uma roleta, uma banca francesa, 600 fichas, 77 escudos em dinheiro, etc. e efetuando a prisão de 12 «pontos» os quaes se encontram no Governo Civil.

Um artigo da "Vanguarda"

O director da «Vanguarda» sr. Pedro Muralha esteve hoje de tarde a convite do sr. dr. Barbosa Viana, director do P. S. E. no seu gabinete por causa da publicação dum artigo naquele jornal alusivo ao director da mesma policia.

POLITICA

O outubrismo constituir-se ha, talvez, em partido politico

Alguns elementos da situação politica dominante pensam em organisar um partido politico, tendo por programa as reivindicações revolucionarias de 19 de outubro. O agrupamento denominar-se-ha Partido Nacional Republicano, terá um chefe supremo, assistido por um corpo consultivo e será representado perante a opinião por um jornal, intitulado «A Ideia Nacional».

Devemos esclarecer que nem todos os outubristas estão de acordo com constituição do partido.

Dois decretos

O diploma adiando as eleições deve ser publicado amanhã no «Diario do Governo».

E' redigido concisamente, fundando-se especialmente nos altos e imperiosos interesses nacionaes.

Supomos que será tambem assignado hoje um decreto pela pasta das Finanças, dizendo-se que, por virtude das suas disposições, deverá entrar nos cofres publicos uma quantia não inferior 210 mil contos. Parece tratar-se de um imposto especial de cobrança imediata sobre lucros de guerra.

Conselho de ministros presidido pelo Chefe do Estado

Está reunido o conselho de ministros, sob a presidencia do Chefe do Estado. Dizia-se que o governo entrará agora em franca ditadura administrativa, sendo, todavia, os conselhos de ministros presididos sempre pelo Chefe do Estado, que assim estará ao corrente, diariamente, de todas as providencias adoptadas ou a adoptar.

Teatro Politeama

Não estando ainda resolvido o conflicto entre as emprezas, exploradora e a arrendataria, do Teatro Politeama, ainda não ha hoje espectaculo, continuando o mesmo teatro guardado pela policia.

Hoje foi procurar o sr. governador civil, a empreza exploradora, afim de ser resolvido o conflito.

J. S. C.

O conflito Academico

Pelas 14 1/2 horas, reuniram os estudantes do Instituto Superior do Comercio que se encontram em gréve. Presidiu o sr. Zagalo Fernandes, presidente da assembleia geral.

Pelo decorrer da reunião, e pelas resoluções tomadas é de prever que a gréve fique terminada hoje.

TEATRO

Henrique Sant'Ana

Sabe «montar» como ninguem. Nas peças de grandes apoteoses faz verdadeiros milagres. Lá fóra não se faz mais nem melhor. E' o seu maior titulo.

Trapos

(Resposta a M.me Martin)

M.me Josette Martin, modista francêsa que ha muitos anos vem gosando a alta clientela portuguêsa de elegancias e de requintes, escreveu hontem para a «Capital» uma carta, talhada e cosida em tão correto português, que dir-se hia mais confeccionada sem prosa por um advogado batido em codigos sebentos do que por uma artista subtil de «mousellines» e de «charmeuses» caras...

M.me Martin sentiu-se profundamente ofendida pela critica que firmei ácerca da representação do «Jardim de Aspasia» e na qual assignalava o estranho mau gosto d'algumas «toiletes» que lhe eram atribuidas.

E' como se vê uma contenda deliciosamente parisiense, toda amolecida em pregas quentes de «miroir» em curvas sinuosas e quebradas de «glacés»...

M.me Martin, que aqui para nós teve o bom gosto deste excelente reclame, depois de emendar-me do meu erro clasificando de «groseille» uma toilete que era «fuksia» (vejam em que subtilezas nós já vamos!) declara, tremendamente indignada que a «toilette» citada não tem bugigangas nem «flôres» de cristal.

Tem rasão madame, neste ponto. Eu não escrevi «flôres», escrevi «flócos». E realmente, as suas horrorosas (perdoei!) franjas de pratas, com a intensidade diabolica dos arcos voltaicos, tinham, de longe, da plateia reverberos de cristal.

No entanto M.me Martin nas suas tão bem alinhavadas linhas—linhas de seda, pelo visto—quis descobrir um especial «parti-pris» meu para com as suas gentis creações de indumentaria.

Madame foi injusta. Eu respeito as mulheres e muito sobre tudo as modistas. A arte de vestir mulheres tem tanto de subtil e complicado, quasi, como a arte de as despir...

Os modistos são os pintores mais dinamicos e mais intensos da vida, são os scenografos das atitudes.

Um figurino é uma maquette de beleza. Ha modistas divinos. Poiret está perto de Deus...

Madame Martin, que [illegible] e conhece Worth, Doeuillet, Doucet—o estranho e sinfonico Doucet—o proprio Mac Veadus que pontifica ás vezes na «Vogue», o elegante Kurzman das «bagatelles» femininas, e essa infinidade mais vulgar de Jaeckel, de Paquin, de Jenny, da graciosa Lucile, de Chanel, de Lauvin, de Callot, do celebre Premet dos «tailleurs», de Molyneux, de Madeleine & Modeleine, de Renér, de Chéruit, que tanto marcou em 920, de Thurn esse estranho e misterioso magico da linha—sim, Mme. Martin que conhece toda essa complicada bibliografia, não pode, em boa verdade, acusar-me mais do que confundir uma côr e deixar passar uma gralha...

De resto madame deve-me estar agradecida. Eu que não uso «chiffons» não preciso este inverno nenhuma toilete mais barata, estou-lhe a fazer um grande reclame.

Mas, a vida é isto. Seja tudo em desconto... dos vestidos das nossas mulheres...

Mme. Martin tenha paciencia, fique desta vez com as suas toiletes «fuksias» que são feiasinhas, benza-as Deus, não se zangue comigo, repare que nisto de cores eu que sou pintor devo perceber um pouco mais e quanto á cronica verá que se lhe «assentou» mal é porque, em fim, era a «primeira prova»...

O HOMEM QUE PASSA

BOAS NOITES MINHA SENHORA

REFLEXÕES
AO BORRALHO

Já terminou o inquerito que esta secção abriu e fiquei muito satisfeita com o resultado que deu.

A inteligencia predominou sobre a beleza; sinto-me alegre, porque preferindo eu tambem, com toda a alma, o homem intelectual, estou lisongeadissima por ter tanta gente da minha opinião.

V. ex.as já repararam como ficamos contentissimas ao ver que os outros pensam como nós! E imediatamente, sem hesitar, proclamamos: «Ora, ahi está uma pessoa que pensa bem!

Parece muito inteligente!

Nunca nos houvem chamar estupido a quem pouse como nós.

Voltando ao meu assunto, quero dizer ás senhoras que preferiram a beleza que não devem desconsolar-se por estarem na minoria; ha minorias que valem uma maioria e neste caso encontra-se ao lado delas Oscar Wilde.

Diz esse escritor:

«O intelecto é uma forma do exagero e destroe a harmonia da fisionomia. Logo que alguem se disponha a pensar, o seu rosto torna-se todo nariz, todo testa ou qualquer outra coisa horrivel».

O homem de valor intelectual é sempre hediondo».

Não concordo com Oscar Wilde mas compreendo que esta opinião de uma certa alegria as pessoas que votaram na beleza.

O peior... o peior... é se tal opinião não passa dum paradoxo.

Este Wilde é instavel como agua, esgueira se como o mercurio, aparece e desaparece como fogo-fatuo, reveste mil formas como Proteu tem mil facetas como o brilhante.

Não importa, assim satisfaz a todos; as apaixonadas pelo belo tomarão a frase como ela se lhes apresenta e dirão: «Estamos do melhor partido;»

Nós as adoradoras da intelectualidade diremos baixinho: E' paradoxo, Wilde que admirava tanto a sua propria inteligencia não sentia aquelas palavras e, se vivesse e entrasse neste concurso, estaria ao nosso lado!

Bemdito seja pois Wilde, que pelas suas palavras furta-cores, dá ilusões e alegrias a todos nós!

FRIOLEIRAS

A lenda das rosas vermelhas

Ha muitos, muitos seculos—quando ainda havia corações apaixonados, olheiras naturais e mulheres que se não pintavam nem oxigenavam—as rosas eram sempre brancas. Nasciam aos montes, por todos os cantos semelhando grandes tufos de neve.

Num lindo dia de Maio em que a natureza estava em festa e todo o coração cantava alegre, só havia duas almas enlutadas, a de Colombina e a de Pierrot.

Colombina estava triste porque Arlequim não aparecêra; Pierrot sentia-se melancolico porque Colombina tinha o rosto encoberto por uma nuvem de tristeza.

Tentava distraí-la, contando-lhe longos e doloridos romances de amor. Subito Colombina, interrompeu-o:

—Ames-me Pierrot? Não, não fales, sei o que me vais dizer. Pois bem, se me amas, não deves desejar que o tedio encha os meus olhos e eles estão cheios de tedio, por fitarem sempre flores frias e palidas. Vês, o meu jardim está cheio de rosas e é um mar de branco que fatiga o meu olhar; pois bem, dame uma prova de afecto, traz-me uma rosa vermelha.

Pierrot percorreu o mundo, os seus pés arrastavam-se, cançados, porque cada passo o afastava de Colombina. Os seus olhos embaciavam-se, porque já não fitavam os dela.

Em vão procurava uma rosa vermelha, todas eram alvas de neve. Por fim, exhausto, fatigado, velho, voltou aos pés da bem-amada que ao vê-lo sem a rosa vermelha, o expulsou da sua presença.

Então Pierrot, pegando na mais linda rosa do jardim, abriu o peito e o sangue do seu coração caiu lento, muito lento, sobre a flor branca tingindo-a dum vermelho rubro, tão ardente como o amor que esse coração sentira.

Arrastando-se a custo, Pierrot depoz a rosa e a vida aos pés de Colombina.

Era o milagre do Amor. Desde esse dia houve rosas vermelhas.

HIGIENE DA BELESA

Maçagens

As rugas são pregas na pele; a maçagem tem por unico fim, desmanchar as pregas, deve portanto ser feita sempre em sentido transversal á prega.

Para desfazer as rugas que se formam debaixo do mento, a maçagem é feita colocando as duas mãos juntas, meias fechadas, sob o queixo, premindo ao de leve a pele. Depois afastam-se, seguindo uma para a direita, outra para a esquerda, até aos musculos laterais do pescoço, junto das orelhas.

E' conveniente untar as mãos, para todas as maçagens com vaselina, glicerina ou qualquer receita de «cold cream» recomendada por pessoa que entenda do assunto.

CONSELHOS PRATICOS

Quando se tem cousas velhas que se levam para o campo ou para as praias, ha uma maneira engraçada de as arranjar.

Revestem-se as cabeceiras e os pés com uma especie de camisas de cretonne, de cores vivas. O envolucro dos pés continua num folho largo, todo em volta da cama.

Tanto as «camisas» como o folho são presas á cama por fitas da mesma cor da cretone, para se tirar e pôr com facilidade.

GULOSEIMAS

Pudim de arroz

Coze-se 250 grs. de arroz, depois de cosido, mistura-se 100 grs. de farinha, 125 de passas, 100 grs. de manteiga, 250 grs. de assucar, trez gemas de ovos e trez gotas de essencia de limão ou de baunilha, vai ao forno ou coze-se em banho-maria.

Depois de cozido come-se com doce de ginja ou outro qualquer.

MODAS

Chapeus

Os chapeus usam-se grandes e pequenos mas estes ultimos prevalecem, são mais comodos e especialmente para as pessoas que não sejam muito altas, ficam melhor ao parecer. As cores que mais se usam em chapeu são, encarnado e preto e o feitio mais em voga é o tricornio de veludo preto com um grande prego, prendendo uma renda que dá a volta ao chapeu, envolve o pescoço e vem cair em compridas pontas.

Tambem se vão usar muitas fitas este inverno, caindo em longas pontas de veludo preto, sobre vestidos claros, ou de cores que façam sobresair o constraste.

PENSAMENTOS

Ha mulheres que amamos tanto que não nos atrevemos a amá-las.

(Etienne Rey)

Os corações complicados são quasi sempre cobardes.

(Etienne Rey)

O SPORT

As federações e a indisciplina

Sempre fomos partidarios das Federações, como entidades supremas nos respectivos ramos de sport.

E' claro que não queriamos dirigentes aos quais lhe subisse o poder á cabeça, o que era contraproducente, mas entidades com criterio, que orientassem a marcha e a evolução do sport, que se impuzessem a clubs e aos sportmans, e que mantivessem a disciplina tão necessaria neste meio irrequieto.

Está agora a Associação de Foot-Ball de Lisboa em foco.

Nunca a indisciplina foi tão grande, nem maior o desprezo pelos dirigentes.

E' urgente que se ponha de vez cobro a este estado de coisas.

Vamos ao caso:

Alguns jornais da especialidade como o «Sport Lisboa» e o «Foot-Ball» trataram o caso do profissionalismo, apontando factos concretos e pedindo para eles justiça.

«Os Sports» por sua vez declarou que não acreditava, mas isto dito duma maneira, que me faz acreditar na falta de sinceridade do articulista neste caso.

Ora que eu saiba a A. F. L. não tomou uma atitude definida como era de esperar, não investigou como era de seu dever, e tudo continua como antes...

Vem agora a escolha da équipe representativa de Portugal, no match contra a Espanha, e assistimos ao lamentavel desastre de falta de juri sportivo dos players, faltando aos treinos, não se importando nem ao de leve com as decisões da A. F. L. caso tanto mais sério, que não é a representação desse club que está em jogo, mas a bandeira do paiz a defender.

No estrangeiro o ser escolhido para internacional é uma honra que os playeres recebem com comoção.

Entre nós pensarão os jogadores que é favor?

Um colega da noite, um pouco aerio em questões de sport, dizia ultimamente, num dos raros momentos lucidos, que tendo provado o team representativo estar pouco preparado era talvez melhor a A. F. L. mandar um dos nossos primeiros teams cuja forma é excelente.

E' um caso a ponderar.

O que é um facto é que a A. F. L. ou trata do assunto com energia ou perde a força moral que tão necessaria é para mandar e ser obedecida...

RUY DA CUNHA

Box

Para a realisação do «match» «Criqui-Wyns», em que será disputado o titulo de campeão da Europa, já ha quem ofereça uma bolsa de 100 mil francos.

Parece que «Dempsey» vai encontrar-se de novo com «Brennan» que é homem de classe.

A proposito do campeão do mundo um jornal da especialidade, diz na secção de box, que o negro «Willis», deve bater «Dempsey».

Não diz a razão, é um palpite no genero daquele em que afirmava que «Carpentier» sairia vencedor no «match» com «Dempsey».

Mais uma disilusão, quando o «match» se realisar...

Luta

Em Stockolmo, o torneio internacional de luta, deu como vencedores em todas as categorias lutadores suecos.

Os francezes não se conseguiram classificar.

No Noruega, está-se disputando um torneio de jamadores, em que entram 19 clubs.

Entre nós, os clubs na maior parte brilham pela ausencia.

Automobilismo

Um grupo de «sportmens» italianos, subscreveram com a importante quantia de 100 mil liras, para o «Grande Premio de Italia».

No «Grande Premio da Belgica», estão já inscritos grande numeros de marcos.

NOTICIARIO

FOOT-BALL
OS DESAFIOS DE HONTEM

O «Casa Pia», venceu o «Carcavelinhos», por 3 «goals» a um.

«Os Belenenses», venceram o «Victoria» por dois a zero.

Em segundas categorias o «Casa Pia» venceu o «Carcavelinhos» por 3 a zero, e o «Internacional» venceu o «Sporting» por 4 a 3.

FAUSTINO-RUIVO

Fomos o unico jornal que disse haver duas propostas para a realisação do «match Ruivo-Faustino», e que um dos pretendentes era o senhor Armando Batalha. A noticia foi desmentida, mas hoje os jornais trazem a lume o que nós tinhamos dito já ha tempo.

Deve pois este mez, realisar-se o combate, promovido pelo senhor Batalha, sob a fiscalisação da «Federação do Box».

Oxalá esta tome o seu papel a serio, pois o organisador em questão, pessoa aliás muito simpatico, foi infeliz na organisação de dois «matchs» no Porto.

E' claro que a F. P. B. nada teve que ver nisso.

RUY DA CUNHA

Chegou do norte o professor Ruy da Cunha.

ROCHA MARTINS

Spartacus

Romance das lutas proletarias em Roma

VII

—Dentro em pouco estamos em Roma! Salvé «imperator»! exclamou Myrtha risonha e colocando-se na sua retaguarda, junto de Eudoxio, que gritava na sua linguagem gutural e chorava de alegria.

—Roma!—balbuciou—Que importa tudo isso se o resultado não me levar ao meu sonho?!.. Quero acabar com desegualdades, desejo que todos tenham direitos neste mundo, quero a terra em poder dos que a cultivam mas os produtos divididos pelos que fabricam os arados, as vestes, pastam os gados, são uteis e todos o hão de ser!.. Sou feroz na batalha bem sei... Mas na paz quero implantar a minha ideia! Roma! Quem sabe se não é tudo fumo?!...

Saltava para o dorso do cavalo; agarrara o capacete que Eudoxio lhe entregara e por entre o arrebatamento das legiões que se formavam, ele saudava sempre.

Avançava a grande fila de prisioneiros numa marcha pesada; Crixos resmungava e quando Spartacus passou na sua frente, ao saudá-lo, exclamou:

—Chefe que dês larga presa aos nossos homens neste dia que devemos marcar com uma pedra branca!...

—Mais se anuviou a fronte do revolucionario; o nome de Crixos subia tambem no clamor dos seus parciais e como constassem as suas palavras e os seus desejos logo redobraram as expansões alegres.

Jarmelo ficara á porta do pretorio com Eudoxio e Myrta e os seus corações pulsavam de jubilo ante o delirio de toda a gente á passagem do grande chefe na crasta vencida. Opalia surgira de semblante carregado, os cabelos caidos, murmurando para Lavinia que lhe tinham dado a guardar:

—Ha meses que só vejo triunfos para os outros... E Emerencia é uma vencida...

Cada vez que lhe falava assim era o sinal duma grande raiva em que a insultava ao relembrar a filha. Esquecendo todo o passado, só queria vingar-se na patricia dos males infligidos á sua querida Emerencia. Era preciso que Myrta interviesse com doçura, que Numesia, sempre tratara das duas creanças, suplicasse para que Lavinia fosse poupada. Ela beijava igualmente os dois pequenitos Celia, essa, vivia numa grande indiferença, preferindo o lusitano para as suas conversações, no fundo feliz com a derrota dos amos e a sua ventura redobrava ao vêr, nos belos espelhos de prata dos saques, a sua face já lisa sem a marca feita pelo prego de Cyrene.

Vestida no «peplum» alvissimo, os cabelos louros presos no alto da cabeça como um capacete gaulez, a filha de Aruneo estava linda na sua palidez de cançasso, de medo e de desespero daquela vida de acampamento, das aventuras corridas. Pensamentos sobre a familia a devoravam, perguntava a si mesma o que seria feito dos seus e embora Myrta lhe descrevesse tudo quanto se passara ela mal a acreditava. Ao querer saber de Manlio, e como a esposa do chefe não lhe pudesse responder, Opalia garantira:

— Viu-o morto no pupitilo... Em cima as flores da boda formavam festões... Cyrene loucamente beijava a boca do seu noivo...

Aquela morte pungia-a mas esse osculo doido, marcado nos labios de Manlio como um sinete humido numa céra mole, causava-lhe um profundo desespero e na sua alma nascia um ciume e uma saudade em quem Manlio outrora não pensava. Bastara que a cunhada mostrasse amá-lo para despertar no seu coração o amor que lá vivia sem chama mas latente; a adversidade ensaudara-a de todo o tempo da sua vida amimada e agora, que sabia o noivo morto, estremecia á sua recordação.

— Salvé Spartacus, «imperator»! berrava-se por todo o acampamento cada vez mais fortemente, desde que ele mandara distribuir as armas e os viveres.

Eudoxia murmurava para Jarmelo:

— Sempre o interesse.. E quer o chefe transformar o mundo...?! Ele é por todos e cada um é por si mesmo! Aqui mesmo ha já quem o inveje, quem o odeie, quem o combata! Alguem que busca apenas o goso, que procede como um pirata e não como um soldado — clamava o lusitano na sua forma habitual de não conter as palavras nem as obras. Tu bem o sabes, Myrta!

— E' Crixos! rosnou o negro rangendo os dentes alvissimos e ponteagudos.

A esposa de Spartacus volveu com a sua costumada doçura:

— Mas tem Oenomaus que o ajudará.. Esse possue um grande influencia, e só tem olhos para Spartacus...

— Ao contrario do chefe da sua centuria, Ganicus e do seu acessor Castus que são como Crixos apenas amigos da desordem e da aventura! — tornava o lusitano.

Fulgaravam as armas, nas mãos dalguns soldados elevavam-se os trofeus e os emblemas romanos, os deuses, os estandartes, as aguias, numa homenagem delirante ao general que voltava á sua tenda, se apeava, recebia as saudações dos chefes á frente dos quais Crixos se empavesava.

— Spartacus somos, velhos companheiros! Saimos da mesma idea e da mesma vedeta... Eu te saudo e te peço que sejas implacavel.. E' a salvação de todos... Assim o deseja a cohorte que comando...

Os olhos do chefe fusilaram, procurou ao lado dele o seu Oenomaus que sempre dominava na suavidade e lhe acatava as ordens, cedendo apenas á colera quando os mezes se passavam e Crixos lhe mostrava a ausencia da noiva. Nesses dias Lavinia lia condenações terriveis nos olhos azuis do guerreiro. A sua sentença dependia duma raiva maior que o gaulez excitasse e a patricia tremia receiando que Myrta não a pudesse salvar.

Spartacus, todavia, era o seu oraculo; admirava-o pela bravura, queria-lhe pela bondade, fascinava-o pelas boas palavras como ele mesmo domava os soldados pela heroicidade e, sobretudo, pela sua graça rude e porque bebia e cantava a seu lado. As acções mais temerarias era ele que as executava, como naquela manhã em que, sem licença do comando, se puzera a perseguir Paulo Virginius na ancia de o prender, de o agarrar como um trofeu.

O grande chefe ia perguntar por ele, apoiar-se na sua autoridade ante as palavras de Crixos quando um dos oficiais apareceu correndo e gritando:

— Um grego que vem com uma mulher e te quer falar está na linha das velitas!

— «Vale!» exclamou o chefe — que venham! E tu, Jarmelo, has-de trazer-me esse centurião que se entregou antes do combate...

A grande força que conduzia os prisioneiros já se distinguia claramente; entreviam-se os rebeldes vestidos com as lorigas dos vencidos e trazendo aos ombros outras armaduras que rebrilhavam, lembrando carapuças polidas de enormes tartarugas. O centurião saudava o general, que o interrogava, no seu tom costumado, á sombra do toldo de linho da tenda que Publius habitara:

— Porque te entregaste?! Porque fugiste ás hostes da republica?!

Serenamente, o guerreiro, volveu: Porque soube a maneira porque acolheste os nossos prisioneiros, porque tu falas do bem de todos, porque os meus homens te amavam pelo que de ti consta em Roma!...

Crixos resmungou:

— [illegible] dentro em [illegible] como um Syl[illegible]

(Continúa.)

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

> A instrução publica nos grandes paizes é sempre deficiente—como deficiente é sempre a arte de cosinhar nas grandes cosinhas.
>
> **Nieztche**
>
> Mas então Portugal é o maior paiz do mundo!

N.º 3345—12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Terça-feira, 6 de Dezembro de 1921 | Telefone n.º 2298 — Endereço Tel. CAPITAL | Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

DUAS DATAS

Por uma ironia do destino—quando não seja por uma coincidencia historica — o decreto que inicia uma nova dictadura em Portugal publicou-se no dia 5 de dezembro. Fazia precisamente quatro anos que um movimento, destinado tambem a estabelecer uma dictadura, se desencadeiára em Portugal. Não ha duvida. A historia repete-se, e repete-se em condições que por vezes não podem ser mais semelhantes.

Fez-se o movimento dezembrista de 1917 contra a Constituição e contra os partidos. O movimento dezembrista de 1921 egualmente se fez infringindo a Constituição, e contra os partidos. Simplesmente, um fez-se com as armas nas mãos, e outro com a ameaça de uma nova revolução. O ataque aos partidos, por sua vez, tem as mesmas caracteristicas. Afirma-se que eles tem dado provas de uma grande incapacidade. Não diremos que esta acusação seja infundada; mas não podemos eximir-nos a observar que da obra das dictaduras nada tem ficado senão a memoria das violencias por elas cometidas.

Foi o que sucedeu com a dictadura Sidonio Paes, que ia levando a Republica á sua perda. Foi o que sucedeu com a dictadura Pimenta de Castro, á qual tambem o presidente Manuel de Arriaga deu a sua cooperação. Tanto uma como outra inscrevem-se em paginas negras na historia da Republica.

Dissémos acima que o ataque á acção governativa dos partidos se justifica em grande parte. Não ha duvida. A sua administração, vista duma maneira geral, tem sido ruinosa. Veja-se o que tem sucedido com os navios ex-alemães. Desde que foram apreendidos, durante o governo do sr. Afonso Costa, não ha desmazelo, não ha incapacidade, não ha crime que se não tenham registado, quer em relação á administração dos navios, quer em relação ás suas mercadorias. E, como estas, muitas outras provas inegaveis existem da má administração dos partidos.

Quando o dr. Sidonio Pais investiu com os partidos, a opinião publica permaneceu numa espectativa em que havia muito de esperança na moralisação do regimen. Mas não tardou que se verificasse que a uma má administração sucedia uma administração peor; a funcionarios corruptos funcionarios mais corruptos ainda, e os ministros de que Sidonio Pais se rodeiou ainda valiam menos, quer sob o ponto de vista intelectual, quer sob o ponto de vista moral, do que os ministros dos antigos partidos.

Nessa ocasião, os partidos reagiram. Agora, submeteram-se colaborando no atentado de que a Constituição foi vitima. Mas nem por isso deixam de ser atacados. Não se fala senão em eleminal-os; agora, porém, a opinião publica, instruida pela experiencia, só espera que sejam substituidos para peor, como iam sendo durante o periodo sidonista.

Entretanto estamos em ditadura. Nada impede os salvadores de salvarem o paiz. Anuncia-se mesmo já que o sr. ministro das Finanças, em quinze dias, restaurará inteiramente o nosso credito, diminuindo em 210.000 contos o «deficit» orçamental. Esperemos. Mas a opinião publica já perdeu a confiança nas ditaduras, e o que ela teme é que nos deixe, não com menos 200.000 contos de deficit, mas com um aumento do 'deficit' ainda superior a essa quantia. Pelo menos, a vida encareceu espantosamente, é o que tem sucedido sempre apos as ditaduras, em que a Republica já tem sido fertil.

Nunca, como neste momento, a velha de Syracusa, que adulava o tirano com medo de que viesse outro peor, teria mais razão para os seus tristes vaticinios.

Lêr amanhã:

Artigo de

Julio Dantas

Migalhas

Durante as Saturnais

O bolchevismo, tal como tem sido praticado, não é um esforço no sentido da egualdade, um nivelamento por cima ou por baixo. E' simplesmente aquela historia da casa de pernas para o ar que vemos nas feiras, é unicamente a prolongada repetição dos dias das saturnais. Os escravos tomaram o logar dos senhores com a diferença que a festa já vae durando ha quatro anos.

Um jornal que se publicava em Moscou, o «Bitsch» e que um russo teve um dia a amabilidade de me traduzir, dava detalhes saborosos sobre a maneira como os locatarios das casas dos bairros ricos tinham sido postos na rua ou despejados pelas janelas. Os proletarios tinham-lhes ocupado o logar, ao passo que os expulsados se iam instalar nos casebres ou nos subteraneos dos sordidos arrebaldes.

Esse sistema de justiça distribuitiva bem devia ser aplicado entre nós para quitar a certas formidaveis ilusões.

A classe operaria teria então ensejo de conhecer os encantos das chamadas casas ricas dotadas de todo o desconforto moderno em que as pneumonias e as gripes se entrometem pelas portas que não fecham e pelas janelas que não védam, de apreciar todas as fingidas comodidades dos ascensores que não sobem, telefones que não falam, luzes que não acendem, radiadores que não aquecem, etc.

Teria provavelmente, alem disso, que encerar os sobrados, cosinhar os guisados e engomar, por falta de criados idoneos ou mulheres a dias habilitadas. Veriam afinal que a existencia que invejam é bem mais cheia de complicadas amarguras do que aquela que hoje abominam, que tudo é relativo e que não ha senão uma cousa absoluta; a interioridade do homem perante a vida.

Os bolchevistas não sabem o que os espera no dia em que forem ricos. Ignoram a dolorosa escravatura do capitalista que não póde deixar de ganhar muito dinheiro. Desconhecem o martirio do milionario que pretende gosar da sua fortuna, os ritos exasperantes da vida mundana, a vigilancia implacavel e despresadora dos inferiores, a maldade dos criados, que julgam os amos com a mais perfida severidade e os espreitam pelos buracos de fechadura nas horas de mais triste solidão e de mais dolorosa intimidade.

Não sabem o que seja a amabilidade forçada, a necessidade de lidar obrigatoriamente com os mesmos imbecis e ter para eles o mesmo obrigado sorriso sob os mesmos pretextos de aborrecimento hipocrita.

Desconhecem a tortura de ter que travar a lingua todos os cinco minutos e suspender *os gestos de desabafo* tres vezes em cada hora.

A sabedoria antiga tinha inventado os Saturnais: durante tres dias, o escravo exercia os duros trabalhos do seu amo. Depois do que, contente com a sua sorte, voltava para o seu *fétido ergástulo*. O *bolchevismo* tem o defeito de prolongar uma loucura.

A grande noção da sabedoria consiste em não levantar os olhos. Se queremos forçosamente invejar alguem, invejemos aqueles que estão por baixo de nós.

O milionario deve invejar o burguez, este deve invejar o operario, que bem pode invejar o mendigo. A este assiste o recurso de invejar o macaco que não tem que usar calções. O macaco, por sua vez, pode desejar a existencia de certos seres dos primeiros degraus da escala animal que nem sequer tem o trabalho de trepar ás bananeiras para angariar a mastigação.

E, assim, concluiremos que afinal quem tem uma sorte mais invejavel não é o Seixas do Rocio: é o seixo dá praia que, insensivel aos choques, sem curiosidades do passado sem cuidados do futuro, sem inquietação de melhorar a sua existencia, se deixa tranquilamente polir pelas vagas domar.

ANDRE' BRUN.

Questões do dia

A vida cara e a acção do Ministerio da Agricultura — Balas de chumbo não são rebuçados! ...

Invocando o Supremo Arquiteto do Universo (estilo do sr. Magalhães Lima) ou o Padre Eterno (á moda de «A Epoca») juramos solenemente que não temos nenhuma especie de má vontade ao ilustre homem publico que dictatorialmente nos faz a esmola de pontificar na pasta da Agricultura.

Séria injustiça, ou pelo menos, gravo erro de inteligencia, não reconhecer no sr. Antão de Carvalho a existencia dum altruista sentimento patriotico, que mais lhe faz cuidar dos outros que de si proprio. As intenções purissimas do super-homem outubrista não são para duvidar, antes constituem artigo de dogma, indiscutivel e, sobretudo, garantido como solida mercadoria, feia e forte á moda do Porto. Uma coisa, porem, é o que se esconde nos abismos do nosso pensamento, e outra muito diferente, e especialmente mais dolorosa, é a que o povo sente nos estomagos insatisfeitos.

Legislou o sr. Antão de Carvalho (e com ele todo o governo) sobre os assucares. O resultado pratico foi este: o assucar subiu de preço passando de 80 centavos o quilo para dois e meio escudos. Um pau por um olho!

O furor legislifero do sr. ministro da Agricultura promete estender-se agora a todos os outros artigos de subsistencia publica, por meio dum novissimo organismo, a que se vai dar o pomposo nome de Junta de Provisão Publica ou qualquer coisa parecida. O nome pouco importa. Mas já o mesmo não dizemos com respeito aos resultados praticos da providencia governamental, porque receiamos uma elevação imediata do custo da vida, fundados na experiencia do decreto sobre os assucares.

Por muito que as eleições, que se farão ou não se farão no dia 8 de janeiro, preocupem o governo, cremos que ainda lhe restarão uns minutos para pensar, a sorio, no problema das subsistencias. Um dos artigos do programa revolucionario referia-se á diminuição do custo da vida. Pois a verdade, que não admite contestação, é que a vida está mais cara que nunca e sobe todos os dias o mesmo de hora para hora. Até onde irá a progressão? E' impossivel fazer uma previsão segura. Simplesmente já se sabe e desgraçadamente se sente que os ovos são raros e apenas acessiveis a quem os pode pagar a 30 centavos cada um; que as batatas, alimento do pobre, giram em torno do preço de 50 centavos o quilo, anunciando-se, para breve, esse preço para um escudo o quilo; que o peixe, a carne, o azeite e os outros alimentos indispensaveis para se ir aguentando o cadaver do cidadão vão subindo de preço todos os dias.

Ora nós temos as mais vivas apreensões a respeito de tudo isto. E' que não ha nada mais certo que o ditado quando afirma que, se a fome entra pela porta, a virtude sai pela janela.

Tão dificientes são as informações oficiais que estamos absolutamente convencidos que as nossas são em maior numero e de muito maior fidelidade. Nenhuma duvida temos, pois, em assegurar que o governo ignora totalmente que a saude publica é precaria, principalmente em Lisboa.

Não nos referimos ás endemias exacerbadas. Fazemos alusão, pelo contrario, á multiplicação das doenças de desiquilibrio mental, que em Lisboa, e não sabemos se em toda a Nação, alastram pavorosamente. O numero de individuos atacados de delirio de perseguição é já tão elevado que os casos aparecem diariamente no noticiario e estadeiam-se pelas ruas da cidade, dando pasto ao gaudio selvagem do rapazio. E se o governo quer saber mais, peça ás casas de saude uma nota sobre os internados das ultimas semanas. Não falamos em doenças do coração, porque essas são menos evidentes, visto que matam mais depressa.

E porque é isto? Porque a vida se tornou insuportavel. Porque a fome é um facto, torturando as familias e arrastando para a demencia ou para a lesão cardiaca os desgraçados chefes de familia.

Isto acaba mal, muito mal mesmo. Certamente que a ordem publica é senhora da maior respeitabilidade e não duvidamos (nem por sombras!...) que a força publica está absolutamente disposta a mantel-a. Mas, que diabo! não julgamos que seja possivel dar balas de chumbo, disparadas por metralhadoras, ao povo esfomeado, que pede alimento mais substancial.

Reflita o governo no que se está fazendo no Ministerio da Agricultura. Isso, ao menos!

A Alemanha e os aliados

BERLIM, 6. — Discursando por ocasião da recepção que lhe foi feita no edificio do Reichstag, o chanceler Wirth, na presença do presidente Ebert, passou em revista a situação politica. Referindo-se aos seus esforços para conservar a politica adotada desde que o ultimatum de Londres foi aceito, repetiu o chanceler que a Alemanha deseja dar do penhor o seu principal material como garantia aos creditos que lhe possam ser concedidos. O governo, que se comprometeu a tratar oficiosamente do assunto, aguarda pacientemente a resposta. Declarou mais que o governo está preparando o equilibrio do orçamento antes que o mundo duvide da boa vontade e da energia da Alemanha. Sem claramente se saber quais os sacrificios impostos á propriedade, será impossivel a pacificação da politica interna. A principal tarefa do governo será, portanto fazer aprovar pelo Reichstag em breve as novas taxas de impostos. — (R.)

CROQUIS DE VIAGEM

Por terras -:- -:- -:- -:- -:- -:- -:- já dantes viajadas...

IV — Em que um homem á procura de hotel só ouve falar de Erzemberg, e do que mais lhe sucede.

A's 6 da manhã sou acordado em alemão. Dois militares de «bonet» de pala, fardetas azues, calças vermelhas pedem-me o bilhete para revisar; são revisores apenas. Dahi a instantes mais dois uniformisados de verde sujo, aquele verde sujo que conhecemos dos uniformes da guerra, vem revisar a mala. Estamos em «Aachen» em «Aix-la-Chapelle». A primeira coisa que tenho de experimentar — meu Deus! com que palpitações — é o meu alemão... recemnascido ha 4 mezes pelo methodo Ahn, e nunca aplicado. Que perceberão os alemães do meu «alemão» trazido de Lisboa muito fresquinho mas muito insignificante ainda? Os homunculos, autenticos tipos das raças do norte, fortes, vermelhos, aloirados, altos, não veem as malas. Falam para mim e eu por instinto digo-lhes:

— «Nicht».

Deu certo; eles cumprimentam e seguem. Sou um homem feliz! Na estação ha grandes letreiros do «Kommandantur» francez dos exercitos de ocupação, lado a lado com as intruções das autoridades alemãs. Todos os empregados da estação andam uniformisados, e, quasi todos os homens, carregadores, moços, maquinistas, usam «bonet» de pala. A demora é pequena, e o comboio passa em elevação, circundando a cidade. Posso distinguir largas e longas avenidas, possantes edificios, tudo plano e regularmente alinhado; a coloração geral é de oca arruivada, como em todas as cidades alemãs, pelo predominio do tijolo. Hora e meia depois estamos chegando a Colonia. O percurso é interessante. Enormes letreiros pendem de todas as paredes porque os campos nesta região nãose alonga muito entre cidades, vilas, repletas de fabricas; estou sulcando uma zôna ulheira das mais importantes da Alemanha e pela imediata observação se nota como a população é densa; as vilas, aldeias, cidades são continuas.

Em «Colonia», ou antes em «Koeln» apeio-me. Tenho um desejo imenso de falar, de me fazer perceber e inquiro dum empregado da estação se ha muita demora ali. Desilusão: o homem não percebe nada; e no entanto eu tenho a certeza que está certa a frase. E' possivel contado que tenha gramatica a mais e pronuncia a menos.

A «gare» central, como se diz por lá a «Haupt-Bahnhof» é encostada á catedral; olho lá para cima seguindo uma aresta viva que parece ir penetrar no ceu. E' um rendilhado gotico, puro, impressionante, magestosamente enorme.

A «Catedral» ainda dorme áquelas horas da manhã; a cidade vae acordando; vejo bicicletas, carros electricos verdes, carroças, uma população que desperta. Não me acomodo com a ideia de terem colocado, agarrada á ilharga do «Dom,» preso de pedra branca, em cujas naves a religião deve ser sentida pela grandeza e pelo silencio, esta enorme cataplasma de zinco, denegrida pelo fumo, roncando, silvando maquinas a toda a hora, porque, é pela «estação central,» aqui prantada, que a maioria do trafego entre as margens esquerda e direita do Rheno se faz. Mesmo em frente, no eixo do «Dom», a uma centena de metros da abside estende-se a ponte «Hohenzollern» apertando-se em curva estreita os comboios para nela entrarem.

E' a hora de partida; dou uma saltada ao bufete, mato a sede com um copo de agua e volto ao meu compartimento. Ao atravessar a ponte, uma magestosa, imperialissima ponte travo relações com os primeiros «hoenzollerns, nada menos de 4 a cavalo cada qual a um canto da ponte, marciaes, altivos, grandes, todos Fredericos e bastante Guilhermes.

Dali por diante atravesso durante horas uma complicada rede de caminhos de ferro, região cheia de cidades, manufactureira, industrial, mineira, toda riscada ao alto por chaminés enormes, depositos, fornos, «decauvilles», gruas possantes. Encontro cimento armado em larga aplicação e atravesso pontes de todos os tipos emaranhando-me por completo a noção da direção.

Sinto mesmo, ali pelo meio dia leves indisposições no estomago mas que atribuo á agua que bebi pela manhã. Se lhes parece: era a primeira vez que bebia um copo cheio de agua de Colonia. Experimentem...

O meu mal era fome. Almocei no «Speise-wagon» do «Mitropa». E' assim por abreviatura de «Mitel Europa» que se chama por cá a companhia dos «Expressos Europeus». A' uma hora estou em «Hannover» tendo deixado já a zona proximo da fronteira e sulcando agora campo. Nas estações as paragens são curtas. Os chefes são verdadeiros oficiais de «bonets» vermelhos de pala, farda azul e uma ventarola vermelha na mão para dar sinal ao maquinista emquanto gritam qualquer coisa que se me afigura «Höppl» e afinal é «abfahrt»... (partida).

Os comboios na Alemanha não tem a velocidade dos da França. Caminham com mais segurança, deslisam suavemente e o numero de acidentes é rialmente menor; o que me aborrece, porque a região que atravessamos nada tem de interessante; é campo, largo e plano campo, aqui, ali com um entroncamento, um nome de estação conhecido. Em «Stendal» ligamo-nos á linha de «Hamburgo» e marchamos para «Spandau» depois de passarmos pela «aldeia» natal de «Bismarck». «Spandau» é o Braço de Prata... de «Berlim». Atravessamse as florestas das cercanias da capital, «Grunewald», uma bela ponte sobre o Havel e chega-se á primeira estação da cidade, a «Zoologischer Garten Bahnhof».

Depois por um viaduto dentro da cidade, trepando a cima do hipodromo, indo á altura de segundos andares nas trazeiras de predios altos, passando ao alto do Tiergarten, chega-se a «Lehrter Bahnhof». Uns minutos mais de paciencia e atinge-se «Friedrichstrasse Bahnhof», a mais central, a mais movimentada, a dois passos do «Unter den Linden»... São cinco da tarde.

As malas foram levadas para sitio invisivel por um moço. Desço com todos porque todos descem, até á porta da rua. Entrego os bilhetes e dão-me uma das chapas com um numero em 30 mil e tal que, uma especie de porteiro traz espetadas. Para que me servirá o numero? Onde estarão as minhas malas? Cada terra com seu uso e é bem certo. Mas eu já devia esperar que estes alemães fossem suficientemente praticos e cheios de progresso.

Em frente á estação trens e automoveis passam gritando o seu numero... o numero que nos destribuiram. Não ha precipitações, nem empurrões, nem dificuldades. Ao pé de nós e do «taximetro», veiu parar o moço com as malas que desceu pela escada das bagagens. O frete custa 4 marcos, e o automovel embora de praça é muito superior aos estafados «taxis» de Paris. Seguimos para o «Hotel Adlon», á esquina do «Unter den Linden» e «Pariser Platz». Atravesso um magnifico jardim de inverno e abeiro-me dos gerentes.

— Quarto?

Os homens de fraque esboçam sorrisos amarelos e dizem que não ha, nem para a semana, nem para todo o mez. E voltam a conversar sobre Erzemberg, conversa que eu quebrei com aquela impertinente e inexplicavel pergunta: se havia quarto!

Dali ao «Kaiser hof» são duas rodadas. Largos grupos junto ao balcão de marmore dos meus... algozes, discutem acaloradamente. Volto a ouvir falar em Erzemberg. Atrevo-me a perguntar por um quarto. O homem olha-me com o aspecto de quem tem diante de si um louco: «Um quarto?!»

— De que nação é?

— Portuguez.

— Quarto, isso sim! Não ha nenhum.

Razão alguma o demove. Eu fico intrigado com a pergunta. Suspeito enraivecido que se me naturalisasse espanhol obteria o «zimmer» almejado. Assim percorro 3, quatro, o «Excelsior», o «Bristol», o «Savoy» recebendo a mesma e infalivel resposta. Acabaram-se os quartos... e toda esta gente se mostra preocupada com «Erzemberg». O «chauffeur» explica-me que é a proposito do «premio» de 100 mil marcos que a policia em largos anuncios pelas paredes oferece a quem indicar o paradeiro dos seus assassinos!

A's 7 da noite, continuo de «taxi» depois de ter visitado todos os hoteis de Berlim. Nisto o «chauffeur» tem uma ideia; atravessa um largo parque, comprido como a minha inquietação, e depõe-me em «Charlotembourg» á porta dum hotel imponente esquinado, em prôa de navio. Não quero saber se ha quartos.

Apeio-me, dou 20 marcos ao groom, pisco-lhe o olho, pago 60 marcos pela corrida e disponho-me a ficar. Tanta choradeira faço, tanto obstinado me mostro que o alemão convence-se. Digo-lhe piadas na sua lingua e quando ele canta a ariado não haver quarto, faço de conta que nada percebo. A's 8 horas estava no 5.º andar, no 533, mas. sempre a erum quarto.

Lavado, barbeado, dali a pouco estava á meza do hotel, um «Weine-Restaurant» luxuoso onde um quintetto toca com espanto meu «El Relicario» entre pedaços de concerto.

E janto, santo Deus dos alemães, e comsigo jantar!...

Uma longa lista com nomes muito feios é-me dada para escolher. O quê? O «maitre» é amavel, arranha francez e peço lhe sopa; ele diz que não e dá-me um explendido «hors d'oeuvre», volto a insistir pela sopa e traz-me um «peixe frio» com muitas geleias, e, como eu exija a «sopa», volta a dizer que espere. Traz-me um valente «bife» e no fim!... o caldinho quente ancsado. Um doce, a primeira garrafa de vinho do Reno, adocicado «traffés» e uma conta grandiosa: 230 marcos. Jantar de nababo... Tome agora nota o leitor e diga se vale a pena lá ir... Da fome como vê... não se morre. E pode crer que, se antes da guerra ouvia os alemães fazerem a apologia desproporcionada do Kolossal para cima, hoje a miseria, a decadencia que ouve apregoar é desproporcionada apologia do «Kolossal...» para baixo.

ARMANDO FERREIRA

LER AMANHÃ

V-Berlim... ao balcão

SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES

Uma conversa com o escultor Francisco Santos

Repto aos artistas novos

A gente nova tem nos ultimos tempos agitado contra o palacete de Barata Salgueiro o fogacho da sua revolta, investindo contra um passado academicamente consagrado, e por isso, dizem, envelhecido.

Por jornais e revistas, comentando levemente como ferroadas, ou em longos artigos de justificação, a revolta tem alastrado ante o silencio dos atingidos, enclausurados na torre de marfim da consagração publica, alheios ao vozear que cresce em sua volta.

Seria curioso ouvir a Sociedade, penetrar no seu isolamento, e trazer para o soalheiro dos jornais algumas opiniões somente emitidas em voz baixa, na meia luz discreta das suas salas, ou no palreio amigo dos cafés.

No «Martinho» topamos Francisco Santos, o presidente da Sociedade de Belas Artes, e se é certo que o presidente é entidade representativa do todo associativo, Francisco Santos é agora para os leitores a Sociedade que se justifica e defende.

Francisco Santos não necessita que os nossos adjectivos lhe chamem ilustre escultor, ou qualquer das frazes feitas que os entrevistadores teem no bolso á guiza de rebuçados; para laurearem o nome dos seus entrevistados.

A sua obra fala mais alto que a nossa minguada prosa, e por isso pedindo vénia, vá de entrar a fundo no assunto.

Dois cafés para começar.

Feitos os cigarros e á primeira pergunta, Francisco Santos num á vontade que nos faz prever uma bela tarde de cavaco, diz-nos:

—E' talvez ainda cedo para dizer coisas. Deixa-los exgotar os ultimos cartuchos; a nossa defesa virá a seu tempo, nós somos os velhos, andamos mais devagar.

Longa é a historia e embrulhada, tecida por meia duzia de individuos levando na peugada a rapaziada que desponta nas letras e nas artes, e que quer por snobismo arrebanhar neste charivari grotesco.

Afinal nada mais ha do que uma diferença de pontos de vista; o nosso é continuar na serenidade discreta dos que trabalham sem reclame, e deles era transformar numa empresa de diversões mundanas com chás e cinemas, a Sociedade, que para decoro de nós todos, não pode passar a ser um casino recreativo, sucursal da «Garrett» e outros recintos eleganies, onde a gente nova vá valsar e namorar.

Abusam-nos de termos escorraçado os novos por espirito de má vontade e rotina, que nos faz apoucar tudo o que não seja o que nós fazemos.

Mas nós não fizemos mais do que defender uma agremiação a que pertencemos ha longos anos, e que tem um passado honesto, de uma invasão turbulenta e imperativa que quiz legislar a torto e a direito contando com a nossa passividade, para num arranco de audacia nos substituir como velharias inuteis, e transformar a Sociedade segundo o seu plano, que obedecia a um certo instinto comercial embora o rotulassem de arte moderna, chamariz discreto para uso de familias e de meninos que necessitem dar-se ares de extranhos artistas para justificarem suas taras e histerismos.

Historiemos resumidamente a questão:

Dois socios um dos quais se tinha incompatibilisado com a Direcção, propuseram nada menos de 60 socios, recrutados entre a gente nova, muitos dos quais eu nem de nome conhecia, embora isso não fizesse peso. Como mandam os estatutos as propostas foram afixados durante o praso estabelecido.

Até aqui nada de anormal. O que é agora muito para admirar, é que essa gente apressada em concluir o negocio que os levava ali, não esperou a aprovação das suas propostas, e entendeu elaborar um projecto para o qual pedia a aprovação da Direção, o que consistia nada mais nem menos do que, na requesição de uma ampla autonomia para o grupo reconchegado, e a creação de um cofre áparte que independentemente da ingerencia da Direção, poderia ser utilisado na efectivação do programa de festas, que pomposamente se apelidava de arte moderna.

Era como vê a creação de um estado dentro de outro estado.

A Direção, que compreendeu os intuitos desta avalanche que intencionalmente nos vinha escorraçar da Sociedade, e servir-se das excessionais condições da nossa instalação, levou o caso á assembleia geral, que se pronunciou contra essas intensões, não dando o seu «agrément» para as propostas, enquanto não fossem modificados os Estatutos, de molde a salvaguardar os interesses da sociedade, e seus antigos socios, todos artistas documentados com uma obra, ao assalto eventual dos adventicios mascarados de artistas, e, com poucas excesões, sem obra que os acredite.

Compreende que na maioria das vezes não vão ás assembleias gerais mais de trinta socios; ora uma vez admitidos sessenta com tais intuitos, formar-se-ia uma maioria, que inconscientemente se moveria ao sabor dos interesses de meia duzia, e em pouco tempo os artistas velhos não teriam outro caminho a seguir senão o da porta da rua, enquanto os reconvindos embandeirariam em arco o seu «Belas-Artes Palace» centro de regabofe mundano e arte modernissima, com chás Tango ás 5.as feiras, e «jazz-bands» pelas soroadas.

E depois é indispensavel fazer uma seleção na admissão de socios, porque se formos a chamar artistas a todos os meninos que por terem lido uma vez o Wilde começaram logo a padecer de nevroses e a dar-se ares, dentro em pouco a Sociedade seria constituida por uma minoria insignificante de artistas de verdade e imensa gente, que estaria muito bem nas demais associações profissionais, e muito mal na Sociedade Nacional de Belas Artes.

A modificação que nós procuramos fazer nos Estatutos era de crear em vez dos existentes, só duas categorias de socios, uma de efectivos constituida somente por artistas com documentação, e outra de socios protetores constituida pelos restantes. Só os primeiros poderiam tomar deliberações na Direcção e Gerencia da Sociedade.

Depois disto não nos importamos admitir todos os que venham, uma vez que estão salveguardados os interessos da Sociedade e o bom nome da Arte.

E eis no que se resume a nossa má vontade, conclue Francisco Santos.

O artista serenamente tinha ficado esmaltando a sua conversa de «blagues» interessando-nos em detalhes a que o seu espirito dava relevo.

A nosso lado sujeitos gordos conversavam, naturalmente tão longe da Arte como do Celeste Imperio.

E ainda num ultimo repto:

—Ha no entanto uma forma de essa gente mostrar a sua superioridade; é trabalhando esmagando-nos com o peso do seu genio. Mas trabalhando todos, e não pondo á frente num coro de espanta pardais o nome de Eduardo Viana que tem talento e é capaz de fazer alguma coisa. Trabalhem produzam, suplantem-nos, que até nos servirão de incitamento desempoeirando-nos. Ha ahi varias salas adaptaveis a esses projectos. Façam ahi um «salon» moderno, dissidente, e afirmem o que querem e o que valem.

A nossa conversa liberta agora do circulo mesquinho em que se debate a arte nacional, esvoaçou para lá da fronteira em busca de Paris, que o escultor evoca na sua lembrança. Vinha anoitecendo.

Macacos da moda

Ha trez anos foi moda as elegantes parisienses darem um passeio pelo «Bois de Boulogne»—com um macaquinho debaixo do braço. Pois essa moda voltou de novo. M.me Chic trá-lo agora gentilmente, vestido de verde ou de azul, sempre muito aconchegado ao pescoço no seu abafo de péles. Os caprichos das mulheres não se discutem—e a recente extravagancia do «Quartier Saint germain» chega talvez mais do que nenhum outro, a ser quasi femininamente indiscutivel. «Notre seur-farouche» pensou, reflectiu, considerou com a sua tremenda filosofia que em vez de dar o braço aos macacões—daria antes o pescoço côr de rosa aos macaquinhos. Mas calmamente não sei se fez bem. Eu pelo menos tenho a impressão, deixem-me dizer-lhes, minhas senhoras, de que os macaquinhos não podem existir sem os macacões—e os macacões tem apesar de tudo ainda hoje um tal prestigio sobre as mulheres — que lhes povoam o sót o de macaquinhos...

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

Factos e palavras

A PROPOSITO

...DE UMA VELHA RIXA

Todos os meses, quasi todos os dias, os jornais nos dão a nova de que duas povoações representadas por fortes mocetões de espaduas largas erguem suas contendas e as resolvem com varapaus no ar e gritos pelos campos.

Tocam os sinos a rebate, põem jaqueta aos hombros, o varapau traçado detraz das costas entre os braços musculosos. Descem a encosta com grande grita e alarido, assobia no ar uma pedra jogada por mão de mestre.

Ha sangue, blasfemias que soam alto.

Os varapaus erguidos lado a lado malham como nas eiras sobre o milho.

Um bando foge em debandada. E o outro fica sobranceiramente. Como senhores que houvessem terminado conquista.

E porquê?

Sei lá porquê, sabem lá eles porque se bateram.

Numa noite de luar clarissimo atravessei parte do Minho de automovel.

Um desarranjo inevitavel no motor fez-me parar duas horas numa estrada lindissima, cheia de plátanos, de sombras luarentas, com montanhas que se perdiam com esbatidos e povoações que se destacavam muito claras, muito contentes, numa grande quietação da noite adormecida.

Numa curva da estrada dois rapazes surgiram cantando e balouçando os varapaus no ar. Passarem por mim, pararam a vêr o carro, quizeram meter conversa.

E quando perguntei onde iam por aquela hora, responderam que metiam aos campos, saltavam os valados em direção aquele povoado que se via distante; vinham de vêr duas moças...

Mas porque não iam pela estrada que era mais perto, melhor caminho?

Não podiam passar áquela povoação. Logo haveria rixa se lá fossem e eles eram só dois.

Rixa porquê, de quê?

—Sei lá, sabemos lá; já nossos avós e nossos pais a faziam e nós sempre a fazemos. Dizem que foi por causa de... A gente sabe lá ao certo. Se nos vemos na estrada...passar de largo e varapau caído.

Um deles fez zenir o varapau no ar.

Ah! quando acerta...que prazer...

E lá foram, estrada fóra metendo aos campos, olhando sempre de soslaio desconfiados.

E assim nasce uma rixa...

BOTTO DE CARVALHO

❖ ❖ ❖

Hontem á noite os boatos correram desencontrados. Os efeitos realisaram-se da forma do costume. Já não ha processo nem forma para proceder. Resta-nos só um recurso: Apelar para aquele Zé Povinho de barro que Bordalo Pinheiro modelou.

❖ ❖ ❖

A princesa de Hohenlohe foi roubada. Mele Campbell foi roubada. Ambas ficaram sem as suas bolsas de sêda onde guardavam as suas joias. A primeira ficou sem 300.000 francos, a segunda sem 500.000 francos.

Lamentamos profundamente o sucedido.

Se fossemos policias ou detectives podiam contar com a nossa colaboração. Os seus encantadores sorrisos tudo merecem.

Assim... apenas os nossos sentimentos.

❖ ❖ ❖

O «Excelsior» do dia 2 dá na primeira pagina uma série de belas fotografias ácerca da estada dos ex-monarcas da Hungria na ilha da Madeira.

E' sempre consolador...

❖ ❖ ❖

Ha certos sujeitos que se passeiam por Lisboa cuja caricatura é impossivel fazer sem se copiar [como em retrato.

❖ ❖ ❖

As letras

Apareceu hoje á luz da publicidade o livro de Amelia Batiste, uma distinta senhora que se estreia nas letras, «Fernão Peres de Travas», que é um interessante e muito original trabalho de historia patria, e a que oportunamente nos referiremos.

—Entrou no prelo o livro de versos de Agostinho Mendonça, «Pobres».

—Rosalina Moreira, uma distinta senhora que agora se estreia nas letras, vai publicar um interessante livro de versos que se intitulará «Sinulações».

A Exposição Teixeira Bastos

Abriu hontem para a Imprensa nos salões da casa Araujo & Bastos, á rua da Palma, uma exposição de pintura. Firmando Julio Teixeira Bastos que durante muito tempo viveu em Paris e que tem incontestaveis qualidades artisticas.

A sua exposição merece ver-se. Devo destacar as de toda ela alguns quadros muito interessantes, como «Efeitos da Neve» (Vincinnes); «Cabeça de Cristo»; «Nevoeiro»; «Campo do Papoulas, um trecho vivo, colorido, impressionante dos arredores de Madrid. As salas em que se efectua a exposição, ornamentadas com tapetes de Arraiolos e Persas, e mobiladas a D. João V, põem uma nota de grande côr na exposição, do ilustre artista.

Sociedade Nacional de Belas Artes

Reune amanhã, ás 21 horas, a assembleia geral da S. N. B. A., afim de eleger o seu representante na missão que deve assistir ao comissariado geral do governo, na Exposição do Rio de Janeiro.

Sociedade dos Estudos Pedagogicos

Tem reunido a Direcção, para tratar da reabertura dos trabalhos sociais. Continua recebendo respostas ao inquerito sobre o ensino secundario, que a S. E. P. vai insistir junto das Escolas, Liceus e Universidades para que não deixem de corresponder ao apêlo, a fim de se realisar um trabalho condigno do plano traçado.

Brevemente iniciará o sr. dr. Faria de Vasconcelos a 2.ª serie de conferencias sobre psicologia experimental.

A S. E. P. tem tido agora dificuldades na cobrança das quotas que até aqui era feita pelo correio, cuja adoptação não pôde mais agora um processo que não corresponde ao que estava estabelecido regulamentarmente. A direcção conta brevemente regularisar este serviço.

O Ministerio dos Estrangeiros no Brazil e Estados-Unidos

RIO DE JANEIRO, 5.—A colonia portugueza está acompanhando com interesse e simpatia o programa da obra de remodelação e aproximação comercial iniciada pelo ministro dos Estrangeiros de Portugal com toda a America do Sul e que a imprensa tem publicado nas suas linhas gerais. (Lat. Am.)

NEW-BEDFORD, 5.—A imprensa publica uma entrevista com o ministro dos Estrangeiros de Portugal, na qual este estadista exprimiu as suas intenções de fundar escolas de vulgarisação da literatura e historia de Portugal nos pontos dos diferentes paizes onde houver nucleos importantes de portuguezes.

Esta grata noticia foi acolhida pela colonia com viva emoção de reconhecimento.—(Lat. Am.)

PELO TELEGRAFO

A lucta em Marrocos

Chegou a Madrid a rainha Victoria

SEVILHA, 6.—Chegou de Madrid a Rainha Victoria, sendo-lhe feita uma brilhante recepção. Visitou nos hospitais os soldados feridos.—(R).

Vitoria das forças do general Cabanellas

MADRID, 6.—O ministro da Guerra comunicou á imprensa o telegrama que recebeu de Melilla informando que forças do general Cabanellas compostas de artilharia, cavalaria, policia indigena e regulares acompanhados de infantaria em automoveis blindados tomaram o desfiladeiro de Reckier Ben Azul e Bugada. O General Berenguer ocupou Ras el Kadul. A aviação e a artilharia causaram estragos aos rebeldes de Frun el Krit ignorando-se as baixas.—(R).

Os mineiros franceses vão para a gréve

PARIS, 6. — Os mineiros francêses resolveram proclamar no dia 12 a gréve como protesto contra as deploraveis condições em que se encontram os operarios francêses, especialmente os mineiros.—(R).

Os dominios ingleses

A Irlanda

LONDRES, 6.—A imprensa inglêsa considera novamente séria a questão irlandêsa, visto os sinn-feiners recusarem novas propostas da Inglaterra, especialmente na parte que se refére ao juramento de fidelidade—(R).

Um emprestimo á Argentina

BUENOS AIRES, 5.—Celebrou-se o contrato de um emprestimo feito por um «consortium» de comerciantes norte-americanos ao ministro das obras publicas argentino de 18 milhões de dollars ao juro de 6 °|°. Dessa quantia 10 milhões são destinados á acquisição de 85 locomotivas e 2000 vagons, material que será fornecido pelos prestamistas que são ao mesmo tempo os fabricantes do referido material.

Os 3 milhões restantes serão entregues em numerario á administração dos caminhos de ferro do Estado para diversos obras de reparação das vias e estações.

No contrato fica estabelecido que os fabricantes de material farão a montagem dos vagons nas oficinas do Estado, empregando para o efeito madeiras do paiz. O contrato foi submetido á aprovação do presidente da republica.—(Lat.-Am.)

A conferencia do desarmamento

Briand vae fazer declarações sobre a conferencia

PARIS, 6.—Consta que a discussão na Camara sobre interpelações relativas á politica externa poderá ser demorada até ao fim do mez, mas é possivel que o sr. Briand faça nesse intervalo declarações no Senado sobre a sua visita a Washington. Ha a possibilidade tambem de ser discutida a mudança de Ministerio.—(R).

O discurso de Viviani

PARIS, 6.—O discurso que o sr. Viviani pronunciou em Washington na inauguração da estatua de Dante foi a varios respeitos muito notavel.

Disse o chefe da delegação franceza que ele e os oradores que o precederam veem exprimir ao pé do mármore que o consagra, a admiração do mundo inteiro pelo grande homem, que iluminou a Italia e o mundo com os fulgores do seu genio. Que julga não faltar ao respeito devido a uma nação de tão antigas tradições como a Italia nem despoja-la da gloria de ter dado nascimento a um dos maiores genios da Humanidade, acentuar que se Dante pertence á Italia o seu genio se expande sobre o mundo inteiro penetrando-o da sua intensa luz.

As minhas palavras chegarão ámanhã á Italia, tais como saem do meu coração e irão direitas ao coração do povo italiano. Fazemos parte da mesma familia e quanto a mim jamais esquecerei as emoções heroicas duma guerra suportada por ambos com um estoicismo e coragem jámais excedidos.—(Lat.-Am.)

Violentos artigos de Poincaré

BERLIM, 6.—O sr. Poincaré e o senador Cheron, continuam a publicar artigos violentos contra a concessão duma moratoria e pedindo que seja ocupado o distrito do Ruhr.—(R).

O Senado americano vai reunir

WASHINGTON, 5.—O Senado reune outra vês no dia 6 do corrente e consta que o seu primeiro trabalho será aprovar as propostas da conferencia sobre o limite do desarmamento naval. Desta forma, os corpos legislativos aprovarão a abolição da competencia maritima entre as nações, emquanto as questões do Pacifico e do Extremo Oriente estão ainda na tela da discussão e por resolver.—(Lat.-Am.)

Os submarinos não serão abolidos

WASHINGTON, 6. — Os submarinos não serão abolidos. Todos os paizes, incluindo a Holanda, consideram-os como uma arma defensiva de grande valor. Todos concordam, porém, em reduzir as dimensões desses barcos assim como os casos em que possam ser utilisados. Os Estados Unidos e o Japão já anunciaram que tencionam restringir á construção de fortificações nas colonias do Pacifico.—(Lat. Am.)

A ordem publica

Lisboa, de noite, não oferece segurança aos transeuntes — Por este andar regressamos á barbarie primitiva...

Se a ordem publica se entende pelo socego aparente das ruas da cidade, com ausencia de tiros homicidas ou bombas carniceiras, deve confessar-se que, neste instante preciso, não ha facto a registar em contrario. Os pardais que fizeram a sua habitação predilecta das arvores que circundam o monumento do Grande Epico, gorgeiam tranquilos, estranhando, talvez, que os deixem em socego, tal qual se diz que estava a linda Inez antes da tragedia historica; e nós mesmos, aquecidos por este sol suavissimo de fim de outono, esquecemos o magro almoço e só pensamos na possibilidade do jantar das sete, se, por acaso, nos poderam arranjar um modesto bacalhau com batatas... E, depois, camo te valha! Mas é aqui que bate o ponto...

O cidadão alfacinha, que, de noite, se aventure até á iluminada cidade baixa, terá dentro de pouco tempo de fazer testamento, se tem que deixar aos herdeiros ou despedir-se para sempre da familia, pelo menos e á cautela. E' que ninguem está seguro de regressar inteiro e penates, tal a insegurança das ruas de Lisboa, quer porque comecem a estar infestadas de malfeitores (ainda não chegamos felizmente, ao mal agudo!...) quer porque os abismos cavados na via publica já são suficientes para partir braços e pernas. E, com respeito a iluminação das ruas, é o que se vê, ou antes, o que se não vê, se exceptuarmos evidentemente, a feerica iluminação das lamparinas que servem os bronzeos olhos do Imperador Maximiliano, «camouflés» do D. Pedro IV, o Libertador.

Este mal da insegurança publica agravou-se agora pelas desordens que, de tempos a tempos, rebentam nos cafés, como «ultima ratio» das discussões politicas. Um cidadão animoso podia arrastar-se até á Baixa e abancar em um café, gosando a facilima digestão da dieta forçada e entretendo duas horas na má lingua. Pódia fazer isso e quasi impunemente. A avaliar, porem, por factos recentes, o melhor que tem a fazer é deixar-se ficar em casa, entretendo-se patriarcalmente com a mulher e os meninos porque, se sahir de casa depois das oito horas, arrisca-se a ir parar ao hospital, com a pinha aberta polo argumento contundente duma boa cacetada, projectada não se sabe por quem e ainda não se sabe donde, embora o local do flagelo seja um estabelecimento publico, afastado de Alfama ou do Alto do Pina. Viver assim, é uma delicia. Todos em casa e em vale de lençoes, ao toque da Pavana!

Por isso os empresarios dos teatros se queixam da falta de concorrencia do publico. O cidadão já não vive com pouca tristeza, graças á dificil alimentação de familia. Se, por cima de tudo isso, ele não pode, ao menos, aliviar um pouco as maguas, fazendo uma modesta sortida nocturna ás ruas da Baixa, não admira que muito menos se disponha a dispender meia duzia de escudos para se encaixar num recinto fechado, onde nem ao menos lhe fica assegurado o recurso supremo da fuga, a tempo e horas.

Não censuramos ninguem, nem mesmo a policia. Para que serve isso? As coisas são como são e o resto é inutil filosofia. Limitamo-nos a apontar o mal e, se alguem fôr capaz de aplicar o remedio, que o faça, sem demora. Mas, enquanto ele não vem, as galinhas não se rirão de nós, que antes delas irem para o poleiro, já nós resonavamos como justos que nos presamos de ser. Leitor: pax tecum!

Palavras do delegado chinez

WASHINGTON, 6—O ministro chinez, dr. Sze, fez uma interessante exposição demonstrando como as nações teem invadido a integridade administrativa da China, actuando sem nenhuma sanção legal. Citou como exemplo a presença de 800 soldados japonezes em Hankow, no Yangtse, e o estabelecimento de uma estação de telegrafia sem fios comunicando, directamente, com Tokio. A descrição das restrições impostas á autonomia da China pelo dr. Sze, obrigou um dos delegados japonezes a levantar-se para declarar que o Japão retiraria as suas tropas de Kiao-Chao, logo que a policia chineza estivesse em condições de garantir a propriedade.—(Lat. Am.)

Divergem as opiniões entre os delegados japonezes

WASHINGTON, 6 — Entre os membros da delegação japoneza lavra grande divergencia de opiniões sobre a aceitação da proposta Hughs pelo Japão que fixa, aproximadamente, as forças navais na proporção de 5 para os Estados Unidos, 5 para a Inglaterra e 3 para o Japão.

O vice-almirante Kato, chefe consultor dos tecnicos navais da delegação japoneza, convocou os correspondentes dos jornais a uma conferencia em que insistiu que não era possivel ao Japão aceitar menos do que a proporçao 7-10 para as unidades de combate de 1.ª classe.

Quando esta declaração foi conhecida, estava prestes a aparecer a nota de origem americana intimando as nações a aceitarem ou rejeitarem a proporção da proposta Hugues.

A questão foi transmitida para Tokio onde se optará pelo parecer dos delegados que se conformam com a proposta, ou pela opinião dos tecnicos navais que reclamam uma proporção maior para as forças navais do Japão. A resolução deste assunto está atualmente nas mãos dos diplomatas e não nas dos tecnicos.—(Lat Am.)

O caso Landru

As vitimas teriam sido envenenadas?—Uma curiosa revelação da policia franceza

O processo Landru apaixonou a opinião publica do mundo inteiro e nenhum jornal se pôde fartar a fazer referencias ao original criminoso e aos seus processos de ataque e de defeza. Durante o julgamento, Landru entrincheirou-se na lei e não cessou de repetir que, se era realmente um criminoso, cumpria á justiça prová-lo e não a ele a sua propria inocencia. Isto, no ponto de vista legal, é assim mesmo. Ninguem pode ser obrigado a provar a sua inocencia. Isso é, por vezes, extremamente dificil.

Nós e o leitor ver-nos-hiamos realmente embaraçados se, para prova da nossa inocencia no caso de Landru, tivessemos de reconstituir o emprego do nosso tempo na epoca dos desaparecimentos das mulheres do Barba Azul parisiense.

Mas não é disto que se trata.

O que queremos é apenas relatar uma versão curiosa e inedita do caso Landru e que encontrámos num jornal francez, posta na boca do agente da policia que coligiu as provas juridicas dos crimes de Landru. Segundo esse agente o sentenciado de Versailles envenenava as suas vitimas, á mesa onde as banqueteava, comendo ele com elas e do mesmo mesmo que elas comiam. Mas, assim, tambem ele se envenenava, dirão os leitores.

Pois não se dava esse caso porque, diz o tal agente, Landru precatava-se ingerindo préviamente o contra-veneno proprio.

E' claro que o agente policial dá, como rasão suficiente desta estranha versão, o estudo que Landru fazia dos venenos, tendo-se-lhe encontrado um tratado da especialidade, com as paginas marcadas quando nele estudava a casa da celeberrima envenenadora Brinvilliers.

O que é tambem curioso é que o mesmo agente diz que as mulheres tambem poderiam ter sido mortas a tiro, porque Landru foi visto, muitas vezes, a atirar ao alvo no seu jardim. A infantilidade deste argumento só é comparavel á agravante fantasia das victimas envenenadas por um envenenador que ingorgitava, á cautela, o contra-veneno neutralisador.

Não ha duvida que este caso Landru é bem digno de ser apresentado como um exemplo de loucura coletiva que parece ter-se apoderado do mundo inteiro!

POEIRA da ARCADA

O sr. ministro da Guerra vai mandar proceder ás obras do Campo de Aviação da Amadora, ultimamente danificada pelos ultimos temporais.

❖ ❖ ❖

O sr. dr. Zeferino d'Avila Teixeira que exercia o lugar de vogal, na Caixa Geral de Depositos foi transferido, a seu requerimento, para o Conselho Geral de Administração Publica.

❖ ❖ ❖

Pediu a demissão de comandante do corpo de Bombeiros de Salvação Publica, o sr. Manuel Patricio Valente, que ha perto de tres anos exercia aquele logar.

❖ ❖ ❖

Tomou ontem posse de director de Finanças, do distrito de Lisboa o sr. Frederico Teixeira.

❖ ❖ ❖

Desmente-se a noticia vinda a publico de que o sr. ministro dos Negocios Estrangeiros pense em anular o decreto da cedula pessoal, que deve hoje saír no «Diario do Governo».

❖ ❖ ❖

O sr. ministro da Agricultura conferenciou hoje demoradamente com os srs. Angel Cierve e Amadeu Soares da Silva, que inauguraram no Porto uma empresa para a cultura de cortiça

Teatro Politeama

Continua sem solução o conflito entre as empresas arrendataria e exploradora do teatro Politeama.

O edificio ainda se encontra selado por ordem das autoridades, e guardado pela policia.

Ao que consta deve ficar hoje liquidada a questão por meio de conciliação das partes.

Carlos Malheiro Dias

Chegou hoje do Brasil, a bordo do «Limburgia» o ilustre escritor Carlos Malheiro Dias que era esperado por muitos amigos e pessoas intimas.

O «Limburgia», pertencente á Mala Real Holandeza, atracou ao cais do Posto de Desinfeção.

ULTIMA HORA

Constituição, farrapo de papel!

Uma carta que é voz a clamar no deserto...

Recebemos a seguinte carta, a que damos publicidade, com consolador prazer:

Meu amigo e sr. Manuel Guimarães

No meio da confusão geral dominante nas regiões politicas e governativas, foi para a minha fé republicana e para a minha forte crença na acção disciplinadora e progressiva da Lei, um consolo moral inegualavel a verificação da nobre atitude do seu jornal d'hontem em face da resolução tomada pelo Poder Executivo de adiar o acto eleitoral.

E' «A Capital» um velho e denodado combatente do ideal democratico, cuja redacção frequentei como amigo no periodo maximo da propaganda preparatoria que provocou a eclosão do movimento libertador de 5 d'outubro de 1910, tendo, por isso, podido apreciar os sentimentos patrioticos e republicanos que tão vivamente animaram todos os seus primeiros e prestimosos colaboradores.

Onze anos após a quéda da monarquia é-me grato vêr que esse mesmo orgão da opinião publica, numa crise que parece ter perturbado a logica do raciocinio das pessoas mais esclarecidas da politica portugueza, guarde toda a sua lucidez e mantenha intacto o seu culto pelos principios e pela Lei.

Permita que dê toda a minha solidariedade civica e a mais completa adesão do meu espirito juridico, á doutrina luminosamente proclamada no seu editorial de ontem, afirmando, com coragem e com verdade, que a Constituição «não é pertença dos governos, nem mesmo do Chefe do Estado», porque «é o vivo Simbolo da Republica».

Aceite, meu caro sr. Manuel Guimarães, um cordeal aperto de mão pela atitude do seu jornal.

Lisboa, 6 de Dezembro, 1921.

ALBERTO XAVIER.

Conferencia

O sr. Ribeiro de Melo, chefe do gabinete da Presidencia do ministerio, foi ás 16 horas ás Necessidades, a conferenciar com o sr. Veiga Simões, ministro dos Estrangeiros.

Dizia-se, não sabemos com que fundamento, que se tratava do caso importante, interessando os ministerios da Agricultura e dos Estrangeiros.

O sr. Antão de Carvalho está demissionario?

Nas regiões oficiais desmentia-se absolutamente a crise parcial do gabinete, provocada pela proxima retirada do sr. ministro da Agricultura.

Embora concordando que vale mais na hipotese, a informação oficial que os boatos da Arcada, inclinamo-nos a acreditar que a posição ministerial do sr. Antão de Carvalho é, pelo menos, de equilibrio muito instavel.

A maior dificuldade déve estar na sua substituição que não na demissão...

Os inqueritos

O director da P. S. E. esteve hoje de tarde ouvindo o sr. major Arez, comandante das forças do Terreiro do Paço na noite de 19 de Outubro.

Findo o seu depoimento foi seguidamente acareado com o «Dente de Ouro».

Nesta acareação que muita luz vem produzir nos trabalhos de investigação, provou-se não ser verdade que o sr. major Arez tivesse apertado a mão ao «Dente de Ouro» na noite de 19 de Outubro como este antes declarára.

Tambem foram esta tarde ouvidos o jornalista sr. Marinha de Campos e os tenentes srs. Merguilhão e Serpa Rosa, o ultimo comandante duma força de metralhadoras de serviço no Terreiro do Paço na noite tragica.

A' noite vai ser ouvido o impedido de sr. major Arez de cujo depoimento se espera que seja importante.

Acalmação...

O tempo é bonançoso. Agora trata-se, febrilmente, de eleições. O sr. Ribeiro de Melo, chefe de gabinete do sr. presidente do Ministerio, trata, laboriosamente, de cosinhar o caldo.

Ontem e hoje realisaram-se varias conferencias, sendo os democraticos representados pelos srs. Victor Hugo de Azevedo Coutinho e Nobre da Veiga.

E' de notar que nenhuma das altas figuras do partidarismo fez ou faz a sua aparição nas ante-salas do Ministerio do Interior.

Lucros de guerra

E' inexacto que o sr. ministro das Finanças tenha elaborado algum decreto sobre lucros de guerra.

TEATRO

GENTE DE TEATRO

Vasco Sant'Ana

Declarou-nos ter sido aluno da Escola de Arte de Representar e que descobrindo alguma habilidade se atirou para a ribalta . . .

Foi subindo até ser a primeira figura do S. Luiz.

Nota do dia

A representação extraordinaria da peça «Le retour» de Robert de Flers e e Croisset, tem, indiscutivelmente, constituido um assinalado e fóra do vulgar sucesso, para a belissima companhia de declamação de Amelia Rey Colaço e Robles Monteiro. Fóra da ocasião propria da critica, que a falta de saude me impossibilitou de assinar, não quero deixar de marcar ainda a excelente impressão que o magistral trabalho de Angela, de Amelia Rey Colaço, de Henrique de Albuquerque e de Robles Monteiro nos produziram.

Para que em tudo o conjunto fosse realmente dos mais notaveis que ultimamente se tem podido apreciar em Lisboa, até o sr. Raul de Carvalho, de quem não gostamos muito nos «Seductores», se houve nesta peça, perfeitamente á altura dos seus notabilissimos companheiros de sena.

A companhia Rey Colaço-Robles Monteiro acaba de dar ao publico portugues uma segura e insofismavel prova do que vale e das reais qualidades dos seus magnificos elementos-qualidades com que todos pódemos contar.

Amelia Rey Colaço, admiravel artista e hoje já uma eminente mulher na sena portuguesa, mostrou, ao passar da intensidade de «Jerusalem»! para a futilidade ironica e espirituosa de Robert de Flers, a maleabilidade completa do seu talento, tão notavel e tão pessoal.

Nós não somos dos que afirmam timidamente que está ali uma «esperança». Amelia Rey Colaço é uma grande realidade, uma afirmação extraordinaria—talvez a mais completa afirmação femenina da geração de hoje. As pequenissimas dificiencias que ao principio se podiam notar na sua dicção, aplaudu, as de tão inteligente maneira, que desapareceram inteiramente, e hoje, senhora duma grande mocidade e dum vivissimo temperamento é uma gloria e um orgulho justo de todos nós.

Angela foi a artista gloriosa de sempre, a inconfundivel e querida Angela Pinto para quem o publico sabe sempre dispensar a ternura que se deve a quem tem passado toda uma vida inteira, dando ao mesmo publico as suas melhores horas de alegria e de arte.

Henrique de Albuquerque foi impagavel. A exteriorisação do seu papel foi felicissima e feita com uma grande inteligencia.

Robles esteve tembem ótimo, sem desfalecimentos, justissimo de intenções.

Houve momentos em que as tres figuras, Robles, Amelia e Angela, eram tão completas que o publico julgava assistir á plena realidade dum pedaço de vida.

Resumo: um desempenho extraordinario.

E não julguem os leitores que fomos nós que nos excedemos.

Não, se alguem se excedeu a si mesmo, foram os quatro grandes artistas, que o mostraram ser nesta representação memoravel de «O Regresso».

E, para que tudo em absoluto fosse digno dum elogio sem reservas, até os scenarios são um encanto de bom gosto, de harmonia decorativa de simplicidade de Arte—esse bom gosto, essa harmonia e essa Arte dos Rey-Colaço.

Em nome de todos os que sinceramente estimam a literatura e arte dramatica, continuamos a dizer, na pitoresca linguagem de Robles:

Bem hajam! Bem hajam!

O HOMEM QUE PASSA

Noticiario

Portugal

—A opereta de André Brun que subirá á scena no S. Luiz a seguir á «Moresinha» de José Paulo da Camara e Ema de Oliveira, chama-se «Os Tarlatanas» e terá musica de Pedro Blanch.

—A Tournée Alves da Cunha deu dois espectaculos no Teatro de Casino Peninsular, com a «Labareda» e «Maridos encravados» com grande exito.

Em Coimbra no Teatro Avenida, o sucesso foi extraordinario, representado «Duas Causas», «Labareda», «O Celebre Pina», «Maridos Encravados», «A Garra».

Alves da Cunha foi aplaudido entusiasticamente, tendo atingido no 3.º acto de «A Garra» o delirio. No dizer de toda a gente, nunca em Coimbra, se fez uma manifestação tão intensa.

Hontem a Academia promoveu uma festa em homenagem ao ilustre actor, em que tomaram parte os vultos de mais destaque da Academia. A companhia parte a 2 do corrente para as ilhas.

CRUZADA DAS Mulheres portuguesas

Os portugueses em Manaus

A «Cruzada das Mulheres Portuguesas» á qual ha tempo foi entregue um pedido assinado por uma longa lista de portugueses que estão na mais dolorosa situação material e moral em Manaus, dirigiu-se ao ex.mo sr. General Norton de Matos, Alto Comissario de Angola, um dos homens que em Portugal melhor compreendeu e mais inteligentemente auxiliou a grande missão da C. M. P. durante a guerra e já a preparar-se para o periodo doloroso que atravessamos, enviando-lhe a lista e pedindo para que a sua repatriação para Angola fosse uma rapida solução ao mal que estavam sofrendo.

O Alto Comissario atendendo e bem aceitando a intervenção da patriotica Agremiação mandou responder em oficio hoje recebido o seguinte, que vai ser uma alegria inegualavel para os que tanto anceiam pelas providencias que os salvem daquele inferno de miseria:

Ex.ma Senhora.—Encarrega-me s. ex.ª o Alto Comissario da Republica e Governador Geral da Provincia de Angola de acusar a recepção da carta de v. ex.ª de 30 de Setembro ultimo, a qual acompanhava varios documentos que tratam de um pedido de portugueses residentes em Manaus e que desejam vir para esta Colonia.

Sua Ex.ª o Alto Comissario, tomou o assunto tão patrioticamente patrocinado por v. ex.ª, na maior das considerações ordenando que por esta secretaria fossem dados as necessarias providencias no sentido de se conseguir o mas rapidamente possivel, que seja posto em pratica o que v. ex.ª deseja, que é afinal, o desejo do mesmo excelentissimo senhor—socorrer os nossos compatriotas que sofrem a mais cruel das miserias no Brasil, apreveitando ao mesmo tempo a boa ocasião para solenisar esta tão grande e rica Provincia.

«Nestes termos, foram enviadas instrucções para a Agencia Geral de Angola e para o nosso Consul em Manaus, a fim de serem transportados para esta Colonia o maior numero possivel dos artifices que constam da relação enviada por V. Ex.ª que são aqueles que no momento mais facilmente poderão ser colocados.

«Quanto aos que se dedicam a trabalhos rurais, esta Secretaria está tratando junto dos representantes das companhias que teem requerido para promover a colonisação, a fim de que os primeiros colonos a fixar na Provincia sejam os nossos compatriotas que estão no Brazil e que aqui se desejam fixar.

«A vinda destes, não poderá ser tão rápida como nós desejariamos, porquanto temos que atender á provavel demora na organisação difinitiva das diversas companhias e ainda á falta de habitações para os receber.

«Eis, ex.ª senhora, o que tenho a honra de responder ácerca do assunto da carta de V. Ex.ª» — Saude e Fraternidade —A' Exm.ª Senhora D. Ana de Castro Osorio, dignissima Presidente da «Cruzada das Mulheres Portuguezas». —Lisboa—Da Secretaria de Colonisação e Negocios Indigenas, 4 de Novembro de 1921.—O Secretário Provincial.

O problema da emigração

Nos Estados Unidos milhares de portuguezes lutam com a miseria -:- Compete ao governo remediar tão grande mal

Desde ha muito que tudo o que respeita ao problema da emigração nos Estados Unidos da America se nos afigura um dos nossos grandes problemas, no estado actual da nossa vida economica. A emigração é ainda hoje e sê-lo-há por muito tempo, uma das nossas maiores fontes de riqueza.

O emigrante não esquece facilmente a terra onde nasceu e para ela manda todo o dinheiro que pode economisar. E' esse ouro da America, esse dinheiro do emigrante, que nos tem permitido em parte sanar o «deficit» da nossa desequilibrada balança comercial.

As relações com a colonia portugueza nos Estados Unidos, a emigração nos seus multiplos aspectos são questões graves da maior importancia para nós todos, que reclamam constantes cuidados e uma aturada atenção.

Mas, neste momento, não é apenas a idea dos interesses economicos que nos leva a falar da emigração para a America: outro interesse superior, um dever mais imperioso nos obriga a olhar, com «olhos de ver», para o que se está passando:

—E' o interesse da humanidade, o dever de protecção aqueles que, ausentes do torrão natal, iludem a separação, estreitando os laços de afecto que os prendem á terra mãi, fazendo regresso a ela o objectivo de todas as canceiras.

Se nas epocas normais o esquecimento dos nossos patricios, que mourejam no Novo Mundo, constitue uma ingratidão e diremos mesmo uma pessima compreensão dos nossos interesses, uma errada noção dos nossos deveres, na calamitosa crise que eles estão atravessando esse abandono é uma vileza, um crime que necessariamente teremos de expiar, porque a historia nos diz que os povos expiam sempre os crimes, mais facilmente até do que os individuos, cujos delictos ficam muitas vezes ignorados e impunes.

A emigração é um fenomeno natural, regido por leis economicas proprias, que o Estado não pode alterar directamente, proibindo-a ou mesmo restingindo-a. Mas o Estado tem sempre uma função regulamentar de todos os fenomenos sociais, tem uma função tutelar dos individuos e sob pretexto algum pode eximir-se a cumpri-la. Nessa função entra o informar o emigante do que o espera no pais de destino, de o socorrer, de o proteger, quando da sua protecção carega.

Não se têm poupado a esforços o Governo norte-americano para atenuar a crise, mas são impotentes todos eles, porque isso não cabe nas possibilidades.

O Governo espanhol, segundo nos consta, já mandou alguns navios buscar gratuitamente os seus subditos que se encontravam a braços com a crise. Porque não fazemos nós o mesmo?

O Estado portuguez tem hoje os Transportes Maritimos, que directamente administra; tem pessoal consular, tem um serviço de emigração montado ha muito. Promova um inquerito rigoroso á situação dos portugueses na America e conceda o repatriamento gratuito, nos seus vapores, áqueles que tenham caido na miseria.

E nós, lembremo-nos de que, temos alem-mar alguns milhares de irmãos nossos, lutando com a fome, e não descancemos emquanto não houvermos conseguido do Governo, já que infelismente o não fez expontaneamente, que cumpra o seu dever.

Impõe-nos esta atitude a mais elementar noção de solidariedade e dizemos mesmo de humanidade. A questão é de excepcional gravidade e exige que lhe demos todo o nosso esforço.

Não é de hoje que as cartas particulares e os jornais norte-americanos se vêem referindo á aflitiva situação dos trabalhadores nos Estados Unidos mas só agora tivemos ocasião de conhecer todo o horror da verdade.

Ha em New Bedford milhares de pessoas sem trabalho, crianças famintas procurando nos caixões do lixo detritos com que possam matar a fome, familias inteiras tuberculisadas pela miseria. As fabricas fecharam ou manteem-se numa actividade moderada, sem poderem dar trabalho a toda a gente e todos os dias. O salario maximo, que raros conseguem alcançar, é de dez dollars por semana.

As casas estão cheias de gente, vivendo familias numerosas num só compartimento, por não poderem pagar suficiente habitação.

Na California, conquanto a crise não seja tão aflitiva como noutros Estados, ha muitos milhares de pessoas na pobreza se não na miseria.

Isto dizem as nossas informações que reputamos abolutamente verdadeiras. Coincidem elas com as oficiais? Tem o Governo de Portugal conhecimento deste estado de coisas?

Em face da ausencia de medidas capazes de debelar o mal, é licito fazer estas perguntas:

Nós temos gozado o ouro ganho penosamente por esses milhares de portuguezes de alem-Atlantico. Só em New Bedford ha 35 000 açoreanos, e mais ainda em S. Francisco e em Oakland, para não falar nos que estão espalhados por Fall-River, Boston, Providence, New-York e outras cidades.

Podemos cruzar os braços em tão grave conjuntura e ficar indiferentes a tamanhas desgraças? E' licito conservar na ignorancia da situação os nossos patricios que embalados na ilusão da fortuna, seduzidos pela lendaria prosperidade do Eldorado, continuam a demandar a America onde só vão agora encontrar a miseria? Creio que não.

O Estado tem deveres imperiosos; como o de proteger os seus cidadãos em paiz estrangeiro e de orientar os nacionais que queiram emigrar, dizendo sem rodeios e sem exageros a situação economica dos paizes para onde se dirige a corrente emigratoria.

SPORT

Box

«Becket», o campeão pesado inglez, foi convidado para uma «tournée» na America, começando por um «matche» com «Brenau» Parece-nos mau começo, pois «Becket» não poderá senão opor uma modesta defesa ao americano.

—«Carpentier» deve afinal encontrar «Cook», a 12 deste mez.

—O jornal «L'esuto» oferece tres premios de mil francos para os vencedores do «criterium» de França em «box», que o «Boxing Club» organisou.

Educação Fisica

O governo francez, decretou uma pensão para a viuva do sabio Demeney, que foi um apostolo do educação fisica, e que morreu pobre.

—O ministro de Guerra em França, determinou que seja obrigatorio o ensino da natação no exercito.

Esgrima

A Inglaterra, bateu a America, no «matche» á espada para disputa da taça «Thonson», por 8 pontos a 2.

—O mestre italiano «Galante», desafiou o campeão francez «Gaudier», para um «matche» de 3 armas, florete, espada e sabre.

—«Gaudui» o campeão do mundo de espada, vae dedicar-se ao sabre sob a direção do professor Barbasetti.

«Gaudui», que é «gauche», atirará ao sabre com a direita.

Bilhar

O campeonato do mundo profissional disputado em «Chicago», foi ganho por Jake Schafer, que bateu os melhores especialistas, como o antigo campeão Hoppe. O vencido ganhou trez mil dolars, e a medalha de campeonato.

Ciclismo

«Beloni», o celebre ciclista italiano, foi castigado com 200 francos de multa pela «U. V. F.», por se não ter apresentado numa corrida, para que estava inscripto. Assim se mantem lá fóra a disciplina no «sport».

Cá é o que estamos vendo.

A estreia em Paris do americano «Walthour», que foi um dos melhores corredores de meio-fundo, de sua epoca, não correspondeu á espetativa, sendo o americano dominado com facilidade. Michard, afirmou-se novamente, batendo os antigos campeões «Oupuy» e «Paulani».

A União Velocipedica Francesa suspendeu por tempo indeterminado, o corredor Laploce, e a Sociedade «Paris-Sports», por não responder ás convocações recebidas.

Entre nós cada um faz o que quer, e as Federações, guardam o pendente silencio.

—Na reunião ciclista que terá logar a 8 do corrente em Paris, para beneficio dos corredores victimas do fogo no Velodromo do Parque dos Princepes entram os primeiras figuras ciclistas actualmente em Paris.

— Os jornais francezes referem-se com grandes elogios, ao novel corredor «Michard», a que já nos referimos, e que parece estar um campeão de valor.

NOTICIARIO

FOOT-BALL

OS DESAFIOS DE DOMINGO

Primeira divisão—1.ª categoria—Sporting contra Bemfica, em Palhavã, ás 15 horas; juiz o sr. Candido de Oliveira.

Internacional contra Imperio, em Palhavã, ás 13 horas; juiz o sr. Francisco Pereira.

2.ª categoria: — Sporting contra Bemfica, no Campo Grande, as 13 horas; juiz o sr. Alberto Rio.

Internacional contra Imperio, nas Larangeiras, ás 15 horas; juiz o sr. Antonio Gonçalves de Oliveira.

3.ª categoria: — Sporting contra Bemfica, no Campo Grande ás 15 horas; juiz o sr. Artur Gomes Ferreira.

Internacional contra Imperio, nas Larangeiras, ás 13 horas; juiz o sr. Eduardo Costa. (C. F. C.)

4.ª categoria: —Sporting contra Bemfica, no Campo Grande ás 11 horas; juiz o sr. Antonio Martins.

Internacional contra Imperio, nas Larangeiras, ás 11 horas; juiz o sr. José dos Santos.

Promoção —1.ª categoria:—Sacavenense contra Cruz Quebrada, em Sacavem, ás 11 horas; juiz o sr. Antonio José do Vale.

União Lisboa, contra Chelas, em Chelas, as 15 horas; juiz o sr. Guilherme Pessoa e Costa.

2.ª categoria:—Chelas contra Portugal, em Chelas, ás 13 horas; juiz o sr. José Bento Gonçalves Junior.

Royal contra a União Lisboa, em Palhavã A. ás 11 horas; juiz o sr. Antonio Ferreira da Cunha.

União Comercio contra Sacavenense no Campo Grande A, ás 3 horas; juiz o sr. Rui Costa.

3.ª categoria—1.ª série:—União Lisboa contra Cruz Quebrada, no Lumiar A, ás 13 horas; juiz o sr. Artur da Costa Gomes.

3.ª categoria—2.ª série:—Marvilense contra Chelas, em Sacavem ás 10 horas; juiz o sr. Antonio Correia (S. G. S.).

4.ª categoria—1.ª série:—Adicense contra Bom Sucesso, no Lumiar A, ás 11 horas; juiz o sr. José Gonçalves (A. C. L.)

4.ª categoria—2.ª série:—Fosforos contra Cruz Quebrada, no Lumiar A, ás 15 horas; juiz o sr. Roque Pereira.

Associação de Socorros Mutuos

A NOVA ALIANÇA

Séde social
R. da Cruz dos Poiaes, 33, 1.º—LISBOA

AVISO

Convoco a reunir a Assembeia Geral para a proxima terça feira, dia 9 do corrente pelas 20 horas no Largo de S. João Nepomuceno Edificio do Asilo dos Orfãos Desvalidos da Freguezia de Santa Catarina.

ORDEM DOS TRABALHOS

Eleição dos Corpos Gerentes e Delegados á Liga para o ano de 1922.

Não reunindo por falta de numero, fica desde já marcada para o proximo dia 17 á mesma hora.

AVISO — Nenhum socio poderá inscrever-se e votar sem que apresente a quota do mez de Novembro e documento comprovativo de que pagou os estatutos e que está no pleno goso dos seus direitos.

Lisboa, 6 de Dezembro de 1921.

Vice-Presidente da meza da Assembleia Geral

Justino Manuel da Silva Corvo

42 —Folhetim de «A CAPITAL» — 6 de Dezembro de 1921

ROCHA MARTINS

Spartacus

Romance das lutas proletarias em Roma

VII

— A idea só teria a ganhar! — exclamou rapidamente o lusitano. O general lançou-lhe um olhar severo, ia replicar quando viu o poeta Felux, com o seu perfil esgrauviado, avançando ao lado de Emerencia. Opalia soltára um grito que mais parecia um rugido apaixonado em que ia amor e pranto; lançava-se ao pescoço da filha e bradava:

— O' querida! ó divina! oh! minha adorada... Julguei que jamais te via!...

Beijava-a, quasi lhe queria pegar ao colo, confundia os seus emaranhados cabelos brancos com as madeixas da cantora e, como se ela fosse pequenina, acalentava-a, dizia-lhe:

— Oh! divina, sabes?! Tenho para ti uma linda cythara que esta... na sala duma patricia em Nuceria... Guardei-a... E' de marfim e de ouro e nos teus dedos soará como nos duma deusa!...

Spartacus saudara-a tambem; dos labios vermelhos da rapariga saira apressadamente um nome:

— Oenomaus?...

Os seus olhos scintilavam em sua procura no grupo dos chefes e Felux, sorrindo, dando estalos com os dedos, explicava já os ardis de que se servira, desde que a trouxera de casa de Crassus e como, por montes e vales, se ocultara dos romanos até que a derrota lhes permitira a vinda.

Com uma expressão ateniense, cheia de forma e graça, leve com a brisa, brilhante como o ouro, e que jamais quizera empregar nos discursos de Crassus, Felux descrevou a victoria com tais dizeres que parecia contar uma epopea antiga, narrar uma pagina dalgum feito de deuses. Perdera a maneira servil e medrosa com a fuga; era um espirito a atear-se como o do genro encantado contido numa anfora e que ao evolar-se em fumo tomava configuração humana; já não era um mercenario mas um cerebro trabalhando a seu prazer, falava como queria e eram belas as suas frases ao agradecer a Spartacus o ter-lhe dado a ventura de sem receio falar da liberdade.

Os que o ouviam admiravam a finura da sua linguagem e dos seus conceitos, já nem causava riso o seu perfil de cegonha. Opalia queria beija-lo tambem e ele exclamava desviando-a:

— Não se beijam os gregos!

Crixos vinha cumprimentar Emerencia; em volta remorejava alegria e Myrta mandava colher uma abada de flores para deitar sob os primeiros passos que ela désse para a sua tenda. Crianças corriam ao mandado e a cantora sorria para a cytera de ouro e marfim que a mãe lhe apresentava.

— Oh! mas eu amava mais a minha!

A massa dos prisioneiros começava a chegar á linha dos «velites» e enchia ainda um braço da estrada; no acampamento não se continham mais as expansões de alegria mas Jarmelo soltava um grito, Eudoxio seguia a direcção que ele apontava e logo todos os olhos procuravam compreender o que significava a liteira coberta, ladeada por quatro oficiais e a seguir da qual, como homenagem, num triunfo a um glorioso guerreiro, vinham, entre as alas dos rebeldes, os senhores vencidos, os poderosos, os inimigos.

Spartacus avançara para o cortejo; a liteira baixara-se; em todos os rostos havia amargura e ele mesmo recuava, ajoelhava numa esperança, olhando Oenomaus estendido, o rosto muito claro, os olhos azues abertos, o peito da couraça esgarçado e empastado de sangue; um grande golpe o alcançara, quando, cantando e rindo, corria á frente dos seus homens procurando Publius Varinus. Levantava-se um clamor; logo os soldados começaram a carpir o chefe e Emerencia muito palida, afastando sacudidamente o general que se erguera e parecia querer furta-la áquele espectaculo, olhava o noivo morto; a sua boca procurava a dele, a cytara caira-lhe das mãos, pelo rosto corria-lhe o pranto.

Nem um grito nem uma queixa ela soltava junto do corpo heroico do guerreiro como se quizesse mostrar-se digna dele num estoicismo com que se casava com a sua alma forte diante dos deuses. Crixos dera uns passos para a banda da tenda não disfarçando a sua alegria. Os prisioneiros estavam formados na via «pretoria» e tremiam pela sua sorte; um berreiro formidavel se desgarara á sua vista e ao saber-se da morte de Oenomaus; Lavinia que chegara junto de Emerencia, ao julga-la feliz, dera uns passos para traz ao encontra-la debruçada sobre o cadaver do antigo gladiador e de cabeça baixa, o pranto nas faces, dava a impressão duma grande infelicidade sob os olhos maus do gaulez que se acercava tomado duma ideia que o fazia casquinar diante do corpo do seu companheiro.

Insultos, rudezas, ameaças se dirigiam como balas de fundibularios aos captivos já formados, outra divisão vinha chegando sob o vôo lento dos corvos que passavam aos bandos. Velhos patricios arrancados das suas estancias ou que tinham seguido o exercito romano cheios de terror dos escravos, estavam ali de pés inchados e nus, as tunicas rasgadas cobertas de poeira e sequiosos pela longada; oficiais do pretor, alguns herculeos, centuriões e prefeitos, viam as suas armas rebrilhantes na mão dos vencedores que lhe as tinham arrancado; rapazes elegantes, cuja vida fôra até então uma alegria permanente, mostravam-se abatidos, sem graça, cançados mas alguns eram magnificos, de belo aspecto e sorriam desdenhosamente; comerciantes, que após os saques dos rebeldes, em Bruttuns, Metaparto e Nuceria se tinham recolhido ás legiões apavoravam-se e de carnes balofas, de belfas pendidas, olhavam espantados aquele acampamento onde reinava a disciplina. Um deles apontava Spartacus que vira outr'ora combater no amfiteatro de Capua e um senador de longas barbas, apanhado numa estancia de Nola com a cortesã Cyaiphia, buscava com o olhar o chefe esperando um perdão desde que lhe falasse. No extremo da fila Manlio, com a tunica em farrapos uma larga banda ensanguentada em torno da cabeça procurava Lavinia com os olhos febris; a sua bela face tornava-se desconhecida sob a camada de terra empastada em sangue.

Conseguira saber dos labios amorosos de Cyrene que a noiva fôra arrebatada, e que ficara em refens, logo a sua alma se enchera dum enorme desejo de correr para Roma a buscar Emerencia afim de realisar a troca. As palavras da mulher de Aurelio tinham-no perturbado profundamente, enchido de desespero e colera pelos horrores que ela deixava adivinhar-lhe; o seu corpo poluido, a sua honra já sacrificada, tornaria indigna dele tudo para vêr se assim o afastava. Mas exacerbava-o mais; quizera fugir numa noite da estancia de Aranco para onde o levara e o cuidava mas desfalecera. Estava fraco ainda, encostára-se de novo e toda a noite sentirá as mãos frescas do patricio na sua fronte escaldante e os seus soluços desolados. Mas, pouco depois, tinham chegado as tropas de Publius Varinius e com elas Aurelio e Marcio. O senador adoecera gravemente. Dos labios dos cunhados soubera o sucedido e de como Emerencia partira para a Grecia, porque Aurelio, agora, acreditava já nessa mentira de Crassus, depois de ter percorrido toda a casa em busca da escrava e verificar o desaparecimento do poeta grego que, segundo o grande rico explicára, a tinha ido buscar. Falára assim, ainda convencido de que Felux a levára para a antiga residencia

(Continúa.)

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

> As constituições são os travões que as democracias opõem á demagogia.
>
> Ribot

N.º 3946-12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Quarta-feira, 7 de Dezembro de 1921

Telefone n.º 2293 — Endereço Tel. CAPITAL — Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

A NOSSA ATITUDE

Os leitores d'*A Capital* tomaram ontem conhecimento da carta que nos enviou o sr. Alberto Xavier. Repetimos o que dissemos ontem: publicámol-a com um consolador prazer. E essa ratificação adveio não só da grata impressão que sempre produz nos luctadores duma causa, que é a de verdade e de justiça, o facto de ver que se reconhece a pureza das suas intenções, mas tambem, e sobre tudo, por verificar que a doutrina que inalteravelmente tem defendido este jornal continua a calar no espirito dos mais conscientes e fervorosos republicanos, como é o sr. dr. Alberto Xavier.

Diz o nosso ilustre e velho amigo que desde os tempos da propaganda se acostumou a ver n'*A Capital* um ardente defensor dos principios republicanos. Seja-nos permitido o orgulho de afirmar que isto é verdade. *A Capital* é um jornal republicano que nunca pactuou com os programas que tem desacreditado tantas vezes a politica republicana. Por isso temos estado sempre na brecha, pugnando por tudo quanto dignifique a Republica, combatendo tudo quanto a deslustre ou deturpe. A nossa atitude actual não é mais do que o corolario logico das nossas atitudes passadas.

Não é este jornal um orgão de paixões rancorosas, servidas pelas mais objectas grosserias da expressão. Não disputamos esse triste privilegio ás folhas que só teem comprometido a Republica com o seu espirito vingativo e a sua baixa linguagem. Aqui, nesta tribuna donde nunca desertamos nas horas de maior perigo, temos erguido sempre bem alto a bandeira da Republica, e ela só nos cairá das mãos quando a vida nos abandonar.

Bem sabemos que para muitos a Republica não passa dum instrumento das suas vaidades e dos seus interesses. Bem sabemos que em nome da Republica se tem chegado a preconisar a eliminação de velhos e honestos republicanos. *Para nós, a Republica* não tem responsabilidade nenhuma desses factos, que apenas recaem sobre as creaturas que com eles aproveitam.

O sr. Alberto Xavier tem visto que 11 anos de Republica que nunca deixamos de combater tudo o que atinge a propria essencia do regimen. Isso nos tem valido bastantes dissabores. Mas não importa. Entre clamores enraivecidos, combatemos a ditadura Pimenta de Castro, e a proclamação revolucionaria de 14 de Maio foi escrita nesta mesma redacção, em que escrevemos. Entre clamores identicos, pugnamos pela nossa intervenção na guerra, sendo este o primeiro jornal que a advogou, desde a primeira hora na luta europeia. Aqui temos protestado contra todos os arbitrios, contra todas as violencias, apesar de não nos faltarem ameaças do vario genero. Protestamos contra as prepotencias e erros prematuros do sr. Afonso Costa como protestamos contra as prepotencias e erros governamentares do sr. Sidonio Pais.

O sidonismo assaltou-nos, espatifando moveis por não nos poder massacrar a nós. Quando da restauração monarquica, flucluava em Monsanto a bandeira da realeza, e nós estavamos aqui bradando: *Viva a Republica!* Mas não pactuamos com os crimes da noite tragica, mas não estamos dispostos a colaborar na doutrina monstruosa de que a constituição seja um diploma que os governos, os partidos ou o proprio Chefe do Estado possam rasgar, quando entenderem. Não! O programa republicano é a Constituição, e não outro que quaesquer entidades forgem ou queiram impôr pela força. E além de ser o symbolo da Republica é a suprema lei do paiz.

Não duvidamos do republicanismo dos derigentes do movimento de 19 de outubro, mas a verdade é que Pimenta de Castro e Sidonio Pais tambem eram republicanos. Contudo, grande mal fizeram á Republica. A Constituição foi por eles ferida, um por meio dum golpe de Estado, o outro por meio duma revolução. Os resultados não podiam ser mais desastrosos.

Pelo facto de não se terem erguido armas, o acto politico de que resultou o adiamento eleitoral, contra a letra expressa da Constituição, não podia ser mais funesto. Funesto porque atenta contra a inviolabilidade da lei, e pelas rasões entrevistas que o promoveram, coagiu, no exercicio das suas altas funções, o supremo magistrado da nação.

Com efeito outra coisa não representa a prevenção de que se o adiamento se não decretasse produziriam graves perturbações de ordem publica. E não tinha o governo forças á sua disposição para as evitar? Parece que não não tinha, ou que apenas quiz vencer, com uma pressão dessa natureza, a relutancia do Chefe do Estado.

Mas em que situação ficamos depois dum acto, realisado por estes meios? Já se diz que as eleições se não efectuarão no dia 8 de Janeiro. Quer dizer: o sr. Presidente da Republica terá de rasgar mais outro dos seus decretos. Acaso é possivel continuar-se assim? Se a simples ameaça da alteração da ordem publica obriga a esquecer todos os deveres, deixou de haver um regimen representativo em Portugal.

E' grave uma conclusão desta especie! Não somos nós que a forjamos; é a propria logica dos factos que a justifica.

Migalhas

O sorriso comercial

O sorriso comercial mostra umas certas tendencias para reaparecer. Esse sorriso é muito menos tragico do que o sorriso da bailarina que, sofrendo horrores para se manter no bico dos pés, sorri, no entanto, interminavelmente. Não é mais tolo do que o sorriso mundano, quando se vão fazer visitas e conversar ao contrario do que se pensa. Não é mais artificial do que o sorriso em frente do fotografo. No entanto creio que ele constituia outr'ora uma das mais pesadas servidões do negociante.

Sorriso amavel de caixeiro de mercearia aturando a freguezia impertinente que cheirava a manteiga para lhe encontrar o ranço e espreitava os ovos para lhe avaliar a frescura... sorriso obsequioso do creado de café indo buscar o gelo, as galinhas, papel e tinteiro, os jornais ilustrados, tudo isto fazia com bom modo para receber uma gorgeta de dois vintens... Sorriso do estrangeiro que consentia imperturbavel que se escolhesse, em todas as caixas de charutos, o mais bom e o melhor entre os mais baratos... Sorriso cor fixo, de boa qualidade, podendo se lavar sem encolher, do pobre caixeiro de modas desarrumando uma loja inteira para afinal a freguesa apenas comprar um carrinho de linhas e um metro de fitilho.

Houve tempo em que todos esses sorrisos desapareceram. Isto é; tinham passado para os labios dos fregueses. O freguez é que apresentava o sorriso comercial, o sorriso obsequioso do superior, o sorriso triste do solicitador. Era o freguez que se mostrava amavel na vaga esperança de poder comprar qualquer cousa.

Porque a guerra fez-se para que a mulher das galinhas, o creado de café, o homem da tabacaria e o caixeiro da crinoline, se libertassem, um certo tempo. Alguns chegaram mesmo a descobrir os seus antepassados. O comerciante novo rico descende de «Bo gas fidalgo» do Monero, que, se bem se lembram, não era filho de um algibebe, mas sim de um sujeito que, tendo panos em casa, condescendia em ceder por dinheiro alguns ás pessoas com quem simpatisava.

O freguez, ultimamente, na doce esperança que o mercador consentiria em lhe ceder um pouco de mercadoria em troco de muito dinheiro, sorria timidamente e perguntava a meia voz:

—Tabaco?
—Não ha
—Ovos?
—Acabaram-se
—Manteiga?
—Não temos...

Chegava mesmo a parecer impossivel que, não havendo nada, as lojas ainda estivessem abertas. E' que os antigos servos haveriam saboreado a sua desforra, gosando a servilidade sorridente do freguez.

Ora, como os tempos vão sempre correndo, em boa verdade vos digo, meus amados irmãos, que não vêm longe aqueles em que veremos reaparecer o sorriso por detraz dos balcões. Quando tornarmos a ouvir a formula magica:

—«E que mais?» é que terão falecido as ultimas vacas gordas e todos sem distinção, voltaremos a roer o osso de cada dia.

ANDRÉ BRUN.

CROQUIS DE VIAGEM

Por terras já dantes viajadas...

IV - O estomago de Berlim

Duas coisas me haviam garantido antes de partir para a Alemanha. Que os preços baratos das montras eram triplicados, decaplicados quando um estrangeiro os queria pagar. Que Berlim lutava com falta de pão, assucar, manteiga e ia passar um mau bocado nesse deserto selvagem.

E' possivel que assim fosse em seguida ao armisticio; é possivel que amanhã, arrancada a Silesia, mais comprimidos por exigencias dos aliados, os alemães se vejam lançados numa situação desesperada. Em Setembro deste ano 1921 de Cristo não vi nada que se assemelhasse a pobreza, miseria ou fome. E' certo que ha a distinguir a vida dos nacionaes e a vida dos forasteiros, o que naturalmente é dificil para um portuguezinho saido da sua terra aos trambulhões neste meio duma civilisação diferente da nossa—e infelizmente bem diferente — destrinçar o verdadeiro grau da crise nacional. No entanto ha coisas que não enganam. Na capital e comidas nada falta. Os «restaurants» de luxo são ás centenas, dão concertos, musica de camara, reunem gente ás 4 horas, a hora do café.

Os «restaurants» são de duas categorias. Os «Weine-restaurants» onde não entra a cerveja e se é obrigado ao vinho — esse luxo dos ricaços e dos estrangeiros—e os «restaurants» simples, baratos, onde se bebe cerveja como quem bebe agua. O vinho é para o alemão uma consagração de deferencia para com um hospede, ou uma orgia na sua vida normal. Por isso nos «weine-restaurants» eu calculo a percentagem de perdularios frequentadores em 90 o/o de estrangeiros. São eles que se utilizam da fartura de marcos por um franco, um dollar ou uma libra. Uma garrafa de vinho do «Rheno» ou do «Mosela» custa de 50 marcos para cima. Os «restaurants» luxuosos são um prazer dos gastronomos e o alemão tem o prazer de saber viver. Um jantar num «restaurant» dum hotel de 1.ª ordem, ou no «Toepper», ou no «Royal» ou em qualquer outro dos arredores de «Unter den Linden» é um espectaculo soberbo e um goso unico. Ha «restaurants» com tradições; num comia «Bismarck»; é recolhido, genero velho «Leão de Ouro» e ás refeições preside o «chanceler de ferro» em oleo e de moldura rica.

Mas logo a baixo ha os restaurants populares—ás dezenas—e onde o alemão vai comer as suas refeições suculentas. Cito um, que pode servir de exemplo: o «Berg» em «Charlottenstrasse». E' um edificio inteiro das caves em genero jardim de inverno, até ao 3.º andar, que se enche á 1 da tarde e ás 7. Uma lista em qualquer restaurant é um enorme rol de pratos, todos com molhos, acompanhamentos, uma fartura. Uma dose de ganso, galinha, pato, é metade de qualquer destes animais. O alemão manda ir uma sopa, um prato e uma compota, mais uma cervejona e está pronto. Custa isto, o maximo, 30 marcos. Depois, ha na comida alemã uma diferença absoluta da comida ingleza. Entre os nossos aliados, sabe-se, tudo é sêco. Comem tresentas vezes ao dia e uns cinco centigramas a cada refeição. Os molhos não usam, as uvas descascam-nas de garfo e faca, e, a mesa é um suplicio rigido de etiqueta e «smooking». Na Alemanha, benza-a Deus, «come-se». As sopas são gordas, saborosas; os pratos tem molho, um molho que sabe a comida caseira e onde os nossos ex-inimigos molham pão com encantadora gula. Tem, é certo, as suas tão decantadas excentricidades gastronomicas, como gostarem de compota de ginja misturada com vitela assada e espargos, ou agregar em beterraba, aipo, cenoura, pero e outros frutos em salada a qualquer creme de chocolate.

Logo no primeiro jantar de Berlim, no «Hotel Am Tiergarten» onde me recolhi, tive ocasião de ver na selecta elegante, «chic», sala de jantar a cujo centro se ostentava um grande trono de pratos finos policromaticamente enfeitados, uma familia alemã, de elevada posição pelos trajes, pela conversa e pelas maneiras, a sugar á mão com requintada voragem os ossos duma galinha com molho de fricassé. Depois por todos os restaurants eu vi-os convidativa e prazenteiramente, agarrados ás azas, ás pernas dos galinacios para lhes aproveitar o... melhor. Vá lá, no mais modesto «bar» de Londres, uma pessoa fazer um tão «shoking» acto! Aqui come-se, repito. Come-se e bebe-se. A cerveja engorda; os alemães são amplos. O chá inglez deve chupar a carne. O alemão não sabe senão que o chá é para tirar... nodoas; mas para não se deixar suplantar no mundo elegante rivalisa com essa encantadora banalidade estomacal dos inglezes, o «five ó clock tea», criando, instituindo, anunciando o «4 Uhr Mocca», café, otimo e saboroso café que consideram muito mais alimentar.

Duas, tres vezes, vi com espanto, uma familia inteira ou um simples conviva, após o seu repasto, agarrar no guardanapo de papel, ou rasgar a ponta da toalha tambem de papel forte, e embrulhar os ossos, os ossos, sim, leitores. O pacotinho que quasi todos levam é para os cães que lhes guardam as casas; e hoje em dia — dizia-me um «herr» amigo — «não se podem tratar os nossos cães como dantes, quando eramos um povo rico».—

Bastantes restaurants dão almoços e jantares de meza redonda. O preço regula por 9 marcos cada «mittagessen», isto é, a refeição do meio dia, e, compreendendo uma sopa, peixe ou hortaliça, um assado e um doce ou fruta. Nem mesmo com o marco a 2 tostões o leitor obtinha esta pechincha em Lisboa.

Muito caro dizem eles, é o «pão». Mas o pão,... cada pãosinho que parece de louça das caldas, em boa farinha, custa 50 pfennigs. Vi ao longe, de fugida, um pão escuro, o pão possivelmente das classes menos abastadas, o verdadeiro pão que o Kaiser amaçou. Mas esse não entra nos restaurants.

Espalhados pela cidade tem Berlim, os antigos «restaurants» automaticos. Hoje devido á falta de moedas, — apenas ha em liga nickelada moedas de «50 pfennigs», o resto é tudo papelissimo—estes restaurants não funcionam senão da seguinte forma: os balcões tem os generos: salchichas, fiambres, batatas descascadas, salames, pedaços de vitela, costoletas, foie-gras... tudo que se deseja; um fogão nickelado fumega. Escolhe-se: em cinco minutos está o prato quente. Mas a maioria destas casas serve apenas para pequenos «lunchs» frios.

Ha ainda lojas inteiras, cujo letreiro é «Delicatessen». O leitor adivinha logo de que se trata; um manjar delicado, fino, para dar uma nota de agradavel sabor ao paladar.

Mandei vir, após um otimo jantar, para o fechar com «chave de ouro...» Pois sim; sairam-me dois «arenques» salgados, estendidos, estupidos que me fizeram jurar nunca mais querer na Alemanha nada de... «delicadezas!»

❖ ❖ ❖

Ignoro o grau até que ponto vai o «ersatz» na industria culinaria. Disseram-me que faziam café com sapatos velhos e couves flores de papel mastigado. Não creio.

No genero artificial, o unico exemplar que encontrei foi num café em «Post damer-Platz». Veiu o criado, veiu a bandeja, veiu a chavena e veiu o café com leite. O açucar é que não veiu. Espero, e nada. Chamo o rapaz e pergunto-lhe se não dão açucar, e ele mostra-me sobre a colher, minoscopico, muito comprimido, redondinho, redondinho como a cabeça dum alfinete, um autentico percevejo enfarinhado! Afogado, por traição, dentro do café com leite produziu uma grande eferverscencia, e, com grande satisfação minha... o café continuou azedo. Pisquei o olho ao criado, dei lhe 2 marcos, aparecendo então um açucareiro com açucar... em tamanho natural.

Um hotel, bom, tem como diaria 100 marcos fora 10, ou 20 e agora talvez mais por cento. Apenas o quarto, visto que as refeições se fazem á parte. O pequeno almoço, chocolate, pãosinho com manteiga (não ler margarina) brioches com granulos duvidosos por cima, custa 10 marcos. Um banho 6 marcos.

Encontra o leitor, porém, se lá quizer permanecer, muito mais barato e confortavel, Pensão com tres refeições, um banho diario e aquecimento a 100 marcos por dia, em Avenidas largas, em pontos lindos, e, aceio inegualavel. O caso é saber procura-las.

Um detalhe duma cidade que se diz... pobre, são as lojas de chocolates, ricas e gulosas montras onde se ostentam com arte todas as variadissimas marcas de «bonbons». Pouco de pastelarias, destes doces das cosinhas franceza ou portugueza. Em doces os alemães ficam no «Schokola den creme torte», na «Apel-Kompotte» no «Kasekuchen», e substituem o resto por ricos e apetitosos chocolates de que ha casas especiais.. e sempre cheias.

A vida de café, como em todas as grandes cidades, é intensa. Desde o grande «Vitoria» á esquina de «Friedericstrasse» e do «Bauer», até ás «brasserles», ou «Bierpalaeste» onde se realisam verdadeiros torneios de cerveja de Munich ou de Pilsen, tudo está sempre cheio. Casas de prazer a «calarets» futuristas, cubistas, onde o «champagne» só estala por conta dos americanos a voltas com a moral... das «frauleiras».

E voltamos a pagina que isto de moral é uma questão furada.

ARMANDO FERREIRA

PUBLICADAS:

I—O que me disse Fogg.
II—O eterno sorriso de Paris.
III—A Berlim! A Berlim!
IV—Em que um homem á procura de hotel só ouve falar de Erzemberg e do mais que lhe sucede.

LER AMANHA:

VI—Berlim ao balcão

A nossa bengala

A bengala vai desaparecendo lá fóra. Não tarda por consequencia, que ameace desaparecer tambem em Portugal. Toda a gente vai passar a andar com os braços livres—e com as mãos a abanar. Pobres bengalas tão curiosas, tão interessantes, tão utilissimas — e tão injustamente esquecidas! Que motivos as votariam aos ostracismo? Não foram seguramente razões de ordem publica — porque a bengala moderna, com o seu castão doirado e o seu ar de «stick», já nem servia para bater. Foi decerto alguma razão forte e decerto de caracter talvez moral que a obrigou a passar das nossas mãos—para o bengaleiro da historia. Seja o que fôr. O certo é que precisamente aquilo que ainda restava do esgalho primitivo, desse esgalho com que Adão sacudia as féras e como féra sacudia a Eva, desaparecerá dentro em pouco por imposição talvez da moda,—e d'ahi quem sabe?—dos manetas...

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

S. N. B. A.

Uma carta de Leitão de Barros a proposito da entrevista Francisco Santos

Sr. Director de «A Capital».—Li hontem no seu conceituado jornal uma entrevista com o ilustre artista sr. Francisco Santos á qual tenho o dever de responder imediatamente emquanto mais ninguem responder melhor.

Na entrevista citada ha uma infinidade de asserções que não são verdadeiras e que provam o tremendo equivoco em que o sr. Francisco Santos tem vivido e que ainda não quiz arredar do seu espirito.

1.º—Não é verdade que os novos queriam transformar a sociedade num «casino recreativo» sucursal de Garrett e outros recintos elegantes onde a gente nova vá valsar e namorar.

2.º—Não é verdade que os novos pretendam substituir os antigos socios «como velharias inuteis».

3.º—Não é verdade que as propostas fossem discutidas e afixadas no praso legal.

4.º — Não é verdade que o «memorandum» particular que foi fornecido á direcção (particular visto que os individuos que o apresentaram não eram socios ainda) creasse um estado dentro de outro estado.

Era apenas um esboceto de programa, destinado a crear fundos de receita que as direcções transátas tem pedinchado nos Ministerios sem nenhuma especie de exito, e cujo producto era «integralmente» para a Sociedade.

5.º — Não é verdade que os antigos socios sejam todos artistas. Pelo contrario a sua maioria é de individuos absolutamente fóra do meio, como se provou na ultima assembleia geral em que o celebre «requerimento-abaforete» foi apresentado pelo mais absoluto e ilustre anónimo no campo da arte.

E não são verdades ainda muitas mais coisas.

Tenho a impressão, e o publico tambem, que esta questão, irritando-se cada vez mais de parte a parte nada conseguirá de positivo além de marcar a resistencia inexplicavel duma geração e a força de expansão doutra. Emfim, é pelo menos um derivativo da politica.

Sempre, de VV, etc.

LEITÃO DE BARROS

"REPUBLICA,,

Reaparece amanhã quinta-feira, este nosso colega da manhã sob a direção do sr. Ribeiro de Carvalho.

A «Republica» consagra esse numero que será de 16 paginas ao seu antigo e saudoso director, dr. Antonio Granjo, cobardemente assassinado na noite de 19 de Outubro.

Comporta, por isso, larga colaboração de amigos e admiradores entre os quais figuram o venerando Presidente da Republica, general Gomes da Costa, capitão Cunha Leal, Ribeiro de Carvalho, ministros do gabinete Granjo, dr. Leonardo Coimbra, tenente Pina de Morais etc.

LITERATURA

A NOVA POETICA

por JULIO DANTAS

Os cultores do verso livre—os «vers libristes» franceses de que Gustavo Kahn é hoje o patriarca—encontraram agora quem tivesse a paciencia e a habilidade de codificar e defender os preceitos da sua tecnica poetica. O Horacio e o Boileau dos «claudelistas», dos «kahnistas», dos «simultaneistas», de todos os «gavroistas» contemporaneos são os srs. Vildrac e Duhamel. O seu livro, intitulado «Notes sur la téchnique poétique», veio hoje, por acaso, parar-me ás mãos. Confesso que passei uma hora muito divertida a lê-lo.

Eu julgo legitimas todas as inovações em materia de arte poetica, comtanto que da sua aplicação resulte poesia,—isto é, pensamentos expressos nas sinteses ritmicas a que se convencionou chamar versos. De contrario, continúo a ter muita consideração pelos seus cultores, — mas reservo-me o direito de afirmar que eles escrevem em prosa. O exemplo de alguns grandes poetas—Junqueiro, Verlaine, Rimbaud—que por vezes usaram formas hipermétricas, não pode ser invocado como justificação da poetica ultra-livre de Duhamel e Vildrac. Verlaine, reunindo no «Jadis et Naguère» os preceitos do Rimbaud e dos «magnificos», lá diz, no elogio dos ritmos impares: «La musique avant toute chose». E, mais tarde, declara: «J'ai élargi la discipline des vers, mais je ne l'ai pas supprimée. Pour qu'il y ait des vers, il faut qu'il y ait du ritme.» Tambem Junqueiro usou em alguns dos seus livros, designadamente na «Patria», de formas não sancionadas pela arte poetica regular; mas manteve-se, nas suas hipertrofias metricas, quasi sempre obtidas pelo processo da contaminação, um apostolo fervoroso do ritmo e da rima. Pelo contrario, os «vers libristes» modernos (em geral instinctos melodicos frustres) reduzem ao minimo o elemento podálico, métrico, musical das suas composições, que tomam, sobre tudo nas formas acentuadamente claudelianas, o caracter aritmico e desmanchado da prosa. Mas a que preceitos podem eles obedecer—perguntar-se-ha—se a sua tecnica do verso é essencialmente livre? A que cánon será possivel sujeitar poetas que inscreveram na sua bandeira, como lema, a rebelião contra toda a especie de cánon? Que veem fazer as «Notes sur la téchnique poétique»?

Os inovadores que, em materia de poesia, teem aparecido de Rimbaud para cá, procedem por uma de duas formas: ou procurando criar metros e ritmos novos (Verlaine, Mallarmé, Taillade, Stuart Merril, Junqueiro, Viélé Griffin, Eugénio de Castro, Nobre, Joachim Gaschet), ou atenuando de tal maneira as exigências da construção silábica do verso e da estrutura paralela da estrofe (Gustavo Kahn, Claudel, Charasson) que poucas ou nenhumas diferenças subsistem entre o verso e a prosa. A criação dos novos metros só dá resultado quando os poetas, como Joachim Gaschet nos «Hymnes» ou Alfredo Pimenta na «Paisagem de Orquideas», fazem a associação, a juxtaposição de velhos e conhecidos metros. Os versos de 18 silabas, de Gaschet («Sur les chemins gelés des anges ténébreux poussent les attelages», suponhamos), são construidos reunindo, a um alexandrino perfeito, um verso de 6:

Sur les chemins gelés des anges ténébreux
Pousssent les attelages.

Do mesmo modo, os versos de 19 silabas de Alfredo Pimenta («Todo enterrado na sombra escura dum parque triste, mortificado» — por exemplo), não são mais, como já tive ocasião de dizer num dos meus ultimos livros, do que a associação pura e simples de quatro versos de 4 silabas terminados em palavra grave,— o que dá, desdobrando, o ritmo arcádico da «Cantata de Dido»:

Todo enterrado
Na sombra escura
Dum parque triste,
Mortificado...

Modificada a disposição estrófica, cabimos em formas conhecidas da velha poetica. Não sucede o mesmo, porém, com os inovadores do segundo grupo. O «kahnismo», o «claudelismo», o «simultaneismo» atacam o verso na sua contextura intima, desorganisam a sua construção podálica; não é possivel desdobrar um verso atoxico de Gustavo Kahn ou do M.elle Charasson em elementos ritmicos regulares. Por exemplo, «Les pourpres fleurs odorantes de ses rosiers maintenant dévastés», aglomerado de palavras que a autora da «Attente» considera um verso, não passa de pura prosa. Neste caso é que as «Notes sur la téchnique poétique» de Duhamel, poeta mediocre, e de Vildrac, inovador de talento, pretendem encontrar um elemento de ordem e de organisação. Esse elemento é a «constante ritmica». Para os poétas da nova escola, um aglomerado verbal será considerado um verso sempre que nele exista um grupo melódico de 4, 5, 6 silabas (constante ritmica), e que esse grupo se repita nos restantes versos da estrofe, ou, segundo a nova arte, do «parágrafo poetico». Exempifiquemos. «Le soir retentit, comme un hymne paré d'etoiles»: eis um verso de Gustavo Kahn, que começa por uma «constante ritmica» de 5. «Vibre au soir rose et bleu d'un silence de danses lassées»: eis outro verso, aberto por uma «constante ritmica» de 6. Quer dizer: cada verso dos «vers libristes» é formado por uma parte medida, ritmica, convertivel nos metros classicos, e por uma parte irregular, aritmica, cacométrica, verdadeira «serradura de palavras», simples prosa sem o menor vestigio de construção melodica. A «constante ritmica» apresenta-se, assim, como uma especie de «hemistiquio fixo dum verso movel», na frase de Vildrac. Ouçamo-lo: «Une strophe peut être régie par une ou deux constantes rythmiques; deux constantes inégales peuvent se combiner, soit en se suivant, soit en s'emboitant; la constante peut s'imposer dès le début de la strophe, d'autres fois elle ne s'affirme qu'au cours ou à la fin du paragraphe poétique». Isto é: se um parágrafo de excelente prosa acabar num grupo euritmico de quatro, cinco ou seis silabas, nós temos, com Vildrac e Duhamel, o direito de concluir que é verso. Evidentemente, perante semelhante absurdo, toda a discussão é inutil. Versos assim fá-los toda a gente sem se sentir, — com tanta facilidade como mr. Jourdain fazia prosa. Olhem: no periodo que acabo de escrever ha, nada menos, do que cinco «constantes ritmicas» de 4...

Será o meu eminente camarada Gustavo Kahn capaz de me convencer de que eu escrevi este artigo em verso?

JULIO DANTAS

A FRENTE UNICA

DUAS OPINIÕES

Fala o sr. dr. Orlando Marçal

Na intenção de darmos aos leitores da «Capital» as opiniões dos diversos politicos ácerca da constituição da «frente unica», procuramos ontem o sr. dr. Orlando Marçal, um dos mais prestigiosos elementos do Partido Popular.

Entrevistado por nós, o conhecido politico começa por nos declarar que se considera afastado, por algum tempo, da actividade politica, embora sem fugir ás responsabilidades creadas com o seu partido, para se dedicar unica e exclusivamente á sua vida profissional.

— Que nos diz v. ex.ª ácerca da constituição da «frente unica?»

—Dá-me a impressão de uma interessante «blague» neste interessante paiz de paradoxos.

«E' para mim um enorme fantasma de casula branca num ilimitado campo que mutuamente confunde e aterra os timoratos que a distancia o olham e ate os proprios que amigamente rodeiam o tal fantasma.

«Neste momento grave da história politica portugueza, acho extraordinaria essa irreflexão. E senão vejamos «era a hora de se conjugarem todas as energias e de se abraçarem as desinteressadas intenções dos bons portuguezes que desejam ardentemente a redenção da sua Patria. E o que vemos? Politicos que pretendem amezendar-se em torno da governação publica, arredando sistematica e atrabiliariamente energias que poderiam ser proveitosas para a regeneração nacional.

«Eu não esqueço que não ha muito, no Parlamento, após um discurso proferido pelo sr. Alvaro de Castro, acamaradado comigo num movimento de radical protesto no gesto de 21 de maio, proferi a seguinte frase:

«O triunfo do momento pertence em absoluto aos conservadores», e hoje, depois do gesto de 19 de outubro, é a mesma onda conservadora quem atrofia este país.

«A nuance politica iniciada pelo sr. Alvaro de Castro é a prova cabal da afirmação feita. A «frente unica» é, afinal, o alarmante signal de protesto contra os intuitos do radicalismo que

Factos e palavras

A PROPOSITO

...DE COMPARAÇÕES

E' um costume velho e quasi tradicional entre nós—isto ha umas duzias de anos para cá — comparar o que fazemos com o que se faz no estrangeiro. E este costume seria até duma enorme utilidade se fôsse feito como incentivo para as nossas faculdades e qualidades em vez de ser tal como é apenas um pé para rebaixar e amesquinhar.

Orá é preciso pôr as coisas nos seus devidos termos, medi-las, pondera-las e não as exagerar.

Cá e lá más fadas ha e nem tudo é tão feio como o pintam.

Os jornais da manhã inserem duas noticias que parecendo não terem a menor relação uma com a outra, servem perfeitamente para tirar umas conclusões que não deixam de ter o seu interesse.

Assim vejamos:

«O principe Ali Pacha, ex-grão visir da Turquia foi assassinado a tiros de revólver».

«Foi arrestado em Marselha mais um navio dos T. M. E.»

Ora ha um tempo a esta parte é raro o paiz que se pode gabar de não ter o teatro dum assassinio politico.

Consequencias, aliás lamentaveis e condenaveis, duma época de desiquilibrio que o mundo atravessa, e que apenas podem desaparecer no dia em que o equilibrio voltar.

Isto é velho, está escrito em todos os compendios de historia. A uma epoca normal sucede-se uma epoca anormal e vice-versa. E durante as epocas anormais, posto que nem tudo seja aceitavel, tudo é explicavel.

Excusam portanto de dizer inconscientemente que Portugal é um paiz de cafres e de assassinos. Portugal é apenas um paiz como os outros paizes, a quem compete fazer justiça condenando os criminosos para que a impunidade não sirva de estimulo.

Mas, fazendo ingressar nesta ordem de ideias a segunda noticia que transcrevemos chegamos a uma conclusão geral, fundamentada e curiosa, sobre o qual se pode arquitetar o estudo da sociedade actual.

E assim estabelecendo a regra geral, temos que, lançando a vista pelo mapa fóra, somos tão bons ou tão maus como os outros.

Excepção á regra: Em materia de administração estamos um pouco pior. Gatunos de todas as categorias, com predominio do ladrão novo-rico de casaca, chapeu alto e luva branca, temos a «record» da produção mundial. Espirito de justiça um pouco indolente e ás vezes vesgo—armando contra o governo como é costume dizer-se.

BOTTO DE CARVALHO

Em Espanha levanta-se grande celeuma acerca de Marrocos. Ha até quem seja de opinião de que toda aquela campanha não passa de uma «espanholada».

◆◆◆

O general Gouraud, alto comissario da França na Syria, enviou á Academia das Inscripções um telegrama que foi jubilosamente lido, em sessão da ilustre coletividade, no qual notifica uma descoberta da mais extrema importancia, feita em Byblos por Mr. Moutet.

Este ilustre explorador e etnologo, missionario e membro da Academia, acaba de encontrar no decorrer das escavações levadas a cabo no local onde se elevou a antiga cidade de Byblos, enorme quantidade de objectos que, pela sua raridade e valor, deviam constituir o tesouro do templo egipcio da velha cidade. Entre esses objectos valiosissimos—estatuetas em bronze, joias de ouro, marfins e bronzes preciosos, colares em cristal de rocha e carabinas — destaca-se um vaso de alabastro, que o general Gourand assinala com interesse especial, pois, e pelo visto, esse vaso data do mais de dois mil e quinhentos anos antes da era cristã, remontando á penetração do Egipto na Phenicia.

◆◆◆

A politica portugueza, vai segundo se diz oferecer solénes e breves novidades.

Entretanto o povo continua esperando e o estrangeiro falando.

◆◆◆

O presidente Harding submeteu á aprovação do congresso o orçamento para o proximo ano economico. As despezas são calculadas em trez biliões e meio de dollars, sendo as dessas actuais de cinco biliões e meio de dollars.

As letras

Acaba de sair um livro de Berta Leite, intitulado «A Lenda da Praia do Guincho».

—Deixou a critica literaria do jornal «O Seculo» (edição da noite) o sr. Ruy de Veras.

—Ainda saírá este mez o livro de Antonio Ferro «Gabriel d'Aunnunzio e eu».

—Dentro de dias aparecerá nas livrarias o novo livro de Alfredo Pimenta.

Saía o sr. tenente-coronel Pires Monteiro

O tenente coronel sr. Pires Monteiro, antigo governador civil do Porto e um dos mais categorizados membros do Partido Reconstituinte, caminhava apressadamente pela rua do Ouro em direcção ao Terreiro do Passo, quando o jornalista deu de cara com s. ex.ª e após um leve cumprimento, perguntou:

—Que nos diz s. ex. de novo? A sua opinião acerca da momentosa situação politica?

O sr. Pires Monteiro escolhe a melhor forma de se escusar a responder-nos perguntando por sua vez:

—Porquê? Já caiu o governo do Maia Pinto?

—Parece que não... [illegible] a «frente unica» [illegible]

—Como o meu amigo [illegible] nario dr. Alvaro de Castro [illegible] dizer-lhe que o momento [illegible] dos mais graves que tem atravessado a Republica.

«A unica maneira de conjurar os perigos internos que subsistem encontra-se no seguinte: na reunião dos partidos republicanos do paiz para a manutenção da organisação politica republicana, o que só se poderá fazer dentro duma certa ordem e tolerancia.

—Mas porque se limitou a «frente unica» á reunião dos trez partidos mais fortes da Republica?

—Porque são esses os unicos que oferecem, neste momento, todas as condições necessarias á manutenção da ordem e ao restabelecimento da boa situação economica e financeira do paiz.

«Do resto, o Partido Reformista foi convidado para fazer parte da «frente unica», mas não aceitou sob o pretexto de não querer comparticipar duma reunião republicana sem que os autores dos tragicos acontecimentos do Arsenal fossem descobertos e punidos.

—E os populares e dissidentes?

—Os populares de forma alguma poderiam ser convidados para tal fim, pois a sua maioria entrou no movimento de 19 de outubro, o que até certo ponto viria dificultar a nossa acção apaziguadora para a União Republicana.

«Quanto aos dissidentes não teem êles uma organisação nem um programa definidos, e nem mesmo um directorio do partido...

—Mas porque não foram os presidencialistas convidados?

—Se se tratasse de organisar, para depois das eleições, um governo de concentração nacional, não diria que não, mas como unicamente esperamos vir a ter um ministerio de concentração republicana não veja bem a maneira de nele comparticipar o Partido Presidencialista, atendendo aos seus antecedentes de oposição sistematica aos governos da Republica, e á politica reacionaria e dissolvente que tem feito.

—Teremos então, após as eleições um governo de concentração?

—Tudo indica que assim virá a suceder, pois não vejo agora outra solução a dar á gravissima situação politica que atravessamos, tanto mais que ...

Aqui, o srs. Pirés Monteiro hesita.

—Tanto mais que?...—repetimos nós.

—Os democraticos empalmariam imediatamente a situação se um ministerio de concentração não se organisasse para governar, o que facilmente se poderá evitar com a constituição da «frente unica».

nortebu o gesto libertador do movimento ultimo.

—Que resultará dessa conjugação de politicos?

—Não é facil garanti-lo, mas representava a visão dum homem que actualmente se dedica á sua vida profissional, e que sempre usou da maior sinceridade em politica, sou a dizer-lhe, ou a logica é uma palavra vã, que essa «frente» não se encontrará sosinha em campo, o que dará origem a uma falange de bons e dedicados patriotas republicanos para que se não diga que se reproduz o antigo «Solar das Barrigas», talhando a seu talante candidaturas a deputados e pastas de estadistas como se o paiz fosse um tenro bolo sob o fio agudo duma faca de dois gumes.

—Mas organisar-se-ha, na verdade, essa segunda «frente»?

—Tenho a impressão de que o facto se dará para que se não dê o exclusivo ao combatente do reduto de Santarem.

«A fórmula era, na verdade, original, mas deve ser liquidada por aquele grande principio de filosofia social, ou como lhe queiram chamar, a lei primitiva para a defeza natural das ideias.

«E assim ficará, dum lado a falange capitaneada pelo sr. Alvaro de Castro, com a forma aliás importante duma figura que tem o rabo de raposa, um bico de gavião, e uma garra de pantera, ou melhor, tres facções absolutamente distintas, nas formas e nos processos, representada pelo conservantismo do Partido Liberal, pelo radicalismo do Directorio do Partido Democratico, e pela linha divisionaria e intermedia dos reconstituintes, simbolisada por um so Deus verdadeiro, que neste caso será o meu amigo e companheiro carinhoso, sr. dr. Alvaro de Castro.

«Como vê, não bate certo, pois que do outro lado surgirá, em meu entender, a outra falange constituida por aqueles elementos que pretendem remodelar os costumes politicos deste paiz, com fórmulas positivas, norteadas por uma grande onda de radicalismo—prenuncio de energia, decisão e desassombro, que são as caracteristicas que podem salvar uma nacionalidade que todos dizem perdida.

A provincia n'A CAPITAL

ALMADA, 6. — Reuné ámanhã, quarta-feira, ás 18 horas, a comissão executiva da Camara Municipal, que levará tratar do importante caso da suspensão da lei 999 que instituiu o imposto «ad-valorem» e aqui tem sido desagradavelmente comentado.

De facto, a Camara tem entre mãos o abastecimento de agua e luz electrica, cujas obras estão ainda por concluir e para as quaes estava contando, ao presente, com um adeantamento que algumas firmas se prontificavam a fazer por conta do citado imposto.

Os esforços da vereação cairam bem no animo do publico, pois, não tendo aumentado os impostos camararios para não sobrecarregar o povo consumidor, nem admitido pessoal para a cobrança do imposto «ad-valorem», a receita que deste advem tem sido empregada em melhoramentos reputados de essencial importancia e no aumento feito ao pessoal perante no actual custo da vida, sem esbanjamentos.

Nem abusos, nem processos vexatorios ha a notar.

Parece que vae ser resolvido o encerramento das portas da Camara, visto esta não se poder manter em face do decreto do governo.

E' grande já a agitação que lavra. Espera-se que a sessão de ámanhã seja bastante concorrida.—(C).

PELO TELEGRAFO

A Irlanda vitoriosa

Terminou a lucta—As condições estabelecidas entre o governo ingles e os delegados irlandeses

LONDRES, 7.—Foi oficialmente publicado o texto do acordo entre a Irlanda e a Inglaterrra. Contem 18 artigos, a sumula completa dos quais é a seguinte:

A Irlanda terá a mesma constituição comum aos Estados que fazem parte do Imperio Britanico, como seja o Canadá e os outros dominios autonomos; será um parlamento com poderes para fazer leis para o estabelecimento da paz, da ordem e do bom governo da Irlanda e um Executivo responsavel perante esse parlamento, e denominar-se-ha Estado Livre Irlandês.

O representante da Corôa será nomeado da mesma maneira como é o Governador Geral do Canadá.

Cada membro do parlamento do Estado Livre Irlandês fará o seguinte juramento:—«Juro soleuemente fidelidade e obediencia á constituição do Estado Livre Irlandês em conformidade com a lei estabelecida, e que serei fiel ao Rei Jorge, aos seus herdeiros e sucessores, em virtude da lei comum dos direitos de cidadãos da Irlanda com a Grã Bretanha e da sua aderencia a esta, e á comunidade do grupo de nações que formam o imperio da Inglaterra».

O Estado Livre Irlandês assumirá a responsabilidade do serviço da divida publica inglesa e do pagamento da sua parte nas pensões de guerra, cuja importancia, caso se não chegue a um acordo, será indicada por um arbitro que seja cidadão do Imperio Inglês.

Até que se chegue a uma combinação pela qual o Estado Livre Irlandês se comprometa a encarregar-se da defesa das suas proprias costas, serão as forças inglêsas que tomarão a responsabilidade desse encargo.

Em tempo de paz as forças inglesas terão o «controle» nos portos navais de Berehaven, Queenstown, Belfast, Lough e Lough Bwilly.

Em tempo de guerra ou de ameaças de guerra todos os portos e todas as facilidades estarão á disposição da Inglaterra, como fôr necessario para fins defensivos. Os cabos submarinos, o «controle» da telegrafia sem fios e os sinais de navegação, serão sujeitos a uma convenção entre os Governos da Inglaterra e da Irlanda. Essa convenção indicará que as facilidades existentes não serão alteradas a não ser por acordo e que o Governo Inglês se reserva o direito de estabelecer cabos submarinos adicionaes ou estações de telegrafia sem fios alem das existentes, quando assim o desejar. O regulamento sobre as comunicações civis pela aviação será tambem sujeito a uma convenção semilhante.

Se o governo irlandez estabelecer e mantiver forças militares de defesa o seu estabelecimento não deverá exceder um numero proporcionalmente á sua população, o que estiver estabelecido na Gran-Bretanha.

Os portos de ambos os paizes estarão livremente abertos aos seus respectivos navios.

O governo irlandez concorda pagar uma rasoavel compensação aos funcionarios publicos que forem demitidos por ele ou que se retirem em consequencia da mudança, excepto no caso da força de policia auxiliar e dos individuos recrutados na Inglaterra durante os dois ultimos anos para a policia real irlandesa.

Até que seja decorrido o praso dum mez depois que o acordo seja rectificado no Parlamento os poderes concedidos ao Parlamento e ao Estado livre Irlandez não serão exercidos na parte relativa ao norte da Irlanda. Fica assente qué antes da expiração desse praso o norte da Irlanda poderá entrar em qualquer contracto fóra deste acordo se uma petição nesse sentido fôr dirigida ao Rei por ambas casas do Parlamento do Norte.

Em tal caso os poderes concedidos ao Parlamento e ao Governo do Estado Livre Irlandez não terão efeito sobre essa parte da Irlanda. Sendo assim as clausulas da Lei de 1920 incluindo as que se referem ao Conselho da Irlanda continuarão em vigor.—(R.)

A Conferencia do desarmamento

Vão reunir a Inglaterra, França e Italia para as questões do Oriente

LONDRES, 7. — O Governo Frances significou o desejo de aceitar a proposta de Lord Curzon para uma conferencia dos ministros da Inglaterra, França e Italia afim de discutirem a questão do Proximo Oriente. A reunião terá provavelmente logar em Paris.—(R.)

O discurso de Briand na Camara

PARIS, 6.—Respondendo no senado as criticas feitas relativamente á politica seguida para com a Alemanha e á conferencia de Washington, o sr. Briand declarou não se julgar competente para cumprir a sua missão senão no caso em que possa apresentar-se perante o estrangeiro apoiado pela maioria dos representantes do paiz. Acrescentou o presidente do conselho que o tratado é um facto consumado e que fixou divida da Alemanha, não podendo a França desinteressar-se da importancia fixada. O estado dos pagamentos determinou a comissão a fixar-se no terreno em que a França deve manter-se.

Era necessario um acordo entre os aliados para o cumprimento das clausulas do tratado; interessando á França esse acordo foi mantido, mas a solidariedade internacional não exclui a possibilidade da politica particular de cada paiz, segundo a propria segurança e os seus interesses vitais. Se a França recebeu da Alemanha quantias importantes, essas quantias não são nada comparadas com a imensidade da divida francesa.

A Alemanha e os aliados

A moratoria e a Grã-Bretanha

PARIS, 7.—A questão da moratoria continua a ocupar toda a imprensa parisiense no que respeita á atitude da Grã-Bretanha.

«Le Petit Journal» nota que a atitude de certos almirantes britanicos que se mostraram severos para a politica seguida para a França, não é seguida pela opinião publica. Depois de terem mantido um silencio indicativo da indiferença os grandes orgãos da imprensa ingleza elevaram bruscamente a sua voz. No «Sudday Pictorial» o economista Sidney Low declara que o sentimento profundo da nação reclama que não haja com a França nenhum mal entendido.

As polemicas devem cessar. A França precisa de ser protegida contra um novo ataque da Alemanha e de ser paga das indemnisações que lhe são devidas. Sir Sydney Low pede aos seus compatriotas que se comprometam a socorrer a França em caso de novo ataque e de aderirem á opinião de Lord Derby partidario duma aliança franco-inglêsa e conclue que a Grã Bretanha deve manter-se firme na «entente» e, se não puder converte-la numa aliança, que, ao menos, a coloque ao abrigo das fluctuações da politica.—(Lat-Am.)

Os Estados Unidos trabalham para normalisar o cambio internacional.

WASHINGTON, 7.—Tem despertado tanta curiosidade como o seguimento dos trabalhos da conferencia do desarmamento o basta de que o governo americano dera o primeiro passo para normalisar o cambio internacional. Nas altas regiões afirmam que não se pretende sobrecarregar a conferencia com trabalhos que não fazem parte da agenda; comtudo esta resolução não impedia que os Estados Unidos aceitassem o convite dos governos aliados para assistirem a uma conferencia em Paris, no proximo mez de janeiro, para tratar das questões do cambio.

Emquanto o Congresso não autorisou o ministro das finanças a fazer os acordos necessarios para o pagamento das dividas á nação, os Estados Unidos não podem entrar em negociações definitivas com os seus deveres.

Os Estados Unidos assim, serão representados na conferencia financeira da Europa por banqueiros que agirão como ouvintes.

O facto de terem nomeado representantes oficiais do governo norte-americano para participar na conferencia de Paris, parece demonstrar que o governo americano, vendo que o sucesso da conferencia do desarmamento está assegurado, acha-se resolvido a influir com toda a sua preponderancia na reabilitação financeira do mundo.—(Lat. Am.)

Agua da Certã

A Agua minero-medicinal da Foz da Certã apresenta uma composição chimica que a distingue de todas as outras até hoje usadas na therapeutica.

E' empregada com segura vantagem nas Diabetes — Dyspepsia — Catarros gastricos putrido ou parasitarios;—nas preversões digestivas derivadas das doenças infecciosas;—na convalescença das febres graves;—nas atonias gastricas dos diabeticos, tuberculosos, brighticos, etc.; — no gastricismo dos exgotados pelos excessos ou privações, etc., etc.

O caso Landru

BEM DISSE O OUTRO: ESTA' TUDO DOIDO E O RESTO SAO BOATOS!...

Sempre a França é um paiz muito atrazado! Parece incrivel como certos incidentes apaixonam a opinião publica, coisas minimas que fazem, aliás, parte dos nossos costumes, sem que contra elas jamais alguem se lembrasse de repontar. Sempre Portugal é um paiz muito adiantado!...

Ainda ontem registamos algumas originalidades do processo Landru e não nos parece muito fora de proposito fixar novos pontos de vista, tirando deles a moralidade aplicavel.

Ora leiam a seguinte tradução de uma local de «Le Matin»:

«Um dos magistrados que se ocupou do processo Landru e foi assistir, por um dever de oficio, ao julgamento, contou-nos o seguinte:

Querem um exemplo da extraordinaria deturpação de sentimentos de algumas espectadoras? Ei-lo: emquanto Landru esperava que se redigisse a sentença que o condenou á morte, uma dama luxuosamente vestida conservava-se de pé, incomodando as pessoas que ficavam por trás dela. Houve protestos.

A grande dama toda se abespinhou replicando que os espectadores deviam estar, não de pé mas de joelhos, quando se lêsse a sentença que ia condenar á morte um inocente. E se melhor o disse melhor o fez, prostrando-se incontinenti e só se levantando ao terminar a leitura do fatal documento».

A leitura da sentença provocou, aliás, manifestações varias, a maioria delas produzidas pelo mulherio chic e da alta roda que assistiu ao julgamento e que não teve pudor para se calar e não dar mostras de simpatia pelo novo Barba Azul.

A opinião publica francesa comoveu-se com este patologico caso de desvergonha feminina e a tal ponto berrou e barafustou que o incidente teve repercussão nos jornais e no Parlamento.

E é por isso que nós lastimamos a França que não acompanhou os nossos progressos de nação ultra-civilisada. Entre nós era tudo risota! E não havia ninguem que se lembrasse de atribuir á deformação inquietante do caracter feminino a historica manifestação de simpatia por um Barba Azul indigeno.

Scenas de pugilato

—Pelas 11 horas de hoje, á porta da Alfandega, deu-se uma scena de pugilato entre o sr. Pedro José de Moura, ex-administrador de Oeiras, e o sr. Carlos Silva, empregado comercial.

Apóz uma troca de palavras o sr. Moura, deu uma bofetada, no sr. Silva, puxando este por uma pistola e defendendo-se o outro com uma bengala.

—Tambem se deu hoje na rua do Ouro uma scena de pugilato entre os srs. dr. Rangel de Sampaio e Eça Leal.

Nucleo de Ressurgimento Nacional

Reuniu ontem o «Nucleo de Ressurgimento Nacional» tendo escolhido a sua comissão directiva que ficou composta do sr. Gomes dos Santos, Mateus Moreno, Fernando Mayer Garção, Rodrigues Migueis, Luiz de Oliveira Guimarães, Domingos Monteiro etc. Deliberou tambem a saida da revista «Alma Nova» tendo marcado uma nova reunião para continuação da discussão do assunto.

O Ministerio dos Estrangeiros em Espanha

MADRID, 8.—A importante revista «La Esfera» publica uma entrevista com o ministro dos Estrangeiros de Portugal e ilustre escritor, sr. dr. Veiga Simões, na qual se fala com grande optimismo da situação de Portugal e da era de progreso que se abre para esta nação. Este artigo desmente os boatos, que circularam nos ultimos dias, desfavoraveis para o paiz visinho, e causou excelente impressão entre todos os amigos de Portugal.—(Lat-Am.)

Exposição Pedro Cruz

No salão nobre da Sociedade de Propaganda de Portugal abriu hoje a Exposição de Pintura Pedro Cruz, dedicada á imprensa.

Banal e simples, tem contudo quadros verdadeirrmente emocionantes, que realçam a alta qualidade de artista do sr. Pedro Cruz.

Não deixaremos de nos referir ao quadro «Fragilidade», em que a par do sentimentalismo natural dum paiz vibra a simplicidade. A simplicidade é tudo. A fantasia uma simples nota de côr.

Ha tambem os excelentes quadros «Orando» e a «Estrada de Pombalinho», que nos deixaram agradaveis impressões. O resto são paisagens regionais. Não teem é certo, a vida e a emoção que sensibilisam; nestes o talento é quasi nulo.

Depois de amanhã abre a exposição para o publico.

MUSICA

O proximo concerto Blanch

Se os anteriores concertos da Orquestra Sinfonica Portugueza, dirigida pelo maestro Pedro Blanch, teem sido um colossal sucesso e o São Luiz se tem enchido, o proximo concerto apresenta o mais notavel e o mais assombroso programa que até hoje se tem organisado; com quatro primeiras audições, a ouverture «Titus», de Mozart; «Manfredo», Reineck; o «Moinho», «A Bela Moleira» de Raff; a famosa «Scheherezade», de Rimsky e Korsakoff que, executada por uma orquestra como é a de Blanch, pode calcular-se o brilhantismo que terá; os «Preludios», de Lizet, o «Preludio» do «Parcifal» e as «Flores animadas» no «Jardim de Klingsor», de Wagner, e a «Marcha Hungara», de Berlioz.

ULTIMA HORA

MOMENTO POLITICO

Crise ministerial

Embora a crise seja, por emquanto, parcial, pode, dum instante para o outro, degenerar em total — Provavel chamada do sr. Mesquita de Carvalho á chefia do novo governo

E' positivo que o sr. Antão de Carvalho, ministro da Agricultura, se encontra demissionario. A noticia não é oficial porque não foi ainda encontrado o seu sucessor, apesar de alguns esforços empregados nesse sentido.

Um dos personagens indicados, desde a primeira hora da crise, para substituir o sr. Antão de Carvalho, foi o sr. Camara Pestana, agronomo, residente no Porto. Foram-lhe feitos convites nesse sentido, mas o sr. Camara Pestana recusou a pasta, visto não ter obtido ou lhe ter sido formalmente recusado o beneplacito dos seus amigos politicos, todos ou quasi todos enfileirados no grupo outubrista radical. E' possivel, todavia, que o sr. Camara Pestana reconsidere e acabe por aceitar a ingrata missão de baratear os generos alimenticios de primeira necessidade.

A crise não está apenas adstrita á sahida do sr. ministro da Agricultura. Outro personagem de destaque insta, desde ha dias, pela dispensa dos seus serviços. Referimo-nos ao sr. Ribeiro de Melo, chefe do gabinete do sr. ministro do Interior, que é o sr. Maia Pinto, chefe do governo. Se o sr. Ribeiro de Melo não abandonou ainda o logar de confiança que está desempenhando deve-se, simplesmente, a que o seu pedido de demissão não tem sido aceite. Efectivamente o sr. Maia Pinto não quer dispensa-lo, tão certo está do espirito puramente republicano que tem inspirado os actos politicos do seu eminente colaborador.

Mas a crise não se limita tambem á sahida dos srs. Antão de Carvalho e Ribeiro de Melo. O pessoal de gabinete do sr. presidente do Ministerio não oculta o seu proposito de abandonar a gestão dos negocios publicos, principalmente se o sr. Ribeiro de Melo persistir no seu proposito que, aliás, nos parece irrevogavel. O sr. capitão Sarmento, um dos mais ilustres oficiais da Guarda Republicana, tendo ganho em Flandres a Cruz de Guerra, acompanhará o sr. Ribeiro de Melo, sendo de crer que ao seu gesto não seja indiferente a atitude dos seus camaradas em serviço na presidencia do gabinete ministerial.

Como conclusão de todas estas complicações diremos mais o seguinte: se a crise ministerial se não limitar á sahida do sr. Antão de Carvalho, poderá vir a declarar-se total, pela convicção que se venha a fazer no espirito do sr. Maia Pinto de que são inuteis e talvez até contraproducentes todos os seus esforços para levar ao calvario eleitoral a pesada cruz da governação publica.

Admitindo, mesmo que seja apenas a titulo de mera hipotese, que o sr. Maia Pinto apresente ao Chefe do Estado a demissão colectiva do gabinete, podemos encarar, sem ser de animo leve, a forma possivel e até provavel da resolução da crise politica que da demissão venha a surgir.

◆◆◆

E' positivo que a acção do sr. Ministro da Agricultura tem resultado improducente no sentido do barateamento da vida. Improducente e até contraproducente. O preço de aquisição do assucar subiu, logo que o sr. Antão de Carvalho o quiz diminuir. E todos sentem um instintivo terror com a anunciada Junta de Provisão Publica, fundada na abolição dos armazens reguladores que, se não teem feito muito, algum resultado produziram na pratica. A avaliar pelo exemplo deploravel do assucar é legitimo o receio da elevação do custo dos outros artigos de subsistencia elevação que, de resto, se vai já sentindo, de dia para dia. O sr. Antão de Carvalho despopularisou-se. E em um governo com pretensões a republicano não é possivel aguentar-se no poder um ministro que tem contra ele, justa ou injustamente, pouco importa, a unanimidade da opinião publica. E' este o lado social da crise que aflige o Ministro da Agricultura. Mas ha tambem o aspecto politico, no sentido, talvez demasiadamente restrito mas nem por isso menos verdadeiro e proprio, do termo. E esse aspecto da questão é tambem desfavoravel ao sr. Antão de Carvalho.

Este ilustre homem do Estado não gosa, actualmente, das simpatias dos radicais outubristas, o que, mais ou menos, acontece, de resto, com todo o gabinete.

* * *

Os outubristas de facção Mesquita de Carvalho não concordam com a orientação do governo no que respeita á questão economica; e tambem lhes repugna, essencialmente, a orientação politica até hoje impressa nas gestões do ministerio do Interior. E', por força desta ultima circunstancia, que os outubristas radicais envolvem, na crise ministerial que poderia, talvez, resolver-se parcialmente com a queda do sr. ministro da Agricultura, a saida do sr. Ribeiro de Melo, chefe de gabinete do ministerio do Interior, entendendo que este homem publico tem sido demasiadamente benevolo com «todos» os republicanos, quando o devia ter sido só com «certos e poucos». E como o directo responsavel é o sr. ministro do Interior, cumulativamente chefe do governo, a crise pode declarar-se total, porque o sr. Maia Pinto não julga proprio nem digno submeter-se a imposições que classifica de estranhas e pouco proprias para prestigiar a autoridade de qualquer ministerio.

Dr. Vasco Fernandes

Foi posto em liberdade o sr. dr. Vasco Fernandes, que ha dias se encontrava detido na Torre de S. Julião da Barra.

O inquerito aos Acontecimentos

O contra-almirante sr. Silveira Moreno esteve hoje ouvindo o guarda da Penitenciaria Acacio Ferreira.

O sr. dr. Barbosa Viana, director da P. S. E. interrogou hoje novamente o marinheiro Nazarét Palmela e o 1.º marinheiro sinaleiro n.º 4737 José Maria Fenix que hontem foi prêso em resultado duma acareação feita. Este marinheiro acompanhou o seu colega Palmela na «camionete».

POEIRA DA ARCADA

◆◆◆

O sr. ministro da guerra foi hoje ao quartel do Carmo agradecer os cumprimentos da oficialidade da guarda republicana.

◆◆◆

O sr. Peres Trancoso conferenciou hoje demoradamente com o seu colega dos Negocios Estrangeiros que tambem recebeu no seu ministerio o sr. ministro da Alemanha.

◆◆◆

Foi assinado um decreto concedendo nas alfandegas das ilhas adjacentes a armazenagem das mercadorias nacionais ou nacionalisadas, de procedencia continental ou insular mediante o pagamento da taxa de um milavo por quilograma e por mez, sendo de 30 dias o praso maximo da permanencia daquelas mercadorias nas referidas alfandegas.

Exposição do Brazil

Comissariado Geral do Governo

CONCURSOS

Estão abertos concursos para a elaboração de projectos e orçamentos dos pavilhões a construir no Rio de Janeiro para a representação portugueza na exposição universal que naquela cidade se realisa em Setembro de 1922.

Um dos concursos refere-se ao pavilhão de honra a construir num terreno de 442 metros quadrados, outro ao pavilhão ou pavilhões a construir num terreno de 4000 metros quadrados.

O juri do concurso será organisado nos termos do regulamento de concurso aprovado pela Sociedade de Arquitetos Portuguezes.

Embora o concurso se considere organisado em 2 graus, a escolha definitiva do concorrente que o juri classifique em primeiro logar será feita pelas provas do 1.º grau.

O praso para entrega dos esquissos que constituem o 1.º grau do primeiro concurso termina, para os concorrentes de Lisboa, no dia 15 de Dezembro e para aqueles que estando fóra de Lisboa sejam obrigados a enviar o seu trabalho pelo correio, termina a 17 do mesmo mesmo.

Em relação ao segundo dos concursos aqueles prasos terminam respectivamente a 20 e 22 de Dezembro.

O programa e demais condições de concurso estão patentes todos os dias uteis das 11 ás 17 em Lisboa na séde do Comissariado Geral instalada na Sociedade de Geografia de Lisboa, e no Porto na Associação Comercial do Porto, Palacio da Bolsa.

Comissariado Geral do Governo na Exposição do Rio de Janeiro em 5 de Dezembro de 1921.

O Chefe dos Serviços de Expediente

Affonso Rodrigues Pereira

TEATRO

Palmira Torres

Artista entre as mais ilustres, vibrando sempre intensamente na interpretação dos seus papeis, o seu coração bondosissimo dedica-se fervorosamente á caridade, um pouco com prejuizo da arte, que vai abandonando a pouco e pouco . . .

Nota do dia

Estão em pleno foco de intriga e de publicidade os honorarios fabulosos que certos artistas cobram a troco do seu trabalho que nem sempre é de molde a merecel-os.

Citam-se actores que antes da guerra se contentavam com 80 mil réis e um «cachet» de 2500 e que hoje, em plena bancarrota de competencias e de bom senso recebem contos de réis e fazem exigencias duma audacia que tem as raizes da impertinencia e do ridiculo.

O negocio do teatro, bolchevisado por esses ordenados desordenados, passou a ser um verdadeiro espetanço.

O desgraçado publico, faminto e roubado, se quer umas horas de divertimento que tão necessarias lhe devem ser, ou esportúla 7 escudos por um «fauteuil» ou pedincha lamentavelmente uma «borla» ou não vai.

Um camarote custa uma fortuna. Pede-se 30 escudos com a maior naturalidade. O resultado, é claro, é ficar o teatro ás moscas e á «claque».

E, ao pé disto, deste «deboche» de ordenados, inevitavelmente, a gente compara essa miseria de 70 escudos com que se deixa morrer á fome a grande Virginia e com que morreu ainda ha dias, com a roupa empenhada até á ultima camisa, essa encantadora velhinha que se chamava Ana Pereira.

Ah! a casa dos artistas!
Ah! a solidariedade dos actores!.
Ah! as associações de classe!

O HOMEM QUE PASSA

Noticiario

Portugal

— Americo Durão acabou já de escrever a sua nova peça, que se destina a um dos primeiros teatros de declamação.

—Tendo aparecido nos jornais a noticia de que o sr. Cesar de Frias estava trabalhando numa peça sobre o poeta Bocage, lembramos que a 17 de Outubro já demos a informação de que dois escriptores estavam trabalhando numa peça em um acto sobre a mesma personalidade ainda não explorada em teatro.

—Subiu á scena no «Politeama» uma peça em trez actos a «Casa selada». O protagonista é o sr. Luiz Pereira.

—O papel de contra-regra do quadro de comedia da celebre revista «Tic-Tac» que por toda a semana deve subir á scena no Eden, será desempenhado pelo actor Artur Rodrigues.

Monte-Pio Comercial e Industrial
(Associação de Socorros Mutuos)

Meza da Assembléa Geral

CONVOCAÇÃO

Por ordem do sr. Presidente, convoco os senhores associados, no goso integral dos seus direitos, a reunirem em assembléa geral ordinaria, na séde deste Monte-pio, pelas vinte e uma horas do proximo dia vinte e dois do corrente, afim de elegerem os corpos gerentes para o exercicio de 1922. Não reunindo numero legal, realisar-se-ha a sessão para o mesmo fim, no imediato dia trinta, no mesmo local e hora e com qualquer numero de socios presentes.

Lisboa, 5 de Dezembro de 1921.

O 1.º Secretario
José Henrique Santos Torres Junior

BÔAS NOITES, MINHA SENHORA

CARTAS A CLO

Querida Clo — Acabei hoje de ler o livro «Namorados», de Virginia Victorino, livro que já todos conhecem, todos leram, e que tem feito, creio eu, palpitar todo o coração de mulher que existe em Portugal, por isso, sinto-me constrangida e perplexa ao fazer-te a confissão da que li e—não gostei.

Serei por acaso pouco feminina? Será necessario, para se ser mulher, levar o amor a chorar, a duvidar, numa ladainha de lamentações?

O amor, esse sentimento que declaramos ser o melhor da nossa vida, terá por força de ser cantado ao tom do fado choradinho em versos luarentos? Porque não ha-de o amor ser alegre, porque não ha-de subir as palavras amorosas num hymno de alegria, cheio de sol, porque não havemos de rir quando amamos?

Ao percorrer os versos da ilustre poetisa, em que as palavras se seguem, repassadas de melancolia, sentia desejos de esbracejar, de abrir janelas, deixando entrar a plenos haustos, a vida, o sol, a luz e de gritar: Isto não é amor, isto é um pesadelo. Amar é viver, amar não é morrer aos poucos, nem existir, envolto numa mortalha e com a cabeça coberta de cinzas, cantando psalmos doloridos.

Puz o livro de banda e peguei no volume «Ironias de Namorados», de Marinha Campos.

Abri, sorri. Que alivio, ainda sei sorrir. O seu leve e alado pessimismo é lisongeiro para a mulher, reconhece a força do amor, visto que dedica umas cem paginas «a ironisa-lo» perdoa-me o neologismo, e, se fala em olhos rasos de lagrimas, tambem nos mostra a possibilidade de amar, sorrindo, de recordar o nosso amor no teatro, ainda que seja para ...o esquecer, faltando ao encontro marcado!

Ha vida, ha luz, ha alegria naqueles versos — afinal... procurando-se nele tambem se encontra aqui e ali, uma nota de ternura, sob o sorriso zombeteiro.

Não estás d'acordo, sinto-o.

Em todo o caso vou transcrever-te dois sonetos, um de Virginia Victorino, outro de Marinha de Campos, para que tu notes a diferença de que te falei.

Sempre

Sou a mesma, bem sabes. Não mudei.
Tu és ainda toda a minha crença.
O teu amor em nada me compensa;
mas eu sou escrava e o amor é rei.

Sinto bem essa dura indiferença
com que me vês, mas não me queixarei.
O amor, para ser grande, não tem lei,
E ás vezes em si mesmo se condensa.

Quem sabe lá porque eu assim te quiz?
Tambem da dôr se pode ser feliz.
O teu desdem já não me mortifica...

Sou para ti o que teem sido tantas
O meu amor é como certas plantas:
Pizam-lhe a flor, mas a raiz lá fica.

VIRGINIA VICTORINO

A raiz

O amor é como a planta, que floresce,
E' como a planta sã, que frutifica:
Colhem-se os frutos, mas a planta fica;
Colhem-se as flores, mas a planta cresce.

A tais amputações a planta acquiesce,
Conscia de que o martirio a glorifica.
Cae, se a raiz um golpe damnifica
Morre, se a dôr tambem á raiz desce.

O amor é como a planta. Tira alento
E belesa do proprio sofrimento
Sob os golpes crueis da adversidade.

Como a planta, o amor paga em delicias
Os golpes que recebe, (são caricias)
Não lhe f'rindo a raiz . . . que, é a vaidade.

A. MARINHA DE CAMPOS

Vês tu, o contraste. No primeiro soneto ha a lamentação, palavra terna mas sem côr, no segundo vemos, primeiro a descrição do amor, comparado com a planta; ha vida e calor nessas palavras, nos dois tercetos sente-se a possibilidade de ternura que acaba na ferroada, ultima defesa do homem que se sente vencido pelo sexo fraco, e que se vinga—dizendo mal.

Afinal, talvez não tenha razão nesta minha maneira de ver, e tudo isto provenha do acanhamento que eu tenho em dizer ternuras, costumo envolvê-las sempre num sorriso.

Escreve, ainda que seja para te indignares contra as heresias de

TENAGRETTE

A NOSSA CASA

Um movel pratico

Ha muita gente que gosta de ter no seu quarto de cama os preparos para uma chavena de chá; não lhe agradando, porém, encher o seu toucador com esses objectos.

Pois bem, porque não manda fazer de um caixote velho, umas prateleiras, com costas e lados, envernisando-as e metendo ali tudo quanto lhe é necessario, para fazer o chá?

Querendo póde reservar a ultima prateleira para os sapatos, conservando-os nas suas caixas, e envolvendo o movel numas drapagens vistosas e bonitas. Quem gosta de ter livros ao pé da cama, acrescenta facilmente umas taboinhas aos lados da parte superior do armario arranjando assim, num mesmo pequeno movel, uma sapateira, um guarda-loiça e uma estante.

CONSELHOS PRATICOS

Fendas na parede

E' muito simples taparmos nós mesmas as fendas nas paredes, quando não são muito grandes. Raspa-se a fenda com uma faca, alargando-a um pouco, depois homedece-se e enche-se com uma pasta de cal, gesso e agua. Faz-se essa pasta, sobre um bocado de madeira e pouca de cada vez, porque endurece rapidamente, não servindo já.

Depois de se tapar a fenda com a pasta, é bom passar duas ou tres vezes a faca por cima para alizar ficando a parede perfeitamente bôa, sem sinais do concerto.

HIGIENE DA BELESA

Maçagem facial

Vou falar da maçagem facial, o melhor, pode-se mesmo dizer o unico remedio para as rugas. Tratarei deste assunto aos poucos visto não querer encher todo o espaço com ele.

Devem-se fazer as maçagens em todo o rosto mas com muito cuidado porque não sendo bem feitas, são contraproducentes.

Maçagens para as rugas dos lados do mento: colocam-se as mãos meias fechadas na ponta do mento, as palmas apoiando-se sobre a pele contornam a maxila inferior do queixo ate ás fontes.

Deve durar essa maçagem de tres a cinco minutos.

ARTE DA COSINHA

Guizado á irlandesa

Põe-se banha ou manteiga no fundo duma caçarola, depois de derretida, mete-se uma peça de carne limpa é preciso tomar muito cuidado para que a carne não se queime mas esteja toda ela córada. Junta-se-lhe fatias de nabos, cenouras e cebolas e uma chavena de agua quente. Tapa-se muito bem e deixa-se aboborar até a hortaliça estar cozida, depois põe-se-lhe pimenta e sal; querendo-se mais molho acrescenta-se agua, engrossando-o com um pouco de farinha.

PENSAMENTOS

O habito de viver para nós mesmos torna-nos mais dificil o viver para os outros.

Vinet

Consolar não é aniquilar a dôr, mas sim ensinar a dominá-la.

Maeterlinck

Procuremos sómente a beleza, que a vida é um punhado infantil de areia ressequida, um som de agua ou de bronze, é uma sombra que passa.

Eugenio de Castro

As palavras mais doces são ditas muitas vezes pelos olhos.

. . .

SPORT

Faustino - Ruivo

Está já sendo o assunto de todas as palestras, o proximo encontro entre os boxeurs Ruivo, campeão de Portugal da categoria dos leves e Faustino Pereira tambem campeão dos meios medios.

O encontro foi suscitado por um repto que Ruivo dirigiu á Federação de Box, tendo esta tratado do assunto de forma a que os boxeurs se encontrem. Das duas propostas que havia para o combate, foi aceite a do sportmen sr. Armando Batalha antigo amador em varios sports e grande entusiasta pelo box.

A assignatura do contrato entre os boxeurs e organisador já se fez em condições que em breve mencionaremos.

NOTICIARIO

ASSOCIAÇÃO DE FOOT-BALL DE LISBOA

COMUNICAÇOES OFICIAIS

Na sua reunião da passada sexta feira 2 do corrente a Direcção resolveu entre outros os seguintes assuntos:

—Castigar com a pena de repreensão registada o jogador e juiz da Cruz Quebrada, sr. Carlos de Sousa por ter faltado a arbitrar um desafio e só justificou a sua falta depois desse desafio realisado.

—Castigar com 15 dias de suspensão o juiz e jogador do Royal sr. Antonio dos Santos por ter faltado a arbitrar um desafio não justificando a sua falta.

COMISSÃO TECNICA

Esta comissão continuou nos dias 29 e 30 de Novembro a examinar os candidatos a juizes de campo sendo aprovados os senhores:

José Travassos, Jeronimo Augusto Lapa, Mario de Figueiredo Costa, José Vicente Gabriel, Antonio Martins; Alfredo Luiz Pedroso, Salvador do Carmo e Angelo da Rocha Pinto.

Os exames continuam no dia 7 do corrente sendo convocados para este dia os srs. Joaquim Augusto dos Santos, Eduardo Vasconcelos de Azevedo, e Augusto dos Reis Pinto, do Atletico José Pereira de Faria, Armando de Oliveira, José Rodrigues, Carlos Alves Diniz e Manuel Veloso.

SECRETARIA

A Direcção da A. F. L. tendo que reformar o team representativo não inclue na linha pelos motivos a seguir indicados os seguintes jogadores:

Artur José Pereira e Alberto Rio por impossibilidade fisica no presente momento:

Francisco Pereira por não poder jogar em tempo chuvoso sem prejuizo da sua saude.

Jaime Gonçalves, Alberto Nunes e Joaquim Filipe dos Santos por não conseguirem licença.

Ernesto Viegas não foi selecionado por exagerado dispendio de deslocação.

Direcção. Reune na proxima quinta feira em sessão ordinaria a Direcção.

A Secretaria da Associação recomenda novamente aos juizes de campo que afim de evitar confusões e facilitar o serviço de expediente devam mencionar nos boletins somente os nomes dos jogadores como constam nos bilhetes de identidade. Os capitães dos grupos verificarão sempre antes de assinarem os boletins se os nomes neles incluidos correspondem exactamente aos nomes que foram inscritos. Qualquer erro ou omissão de nome será considerado com falta de inscrição e como tal fica sugeito ás penalidades correspondentes. Os clubs teem todo o interesse em recomendar muito especialmente aos seus juizes e capitães o exacto cumprimento destas instruções.

DESAFIOS PARA O DIA 11 DE DEZEMBRO

1.ª categoria—1.ª divisão:—Sporting contra Bemfica, em Palhavã, ás 15 horas; juiz o sr. Artur José Pereira.

Internacional contra Imperio, em Palhavã, ás 13 horas; juiz o sr. Francisco Pereira.

GINASIO CLUB PORTUGUES

Continuam com grande entusiasmo em varios Clubs de Lisboa e provincias os treinos de pesos e alteres para o proximo Campeonato Nacional de Força.

Se todos os atletas que estão treinando comparecerem ao campeonato, marcará este, tanto pelo numero como pelo valor incontestavel de alguns conhecidos atletas que se propõem disputal-o com sejam:

Manuel da Silveira, recordman do Mundo. Humberto Caldas que se encontra duma forma explendida. Serpa Pimentel, Borges de Castro, Antonio Pereira, Alvaro Costa, Mota Marques Mario Costa, João Ramalho, Alfredo Campolinha e Campocelo.

Espera-se tambem a inscrição de Pinto d'Almeida, Mario Ribeiro, Antonio Neves, Trindade, Carlos Simões, Ribas, Ferreira Borges, Bisarro, Guilherme Guedes, Vassalo d'Araujo e Pereira e Sousa.

Reina tambem grande animação nalguns Clubs do Porto, Coimbra, Algarve, Figueira da Foz, para se fazerem representar em Lisboa neste Campeonato.

NATAÇÃO

Realisou-se sabado 3 do corrente a assembleia geral da delegação de Lisboa da Liga Portugueza dos Clubs de Natação ficando eleita a nova Direcção e Conselho Fiscal como segue:

Direcção—Presidente, Florencio R. Domingos; Vice-Presidente, Albano dos Prazeres; Secretario, J. Roussado dos Santos; Tesoureiro, Alvaro Faro: Vogais, Jacinto Nunes e Ramalhete Serra.

Conselho Fiscal—Rebelo da Silva, Vasco Viana e Ferreira da Costa.

A posse dos novos cargos deve-se realisar sabado 10 ás 21 h. na séde da Delegação Rua Serpa Pinto, 4.

Associação de Socorros Mutuos

A NOVA ALIANÇA

Séde social
R. da Cruz dos Poiaes, 33, 1.º—LISBOA

AVISO

Convoco a reunir a Assembeia Geral para a proxima terça feira, dia 9 do corrente pelas 20 horas no Largo de S. João Nepumoceno Edificio do Asilo dos Orfãos Desvalidos da Freguezia de Santa Catarina.

ORDEM DOS TRABALHOS

Eleição dos Corpos Gerentes e Delegados á Liga para o ano de 1922

Não reunindo por falta de numero, fica desde já marcada para o proximo dia 17 á mesma hora.

AVISO — Nenhum socio poderá inscrever-se e votar sem que apresente a quota do mez de Novembro e documento comprovativo de que pagou os estatutos e que está no pleno goso dos seus direitos.

Lisboa, 6 de Dezembro de 1921.

Vice-Presidente da meza da Assembleia Geral
Justino Manuel da Silva Corvo

ROCHA MARTINS

Spartacus

Romance das lutas proletarias em Roma

VII

Manlio decidira logo partir para as avançadas em busca de uma hora feliz de derrota dos escravos em que pudesse salvar Lavinia; Marcio, que da Sicilia fôra encontrar-se com os seus em Roma, acompanhara-o na segunda legião; Aurelio regressara para a capital e quando a luta se iniciava a sua primeira idea fôra chegar junto da noiva.

Batera-se bravamente, as suas feridas ao reabrirem-se roubaram-lhe as forças mas, ainda assim, ao deparar com Oenomaus á frente dos seus, quizera ataca-lo, lembrando-se que fora ele quem raptara Lavinia; erguera o ferro para ferir mas Marcio defrontara o gigante, tivera a felicidade de encontrar a abertura da loriga e rasgara «equites» romanos a ele a carne emquanto as «equites» o auxiliavam. Quando os soldados rebeldes chegaram apenas toparam o cadaver do chefe. Ele reabrira os olhos no fundo duma cova para onde rolara, quizera fugir mas ficara prisioneiro da linha dos «velites» estabelecida no campo da ultima batalha. Nada mais sabia; tampouco conseguira noticias de Marcio que vingara a irmã.

Agora vi. a noiva junto de Myrtha porque nenhuns cabelos louros se confundiam com os seus; sentia o coração bater-lhe agitadamente e ia soltar um grito, dizer aquele nome adorado, movia-se, corria para ela quando um dos insurrectos o deteve rancoroso:

— Por Proserpina, queda-te!...

Mas de repente o homem fixava-o, olhava-o bem, dizia:

— Tu não és Manlio, filho de Rehus, antigo questor da Bythinia?!

Embora recoasse alguma velha conta dos seus, não quiz renegar o nome do pai e redarguiu:

— Sim; sou eu!

Com um ar singelo, o soldado apresentava-se:

— Eu sou Prisco, o pastor, o que perdeu as rezes de Arunco! Sou livre...

Traçara um gesto vago e não concluira porque um grande movimento se marcara junto do corpo de Oenomaus já estendido sobre uma nesga de purpura e por cima do qual Emerencia dispunha as flores que as crianças lhe traziam para lançar diante dos seus passos.

— São as ultimas que te dou!... e caia de rastos a inunda-lo de lagrimas.

As petalas tinham caido nas armas do guerreiro banhadas de sangue e Opalia, vendo de choire Latunia, clamara:

— Morte aos patricios... fim a essa raça!

Spartacus contemplava o rosto frio do companheiro, buscava apagar a comoção da sua alma boa e compreendia, ao vêr avançar Crixos, como ele ia aproveitar a indignação levantada pela morte daquele chefe. A voz rouca do gaulez subia:

—Eu te vingarei, irmão! Eu te resgatarei o espirito nos filhos dos ricos e executados!

A boca largamente se lhe escancarava num riso, os olhos acuavam vinganças e era sobretudo para Lavinia que se dirigiam fusilando ameaças.

—Eu serei o teu herdeiro, ó amigo, ó irmão!

Aquilo queria claramente significar que a tomaria para si, a transformaria numa dessas numerosas mulheres ás quais no acampamento já não se dava respeito, patricias e esposas de comerciantes raptadas com as cortesãs e servidas no prazer sensual do exercito. Algumas havia submetidas; não se sentiam repugnadas no papel humilhante, e eram aquelas cuja educação no prazer as excitava para maiores sensações; conhecia-se mesmo as que tinham escolhido um amante entre os mais belos soldados e de bom grado se tornavam suas concubinas naquele tumulto duma sociedade nova, dia a dia mais forte com as vitorias de Spartacus.

As lagrimas do começo dessa passagem de braços para braços secavam-se na grande furia animal do sexo e desde que os homens lhe levavam as melhores presas, as joias, as sedas, sabiam, num instinto, tambem, lisongea-las e baterem-se por sua causa, tudo iam aceitando sentindo-se longe de Roma e das antigas homenagens, procurando outras no meio em que viviam. Era o que Crixos esperava de Lavinia.

Mas naquele espirito conturbado por ancias vingativas mais vontades de humilhações se desencadeavam, ao reparar em toda a miseria dos ricos agora á sua disposição.

—Spartacus, lembras-te quando em Roma tivemos que bater-nos em honra dos funerais dum grande rico, o pai do histrião Rictus?!... Sempre que um dos mais nobres dessa sociedade, que combatemos, se sumia no Hades muito sangue de inocentes se sacrificava. Vamos a sacrificar o deles em honra do nosso grande morto!...

As suas palavras ganhavam apoio imediatamente; corriam no acampamento, subiam com os aplausos.

Contava-se a sua ideia largamente, espalhava-se como ele as queria fazer bater á maneira dos gladiadores, aos pares, em secções, emquanto se realisassem as exequias de Oenomaus. Todo aquele sangue seria agradavel aos deuses que protegiam os escravos rebeldes.

O exercito aceitava alegremente a proposta, delirava já entre as libações constantes, com o pensamento numa hecatombe em que os ricos seriam o pasto do seu divertimento e travavam-se apostas, falava-se em ir buscar as bagagens os frutos da pilhagem, os formosos vasos de ouro postrados nos templos, os belos cavalos pilhados aos romanos, as vestes de seda de Cós, os perfumes e até as mulheres para se lançarem na alegria do fogo. De todos os labios voava a mesma exclamação entusiasta:

— Ao combate! ao combate!...

Apalpavam os musculos fortes de alguns centuriões, gargalhavam diante das carnes balofas dos comerciantes, lamentavam que não se tivesse feito a tomadia dum leão ou dum tigre para lhe lançar os corpos inuteis para a luta num mais divertido espectaculo. Não havia a comiseração; era antes a raiva que sahia numa profunda vontade de goso.

Opalia dizia, com scentelhas nos olhos avermelhados, ao ouvir os soluços da filha diante do cadaver:

— Sim Crixos!... A patricia deve ser tua!

Ele, porém, tinha uma mais larga fantasia; não queria que Spartacus se molestasse ante a posse simples do seu refem. Lavinia merecia deveras o sacrificio a que era votada. Casariam e sem dia de festa no acampamento quando ela passasse com os seus veus de noiva e todos os soldados os seguissem num aplauso. Continuava a rir e o poeta Felux, logo acudia a explicar que se realmente se fundava uma sociedade nova e que semelhante capricho tinha um ar honesto. Assim se fundára Roma depois do rapto das Sabinas e delas tinham vindo as avós desses patricios, que, por Palux! se jactavam de nascer das coxas dos deuses!...

Tratava-se de convencer Spartacus ao espectaculo e ao noivado. Ele já ouvira o clamor de todo o povo que governava delirando pela ideia do combate de gladiadores improvisados mas faria ainda umas reflexões, diante deles, numa vontade de os salvar:

(Continúa.)

Colegio Vasco da Gama
T. das Freiras (a Arroios), n.º 2
TELEFONE NORTE 2145

O mais bem situado de Lisboa. Campos de equitação e recreios. Educação esmerada. Optima alimentação. Todos os alunos do curso dos liceus, do curso comercial e do curso primario prestam exames com conselho escolar do Colegio, ... obtendo ... classificações. Pedir esclarecimentos aos directores: P. Antonio Manuel da Silva Pinto Abreu, Dr. Luiz Gonzaga da Silva Pinto Abreu.

Instalações electricas
EM TODOS OS GENEROS
OLIVER LTD.—Rua da Prata, 250, 2.º
Telefone C. 1168.

Alberto Afonso
— LISBOA —
Postais ilustrados

TUBERCULOSE
NUCLEOCALCINA FORMOSINHO
Reconstituinte poderoso, scientifico e racional
PHARMACIA FORMOSINHO
Praça dos Restauradores, 18

POLICLINICA DO ROCIO
Largo do Camões 19 (ao Rocio)
CLASSES POBRES—Tel 3747

Rins e vias urinarias — Dr. Cosmos Saldanha, ás 10 1/2.
Medicina geral, doenças nervosas e electroterapia — Dr. Cancela d'Abreu, ás 14 e 1/4.
Olhos — Dr. Henrique Roquete, ás 16.
Pele e sifilis.—Dr. Zeferino Falcão, ás 14 e 1/2.
Boca e dentes—Dr. Amor de Melo; ás 9 1/2.
Medicina geral, coração e pulmões.—Dr. F. Martins Pereira, ás 15 1/2.
Cirurgia, doenças das senhoras e partos.—Dr. Luiz Ottolini, ás 15.
Ouvidos nariz e garganta. — Dr. Cordeiro Lobato, ás 14.

Remedio constituido com o suco de sete plantas medicinais: **faz nascer** o cabelo ás pessoas calvas. **Cura** em pouco tempo a queda do cabelo e dá a este um extraordinario vigor. **Extermina** radicalmente a caspa em pouco tempo. **A Juventude** é o unico remedio preventivo da calvicie.
Unico depositario: **DROGARIA DIAS**
R. Fanqueiros, 342 a 344 Frasco 2$50 ... Todos frascos levam a assinatura do seu verdadeiro auctor LUIZ ALBERTO DA SILVA.

Joalharia, Relojoaria e Ourivesaria
— DE —
JULIO REI, L.da
ex-empregado da Joalharia Abreu
Grande sortimento em joalharia, relojoaria e pratas por preços sem competencia
Antiga RELOJOARIA OLIVEIRA
30, Praça dos Restauradores, 31
(Palacio Foz)

A casa que mais barato vende.—Ourivesaria e Relojoaria—Temos sempre grandes sortidos de objectos que vendemos SO' PELO PESO e joalharia que vendemos com as maximas garantias.
VIUVA MARQUES—R. de S. Paulo, 200 —LISBOA—

Banco Nacional Ultramarino
Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada
Fundos de reserva 25.000.000$
Assembleia Geral Extraordinaria

Por ordem do sr. Ex.mo Sr. Vice-Presidente da Mesa da Assembleia Geral, é convocada a mesma assembleia para continuação dos trabalhos da Assembleia Geral Extraordinaria interrompidos em ... de setembro p. p., reunir no edificio do Banco, no dia 31 do corrente, pelas 14 horas.
Assunto: Circulação Fiduciaria nas Colonias.
Lisboa, 12 de outubro de 1921.
(a) Francisco Mendonça de Sommer.

A Urbana Portugueza
Fundada em 1888
Effectua seguros terrestres, maritimos, de cristais e gréves e tumultos.
Agentes gerais em Lisboa Eduardo de Noronha, Ld.ª Rua Augusta, 50, 1.º
Telefone 1536 C.

RELOGIOS —A Maior Variedade—
Ourivesaria e Relojoaria Confiança
... DE ALMEIDA, LIMITADA
Grande sortimento em pratas para brindes e joias
Rua dos Fanqueiros, 1 a 5 e 51 a 53

AZEITE
PURO DE OLIVEIRA
Finissimo para conservas — e consumo —
PEDIDOS A':
SOCIEDADE EXPORTADORA DE PEIXE, Ltd.
RUA DE S. PAULO, 20, 1.º

Sapataria Januario
O mais perfeito Calçado de Luxo
Sempre os mais chics modelos
MEIAS FINAS
— Telefone Central 5527 —
78 - Rua Santa Justa - 80
193 - Rua Arco Banderia - 195

Maquinas de escrever
ACESSORIOS, reparações garantidas —OLIVER, LTD.—Rua da Prata, 250, 2.º —Telef. 1168 C.

Agua da Certã
A Agua minero-medicinal da Fonte da Certã apresenta uma composição chimica que a distingue de todas outras até hoje usadas na therapeutica.
E' empregada com segura vantagem nas Diabetes — Dyspepsias — Catarros gastricos putrido ou fermentativos — nas preverções digestivas derivadas das doenças infecciosas — convalescença das febres — nas atonias gastricas dos diabeticos, tuberculosos, ... gastricismo dos esgotados por excessos ou privações, etc., etc.
Mostra a ... que a Agua da Fonte da Certã, tal como se encontra na garrafa, deve ser considerada como ... pura, ... nenhum dos depositos ... que podem existir em aguas. A d'isso, ... O B. Tiphico ... O Vibrião cholerico ... n'ella ... outros microbios ... resistencia maior.
A Agua da Fonte da Certã ... gazes livres, é limpida, ... vemente ... bebida pura ou misturada com vinho.

Bénard Guedes
RAIO X — DIATERMIA
RADIO
Tratamento do cancro
Calçada do Sacramento—18
Todos os dias ás 4 horas. Tel. C. ...

OURO E PRATA
— MUITO MAIS BARATO — Só na OURIVESARIA de Correia, Moura, Pimenta, Ltd. 164 — Rua de S. Paulo — 166

Casa das malas
Fundada em 1867
Joaquim da Silva & C.ª (Filhos)
O maior sortimento em Malas, carteiras e artigos de viagem
Rua da Prata, 110, 112 e 114—LISBOA
TELEFONE CENTRAL 5716

Novo Fanqueiro da Avenida
NETTO & CORREIA, Ltd.
Avenida Casal Ribeiro, 3, 5, 7 TELEFONE 2168 Norte
Exposição e Abertura da Estação de Inverno
Muitas variedades e grande sortido em todos os artigos da sua especialidade
RETROSEIRO, MODAS E CONFECÇOES
— GANHAR POUCO PARA VENDER MUITO —

REGALEIRA - CLUB
DANCING PALACE — Telefone 3238
VARIEDADES E CONCERTOS
Jazz Band - Tziganes - Diners - Concerts
SOOPERS TANGOS
Magnifico serviço de Restaurant
ROBERT NICOL—Danseur de L'APOLLO de Paris

INTERESSA A TODOS!...

QUEREIS conservar os vossos calçados pela aplicação de uma «Pomada» de absoluta confiança?
—Usai a INDIANA, incomparavelmente a melhor pelo seu brilho pelas suas esplendidas qualidades de conservação do cabedal e ótima apresentação em cores: preto, amarelo, castanho escuro da moda — completa novidade.
A' venda nos principais Armazens de Cabedais, nas boas Sapatarias do Paiz e no Deposito Geral:
A' PELARIA FINA
Casa de bons artigos em SOLAS, CABEDAIS, ATACADORES e malas especialidades destinadas á confecção de calçado de Luxo e Vulgar
de Policarpo Junior, Limitada
RUA JARDIM DO REGEDOR, 13, 15 e 17 — LISBOA
TELEFONE C. 3223 TELEGRAMAS: PELFINA — Agentes exclusivos de revenda para Portugal e seus dominios, Espanha e Estados do Brazil

Agua de CALDELLAS
Doenças do Figado e dos Intestinos
(entero-colite muco-membranosa e prisão de ventre)
DEPOSITARIOS:
BANDEIRA DE MELLO, L.DA
Rua Augusta, 75, 1.º e 2.º
Teleph. 2670C.

ULTRAMARINA Efectua seguros contra todos os riscos
Rua da Prata, 108,—1.º
SINISTROS PAGOS ATE' 31 DE DEZEMBRO DE 1920 Esc. 3.574.759$37

Antonio Casanovas Augustine, L.DA
CAMBIOS E PAPEIS DE CREDITO
57, 59, 61, RUA DO COMERCIO, 57, 59, 61

SABÃO NACIONAL
Sabões
TEL. C. 2519
A COMERCIO EXTERNO L.da
R. S. Paulo, 104 1.º

Canetas com tinta
O que ha de melhor
PAPELARIA DA MODA
167 — Rua do Ouro — 169
LISBOA

Furunculos, diabetes, doenças da pelle e dos intestinos
Curam-se com
Fermento d'uvas Formosinho
Recomenda-se exigir o nome FORMOSINHO
FARMACIA FORMOSINHO P. dos Restauradores 18
LISBOA

RITZ-CLUB
ESMERADO SERVIÇO DE RESTAURANTE
— Concertos todas as noites —
— VARIEDADES —
Um dos restaurantes mais chics de Lisboa
Praça dos Restauradores, 27, 1.º

PIANOS Bechstein e outras marcas
Representante:
J. Heliodoro d'Oliveira
ROCIO, 55, 57 e 58

— A casa que mais barato vende — Ourivesaria e Relojoaria —
Temos sempre grandes sortidos de objetos que vendemos SO' PELO PESO e joalharia que vendemos com as maximas garantias.
VIUVA MARQUES—R. de S. Paulo, 200 —LISBOA—

Ourivesaria e Joalheria
J. J. NUNES
171 — RUA DA PRATA — 171

Dr. Lelo Portela
— Clinica medico-sifilis —
RETOMOU A CLINICA
— Consultorio —
Tel: C 1883 P. Luiz de Camões, 6

Portugal
6 mezes... 7$50
12 » ... 15$00
Estrangeiro
12 mezes... 30$00
Pagamento adeantado

Grande Café d'Italia
é sem duvida o café da moda
ALMOÇOS
serviço á la carte
— Rua 1.º Dezembro —

Simões Bayão
(Laureado pela Escola de Paris)
Doenças da boca, cirurgia, prothese e ortodoncia
Largo de S. Paulo, 19, 1.º
Telefone 3078

Banco Nacional Agricola
Soc. An. Resp. Lda.
SEDE-R. de S. Julião, 188 e 190
LISBOA

Nos termos do artigo 8 e 12 dos Estatutos do Banco são convidados os Srs. acionistas a entrar com a importancia de Esc. 25$00 por acção, correspondente á 2.ª prestação do capital emitido, desde 15 a 31 de outubro corrente.
As cautelas representativas de acções devem ser apresentadas no acto do pagamento nos locais abaixo designados e nos n correspondentes na provincia.

Lisboa, Evora	Banco Nacional Agricola
Lisboa, Porto, Chaves	Pinto & Sotto Maior

Pelo Banco Nacional Agricola
Os Directores
a) Eduardo Fernandes d'Oliveira
a) Eduardo Correa de Barros
a) Joaquim Nunes Mexia

ARTIGOS FOTOGRAFICOS
LUIZ ROSA
233 — RUA DA PRATA — 235

Prisão de ventre
E suas consequencias. Funcionamento metodico do intestino pelo LAXATIVO VEGETAL VERITAS. Infalivel e inofensivo, comprovado por centenas de pessoas que diariamente fazem uso dele. Preparado por Mendes & Braga, farmaceuticos.—183, Rua do Mundo, 135, Lisboa.—Telefone, 564.

Garlopas—Serras de fita 0,70 e 0,90 —Maquinas automaticas para afiar laminas de garlopa e plaina.
EM ARMAZEM
SANTOS AMARAL, Lda.
Rua da Palma, 225/9—LISBOA
Telefone C. 1580

FITA ISOLADORA
Branca e preta
15 m/m e 40 m/m (Fabricação alemã)
Ao melhor preço do mercado
SANTOS AMARAL, Ltd.
RUA DA PALMA, 225/9—Lisboa
TELEFONE Central 1580

Escola Berlitz
20-A, Rua do Alecrim
• Abrem-se brevemente •
— novos cursos —
• para principiantes em •
FRANCEZ : : INGLEZ
: : Já está aberta : :
: : : a inscrição: : :

Ventoinhas diemas
110 e 210 volts
EM ARMAZEM
SANTOS AMARAL, L.da
Rua da Palma, 225/9—LISBOA
Telefone C. 1580

TIJOLO
PREÇOS SEM CONCORRENCIA
ENTREGA IMEDIATA
C.ª Ceramica de Telheiras
L. do Directorio, 4, 2.º

TABACARIA CENTRAL
90—Rua da Assunção—90
TABACOS—LOTARIAS—AGUAS REFRESCOS

AGUA DOS CUCOS
TORRES VEDRAS
A AGUA minero medicinal dos Cucos, unica no seu tipo em Portugal para o artritismo, reumatismo gotoso, rins e bexiga, tem além disso dado otimos resultados nas doenças das senhoras, utero e anexos.
A AGUA DOS CUCOS vende-se em toda a parte na linha de Cascais em Carcavelos, Parede, Monte-Estoril e Cascais. Deposito geral ... LISBOA.

Horta e Costa
Rins e vias urinarias
12, Rua da Trindade 12
Consultas das 2 ás 5
TELEFONE 2424

Papelaria Camões
Grande sortimento de objectos para pintura a oleo e aguarela

A. Guerreiro
Da Escola Dentaria de Paris
Operações insensiveis por anestesia
Dentaduras sem chapa
R. de S. Paulo, 26
(junto ao Arco) Telefone—22

Leitaria GLOBO
— DE —
Rocha & Coutinho, Ltd. Tel. C. 2100
R. Conceição, 66 e R. Correeiros, 1 e 3
Puro leite Especialidades em doçarias
Serviço permanente de — chá, café, cacau, torradas, etc. —

O Medico **Conceição e Silva, J.or**
—RETOMOU A SUA CLINICA DAS— VIAS URINARIAS E DOS RINS em 6 de Outubro—R. DO OURO, 141

Endrade & Pereira
Alfaiates
Novidades de Estação

PINTO & SOTTO MAYOR
BANQUEIROS
LISBOA - PORTO
Representantes em Portugal
— DO —
Banco Portuguez do Brazil
LISBOA — PORTO
R. do Ouro, 18 a 24
28, Praça da Liberdade, 29

Vinhos espumosos de Lamego
(CAVES DA RAPOSEIRA)
Reservas de finissimas qualidades
A' venda em todas as confeitarias e mercearias.
Depositario em Lisboa
ARTHUR BENAZUS
Telfone 16 — Central
Paço do Bemformoso, 4

TUBO BERGMAN
da casa Bergmann Elektricitats-Werke
9 m/m e 11 m/m
EM ARMAZEM
SANTOS AMARAL, Lda.
Rua da Palma, 225/9—Lisboa
Telefone C. 1580

OURIVESARIA E RELOJOARIA ATHAYDE
PREÇOS SEM COMPETENCIA
Grande sortimento de objectos de ouro, prata e brilhantes
Rua Fernandes da Fonseca, 1
Esquina da R. da Mouraria, 101 e 103

AZULEJOS telha, tijolos, etc.
Ceramica Mont'Argila "LGÊS"
Preços sem concorrencia
Agencia em Lisboa—Gilman Santiago, Lda.—L. S. Julião, 7, 2.º

MOBILIAS E ESTOFOS
Bizarro da Silva, Limitada
(Antiga casa Bizarro da Silva & C.ª)
Rua Augusta, 82, 84
— Rua dos Correeiros, 21, 23
Telefone C. 2533
Grandes descontos em todos os artigos

PINTO & SOTTO MAYOR
BANQUEIROS
LISBOA-PORTO
REPRESENTANTES EM PORTUGAL
DO
— BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL —
LISBOA — PORTO
R. do Ouro, 18 a 24 — 28, Praça da Liberdade, 29
Rua do Comercio, 136 a 140

Use Agua, Crême e Pó de Arroz "RAINHA da HUNGRIA"
e todos os productos da
Academia Scientifica de Belleza
que se encontra á venda nos seguintes estabelecimentos

Pharmacia Durão—Rua Garrett, 90.
Pharmacia Nascimento—Rua da Prata, 115 e 117.
Perfumaria Flôr de Liz—Rua Nova do Almada, 67.
José Feliciano Alves de Azevedo & C.ª—R. 1.º de Dezembro, 55, 65.
Pharmacia Avellar—Rua Augusta 22 a 27.
Silva Novos & C.ª—Rua da Prata, 229, 231.
Thomaz Mendonça, Filhos, Ltd.—Calçada do Combro, 43, 47.
União Commercial de Drogas, Ltd.—Rua Augusta, 166.
Perfumaria Paris—Rua dos Retrozeiros, 58.
Galeria Parisiense—Rua Garrett, 42
Eduardo Martins—R. Garrett, 4 a 11
Perfumaria Viuva Dias—Rua da Praça da Figueira, 40.
Camisaria Modelo—Rua do Ouro, 115, 117, 119.
Loja do Povo—Praça de D. Pedro, 87 a 92.
Brazil Elegante—Praça de D. Pedro, 7 a 9.
Farmacia Barreto—Rua do Loreto, 24 a 30.
Farmacia Silva Carvalho—Rua Eugenio Santos, 48 a 52.
Loja da America—Rua do Ouro, 206, 208.
Casa Africana—Rua Augusta.
Salão Mimoso—Rua Augusta, 282.
Neto Natividade & C.ª—Rocio.
Lopes & Maia, Ltd.—Rua do Ouro, 267 a 289.
Tatá & Rodrigues—R. Garret, 53, 55.
Farmacia Coelho de Jesus—Avenida da Liberdade, 5.
Carmona, Ltd.—Rua da Escola Politecnica, 263, 267.
Farmacia Ultramarina—Rua de S. Paulo, 99, 101.
Casa Santos, Ltd.—R. da Palma, 7-A
Retrozaria J. Fernandes—Rua dos Retrozeiros, 79 a 83.
Henrique Xavier & C.ª—Rua do Ouro, 253, 255.
«Au Bon Marché»—Rua da Assunção, 45, 47.
Damião & C.ª—Rua Garret, 57, 59.
Camisaria Azevedo—Rocio, 34, 35.

Deposito geral para revenda
Academia Scientifica de Belleza
Avenida da Liberdade, 23-A
Telefone: 3641. — Telegramas: «Bellezas»

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

A prudência é a arte de proceder no momento proprio.

E. de Girardin

N.º 3947-12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães. Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Quinta-feira, 8 de Dezembro de 1921 | Telefone n.º 2293 — Endereço Tel. CAPITAL. Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

DOCUMENTO SINGULAR

O manifesto que o governo acaba de dirigir ao paiz é um documento singular. Lendo-o, temos a impressão de que apenas se quiz adormecer a opinião publica com algumas frases retoricas. Este genero de literatura oficial não se nos afigura consentaneo, como se diria antigamente, com a gravidade das circunstancias.

Começa o governo por nos dizer que estivemos á beira dos maiores perigos. Porquê? Porque em torno do movimento outubrista se estabeleceu um ambiente asfixiante, em virtude dos infamissimos crimes cometidos na noite de 19 de outubro. Mas o manifesto acrescenta que esteve a ponto de rebentar a guerra civil. Afirmações desta natureza não se pode formular duma maneira vaga. Não ha guerra civil sem duas forças em presença. Qual era a que a justificava? Qual era a que reagia? O manifesto é mudo a este respeito, como é mudo a respeito do acto gravissimo constituido pelo adiamento eleitoral.

Toda a gente julgaria, com efeito, que o sr. Maia Pinto e os seus colegas, dirigindo-se ao paiz após esse acto, que constitui um autentico golpe de Estado, lhe explicassem pelo menos as razões ponderosissimas que a tamanho atentado contra a lei fundamental do paiz os movera. Essa é que seria a justificação da oportunidade do manifesto. Mas não. O silencio é absoluto. Dir-se-hia que se trata de um caso sem importancia, ou tão indispensavel que o governo nem sequer arrisca uma palavra de explicação.

Com o adiamento do acto eleitoral, a ditadura tornou-se um facto. A Constituição não foi só rasgada, pisando-a a pés o proceito que estabelece não poder ser modificada a data do sufragio nacional após uma dissolução parlamentar, mas tambem na parte que estabelece não poder nenhum governo, durante o interregno parlamentar, tomar medidas que não sejam de mero expediente.

Reformam-se serviços publicos importantissimos, fazem-se nomeações de funcionarios. Numa palavra, trata-se o paiz como terra conquistada, e a Constituição, como um farrapo de papel sem valor.

Sobre isto não diz nada o manifesto do governo. O que faz é repudiar qualquer tentativa de perturbação de ordem publica; mas o que ninguem ignora é que o governo se tornou agente de perturbadores dessa especie quando coagiu o Chefe do Estado, e por meio dele os partidos, a consentirem no adiamento das eleições, para que se não desse um novo pronunciamento subversivo.

Por todos estes motivos, reputamos singular o manifesto do governo. Esta especie de documentos costuma ser precisa e clara. Nela se fala a linguagem do dever ou a linguagem da força. Mas em tudo o caso fala-se sem hesitações nem subterfugio. O manifesto a que nos referimos não possue essas qualidades. E' um documento palavroso, ambiguo, equivoco, sem franqueza nem solidez, e só nele reflectindo, com certa propriedade o triste momento que passa.

A CAPITAL

publicará brevemente:

Duas edições

REPUBLICA E MONARQUIA

Ideas francesas que, muito melhor, se aplicam a Portugal que á França

Traduzimos literalmente de «La Depêche», de Toulouse:

«Os teoricos da idea monarquica não verdadeiramente insuportaveis sonhando continuamente ás Democracias o facto de ainda se não terem podido instalar confortavelmente no Universo. Com justiça se lhes pode replicar que a nossa Democracia é ainda muito recente, porque um seculo é tempo insignificante na historia do mundo. As Democracias estão ainda na infancia, iniciando os passos para encontrar o seu logar definitivo na existencia da verdade absoluta.»

Acrescentaremos apenas que, se a republica Francesa não dura ha um seculo, a Republica Portuguesa tem somente onze anos de vida.

Sanatorio de Portalegre

O ilustre director sr. dr. Americo Ri... acaba de recomendar ... dos tuberculosos, a «libra... (constituição natural) ... ao estabelecimento do ...

Migalhas

Os profétas

Um telegrama do Cabo anuncia que um profeta de nome Enoch acaba de ser condenado a tres anos de trabalhos forçados, como chefe de uma seita de fanaticos indigenas, que tomaram o nome de «israelitas» e que não obedeciam ás ordens do governo convencidos de que Jehovah sancionava as ordens do profeta.

No mez de maio, os «israelitas» declararam que Jehovah lhes proibia pagar os impostos e a policia foi chamada a intervir. Os sequazes de Enoch receberam a policia a tiro, mas esta conseguiu prender o chefe que acaba de ser condenado.

Este nosso amigo Enoch, que se meteu a ser profeta na sua terra, ainda andou com sorte, visto que as autoridades do sitio podiam com propriedade logo ter ido ás do cabo, crucificando-o simplesmente.

Certo é que o profeta, como a frente unica dos partidos, se contentava com um programa minimo. Outro fosse ele que recomendasse aos seus discipulos amarem-se uns aos outros, desprezarem as riquezas e perdoarem as injurias.

Ele, vivendo num tempo em que taes utopias são absolutamente fóra da moda, tendo visto ha pouco milhões d'homens precipitarem-se como féras uns sobre outros, sabendo que o bezerro de papel é o grande Deus dos gentios e que o odio é o sentimento dos amigos mais intimos, contentou-se em prégar um gesto simples que cabe dentro de todos os codigos e dentro de todos os espiritos —excepção feita dos recebedores de finanças: prégou a resistencia aos impostos.

Se os seus sequazes, como lhe chamam os telegramas, os contribuintes diremos nós, que tambem somos discipulos do Enoch em questão, não tivessem dado ao governo do Cabo o pretexto de receberem a tiro os recibos de contribuições, dificilmente se encontraria o Pilatos que ensaboasse com trez anos de presidio a cabeça do profeta.

Com efeito não ha hoje doutrina filosofica que reuna tantas adesões espirituais como essa que consiste em negar aos cofres dos Estados a participação das bolsas particulares.

Em toda a parte do mundo, o contribuinte tem fortes razões para se considerar roubado quando os governos lhe exigem impostos e tem como unico recurso agradecer penhoradissimo, se acaso não acata a violenta imposição.

Cada dia o contribuinte descobre que o seu dinheiro é malbaratado, que, longe de o aplicarem a fins de vantagem colectiva, os senhores da grei o desperdiçam, ou ficando com o melhor quinhão que podem ou dando aos afilhados a maxima fatia do pão que o pobre compadre amassou.

Compreende, pois, que no Cabo, como em qualquer outro cabo do mundo, surjam profetas ingenuos a prégarem a revolta contra a tirania da sanguesuga governamental, no que ela tem de mais dolorosamente agressivo: o golpe directo ao nosso orgão mais sensivel, a algibeira.

Mas esses profetas—como todos os visionarios de resto—são uns tolos. Sempre ha-de aparecer um pretexto para os pregar numa cruz ou numa cadeia. A humanidade hade ser sempre um rebanho, os pastores hão de ter sempre um cajado e ha de sempre haver cães para enxotar para a fila os carneiros foragidos.

O melhor que ha a fazer é, sem querer crear oficialmente prosélitos, cada qual em familia scismar nos meios mais habeis de se escapulir ao fisco. E isso, graças a Deus, é o que todos nós fazemos, não é verdade?

ANDRÉ BRUN.

Ainda o caso das Belas Artes

A opinião do dr. Augusto Gil

Num dos nossos ultimos numeros o escultor Francisco Santos, em nome da Sociedade Nacional de Belas Artes saiu a campo justificando atitudes, e por assim dizer lançando um repto á capacidade productora da gente nova, em conflito com aquela agremiação dos nossos consagrados.

Seria interessante, que o jornalista na reportagem deste acontecimento, não esquecesse estações oficiais destinadas a proteger a Arte, colhendo impressões sobre a sua atitude no presente caso.

Fomos ao ministerio da Instrução. No 2.º andar o gabinete do sr. Augusto Gil, o poeta maximo do Lua de Janeiro.

—Que pensa v. ex.ª da forma como a Sociedade Nacional de Belas Artes recebeu a gente nova?

—Nada. Na minha situação oficial não posso, nem devo emiscuir-me no que se passa numa associação particular.

—Não tanto particular, que possa desinteressar o director geral de Belas Artes, respondemos.

A Sociedade beneficia de uma certa protecção do Estado, sendo depois de Escola de Belas Artes a unica agremiação artistica, que gosa dos favores oficiais.

—Mas é independente, absolutamente particular. O que o Estado lhe dispensa não a coloca numa situação de dependencia, é um auxilio para desenvolvimento das Belas Artes, nada mais, insiste o sr. Augusto Gil.

—Dado o caso de o director geral de Belas Artes ser um artista dos mais ilustres da nossa terra, não será descabido que lhe perguntemos a sua opinião, despido o frack de director geral...?

—Olhe eu nunca gostei de me meter em associações. Sou um indisciplinado, um franco-atirador, e acho que a gente nova não precisa das muletas da sociedade, para triunfar na vida. O que é preciso é produzir e afirmar-se com obras.

Casos não faltam, onde colisados possam associar-se. Não encontrarão de certo tão boa instalação como a de Barata Salgueiro, mas que importa? Qualquer canto de sala, qualquer «hall» pode ser o «salon» expiendido onde exponham os seus trabalhos, façam as suas palestras artisticas e dêem as suas festas. Tudo se perdoará á sua mocidade, até a falta de estetica da instalação. O que é necessario é que as obras apareçam, que falem bem alto impondo a geração... e depois de sucessivos triunfos, quem nos não dirá que nos consiguirão a instalação apropriada, enfrente a frente dos velhos a gente nova afirme o que vale? O que vale? Querer a viva força obrigar a sociedade a secundar, a abdicar mesmo, em favor dos novos ao seu posto justo.

Associação de ser burguesmente uma associação de classe; que tem de novo com isso? Para que ha-de haver no paiz um unico organismo ..., e não tantos quantos os grupos que se formem, cada qual com as suas ideias, os seus processos? E' dessas dissidencias, que se faz a vida artistica da gente nova, com toda a irreverencia e generosidade que a caracteriza.

Se é a protação do Estado que buscam, todos sabemos até onde os limites do orçamento nos podem levar.

Em tempos melhores do que os que vão correndo, poude dar-se-lhes o edificio de Barata Salgueiro, hoje isso seria dificil, mas toda a protecção que as entidades oficiais possam ainda dispensar, ela irá tambem de boa vontade para esse, e para outros grupos que se formem, com a condição que eles produzam e se afirmem.

Agora obrigar pela força a Sociedade Nacional a transigir com os que chegam, não acho bem.

Já que pretendiam uma conjugação de entidades, e que essa tentativa falhou, o caminho a seguir não é o de a recusar, ou condena-la com ar de perseguidos, mas antes sem delongas mostrar, que não precisam para coisa nenhuma do esforço dos velhos, e que basta para a realização da sua obra, o seu talento e a sua mocidade.

Assim falou o poeta Augusto Gil enterrado num sofá do seu gabinete, na Direção Geral de Belas Artes.

SEGREDO Á TODA A GENTE

A Irlanda

A solução do problema irlandez não pode deixar de merecer a todos nós, para quem a politica internacional é uma distração facil, dois minutos de curiosidade. Ninguem esperava o desfecho que se deu— nem Lloyd George. Os proprios «sinn-feiners» tão interessantes e tão irrequietos—devem mostrar-se, neste instante, tudo quanto ha de mais britanicamente estupefactos. A Irlanda, a sua Irlanda vistosa e alegre, ganhou finalmente depois duma luta fervorosa a sua desejada autonomia. Irá agora reinar entre Dublin e Londres—a paz doirada de Diccopolis. E apezar de tudo, enquanto Lloyd George joga tranquilamente a sua partida de «golf» e os «sinn-feiners» enchem de bandeiras verdes a sua terra natal—não teremos nós o motivo de perguntar se de facto foi a Inglaterra que um grande passo para o seu prestigio politico—se a Irlanda que deu um passo ainda maior para a sua propria aniquilação.

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

CROQUIS DE VIAGEM

Por terras ... já dantes viajadas...

VI - Berlim ao balcão

Berlim vende tudo. Berlim vende-se. Mas Viena ainda vende mais: vende até a propria alma ao diabo. E' preciso passear por «Leipziger-Strass», por todas as ruas, as do mais afastado bairro, para ver as montras cheias; o publico, um publico heterogeneo, na maioria de fóra da Alemanha, a comprar, a encher-se e consequentemente a enriquecer o paiz pela movimentação do dinheiro que traz. Já disse que em todos os estabelecimentos, os artigos estão marcados, com os preços bem visiveis e que a lenda duma quadruplicação para o estrangeiro termi nou. Pelo contrario, em todas as lojas o «tourist» encontra o mais perfeito e comercial sorriso, uma facilidade na pesquiza dos artigos, uma verdadeira e atraente sciencia para captar a freguezia. Uma nota curiosa de Berlim é a facilidade com que se adaptou ao modernismo todo esta legião de comerciantes gordos, sem elegancia, nem graça, nem «charme»—como julgam os francezes. Tudo que se pode imaginar de novidade, fantasia, se encontra nas vitrines de Berlim. Tudo que se possa conceber do mais moderno, de mais avançado em arte, se encontra nos salões cinematograficos, cafés, vestuarios, em ornamentação e decoração. Tudo quanto a America julgou descobrir para uma «etalage» impressionante está posto, em realidade nas montras de Friedrichstrasse. O artigo alemão compete em preço—apesar de todos os horrores da guerra—com os artigos de todo o mundo, e está é uma verdade irrecusavel; o cambio ajuda o seu barateamento e a sua procura.

Um vestido de malha de seda para senhora custa entre 600 a 800 francos, as meias de sêda—santissimas leitoras, especial os ouvidos—aquelas meias de sêda que aqui custam 15 a 20 escudos, são por 35 marcos; o maximo, o maximo, para a melhor qualidade, em preto, 40 marcos.

Mas eu juro que não tenho comissão. Uma «carpette» para custar em Lisboa um conto de reis, está marcada por cem ou 150 marcos e um chapeu de homem 50 marcos. Ou nós não fossemos o paiz mais «taxado» da Europa, salvo seja. Não vos enfado mais com preços, para não transformar a cronica em catalogo de inverno. «Cords», do «Hermann» ou de qualquer outro grande armazem. Estes, em nada me espantaram depois de ter visto os grandes estabelecimentos de Londres; mas o que me espantou foi vê-los repletos de artigos em todos os generos e todas as qualidades.

Uma das grandes industrias alemãs é a dos perfumes. E' preciso porém acautelar; os perfumes baratos, como a agua de Colonia que vem em carrinhos de mão ás estações dos caminhos de ferro, embora com a marca de Farina (um reputado fabricante) e custe 30 ou 40 marcos, são na maior parte compostos de «eter». Mas encontra-se agua de Colonia e perfumes quimicamente perfeitos em qualquer grande estabelecimento da capital.

Outra industria alemã de grande desenvolvimento é a dos brinquedos para crianças. A invenção é prodigiosa para este genero e não esqueci o mais rudimentar, o mais simplorio dos brinquedos que vi e que era afinal um curiosissimo ovo de Colombo: um pequeno circulo de madeira em cima do qual, em pé, e formando circulo, 6 ou 8 pequenas galinhas talhadas também em madeira debicam duma fingida colheita; cada uma tem um cordel que se reune a um peso inferiormente. Um movimento circular com a mão faz com que o peso ora estende um cordel, ora outro e cada uma das galinhas por sua vez debique gra iosamente. Tudo isto 5 marcos... E a idéia aqui fica de borla aos nossos fabricantes do... «pipis para o nené».

As grandes casas comerciais empregam caixeiras, e com quasi todas elas pude falar espanhol com variações de portuguez. Numa encontrei um interprete que estivera em Lisboa... e me explicou a fazer o quê. Os alemães tiveram sempre a mania de viajar muito e este ilustre e robusto ex-oficial do Kaiser segreda-me que realisou nestes felizes eras varias missões do Estado.

Em varias ruas ha uns estabelecimentos em genero de ourivesaria, onde tudo tem o preço de 20 marcos; não se imagina o quanto de gracioso, de util, de vistoso esses insignificantes objectos encerram.

Não lhes direi, por superfluo, que o «Goertz», o «Zeiss», tem os seus melhores produtos reservados para Berlim, abrindo lojas a cada canto. Qua a ultima palavra em maquinas, engenhos, aparece nas montras das grandes empresas que possuem fabricas. Que exposições de cada especialidade se realisam com frequencia, feiras industriais, comerciais, agricolas, para movimentar, estimular a produção, difundir e tornar divulgados os artigos que a Alemanha produz.

Direi em troca, já que estamos atraz do balcão, que as empregadas, estas modestas caixeirinhas ou dactilografas, não tem a desgraciosa «toilette» da mulher ingleza.

Que me perdôe a união luso-britanica: mas palavra, palavrinha, que a mulher ingleza é perfeitamente desarranjada; a saia a cair, os «boots» que nós conhecemos, as meias (vejam onde vamos, leitores) torcidas, uma blusa a sair do cóz das saias... A alemã, apesar de ser tambem um exemplar grandioso da gastelota do homem é arranjada; ha mesmo requinte, elegancia, um relativo luxosinho em todas as classes. Isto com a vista e ajuda o apetite ás côres sempre ingenuas e ás tranças sempre loiras destas margaridas do Fausto... prussiano.

Tenho presente um troco em estampilhas duma «Spitzenhaus». E' uma vulgar estampilha do «Deutsches Reich» mas dada num cartão elegante com o nome da casa e um acondicionamento especial, revelador do cuidado que merece a este povo, o minimo detalhe para o agrado dos seus freguezes.

Ha ainda a acrescentar as pequenas lojas com «petits chevaux», onde, á porta aberta, se joga, aposta, perde dinheiro, nesta «batotinha» popular e que estão dia e noite sempre cheias.

No «Unter den Linden», quasi todos os edificios são ocupados de alto a baixo por escritorios acumulados ás dezenas em cada andar. As grandes vitrines sobre a larga avenida são o monopolio de carros de luxo, «Mercédes» e outras marcas de automoveis alemãs.

Os escritorios das agencias internacionaes, das agencias de vapores, os grandes periodicos, e sumptuosos hoteis constituem o centro comercial e luxuoso de Berlim.

Uma nota interessante desta terra é a amorosidade dos seus habitantes. Eu nunca julguei aqueles «insensiveis» que fizeram a guerra, capazes de ser dama tal gentileza. Pelas ruas andam cassis, de mãos dadas como em Paris, e os jovens maridos e amantes são todos, ternura para as suas mulherzinhas ou antes... melherzonas. A censidade da população é enorme, como se sabe, e é esta uma situação dificil para o patriotismo sempre isolado e concentrado num bom alemão —como hão-de eles consumar os seus amores, criarem a familia, sem mandar vir de Paris... os seus descendentes! E' mesmo o unico artigo que ainda não conseguiram dizer que vem de Viena, como a sua moda, os seus figurinos e as suas operetas ligeiras!

No «Tier Garten» e no «Unter den Linden», á noite, é perigoso passar sem tropeçar nalgum par. A moralidade dos povos vencidos tem aqui o seu altar, o actor do desregramento, do «deboche».

Mas, agora reparo que ainda não levei o leitor a passear de «taxi», ou de «droschken» (tipoia) por Berlim e o tenho demorado dois dias a ver «comer» e a ver «vender». Não creio porém que o tempo fosse em completo perdido porque assim já o leitor faz uma ideia sumaria do viver dos alemães, como viver que, na frase de Herr Pangloss, fabricaram de conservas e novo rico em Kurfustendam «vae felizmente caminhando apelo peor dos mundos possiveis».

ARMANDO FERREIRA

PUBLICADAS:

I—O que me disse Fogg.
II—O eterno sorriso de Paris.
III—A Berlim! A Berlim!
IV—Em que um homem á procura de hotel só vem a tomar de Rhaem, berg e do mais que lhe sucede.
V—O estomago de Berlim.

LER AMANHÃ:

VII—Berlim Kolossal.

Os que chegam

Mario d'Almeida

De regresso do Brazil, onde esteve mais de um ano, chegou o sr. Mario d'Almeida, nosso antigo colaborador. «A Capital» apresenta os seus cumprimentos.

José Soares

De Liverpool, onde exerce as funções de consul de Portugal, chegou a Lisboa o sr. José Soares, a quem apresentamos os nossos cumprimentos de boas vindas.

A "CHARGE,, DO DIA

(Caricatura de Joaquim Guerreiro)

Dr. Sampaio Garrido, novo consul de Portugal no Brasil.

DIZEM OS OUTROS QUE...

O novo partido nacional republicano — Devem formar-se quatro partidos a dentro da Republica

Fala o sr. capitão Valdez Faria

Falando-se com com insistencia na formação dum novo partido politico organisado pela junção de varios elementos «outubristas», sob a designação de Partido Nacional Republicano, julgámos interessante colher a opinião de alguem categorisado dentro da massa revolucionaria de 19 de outubro.

Foi o capitão da G. N. R. sr. Valdez Faria, quem procurámos para que nos désse a sua opinião, que nos parecesse julgar da veracidade da noticia que tão insistentemente tem corrido.

A' nossa pergunta, o capitão Valdez Faria hesita um momento, visivelmente contrariado:

—O meu amigo sabe muito bem a situação em que tenho em prestar declarações de natureza politica em jornais...

—Bem o sabemos, de facto, meu capitão, mas como apenas nos bastaram duas ou tres palavras...

—Então finalmente o que queria V. saber?

—Se de facto se pensava em organisar um partido com elementos saidos dos revolucionarios de 19 de outubro?

—Pensa-se, com efeito, em organisar um partido politico com esses elementos e com outros tambem que actualmente não teem filiação partidaria.

—Segundo se diz o Partido Popular integrar-se-ia dentro desse novo partido?

O sr. Valdez Faria hesitou com o ar sobrepreso de quem não percebe o alcance que se não percebe a natural pergunta.

—Mas, diz s. ex.ª, o Partido Popular é de muito que não existe! Não compreendo, «esse facto», o motivo porque falo o meu amigo dos populares!...

—Actualmente, os elementos que formavam esse nucleo politico conservam-se na sua maioria em dependencia sem qualquer filiação partidaria, sendo natural, que o programa do novo partido a organisar lhes sorria.

—Quer isso dizer que eles o não..., lhe podemos responder.

—Mas constava que a maioria dos «outubristas» não concordava com a formação desse novo partido?

—Não é verdade, asseguro-lhe, pois estou certo de que a maioria dos elementos revolucionarios de 19 de outubro aceita com agrado esta iniciativa.

—Será então mais um partido a acrescentar aos muitos que por ai já existem?

—Sim, mas é provavel que alguns dos pequenos partidos politicos se venham ligar, mais tarde, ao Partido Nacional Republicano, tanto mais que compõe de elementos acentuadamente radicais.

E concluindo, o sr. capitão Valdez Faria acrescenta:

—Note que eu falo sem qualquer interesse ligado á formação desse novo partido, pois limito-me a desempenhar o melhor que posso a minha profissão, a de soldado, e apenas lhe forneço estes dados por julgar conhecer o assunto sobre o qual me pediu informes.

Fala o sr. major Filipe de Sousa

Com o major sr. Filipe de Sousa, comandante do regimento da Cova da Moura e um dos mais valorosos organisadores do movimento de 19, tivemos ontem ocasião de trocar algumas palavras acerca da actual situação politica do paiz.

Perguntado acerca das proximas eleições o major sr. Filipe de Sousa afirmou-nos:

—As eleições não se devem realizar por estes mezes mais proximos, pois e na minha opinião o acto eleitoral somente se deveria efectuar após uma ditadura energica e absoluta.

—Ditadura feita por qual governo...?

—Muito longe disso! A ditadura unicamente poderia ser feita por um Ministerio exclusivamente composto por elementos «outubristas», individuos reconhecidamente competentes e dos mais sabemos bem onde podemos encontra-los!...

—Mas, segundo nos constou, o dr. Orlando Marçal não quiz aceitar o cargo de ministro da Justiça do governo revolucionario?

—Certamente, e teve muita razão, porque ele entendeu que de modo algum deveria colaborar com determinados individualidades no governo duma Nação.

—E como entende V. Ex.ª que se poderia solucionar a nossa grave e complicada situação politica?

—Com a organisação de quatro fortes partidos republicanos.

—Concretise: V. Ex.ª...

—Eu lhe digo: em minha opinião deviam imediatamente organisar-se os seguintes partidos; o conservador, o radical ou democratico e o socialista e o comunista.

«No primeiro partido, tendo por base o actual programa do P. R. P., ingressariam todas as forças republicanas conservadoras que seguem agora os varios partidos que seguem essa orientação politica. Os outros partidos seriam formados pelas varias correntes de opinião, ficando o Partido Democratico Radical como a organisação politica mais avançada da Republica.

—Como seria então formado o Partido Comunista?

—Pela junção dos comunistas, sindicalistas e bolchevistas, entrando os anarquistas no Partido Socialista.

—E os monarquicos?

—Formavam, se quizessem, um novo partido no qual ingressavam os idonistas monarquicos, e os reaccionarios republicanos e o Republicano Centralista...

Factos e palavras

A PROPOSITO ...DE UMA MULHER

A sua historia é complicada como a de todas as mulheres que teem... historia.

Nervos, amor, familia, aquele sentido inato da liberdade são pequenos capitulos da sua historia onde se poderiam escrever grandes e inesquecidas paginas.

Na essencia é a mesma de sempre, de todos os dias: uma grande amorosa.

Mas na verdade o aspecto é diferente. Ha qualquer coisa de requintadamente artista, uma doçura que se comunica, que a envolve como uma aureola.

A sua face evoca uma tela de Goya. As suas mãos pequenas teem o feito de se abrandar numa caricia.

O seu olhar original cheio de claridade não nos penetra.

Deixa-se fitar enternecidamente. E os seus cabelos com que eu entrevi numa indiscreta madeixa a surgir sobre a gola de peles pareceram-me, oiro velho.

Foi ontem que eu a vi, que eu lhe falei... por acaso.

Um daqueles acasos encantadores que nos levam á conquista do mundo, á conquista da felicidade, e á conquista duma mulher.

Uma chicara de chá, um frémito de violinos, cenario do Garrett, a ena voz dulcissima a contar a sua vida, as suas predilecções, os seus entusiasmos.

Esta grande amorosa que tem medo do amor pelo muito que ele subjuga, que detesta o flirt pela sua futilidade, anda em busca duma amizade. Encolhe os hombros,—este Seculo de novos ricos!...

O problema das amizades, feitas de espirito e de talento ballou na nossa conversa.

Um feitiço pairou no ambiente e desceu entre nós.

Haveria entre nós uma amizade a despontar?

Sabe-se lá em que momento desponta uma amizade, em que momento duas almas se entaçam!...

As costureiras saindo dos ateliers pipilavam uma nota de movimento e de ruido no Chiado. 7 horas.

Beijei-lhe a mão; O beijo repetiu-se no chilrear dos passaros voando.

Até sempre.

Qual será o destino desta mulher?

BOTO DE CARVALHO

—Como seriam essas forças representadas no Parlamento?

—Dum lado as forças republicanas conservadoras; do outro as radicais, socialistas e comunistas.

—Como representantes provinciais seriam dois deputados independentes, unicamente regionalistas, pelas suas respectivas provincias, ficando esses parlamentares como o pendulo da votação quando o numero de votos das duas fortes correntes de opinião fosse igual.

—Mas suponha v. ex.ª que o chefe do estado não concorda com essa orientação, e muito menos com a ditadura?

—Ha uma solução, meu côro amigo; porque apezar da alta consideração que nos mereceu o velho republicano que é o venerando presidente da Republica, todos nós compreendemos que o paiz não pode estar á mercê dum homem, que como todos nós é infalivel e peca como nós...

E terminando, s. ex.ª acrescenta:

—E nessas condições o chefe do Estado teria unicamente de...

E num aperto de mão o sr. major Filipe de Souza conta a frase com um sorriso significativo.

A vida hoje em Portugal borda-se em redor de dois factores: a especulação e a chantage.

❖ ❖ ❖

O julgamento do Fatty o celebre comico de cinema tem causado um vivo interesse em todo a parte.

A maioria dos jurados reunidos ha dois dias vota a absolvição. Mas uma mulher que faz parte do juri quere a condenação do reu.

Como a lei americana determina que, em questões criminais, as deliberações do juri sejam por unanimidade, não ha maneira de se chegar a uma conclusão.

O celebre comico em vez de fazer rir, comoveu o juri; apenas uma mulher continua a sorrir como se o crime praticado por Fatty fosse uma fita...

❖ ❖ ❖

Nesta hora de vitoria para a Irlanda, as almas choram os martires da independencia. O Lord Mayor de Cork, a Maior vitima, anda nas orações de todos os labios. A Inglaterra sente o remorso do seu orgulho. Se tivesse querido ver inteligentemente ele não teria morrido.

❖ ❖ ❖

O despotismo dos governos tem o condão de tornar sagradas as causas sinceras e justas. Sem o despotismo britanico não teria a causa irlandeza uma aureola de gloria.

❖ ❖ ❖

Ontem ao cair da tarde varias pessoas resolveram socar-se. A' luz dum sol tão carinhoso, com um tão lindo morrer do côr já é preciso ter mau gosto...

❖ ❖ ❖

A segunda galeria do tunel do Simplon foi ontem terminada. Trabalhos gigantes penetrando a terra.

As letras

Almada Negreiros poz já á venda o seu livro «A invenção do dia claro».

—Tomás Fernandes vai publicar um livro de impressões que se intitula «Italia».

—Julieta Saraiva a autora das «Mãos de Fada» publicou já o seu interessante trabalho de prosa que se intitula «Do mal e peor».

PARIS, 7. —Os homens de letras de Stockolmo convidaram Anatolie France a visitar a Suecia. Aceitou o convite, preparam-se grandes festas em sua honra. Ser-lhe-ha entregue o cheque do premio Nobel.

Cofre de amparo ás viuvas e orfãos dos F. V. S. S.

A Comissão Administrativa deste cofre nas suas ultimas sessões: Aprovou e exarou na acta um voto de profundo sentimento pelas vitimas que indefesas pereceram na ocasião do movimento de 19 de Outubro e um protesto indignado contra os autores do tal morticinio cobarde e feroz, absolutamente condenavel por todas as pessoas de bem que possuem a noção do sagrado direito á vida e da liberdade do pensamento.

Egualmente aprovou e lançou na acta um voto de agradecimento a todos os que se teem inscrito como contribuintes, bem como aqueles que pelo seu muito interesse pela instituição teem concorrido para o seu desenvolvimento e aumento de quotas, contribuindo com qualquer donativos, e promovido ou coadjuvado a realisação de diversas festas, em favor do cofre.

Nomeou uma comissão de entre os seus membros para proceder a instalação do Instituto Ferro-viario, e organisar os estatutos porque se deve reger.

Universidade de Lisboa

A sessão solene inaugural da Universidade de Lisboa, realisa-se depois de amanhã, no edificio da Faculdade de Sciencias, pelas 14 horas.

MUSICA

O proximo concerto Blanch

Nem nos concertos dos grandes centros musicais do estrangeiro se apresenta um programa tão notavel, tão completo, como o do proximo concerto da «Orquestra Sinfonica Portugueza», dirigida pelo maestro Pedro Blanch, que no domingo nos dá uma verdadeira tarde de grande arte no S. Luiz, com quatro primeiras audições, a «ouverture» «Titus», de Mozart; «Manfredo», de Reinecki; «O Moinho», «A Bela Moleira», de Raff, a celebre «suite» do Rimsky Korsakoff, «Scherezado», sendo Flaviano Rodrigues o violino a solo, os «Preludios», de Liszt, o «Preludio» e «Tema das flores animadas do Jardim de Kingsors, do «Parsifal», a «Marcha Hungara», da «Damnation de Faust», de Berlioz. Assombroso programa!

Em Londres

Um caso curioso provocado pelo nevoeiro

Nos ultimos dias do mez findo Londres estava envolta em trevas, devido ao nevoeiro. Não se via um palmo adiante do nariz. A circulação de viação interrompeu-se e raros transeuntes se aventuravam na travessia das ruas e praças.

A «Pall Mall Gazette» narra a proposito, um caso interessante. Duas senhoras da aristocracia ingleza foram surpreendidas pelo nevoeiro e perderam-se. Quando já andavam ao acaso, verdadeiramente aflitas e desorientadas, esbarraram com um desconhecido, a quem pediram que as guiasse até á residencia delas.

—De boa vontade, aquiesceu o amavel cavalheiro.

E logo as conduziu, sãs e salvas. Só quando as senhoras se despediram do seu amavel «cicerone» é que reconheceram, com surpresa, que se tratava dum cego da grande guerra, e reeducado nos institutos da especialidade.

Diz-se que em terra de cegos, quem tem um olho é rei. Parafraseando, diremos bem, em ocasião de nevoeiro londrino, só é rei quem não tem olhos.

Comissariado Geral do Governo na Exposição Internacional do Rio de Janeiro

Cartazes de Propaganda

Está aberto concurso entre artistas nacionais para a escolha de um cartaz destinado a fazer conhecer aos nos territorios da Republica Portugueza, como reclame á participação do trabalho nacional na Exposição do Rio de Janeiro.

As condições do concurso podem ser conhecidas no Comissariado Geral instalado na séde da Sociedade de Geografia de Lisboa e na Associação Comercial do Porto, Palacio da Bolsa, Porto, a partir da proxima sexta-feira, 9 de Dezembro, das 11 ás 17, em todos os dias uteis.

O concurso fecha no dia 19 pelas 17 horas.

Lisboa, 7 de Dezembro de 1921.

O chefe dos serviços de expediente, *Rodrigues Pereira.*

T. M. E.

Convidam-se os senhores fornecedores a apresentarem com a maior urgencia na Repartição de Contabilidade dos Transportes Maritimos um extrato da sua conta corrente com os mesmos Transportes Maritimos acompanhado de documentos comprovativos do seu credito.

Lisboa e Comissão Administrativa dos Transportes Maritimos do Estado em 7 de Dezembro de 1921. — O Presidente, a) *Herculano da Fonseca.*

"REPUBLICA"

Reapareceu este colega — Artigos de Antonio Granjo e Cunha Leal

O jornal do sr. dr. Antonio José d'Almeida e por cuja direcção tem passado alguns dos seus mais antigos amigos, acaba de sofrer nova transformação e de nos aparecer hoje sob a direcção do sr. Ribeiro de Carvalho. E' esse numero interessantemente colaborado, assinando o logar de honra o Chefe do Estado que assim se quiz mais uma vez associar a uma manifestação á memoria do seu saudoso e malogrado presidente do Ministerio.

Do n.º da «Republica» vamos transcrever dois artigos. O primeiro assinado por Cunha Leal, o amigo dedicadissimo que expoz a sua vida para salvar a do Antonio Granjo; o segundo, da autoria do proprio presidente do governo, escrito no mesmo jornal onde vem hoje reproduzido, quando da queda do Ministerio Fernandes Costa, escorraçado do poder por um grupo de arruaceiros.

A vitima e os assassinos

Parece que queriam purificar a Republica, expurgando-a dos maus elementos que a maculavam. E, então, reuniram-se num club suspeito uns tantos facinoras, de carões sinistros iluminados pelo odio: e foram eles que armaram, simultaneamente, em parte acusadora e em juizes.

Tinham os homens da Republica cometido erros e faltas graves? Tinham-se, por vezes, deixado dominar por ambições embora legitimas? Tinham, porventura, sacrificado em dados momentos os interesses da Republica aos interesses das seitas politicas? Gravemente, a turba de assassinos e ladrões condenou-os á morte, sem atender, como atenuante, aos serviços prestados pelas vitimas á Patria e á Republica. E, depois de proferida a sentença, trataram de executa-la, como carrascos, perante a força armada impassivel. Os miseraveis!

O pobre Antonio Granjo, o soldado que, na Flandres, defendera a Patria e que, em Chaves, defendera a Republica, foi um dos marcados para a matança. Não perseguira nunca, nem monarquicos, nem republicanos, tinha as mãos limpas e honradas, era um homem culto e inteligente que poderia prestar grandes serviços a esta desgraçada Terra. Isso era pouco menos do que nada para os assassinos e ladrões, porque os homens, que vivem nas trevas, teem um horror instintivo por todos os que sentem em si um pouco daquela beleza moral que ilumina a vida.

Como é triste morrer esmagado pelo desabar do sonho de toda uma existencia! Sentir a Republica grudada a todo o nosso ser, senti-la nas mais intimas celulas do organismo, amá-la com paixão, com fanatismo, sacrificar-lhe os interesses sagrados da Familia, e ser chacinado em nome dessa mesma Republica por facinoras, armados em bons republicanos! Oh, os miseráveis, os miseraveis!

E pensar a gente que eles podem dormir noites que o remorso devia transformar numa anciosa vigilia! E pensar que comem tranquilamente, que respiram socegadamente, como os homens de consciencia lavada! E pensar que sorriem, mostrando dentes afiados como os lobos! E pensar que esses bandidos, em vez de rastejarem como os sapos e como as viboras, andam de pé como nós, e são conformados fisicamente como nós! Oh, os miseraveis, os miseraveis!

Antonio Granjo, pobre republicano, que, no decurso de algumas horas, foste um dos meus maiores amigos, se os nossas pobres vezes podem chegar para lá dos tumulos, ouve o que te digo:

—Nem agora te quero lisongear, porque aos mortos se deve mais do tua legitima ambição não conheceu, que aos vivos a verdade. Foste, como eu, um politico que cometeu erros. A por vezes, limites. A tua imaginação levava-te por ai fóra, na ancia do dominio e do poder. Mas eras—repito—uma força no nosso meio social; mas eras—repito—um portuguez que amava a sua Patria, e um republicano que amava a sua Republica; mas eras—repito—um autentico homem de bem. E os que te condenaram e executaram—repito tambem—eram ladrões e assassinos.

Morreste, pobre amigo. Quem sabe se não foste mais feliz do que nós—os que cá ficamos a chorar de vergonha sobre as ruinas do nosso sonho.

CUNHA LEAL.

Eu!

Acabo de entrar nesta redacção, confesso, tomado dum certo nervosismo.

Depois do que se passou em Belem e no Terreiro do Paço, fui para casa tranquilamente, fazendo a vida habitual, como se nada fosse. A culpa do que se tinha passado não era minha. Merecia o meu jantar, como nos outros dias porque tinha cumprido até ao fim o meu dever.

Fui alvejado a tiro, dentro da redacção da «Luta», onde me encontrava com alguns amigos, e tambem isso me não deu grande abalo.

Mas, no caminho da redacção da «Luta» para a «Republica», deparei com os mesmos manifestantes do Terreiro do Paço e da «Luta», e ouvi alguem gritar em alta voz:

—Ai vai o malandró do Granjo!

Dirigi-me ao grupo. Não conheci ninguem. Eram caras que eu nunca vi em parte alguma onde fosse preciso defender a Patria e a Republica, caras que certamente ninguem viu nos campos da Flandres, onde se defendeu a honra portugueza, ou no Rovuma, onde se defendeu o solo patrio, ou em Monsanto, Estarreja, Chaves, onde foi preciso que os republicanos se batessem.

Quem é que me tinha chamado malandro?

Não conheci ninguem...

Porque me chamavam malandro?—perguntei.

Calaram-se os do grupo. Tinham-me chamado malandro, pela mesma razão porque tinham chamado traidor á Republica a Tito de Morais, pela mesma razão porque tinham chamado traidores á Patria aos homens que tinham sido nomeados ministros pelo sr. Presidente da Republica.

Disse então a essa pobre gente—que se podiam julgar talvez no direito de me darem um tiro, mas que eu não podia consentir-lhe que me chamassem malandro.

Calaram-se os do grupo, e eu vim para esta redacção deixar ficar aqui este triste episodio.

Alguem me perguntará se valeria a pena ter dedicado toda a minha vida á Republica, prégando-a em toda a sua pureza magnifica e em toda a sua força triunfante, para a ver entregue como uma prostituta, ás sevicias dessa gente...

Eu direi que sim, que me valia a pena bater-me e sofrer por Ela, porque ela é, sempre, sempre, dentro de mim, dentro da minha alma e da minha carne, a mesma imagem maravilhosa, inspiradora dos grandes sentimentos e das grandes acções, e absolutamente inacessivel ás torpezas dos que passam.

Apesar de tudo, atravez de tudo, eu serei sempre o mesmo. Se me magoam os revezes, não se me esmorece a fé. E nunca será o insulto de qualquer boca avinhada que me fará descrer da Ideia que me tem iluminado o caminho da vida.

Porque não dou a qualquer vagabundo o direito de me tocar no braço.

Quem sou?

Sou eu!

ANTONIO GRANJO

PELO TELEGRAFO

Conferencia do desarmamento

A questão do pacifico

WASHINGTON, 8.— A comissão do Pacifico e do Extremo Oriente teve uma reunião, na qual o delegado japonez, sr. Hahihara fez a seguinte declaração:

«Actualmente as linhas ferreas do sul da Mandchuria e a de Santung estão guardadas pelos japonezes. Quanto ás linhas de Santung, as forças receberão ordem de retirar, logo que a China destaque um corpo de policia suficiente e capaz de proteger as linhas ferreas. Na Mandchurria somos obrigados a manter as nossas forças por causa do estado dessa região, continuamente assolada pelos bandidos. Quando rebentou a revolução na China, no distrito de Hupeh estabeleceu-se a anarquia tomando-se os fortes das futuras operações revolucionarias. O Japão, a Inglaterra, a Russia, a Alemanha, e as outras nações tiveram que enviar tropas para Henkow afim de proteger a vida e os bens dos seus subditos. O Japão nunca pensou em fazer ali uma ocupação efectiva e o seu desejo é aproveitar a primeira ocasião para mandar retirar as tropas japonezas, mas só o poderão realisar quando a China tenha concentrado forças regulares aptas para garantirem a vida e os bens dos estrangeiros.

As tropas espalhadas pelas linhas ferreas do caminho de ferro da China oriental, serão retiradas quando se realise a evacuação do exercito japonez da Siberia. Não é admissivel a existencia da policia consular japoneza na China, sem cooperação completa nos castigos de que resultarão ficar todas as transgressões da lei sem julgamento. O delegado chinez, dr. Sze pediu que lhe reservassem a palavra para responder detalhadamente ás declarações japonezas, depois de estudá-las.—(Lat. Am.)

Os pedidos do Japão

WASHINGTON, 8. — Diz-se que a alteração pedida pelo Japão para que seja aumentada a proporção das suas forças maritimas, visa a obrigar os Estados Unidos a não fazer muitas objecções aos telegramas da China, especialmente da Mandchuria. A delegação americana deseja abreviar os debates do desarmamento naval para que as suas resoluções sejam ratificadas pelo senado. Actualmente não existem obstaculos a essa ratificação mas tornar-se-hia muito mais dificil se o senado tivesse que voltar á questão naval, enredada com os problemas do Extremo Oriente, na China.—(Lat.-Am.)

A Irlanda victoriosa

São postos em liberdade os prisioneiros politicos

LONDRES, 8. — O Rei assinou a proclamação que põe em liberdade todos os prisioneiros politicos internados na Irlanda.

Uma deputação dos Unionistas do Sul visitou esta cidade tendo sido recebida por Lloyd George e Lord Birkenhead.—(R.)

A falta de carvão na Alemanha

Vão suspender alguns jornais

BERLIM, 7. — Tendo uma quantidade de fabricas de papel de jornais fechado, em consequencia de falta de carvão, muitos jornais estão ameaçados de interromper a sua publicação.—(R.)

O orçamento naval francez

PARIS, 7.—A Camara dos Deputados aprovou provisoriamente o orçamento naval de 844.000.000 de francos o qual permite o começo e a continuação do fabrico de 3 cruzadores ligeiros, 6 «destroyers» 12 torpedeiros 12 submarinos, e 1 aeroplano e para mais tarde a construção de 3 cruzadores e 24 submarinos.—(R).

O misterio de Paris

Começam a desvendar-se alguns dos segredos até agora ocultos nos gabinetes das grandes comissões pagas em ouro...

O empirismo secular concretisou o saber de experiencias feito em formulas conscisas, que se chamam proloquios, ditados ou brocardos. O que se começa a saber respectivamente ás reparações devidas a Portugal pela Imperial Republica faz-nos acudir á memoria, irresistivelmente, a sentença que torna infalivel o conhecimento das verdades logo que as comadres desatam a ralhar. O sr. Velhinho Correia, abrutamente arredado da comissão portugueza de reparações, com sede aurifera em Paris e, possivelmente, sucursais «L'Enfer» de Montmartre, faz revelações sensacionais, numa especie de manifesto publicado no «Diario de Noticias» de hoje.

E' evidente que não podemos, duma só vez, fazer a analise completa do arrazoado. Mas não queremos, apesar disso, deixar de pôr em destaque certos factos, cuja revelação curiosa e não deixa de ter o seu aspecto de rabarbativa gravidade.

O sr. Velhinho Correia diz, por exemplo, que algumas emprezas coloniais e até mesmo alguns individuos residentes nas colonias assoladas pela invasão teutonica, deduziram, perante a comissão de reparações, pedidos absolutamente injustificados. O chefe da comissão (não nos recorda assim de repente, o nome do personagem, mas isso não é essencial, neste momento) apressou-se a dar um parecer favoravel. E, por fim, o sr. Velhinho Correia, examinando os processos, restabeleceu a verdade, dando para baixo nos exageros dos reclamantes e reduzindo as reclamações ao seu justo valor. Quando as coisas estavam neste pé, surge a revolução outubrista e o sr. Veiga Simões, guindado ás alturas de ministro dos Estrangeiros, demite o sr. Velhinho Correia e deixa os processos entregues ao belo alvedrio de chefe da missão portugueza,—aquele mesmo que já dera as tais informações prejudiciais ao Estado e acusadas de falsas como Judas pelo sr. Velhinho Correia. Ora isto, como se vê, é duma extrema gravidade!

Mas ha mais, ainda. Portugal não recebeu vintem ou marco dos amigos teutões, hontem inimigos «boches».

Pois, apezar disso, parece que se estão arranjando as coisas para que os reclamantes de separações recebam imediatamente em feios escudos ou belas esterlinas aquilo que a germania proporá ou não, em natura, como diz e quer o sr. Velhinho Correia, ou em moeda, como deseja a ingenua administração do Terreiro do Paço ou das Necessidades.

O sr. Velhinho Correia apresenta alguns exemplos edificantes sobre a justiça de reparações particulares deduzidas por coloniais. Assim ha pedidos de comerciantes fundados na razão fantastica de não terem podido realisar os negocios habituaes de antes da guerra; ha solicitação dum proprietario de cinemas que reclama nove mil libras porque não pode importar «films»; mais 183 contos a uma companhia porque, durante a guerra não realizou certo plano de culturas; milhares de libras a uma empreza de transportes «terrestres» por ter paralisado a circulação por carencia de transportes «maritimos»; e, para não estender mais a lista de tão justificadas reclamações, fecha-la-hemos com a citação da reclamação dum empregado de emigração que solicita uma centena de libras por que, durante o periodo da guerra, não teve emigrantes!

Pois todos estes reclamantes e muitos outros com fundamento identico tinham já obtido informação favoravel do chefe da missão e foi o sr. Velhinho Correia que lhes «empatou as vazas», estudando os processos e reformando os pareceres. Mas agora, posto á margem o sr. Velhinho Correia, volta tudo á primeira forma, tratando-se de pagar, sem demora, aos reclamantes, sem ao menos se saber se a Alemanha paga, quanto paga e como é que paga.

A posição do sr. ministro dos Extrangeiros é delicada, neste negocio. Perante o que alega o sr. Velhinho Correia não pode ficar silencioso. Isto é, poder ficar, pode. Mas fica mal!

Ecos & Noticias

DOENTES

Foi ontem operado pelo ilustre clinico sr. dr. Cabeça, de uma hernia, na casa de saude de Bemfica, o sr. Manuel Garcia Barroso, correndo a operação optimamente.

Universidade Popular Portuguesa

Recomeçam na proxima 3.ª feira 13 as conferencias educativas desta instituição de educação popular, na Rua Particular á Rua Almeida e Sousa, á Estrela.

O sr. dr. Camara Reys iniciará uma terceira série de palestras sobre «As questões morais e sociais na literatura». Em seguida haverá sessão cinematografica educativa.

ULTIMA HORA

A Questão das Belas-Artes

Respondendo ao repto do sr Francisco Santos

Sr. redactor—Os artistas da moderna geração num impulso proprio de mocidade, e de nobreza e confiados na ardente revelação da sua juventude triunfante, foram, em romagem heroica de fé e sobressalto, oferecer o seu sangue, oferecer a seiva radiosa e fecunda da sua mocidade e do seu Genio a esse fantasma encarquilhado que é hoje o simbolo da arte portugueza, a esse espectro envelhecido que definha, em plena agonia, nas mãos impotentes e gastas de meia duzia de velhos caducos e rabugentos que são velhos e rabugentos na idade e sempre o foram na inteligencia e no espirito, nas ideias e nos processos.

Nós contámos singelamente a essa gente as nossas aspirações e fizemos tambem a afirmação leal e franca—que aliás permaneceu sempre nitida na nossa atitude—de não hostilisar ninguem, de não guerrear fosse quem fosse porque é preciso que toda a gente saiba—a obra dos novos pretende ser construtiva, pretende impor-se por si propria, pela pujança dos seus anceios, pela sua finalidade desanuveada e ampla, e sobretudo, pela expansão consciente da sua propria audacia.

E, quando nós esperavamos ser recebidos de braços abertos, com carinho e alegria, e ouvir conselhos e palavras amigaveis, fomos repelidos, fomos escorraçados porque não eramos artistas, porque estavamos animados de propositos reservados e intentavamos desvirtuar os fins para que a S. N. de B. A. foi constituida.

Quanto ás intenções ocultas e á maneira como os «novos» procuravam comercializar e ferir o descredito na S. N. de B. A., ficará o publico de Lisboa inteiramente elucidado no proximo comicio promovido pela moderna geração. Tenham paciencia; esperem só mais uns dias...

Vamos agora desfazer as declarações do sr. Francisco Santos que mais descaradamente brigam com a verdade:

E' mentira que os «antigos socios da S. N. de B. A. sejam todos artistas documentados com uma obra». Grande parte deles exercem até as profissões, Pelo menos aparentemente, mais antagonicas com as coisas de arte.

Desafio o sr. Francisco Santos a provar o contrario, apresentando, como varias vezes lhe foi pedido, a lista de todos os socios.

E precisamente os grandes portentos, esses formidaveis detentores do genio creador que mais se opuzeram, que mais agressivamente combateram a nossa entrada na S. N. de B. A. foram: um fotografo, um encadernador, um empregado publico, o dono duma papelaria e o proprietario duma casa de peles, sr. Francisco Santos, onde está documentada a obra destes senhores?... Nós precizamos de saber.

Os socios propostos não eram «adventicios mascarados de artistas» nem tam pouco meninos que por terem lido uma vez o Wilde começaram logo a dar-se ares e a padecer de nevrose».

Eram pintores como Francisco Smith, Eduardo Viana, Manuel Jardim, Antonio Soares e Carlos Porfirio; eram escultores como Diogo de Macedo, Francisco Franco e Ernesto do Canto, quasi todos eles reputados e com obra aplaudida nos grandes centros de arte da Europa e da America.

Eram poetas como o A. Lopes Vieira, Americo Durão, Alberto de Monsaraz, Pedro de Menezes e Augusto de Santa Rita; eram escritores como Leonardo Coimbra, Veiga Simões, Aquilino Ribeiro, Alfredo Pimenta, Manuel Ribeiro e Antonio Ferro,

Eram dramaturgos como Carlos Selvagem, Alfredo Cortez e Vitoriano Braga; eram desenhadores como Almada Negreiros, Leal da Camara, Bernardo Marques, Jorge Barradas, e Stuart Carvalhais, que todo o paiz conhece e admira.

Na S. N. de B. A. salvas rarissimas excepções não ha artistas—ha apenas maus artifeces como o demonstram vergonhosamente todas as exposições oficiais que lá se fazem.

O sr. Francisco Santos pertence apenas ao numero dos bons artifeces. A sua probidade artistica é mesmo duvidosa. Quem o afirma, e prova entre outras pessoas, é o meu querido camarada e amigo José Dias Avelar que fará por estes dias revelações muito curiosas a esse respeito.

Sr. Francisco Santos: que sou concerteza um daqueles socios propostos que sr. nem de nome conhecia. Moro na R. Nova da Trindade, 66, 2.º E., onde fico ás suas ordens e sempre pronto a mostrar-lhe a minha obra.

ANTONIO DE MONSANTO

Professores Primarios

Numa reunião que realisaram hoje os professores do ensino primario geral resolveram mais uma vez pedir ao sr. ministro da Instrução melhoria de situação.

Lançaram na acta um voto de pesar pelos mortos de 19 de outubro.

Os inqueritos

Mais uma prisão

O director da P. S. E. continuou ouvindo hoje varios implicados na noite de 19 de Outubro, sendo interrogado entre outros o «Dente de Ouro».

Em resultado duma acareação feita a noite passada entre o «Dente de Ouro», o chaufeur da camionete fantasma e os marinheiros Palmela e José Mario Felix foi preso um cabo de marinheiros sobre o qual pesam graves acusações e que á hora que dali retiramos está sendo largamente interrogado, devendo ser depois com aqueles acareado.

POLITICA

A crise ministerial ou se declara hoje ou será, então, conjurada.

A's 16 horas reune o conselho de ministros, no Paço de Belem, expressamente convocado para se ocupar da orientação administrativa do sr. ministro da Agricultura.

O sr. Antão de Carvalho é irreductivelmente partidario do comercio livre, tal qual existia antes da guerra. O regimen dos assucares, decretado recentemente, obedeceu a esse criterio; o sr. ministro da Agricultura entende que identica providencia se deve adoptar com respeito á importação de trigos e mais cereais.

A aplicação do principio administrativo do comercio livre não desagrada ao governo, contanto que se acautelem os interesses do consumidor no periodo transitorio da passagem do tabelamento para o regimen anterior á guerra. Alguns ministros e, entre eles, o sr. Peres Trancoso atribuem a alta do assucar a não se ter providenciado convenientemente no periodo de transição. São, portanto, de parecer que se devem adoptar indispensaveis medidas prudentes, aplicaveis ao comercio de importação de cereais, já que se não legislaram respectivamente aos assucares.

Ora o sr. Antão de Carvalho não comunga nas mesmas ideias e, a não ser que mude de opinião e transija com os seus colegas do ministerio não poderá manter-se no governo.

A crise ministerial deve, pois, declarar-se hoje, embora não venha a publico enquanto não fôr resolvida a questão da substituição do sr. Ministro da Agricultura. Mas será conjurada com relativa facilidade se o sr. Antão de Carvalho tiver realmente empenho em continuar a gerir a sua pasta.

O sr. ministro da agricultura fica — Vão ser criados mais armazens reguladores

Segundo soubemos ás 15 horas o sr. Antão de Carvalho, ministro da Agricultura, conseguiu remover as dificuldades que puzeram em risco a sua estabilidade ministerial.

Como base do acordo ficou assente a criação imediata de cincoenta armazens reguladores, com os quais o governo entende poder opor-se á incessante subida do preço dos generos alimenticios de primeira necessidade.

Governador Civil do Porto

O sr. ministro do Interior recebeu esta tarde o pedido de demissão do sr. Governador Civil do Porto, enviado telegraficamente.

E' quasi certo que o pedido seja aceite.

O sr. governador civil do Porto estranhou que o governo mandasse reforçar a guarnição militar do Porto, sem sua audiencia. O facto oficial é que o governo teve informações da possibilidade de rebentar no norte uma greve ferro-viaria, senão mesmo uma greve geral.

Perante a hipotese de não poder de hoje para amanhã, transportar pelo caminho de ferro as tropas da guarnições do norte, fez, respectivamente, uma concentração no Porto. Os efectivos que reforçaram as tropas da capital do norte foram, aliás muito reduzidos.

Não está assente quem substituir o Governador Civil demissionario mas não será, com certeza, o sr. dr. Artur Leitão.

Tumultos?...

Nos meios oficiais havia hoje alguns receios de que se produzissem tumultos na Baixa, por ocasião do banquete que se realisa, no Palace Hotel, em honra do sr. coronel Manuel Maria Coelho. Haja ou não fundamento para tais receios, a policia preveniu-se e porá rapido termo a manifestações ou choques entre sidonistas da extrema direita e outubristas da extrema esquerda.

Trigo exotico

Não tem fundamento algum a noticia de que o governo não comprará mais trigo exotico, pois, para esse fim se realisa a reunião da Comissão de Importação de Trigos no dia 1.º do corrente, tendo preferencia como se disse, os fornecimentos cujo pagamento seja a longo prazo.

POEIRA DA ARCADA

Não é exacto que o sr. ministro da Justiça tivesse encontrado dificuldades para a remodelação da lei do inquilinato.

❖ ❖ ❖

O sr. ministro da Guerra vai ordenar que se proceda ás obras de reparações no Campo de Aviação da Amadora.

❖ ❖ ❖

O sr. Peres Trancoso conferenciou esta manhã com a Junta Geral das Cooperativas.

❖ ❖ ❖

O sr. Antão de Carvalho está elaborando um decreto sobre a importação do açucar brasileiro.

❖ ❖ ❖

O sr. ministro da Marinha ordenou a permanencia de sete guardas-marinheiros, durante a noite, no Posto da Alfandega e outros 7 no do Cais da Areia.

❖ ❖ ❖

O sr. ministro do Comercio está estudando uma proposta duma casa franceza para fornecimento de papel a Portugal.

* * *

Varias camaras municipais teem telegrafado ao sr. ministro das finanças, protestando contra a suspensão do imposto «ad valorem».

TEATRO

Alice Pancada

Trabalhando durante muito tempo na opereta entendeu que a sua voz era para mais altos vôos e assim foi de abalada até aos Estados Unidos onde os nossos patricios, sentindo tão raramente o pensamento da Patria a acompanhal-os, souberam premiar o esforço dagentil artista.

Nota do dia

Hontem, neste jornal, o cronista habitual, referiu-se aos desordenados ordenados que auferem os nossos artistas teatrais, contribuindo assim eles proprios, para a ruina das empresas, que será, infalivelmente, a sua ruina tambem.

Eu compreendia que uma artista de opereta, tendo de pagar do seu bolso as «toiletes», exigisse das empresas uma quantia fabulosa.

Mas ninguem até hoje conseguiu explicar nos o motivo que levou o sr. Otelo de Carvalho a declarar que assim, com o Coliseu aberto e os impostos aumentados consideravelmente, é impossivel as empresas aguentarem-se a epoca inteira sem consideraveis prejuizos, quando, pode pagar ao sr. Antonio Gomes (da Trindade), nada mais, nada menos do que um conto e oitocentos mil réis, mensais.

Notem os leitores que não se trata, no caso presente, de pagar a um actor que tenha que apresentar, pela sucessiva montagem de peças, uma indefinida serie de toilettes, nem ao menos a um artista cujo trabalho de estudo seja fatigante porque as revistas levam em scena seis ou mais mezes tempo suficiente quer-me parecer para se estudar um «compére».

Porque motivo ganha pois o sr. Gomes 1.800$00 Escudos?

Então o Coliseu ha de fechar as suas portas, o Estado não ha de cobrar impostos aos teatros, o povo ha de perder um espectaculo que o diverte economicamente para os artistas portuguezes ganharem quantias fabulosas?

Não pode ser!

X.

Noticiario

Portugal

A opereta de André Brun e Carlos Simões, «Tarlatanas», que subirá a scena no teatro S. Luiz, a seguir a «A Moreninha» e cuja partitura é a estreia como compositor teatral do maestro Pedro Blanch, passa se em 1835 e põe em scena um dos meios mais pitorescos da epoca.

—Raul Leel acaba de escrever em francês uma peça, que está destinada a grande sucesso.

—A empreza Alves da Cunha apresentou queixa ao sr. governador civil contra os artistas Pestana de Amorim e Telmo de Souza, os quais se recusaram a cumprir os seus contratos, impossibilitando a companhia de fazer a «tournee» as ilhas, para onde partirão a 20 do corrente.

Alves da Cunha irá este mez a Setubal, Santarem, Vizeu e Aveiro, reaparecendo possivelmente depois em Lisboa, com uma peça nova.

CRONICA LITERARIA

ANTIQUALHAS HISTORICAS

por **Ladislau Batalha**

Antagonismos profissionais

A PUBLICA AMPUTAÇÃO DE MEMBROS NO SECULO XVI — OS CONDENADOS Á MUTILAÇÃO — A SCENA DOS SUPLICIOS

Por modo que os prospectos de ventura e alegria advindos da abundancia de especiarias e riquezas de que as Casas da India e da Guiné abarrotavam, tudo era contrariado pelas praticas humilhantes da penitencia, pelas devassas e denuncias de Santa Inquisição, pelos queimadeiros do Santo Oficio e pelo exemplo sordidamente sugestivo da aplicação em publico dos crueis penas e castigos que a legislação do tempo impunha.

Em concorrencia, para que o povo portuguez se fosse tornando cada vez mais triste, inconsciente, descuidoso e mesquinho, coincidiam com as crueldades do fanatismo religioso que a lei divina ia desenvolvendo, as consignadas na lei profana, a dar exemplos sugestivos de crueldade e perversão.

Já nas Ordenações Afonsinas se impunham num regimento de guerra aos soldados que roubassem igrejas, destruissem religiosos e forçassem ou roubassem mulher, a pena de morte e mutilação, como cortar as orelhas, etc (1)

O barbaro costume perdurou com certos requintes de perversidade, como era o de pregar no logar do suplicio, onde ficavam pestiferamente apodrecendo, as orelhas cortadas. D. Manuel proveu de remedio, mandando enterra-las. (2)

Nos poucos dias uteis de trabalho ainda este era amiude distraido pelo toque de sineta a anunciar condenados que passavam para o suplicio.

Nem sempre a morte os esperava. O seculo ainda estadiava muito maiores caprichos de crueldade. O regimen de tormentos perfilhado pela Inquisição, tambem se utilisava no civel, para instrução dos processos.

As Ordenações Filipinas permitiam mesmo que os tormentos se repetissem, não se tratando de fidalgos (3), Cavaleiros, Doutores em canones, em leis ou em medicina, Juizes ou Vereadores e seus filhos, Infantes, Duques, Principes, Marquezes, Prelados e seus escudeiros, Condes, pagens de fidalgos, Procuradores das Vilas e dos Concelhos, Mestres e Pilotos de navios de gávia, Cavaleiros de linhagem e Desembargadores, todos isentos de penas ultimas e degradantes, as quais a lei substituia por degredo para Africa.

A' prova dos tormentos bastava que assistisse o escrivão e o executor.

Julgado o feito, vinha a sentença, cuja infernal execução obedecia a uma pragmatica creada com o objectivo de prolongar o sofrimento dos pacientes.

A libertação era um caso raro e sempre doloroso, porque aquele que se via livre das garras da justiça, vinha para fóra habitualmente esbulhado de haveres, e quantas vezes dementado.

Dentre as sentenças condenatorias mais graves, sempre eram preferiveis por mais suaves as que mandavam degolar, enforcar ou queimar. Até mesmo como espectaculo deprimente para o publico, eram estas condenações as menos desmoralisadoras, por mais rapidas e menos acompanhadas de peripecias sensacionais.

Chegado o paciente ao Pelourinho ou ao Cadafalso, acompanhado do Confessor e precedido do pendão da Misericordia por entre côros de Psalmos e Benditos, que os da Irmandade iam entoando, as scenas horripilantes da queima, do enforcamento ou da degola passavam-se rapidamente numa quasi indiferença, e tudo voltava no mesmo instante á normalidade, que apenas alguns pequenos comentarios da turba por pouco tempo vinham perturbar.

Os degredados para India, Guiné, Brazil, ou simplesmente para o Cotto de Castro-Marim, mesmo «para fóra da Vila» apenas que fosse conforme a maior ou menor gravidade dos delictos cometidos, tinham de suportar os prolongados sofrimentos do exilio, com todas as agruras e rigores da situação de condenados já reduzidos á miseria pelo sequestro.

Não assim para os condenados a mutilação. Como sucedia com todos os outros, tinham estes de sofrer a previa confiscação nas condições iniquas que a legislação coeva impunha.

Seguia-se a cerimonia de confessar e comungar. A notificação da cruel sentença fazia-se antecipadamente, pelo menos de vespera e cedo, para dar tempo ás torturas morais da antevisão do castigo, que os Religiosos, apoderando-se do condenado, lhe iam descrevendo com todos os requintes de maldade entremeada de Credos e Padrenossos.

O Santissimo Sacramento era-lhes ministrado com parlendas de conforto perante os horrores do Inferno no qual se lhes dizia haver reservados os maiores castigos aos que tivessem de lá ir parar.

Ao terceiro dia de Oratorio e Penitencia, a Confraria da Misericordia acompanhava ao suplicio os pacientes, aos quais nem os prometidos confortos do Ceo conseguiam resignar ao decepamento das mãos ou ao corte das orelhas.

Em Lisboa aumentava o ceremonial para maior exemplo. O condenado ou condenados iam por todo o caminho assim acolitados pelos Religiosos que lhes mostravam os seus crucifixos, e faziam cortejo ao Meirinho das cadeias rodeado dos seus homens, ao Meirinho das Execuções e ao respectivo escrivão a quem incumbia lavrar o auto do cortamento dos membros e, no caso de vergastadas, assistir pelo menos ao primeiro pregão e açoute.

Por onde o macabro cortejo passava, iam os artifices parando de trabalhar para fazer comentarios, muito a medo e com todo o possivel disfarce, receosos da espionagem que pululava formidanda.

Os menos atarefados, as calhandreiras, as mulheres do pote, os carrejões, vadios e mariolas lá seguiam encorporados até ao Pelourinho velho ou ao Cadafalso.

Lidas ali as sentenças, o Executor ia cumprindo-as. A uns decepava as mãos, a outros cortava as orelhas, pregando-as em seguida num dos lados do logar do suplicio, por entre a vozearia do populacho inconsciente que em aclamações de regosijo e chacota abafavam os gritos estridulosos dos mutilados a estorcer-se nas vascas do mais acerbo sofrimento.

E as gargalhadas e chufas estrugiam, estrepitosas e ensurdecedoras, no mesmo instante em que os mutilados, já defeituosos e impossibilitados para sempre, desfaleciam banhados no proprio sangue e vencidos pela dor.

De então viriam até nós as expressões de raiva, ironia ou ameaça de castigo, ainda usadas pelos mestres de aldeia e até nas cidades:—«arranco-lhe uma orelha! Vou-lhe as orelhas!»

Depois de cumprida a iniqua sentença... mais nada!

A pouco numerosa multidão ia-se dispersando aos magotes cada vez mais raros, até desaparecer emquanto os pacientes, a desfazer-se em dores e torturas, eram reconduzidos aos carceres ou a suas casas em catres rodados, conforme o dizer de algumas sentenças.

Estes despreziveis espectaculos, embora não tivessem dias obrigados, nem mesmo fossem objecto de pregão publico, em verdade eram frequentes e muito concorriam a desmoralisar e embrutecer o povo que já assistia indiferente, quando não regosijado com a indecorosa scena.

A' maneira por que o culto dos sermões, missas, jejuns, cilicios, penitencias, prégação e procissões se desenvolvia, assim ia diminuindo o amor do trabalho, a iniciativa para os grandes empreendimentos.

O côro das Ladainhas e Miserere, tanto como o vociferar do povo, o lamuriar e praguejar dos supliciados, a caminho do fim do seculo, tudo já ia abatendo as maiores energias, substituindo a sincera crença nas formosas lendas cristãs pelas praticas do mais sordido fanatismo, cujo desenvolvimento a propria inquisição fantasiava ou fazia resurgir para aumentar o numero de victimas, materia prima das maiores vinganças e espoliações.

(Continua).

(1) Liv. I.—Tit. VI.

(2) Cartas da C. M. de Lisboa a El-Rei D. Manuel—fls. 59.—apud Castilho—Lisboa Antiga e Oliveira,—Hist. do Municipio de Lisboa.

(3) Liv. V—Tit. C. XXXIII—§. 1.

SPORT

Ciclismo

A «U. V. F.», tomou a resolução de fazer disputar o campeonato de França de estrada, por meio de uma serie de provas, e não por uma simples corrida como até aqui.

Os campeonatos nacionais já se disputam dessa maneira, em Italia e na America.

E' mais sportivo, efectivamente dar o titulo de campeão no ciclismo mais regular, do que, áquele, que estando bem um dia, fez depois uma classificação mediocre.

Automobilismo

Ficou resolvido que as provas automobilistas em França para o ano de 1922, comecem a ser disputadas em Março desse ano.

O calendario consta de mais de trinta provas, importantes, algumas delas internacionais.

—A prova destinada a carros de tourismo, realisa-se na Provença com premios no valor de cem mil francos.

Esgrima

A 30 de Janeiro, realisa-se o desafio entre o italiano «Aldo Nadi», e o francez «Gaudinr», no florete em 20 toques. Entre os membros do juri, figura o celebre mestre italiano «Pissi» o mais extraordinario esgrimista que temos visto, e que em tempos esteve em Lisboa no teatro D. Amelia, com «Sebastião Heredia» e «Merignac».

Luta

A «Federação Franceza de Luta», tomou a resolução espantosa, de até 31 deste mez, requalificar como amadores, todos os profissionais que assim o desejarem. E o mais incoerente se pode imaginar, pois o pretesto alegado é que não havendo amadores de merito, a França nos torneios internacionais está em pessima condição.

Mais uma confusão sportiva. Os jornais franceses que a isso se referem, criticam asperamente semelhante medida.

Natação

O ingles Hatfield nadou os 500 metros em 6 m. 51 s. 2/5, tempo inferior ao do «record» mundial, pertencente a Norman Ross com 6 m. 54 s. 4/5 Ha, todavia, um outro «tempo», ainda inferior ao de Hatfield, embora não esteja ainda homologado pela Federação Internacional de Natação: é de 6 m. 49 s. 5/10, conseguido na recente época pelo sueco Arnebor.

Box

O negro senegalez «Siki» bateu o francez «Journee», ficando assim classificado para encontrar «Carpentier».

«Siki» mostrou vantagens enormes apesar duma diferença de 12 quilos de peso, mas não parece homem para ter «chance» contra «Carpentier».

—«Carpentier», partiu já para Inglaterra, afim de acabar a sua preparação, para o combate com o ingles «Cook».

—O ingles «Becket» mostra desejos de se concentrar de novo com «Carpentier», «Becket» deve ser novamente vencido, ainda que não tão facilmente como da primeira vez.

— Esta difinitivamente assente o «match» entre os franceses «Criqui» e «Sedoux», devendo encontrar-se ao peso de 55 quilos.

E' no momento actual, o combate mais interessante que se pode organisar na Europa.

Bilhar

O antigo campeão do mundo «Hoppe», vencido ha dias, como dissemos, lançou um desafio ao seu vencedor, para 15 de março numa partida a tres mil pontos.

Pesos e alteres

Em Viena d'Austria disputou-se o campeonato nacional tendo os atletas Honek e Schelley feito belos trabalhos sobretudo em força, chegando a fazer ao «develope» 100 quilos.

E' preciso notar que o movimento foi executado á moda alemã, o que lhe tira parte do valor.

Educação Fisica

O Ministerio da Guerra em França está-se ocupando activamente da educação fisica do exercito.

Uma circular escuta ha dias lembra aos comandantes de divisão que se devem escolher seis individuos dos mais habilitados para fazerem um estagio na escola de Joinvile afim de servirem de monitores nos diferentes regimentos.

NOTICIARIO

HIPISMO

A Sociedade Hipica Portugueza não deixará de organisar neste inverno as suas costumadas «poules» de obstaculos entre os seus associados as quais sempre constituem tardes elegantissimas e de animado desporto no seu campo de Palhavã.

E' o que se diz entre pessoas afectas á Sociedade e conhecedoras das suas intenções.

COMITÉ OLIMPICO

Parece que por todo o mez corrente vai ser constituido o novo Comité Olimpico Portuguez e que além dos delegados do Porto farão parte os srs. Bento Mantua presidente, Francisco Pinto Viegas secretario, Macedo de Carvalho tesoureiro e drs. Salazar Carreira e Francisco Nobre Guedes.

A reunião dos delegados dos clubs que será presidida pelo antigo presidente sr. Prestes Salgueiro realisar-se-ha brevemente.

FOOT-BALL

Um dos mais importantes agrupamentos de foot ball tcheco-slovacos visitará Lisboa brevemente a convite do Sporting Club de Portugal, Sport Lisboa e Benfica e Casa Pia. Parece que o importante team jogará o seu primeiro encontro no dia 25 do corrente.

44 — Folhetim de «A CAPITAL» — 8 de Dezembro de 1921

ROCHA MARTINS

Spartacus

Romance das lutas proletarias em Roma

VII

— E' preciso que tenhamos refens para trocar pelos nossos oficiais prisioneiros!

O senador gaguejara conservando-se muito firme na fileira:

Sempre imaginei, oh! chefe, que me ias dar em troca de Castus cuja presa foi agradavel a Publius?!

— Castus! Castus!... gritou Crixos num adormentado desespero. Era um dos oficiais com quem contava para a sua rebelião. Todos os soldados, olhando em volta, davam pelo desaparecimento dele e ouviam sempre o berreiro arrebatado do antigo gladiador. Por cada cabelo dele quero um desses vis!

Comerciantes, ricos, patricios, os novos, os velhos, todos imploravam graça mas as vozes dos soldados irritadamente se levantavam apontando e outros:

— Tu açambarcaste o trigo do povo!... Nada de piedade!...

— Tu construis-te bairros com o suor dos pedreiros escravos e exploras-tes bem os nossos irmãos!

— Tu nasceste para gosar!...

Depois, para o senado, gritavam:

— E tu que aprovaste todas as leis contra nós?!

Ele muito palido, tremia, balbuciava:

— As leis são antigas... eu nada fiz!...

Do seio da escolta, onde estavam os prisioneiros, levantava-se o brado de que todos estavam inocentes mas Spartacus calava-as ao dizer na sua voz solene:

— E' certo que todos viveram á custa dos escravos, que augmentaram os seus bens com os productos da terra que eles cultivavam, que erguiam os seus palacios com o trabalho dos vencidos e dos pobres, que entesouravam e viviam opulentamente enquanto os humildes os serviam!

Chegou a sua vez de trabalhar tambem! O homem não pode ser um inutil e amanhã, quando Roma fôr vencida, todos se misturarão na labuta!

Era implacavel; um ruido alegre ecoava ante a decisão do chefe, que fazia Crixos morder os labios. Julgara que ia ainda contraria-lo e, embora compreendesse que todas aquelas palavras obedeciam ao sonho desse cerebro cheio de rectidão, que era a sua idea duma sociedade em que todos se movessem a bem da sua sentença, quiz clamar ainda e levantar por seu lado o exercito inteiro.

—E' assim... Mas que se batam como gladiadores nos funerais do nosso companheiro sacrificado!... Quero vinga-lo! Quero tambem castus! Preciso sangue!

Um vasto e profundo rumor se ouvia num aplauso sem igual. De todo o acampamento se solidarisavam com ele que pouco a pouco ia defrontando o general.

Já dois ou tres dos captivos se tinham ajoelhado rompendo a fila dos soldados, suplices e desvairadamente:

—Spartacus! Nós não temos culpa que o mundo seja assim! Que queres fazer de nós?...

Cercavam as familias, as mulheres, as filhas e todos consentiam em dar liberdade aos seus escravos, lamentavam o caminho seguido e diziam, como todos os seus bens já não existiam em seu poder, como os seus lares tinham sido devastados.

—Eu quero o bem de todos... O mal do mundo é cada qual querer o bem de si proprio!...

Aquela frase, que Eudoxio constantemente repetia como uma oração, depois de a ter escutado dos labios do chefe, caia pesadamente sobre as cabeças dos vencidos, entre os gritos furiosos:

—Para o combate! Para o combate!...

Numa nuvem de pó levantada na via «pretoria» corriam soldados em busca de ferramentas para levantarem o anfiteatro com montões de terra amassada e a grande arena cava na qual eles se bateriam. Nos olhos de Crixos scintilava o prazer da victoria ao ver que Spartacus não patenteava a costumada indignação como diante dos soldados vencidos os quais integrava no seu exercito.

No meio da rua, em frente da casa dos prefeitos, escolhiam-se os mais fortes centuriões romanos para a luta. Amontoava-se a pilha de madeiras sobre a qual devia ser incinerado o corpo de Oenomaus. Untavam-se de oleos aromaticos os rolos de pinho, deixava-se um vão entre eles para que o fogo pudesse circular, creanças e mulheres avançavam por aquele decair da tarde outomnal, com os troncos e os balsamos do sacrificio.

Emerencia, extranha a tudo, estava agarrada á cabeça do guerreiro, a citara cahida junto dela, ao mesmo tempo que ia subindo no espaço um côro cantado lentamente pelas carpideiras improvisadas no qual se falava das virtudes e das belezas, das qualidades e das bravuras do gladiador. Trombetas recurvas ensaiavam-se para tocar e Felux, murmurava palavras eloquentes passeando diante das tendas, lembrando-se do sucedido em casa de Aruncos e marcando um sorriso vago nos seus labios finos ante a ideia do terror de Crassus quando Opalia lhe falára na maneira porque devia de morrer comendo o manjar de que mais gostasse.

Crixos, radiante, avançava para Lavinia sob o olhar magoado de Myrta que entregava a Eudoxio uma anfora por onde o chefe bebera afim de o acompanhar nos funerais. A patricia fixáva o antigo gladiador com pasmo e terror ao ouvi-lo declarar:

—Eu sou o herdeiro de Oenomaus! Aquilo que ele te perdoou eu não te conservarei, pelos deuses!... E' por sua vontade que numa ligação entre as que ontem mandavam e as que hoje venceram, se ha-de formar a sociedade que Spartacus deseja...

Era com gargalhadas que soltava as suas palavras diante da virgem ruborisada e de Myrta á qual parecia querer agradar falando do supremo chefe mas era tal a sua colera e tão pequena a sua convicção que se via claramente ser esse chasco o que sahia dos seus labios curtidos pelas libações.

Lavinia olhava-o torturada; não o compreendia bem ainda o que semelhantes dizeres significavam e só as entendeu claramente quando ele, dando um passo, a quiz agarrar exclamando:

— Mais chegada te quero. Oh! divina!... Dá-me o teu beijo de consorcio, pro Venus!...

Ela recuou, fugiu como uma avezita assustada em busca do refugio do regaço da Myrta no qual procurava acolho, mas Opalia, dum salto, interpuzera-se clamorosa:

— O quê?! Tu não gostas de casar?! Olha que é um chefe! Um dia será consul!...

— Manlio! Manlio!... Vin!... exclamava-se patricia arrebatadamente julgando que era mentira o que seus olhos riam. Opalia gargalhava furiosamente ao reparar a filha ajoelhada junto do cadaver do gladiador e tornava:

—Emerencia tambem não foi a noiva de quem amava!... Crixos! Leva-a!

O homem deu mais um passo largo soltou um grito selvagem de prazer, e ia agarra-la num amplexo forte quando um vulto se colocou diante dele, e um berro atroou a via «pretoria»:

—E' a minha noiva... Deixa-a!

Manlio, com o rosto transtornado, manchado de sangue, muito livido, fazia frente ao chefe que o olhava desdenhosamente:

—Oh! Conheço-te; tu és aquele a quem Oenomaus feriu quando quizias salvar esta mulher... Olá! Gauleses! — chamou á pressa—Vai levar este cobarde para o combate... Grotesco gladiador será!... Leva-o para, que com um murro não o esborrache!

(Contin...)

Collegio Vasco da Gama
T. ... (a Arroios), n.º 2
... NORTE 3145

O mais bem situado de Lisboa. Campos de ... e recreio. Educação ... Todos os ... do curso complementar ... primaria ... escolar ... tendo ... e obtendo ... classificações.
Pedir ... ao director:
P. António ... da Silva Porto Abreu, Dr. Luiz Gonzaga da Silva Pinto Abreu.

Installações electricas
... OLIVER ... Rua da ...
Telefone C. 1838.

Alberto Afonso
— LISBOA —
Postais ilustrados

TUBERCULOSE
NUCLEOCALCINA FORMOSINHO
Reconstituinte poderoso, scientifico e racional
PHARMACIA FORMOSINHO
Praça dos Restauradores, 18

POLICLINICA DO ROCIO
Largo do Camões 19 (ao Rocio)
CLASSES POBRES — Tel 2727

Rins e vias urinarias — Dr. Coimbra Saldanha, às 10 1/2.
Medicina geral, doenças nervosas e electroterapia — Dr. Cancela d'Abreu, às 14 e 1/4.
Olhos — Dr. Henrique Roquete, às 15.
Pele e sifilis. — Dr. Zeferino Falcão, às 14 e 1/2.
Bôca e dentes — Dr. Amor de Melo; às 10 1/2.
Medicina geral, coração e pulmões. — Dr. F. Martins Pereira, às 15 1/2.
Cirurgia, doenças das senhoras e partos. — Dr. Luiz Ottolini, às 15.
Ouvidos nariz e garganta. — Dr. Cordeiro Lobato, às 14.

A JUVENTUDE
Rebeldi... constituido com o sueco de oito plantas medicinais: Faz nascer o cabelo às pessoas calvas. Dura ... Extermina radicalmente a caspa em pouco tempo. A Juventude ... sendo um remedio preventivo da calvicie.
Unico depositario:
DROGARIA DIAS
R. Fanqueiros, 342 a 344 Frasco 2$50 ... 8$00. Todos frascos levam ... do seu verdadeiro auctor *LUIZ ALBERTO DA SILVA*.

Joalharia, Relojoaria e Ourivesaria
DE
JULIO REI, L.da
ex-empregado da *Joalharia Abreu*
Grande sortimento em joalharia, relojoaria e pratas por preços sem competencia
Antiga RELOJOARIA OLIVEIRA
30, Praça dos Restauradores, 31
(Palacio Foz)

A casa que mais barato vende — Ourivesaria e Relojoaria — Todos sempre grandes sortidos de objectos que vendemos SO' PELO PESO e joalharia que vendemos pelos ... garantias.
NOVA MEMORIA, ... de S. Paulo, 20
— LISBOA —

Banco Nacional Ultramarino
Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada
Fundos de reserva 26.000.000$
Assembleia Geral Extraordinaria
Por ordem do ... Ex.mo Sr. Vice-Presidente da Mesa da Assembleia Geral, ... convocada a mesma assembleia para ... trabalhos da Assembleia Geral Extraordinaria interrompidos em ... de setembro p. p., reunir no edificio do Banco, no dia 31 do corrente, pelas 14 horas.
Assunto: Circulação Fiduciaria nas Colonias.
Lisboa, 19 de outubro de 1921.
(a) Francisco Mendonça de Sommer.

A Urbana Portugueza
Fundada em 1888
Efectua seguros terrestres, maritimos, de cristais e gréves e tumultos.
Agentes gerais em Lisboa Eduardo de Noronha, Ld.ª, Rua Augusta, 58, 1.º
Telefone 1536 C.

RELOGIOS — *A Maior Variedade* —
Ourivesaria e Relojoaria Confiança
... DE ALMEIDA, LIMITADA
Grande sortimento em pratas para brindes e joias
Fanqueiros, 1 a 5 e 51 a 53

AZEITE PURO DE OLIVEIRA
Finissimo para conservas e consumo
PEDIDOS A':
SOCIEDADE EXPORTADORA DE PEIXE, Ltd.
RUA DE S. PAULO, 20, 1.º

Sapataria Januario
O mais perfeito Calçado de Luxo
Sempre os mais chics modelos
MEIAS FINAS
— Telefone Central 5527 —
78 - Rua Santa Justa - 80
188 - Rua Arco Bandeira - 186
Maquinas de escrever
ACESSORIOS, reparações garantidas — OLIVER, LTD. — Rua da Prata, 250, 2.º — Telef. 1188 C.

Agua da Certã
A Agua minero-medicinal da Foz da Certã apresenta uma composição chimica que a distingue de todas as outras até hoje usadas na therapeutica.
E' empregada com segura vantagem nas diabetes — Dyspepsia — Catarros gastricos putrido ou parasitarios — nas perturbações digestivas derivadas das doenças infecciosas — convalescença das febres graves — nas atonias gastricas dos diabeticos, tuberculosos, ... etc. — no gastricismo dos ... pelas ... ou ... etc.
Mostra a ... bacteriologica que a Agua da Foz da Certã, tal como se encontra nas garrafas, deve ser considerada ... pura, não ... bacillo coli ... nenhuma das especies pathogenicas que podem existir em aguas. Alem d'isso, ... que uma certa ... o Vibrião cholerico ... n'ella perdem toda a sua vitalidade, outros microbios apresentam ... resistencia.
A Agua da Foz da Certã não tem gazes livres, é limpida, de sabor ... ligeiramente acido, muito agradavel que ... bebida pura quer misturada com vinho.

Bénard Guedes
RAIOS X — DIATERMIA
Radio
Tratamento do cancro
Calçada do Sacramento — 10
Todos os dias às 4 horas — Tel. C. 1938

OURO E PRATA
— MUITO MAIS BARATO —
Só na OURIVESARIA
Correia, Mouza, Pimenta, Ltd.
124 — Rua de S. Paulo — 126

Casa das malas
Fundada em 1887
Joaquim da Silva & C.ª (Filhos)
O maior sortimento em Malas, carteiras e artigos de viagem
Rua da Prata, 110, 112 e 114 — LISBOA
TELEFONE CENTRAL 3416

Horta e Costa
Rins e vias urinarias
13, Rua da Trindade 12
Consultas das 2 às 5
TELEFONE 2431

Papelaria Camões
Grande sortimento de objectos para pintura a oleo e aguarela

A. Guerreiro
Da Escola Dentaria de Paris
Operações ... sem dor
Dentaduras sem chapa
R. de S. Paulo, 26
(junto ao Arco) Tel. ... 21

Leitaria GLOBO
— DE —
Rocha & Coutinho, Ltd. Tel. C. 3160
R. Conceição, 68 e R. Correeiros, 1 e 6
Puro Leite. *Especialidades em deparizes*
Serviço permanente de chá, café, chocolate, torradas, etc.

O Medico Conceição e Silva, J.or
— RETOMOU A SUA CLINICA DAS VIAS URINARIAS E DOS RINS em ... — R. DO OURO, 141

Novo Fanqueiro da Avenida
NETTO & CORREIA, Ltd.
Avenida Casal Ribeiro, 3, 5, 7 TELEFONE 2168 Norte
Exposição e Abertura da Estação de Inverno
Muitas variedades e grande sortido em todos os artigos da sua especialidade
RETROSEIRO, MODAS E CONFECÇÕES
— GANHAR POUCO PARA VENDER MUITO —

REGALEIRA-CLUB
DANCING PALACE — Telefone 3238
VARIEDADES E CONCERTOS
Jazz Band - Tziganes - Diners - Concerts
SOOPERS TANGOS
Magnifico serviço de Restaurant
ROBERT NICOL — Danseur de L'APOLLO de Paris

INTERESSA A TODOS!....

Marque déposée — INDIANA — Brillant sans rival pour la conservation des chaussures — Rapide la boîte bien fermée

QUEREIS conservar os vossos calçados pela aplicação de uma «Pomada» de absoluta confiança? — Usai a INDIANA, incomparavelmente a melhor pelo seu brilho pelas suas esplendidas qualidades de conservação do cabedal e ótima apresentação em cores: **preto, amarelo, castanho escuro da moda — completa novidade.**
A' venda nos principais Armazens de Cabedais, nas boas Sapatarias do Paiz e no Deposito Geral:
A' PELARIA FINA
Casa de bons artigos em SOLAS, CABEDAIS, ATACADORES e mais especialidades destinadas á confecção de calçado de Luxo e Vulgar
de Policarpo Junior, Limitada
RUA JARDIM DO REGEDOR, 13, 15 e 17 — LISBOA
TELEFONE C. 3223 — TELEGRAMAS: PELFINA — Agentes exclusivos de revenda para Portugal e seus dominios, Espanha e Estados do Brazil

Agua de CALDELLAS
Doenças do Figado e dos Intestinos
(entero-colite muco-membranosa e prisão de ventre)
DEPOSITARIOS:
BANDEIRA DE MELLO, L.DA
Rua Augusta, 75, 1.º e 2.º
Teleph. 2670C.

ULTRAMARINA Efectua seguros contra todos os riscos
Rua da Prata, 108, — 1.º
SINISTROS PAGOS ATE' 31 DE DEZEMBRO DE 1920 — Esc. 3.575.7..$83

Antonio Casanovas Augustine, L.DA
CAMBIOS E PAPEIS DE CREDITO
57, 59, 61, RUA DO COMERCIO, 57, 59, 61

SABÃO NACIONAL
Sabões — Tel. C. 2539
A COMERCIO EXPORTADORA L.da
R. S. Paulo, 104, 1.º

Furunculos, diabetes, doenças da pele e dos intestinos
Curam-se com
Formento d'uvas Formosinho
Recomenda-se exigir o nome FORMOSINHO
FARMACIA FORMOSINHO P. dos Restauradores 18
LISBOA

RITZ-CLUB
ESMERADO SERVIÇO DE RESTAURANTE
— *Concertos todas as noites* —
— VARIEDADES —
Um dos restaurantes mais chics de Lisboa
Praça dos Restauradores, 27, 1.º

PIANOS Bechstein e outras marcas
Representante:
J. H. Rodero d'Oliveira
50 — 53, 57 e 58
— A casa que mais barata vende — Ourivesaria e Relojoaria —
Temos sempre grandes sortidos de objectos que vendemos SO' PELO PESO e joalharia que vendemos com as maximas garantias.
VIUVA MARQUES — R. de S. Paulo, 260 — LISBOA —

CORTICITE
Estabelecimento EROLD, Ltd.
R. dos Douradores, 7

Ourivesaria e Joalheria
J. J. NUNES
171 — RUA DA PRATA — 171

Dr. Lelo Portela
— Clinica medico-sifilis —
RETOMOU A CLINICA
— Consultorio —
Tel.: C. 1883 — P. Luiz de Camões, 6

ASSIGNATURAS
DE
"Os Sports"
Portugal
6 mezes... 7$50
12 " ... 15$00
Estrangeiro
12 mezes... 30$00
Pagamento adeantado

Grande Café d'Italia
E sem duvida o café da moda
ALMOÇOS
serviço á la carte
— Rua 1.º Dezembro —

Banco Nacional Agricola
Soc. An. Resp. Lda.
SÉDE — R. de S. Julião, 108 a 106
LISBOA
Nos termos do artigo 8 e 12 dos Estatutos do Banco são convidados os Srs. accionistas a entrar com a importancia de Esc. 25$00 por acção, correspondente á 2.ª prestação do capital emitido, desde 15 a 31 de outubro corrente.
As cauteias representativas de acções devem ser apresentadas no acto do pagamento nos locais abaixo designados e nos correspondentes na provincia.
Lisboa / Evora — Banco Nacional Agricola
Lisboa / Porto / Chaves — Pinto & Sotto Maior
Pelo Banco Nacional Agricola
Os Directores
a) *Eduardo Fernandes d'Oliveira*
a) *Eduardo Correa de Barros*
a) *Joaquim Nunes Mexia*

ARTIGOS FOTOGRAFICOS
LUIZ ROSA
233 — RUA DA PRATA — 235

Prisão de ventre
E suas consequencias. Funcionamento metodico do intestino pelo LAXATIVO VEGETAL VERITAS. Infalivel e inofensivo, comprovado por centenas de pessoas que diariamente fazem uso dele. Preparado por Mendes & Braga, farmaceuticos — 108, Rua do Mundo, 135, Lisboa. — Telefone, 551.

Garlopas — Serras de fita 0,70 e 0,90 — Maquinas automaticas para afiar laminas de garlopa e ... EM ARMAZEM
SANTOS AMARAL, Ltd.
Rua da Palma, 225-9 — LISBOA
Telefone C. 1580

FITA ISOLADORA
Branca e preta
15 mm e 40 mm (Fabricação alemã). Ao melhor preço do mercado
SANTOS AMARAL, Ltd.
RUA DA PALMA, 225-9 — Lisboa
TELEFONE Central 1580

Escola Berlitz
30-A, Rua do Alecrim
• Abrem-se brevemente • novos cursos • para principiantes em •
FRANCEZ : : INGLEZ
: : Já está aberta : : : : a inscrição : :

Antiga & Pereira
Alfaiates
Novidades de Estação

PINTO & SOTTO MAYOR
BANQUEIROS
LISBOA - PORTO
Representantes em Portugal
— DO —
Banco Portuguez do Brazil
LISBOA
PORTO
R. do Ouro, 18 a 24
28, Praça da Liberdade, 29

Canetas com tinta
O que ha de melhor
PAPELARIA DA MODA
157 — Rua do Ouro — 159
LISBOA

Simões Bayão
(Laureado pela Escola de Paris)
Doenças da bocca, cirurgia, prothese e ortodoncia
Largo de ... 18 1.º
Telefone 3073

Use Agua, Crême e Pó de Arroz
"RAINHA da HUNGRIA"
e todos os productos da
Academia Scientifica de Belleza
que se encontra á venda nos seguintes estabelecimentos

Pharmacia Durão — Rua Garrett, 90.
Pharmacia Nascimento — Rua da Prata, 115 a 117.
Perfumaria Flôr de Liz — Rua Nova do Almada, 67.
José Feliciano Alves de Azevedo & C.ª — R. 1.º de Dezembro, 65, 65.
Pharmacia Avelar — Rua Augusta 29 a 27.
Silva Neves & C.ª — Rua da Prata, 289, 281.
Thomaz Mendonça, Filhos, Ltd. — Calçada do Combro, 43, 47.
União Commercial de Drogas, Ltd. — Rua Augusta, 105.
Perfumaria Paris — Rua dos Retrozeiros, 58.
Galeria Parisiense — Rua Garrett, 42.
Eduardo Martins — R. Garrett, 4 a 11.
Perfumaria Viuva Dias — Rua da Praça da Figueira, 40.
Camisaria Modelo — Rua do Ouro, 115, 117, 119.
Loja do Povo — Praça de D. Pedro, 87 a 92.
Brazil Elegante — Praça de D. Pedro, 7 a 9.
Farmacia Barreto — Rua do Loreto, 24 a 30.
Farmacia Silva Carvalho — Rua Eugenio Santos, 48 a 52.
Loja da America — Rua do Ouro, 300, 303.
Casa Africana — Rua Augusta.
Salão Mimoso — Rua Augusta, 282.
Neto Natividade & C.ª — Rocio.
Lopes & Mala, Ltd. — Rua do Ouro, 257 a 260.
Tatá & Rodrigues — R. Garret, 53, 55.
Farmacia Coelho de Jesus — Avenida da Liberdade, 5.
Carmona, Ltd. — Rua da Escola Politecnica, 265, 267.
Farmacia Ultramarina — Rua de S. Paulo, 99, 101.
Casa Santos, Ltd. — R. da Palma, 7-A.
Retrozaria J. Fernandes — Rua dos Retrozeiros, 79 a 83.
Henrique Xavier & C.ª — Rua do Ouro, 253, 255.
«Au Bon Marché» — Rua da Assunção, 45, 47.
Damião & C.ª — Rua Garret, 57, 59.
Camisaria Azevedo — Rocio, 31, 33.

Deposito geral para revenda
Academia Scientifica de Belleza
Avenida da Liberdade, 23-A
Telefone: 2641 — Telegramas: «Belleza»

Vamo ... diarias
110 e 220 volts
EM ARMAZEM
SANTOS AMARAL, L.da
Rua da Palma, 225-9 — LISBOA
Telefone C. 15 0

TIJOLO
PREÇOS SEM COMPETENCIA
ENTREGA IMEDIATA
C.ª Ceramica de Telheiras
L. do Directorio, 4, 2.º

TABACARIA ...
99 — Rua da Assunção — 99
TABACOS — LOTARIAS — AGUAS — REFRESCOS

AGUA DOS CUCOS
TORRES VEDRAS
A AGUA minero medicinal dos Cucos, unica no seu tipo em Portugal para o artritismo, reumatismo gotoso, rins e bexiga, tem além d'isso todas ... nas doenças das senhoras, ... e ...
A AGUA DOS CUCOS vende-se em toda a parte na linha do ... Deposito geral ...

PINTO & SOTTO MAYOR
BANQUEIROS
LISBOA-PORTO
Representantes em Portugal
— DO —
Banco Portuguez do Brazil
LISBOA
PORTO
R. do Ouro, 18 a 24
28, Praça da Liberdade, 29
Rua do Comercio, 136 a 140

Vidros ... de Lavagem (CAFES DA ...)
... qualidades
A' venda em ... drogarias e mercearias.
Depositario em Lisboa: ARTHUR BENAROS
Telefone 16 — Central
Poço do Borratem, 4, 4.º

HUGO BERGMAN
... Elektrizitaet Werke
... e 11 mm
EM ARMAZEM
SANTOS AMARAL, Lda.
Rua da Palma, 225-9 — Lisboa
Telefone C. 1580

OURIVESARIA ATHAYDE
E RELOJOARIA
PREÇOS SEM COMPETENCIA
Grande sortimento de objectos de ouro, prata e brilhantes
Rua Fernandes da Fonseca, 1
Esquina da R. da Mouraria, 101 a 103

AZULEJOS telha, tijolos, etc.
Ceramica Lusitania "LISÉ",
Preços sem concorrencia
Agencia em Lisboa — Gilman Santiago, Lda. — L. S. Julião, 7, 2.º

MOBILIAS E ESTOFOS
Bizarro da Silva, Limitada
(Antiga casa) Bizarro da Silva & C.ª
... 62, 64
— o Rua dos Correeiros, 21, 20
Grandes descontos em todos os artigos

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

Pensar, sentir e dizer a verdade é um dos caminhos que conduzem á gloria.
Os politicos esquecem depressa porque...

JEREMIAS

N.º 3948—12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Sexta-feira, 9 de Dezembro de 1921 | Telefone n.º 2298 — Endereço Tel. CAPITAL — Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

A Constituição e os partidos

Um telegrama do Porto publicado nos jornais da manhã diz que as comissões politicas do Partido Democratico daquela cidade reuniram sancionando a moção aprovada pela Comissão Municipal em que se protesta contra as transigencias humilhantes dos partidos perante a infracção constitucional que o adiamento das eleições representou. Nesse sentido se redigiu uma moção que foi aprovada depois de sobre ela terem falado os srs. major Pinto da Fonseca e dr. José Domingues dos Santos.

A atitude do partido democratico não é para surpreender, depois de conhecida a atitude de «A Tribuna» que desse partido é orgão na capital do norte. Na «Tribuna» se defendeu desde logo a boa doutrina, que não podia deixar de interpretar a opinião dos seus correligionarios.

O adiamento das eleições foi um diploma ilegal, firmado pelo sr. Presidente da Republica sem duvida sob o espirito duma coação, pelo menos moral, que o levou a sair fóra da Constituição, duma fórma ainda mais grave do que a do sr. Manuel de Arriaga quando sancionou o encerramento das *Camaras, creando a ditadura Pimenta de Castro.* Os republicanos *democraticos* do Porto reagem contra a violação constitucional, reagem contra a dictadura, condenando a atitude fraca dos partidos que nessa violação consentiram. Não se pode dizer que estejam fóra da logica e da dignidade dos principios.

O que se acaba de passar constitui, com efeito, um precedente horrivel. A violação constitucional de que o presidente Manuel de Arriaga infelizmente se tornou reu, sanou-a a revolução de 14 de Maio, restabelecendo a integridade da Constituição da Republica. No momento actual, em vez de se arripiar caminho, fala-se já em que nem sequer em 8 de janeiro haverá eleições, porque não se vê maneira de o paiz sancionar, nas urnas, um movimento que lhe repugnou.

Não são só, de resto, os democraticos do Porto que protestam contra a atitude dos directorios dos partidos que dispuzeram da honra da Republica e das garantias da nação como se fossem cousas suas. Ainda anteontem, na «Republica», o sr. Ribeiro de Carvalho, uma das figuras mais preponderantes do partido liberal, exprimia a opinião de que mais valia que os partidos tivessem morrido do que se tivessem rebaixado a colaborar num acto em que o estatuto fundamental da Republica era pisado aos pés precisamente para se evitar o triunfo completo desses partidos nas urnas.

A situação é, na realidade, o mais lamentavel possivel. Os partidos, em qualquer regimen representativo, não teem o direito de tomar certas atitudes. A de agora afeta a propria estructura das instituições, e colide com os mais sagrados interesses da Patria.

Os directorios dos partidos não tinham o direito de, para se esquivarem a responsabilidades que a sua recusa lhes estabeleceria, aceitarem uma situação não só humilhante para eles, mas para a Republica. Foram tambem coagidos moralmente? Então que o reconheçam, e procedam como o seu dever lhes impõe. Ainda se compreende que um homem fraqueje; um partido, nunca.

Vice-Almirante Machado Santos

Realisando-se no proximo domingo 18 do corrente, o cortejo funebre á memoria do Fundador da Republica, a Comissão Organisadora, convida todas as coletividades e todo o povo republicano a incorporar-se no cortejo que sairá da Rotunda pelas 13 e meia horas em direcção ao Cemiterio do Alto de S. João, sendo o itenerario o seguinte:

Rotunda, avenida da Liberdade, Rocio, rua do Betesga, rua dos Fanqueiros, rua da Palma, avenida Almirante Reis, rua Morais Soares e cemiterio.

Toda a correspondencia, deve ser dirigida ao secretario da Comissão, sr. Eurico de Jesus, rua Antonio Pedro, 72, frc., dt.

A conferencia do desarmamento

e o perigo amarelo

A conferencia de Washington para a limitação dos armamentos, com a adesão da America Latina, constitue, talvez, o mais importante de quantos congressos ainda se reuniram após a ultima guerra.

A conferencia do desarmamento é um complemento necessario á objectivação das idéas e dos principios *defendidos* e aceitos pelo Tribunal da Liga das Nações.

E tanto isso é verdade, que o Secretario de Estado, Mr. Hugues, estava compenetrado—informam os telegramas—de que a realização de um convenio de tal natureza dependia, em grande parte, da magnanimidade da opinião publica do mundo.

Os Estados Unidos, graças ao seu prestigio inconcusso e á sua força prodigiosa no terreno da actividade pratica, dispõem, de toda a autoridade para discutir o problema da paz.

A Conferencia de Washington não é uma simples fantasia de filosofos idealistas ou de sociologos desencantados.

Basta considerar que, numa reunião dos representantes de vinte republicas americanas, efectuada recentemente, os povos da America Latina se manifestaram de perfeito acordo com os intuitos da conferencia de Washington.

De certo, ela nos trará surprezas e «agradaveis desilusões».

A teoria da egualdade juridica dos Estados, defendida por tantas vozes *ilustres, será o ponto de partida para* a victoria da tese da limitação dos armamentos.

Os povos que *adeririam á reunião* de Washington aspiram a realisação *de um acordo* que asseguro uma redução *substancial e progressiva da* carga dos armamentos impedindo a *exportação* de munições de guerra por firmas particulares *de um a outro* paiz.

Mas, é licito perguntar se a conferencia de Washington significa a paz ou a guerra.

Porque a civilisação contemporanea não acredita na eficacia da Liga *das Nações.* A prova desse scepticismo *universal* é que nos circulos politicos da Europa e da America vai ganhando terreno a idéa da creação de uma organisação internacional, que se reunirá uma vez por ano, *afim de* discutir os problemas que afectam os povos nas suas relações externas.

Entendem os Estados Unidos, — guiados pela politica pragmatista do sr. Harding, — que a influencia da Liga das Nações deve-se limitar á Europa e que é necessario estabelecer uma outra que tenha um campo *de acção mais vasto.*

Uma assembléa em que se discutissem com a maior sinceridade os problemas do momento — dizia ha pouco o presidente Harding — *seria uma força moral que contribuiria para que as nações cumprissem os* acordos e os tratados concluidos e na qual os povos poderiam submeter á critica os seus interesses antes que esses adquirissem um caracter perigoso para a paz universal.

O tratado secreto que a Inglaterra mantem, ha tantos anos, com o Japão, *é ainda um vestigio dessa perigosa* diplomacia que vai desaparecendo com as exigencias do novo direito internacional e a necessidade do «equilibrio potencial» entre as nações.

O interesse da conferencia de Washington será tanto maior se considerarmos que, ao lado do problema do desarmamento, serão discutidas as questões do Pacifico e do «perigo japonez».

Lord Northcliffe nutre esperanças *de que a conferencia manterá a paz* no Pacifico.

Mas a presença do Japão, na reunião de Washington, é um sintoma de dissidencias e de antagonismos radicais.

Os problemas do Pacifico não teriam solução se não tivessem como base a amisade anglo-americana, e *por esse motivo, a aliança anglo-japoneza,* já sem eficacia, é o factor dominante para o fracasso de um acordo, *por que deixa os Estados Unidos* definitivamente isentos de qualquer ingerencia no assunto...

As ambições imperialistas e as idéas de hegemonia manifestadas pelo Japão, que procura a todo o transe absor*ver e aniquilar pela fome as raças* depauperadas do extremo oriente, não serão de todo estranhas á conferencia *do desarmamento.*

A reunião de Washington não tardará que apresente o Japão como inimigo da paz universal.

O perigo amarelo—denunciado pelo ex-Kaiser, *será mais uma vez revelado ao mundo*, como na conferencia de Haya, realizada em 1907, os delegados das nações revelaram a ameaça alemã.

A Inglaterra e os Estados Unidos reduziram bastante os seus gastos navaes, emquanto o governo do Mikado está dispendendo grandes somas com armamentos e munições de guerra.

Essa proporção é de 51 % do total dos gastos nacionais da Gra-Bretanha e de 24 % dos gastos dos Estados Unidos.

A delegação portuguesa na conferencia — Palavras do Visconde de Alte

LONDRES, 8 — Na reportagem que agora se está publicando, feita pelo correspondente especial dum grande jornal londrino, faz-se uma especial referencia á delegação portuguesa e ao seu correspondente, sr. Visconde de Alte.

O referido correspondente atribui ao nosso ilustre diplomata as seguintes palavras:

«Que a delegação portuguesa viu com prazer que as das outras nações representadas na conferencia tinham exprimido um criterio identico ao seu no que se refere a desejar que exista uma China prospera e unida, associando-se com todo o gosto aos seus colegas para a consecução de tal objectivo. — (Lat.-Am.)

A atitude dos delegados japonezes

WASHINGTON, 8—A boa fé dos delegados japonezes na Conferencia é reconhecida por todos. Os delegados foram acreditados com poderes especiais para resolverem qualquer questão ou assunto da Conferencia, mas desde que esta começou deram-se factos importantes no Japão que alteraram a sua situação politica, como o assassinio do presidente Hara, o unico politico capaz de harmonisar os liberais com o partido militarista. Portanto, o barão Kato não quiz assumir a responsabilidade duma decisão, que fosse obrigatoria para o Japão e limitou-se a enviar o «dossier» para Tokio, recomendando a sua aprovação. As ultimas noticias recebidas de Tokio particularmente, dizem que a proposta Hughes causou boa impressão, dando-se como certo que a resposta será favoravel. Esta noticia de fonte segura, produziu grande regosijo na America.—(Lat. Am.)

A conferencia vai fazer declarações sensacionais

WASHINGTON, 8.—Depois da resposta que se espera de Tokio, a Conferencia fará declarações sensacionais, sendo a mais importante a da anulação do tratado anglo-japonez. Os delegados japonezes estão nas melhores disposições para anula-lo. Londres e Tokio terão que resolver ou cancelar certos atritos antes da anulação definitiva do tratado; mas sejam quais forem as decisões, é ponto assente que não haverá alteração nas relações de amisade entre a Inglaterra e o Japão devido á forma como as discussões teem sido conduzidas na Conferencia.—(Lat. Am.)

Espera-se com anciedade uma resposta de Tokio

WASHINGTON, 8. — Espera-se com anciedade a atitude que Tokio assumirá perante o questionario remetido pelos delegados japonezes, e se a resposta fôr favoravel á proposta Hughes, pode considerar-se assegurada com exito a resolução do desarmamento naval pela Conferencia de Washington.

Foi uma reunião historica a do ministro dos Estados Unidos, ó presidente da Conferencias, sr. Hughes, com o delegado inglez sr. Balfour e ministro dos Estrangeiros do Japão, barão Kato, que discutiram particularmente a questão do desarmamento de que resultou o desaparecimento das apreensões e desconfiança que o Japão mantinha sobre a atitude dos Estados Unidos.—(Lat. Am).

Fidalgos-artistas

Saiu ha pouco um novo livro do Conde de Sabugosa. E' um volume a acrescentar á obra dum dos mais nobres homens de letras de que se orgulha Portugal. O autor delicioso desses versos encantadores a um «velho alabardeiro»; o historiador sintilante desse fresco modelar que é o «Paço de Cintra»; o contista leve, gracioso, elegante dando á frase a levesa das rendas e o preciosismo das joias—o fidalgo cuja nobresa das melhores se esquartela a oiro na «Sala dos Veados» tem ha muito na literatura portuguesa um logar de excepcional relevo. E' um mestre. E' dos que marca. A «Academia» abriu-lhe já as suas portas doiradas; a consagração suprema cobriu-o ha muito de louros—e entretanto o descendente glorioso dos Cesares continua dia a dia, sem um desfalecimento a remecher, a procurar a investigar na tranquilidade profunda e solarenga da sua biblioteca de Santo Amaro, a folhear os seus manuscritos, os seus tombos seculares e a dar-nos de quando em quando, numa linguagem que tem por vezes a suntuosidade dos velhos panos d'Arraz, o producto dos seus estudos sempre carinhosamente feitos. No seu ultimo livro é a mulher de D. João II, D. Leonor, sombria, taciturna, misteriosa, inexplicavel, «sobre cuja memoria pesa uma suspeita horrivel» que surge menos inexplicavel e menos misteriosa—e talvez um pouco mais redimida...

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

Os empregados publicos reclamam...

Fala o sr. Nogueira de Brito

Constando-nos que em virtude das suas reclamações não terem sido ainda atendidas, os funcionarios publicos se declaravam brevemente em gréve, achámos interessante e oportuno ir colher a opinião de alguem que sobre o assunto nos pudesse elucidar.

E assim, fomos ao ministerio do Interior procurar o distinto funcionario sr. Nogueira de Brito, que mais se salientou quando da ultima gréve do funcionalismo publico.

O sr. Nogueira de Brito acolhe-nos com um sorriso amavel e oferecendo-nos uma cadeira junto á sua secretaria pejada de papeis, diz-nos:

—O funcionalismo não pensa, pelo menos por agora, em declarar-se em gréve, pois de forma alguma nós queremos acarretar a pesada responsabilidade de mais tarde sermos acusados de termos concorrido para o descalabro politico e financeiro deste malfadado paiz.

—Mas, finalmente, que exige o funcionalismo publico?

—Pouca coisa, meu excelente amigo, apenas o cumprimento da lei no que respeita ás subvenções concedidas pelo Estado para a diferença do aumento do custo da vida.

—Mas não continuam os funcionarios recebendo essa subvenção?

—Sim, continuam, mas a lei estipula que essa subvenção varie segundo o preço a que estiver marcada a ração de viveres a cada marinheiro.

«Ora *presentemente* o custo dessa ração aumentou duma forma consideravel, *o que é compreensivel* em face do aumento progressivo dos *generos alimenticios*, mas nem por isso a nossa subvenção foi aumentada em um centavo!

«Tambem se o preço da ração dos marinheiros fosse menos, todos nós estamos certos de que o Estado imediatamente nos reduziria os vencimentos, o que de maneira alguma seria justo em face da parcialidade, que nos prejudica, com que os governos teem encarado a nossa situação economica.

«Apesar da tão falada equiparação de vencimentos posso assegurar-lhe que a desproporção continua existindo entre os funcionarios dos diversos Ministerios, recebendo alguns maior vencimento a pretexto das «especialidades» de que estão entregues.

«Ora especialidades todos nós as temos, creio eu. Um funcionario das finanças não desempenha o meu logar, assim como eu não saberia desempenhar o seu!..

E concluindo, o sr. Nogueira de Brito acrescenta:

— Ora são estas e outras injustiças que os funcionarios desejam ver terminadas, sem que por tal facto pensem declarar-se em gréve, tanto mais que o governo já nos prometeu estudar tão magno assunto.

Os apocrifos

Era e não era, andava lavrando, tinha um neto, chamado Fernando...

Tudo vai bem, Sentimo-nos hoje absolutamente panglossico. A ordem nas ruas é perfeita, embora a desordem nos espiritos seja cada vez maior. O custo da vida sobe de dia para dia mas, paralelamente, aumenta o numero das notas do Banco de Portugal, vulgarmente conhecidas sob a alcunha graciosa de papel moeda. Ora, se as notas aumentam em quantidade, crecem correlativamente as probabilidades de nos virem algumas parar ás mãos, visto que já se esgotaram as que nos couberam no fim do mez passado. Tudo vai bem, no melhor dos mundos possiveis e imaginaveis!...

Estas ideias são, por força, do agrado do governo e do seu Olho Vigilante, que é a Policia de Segurança do Estado.

De resto, num paiz onde tudo é provisorio, já não era dificil ir vivendo ao Deus dará, mas agora que, além de provisorio quasi tudo desatou a ser apocrifo, mais aptos nos sentimos para a vida «au jour le jour», sem cuidados e sem canceiras. Leve o diabo paixões!

Já possuiamos um apocrifo oficial, que assim foi classificado o programa revolucionario outubrista,—programa que, aliás, é invocado a todo o instante pelo governo, no governo e fora do governo.

Como nunca o vimos efectivado, crêmos que, realmente, o tal programa era provisorio e, como tal, se tornou definitivo por passar a fazer parte do patrimonio nacional, como os côches realengos e o talento do sr. Antonio Cabreira. Somente admitimos que é apocrifo, para não desfazermos na palavra honrada do primeiro governo outubrista, que solenemente o afirmou á Nação azambumbada.

Já temos, todavia, outro apocrifo para fazer companhia ao programa. E esse sugeitinho é o banquete a que ontem não assistiu o sr. coronel Manoel Maria Coelho. Quem revelou ao mundo a apocrifidade do banquete foi o não homenageado, que assim o disse no «Seculo», garantindo a veracidade da noticia sob sua palavra de honra. Não é licito, a ninguem, duvidar de tal afirmação, assim garantida. Logo, não houve banquete, nem lá foi o ilustre oficial ex-comandante em chefe, nem se lhe prestou homenagem, nem se preferiram discursos, nem se deu, após o banquete, um ligeiro conflicto na Brasileira. Tudo falso. Tudo apocrifo!

Resta-nos agora esperar, pacientemente, que seja tambem declarado apocrifo o decreto que adiou as eleições... Emquanto tal diploma não é injétado na Nação, nós resaremos, todas as manhãs, ao levantar da cama, e todas as noites, no encafuar o corpanzil em vale de lençoes, o Padre Nosso Nacional,—a mais sintetica oração do arrevesado fatalismo que doura o caracter de todo o portuguezinho que se presa de o ser e que, como o Raposão, assigna sempre d'Aquem e d'Alem-Mar:

«Era o não era, andava lavrando e tinha um neto, chamado Fernando; o pai era morto e a mãe por nascer. Vai o pobre diabo, que havia de fazer? Poz as pernas ás costas e deitou a correr!...

Questões do dia

Fala-se, crêmos que com fundamento, na reunião por direito proprio, do Parlamento dissolvido

Não ha ninguem que, de boa fé, possa negar ilegalidade flagrante no decreto que adiou as eleições para 8 de janeiro.

A sua inconstitucionalidade é manifesta. E, como consequencia, tambem é incontestavel o direito que assiste ao Parlamento dissolvido, de reunir e deliberar, onde quizer e como quizer. A questão é que o possa fazer...

Para que o Parlamento dissolvido afirme a sua existencia de facto são suficientes tres parlamentares, constituindo a mesa da Camara dos Deputados, e tres senadores, numero suficiente para se organisar a Mesa do Senado. Com este numero minimo de legisladores, o Congresso não deliberará, por falta de numero, mas nem por isso deixarão de ser abertas e encerradas as sessões. Mas nós podemos afirmar que o numero de deputados partidarios do funcionamento do Congresso são em muito maior numero que os seis indispensaveis.

As circunstancias de hoje são já muito diferentes daquelas que orientaram os partidos na declaração oficial da sua cumplicidade no acto ditatorial do adiamento das eleições. Os directorios da Conjunção Republicana declararam que não criariam dificuldades ao governo após esse acto, porque lhes fora afirmado, em nome do Sr. Presidente da Republica, que assim o exigiam os altos interesses da Nação, postos em risco por provaveis alterações da *ordem publica*. Mas logo em seguida veio o governo a rectificar que tudo ia bem, que a ordem estava *garantida, que não havia perigo*, etc., etc.

Logo (dizem já os directorios) desapareceu *a causa do adiamento* e é legitimo que se submeta, nos abismos insondaveis do Averno, o decreto dictatorial que impediu o funcionamento regular dos colegios eleitorais. Reuna, pois, o Congresso dissolvido, restabelecendo-se o imperio da Constituição. A corrente de opinião, a tal respeito, pode começar a classificar-se de nacional, se exceptuarmos o que se diz (embora sem se pensar nos armazens do Terreiro do Paço.

Lembra-nos, a proposito, um episodio historico, que vamos citar de memoria e que fica sugeito, portanto, a rectificação de quem a possua mais fiel que a nossa e lhe dê na gana de ditar condição. Ora o episodio reduz-se, de resto, a uma frase, que é exacta, e que, na hipotese portugueza, é, presentemente, a unica coisa de valor.

A Duma fôra dissolvida, mais uma vez, pelo Czar Nicolau da Russia, ainda no quasi pleno exercicio da sua autocracia. O gesto despotico do infeliz soberano foi verberado na presença do primeiro ministro britanico. Apezar da situação oficial que o obrigava a ser discreto, ele exclamou, sem hesitar:

—A Duma morreu? Pois viva a Duma!

A monarquia de Bragança dissolvia parlamentos como se eles fossem regedorias de infima especie. A Republica, em onze anos, dissolveu dois congressos ilegalmente e outros dois abrigada na letra constitucional, sendo discutivel se o fez fundada no seu espirito. Contra a letra e o espirito da Constituição foram adiadas as eleições, o que deu foros de automatica anulação ao decreto de dissolução ultimamente fulminado contra a Representação Nacional.

Que acontecerá áqueles que, tendo por si a lei, não disporão talvez da força material, representada pela ceguêira homicida de espingardas e canhões? Pode muito bem acontecer que, sobre o «chiffon de papier» se venha a inscrever a fatal divisa, que foi a obsessão do Kaiser e a aniquilação da forte e invencivel Alemanha: «La force prime le droit»...

Julio Dantas

A Academia de Sciencias de Lisboa, na sua sessão de ontem, elegeu o nosso ilustre colaborador sr. dr. Julio Dantas, presidente da classe de letras.

«A Capital» felicita o eminente homem de letras por mais esta honrosa distinção.

SCENA POLICIAL

(Caricatura de EDUARDO FARIA)

— Não lhe disse a ultima vez que foi preso, que não queria torna-lo a vêr.

— Disse; sim senhor; mas por mais que eu o repetisse aos policias, nenhum me quiz acreditar.

A feira de Lisboa

A sua realisação constitui uma grande obra nacional

As *exigencias da expansão* industrial alemã criaram as trez grandes feiras mundiais de Leipzig, consagradas pela tradição da cidade—a do 1.º de janeiro, a da 3.ª segunda-feira depois da Pascoa, e a do primeiro domingo, depois do S. Miguel. A feira da Pascoa era consagrada especialmente ás artes graficas. Com o correr dos tempos a concorrencia dos interessados europeus de Leipzig foi reclamando nos diversos paizes as vantagens que podiam resultar para a actividade comercial, na generalisação desses certamens anuais e assim a Suissa inaugurou ha poucos anos a suas feira com um sucesso estrondoso.

Apesar do incremento que as feiras teem tomado nos diversos paizes, a feira de Leipzig, de 2500 que eram ha quatro anos os seus expositores subiram neste ano a 15.000. Entre estes não é nada desproporcional a percentagem dos expositores estrangeiros, cujo numero é cada vez mais elevado. A feira é hoje um factor importantissimo como consolidor de tendencias e como ponto intercambial de observações e de troca de ideias. Cerca de 30.000 estrangeiros de vinte e cinco nações diferentes comungaram na interinidade corrente de um fluxo e refluxo de 140.000 almas que num grande ambito procuram impressões e decidem de interesses importantes.

Uma grande feira é não só uma manifestação de actividade do mundo comercial, como tambem um concurso de estimulos morais.

Na epoca actual—momento economico de crise geral—todas as nações procuram valorisar os seus recursos e estimular as suas energias productoras. A propaganda pelas feiras é uma das medidas mais eficazes de tornar conhecida a produção nacional e de fazer a concorrencia aos productos extrangeiros.

A depreciação da moeda dos paizes que vivem na luota economica, a começar na Alemanha obriga a confiar nos resultados praticos das feiras, que não são mais do que uma organisação que tem de revelar vida e actividade.

A Alemanha, em face das consequencias do tratado de Versailles, que dificilmente permite a sua vida economica se possa manter num relativo estado de desafogo, trata de desenvolver a feira de Leipzig como elemento de propaganda á sua exportação. E assim para fazer concorrencia ao comercio de outros povos abre ela agora as portas do seu proprio mercado na sua maior e mais tradicional exposição: a Feira de Leipzig.

Pela comissão central do Reichstag previo-se no orçamento de 1921 uma quota de cinco milhões de marcos para a feira futura. Esta doação não prejudica a proposta de vinte milhões sobre o orçamento passado.

Da ultima feira de Paris tambem se espera resultados praticos importantes.

A nossa feira do Porto, realisada em julho deste ano tambem representou um esforço admiravel levado á pratica pelos seus organisadores.

E' preciso agora que para a feira de Lisboa se empreguem todos os esforços, se ponham de parte quaisquer rivalidades e dissidencias que ouvimos vaticinar na capital do norte, a proposito da feira actualmente em preparação.

E' preciso tambem atender a que o verdadeiro meio de propaganda nas feiras é o bom e fino arranjo das armações e das montras, em cada vitrine propria de cada firma ou expositor.

Segundo os conselhos dados por entidade competente, que alude aos preparativos da feira de Leipzig que se atenda a que: «a montra é quasi que o «tudo» de uma feira, porque o «tudo» das feiras é mostrar» e dois terços do que se mostra bem é venda certa. A venda sob boas impressões já é por si só um bom lucro, porque o tempo tambem é dinheiro e este entra melhor com a rapida saida artigos pela sua boa atração.

Logo, mostrar bem, é vender mais depressa é desempatar melhor o capital.

Tem-se constatado muitas vezes, sobre varias feiras que o numero de bons «stands» arquitectados com espirito—com sentimento de propaganda—é um geral minimo, em relação á totalidade das instalações. Não se pode comtudo fazer muita questão de arte nas vendas de uma feira, mas dali a querer abandonar o sentimento estetico vai um abismo.

A exponenciação dos valores é tambem uma arte como outra qualquer; é abstracta nos numeros mas é concreta nos mostruarios... Quem bem «expõe», melhor «dispõe» e mais certo «compõe»...

As feiras de hoje teem de se parecer com as de Leipzig, como se realisou já a feira do Porto. Tem de se mostrar o que mais necessario se torna ser conhecido e empregado, como de melhor vantagem são os productos da industria moderna. São os tecidos, ou a estamparia, a metalurgia, os progressos da fisica, da quimica e da mecanica.

A feira de Lisboa ha de apresentar grandes dificuldades na sua realisação, pela falta de instalações a aproveitar, o que não sucedeu com a feira do Porto, que dispoz do Palacio de Cristal, que sendo um recinto acanhado foi inteligentemente aproveitado. Na feira de Lisboa está tudo por fazer; mas é preciso que não se desanime, que se meta hombros a essa empreza, para a qual o Estado tem de concorrer com uma quota importante, para se proceder ao arranjo do local destinado á instalação dos «stands».

A feira de Lisboa é uma das obras nacionais de maior alcance economico e por isso todos que possam contribuir para o seu exito colaboram numa obra de verdadeira riqueza.

J. CORREIA DOS SANTOS

No sanatorio de Manteigas

O ilustre director sr. dr. Almeida Manso tem tido ocasião de recomendar na sua clinica o uso da «Fibrocalcina» e da «Zomobrinse» no tratamento dos tuberculosos.

Factos e palavras

A PROPOSITO
... DE UM TIRO

Não conhecem a historia?

O sr. Matias grande amador de reuniões familiares, palestras amenas a um canto de sofá, de recitativos, de valsas, de anedotas e de outros generos de distração, era intimo de tudo o que havia de melhor na burguezia citadina.

Jantar aqui, jantar ali, muito digno, de frack, sempre com frases muito conceituosas, e um grande sorriso de bonomia, que lhe atraía dedicações.

Depois do jantar vinha a conversa, as ultimas aventuras da Cacilda, aquela separada do marido que tanto dava que falar, a carestia de tudo que obrigára o Miguelsinho a fazer gatunices, e o Chiado e os cinemas...

Matias ouvia tudo com um aspecto triste, a murmurar por entre dentes:

—Miserias, tudo miserias...

Mas de repente a face de Matias iluminava-se:

—V. Ex.as não ouviram um tiro?

Não, ninguem tinha ouvido tiro algum.

A dona da casa—era fatal!—levantava-se logo, ia á janela, que seria?

Então, por instantes tudo ficava silencioso á espera de segundo.

Mas a noite continuava adormecida. Então Matias contristado declarava: —Fui eu que me enganei... E' lamentavel!... Mas... a proposito de um tiro: V. Ex.as não conhecem aquela anedocta...

Era o truc fatal e habitual. Javoulava-se o tiro e a proposito ...e ele vinha a anedota vinte vezes contada, repetida, com sorrisos indulgentes no final.

O Matias terminava com gargalhadas satisfeitas:

—Tem graça, não acham, tem imensa graça. Esta é do Antoninho, se a ouvissem contada por ele, tem muito espirito.

E a vida da cidade retomava as honras da conversa...

Ora este truc do tiro é alem de esplendido para se meter uma anedota descabida, um belo meio de fazer uma cronica, quando a cronica não existe para ser feita.

BOTTO DE CARVALHO

❖ ❖ ❖

No jardim de Luxemburg foi, ha tempo, plantado um carvalho em honra de Gallieni. M. Eugène Figuièr, que tal iniciativa tomou, tem podido ver, assim como os seus convidados, que a arvore se desenvolve lindamente! Os amigos de Paris, os antigos combatentes, todos os que teem o culto da arvore todos os que recordam o defensor de Paris, vão, em romagem, até junto da arvore que a piedade e o amor dos jardineiros cercam de cuidados.

A peregrinação é intima, sem discursos, sem snobismos. Daqui por cincoenta anos, talvez se realise então cerimonia mais viva, mais comovedora sob a sua ramaria, que espalhará sombra deliciosa,—mas a emoção não será tão viva como aquela com que a arvore foi plantada e ainda como a daqueles que, em romagem piedosa, vão visital-a, recordando Paris nas primeiras horas da guerra!

❖ ❖ ❖

Neste paiz de teimosos e de casmurros ninguem se lembra que ha uma ordem natural que tem de ser seguida e que se dum lado ha inteligencias do lado contrario tambem as pode haver.

Este facto, á primeira vista tão simples, tem uma enorme influencia na vida politica portugueza.

❖ ❖ ❖

Consta que vai ser mandado traduzir para portugues o livro de Pierre Louis «Les aventures du Roi Pausole».

Pensa o autor desta ordem eleva-la como livro-base da Nova Faculdade de Politica. Não garantimos a veracidade desta noticia.

❖ ❖ ❖

Em 12 de Fevereiro dia do seu nascimento será celebrado em Paris o 1.º centenario de Gustavo Flaubert. No Luxemburg será inaugurado um monumento.

Um banco de pedra trabalhada sobre o qual se ergue uma coluna encimada pelo busto de Flaubert.

Duma simplicidade tocante—irmão nas letras de Eça de Queiroz—terá a consagração oficial a que tem direito.

As letras

A Livraria Editora do Porto, editou um interessante livro de cronicas de D. Francisco Manuel de Melo, sob o titulo de «O poeta Melodino» com prefação de José Pereira Soares.

— Entrou no prelo o livro de Augusto Martins «Prosadores».

—O sr. dr. Almeida Lima, vai publicar um livro sobre assuntos astronomicos.

—O distinto cirurgião sr. dr. Samuel Maia vai reeditar o seu livro «Bons Ares».

Como desaparecem certas tradições inglesas

Uma residencia historica como a de Stowe House foi arrematada por 50 mil libras

A noticia de haver sido vendida em Londres, ultimamente, a Stowe House, residencia palaciana que pertenceu aos duques de Buckingham, pela ridicula quantia de 50 mil libras esterlinas, despertou a atenção para uma extraordinaria evolução social e economica que se vem operando na Inglaterra desde a assinatura do armisticio.

O Stowe é um dos muitos palacios que no reino inglez tem sido vendidos nestes ultimos tempos e seus grandiosos jardins e magnificos parques constituem uma pequenissima fracção das muitas propriedades que mudaram de donos. Não passa um dia sem que os diarios londrinos não anunciem vendas de propriedades de todos os tamanhos e variedades e ao publico inglez não mais surpreende ouvir que as propriedades mais historicas e cheias de tradições estão esperando a oferta de quem mais der.

O «Eden Hall», em Cumberland, residencia dos morgados, cuja «Sorte» inspirou a Longfellow uma das suas formosas baladas, por exemplo, está á venda ha varios mezes sem encontrar comprador. Em abril ultimo, um castelo Plantagenet genuino, com os seus salões para banquetes, suas muralhas e outras particularidades excelentes, em perfeito estado de conservação, foi alugado com todo o mobiliario por seis libras esterlinas por semana!

Cousas a que urge obedecer

O alto custo da vida actualmente e as pesadas contribuições constituem a causa primordial de muitas familias e seus herdeiros se virem obrigados a desfazer-se das suas mais queridas propriedades. Mas a verdadeira razão dessas medidas não está realmente no facto de essa ou aquela familia haver empobrecido; o motivo tem origem mais profunda na propria vida nacional.

Depois da guerra se produziu na Inglaterra uma notavel alteração nos costumes, bem como uma modificação no gosto da sociedade, que havia feito famosas essas inumeras residencias do paiz, não obstante a rara beleza e encanto dessas residencias estarem fóra de epoca.

Pensemos um pouco na Stowe House com os seus tresentos metros de artisticos muros que guardam a entrada, suas series de magnificos salões, seu hall de marmore, imitando o Pantheon Roma, o salão de armas e a capela, vendido por uma bagatela! Tão sumptuoso é esse edificio, que a rainha Victoria consentiu, certa vez, que se realisasse ali uma reunião da côrte. Os seus jardins são igualmente uma maravilha daquela paisagem, que tanto admiravam os personagens inglezes do seculo XVIII. Sua incomparavel alameda, formada por esbelissimos olmos, é um quadro de pequeno encanto.

Se tudo isso fosse construido agora, custaria uma verdadeira fortuna! Isso sem contar com as numerosas estatuas e outros ornamentos que embelezam o conjuncto. Em épocas remotas essas residencias tinham sua razão de ser e bem valia empregar nelas grandes somas de dinheiro e especial cuidado em conserva-las. Quando Lord Cobam e Lord Temple, no seculo XVIII, construiram Stowe House e delinearam os seus terrenos, havia oportunidade no meio para que as grandes propriedades territoriais. Exerciam eles uma verdadeira influencia no governo do paiz, que tinha grande poder no mundo, não só social como politico.

Horacio Walpole, o celebre politico e escriptor inglez, visitava frequentemente Stowe House, chegando a ser este o centro principal das intrigas politicas que tinham logar nos meados do seculo XVIII. Lord Cobham estava em oposição a Sir Robert Walpole, sendo por conseguinte um caso de necessidade, pois, amigo de Frederico, principe de Galles, ainda que um pouco mais tarde, devido á atitude assumida pelo sucessor de Lord Cobham, pode-se dizer que Lord Temple pôde exercer um profundo efeito sobre os destinos da America.

Sabe-se que o comprador de Stowe House está inclinado a oferece-lo ao governo inglez. Não se vê mesmo como pode o seu novo proprietario utilisar-se dela visto ser um tanto longe de Londres e de outros logares de grande população e, sendo assim, melhor será transforma-la em magnifico colegio nacional, para o que se presta admiravelmente. Portanto, a rapida modificação na posse dessas antigas residencias, não obstante o pezar que todo o inglez deve sentir, vendo como passam os tempos aureos das familias consagradas pela historia, ha a notar o seu lado consolador. E' um passo que a Inglaterra está dando na nova ordem das coisas, ou, em uma palavra, uma renovação do seu vigor para enfrentar os novos e palpitantes problemas que a acediam. Indubitavelmente, isso que ora se opera na Inglaterra é consequencia da ultima guerra. E o inglez pratico e inteligente vai aceitando as inovações positivas, que não podem ser retardadas.

PELO TELEGRAFO

A Irlanda vitoriosa

O parlamento ingles vai discutir o acordo

LONDRES, 9. — Consta que na sessão especial do Parlamento convocado pelo Rei para quarta-feira proxima será discutido e submetido á ratificação o acordo Anglo Irlandez, e que o Parlamento não estará aberto por mais duma semana. O Parlamento será depois convocado no principio do ano para as sessões ordinarias e o decreto relativo ás condições do referido acordo ser-lhe-ha apresentado o mais breve possivel.

Nos circulos militares de Dublin diz-se que no caso do acordo anglo-Irlandez ser ratificado, as forças Britanicas deixarão a Irlanda dentro de um mez.

Lloyd George recebeu inumeros telegramas de felicitações de entidades oficiais e de particulares de toda as partes do Imperio e de todo o Mundo. Por coincidencia era o dia do quinto aniversario da sua nomeação para Presidente do Governo. Fez publicar na imprensa um agradecimento geral a todos que o felicitaram, visto ser-lhe impossivel fazel-o responder individualmente a todos que lhe enviaram mensagens.—(R.)

O acordo e o Ulster

LONDRES, 9.—Pelo partido Unionista do Ulster foi hoje discutido o acordo com a Irlanda, resolvendo que o sr. James Craig viesse a esta cidade imediatamente afim de tratar sobre certos pontos de acordo. Craig declara que se pode agora prever a paz se todos trabalharem para esse fim com paciencia e boa vontade. Griffith, delegado dos sinn-feiners, avistou-se com os Unionistas do sul e comprometeu-se que os seus interesses seriam devidamente representados no novo parlamento Irlandez.

Pediu-lhes tambem para que ajudassem a manutenção da nova ordem na Irlanda.—(R.)

De Valera está contra o acordo

LONDRES, 9. — Dizem os jornais que na reunião do gabinete irlandez, os srs. Grifith, Batton, Gosgrave e Golins se pronunciaram a favor da aceitação do acordo anglo-irlandez. Os srs. De Valera, Stake e Brugha pronunciaram-se contra. O sr. De Valera declarou que os termos do acordo eram opostos aos desejos da maioria da Nação. Recomendou, todavia, que se mantivesse a disciplina até á sessão publica do Parlamento irlandez, na 4.ª feira proxima.

Acrescentou ainda que apesar das divergencias de vistas entre os membros do gabinete estes estão dispostos a continuar a assegurar a marcha dos serviços e o exercito não será afectado pelos acontecimentos politicos.—(H).

A Alemanha e os aliados

A França vai chegar a um acordo

BERLIM, 9. — O sr. Loucheur acompanhado por diversos peritos tecnicos e militares partiu para Londres afim de discutir o problema das reparações com Horne e provavelmente avistar-se com Rathenau.

O «Temps» dando grande valor a esta visita diz que ela poderá ser o preliminar duma conferencia internacional.

A opinião publica alemã considerando o facto de Loucheur ter sido escolhido para tal encargo, julga ser um sintoma favoravel da disposição da França em chegar a um acordo, visto Loucheur estar no facto dos negocios da Alemanha pelas suas anteriores discussões com Rathenau. No entretanto Briand discutiu a situação com o sr. Lourent, embaixador de Berlim, e com o présidente da Comissão Internacional de Reparações, o sr. Dubois, bem como com os embaixadores da Inglaterra e da Italia.—(R.)

As finanças alemãs

Falencia dum banco

BERLIM, 9.—Causou grande alarme na Alemanha a falencia do Banco de Credito do Palatinado de Ludwigshaven, um dos mais conhecidos e melhor acreditados no sul da Alemanha. A falencia foi devida a prejuizos avaliados em 340 milhões de marcos.—(R.)

A Inglaterra e o «Reichsbank»

BERLIM, 9.—Foram retomadas as relações directas entre a Inglaterra e o «Reichsbank».—(R.)

Padrões de guerra

Pelas 16 horas de hoje reuniram no Edificio da Escola de Guerra, todos os oficiaes que fazem parte do mesmo padrão, para proseguimento dos trabalhos da ultima reunião.

Entre outros assuntos, tratou-se da construção do Aldeia Portugueza na Flandres, sendo tomadas resoluções, para que se organisem comissões para angariar donativos a fim de acudir nos que tomaram parte da grande guerra e se encontram em circunstancias precarias.

Presidiu o capitão sr. Pires Monteiro.

CRONICA SCIENTIFICA

A fabricação do papel

Uma nova materia prima para esta industria — A celulose hidrofito

Anuncia-se que na Alemanha se está aproveitando uma nova materia prima que se destina a modificar profundamente as condições economicas para a fabricação do papel.

Parece que se consegue do junco e de outras plantas que crescem á margem dos lagos e em terrenos pantanosos, uma materia-prima semelhante á celulose e á palha, que se presta admiravelmente á produção do papel. Estas plantas são trituradas, depois de haverem sido submetidas a um processo especial quimico, propriedade da firma Verband de Berlim.

Obtem-se por este tratamento um producto perfeitamente celuloso, que prensado e com o nome de celulo—hidrofito está já consagrado no comercio. A preparação desta materia faz-se da maneira a mais simples, sem precisar do adicionamento de qualquer outra substancia. Com esta massa assim preparada, podem fabricar-se papeis para embrulho, de qualidade especial, «cartolinas» e papelão com grande resistencia, flexibilidade e dureza. Adicionando-se-lhe porem uma pequena quantidade de substancia para branquea-lo, pode-se, do mesmo preparado obter um excelente papel para impressão, como o demonstram os ensaios já feitos nesse sentido em grande escala. Adicionando ainda a esta celulo-hidrofito polpa de palha, de madeira, celuloses, ou trapos velhos, pode fabricar-se tambem toda a qualidade de papeis, desde os mais baratos para embrulho, até aos mais finos para escrever. Tudo depende das percentagens a adicionar.

Nos paizes onde houver suficiente materia prima para a produção da celulo-hidrofito poder-se-á fundar a valiosissima industria papeleira, processo do Rohsoff-Verband. Em primeiro logar, a vantagem deste novo elemento—o junco—como materia prima está na sua barateza.

O junco é mais barato que a propria palha e que a madeira. Em segundo logar influe na economia do seu producto, a rapidez da tranformação do junco em celulo-hidrofito. Está bem verificado que esta nova materia prima se obtem em cerca de 20 minutos. A preparação da palha, entretanto, exige, cerca de tres horas e meia para o mesmo efeito, ou diga-mo-lo cerca de dez vezes o tempo de preparação do junco, para o celulo-hidrofito.

Por outro lado sendo o dispendio da força motriz, muito menos para o trabalho do junco, ainda aqui o preço da produção deste é tambem favorecido. Mas ha ainda sobre todas, esta grande vantagem a favor do junco como materia prima para o papel, que não se emprega no seu preparo uma gota de alcalé.

Em resumo: no ponto de vista economico, nacional, para qualquer paiz cuja industria papeleira se disponha alçar-se ao segredo da sociedade Verban; a produção da celulo-hidrofito, como materia prima, será a garantia de um grande elemento de superioridade comercial:

Obter-se a imprensa barata, o livro barato.

Para este fabrico não se modificou cousa alguma nas maquinas antigas e a produção do papel poderá elevar-se a cem vezes mais.

O Concerto Blanch do proximo domingo

Nem nos concertos dos grandes centros musicais do estrangeiro se apresenta um programa tão notavel, tão completo, como o do proximo concerto da «Orquestra Sinfonica Portugueza», dirigida pelo maestro Pedro Blanch que no domingo nos dá uma verdadeira tarde de grande arte no São Luiz com quatro primeiras audições: a ouverture «Titus» de Mozart; «Manfredo», de Rainack; «O Moinho», «A Bela Moleira», de Raff a celebre suite de Rimsky-Korakoff «Scheherazare,» sendo Flaviano Rodrigues o violino solo; os «Preludios», de Liszt; o «Preludio» e a «scena das flores animadas do jardim de Klingsor», do «Parsifal», a «Marcha Hungara», da «Damnation de Fausto», de Berlioz. Assombroso programa.

A politica franceza em face da Alemanha

O governo francez, mais ou menos dirigido pelo «clan» capitalista da metalurgia, procura extrair do Tratado de Versailles um estado de hegemonia sobre o mercado metalurgico mundial, do mesmo modo que a Inglaterra procura atingir identico estado hegemonico no ponto de vista maritimo e comercial. São estes os fulcros centrais em volta dos quais giram todos os acontecimentos e todos os actos dos politicos, e basta rememorar a confecção tão ardua deste tratado para aperceber esta verdade.

Os acontecimentos sucedem-se tão graves e tão frequentes, que esta rememoração é quasi impossivel para muita gente. Felizmente, um dos artifices deste tratado narrou a sua historia e estabeleceu a sua defesa.

«A paz» do sr. André Tardieu, para quem souber destringar os motivos e as causas, mostra claramente que o Tratado de Versailles é obra de empregados das potencias capitalistas, procurando destruir ou enfraquecer os seus concorrentes.

No ponto de vista francez, a paz é sobretudo uma paz metalurgica, e no ponto de vista inglez, é, sobretudo, uma paz maritima. Os americanos foram ludibriados. O facto de ter feito uma tal pseudo-paz permaneceria incomprehensivel, se ela emanasse de homens de Estado, isto é, de homens tendo uma ideologia a realizar que os levasse a actuar em conformidade. Mas esta paz emana de politicos, isto é, de homens que só têm um fim: conservarem-se nas cadeiras do poder para gozar todas as vantagens materiaes, mesquinhas, estreitas e grosseiras resultantes desta situação. E os politicos francezes avaliam-se bem lendo dois livros muito recentes, «As minhas prisões», de Joseph Caillaux, e o «Meu crime», de Malvy.

O Clemenceau de 1914-1920 é o mesmo Clemenceau de Comelius Her-Reinach! Os capitalistas sabem escolher empregados habeis, astutos, tenazes. Basta pagar, o que é coisa facil, quando os pagamentos se fazem com o dinheiro dos outros.

Os americanos foram ludibriados, mas, na verdade, não se inquietam muito, por se saberem seguros, visto que formam um grupo capitalista que é mais rico em ouro e materias primas que os seus concorrentes europeus. Esperam a sua hora. E esta hora chegou. Os nossos capitalistas franceses ensaiaram amansa-los, enviando-lhes um embaixador extraordinario, o sr. Viviani. O portador de boas palavras foi acolhido com boas palavras. Mas tudo isto se fez com o fim de se enganarem mutuamente. A politica interna e externa baseia-se na mentira perpetua, no perpetuo «bluff»! O unico efeito que por vezes produz é ocultar durante um certo tempo a realidade, o que traz como consequencia obscurecer a vida dos proprios dirigentes, que por esta forma são impelidos a cometerem cada vez maior numero de tolices.

E prova patente foi a dada pelos dirigentes alemães, durante a guerra das nações. E, desde 1919, provas quotidianas dão-nos os dirigentes tanto britanicos como francezes.

Quando compreenderão que a melhor fórma de governar os homens e de administrar as causas, consiste em dizer a verdade e agir honestamente?

Emquanto esperamos que o venham a compreender, as suas mentiras e o seu «bluff» não iludirão o capitalismo americano. Este não se deixa ludibriar. Procura o seu interesse e só o seu interesse. E este interesse consiste em impedir o esmagamento economico e industrial da Alemanha em proveito do capitalismo britanico pela marinha mercante, e do capitalismo francez, pela metalurgia.

E para satisfazer este interesse, o governo americano quer de novo tomar parte nos concinabulos que decidem da politica. E dá-o a entender nos seus jornais e por intermedio de notas oficiosas, indicando ao mesmo tempo ser necessario que as potencias européas, suas devedoras, façam com ele acordos. A ameaça subentende-se. Os dirigentes alemães compreendem bem como esta situação lhes é vantajosa. Mas a obtusidade do seu espirito faz com que estes contrariem mais do que auxiliem a politica americana.

Esperam por esta forma dominar o grupo capitalista francez. Depois se deslindarão. «Ver e esperar»: é a sua eterna politica, que muitas vezes tem exito por terem a arte dos compromissos, arte que pouco ou nada possue o grupo francez, mas que possue tambem o grupo americano.

Este ultimo vai agora tomar parte no arranjo europeu. A defesa dos interesses levará logicamente o governo a pôr um veto formal as veto formal ás veleidades de hegemonia metalurgica do grupo capitalista francez e, por conseguinte, a defender a Alemanha do jugo economico. O que a America julgar, bom e justo nas propostas alemãs deverá ser aceite pelos dirigentes francezes, quer lhes agrade quer não.

O tratado de Versailles deu o que tinha a dar. Não tendo sido reconhecido pela Republica Federal dos Estados Unidos, não se pode falar da sua execução, desde o momento em que esta Republica resolve tomar o seu logar no concerto das potencias. E' a propria logica. E' inutil querer ocultar aos outros e a nós mesmos as consequencias inevitaveis da paz separada da America com a Alemanha (moção House no Senado) e da nova participação desta America omnipotente na politica mundial.

A defesa dos interesses capitalistas americanos vai logicamente conduzir o governo americano a realisar a ideologia um pouco vaga que Wilson resumiu nos seus celebres quatorze pontos. Com efeito, a paz na Europa—portanto no mundo—a paz real, só se pode fazer e manter realisando estes quatorze pontos com todas as suas logicas consequencias.

A America capitalista e a massa popular querem a paz. Para isto tem necessidade do desarmamento. E o desarmamento arrasta logica e necessariamente a liberdade dos mares, sem a hegemonia de qualquer potencia, a internacionalisação dos portos e dos rios, o livre cambio, o direito dos povos manifestado por meio de «referendum», em agruparem-se segundo as suas vontades, etc. E tudo isto só se pode obter pela formação de uma Federação de Nações livres e democraticas.

O governo de Harding será logica e ineiutavelmente impelido a realisar esta tarefa se quer governar no interesse do seu capitalismo e das massas.

Mas, se não puder realizal-o, será então levado não menos necessariamente á guerra com o Japão, para assegurar o livre desenvolvimento do seu capitalismo, numa paz mundial duravel. Só existem estes dois meios. Qual será realisado? Isto depende do factor: a politica britanica, que por seu turno, depende, em grande parte da politica russo-asiatica. Considerando devidamente os factos, dada a opinião publica britanica, manifestada pela carta Asquith-Clynes-Lord Cecil é de crer que a politica americana pacifista triunfará da politica guerreira no seu proprio paiz e na Europa. Harding dará realidade á ideologia de Wilson.

ULTIMA HORA

POEIRA DA ARCADA

O sr. dr. Barbosa Viana director da P. S. E., conferenciou hoje demoradamente com o sr. Maia Pinto, acerca das remodelações que pretende introduzir naquele organismo de policia.

❖ ❖ ❖

Parece que o sr. ministro da Guerra visitará na proxima segunda-feira o Campo de Aviação da Amadora.

❖ ❖ ❖

Na Alfandega de Lisboa efectua-se amanhã o leilão de 17 sacas de farinha de arroz e 15 sacas de café em grão, retidas por demora da retirada.

❖ ❖ ❖

O sr. ministro da Guerra ordenou a presença de duas praças de cavalaria nas residencias dos srs. drs. Bernardino Machado, João Luiz Ricardo e do nosso colega de «O Tempo» sr. Simão de Laboreiro.

Os inqueritos

Graves revelações

O sr. dr. Barbosa Viana, director da P. S. E. interrogou largamente o cabo de marinheiros, José Carlos, preso ante ontem em virtude de uma acareação entre o «Dente de Ouro», dois marinheiros e o chaufeur da camionete fantasma.

Ao principio manteve-se uma persistente negativa, acabando mais tarde, após um apertado interrogatorio a que foi submetido, confessa não só as responsabilidades que lhe cabiam nos tragicos acontecimentos da noite de 19 de Outubro, como acaba por vir fazer importantes e gravissimas revelações após as quais se virão consequentemente produzir novas prisões.

Depois de terminada a visita ministerial feita ao governo civil pelo chefe do governo deve o sr. dr. Barbosa Viana prosseguir no interrogatorio do cabo José Carlos.

T. M. E.

A divida dos Transportes Maritimos do Estado só na provincia de Moçambique, ainda não incluida na verba dos oitenta mil contos, eleva-se a cinco mil contos. Quando se chegarem a apurar, todas as dividas devem somar uma quantia como duzentos mil contos.

— Nos mares da Noruega está metido entre os gelos e consequentemente impossibilitado de navegar um vapor dos T. M. E.

A proposito da entrevista com o major sr. Filipe de Sousa

Sr. Director:—A proposito de uma palestra que tive ha dias com um dos redactores do seu conceituado jornal e publicada hontem; vêm, a meu respeito, uma informação que é preciso rectificar.

Nela se diz que eu fui um dos mais «valorosos organisadores do movimento de 19 de outubro.»

Não é verdade. O que naturalmente se quiz dizer é que eu tinha sido um dos mais valorosos cooperadores do movimento de 21 de maio, um dos mais valorosos defensores e acerrimo propagandista do movimento de 19 de Outubro.

Assim está certo. Apresso-me a fazer esta rectificação, para evitar ferir a susceptibilidade de «certos meninos» que, hoje, se dizem mais republicanos do que os antigos e velhos republicanos.

Agradecendo a publicação destas linhas, creia-me com estima, Filipe de Sousa, major.

Domingos Pereira

Es o ilustre homem publico é esperado hoje em Lisboa, pelo rapido do Porto. O seu ingresso e dos seus amigos no P. R. P. é já um facto consumado.

O sr. Presidente do Ministerio visitou hoje o Governo Civil

O sr. Maia Pinto, presidente do ministerio e ministro do Interior visitou, pelas 16 e meia horas de hoje todas as dependencias do Governo Civil de Lisboa.

Logo que chegou áquele edificio dirigiu-se, ao gabinete do governador civil, onde lhe foram apresentados as boas vindas e os cumprimentos dos srs. dr. Falcão Ribeiro, dr. Reis Junior, director da policia de investigação, sr. Barbosa Viana, director da P. S. E., director da policia administrativo, major Carrão de Olivdira, comandante da policia, oficiais da policia e chefe Nazaré, etc.

A' entrada do gabinete do sr. comandante da policia era o chefe do governo aguardado pelos chefes de todas as esquadras e cabos comandantes dos postos policiais.

A visita ministerial foi bastante demorada.

Governador Civil do Porto

Parece que o novo chefe do distrito portuense será o sr. dr. Adriano Pimenta, se aceitar o convite que o sr. Maia Pinto lhe vai dirigir.

O pensamento do sr. Maia Pinto é um enigma...

O governo não desconhece que se projecta reunir no Porto o Congresso dissolvido, logo que expirem os quarenta dias do praso constitucional. O pensamento intimo do sr. Maia Pinto ninguem conhece. Vai o sr. ministro do Interior para os meios extremos, procurando impedir, pelo direito da força, a faculdade expressa, clara e insofismavelmente, na Constituição?

E' possivel que sim. Ha quem diga que o reforço de tropas da linha na guarnição portuense obedece a esse proposito. Mas ha tambem quem diga, afirmando que o sabe de sciencia certa, que nem todo o governo comunga nessas ideas, o que arrastaria a situação a uma crise pelo menos parcial, do gabinete Maia Pinto.

Do governo sairam, nessa hipotese, o sr. Vasco Borges, ministro do Comercio, o sr. Costa Cabral, ministro da Istrução e o sr. Perez Trancoso, ministro das Finanças.

E' possivel que, nestas condições, o sr. Maia Pinto declaresse a crise total. A sequencia dos acontecimentos está fora do alcance das nossas previsões.

Mais nomeações...

O «Diario do Governo» publicará brevemente um decreto nomeando mais sessenta adidos ás nossas legações e embaixadas! Pela nova reforma do mesmo Ministerio, dentro em breve estas nomeações passarão de provisorias a definitivas.

Já ha dias o «Diario» trouxe oito nomeações, entre elas a do director dum jornal diario, a dum jornalista e ainda a dum caricaturista.

Quando se pergunta ao sr. Ministro dos Estrangeiros donde vem receita para mais estas nomeações, s. ex.a responde que ... pessoal.

Grande mina!...

TEATRO

Alves da Silva

E' actualmente o nosso primeiro tenor de opereta. Se não sabe ainda representar a contento de gregos e troianos a sua vós dá-nos sempre uma consoladora impressão...

Nota do dia

O interior dos palcos oferece sempre, mesmo ás pessoas que os frequentam com certa assiduidade, aspectos de imprevisto interesse.

Eu não pertenço á classe de pessoas que se perdem muito tempo pelos camarins—primeiro porque não tenho tempo e segundo porque no ar abafado das «colisses» ha sempre qualquer coisa de intriga impertinente que involuntariamente a gente tem de respirar.

Se ha pequenos e modestos camarins acolhedores—quantos ha que, embora luxuosos, teem uma asfixiante atmosfera de inveja...

Mas, estive ontem á noite no palco minusculo do Terrasse. Lá dentro a azáfama da vespera da partida, e faziam-se as malas por todos os cantos.

Puz-me em lugar onde não fosse atropelado por ninguem e pude então observar pessoas e coisas. Um dos factos que mais me impressionou foi o numero extraordinario de maqueiros, enfermeiros, enfermeiros auxiliares, farmaceuticos, que pousavam com ar marcial na «cave» da pequena «boite». Eram homens e mulheres, possuindo extranhas braçadeiras, atitudes guerreiras, insignias varias, velando uma caixa aberta com dois frascos de tintura de iodo e um masso de algodão hidrófilo.

Homens de cruz verde, de cruz branca, de cruz encarnada, — homens de cruz de Malta — uma verdadeira «malta» de cruzes, e uma senhora gorda com gabardine e o ar mais inglez possivel dentro do seu avantajado perimetro. Tudo isto estava ali a postos, certamente por rasões consideraveis.

Eu confesso porém que não descortirei a rasão.

Para o caso de um incendio? Mas seria ridiculo admitir que aquela senhora gorda pudesse embora a braços com uma braçadeira fazer alguma coisa.

Um desmaio de uma atriz?

Mas então para que eram precisos 4 ou 5 enfermeiros?

Um desastre nalgum operario de scena?

Mas então para que continuaram a ser precisos 4 ou 5 homens e uma senhora gorda, estando a misericordia ali a dois passos?

Trata-se pois de mais uma das muitas madurezas, em que exageradamente nós caimos.

Um simples enfermeiro quando muito, e mais nada, seria o admissivel... a não ser que a peça a representar seja boa que então... um socio da cruz vermelha tambem é gente...

O HOMEM QUE PASSA

CINEMA

Cecil B. de Mille

E' este um dos maiores directores de scena que trabalham para o cinema norte-americano, o mais discutido pela critica e tambem aquele cujo trabalho dá sempre os mais lisongeiros resultados financeiros aos exibidores. Pelas telas de Portugal teem passado varias dessas obras primas da cinematografia, convindo relembrar a «Renuncia», «Esposas velhas por novas», «Não troqueis vossos maridos», «Porque trocar de esposa?», e «Macho e femea», que se contam entre os maiores sucessos cinematograficos entre nós especialmente esta ultima.

Um dos mais elogiados trabalhos desse grande director de scena é «O fruto proibido».

«O fruto proibido» é um estudo dos problemas matrimoniais que decididamente atraem a atenção de Cecil B. Mille. O seu argumento pode ser resumido na seguinte pergunta: Uma mulher de bem singida pelo matrimonio a um marido indigno do seu afecto, entre ocioso e inutil que vive á custa do trabalho dela, deve desprezar o afecto que um outro homem, um homem de bem lhe oferece e pelo divorcio iniciar uma nova vida, uma vida de felicidade, ou sacrificar essa felicidade e continuar uma vida miseravel?

O desenvolvimento do tema desse film é feito em um ambiente luxuoso, qual o da alta sociedade.

Agnes Ayres que desempenha com mestria consumada o papel de protagonista, apresenta-se com toilettes maravilhosas, nesse grandioso film. Ha um episodio no «Fruto proibido»; o de Cinderella ou Gata Borralheira, cujo espantoso luxo impressiona os espiritos menos impressionaveis. Cecil B. de Mille excedeu-se a si mesmo na concepção dessas soberbas scenas que enquadram um dos mais pungentes dramas humanos que teem figurado na tela.

«O fruto proibido» é mais uma coroa de glorias para esse extraordinario artista da téla.

Jack Dempsey casa-se com uma «estrela»

As gazetas americanas, bem como as revistas cinematograficas, anunciam para breve as nupcias de Jack Dempsey o campeão mundial de box que ha pouco derrotou Carpentier, com uma graciosa estrela cinematografica, aliás muito conhecida e querida do nosso publico.

Dempsey vai, portanto, desposar a bela Bébé Daniels, uma das heroinas do «Macho e Femea».

BÔAS NOITES, MINHA SENHORA

CARTAS A CLO

Querida Clo — Recebi a tua carta que me fez sorrir; por duas vezes mostras um terror pavoril á ideia de seres chamada burgueza.

Pois olha, longe de sentir asco a ser considerada como tal, tenho até um certo orgulho nisso.

Estamos habituados a evocar quando pronunciamos essa palavra, homens gordos, satisfeitos com a vida e comsigo proprios, usando cebola de oiro e uma grossa cadeia do mesmo metal; a companheira desse homem é, ou uma senhora de abundantes carnes com vestidos de sedos, sobrecarregados de enfeites, ou a menina pires, sempre vestida no excesso das modas. E' pois natural que o nosso primeiro movimento seja revoltar-nos contra o qualificativo. Realmente tambem me repugna pertencer a essa burguezia que creou o bolchevismo; a esses burgueses, novos ricos, descendentes direitos do «Burguez Gentilhomem» de Muliere, mas, como sabes, tenho por costume defrontar-me com os factos face a face e aceita-los como são e, dôa a quem doer, não posso fugir á verdade palpavel e evidente de que sou burgueza.

Do povo não sou, tenho uma certa educação, uns habitos de limpeza fisica e de elegancia moral um certo numero de necessidades intelectuais que o povo não possue.

Da nobreza? Poderei arranjar por acaso avós celebres? Por mais que procure, só encontro dois, cujo nome passasse á historia; um quiz voar e caiu—se tivesse conseguido seria considerado o primeiro aviador — mas... caiu... rimo-nos todos dele e o seu nome na passada historia domestica.

O segundo fez uma poema epico e teve uma celebridade... de dicionario.

E' pouco para se ser fidalgo. Não passo pois da burguezia.

Sim, sou burgueza, mas quero parecer-me, tentando imitar-lhe as virtudes com os burguezes da Edade Media, em quem o Rei encontrava sempre apoio, quando era preciso servir a Patria, quero ser como aquelas burguesas, que, tendo o seu burgo cercado, se preparavam para morrer de fome e que ao receberem licença para sair levando o que de maior valor tivessem, agarraram nos seus maridos, carregando com eles ás costas.

E esqueces por acaso que a figura mais simpatica da nossa epoca o Rei Alberto da Belgica, é chamado o Rei Burguez?

Não ha que ver, sou burgueza e... tenho muita honra nisso.

Tua burguezissima amiga

TANAGRETTE

FRIOLEIRAS

E' curioso ver a origem e a significação de palavras de que nos servimos a todo o momento, sem pensar na sua antiguidade e no valor simbolico que tiveram no inicio.

Por exemplo, o trono, qual de nós se lembra que a sua origem foi no Oriente. Principiou por uma simples cadeira colocada sobre um estrado para que o Soberano podesse ver todo o seu povo, mais tarde velaram-no como um tabernaculo e o monarca tornou-se invisivel mas bastava saber que ele ali estava para que todos se prestassem cheios de temor religioso. A palavra trono causava-lhes pavor.

O Ocidente, ao receber o trono, não o velou porem cobriu-o de um baldaquino, donde caiam cortinados. Esse baldaquino era um simbolo. Representava o ceu e a Edade Media queria assim afirmar que acima do Rei só existia o Ceu.

CONSELHOS PRATICOS

Verniz para mobilia fina

125 gramas de laca, 25 gramas de massa de vidraceiro, 50 gramas de terebentina, 8 gramas de canfora, 125 gramas de goma de saudaraca, 25 gramas de oleo de terebentina, 2 1/2 decilitros de alcool metilico. Deita-se todos estes ingredientes no alcool, deixa-se dissolver e fica-se com um liquido pastoso para envernisar.

E' conveniente envernizar a mobilia no tempo quente, porque a humidade e o frio gelam o verniz, tornando dificil a sua aplicação.

Verniz para moveis ordinarios

Para mobilia de cosinha ou outro qualquer movel ordinario serve a seguinte receita:

125 de laca, 75 gramas de resina, 100 gramas de goma benzoica, 2 1/2 decilitros de alcool metilico.

CAPRICHOS DA MODA

Estão muito em vaga cordões de cristal; não de cristal branco e brilhante, mas dum cristal baço de diferentes côres cortados em chapas de varias formas, acabando na cintura por uma grande borla.

—As golas altas fizeram desaparecer as argolas grandes e os brincos compridos; hoje usam-se uns brincos curtos, feitos do mesmo cristal em forma de conta redonda ou oval.

—As mangas compridas não excluem as pulseiras, pois, a largura das mangas pagode deixa ver perfeitamente os pulsos, onde a moda actual coloca os flexiveis fios tão femininos e tão cheios de encanto.

ARTE DA COSINHA

Sopa de almondegas de batata

Depois de cozidas pelam-se e esmagam-se as batatas, misturam-se com carne picada, toucinho, hervas finas, uma boa porção de manteiga e ovos.

Faz-se de tudo isto almondegas do tamanho de uma noz que se cozem no caldo.

HIGIENE DA BELESA

Maçagens

Para as rugas dos cantos da boca faz-se a maçagem com a ponta do terceiro e quarto dedo de cada mão, da boca ás orelhas para as que vão do nariz á boca, faz-se a maçagem com a parte mais grossa do indicador, subindo do nariz até ás fontes.

Os Pobresinhos

Pobres de pobres tão pobresinhos;
Almas sem lares, aves sem ninhos.

Passam em bandos, em alcateias,
Pelas herdades, pelas aldeias.

E' em Novembro, rugem procellas.—
Deus nos renda, nos livre delas.

Vem por desertos, por estevais,
Mantas aos hombros, grandes bornais.

Como farrapos, coisas sombrias,
Trapos levados nas ventanias.

Filhos de Cristo, filhos de Adão,
Buscam no mundo codeas de pão!

Ha-os céguinhos, em tréva densa,
D'olhos fechados desde nascença.

Ha-os com feridas esburacadas,
Roxas de lirios, gangrenadas.

Uns de voz rouca, grandes bordões,
Quem sabe lá se serão ladrões!...

Outros humildes, riso magoado,
Lembram Jesus que ande disfarçado...

Engeitadinhos, rotos, sem pão,
Tremem maleitas d'olhos no chão...

Campos e vinhas! hortas com flores!...
Ai, que ditosos os lavradores!

Olha, fumegam tectos e lares...
Fumo tão lindo!... branco, nos ares!

Batem ás portas, erguem-se as mães,
Choram meninos, ladram os cães...

Resam e cantam, levam a esmola,
Vinho no bucho, pão na sacola.

(Excerpto de «Os Pobresinhos» do Guerra Junqueiro)

PENSAMENTOS

Os espiritos simples e sinceros nunca se enganam completamente.

Joubert

SPORT

José Luiz Ribeiro

Tenacidade, inteligencia, e conhecimento de causa.

E' professor, o que é vulgar, mas professor que ensina, o que é raro n'este meio...

A origem do Foot-ball

O «foot-ball», o mais popular «sport» entre nós, e que no estrangeiro conta os seus adeptos, por centenas de milhares, não é como muita gente julga, um jogo relativamente moderno, e de invenção inglesa.

Na Grecia jogava-se á bola, com as mãos e os pés, e já «Homéro» faz a descrição de alguns encontros interessantes.

Mais tarde «Tito Livio» descreve tambem, alguns combates «á bola».

No seculo dezeseis na republica de «Florencia» era popular um jogo semelhante.

Em Inglaterra desenvolveu-se depois o jogo, e «Shaskespeare», fez por vezes alusão ao jogo da bola.

Mais tarde em 1780, nas escolas e nas universidades, tomou grande incremento, sendo jogado por 15 pessoas.

Nessa epoca o jogo era feito um pouco «á la diable», sem regulamentos fixos.

Foi uma escola da cidade de «Rughes», que em 1823, pela primeira vez tentou regulamentar o jogo.

Em 1839, a Universidade de Cambridje, começou jogando, mas só em 1860 foram fundados dois clubs importantes, «Richmon» e «Blackeath», que fizeram o seu primeiro «match».

Em 1871, os clubs fundaram a «União de Inglaterra», que creou um regulamento, adaptado por todos. Os clubs fundadores foram 33.

Hoje em toda parte se joga o «footbaal», não havendo nenhuma localidade, por pequena que seja, que não tenha o seu «team».

RUY DA CUNHA

Foot-ball

O MATCH ESPANHA-PORTUGAL

Pelos telegramas recebidos hoje, sabe-se que a linha do «team» espanhol, que vai representar o paiz visitado no «match» peninsular é a seguinte: Zamora, Pololo, Hermida, Samitier, Meana, Pena, Mondia, Gil, Sesumaga, Monjardim, Alcantara e Olaso.

O nosso colega «Os Sports», já tinha publicado a lista dos «players», batendo assim o «record» da informação.

Box

O MATCH FAUSTINO-RUIVO

Sobre o combate de «box» entre Silva Ruivo e Faustino Pereira, a Federação Portugueza de Box enviou-nos o seguinte comunicado:

A F. P. de Box, de acordo com o organisador, sr. Armando Batalha marcou para o dia 31 do corrente, no Coliseu dos Recreios, o combate J. Silva Ruivo, campeão de Portugal, categoria «leves», e Faustino Pereira, campeão de Portugal, categoria «meios-medios», para disputa deste ultimo titulo, nas seguintes condições: 15 «rounds» de 3 minutos com luvas de 4 onças, arbitrando o sr. Humberto Caldas, que terá como juizes os srs. Francisco Gaoiós e Miguel da Silveira.

Lá vai outra vez um amador, que demais a mais, é membro da F. P. B. arbitrar um combate de profissionais...

Ao senhor Caldas, sobeja-lhe competencia é um facto, mas a theoria sportiva do amateurismo sofre mais um abalo.

Pesos e alteres

O amador Algeri de Marselha, bateu o «record» do mundo, do «developpé» em alteres separados, fazendo 103 kilos.

Este «record», pertenceu em tempos ao nosso compatriota Manuel da Silveira.

NOTICIARIO

Está em Lisboa o sr. «Bretonel», correspondente do diario parisiense «L'Auto», que conta demorar-se algum tempo entre nós.

—Saiu mais um numero da «Revista de Educação Fisica», que traz optima colaboração e de que é director o nosso amigo José Luiz Ribeiro.

43—Folhetim de «A CAPITAL»—9 de Dezembro de 1921

ROCHA MARTINS

Spartacus

Romance das lutas proletarias em Roma

VII

Entre os prisioneiros passava um sussurro desesperado; Lavinia olhava Manlio com ternura e Crixos, rangendo os dentes, deliberava com o seu mau riso.

— Pois has-de assistir ao casamento antes do combate! Pois has-de vê-la minha, pobre rã que tu és diante duma aguia!..

Felux começara a escrever na sua taboa encerada, muito atento, gravemente.

Junio e Elio estavam sentados por terra brincando com umas flores espalhadas á porta da tenda de Emerencia. Um deles olhou Lavinia, e beicinho tremeu-lhe, poz-se a chorar e logo o outro o imitou. Numesia acalentava-os sem lhes abafar o pranto.

O noivo da patricia não deixando o logar tomado, arrancara dos seus farrapos um stylo e defrontava Ganicus; de junto da pira chegava o tom lamuriento em que as carpideiras celebravam os funerais de Oenomaus, uma larga carreira de soldados se aproximam tambem e envolto na rica tunica ensanguentada, deitado já sobre os madeiros o cadaver, na sua serenidade, mergulhava-se, docemente, na sombra da noite que descia.

— Por Hercules! Afasta-te!

Ganicus avançava; Crixos cruzara os braços conscio de que esmagaria aquele homem palido em cuja mão nervosa tremia a lamina afilada mas, Spartacus aparecia, e num movimento rapido, tomava o pulso enfraquecido de Manlio que largava a arma. Cheio de autoridade, ordenava:

— Vai-te!

— Spartacus!—exclamou num desespero louco—Lavinia é um refem! Este homem quere-a; eu sou o seu noivo... Manda-me que vá lançar-me ás feras, que combata, que me arraste como um sapo atraz dos teus passos mas salva-a dessa babujada boca, desses braços, dessa infamia!

— Bem ora o patricio...—gritou no seu ar mofento o outro, afiançando: Nem Jupiter m'a tirará dos braços!

Ia mais ousado para ela, afastar o seu tenente, queria-a á força, muito excitado, vermelho, com o seu riso de forte quando o general exclamou:

—Se a queres que eu t'a dê!...

—Acaso és um patricio?... Chamaste Aruuco e és o pai dela?! interrogou tornando-se amarelo de rancor; e logo, num grito que atraia os soldados, começou:

—De ha muito que tu procedes contra a nossa vontade; essa raça vencida pertence-nos como nós fomos deles!... Não quero mais detenças. Ela vai ser minha mulher... Está ali o morto a pedir que a sacrifique e eu honro-a casando!...

Lavinia tremia; do fundo da sua alma vinha uma profunda gratidão por Manlio. Sempre que pensara em ser sua mulher, no tempo da felicidade, julgava que o não amava mas, sósinha nos acampamentos, sofrendo horrivelmente, receando, noite e dia, que a violentassem era uma scena assim que sonhava, o noivo a vir busca-la, a salva-la. Sentia, então, que o amava enternecidamente. ¿Pensava como seria feliz em ser a sua esposa longe dessa Roma perturbadora, afastada de Cyrene cuja criminosa e desvairada paixão fizera com que pensasse no casamento para não se manchar a honra de Aurelio. Bem diferente, porém, lhe aparecia o seu amor agora. Não duvidava já. Era bem do fundo do coração que o amava e murmurava, com ternura o seu nome:

—Manlio! Manlio!

O patricio, no seu esforço, fizera cair a ligadura da ferida; a sua tunica suja de terra estava tinta de sangue e mal ouvia o grande chefe, possuido da sua terrivel colera diante das palavras do antigo companheiro de ginasio de Capua.

—Crixos! Esqueceste da tua situação e da minha! Não é depois duma batalha que vencemos que deves tomar essa atitude... Eu sou o chefe e como tal compete-me velar por todos... Destitue-me se podes mas emquanto eu mandar não te consinto rebeldias!... Vai-te...

—Spartacus!—volveu de cabeça baixa ante aquela voz autoritaria na qual se notava comoção.—Esse homem otendeu-me.—E' um patricio! Que vá combater!...

As creanças tinham voltado ao seu magoado choro.

Manlio empalidecera terrivelmente ao perder tanto sangue, esvaia-se e cahia aos pés de Lavinia que Myrta abraçava-a.

Mas de repente Opalia aparecia conduzindo um soldado que se debruçava para o desfalecido e gritava:

— E' ele! E' o homem que se lançou sobre Oenomaus e foi o irmão daquela que o matou!

Apartava Lavinia e continuava:

— Eu conheço-o! Ainda ha pouco lhe perguntei se não me enganava...?

Sou Prisco o pastor oh! chefe... Servi na casa deles... Fugi porque perdi duas rezes!

Marcio matou Oenomaus, Manlio foi quem o atacou primeiro!

Uma explosão de colera subia, brilhavam ferros e Spartacus sentiu que era impotente para o salvar. Crixos levantava a cabeça e soltava um grito triunfal.

Já se tinha começado a largar fogo á pyra sobre a qual estava o cadaver de Oenomaus; um cheiro de incenso se levantava-se o coro das carpideiras. Uma nuvem de fumo perfumado ocultava-o sob a luz vermelha que despertava e as musicas guerreiras ecoavam por todo o acampamento cada vez que a melopa funerea se apagava. Emerencia, branca na sua tunica alva, tomara a cytara e quando tudo se abafou, á espera da sua voz, passou rapidamente os dedos pelas cordas e o seu cantico gemente e magnifico ergueu-se, entre as labaredas altas, num hino de repouso.

— Este homem para o combate! gritava Crixos apontando no meio da crasta os archotes a cuja luz os soldados trabalhavam no anfiteatro improvisado onde os prisioneiros deviam entrar como gladiadores.—Que estarão os bandidos romanos fazendo a Castus?!

Apoiavam-no sempre; um clamor cada vez mais forte roncava nos ares e Spartacus via os olhos rasos de agua de Myrta, a cabeça loura de Lavinia encostada ao peito da sua mulher e, num rompante, voltando-se para o exercito, para Crixos, para que os gritavam e indicando o patricio vertendo sangue, sacudia a armadura que Eudoxio corria a apanhar cuidadosamente, rasgava raivosamente a tunica e bradava:

— Aquele homem está ferido... E só quem tem feridas sente piedade pelas dos outros!

O seu peito branco aparecia hercuieo e manchado de cicatrizes recebidas nos combates do circo; duas mais vermelhas marcavam as lutas em que entrara com o exercito e o seu dedo forte e alvo apontava a vitima recebida na batalha da vespora, uma chaga abaixo do mamilo e que até ali ocultara.

As cabeças curvaram-se; a voz de Emerencia sabia no seu hino de paz; Eudoxio ajoelhara a segurar a armadura e Jarmolo, o lusitano, perguntava:

— Mas porque não te disseste ferido, ó chefe?...

— Para quê?... Nada são as dôres das espadas que se cravam nas nossas carnes; mais fundas são as que nos ferem na alma!...

Crixos empalidecera; ouvira o reboar das aclamações, dera um passo e clamara:

— Perdão! O vencido que se trate para se bater depois... Ela é minha!...

Seu irmão matou Oenomaus!... E' o seu espirito que pede vingança; sacrificio e para essa patricia, eu sei-o, por Venus! não ha peor!

(Continúa.)

A CAPITAL

Um paiz sem sciencia e sem genio é tão incompleto como um paiz sem bondade.

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 3949-12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Sabado, 10 de Dezembro de 1921

Telefone n.º 2298 — Endereço Tel. CAPITAL — Oficina de impressão — Rua da Bica, 71

Preço 10 centavos

A fé jurada

Nos jornais da manhã lê-se um telegrama do Porto, no qual se relata que na reunião da Camara Municipal daquela cidade se resolveu enviar ao sr. presidente da Republica a seguinte mensagem telegrafica:

«A Camara Municipal do Porto, obedecendo ás tradições gloriosas desta terra, sempre fiel á fé jurada, lavra o seu protesto contra a ditadura vigente, e exhorta v. ex.ª, cidadão portuense honorario, a reconsiderar, anulando o poder executivo todos os decretos dictatoriais, e promovendo a reunião do Parlamento dissolvido, a quem compete dar as indicações constitucionais para a resolução dos problemas politicos.»

Não sabemos qual será a resposta do sr. presidente da Republica a este telegrama, enviado pela Camara Municipal da Capital do Norte, mas o que não podemos esperar é que s. ex.ª não confesse que estamos realmente em dictadura desde que a constituição do paiz foi calcada aos pés, não só com o adiamento eleitoral, mas tambem com a promulgação, que continua, de decretos que pretendem equivaler a leis, quando os governos não podem, durante os interregnos parlamentares, saír fóra da resolução de assuntos de mero expediente.

Embora o chefe do Estado esteja coacto, pois doutra maneira não se compreenderia a violação constitucional que tanta indignação está causando em todo o paiz, não julgamos crivel que essa coacção possa ir ao ponto de o forçar a negar ou travestir a realidade dos factos.

Nós estâmos num regimen de ditadura, é que ao menos a ditadores tenham a coragem de assumir a responsabilidade dos seus actos!

Entretanto, o documento firmado pela Camara Municipal do Porto ficará na nossa historia como um padrão de brio patriotico e heroismo republicano. Nele se invoca a «fé jurada», e não é sem um estremecimento que se lê esta frase que representa alguma cousa de essencial na vida dos homens, dos regimens e das nações.

A «fé jurada» é a mais bela garantia dos principios. Nela confiam os povos, como confiam os individuos, e quando se vê que essa «fé jurada» é tratada como um compromisso sem valor, como uma puerilidade, como um trapo, o coração confrange-se, e nós chegamos a duvidar o que existe debaixo do sol!

Nunca, em tempo algum, a traição a um juramento deixou de conduzir a desgraças e humilhações. Nada de belo, nada de bom, nada de util, se edifica sobre alicerce tão ruim. Se se pensa salvar alguma cousa, faltando a «fé jurada», em breve se reconhece que não só essa causa se perdeu, porque com a ruina material virá o descalabro moral.

O varão de Horacio que impavido veria ruir todo o mundo aos seus pes de preferencia a faltar ao dever, é o simbolo perfeito dessa resolução altiva e digna em que os caracteres adquirem a fortaleza do bronze. Quando uma nação tem desses caracteres, ela não se pode perder. Mas quando a tudo fraqueja, a tudo abdica, a tudo transige, e capitula, a nação cai, porque já não é constituida por homens livres, e sim por escravos.

Tem direito a invocar a «fé jurada» nobre cidade do Porto que nunca soube trair nem fraquejar. Tem direito o orgulhar-se dessa fé a cidade heroica, onde a liberdade teve sempre um baluarte inexpugnavel e onde a ideia republicana recebeu o seu baptismo de sangue. O Porto é uma terra onde os homens sabem ser homens em face de todas as contingencias do destino.

Não sabemos, repetimos, o que o sr. Presidente da Republica responderá ao Porto que invoca a «fé jurada» como escudo das liberdades republicanas. Mas do que temos a certeza é do que este nobilissimo grito não será perdido. O paiz inteiro ha de ouvir o que altivamente reclama a grande cidade do Norte!

Migalhas

A "comadre" da revista

O primeiro quadro desta revista em que vivemos é, como de costume, um quadro de fantasia. Um sugeito qualquer tem a fantasia de visitar ou de se instalar em Portugal. Precisa evidentemente de quem lhe sirva de guia, de quem lhe abra todas as portas, de quem lhe facilite a sua viagem á roda da Pacóvia. E' então que entra em scena a «comadre». Vem toda vestida de notas de banco desde as modestas de cincoenta centavos até ás opulentas de «quilo». Canta umas coplas em que explica que é ela que governa os portuguezes e revela o seu nome; chama-se: a «palmeta.»

E então começa a revista que é quasi toda formada de quadros de comedia.

O compadre está aflitissimo. Quer tar agoa da companhia. A companhia tem pouca agoa e não tem contadores. Só daqui a seis meses e por ordem cronologica, o desgraçado, que tem sêde e se quer lavar, poderá travar relações com o protoxido de hidrogenio encanado. A comadre sorri e entra em scena. Fazendo uso da «palmeta» de vinte escudos, arranja-se o contador, abrem-nos a agua, etc. etc.

Ha um quadro de grande borborinho passado na alfandega. Côro geral dos caixotes que não saem, dos armazens atulhados, das fragatas que não descarregam. «Palmeta» nos valha! Cincoenta escudos para aqui, vinte escudos para acolá, os caixotes evolucionam em passo de «fox-trott», os de baixo passam para cima, os de traz passam para diante e o compadre encravado lá consegue o que pretende.

E assim sucessivamente. No quadro dos telefones «a palmeta» faz milagres. A linha que o temporal estragou e que devia levar seis meses a concertar, basta que se indique com um gesto a simpatica comadre para que tudo se resolva no dia seguinte.

Ha o quadro tragico, o do moageiro encravado a quem ameaçam de liquidar na apotheose do primeiro acto. E' a «palmeta» que intervem nessa altura com as notas mais altas da sua «tessitura» e o terrivel facinora beija o moajeiro na testa e atravessa o proprio cadaver na frente do seu protegido.

Naquele quadro engraçadissimo da crise da habitação é com «a palmeta» que se convence o guarda-portão, que se amansa o sub-locatario, que se contenta o senhorio.

Lembram-se que é sempre movimentadissimo o quadro da fronteira: numeros estrangeiros que entram, numeros caracteristicos nacionais que saem, etc. A «palmeta» faz o que quer, fecha malas, exporta, não se importa. E' levada do diabo.

Naqueles numeros muito reinadios dos T. M. E., dos B. S., nas sindicancias, nos inquéritos, em tudo emfim, nos ministerios, na Camara Municipal, nos passaportes, nas licenças, nas mults, nos abastecimentos nos fornecimentos - nos Furnessimentos, diria alguem que nós conhecemes—a «palmeta» gira para um lado, para o outro... Ela resolve tudo o que o compadre quer.

Só o que a gente se ri no quadro da batota! O governo a proibir, a batota a funcionar, a policia a perseguir a «palmeta» a trabalhar, os agentes a avisar, os pontos a fugir... E' um numero bisado e trisado todas as noites.

Ha quem pretenda fazer a sua revista sem esta comadre. Isso então é uma tragédia.

ANDRE' BRUN.

O acordo comercial com a Alemanha

Como o receberam os agricultores portuguezes

Fala o sr. Tiago Salles

Foram já trocadas entre o representante da Alemanha e o sr. Ministro dos Negocios Estrangeiros as notas preleminares para um acordo comercial com a Alemanha. Este acordo virá sem duvida alargar os horisontes da nossa expansão comercial, que a Guerra, e a má vontade de alguns paizes teem tornado acanhados, e restabelecer um tanto, o equilibrio da nossa balança economica.

Como terão as forças vivas do paiz encarado esta medida?

Comecêmos pela agricultura e ouçamos o sr. dr. Tiago Salles.

No largo do Carmo num primeiro andar está instalada a Federação dos Sindicatos Agricolas de Portugal.

Fazemo-nos anunciar, e momentos depois o sr. dr. Tiago Salles recebe-nos no gabinete da direcção.

E' uma sala pequena de sobrio estilo comercial.

Ao centro um tapete e dois «maples» encarnados, «vis-a-vis». O sr. dr. Tiago Salles acaba de escrever uma carta.

—Um momento só, diz-nos.

Sentamo-nos.

Pouco depois a primeira pergunta, a mesma primeira pergunta de todas as intervistas.

—Que pensa v. ex.ª do acordo entre o nosso paiz e a Alemanha?

—Este acordo é o melhor recebido pela classe agricola, é mesmo uma aspiração da classe, e perdôem-nos a vaidade foi um pouco inspirado por nós.

Num Congresso realisado em Torres Novas foi por todos os presentes julgado util e oportuno o reatamento de relações comerciais com a Alemanha, sem duvida um optimo mercado dos nossos produtos.

Uma comissão saida dessa reunião procurou o ministro dos Negocios Estrangeiros então o sr. Melo Barreto, que a atendeu com interesse, tendo logo estabelecido as bases iniciais desse acordo, que agora o sr. dr. Veiga Simões tem a felicidade de realisar. O acordo é como lhe digo uma aspiração nossa e bom seria que identico se assinasse com a França que tem usado para comnosco de um rigor que quasi não justifica a sua condição de nação aliada.

Aos nossos vinhos aceites explendidamente, e competindo no mercado francez, fechou as portas, não impedindo as falsificações descaradas, que se faziam no seu territorio, chegando o abuso a rotularem-se garrafas duma zurrapa ordinarissima com os dizeres —«Vin Oporto français».

Alguns dos nossos consules protestaram, chegou mesmo a correr um processo no Tribunal do Havre mas os falsificadores, eram bem cotados nas altas esferas, e a nossa industria continuou a ser defraudada sem escrupulos.

Ha a contrapôr que nós temos sido de uma grande lealdade para com os produtos da França, tendo a pedido dela as nossas garrafas de vinho espumoso deixado de levar a palavra «Champagne» no rotulo e outras indicações de que resultasse confusão entre o nosso vinho e o estrangeiro.

Pelo que ouço o sr. ministro dos Negocios Estrangeiros deseja tambem negociar brevemente acordo com a França, e em defesa dos nossos interesses fez já publicar a pauta dupla, que vem colocar os comerciantes franceses em serios embaraços, porque mesmo que exportassemos para lá uma grande porção do nosso vinho a importação que de lá fazemos é ainda maior.

Disseram os jornais que para que negociassemos em pé de igualdade o governo francês tinha permitido a entrada de uns tantos mil hectolitros de vinho do Porto.

Ora isto não é bem verdade, visto que esse vinho já lá estava na data da permissão. O que o governo fez foi legalisar uma situação de facto, e como vê a desigualdade subsiste.

Pelas razões que lhe aponto acho este acordo com a Alemanha uma medida acertada, e que traduz uma aspiração da agricultura nacional. Sempre que num momento dificil os nossos velhos amigos nos voltam as costas, e nós vêmos que os nossos inimigos de hontem nos estendem as mãos, o caminho é aptar por estes.

—Quais serão os productos portuguezes mais bem aceites no mercado alemão?

—Todos os melhores que possuimos: o vinho, a cortiça as conservas etc., tudo o que constitue a nossa maior riqueza.

Pode dizer, que a classe agricola vê da melhor forma a ideia de este acordo, e aguarda a realisação de outro com a França que ponha termo á situação vexatoria em que nos encontramos.

Oxalá que a maldita politica não venha levantar os costumados obstaculos ás boas vontades que surgem, porque o paiz que vive longe do Terreiro do Paço, quer trabalhar, e ressurgir... se o deixarem.

Tinha terminado a intervista. Despedimo-nos.

VISITAS QUE NINGUEM FAZ

Os nossos museus

Luciano Freire—O Museu dos Coches e o Museu Etnografico—O picadeiro de Belem—Uma riqueza enorme—Ordem e metodos impecaveis—José Leite de Vasconcelos—Portuguezes que trabalham : : : : : : : : : :

O alfacinha não visita muzeus.

Se é de inverno, regressa do emprego tarde, fica ao borralho. Ao domingo, levanta-se ao meio dia, calça as pantufas e fica na modorra do quarto, a ler a gazeta.

Se é de verão, tira o casaco vai pôr a bilha da agua na fresca e deita-se no cama-pé, mas não sai. Os museus são umas casas onde se levam, entre bocejos, as tias da provincia, mas onde quem aqui vive continuamente nunca se lembra de pôr pés. No entanto, ha entre nós museus raros e riquissimos.

Esta nesse caso o museu dos coches de Belem, talvez um dos mais ricos depositorios historicos de carros que existe na Europa. Quasi só extrangeiros o procuram e o vizitam, estrangeiros ou gente dessa população flutuante das provincias que vai aos Jeronimos e atravessa o jardim para meter o nariz no velho picadeiro de Belem, transformado em Museu, e onde a disciplina, o metodo, o escrupuloso cuidado e bom gosto de Luciano Freire tem posto uma nota de agradavel harmonia e de asseio impecavel.

Luciano Freire é desses raros homens de trabalho perseverante e continuo, que tem sacrificado toda a sua vida darte a um esforço ainda hoje não completamente apreciado por todos. A restauração notabilissima dos quadros do museu de Arte Antiga que o sr. José de Figueiredo em boa hora entregou ao professor Freire recomendaria, por si só, o poder de estudo e de carinho com que o artista distinto e o pintor probo que é Luciano Freire é capaz de se dedicar a uma obra.

Na sombra da imensa galeria de Belem, onde repousam doiradas e morticas desde as seges leves e aristocraticas de Maria I com pinturas pastoris de Pedro Alexandrino, ao coche soturno e azul de D. Pedro II, aos carros triunfais da embaixada de D. Manuel, á carroça de coiro chapeado e forte de Filipe II, ás liteiras, ás cadeirinhas, ás traquitanas, ao coche dourado, imponente e triunfal de D. João V—na penumbra leve da imensa galeria de Belem nem uma nota discordante do impecavel asseio, nem a mais leve coisa fora do seu aprumo ou do seu logar. Os arreios soberbos de prata as coleções maravilhosas de indumentaria, os selins, as albardas, tudo está reluzente, novo, vivo, como se um halito de frescura penetrasse diariamente em todos aquelas objectos e lhes tirasse o ar cadaverico das coleções oficiais.

O outro museu que vizitamos foi, nesta mesma manhã, o rapidamente o museu etnologico de Belem, onde o dr. Leite de Vasconcelos tem posto mais do que o seu interesse, mais do que o seu dinheiro, mais do que o seu esforço—porque tem lá posto a sua propria vida.

O iminente sabio portuguez, gloria que se não apregôa mas que é verdadeira, aplica a escavações e pesquisas por conta propria todos os mais insignificantes ocios da sua vida activa e extenuante de professor e de publicista. O museu etnologico é um modelo.

Constitue com esse outro museu de Luciano Freire digno pendent do outro lado dos Jeronimos.

A gente, depois de ver, como certos homens, seriamente, confiantemente vão construindo pouco a pouco mas com firmeza estas obras, como certos portuguezes, alheados de todo o campo vão das paixões, procuram dentro da esfera da sua ação, realisar o maior esforço e dar para a «obra do todo», o melhor da obra «de cada um», a gente pensa, que eles são, sem sombra de duvida os homens que cimentam e constroem, por si, a verdadeira força do regimen para o qual trabalham.

São estas obras que ninguem elogia, com que ninguem se preocupa, que passam afinal desprecebidas—as grandes obras da realidade, as grandes ações de facto.

São estes, repetimos, os verdadeiros homens dignos da Patria e da Republica.

Caixa Geral de Depositos

Caixa Economica Portugueza

O movimento de depositos da Caixa Economica Portuguesa durante o mez de novembro findo foi de 80.611.088$21, sendo 41.558.569$65 de entradas e 39.052.518$56 de saidas donde resulta um diferença para mais de 2.506.051$09 que adicionada ao saldo em 31 de outubro prefaz em 30 de novembro o de 163.678.915$33.

CROQUIS DE VIAGEM

Por terras -:- -:- -:- -:- -:- -:- -:- já dantes viajadas...

VI - Berlim Kollossal

O grande centro de Berlim é o passeio chamado «Unter den Linden» (debaixo das Tilias).

E' uma ampla avenida cuja parte central com dois renques de... tilias e um passeio serve de «boulevard» ás grandes elegancias; larga, ladeada de predios monumentais é o eixo de Berlim Monumental. Estende-se da «Porta de Brandenburgo» até á ponte do Castello (Shlossbrucke). Quasi toda a beleza arquitectonica de Berlim está aqui; os grandes monumentos, as construções, os museus, as belezas artificiais da cidade seguem-se umas ás outras consecutivamente.

Para o lado da «Porta de Brandenburgo» é o «Tiergarten», o «Bois de Boulogne» em tradução germanica, mais parque, cerrado, que apenas é iluminado aqui, ali, pela brancura dos monumentos que o enfeitam. O «Tiergarten» é na directiz do «Unter den Linden» sulcado por uma larga avenida que atravessa uma colossal ponte, adornada de colossais figuras regeas e dois largos com motivos de caça emoldurados na verdura — a «Grosser» e a «Klein Stern»; lagos, sombras desavergonhadas, uma «Flora» em escultura delicada montando um cavalo, é tudo que nos dá o «Tiergarten». Logo á entrada, perto da «Porta do Brandenburg» é atravessado pela «Avenida da Victoria» que vai dar á colossal coluna da «Vitoria».

Uma observação: em Berlim só ha, por todos os cantos a «Vitoria», o «Triunfo», as silhuetas duras dos marechais e dos imperadores. Foi por isso que Berlim estranhou a «Derrota» e ainda hoje não crê bem nela.

Das recordações da beleza monumental das cidades, é sem duvida desta linda parte de Berlim a que mais grata e inesquecivel ficou.

A «Avenida da Vitoria» aberta em arvoredo alto é a historia deste povo cantada em marmore branco; dum lado e outro, de cincoenta em cincoenta metros, um hemiciclo em pedra alvissima ostenta ao meio um soberano da Prussia, enquanto a meia-laranja em volta propétua dois dos contemporaneos mais ilustres desses reis. Esses 32 vultos brancos, de todas as epocas, com todos os trajes que se usaram atravez os seculos, formam um dos mais belos espectaculos decorativos de todas as cidades.

A um extremo, a «fonte de Rolland» em belos marmores e decorações originais de buxo.

A outro a «Coluna da Vitoria», em bronze e granito, canelada dos canhões dourados que a Alemanha dos Guilhermes tomou noutras epocas; uma galeria, baixos relevos alegoricos heroicos, e mosaicos de Veneza reconstituindo outras paginas do «Kolossal...» Imperio. No topo, uma grande, alada, «Vitoria» dourada que é preciso ter tido uma cara muito... estanhada para ter resistido desta vez, ás tentações e homenagens dum povo que tanto lhe queria e quer.

Foi aqui em frente que colocaram durante a guerra aquele paspalho de pau, o craneo quadrado e o corpo gigante, de Hindemburgo e onde vinham cravar o seu prego todos os devotos de Atila. Afinal o marechal é que parece que foi para o prégo porque nem os restos do pedestal se encontram. Da Coluna da Victoria, por 1 marco, observa-se o panorama em redór. A coluna está no centro de uma Kolossal praça arborizada em frente ao palacio não menos Kolossal do Reitchstag».

Da coluna irradiam avenidas largas na entrada das quais se encontram os grandes marechais de 70. Em frente ao Reichtag, um Bismarck vestido de couraceiro a estudar geografia guerreira no mapa da Europa.

Em face dele, do outro lado da «Coluna» fica o nosso antipatico «Moltke», todo branco dos pés á cabeça, recostado a uma pianha e mãos descançando sôbre o ventre. Mais ao lado fica o «feld-marechal Roon» que até em bronze é façanhudo e arrogante. Todos estão em «tamanho natural» segundo rezam os livros; 3,m 70... fóra o pedestal.

Berlim tem o culto da escultura e por isso, embóra a Republica se proclamasse, todos os imperadores, os generais continuaram a viver entre os seus subditos. Não ha uma rua em que não se vejam projectadas no ceu, as patas de um cavalo em caracolices de estatua: já se sabe que é um Frederico, um Rodolfo, um Guilherme em bronze ou marmore, tornando indestrutivel todo o passado belicoso do ex-imperio. E a mania hipica domina-os; ou os reis, ou os principes ou mesmo a «Germania» como a do topo do Reichstag ou a propria «Flóra»... nuasinha, num Pegaso lanzudo, tudo está a cavalo.

Deitando uma olhadela desprezivel ao Parlamento, não pelo edificio mas pelas lembranças que nos traz daquele santo que entre nós só faz tolices — São Bento — voltamos á «Porta de Brandenburgo» em colunas doricas, sob o modelo classico do «Propyleu» de Atenas. Lá em cima a «Vitoria», sempre a «Vitoria», puxada a 4 cavalos como no ex-pano do Coliseu. Voltamos a atravessar todo o «Unter den Linden» partindo da larga «praça de Paris» cercada de monumentais construções e chilreante de agua corrente em duas fontes sobre a verdura.

No outro extremo do «Unter den Linden», estão seguidamente os grandes edificios. «A Biblioteca Real», a «Universidade» face a face com o «Palacio de Guilherme I». A «opera», o Arsenal», o «Palacio do Kromprinz», o edificio do «Corpo da Guarda», a «Academia do Canto» misturam-se imponentemente, entremeados com os monumentos dos Humboldt de fisicos, de matematicos e ...dos generais das guerras napoleonicas.

A escultura alemã, em que foram mestres «Rauch, Schlutter, Lessing, Schadow, Begas», tem uma forma natural de interpretar a vida dos homens que perpétua. Não tem figuras rigidas senão para os imperadores e para os marechais; não tem figuras hirtas para os pensadores, para os musicos para os escritores.

Os monumentos aos principais vultos da musica são de soberbas linhas e atitudes. São monumentos nacionais que patenteiam o amor deste povo pela arte musical. E vá-se lá compreender uma psicologia destas que pronuncia com fervor o nome de Bismarck e quasi eleva altares a Wagner.

Mas sigamos. Estamos, passada a estatua muitissimo equestre de Frederico, o Grande—em frente ao canal do Spreé que forma com este ribeirito uma ilha... á semelhança da «Ilha de Paris». Qualquer das pontes que atravessam para aqui é kolossal. Toda a ilhota é um montão de preciosidades monumentais: é a ilha dos museus, da catedral, do Castelo Real. E' a ilha do monumento nacional a Guilherme I. Não é uma ilha — é um museu.

Em frente á «Schloss-brucke» é o «Lust-garten» mais um jardim com outro imperador equestre ao meio. Em frente o «Dom»; é a catedral classica em Renascença italiana, maior do que S. Paulo de Londres e S. Pedro de Roma. Mas está bem colocada, arejada, branca como já spe. Ao lado a colunada baixa, grego puro, do Velho Museu, que á entrada nos recebe com imitações de esculturas conhecidas. Uma terria colunada elegante liga-o ao novo museu. Mas os olhos saltam para o templo corintio, avermelhado, alto que aparece em frente. E' a «Galeria Nacional». Finalmente á proa da ilha, com os pés dentro da agua cinzento esverdeada, o «museu de Frederico».

O recheio nem sempre corresponde ao conjunto exterior, no entanto pode guardar-se um ou dois dias para contemplar num as esculturas de «Pergamo», o «combate dos gigantes e dos deuses» cuja posse tanto orgulha o genio alemão, noutro um «della Robbia», ou ainda noutro os «Memlings», os «Dürer» e os «Holbein». Deus me livre porém de passar mais do que a correr, fugitivamente diante da arte aqui armazenada.

Voltamos ao ar livre, atravessamos em longos minutos estes largos interminaveis e contemplemos esta kolossal construção, quadrada, macissa, de uma fachada. E' o «Schlon», o castelo do rei, com domadores de cavalos a adornar e Guilherme I, Frederico III e as imperatrizes Augusta e Vitoria—salvo o devido respeito—muito bem apanhadinhos, mitologicamente vestidos... Por todos os lados figuras em bronze que pezam nos olhos, como se nos pizassem. Vive se em Berlim, sempre sob o olhar de aço ou de bronze dalgum heroico antepassado. Mas, o «Schlon», é hoje um museu, visitavel a 2 marcos até ás 3 horas. Não enfada a visita atravez das salas que cheiram a soberanos prussianos, compreendendo a visita da «Bildergalerie», a galeria de pintura, onde o tema preferido é sempre uma guerra ou o coroamento dum imperador; se até um dos mais acarinhados baixo-relevos é a obra de Lessing «A guerra favorecendo a Arte, a Sciencia, o Comercio e a Industria» esquecendo porém de acrescentar «e o marco a 6 centavos» para acabar... o distico.

Em frente ao «Castelo» ha o monumento mais monumental que tenho visto: o de Guilherme I.

Lá vai ele a cavalo, de capacete, capa ao vento, levando á arriata a Paz descalça, e naturalmente estafadissima. No Pedestal, nada menos de 4, Vitorias e mais baixo duas Guerras e 2 Paz. Todo este mimoso e concorridissimo grupo é rodeado em semicirculo por uma colunada jonica, onde se destacam grandes figuras em bronze. Entre outras, lembra-nos ter visto alem de varios liões, e quadrigas, a Prussia, a Baviera, a Arte, o Comercio, etc., etc... E' o que se chama um monumento muito concorrido. Mas o todo é imponente e gostosamente germanico.

Do outro lado do Castelo, uma fonte monumental, em homenagem a «Neptuno» que de tridente rege as bocarras vomitando agua de 4 animais marinhos.

Em frente noutra móle arquitetonica, em renascença são as cavalariças riais, um palacete imenso para qualquer outro subdito do ex-kaiser, mas que na familia imperial se destinava só aos carros e cavalos.

Todos os restantes monumentos de Berlim e egrejas são afastados e dispersos mas em menor numero e sem a grandeza destes, não me podendo estender na sua fastidiosa enumeração. Aqui ao pé, apenas se encontra na ponte sobre o «spree», a estatua inevitavelmente equestre do «Grande Eleitor». E' ainda um belo monumento, que apenas nos pareceu mal colocado. A meio da ponte, sobre um dos parapeitos, com a cauda do cavalo para fóra da ponte, dá-nos a ideia que foi ali posto previdentemente por o cavalo ser inconveniente...

De resto o «Grande Eleitor» tem talvez meia duzia de estatuas espalhadas por Berlim. E, já agora deixai que vos diga que na Alemanha existiu o Grande Eleitor Frederico de «Brandeburgo», figura heroica que salvou a Prussia batendo os suecos em Fehrbellin... Entre nós é claro o monumento ao nosso Grande Eleitor, seria quando muito um monumento... «aos mortos».

ARMANDO FERREIRA

PUBLICADAS:

I—O que me disse Fogg.
II—O eterno sorriso de Paris.
III—A Berlim! A Berlim!
IV—Em que um homem á procura de hotel só ouve falar de Erzemberg e do mais que lhe sucede.
V—O estomago de Berlim.
VI—Berlim ao balcão.

A SEGUIR:

VIII—Berlim na rua ou as ruas de Berlim.

Segredos a toda a gente

Feministas

Volta a agitar se lá fóra, designadamente na Belgica, o eterno problema do feminismo. Mais uma vez as feias «mistress» Pankurst impõe o exercicio dos seus direitos politicos. E' a eterna questão de todas as mulheres que não sabendo seduzir-nos se limitam a cambaler-nos. «Les femmes» sont pas faites pour suivre la même carrier que les hommes — disse-o Mme. de Stael — e entretanto as nossas inimigas continuam, dia a dia, procurando desalojar-nos da vida publica, para que os nossos logares sejam virtuosamente ocupados por elas. E' uma ingenuidade que só as prejudica. E' uma ambição que a realizar-se reduziria as mulheres á expressão desgraciosa e incompleta de semi — homens. Mas supondo um instante que elas faziam triunfar, por toda a parte, o seu ponto de vista—não será licito perguntar hoje que especie de mulher nos dominaria politicamente amanhã? Todas? Parecem-me demais. A mulher bonita? Não. ainda se o fosse! A mulher inteligente? Ainda menos. Simplesmente a mulher feia, a mulher banal, a mulher impertinente, a mulher-homem, a mulher a quem faltasse, apesar de tudo, todas as condições dominantes do sexo forte e a quem sobra apenas uma qualidade excessiva do seu fraco: as saias.

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

Landru está doente

PARIS, 9. — O estado de saude de Landru, é inquietante. Desde a condenação á morte que o celebre criminoso não come nem dorme. E' provavel que expire antes de ser executado.

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Está amanhã aberto ao publico e domingos seguintes das 14 ás 17 horas, este interessante museu, ao Campo Grande 382 (lado oriental) fundado pelo admirador do grande artista sr. Cruz Magalhães, revertendo o producto das entradas a favor de Asilo de S. João

Factos e palavras

A PROPOSITO ... DO NEVOEIRO

Esta manhã, impiedosamente, um nevoeiro intenso desceu sobre a cidade.

As ruas perderam o sentido do comprimento, a côr adormeceu e esvaiu-se e acabou por se perder para lá daquela cortina feita de gaze, num adormecimento de legenda.

Os horisontes foram apertando a sua linha. Deserea o pano sobre a tragedia da Natureza, ouvia-se para lado de lá o ruido, o brohaha das multidões que se perdiam.

Lá no alto havia uma vaga evocação da sua perdida onde El Rei fantasma de Alcacer-Kibir andava em demanda da Patria.

E não havia sol, nem côr, nem brilho.

Poeira de orvalho que se estabilisava no espaço e nos encarcerava os olhos num cárcere cinzento.

Eu nunca vejo o nevoeiro que me não lembre daquela mulher de alma nevoenta, que abria os olhos a fitar a gente numa expressão que ninguem conseguira entender.

Usava uma unica joia, uma opala enorme, maravilha fantastica de côres, encastoada em oiro velho.

Passava longas horas de olhos cravados nessa opala a electrisar a propria alma.

Transparente e impenetravel como o nevoeiro recebeu-me numa noite vestindo galas.

Dir-se-hia um raio de sol tentando penetrar aquela vida.

Procurei-a no dia seguinte.

Tinha partido, sem ninguem o saber. Não deixára dito coisa alguma. Em vão foi procurada. Nunca mais ninguem a viu...

E quando esta manhã um raio de sol desfez o nevoeiro, ela surgiu na minha evocação, como um simbolo, como irmãos outonais...

O nevoeiro voltou... voltará sempre. Ela não voltará...

BOTTO DE CARVALHO

✤ ✤ ✤

A «Radio» prestimosamente nos transmite esta noticia do sensação:

Londres, 10.—Sir Arthur Pearson, fundador do Instituto para soldados cegos, morreu «tragicamente devido a uma queda na casa de banho» da sua residencia.

Que a alma lhe repouse em paz e que Deus me perdôe! Mas uma morte nestas condições longe de ser tragica deve ser ou comica (tragi-comedia) ou higienica.

A não ser que tenha morrido afogado... dentro da tina.

✤ ✤ ✤

As medidas tomadas pelo Ministerio dos Estrangeiros sobre consulados representam um verdadeiro conselo para desconsolados.

Foram medidas de encomenda e bem medidas.

✤ ✤ ✤

Consta que que um academico, membro da Associação anti-tabagista, vai publicar um livro de mortalhas intitulado «Zig-Zag».

✤ ✤ ✤

O proximo movimento grevista dos electricos deve começar pela paralisação dos mesmos.

Parece um paradoxo, mas não é.

✤ ✤ ✤

O consul de Portugal em Fernando Pó tem por diversas vezes instado junto do governo dara que um vapor dos T. M. E. ou da C. N. N. faça escala por aquela ilha.

Será dificil ver deferido o seu pedido porque é exigido aos tripulantes uma carta de fiança, o que complicaria imenso a viagem. Havendo em Fernando Pó uma importante colonia portuguesa não seria possivel cumprir-se a anulação dessa medida?

✤ ✤ ✤

A Companhia dos Telefones vai brevemente passar a denominar-se «Companhia Anglo Portuguesa de surdos-mudos».

As letras

Saiu o livro do dr. Americo Soares «Macau» que é escrito em bom francez.

—A filha do ilustre Embaixador do Brasil em Portugal, ilustre dama do mundo diplomatico, vai publicar no Rio de Janeiro um interessante livro de prosa e versos que se intitulará «Impressões de Portugal».

—Apareceu ontem á venda o livro do sr. dr. Pinto Serra «Fotografia».

—E gotou-se nas livrarias o livro de Mendes dos Reis «Alem».

PELO TELEGRAFO

A lucta em Marrocos

Viagem da rainha Victoria

MALAGA, 10.—A rainha Victoria chegou ontem á tarde a Malaga, sendo alvo de uma imponente manifestação. A estação encontrava-se adornada profusamente de bandeiras. O regimento de Bourbon prestou honras militares á rainha que se dirigiu para a Basilica. Foi-lhe entoada uma «Salve» que foi primosamente executada pelo côro daquele templo. A rainha visita hoje os hospitais, onde se encontram soldados de Marrocos, e seguirá amanhã para Granada.—(R.)

Palavras de Berenguer

MELILLA, 10.—Varios jornalistas visitaram o alto comissario, felicitando-o pelo seu feliz regresso e pelo acolhimento que teve em Madrid o exito da campanha. O general Berenguer mostrou-se satisfeito com a marcha das operações declarando que o exercito corresponde satisfatoriamente aos sacrificios necessarios. Afirmou que era já bem manifesto o desalento das «Harkas» ante o avanço espanhol. Referindo-se ao resgate dos prisioneiros disse que empregava todos os meios para o conseguir e esperava que se chegasse brevemente a um resultado pratico.—(R.)

Em honra dos mortos

MADRID, 10.—O regimento do rei celebrou os funerais dos mortos na campanha de Marrocos, assistindo o principe das Asturias, os generais Orozco, Bulgnete e Peralta.

Na igreja de «Los Geronimos» celebrou-se uma missa sufragando as almas dos membros do Estado Maior do general Silvestre, assistindo o rei, o ministro da Guerra, o general Weyler e os filhos do coronel Mourales bem como centenas de pessoas da mais alta aristocracia.—(R.)

A missão do general Picaso

MADRID, 10.—Dizem de Melilla que o general Picaso não concluiu ainda a melindrosa missão de que o encarregou o governo para averiguação e destrinça de responsabilidades no desastre de Melilla.

Sem embargo tem já escritas 2.000 folhas do processo e parece que delas resulta comprovada a responsabilidade de, pelo menos, 12 dos apontados como culpados.—(Lat. Am.)

Um donativo do embaixador da França

MADRID, 10.—O embaixador de França e sua esposa entregaram a sua majestade a rainha da parte da Sociedade Franceza de Beneficencia um importante donativo em dinheiro, destinado á Cruz Vermelha. Além disso, ofereceram uma sala do hospital francez em Madrid, convenientemente preparada, para ai serem recebidos feridos e enfermos.—(Lat.-Am.)

Noticias de Espanha

O modus-vivendi franco-luso

MADRID, 10.—O «modus-vivendi» comercial franco-espanhol cessará amanhã á meia noite. O Alcalde de Madrid pediu a demissão.—(H.)

A guerra economica á França

MADRID, 10.—Começa hoje a guerra de tarifas com a França.

A ruptura economica reflecte-se sempre nas relações politicas, assim como o desenvolvimento comercial cria vinculos de amisade entre os diversos paizes. A hostilidade comercial e o antagonismo de interesses geram sempre um mal estar geral que começa já a sentir-se por antecipação na Espanha onde é quasi geral o protesto contra o procedimento do governo.—(Lat.-Am.)

Vai haver crise?

MADRID, 10.—Circula o boato insistente que ainda nesta semana haverá a crise. Ha quem assegure que Maura substituirá os ministros liberais por elementos conservadores e que fechará o Parlamento, mas ha tambem quem preveja uma mudança total da situação na qual não poderão entrar os conservadores. Apoz o regresso do conde de Romanones esclarecer-se-ha a situação politica.—(Lat. Am.)

Um banquete oferecido a Maura

MADRID, 10.—No hotel Ritz efectuou-se um banquete oferecido pela Academia Espanhola ao seu presidente D. Antonio Maura, no qual assistiram quasi todos os membros da Academia presidindo Ortega Munilla um eloquentissimo discurso.—(Lat. Am.)

Os assassinos de Dato estão presos em Berlim

MADRID, 10.—Segundo noticias chegadas aqui de Berlim, os assassinos de Dato, Nicolau e a mulher Ilora que estão presos na cadeia daquela capital, recebem todos os dias numero sas visitas, especialmente de elementos comunistas e mostram-se muito satisfeitos com o aspecto que vai tomando a sua questão, visto que se acredita geralmente que a Alemanha negará a extradição e que os assassinos, uma vez postos em liberdade, poderão internar-se tranquilamente na Russia.

Os soviets

Protegendo o seu comercio

BERLIM, 10.—O secretario geral da Delegação Comercial dos Soviets nesta cidade informa ter fechado um acordo com um Banco alemão o qual de futuro se denominará «Banco Economico Alemão da Europa Oriental» e terá por fim financiar as encomendas da Russia.—(R.)

A Alemanha e os aliados

A Inglaterra aprova a moratoria

LONDRES, 10.—O «Daily Mail» diz constar-lhe que o Gabinete inglez aprova a moratoria pedida pela Alemanha para o pagamento das reparações mas que tanto o governo francez como o belga se opõem a essa concessão.—(R.)

As finanças alemãs

O orçamento acusa «deficit»

BERLIM, 10.—O ministro das Finanças submeteu ao «Reichstag» uma nota sobre o final do orçamento para 1921, da qual mostra um «deficit» de 161.500 milhões de marcos. Deste «deficit» fazem parte 95.500 milhões por aumento de salarios, 26.000 milhões devido a compras de materias primas, material circulante, etc. e 25.500 milhões por indemnisações pagas relativas a confiscações a que se refere o Tratado de Versailles. Os caminhos de ferro participam neste «deficit» com a quantia de 11.000 milhões, e os correios e telegrafos com 3.500 milhões.—(R.)

A conferencia do desarmamento

O tratado com o Japão

WASHINGTON, 10.—A proposta da quadrupla «Entente» aceita pelo Japão não incluirá garantias algumas mas uma referencia ao compromisso que cada nação, signataria da proposta, respeitará os possessões e os direitos de todas as outras no Pacifico, e no caso de qualquer disputa reunir-se-hão para se consultarem e discutirem o assunto em comum, em vez de romperem as hostilidades.—(R.)

A restrição dos submarinos

WASHINGTON, 10.—Um delegado inglez tratando-se da restrição dos submarinos e da abolição dos gazes asfixiantes, disse que era facil proibir a construção de submarinos que não fossem para fins comerciais; mas destinando-se ao comercio, num dado momento, poderiam ser utilisados na guerra.

Poderia repetir-se no futuro o caso de se considerar qualquer acordo feito como «um pedaço de papel».—(Lat.-Am.)

Lloyd Georg quer uma conferencia para tratar das dividas dos aliados

LONDRES, 10.—O presidente do ministerio, Lloyd Georg, tem grande empenho em que ao terminarem os trabalhos da Conferencia do desarmamento, se realise logo a seguir uma conferencia em Washington para tratar da divida dos aliados.—(Lat.-Am.)

A França aceita o acordo sobre o Pacifico

WASHINGTON, 10.—O enviado especial da Agencia Havas informa que o sr. Viviani recebeu hontem á noite resposta do sr. Briand aceitando a participação da França no acordo das 4 potencias sobre a questão do Pacifico. O sr. Viviani dará hoje pelas 11 horas conhecimento da resposta do sr. Briand á conferencia do desarmamento.—(H.)

O acordo será assinado esta noite

WASHINGTON, 10.—Será assinado esta noite o acordo das quatro potencias sobre a questão do Pacifico.—(H.)

Arde em New-York um asilo de cegos

NEW-YORK, 10.—Num asilo de cegos em Jersey City declarou se um grande incendio que destruiu quasi todo o edificio. O heroismo das irmãs que tratavam dos doentes, conseguiu salvar dois mil cegos entre homens, mulheres e crianças.—(R.)

A assistencia aos menores desamparados e delinquentes

Um depoimento interessante

Do sr. Manuel de Lima Barreto, secretario da inspecção de assistencia a menores desamparados e delinquentes, recebemos uma carta da qual destacamos os seguintes periodos deveras interessantes:

«Tendo eu enviado a v. ex.ª, ha algum tempo, um exemplar do meu relatorio sobre «Uma missão dos Serviços de Proteção á Menores», tomo agora a liberdade de chamar a atenção de v. ex.ª para o problema que, de certo modo, é—ou vice versa—a delinquencia infantil—que é da mais avultada importancia social e cuja solução demanda especialistas estudos e esforços de todos os cidadãos prestantes e bem intencionados.

A Assistencia a Menores Delinquentes que na sua essencia e fins é uma especie de policia da educação, tem observado com magua no desempenho da sua dificil missão que o abandono é duramente comprehendido nem convenientemente ajudada pelas classes predominantes da nossa sociedade. Ha muitas crianças que, se encontrassem em estranhos o agasalho moral que lhes falta nos respectivos lares, arripiariam caminho e deixariam a vagabundagem e a mendicidade por uma vida de trabalho honesto e util.

Em todos os paizes civilisados funcionam hoje tribunais de menores. E em todos eles o interesse carinhoso do publico se manifesta tão exuberantemente em torno de tais instituições—que raras vezes uma criança vai para uma casa de correcção ou reformatorio: ha sempre entidades particulares que se oferecem ao juiz para cuidar dos menores julgados. Em Portugal fez-se o vacuo moral á volta da Tutoria da Infancia, que é o nosso tribunal infantil, e assim esta tem de contar apenas com os estabelecimentos de reforma, que recebem um numero muito limitado de menores, e com a colocação das crianças em familias, que poucas ou nenhumas condições possuem para a tarefa que, pela força das circunstancias, se lhes confia por esta maneira. Ninguem acode aos centenares de menores que na roda do ano transitam pela Tutoria.

Mas temos ainda por sintoma de alheamento ou mesmo de injusta severidade para com os desditos da infancia: é o expulsão dos escritorios, lojas e oficinas dos menores postos em «liberdade vigiada». Os respectivos patrões, ao perceberem pela visita dos Assistentes — (funcionarios desta Assistencia) — que os menores estão submetidos á vigilancia, despedem-os desapiedadamente. Ninguem assim á criança a entrada na sociedade. Escorraçado do trabalho, apontado na sua dignidade pelo vexame recebido, sem pão e sem carinhos, lá irá engrossar a multidão já hoje numerosa dos vadios, dos revoltados e dos criminosos. Urge desfazer tão evidente confusão. Uma criança não é um bandido, mas sim um ser moral em formação, muito delicado e sensivel. Um menor que comete uma falta, precisa que o reeduquem, que o apoiem, que o levantem e lhe fortaleçam o animo, e nunca que o marquem com o ferrete da ignominia para toda a vida.

E' tão intenso o movimento em prol da infancia faltosa ou delinquente nos Estados Unidos da America do Norte, que em 1913, só em Indianopolis, havia 175 vigilantes de menores, 3 remunerados e 172 voluntarios e gratuitos, pertencentes estes ultimos a todas as categorias sociais, mas sempre de uma apuradissima selecção moral. Em Lisboa ha 4 assistentes em serviço em toda a cidade, e estes não só não teem como os seus colegas americanos, a dedicação de voluntarios e da propria população, como ainda se defrontam com a repulsa de varios comerciantes e industriais pelas crianças que estão temporariamente em «liberdade vigiada» a lei portuguesa considera crianças todos os menores com menos de 16 anos de idade).

Eu faço um apelo a v. ex.ª de apoio moral para o trabalho desta Assistencia. As ruas estão cheias de crianças que ali fazem a peor das preparações para a vida social. Só por uma propaganda persistente e sistematica conseguiremos a criação de recreatorios, de jardins escolares, de campos de jogos, onde esses crianças permaneçam durante as horas, em que os pais exercem, fóra de casa, os seus misteres.

Gostaria com as crianças para que sejam na idade propria, autenticos valores sociais, e preferivel sem a vanor contestação, nós preferimos tôda a sorte que as mesmas crianças darão se a sua educação for abandonada, como hoje está acontecendo a tantos milhares delas por esse país além.

Que a consciencia publica desperte a tempo de salvar a nacionalidade dos perigos da sua incuria educativa.

O concerto Blanch de amanhã

Damos em seguida o notabilissimo e extraordinario programa do belo concerto da «Orquestra Sinfonica Portugueza» dirigida pelo maestro Pedro Blanch, que amanhã se realisa no S. Luís é que tanto entusiasmo tem despertado:

1.ª PARTE—«I Titus», ouverture, (1.ª audição), Mozart; «II Mapfredo», entre-acto, (1.ª audição), Reinecke; b) «O Moinho». A bela moleira, (1.ª audição), Rolf; «III Os preludios», poema sinfonico, Liszt.

2.ª PARTE — «IV Sheherazade», inspirada nas «Mil e uma noites», suite sinfonica, (1.ª audição), Rimsky-Korsakoff; a) Largo e Maestoso-allegro non tropo; b) Lento-Andantino; c) Andantino quasi allegretto; d) Allegro molto; e) Allegro non troppo e maestoso; Violino solo, sr. Flaviano Rodrigues.

3.ª PARTE—V Parsifal a) Preludio; b) No jardim encantador de Klingsor; c) Scena das flores animadas; Wagner. «VI Domination do Fusi», marcha hungara, Berlioz.

Iniciativas que se perdem

A Comissão que desejava levar a efeito varios melhoramentos nas freguezias de Santa Isabel e Lapa, como instalação da 10.ª esquadra em edificio do Estado, melhoramentos no bairro, iluminação nas duas freguezias, um mercado, etc. que suprissem as suas necessidades, lamentando os atritos levantados para inutilisar os seus esforços por pessoas que sob a capa honesta da beneficencia só olham ás suas comodidades pessoais e desgostosa por esse facto, resolveu no dia de Natal oferecer á referida esquadra a maior rodada, que para assistencia aos seus paroquianos foi adquirido pela subscrição que se tinha reunido e que monta a quantia de 1.161$30, e com o remanescente dessa subscrição que é, 590$00 escudos para calçar cincoenta crianças pobres dessas freguezias.

Vida Artistica

Continua a inscrição para o banquete de homenagem ao ilustre pintor João Vaz, no Restaurant Leão d'Ouro.

Encontram-se já inscritos os srs: José d'Almada, Negreiros, dr. Gomes Motte, José Pacheco, Avelar Esaguy, Teles Machado, dr. Augusto d'Esaguy, Jorge Barradas, Hainaut, Roldão, Celestino Soares, Alvaro Pires, Castelão d'Almeida, Oliveira Mouta, Bernardo Marques, Antonio Ferro, Carlos Porfirio, Dias Sancho, Julião Quintinha, José Borges d'Oliveira, Antonio Monsanto, Pimentel Saraiva, Barros Queiroz, Geraldo Coelho de Jesus, Ferreira Gomes, Cesar Nunes, Sanches de Castro, Costa da Silva, Carlos Salgueiro Valente, Clemente Pinto, Ruy Coelho, dr. Raul Leal, Ruy Vaz, Mario Vaz, Eduardo Freitas, D. Thomaz d'Almeida, etc. O banquete realisa-se na proxima quarta-feira.

Aos que combateram na grande guerra

Um pedido da Societé d'Histoire de la Guerre

A maior parte das unidades que tomaram parte na Grande Guerra teem publicado documentos historicos.

A Sociedade di Historia da Guerra, serviço dos arquivos na rua Antoine-Roucher n.º 16 em Paris, pede com interesse aos srs. comandantes das unidades que lhe envie um exemplar de cada uma das publicações feitas sobre a sua direcção, tais como documentos historicos, memorias, recordações, ou relatorios.

Como certas unidades ou grupos adoptaram insignias e outros meios de reconhecimento especiais, principalmente a aviação, pede tambem a Sociedade o obsequio de lhe enviarem um exemplar ou um desenho dessas insignias com as cores mencionadas.

A Sociedade ficará egualmente reconhecida ás associações de caridade militar e as associações de antigos combatentes se lhe enviarem um exemplar dos seus estatutos, anuarios, proclamações desde agosto de 1914; e bem assim aos particulares autores de publicações relativas á guerra e suas consequencias, que lhe remetam um exemplar das suas obras.

A permuta de jornais ou revistas (historicas e scientificas) acções de estudo, biografias, fotografias de combatentes etc, serão egualmente bem aceites, tais como ofícios, chamados a recrutamento, apelos a caridade, etc publicados depois de 1914, e os que ainda se liguem com a conflagração, ou com as condições economicas, politicas e sociais accrescidas pela guerra.

Como em todos os paizes do mundo as associações de caridade, sociedades de propaganda, de administração civil, ou militar, comerciantes, industriais, livreiros editores, e ainda os particulares teem publicado, depois de Agosto de 1914 obras notaveis referentes á guerra, nos seus multiplos aspectos, seja em caridade, em propaganda, em patriotismo ou em industria e sciencias.

Para reunir todas estas obras fundou-se agora em Paris a «Sociedade de Historia da Guerra» no XVI, em Paris, rua Antonio-Roucher, no louvavel intuito de reunir colecções completas desses mesmos obras, em todas as linguas.

Manifestando essa iniciativa á imprensa de todos os paizes, pede a todos os autores, todas as sociedades, administrações, academias, etc., que lhe enviem qualquer numero de exemplares das obras que tenham publicado, indicando, sendo possivel, o nome do editor, a data da publicação, a lista desdedições tiradas as qualidades do papel em que tem sido publicadas, etc.

A Sociedade de Historia da Guerra pede tambem aos colecionadores de selos que lhe enviem 300 exemplares de cada especie do que possam prescindir.

Como certas unidades ou grupos adotaram durante e depois da guerra, insignias, e outros reconhecimentos especiais, principalmente á aviação, pede tambem a Sociedade de Historia da Guerra o obsequio de lhe enviarem exemplares ou desenhos dessas mesmas insignias, mencionando as cores.

Ficará igualmente reconhecida a todas as associações de caridade, militar e as associações de antigos combatentes, se lhe enviarem um exemplar dos seus estatutos, anuarios, proclamações e outros documentos posteriores a agosto de 1914.

Sá Cardoso

Banquete de homenagem

A comissão organisadora do banquete de homenagem ao ilustre oficial do exercito e membro do directorio do Partido Republicano Reconstituinte sr. coronel Sá Cardoso recebeu ontem as seguintes inscrições dos srs. Melo Barreto, Elias Garcia, Lima Alves, Lucio Escorcio, Julio Caiola, Rodolfo Xavier da Silva, João Augusto Madeira, Lopes Bispo, Antonio Pereira e Antonio Horta.

Preside ao banquete o sr. Alvaro de Castro.

A inscrição está patente na redação dos nossos colegas «A Manhã» e «Victoria».

ULTIMA HORA

Questões do dia

A cedula pessoal obrigatoria e a aplicação dos dinheiros que ela vai render.—Uma fornada de adidos diplomaticos.—Encarregatura de Negocios no Uruguay.—As camaras municipais e o imposto «ad-valorem»

Comunicam do Porto, com data de ontem:

Reuniu o conselho federal da União dos Sindicatos Operarios do Porto, apreciando vivamente e por entre ruidosos protestos o decreto que estabelece a cedula pessoal obrigatoria.

Depois de grande numero de representantes dos organismos profissionais terem atacado violentamente diversas disposições do tal decreto, a assembleia votou, por unanimidade, a seguinte moção:

«O conselho federal da União dos Sindicatos do Porto, reunido com a representação da maioria dos organismos operarios, apreciando o decreto que estabelece a cedula pessoal obrigatoria, considera essa medida vexatoria e atentatoria da dignidade individual, pelo que a classe trabalhadora não pode aceitar tão ultrajantes disposições, que representam uma coleira no seu pescoço, ao mesmo tempo que tal medida é o esmagamento das conquistas alcançadas, até hoje pelo proletariado».

Resolvem, pois que todos os sindicatos realisem sessões magnas de protesto, incidindo as classes sobre o perigo iminente que as ameaça, e que seja editado um manifesto nesse sentido».

Esta noticia merece comentario.

A cedula pessoal não é invenção do sr. Veiga Simões. E' coisa antiga, já falhada, mas que presentemente se está tentando reviver, «a outros fins». Diremos quem são os delfins; mais adiante.

A cedula pessoal e profissional foi tentada pelo sr. Aurelio da Costa Ferreira, quando geriu a pasta do Fomento. O operariado insurgiu-se, houve manifestações publicas de certa violencia, e a cedula foi-se, com regosijo dos profissionais incompetentes, que dela tinham um terror panico. Foi naturalmente sugestionado por tão belo exemplo que o sr. Veiga Simões, ministro dos Estrangeiros mercê dos acasos dum pronunciamento militar, trata agora de nos castigar com a cedula pessoal, imposta á Nação por um acto dictatorial, absolutamente incompativel com a dignidade e os direitos do cidadão. E porquê? Simplesmente par obter receita com a qual cubra a despeza que vai criar, nomeando ás dezenas, todos os seus amigos pessoais para adidos de legação. E' certo que, por emquanto, tais logares não são remunerados, mas é bem facil de se compreender que, para não comer, ninguem quer sentar-se á lauta mesa do Orçamento. A coisa é outra, porém, E' certo que, no periodo transitorio, ninguem recebe, e as nomeações, elas são feitas á sombra da legislação vigente; uma vez publicada a reforma, é que começa o bodo, porque os recem-nomeados ingressam no quadro, como terceiros oficiais.

E' assim, com tais artes de berliques e berloques, que o outubrismo ceva as despezas do Estado e não quer nada para si, mas tudo para bem da Nação. Cebo de grilo para tal desinteressel

As nomeações dos novos funcionarios do ministerio dos Estrangeiros são, aliás, denunciadoras dum criterio administrativo que muito se assemelha aos calamitosos tempos da corrupção monarquica e da delapidação republicana. A faminta classe jornalistica tem sido contemplada com largueza e a fornada dos novos adidos não findou, antes promete continuar. O sr. Veiga Simões conta, dest'arte, interessar os jornalistas na sua reforma do ministerio dos Estrangeiros, do mesmo modo que a tabu sonorosa da Fama o classifique como o mais extraordinario dos Bismarkes e dos Plaubres. Ditosa Patria que tal filho teni...

Não contente com povoar a Europa e as Americas com a fauna exportavel dos jornalistas-diplomatas, o sr. Veiga Simões cria, ainda, a Encarregatura de Negocios do Uruguay, com uma verdadeira despeza que excede com mil escudos.

Do que nós, agora, estavamos precisando era, realmente, duma luxuosa instalação em Montevideo, onde os interesses portugueses são colossais e só podem ser eficazmente defendidos por um diplomata adrede nomeado. Isso não passa de mais um pedaço de faca e de mais uma ruidosa despeza. Isso que importa? No desfazer da feira, cem contos a mais ou cem contos a menos, não é nada.

E tanto assim, que a cedula pessoal obrigatoria ha-de render ainda o suficiente para compensar os Municipios da abolição, muito impensada e extemporanea, do imposto «ad-valorem», que, para os orçamentos municipais, constituia uma apreciavel receita. Prometeu-se que estudariamos os processos a que a abolição desse imposto afectou os orçamentos municipais, afim de canalisar para o conforto publico a forma de compensar aos cofres municipais. Entretanto como haveria as camaras de pagar as suas despezas? Não ha mais onde apertar as abolições. E' assim que se continua a fazer republica, porque Republica ainda está para vir.

Pois é assim que se vai criar, obrigatoriamente a cedula pessoal.

E' pagar e não bufar. E quem paga somos nós todos, que já dificilmente temos o que comer mas a quem se não dispensa a esportula indispensavel para o custeio duma obra sumptuaria, extravagante e profissionais de arremessar, por meio duma ignobil corrupção, para a ociosidade de legações e consulados inuteis. E não haverá nada isto que se...

...z a revolução de 19 de outubro! E é com isto que se ex modifica a isenção dos revolucionarios outubristas!

A dissolução em r-l tudo avassala. Parece que ninguem a ela escapa. Ninguem sente, nem mesmo entre os jornalistas, quanto ha de deprimente so e insulta so nesta corrupção exercida as escancaras. E' fartar, vilanagem! Esta frase, proferida por um principe infeliz no fatal jornada de Alfarrobeira, será talvez o epitafio por onde desta Patria agonisante...

Ninguem... Não ha ja então ninguem?...

Universidade de Lisboa

Abertura solene

Pelas 14 horas de hoje, teve lugar a sessão solene inaugural deste universidade no ano 1921-1922.

A' hora acima indicada chegou o sr. Presidente da Republica, acompanhado pelo sr. Jaime Atias, tomando o lugar da presidencia, sendo secretariado pelos srs. coronel Maia Pinto, presidente do Ministerio e reitor da universidade, dr. Pedro José da Cunha.

Entre a assistencia que era numerosissima, viam-se os srs. ministros da Instrução e da Guerra, general Abel Hipolito, comandante da G. N. R., e muitos oficiais do Estado Maior.

A Universidade estava representada por todas as Faculdades.

O sr. reitor da universidade, fez um eloquente discurso referente ao acto.

Em seguida foi lida a oração de sapiencia pelo sr. dr. Leite de Vasconcelos, que prendeu a atenção da assistencia por uma quarenta e cinco minutos.

Poeira da Arcada

No gabinete da Imprensa, no ministerio do interior foi entregue a seguinte informação:

«Consta que um grupo de funcionarios dos ministerios vai solicitar autorisação superior para que nas diversas repartições sejam fixadas caixas para recebimento de donativos destinados a facilitar os meios com que possam fazer face á monstruosa carestia da vida».

✤ ✤ ✤

A direcção da Associação dos Professores das Escolas Industriais e Comerciais procurou hoje o sr. ministro do Comercio para tratar das reclamações da classe.

✤ ✤ ✤

Segundo o boletim da sanidade terrestre, na semana finda em 3 do corrente manifestaram-se em Lisboa 7 casos de difteria, 5 de febre tifoide, 3 de meningite e 6 de variola, e no Porto 1 de difteria e 4 de febre tifoide.

✤ ✤ ✤

O sr. ministro do Comercio conferenciou hoje com o sr. Padua Santos e Diniz Curson.

✤ ✤ ✤

O consul de Portugal em Boston comunicou ao governo portuguez que está grassando ali a febre tifoide.

✤ ✤ ✤

Tambem o consul de Portugal no Congo Belga comunicou ao governo imperar ali uma intensa falta de trabalho.

UM SOLDADO DA G. N. R. MATA UM POLICIA A TIRO

O guarda n.º 1737, da 25.ª esquadra, que se encontrava fazendo serviço no Matadouro, foi hoje morto a tiro por um soldado da G. N. R., desconhecendo-se ainda o motivo.

O cadaver foi conduzido para a morgue.

Os inqueritos

Novos interrogatorios

O director da P. S. E., sr. dr. Barbosa Vianna interrogou hoje novamente o cabo de marinheiros Manuel José Carlos e o marinheiro sinaleiro Nazaré Palmela.

Esteve ouvindo demoradamente tambem as testemunhas José Gouveia e Eugenio Rodrigues.

Foram mais ouvidos o 1.º sargento Eugenio Rodrigues, e José Gouveia, o sargento Palmela acareado com o «donte d'ouros», e com o sargento José do Carmo, foi agregado nos sobreditos do Governo Civil com uma baioneta pelo sargento José Gouveia.

Uma greve no Banco de Portugal — Outras greves em perspectiva

Segundo informações que temos por veridicas deu-se hontem uma tentativa no Banco de Portugal, que determinou um inicio de paralisação de serviços. Os empregados do Banco reclamaram melhoria de situação, mas não foram atendidos. O pessoal declarou-se em «greve de braços caidos».

Providencias imediatas da direção fizeram cessar a movimento, que, aliás, se pode reproduzir nos primeiros dias da semana proxima.

Segundo se diz esta tarde, não é impossivel que venha a declarar-se uma greve nos Caminhos de Ferro do Estado e até mesmo no funcionalismo publico.

TEATRO

Cremilda d'Oliveira

Era uma estrela na opereta. Todos nós admiravamos a sua vivacidade, o seu espirito, a sua «coqueterie».

No Rio, deixou a comedia musicada e ingressou na companhia Chaby, esse grande Chaby. que faz rir, e faz chorar, com a mesma naturalidade com que faz... tornées ao Brazil...

Pois Cremilda vai dar-nos comedia, a comedia leve, graciosa, como a sua vivacidade, como o seu espirito, como a sua coqueterie...

Nota do dia

O contra-regra é, por via de regra, contra a delicadesa. E' mesmo malcreado. Convenho que haja excepções... excepcionalmente.

O da companhia de Robles é mesmo malcreadissimo. Não perde ocasião de ser incorreto para todo o pobre diabo que tenha que ir visitar o palco.

Já notei mesmo que o do Nacional, que é ou foi um sujeito baixinho, o qual faz a sua rábula de vez em quando para desenjoar, com um capachinho negro e luzidio como uma amora, tambem não trata muito bem qualquer passeante das taboas de scena.

E' certo que os mirones podem ás vezes encomodar. Mas, duma vez, assisti eu ao edificante episodio de, depois de ter conversado com Brazão uma hora, de vir do escritorio em ameno cavaco com o gerente artistico e de ter sido cumprimentado amavelmente por quatro ou cinco das primeiras figuras, ser bruscamente repreendido pelo aspero «regisseur»—contra-regra das regras da boa educação...

Já este paradoxal nome dá que pensar: Contra regra...

Contra-regra um homem que tem que ser infalivel; contra-regra, quem tem que ser, sobre todos, regrado, sobre todos regular.

E para tudo ser paradoxal no contra-regra até eu nestas mal alinhavadas regras, fóra da regra sou contra os contra, os contra-regras...

O HOMEM QUE PASSA

Noticiario

Portugal

—O distinto escritor sr. Henrique Roldão está trabalhando na sua ultima peça de teatro, com a qual se despede da sua vida de autor dramatico, e que se intitula «O homem que nunca smou».

Trata-se duma comedia altamente dramatica fóra do genero que o autor tem explorado.

—A «Torta de Viana» é o titulo de uma comedia-farça que será entregue brevemente á companhia Chaby.

—O sr. Henrique Roldão tem ainda uma farça intitulada «A viuva Gomes».

—A peça que Armando Ferreira está escrevendo de colaboração para a companhia Chaby não terá o titulo «A conquista».

Reclames

Que a companhia do circo que funciona no Coliseu dos Rec[illegible] é a melhor que tem vindo a Lisboa dil-o o publico que todas as noites enche o popular circo e aplaude com entusiasmo todos os artistas. Amanhã ha matinée em que teem entrada gratuita todas as creanças, até aos 10 anos, que se apresentem acompanhadas.

AGENDA DA SEMANA

HOJE.—No Teatro Chiado Terrasse, «premiére» da peça em 3 actos, «Novo Testamento», adaptação de Pedro Bandeira, Carlos Ferreira e Guedes Vaz.

Foot-Ball

A visita do team Tcheco-Slovaco

A convite dos trez mais importantes clubs de foot-ball, Sport Lisboa, Sporting e Casa Pia deve visitar-nos pelo natal um importante agrupamento «Tcheco-Slovaco» que jogará entre nós uma serie de desafios.

A vinda deste team estrangeiro representa para o foot-ball portugues mais uma étape e os seus encontros devem despertar enorme entusiasmo.

E' possivel que o grupo Tcheco-Slovaco chegue a Lisboa no dia 23, jogando dias depois, entre o Natal e ano Bom.

As direcções dos clubs sportivos preparam ao importante team, uma recepção condigna tanto mais que ha dez anos que não somos visitados por um agrupamento de valor como é o «Union de Praga».

CRONICA SCIENTIFICA

Não haverá mais choques de aeroplanos

Estudando o vôo dos morcegos, os professores da Universidade de Cambridge, descobrem a maneira de evitar colisões no espaço

A sciencia acredita ter encontrado um meio de salvaguardar os aeroplanos e dirigiveis contra as colisões.

O que teria inspirado tal descoberta, evitando o choque dos aeroplanos no ar e o esbarro tão desastroso e de tão funestas consequencias de um avião contra um anteparo qualquer, como um edificio, por exemplo, durante a «aterissage»? Um pequeno animal, humilde representante dos chiropteros,—o morcego. Pois foi esse bizarro animalejo o inspirador de tão importante descoberta. Os incansaveis pesquizadores dos factos, que, de qualquer modo possam trazer beneficios á sociedade, tiveram a atenção despertada pelo facto seguinte: os morcegos voam com incrivel rapidez durante a noite, não se dando nunca o facto de uma colisão entre eles ou de um esbarro contra qualquer arvore ou parede.

Uma interessante descoberta

O corpo do morcego é de uma delicadeza tal que uma colisão seria fatal para ele. As azas tambem não resistiriam ao embate contra um fio de telefone, por exemplo, ou outro qualquer fio conductor que, hoje em dia, existem aos milhares nos grandes centros.

O processo escolhido pela natureza para proteger os animalejos é assás engenhoso e extraordinariamente eficaz.

Pois é exactamente o mesmo principio que está sendo aproveitado nos Estados Unidos e na Inglaterra para evitar o choque dos dirigiveis de qualquer especie, quando no ar, ou o funesto esbarro contra os edificios e arvores, na descida.

Um pouco mais de paciencia e os aeroplanos e dirigiveis poderão voar á vontade á noite ou na mais densa neblina, sem perigo algum.

Sabe-se que os olhos dos morcegos tem a faculdade de ver atravez uma escuridão objectos absolutamente invisiveis a qualquer outro animal. Descobriu-se, porem, ultimamente, que o facto da imunidade desses horriveis voadores contra as colisões nenhuma relação tem com os olhos extraordinariamente penetrantes. O segredo está nos sons que produz, sons esses que são perceptiveis ao ouvido humano. O interessante é que os ouvidos do bizarro mamifero estão de tal forma aparelhados que não ouvem, por exemplo, o latido dos cães. Quando, entretanto, os morcegos voam de encontro a um qualquer obstaculo, tais como um muro ou um fio de telegrafo, as ondas sonoras produzidas pelo seu corpo são reflectidas aos ouvidos do mamifero voador sob a forma de tenues écos. Pela natureza desses écos o morcego percebe a natureza do perigo, ao encontro do qual vôa e evita-o a tempo.

A sciencia agora acredita que póde suprir as azas dos aeroplanos e o envolucro dos balões dirigiveis com aparelhos capazes de augmentar em larga escala os sons que protegem os morcegos contra os esbarros fatais. Pois os aparelhos dos dirigiveis reterão os sons durante o «raid» aereo. Uma vez que esses cessem, interceptados por uma torre, uma arvore, etc, os écos serão recebidos por um delicadissimo aparelho colocado diante dos olhos dos pilotos.

Desse modo, assim como a alimaria que vôa á noite dirige o seu vôo, de acordo com os sons que lhes chegam aos ouvidos o piloto aereo dirigirá com segurança o seu aparelho de acordo com os sons recebidos pelo aparelho diante dele colocado. A descoberta é o producto de um paciente estudo realizado na Universidade de Cambridge e mostra até onde chegam a pesquiza e a paciencia dos scientistas em beneficio da humanidade. As experiencias foram o que ha de mais interessante. Da simples observação das centenas de morcegos que voavam nos edificios da antiga Universidade chegaram á experiencia. Os olhos do animal foram vedados com céra e mesmo assim conseguiu evitar toda e qualquer especie de obstaculos, taes como uma duzia de cadeiras colocadas regularmente em uma sala em que havia tambem uma série de outros objectos suspensos por fios de arame.

Outras experiencias foram realizadas e cada qual provou que embora esteja o morcego provido de olhos de penetração extraordinaria, são os seus ouvidos e o rumor das suas azas e de seu corpo o que permite evitar os anteparos contra os quais uma colisão qualquer seria fatal. Aguardemos agora, a declaração oficial de mais essa interessantissima descoberta, que será bem recebida pelo mundo culto, onde a quinta arma de guerra é merecedora das atenções do momento.

OS CONTOS DE «A CAPITAL»

O JURAMENTO

por LUIZ RIPADO

Raciocinar é rir. O acume da sabedoria humana é vêr os revessos das tragedias sociais: lá está por força a comedia.

CAMILO CASTELO BRANCO

Quando cheguei a Espinho, nesse abrazador agosto do ano passado, os hoteis regorgitavam de novos ricos e foi com dificuldade que arranjei um quarto no Hotel Central, a trinta metros da praia, cincoenta escudos por dia.

Lá encontrei o Sergio da viola, meu companheiro dileto da boemia, que naquelas tardes languidas, como sorrisos de pecadoras, nos entretinha com o seu espirito de «blagueur» incorrigivel, contando-nos anedoctas picantes que faziam sorrir as senhoras...

Uma noite estavamos de olhos fitos nos ancinhos dos olheiros, ouvindo o tilintar das moedas que rolavam para o abismo, quando atravessou as salas da roleta o nosso amigo Vasco Soeiro dando o braço á encantadora Clarisse, a mais formosa mulher que eu ainda vi na minha vida.

—Toma! O Vasco é um poço de sorte! Tem por amante a mulher mais linda de Lisboa, disse eu.

—Enganas-te. Casadinhos de fresco, retroquiu o Sergio.

—Brincas. Pode lá ser!

—A verdade, meu amigo.

—Queres então fazer-me acreditar que o Vasco, o honestissimo Vasco, metódico como um inglez, escovado como um francez, recatado como uma freira, pelintra como... um funcionario publico, fosse oferecer o seu nome e a sua honestidade áquela desavergonhada que todos nós conhecemos?! Pode lá ser!

—A verdade, repito. Casaram ha meses, passaram a lua de mel em Sintra e agora ei-los em Espinho, a banhos...

Levantamo-nos e dirigimo-nos para a sala proxima, onde uma orchestra de professores do Conservatorio deliciava o auditorio com a «sonata a Kreutzer».

Batemos as palmas, não para aplaudir os musicos, mas reclamando o criado que acudiu solicito:

—V. ex.ª chamou?

—Café e Triple-sec.

E o Sergio preenchendo a solução de continuidade, dizia aguardando o regresso do serviçal:

—Pois embora te custe a acredita-lo o Vasco e a Clarisse veraneiam, aqui, como os esposos mais felizes do mundo...

—Com efeito, há coisas inacreditaveis! A Clarisse foi sempre uma doidivanas, muito perdularia, nada «menagére», gastando em «toilettes» as economias do pai que morreu na miseria, como sabes... O Vasco, pelo contrario. é um rapaz honesto, pacato, levando uma vida que é como uma maquina registadora de economias, preferindo andar a pé, a gastar um tostão no electrico... Temos pois duas antitees, polos opostos do genero humano. Vens tu daí e declaras que estas duas criaturas se ligaram pelos laços do matrimonio.

Como queres que eu te acredite?

—E tu a dar-lhe e a burra a fugir!... Como sabes, o Vasco foi sempre um infeliz na vida. Não conseguiu tirar um curso nem esteve na Rotunda da Avenida para ter um diploma de revolucionario civil. Dedicou-se ao comercio e falhou. Fez-se jornalista e o jornal deu em droga. Quiz ser autor e o Teatro onde trabalhava ardeu! Positivamente um falhado, um calixto!

—Mas ele era terceiro oficial do ministerio da Agricultura...

—E ainda é. O que tu ignoras é que foi o pae da Clarisse que lhe arranjou o lugar...

—Não sabia.

—Arranjou-lhe o emprego e deu-lhe umas botas de elastico; daí a gratidão do Vasco.

—E porque bulas passou ele depois a ser o editor responsavel das obras da Clarisse?

Por um par de botas? E' pouco.

—Lá vamos. Nas visitas que o Vasco fazia ao sr. Rodrigues—o pai de Clarisse—seus olhos tristes fitaram-se nos olhos sonhadores desta. O amor é cego, e como sabes, nasce do acaso: um sorriso, uma lagrima, um aperto de mão, sabe-se lá... E' possivel que os loiros bandós da rapariga encadecessem o claro entendimento, e daí aquela paixão que o levou ao casório.

—Perfeitamente. Mas ele não conhecia o passado escandaloso da sua Dulcineia?

—Sei lá! Talvez que ela o tivesse afogado em pranto...

—Não rias.

—Eu não sou filosofo, meu amigo. Não trato dos «comos», nem dos «porquês» das coisas. Conto factos. Vasco enamorou-se de Clarisse. Escreveram-se.

Houve sorrisos, beijos ás escondidas, talvez lagrimas, emfim todas essas pieguices que nos levam a consumar a maior asneira deste mundo, fazendo com que os sinos repiquem a noivado e de mãos unidas pronunciemos o fatal «sim», (que é como quem diz: «enforca», deante dum sacerdote que, lá no intimo, muito se ha de rir de nós sermos tão idiotas...

—Casaram ainda em vida do pai?

—Não; um ano depois. O casamento do Vasco com Clarisse, foi o pagamento duma divida de gratidão, foi o cumprimento dum juramento sagrado.

—Agora é que eu não percebo nada...

—Vais perceber. O pai, um belo dia, já o Vasco era empregado na octagessima direcção do Ministerio da Agricultura, deixa-se adoecer, como diz Goëthe, e cai de cama. Vem o medico faz o prognostico duma doença gravissima. Duraria apenas horas. A diabetes estava no ultimo grau...

Todos choravam. A Clarisse parecia a Madalena arrependida e o Vasco lembrava Jesus Cristo, de barba aparada...

Foi então que o sr. Rodrigues os chamou á sua humana presença e os abençoou. E naquela hora tragica, sentindo a Morte a galgar-lhe pelos degraus da espinha dorsal — como Romeu subindo a escada de corda—, o pai de Clarisse pediu ao seu protegido que lhe fizesse o juramento de que casaria com sua filha...

O Vasco, comovidissimo, batendo com a dextra no peito, jurou pelos cento e oitenta escudos do ordenado, incluindo a subvenção, que casaria com Clarisse.

O sr. Rodrigues sorriu. Uma lagrima bailou-lhe nos olhos, tremeu... tremeu... e caiu silencioso nas mãos dos futuros noivos.

Depois entrou no letargo, a vida foi-se-lhe extinguindo gravemente, emquanto na rua um cego cantava uma canção brejeira acompanhando-lhe a agonia, como na «Madame Bovary», deves estar lembrado...

—E, ao menos, o Vasco é amado?

— Bem sabes que o nosso heroe, com aquele feitio de «N. S. não te rales», nunca se preocupou com essas ninharias.

—E, não houve um amigo que lhe abrisse os olhos?

—E's terrivel, meu caro! Que lhe importa o murmurar das linguas do mundo...? Se a mulher é voluvel qual pluma ao vento, como diz o outro, acabou-se, fecham-se os olhos, e é deixar correr o marfim...

Ela é qual Fenix renascendo do incendio da paixão, distendendo os alves remigios do amor entre as labaredas que ateia.

Seu coração é uma chaga supurando o fogo que lhe brilha nos meninas dos olhos, que nos atraem irresistivelmente.

O Vasco tem um papel a desempenhar na vida: é o quebra-luz daquela chama intensa.

Garante-lhe a honestidade.

Sem o Vasco, seria a lama que se vende; com ele, é a senhora casada que nós cubiçamos.

De resto, convenções da vida. Todos nós de alma ajoelhada, lhe beijamos a fimbria do vestido e procuramos possuir aquela «completa lira», como dizia o Daudet, a que não falta uma só nota da escala amorosa.

—Queres dizer que o pobre Vasco é atraiçoado a todo o instante?

—Sei lá! Mas no fundo é feliz: Parece-me que com o ordenado de funcionario publico nunca viria passar o verão em Espinho... Eles andam por ahi todos mas é na «espinha»...

—Mas, nesse caso, o Vasco é um «souteneur», indigno da nossa amizade?

—Não te exaltes. O Vasco cumpriu apenas um juramento.

Prometeu casar, não prometeu regenerar ninguem.

—Vou cortar as relações...

—Não faças isso. Ele afinal é um homem de bem.

Jurou que casava e casou.

Se não cumprisse o juramento, serias tu o primeiro a chamar-lhe ingrato, e iria parar ás profundas do inferno depois de morto...

—Coitadinho!...

46—Folhetim de «A CAPITAL» — 10 de Dezembro de 1921

ROCHA MARTINS

Spartacus

Romance das lutas proletarias em Roma

VII

A' voz pura de Emerencia elevava-se para o espaço, suave, terna, num gemido que fazia chorar, sob a luz vermelha da lua cheia que parecia atrair as labaredas da pyra onde se ia queimando, sobre perfumadas madeiras, a carne do gladiador morto.

VIII

Lavinia com o olhar baixo, comovida e envergonhada sahiu da diversoria onde ficara e foi ao encontro de Myrtha que a viera buscar. Julgara que jamais veria Manlio condenado á morte como ela estava destinada aos caprichos do gaulez mas ia a caminho do presidio improvisado no qual estavam os romanos escapos ou que não tinham entrado no combate dos gladiadores. Fôra um espectaculo sinistro com berreiros e incitamentos, gargalhadas ante os desgeitosos, o livor nas faces dos que tinham sido obrigados a assistir. Jámais os senhores se fizeram tão barbaros para os servos como nesse periodo de revolta; contavam-se horrores de torturas em que se inventavam suplicios crudelissimos, escravas lançadas ao fogo, crucificações ás centenas ao mesmo tempo que redobrava a exploração das mulheres lançadas nos prostibulos e dos homens de oficio trabalhando por conta dos donos. Untavam-nos de pez e largavam-lhes fogo, barravam-nos de mel e expunham-nos ás formigas, cosiam-nos nos fornos de cal viva. Os vencedores vingavam-se quando agarravam os vencidos e, entre uns e outros, um brado feroz de guerra e de exterminio correra por toda a republica.

A patricia parára com a mulher de Spartacus junto da poça clara onde Numesia lavava umas faixasinhas; os pequenitos amassavam terra para a construção da fortaleza imaginada pelos dois anos de cada um deles. Beijara-os a ambos com amor sem distinguir o sobrinho do filho da escrava. Elio lambuzara Eudoxio cuja alta figura se minguara para tomar ambos ao colo entre as risadinhas alegres de ambos; Junio puxava-lhe as orelhas e o gigante, com o rosto cheio de terra, ficaria ali a brincar se Myrtha não o chamasse.

Anunciava-se um dia feio, com um ceu esfumado; nuvens sujas enrolavam-se no ceu, a atmosfera pesada e a luz lugubre precediam a trovoada; soldados amorrinhados, tristonhos, faziam as suas vigias; outros jogavam aos dados as presas dos combates, vasos de ouro, sedas, amforas magnificas e armas de luxo que só os oficiais podiam usar. Passavam mulheres levando as suas cubas de agua, carregando lenha para as bandas dos fornos onde se cosia o pão e das cosinhas onde se ia fabricando a refeição do exercito. Uma matrona que fôra celebrada em Napoles pelo seu fausto jáctava-se, risonha e languida, com um «velite» muito novo que fazia acender desejos nos olhos negros da prisioneira; um bando de efebos sirios passou gralhando com fitas na cabeça como raparigas. O «bastiario» que guardava os homens tomados a Publius Varinius saudava o numida com respeito e deixava passar as mulheres para aquele buraco negro tornado em carcere.

Manlio estava por terra sobre um feixe de palha; o senador muito livido era a um tempo tragico e picaresco, na sua toga pretexta, como o poder abatido; ao lado dois ricos comerciantes de olhos tristes as belfas empechaneados, fundidas as gorduras, julgavam ainda ouvir o povo a vexa-los; antigos elegantes, envergados de farraparia, amoleciam-se e amarelavam-se.

Dos tresentos que tinham parodiado os gladiadores estavam para ali uns cincoenta feridos, naquele recinto escuro, empestado numa mistura de terra, detrictos, suor e febre. Lavinia sentara-se num tronco enterrado no solo junto do noivo que buscava erguer-se ao reconhecer aqueles cabelos loiros sem igual, o perfume de nardo que evolava do seu corpo branco, toda a graça subtil que adorava.

Myrta ficara a distancia olhando aquele horror de corpos a moverem-se, gementes, tilintando ferros, de ricos levados á condição miseravel em que os escravos viviam desde o fundo dos seculos, tratados tanto como animais que havia quem os criasse para os levar ao mercado como onagros ou bacoros. Eram as carnes tenras das crianças analisadas, avaliadas, tirando-se da sua aparencia o destino a dar-lhes, desde o de bobos a concubinas, de salteadores, por conta dos amos até a poetas para comporem os seus discursos. Catão tinha um viveiro de cortesãs em seu proveito, era corrente não se ligar aos escravos mais importancia que a crias de bestas de valor determinado.

Eles agora faziam o mesmo num rancor maior do qual Manlio sofria; para demais imputavam-lhe o primeira ataque a Oenomaus. Por isso, ao ouvir Lavinia interroga-lo sobre as suas dores, esboçava um sorriso e volvia consolado:

— Basta-me ó divina! a tua presença para me curar! Que importa de resto, ir para a morte com mais ou menos saude? Sei o que me está destinado! E olhava com estoicismo agora que tu vieste... Não receio as dôres dos pregos nas mãos de me crucificarem mas não terei coragem para vêr o teu corpo de virgem entregue a outro... E eu sei que hei de assistir á festa; os soldados entraram ahi rindo e apontando-me...

E' um fingimento de consorcio: é uma farça de histriões em que tu serás a victima!

Com os olhos molhados de lagrimas, ela acalentava-lhe a esperança:

— Manlio eu morrerei... Era o que te queria dizer... Entre nós houve sempre uma singular situação... Julgaste que não te amava e eu tambem o pensava... Quando minha mãe me disse que devia casar chorei... Tinhamos sido creados juntos eu via-te como a Marcio... Chorei... Na minha cabeça havia sonhos que não te sei explicar; desejava, por vezes, fugir com um pirata numa galera de ouro, outras era uma vestal que ambicionava ser... Oh! Mas quando Cyrene me falou do seu amor por ti, porque ela ama-te... despertei julgando, todavia, ser outro o sentimento que me levava a pedir-te que partissemos... Lembras-te do nosso projecto de vida na Espanha, festa junto do lago das mareias?!

—Acaso ha algum dos teus passos, dos teus suspiros, dos teus olhares que eu olvide? Como esquecer palavras da tua bôca?! balbuciava ele levando aos beiços ressequidos a mão essenciada e tresca de Lavinia e afastando o pensamento da mulher de Aurelio.

Ela soluçava baixinho, cobria o rosto com as mãos para lhe falar mais ousadamente. Da bôca de Opalia ouvira o que a esperava; a cerimonia imaginada para a amesquinhar e da qual ninguem a salvaria nem mesmo o grande chefe... Para Manlio a tortura, o rebaixamento e a morte!

A velha dissera-lhe: Teu irmão roubou o noivo á minha Emerencia eu dou-te um bem apaixonado... Teu pae matou meu marido e eu dou-te um que te encherá de beijos... Ele é louco.. as rosas murcham.. as rosas murcham...

Recordando tudo isto, querendo calar o seu pranto e deixar ao noivo a impressão de que só a ele pertenceria, concluiu:

— Pedi a Myrta os venenos subtis da Trácia...

— Oh! a morte assim é mais bela!... Porque não os beberei dos teus lindos labios; ó divina!

(Continúa.)

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

:: Os que marcham pela estrada da verdade teem um futuro garantido de paz e felicidade; os que caminham pelos atalhos tortuosos depressa chegarão a encontrar as ruinas das suas :: :: :: proprias obras :: :: ::

N.º 3950—12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães. Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Segunda-feira 12 de Dezembro de 1921 | Telefone n.º 2233 — Endereço Tel. CAPITAL. Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

MOMENTO POLITICO

O MINISTERIO

recompõe-se ou demite-se

é, pelo menos, o que esta manhã se dizia, com visos de verdade, nos circulos oficiais

O ultimo crise inconstitucional que adiou as eleições deu, como resultado imediato, uma aparente acalmação nos meios onde se debatem as paixões politicas. Não foi só, porém, necessarios muitos dias para que a agitação desordenada se apoderasse dos espiritos,—e a tal ponto que, neste instante, já tudo é para recear, embora ainda se não desfizessem todas as esperanças no colosso final de soluções pacificas. O melhor, porém, é relatar o que se está passando e deixar á inteligencia e agudeza do leitor de A Capital (todos os nossos leitores a possuem) a conclusão das premissas formuladas por nós.

✦ ✦ ✦

O outubrismo, que organisou o movimento duma revolução, apropriou-se do Poder sem ter previamente estudado e resolvido os grandes problemas da administração publica. Ha pouco tempo que a organisação politica do outubrismo se fez convenientemente, a par e passo que se iam coordenando as forças activas do movimento revolucionario. A' frente desse organismo estava o sr. Mesquita de Carvalho, que possuia, pronta a ser publicada no Diario do Governo, uma colecção de decretos, onde as principais questões que afligem a nacionalidade eram resolvidas segundo o seu [illegible].

Os assessores ainda [illegible] os reformadores e o outubrismo teve de se contentar com o governo do sr. coronel Manuel Maria Coelho, mais improvisado que capazmente organisado.

Efectivamente o sr. coronel Coelho nunca quiz ser governo e sómente trez ou quatro dias antes do movimento é que consentiu em o chefiar, mas sómente sob o ponto de vista militar. O seu ministerio teve, mesmo, um aspecto curioso, porque foi obtido graças as exigencias politicas dum senhorio, muito e nada nos meios extremistas da politica outubrista. O facto, portanto, do sr. coronel Coelho ter sido o chefe do primeiro governo saido do movimento de 19 de outubro foi simplesmente devido a circunstancias fortuitas e ocasionais e não se tem apresentado no seu posto quasi todos os homens publicos que a ele se sinham comprometido. E é assim que se explica o insucesso governativo dos homens que acompanharam o sr. coronel Coelho e o governo a levar ao calvario, onde agora se encontra crucificado o sr. Maia Pinto, a pesada cruz do suplicio governamental.

O outubrismo dividiu-se, logo após a organisação do gabinete Maia Pinto, em dois grupos, que presentemente se apresentam adversarios, cada qual mais irreductivel e a que os marinheiros transformaram-se em inimigos irreductiveis. O grupo outubrista que apoia o sr. Maia Pinto é constituido por e, com o tal persistencia politica moderada, que nos exclue a existencia dos partidos outubristas.

O sr. Maia Pinto tem no seu ministerio alguns partidarios, como, por exemplo, os srs. Vasco Borges e Costa Cabral, que são democraticos; e o seu chefe de gabinete como ministro do Interior e o sr. Ribeiro de Melo, que teem mais tendencias partidarias conservadoras. Mas o outro grupo outubrista, cuja principal figura é o que diz ser o sr. Mesquita de Carvalho, é radical, quando para já a execução do programa revolucionario, segundo aquele programa que o governo inaugural do outubrismo tem, afinal, por proprio.

O choque entre estas duas facções está iminente. O que se procura, hoje, é evital-o, negociando-se uma plataforma minima de execução imediata quanto a reformas de administração publica. Se essa plataforma fôr encontrada e aceite pelas duas facções, o governo Maia Pinto continuará no Poder até as eleições (que se hão-de fazer...); tal qual se encontra organisado ou, mais provavelmente, recomposto, entrando alguns elementos outubristas-radicaes e saindo os ministros que mais demonstrações teem dado de espirito conciliador e oportunista.

✦ ✦ ✦

Mas existe ainda outra questão, capaz de complicar gravemente a politica nacional. Referimo-nos á reunião do Congresso dissolvido, reunião que foi por nós pre-anunciada e que o «Seculo» diz que se vai efetuar em Coimbra. Embora o governo seja, a este respeito, bastante optimista, nós não comungamos no seu modo de ver e receiamos, realmente, a formação dum «gachis» capaz de arrastar o paiz ás mais graves situações.

O optimismo do governo funda-se em que não crê na viabilidade da reunião do Parlamento. «Os partidos—diz o governo—não apoiam a «démarche» legalista; nestas condições, a reunião não se efetua ou, a efetuar-se, desfaz-se por si mesma, como uma bola de sabão...» E' possivel que assim venha a acontecer e isso depressa se saberá. Dada essa hipotese, as dificuldades criadas pela reunião serão nulas; mas se, por acaso, o Parlamento deliberar, as suas leis serão tudo quanto ha de mais constitucionais e é possivel que uma parte do paiz, aquela que não esteve coacta pela força marcial, lhes preste obediencia.

E a Nação ficará, assim, dividida em duas... Não supomos que se chegue a esse extremo. Acreditamos, pelo contrario, que um resto de bom senso presida aos destinos da Nacionalidade. Se assim fôr, antes da crise gravissima que só é admissivel por mera hipotese, uma crise total do gabinete Maia Pinto abrirá resolutamente as portas a negociações conciliatorias muito mais faceis do que muitos de nós supõe, desde que a elas presida, por parte dos politicos que as desejem, um suficiente espirito de sacrificio pela Republica e de renuncia ao egoismo partidarista.

Resta mencionar uma ultima hipotese. E vem a ser que o governo Maia Pinto empregue a força publica para impedir a reunião do parlamento. O governo crê poder contar com a acção obediente das guarnições militares do norte do paiz. Melhor será que não faça a experiencia... E cremos que, na realidade, a não fará, porque a divergencia de opiniões, nesse particular, será irredutivel no proprio ministerio e mais depressa ocasionará uma crise total do gabinete, que outra crise qualquer.

✦ ✦ ✦

Resumindo:

As dificuldades politicas são maiores que nunca. E' possivel que o gabinete Maia Pinto consiga viver até ás eleições, admitindo, por simples hipotese, que elas venham a fazer-se no dia 8 de Janeiro proximo. O mais provavel, porém, é que se dê, sem demora, uma crise total no gabinete ministerial.

E depois? Depois...

FAUSTO DE FIGUEIREDO

O «Diario de Noticias» de hontem diz-nos ser inexacta a noticia que correu referindo-se ao sr. Fausto de Figueiredo ir fixar definitivamente a sua residencia em Paris e que brevemente o importante capitalista regressará a Portugal.

Regosija-nos esta noticia, pois mais do que nunca o nosso paiz necessita de homens do alto valor e do rasgado espirito de iniciativa que caracterisa o sr. Fausto de Figueiredo.

Os belos gestos

Madame Josette Martin, a bem conhecida modista lisboeta, entregou-nos, para serem distribuidos pelos nossos protegidos, cem escudos.

«A Capital» cumprindo a missão honrosa de que foi encarregada, distribuiu 25$00 escudos por cada uma das seguintes casas de caridade: Associação protectora da infancia de Santo Antonio de Lisboa, Asilo para cegos Antonio Feliciano de Castilho, Asilo de S. João e Sanatorio Maritimo da Parede.

Professorado primario

A União do Professorado Primario Oficial Portuguez enviou-nos a seguinte nota, cuja publicação nos pede:

«A Comissão Executiva da U. P. P. enviou aos nucleos escolares filiados uma circular, na qual são convidados os nucleos e o professorado a manterem-se solidarios com o restante funcionalismo nas resoluções tomadas e a tomar pela comissão central da assembleia do funcionalismo publico.

Em harmonia com as varias e constantes comunicações recebidas de muitos nucleos escolares da provincia, resolveu protestar energicamente contra o decreto n.º 7 867 que desorganisa a Inspecção e Administração Escolar, resolvendo convocar brevemente em Lisboa uma reunião de secretarios de Juntas Escolares e do Conselho Central da União.»

A exposição de tapetes de Beiriz

Visita do sr. Presidente da Republica

O sr. Presidente da Republica realisou hoje, pelas 14 horas, a sua anunciada visita á exposição de tapetes de Beiriz, na Sociedade Nacional de Belas Artes. O sr. dr. Antonio José de Almeida que se fazia acompanhar pelo secretario da presidencia, sr. Jaime Athias, e pelo seu secretario particular, sr. Almeida e Sousa, inscreveu o seu nome no livro dos visitantes, tendo para os produtos expostos e, especialmente, para a direcção artistica do fabrico, a cargo da sr.ª D. Ilda Almeida Brandão R. Miranda palavras do mais caloroso elogio.

Migalhas

A politica

Os chamados partidos politicos sentem-se completamente isolados no meio da opinião publica. Se não fossem as noticias dos jornais anunciando as suas reuniões e as suas decisões, ninguem suspeitaria sequer da sua existencia. Se não tivessemos a veleidade de querer viver constitucionalmente e portanto de elegar parlamentos, esses agrupamentos, que não se apoiam em cousa alguma, não teriam a minima função. Assim, quando se convocam os colegios eleitorais, são eles ainda que, no meio da indiferença publica e dum formidavel desdem pelas urnas que já não significam nada no campo das ideias, lá repartem circulos entre os socios fieis e acabam por compor camaras absolutamente divorciadas do sentir geral. Ao cabo de trez mezes verifica-se que esses Parlamentos, cheios de vicios de origem e mal compostos, são inuteis ou mesmo nocivos para a marcha dos negocios publicos.

A grande verdade é esta: o paiz está desinteressado da politica. E isso provém principalmente de que os escandalos politicos, que não são pertença exclusiva de Portugal — toda a gente o sabe — entre nós tem o aspecto curioso de nunca serem acompanhados da minima sanção.

Ha tres dias, a pagina do «Diario de Noticias», que publicava o relatorio de um ex-adjunto da nossa delegação á comissão de reparações, era saborosa de ler. Por ela se demonstrava que, havendo já pouco dinheiro na nossa terra sobre o qual lançar interessadas vistas, com entusiasmo se precipitavam os apetites vorazes á maquia que possivelmente nos venha da Alemanha.

Emquanto durou a guerra e as despesas extraordinarias, para as quais vinham fundos dos cofres aliados, o bodo foi o que se sabe. Todos os dias, a cada canto, se ouvem contar com citação de nomes, datas e quantias, casos que nos assombrariam se não fosse a pratica que temos dessas coisas.

São do dominio publico as historias dos Transportes Maritimos, dos Bairros Sociais, dos varios ministerios e comissariados dos abastecimentos. Toda a gente conta historias de barcos e bens alemães. As crianças de mama explicam os fornecimentos para a guarda republicana e outras organisações militares. Resumindo: é um pavoroso estendal de escandaleiras.

Como já disse, não tem Portugal o exclusivo destes factos. Se antes da guerra os homens não eram perfeitos, a guerra, trazendo á tona dos negocios novas camadas cheias de apetite, fez desabrochar sobre a terra regada pelo sangue dos ingenuos a mais explendorosa floração de cavalheiros de varias industrias que os seculos tem podido apreciar. Tambem se sabe que, em toda a parte do mundo, influencias de toda a especie, no teclado dos interesses criados, tratam de ocultar ou disfarçar as tranquibernias efectuadas. Mas, quando alguma delas vem finalmente á superação, quando a imprensa e a opinião publica dela se apoderam para a discutir e a pormenorisar, as sanções não falham. Entre nós, o maximo que se faz é nomear uma sindicancia. Ainda não houve em Portugal um processo bem claro, com audiencias á luz clara do sol, de que resultasse uma condenação nitida.

Daqui resulta que a grande massa do paiz encara os partidos politicos como responsaveis desta imoralidade ou por outra desta ausencia completa de moralidade.

Somem ainda o desbarato absoluto e notorio dos dinheiros publicos repartidos por uma legião infindavel de pessoas inuteis ou prejudiciais. Acrescentem que os partidos, não podendo obter o poder por força propria ou por indicação clara da opinião, passam a vida em combinações, em arranjos, em pautas e blocos que são apenas artificios para eleições... Como querem que pessoas, limpas de mão e de entendimento, se interessem pela politica? Como querem os partidos angariar adeptos e contar com o paiz? A politica é, pois pertença dalguns honestos que nela encontram a satisfação da sua vaidade ou de muitos que só buscam os seus interesses e a ela se chegam os outros quando, incidentalmente, ela é um meio de resolver um problema de conveniencia particular.

ANDRÉ BRUN

POLITICA INTERNACIONAL

A Irlanda victoriosa

Irá Lloyd George retomar a direcção da politica externa? Resultados da conferencia de Washington

O mez de dezembro, é, decididamente, um excelente mez para negociações, se é licito induzir do que se tem passado nos poucos dias do mez corrente. Uns poucos de acontecimentos de vulto marcam, com efeito, a primeira semana de dezembro.

Em primeiro logar a conclusão do acordo anglo-irlandez, se é que o Dail-Eireann não se lembre de o estorvar ainda, o que não é de contar. Termina assim um conflito varias vezes secular, e cuja solução os politicos do partido liberal inutilmente buscaram durante 35 anos—tomando para ponto de partida o primeiro projecto de Home-rule da autoria de Gladstone, que deu logar a uma grave dissidencia no partido (Chamberlain une-se aos conservadores, formando o partido unionista). Sete anos depois (1893) Gladstone apresentava um segundo projecto que não foi mais feliz, como o não foi o terceiro de lord Asquith, em 1915.

Com a guerra, a questão tomou um caracter extremamente grave, de verdadeira rebelião contra o dominio inglez. Isso aumenta o merecimento de Lloyd George em conseguir a pacificação, embora esta seja alcançada á custa de concessões que, confrontadas com as que eram contidas nos diversos projectos de Home-rule, podem ser consideradas uma abdicação de soberania ingleza. Fica a Irlanda agora em egualdade de condições com outros dominios — ou nações — do Imperio Britanico. Não é a independencia, como alguns pretendiam, mas é uma larguissima autonomia, onde apenas se procurou definir bem as relações que ficam unindo a Irlanda á metropole, de forma a que nunca ela se possa tornar base de operações contra a Grã Bretanha.

O sr. Lloyd George fica liberto duma preocupação de longos mezes. Não lhe desapareceram todas as dificuldades interiores, mas fica com os movimentos mais livres para se ocupar da politica externa, que ele dirigiu desde o armisticio até ha poucos mezes — quando o agravamento da questão irlandeza e da questão operaria o obrigaram a concentrar a sua atenção sobre as soluções respectivas. Irá agora tomar outra vez em mãos a politica externa, confiada a lord Curzon? A ocasião é propria a exercitar a actividade dum grande jogador da politica. A questão do Oriente, enredada com o acordo franco-turco e com as declarações pouco diplomaticas de lord Curzon, exige uma grande habilidade. Briand e Lloyd George são dois bons adversarios.

Ha depois a Conferencia de Washington, que chegou já a resultado notavel: a aceitação do programa naval de Hughes, que definia o valor relativo das forças navais das tres grandes potencias maritimas—Inglaterra, Estados-Unidos e Japão — que deverão estar entre si como 5 para 5 para 3. A Inglaterra desiste do predominio dos mares, contentando-se com a egualdade em relação aos Estados-Unidos; o Japão resistiu em aceitar a percentagem de 60 o/o que lhe ofereciam, em relação a cada uma dessas duas, mas o Conselho imperial Japonez resolveu acquiescer. Como consequencia, deve dar-se por liquidada a aliança anglo-japoneza, aliás os Estados-Unidos consentiriam em ter 5 unidades contra 8, o que não é de presumir. Em troca dessa aliança que morre, que combinação surgirá, mais ampla e mais pacifica?

Não param aqui as manifestações de boa paz da semana decorrida. A questão economica, encarada em toda a sua latitude, não fica de fóra nos projectos dos aliados; em Paris deve reunir-se no proximo mez de janeiro, uma conferencia para a normalisação dos cambios internacionais. Os Estados-Unidos tencionam concorrer; e não sabemos mesmo se já em Washington se tomará qualquer resolução que abra caminho a outras. Ha la uma comissão encarregada de estudar a questão das dividas de guerra, contraidas pelos aliados; conseguirá ela qualquer resultado tangivel?

Vê-se, portanto, que Lloyd George tem muito em que se entreter, se quizer voltar a ocupar-se activamente da politica internacional — que nunca perdeu de contacto. — Agora já poderá ir a Washington, onde a sua presença seria pouco estimada, enquanto o problema irlandez não estivesse resolvido; pois a America sempre mostrou interessar-se apaixonadamente pela sorte dos irlandezes, que em grande numero povoam os Estados Unidos.

A Sociedade Nacional de Belas Artes

A proposito duma carta de João Vaz

Fala o escultor Francisco Santos

A um canto do Martinho todas as tardes á hora do chá é certo Francisco Santos, num pequeno cenaculo de artistas onde se conversa e faz «blague».

Francisco Santos tem sido o alvo contra o qual os novos incompativeis com o palacio de Barata Salgueiro arremessam mais violentamente saraivadas de protestos a que ele faz frente sempre com uma «blague» cheia de mocidade, que não justifica o epiteto de «velho» que lhe encarapuçaram.

—Leu a carta de João Vaz no «Noticias», perguntámos.

—Oh meu amigo João Vaz foi, é, e continuará a ser uma ironia.

—Uma ironia!

—E' o que lhe digo meu caro, uma bela, uma optima ironia.

A sua conducta dentro da Sociedade tem sido sempre uma meia tinta indefenida facilmente confundivel, talvez originaria no mesmo defeito de optica que o leva a deficilmente destinguir o verde do encarnado. Isto não é fazer espirito, é repetir o que lhe ouvi, uma ocasião em que narrava um episodio ocorrido quando pintava certo retalho de paisagem.

Olhe, sente-se aqui e escute, que eu rapidamente lhe justifico a atitude tomada hoje por João Vaz no «Diario de Noticias». E' necessario conhecer-lhe a psicologia, dois traços apenas, e você compreenderá melhor.

Ha na sua vida de artista contrastes, que podem tornar suspeita, por falta de sinceridade, a sua missiva para o «Noticias».

Assim João Vaz foi dos primeiros a protestar contra os premios de honra não impedindo que uma vez premiado, preconisasse logo a realisação de uma exposição exclusivamente de premiados o que era nem mais nem menos do que crear uma casta dentro de sociedade, afastando todos os novatos que não tinham premio de honra.

E' como vê uma linda maneira de auxiliar os novos a triunfarem.

No que diz respeito a festas, quando o sr. Leitão de Barros realizou uns serões na Sociedade, ouvi João Vaz clamar, que a Sociedade não era club recreativo, mas unicamente destinada a servir para exposições.

Mas o que é mais flagrante, é que na já celebre assembleia geral, foi João Vaz que se levantou para mandar para a mesa uma proposta para que a assembleia não desse o seu «agrement» nas novas nomeações, tudo isto certamente com o louvavel intuito de proteger os novos.

Agora dias passados arma em paladino da mocidade para ser sempre coeerente consigo, como vê.

Francisco Santos que tinha salpicado esta palestra de «blagues» interessantissimas cheias do colorido que o seu espirito por vezes mordaz lhe sabe imprimir, acrescentou quando nos preparamos para sair:

—Afinal sinto-me admiravelmente nesta gamberria, remoço, estou como peixe na agua.

E lá fomos de longada para o jornal, passar a preto no branco, as palavras do escultor; que são mais umas notas á margem desta já longa questão.

SEGREDOS A TODA A GENTE

Sousa Costa

A ultima edição da «Ressurreição dos mortos» — que tenho aqui ao meu lado numa dedicatoria gentilissima de Sousa Costa — veio mais uma vez chamar a minha atenção para a fisionomia literaria deste ilustre escritor, que eu considero ha muito uma das mais felizes organisações intelectuais de que se orgulha Portugal. As tendencias cada vez mais dispersivas da vida e da literatura moderna tem-nos afastado um pouco do romance — para nos dar em troca o simples livro de cronicas. Desaparecidos Abel Botelho e Teixeira de Queiroz; afastado ha muito Malheiro Dias — resta-nos hoje apenas meia duzia de nomes se tanto, capazes de continuar com distinção, o romance portugues. Um desses nomes é indiscutivelmente o de Sousa Costa. O seu ultimo livro prova o á evidencia. As faculdades creadoras, o desenho intenso das figuras, a analise profunda dos caracteres, a propria pintura da paisagem, tendencias aliás já largamente esboçadas no «Fruto prohibido» acentuam-se, talvez mais do que em nenhum outro, no seu ultimo volume. Sobretudo a forma literaria da «Ressurreição dos mortos», latejante impressionante, modelar, consegue, sem grande esforço aparente, dar-nos, ao mesmo tempo quasi, a opulencia classica da prosa — e o sabor vivo dos frutos silvestres...

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

CROQUIS DE VIAGEM

Por terras -:- -:- -:- -:- -:- -:- -:- já dantes viajadas...

VIII - Berlim na rua ou as ruas de Berlim

Uma fria manhã em que de «taxi», sob um ceu azul—azul celeste mas que, ia a dizer, nesta terra se pode tomar por azul... da Prussia—seguia para a nossa legação na linda e aristocratica «Kurfustendamm», o meu companheiro, Herr Hochwachter, um alemão gentil, louro, de bigodes á americana, e que foi major do Kaiser, dá-me algumas indicações sobre o aceio de Berlim.

— O que eu estranho—disse-lhe— é o todo de espelho do pavimento, a limpeza, o aspecto higienico das vossas ruas.

E, quando eu julgava que o bom berlinense tivesse compreendido o meu espanto, diz-me com sentida e profunda mágua.

— Ah! não, não. Isto actualmente está uma desgraça; nada que se pareça com o tempo antigo. Dantes regavam-se as ruas quasi de hora a hora. Hoje —e com que tom penalisado o bom homem dizia isto nas minhas barbas, as barbas dum municipe da C. M. L. —apenas as lavam duas vezes ao dia!»

E assim é. Berlim hoje, no parecer dos que a viram cidade dos Hohenzollerns, é uma sombra do que foi.

Todas as expressões que parecem exageradas, todas as grandiosidades que tenho apontado, todas as manifestações de ordem, civilisação, progresso que me fizeram admirar, tem ainda como unico comentario esta frase terrivel: «não é nada do que era...»

As ruas amplas, enrelvadas, polidas no asfalto levemente abaulado são duma evidente revelação de carinho e higiene. Tudo é amplo, arejado, interessante e á primeira vista Berlim, grande aglomeração de gente, é como estas mulheres que logo de relance se reconhece que «sonos», em intimidade alguma, cheiram a... proximo.

As ruas largas, quasi avenidas tem na maioria esta constituição pitoresca, passeios lateraes, pavimento liso como uma caréca que se préze, onde circulam os automoveis, trens, bicicletas; e ao centro uma zona de relva sobre a qual assentam os «rails» dos electricos, e com clareiras de cem em cem metros onde se fixam as paragens. Nem se desce, nem se sobe, com os carros a andar, não só porque as plataformas são fechadas, mas porque os cidadãos de Berlim danificariam as relvas onde os carros passam. Escusado é dizer que os carros vão apinhados embora os processos de locomoção sejam os mais variados e em abundante quantidade.

Os carros electricos — «Berliner Strasser-bahn são verdes, de bancos no sentido longitudinal e fazem carreiras para os bairros extremos da cidade. Viagens de meia hora custam 1 marco; a seguir, «dois». Ha porém combinações de carreiras e bilhetes semanais para facilitação de pagamento e valtez «bonus». Além destes ha os «Omnibus» — Krafbahn — autobus avermelhados, como os de Londres mas em muito menor numero, e cuja imperial é um dos pontos mais economicos para deles disfrutar as belezas da cidade. Preço tambem 1 marco.

Todas as carreiras tem um numero, e nas faces laterais dos carros, são indicados em grossas letras os principais pontos, largos e ruas, por onde se passa. As paragens tem tambem indicações das carreiras que por ali passam, de forma que é facil encontrar o carro que nos convem.

Para descongestionar ha ainda o metropolitano — «Untergrunt strasser-bahn — sempre cheio, e que em virtude da cidade ser muito menor que Paris ou Londres, tem uma rêde limitada. E' notavel para o conhecimento do gosto decorativo e do amor citadino deste povo, notar que a entrada para o metropolitano, este simples buraco aberto nas ruas, tem aqui a configuração graciosa dum pequeno templo, com uma colunada por onde trepam folhas verdes. Quando o metropolitano vem cá cima, tomar ar, e a viagem se faz a ceu aberto, é sobre possantes viadutos de aço cujos pilares são ainda decorados.

Dos «taxis» já falei. São bons e largos automoveis e de tarifa 5 vezes a indicada no mostrador; embora os marcos não são nunca em grande quantidade.

Restam os «drosken», as tipoias, lazarentas, a um cavalo, com velho cocheiro de bonet de pala e estribos quasi rastejando pelo chão. Um passeio de 2 horas pela cidade pode custar cincoenta marcos com gorgeta. Acrescente agora o leitor o «Ringbahn», caminho de ferro de cintura que penetra em Berlim, atravessa quasi pelo meio a cidade, e cujos comboios partem 2 minutos e meio, acrescente a bicicleta em largo uso, o triciclo para os estabelecimentos, os camions imponentes, as grandes galeras que ecoam nos pavimentos, acrescente ainda os automoveis particulares, luxuosos dos novos ricos e dos grandes senhores e terá uma ideia do movimento das ruas de Berlim.

De menos população e de menos dimensões que as suas rivais de França e de Inglaterra, tem contudo o trafego impressionante duma grande terra de actividade. Não dispensa o policia—Schutzman—para regular a vazão de gente e carros nas embocaduras. O policia não é nada daquele antigo e imponente monstrosinho de capacete e espeto no topo, são uns invidias de verde—as republicas novas gostam sempre imenso de verde—barretina achatada, um traçado enferrujado e corneta de vendedor de petroleo na mão.

E' ele que regula em toques de trompa, os cruzamentos de piões e a «bicha» de carros.

Em Berlim apesar da decadencia —dizem—não ha pobreza de pedir. E' natural que a miseria seja recolhida e a assistencia publica uma realidade; nenhum espectaculo repelente e triste; mulhersinhas apregoam, quasi ao lusco-fusco, pelas imediações mais frequentadas, as varias edições dos jornais, numa toada plangente.

—«Abend 6 und 8 Uhr Blatt».

Outras, velhotas sem andrajos, vendem postais, recordações de Berlim. Na maioria, esses postais trazem ainda os retratos da familia imperial, da falecida imperatriz, os seus funerais e alguns grupos, poucos, tirados aos revoltosos depois da vitoria republicana.

Ha ainda no «Tiergarten», homens de maquina fotografica assestada, que esperam o «touriste» para o «á la minute» fatal, com a «coluna da Vitoria» ao fundo. E' fugir porque apesar de não nos baterem, são uma praga.

A rua é tranquila, ordeira, socegada. Não ha um indicio flagrante de desanimo; pelo contrario trabalha-se, luta-se, reservando cada qual os pensamentos que nutre pela sua adversidade. De resto, é ainda um povo feliz, a que nada falta. Basta olhar a rua, em volta... Aqui está tudo que é preciso para a comodidade dum povo: cabines frequentes de telefones — «Fernsprecher» — toilettes subterraneos para damas...

Os telefones são automaticos uns, outros com central. E ligam—vejam, os senhores—e ligam apesar de não terem meninas. Entre nós bem o sabeis, dá-se este paradoxo moral: quanto mais meninas... menos ligações...

Quanto aos «toilettes» subterraneos, espalhados em quasi todas as ruas para «Herren» e «Damen» são a ultima palavra de higiene e aceio; mas a mania deste povo em categorisar, classificar e ordenar é tal que até aqui, neste local de igualdade social, se encontram duas classes: a 1.ª classe a 1 marco, a 2.ª a 20 «pfennings»; no entanto, o efeito é o mesmo, garanto.

E já que falamos em moral deixai que vos mostre este «croquis» apanhado no meu «Kodak» visual: dois policias, dois verdes policias da Democracia Alemã, de duplo decimetro em punho, medindo a altura das saias que, passando uma certa grandeza de curtas, são... apreendidas. Apreendidas não, mas autoadas, bem como os papás das jovens por permitirem espectaculos contra a moral.

A fotografia está aqui e pena tenho que vossas excelencias a não vejam. Os policias, no cumprimento das suas instruções acocoram-se a medir, e elas, com um ar ingenuo e cabelos côr de cenoura, parece que dizem: Meçam, meçam mas não nos façam cócegas.

ARMANDO FERREIRA

N. do A.—A's vezes as gralhas surgem... e a caravana passa. Outras porem sciass são tantas que não ha remedio senão defendermo-nos. E' o nosso caso. Nas ultimas cronicas publicadas tem havido um enxame de gralhas tamanho que ninguem se entende, nem o autor. Sabado por exemplo dizia-se que a Catedral de Berlim é maior que a de Londres e de Roma. Era o contrario. O germanofilismo não é tanto que...

PUBLICADAS:

I—O que me disse Fogg.
II—O eterno sorriso de Paris.
III—A Berlim! A Berlim!
IV—Em que um homem á procura de hotel só ouve falar de Erzemberg e do mais que lhe sucede.
V—O estomago de Berlim.
VI—Berlim ao balcão.
VII—Berlim Kolossal.

Factos e palavras

A PROPOSITO ... DE FITAS

Um amigo, chegado ha dias de Berlim, trouxe-me a titulo de curiosidade um catalogo duma Empresa Cinematografica alemã.

O catalogo começa logo por ser uma maravilha gráfica. Belo papel, otima impressão e explendidas gravuras a côres. E o que são as fitas editadas por essa casa dizem-no as gravuras, reproduções de scenas, de scenarios e figuras.

Mas o mais curioso está nos assuntos escolhidos. Na sua quasi totalidade revivem as velhas lendas germanicas, aquelas velhas lendas de que a Alemanha está cheia e de que nós somos ricos.

Porque não fazemos nós a filmagem de alguma das nossas lendas?

Portugal conta hoje com algumas empresas cinematograficas importantes. Os trabalhos apresentados são tecnicamente duma grande perfeição. Temos actores com grandes vocações para a arte do silencio.

Porque não o fazemos em vez de andarmos a adaptar romances, muitos deles sem grandes condições para serem filmados?

Seria uma obra interessante a realisar, ao mesmo tempo que fariamos do cinematografo um meio de propaganda.

E para que nos podessemos sair brilhantemente dessa arriscada e dificil empresa apenas duas coisas nos faltam e que facilmente se arranjariam:

Uma mise-en-scene moderna sem scenas escusadas e monotonas como por exemplo no «Amor de Perdição» um scenario que passeia de mãos atraz das costas deante duma porta fechada, sem nenhum resultado; e uma escolha cuidada de artistas de modo que cada um desempenhe um papel para o qual tenha recursos.

E assim se realisaria uma bela e proveitosa obra.

BOTTO DE CARVALHO

❖❖❖

Os inglezes—não me digam que não—devem ser louvados pelo logar que, nas suas leis, garante a liberdade dos animais. Estes têm os seus deveres civicos e podem ser julgados quando praticam acto que o mereça, pois, tendo castigos, têm naturalmente regalias. Todo o cão, em Inglaterra, tem o direito de morder uma vez, sem que, por esta primeira agressão, possa ser perseguido. E' indiferente, portanto, ao animal que, no dia seguinte, apareça um cavalheiro reclamando uma indemnisação por causa dum rasgão feito no vestido de sua esposa. Pois não vê que foi a primeira vez? responde o juiz.

E o cadastro do «tó-tó» fica tão imaculado como o reve, e a lei, neste caso, recusa-se a castigar o culpado—que o não é... não manchando o seu arreira com uma degradante condenação. O cão, naturalmente comovido com esta prova do carinho da lei, recua e faz-se «cão de bem»... Assim protegido, o cão caminha, do órs avante, na senda da virtude, o que deixa o seu proprietario mais encantado ainda do que o proprio animal.

Felizes cães — os cães inglezes!...

❖❖❖

Acalmada um pouco a furia bomboteira, vai Lisboa retomando a sua antiga fisionomia. Os teatros começam a encher-se... começam as fisionomias a sorrir de novo...

❖❖❖

Hoje, entre nós, ou todos são muito inteligentes ou são todos muito estupidos. Meio termo não ha.

❖❖❖

Ha coisas que custam um pouco a compreender.

Será creando novos logares que se fazem economias indispensaveis?

❖❖❖

A nossa politica é uma balança desiquilibrada.

O que será o dia de amanhã?

Um peso no prato que está mais baixo fazendo-o tocar no chão, ou um peso no outro, fazendo-o equilibrar?

E' um misterio que os nossos politicos se entretecem a tornar mais misterioso.

❖❖❖

As artes

Sairá dentro de breve tempo da Livraria Portugal-Brazil uma novela cinematografica, «Os misterios da côrte de Berlim», da autoria de Lila San Vaz.

—Recebemos: «Fernão de Magalhães e a sua viagem de circumnavegação», discurso proferido pelo sr. Antonio Ferrão na Camara Municipal de Lisboa.

—O sr. Vitor Cabral acaba de publicar, em separata, o editorial da sua autoria, do Diario dos Açores, no dia 11 de Novembro, sobre a inauguração da Conferencia de Washington.

—Beatriz Delgado tem no prelo um livro de versos «Amorosos» do qual damos aos nossos leitores o seguinte soneto:

Ultimo adeus

Cheguei ao fim, amor, já estou triste e cançada!...
Da minha mocidade, esplendida, florida,
tenho só a saudade imensa, dolorida,
do tempo em que eu julguei ser a tua amada.

Não sei se deixarei na tua alegre vida
uma lembrança simples, terna, imaculada,
em mim sei eu que fica sempre abençoada
a hora em que te vi.—E sinto-me perdida!...

Adeus, alma adorada! Adeus, meu doce amor!
Longe de ti, talvez, eu só encontre a dor,
talvez que nunca mais, meu bem, te torne a vêr.

Quero dizer-te mais... Melhor é acabar...
E tenta tu, amor, sózinho decifrar
aquilo que a minh'alma não ousou dizer!

CRONICA SCIENTIFICA

A escassez mundial da prata

Acentua-se de ha muito em todo o mundo a crise da prata. Por toda a parte o precioso metal vai rareando cada vez mais. Por esse motivo tornou-se ele objecto de geral açambarcamento, procurando todos adquirir a prata que aparece, e, por outro lado o seu preço foi aumentando dia a dia.

Como explicar a raridade da prata? O governo das Indias Britanicas, particularmente interessado na questão, em virtude do grande consumo de prata nesse paiz, encarregou os professores Cullis e Carpenter de procederem a indagações sobre a produção mundial da prata. Eis alguns dados tirados do resumo publicado sobre esses estudos pelo jornal inglez «Nature»:

Até 1860, a produção mundial da prata, por ano era de 933 toneladas. Aumentou sucessivamente até 1912, atingindo 7.247 toneladas. A partir desta data nota-se uma diminuição que chegou ao maximo, em 1917, com 5.570 toneladas.

E' o continente americano o principal produtor da prata; em 1912 fornecia ele 82,5 por cento da produção total; 42 por cento provem do Canadá e Estados Unidos, 32 por cento do Mexico.

A produção canadiense acha-se em sensivel decrescimento após o esgotamento das jazidas de Cobalt; a dos Estados Unidos, ao contrario, está em alta; a produção total, porém, dos dois paizes mantem-se mais ou menos constante. Infelizmente, no Mexico, regista-se, desde 1912 uma queda consideravel; em vez de 2.300 toneladas, produzidas anualmente no periodo de 1910 a 1913, desde 1914 a 1917 esse paiz não forneceu mais de 948 toneladas por ano, isto é, uma diminuição superior a 1.350 toneladas.

E' pois a baixa da produção mexicana quasi exclusivamente a responsavel pela diminuição na produção geral da prata. A causa deste facto deve ser procurada nas perturbações internas de que tem sido vitima esse paiz.

Ao mesmo tempo que baixava a produção da prata, as necessidades do metal aumentavam por toda a parte. Todos os beligerantes retiraram da circulação a moeda de ouro e, como consequencia foram obrigados a cunhar enormes quantidades de moeda de prata; a Inglaterra, de 1915 a 1918 empregou para este fim 3.350 toneladas de prata, contra 908 unicamente, no periodo de 1910-1913.

A China que era grande exportadora de prata, de 1914 a 1917, periodo durante o qual vendeu 2.395 toneladas, tornou-se, ao contrario, grande compradora e a sua intervenção influiu grandemente sobre os mercados.

A India inglesa, que sempre foi importadora de prata, ainda mais aumentou as suas compras durante a guerra e no fim das hostilidades; vendeu, com efeito grande porção de generos de toda a sorte e por preços elevados; a balança comercial que se lhe tornou assim favoravel liquida-se em prata.

Avalia-se que a India absorveu de 1917 a 1921, 15.551 toneladas de prata, isto é, quasi a totalidade da produção mundial, durante o mesmo periodo.

Lá como cá...

A febre tifoide em Lisboa, propagada pelas aguas potaveis do Alviela

«El Sol», de Madrid, dedicou-se recentemente a um inquerito ácerca da insalubridade da capital de Espanha e chegou á conclusão de que o seu factor principal, senão unico, é devido ás aguas inquinadas de que é forçada a servir-se a população. E' interessante constatar que o problema de Madrid é precisamente igual ao de Lisboa.

As primeiras chuvas do outono são um verdadeiro glupio para as duas grandes cidades da Peninsula. Os aguaceiros e as enxurradas arrastam para as correntes fluviais que abastecem de agua potavel as duas capitais toda a qualidade de detritos e impurezas, que não senão muito parcialmente detidas pelos filtros.

O bacilo de Ebert passa, então, a povoar as aguas canalisadas e vai provocar a eclosão de verdadeiras epidemias de tifos, que presentemente assolam, por igual, Lisboa e Madrid. Contra a propagação da molestia existe um recurso, que consiste em ferver a agua para usos domesticos, visto que o bacilo de Ebert é destruido pela temperatura da agua em ebolição mas este meio de inoquidade, aparentemente muito facil de execução, não pode ser senão parcialmente empregado na pratica, porque é dificil, realmente, ferver toda a agua que diariamente se consome numa habitação, tanto a que é destinada a ser ingerida como aquela que se emprega em lavagens.

E, não provendo toda ela, os tifos, nas suas diversas modalidades, são sempre possiveis, embora se diminua consideravelmente as probabilidades de contagio usando apenas agua fervida para beber.

Acresce a circunstancia de que a agua fervida é de mais dificil digestão que a outra, o que não é indiferente numa população citadina, quasi toda mais ou menos dispeptica.

«El Sol» preconisa um outro meio, para resolver o problema. E o de que o melhor seria tornar imunes á febre tifoide, por meio da vacina, as populações que marginam os leitos dos rios fornecedores da agua potavel de Madrid. Seria um meio. Duvidamos, aliás, da sua eficacia.

PELO TELEGRAFO

A conferencia do desarmamento

Uma mensagem do Presidente Harding

WASHINGTON, 12.—O presidente Harding acaba de mandar para o congresso uma importante mensagem que foi tambem lida aos delegados da Conferencia.

A parte que a estes mais interessava era redigida da forma seguinte:

«As melhores intenções, os planos mais ponderados da Conferencia do desarmamento nada poderão valer se lhes fôr negada a boa vontade, a sancção e cooperação do Congresso».

Depreende-se que a sancção pedida pelo presidente do Congresso do seu paiz se refere ao proximo definitivo acordo sobre a limitação do armamento.

Segundo a geral espectativa este acordo em cinco potencias será apresentado sob a forma de um tratado assinado pelos Estados Unidos, o Japão, a Italia e a França.—(Lat.-Am.)

Declarações dum politico japonez

WASHINGTON, 12.—O presidente do partido oposicionista do Japão, ao deixar esta cidade, declarou que será feita uma entusiastica recepção popular ao acordo a que se chegou na Conferencia.

Disse que o senador Hughes lhe tinha asseverado que a America só deseja manter com o Japão as melhores e mais cordeais relações.—(R.)

Vai realisar-se uma nova conferencia em Washington?

LONDRES, 12.—O «Daily Express» diz que a lembrança de convocar uma conferencia ainda mais importante é consequencia da conferencia de Washington foi submetida ao presidente Harding; os ministros britanicos julgam que o presidente Harding convocará dentro em pouco essa conferencia á qual assistirá o sr. Lloyd George e Briand indo juntos a Washington tomar parte nela. A situação economica mundial fará parte do exame dessa conferencia.—(H.)

Um acordo sobre a Siberia

WASHINGTON, 12.—Consta que o governo japonez está organisando as bases dum acordo sobre a «Siberia e as suas tropas» que apresentará na Conferencia de desarmamento.—(R.)

Já se pensa em aproveitar os cruzadores

WASHINGTON, 12—O sr. Joseph Pewall, presidente da «Emergency Fleet Corporation» apresentou ao governo um projecto para converter 5 dos cruzadores de guerra dos Estados Unidos, inutilisados pela proposta de redução naval do sr. Hughes em vapores para passageiros. O sr. Powell declara que os navios se poderão transformar em optimos e rapidos vapores para o comercio do Atlantico, podendo transportar 4.000 passageiros. Com tres destes barcos com uma velocidade economica de 26 milhas, os Estados Unidos, diz o sr. Powell, alcançariam o «record» do Atlantico do Norte.—(Lat.-Am.)

A Irlanda victoriosa

O acordo causou boa impressão na America

WASHINGTON, 12.—A noticia do acordo entre a Inglaterra e a Irlanda foi recebida com alvoroçada alegria em todo o paiz. Nos circulos da conferencia e especialmente naqueles que estão ligados com a delegação dos Estados Unidos a noticia encara-se como de bom agouro para o exito completo da Conferencia, porque tudo que promova as boas relações entre a Grã Bretanha e os Estados Unidos é mais uma garantia contra o insucesso dos debates de Washington. O acordo feito é do mais largo alcance porque faz desaparecer um dos maiores obstaculos que existia ás permanentes relações não só pelo motivo exposto, como tambem por libertar a politica interna deste paiz de um motivo permanente de irritação e desasocego.—(Lat.—Am.)

As opiniões da imprensa

NOVA-YORK, 11.—A noticia do acordo irlandez é motivo de grande regosijo para todos os amigos tanto de Inglaterra como da Irlanda. O «New York Evening Post» diz: «E' um grande passo ganho pelo direito e pela razão em toda a parte e pela pacificação do mundo inteiro.

Do «Globe»: «A alvorada da Paz na Irlanda é o prenuncio dessa mesma alvorada no mundo inteiro; porque a razão e a moderação que serviram de base a esse acordo são tão contagiosos como o odio e a loucura».—(Lat.—Am.)

A atitude de um arcebispo

LONDRES, 12.—O arcebispo Mannix, de Melbourne, declarou não felicitar ninguem sobre o acordo anglo-irlandez, emquanto o restabelecimento da paz com a Irlanda não for realmente um facto.—(R.)

Opinião publica franceza

LONDRES, 12.—A opinião publica franceza acolheu favoravelmente, em geral, a noticia da proxima conferencia em Inglaterra do sr. Briand com Lloyd George, mantendo ser necessario restabelecer o equilibrio economico mundial.—(R).

Noticias da Italia

O general Diaz

NOVA-YORK, 12.—O general Armando Diaz embarcou para Italia no navio «Giuseppi Verdi», depois duma visita de algumas semanas. Declarou que as relações entre a America e a Italia vão tornando-se de cada vez mais cordiais.—(R.)

A lucta em Marrocos

A rainha Vitoria e a caridade

MALAGA, 12.—A rainha Vitoria visitou o Hospital da Liga contra a tuberculose, sendo-lhe entregues ramos de flores pelos internados. Visitou depois o sanatorio da Cruz Vermelha conversando com os feridos, seguindo para o hospital civil. A' tarde partiu para Ghurriana onde visitou o Sanatorio, que é custeado pela Duqueza Najera. Segue hoje em comboio especial para Antequerra, donde seguirá para Granada.—(R.)

Foram adiadas as operações

MELILLA, 12.—Foram adiadas durante alguns dias as novas operações que se pretendem executar.

Proseguem os trabalhos para o resgate dos prisioneiros.

O general Cavalcanti declarou-se satisfeito com o resultado das operações, mas disse que não pode ainda fazer juizos sobre a terminação das operações, sendo sua opinião que a harka está desfeita, as kabilas desmoralisadas, os aduares arrasados e abandonados e as colheitas perdidas.—(R.)

Solenidades oficiais

MADRID, 12.—Foram entregues solenemente, na Escola Superior de Guerra as bandas usadas pelo coronel do Estado Maior Gabriel Moralés, major Simon e do oficial Monje que morreram do desastre, em Melila.

As bandas foram depositadas no monumento inaugurado na escola de 1919 por motivo do centenario da creação daquele corpo. Assistiram á cerimonia o sr. Lacierva, o ministro do Interior e outras personalidades. Pronunciaram-se vibrantes discursos patrioticos.—(R.)

Noticias de Espanha

O movimento operario

BARCELONA, 12.—A Federação Livre dos Operarios, que representa 130,000 associados, pediu ao governo Espanhol o seu reconhecimento legal.—(R.)

As relações economicas com a França

MADRID, 12.—Continúa a ser muito comentada a rotura das relações comerciais com a França. O ministro dos Negocios Estrangeiros mantem-se reservado.—(R.)

A politica

MADRID, 12.—O conde de Romanones e o marquez de Alhucemas tiveram uma longa conferencia para assentar na atitude a adoptar pelos liberais no caso do governo levar por deante o seu proposito de aplicar a chamada guilhotina no projecto do regimen bancario. Não se sabe, porem, se os liberais votarão ou não o projecto.—(Lat.—Am.)

Um conselho de ministros

MADRID, 12.—O conselho de ministros, que ontem de tarde se realisou, foi considerado por todos os politicos como de grande importancia. Dele esperavam estes que saisse a solução de muitos dos actuais problemas, mais interessantes da politica espanhola. Com respeito á crise parece estarem aplanadas as dificuldades até ao proximo mês de Fevereiro.—(Lat.—Am.)

Banquete de Homenagem

Continúa, no «restaurant» Leão de Ouro, aberta a inscripção para o banquete em honra do ilustre pintor João Vaz, pela alevantada atitude tomada na questão da S. N. de B. A.

O banquete deve realisar-se depois de amanhã, estando já inscritos mais de quarenta artistas e admiradores do homenageado.

Declarações de Anatole France

STOCKOLMO, 12.—Anatole France entrevistado pelo «Ytockolms Tidningen» declarou que nunca foi comunista, acrescentando que se tinha enganado a respeito da possibilidade do comunismo. Continúa adversario do capitalismo e da plutocracia mas afirmou o seu respeito pela propriedade particular, reconhecendo que a propriedade bastante dividida, como existe em França, constitue o melhor sistema social realisado até agora.—(H.)

A adaga misteriosa

Continúa na sua marcha triunfal esta surpreendente pelicula de grande metragem, que se estreiou ha dias no Salão Central.

Eddie Polo, o seu protagonista, é sempre o actor distincto e o atleta prodigioso que o publico não se cança de admirar.

Nenhum outro artista se pode gabar de ter, como ele, as simpatias dos numerosos frequentadores do elegante cinema.

Na «matinée» de hoje em que se estreou o 3.º episodio, intitulado «Nos braços da morte», a concorrencia foi enorme o que prova, não só o acerto da empreza na escolha dos seus films como o trabalho maravilhoso, extenuante, do eminente actor americano.

Repete-se no espectaculo desta noite, acompanhado do lindo drama, em 6 partes, «Sombras do passado», que a famosa atriz Mary Mac Laren desempenha primorosamente, e da fita comica, em 2 actos, «O noivo de Conchita», uma verdadeira fabrica de gargalhada.

A situação economica da Alemanha

Exerceu uma influencia enorme sobre o curso dos cambios o boato que correu em Berlim de que ser a concedida uma moratoria á Alemanha para o pagamento das reparações em especies.

O «dollar», cujo curso era de 300 marcos, ficou em 245, baixando depois para 209 e em seguida para 198. Todos os especuladores que possuiam divisas estrangeiras lançaram-nas no mercado.

A baixa dos cambios estrangeiros e por consequencia a alta do marco, provocou uma derrocada das cotações dos valores alemães. Algumas acções registaram uma baixa de 2.000 a 7.000 marcos por titulo. O «Reichsbank», por sua vez, comprava as divisas estrangeiras oferecidas no mercado, de maneira que agora se acha na posse dos meios necessarios para assegurar uma parte dos pagamentos de 15 de janeiro proximo.

O «Berliner Tageblatt» afirma que «mais uma vez, a Alemanha será um objecto de compensação entre a Inglaterra e a França».

O mesmo jornal regosija-se com uma provavel oposição da França a uma moratoria, julgando que a unanimidade não é necessaria na comissão de reparações.

«O unico facto a reter», escreve ele, «é que a ideia de uma suspensão provisoria de pagamentos em vista de novas negociações ganha terreno.»

Sob o ponto de vista economico, a baixa das cotações estrangeiras faz temer ao jornal um embargo ás compras no mercado interior assim como no exterior, e uma crise industrial.

Um director de um grande Banco põe-se de sobreaviso contra um optimismo prematuro.

O «Lokal-anzeiger» escreve o seguinte:

«Resta saber se o optimismo baseado na eventualidade da *moratoria* é ou não justificado».

O «Deutsche Tag seitung» (conservador) insurge-se contra o publico que acredita num presente de Natal da parte da Inglaterra.

«Decidiu-se, nos paizes da *Entente*, explorar sem escrupulo a crise alemã das reparações para obter vantagens politicas e economicas. As condições que a Inglaterra impuzesse, juntamente com a França, numa moratoria, traziam um grande perigo á nossa soberania e á nossa independencia economica».

Declara a «Gazette de la Croix»:

«A baixa do dollar registada ha dias prova a relação intima que existe entre o problema das reparações e o custo do marco, posto que a França ainda não deseje consentir numa moratoria.»

A «Correspondencia parlamentar Socialista» escreve sobre os boatos de Londres:

«Sem querer prégar o optimismo, verificamos que, segundo informações de boa fonte, as negociações levadas a efeito em Londres teem grandes probabilidades de bom exito. Uma vez regulados os vencimentos de janeiro e de fevereiro, e para os quais a Inglaterra fará adiantamentos é preciso contar com uma marotoria de diferentes anos».

A imprensa alemã em geral recomenda a maxima reserva relativamente aos boatos que visem a uma moratoria.

Georges Bernhardt, na «Gazette de Voss», escreve:

«As noticias até agora publicadas não devem dar logar a um optimismo exagerado. Se a Inglaterra deseja realmente prorogar os vencimentos alemães, o artigo 234.º do tratado de paz oferece-lhe um meio. Não se póde querer exigir aos nossos credores garantias no caso de uma modificação dos metodos de pagamento; mas as divulgações feitas a esse respeito pela Inglaterra suscitam a desconfiança quanto á natureza e á forma dessas garantias. A historia da politica ingleza diz o que é preciso esperar-se para a creação de uma comissão internacional em territorio alemão. Nenhum governo obterá o assentimento do povo alemão se ele depositar toda a economia do paiz nas mãos dos capitalistas estrangeiros, mas nenhum governo poderá evitar este triste resultado.»

Exposição de pintura

Continúa sendo bastante visitada a exposição de pintura que o sr. Pedro Cruz abriu ha dias nas salas da Propaganda de Portugal.

O sr. dr. Fontoura Xavier, ilustre embaixador do Brazil, visitou hoje a exposição, acompanhado do sr. Landulfo Borges de Sousa, consul daquele paiz.

Teem sido adquiridos alguns quadros. A exposição manter-se-há aberta até o fim do ano.

ULTIMA HORA

POEIRA DA ARCADA

O sr. ministro da Guerra foi hoje a Odivelas visitar o Instituto Feminino de Educação e Trabalho.»

❖❖❖

O sr. Julio Ribeiro, governador civil de Coimbra, enviou ao sr. presidente do ministerio o seguinte telegrama:

«Foi imponente a posse do reitor da Universidade de Coimbra. Saudei o empossado e a Universidade como representante do governo, o que causou a melhor impressão no professorado.

❖❖❖

O sr. O'Neill Pedrosa conferenciou com o sr. ministro da Instrução sobre o pedido da Camara Municipal de Alcobaça referente á escola do Vimeiro. O sr. dr. Costa Cabral prometeu aceder aos desejos da Camara.

❖❖❖

O professor sr. José Ribeiro foi nomeado director da escola central de Castelo Branco, e substituido pelo sr. José da Cruz de Moura. Tambem foi nomeado para exercer interinamente as funções de director da Escola Primaria superior da mesma cidade, o sr. Antonio da Trindade.

❖❖❖

O conselho de ministros foi convocado para reunir no ministerio das Colonias, pelas 21,30 de hoje, a fim de tratar de assuntos importantes, diz a convocação.

No Tribunal Militar de Santa Clara

O julgamento do general sr. Pedroso de Lima

Pouco depois das 14 horas de hoje reuniu no Tribunal Militar de Santa Clara o Conselho Superior de Disciplina do Exercito para julgar o general sr. Pedroso de Lima, antigo comandante da G. N. R.

O julgamento, que é secreto, continuava ainda ás 17 horas, hora a que dali retiramos.

O imposto "ad valorem"

O protesto das Camaras

Pelas 13 horas de hoje efectuou-se na Camara Municipal, a reunião magna dos representantes de todas as camaras, para se assentar sobre a atitude a seguir em face da publicação do decreto que suspende a lei 199. Foi apreciado o protesto das camaras de Alemquer e Evora.

A' hora de fecharmos o nosso jornal, os reprentantes das camaras derigem-se para o ministerio do Interior a apresentarem as suas reclamações.

POLITICA

Crise minesterial

Embora nas regiões oficiais se desmintam categoricamente os boatos da crise minesterial, temos informações, que reputamos dignas de credito, das quais se conclue que, na realidade, a crise existe, pelo menos latente.

O conselho de ministros reune ás 21 horas. Será examinada a situação politica, podendo acontecer que a crise seja amanhã declarada aberta.

Os orçamentos e os novos impostos

O sr. ministro das finanças tem trabalhado, nos ultimos dias, na revisão dos orçamentos.

O sr. Peres Trancoso afirma que o «deficit» será consideravelmente reduzido, graças a receitas varias, todas mais ou menos obtidas por meio do imposto. Entre a nova tributação conta-se uma percentagem a favor do Estado, arrecadada em todas as transacções e proporcional aos seu montante.

A fornada dos adidos diplomaticos

Dissemos ontem que os novos adidos diplomaticos não recebiam vencimentos.

Não é exato. Começam, pelo contrario, a receber desde já os respectivos vencimentos como contratados do Estado; mais tarde serão sujeitos, para nomeação definitiva, a um simulacro de concurso.

Apezar do que se noticiou em contrario, os diplomas respectivos devem ser publicados brevemente na folha oficial.

Entre os novos consulados passa a existir um em Fiume, o que deve contribuir para a restauração do prestigio portuguez no Estado em que reinou Gabriel d'Annunzio.

Não sabemos qual será o d'Annunzio indigena que para lá será despachado.

O novo ministerio

Do novo gabinete em preparação fará parte o sr. Borges de Castro, pelos socialistas.

Fala-se muito no nome do sr. Teofilo Braga, a proposito da nova ordem de coisas.

Mais latrocinios...

Afirmam-nos que se descobriram irregularidades varias cometidas pela Junta dos Cambios. O sr. ministro das Finanças entregará os culpados aos tribunais criminais.

Os inqueritos

O director da P. S. E. sr. dr. Barbosa Viana ouviu hoje novamente o sr. major Arez. Tambem esteve ouvindo o sr. Reis Barbosa.

O capitão sr. Cunha Leal, que hoje pelas 16 horas devia ir tambem depor naquela policia, não chegou a comparecer.

Os interrogatorios, continuaram até hora a que dali retiramos.

Agua da Certã

A Agua minero-medicinal da Foz da Certã apresenta uma composição chimica que a distingue de todas as outras até hoje usadas na therapeutica.

E' empregada com segura vantagem nas Diabetes — Dyspepsia — Catarros gastricos putrido ou parasitarios; — nas preversões digestivas derivadas das doenças infecciosas; — na convalescença das febres graves; — nas atonias gastricas dos diabeticos, tuberculosos, brighticos, etc.; — no gastricismo dos exgotados pelos excessos ou privações, etc., etc.

A Agua da Foz da Certã não tem gazes livres, é limpida, de sabor levemente acido, muito agradavel quer bebida pura quer misturada com vinho.

TEATRO

Elisa Santos

Graça, e um ar parisiense bem invulgar nos nossos palcos de revista. Elisa Santos sabe compreender a revista como ela deve ser, um vertiginoso jazz-band cheio de ruido, de luz e de côr.

Primeiras representações

CHIADO TERRASE. — O novo testamento, *farça adaptada por Pedro Bandeira, Carlos Ferreira e Guedes Vaz.*

A companhia que explora o Chiado Terrase levou ante-ontem á scena uma farça sob o titulo de «O novo testamento» — titulo bem achado — e adaptada pelos mesmos autores do «Celebre Pina», que no Gimnasio recentemente falecido fez longa e facil carreira.

A peça de hontem julgo que conseguiu agradar ao publico apreciador desse baixo teatro.

E' mais uma dos muitos engenhosos comicos ou pseudo-comicos que se tem inventado para a parte mais ingénua das plateias, mas parte que, valha a verdade, paga com dinheiro absolutamente igual a todo o outro e que por isso tambem tem o direito de ser servida nos seus gostos predilectos.

Peça de complicado e um tanto visto entrecho, tem uma ou outra frase a proposito. E disse.

Do desempenho ha a salientar a sr.ª Tereza Taveira que encarnara um papel do qual tirou o maximo partido. Maria Clementina foi natural e gentil como sempre e Luz Veloso, um tanto fóra do seu genero, estove, é ela, bem.

Dos homens Teodoro Santos foi bem excepto uma sena de bebedeira que nos pareceu muito pouco real.

Todos os outros artistas fizeram dentro dos respectivos postos o que puderam com uma manifesta boa vontade de que a peça agradasse, e a empreza desta vez conseguisse refazer-se de prejuizos passados.

Os senarios regulares.

As «toiletes» de Luz Veloso bonitas e sobretudo um casaco vermelho e cinzento, de bom gosto.

Os vestidos de Tereza Taveira bonitos demais para uma nova-rica de provincia.

Fazemos votos para que o «Novo testamento»... «deixe» á empreza um bom legado — a ela que tem sido tão deserdada da fortuna.

O HOMEM QUE PASSA

Noticiario

Portugal

Por terem terminado os espectaculos da companhia Palmira Bastos no Teatro de S. João do Porto já não sobre á scena a peça de Chianca de Garcia e Norberto Lopes, «A Filha de Lazaro».

AGENDA DA SEMANA

5.ª feira. — Primeira representação da peça «Os Emigrantes» no Teatro Politeama, para estreia, como autor dramatico de Tito Arantes.

6.ª feira. — «Reprise» no Eden Teatro da revista «Tic-Tac».

MUSICA

CONCERTO BLANCH

A orquestra do Teatro S. Luiz apresentou-se ontem muito melhorada. A impressão de conjunto foi muito superior á do ultimo concerto.

Pena, é que Pedro Blanch — tendo em vista o grau de educação musical das plateas de hoje — não inclua nos seus programas trechos de autores modernos á semelhança do que se faz em toda a parte, e de autores portuguezes, o que seria muito para louvar.

A inclusão de nomes de autores portuguezes antigos e modernos seria um acto que todos aplaudiriam.

Na primeira parte do programa de ontem teve as honras pela maneira como foi executado o poema sinfonico de Liszt «Os Preludios».

Foi ahi que a orquestra mais se evidenciou. Todas as belezas dessa partitura foram tratadas com verdadeiro brilho.

O «Manfredo» de Reineck foi bisado, e o «Titus» de Mozart, duma grande beleza, agradou.

Na segunda parte a «Scheherazade» — esse poema oriental de genio — teve uma execução correcta, da qual devemos destacar o terceiro andamento. Flaviano cumpriu.

O «Preludio» e a «scena das flores animadas» do Parsifal de Wagner e a «Marcha Hungara» de Berlioz mereceram aplausos da assistencia que por completo enchia o S. Luiz.

B. C.

PALESTRA AO SERÃO

Aproximam-se as festas e começamos a pensar no que havemos de dar ás pessoas amigas, especialmente ás creanças, verdadeiras soberanas destas festas do fim do ano.

E' uma grande alegria para os adultos, presentear os pequeninos e observar a radiancia da sua expressão ao pegarem no embrulho que se lhes apresenta.

Os olhos brilham-lhes, cheios de espectativa, a boca entreabre-se num sorriso feliz; as mãosinhas, excitadas, desatam nervosas os cordeis e, nós, fitamo-los, sorridentes e pensando como, dali a alguns anos os veremos excitados e nervosos, de olhos brilhantes e labios entreabertos, abrir a carta em logar do embrulho; depois, o nosso pensamento, já não sorridente, mas inquieto, segue-os na vida e vemos-lhes os olhos perderem o brilho, os labios cerrarem-se receosos e as mãos hesitarem antes de pegar no que lhes estendo, temendo receber a desilusão.

Mas deixemos esses pensamentos tristes, voltemos ao prazer que recebemos, dando prazer aos meninhos.

Tenho ouvido censurar asperamente o gastar-se dinheiro em brinquedos que deixam de existir, dali a duas horas. E' rasoavel e sensato este modo de pensar, concordo, mas, confesso que estou dacordo só em teoria, porque na pratica não tenho coração de o seguir.

As creanças estragam tudo, bem sei, o prazer que lhes damos é efemero, porem eles ficam tão contentes! e — pensando bem — não são efemeros dados os prazeres da excelencia alem disso, lembro aos severos censores que nos increpam pela nossa falta de juizo; a vida reserva tanta amargura e desgosto ás creaturas que é bom amimar as creanças, enchendo-lhes a infancia de risos, para que mais tarde a memoria do passado lhes ilumine as horas negras.

Conheço o argumento que me vão apresentar: é preciso temperar a alma infantil para suportar os reveses do mundo, mas as almas meigas e ternas nunca aceitarão essa teoria de recusar a alegria presente a um ser querido em vista de uma aprendisagem para futuros males.

Deixemos pois, minhas senhoras, os moralistas e pensemos no que havemos de dar no natal aos pequeninos que nos cercam e, já agora, lembremo-nos tambem dos que são os olhos do nosso coração, pequeninos

FRIOLEIRAS

Suplicios chinezes

Os chinezes são muito simpaticos, para avaliarmos bem qualidades atraentes de que são dotadas, basta recordar alguns dos suplicios que estão mais em voga nesse Celeste ex-Imperio e actual Republica.

Escolhamos, ha variedade. Temos a Canga, o Cepo, a Bastonada e o Leito de Tortura alem de outros acepipes.

A canga é um mimo: uma especie de escada que se mete pela cabeça do paciente, prendendo-se o pescoço de maneira a não poder tomar alimento algum, chegam a conservar assim um supliciado durante dias.

O leito de tortura consta de duas taboas com quatro buracos onde se deita a vitima, pelos buracos metem-se-lhe os pés e as mãos e durante semanas fica a pobre creatura impossibilitada de fazer um unico movimento.

A Bastonada, que é uma delicia comparado aos outros suplicios, administra-se com um bambu. O culpado é deitado de bruços e um dos carrascos bate até fazer sangue. Depois deixa-se o condenado atirado para ali dando-lhe licença que volte a si ou morra.

Teria muito mais descripções vermelhas a dar-lhe, mas para horrores parece-me que já basta.

HIGIENE DA BELESA

Loção para a cabeça

Prometi-lhes ha dias uma loção para o cabelo, venho cumprir a minha promessa.

Extrae-se o sumo de dois limões e ferve-se com as cascas durante dez minutos. Côa-se depois o sumo sobre 100 gramas de sal tartarico, acrescentando-se meio litro de agua quente e algumas gotas de qualquer perfume.

Lava-se a cabeça com esta loção vendo-se logo o efeito benefico que tem no cabelo e na pele da cabeça.

CONSELHOS PRATICOS

Para concertar falhas na mobilia

Antes de concertar os moveis é bom passá-los todos com uma esponja humida em agua ou o que é ainda melhor, em soda de lavar, dissolvida em agua morna; uma colher de chá, de soda para cada meio litro de agua, se fôr necessario tirar algumas nodoas

partes eguais de cera e resina derretidas e misturadas, passando-se depois uma pequena porção de tinta egual á côr da madeira. Quando a superficie estiver toda por egual, passa-se-lhe um pano molhado em oleo de linhaça.

Os sitios em que a madeira é trabalhada, torna-se muito dificil de limpar; é bom dar-lhe de quando em quando uma camada de verniz sendo envernisada a oleo de linhaça quando o movel é feito de madeira boça.

É conveniente esfregar com pedra pomes. Em seguida põe-se nos buracos do movel ou nos logares amolgados.

MEDICINA CASEIRA

Golpes

Quando se dá golpes, é pessimo pôr-lhe em cima teias d'aranha como muita gente costuma fazer o que pode causar uma impressão grave. O melhor, é lavar com agua fria, fervida, á qual se junta umas gotas de tintura de iodo. Quando o sangue é abundante, deve-se estancar apertando com força uma ligadura de caoutchu ou linho ao membro ferido, acima do golpe.

Mas como a circulação fica interrompida com a ligadura não se deve conservar mais de uma ou duas horas o maximo.

ARTE APLICADA

Pyrogravura

Apezar da pyrogravura ter saido bastante de moda, ainda ha alguns objectos nos quaes esse trabalho fica muito bom.

Por exemplo uma estante, um biombo, de madeira de carvalho, ficam muito bonitos pyrogravados. Vi ha dias numa casa ingleza, junto da lareira onde brilhava uma alegre chama, um lindo biombo e muito simples: compunha-se de quatro hasties de madeira, servindo de moldura a um comprido quadro egualmente de madeira, no qual se via pyrogravado um elegante molho de vimes.

Esse quadro estava colocado sobre um suporte simples mas bonito; duas pequenas colunas ligadas por uma grade, as colunas acabavam em redondo, era ai que se fixava o quadro criando ainda espaço para colocar um cinzeiro, um castiçal ou outro objecto pequeno. O fundo do quadro era pintado a oleo, dum verde muito palido onde se destacava brandamente a pyrogravura

Não costumo rectificar gralhas mas realmente a da minha ultima reflexão não pode passar sem reparo.

Afirmo que não escrevi «houvem chamar» mas sim «ouvem chamar».

SPORT

As corridas de 6 dias

A corrida monstro, que se está efectuando em New-York tem já 31 anos de existencia, e como se sabe efectua-se durante 6 dias consecutivos.

Ao começo a prova era individual, e fez enorme sensação. Foi corrida ainda em bicicle com rodas de ferro e ganha pela primeira vez por Bill Martin. Depois em 1892 e 1893, foi ganha respectivamente por Arhinger, e School. Em 1894 não houve corrida, e em 1895, foi disputada por mulheres, do que resultou um fiasco. Foi vencedora uma rapariga de nome Nelson.

No ano seguinte, o irlandez Teddy Hale, fez um precurso brilhante, mas acabou a prova, debaixo de uma excitação nervosa tão grande, que não queria no fim descer da machina.

Em 1897 o celebre Miller ganha a prova, tendo tido como concorrentes, os europeus Riviene e Stefane. Miller renova a façanha no ano seguinte e em 1899 outra vez, tendo sido o primeiro ano em que se correu por «equipes». Esta alteração foi feita por ordem da policia, em virtude do espectaculo; que davam a maior parte dos ciclistas, depois dum esforço de 6 dias e 6 noites.

O «equipier» de Miller foi Waller, que fizeram mais de 4 mil kilometros.

Desde 1900 que começaram a entrar na corrida, corredores de velocidade, escolhendo para companheiros, ciclistas de fundo, e a corrida mudou de aspecto.

Em logar do «passo» duro, peculiar aos homens de fundo, a prova começou a ser cortada de «demanages», que entusiasmaram o publico.

Nesse ano Mac Faoulard e Elk s triunfam.

Em 1901 sahem vencedores Walthens e Eachern, em 1902 Krebs e Leandes, em 1903, de novo Walthens com Munroe.

Em 1904 Root e Dyroon inscreveram o seu nome na lista dos vencedores; em 1905 Root e Fogler, que repetem em 1906.

No ano seguinte Rutt e Stol e em 1908 Mac Fauland e Moraes, triunfam fazendo 4.404 kilometros durante as 142 horas, batendo todos os «records».

Em 1909 Rutt e Clark, em 1910 Moran e Root, em 1911 Clark e Fogler, em 1912 novo triunfo de Rutt, e em 1913 os «records» são de novo batidos fazendo Gaulet e Fagler 4 427 kilometros.

Em 1914 Gaulet e Grenda, no ano seguinte Gill e Grenda, 1916 vê Despey e Egg ficam vencedores, em 1917 Gaulet e Magni, em 1918, Grenda e Magni, em 1919 Gaulet Maden. No ano passado Broco e Cebua triunfam.

Tal é a prova ciclista dos 6 dias que agora se disputa na America.

Em Paris já estão tambem em moda, devendo para o ano que vem realisar prova identica.

RUY DA CUNHA

Educação Fisica

Henry Pathé, nomeado ultimamente alto comissario dos «sports», em França, obteve do governo, o subsidio de dois milhões e trezentos e trinta mil francos, para a preparação fisica, afim de a França se fazer representar nos proximos jogos olimpicos.

Por aqui se vê a importancia que no estrangeiro se liga á educação fisica.

— Este ano a «Academia dos Sports», que instituiu um premio anual de dez mil francos, para o homem de «sports», que mais se salientasse, está em embaraços, pois não tem até á data candidato, que reuna todas as condições requeridas.

Box

Ledoux, o «boxeur» francez que ha largos anos, campeão da Europa, e que varias vezes teve em cheque alguns dos melhores pugilistas americanos, anunciou a sua retirada do ring, para o proximo ano.

Ledoux, tem hoje uma boa fortuna.

— Criqui o rival directo de Ledoux, bateu o seu compatriota Gaillard, mostrando uma grande superioridade. O boxeur Arthus, que vimos combater no teatro S. Luiz, durante um match em Marselha, ficou com o nariz quebrado.

— Em França o estado cobra uma grande percentagem nas lutas de box.

No ultimo match Jesunee—S..k, a taxa recebida foi de 10 mil francos. Estas quantias, são destinadas para os pobres.

Foot-ball

Na Inglaterra, pensa-se em prohibir «matchs» de «foot-ball», para mulheres.

— O jornal «Sporting» de Paris, refere-se ao caso do profissionalismo no «foot-ball» portuguez, a que nos temos referido.

— O «Foot-ball club de Barcelona» vai fazer uma «tournée» pela Europa, devendo visitar a França, Italia, Suissa, Belgica e a Tcheco-Slovaquia.

O «F. C. C.» é uma «equipe» de grande classe.

NOTICIARIO

DESAFIOS DE FOOT-BALL INTERNACIONAES

Confirmam-se as informações que demos sobre a formidavel equipa Tcheco-slovaca que veremos pelo Natal no campo do Sporting contra os treze mais fortes grupos de Lisboa, o Sporting, o Casa-Pia, e Benfica.

Os jogadores da União de Praga devem chegar no dia 23 a Lisboa e segundo parece as direcções das nossas agremiações sportivas estão preparando uma carinhosa recepção.

Desde a vinda dos New-Cruzaders, ha dez anos, é este o mais forte grupo estrangeiro que nos visita, conforme foi confirmado pela Liga Tcheca de Foot-ball em resposta a uma carta da Associação de Lisboa, pois conta o «team» Tcheco-slovaco alguns jogadores internacionais.

Os desafios devem por isso ser concorridissimos.

PESOS E ALTERES

No Ginasio Club, deve efectuar-se hoje uma reunião de varios amadores de pesos e alteres, para assentarem na forma de efectuarem «poules» de treino, e provas de força.

---

47 — Folhetim de «A CAPITAL» — 12 de Dezembro de 1921

ROCHA MARTINS

Spartacus

Romance das lutas proletarias em Roma

VIII

— Sou tua... Na hora em que tanto sofro, repito o que confessava nas minhas noites a sós quando te julgava morta... Sente bem como te adorei... Manlio sou eu que te falo assim porque poucas horas teremos de vida.

— Dá-me um pouco dessa peçonha para que eu não veja o crime... Quero morrer sabendo-te pura...

— E pura morrerei... No momento em que aquelas mãos malditas me tocarem acabo e tu terás a certeza de cerrar os olhos que para ti vôou meu pensamento...

Entregou-lhe um pequeno amuleto que vinha ainda calido do seu peito e ele beijando-o balbuciou:

— Como quero beber a morte!...

Segurava-lhe docemente a mão, dizia-lhe baixinho: Logo quando nos levarem!

Aquelas palavras meigamente trocadas passavam como um suspiro no fundo negro da prisão ululada de gemidos e queixas, onde se conturbavam almas perturbadas e se torciam corpos doloridos. Num acervoado entreviam-se braços suplicantes, olhos fusilando, cabeças agitadas. Eudoxio barrava toda a luz da parte baixa e o «funditor» da guarda admirando-o, como a um monumento falava-lhe muito de rijo como para o topo duma torre:

— Dizem que só Spartacus te venceu?!

— O unico... — e com uma ternura humida nos seus olhos de bom cão, acrescentou: Mas foi para sempre!

Lá dentro o patricio continuava a sussurrar a sua paixão. Lavinia volveu tambem:

— Tua a minha vida... Verás como eu cumprei...

Myrtha ouvira, ou antes advinhara, aquelas palavras. O som forte duma trombeta reccava soou a alarmar o acampamento. Era Spartacus que mandava convocar os chefes das legiões.

Quizera instruir o seu exercito á romana e nunca melhor do que ali, na crasta vencida ele pudera conseguir um modelo. Installara-se na moradia do proprio Publius Varinius que fôra parco em luxos. Trouxera nos seus carros de guerra mais armas do que mobiliario; não seguira o exemplo de outros generais que arrastavam no seu sequito tesouros e bailarinas. Syla sempre combatera rodeado de comodidades, desde os tapetes fôfos ás mesas de citro precioso, desde os esplendidos coxins ás amforas gregas, tudo o futuro dictador conduzia.

Os escravos ao tomarem o campo de Varinius poderam revestir armas mas não toparam magnificencias. Apenas uma cadeira alta, marfinada, avultava na sala onde o chefe, rebrilhante na sua armadura lavrada, as grevas polidas, o capacete encristado de vermelho, falava com o poeta Felux vestido numa toga alvissima e segurando na mão o calamo destinado a escrever nos pergaminhos. O rosto de Spartacus guardava a eterna serenidade dum marmore, não deixava transparecer as dôres das feridas do seu peito; Ganicus admirava-lhe a gravidade e lamentava para comsigo que tão valoroso chefe não quizesse seguir o grande caminho das represalias e da vida alegre, falta que Crixos preconisava.

Da porta da casa, pela «via principalis», entreviam-se as atalaias, a estatua de Marte no seu sôco no angulo do muro e dois ou tres perfeitos conversando. Soldados saudavam Crixos que avançava resplandecente sob a luz baça. Do pescoço forte pendiam-lhe sobre a armadura tauxiada colares scintilantes; no seu cinturão encrustavam-se joias, a espada riquissima, que devia ter figurado nalgum triumfo celebre, jorrava reflexos das suas pedrarias.

Calara-se a toada da trombeta; não havia mais chefes de legião a reunir. O poeta, convidado a sentar-se, ouvira o general pedir-lhe: que ajudasse com as suas luzes de Roma e de vida a obra em que se empenhavam. Ficára brincando com o calamo; o gaulez, deixara-se cair pesadamente no seu banco almodracado e baforando Falerno, o rosto avermelhado, como de costume, pedia que não lhe extranhassem o luzido no dia do seu prazer dobrado. Uma linda mulher que não levo para os lares pois sou errante e a morte do que primeiro atacou o nosso Oenomaus... Deves-nos, oh! Spartacus! mais tres ou quatro desses prisioneiros para o acampamento!...

Ele, porém, de cabeça erguida, na atmosfera triste, evocava o morto e Castus preso por gente de Varinius... Ao que caira no campo era necessario dar já um sucessor... ao que os romanos tinham levado bastava quem ocupasse o cargo até á sua venda porque tinha a certeza da troca dos prisioneiros...

Crixos, tendo contado outro no seu partido como a Ganicus, apoiava, concluia logo: Daremos por Castus o senador...

— Em pouco avalias o teu melhor amigo! — exclamou Spartacus sob o olhar perturbado do guerreiro e acrescentando: — Daremos o que nos pedirem...

Mas o gaulez estremecia; imaginava já que lhe fugiriam Lavinia e Manlio e não se conteve, gritou:

— Ha preços pelos quais nem para mim aceitaria a vida!...

— De resto — continuava o supremo chefe — nós, dentro em pouco, teremos novo encontro!...

Sem vaidade, com uma serenidade enorme, historiava aquela luta que nos idos de dezembro, contaria ano e meio. Ao começo tinham-lhes mandado um simples capitão das forças da Campania com algumas centurias, uns tres mil soldados ao todo. A derrota fôra o premio da sua audacia e Clodius fôra dizer a Roma como se tornara aguerrida essa turba do acaso. Lançara-se mão dum pretor, esse Varinius, ligara-se-lhe um questor, esse Turanius, o cabeça de falcão, e lá tinham ido a caminho da capital com o seu exercito devastado a narrar como até a crasta se perdera. Eram já senhores de cidades, umas seis pelo menos, lhe obedeciam e tinham guarnições, suas; Desta vez, ao que lhe diziam os ecos dos prisioneiros, os proprios consules viriam comandando legiões formidaveis! Seriam ainda, derrotados se todos pensassem em que Roma poderia vir a pertencer-lhes. E nos olhos de Spartacus, que assim falára, brilhava o seu sonho de vitoria, a ancia da sociedade transformada.

Os dois chefes entreolhavam-se com um mau riso; Felux analisava-as quando o comandante lhe perguntou a subitas:

— Tu que tanto viveste nos grandes meios romanos, informa-nos sobre esses consules a tal Lentulus e o que denominam Gellius..

Com graça acerada, brincando com o calamo, o grego, contava como escrevera um discurso contra esse Lentulus o que Crassus, de quem fôra sempre a musa e a sombra, largamente lhe atirára no Senado. Era homem de grandes ambições e elas até o levariam a derramar o proprio sangue, o que representava um cumulo, pois Lentulus, segundo lhe chamavam os seus intimos, era esbofeteado a miudo pela sua amante, a cortesã Cisica!...

Todos sorriam diante da descrição que ele enfeitava mais ao desenhar o outro consul esse Gelius, cliente, no lusitano, não no dizer, de Crassus. Um tudo nada seu escravo pelo dinheiro recebido em emprestimos.. Um liberto que lhe fazia a côrte... Mais miseravel do que ele, Felux, que fugira á tarefa de tornar celebre, como letrado e politico, o homem mais rico de Roma e talvez do mundo!... Gelius não poderia evadir se... Fazia as cousas que o grande rico mandava e agora ali vinha decerto mas bem vigiado! Oh! desse não duvidava!...

(Continúa)

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 3951—12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Terça-feira 13 de Dezembro de 1921

Telefone n.º 2293 — Endereço Tel. CAPITAL | Oficina de impressão — Rua da Rosa, 71 | Preço 10 centavos

> As mulheres amam os espelhos, porque lhes mentem. Homens ha, todavia, que os temem porque os acusam e os denunciam.

A questão do funcionalismo

Fala-se em gréve do funcionalismo publico». Sem que, por forma alguma, queiramos marcar uma atitude de simpatia pelo recurso á gréve, de que tanto se tem abusado, e que tantos prejuizos tem causado á sociedade portugueza, nas multiplas demonstrações da sua actividade, o que é certo é que ninguem já põe em duvida que a situação do funcionalismo se tornou insustentavel. E', de todas as classes sociais, a mais sacrificada no nosso meio. Chega-se mesmo a duvidar de ela poder continuar suportando a vida, de tal maneira são insuficientes os seus vencimentos para garantirem uma existencia, embora modestissima.

Houve tempos em que a vida do funcionalismo publico era invejada. Diga-se a verdade: já nesses tempos ela nada tinha de faustuosa. Mas, enfim, vivia-se. Agora, morre-se, porque a vida é impossivel, e isso explica que não tenham causado surpresas a desesperada resolução de alguns funcionarios, pedindo para serem colocados nas repartições cavalheiros onde as almas caridosas depositem o seu obulo para lhes matar a fome.

Com efeito, com a vida dez, quinze, vinte vezes mais cara, como pode o funcionario publico sustentar-se e a sua familia, considerando-se que os seus honorarios tem, quando muito, triplicado? Não ha nenhum operario que não ganhe hoje dez vezes o que ganhava antes da guerra. E o operariado queixa-se e reclama incessantemente; compreende que com o agravamento vertiginoso do custo da vida já esse aumento não chega. Que se dirá então do funcionalismo publico que ainda recebe os seus ordenados sujeitos a deduções? E' a miseria negra, com todo o seu cortejo de sofrimentos e humilhações.

Não admira, pois, que o funcionalismo reclame o aumento dos seus vencimentos. Poderá o Estado aumental-os? Tudo leva a crer que o não poderá fazer, pelo menos na longa medida em que seria necessario tomar essa providencia. O que poderá conceder é mais alguns escudos mensais, manifestamente insuficientes para os funcionarios equilibrarem os orçamentos domesticos. Mas se se compreende que o Estado não possa aumentar, tanto quanto seria necessario, os vencimentos do funcionalismo, como é que se explica que, ao mesmo tempo, esteja nomeando mais funcionarios e organisando mais serviços dispendiosos, cuja utilidade não pode ser mais problematica?

E' assim que vemos publicar-se uma reforma faustosa do ministerio dos Estrangeiros, criando-se postos diplomaticos e consulares em Estados-Unidos onde os interesses portuguezes são quasi nulos, e que anteriormente se envolviam em jurisdicções mais amplas, e criar-se, pelo ministerio da Agricultura, essa famosa Junta de Provisão que leva todo o caminho de liquidar num novo serviço dos Transportes Maritimos do Estado, com o mesmo possivel estendal de escandalos e de ruinas.

Pode isto ser? Pedia-se em altos brados a compressão de despesas e a redução do funcionalismo.

Sem que ninguem devesse considerar a redução do funcionalismo uma especie de panacea para todos os novos males, o certo é que, se não a podia lançar na absoluta miseria alguns milhares de familias, não havia o direito de nomear mais funcionarios, havendo muitas centenas de adidos á espera de colocação. E quanto á compressão de despezas será comprimi-las aumentar serviços, ou crear outros novos, sem necessidade absoluta de o fazer?

No nosso país é tudo assim. Para se alcançar um determinado objectivo intimo, joga-se com as paixões populares, não se limitando em derramar o sangue portuguez e profanando-se mesmo algumas aspirações cheias de justiça. Conseguido esse «desideratum» o degrau popular é atirado fóra com o bico da bota, e dos programas mais vistosos e retumbantes nada fica, surgindo apenas algumas vaidades satisfeitas, algumas ambições unidas.

Foi sempre assim. Será sempre assim? Não o sabemos. Mas é-nos licito, emquanto em nome da liberdade não formos todos reduzidos á nudez forçada dos escravos anotar estas incongruencias, de que a principal victima é o paiz, é a Republica.

Vida artistica

O proximo «salon» de aguarela

Na Sociedade das Belas Artes abre ao publico, no proximo dia 20 do corrente um certamen de aguarela desenho e agua-forte, que como é costume, se prolonga até 5 de Janeiro.

Este ano ha a novidade do certamen se limitar aos artistas mais novos visto que Roque Gameiro e Alves de Sá, não trabalharam durante o passado verão.

Entre as senhoras expositoras figuram D. Helena Roque Gameiro, D. Maria de Matos Braamcamp, D. Raquel Ottolini e D. Maria Gameiro.

Entre os artistas ha nomes como os de Martinho, Leitão de Barros, Paulino Montes Martins Barata, Tertuliano Marques, Varela Aldemira, David Sousa Gomes, Alberto de Lacerda, Fernando Santos, etc.

Migalhas

Os bemaventurados

Conheço um homem que é cego de nascença. E' das poucas pessoas que, de noite, podem circular descançadamente nas ruas absolutamente ás escuras do bairro do conde de Redondo. Guiado pelo instincto magico dos cégos e por uma bengalinha que conhece a palmos todas as beiras de passeio, todos os algerós partidos, tódos os buracos abertos pelos gaioleiros e pela Camara, ele evita todas as ciladas armadas ás canelas dos videntes e chega a casa sem dificuldades. Não tem olhos para ler jornais e como lê, com a ponta dos dedos, nos certos livros especiais e ráros, as suas leituras são escassas e sempre proprias para alegrar o espirito e comover o coração.

Conheço uma senhora que é surda E' das ráras pessoas que, em dias de revolução, quando a artilharia troa e as bombas rebentam, quando rodam com fragor as camionetes fantasmas, sorriem tranquilamente sem dar por coisa nenhuma. Ha tempos abateu um predio aqui da visinhança. Cinco andares de barro e de caliça velha desabaram de roldão, emquanto as casas visinhas se agarravam umas ás outras para não rebolarem tambem pela rua abaixo.

A tal senhora imaginou que a creada tinha espirrado e disse apenas: — «Dominus tecum», ó Joaquina!...» Quando as peixeiras, que não conseguem vender-lhe por desoito mil réis aquelas pescadas que eram de quartinho, a cobrem de injurias, ela responde-lhes apenas com o seu eterno sorriso. Podeis deante dela falar de politica, espalhar os boatos mais tolos e relatar as verdades mais inverosimeis, que os meneios aprobativos da sua cabeça simpatica dar-vos-hão de vós proprios, e portanto da dita senhora, a ideia mais lisongeira e consoladora.

O cego escusa de ir ao animatografo; a surda pode dispensar-se de ir ao teatro. O teatro e o cinema constituem, como sabeis, para o consumo dos alfacinhas os mais pezados encargos civicos. E, se por acaso, levassem o cego a ver o «Barrabás» e a surda a ouvir uma das minhas peças—notem os meus confrades como eu sou amavel—ambos conservariam as suas ilusões sobre o cinematografo e sobre o teatro, o que é formidavel.

Enfim conheço um tipo que é perfeitamente idiota, em parte por disposição natural, em parte pelos incontestaveis beneficios da educação moderna.

Pelo menos passava por idiota antes da guerra. Depois dela deitou-se a acreditar em tudo quanto se escrevia e se dizia, a repeti-lo por toda a parte e a afirmal-o com tal convicção que passou a ser considerado como uma pessoa bem informada, que tem opinião propria e que não é nada tola. Já foi entrevistado ultimamente para quatro gazetas. Diz coisas sobre as varias crises de administração. Já tem sido indigitado para varios logares de importancia e ainda espero vêl-o presidir a um governo de concentração. Preconisa remedios infaliveis para os males da Patria e, em conclusão, se bem que entenda que tudo vai mal, tem para se calar esta razão fundamental, «que, ainda assim, isto podia ir muito peor.» Passeia radiante pelos jardins da toleima com um ramo de disparates ao peito e não trocaria a sua individualidade pela do nosso primo Lloyd George ou pela do nosso grande lirico José Maria Ferreira.

Ao ver essas tres creaturas tão felizes, chegará um dia em que tenhamos que invejar os cegos, os surdos e os pobres de espirito?

Será, nem mais nem menos, do que a realisação da profecia do Sermão da Montanha.

ANDRÉ BRUN

O Processo dos Tavoras

A mais recente publicação da Biblioteca Nacional de Lisboa

> «Silva Carvalho apresentou efectivamente a sua magestade o dito processo, e, logo que D. João VI o recebeu, mandou vir um brazeiro, e, sendo testemunho o ministro, reduziu a cinzas todos os papeis».
>
> «Brito Aranha» — Processos celebres do Marquez de Pombal—36.

Da Tipografia da B. N. L. saiu á luz publica mais uma preciosidade — O Processo dos Tavoras—o primeiro dos ineditos com que o actual director daquele estabelecimento, o nosso amigo Jaime Cortezão, se propõe salvar do esquecimento algumas peças essenciais para a reconstituição da nossa, até hoje, ainda incompleta Historia de Portugal.

O Processo dos Tavoras continúa a ser um ponto a esclarecer na historia das intrigas diplomaticas do seculo XVIII.

O Marquez de Pombal, a figura mais proeminente da época de D. José I, merece simultaneamente o aplauso de uns autores e a mais aspera censura dos outros.

Camilo Castelo Branco é inexoravel na sua apreciação do Marquez em uma monografia que corre mundo. Sendo a sua tese pejorativa, devem ali conter-se muitos exageros e até mesmo errada interpretação dos acontecimentos da época. Mas, deduzidos estes senões, ainda ficam em desabono muitos factos comprovados ou pelo menos muito bem deduzidos.

Seria injusto não reconhecer as qualidades superiores de energia, coragem e altivez do celebre personagem; não faltam, porem, motivos para tambem concluir que o seu caracter e qualidades moraes deixavam muito a desejar, e estavam bem longe do cavalheirismo tradicional já hoje obliterado da nossa raça.

O processo instaurado contra os Tavares não consegue esclarecer as duvidas que o caso sugere, sendo indispensavel que novos elementos venham vindo á supuração, dos muitos que andam dispersos, para que a Historia possa fazer inteira luz sobre o «leit motiv» da assombrosa carnificina, que foi revestida de todos os requintes de odio e vingança pessoal.

No decorrer da leitura do Processo pela primeira vez agora publicado, transpiram certas iniquidades juridicas e o cerceamento caprichoso de todos os meios de defeza para os reus.

Comtudo, e por isso mesmo, com a publicação desta copia do processo, visto que o original foi queimado por D. João VI, a Biblioteca Nacional acaba de prestar mais um relevante serviço á historia.

O ilustre sr. Pedro de Azevedo, conservador da secção de manuscritos da mesma Biblioteca, a quem foi confiado o Prefacio e anotações, soube eruditamente recopilar tudo o que e mais interessante se lhe deparou como informação, enriquecendo a obra com dois valiosos indices—um cronologico e outro alfabetico,—alem de uma resenha da familia dos fidalgos processados, e um glossario de auxilio filologico sobre certos vocabulos e ortografia coeva.

Daqui endereçamos as nossas calorosas e sinceras felicitações ao bibliofilo ao ilustre dr. Jaime Cortezão, ao erudito prefaciador da obra, sr. Pedro de Azevedo, e a todos os que colaboraram na confecção deste importante trabalho com que a Bibliografia portuguesa acaba de ser enriquecida.

LADISLAU BATALHA

O primeiro ciume

Meu amigo—Casei ha quinze dias—e fiz hoje a minha primeira sena de ciumes. Que quer? Cheguei a ter a ilusão de que meu marido seria diferente dos outros. Enganei-me. Todos os maridos são iguais, assustadoramente iguais. Quero contar-lhe tudo. Você é meu amigo, não é? Então escute. Ha trez dias que meu marido não me falava senão da filha da viscondessa de... (eu não costumo citar o nome de gente de pouco mais ou menos) uma loira muito delambida que tem a mania das pérolas e dos amantes. Hoje ao almoço voltou, insistiu: «Sabes quem eu vi ontem? A filha da viscondessa de...» Ah! Santo Deus! Não poude mais. Bati o pé, entornei o chá, parti uma jarra, chorei, gritei, barafustei, meu marido pediu, suplicou que me calasse, que era uma vergonha, que podiam ouvir, acudiram os criados, vieram os visinhos, foi um inferno toda a manhã naquela casa—mas o certo é que durante toda a tarde meu marido não saiu um instante de ao pé de mim a cachar-me de beijos, a apertar-me nos braços, a chamar-me criança. Aqui tem o que se passou. Tudo quanto ha de mais simples, não é verdade? Sabe: julguei que fazer uma sena de ciumes era muito mais dificil. Afinal não é. Não custa nada. Parece-lhe que se poderá fazer uma sena de ciumes, com sucesso sem bater o pé, sem entornar o chá, e sem partir as jarras? Responda-me. Não se esqueça. Estou tão inexperiente ainda, que preciso que me aconselhe. Olhe: por que não vem amanhã jantar comnosco? Podiamos experimentar. Meu marido não se zanga. Bom. Está combinado Até amanhã. Sua amiga—Judith.

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

Aumentos de peso

Os doentes tuberculosos submetidos ao tratamento com a «Fibrocalina» e a «Zomobiase» e a «Farinha Lacto-Bulgara» teem aumentado de peso, em media 5 a 6 quilos por mez, até se normalisasem como se documenta nos sanatorios.

CROQUIS DE VIAGEM

Por terras -:- -:- -:- -:- -:- -:- -:- já dantes viajadas...

IX - Vida e opiniões de Herr Hochwachter

Herr Hochwachter serve-me de cicerone, colocado ao meu serviço por um engenheiro alemão a que fui apresentado. Hochwacher tem talvez 50 anos; é um tipo autentico do oficial do estado maior alemão; usa monoculo, boas maneiras e como foi obrigado a pôr no bilhete de visita sob o nome «Majór a D»—que eu traduzo na disponibilidade—é hoje empregado no que lhe aparece para fazer. Anda comigo a dár indicações e não pode reprimir um sorriso amarelo, quasi verde sempre que passamos pelos quarenta soldados e pela banda do Reichwerr que vão render a guarda ao palacio do presidente.

—Isto não é tropa... mas é tudo que nos consentem.

Nesta frase absolutamente injustificada a meus olhos, porque os militares marcham até com bastante aprumo, se concentram todas as frases nunca ouvidas, e todos os pensamentos mal esboçados. O alemão não fala hoje na guerra, não nutre desejos de vingança, nem quer outra coisa senão, pelo esforço e pelo trabalho libertar-se do castigo imposto. Não falam no «Kaiser», encolhem os hombros resignados a tudo, duma passividade que constitue a fortaleza homogenea de principios sobre que assentou a estrutura guerreira da Germania belicosa de hontem.

Isto é bem dito, e embora pareça uma frase de conselheiro Acacio é uma verdade. Da guerra quando muito dizem:

—Foi uma loucura. Era o mundo inteiro contra nós...

Da Republica dizem:

—Tinha que ser para entrarmos na Paz...

As opiniões de Herr Hochwachter, ex-instrutor dos turcos na guerra dos Balkans, adido militar em quasi todas as cidades da Europa, ferido na grande guerra, são as opiniões de todos os cidadãos alemães: não ter presentemente opiniões.

E quando mais atrevido, insisto na possibilidade da «revanche», o ex-major diz-me que Fritzi Massary, uma hungara, ex amante não sei de que magestade, está fazendo um sucesso genial na «Prinzessin Olálá» no «Berliner Theater», e assim estou, como se diz em calão de familias infelizes, «passado de capa».

A vida alemã em materia «divertimentos» é cheia, mas devo acrescentar que quem se diverte mais em Berlim, como em todas as capitais cosmopolitas, não são os alemães: são os estrangeiros. Os teatros são uns vinte em Berlim e não nos dão grandes maravilhas de dramaturgia. Na opereta porem e na opera ha muito que ver e aprender.

Dentre as operetas modernas que vi, e cito para os nossos empresarios, destacavam-se a «Blue Mazurk» de Franz Lehar no «Metropole», a «Princeza Olalá» de Gilbert no «Berliner» e «Die Schone Saskia». Nos palcos vê-se sempre: comicos bons, mas não da excentricidade dos inglezes; em geral são caricaturas de professores velhos, queixos arrebitados, vincos nas faces, botas ridiculas, como «Ralph Artur Roberts»; e contraltos duma altura descomunal; quasi todas as mulheres do teatro são deselegantemente maiores que os actores. Belos scenarios, belos coros, e orquestras admiraveis. Mas o mais curioso é a plateia; como os espectaculos começam ás 7 ou 7 e meia, nos intervalos, as gordas senhoras alemãs, os amplos e barrigudos «herren», vão para o «buffete» comer sandwiches ou espalham-se pelos corredores manducando os farneis que trazem. Em Londres tomam-se laranjadas e tasquinham-se «bombons». Absolutamente diferentes: No restante, os teatros tem o mesmo cómodo e dão as mesmas impressões de luxo, conforto, e segurança dos teatros... civilisados: coxias largas, chão alcatifado, binoculos e cabide na frente. Um «orchestersitz» mesmo á frente (um luxo) custa, nos primeiros teatros, 40 marcos, havendo logares populares até 8 ou 10 marcos.

Como beleza interior ha que visitar a «Opera», e a «Schauspielhaus», mas os teatros mais recentes não são menos dignos de visita pela decoração bizarra e pela nota alegre da sua configuração.

Os «cinemas» igualmente são interessantes casas de espectaculos. Ha dezenas, sempre cheias, porque os melhores logares custam 10 ou 12 marcos em camarotes, com outras familias com quem arranchamos sem querer, seguindo uma dada numeração. Os «films» preditetos são extraidos de romances nacionais, de lendas patrioticas, e algumas farçadas das casas norueguezas e dinamarquezas.

A maior parte destes «films» tem como scenario bocados arrancados á Suissa Saxonia, ao Tirol, á Floresta Negra e com um fim sempre moralisador embora ás vezes nebuloso como as lendas antigas da Germania. Vi, por exemplo «Die geiér Wally, das Grune Sinal, Judith,» a «hebrea», cada qual com sua fórma romantica, bem diversas e com pontos de contacto, na intenção, na rudeza dos scenarios, no indefenido das aspirações dos protagonistas dos dramas. Revistas cinematograficas ha em barda e os programas com desenhos decorativos modernos e o entrecho do «film» custam 50 pfgs.

Onde porém os alemães passam a maior parte do tempo é nos concertos. O seu grande amôr á arte musical, a sua educação artistica, o grande numero de escolas superiores de musica, a tradição de nomes como Beetowen, Shumann, Shubert, Wagner fazem com que Berlim tenha uma população especial, escolhida, exclusivamente destinada aos inumeros concertos que diariamente se realisam.

Em «matinées» chega a haver diariamente, cinco orquestras simfonicas, ou musica de capela, em salas especiais, em egrejas ou teatros.

A' noite os concertos são ás duzias, desde os grandes e magestosos conjunctos que ainda ontem o Kaiser protegia com a sua presença, e Strauss em pessoa regia, até aos pequenos concertos nos jardins de inverno dos hoteis de luxo, nos «Weine-restaurants»; os cartazes, os anuncios nos jornais são uma longa lista, e a cada canto encontra-se um semi-deus de «frac» e batuta em frente a um auditorio de fieis que de todo o mundo vem. Dizia-me um brazileiro que topei no cimo dum «Kraftbus» e que pela lei da atracção das especies, ao ouvir falar portuguez se abeirou, que as escolas modernissimas, os novos maestros recem-aparecidos estavam dando um novo impulso á musica nacional abandalhada e enfraquecida em Operetas de gosto popular. O nosso brazileiro acha-se em Berlim a estudar, e não perde um só concerto, andando numa roda viva, dia e noite.

Como se vê é absurda a ideia de que Berlim, e quem diz Berlim, diz a Alemanha, não tem.. concerto; tem.., até de mais.

Berlim tem dois circos funcionando qualquer deles com uma companhia grandiosa de espectaculoso brilho. No «Zircus Bush» ha apenas 40 cavalos brancos, 10 camelos, 12 elefantes e 3 zebras.

Mas onde Herr Hochwachter passa mais alegres momentos é nas corridas de cavalos em Grunewalde, o «Longchamps» cá da terra. As apostas atingem somas consideraveis de marcos, e desde a guerra a febre de jogo tem aumentado. Apenas lá passei uma tarde assistindo ao espectaculo sempre igual da «toilete» dos cavalos para a apresentação e da apresentação de «toilettes» para os... burros dos maridos pagarem; porque é sempre nas corridas que se lançam as modas e se faz o maior reclamo aos modelos das costureiras. No entanto, apesar da protensão, do «chic» forçado das corridas de Grunewalde, não teem o brilhantismo das de «Auteil» na primavera.

Herr Hochwachter passa em seguida pelo «Eden Hotel», um centro de prazer e de luxo, com um maravilhoso terraço no telhado, cheio de mesinhas e toldos, onde o sol, um sol palido, do norte vem aquecer convivas endinheirados. Este hotel, como varias outras casas de Berlim, aproveita o telhado para uso dos seus habitantes. Aqui é um «terrasse», com sexteto e onde se dança o shimmy e o «fox-trot»; nas casas particulares é o quintal, ás vezes uma minuscula horta com plantações de beterraba, e onde ao domingo o «herr» proprietario se estiraça em chinelas a ler o «Simplicissimus».

E, acrescentando ainda, os restaurants para os rapazes novos, os «cabarets» está passada em revista a Berlim que se diverte. Ah! apenas ainda, nas galerias ao pé do «Unter den Linden» se encontram os «Panopticums», os museus de figuras de cera. São divertimentos baratos e que tem a vantagem de não divertir ninguem. Abandonados, com figuras e grupos sem interesse não valem o marco que custa a entrada. Ha ainda um museu de historia natural em cêra que já passou em Lisboa pelo largo de S. Domingos e um panorama com vistas estereoscopicas tambem do tempo do... «Salão Chiado» e da Filha do sineiro». A unica curiosidade neste espreitar pelos oculos do «Panorama» foi dar-se a coincidencia de apanhar vistas de Portugal, misturadas com uma viagem aos Alpes. Por um marco, vi passar Leiria, Porto, Braga com disticos em alemão. Mas, realmente, devem confessar, que não vale a pena ir até Berlim para ver Braga... por um canudo.

ARMANDO FERREIRA

PUBLICADAS:

I—O que me disse Fogg.
II—O eterno sorriso de Paris.
III—A Berlim! A Berlim!
IV—Em que um homem á procura de hotel só ouve falar do Erzemberg e do mais que lhe sucede.
V—O estomago de Berlim.
VI—Berlim ao balcão.
VII—Berlim Kollossal.
VIII—Berlim na rua ou as ruas de Berlim.

A SEGUIR:

X—Um domingo em Postdam

MOMENTO POLITICO

O MINISTERIO

apresenta hoje a demissão

Algumas soluções provaveis da crise—O sr. Mesquita de Carvalho ou o sr. coronel Manoel Maria Coelho—Ou então o sr. Gomes da Costa

Conforme ontem previmos o ministerio entrou na agonia. O ultimo conselho de ministros deve realisar-se esta tarde, ás 15 horas. O sr. Maia Pinto sahirá dele para se dirigir ao sr. Presidente da Republica, a quem apresentará a demissão colectiva do gabinete. Começarão, em seguida, as diligencias presidenciais para a solução da crise. Elas serão, com certeza, extremamente laboriosas.

Pouco mais temos que acrescentar ás causas, ontem historiadas, desta crise politica. A principal reside na divergencia entre outubristas moderados e outubristas radicais.

Essa divergencia é já profundamente acentuada. E consiste principalmente em que, se por um lado os outubristas moderados são partidarios duma politica de aproximação e conciliação com os republicanos partidaristas, os outubristas radicais querem, «una voce», o cumprimento integral do programa revolucionario, com saneamento imediato do funcionalismo civil e militar e a redução do Exercito á sua mais simples expressão. Entre lutar contra esta ultima orientação politica e demitir-se, preferiu o sr. Maia Pinto a segunda hipotese.

E' porem, evidente que não foi esta a unica causa da crise. As medidas de finanças e a ação do sr. ministro da Agricultura criaram, dentro do gabinete, uma atmosfera irrespiravel, pronunciando-se contra os titulares dessas duas pastas os seus colegas da justiça, comercio e instrução publica.

O sr. Maia Pinto reconheceu, alem disso, que lhe era impossivel realisar as eleições, com aprazimento dos candidatos outubristas á representação parlamentar.

A chamada «Frente Unica» desfizera-se e cada partido declarou ir ás urnas com as forças proprias, não podendo, pois, distrai-las em favor dos outubristas. Ora estes, como é sabido, não teem votos. Nestas condições o problema politico (ou politiqueiro) apresenta-se hoje com o mesmo aspecto, ou ainda pior, que aquele que determinou o acto inconstitucional e impolitico do adiamento eleitoral. Esta circunstancia foi por nós prevista, como naturalmente se recordam aqueles que habitualmente nos lêem.

Ha, tambem, a questão da reunião do Congresso. E' certo que esta idea perde terreno. Um humorista encontrou mesmo uma solução absolutamente constitucional que, posta em pratica, conduziria ao paradoxo de nunca mais haver eleições nem Parlamento.

«Assim—dizia ele, hoje, na Arcada—se o Congresso reunir, o Chefe do Estado pode dissolve-lo, no uso das suas mais legitimas prerogativas; o governo marca eleições para quarenta dias depois, que são adiadas por acto dictatorial; o Congresso volta a reunir, por direito proprio e é de novo dissolvido; marcam-se novas eleições, que são adiadas, para logo ser dissolvido o Parlamento... E assim por diante, até ao infinito!...» Como se vê a ideia é genial e resolve radicalissimamente o «gachis» politico. E' o moto-continuo aplicado á grotesca politica nacional!

A ideia da reunião do Congresso perde terreno, dissemos. Não ha nada mais certo. O numero de parlamentares que deram a sua adesão é pequeno. E o receio dum fracasso ridiculo fez já desistir alguns daqueles que mais entusiastas se mostravam á execução do plano sugerido pelo sr. Domingues dos Santos.

Apesar de tudo isto, pode ser que o Congresso reuna, principalmente se, como se afirma, dispuzer de alguma força material que o sustente contra as pressões do poder central.

Analisemos agora as soluções provaveis da crise.

❖ ❖ ❖

Pomos de parte, por ser manifestamente inviavel, um ministerio constituido por elementos extraidos dos partidos. A situação pertence, por emquanto, aos outubristas. A solução da crise deve, pois, procurar-se dentro de esta fação politica.

O ministerio Maia Pinto foi derrubado pelos outubristas radicais. São estes, portanto, que teem que habilitar o Chefe do Estado á constituição do governo. Ora o chefe politico dessa fração de outubristas continua a ser o sr. Mesquita de Carvalho. Logicamente deve ser ele o encarregado de constituir gabinete. Se as circunstancias prementes do momento forçarem o sr. Presidente da Republica a dar por vencidas as suas proprias repugnancias, o sr. Mesquita de Carvalho organisará governo, reservando para si a Presidencia e a pasta do Interior, provendo a da Justiça no sr. Orlando Marçal e conservando nas Finanças o sr. Peres Trancoso e nos Estrangeiros o sr. Veiga Simões. O resto do elenco ministerial está ainda em gestação no cerebro do sr. Mesquita de Carvalho, — se é que está. Quanto ao programa governativo, será profundamente radical, com franca dictadura e adiamento, «sine die», do acto eleitoral.

O meio politico em que se debaterá um gabinete Mesquita de Carvalho será extremamente precario. Se o isolamento do sr. Maia Pinto era já sensivel, aquele em que se vai encontrar o ministerio outubrista-radical será de valor absoluto. E' possivel governar um paiz, assim? Os fados o dirão. Mas o sr. Mesquita de Carvalho parece desde já reconhecer que não é, tanto que ha-de procurar, por todos os meios, chamar a si os partidaristas. Nada conseguirá, porém. Já o mesmo tentou o sr. Maia Pinto, poderosamente auxiliado pelo seu chefe de gabinete, o sr. Ribeiro de Melo, que, aliás, nunca deixou de ser partidarista. Os esforços destes dois homens publicos fracassaram, por completo. Não é de supor que o sr. Mesquita de Carvalho venha a ser mais feliz.

Se, por acaso, não fôr viavel a combinação Mesquita de Carvalho, é natural que volte a ser instado, para a formação do novo governo, o sr. coronel Manuel Maria Coelho. E' possivel que este ilustre homem de Estado seja um pouco mais geitoso que o sr. Mesquita de Carvalho, sem desprimor para este integro magistrado; as circunstancias politicas, porém, não se modificarão e as dificuldades da organisação e estabilidade serão as mesmas, para um como para o outro. Não é de crer que possa o sr. Manuel Maria Coelho conseguir aquilo que for inviavel ao sr. Mesquita de Carvalho.

Resta, por ultimo, a solução Gomes da Costa. Esta é um inigma, porque sómente o bravo general de Flandres sabe com o que pode contar. E' certo, todavia, que se empenham esforços para desfazer as arestas que impedem um perfeito funcionamento de toda a maquina militar da Nação.

Se tais esforços forem coroados de exito, a força publica apoiará um governo Gomes da Costa, dando-lhe viabilidade e, principalmente, durabilidade. Nestas condições, o sr. Gomes da Costa será chefe do governo, sem pasta, para o interior irá um outubrista moderado, para a guerra um oficial grato ao outubrismo radical e para o trabalho um socialista, que não será o sr. Ramada Curto nem o sr. Borges de Castro. As outras pastas seriam providas por partidaristas.

❖ ❖ ❖

Não fizemos propositadamente nenhuma referencia ao sr. Cunha Leal. Por dois motivos: primeiro porque não cremos que ele aceite, neste momento, a chefia dum governo e, muito menos, uma pasta; segundo, porque não quererá, certamente, deixar-se indelicosamente queimar numa fogueira politica, que outros atearam e que a outros compete extinguir... se fôr possivel.

Em todo o caso, é bom dizer que tudo é possivel, até o absurdo. Veremos se este surge já hoje, durante a tarde. Daremos noticia em «Ultima Hora». Mas é pouco provavel...

PELO TELEGRAFO

A conferencia do desarmamento

Briand e Lloyd George vão encontrar-se

LONDRES, 13.—Diz-se que o sr. Loucheur, ministro das regiões devastadas da França, acompanhará na proxima segunda-feira o sr. Briand na sua visita a esta cidade, para a entrevista com Lloyd George, e que a impressão do sr. Loucheur é que antes de 15 de Janeiro, se realisará uma conferencia dos aliados.—(R.)

O acordo entre o Japão e os Estados Unidos

WASHINGTON, 13—Sobre o acordo assinado entre o Japão e os Estados Unidos relativo á questão do Pacifico, declara um dos membros da delegação americana que esse acordo concede á America direitos sobre os cabos submarinos assim como lhe concede outros previlegios.—(R.)

A proxima conferencia discutirá o problema financeiro

LONDRES, 13.—Consta ao «Times» que nos circulos bem informados vai aumentando a impressão de que do encontro entre Briand e Lloyd George resultará uma conferencia, onde se discutirá toda a questão das facilidades financeiras que interessam não sómente a Alemanha mas todos os aliados.—(R.)

A Siberia

WASHINGTON, 13.—Começou-se a tratar da questão da Siberia, uma des mais importantes que teem de ser resolvidas na Conferencia. A delegação da Siberia presidida pelo sr. Yuzikoff ja chegou e na qualidade de representante da Republica da Siberia do Extremo Oriente, o seu primeiro acto oficial foi pedir a retirada das tropas japonezas da Siberia.—(Lat. Am.)

A atitude da delegação Japoneza

WASHINGTON, 13.—A delegação japoneza ao concluir os debates sobre a questão de Shantung concordou, sujeito á confirmação de Tokio, na devolução á China de toda a propriedade publica que tivesse sido aforada em Kiau Chau. Nesta propriedade publica incluem-se os edificios e trabalhos publicos construidos pela China, Alemanha, e Japão durante as suas ocupações comprometendo-se a China a satisfazer ao Japão todas as despesas que tivesse feito.—(Lat. Am.)

A Irlanda vitoriosa

O parlamento britanico vai tomar resoluções

LONDRES, 13.—E' aguardada com imenso interesse a sessão do Parlamento de quarta-feira. Espera-se que na Camara dos Lords seja declarada a posição do Ulster por Lord Carson. O governo conti ua esperando poder fechar a sessão na sexta-feira.

De Valera fez publicar na folha oficial irlandesa uma declaração desmentido que a honra da Irlanda esteja envolvida na ratificação do acordo com a Inglaterra. Diz-se que a ratificação depende do Parlamento Britanico e do «Dail Eirean». Até a ratificação do acordo não se poderá considerar a honra da nação envolvida no assunto.—(R.)

Uma sessão em Dublin

LONDRES, 12.—Consta não estar ainda decidido se a sessão do «Dail Eirean» na quarta feira em Dublin será publica ou secreta. Julga-se ser possivel que uma parte da sessão se realisará sem a presença dos representantes da imprensa. A reunião efectuar-se-ha no edificio da Universidade em vez de ser no Palacio do Governo.—(R.)

Vai ser ratificado o acordo

LONDRES, 13.—Os correspondentes dos jornais em Dublin informam que vai ganhando terreno a esperança de que o «Dail Eirean» ratificará o acordo com a Inglaterra por uma grande maioria.

Dos 126 membros calcula-se que só 40 apoiam a oposição de De Valera á ratificação do acordo.—(R.)

O regosijo na America

WASHINGTON, 13.—O publico americano desinteressou-se momentaneamente da emaranhada questão chineza para se entregar completamente ao regosijo, causado pela feliz solução do problema irlandez. Os jornais ostentam enormes cabeçalhos, encimando verbosos artigos de fundo e nos corredores, salas e dependencias do Congresso assim como nos cafés, nos clubs e na rua, todas as conversações tendem a demonstrar a satisfação unanime do povo norte-americano pela creação do Estado Livre da Irlanda. E' opinião geral que a solução irlandeza deve exercer uma influencia benefica sobre a conferencia de Washington. Chegou a tempo para evitar certas intrigas politicas que se preparavam.

O sr. Deheney, presidente da «Mexican Petroleum Company» e presidente da Republica Irlandeza diz na imprensa: «O estabelecimento do Estado Livre da Irlanda é o fim que nós visávamos. E' um grande acontecimento para os Dominios Britanicos, mas é tambem de largo alcance nos Estados Unidos.

Fez desaparecer todo o obstaculo ás relações amistosas entre os dois paizes e estreita os laços que devem unir toda a gente, cujo idioma nacional é o inglez».

O «Philadelphia Nedger» diz que a noticia do pacto anglo-irlandez é a noticia de maior alcance que ha muitos anos se recebe de Londres.—(Lat. Am.)

Sociedade Nacional de Belas Artes

Uma carta de Alves de Azevedo ao arquiteto José Pacheco

Ainda os novos

Meu caro José Pacheco:

Tanto tem instado o meu amigo para que eu traga o meu tributo, a meu ver mais que modesto, á tão louvavel campanha em que anda empenhado que finalmente, me resolvo a transigir com os seus desejos.

Quer então que lhe exponha quais as razões porque tão entusiasticamente acedi ao seu convite de fazer parte dos novos socios, que pretenderam entrar para a Sociedade Nacional de Belas Artes? Ahi vão elas e que a sinceridade com que lhas digo possa ao menos revelar um pouco, o pouco brilho com que as exponho.

Por um defeito de raça, que bem poderia ser uma qualidade, todos os portuguezes medianamente instruidos, dão um largo quinhão nas preocupações do seu espirito, aos problemas politicos do nosso paiz. Qual de entre nós não tem sempre ao dispôr de quem o queira ouvir, meia duzia de ideias que curariam radicalmente todos os males que nos afligem? Eu não faço excepção á regra e tinha chegado a conclusões que teem talvez uma certa originalidade.

Por profissão empenhado na luta contra o sofrimento e a doença, por inclinação de espirito interessando-me extremamente por todas as manifestações da Arte e da Beleza, natural era que generalisasse, como maiores factores de felicidade colectiva, aqueles que considero como mais importantes para a felicidade individual, isto é, o culto intensivo da estetica e da saude.

Assim, a meu ver, só deveria haver dois ministerios: o das Belas Artes e o da Higiene. Todos os outros deviam ser transformados em simples direcções geraes, pois que resolvidos de uma forma cabal esses dois problemas basilares, todos os outros automaticamente se resolveriam. Senão vejamos:

O embelesamento da paisagem levar-nos-hia á arborisação e cultura dos nossos campos, o das cidades ao conforto e higiene das nossas habitações: do aformoseamento do paiz nos viria o desenvolvimento do turismo que nos daria ouro estrangeiro, como o aproveitamento dos nossos incultos nos evitaria a drenagem do nosso ouro. Se por uma questão de estetica, guarnecessem metodicamente de arvores uteis a extensa fila das nossas estradas, em poucos anos talvez o rendimento de essas arvores nos desse recursos para a conservação modelar das mesmas estradas. Assim teriamos paralelamente influenciado o problema economico e financeiro.

Do desenvolvimento da higiene a necessidade de resolver o problema da cultura fisica—transformação da raça abastardada em homens robustos e perfeitos e mulheres saudaveis e bonitas. Assim se creariam os unicos fontes originais de energia e de trabalho e se resolveria um dos grandes males nacionais, dotando os individuos de melhores condições de resistencia.

Aqui se entronca o problema da instrução que, acho eu, se deveria resolver não debaixo para cima como se tem procurado fazer entre nós, mas sim de cima para baixo. Já diz o povo que os bons exemplos devem vir de cima, precisamos por isso de crear primeiro que tudo uma elite de intelectuais e dirigentes, ainda que artificialmente, como fez o Japão, e o melhor para isso seria o convivio mais intenso com os estrangeiros mais civilisados do que nós, que fatalmente nos daria o aproveitamento e exploração das nossas belezas naturais e ainda pelo ministerio da Higiene a propaganda das vantagens do nosso clima.

Se conseguissemos fixar ainda que temporariamente na nossa terra um nucleo de homens de renome mundial por meio de contratos monetariamente vantajosos, dandolhes facilidades de trabalho em institutos modelarmente organisados e que podessem dirigir em plena liberdade de acção; assim uma especie de premio Nobel transformado em contratos lucrativos e com a obrigação de residencia em Portugal durante a vigencia do mesmo contrato; se conseguissemos chamar assim ao nosso paiz as maiores autoridades scientificas e artisticas, fisicos, quimicos, medicos, pintores, escultores, musicos, etc., teriam artificialmente creado o que maior falta nos faz, o «meio intelectual».

Isto custar-nos-ia, é claro, muitos milhares de contos, mas mesmo economicamente constituiria um negocio vantajoso, pois atraz desses homens e por influencia deles passariam os nossos institutos a ser frequentados por milhares de estrangeiros, tal é a força de atração que a inteligencia exerce em todo o mundo. Mas mesmo que tal não acontecesse, ainda para nós portuguezes haveria vantagem, pois uma vez creado o meio intelectual a ele teriam que se adaptar os individuos, civilisando-se e tornando-se uteis.

E' certo que o individuo forma o meio, mas não é menos certo que o meio forma o individuo. Um homem de gabão de Aveiro pode sentir-se muito á vontade na «Brazileira» ou na «Chave de Ouro», mas deixe-o no vestiario se for tomar chá á «Garrett».

Num lar artistico e confortavelmente arranjado onde a mulher seja agradavel e bonita, o homem saudavel e forte, pode haver falta de dinheiro, mas ha decerto mais coragem para o ganhar; coragem que dá a força e a saude e ainda o desejo de conservar o bem estar que já se tem. Nesse lar deve existir, muito atenuada a tendencia do marido para aproveitar todos os momentos livres no café e no teatro, pois o conforto da intimidade o prende mais á familia e á casa.

Porque não havemos de tentar para o paiz o que tão evidente é para a familia? Portugal inteiro sente-se mal na sua casa—dentro das suas fronteiras—Portugal quer ir para a rua—para o estrangeiro; vamos a dar-lhe um lar cheio de arte e de bem estar fisico e ele trabalhará para o conservar, e viverá com mais amor e mais alegria.

O culto da arte suavisa e adoça os maus instintos. Quer um exemplo?

A mulher bonita é a forma de arte mais natural, mais espontanea e como tal mais facilmente acessivel a todas as sensibilidades, ainda os menos artisticamente predispostas; conseguisse vossê que duas duzias de lindas mulheres passassem a frequentar assiduamente a «Brazileira» e o «Martinho» e todos os ferozes politicos que agora pensam em conquistar o poder e fazer revoluções, só pensariam em conquistar as atenções desses lindos olhos pretos ou azues. Compreende alguem que se pense em fabricar bombas no café de la Paix ou no Pavillon Dauphine?

E aqui tem como pelo culto da beleza até se resolveria o problema da ordem publica, muito mais facilmente do que poderiam fazer as metralhadoras da Guarda Republicana.

De todas as civilisações de que fala a historia qual mais soberanamente se impôz a todos nós? A da Grecia antiga, naturalmente, e de tal modo ela se impõem que, como dizia Memser, nunca a poderemos considerar suficientemente moderna. Ora quaes são as caracteristicas dominantes dessa civilisação? O respeito quasi religioso da Beleza, tanto nas artes plasticas como na cultura do corpo.

E' claro que quando falo de dois ministerios, isto é uma maneira simbolica de falar; nada me interessa e nome que burocraticamente se dê aos grupos de repartições. O que quero dizer e marcar bem é que para mim os dois nossos bons problemas fundamentais, basilares, são os da higiene e o da estetica. E foi por isso que eu sem ser um artista profissional, tão entusiasticamente acedi ao seu convite para fazer parte do tão discutido grupo de «novos socios» que pretendiam fazer alguma coisa de artisticamente novo na Sociedade Nacional de Belas Artes, grupo que bem poderia inscrever como lema e sintese das suas intenções estas duas frases que quanto a mim resumiriam todo um programa:

O culto da arte como manifestação de saude do espirito.

O culto da saude como manifestação fisiologica da arte.

ALVES DE AZEVEDO

A feira de Lisboa

Conselhos praticos aos expositores e organisadores

De uma revista importante que se ocupa da feira de Leipzig extraimos os conselhos praticos que a seguir publicamos e que teem o maior interesse e oportunidade para a feira de Lisboa, em preparação.

A feira não é uma organisação tendente a procurar freguezes, mas, sim, uma instituição pratica, mobilisada, apenas, aos fins economicos da comercialidade. A busca de freguezes, está nas exposições.

Eis a diferença entre as duas. Eis a integração de ambas. Se se observarem os dois caracteres, a vantagem da classificação de ambas, fica do lado das exposições. A exposição é o estado mais elevado do comercialismo de um paiz. Qualquer povo de origens nascentes no seu desenvolvimento economico, industrial, póde, de pronto, começar por uma limitada feira. Uma verdadeira exposição esse povo só poderá começar a fazer, quando ele já estiver muito conhecido e afreguezado pelas suas feiras internas.

Uma feira não é mais que uma simples bolsa do centro de negocios comerciais. As montras não estão expostas ali, para «serem vistas». O papel das amostras, ali, é o de um simples intermediario ou referencia, por meio dos quais os tratados se fazem entre o vendedor e o comprador.

Entretanto apezar disso, feiras e exposições teem suas intimas afinidades. Ambas precisam do publico e portanto da publicidade.

Para a feira, principalmente a publicidade é tudo.

Uma feira carece tanto da divulgação do reclame e dos anuncios, como das proprias amostras de que ela se faz e vive... porque, afinal, feiras, anuncios e reclames se não são a mesma coisa, são parentes e teem o mesmo objectivo.

A feira, o anuncio, a divulgação geral do comercialismo, fazem o mesmo bloco na economia das bolsas de mostras... Feira sem publicidade é pratica sem teoria. Pratica sem teoria é erro inevitavel, em toda a execução technica.

Quereis vender? Anunciai. Quereis fazer boa feira?

Explicai-a. «Sim, explicai-a, porque demais lembrai-vos: a feira nada explica. A feira é um mero entregador». Marquereis só isso? Quereis só entregar? Sim, certamente, é bem possivel que só queirais isso «entregar».

Mas a quem?

Só a quem vir os nossos productos na feira?

Mas destes, nem todos estão em condições de os «ver» bem e, ainda destes que possam «ver bem» nem todos poderão ver perfeitamente, sem ter lido, os visitantes que compram sem ler, poderão ser em grande numero, mas es o grande numero ainda poderá ser muito maior se for somado aos que comprom por ter lido.

Quem compra por ter lido é como quem viaja por ter estudado: sabe onde está e sabe para onde vai.

Quem vende por ter anunciado, é como quem compra por ter lido o reclame: ganharam ambos, o tempo, a experiencia e o dinheiro.

Como tambem ja se disse, o bom e o fino arranjo dos «stands» contribue muito para a propaganda nas feiras.

Na feira do Porto notou-se que foi consideravel o numero dos bons «stands», arquitetados com espirito—com o verdadeiro sentimento de propaganda. Deveremos colaborar na obra de organisação da feira de Lisboa, que tem toda a importancia no actual momento economico de crise geral.

Factos e palavras

A PROPOSITO ...DE DUAS EXPOSIÇÕES

O sr. Presidente da Republica visitou ontem duas exposições.

Nada mais vulgar, nem mais banal, á primeira vista. E no entanto se atendermos á qualidade das exposições, chegaremos á conclusão de que a presença de S. Ex.ª foi, alem da visita dum Artista, o aplauso levado pelo supremo representante da Nação, junto de duas pessoas que, fóra dos habitos actuais, trabalham.

A exposição das Belas Artes representa o esforço d'uma industria que desponta e que se afirma levada pela mão duma senhora.

Tinhamos tido ocasião no Porto, ha mezes já, de ver a forma como os tapetes de Beiriz, se impunham pela sua perfeição, pelo ambiente de côres, pelo aproveitamento de motivos caracteristicamente regionais. E' uma iniciativa que merece o nosso aplauso.

Todos nós temos obrigação de dar preferencia aos nossos produtos quando eles forem, como neste caso duma grande como os que nos veem do estrangeiro.

A outra exposição, obra de Teixeira Bastos, um nome que não é desconhecido nos meios de Arte, e que nos traz uma revelação.

Dez anos de Paris, de Madrid. Volta trazendo uma obra, numa tecnica original de que tira efeitos encantadores.

A neve cai nas suas telas com uma enorme realidade.

Começa a cair tambem a neve nos seus cabelos. E a mocidade do Artista é um exemplo para os velhos de vinte anos.

Teem penumbra as suas telas. Que mocidade se adivinha detraz dessa penumbra... Teixeira Bastos é Artista.

Revelou-o na propria instalação. A casa Araujo & Bastos que dispõe duns optimos salões, requintou o ambiente numa decoração inédita.

A exposição, longe de ter aquele ar desconfortavel e habitual das exposições, convida o visitante a descançar um pouco deixando errar os olhos pelas telas.

BOTTO DE CARVALHO

Landru, habitante do compartimento n.º 7 da prisão de Versailles, continua, apesar do seu estado fisico ser mau, a manter uma grande superioridade de espirito; como o seu fato estivesse um pouco velho pediu que lhe vestissem o fardamento dos prisioneiros.

Passa os dias deitado, repousando, Consulta de vez em quando algumas passagens do seu processo e lê desdenhosamente as inumeras cartas de mulher que recebe todos os dias. Os guardas da prisão fazem notar a extrema gentileza com que ele os trata.

❖ ❖ ❖

Dum lado os pessimistas exagerados. Do outro lado os exagerados otimistas.

Meio termo com bom censo é que não ha.

❖ ❖ ❖

Hontem voltaram os boatos. Foi passageira a sua ausencia.

E se se puzesse atraz da porta um banco de pernas para o ar e uma vassoura, como se costuma fazer para as visitas importunas, e massadoras?

❖ ❖ ❖

Um americano inventou um novo e extraordinario aparelho de guerra.

Consiste num canhão cujo projectil, andando trez kilometros, ceifa tudo o que encontrar á sua frente.

Como se vê o futuro promete ser radioso!

❖ ❖ ❖

Anselmo Braamcamp Freire está doente. A sua figura cheia de nobreza evoca a época radiosa em que a Republica era ainda uma esperança.

Que as melhoras de Anselmo Braamcamp sejam um facto e que a Republica se dignifique!

❖ ❖ ❖

As letras

Rebelo de Bettencourt, o poeta açoreano que tão emocionantes versos nos tem dado, veiu publicar um novo livro, «Oceano Atlantico», do qual damos hoje aos no sos leitores o perfeitissimo soneto que abaixo segue:

Intangivel

Ha de morrer comnosco, inconfessado, ardente,
O segredo de amor que nos traz neste enleio...
Perdoa-me: eu bem sei que vivo em teu mente
Teu olhar, ai de mim! arde sempre em meu

O nosso grande amor, separa-nos somente,
Um abismo sem fundo abrir-se de permeio.
Amamo-nos os dois desventuradamente...
—Só p'ra sofrer assim é que este amor nos veio!

Talvez seja melhor amarmo-nos assim:
—Só é eterno o amor, quando eterno o desejo;
E o amor satisfeito é amor que tem fim!..

Tu viverás eterna em minha adoração!
—Acaba sempre o amor com o primeiro beijo,
E ai! de quem conhece a amarga decepção!

A lei do inquilinato

Visitas ministeriais a uma industria

A Firma J. J. e Fernandes e & C.ª, proprietaria do Laboratorio Farmacologico de Lisboa possue uma propriedade na rua de Santa Marta onde deseja instalar a sua industria; em condições de mais desenvolvimento e como a lei do inquilinato actual permite aos habitantes do predio regalias, que lhe dificulta o seu desejo, convidou o sr. presidente do Ministerio, ministro da Justiça, dr. Germano Martins, director geral da Justiça, dr. José de Abreu, secretario geral do Supremo Tribunal a visitarem as instalações actuais do Laboratorio, a fim de poderem apreciar as vantagens resultantes para a economia do paiz, se a lei do inquilinato permitisse que um proprietario dispuzesse da sua casa, quando ali desejasse instalar uma industria, e embora tivesse de indemnisar os inquilinos, em condições analogas aos do inquilinato comercial.

Os visitantes apreciaram bastante as dificuldades com que a direcção do Laboratorio Farmacologico lutava para poder desempenhar a sua missão de ir pondo fóra do mercado as especialidades estrangeiras, devido á falta de espaço, que não lhe permite a instalação de novos maquinismos.

O sr. ministro da Justiça, prestando a homenagem a esta importante industria; pelo que ela representava de prosperidade para a economia nacional, prometeu encontrar uma solução para os casos analogos a este, o que se poderia talvez conseguir com a creação de um tribunal especial, creado na nova lei.

MUSICA

Vittorio Guy

Amanhã teremos o prazer de assistir ao espectaculo de arte que a empreza do nosso primeiro teatro nos prepara, dando-nos uma serie de concertos, que infelizmente serão poucos sob a regencia dum dos mais notaveis e jovens maestros que hoje conta a Italia.

Vittorio Guy não necessita de reclamo. Já todos o conhecem, já todos unanimemente ovacionaram o seu soberbo trabalho de director na passada epoca lirica em S. Carlos.

Quem poderá esquecer o «Parsifal» regido por Guy.

Mas sobre tudo, o concerto realisado, na sua festa artistica, deixou em todos recordações inesqueciveis, desejos ardentes de o tornar a aplaudir, de vibrar de entusiasmo, perante a sua arte elevada, nobre, segura e mais que tudo bem latina.

O maestro Guy dá-nos a impressão dum grande regente alemão, com uma enorme alma italiana. Na sua fibra nervosa e equilibrada a um tempo, estão fundidas estas grandes forças, as unicas que conduzem á verdadeira gloria.

Saudamos pois nestas modestas linhas o insigne maestro, e não é necessario ser profeta, para predizer desde já, que os concertos de S. Carlos vão marcar, entre nós, uma epoca de entusiasmo bem digno daquela linda sala, e das suas nobres tradições.

MARIA JUDICE

FALECEU

Cecilia de Sousa Pereira

Julia Leys Correia Leitão, Beatriz Ferreira (ausente) Julio do Sacramento Cunho, Adelaide de Sousa, Julieta Fernandes Feio, Anibal Cunha, (ausentes) João Ablas (ausente) e Joaquim Faustino Poças Leitão — cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas de suas relações e amizade o falecimento de sua querida mãe, avó e tia, amiga e sogra e que o seu funeral se realisa amanhã 14, pelas 10 horas, da Quinta de Bicello na Luz para o cemiterio oriental (Alto de S. João)

Federação Nacional das cooperativas

A direcção da Federação Nacional das Cooperativas troca impressões sobre a forma de realisar o movimento pró-cooperativismo e de protestar contra a anunciada resolução de submeter o organismo, que deve substituir o Comissariado Geral dos Abastecimentos á tutela das «forças vivas» que teem sido as principais causadoras da situação desesperada em que o paiz se debate.

Foi resolvido solicitar audiencias aos srs. presidente do Ministerio (devendo esta efectuar-se amanhã) e ministro das Finanças e do Comercio.

Em virtude da gravidade do momento, a direcção da F. N. C. deliberou manter-se em sessão permanente e convidar delegados das Cooperativas a comparecer na sua sede, das 17 ás 18 horas, em qualquer dos dias uteis até ao fim da semana, para os inteirar da situação e da acção que é necessario desenvolver, para a defeza do consumidor, contra o novo conluio oligarquico—burocratico—.

Tambem durante esta semana, em troca de recibo serão entregues as acções da Federação ás Cooperativas, que já as liberaram.

ULTIMA HORA

POLITICA

A crise está declarada—O sr. Cunha Leal foi chamado pelo Chefe do Estado

O conselho de ministros terminou ás 17 horas. O sr. Maia Pinto foi ao Paço de Belem entrepor a demissão do governo.

Afirma-se que o sr. Presidente da Republica chamou a uma conferencia o sr. Cunha Leal.

A situação é, por emquanto, extremamente confusa, não sendo dignos de menção os boatos de que os centros politicos estão cheios.

Ordem publica

Foram dadas ordens de prevenção rigorosa ás forças armadas. O policiamento das ruas será reforçado.

O novo ministerio

A' hora de fecharmos o nosso jornal parece que o ministerio que sucederá ao presidido pelo sr. Maia Pinto será constituido pela seguinte forma:

Presidencia e Interior. — Mesquita de Carvalho

Justiça.—Dr. Orlando Marçal

Finanças. — Albino Vieira da Rocha

Instrução.—D. Jaime Cortezão

Marinha—João Manuel de Carvalho

Guerra—Coronel Ramos de Miranda.

Estrangeiros—Veiga Simões.

Agricultura—Camara Pestana.

Segundo nos informaram será extinta a pasta do Trabalho, ficando as pastas das Colonias e Comercio a cargo, interinamente doutros quaisquer membros do governo.

POEIRA da ARCADA

A comissão delegada da assembleia dos representantes das camaras municipais do paiz procurou hoje o sr. presidente do ministerio, afim de pedir a anulação do decreto que suspendeu a lei n.º 999 e que este diploma seja regulamentado.

❖ ❖ ❖

A direcção da Associação Comercial de Lisboa comunicou ao sr. presidente do ministerio que em sessão de 7 do corrente lhe votou os mais calorosos agradecimentos pela sua decidida resolução de suspender a lei n.º 999, imposto «ad-valorem», esperando que não resurja, mesmo sob qualquer outra forma.

* * *

Vindo do Tenerife chegou hoje ao Tejo a canhoneira Bengo.

Os inqueritos

Uma acareação importante

O sr. dr. Barbosa Viana, diretor da P. S. E. esteve acareando esta tarde com o chaufeur da «camionete fantasma» o sr. tenente Mergulhão, ofiial que durante a noite de 19 de outubro estava de serviço no Terreiro do Paço.

A essa acareação, assistiu o irmão da vitima Carlos da Maia o sr. Carlos da Maia Junior.

Ainda hoje deve novamente ser ouvido o capitão sr. Cunha Leal.

No Governo Civil

Um mutilado pedindo esmola

Durante a tarde de hoje, acompanhado pelo sr. capitão Tribolet andou pelas secções do governo civil, recolhendo as dadivas de corações generosos, um mutilado da guerra, com a perna direita amputada.

O julgamento do general sr. Pedroso de Lima

Continuou hoje o julgamento secreto do general sr. Pedroso de Lima depondo algumas testemunhas.

E' natural que o julgamento se venha a prolongar por toda a semana.

Actriz Amelia O'Sulivand

Pelas 14 horas de hoje realisou-se o funeral da Actriz Amelia O'Sulivand.

No acompanhamento viam-se muitos colegas da malograda artista, fazendo-se representar as empresas do Teatro Nacional, «Almeida Garrett», S. Luiz e Politeama.

No cemiterio foram organisados turnos, ficando o cadaver depositado em jazigo de familia no cemiterio ocidental.

Questões do dia

O tratado luso-germanico teria sido desastroso para os interesses nacionais?... — Mais outro imposto original — O custo da vida vai subir ainda mais — Como se vê, no estrangeiro, o problema das cambiais

Não temos á mão o tratado de Versailles e o que vamos escrever é sugerido pela memoria, que não nos costuma ser infiel.

Entretanto, ficamos esperando que nos digam, a nós e, principalmente, á Nação, qual é a exata expressão da verdade, no caso grave para que chamamos a atenção do sr. ministro dos Estrangeiros.

Perceitua o tratado de Versailles que as potencias signatarias se abriguem a não conceder favores especiais á Alemanha, sem audiencia mutua e consentimento unanime, se, por ocaso, um governo faltar a esse compromisso, o favor concedido á Alemanha reverte, ipso-facto e automaticamente, a favor das restantes potencias aliadas ou associadas.

O sr. ministro dos Estrangeiros negociou um tratado comercial com a Alemanha, concedendo-lhe o tratamento da nação mais favorecida, a troco da importação, na Republica Imperial, de vinhos portuguezes. O favor torna-se, pelo tratado de Versailles, extensivo a quasi todo o mundo. Se assim fôr, o desastre, para o erario portuguez, é evidente. Mas não será, talvez, como nós supomos e, não sendo, como será?...

❖ ❖ ❖

Uma das novas providencias tributarias do sr. Peres Trancoso obriga os senhorios a cederem, a favor do Estado, a importancia correspondente a um mez de arrendamento, quantia que dará entrada na Caixa Geral de Depositos. O decreto está pronto, faltando-lhe apenas a assinatura do sr. Presidente da Republica.

❖ ❖ ❖

O imposto sobre as transacções contribuirá mormente para o encarecimento da vida. Seria curioso calcular, desde já, o custo de venda em Lisboa de um par de botas, agravado com as percentagens que vão desde a primeira transacção até á ultima. Se é assim que o sr. ministro das Finanças calcula baixar o custo da vida até ao fim do mez corrente, deve-se confessar que o seu pensamento é, por emquanto, indecifravel.

❖ ❖ ❖

A proposito e a desproposito de tudo se meche no panelão dos cambios, que cada vez estão peores. O sr. ministro das Finanças devia reflectir no seguinte:

Na conferencia de Bruxelas de 1920 onde estiveram dos maiores economistas e financeiros do mundo, votou-se esta conclusão:

«Todas as tentativas destinadas a limitar as flutuações do cambio e a estabelecer um dominio (contrôle) artificial das operações são vãs e prejudiciais».

A esta conclusão chegaram os sabios estrangeiros. Os nossos não estão de acordo.

Marqueza de Borba

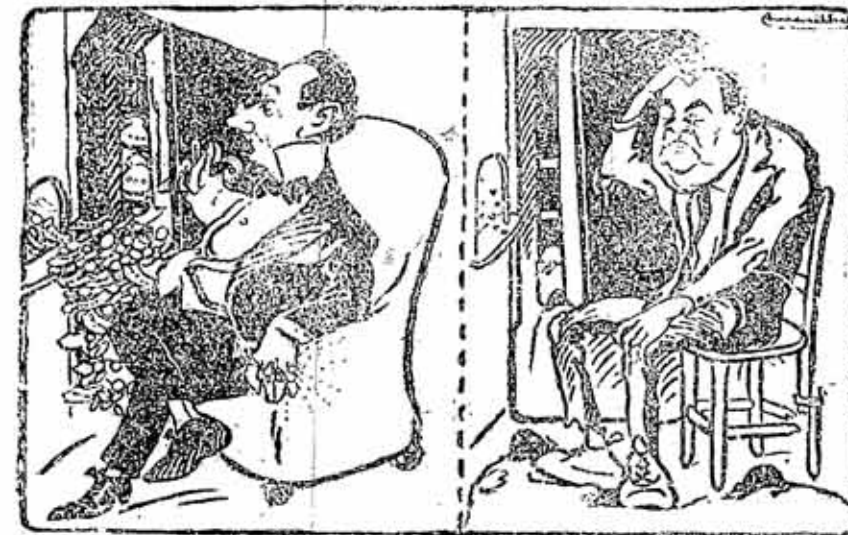
Pelas 15 horas de hoje, realisou-se o funeral da sr.ª Marqueza de Borba. O cadaver encerrado em urna de mogno esteve exposto na capela do seu palacete, á rua Formosa, onde hoje de manhã teve lugar missa de corpo presente.

A' hora acima indicada foi a urna colocada num carro forrado de negro, puchado a duas parelhas, seguindo-se a carruagem conduzindo o Rev. Ferreira da Mota, e seu acolito, e apoz esta uma extensa fila de trens, transportando pessoas das mais intimas relações da ilustre extincta.

Sobre o ataude foram colocadas ricas coroas.

No cemiterio foram organisados turnos, ficando o cadaver depositado em jazigo de familia no cemiterio Oriental.

TEATRO

«Charge» teatral

A historia repete-se... embora sem os mesmos pormenores. Chaby regressou... Luiz Pinto vai partir.

Nota do dia

O teatro vive dum conjunto de regras que se não escrevem em tratados mas que se adivinham por instinto.

Ha pessoas cultas e experimentadas que pretendem convencer-nos que as regras mais consagradas na representação teatral se podem quebrar dum instante para o outro e que tudo é, meramente, uma questão de «savoir faire» natural, sem gramatica propria, e sobretudo sem inflexibilidade de principios.

Eu julgo sinceramente que não.

Cita-se muitas vezes o caso da extranha marcação de Augusto Rosa no «Ladrão», representando de costas uma scena inteiramente de expressão, e cita-se tambem um descriptivo declamado por Brulé no «Danseur Inconu», dito para o publico e de costas para a actriz que ouve.

Com isto, que tem certamente força não se demostra que seja má a velha regra da declamação a tres quartos, nem os velhissimos principios da colocação e do desenho principal das atitudes.

Uma das cousas que justamente se nota na avalanche de novos artistas que invadiu — e em má hora! — os nossos palcos é uma ausencia quasi absoluta no conhecimento dessas velhas regras.

Ha artistas cheios de valor, que acusam ás vezes desagradaveis monotonias de exteriorisação, devido exclusivamente a não atenderem a esses pequenos e sabidos «trucs», que justamente por que são sabidos e porque ficaram, tem uma grande razão de ser.

A sr.ª Judice Caruson que é sem sombra de duvida uma bela esperança e o sr. Valerio de Rajanto outro novo, mais que vulgarmente inteligente, sofrem um pouco dessa falta de gramatica teatral.

E creiam que se lhes citamos os nomes é porque sabemos que vale a pena fazê-lo.

Quantos outros, sofrem do mesmo mal com mais gravidade e nós não falamos deles — simplesmente porque para o publico apenas constituem a esperança... de que se vão embora.

O HOMEM QUE PASSA

Noticiario

Portugal

E' provavel que a companhia Chaby Pinheiro que tencionava reaparecer no Porto, faça a sua apresentação em Lisboa, no Teatro da Avenida.

—E' prematura a noticia de que reaparece Alves da Cunha no Teatro Chiado-Terrasse.

— A companhia Alves da Cunha reaparecerá em Lisboa na peça «Os «tubarões»

—Foram contratados para a companhia Alves da Cunha os actores Januario Silva e Sampaio.

—Corre, não sabemos com que fundamento, que a companhia Palmira Bastos vai trabalhar no Chiado Terrasse.

CINEMA

Onde pára Charlot?

Não se sabe de Charlot. Charlot desapareceu, escondendo-se da multidão; fugiu do mundo! Onde está Charlot, Charlot, o querido de todos os povos? «Charlot»! «Charlot»! eis o grito que se escuta em toda a parte.

Charlot gira pelo mundo: hoje aqui, amanhã alem. Gira á volta do mundo o comico singular que, sem palavras todos compreendem, fazendo escancarar a boca da multidão que o aplaude freneticamente. A America, a Inglaterra, a França, a Espanha, a Alemanha, a Russia bolchevisti, são as «étapes» da sua viagem, os pontos onde mostra a sua alegria esfusiante. Onde estará? Não se sabe.

Charlot fala uma lingua universal, pode correr o mundo. Compreendem-a todos, desde os brancos aos indigenas dos sertões. E, pelo mundo fóra, Charlot verifica a exactidão historica de que o seu vocabulario comico em todo o porte encontra traductores e que o homem, melhor: a creatura é a mesma em todas as latitudes.

Charlie Chaplin (ca já o disse que era este o nome de Charlot) com os seus «films», é uma mina inexgotavel, preciosa, imensa, definida, cheia de observações internacionais, de vivezas, de singularidades estranhas. E' cedo para o classificar; dia virá em que os moralistas poderão apreciar o que de grande ou de fantastico havia na psicologia desse homem do seculo XX.

Mas onde está Charlot neste instante? Na Africa, na Russia, ou China? Não se sabe! Charlot fugiu e a multidão, procurando-o, gritando o seu nome: «Charlot!» «Charlot!» — mostra que não pode viver sem ele e que o seu chapeu, a sua bodine minuscula, as suas calças de saco-roto, hão serão um dia — sabe-se lá quando — mirados curiosamente n'algum museu — o museu Charlot!

Noticias

—No principio do mez que vem deve estreiar-se em Lisboa o «film» «Rei da força» do que é protagonista o nosso ilustre colaborador Ruy da Cunha.

BÔAS NOITES, MINHA SENHORA

REFLEXÕES AO BORRALHO

O que dá mais prazer, dár ou receber?

Ouvi esta discussão ha dias e os argumentos sucederam-se sem que se chegasse a uma conclusão.

Uns diziam, o dar é uma acção perfeitamente livre de egoismo enquanto que o prazer de receber não está completamente isento desse sentimento. Outros afirmavam que receber é prova de generosidade e de amizade.

Não entrei na discussão; ha dias em que o meu espirito recusa exteriorisar-se, em que tenho a alma fechada a sete chaves e a sete cadeados de segredo. Aconteceu-me isso quando a sinto desarrumada; está tudo num estado de tal confusão que não abro portas nem janelas com receio do que as pessoas poderiam ver.

Hoje está tudo arranjadinho e quieto, o que não quero ver acha-se muito bem escondido, foi portanto á prateleiro, onde tinha guardado os argumentos dessa discussão, achei-os todos muito justos e razoaveis, mas decidi que tanto o prazer de dar como o de receber era motivado por um grande egoismo.

Ha lá coisa mais agradavel do que dar seja o que fôr a alguem a quem se quer muito. O objecto que passa das nossas mãos para as dele leva muito da nossa alma, do nosso pensamento, da nossa ternura. Uma duvida é muitas vezes a forma de acarinhar alguem a quem as convenções sociais não nos permitem que façamos outras caricias. E o que é a afeição senão egoismo, visto que nos da tanta felicidade?

Receber seja o que fôr das mãos de alguem a quem queremos muito, é tão maravilhosamente bom que chega a ser um sofrimento fisico; é a prova tangivel, é a prova evidente, que se lembraram de nós; e a humanidade — pelo menos a parte feminina da humanidade — precisa de, quando em quando, ver os pensamentos das pessoas amigas materialisados.

Uma das maiores alegrias da minha vida foi receber uma folha de calendario. Parece insignificante, pois eu, visto que me encontro no mez do Natal, em que breve começaremos a trocar bons desejos, principio desde hoje, desejando a todos que tenham na sua vida uma alegria tão grande como me deu, a mim, essa duvida que me fizeram.

Afinal aconteceu-me o mesmo que aos outros argumentadores, não cheguei a uma conclusão: dar, receber, qual é melhor? para isso seria preciso chegar a um acordo sobre um ponto tambem muito discutido: qual é melhor, amar ou ser amado?

E acabo as minhas reflexões, por uma resolução, pedir a opinião das minhas leitoras, sobre esse assunto. Está aberto o inquerito:

Qual dá mais prazer, amar ou ser amado?

FRIOLEIRAS

O sceptro. Falei-lhes ha dias no trono e na sua origem; continuando na mesma ordem de ideias falo-lhes hoje do sceptro, simbolo do comando.

Ha duas versões sobre a origem do sceptro.

Uns dizem que tomou essa significação, por o principio da obdiencia vir do receio da bastonada, nos tempos medievais.

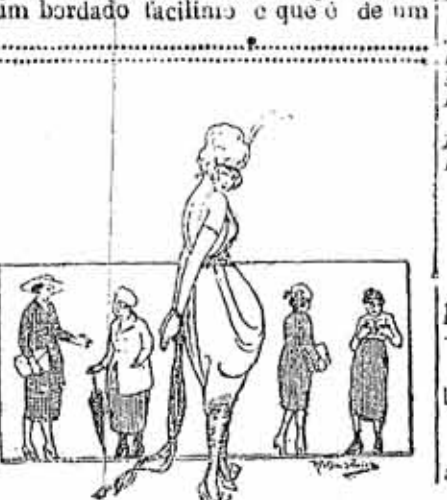
Segundo outros a palavra sceptro significa «bordão sobre o qual nos apoiamos». Ora, nos tempos primitivos os primeiros chefes eram escolhidos entre os velhos e portanto usavam sempre bordão, vindo dahi o habito de se considerar o sceptro, como emblema da autoridade.

Qual das duas versões será a verdadeira? Ignoro, mas em todo o caso inclino-me para a segunda.

CONSELHOS PRATICOS

Quando os pregos estão quasi a cair por os buracos na parede se irem alargando pouco a pouco, podem-se apertar da seguinte forma: Faz-se uma pasta de gesso misturado com gesso, enche-se o buraco com esta mistura e, antes de endurecer mete-se-lhe o prego até á altura desejada. Logo que a pasta seque o prego fica muitissimo seguro.

TRABALHOS FEMININOS

Creio que não ha mulher nenhuma que não adore ter roupa branca bonita, se agora está por um preço fabuloso. Ha dias pediram a uma amiga minha 12$000 réis por uma camisa bordada á mão, por isso lhes lembre que fica muito bem na roupa branca um bordado facilimo e que é de um lindo efeito: o bordado Richelieu.

Na camisa de noite pode-se pôr em volta dum cabeção grande e os punhos; na de dia, a mesma coisa, porque fica muito engraçado a camisa do dia com uma especie de babete na frente, contornada a bordado.

E' bom que se escolha sempre o debuxo para o bordado Richelieu, com flores grandes, fica mais bonito.

Tornejam-se as flores com ponto de recorte, pouco apertado e que se destaque bem. As folhas são feitas da mesma maneira, depois corta-se o pano e juntam-se as flores ás folhas, com duas linhas por cima das quaes se faz egualmente ponto de recorte. E' mais pratico só cortar o pano, depois das flores juntas. Os pés das flores, os estames e os fibras das folhas são feitos a ponto de pé.

HIGIENE DA BELESA

Maçagens

As rugas dos cantos dos olhos devem-se fazer as Maçagens, com a ponta dos indicadores em sentido vertical. As rugas da testa é bom fazer-se a maçagem por um movimento vertical, partindo dos olhos em direção ao cabelo.

Para as rugas verticaes, fazem-se as maçagens em sentido horizontal.

Responso

Num castelo deserto e solitario
Toda de preto, ás horas silenciosas,
Envolve-se nas pregas dum sudario
E chora como as grandes criminosas

Pudesse eu ser o lenço de Bruxellas
Em que ela esconde as lagrimas singelas

E' loira como as doces escocezas,
Duma beleza ideal, quasi indecisa:
Circunda-se de luto e de tristezas
E excede a melancolica Artemisa.

Fosse eu os seus vestidos afogados
E havia de escutar-lhe os seus pecados.

Alta noite, os planetas argentados
Deslisam um olhar macio e vago
Nos seus olhos de pranto marejados
E nas aguas mansissimas do lago.

Pudesse eu ser a lula terna
E faria que a noite fosse eterna!

(Excerpto de «O Responso» de Cesario Verde)

PENSAMENTOS

O homem que ama é um tolo sublime.

Camilo.

As sciencias inuteis são as mais agradaveis.

Anatole France.

SPORT

A força fisica na antiguidade

Os atletas modernos, mesmo os mais queridos do publico, não podem, nem de longe, egualar a fama dos atletas da antiguidade.

A força fisica era absolutamente adorada. O ideal moderno a que teem que se sujeitar os campeões da actualidade, tambem nada é, ao lado do regimen, a que se sujeitavam os atletas gregos e romanos.

Nos ginasios, debaixo da direção dos mestres, eram obrigados a passar fome, sede, a lutar na poeira, e isto durante todo o dia.

Compreende-se que sob este regimen de ferro a seleção era bem feita, e os considerados como aptos a exercerem a profissão tornavam-se verdadeiros herculcs.

E' claro que contra esse sport, como diremos hoje em dia, havia tambem quem protestasse, como sucede hoje tambem, e Galeno, medico celebre, foi dos que mais criticou a profissão de atletas.

Mas o publico idolatrava os seus atletas, e nunca Jacquelin, o mais popular dos ciclistas, Carpentier, a quem a Europa seguiu ultimamente a vida, dia a dia, Dempsey, o idolo americano, nunca, repito, foram tão queridos e populares como as celebridades antigas Milon de Crotona, das Polydamas da Thessalia. Um dos atletas vencedores dos jogos olimpicos, fez a sua entrada na terra natal, com um cortejo de 300 carros.

Os melhores especialistas gosavam de enormes previlegios, não pagavam impostos, e eram sustentados a cargo do estado, e exigiam-lhe estatuas, feitas pelos melhores artistas.

Pondo de parte o exagero da lenda, com certeza, que num meio onde abundavam os hercules, os nomes que passaram á posteridade deviam ser de homens extraordinarios.

Milon de Cortona, andou todo o comprimento do «stadium», com um boi sobre os hombros, matando-o de seguida com um soco.

Milon, chegou a ser coroado sem combater, em virtude de não encontrar adversario.

Psiydamas da Thessalia, de estatura gigantesca, era tambem dum vigor fisico fóra do comum.

Sustinha um carro com dois cavalos, segurando-o apenas com um braço.

Tendo deitado a mão ás patas dum toiro, arrancou-lhe o casco apenas com os dedos. O rei da Persa Darius II, mandou-lhe para o combater 3 dos seus melhores guerreiros, que foram mortos por ele.

Não quer dizer isto, que hoje a humanidade seja mais fraca do que antigamente.

Havia fenomenos como tambem hoje aparecem de tempos a tempos.

RUY DA CUNHA

Luta

Na Suissa o antigo amador Rooth, vencedor dos jogos olimpicos bateu num «match», o italiano «Marsetè».

Esgrima

O campeonato italiano, disputou-se em Florença, com o seguinte resultado:

«Florete» — 1.º premio — «Pulitè»
«Espadi.» — 1.º premio — «Revel»
«Sabre» — 1.º premio — «Pulitè»

Pesos e alteres

O grande premio de Lyon, disputa-se a 5 de fevereiro, com os seguintes movimentos:

Arraché em braço — Jete em braço — Arraché dois braços — Develyn dois braços — Jete dois braços.

—Vai realisar-se um desafio entre uma «equipe» franceza, e outra austriaca.

O encontro deve realisar-se em Paris.

—Na ultima sessão da «Sociedade Atletica de Montmartre» fez uma exibição o atleta marselhez Joupa Alzin, que bateu como noticiamos o «record» do mundo do «levelope» em altres separados.

Alzin é um atleta magnifico, com 1 metro e 90 de altura, pesando 119 quilos, e tem de «biceps» 48 centimetros.

Ciclismo

Começou a celebre corrida de seis dias em New-York, na pista do «Madison Square», com uma concorrencia enorme, e tendo batido, como já dissemos, os melhores especialistas do genero.

Automobilismo

A semana de Monaco, terá logar em Março do proximo ano e poderão concorrer motocicletes, side-cars, carros de tourismo, e de corrida.

—Em Milão está-se elaborando um projecto, para construção duma estrada para o serviço de automoveis Milão-Veneza, que deve ter 212 quilometros, e com a largura de 20 metros

NOTICIARIO

FOOT-BALL

O «team» nacional, que vai jogar-se em Madrid é definitivamente o seguinte:

Candido de Oliveira, capitão; José Maria Gralha, Jorge Vieira, Vitor Candido Gonçalves, Antonio Augusto Lopes, Fernando de Jesus, Artur Augusto, João Francisco, Antonio de Pinho, Carlos Guimarães, José Rodrigues, Antonio Ribeiro dos Reis e Alberto Augusto.

UM TEAM ESTRANGEIRO EM LISBOA

Sabe-se já que o forte agrupamento tcheco-slovaco que vem a Lisboa é o «Union de Praga», a convite dos nossos mais fortes «teams», Sport Lisboa e Bemfica, Sporting e Casa Pia, com os quais, o «team» estrangeiro se deve defrontar.

E' já grande o entusiasmo, pois o «Union de Praga» jogará cinco ou seis encontros entre o Natal e o Ano Bom, embora não estejam ainda determinados os dias. O campo escolhido foi o nosso melhor campo atletico do Campo Grande, aquele que reune todas as vantagens, tanto em comodidade como para transportes.

O «team» do «Union de Praga» deve chegar no dia 23, preparando-se para esse dia uma manifestação das nossas agremiações de sport.

Completando as informações que temos dado sobre a visita do forte agrupamento de «association», podemos hoje informar os nossos leitores que o primeiro jogo será no dia 25 contra o Casa Pia, o segundo a 26 contra o Sporting e a 31 contra o Sport Lisboa e Bemfica. Nos dias 1 e 2 de janeiro jogarão tambem mas ainda não estão determinados, os seus adversarios.

Vamos pois ter ocasião de ver os nossos foot-balistas lutando com o «Union de Praga» que na sua equipe inclue seis ou sete jogadores internacionais.

48 — Folhetim de «A CAPITAL» — 13 de Dezembro de 1921

ROCHA MARTINS

Spartacus

Romance das lutas proletarias em Roma

VIII

— Vigiado? interrogaram a um tempo; e ele de mão estendida, explicou: Sim trazendo comigo algum bom militar...

Riram; ele tambem os acompanhou uns momentos e depois, tomando o seu ar ligeiro em que enroupava tudo quanto tinha largo conserto, perguntava:

— Mas porque não se manda alguem a Roma saber o que se passa?! Eu se não fosse tão conhecido como Cicero, visto ser a sombra de Crassus e ter-me mostrado com ele desde o senado ao circo, iria e boas coisas havia descobrir... Oh! Mas por Castor! Eu com este prefil de cegonha — o «cigonia» — que todas as garotas romanas apontam, seria logo colocado tão alta que nem o quero sonhar...

Como visse nos olhos dos outros uma estranha curiosidade exclamava: Pois ha acaso trono mais alto do que uma cruz!... Tu Spartacus — continuou logo no mesmo tom — não sabes que possues alguem leve como açôr, elegante como um dos corifeus do bando do Cesar, certeiro e forte e ao qual apenas falta ser romano, rico e saber grego para poder entrar no Senado... Olhas-me com pasmo?! Pois é um dos teus amigos...

Puzeram-se de novo a rir; Crixos atirou até mesmo o nome de Eudoxio numa ironia mas o grego não lhe deu tempo para o efeito, pois exclamou:

— Oh! Como podia ser esse se os centuriões o elegeram para o comando esta manhã, após os funerais de Oenomaus?...

— Ao numida?! — berrou Ganicus cuja posição de tenente de Crixos o indicava para o cargo.

— Sim e a ti meu bom celta para o governo, a gente de Castes até á sua volta! redarguiu Spartacus.

Ia agradecer-lhe pois sabia bem a interferencia que ele tinha nessas eleições. Era certo que nas centurias se votavam nomes mas não os escolhiam. Indicavam-se tres ou quatro individuos eles procuravam o melhor ou aquele que o supremo chefe distinguira e Ganicus ganhara todos os seus postos na guerra. Crixos, ao ve-lo grato, interrompeu-o:

— Por pouco tempo serás o chefe visto que Castus vai chegar! Não é verdade Spartacus que o vais trocar pelos romanos prisioneiros?

— Sim... Mas em breve terei uma nova legião para oferecer a Ganicus...

— Qual?! interrogaram no mesmo grito os guerreiros e o proprio Felux. Ele, porem, como se os não ouvisse, perguntava por sua vez numa ironia, quasi jubiloso:

— Quem é esse singular amigo a quem apenas falta tudo para ser senador?!

— Jarmelo, o lusitano!... Escuta; mandei-o vestir o trajo dum dos elegantes que estão no carcere; ensinei-lhe o donaire e o penteado gregos dei-lhe um nubio para servo, arranjei-lhe uma bolsa recheada e pensei que se tu desses licença ele seria um magnifico escalca... Pisando levemente nas escadas do Senado, mostrando-se na sua liteira, palrando no «Forum» ele, o patricio Kraobe, vindo da Asia onde serviu, ao cabo de dias saberá quantos soldados nos mandam e quantos oficiais; quem é o melhor deles e o que se pensa em Roma ácerca da nossa revolta... Teremos duas vantagens: a de combater ás claras e a de conhecer o inimigo... Emquanto a dinheiro passei num pergaminho a firma de Crassus... E' como se levasse uma ordem sobre o erario da republica... E não é um roubo oh! Spartacus! Aquilo que gastar são os ordenados que o rico me deve, a gloria que lhe ganhei; a gratificação por lhe ter roubado Emerencia cuja mão lhe vaticinou uma morte que bastante o apoquentou!...

O proprio Crixos aplaudia a ideia; achava-a magnifica; Ganicus secundara-o e dali a pouco se não estivessem prevenidos encontrariam no lusitano que entrara, um dos mais pretenciosos oficiais de Glabariar vindo da Bitinia descançar das fadigas da guerra. A sua tez morena parecia tostada por aquele ardente sol mas a graça dos seus movimentos a maneira como traçava a toga, o cabelo á greg a davam-lhe um ar de raça, sobretudo quando andava, muito gravemente, em passadas senhoriais. Mostrava conhecer o caminho e saber as lições de Felux que, ao ouvir Spartacus dar-lhe a ordem de partida, o detinha ainda, segurando um rolo sobre o qual traçara, a rir, o nome de Marcos Crassus, senador romano.

— Sabes lêr?! — interrogou, como por demais, aguardando a costumada resposta que veiu de novo:

— Na Lusitania ninguem possue tais prendas nem o proprio Viriato as tinha! Mas batem-se bem, são ferros, mais sabios até que os sertarianos da academia de Osca! Lêr na Lusitania?!... Oh! Minerva nunca lá passou...

— Vai, dizia Spartacus e oxalá nos abras o caminho de Roma... do futuro!

— Se de mim pudesse depender a boa sorte do teu desejo eu daria a vida para o satisfazer porque sei, oh! chefe, que queres o bem de todos os homens!

Levantou o braço a saudá-lo de mão espalmada, voltou-se para os outros e saiu berrando:

— O' nubio... ó nubio... vamos vêr mundo!...

Com aquela saida de tanta alegria imaginava-se que a sala escurecera, que a atmosfera se tornara mais pesada. Reboou um trovão ao longe; um relampago scintilou. Crixos decidia:

— Chegou o momento de ir ter com a patricia... Quero gosál-a ainda uns dias antes que venham os consules... Spartacus vem ao banquete decerto? Já preveni Opalia para levar Emerencia com a sua cytara... Pobre dela que teve de contar alegrias a Aruuco quando lhe mataram o pae; alegrias sahirão hoje tambem da sua garganta magnifica.

Eudoxio entrara, ficára parado á porta sem compreender por que o tinham chamado nem as homenagens dos soldados topados na «rua pretoria». Ao ouvir Spartacus dizer-lhe que as legiões devia o ter sido escolhido para a chefia, na vaga de Oenomaus, exclamou: Não... não quero...! Bem sabes que te sirvo como aos deuses; que irei até a Hades por teu gesto mas isso não... Não ha homem vivo que dome Eudoxio; só tu o venceste... Ele pertence-te!... Não quero ser teu egual! Que digo?! Alguem te eguala?!... Que os deuses me perdoem... Spartacus deixava-me, com os meus numidas, ser apenas o teu «lictor proximos», aquele que te sirva sempre como te tenho servido!

Se não houvesse o receio de magoar o gigante ter-se-iam rido de tanta humildade mas, ainda assim, Crixos disse, num desplante:

— Quando entramos em Roma!

Felux ficára muito serio a revolver o calamo entre os dedos e nos seus olhos passava um clarão ao ouvir a forma como o chefe retorquiu ao sarcasmo:

— E é exactamente para Roma que marcharemos mal tivermos derrotado aqueles que a alta hora já se preparam contra nós... Entraremos na cidade e dali governaremos a republica... Os velhos preconceitos acabarão; uma era nova se marcará com uma pedra branca nesse dia... a era da felicidade! O Senado não tem mais generais para nos bater sem que as colonias se levantem numa revolta... Pompeu que deixe a Hespanha e ela será um vulcão... De resto os proprios soldados da republica acabarão por estar ao nosso lado... Já temos no seio do nosso exercito até centuriões que atiraram as armas aos pés dos soldados da revolução...

(Continúa.)

Colegio Vasco da Gama

T. das Freiras (a Arroios), n.º 2
TELEFONE, NORTE 2145

O mais bem situado de Lisboa. Campos de educação e recreios. Educação esmerada. Optima alimentação. Todos os alunos do curso dos liceus, do curso comercial e do [illegible] instrução primaria propostos [illegible] conselho escolar do Colegio [illegible] aprovados, tendo prestado [illegible] provas, e obtendo alguns [illegible] classificações. Pedir [illegible] aos directores.
P. Antonio Manuel da Silva Pinto Abreu, Dr. Luiz Gonzaga da Silva Pinto Abreu.

Instalações electricas
EM TODOS OS GENEROS
OLIVER, LTD.—Rua da Prata, [illegible], 2.º
—Telefone [illegible]

Alberto Afonso
—LISBOA—
Postais ilustrados

TUBERCULOSE
NUCLEOCALCINA FORMOSINHO
Reconstituinte poderoso, scientifico e racional
PHARMACIA FORMOSINHO
Praça dos Restauradores, 18 — [illegible]

POLICLINICA DO ROCIO
Largo de Camões 19 (ao Rocio)
CLASSES POBRES—Tel 3747

Rins e vias urinarias — Dr. Comossa Saldanha, ás 10 1|2.
Medicina geral, doenças nervosas e electroterapia — Dr. Cancela d'Abreu, as 14 e 1|4.
Olhos — Dr. Henrique Roquete, ás 15.
Pele e sifilis.—Dr. Zeferino Falcão, ás 14 e 1|2.
Boca e dentes—Dr. Amor de Melo; ás 9 1|2.
Medicina geral, coração e pulmões.—Dr. F. Martins Pereira, ás 15 1|2.
Cirurgia, doenças das senhoras e partos.—Dr. Luiz Ottolini, ás 15.
Ouvidos nariz e garganta. — Dr. Cordeiro Lobato, ás 14.

Remedio cauti- tuido com o suco de sete plantas medicinais: Faz nascer o cabelo ás pessoas calvas. Cura em pouco tempo a queda do cabelo e dá a este um extraordinario vigor. Extermina radicalmente a caspa em pouco tempo.
A Juventude [illegible] tudo um remedio preventivo da calvicie.

Unico depositario:
DROG. RIA DIAS
R. Fanqueiros, 349 a 344 Frasco 25$[illegible], caixa 3$00. Todos frascos levam a assinatura do seu verdadeiro auctor *LUIZ ALBERTO DA SILVA.*

Joalharia, Relojoaria e Ourivesaria
— DE —
JULIO REI, L.da
ex-empregado da *Joalharia Abreu*
Grande sortimento em joalharia, relojoaria e pratas por preços sem competencia
Antiga RELOJOARIA OLIVEIRA
10, Praça dos Restauradores, 31
(Palacio Foz)

A casa que mais barato vende
—Ourivesaria e Relojoaria—
Temos sempre grandes sortidos de objectos que vendemos SO' PELO PESO e joalharia que vendemos com as maximas garantias.
VIUVA MARQUES—R. de S. Paulo, 200
—LISBOA—

Banco Nacional Ultramarino
Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada
Fundos de reserva 26.000.000$

Assembleia Geral Extraordinaria

Por ordem do ex.mo Sr. Vice-Presidente da Mesa da Assembleia Geral, é convocada a mesma assembleia para em sessão continuar os trabalhos da Assembleia Geral Extraordinaria interrompidos em 10 de setembro p. p., reunir no edificio do banco, no dia 27 do corrente, pelas 14 horas.
Assunto: Circulação Fiduciaria nas Colonias.
Lisboa, 12 de outubro de 1921.
(a) Francisco Mendonça de Sommer.

A Urbana Portugueza
Fundada em 1888

Efectua seguros terrestres, maritimos, de cristais e gréves e tumultos.
Agentes gerais em Lisboa Eduardo de Noronha, Ld.ª, Rua Augusta, 56, 1.º
Telefone 1536 C.

RELOGIOS —*A Maior Variedade*—
Ourivesaria e Relojoaria Confiança
[illegible] DE ALMEIDA, LIMITADA
Grande sortimento em pratas para brindes e joias
[illegible] Fanqueiros, 1 a 5 e 51 a 53

AZEITE
PURO DE OLIVEIRA
Finissimo para conservas e consumo

PEDIDOS A':
SOCIEDADE EXPORTADORA DE PEIXE, Ltd.
RUA DE S. PAULO, 20, 1.º

Sapataria Januario
O mais perfeito
Calçado de Luxo
Sempre os mais chics modelos
MEIAS FINAS
— Telefone Central 5527 —
78 - Rua Santa Justa - 80
193 - Rua Arco Bandeira - 195

Maquinas de escrever
ACESSORIOS, reparações garantidas
—OLIVER, LTD.—Rua da Prata, 250, 2.º
—Telef. 1158 C.

Agua da Certã

A Agua minero-medicinal da Foz da Certã apresenta uma composição chimica que a distingue de todas as outras até hoje usadas na therapeutica.

E' empregada com seguro vantagem nos Diabetes — Dyspepsia — Catarros gastricos putrido ou [illegible] — nas provocações digestivas derivadas das doenças [illegible] convalescença das febres [illegible] nas atonias gastricas dos diabeticos, tuberculosos, brighticos, etc.— gastricismo dos exgotados pelos excessos ou privações, etc., etc.

Mostra a [illegible] bacteriologica que a Agua da Foz da Certã, tal como se encontra nas garrafas, deve ser considerada [illegible] puro, não [illegible] coli-bacilo, nenhuma das especies pathogenicas que podem existir em agua. [illegible] d'isso, pode [illegible] uma certa acção [illegible]. O [illegible] Typhico, Diphterico e Vibrião cholerico em [illegible] n'ella perdem toda a sua virulencia; outros microbios apresentam [illegible] resistencia maior.

A Agua da Foz da Certã [illegible] gazes livres, é limpida, de sabor [illegible] levemente acido, muito agradavel [illegible] bebida pura quer misturada [illegible] vinho.

Bénard Guedes
RAIOS X — DIATERMIA
RADIO
Tratamento do cancro
Calçada do Sacramento, [illegible]
Todos os dias ás 4 horas — Tel. [illegible]

OURO E PRATA
MUITO MAIS BARATO
— Só na OURIVESARIA —
Correia, Moura & Pimenta, Ld.
194 — Rua de S. Paulo — 194

Casa das malas
Fundada em 1887
Joaquim da Silva & C.ª (Filhos)
O maior sortimento em Malas, carteiras e artigos de viagem
Rua da Prata, 110, 180 e 184—LISBOA
TELEFONE CENTRAL 3710

Novo Fanqueiro da Avenida
NETTO & CORREIA, Ltd.
Avenida Casal Ribeiro, 3, 5, 7 TELEFONE 2168 Norte
Exposição e Abertura da Estação de Inverno
Muitas variedades e grande sortido em todos os artigos da sua especialidade
RETROSEIRO, MODAS E CONFECÇÕES
— GANHAR POUCO PARA VENDER MUITO —

SABÃO NACIONAL

Sabões
TEL. C. 1519
A COMERCIO EXTERNO L.da
R. S. Paulo, 104 1.º

Furunculos, diabetes, doenças da pelle e dos intestinos
Curam-se com
Fermento d'uvas Formosinho
Recomenda-se exigir o nome FORMOSINHO
FARMACIA FORMOSINHO P. dos Restauradores 18
LISBOA

REGALEIRA-CLUB
DANCING PALACE — Telefone 3238
VARIEDADES E CONCERTOS
Jazz Band - Tziganes - Diners - Concerts
SOOPERS TANGOS
Magnifico serviço de Restaurant
ROBERT NICOL—Danseur do L'APOLLO de Paris

RITZ-CLUB
ESMERADO SERVIÇO DE RESTAURANTE
— *Concertos todas as noites* —
— VARIEDADES —
Um dos restaurantes mais chics de Lisboa
Praça dos Restauradores, 27, 1.º

INTERESSA A TODOS!...

QUEREIS conservar os vossos calçados pela aplicação de uma «Pomada» de absoluta confiança?

—Usai a INDIANA, incomparavelmente a melhor pelo seu brilho pelas suas esplendidas qualidades de conservação do cabedal e ótima apresentação em cores: **preto, amarelo, castanho escuro da moda — completa novidade.**

A' venda nos principais Armazens de Cabedais, nas boas Sapatarias do Paiz e no Deposito Geral:

A' PELARIA FINA
Casa de bons artigos em SOLAS, CABEDAIS, ATACADORES e mais especialidades destinadas á confecção de calçado de Luxo e Vulgar
de Policarpo Junior, Limitada
RUA JARDIM DO REGEDOR, 13, 15 e 17 — LISBOA
TELEFONE C. 3223 — TELEGRAMAS: PELFINA — Agentes exclusivos de revenda para Portugal e seus dominios, Espanha e Estados do Brazil

Agua de CALDELLAS
Doenças do Figado e dos Intestinos
(entero-colite muco-membranosa e prisão de ventre)
DEPOSITARIOS:
BANDEIRA DE MELLO, L.DA
Rua Augusta, 75, 1.º e 2.º
Teleph. 2670 C.

ULTRAMARINA
Efectua seguros contra todos os riscos
Rua da Prata, 108, 1.º
SINISTROS PAGOS ATE' 31 DE DEZEMBRO DE 1920 — Esc. 3.574.768$37

Antonio Casanovas Augustine, L.DA
CAMBIOS E PAPEIS DE CREDITO
57, 59, 61, RUA DO COMERCIO, 57, 59, 61

PIANOS
Bechstein e outras marcas
Representante:
J. Heliodoro d'Oliveira
ROCIO, 56, 57 e 58

— A casa que mais barato vende —
— Ourivesaria e Relojoaria —
Temos sempre grandes sortidos de objectos que vendemos SO' PELO PESO e joalharia que vendemos com as maximas garantias.
VIUVA MARQUES—R. de S. Paulo, 200
— LISBOA —

Banco Nacional Agricola
Soc. An. Resp. Lda.
SÉDE-R. de S. Julião, 188 e 190
LISBOA

Nos termos do artigo 9.º e 12 dos Estatutos do Banco são convidados os Srs. acionistas a entrar com a importancia de Esc. 25$00 por acção, correspondente á 2.ª prestação do capital emitido, desde 10 a 31 de outubro corrente.
As cautelas representativas de acções devem ser apresentadas no acto do pagamento nos locais abaixo designados e nos seus correspondentes na provincia.

Lisboa, Evora	Banco Nacional Agricola
Lisboa, Porto, Chaves	Pinto & Sotto Maior

Pelo Banco Nacional Agricola
Os Directores
a) *Eduardo Fernandes d'Oliveira*
a) *Eduardo Correa de Barros*
a) *Joaquim Nunes Mexia*

CORTICITE
Estabelecimento EROLD, Ltd.
R. dos Douradores, 7

Ourivesaria e Joalheria
J. J. NUNES
171 — RUA DA PRATA — 171

Dr. Lelo Portela
— Clinica medico-sifilis —
RETOMOU A CLINICA
— Consultorio —
Tel.: C. 1683 — P. Luiz de Camões, 6

ASSIGNATURAS
DE
"Os Sports"

Portugal
6 mezes... 7$50
12 » ... 15$00

Estrangeiro
12 mezes... 30$00

Pagamento adeantado

Grande Café d'Italia
é sem duvida o café da moda
ALMOÇOS
serviço á la carte
— Rua 1.º Dezembro —

Simões Bayão
(Laureado pela Escola de Paris)
Doenças de boca, cirurgia, prothese e ortodoncia
Largo de S. Paulo, 19, 1.º
Telefone 3378

Canetas com tinta
O que ha de melhor
PAPELARIA DA MODA
157 — Rua do Ouro — 159
LISBOA

ARTIGOS FOTOGRAFICOS
LUIZ ROSA
233 — RUA DA PRATA — 235

Prisão de ventre
E suas consequencias. Funcionamento metodico do intestino pelo LAXATIVO VEGETAL VERITAS. Infalivel e inofensivo, comprovado por centenas de pessoas que diariamente fazem uso dele. Preparado por Mendes & Braga, farmaceuticos.—185, Rua do Mundo, 185, Lisboa.—Telefone, 554.

Garlopas—Serras de fita 0,70 e 0,90 —Maquinas automaticas para afiar laminas de garlopa e plaina.
EM ARMAZEM
SANTOS AMARAL, Lda.
Rua da Palma, 225-9—LISBOA
Telefone C. 1580

FITA ISOLADORA
Branca e preta
15 mm e 40 mm (Fabricação alemã)
Ao melhor preço do mercado
SANTOS AMARAL, Ltd.
RUA DA PALMA, 225-9—Lisboa
TELEFONE Central 1580

Escola Berlitz
20-A, Rua do Alecrim
• Abrem-se brevemente •
— novos cursos —
• para principiantes em •
FRANCEZ : : INGLEZ
: : Já está aberta : :
: : a inscrição : : :

Ventoinhas alemãs
110 e 210 volts
EM ARMAZEM
SANTOS AMARAL, L.da
Rua da Palma, 225-9—LISBOA
Telefone C. 1580

TIJOLO
PREÇOS SEM CONCORRENCIA
ENTREGA IMEDIATA
C.ª Ceramica de Telheiras
L. do Directorio, 4, 2.º

TABACARIA CENTRAL
90—Rua da Assunção—90
TABACOS—LOTARIAS—AGUAS
REFRESCOS

AGUA DOS CUCOS
TORRES VEDRAS
A AGUA minero medicinal dos Cucos, unica no seu tipo em Portugal para o artritismo, reumatismo gotoso, rins e bexiga, tem alem disso doutras ótimos resultados nas doenças das senhoras, utero e anexos.
A AGUA DOS CUCOS vende-se em toda a parte na linha de Cascais em Carcavelos, Parede, Monte Estoril e Cascais.
Deposito geral: [illegible] 9 — LISBOA.

Use Agua, Crême e Pó de Arroz "RAINHA da HUNGRIA"
e todos os productos da
Academia Scientifica de Belleza
que se encontra á venda nos seguintes estabelecimentos

Pharmacia Durão—Rua Garrett, 60.
Pharmacia Nascimento — Rua da Prata, 115 e 117.
Perfumaria Flôr do Liz—Rua Nova do Almada, 67.
José Felaciano Alves de Azevedo & C.ª—R. 1.º de Dezembro, 65, 65.
Pharmacia Avellar—Rua Augusta 23 a 27.
Silva Neves & C.ª—Rua da Prata, 229, 231.
Thomaz Mendonça, Filhos, Ltd.—Calçada do Combro, 45, 47.
União Commercial de Drogas, Ltd.—Rua Augusta, 105.
Perfumaria Paris—Rua dos Retrozeiros, 58.
Galeria Parisiense—Rua Garrett, 42
Eduardo Martins—R. Garrett, 11
Perfumaria Viuva Dias — Rua da Praça da Figueira, 40.
Camisaria Modelo—Rua do Ouro, 115, 117, 119.
Loja do Povo—Praça de D. Pedro, 87 a 92.
Brazil Elegante—Praça de D. Pedro, 7 a 9.
Farmacia Barreto — Rua do Loreto, 24 a 30.
Farmacia Silva Carvalho—Rua Eugenio Santos, 48 e 52.
Loja da America—Rua do Ouro, 266, 268.
Casa Africana—Rua Augusta.
Salão Mimoso—Rua Augusta, 282.
Neto Natividade & C.ª—Rocio.
Lopes & Mais, Ltd.—Rua do Ouro, 267 a 269.
Tátá & Rodrigues—R. Garrett, 53, 55.
Farmacia Coelho de Jesus—Avenida da Liberdade, 5.
Farmacia Cardoso—Rua da Escola Politecnica, 263, 267.
Farmacia Ultramarina—Rua de S. Paulo, 99, 101.
Casa Santos, Ltd.—R. da Palma, 7-A
Retrozaria J. Fernandes—Rua dos Retrozeiros, 79 a 83.
Henrique Xavier & C.ª—Rua do Ouro, 253, 255.
«Au Bon Marché»—Rua da Assunção, 45, 47.
Damião & C.ª—Rua Garret, 57, 59.
Camisaria Azevedo—Rocio, 34, 35.

Deposito geral para revenda
Academia Scientifica de Belleza
Avenida da Liberdade, 23-A
Telefone: 3641 — Telegramas: «Belleza»

Horta e Costa
Rins e vias urinarias
12, Rua da Trindade 12
Consultas das 2 ás 5
TELEFONE 3424

Papelaria Camões
Grande sortimento
— de —
objectos para pintura a oleo e aguarela

A. Guerreiro
Da Escola Dentaria de Paris
Operações indolores por anestesia
Dentaduras sem chapa
R. de S. Paulo, 26
(junto ao Arco) Telefone—23

Leitaria GLOBO
— DE —
Rocha & Coutinho, Ltd. Tel. C. 2169
R. Conceição, 68 e R. Correeiros, 1 e 3
Puro Leite *Especialidades em doçarias*
Serviço permanente de chá, café, cacau, torradas, etc.

O Medico **Conceição e Silva, J.or**
—RETOMOU A SUA CLINICA DAS VIAS URINARIAS E DOS RINS em 6 de Outubro—R. DO OURO, 148

Andrade & Pereira
Alfaiates
Novidades da Estação

PINTO & SOTTO MAYOR
BANQUEIROS
LISBOA-PORTO
Representantes em Portugal
— DO —
Banco Portuguez do Brazil
LISBOA
PORTO
R. do Ouro, 18 a 24
28, Praça da Liberdade, 29

Vinhos Generosos do Lameiro
(CAVES DA RAPOZEIRA)
Reserva de diversas qualidades
A' venda em todos os estabelecimentos e mercearias.
Depositario em Lisboa:
ARTHUR BENARUS
Telefone 15—Central
Praça do Barreirão 2, 4.º

TUDO BERGMAN
[illegible] Werke
EM ARMAZEM
SANTOS AMARAL, Lda.
Rua da Palma, 225-9—Lisboa
Telefone C. 1580

OURIVESARIA ATHAYDE E RELOJOARIA
PREÇOS SEM COMPETENCIA
Grande sortimento de objectos de ouro, prata e brilhantes
Rua Fernandes da Fonseca, 1
Esquina da R. da Mouraria, 101 a 103

AZULEJOS telha, tijolos, etc.
Ceramica Mont'Argila "LOÉS"
Preços sem concorrencia
Agencia em Lisboa—Gilmon Santiago, Lda.—L. S. Julião, 7, 2.º

MOBILIAS E ESTOFOS
Bizarro da Silva, Limitada
(Antiga casa Bizarro da Silva & C.ª)
Rua Augusta, 82, 84
— Rua dos Correeiros, 81, 83
TELEFONE C. 2580
Grandes descontos em todos os artigos

PINTO & SOTTO MAYOR
BANQUEIROS
LISBOA-PORTO
REPRESENTANTES EM PORTUGAL
— DO —
— BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL —
LISBOA — PORTO
R. do Ouro, 18 a 24 — 28, Praça da Liberdade, 29
Rua do Comercio, 136 a 140

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

> Eu não considero a espada quando ela serve para violentar os povos.
>
> José Estevão

N.º 3952-12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Quarta-feira 14 de Dezembro de 1921 | Telefone n.º 2293 — Endereço Tel. CAPITAL — Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

A força da lei

Duma coisa está já capacitado o publico, o diga-se a verdade que ninguem se tem empenhado mais nisso do que os proprios revolucionarios outubristas: é de que o chamado movimento nacional, que esses revolucionarios desencadeiaram, não tem forças nem para eleger meia duzia de deputados.

Não se explica doutra forma a pressão constante por eles feita sobre os partidos no sentido de que esses partidos consintam em meter os nomes dos seus candidatos nas listas que apresentarem aos seus correligionarios.

Para terem alguns deputados no parlamento se cogitou, com as mais tetricas previsões de alteração da ordem publica, o Chefe do Estado, para que ele decretasse o adiamento eleitoral. Mas isso não bastou, e por isso forçaram agora o ministerio Maia Pinto a demitir-se; crentes de que lhes seria facil organisar um governo que, por meio duma ditadura brava, de novo adiasse o acto eleitoral. Porque segundo todas as indicações, o dilema outubrista é este: ou a nação elege os seus candidatos, ou nunca mais haverá eleições em Portugal.

Digam-nos se isto é toleravel? Digam-nos se, por esta forma, não são os primeiros a desauctorisar completamente o movimento de 19 de outubro alguns que mais para ele concorreram?

Não aparecem planos de governo; os principios republicanos são calcados aos pés; os nomes que os outubristas radicais apontam para o governarem são os de nulidades comprovadas. De positivo ha só o apetite do mando, o desejo frenetico de satisfazer vaidades.

E' para isto que se convulsiona a vida dum paiz, tornando a situação politica, financeira e economica, mais grave do que nunca?

Mas então não se pensou em salvar o paiz, em dignificar a Republica. Tratou-se apenas de dar uma coronhada no peito da Nação.

E' a esta conclusão que forçosamente levam a opinião publica as criaturas que, aliando a ignorancia á maldade, não querem reconhecer as lições da experiencia.

Baldado será o seu intento de continuarem a espesinhar o paiz e a ofender o verdadeiro espirito republicano diante da lei a sua audacia vai cair, os seus designios vão ser derrotados. A consciencia nacional readquiriu o seu equilibrio, e a Constituição vai ser restabelecida.

Com a chamada do sr. Cunha Leal ao poder? Sem a chamada do sr. Cunha Leal ao poder?

Não o sabemos. O que verificamos é que a parte sã, honrada, consciente, dos homens que fizeram o movimento de outubro, ou sejam aqueles que o não planearam com a mira em interesses vis, em paixões sovinas, e em perseguições revoltantes, não pode já deixar de reclamar o regresso á lei, como o reclama todo o paiz, todos os partidos, todas as classes, o povo, o exercito, as forças vivas e produtoras da nação.

A Constituição, não pode ser postergada. Se o fôr, o regimen que ela consubstancia deixará na realidade de existir. Não passará dum cadaver, e a sua morte será tambem a do paiz.

Pode o espirito publico consentir nesta catastrofe só para que vinguem as vaidades e os interesses de mediocres e de fanaticos? Não pode ser.

A Republica Portugueza viverá.

S. N. B. A

A proposito da entrevista Francisco Santos

Uma carta do pintor João Vaz

Sr. redactor. — Unicamente pela muita consideração que me merece «A Capital», e a proposito de um artigo em que é citado o meu nome, vejo-me obrigado, não a defendel-o, felizmente, mas só a explicar porque não contesto as apreciações de factos que me são atribuidos pelo esculptor Francisco dos Santos, creio que ainda presidente da direcção da Sociedade Nacional de Belas Artes.

Não o faço porque se tornou demasiado banal dizer a esse ilustre artista, que falta á verdade; e ainda porque encontrando-se ele na feliz situação do «peixe na agua» seria desagradavel perturbal-o subjeitando-o aos melindres que afectam as pessoas pundonorosas quando desmentidas.

Pela inserção destas linhas no seu conceituado jornal, muito grato será de v. etc. 19-12-921. — João Vaz.

Migalhas

Os mosqueteiros de estrada

Li num jornal que, uma noite destas e num bairro afastado, se travaram dois patriotas de rasões e a proposito de politica. Ao cabo da discussão, um deles encontrou-se estendido no passeio, mercê de ter sido «knock outed» pelos panhos, senão pelos argumentos, do seu adversario e, entre outras recordações dolorosas que terá de guardar deste incidente, conta-se o terem-lhe desaparecido a carteira e o relogio.

Este é um factor classico e inevitavel das guerras civis. Em toda a guerra civil, emquanto uma maioria de tolos dão o corpo ao manifesto em defeza do que eles chamam as suas ideias, ha sempre uns espertalhões que recolhem tranquilamente os relogios e as carteiras.

Todos nós, mesmo os que não eramos nascidos nessas epocas, nos lembramos de que, no tempo das lutas constitucionais, os liberais confiscavam, com ardor e por puro patriotismo, os bens dos malhados e que estes andando a monte, assaltavam as diligencias e punham mão sem escrupulo sobre os dinheiros, joias e roupas dos viandantes liberais.

Em todos os tempos de luta politica, sempre o adversário pratico esperou o adversario desprevido na dobra da estrada e com uma escovêta na mão. O processo nunca varia; a arma e o que se exige é que mudam ás vezes. Nas eras que vão correndo, a escopêta pode consistir numa pêna de jornalista, a bolsa pode muito bem ser uma pasta de ministro. Se quizerem reflectir um pouco, hão-de verificar que, nesta guerra civil permanente em que vivemos ha dez anos, os espertalhões não tem perdido o seu tempo e que, hoje mesmo e mais do que nunca, não falta por ahi quem esteja dando untura na escopêta para ela se não enferrujar.

Ha duas ou tres noites lia eu, na cama e por mais estranho que isto pareça, «Os tres mosqueteiros». Achei delicioso aquele trecho em que o lacaio Mousqueton conta a seu amo Porthos as façanhas de seu pai:

— «Como era no tempo da guerra entre catolicos e huguenotes, meu pai tinha adotado uma crença mixta que lhe permitia ser umas vezes huguenote e catolico outras vezes. Passeiava habitualmente, com o seu mosquête ao hombro, por detraz das sébes que ladeiam as estradas e, quando via vir um catolico, a religião protestante predominava no seu espirito imediatamente. Apontava com furor a arma ao viajante e travava com este um dialogo rapido que acabava sempre por o catolico ter de largar a bolsa para conservar a vida. Escusado será dizer que, quando dali a pouco aparecia um huguenote, o meu pai cahia em si, sentia o bem fundado das doutrinas catolicas e mal lograva compreender como, um quarto de hora antes, podesse ter tido a minima dúvida sobre a superioridade da nossa santa religião.»

Não cuidem que com esta citação de memoria eu queira aconselhar as teorias do pai do Mousqueton aos mancebos na hora de escolher carreira, porque a historia não acaba aqui.

—«Um dia, conclue o lacaio de Porthos, meu pai encontrou-se de subito entre um catolico e um huguenote com quem já estivera em polémica religiosa. Estes reconheceram-no, o caso foi que se uniram ambos contra ele e, sem discussão, o enforcáram na arvore mais proxima...»

Acautelem-se, pois, os da mosqueteria se algum dia os catolicos e huguenotes, fartos de serem espoliados, chegam a unir-se e a pôr-se de acordo.

ANDRÉ BRUN

UMA ORAÇÃO NOTAVEL

A Lição dos Mortos

Mario de Campos, tenente-coronel do Estado-Maior e professor da Escola Militar, é um orador vibrante e um escriptor cheio de fluencia, de elegancia e de brilho que das pedras mais remotas em que se cimenta a Historia de Portugal, faz gemas do mais precioso e fulgido quilate. De uma infatigavel actividade, a sua obra é já importantissima em qualidade e em quantidade.

Trabalha todos os dias e todos os dias deixa mais um motivo para a afirmação do seu talento e da sua individualidade. Recentemente proferiu na Escola de Guerra uma oração sob todos os titulos notavel e á qual os jornaes, então, teceram os mais rasgados e justos elogios.

Essa oração — «A lição dos mortos» — é agora publicada num folheto elegantemente editado que a acabará de consagrar. Nesse lindissimo e lapidar trecho de oratoria se revivem alguns dos mais belos vultos de heroes que teem o nome ligado ás glorias de Portugal.

Mario de Campos oferece o seu interessantissimo trabalho a Madame Monteiro Torres, a viuva do heroico aviador Oscar Monteiro Torres, com a seguinte e sugestiva dedicatoria:

A' Ex.ma Sr.a D. Maria Correia Monteiro Torres, exemplo vivo das fortes portuguezas que souberam armar cavaleiros aos proprios filhos para a defeza do torrão patrio, á viuva ilustre do intrepido e heroico Oscar Torres, singela e incisivamente relembrado nestas modestas paginas.

LER NA 2.ª PAGINA:

POLITICA

DE TODOS OS DIAS

EDUCAÇÃO FEMININA

Sempre que entre nós se cuida do problema da educação, quer pejando o «Diario do Governo» de prosa balofa e intraduzivel em realidade, quer abrindo espalhafatosamente escolas onde se anicham compadres e amigos, a educação feminina tem ficado sempre na meia tinta de um plano longiquo, pouco ou mais se fazendo do que despertar na mulher a febre bacharelatica, para gaudio da sua prosapia, e da respeitavel familia.

Desconhecedores de um equilibrio de ideias, que nos permita passar os estadios da civilisação por uma transformação evolutiva com a estabilidade necessaria para vincarmos, nós que ainda em 1906 tinhamos um milhão e novecentos oitenta e cinco mil mulheres analfabetas, temos unicamente procurado como resolução mirifica desse analfabetismo degradante converter essas pobres femeas reduzidas á função animal, num irrequieto milhão de doutoras.

A vida moderna, especialmente a das cidades, actua excepcionalmente na complicação debil das mulheres de educação deficiente, desnorteando-as facilmente ao aceno canalha de uma carteira farta, que lhes proporcione de momento, venturas sonhadas no desconforto da trapeira sem alegria, e onde a vida não tem uma finalidade honesta filha da resignação serena de que resulta uma pobresa decente e saudavel.

E' facto que esta mesma vida intensificada em excesso na caça ao dinheiro, desarreiga dia a dia a mulher do lar, arremessando-a na maioria dos casos sem condições para a luta, em competencia com o homem a angariar sustento; mas não é menos certo que é resultado de uma educação feita ao acaso em romances de fasciculos aos domicilios, a serie interminavel de degradações a que essas mulheres por vezes se sujeitam, não só em mira de consolidarem suas ocupações, como para ganharem as boas graças de A ou B, que a titulo de respeitaveis protectores, mascaram degenerescencias lubricas de alcova. No restante a menina classe-media, ganindo em hesterismos luacentos fados da viela, nas barbas do papá (trinta anos de firma honrada na praça!), é ainda o tipo da nossa mulher pobre gatinha sem malha, sem outra intuição de vida, que não seja ser «coquette» aos olhos do cadete dos seus sonhos, ou melhor, nestes tempos mais prosaicos, do rapaz de bom futuro bancario; suspirando por ter uma casa onde possa como a mamã, em chinelos e esguedelhada descompôr a creada, e receber com risinho do triunfo as amigas que ainda não casaram.

A' primeira aresta a vencer, ao primeiro nevoeiro conjugal, esta pobre boneca de pacotilha, repetirá as scenas ridiculas que iria fazer em casa, partirá a louça e chamará Landrú ao marido, que não é nada o conde Renate da «Victima do Amor» a ultima droga literateira, que trepou ao seu quarto andar de burgueza.

E' este ainda como ha cincoenta anos o estofo intelectual das mães de familia, responsaveis pelas gerações de ámanhã.

A vida moderna desde o «Tango» ao «jagg-band» nada mais fez do que mascarar este monstresinho por vezes delicioso de formas, maquilhando-lhe a cara, mostrando mais ou menos, nudezas até agora discretamente veladas, e substituindo o beijo palido de Julieta, por outro proverso, que sabe a «champagne» e a tabaco turco. De resto pouco mais:

Em Lisboa unicamente se prepara a mulher para o asfalto, infiltrando-lhe lentamente o horror ao lar na maioria desconfortavel, uma vez que se sacrifica sempre o orçamento domestico ao exibicionismo do ultimo modelo de uma casa de modas.

E dahi o «home» ser entre nós uma especie de hotel para pernoitar, empoleirado numa mansarda no fim de uma escada lobrega, abrigo que se esconde e se detesta, não vá indiscretamente ferir de morte nossa elegancia postiça de pobres comediantes.

A nossa mulher na maioria dos casos, só sabe embelezar o seu lar quando o entrega ao gosto dos mobiladores, que o uniformisam tornando-o banal e anestético.

Se ela não sente a necessidade de viver nele! Quantas mesmo o não trocariam pelo quarto mercenario do hotel, para fugir aos inevitaveis deveres de familia, e melhor se entregar á vertigem das diversões!

E' que a vida nos seus pobres cerebros é a scenografia piffia dos nossos chás e dos nossos «rendez-vous» onde ciciam as declarações duvidosas dos primos palermas, que valsam para os dois lados, e falam do «sport» em calão.

E é dentro deste circulo vicioso que se criam e estiolam as mães do amanhã, depositarias do futuro da raça já cheia de aleijões patologicos, e das taras degenerescentes da decadencia.

ORNELAS PEDREIRA

CROQUIS DE VIAGEM

Por terras já dantes viajadas...

X - Um domingo em Postdam

O domingo é sempre aborrecido nas cidades, quaisquer que elas sejam. Para quem anda de viagem, o unico recurso é fazer bicha com o povo e ir com ele aos seus divertimentos favoritos, que em geral, se resumem nas passeatas até aos arredores. Ha tambem o «Jardim Zoologico», que ao Domingo tem a sua «fauna» apropriada. Por isso logo ás 10 da manhã nas cercanias do «Zoologischer Garten» eu encontro os carros, «autobus» cheios de gente, e pelas ruas colegios a dois de fundo, papás com meninos pela mão, gente endomingada e... militares sem graduação. A entrada custa 4 marcos; á porta dois guardas, de «bonet» de pala, o infalivel «bonet» de pala atiram-se ao meu pobre «Kodak» e prendem-no, como refens no gabinete do porteiro. Por mais que eu faça de contas que não percebo o que me dizem, a maquina fotografica não pode entrar. Estranho, abismo-me, faço mil suposições desde a imaginação que eles possam ter de que eu leve alguma arma disfarçada de Kodak, ou que queira roubar algum camelo escondendo-o na camara escura, 4 1/2 por 6. Lá dentro sem que ninguem me diga as rasões da proibição sou levado a supôr, que é para não se obterem fotografias alem das que a empreza do «Jardim» vende, ou para que não se divulguem no estrangeiro os dispositivos das jaulas e que constituem o principal atractivo do jardim. Cada «bicho» ou familia conforme o paiz donde veiu tem a sua construção em estilo; o palacio oriental dos elefantes, grandioso, em mozaico colorido, brilhante de dourados em cupulas-oblongas asiaticas; o palacio egipcio dos avestruz com um panorama das piramides ao fundo; a casa cheia de bocarras vermelhas, fantasticas e quasi diabolicas visões grosseiramente pintadas, o dos bufalos do Farwest americano; os pagodes chinezes; uma cidade liliputeana para os ratos; casas africanas para as especies das zonas torridas; todas mereceram um cuidado especial na construção, no calor que encerram, na higiene com que são tratados.

Pelo meio dos jardins esculturas apropriadas. «Jason» dominando dois touros, e á entrada do enorme «aquario» na face que dá para «Vanlustundamm» um monstro em pedra, antidiluviano, 10 metros de alto, interessante e curioso: o «Iguanodon».

Não. Isto não pode ficar assim; e no dia seguinte, manhã cedo, quando no jardim quasi deserto se procéde á toilette matinal das relvas e dos bichos eu volto lá, Kodak na algibeira e vingo-me a focar, todos os palacios todos os animais e até os proprios guardas.

Dali, depois de assistir por mais 1 marco, ao almoço duma robusta familia de orangotangos, os maiores antepassados que temos visto, sigo para «Postdam».

Pelo «Ringbahn» passam comboios de 5 em 5 minutos partindo de «Freiderikstrass-bnl» ou «Postdamer-bnl». Os comboios são apenas constituidos por 2.as, 3.as e 4.as classes. A 2.a custa 2 marcos; a viagem vai demorar 3 quartos de hora. Primeiramente dentro da cidade, sobre avenidas, ruas, eletricos, jardins, depois entre bosques, o «Grunewalde» das corridas hipicas e dos jogos sportivos. Estradas lisas como taxas de seda são sulcadas continuamente por bicicletes e automoveis.

O «Havel», um grande lago, forma agora enormes baias que são outros tantos recantos onde familias alemãs pescam, almoçam e dormem a tarde tranquilamente; depois são linhas que cruzam, «chalets» pitorescos, entre verdura, a bacia larga do «Wann-See» e finalmente a estação de «Postdam» onde se apeia quasi toda a gente. Descidos para a rua encontram-se eletricos, trens esperando freguezes para levar a «Sans Souci». Mas eu quero primeiro almoçar. Atravesso a pé a ponte sobre um braço do Havel e sou logo recebido por 8 soldados prussianos, sentinelas de bronze sob o comando da estatua de Guilherme I, que a cavalo aguarda os visitantes.

O sitio realmente é pitoresco e o maganão do Frederico Grande tinha gosto. De cima da ponte mostram-nos uma arvore historica sobre a margem onde se reuniam para chamar a atenção do imperador os seus subditos infelizes.

Do lado de lá o castelo, mas antes um grande hotel onde abanco a dar consolo ao corpo porque já não pode com as indigestões fartas da comida do espirito.

❖ ❖ ❖

Postdam é a Versailles da corte do velho imperio. Na vila, uma vila orgulhosa da preferencia dos grandes senhores, ha o castelo amarelado, imponente, e que de beleza apenas encerra nos aposentos de Frederico, algumas obras primas decorativas de Lancret e Pater. O resto é um palacio com uma sala de confidencias, de portas duplas, e maroteiras imperiais a perfumar o ar quasi desaparecido. Uma colunada dupla liga o palacio aos jardins, onde se anicham na frialdade dos marmores dezenas de estatuas e fontes monumentais.

A vila tem mais, um obelisco que é como todos... um espêto decorativo. Uma egreja de S. Nicolau em cupula com dourados, outra egreja de fleixas e torres em tijolo, a egreja da «côrte e guarnição»; tem carros electricos amarelos atrelados, chiando nas curvas, uma porta de marmore branco, a costumada porta de «Brandeburgo». Depois é o portal de ferro do parque de «Sans-Souci».

Entre verdura cuidada, piramides de relva, esculturas menos sentimentais que belicosas, sempre cavalos, sempre imperadores, sempre Guilhermes e Fredericos, lagos colossais, fica situado o castelo favorito do imperador. Numa elevação, face a uma escadaria que parece um trono de S. Antonio, com estufas envidraçadas e cónes de buxo aparados á escovinha, instala-se o palacio, terreo, abauládo, ainda de óca amarela e vidrinhos quadrados a rebrilhar ao sol. A scenografia é vistosa. Do alto, o panorama é soberbo. Vale mais do que a visita ao palacio, por 1 marco, atraz dum guarda que mostra com devoção o leito onde morreu Frederico e passa em lenga-lenga junto dos «Watteau», dos «Lancret» e duma soberba escultura de «Magnussen» com os ultimos momentos do habitante de «Sans-Souci».

Dali segue-se ao lado uma galeria de pintura onde os Rubens põem notas quentes de carnações pujantes.

Em volta os jardins, talhados, cortados, á moda franceza, com tapetes verdes e galerias de verdura.

A alguns metros a «Orangerie» numa eminencia tambem, sobre escadaria onde as fontes são motivos decorativos. Na «Orangerie» ha agora uma exposição modernista contrastando terrivelmente com os cabelos brancos do edificio. O que me fere insipidamente a retina é o tom crú de caserna ou hospital de todos os edificios. Perto ha um restaurant ao ar livre. Vá de descançar as pernas de longada por estes regios caminhos. De beber, apenas nos dão cerveja, sempre cerveja, preta ou loura; o bufete está cheio e todas as familias alemãs comem... o farnel que trazem sempre consigo.

Ha aqui sobre este terraço uns instrumentos e aparelhos astronomicos... trazidos da China, do observatorio de Pekin, por uma missão qualquer... colonisadora e civilisadora.

Pelos jardins, espalhados como em Versailles, pequenos pavilhões, templos gregos, esculturas á Pai Adão e tudo mais que a fantasia imperial imaginou. Só — e nisto rejubilou o meu espirito democratico e revolucionario de portuguesinho obstinado, antigo portador do passe e inquilino intransigente — no meio destas faustosas terras ha uma nota modesta. Numa encruzilhada de caminhos, um velho moinho de vento. E' uma reliquia.

Quando Frederico, o grande, o todo poderoso das Prussias, chamou magnanimamente a si estas terras para formar o seu «Sans-Souci», encontrou um cabeçudo moleiro que por preço algum vendeu o seu moinho tosco; nem demandas, nem honrarias; o nosso Frederico parece que achou piada ao homem, teve o gesto grandioso de não mandar arrebazar, e conservou o moinho, para se lembrar que ali moeu ele a paciencia.

Ao fundo do Parque, a alguns kilometros de caminhada, em «Charloten-hof» ha um outro palacio velho, conhecido por «Novo Palacio», e em frente um colunada imensa, com escadarias, os «Communs» cujo destino não percebi. O «Novo Palacio» é uma construção côr de roza, em tão «rococós» enfeites que toda a gente o toma por edificio francez, da epoca da «Du Barry». E' este palacio, em Sans-Souci, em Postdam, a alguns kilometros de «Berlim», na Alemanha, que o mundo inteiro admirou e comeu como Versailles, no «ilim» a «M.me Du Barry...»

E' bem certo que todos comem... o caso é saber «ilimar.»

ARMANDO FERREIRA

A SEGUIR:

XI — Ultimas impressões de Berlim

Um escandalo no Ministerio do Interior

Um primeiro oficial espancado pelo secretario geral sr. Fiadeiro

Hoje, ás 10 horas o sr. José da Silva Fiadeiro, chefe de repartição do Ministerio do Interior e servindo interinamente de Secretario Geral, chamou ao seu gabinete o 1.º oficial da sua repartição, sr. Gonçalves Figueira, exigindo lhe explicações acerca duma queixa por este feita contra ele e correndo seus termos legais. Como o sr. Figueira recusasse dar-lhas, o sr. Fiadeiro agrediu-o violentamente, fazendo-lhe varios ferimentos, entre os quais um, de aspecto grave, na cabeça. Aos gritos de socorro da vitima acudiram outros funcionarios, que conseguiram forçar a porta do gabinete e acudir ao agredido, homem já de certa idade e de manifesta inferioridade fisica á do agressor.

O ferido foi curar-se á Cruz Vermelha, recolhendo depois á sua residencia.

Logo que o sr. Maia Pinto, presidente do Ministerio e ministro do Interior chegou á secretaria, um pouco depois das 11 horas, foi lhe dado conhecimento do lamentavel incidente. Um inquerito sumario foi logo aberto, resultando dele a imediata averiguação da culpabilidade do sr. Fiadeiro.

Como consequencia desse inquerito o sr. Fiadeiro vai ser ou já foi suspenso, passando a exercer as funções de secretario geral o ilustre director geral da Segurança Publica, sr. dr. Carneiro de Moura.

O processo disciplinar contra o sr. Fiadeiro iniciar-se-ha ainda hoje. E' de crer que contra o mesmo alto funcionario venha a haver inquerito criminal, seguindo seus termos em conformidade com a lei penal.

Marmelada

Hão-de perdoar que eu lhes venha falar hoje de politica. Afinal depois das mulheres não ha nada que mais interesse os homens do que a politica. Talvez não seja — pelo que diz respeito a um certo numero de excelentes criaturas — aquela politica elegante, discreta, fina que Taylleraud defendeu com a gentileza aristocratica dos seus punhos de renda, especie de «poesia em marcha», na expressão platonica de Forain, e de que cada dia nos vamos afastando mais — pelo contrario a politica que interessa em grande parte a nossa volubilidade de meridionais é precisamente a politica que vive do equivoco, do «double-sens», da pequenina intriga, que transforma o Terreiro do Paço num palco de «vaudeville» e que converte cada um de nós em imensas em formidaveis aranhas de chapeu de coco e de gravata ao pescoço. A politica portuguesa é hoje mais do que nunca uma «boite à surprises» donde os prestidigitadores publicos tiram tudo que lhes vem á cabeça — menos ideias. Portugal atravessa a mais grave de todas as crises, a vida publica está hoje entregue por assim dizer ao acaso; uma atmosfera pesada, sombria, inquietante, envolve-nos a todos, como numa tarde de trovoada — e entretanto os nossos politicos continuam a discutir, a baralhar, a complicar, a não se entender. Mas valerá a pena dizer mal da politica portugueza? Não. Precisamente por ela ser assim — é que muita gente não pode passar sem ela.

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

Ressurgimento Nacional

Tendo em vista a urgente necessidade de se esclarecer devidamente a nossa situação economica e preconisar-se a forma de a melhorar, resolveu o «Nucleo de Ressurgimento Nacional» levar a cabo uma série de conferencias, subordinadas a este fim, e cuja realisação se encontra assegurada pelo patriotico auxilio das nossas melhores competencias.

Para a primeira dessas conferencias, que se realisa no proximo sabado 17, pelas 21 horas, na Sociedade de Geografia, foi escolhido o sr. dr. Miranda Barbosa, director-gerente da Federação dos Sindicatos Agricolas do Centro e uma das figuras mais autorisadas em assuntos desta natureza.

Na sua conferencia, cujo tema é: «Reconstrução Nacional», o sr. dr. Miranda Barbosa dissertará sobre a acção que as classes organisadas devem exercer no actual momento e qual a função economico-moral que o progresso da nossa Patria lhes tem de atribuir.

A fim de presidir a esta sessão, foi a comissão encarregada deste plano de conferencias convidar o sr. ministro da Agricultura

Factos e palavras

A PROPOSITO

... DOS MUTILADOS

Transcrevendo do «Diario de Noticias»:

—Acompanhado do comissario adjunto, sr. capitão Tribolet, andou ontem, á tarde, pelas diferentes secções do governo civil, um mutilado de guerra, com a perna direita amputada, pedindo dadivas a fim de suavisar a sua situação.—

Leitor amigo, tem paciencia, e se o teu cerebro é susceptivel de raciocinar e ponderar alguma coisa, raciocina e pondera a noticia que acabo de transcrever da 2.ª coluna da 2.ª pagina do «Diario de Noticias».

Causou-te pena, não é verdade?

Anda, sê franco. Tu que no fundo és, como eu, um sentimental, tiveste uma vaga de tristeza a rebrilhar nos olhos, como eu a tive?

Pois com certeza... Tu que no fundo és um bom nem podias deixar de a ter.

E' doloroso, não concordas?

Vê lá tu, leitor amigo, como esses pobres homens, padrões vivos de carne, em cujas fardas brilha, ao alto sobre a manga do dolman, a cicatriz doirada duma ferida, andam pedindo esmola!

Ouve, leitor: O inverno passado, conversando com um diplomata, ministro dum paiz amigo junto de Portugal, falámos de mutilados.

Atravez da nossa conversa desfilou a situação dos mutilados na Europa e na America do Norte.

E dizia o ministro amigo de Portugal:

—Você está vendo. O Estado é a entidade mais pobre de Portugal. Lá fora sucede o mesmo. A situação desafogada de que lá fora gosam os mutilados é quasi unicamente devida á iniciativa particular.

Quando chegaram os primeiros mutilados já estavam construidos e prontos a funcionar alguns asilos de reeducação, com pessoal preparado, com o carinho das mulheres para os tratarem como irmãos. Foi o dinheiro dos milionarios... o Estado não pode nem deve acudir por todos os processos. O Estado protege. Os homens, irmãos na Vida, unem os braços num abraço, comungam a mesma dôr e seguem pela Vida de mãos dadas.—

Assim falou ha quasi um ano...

E que profunda verdade, não te parece, leitor?

São tão pobres os nossos millonarios, são pelo menos, tão aparentemente pobres!

Não vêem na sua cegueira de «homens de negocio» que, se os mutilados se bateram pela Patria, bateram-se por todos nós.

Não vêem no seu egoismo que não existiriam tão gordos como hoje estão se esse bravo punhado de homens não tivesse ido buscar lá fóra—tão longe!—a chaga que os ridimia.

Não vêem os mutilados da alma que os pobres mutilados da corpo ergueram as suas vidas a uma tal altura que nenhum de nós os consegue tocar, a eles, o maior monumento, o monumento vivo e latejante da heroicidade duma Raça.

BOTTO DE CARVALHO

❖ ❖ ❖

Este caso dos milicianos é engraçadissimo.

Teem sido publicados não sabemos bem quantos decretos e quantas circulares sobre o assunto. Em todos eles se mencionava rigorosamente a condição de readmissão. Depois todas elas explicavam o tema.

Vai se não quando, surge agora uma comissão encarregada de averiguar quais os milicianos que estão nas condições.

Tem imensa graça, não acham?

❖ ❖ ❖

Isto no menos tem um lado bom: A uniformidade de pensamentos. Todos concordam em não concordar uns com os outros.

As Camaras Municipais discordam do governo, o governo discorda dos politicos, os politicos discordam dos directorios, o directorio discorda do Presidente da Republica e assim sucessivamente depois de todos terem estado de acordo, discordando todos da constituição.

Pergunta-se: Quando lhes acabará a corda?

❖ ❖ ❖

Ha dias, no comboio Paris-Bordeus, dormia, no mesmo compartimento, em meio dos pais e de outros viajantes, um pequerrucho. A certa altura, de olhos absolutamente cerrados, o pequenito levantou-se, correu o fecho de segurança, entre-abriu a porta e inconsciente, sem que o perturbasse a ventania que o fustigava valentemente, sumiu-se no corredor e, ignorante do perigo, desceu, com uma lentidão de automato, para o estribo da carruagem. Felizmente, o vento, cada instante mais furioso, acordou os pais do pequeno e puderam salval-o.

Os outros viajantes acordaram ficando impressionadissimos e louvaram a atitude dos pais do pequerrucho que se houveram, apesar da sua exaltação natural com um silencio singular. Estes por sua vez explicaram que o pequeno é sujeito aqueles ataques de sonambulismo e que é necessario, para evitar um desastre, proceder com infinitas precauções.

❖ ❖ ❖

As letras

LONDRES, 14.—Richard Bagot celebre novelista faleceu com a idade de sessenta e um ano.—(R.)

A virtude delas

Se a sua virtude é tanta
Que me chega a fazer medo
Com o seu arsinho de santa
Ha-de dizer-me em segredo
—Não vá alguem escutar
Um pensamento tão louco—
Porque se vai confessar
Áquele padre—que é mouco?

Luiz d'Oliveira Guimarães

CRONICA SCIENTIFICA

O ar liquido

Numa das ultimas reuniões da Academia das Sciencias de Paris, Daniel Berthelot, o celebre fisico, propoz que o premio Lecomte fosse este ano adjudicado ao inventor Georges Claude.

São 50:000 francos com que entre outras recompensas a França premeia anualmente os seus grandes homens.

Que terá feito Georges Claude para assim tão bem merecer dos seus concidadãos? Terá tornado mais intensa a vertigem da velocidade, inventando um novo automovel, uma locomotiva de alta potencia ou um aeroplano de vertiginoso vôo? Terá criado nestes tempos de ficticia paz uma nova maquina de guerra? Ou antes, filantropo ilustre, haverá conseguido vencer, nos dominios da terapeutica, mais um desses rebeldes que, embora diminutos no tamanho, são gigantescos na guerra que nos fazem sem cessar?

Nada disso. Eu creio bem que serão absurdas todas as hipoteses, que o leitor curioso da sciencia, ha de ter feito, sobre este nome pouco conhecido entre nós: Georges Claud é simplesmente um quimico, e a sua celebridade consiste principalmente em haver conseguido a fabricação, acessivel a processos industriais relativamente simples, do ar liquido.

Liquefazer o ar!... Ahi está uma industria em que pouca gente terá pensado entre nós, e que muitos ainda julgarão inutil. Em todo o caso, obter sob uma forma liquida este elemento essencial da nossa vida não é positivamente uma banalidade. O fluido gasoso escapa á acção da nossa vontade, ri-se do espaço em que queiramos fechal-o, e passa indivisivel atravez das fendas e atravez de tudo...

Debalde os moinhos esperam muitas vezes a sua acção motriz: ele queda-se, e, no remanso da sua preguiça regala-se languidamente as azas, numa provocação... Os navios, que umas vezes param por um capricho dele, são outras vezes arrastados, sob a sua furia, contra os rochedos em que naufragam. Ao contrario, se queremos expulsal-o, o ar resiste: não ha maquina pneumatica que domine o seu poder de penetração, e o vacuo absoluto é talvez uma utopia.

Não sucede o mesmo com o ar liquido. A dificuldade foi conseguil-o assim, ou, talvez ainda mais, conserval-o neste estado e guardal-o em condições de ser utilisado na pratica, porque sua excelencia não resiste a temperaturas superiores a 191 graus abaixo de zero. E foi aqui que se revelou principalmente o espirito inventivo de Georges Claude; porque, se é certo ha anos ter obtido já Cailletet uma pocira de ar liquefeito, hoje o liquido corre nos seus recipientes de ferro, e já temos «ar encanado» sem ser aquele que nos inflama a gargonta e provoca uma coriza...

Ar liquido!... Quem sabe até se o deremos em breve «beber os ares», sem ser por alguma galante pequena ou ir «tomar ar», não á praia, onde ele é todado, não aos montes onde o seu eter é mais subtil, mas ali num café, comodamente, entre dois acertos de politica, como se fosse um sorvete, e pedir muito simplesmente ao creado:

— Traz-me um calix de atmosfera!

... ou mais democraticamente:

—Venha um decilitro de ar!

Hoje o liquido é apenas um fortissimo anestesico, substituindo com vantagens as injecções sempre toxicas, e Deus nos livre de lhe tocarmos com a boca. E', no entanto, curioso que, apesar da sua baixissima temperatura, o ar liquido permite que os nossos dedos nele mergulhem por momentos, pois forma-se logo em volta deles uma tenue camada de atmosfera, veridica, gazoza como a outra, que os protege contra os resfriados, e nos deixa retirar a mão sem mais precalço.

E quem sabe? O ar, dada agora a sua condescendencia em deixar-se tornar liquido, póde vir a prestar-nos, sob esta forma, os mais assinalados serviços. Vão longe os tempos em que os sabios gregos o consideravam o elemento masculino primordial na constituição do mundo, pois ele era o esposo da lua, segundo a filosofia de Epiménides. Tales, mais arrojado, achava que era a agua a origem de tudo, e a terra uma borbulha de ar crescendo na massa liquida—o céu a parte concava, o solo um precipitado plano cá no fundo.

Hoje as concepções são menos romanticas, porém mais uteis; e o ar, se não mantem a constancia de elemento inalteravel no seu estado, que lhe dava realmente foros de um fiel esposo para a lua, permite-nos esperar dele os maiores beneficios para a sciencia.

Abençoemol-o, pois, a atmosfera, e celebremos, como uma grande conquista, a descoberta de Georges Claude.

PELO TELEGRAFO

A conferencia do desarmamento

Foi assinado o acordo sobre o Pacifico

WASHINGTON, 14.—Foi assinado o tratado da nova quadruple aliança, para a paz no Pacifico, pelos plenipotenciarios dos Estados Unidos, Grã-Bretanha, França e Japão. Os Estados Unidos assinaram sob a condição de pelo Japão lhe ser dado por escrito o compromisso de que o Tratado entre as duas nações sobre a Ilha de Yap se efectuará antes da ratificação da quadrupla «Entente».

O Tratado sobre a ilha de Yap consta que será assinado dentro de alguns dias tornando-se efectivo depois da sua ratificação no Parlamento.—(R.)

No Senado americano ataca-se o acordo

WASHINGTON, 14.—No Parlamento os senadores Borah e Reed atacaram o Tratado da quadrupla «Entente» criticando a Conferencia por não ter resolvido a questão dos submarinos e dos gazes asfixiantes que serão as armas da futura guerra. Os «leaders» republicanos julgam, contudo, que a ratificação se fará sem grande demora.—(R.)

A quadrupla entente serve para evitar mal-entendidos

WASHINGTON, 14.—Um dos delegados da comissão ingleza declarou que a quadrupla «entente» visa mais a evitar mal entendidos entre as nações do que a estabelecer garantias. Afirmou tambem que a aprovação da «entente» equivale ao repudio da aliança anglo-niponica.—(Lat.-Am.)

O acordo terá a forma de um contrato

WASHINGTON, 14.—O quadruplo acordo entre os Estados Unidos, a Inglaterra, o Japão e a França que se discute actualmente na Conferencia vai ser redigido sob a forma de um contrato para ser apresentado no senado afim deste o ratificar. Esta «entente» destinada a substituir a aliança anglo-japoneza regulará as questões das ilhas do Pacifico. Sem ter caracter de aliança ou de «entente» tecnica existirá dentro do pacto um compromisso da parte das potencias signatarias que as obriga a consultarem-se antes de entrar em qualquer conflito armado por ventura suscitado pelas questões tratadas na quadrupla «entente».—(Lat.-Am.)

Optimismo sobre os trabalhos da conferencia

WASHINGTON, 14.—Reina aqui o mais vivo optimismo sobre os trabalhos da Conferencia. Procede-se á preparação de uma sessão plenaria que, segundo se espera, ficará historica por nela se proclamarem os seguintes factos:

Aceitação da delimitação dos navios capitais (Inglaterra 5, Estados Unidos 5 Japão 3) pelo almirante Kato.

A terminação da aliança anglo-japoneza, pelo sr. Balfour.

A quadrupla «entente» pelo sr. Hughes.

E' opinião corrente que a Conferencia terá uma terminação triunfal em fins deste mez, na quinta sessão aberta, tratando-se separadamente das soluções dos problemas da China.—(Lat.-Am.)

Viviani partiu para New-York

WASHINGTON 14. — Partiu para Nova York o sr. Viviani. Ao despedir-se declarou que a conferencia tinha sido um brilhante sucesso.

Em sua substituição foi nomeado presidente da Delegação Francesa o sr. Albert Serraut, ministro das Colonias.—(R).

No Japão principiou a redução

TOKIO 14.—Antecipando o acordo sobre a redução das forças navais foram já licenciados dez contra-almirantes da Marinha da Guerra do Japão.

A Companhia de Aço «Nuroran», fornecedora de materiais para construção de navios dos Arsenais do Imperio, despediu 3000 operarios pelo mesmo motivo.—(R).

Briand e Lloyd George vão a Washington

LONDRES, 14. — Nos circulos bem informados dizem ser possivel que Lloyd George depois de ter discutido com o sr. Briand as complicadas questões da situação financeira e economica mundial e das dividas dos aliados, se resolva ir á America a fim de conferenciar com o presidente Harding sobre os resultados a que tiver chegado com o sr. Briand.—(R).

A questão da ilha de Yap

WASHINGTON, 14. — As questões das fortificações e do Pacifico referentes á ilha de Yap, e as que dizem respeito á China não estão compreendidas na «entente» das quatro nações. A solução da ilha de Yap fará parte de um tratado especial, entre o Japão e os Estados Unidos, e que está sendo estudado.—(Lat-Am).

Propostas dos delegados britanicos

WASHINGTON, 14.—Os delegados britanicos tencionam propor que as nações tomem o compromisso de convocar uma conferencia logo que ocorra qualquer incidente que possa vir a romper as relações amistosas entre as nações e faça perigar a paz.—(Lat-Am).

A Irlanda victoriosa

De Valera opõe-se ao acordo anglo-irlandez

LÔNDRES, 14 — O senhor De Valera publicou um manifesto em que se mostra disposto a combater ardentemente contra a ractificação do tratado anglo irlandez pelo «Daily Eireann».

A imprensa e o publico irlandez estão porém dispostos a fazer a paz. — (R.)

A Italia e a França

Um discurso de Briand

PARIS, 14.—No decorrer da discussão do orçamento do ministerio dos Estrangeiros, mr. Briand declarou que os recentes incidentes de Italia não correspondiam ao sentir da opinião publica italiana. Que a Italia fez tudo quanto era legitimo fazer para reparar as ofensas feitas á França pelas manifestantes de Turim e nada resta dêsses acontecimentos que possa perturbar as relações amigaveis entre os dois paizes ou dar pretextos a certas propagandas que, em vista da atitude da Italia, serão vãs.

Mr. Briand recordou as manifestações das colonias italianas residentes em França que todas procuraram mostrar os seus sentimentos favoraveis á França. No momento em que mr. Briand fazia estas declarações chegou uma nota em que o ministro dos Estrangeiros de Italia anunciava ao seu colega da França que todas as reparações desejadas tinham sido concedidas; que o escudo do consulado francez que os manifestantes de Turim haviam arrancado, tinha sido colocado de novo no seu logar com toda a solenidade pelo sub-prefeito e que tanto este funcionario como o prefeito tinham exprimido o seu sentimento pelas demonstrações inconsideradas que se produziram; que os culpados foram entregues aos tribunais competentes e que pela policia foram apreendidas certas publicações inconvenientes.

Deste modo se encontram de novo bem regulados entre os governos francez e italiano os deploraveis incidentes, cuja recordação não poderá empanar as boas relações existentes entre a França e a Italia consagradas pelos sacrificios feitos e pelo sangue derramado em comum, durante a grande guerra europeia.—(Lat.-Am.)

O proximo concerto Blanch

O grandioso sucesso dos belos concertos da «Orchestra Sinfonica Portugueza», dirigida pelo maestro Pedro Blanch, as enchentes completas a ponto de se esgotarem por completo os bilhetes, o grau maximo da perfeição da execução, a egualdade e justiça de todos os naipes quer de cordas, quer as madeiras ou os metais, tornam os concertos Blanch os mais notaveis e completos manifestações de arte na musica sinfonica e a sua orchestra a primeira, como o publico proclamava no ultimo concerto e que se pode pôr a par das mais afamadas do estrangeiro. O programa do proximo concerto é extraordinario e compreende notaveis obras de Weber, Schubert, Wagner, Tschaikowzky, Strauss e Ricardo Villa em 1.ª audição.

Dr. Sidonio Paes

Exequias

Na Egreja de S. Domingos, teve hoje logar pelas 11 horas, solenes exequias, sufragando a alma do dr. Sidonio Paes.

O templo ostentava uma rica armação em veludo preto e damasco roxo, vendo-se ao centro, um rico catafalco tendo colocado numa das frentes, o retrato do extincto, e em cima uma almofada negra onde descançava, a espada e o quepe do falecido.

Celebrou o Rev. Damasceno Fisdoiro, acolitado pelos Rev.s Almeida e Costa.

O acto foi executado por musica vocal a grande instrumental, sendo cantada a missa de «requiem» de Mencham, e o «Libera-me» de Choeir.

A assistencia era numerosa. Fizeram-se representar, o centro dr. Sidonio Pais, o jornal Situação, e a «Epoca».

Junto da eça foi colocada uma corôa de violetas rôxa, oferecida pela juventude republicana sidonista.

A' cerimonia assistiu, o filho e irmãos do dr. Sidonio Pais.

Uma prisão

Encontra-se desde hontem detido nos quartos particulares do governo civil o criado de restaurant Francisco Sanches.

Foi preso por um agente da P. S. E. ignorando-se o motivo da sua detenção.

A pedir a sua libertação avistou-se esta tarde com o sr. Virgilio Pinhão uma comissão delegada da Associação dos Criados.

ULTIMA HORA

O que pensam os politicos da crise actual

Fala o sr. dr. Baltazar Teixeira

Pasta sob o braço, apertado no seu jaquetão «demodé», o sr. dr. Baltazar Teixeira seguia Chiado abaixo, quando o abordámos e lhe disparámos a pergunta:

—Então, sr. dr. Baltazar Teixeira, que nos diz v. ex.ª ácerca da momentosa situação politica?

Estacando defronte da «Marques», o antigo secretario «cronico» da Camara dos Deputados estuda um sorriso, e diz-nos ao mesmo tempo que correspondia ao nosso aperto de mão:

—Politica?! Mas eu não sei nada, absolutamente nada, meu caro jornalista. Os senhores, que são dos jornais, devem saber mais do que eu...

—Mas v. ex.ª deu ontem uma curiosa entrevista a um jornal da tarde!..

—Eu?! Uma entrevista?.. Oh! homem, mas isso só se foi sem eu dar por isso!...

Nos insistimos, algo surpresos:

—Mas lemos nesse jornal a opinião de v. ex.ª sobre o adiamento das eleições...

—Eu troquei, de facto, algumas palavras com um jornalista, mas não julguei que as impressões trocadas pudessem constituir assunto para uma entrevista!

—Mas sendo assim, não pode v. ex.ª dizer á «Capital» o que pensa ácerca do adiamento das eleições?

—Eu não concordo nem podia concordar com o adiamento das eleições, pois considero este facto como um ataque ás disposições da Constituição da Republica. Não é rasgando a Constituição que se pode assegurar a ordem publica...

—Diz-se que as camaras reunirão, por direito proprio, em Coimbra ou Porto... Que atitude tomará o partido a cujo directorio v. ex.ª pertence?

— Nada lhe posso responder sobre esse caso, pelo simples motivo do partido ainda nada ter resolvido oficialmente. Tudo depende das circunstancias, meu caro amigo, e não é mesmo certo que o Congresso reuna...

—Mas diz-se...

— Sim, diz-se que reunirá, mas é provavel que tudo fique em «aguas de bacalhau» para não desgostar o sr. Presidente da Republica...

E após mais uma breve troca de palavras sem grande interesse, o sr. dr. Baltazar Teixeira exclama:

— O que lhe posso garantir é que se o governo ficar até ás eleições, nós, os democraticos, pedir-lhe-hemos severas contas dos actos praticados, que teem sido tudo quanto ha de mais dictatorial.

—Fala-se no nome do sr. Mesquita de Carvalho para formar novo governo?...

— Sim, ouvi dizer...

E sorrindo, num sorriso que muito poderia querer dizer, s. ex.ª concluiu:

— Acho bem... está bem... Tanto mais que dizem que o dr. Orlando Marçal vai para a justiça... isto sem «double sens», já se vê!...

Os inqueritos

Depôz hoje o sr. coronel Manoel Maria Coelho

Esteve hoje retido em casa com um forte ataque de gripe, motivo porque não compareceu no seu gabinete, o sr. dr. Raul Barbosa Viana, director da P. S. E.

Em sua substituição esteve hoje procedendo aos trabalhos de investigação sobre os atentados de 19 de outubro, o sr. Virgilio Pinhão, adjunto da P. S. E.

Depôz o chefe da junta revolucionaria de 19 de outubro e ex-chefe do governo, sr. Manoel Maria Coelho.

Por ter sido convidado a conferenciar com o sr. Presidente da Republica esta tarde, não compareceu naquela policia para ser egualmente ouvido o sr. Antonio Maria da Silva.

O contra almirante sr. Silveira Moreno esteve interrogando, hoje, dois soldados da G. N. R.

A CRISE

O sr. Presidente da Republica, como ontem dissemos, iniciou já as suas diligencias para a organisação do novo ministerio

A crise politica, aberta pela demissão do gabinete Maia Pinto, está seguindo seus termos, muito vagarosamente e no meio da incerteza geral do momento presente. De positivo ha, por enquanto, apenas o seguinte: o sr. Presidente da Republica faz as consultas da praxe e os directorios dos partidos, convocados para as ultimas horas da tarde de hoje, examinarão a situação, procurando as possiveis soluções. A presunção mais legitima é de que a crise será laboriosa, mesmo que o problema politico se não agrave, dum instante para o outro, mercê de acontecimentos que, por enquanto, não são para temer, mas que ninguem considera impossiveis.

Fala-se muito numa solução Cunha Leal, dizendo-se que este ilustre politico já fôra consultado pelo Chefe do Estado. Se bem que não obtivessemos nenhuma confirmação a este boato, que, por isso, reputamos pouco fundamentado, estamos convencidos que um ministerio Cunha Leal não teria viabilidade.

A atitude que o sr. Cunha Leal tão nobremente assumiu perante os massacres de 19 de outubro, não lhe grangearam simpatias em certos meios extremistas; a sua orientação politica, embora ditada por altos sentimentos patrioticos, não pode ser olhada favoravelmente pelos outubristas radicais, que reputam sua a actual situação, derivada, um pouco esporadicamente, do movimento insurrecional comandado pelo sr. coronel Manoel Maria Coelho. A opinião entre os outubristas mais combativos é pois, que um governo Cunha Leal seria, neste instante, a representação viva da contra-revolução, efetuado pacificamente. E' de crêr, portanto, que o gabinete Cunha Leal não exista senão nos bons desejos de alguns republicanos, muito sinceros, sem duvida, mas pouco conhecedores de «echiquier» politico do momento actual.

A crise ha-de vir a ter, porem, uma solução. E' muito dificil, todavia, prever, desde já, qual será.

POEIRA da ARCADA

O sr. dr. Vieira Lisboa, novo presidente do Supremo Tribunal de Justiça deve tomar posse depois de amanhã.

❖ ❖ ❖

Tendo sido concedidas licenças de 60 dias ao antigo provedor da Assistencia Publica de Lisboa sr. dr. Pais Abranches e ao director do Asilo da Mendicidade e anexos, foram nomeados para os substituir interinamente, durante aquele impedimento, respectivamente, os srs. José Julio da Silva Roxo, sem vencimento ou subvenção de qualquer especie, e José Carlos dos Santos, funcionario da Provedoria Central da Assistencia, tambem em comissão gratuita.

❖ ❖ ❖

São amanhã expedidas malas postais pelo vapor «Portugal» para a Madeira, Angola e Congo; pelo «Dondo» para Cabo Verde e S. Tomé e Principe e pelo «Darro» para o Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Aires, sendo ás 9 horas a ultima tiragem de correspondencia da caixa geral para todos.

Ultimas informações acerca da crise ministerial — Os srs. Cunha Leal e Cortez dos Santos

O sr. Cunha Leal, a quem o chefe do Estado... que uma parte dos elementos outubristas... ontem o seu nome para chefe do novo governo, declarou ao chefe do Estado que aceitava a missão de o organisar. Em consequencia desse assentimento foram feitas consultas ao directorio dos tres partidos da Conjunção Republicana, versando principalmente sobre a sua aceitação ou a sua recusa quanto ao apoio a dar ao gabinete Cunha Leal.

Os directorios reuniram na redacção de «A Lucta» e, á hora em que fechamos estas notas, não são ainda conhecidas as respostas. Admite-se geralmente, que serão favoraveis ao sr. Cunha Leal.

Os outubristas radicais pronunciam-se abertamente contra esta solução da crise. Dela um alvitre, mente que se desistirão um gabinete da presidencia do sr. Mesquita de Carvalho.

Uma versão dava como viavel um gabinete presidido, sem pasta, pelo sr. Cortez dos Santos, actual chefe do Estado Maior da Guarda Republicana e antigo ministro da Guerra. Este ministerio seria assim constituido: Interior, Jacinto Simões; Guerra, Gomes da Costa; Marinha, Procopio de Freitas; Finanças, Amancio Alpoim; Comercio, Rosa Mateus; Estrangeiros, Vega Santos; Agricultura, Peres Trancoso; Trabalho, Borges de Castro.

O sr. Cortez dos Santos, chefe do Estado Maior da Guarda Republicana, teve esta tarde uma demorada conferencia com o sr. Maia Pinto, presidente do ministerio demissionario.

O sr. Ribeiro de Melo, chefe do gabinete do sr. ministro do Interior, dirigiu-se, as 17 horas á redação da «Luta» afim de tomar conhecimento da consulta que aos directorios foi feita pelo sr. Cunha Leal.

E' positivo que a solução Cunha Leal tem a a oposição das forças revolucionarias da marinha. A' ultima hora voltava a falar-se num ministerio Mesquita de Carvalho.

O sr. Antonio Maria da Silva conferenciou hoje, demoradamente, com o sr. Presidente da Republica.

Novo conflito entre o Peru e o Chile?

BUENOS AYRES, 14.— Comunicam de La Paz á Nation que as tropas do Peru transpozeram as fronteiras do Chile.—(H.)

O team nacional de foot-ball

Partiu, hoje, para Madrid o team nacional de foot-ball que jogará no domingo em Madrid contra o «team» nacional espanhol.

Na gare compareceram representantes das principais agremiações sportivas.

TEATRO

Maria Clementina

Gentil entre as mais gentis...

Na Trindade trabalhou com consciencia e com "savoir". Actualmente no Teatro Chiado Terrasse vai-nos dando um pouco de arte, sendo dos melhores elementos da companhia, que ali trabalha.

Nota do dia

A Companhia Lucilia Simões vai levar amanhã á scena o primeiro original dum rapaz portuguez de 22 anos.

Este facto, por si só, corresponde á consagração de mais um esforço e de mais um valor dentro do ambito do nosso teatro.

Sem embargo o sr. Tito Arantes mercê das suas excepcionais relações de familia, conseguiu, mal começou a balbuciar as suas primeiras tendencias de dramaturgo, quem o executasse carinhosamente, quem o entusiaspasse com toda a justiça a prosseguir, quem em sua volta preparasse um ambiente todo feito de acolhedora espectativa. Apesar porem disso, o sr. Tito Arantes teve a vencer dificuldades que pareciam insuperaveis quanto á montagem senica da sua obra. Os «Emigrantes», antes mesmo de iluminados pela luz das gambiarras, constituiram um substancioso sucesso de escandalo.

Andaram nos reportorios de varias companhias, não foram levados á scena por nenhuma, annunciaram-se para a estreia de Lucilia, que traiu o sr. Tito Arantes com Oscar Wilde, já morto e inglez como poucos, e finalmente vão em quarta recita de assinatura, depois de duas traduções de discutivel merito.

O que se prova daqui?

Que sempre que um autor quando começa, pelo menos em Portugal, nem mesmo tendo ótimas relações de intimidade com os primeiros criticos, e os primeiros artistas, nem possuindo real talento, nem tendo tido o cuidado de os convidar a todos (menos a mim honra lhe seja!) nem recebendo-os nas suas festas, nem conquistando-os com o seu vivo espirito e o seu belo «charme» pessoal, consegue, colocar o seu trabalho com facilidade.

O que se prova d'aqui?

Que o meio teatral portuguez, estupidamente dirigido pela exploração comercial das traduções é ainda rebelde á aceitação e ao negocio, sempre duvidoso da estreia de originais.

Ao sr. Tito Arantes, a quem teremos certamente o prazer de saudar como a alguem que chega e que merece saudações, saudações de verdade, não dos faceis cumprimentos, indispensaveis ao chá como os «éclaires» — desde já lhe auguramos um sucesso.

Tito Arantes ficará, diz-lho, insuspeitamente

O HOMEM QUE PASSA

Noticiario

Estrangeiro

BARCELONA, 13.—No teatro dos «Novedades» foi á scena a peça de Guimera intitulada «Alta Banca» que era esperada com grande ansiedade por se referir á vida da alta finança da Catalunha. O sucesso foi superior á espectativa.—(Lat. Am.)

VALENCIA, 13.—Teve um grande exito a estreia de uma interessante comedia adaptada do francez pela popular e distinta escritora Carmen de Burgos, de colaboração com Concha Martinez, representada pela companhia da ilustre actriz Adela Carbone e do grande actor José Ysbert.—(Lat. Am.)

AGENDA DA SEMANA

Amanhã.—Primeira representação da peça «Os Emigrantes» no Teatro Politeama, para estreio, como autor dramatico de Tito Arantes.

6.ª feira.—«Reprise» no Eden Teatro da revista «Tic-Tac».

MUSICA

Politeama

E' consolador poder registar, nestas linhas, um merecido exito, obtido pelo maestro Fão, no concerto de domingo ultimo.

Este artista revela-se-nos dia a dia estudioso, correcto e sobrio nas suas interpretações; bom disciplinador e conhecendo os elementos de que dispõe.

Foi com infinito prazer, que ouvimos ao ilustre maestro Guy, que assistiu ao concerto, tecer-lhe elogios e admirar os progressos acentuados que tem feito, da epoca passada para cá.

Certamente, se o maestro Fão souber escolher com cuidado os autores que se quadram com o seu modo de sentir, obterá maiores sucessos ainda, o que o ajudará a consolidar as simpatias de que já goza.

Achamos prematuro, ainda, dedicar-se a Debussy.

Os autores russos teem no maestro Fão, um interprete leal e carinhoso. A 4.ª Sinfonia de Glazunow executada com mimo e correção deu-nos bem a prova do que acabamos de afirmar; este que foi discipulo de Rimsky-Korssakoff, é certamente um dos mais notaveis compositores da escola russa.

Um «minueto antigo» da autoria do maestro Fão, teve as honras do *bis*.

Mas onde verdadeiramente admiramos o maestro Fão, evocando-nos sensações experimentadas ao ouvir o fundador da Orquestra do Polyteama, foi na «Rapsodia Hungara» de Liszt; a execução firme, animada, matizada com Arte, conseguindo «pianissimos» encantadores e de efeitos seguros, que fizeram correr pelo publico o verdadeiro «frisson» de aprovação.

Repetidas ovações, obrigaram-no a tocar duas vezes, extra programa, a «Triana» de Albeniz.

MARIA JUDICE

Sociedade Nacional de Musica de Camara

A direcção anuncia aos seus associados, que não podendo como era seu desejo realisar o seu primeiro concerto no actual mez de dezembro, por motivo de compromissos anteriores tomados pelos seus artistas, fica este transferido para o proximo mez de janeiro, reaparecendo a orquestra d'arco da Sociedade e o Orfeon cujos ensaios vão bastante adiantados.

A' Margem da Vida

GENTE NOVA

Sofrega de viver, nossa alma marasmada estiola-se pelos cafés na vaganbundagem passiva das energias adormecidas, sem um idial que justifique nossa altiva irreverencia, hombreando as esquinas da vida com uma curiosidade envelhecida e um septicismo malevolo, que mascára a nossa tristeza impotente de vencidos.

Debalde os pequeninos escandalos flamejam ante nossos olhos, com convites prometedores para engressar na farandola, e cantar tambem nosso évohé de gloria, que mais não arrancam que frouxos lampejos de curiosidade fugidia em nosso instinto «blasé» e prevertido.

A vida, o vampiro, imenso amalgáma, o nosso querer tolhendo-nos os passos incertos que ensaiamos.

Tudo passa á gandaia por essas ruas num carnaval grotesco sem finalidade, mesclando os desejos sãos com as intenções canalhas, sem ao menos por um instinto de mis-en-scene aflorar o colorido estridente do «toubahou» das grandes urbes, que é a tinta com que na tela imensa dos «boulevards» se mancha a vida das cidades.

Comesinhamente agarrados ao pavimento do Chiado, olho de soslaio nas casas de chá onde por entre a «morgue» postiça dos paralvilhos se amesenda uma ou outra mulher elegante, dia a dia cultivamos nosso «farniente» desdenhoso de grandes gestos que consigam romper a fumaça molengueira e assustadiça, que nos envolve.

A gente nova apaga-se pelos cafés em tertulia intima de grupelhos que se desconhecem e se detestam, e vagamente arriscam um aplauso á grita de meia duzia, que teimam em chicotear a anestésia das forças vivas, apregoado elixir de salvação publica.

Falta-nos sobretudo a fé e a confiança reciproca, que faz os grandes movimentos onde ha logar para todos, e onde a selecção dos valores se fará pelo vulgo á vista de documentação e de atitudes definidas que se imponham.

Certo é, que a brutalidade causticante, americana, da luta pela vida levanta em nosso espirito como primeira barreira a transpor, um tremendo problema economico, especie de muralha da China a barrar as nossas aspirações.

E' preciso vencer monetariamente antes de vencer intelectualmente. E dai o recusarmos ás nossas necessidades mentais o que não podemos recusar ás necessidades fisicas, e minguarmos a nossa já escaça cultura, sacrificando-a ás imposições da decencia e do estomago.

Para todas as iniciativas é este o problema magno a resolver.

O fragmentarismo acentuado da gente nova é um produto da sua cultura insuficiente, depressa canalisada para a vida, garatujando pelos jornais em todos os estilos e todos os assuntos, quartos de papel, que interessarão o senhor Z na produção da batata, ou no que irá fazer o sr. comissario dos Abastecimentos.

Na maioria dos casos, a malta recrutada para os jornais são embriões de artistas, sonhadores de triunfos e de criações futuras que os imortalisem, materia prima da melhor, que uma vez completa, uma cuidadosa educação seria o escol da mentalidade do Paiz aumentando o minguado redondel das letras, tão pouco fertil em estreios auspiciosas.

Em nossos dias quasi nunca essa educação intelectual se consegue fazer, por falta de livros ao alcance dos que mourejam para viver. As edições estrangeiras com um cambio que nos garrota, nunca poderão chegar até nós, nem mesmo pelos alfarrabistas: e as nacionais, do melhorsinho, vai de longada por ai acima no pedir de preços pelos livreiros.

No dominio da expansão artistica com edições ao alcance dos estreiantes de valor, com um ambiente proprio para uma feira de actividade com conferencias, exposições, concertos e bailados, com uma «saison» cheia de serosdas de arte e tardes deliciosas de musica, todo um movimento de gente nova que anime as energias, nada feito por enquanto, por desconhecimento dos valores da colectividade, e por mil e uma dificuldades de ordem economica a resolver.

A geração continua e continuará dispersa ignorando-se e detestando-se, inconsciente da riqueza enorme que desbarata, sem unidade que a imponha, e lhe dê um logar ao sol, que tão facilmente obteve a geração que nos precedeu.

O inverno açoita as arvores e desalinha as mulheres, triste inverno provinciano, com as montras dos livreiros desertas, e as energias amortecidas, todo o «de profundis» miserrimo de uma raça.

E vá que de culpas, tem-nas mais os velhos do que os novos, e mail-as estações oficiais rotulando-se de protectoras das artes, e num comodismo sorna adormecidas, e esquecidas de que a mocidade desponta, e que sacudida pelo furacão da vida busca arrimo para os primeiros passos.

E assim hoje que a luta é de uma intensidade exaustiva, quantos artistas ignorados, almas ardendo no desejo sagrado de comungar a beleza eterna, se não perderão no enxurro desta vala comum de egoismos sem que ao menos consigam fazer sobrenadar na babugem suas primicias e devaneios.

SPORT

O Pugilato nos antigos

O pugilato, remonta á antiguidade. Foram os gregos, que começaram a regulamentar o que mais tarde, se dizia chamar a «nobre arte». Houve uma epoca em que em todas as manifestações publicas havia provas de pugilato, chegando até mesmo nas cerimonias religiosas, a realisarem-se lutas desse genero.

Assim na Iliada figura um combate nas festas funebres dadas em honra de Patroclo. Na Phenicia praticou-se tambem o pugilismo, segundo se lê na «Odysseia».

Todos os heroes antigos tinham orgulho nos pulsos, citando-se um rei da Bythinia, Amycus, que obrigava todos os estrangeiros de passagem nos seus estados a lutarem com ele.

Os especialistas do pugilato, jogavam com as mãos e ante-braços, envoltos em tiras de coiro, formando uma especie de couraça, a que davam o nome de «cesto». Os golpes dados desse modo, eram terriveis. Homero descrevendo a luta entre Epheus e Emyale, diz que se sentiam os queixos estalarem sob a violencia dos soccos. E' claro que quasi sempre o resultado final era desastroso.

Um dos combates, que apresentou o aspecto de maior ferocidade, foi o realisado entre Kreugas e Tamoxesse.

Combatiam já ha tempo, e a luta ameaçava eternisar-se, mercê do equilibrio fisico dos adversarios, quando combinaram não defenderem os golpes, isto é não fazerem parada sobre o ataque.

Quando um batesse o outro devia ficar imovel.

Kreugas foi o primeiro, e o seu punho cahiu como uma massa sobre o craneo do adversario.

Este resistiu.

Depois Tamoxesse avançou a mão, cujos dedos tinham unhas como garras. Com um golpe violento enterrou as unhas no baixo ventre, arrancando-lhe as entranhas, que espalhou na arena.

Tamoxesse, foi expulso e a victoria concedida ao morto.

Como se vê os matchs de box na actualidade, são brincadeiras de crianças.

RUY DA CUNHA

Box

O «boxeur» Egrel que esteve entre nós no Coliseu, sahiu vencedor dum «match» no Luxembourg.

—O antigo campeão de França Paul Hans, foi condecorado com a medalha de valor militar.

Ciclismo

A corrida dos seis dias, foi ganha pela equipe Brocco-Goulet, o primeiro francez, o o segundo americano.

NOTICIARIO

O DESAFIO DE FOOT-BALL PORTUGAL-ESPANHA

O «team» espanhol que vai encontrar a «equipe» portuguesa é o seguinte: Zamora (F. C. Barcelona), Ermida (Real, Vigo), Pololo (Atletic, Madrid), Samitier (F. C. Barcelona), Meana (R. Sporting, Gijon), Pena (Arenas, Bilbao), Moncho Gil (Real, Vigo), Sesumaga (Sporting, Sama), Monjardin (Madrid F. C.), Alcantara (F. C. Barcelona) e Olaso (Atletic, Madrid).

O FOOT-BALL NO DOMINGO

No domingo proximo não se realisam os desafios da 2.ª divisão, constantes no calendario, em virtude da representação nacional em Madrid, realisando-se, em sua substituição, os seguintes encontros:

Carcavelinhos contra Imperio: Internacional contra Vitoria, sendo o produto liquido destes desafios entregue á União Portuguesa de Foot-Ball.

Estes desafios realisar-se-hão em Palhavã, cujo campo foi cedido pelo Imperio Lisboa Club.

O FOOT-BALL NAS ESCOLAS

A comissão organisadora das provas escolares de «foot-ball», na sua ultima reunião, deliberou abrir as inscrições marcando os seguintes prasos:

De 12 a 17 do corrente, inscrição para as escolas e grupos; de 19 a 23, inscrição de jogadores.

NATAÇÃO

Reune, no domingo, a assembleia ordinaria da Liga Portuguesa dos Clubs de Natação, para apreciar os relatorios apresentados, eleição dos corpos gerentes e discutir as alterações aos estatutos e os novos regulamentos de provas.

A direcção da Liga, para tratar assuntos que se relacionam com a referida assembleia, reune hoje, ás 21 horas.

O CAMPEONATO DE BOX DO SUL

Realisam-se amanhã as «meias finais» do Campeonato de Box do Sul, disputando-se os combates seguintes:

Minimos, Gilberto Fernandes e Correia Rodrigues; leves, Brito e José Araujo; meios-medios, Aragão Andrade e Cesar Ribeiro. A final disputar-se-ha no domingo, 18 do corrente. Estão apurados para a final os srs. Sobral Dias, Cesar Ramina, Alves Cunha e H. Jerel.

ESGRIMA

No Ginasio Club Português realisa-se ainda este mez uma poule de florete para escolha da equipe que concorre ao Campeonato de Florete, que este Club organisa no dia 15 de Janeiro proximo.

Concorre este ano ao Campeonato o Grupo Sportivo do Liceu Passos Manuel com trez concorrentes, sendo tambem de esperar que outras salas alem das do Centro Nacional de Esgrima, Ginasio Club, Grupo de Armas e Sports concorram a este Campeonato.

A inscrição já está aberta podendo os Clubs que queiram concorrer e que ainda não receberam boletins de inscrição, pedil-os á Secretaria do Ginasio Club.

GINASIO CLUB PORTUGUEZ

Tenciona o Ginasio Club Português fazer disputar entre os socios que se dedicam á Ginastica aplicada e artistica, um concurso de ginastica, que está despertando bastante interesse, não só entre os alunos da classe dirigida pelo professor João Possolo como tambem entre os socios que ha a toe se dedicam áquele exercicio.

A classe de ginastica artistica e aplicada tem estado muito concorrida, como aliás, todas as classes, tencionando brevemente apresentar-se uma classe de conjunto numa das festas que mensalmente aquele club organisa.

CICLISMO

U. V. P.

Passa hoje o 22.º aniversario da fundação da União Velocipedica Portugueza.

Para comemorar tal facto, realisa-se hoje, pelas 10 e meia, no restaurant Paris, um jantar, para o qual se encontram inscritos, alem de todo o conselho director da U. V. P., muitos dos mais dedicados consocios, e no proximo domingo, pelas 14 horas, proceder-se-ha á distribuição dos premios e diplomas aos vencedores das provas realisadas em 1921 e entrega da Taça União á Sociedade Recreativa de Carcavelos.

HIPISMO

Vão começar as Poules Hipicas, desta epoca, no Hipodromo de Sete-Rios, realisando-se já a primeira, no proximo domingo 18, pelas 15 horas.

Ha já bastante entusiasmo entre os nossos cavaleiros, constando-nos haver varias combinações feitas no meio elegante, para se passar uma deliciosa tarde.

Os bilhetes requisitam-se na Sociedade Hipica, rua Ivens, 56, 1.º.

49—Folhetim de «A CAPITAL» — 14 de Dezembro de 1921

ROCHA MARTINS

Spartacus

Romance das lutas proletarias em Roma

VIII

O que são eles?! Pobres como nós!... Sei que a Sicilia se quer revoltar, recebi hoje um enviado que mandei tratar e prover para a jornada... E' o siciliano Renis; falou das ligações com os piratas em Syracusa... Eles nos ajudarão... Dentro em pouco iremos á Sicilia implantar a igualdade da terra para todos e para todos o pão...

—E' um ruivo sardento o enviado?! interrogava Felux e a um sinal afirmativo disse: Parece-me pouco ati[l]ado, medroso, timido... Estive na comida com ele e tinha a meu lado Carmelo, o lusitano... No teu caso pedir-lhe-ia que mandassem um dos que tramam a rebelião... Do rosto eu não gosto do ruivo!

—Farei o que dizes, ele levará o recado... Mostrasse-lhes o que possuimos, a nossa força, a nossa audaciosa historia... Quem sabe se a felicidade do mundo não dependerá de uma reunião de escravos?...

Crixos, baforava o seu Falerno, estava de ha muito ancioso por falar, por saltar as suas ironias:

— Não é então a realeza o que desejas?! Mentiam as roscas da serpente que formaram, no arco de Myrta, o teu diadema num ergastulo de Roma?!

Aquelas palavras sibilantes como chicotadas indignaram-no; levantou-se e vestido de ferro, sagrado pelas suas victorias e pelo seu belo sonho, redarguiu ante a alegria do grego e o rosto feroz que Eudoxio voltava para o outro:

—Bem mesquinho surges? Acaso imaginaste que me revoltei por ambição? Bem louco tu és quando o pensas e bem malevolo quando o dizes! Pois não te expliquei, no nosso captiveiro de Capua, como sonhava o mundo?! Não te relembrei os dias da minha infancia perto de quem lidava com os reis?!... Os reis! Amei-os emquanto não vi o sofrimento dos homens! Os consules, os chefes das republicas que os destronam para lhes suceder não são mais que histriões usando nos labios palavras que os corações não sentem... Vindos de baixo entontece-as o alto; vêem-nos a todos rastejantes e pequenos.. Pagam aos criminosos e elevam-nos.. Eis o Senado, as «equites», os tribunos, a sociedade deles como com os reis. Só para os submissos e os servos havia pasto! Já vi um dictador Sylla, calcar o Senado que lhe lambia o coturno cor de sangue! Não.. não é isso que eu quero mas transformar tudo... Morrerei por esta ideia,.. Quero que os homens se considerem como irmãos, que se amem assim, que não nutram mais que um desejo: o de se ligarem para o bem!

—Pois acabarás sem o conseguir! —gritou, No labio inferior a borbulhava-lhe uma espuma branca, os olhos faulhavam-lhe ao continuar: Quando falavas nesses teus sonhos na escola dos gladiadores, eu sempre tive um unico pensamento: fugir, revoltar os povos, lançar-me por essa rica Campania com um bando e gosar, emfim os dois prazeres que sinto hoje e que tu me queres tirar! As cousas boas que ha no mundo e a vingança!.. Nunca tive na existencia mais do que a ordem brutal para trabalhar... Via os outros rindo, gosando, apostando por mim como por uma quadriga num campo de corridas... Nos olhos das mulheres lia por vezes que me podiam amar e era com os ricos que elas iam submissas estender-se nos leitos! E agora, depois de termos derrotado alguns exercitos, de mostrar-mos que nem Athenim nos sobrepassou, vens querer implantar uma egualdade com quem sempre nos desdenhou?! Que sou eu, Ganicus, que é o bando enorme que ahi temos, esses quarenta mil homens que nos obedecem?! Que és tu?! Apenas escravos rebeldes que, amanhã, vencidos, teremos como castigo as cruzes por esses campos devastados?! Não... Nem eu nem os meus nada mais queremos do que beber os melhores vinhos, beijar as mais belas mulheres e ter o nosso logar na vida... Isto durará pouco?! Que importa será uma existencia de alegria!..

—E' assim! acudiu logo o outro chefe,—é esse o meu caminho tambem e não terei mão nos meus soldados se não lhes oferecer o saque como premio ás necessidades que passam na guerra!...

— Crixos! — berrou furiosamente, Eudoxio, não vendo mais do que a face magoada de Spartacus—E'assim... Somos apenas escravos rebeldes; gladiadores fugidos... Recordemos os nossos tempos e batamo-nos... Anda; vem! Se a força é tudo eu tenho-a!...

Rangia os dentes; a sua face de ebano lustrejava um brilho de suor; os olhos sempre tão mansos enraivavam-se de sangue, e, num desafio, mostrando os punhos tornava: Sim... Somos apenas escravos rebeldes!... Nós outros somos isso!... Mas aquele é um homem! apontava para Spartacus que se interpunha, com a sua colera desperta. E era terrivel assim; parecia estar no momento das peiores batalhas quando os soldados loucamente seguiam a sua bravura. De cabeça levantada, a mão no punho da espada, declarou:

—Destitue-me se podes! Emquanto o não fizeres obedece! Ouviste!... Eu sigo o meu caminho e quem não me acompanhar que fique para ser victima daqueles que até agora tem-os vencidos! Somos todos eguais na vontade de esmagar um poder mas diferentes na aspiração de formar outro!... Eu sou pelos homens livres; cada um de eles não pode ser apenas por si!... pelo seu prazer e egoismo! Quem me afastará do que julgo o dever?! Tu não de certa, Crixos.. Esperaste que morresse Oenomaus para te impôres... Advinhára-o! Aguardei-te como vês!

— Sou tanto como tu!... Não obedeço mais... Consulta as legiões e verás... Que podes tu com um sonho e eu com uma realidade?!

Dou já aos nossos os campos, mais do que isso, as cidades... Tu... oh! tu! falaste de egualdade!... Eu não a quero e por isso te deixo tempo para pensares... Opalia espera-me... Tenho uma mulher encantadora á sua guarda... Vais dar-me o sangue do patricio que atacou o nosso companheiro... Cedes-me isso...? acabarás por entregar-me o rosto!...

O numida dera um largo passo, erguera o punho sobre a cabeça do gaulez e sem a intervenção de Spartacus tel-o-ia esmagado.

Ele recuára muito palido e gritára, no seu tom de desafio:

— Assassina-me se queres! As legiões que comando vão reunir! Dei-lhes essa ordem... Era para verem o meu noivado mas tambem para me seguirem depois... Eu já esperava isto!...

— «Vale»! — exclamou Ganicus — que isto acaba hoje!

— E acaba com esta união a sigua que levantavamos! — disse então Felux sem tomar a atitude tragica dos outros: E' simples, — Foi sempre assim... Fazem-se as revoluções e ninguem as sabe aguentar depois! Já vejo o resultado...

E' uma brecha que se abre entre ambos. Por esse buraco entrarão os romanos!

«Então eu verei do alto da cruz que me reservam os meus companheiros estorcendo-se noutros... «Vale»! outro, no meu logar, teria saudade de Crassus e dos seus jantares — E não... Em vez de escrever historia ajudei-a a fazer!...

«Podia fugir para a Grecia não o tento sequer.. Os deuses não estão comnosco e deviam estar... Se os ricos lhes dão joias nós damos-lhes preces sinceras!...

«Oh! mas eles são tambem egoistas, preferem um cabrito a uma consciencia!

(Continúa.)

Colegio Vasco da Gama
T. das Freiras (a Arroios), n.º 2
TELEFONE NORTE 2145

O mais bem situado de Lisboa. Campos de equitação e recreios. Educação esmerada. Optima alimentação. Todos os alunos de curso dos liceus, do curso comercial e de instrução primaria propostos a exame pelo conselho escolar do Colegio, ficaram aprovados, tendo prestado brilhantes provas, e obtendo alguns as mais elevadas classificações. Pedir os regulamentos aos directores.
P. Antonio Manuel da Silva Pinto Abreu, Dr. Luiz Gonzaga da Silva Pinto Abreu.

Instalações electricas
EM TODOS OS GENEROS
OLIVER, LTD.—Rua da Prata, 244, 1.º
Telefone C. 3168.

Alberto Afonso
—LISBOA—
Postais ilustrados

TUBERCULOSE
NUCLEOCALCINA FORMOSINHO
Reconstituinte poderoso, cientifico e racional
PHARMACIA FORMOSINHO
Praça dos Restauradores, 18

POLICLINICA DO ROCIO
Largo do Camões 19 (ao Rocio)
CLASSES POBRES—Tel 8747

Rins e vias urinarias — Dr. Cosmosso Saldanha, ás 10 1/2.
Medicina geral, doenças nervosas e electroterapia — Dr. Cancela d'Abreu, ás 14 e 1/4.
Olhos — Dr. Henrique Roquete, ás 16.
Pele e sifilis.—Dr. Zeferino Falcão, ás 14 e 1/2.
Boca e dentes—Dr. Amor de Melo; ás 9 1/2.
Medicina geral, coração e pulmões.—Dr. F. Martins Pereira, ás 15 1/2.
Cirurgia, doenças das senhoras e partos.—Dr. Luiz Ottolini, ás 15.
Ouvidos nariz e garganta. — Dr. Cordeiro Lobato, ás 14.

A JUVENTUDE

Remedio constituido com o sueo de sete plantas medicinais: Faz nascer o cabelo ás pessoas calvas. Cura em pouco tempo a queda do cabelo e dá a este um extraordinario vigor. Extermina radicalmente a caspa em pouco tempo. A Juventude é o unico remedio preventivo da calvicie.
Unico depositario:
DROGARIA DIAS
R. Fanqueiros, 342 a 344 Preço 2$50 Por correio, 3$00. Todos frascos levam a assinatura do seu verdadeiro auctor *LUIZ ALBERTO DA SILVA.*

Joalharia, Relojoaria e Ourivesaria
— DE —
JULIO REI, L.da
ex-empregado da *Joalharia Abreu*
Grande sortimento em joalharia, relojoaria e pratas por preços sem competencia
Antiga RELOJOARIA OLIVEIRA
30, Praça dos Restauradores, 31
(*Pelecio, Foi*)

A casa que mais barato vende.—Ourivesaria e Relojoaria—Temos sempre grandes sortidos de objectos que vendemos SÓ PELO PESO e joalharia que vendemos com as maximas garantias.
VIUVA MARQUES—R. do S. Paulo, 20 —LISBOA—

Banco Nacional Ultramarino
Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada
Fundos de reserva 26.000.000$
Assemblea Geral Extraordinaria

Por ordem do sr. Ex.mo Sr. Vice-Presidente da Mesa da Assemblea Geral, se convocam os seus accionistas para continuarem os trabalhos da Assemblea Geral Extraordinaria interrompidos em 30 de setembro p. p., reunir no edificio do Banco, no dia 27 do corrente, pelas 14 horas.
Assunto: Circulação Fiduciaria nas Colonias.
Lisboa, 12 de outubro de 1921.
(a) Francisco Mendonça do Sommer.

A Urbana Portugueza
Fundada em 1888
Efectos seguros terrestres, maritimos, de cristais e gréves e tumultos.
Agentes gerais em Lisboa Eduardo de Noronha, Ld.ª Rua Augusta, 56, 1.º
Telefone 1536 C.

RELOGIOS —*A Maior Variedade*—
Ourivesaria e Relojoaria Confiança
... DE ALMEIDA, LIMITADA
Grande sortimento em pratas para brindes e joias
... *Fanqueiros, 1 a 5 e 51 a 53*

AZEITE
PURO DE OLIVEIRA
Finissimo para conservas e consumo
PEDIDOS A':
SOCIEDADE EXPORTADORA DE PEIXE, Ltd.
RUA DE S. PAULO, 20, 1.º

Sapataria Januario
O mais perfeito Calçado de Luxo
Sempre os mais chics modelos
MEIAS FINAS
— Telefone Central 5527 —
78 - Rua Santa Justa - 80
193 - Rua Arco Bandeira - 195
Maquinas de escrever
ACESSORIOS, reparações garantidas —OLIVER, LTD.—Rua da Prata, 260, 2.º —Telef. 1156 C.

Agua da Certã
A Agua mineromedicinal da Foz da Certã apresenta uma composição chimica que a distingue de todas as outras até hoje usadas na therapeutica.
E' empregada com segura vantagem nos Diabetes — Dyspepsia — Catarros gastricos putrido ou parasitarios;—nas provenções digestivas derivadas das doenças infecciosas e convalescença das febres graves;—nas atonias gastricas dos diabeticos, tuberculosos, ...ticos, etc.;—no gastricismo dos ...dos pelos excessos ou privações, etc., etc.
Mostra a ... bacteriologica que a Agua da Foz da Certã, tal como se encontra nas garrafas, deve ser considerada isenta de microbicamente pura, não contém do colibacilo, nem nenhuma das especies pathogenicas que podem existir em aguas. Além d'isso, goza de uma certa acção microbicida. O B. Tiphico Diphterico e Vibrião cholérico em pouco tempo n'ella perdem toda a sua vitalidade, outros microbios apresentam, porém, resistencia maior.
A Agua da Foz da Certã não tem gazes livres, é limpida, de sabor levemente acido, muito agradavel quer bebida pura quer misturada com vinho.

Novo Fanqueiro da Avenida
NETTO & CORREIA, Ltd.
Avenida Casal Ribeiro, 3, 5, 7 TELEFONE 2168 Norte
Exposição e Abertura da Estação de Inverno
Muitos variedades e grande sortido em todos os artigos da sua especialidade
RETROSEIRO, MODAS E CONFECÇÕES
— — GANHAR POUCO PARA VENDER MUITO — —

REGALEIRA-CLUB
DANCING PALACE — Telefone 3238
VARIEDADES E CONCERTOS
Jazz Band - Tziganes - Diners - Concerts
SOOPERS TANGOS
Magnifico serviço de Restaurant
ROBERT NICOL—Danseur de L'APOLLO de Paris

SABÃO ACIONAL
(vertical lettering)

Sabões — TEL. C. 2519
A COMERCIO EXTERNO, L.da
R. S. Paulo, 104 1.º

Furunculos, diabetes, doenças da pelle e dos intestinos
Curam-se com
Fermento d'uvas Formosinho
Recomenda-se exigir o nome FORMOSINHO
FARMACIA FORMOSINHO P. dos Restauradores 18
LISBOA

RITZ-CLUB
ESMERADO SERVIÇO DE RESTAURANTE
— *Concertos todas as noites* —
VARIEDADES
Um dos restaurantes mais chics de Lisboa
Praça dos Restauradores, 27, 1.º

PIANOS Bechstein e outras marcas
Representante:
J. Heliodoro d'Oliveira
LOJÃO, 56, 57 e 58

A casa que mais barato vende — Ourivesaria e Relojoaria — Temos sempre grandes sortidos de objetos que vendemos SÓ PELO PESO e joalharia que vendemos com as maximas garantias.
VIUVA MARQUES—R. de S. Paulo, 206 —LISBOA—

Ourivesaria e Joalheria
J. J. NUNES
171 — RUA DA PRATA — 171

Dr. Lelo Portela
— Clinica medica-sifilis —
RETOMOU A CLINICA
Consultorio
Tel: C. 1883 — P. Luiz de Camões, 6

Banco Nacional Agricola
Soc. An. Resp. Lda.
SÉDE—R. de S. Julião, 183 a 190
LISBOA
Nos termos do artigo 8 e 12 dos Estatutos do Banco são convidados os srs. accionistas a entrar com a importancia de Esc. 25$00 por acção, correspondente á 2.ª prestação do capital omitido, desde 15 a 31 de outubro corrente.
As cauteias representativas de acções devem ser apresentadas no acto do pagamento nos locais abaixo designados e aos n/ correspondentes na provincia.
Lisboa, Evora — Banco Nacional Agricola
Lisboa, Porto, Chaves — Pinto & Sotto Maior
Pelo Banco Nacional Agricola
Os Directores
a) *Eduardo Fernandes d'Oliveira*
a) *Eduardo Correa de Barros*
a) *Joaquim Nunes Mexia*

ARTIGOS FOTOGRAFICOS
LUIZ ROSA
233 — RUA DA PRATA — 235

Bénard Guedes
RAIOS X — DIATERMIA
RADIO
Tratamento do cancro
Calçada do Sacramento—10
Todos os dias ás 4 horas — Tel. C. 1689

OURO E PRATA
— MUITO MAIS BARATO — Só na OURIVESARIA Correia, Moura Pimenta, Ltd. 184 — Rua de S. Paulo — 188

Casa das malas
Fundada em 1887
Joaquim da Silva & C.ª (Filho)
O maior sortimento em Malas, carteiras e artigos de viagem
Rua da Prata, 110, 112 e 114—LISBOA
TELEFONE CENTRAL 5130

Horta e Costa
Rins e vias urinarias
12, Rua da Trindade 12
Consultas das 2 ás 5
TELEFONE 2424

Papelaria Camões
Grande sortimento
— de —
objectos para pintura a oleo e aguarela

A. Guerreiro
Da Escola Dentaria de Paris
Operações indolores por anestesia
Dentaduras sem chapa
R. de S. Paulo, 26
(junto ao Arco) Telefone—22

Leitaria GLOBO
— DE —
Rocha & Coutinho, Ltd. Tel. C. 2169
R. Conceição, 68 e R. Correeiros, 1 e 3
Puro Leite *Especialidades em doçaria*
Serviço permanente de chá, café, cacau, torradas, etc.

O Medico **Conceição e Silva, J.or**
—RETOMOU A SUA CLINICA DAS VIAS URINARIAS E DOS RINS em 6 de Outubro—R. DO OURO, 141

INTERESSA A TODOS!...

QUEREIS conservar os vossos calçados pela aplicação de uma «Pomada» de absoluta confiança?

—Usai a INDIANA, incomparavelmente a melhor pelo seu brilho pelas suas esplendidas qualidades de conservação do cabedal e ótima apresentação em cores: **preto, amarelo, castanho escuro da moda — completa novidade.**

A' venda nos principais Armazens de Cabedais, nas boas Sapatarias do Paiz e no Deposito Geral:

A' PELARIA FINA
Casa de bons artigos em SOLAS, CABEDAIS, ATACADORES e meias especialidades destinadas á confecção de calçado de Luxo e Vulgar
de Policarpo Junior, Limitada
RUA JARDIM DO REGEDOR, 13, 15 e 17 — LISBOA
TELEFONE C. 3223 TELEGRAMAS: PELFINA — Agentes exclusivos de revenda para Portugal e seus dominios, Espanha e Estados do Brazil

Agua de CALDELLAS
Doenças do Figado e dos Intestinos
(entero-colite muco-membranosa e prisão de ventre)
DEPOSITARIOS:
BANDEIRA DE MELLO, L.DA
Rua Augusta, 75, 1.º e 2.º
Teleph. 2670C.

ULTRAMARINA
Efectua seguros contra todos os riscos
Rua da Prata, 108, 1.º
SINISTROS PAGOS ATE' 31 DE DEZEMBRO DE 1920 — Esc. 3.574.768$37

Antonio Casanovas Augustine, L.DA
CAMBIOS E PAPEIS DE CREDITO
57, 59, 61, RUA DO COMERCIO, 57, 59, 61

Prisão de ventre
E suas consequencias. Funcionamento metodico do intestino pelo LAXATIVO VEGETAL VERITAS. Infalivel e inofensivo, comprovado por centenas de pessoas que diariamente fazem uso dele. Preparado por Mendes & Braga, farmaceuticos.—183, Rua do Mundo, 135, Lisboa.—Telefone, 554.

Garlopas—Serras de fita 0,70 e 0,90 —Maquinas automaticas para afiar laminas de garlopa o plaina.
EM ARMAZEM
SANTOS AMARAL, Lda.
Rua da Palma, 225/9—LISBOA
Telefone C. 1580

FITA ISOLADORA
Branca e preta
15 m/m e 40 m/m (Fabricação alemã)
Ao melhor preço do mercado
SANTOS AMARAL, Ltd.
RUA DA PALMA, 225/9—Lisboa
TELEFONE Central 1580

PINTO & SOTTO MAYOR
BANQUEIROS
LISBOA-PORTO
Representantes em Portugal
— DO —
Banco Portuguez do Brazil
LISBOA
PORTO
R. do Ouro, 18 a 24
28, Praça da Liberdade, 29

Grande Café d'Italia
é sem duvida o café da moda
ALMOÇOS
serviço á la carte
— Rua 1.º Dezembro —

Simões Bayão
(Laureado pela Escola de Paris)
Doenças de boca, cirurgia, protese e ortodoncia
Largo do ... aulo, 13, 1.º
Telefone 3078

Escola Berlitz
20-A, Rua do Alecrim
• Abrem-se brevemente •
— novos cursos —
• para principiantes em •
FRANCEZ : : INGLEZ
: : Já está aberta : :
: : : a inscrição : : :

Candeeiros eléctricos
110 e 210 volts
EM ARMAZEM
SANTOS AMARAL, L.da
Rua da Palma, 225/9—LISBOA
Telefone C. 15 0

Canetas com tinta
O que ha de melhor
PAPELARIA DA MODA
167 — Rua do Ouro — 169
LISBOA

Use Agua, Crême e Pó de Arroz
"RAINHA da HUNGRIA"
e todos os productos da
Academia Scientifica de Belleza
que se encontra á venda nos seguintes estabelecimentos

Pharmacia Durão—Rua Garrett, 90.
Pharmacia Nascimento — Rua da Prata, 115 a 117.
Perfumaria Flôr de Liz—Rua Nova do Almada, 67.
José Feliciano Alves de Azevedo & C.ª—R. 1.º de Dezembro, 55, 63.
Pharmacia Avellar—Rua Augusta 22 a 27.
Silva Neves & C.ª—Rua da Prata, 229, 231.
Thomaz Mendonça, Filhos, Ltd.—Calçada do Combro, 43, 47.
União Commercial de Drogas, Ltd. —Rua Augusta, 155.
Perfumaria Paris—Rua dos Retrozeiros, 58.
Galeria Parisiense—Rua Garrett, 42
Eduardo Martins—R. Garrett, 4 a 11
Perfumaria Viuva Dias — Rua da Praça da Figueira, 40.
Camisaria Modelo—Rua do Ouro, 115, 117, 119.
Loja do Povo—Praça de D. Pedro, 87 a 92.
Brazil Elegante—Praça de D. Pedro, 7 a 9.
Pharmacia Barreto — Rua do Loreto, 24 a 30.
Pharmacia Silva Carvalho—Rua Eugenio Santos, 48 a 52.
Loja da America—Rua do Ouro, 206, 208.
Casa Africana—Rua Augusta.
Salão Mimoso—Rua Augusta, 232.
Neto Nativiade & C.ª—Rocio.
Lopes & Maia, Ltd.—Rua do Ouro, 237 a 269.
Tátá & Rodrigues—R. Garret, 53, 55.
Farmacia Coelho de Jesus—Avenida da Liberdade, 5.
Carmona, Ltd.—Rua da Escola Politecnica, 233, 237.
Farmacia Ultramarina—Rua de S. Paulo, 99, 101.
Casa Santos, Ltd.—R. da Palma, 7-A
Retrozaria J. Fernandes—Rua dos Retrozeiros, 73 a 83.
Henrique Xavier & C.ª—Rua do Ouro, 253, 255.
«Au Bon Marché»—Rua da Assumpção, 45, 47.
Damião & C.ª—Rua Garret, 57, 59.
Camisaria Azevedo—Rocio, 34, 35.

Deposito geral para revenda
Academia Scientifica de Belleza
Avenida da Liberdade, 23-A
Telefone: 3641 — Telegramas: «Bellezas»

TIJOLO
PREÇOS SEM CONCORRENCIA
ENTREGA IMEDIATA
C.ª Ceramica de Telheiras
L. do Directorio, 4, 2.º

TABACARIA CENTRAL
90—Rua da Assumpção—90
TABACOS—LOTARIAS—AGUAS REFRESCOS

AGUA DOS CUCOS
TORRES VEDRAS
A AGUA minero medicinal dos Cucos, unica no seu tipo em Portugal para o artritismo, reumatismo gotoso, rins e bexiga, tem além disso dado otimos resultados nas doenças das senhoras, utero e anexos.
A AGUA DOS CUCOS vende-se em toda a parte na linha de Cascais em Carcavelos, Parede, Monte-Estoril e Cascais. Deposito geral ... LISBOA.

PINTO & SOTTO MAYOR
BANQUEIROS
LISBOA-PORTO
Representantes em Portugal
— DO —
Banco Portuguez do Brazil
LISBOA
FORTO
R. do Ouro, 18 a 24
28, Praça da Liberdade, 29

Vinhos generosos do Lamego
(CAVES DA RAPOSEIRA)
Reservas de diversas qualidades
Depositario em Lisboa: ARTUR LEMOS ...
Telefone 19—Central
Poço do Borratem 1, 4.º

TUBO BERGMAN
...
EM ARMAZEM
SANTOS AMARAL, Lda.
Rua da Palma, 225/9—Lisboa
Telefone C. 1580

OURIVESARIA E RELOJOARIA ATHAYDE
PREÇOS SEM COMPETENCIA
Grande sortimento de objectos de ouro, prata e brilhantes
Rua Fernandes da Fonseca, 1
Esquina da R. da Mouraria, 101 e 103

AZULEJOS telha, tijolos, etc.
Ceramica Mont'Argila "LOES",
Preços sem concorrencia
Agencia em Lisboa—Gilman Santiago, Lda.—L. S. Julião, 7, 2.º

MOBILIAS E ESTOFOS
Bizarro da Silva, Limitado
(Antiga casa Bizarro da Silva & C.ª)
Rua Augusta, 82, 84
— e Rua dos Correeiros, 81, 83
Telefone C. 2533
Grandes descontos em todos os artigos

PINTO & SOTTO MAYOR
BANQUEIROS
LISBOA-PORTO
REPRESENTANTES EM PORTUGAL
— DO —
— BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL —
LISBOA — PORTO
R. do Ouro, 18 a 24 — 28, Praça da Liberdade, 29
Rua do Comercio, 136 a 140

A CAPITAL

O poder é como uma mulher que sempre apetece e como um vinho que sempre sóbe á cabeça.

João Chagas.

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 3953—12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Quinta-feira 15 de Dezembro de 1921 | Telefone n.º 2293 — Endereço Tel. CAPITAL — Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

A solução Cunha Leal

Está encarregado de organisar governo o sr. Cunha Leal, o tudo leva a crêr que o organisará, porque tem para isso o pleno assentimento dos partidos, se não fôr necessario admitir o imprevisto, o qual, mais do que nunca, dá entre nós as cartas em materia de governação publica.

Entretanto, esse facto é indiscutivel. E' que o nome do sr. Cunha Leal, para chefe do governo, é recebido com simpatia unanime por toda a população portugueza.

A noite tragica e vergonhosa de 19 de outubro, se deixou entrever os perfis repugnantes dos algoses, tambem pôz em destaque figuras de alta beleza moral. Uma delas, e a maior, foi a do sr. Cunha Leal, que não cumpriu só o seu dever como um homem de bem, porque chegou a sacrificar-se com um heroe.

O nosso povo, apesar da furia de certas facções lhe ter estampado o estigma injusto de barbaro e cruel, é, na realidade, bom, e tem a intuição clara do que valem a dedicação e o sentimento. Com actos de bondade conquista-se facilmente o seu coração.

Por isso não duvidamos de que neste momento, pelo paiz inteiro, a hipotese da formação do ministerio Cunha Leal tenha o mais favoravel acolhimento.

Se para a efectividade da raça o nome do sr. Cunha Leal é extremamente simpatico, não o é menos para os republicanos que almejam pela normalidade da situação politica. O sr. Cunha Leal vai governar com plena liberdade de acção, mas toda a gente sabe que ele quer a justiça para castigo dos assassinos e que quer o respeito á lei para prestigio da Republica.

Nós caminhamos para o absoluto restabelecimento da Constituição, que só uma pequena minoria pretende continuar desprezando.

Os elementos conscientes e desinteressados do movimento de 19 de outubro já ha muito reconheceram que o completo exito das reclamações desse movimento se tornou impossivel. Eles queriam beneficiar a Republica; como é que podem decidir-se a prejudica-la prolongando uma situação anormal, forçosamente esteril?

As opiniões do sr. Cunha Leal são conhecidas. Numa das primeiras entrevistas concedidas á imprensa, após a noite tragica, o sr. Cunha Leal declarara que o programa revolucionario seria sempre inexequivel, mesmo que não tivessem comprometido o movimento as selvagerias cometidas á sua sombra.

E' evidente que o sr. Cunha Leal se referia ao programa em bloco, porque em muitas das suas disposições esse famoso documento não constituia mais do que a copia dos programas dos partidos.

Se o sr. Cunha Leal organisar realmente o seu governo, é licito esperar um regresso quanto possivel rapido á normalidade republicana. Como o sr. Cunha Leal, o paiz não pode deixar de ter a certeza de que serão punidos os assassinos da noite de 19 de outubro. Estas circunstancias bastariam para justificar a expectativa com que é seguida a marcha da sua combinação ministerial.

Não irá ela por diante? Haverá quem não aceite o sr. Cunha Leal, muito embora não possam ser postos em duvida o seu republicanismo, a sua inteligencia e a sua energia? Os partidos não só o aceitam, como o coadjuvam. Que argumentos se encontrarão para embaraçar a sua ascenção ao poder?

Não é facil que surjam argumentos; mas infelizmente não é impossivel que surjam novas violencias. E' ahi que está o perigo, porque com essas violencias nem a justiça pode seguir o seu curso, nem a lei pode restaurar-se, nem a Republica pode dignificar-se, nem o paiz se pode salvar.

Antiqualhas historicas

Reconstituição integral de um Auto de Fé nas ruas de Lisboa nos fins do seculo XVI

Devido á pena e estudo do nosso colaborador o erudito professor Ladislau Batalha, recentemente aclamado socio da Academia de Sciencias, principiamos na proxima semana a publicação deste trabalho que é a continuação da interessante série—**Antiqualhas historicas**—que tanto teem agradado ao publico em geral e entre os eruditos que continuam a solicitar-nos colecções.

NA 2.ª PAGINA:

POLITICA

Migalhas

Elogio de desobediencia

Uma revista franceza de pedagogia experimental que tenho entre mãos deplora a crise de desobediencia que lavra, ao que parece, entre as creanças. As creanças de agora não querem obedecer.

As pessoas crescidas acabam, no entanto, de lhes dar um excelente exemplo. Durante cinco anos vimos milhões de homens obedecer a meia duzia e cumprir as ordens mais extravagantes e mais dolorosas de realisar.

Terminada a guerra e por inverosimil que isto pareça os mesmos milhões de homens, menos uma meia duzia de milhões que não voltou, regressaram contentissimos a uma serie de obediencias civicas, profissionais, administrativas, conjugais...

E as creanças poderiam bem observar os efeitos felizes da obediencia sobre os destinos do mundo.

E' permitido dizer-se que os Boches, no ponto de vista de caracter ethnografico não são muito peores que qualquer outro povo. Mas são de uma obediencia admiravel, passiva, duma constante submissão. E aqui tem porque sessenta milhões de alemães obedeceram a um só homem que era um louco ou uma féra. E aqui tem como se desencadeou a mais linda guerra que a historia regista.

Os russos são tambem muito obedientes. Obedeceram ao Tsar, obedeceram depois á Duma, depois aos soviets, depois ao sr. Lénine, depois aos senhores bolchevistas. São tão obedientes que obedecem seja a quem fôr.

Em Portugal, no fundo, somos tambem obedientes. Embora muita gente pense o contrario, é pasmosa a obediencia que nós manifestamos perante organisações burocracias e previlégios verdadeiramente absurdos e afrontosos.

Pois, apesar desses exemplos publicos, apesar do exemplo familiar que lhes dão o casal de seus pais, em que cada um dos conjuges pretende impor ao outro a submissão a mais absoluta, as crianças, ao que se diz, manifestam tendencias a uma liberdade escandalosa e paradoxal, procuram conhecer a embriaguez da fantasia, o imprevisto da vagabundagem, e julgam-se no direito de pensar, de dizer o que pensam e até, em certos casos, de o escrever nas paredes, emquanto não são jornalistas.

O autor do artigo, que é um pedagogo de respeito, constata que «a criança ouve as ordens dadas com um ar distrahido e como um ruido incomodo, mas sem importancia enquanto se não torna ameaçador» e que «nos conflitos que sobrevem, quasi sempre as crianças levam a melhor.» Não admira porque são os pais que, afinal, se mostram obedientes e, sendo mais velhos, têm a obrigação de ser mais rasoaveis.

Assisti noutro dia a uma scena curiosa.

Em casa de umas pessoas amigas, um pequeno de cinco anos disse á mêsa:

—«Tu és um «palêmo».

Devo explicar que o pequeno se dirigia ao pai. Este não quiz perder a ocasião de educar a sua prole, e interveiu com um ar sevéro.

—«Que diz o menino? Que maneiras são essas de falar? Ao papá não se diz:—«Tu és um «palêmo» Diz-se:—«O meu papá é um palerma». Diga lá para eu ouvir...

A mamã, do lado, insistia:

—«Anda diz lá, Lulu. «O meu papá é um palerma».

E a criança — tive o prazer de o constatar — muito docilmente, numa perfeita obediencia e expremendo-se para vencer a sua má pronunciação, lá se explicou:

—«O meu papá é um palerma.»

—«Vê o meu amigo, concluiu o pai, das crianças faz-se tudo quanto a gente quer. A questão é saber levá-las.

ANDRÉ BRUN

DE TODOS OS DIAS

Os livros da creança

As montras das livrarias são um visco á minha curiosidade literaria, farejando por essas ruas a focar a vida, para lhe absorver com delicia o que ela ainda me pode dar, que de resto nos calamitosos tempos correntes, bem pouco é.

As brochuras alinham-se numa kermesse de côr, evocando uma manta de Arlequim, disfarçando em suas capas afrancesadas a amalgama egualitaria que encerram, sem que de entre a aringa grite aos nossos olhos o novo volume portador de ideia nova, da afirmação esplendida da vitalidade do nosso espirito.

O inverno passa, na tristeza interminavel das borrascas sem que no canto do nosso lume um novo livro venha acordar o nosso entusiasmo adormecido, nesta triste urbe dos jornais politicos, e onde quasi não existem revistas literarias, que chefiem galhardamente movimentos de inteligencia.

As produções estrangeiras continuam unicamente ao alcance dos que não leem, mercê de uma crise degradante que não sómente nos mata o corpo como tambem o espirito, e então em nossa casa a horas de recolhimento amadorramos sobre os livros rolidos á luz doce do «abat-jour», experimentamos o «frisson» aniquilante dos que acordaram um dia soterrados em ruinas, na noite lobrega do esquecimento.

A gente nova dia a dia tem menos ambiente a envolver-lhe o espirito, porque o meio literario em nosso tempo é já uma longa saudade de um passado de ha sete anos, quando a alma lusiada pareceu querer despertar numa primavera de energias, afirmando uma nova era nas artes e letras, como que um contacto reflexo com o marulhar de ideias, que no laboratorio da inteligencia ou o mundo guerda em Paris se sucedem e convulcionam, como a suprema razão de existir.

Mas se contastamos facilmente, que o meio não acolhe a mocidade, que viceja para a vida do espirito aos dezoito anos, muito menos estamos preparados para fazer a educação das creanças das cidades, onde por mezes não ha uma solida compreensão dos deveres maternos, e onde falta como nas velhas casas da aldeia a ama bondosa, que acalenta com historias de principes encantados, sob os olhares doces de uma avósinha que fia.

Aqui em Lisboa, em que as creanças dirigem logo os seus primeiros passos para o cinema, já vagamente compreendendo que seria «gauche» faltar ao «rendez-vous»; a sua primeira educação quando não é entregue por elegancia os «nurses» inglezas que lhes abastardam o pequenino espirito que desabrocha, é confiado ás creadas adventicias, que lhes povoam o cerebro de fetichismos grosseiros, quando não de historietas obscenas que premataramente os iniciam em praticas viciosas.

E' necessario que as creanças não percam antes de sasonadas o candido aspecto de inocencia que as faz verdadeiramente creanças, satisfazendo o espirito com os lindos contos de fadas e de anões misteriosos, que nos embalaram menino e moços, e que são o estojo moral que as hade perseverar até tarde, do viscoso contacto com a brutalidade da vida.

Ora nas cidades essa lenda, essa tradição oral não existe, porque na maioria dos casos não existe o lar. Torna-se por isso necessario cumpi-la-la servindo-a as crianças em edições galantes, profusamente ilustradas, realisando os textos com desenhos agradaveis e artisticos, que prendam facilmente os pequeninos leitores, bochechúdos bébés de faces rosadas, e olhos prescutadores.

Mas felizmente alguma coisa ha já feito com o criterio inteligente de dois nomes ilustres na nossa terra.

Ha pouco na montra de um livreiro, nossos olhos deslumbrados descobriram por entre os livros vistos e revistos e nunca substituidos, tres volumesinhos de contos para crianças firmados por uma senhora das mais ilustres do nosso meio intelectual, e que o lapis scintilante e mordaz de um grande artista, ilustrou.

Era o começo de essa grande obra de educação infantil, que triumfava na apagada e morrinhenta «saison» literaria deste ano.

Os mesmos contos de fadas e de anões grotescos, cuidadosamente reconstruidos e expurgados de vicios de linguagem, e emoldurados de graça nos desenhos tão simples e tão harmoniosos na sua «charge», que acorda em em nóssos labios um sorriso de menino, que ha bons vinte anos não tinhamos. E relembramos a delicia de sermos pequeninos, a abrir curiosos o livrinho que mãos amigas nos ofereciam, e de joelhos sobre a cadeira para chegar melhor á mesa, apontarmos a rir com o dedo espetado as carantonhas engelhadas dos «Amorsinhos da Tia Verde-Agua» que a senhora D. Ana de Castro Osorio escreveu, o Leal da Camara ilustrou.

Afinal para gosar o inverno literario, só uma coisa vale a pena ser— Bébé.

ORNELAS PEDREIRA

ENTRE AMIGAS

(Caricatura de Eduardo de Faria)

—O Eduardo foi mordaz para comigo e eu queria fazer-lhe uma surpresa desagradavel... O que ha-de ser?

—Diz-lhe a idade que tens...

A linda festa do Leão d'Ouro

A homenagem de hontem aos professores João Vaz e Ribeiro Cristino---A glorificação do «Grupo do Leão»---A continuidade historica---Brilhantissimos discursos e o maior entusiasmo---São convidados -§- Malhôa e Columbano, que não comparecem -§-

Assustada com o incremento e a simpatia que no publico se tem manifestado a favor de se facultar a entrada na Sociedade Nacional de Belas Artes a todos os artistas novos, quer das artes plasticas, quer da literatura e da musica, como em absoluto os estatutos daquela agremiação o permitem, a direcção da Casa dos Artistas veio hoje justamente a publico com uma nota oficiosa dizendo ter feito já muito em prol da Arte Nacional.

Sem pretendermos imiscuir-nos na questão, achamos, como todo o publico, que aos novos artistas não pode nem deve ser coartado o direito de pertencerem á unica sociedade de arte que possuimos, simplesmente porque tem ideias novas sobre arte e processos novos de trabalho.

Ontem, no historico restaurant do Leão de Ouro, donde saiu o tão celebre movimento de arte que em Portugal marcou espantosamente e veio a dar lugar á actual Sociedade das Belas Artes, reuniram-se em banquete tudo quanto de mais brilhante marca na moderna geração portuguesa.

Iam a mais de 60 os convivas contando-se os melhores nomes da nossa moderna pintura, da ilustração, da literatura, da musica e da poesia.

Foram convidados todos os sobreviventes do velho grupo do Leão, srs. José Malhôa, Columbano, João Vaz e Ribeiro Cristino.

A sala oferecia um aspecto extraordinario de mocidade e de entusiasmo, contribuindo para o brilhantismo do scenario a historica decoração da antiga casa portuguesa.

Inumeros telegramas e cartas de todo o paiz foram recebidas dando aos novos artistas a sua simpatia e a sua adesão.

Findo o banquete, que terminou perto da 1 hora da noite, pronunciaram-se alguns discursos que procuramos dar na súmula.

Tomou em primeiro logar a palavra o ilustre escritor

Antonio Ferro

que leu a correspondencia entre a qual se notavam cartas e telegramas de Raul Lino, Jorge Colaço, da Academia de Coimbra, de Julião Quintinha, de Norberto de Araujo, de muitos escritores e artistas, de actores, de jornalistas, etc. etc. Seguidamente, no uso da palavra o orador pronunciou um brilhantissimo discurso, cheio de sentimento e repassado duma grande nobreza. Foi vivamente aplaudido, tomando seguidamente a palavra o pintor e distinto professor

João Vaz

que esclareceu a sua atitude e disse que aceitara aquela manifestação pela sinceridade que a envolvia e pela forma cativante como fôra convidado.

E' dada seguidamente a palavra a pedido geral ao brilhante jornalista e nosso colaborador sr.

André Brun

que produz um improviso cheio de verve e de encantador humorismo, sendo muito aplaudido. Declara-se um novo de meia idade, e felicita os novos barbados na pessoa do sr. João Vaz e os novos em folha na pessoa do sr. João Ameal. Propôz que mensalmente a nova geração se reuna para se certificarem que ainda existe.

Fala em seguida

Leal da Camara

que fez uma interessante dissertação sobre estetica e sobre materia de arte moderna, tirando interessantes conclusões e fazendo uma critica serrada aos velhos processos de ensino. E' escutado com muito interesse e no final aplaudido, sendo depois entre aclamações dada a palavra ao grande desenhador e escritor

Almada Negreiros

que se ergue e lê uma interessantissima serie de pensamentos ineditos de arte, que constituiram um sucesso e foram secundados e sublinhados, pela sua nobreza e pela sua sintese admiravel, com salvas de palmas vibrantes.

Luiz de Ortigão Burney

lê um discurso, em que se declara partidario das livres academias, e em que define os seus pontos de vista sobre arte, muito pessoais e muito interessantes, constituindo a sua oração um documento de incontestavel interesse.

Fala depois o sr.

Almicar de Barros Queiroz

que lê tambem um discurso de grande relevo literario e muito sincero, em que põe com entusiasmo um grito que a nova geração se una e mostre a sua força e a sua fé. Pelo arquiteto José Pacheco é depois dada a palavra ao pintor e professor sr.

Leitão de Barros

o qual lastima que o sr. José Pacheco se lembrasse de lhe dar só a palavra e não as boas ideias que o animam, acabando por fazer um apelo a que de positivo alguma coisa saia deste movimento, desfazendo-se o equivoco cheio de estupidez que fechou a porta da casa dos artistas a quem tinha e tem todo o direito de lá estar, e sobre cujas intenções ninguem tinha o direito de duvidar.

Seguidamente o ilustre compositor sr.

Ruy Coelho

toma a palavra para declarar que está ali como sempre junto dos novos, pronto a dar o seu auxilio, aproveitando o ensejo para lembrar os mortos queridos do movimento modernista, Amadeu de Sousa Cardoso, Mario de Sá Carneiro e ainda outros.

Todos se levantam em sinal de respeito.

Depois, o sr. dr.

Raul Leal

pronuncia uma dissertação cheia de inspirada e nobre elevação e declara-se abertamente da geração moderna, estando em tudo ao lado dela.

E' dada ainda a palavra ao sr.

Celestino Soares

que profere com grande eloquencia um pequeno e vibrantissimo discurso, mostrando a continuidade historica deste movimento e o do grupo do Leão, que revolucionou no seu tempo a arte portuguesa. Refere-se aos grandes pintores antigos, evoca-lhes o espirito e diz o respeito que todos os novos tem pelo passado. Cada um no seu lugar, afirma, é preciso que me compreendam e que nos não atraiçoem os pensamentos. E' delirantemente aplaudido, falando por ultimo o arquitecto José Pacheco, que com a maior sinceridade afirma que se propoz 180 socios para a Sociedade das Belas Artes foi no intuito de contribuir para o seu levanthmento moral e material. O terror idiota que se apoderou da direção daquela casa não o fará desistir. Os seus proponentes serão socios da Sociedade pelo menos por 24 horas.

Poderá ser vencido por um grupo que se organise, e vencido com honra, nos seus pontos de vista sobre arte, mas não pelo sr. Adães Bermudes, que dispõe da assemblea das Belas Artes, levando-a a fazer o que pretende.

Findos os discursos foram os convivas até junto do grande quadro de Columbano, que representa os artistas do «Grupo do Leão», onde todos assignaram uma placa provisoria com os dizeres seguinte:

Aos fundadores do Grupo do Leão homenagem dos novos socios da Sociedade Nacional de Belas Artes.

Lisboa 14 de Dezembro de 1921.

Assignaram esta placa muitas dezenas de pessoas presentes.

E'-nos impossivel dar a nota completa da assistencia; foi numerossissima.

Lembra-nos que estavam os srs. João Vaz, Ribeiro Cristino, Antonio Ferro, João Ameal, Americo Durão, Leitão de Barros, Almada Negreiros, José Pacheco, Sanches de Castro, Celestino Soares, Durão, Coutinho, Dias Sancho, Amilcar de Barros Queiroz, Clemente Pinto, Luis Barnay, André Brun, Leal da Camara, Raul Leal, dr. Azevedo, Augusto Esaguy e na totalidade umas 60 pessoas.

SEGREDOS A TODA A GENTE

Bigodes femininos

Ha dentro dos dominios da psicologia feminina um complicado problema a resolver — tão complicado que ainda não preocupou ninguem. Quero referir-me ás mulheres — com bigode. Este simples acidente que ameaça hoje, com uma certa insistencia, a cara das mulheres não é tão futil como á primeira vista parece. O bigode não tem apenas gravissimos inconvenientes de caracter estetico; não envolve apenas a suspeita de que a cara que o suporta está inverosimilmente trocada — significa sobre tudo, a presunção (que como todas as presunções admite prova em contrario) de que as mulheres estão assustadoramente a parecer-se com os homens em tudo — menos nisso. O bigode está florescendo agora no beiço de «notre soeur farouche». E' quasi logico — desde que nós o desprezamos. E' quasi justificavel — desde que nós o deitámos fóra. E apesar de tudo o bigode feminino, o bigode farto, eriçado, agressivo que não permite que uma mulher nos beije sem nos picar a cara, dá-me sempre a impressão confrangedora de que a fisionomia felpuda que caracterisava quasi sem excepção, como dizia Montesquieu, os portugueses de hontem — se transferiu, com pessimas vantagens para as portuguesas de hoje. Talvez haja quem goste. Eu confesso-lhes que me causa sempre calafrios encontrar a minha visinha X... com o bigode á americana ou a minha amiga Z... com o bigode — á Bernardino... Seja como fôr — o que devo dizer-lhes em todo o caso é que isto não é um reclame ás maquinas Gillete...

Luiz d'Oliveira Guimarães

MUSICA

Vitorio Gui

1.º concerto sinfonico em S. Carlos

Vitorio Gui deu-nos ontem uma noite de Arte, uma bela noite de Arte que ha-de ficar gravada a letras de oiro nos anais do Teatro de S. Carlos. E' absolutamente louvavel a efectivação de concertos sinfonicos dirigidos por Gui. Eles servirão de incentivo e de lição.

Gui, que o publico de Lisboa conhecia da ultima epoca lirica de S. Carlos, viu bem na noite de ontem como era apreciado.

A operata sob a influencia da batuta magica de Gui teve momentos de sublimação. E se a orquestra se sentia orgulhosa de tal maestro, Gui sentia-se contente com a sua orquestra. De facto a orquestra manteve sempre uma grande homogeneidade e uma grande certeza.

A interpretação da 5.ª sinfonia de Beethoven entra no capitulo das revelações.

Executou-se uma nova 5.ª sinfonia com efeitos e belesas ainda ignoradas por nós. Gui emprestou-lhe a sciencia das pausas, das graduações do som.

O mesmo sucedeu com L'apprenti Sorcier de Dukas, cuja interpretação foi duma grande belesa. Dir-se-hia uma pagina inteiramente nova.

Wagner teve uma aureola de gloria. Os «Murmurios da floresta» tiveram a levesa e a graça de murmurios. A abertura dos mestres cantores teve grandesa, teve imponencia.

Todo o resto do programa Porpora, Martucci, Borodin, os dois primeiros em primeira audição, uma sonata instrumentada por Gui e Noturno, Novelete, duma grande belesa, arrancou ovações.

Gui recebeu durante todo o concerto grandes aplausos.

Numa das proximas noites constanos que Gui executará um original português.

Bem haja! Por tudo os nossos aplausos.

B. C.

Sociedade Nacional de Bellas-Artes

A questão entre novos e velhos

Palavras de Antonio Augusto Gonçalves

Desconheço os episódios e origens do conteudo. Sei apenas, em resumo, que, nos dominios da arte, se trava conflito entre as audacias irreverentes dos moços e os defensores da arca santa dos misterios e das tradições classicas.

Se assim é, ainda bem que se agita no meio deste apodrecimento uma manifestação de vitalidade, de iniciativa e de espirito.

Contudo, no caso pendente, ouço haver equivocos e animosidades, a desvirtuarem a genuina limpidez duma boa causa.

Essa face da questão não me interessa, e só desejo fazer, a este proposito, comentario dos principios e opiniões que adoto, sem alusão a pessoas, nem intensões de intromissão desleal e descabida.

Uma lei historica reconhece que em todos os acontecimentos ha sempre duas causas, uma proxima, outra remota. E esta quasi sempre é predominante em disputas e dissenções entre artistas, de escolas e creanças diversas.

Nos tempos modernos a rebelião dos indisciplinados por toda a parte, em todos os meios progressivos e cultos, provoca escandalos e impele a opinião contra a intolerancia dos canones e jurisdição dos pontifices academicos.

Todos os celebres artistas da nossa epoca foram vitimas da hostilidade e do anathema dos inquisidores da antiga fé e seus satellites: Courbet, Degas, Manet, Czanne, Monet, Loutrec e tantos outros...

As teorias filosoficas das origens sobrenaturaes da arte, das emanações divinas, do belo absoluto, da inspiração revelada pelas transcendencias do incognoscivel; toda essa poeirada metafisica, que cegava os credulos e alimentava os sacerdotes e contemplativos, e a superstição dos fanaticos, todas essas ficções ha muito foram abaladas. A arte humanisou-se...

A arte é essencialmente subjectiva: tese vulgar.

O talento é por natureza insubmisso. O principio fundamental da arte reside na personalidade do artista; na independencia do seu temperamento; na afirmação da energia da sua sensibilidade e da sua vibratilidade emotiva. Isto são aforismos. O resto são lérias. Os formularios de regras consagradas e compromissos de convenção;—são a negação da propria arte.

A pusilanimidade dos falsos respeitos, e a hipocrisia das falsas convicções só tem produzido a confusão e a esterilidade da nossa educação artistica.

Nada mais absurdo, do que pretender comprimir a arte livre dentro dos moldes de preceitos gramaticais.

A «Grammaire des Arts», de Ch. Blanc, é, ainda hoje, para os estetas a sagrada escritura das verdades reveladas, o Livro de grande voga, codificação doutrinaria de todos os preconceitos e subtilesas filosoficas da estetica classica, prova até onde chega a obsecação reacionaria dos teoricos propagandistas. Porque a arte não consiste na aparencia da forma, mas na expressão dum principio, ou idealisação dum pensamento que nela se contem. Eis o ponto da discordia.

Os fanaticos do Classicismo, mais ou menos atenuado reagem quasi sempre por espirito de seita.

E, como forças retrogradas, estão fora da razão e da ordem!...

São estas considerações, que inculcam a simpatia os clamores dos novos que protestam.

Não conjecturo, qual a intensidade e extensão deste temeroso conflito.

Creio, porem, no discernimento, imparcialidade e tolerancia de todos os artistas cultos, de autoridade e influencia, para pôr termo á conflagração, e chamar a concordia as hostes beligerantes. Creio que a reflexão e a sensata transigencia dos dois grupos antagonicos ha-de chegar ao amoroso acordo e reconciliação, tam grata a lirica sentimentalidade lusitana, depois das rudes investidas. E não será necessario levantar barricadas e levar de assalto a Bastilha, da rua Barata Salgueiro!...

E que assim seja! para que a paz reine entre os homens, como aconselham os canticos da Egreja, nesta religiosa e pantagruelica quadra do Natal!

A. GONÇALVES

A chegada do "Patrão Lopes"

E' esperado, no proximo dia 27 corrente, em Lisboa, procedente de Beritz, o rebocador «Patrão Lopes» qual deve trazer a bordo o cadaver do infante, D. Afonso de Bragança que será depositado no «pateon» de S. Vicente.

A CAPITAL publicará brevemente: Duas edições

Factos e palavras

A PROPOSITO ... DE S. CARLOS

S. Carlos reabriu ontem as suas portas de oiro.

Os salões gelados de S. Carlos aqueceram vagamente ao bulicio dos risos, das sedas que já não roçam nas escadarias e apenas cantam ao mover do corpo.

E' pena que a Empresa de S. Carlos não se resolva a mandar aquecer os salões.

Nos intervalos, em que os casacas deambulam nos corredores, em que as mulheres se debruçam dos e marotes, para cumprimentar, para sorrir, para se fazerem vêr, apagado o extase da musica que nos faz esquecer, sente-se frio.

Os homens, cá fóra, fumam e passeiam de mãos nos bolsos, e as mulheres, essas lindas mulheres de tela, em fundo rosa velha, e moldura doirada, erguem as pelles, cobrem os hombros, tapam o colo...

— Aqui! Caiu o pano... E é pena.

S. Carlos, para ser verdadeiramente S. Carlos, precisa de ambiente. E a temperatura desempenha um grande papel no ambiente.

Depois vem a idéia de conforto tão apreciavel no seculo em que estamos e tão pouco cuidada pelos portuguezes. Esta medida de aquecimento traria duas vantagens.

Por um lado a sala teria um aspecto curioso de animação, um «à vontade» encantador e intimo. Em vez de bater o queixo, conversar-se-hia, as capas caidas nos fauteuils, a beleza palpitante cheia de colorido.

E depois não se apanhavam constipações, essas tremendas, massadoras e anti-esteticas constipações que nos obrigam emperiosamente a tossir, a espirrar, a assoar emquanto nos violinos, pianissimo, subtil, passa um frémito de amor.

BOTTO DE CARVALHO

Talvez pareça absurdo este titulo, mas talvez; o chefe do governo francez, de olhos erguidos, fitando o céu... Mas ninguem duvidem: foi mesmo assim. Eu conto.

Quando o presidente Harding, ao inaugurar a Conferencia de Washington, disse, solenemente:

«—Meus senhores, está aberta a sessão; comecemos com as orações,» todos os assistentes se ergueram, e, em meio de religioso silencio, o sacerdote da Casa Branca rezou as orações pedindo, comovido, a benção de Deus para os trabalhos da famosa assembleia.

Em que meditaria o presidente do conselho francez? Levantou-se, como todos, evidentemente. Mas por onde vogaria o seu espirito? Em que cogitações mergulharia, ante esse silencio profundo, duradouro, comovedor, a sua alma de homem habituado a encarar de frente os embates da vida — cada hora mais tumultuosa?

Quem poderá desvendal-o?

Ju, dias antes, Briand passára por prova semelhante, quando, ao tombar das onze horas, desde as margem do Atlantico às do Pacifico, o mundo inteiro, — seria assim? — suspendeu os seus febris trabalhos, a sua enorme labuta, para se recolher numa oração de graças A'quele que tudo póde—ao Arbitro da Paz!

Hora grandiosa, essa! Oitenta milhões de almas unidas numa prece que subiu para o Alto!...

❖ ❖ ❖

Nunca as bodas de prata foram tão numerosas como as que vão celebrar-se, no proximo ano, no Palacio de Mazarino, em França. Com efeito nada menos de seis membros do Instituto vão completar os seus vinte e cinco anos de imortalidade, pois foram eleitos, em 1897, para as respectivas academias a que pertencem. Da Academia Franceza é Mr. Gabriel Hanotaux, que sucedeu há um quarto de seculo, a Challemel-Lacour; da Academia de Belas Artes é Mr. Ernest Babelon, conservador do salão dos medalhas, que ocupa, no mesmo tempo, o «fauteuil» do paleografo Leon Gautier, precursor de Mr. Joseph Bédier.

Tres dos homenageados pertencem á Academia das Sciencias: o general Sébert, Mr. Violle e Mr. Gaston Bonnier, e um á Academia de Belas Artes é o principe d'Aremberg, que sucedeu ao duque d'Aumale.

❖ ❖ ❖

As letras

Vai aparecer em breve um livro de versos de Fernando Tavares de Carvalho, o qual está destinada a um belo sucesso. Intitula-se «Grasal do meu encanto» e «A Capital» tem hoje o prazer de transcrever uns deliciosos versos desse livro.

Morrer de amor...

PAGEM

Vêde a noi e como corre amena,
Alma errante de Princeza em flor...
Sois a vida, a voz que me serena
No silencio desta noite amena...

PRINCEZA

Não, não, não, amor, morri de amor...

PAGEM

Mas o amor é imenso, é belo e é nobre,
Alma incerta de Princeza em flor...
Sois a vida, a luz com que se cobre
O meu sonho aniquilado e pobre...

PRINCEZA

Não, não, não, amor, morri de amor...

PAGEM

Não me olheis, assim, tão friamente,
Alma inglória de Princeza em flor...
Sois a vida, a graça de quem sente,
Sois a Graça ideal de toda a gente...

PRINCEZA

Não, não, não, amor, morri de amor...

PAGEM

Quem morreu, amor, por ter amado,
Certo amou o aroma duma flor...
Ninguem cuida a dor do seu cuidado,
Só eu vivo a dor de ter amado...

PRINCEZA

Meu amor, amor, morri de amor...

PAGEM

E eu, princeza, amor do meu encanto,
Alma em graça de Princeza em flor...
Eu, quem amo, se esse amor é tanto?
Eu, quem sou, se me matais de encanto?

PRINCEZA

Meu amor, amor, morreis de amor...

Fantasias do divorcio

Nos povos não civilisados o divorcio é um assunto privado.

A autoridade não intervem. A separação pratica-se com mais ou menos frequencia e em condições diversas, segundo o caracter de cada raça ou povo.

No Canadá, por exemplo, quando não se dão bem, os esposos indignados separam-se... o não se fala mais em tal.

Nas ilhas Aleutianas, o marido, que compra a mulher aos pais, tem o direito de devolver a mercadoria quando esta lhe não agrade; porém ao entregal-a, conservam os pais da repudiada uma parte do preço por que a venderam e que constitue indemnisação.

A lei concede á mulher o direito de tornar a casar ou, escravando com mais rigorosa verdade, o direito de tornar a vender-se.

No Mexico, antes da conquista, o consentimento mutuo dos conjuges bastava para produzir o divorcio: mas depois acordou-se em que não tives o efeito, até que se ratificasse aquele um tribunal especial.

A poligamia era muito usual, e ambem estava autorisada a poliandria.

A mulher adultera era partida em pedaços e comida pelas testemunhas do crime.

Não dizem se o amante tomava parte no festim «post nuptias» que era muito apreciado pelos gastronomos daquele paiz.

Nas ilhas Molucas, o divorcio é facultativo: porém a mulher care restituir as prendas que recebeu do marido, o deitar-lhe por cima da cabeça um cantaro de agua.

Que significa esta absolução obrigatoria, profana e tão pouco agradavel, sobretudo no inverno? Qual a filosofia deste baptismo?

... se procura averigual-o.

... se conseguiu saber é que alas mulheres, irritadas, deitam ... agua, sem prejuizo de ... depois o cantaro na cabeça ... posto traidor.

Entre os Hotentotes, cujo direito ... divorcio é mutuo, o homem pode ... casar-se no dia seguinte ao da separação.

Não se permite o mesmo á mulher, que precisa esperar que morra o ex-marido.

Na Nova Zelandia, o divorcio é facultativo, porém neste paiz, onde o esposo se apodera, á mão armada, da mulher a quem ama, a repudiada pode tornar a casar-se quando quizer.

Para os naturais da Oceania, o matrimonio é um contracto temporario. Se a viva em comum pesa a uma das partes, a que se desgosta pode romper o laço e tornar a dar outro a seu gosto.

Entre os negros da Costa do Ouro, a mulher pode abandonar o marido quando este não lhe convenha: no entanto, precisa reembolsal-o dos gastos.

Em algumas ilhas do mar do Sul o procedimento relativo ao divorcio é dos mais simples.

O marido que se cança da mulher engorda-a, prepara uma festa, mata a e come-a.

MUSICA

O proximo concerto Blanch

São sempre enchentes completas os belos concertos da «Orquestra Sinfonica Portugueza», dirigida pelo maestro Pedro Blanch, no S. Luiz, tardes de grande arte e requintada elegancia. E' por isso que os amadores da boa musica não esperam pela ultima hora e previnem-se durante a semana com os bilhetes desejados.

O concerto do proximo domingo constitue um grande acontecimento pelo maravilhoso programa organisado, pois se executa a famosa «Sinfonia Patetica», de Tschaikowsky; as «Aventuras de Till Eulenspiegel», de Strauss; o «Oberon», de Weber; duas melodias de Schubert; o «Rienzi», de Wagner e em 1.ª audição, o intermedio de «Raymundo Lulio», do celebre compositor hespanhol Ricardo Villa.

Os ultimos crimes

O funeral dos dois civicos

Pelas 14 horas de hoje realisou-se o funeral dos guardas civicos, 1966, Francisco dos Santos, e de José de Figueiredo, 3737, do posto da Mouraria.

Os cadaveres foram colocados em duas carretas, sendo cobertos com panos bordados a ouro e prata.

No acompanhamento, que era numerosissimo, encorporaram-se, muitos colegas dos extinctos dos postos do Governo Civil, Nacional e da Mouraria.

PELO TELEGRAFO

Entre o Chile e Peru

Não houve ainda rutura de relações

BUENOS-AYRES, 14.—A Agencia Havas, recebeu esta tarde um telegrama de Santiago do Chile dizendo que por emquanto não se deu conflito algum entre tropas chilenas e peruanas.—(H).

A conferencia do desarmamento

A America não deve intervir nas questões economicas da Europa

LONDRES, 15.—O correspondente do Times em Washington informa que a noticia de que os presidentes d s governos da França e da Inglaterra tencionam em breve encontrar-se em Washington para discussão das questões economicas provocou alguns comentarios desfavoraveis da imprensa americana, parecendo que qualquer participação dos Estados Unidos nas questões economicas da Europa não será bem aceita.—(R.)

Foi assinado o acordo sobre a ilha de Yap

WASHINGTON, 15.—Foi ontem assinado o acordo entre os Estados Unidos e o Japão sobre a ilha de Yap e outras ilhas ao norte do Equador.—(R.)

O sr. Briand vai partir para Londres

PARIS, 14.—O sr. Briand deve partir para Londres no dia 18 do corrente, sendo acompanhado do sr. Loucheur. Em 19 começarão as conversações com o sr. Lloyd George.—(H).

Viviani e Foch regressam a França

NOW-YORK, 14.—O sr. Viviani e o marechal Foch partiram para França a bordo do paquete «Paris».—(H).

Propõe-se a aplicação na guerra dos gazes quimicos

WASHINGTON, 15.—A Comissão Consultiva da delegação dos Estados Unidos recomendou a abolição completa dos gazes quimicos na guerra, com o fundamento de que é impossivel limitar os ataques dos gazes a uma certa e determinada zona de operações. Quando se lançam os gazes, perigam as vidas dos não combatentes, porque basta uma mudança de vento para transportal-os do campo de batalha para um local longiquo. Os soldados usam mascaras e protegem-se por outros meios, emquanto que os cidadãos pacificos não teem qualquer protecção nem estão equipados para resistir-lhes. A comissão aplica a mesma teoria para a guerra submarina. O relatorio da comissão já foi entregue ao sr. Hughes e provavelmente a conferencia nomeará uma comissão especial para estudal-o.—(Lat.-Am.)

A Irlanda vitoriosa

O acordo é discutido no Parlamento

LONDRES, 15.—A proposta de ratificação do acordo com a Irlanda foi apresentada na Camara do Comuns «sir» Samuel Hoare, unionista. Nela se congratula o rei pela reconciliação feita, para a qual ele tanto contribuiu. O deputado Hurnes, do partido trabalhista, deu a sua aprovação.

Lloyd George, discursando entre grandes ovações, disse que as clausulas do acordo tinham tido uma larga publicidade, provavelmente maior do que qualquer outro tratado, com excepção do de Versailles. Na Inglaterra, nos dominios da Corôa e entre os aliados o acordo tinha sido recebido não só com satisfação mas tambem com prazer e esperança no futuro. Disse que o acordo não poderia ter sido realisado se não tivesse existido entre todos os membros da delegação ingleza a maior harmonia. Por outro lado a delegação irlandeza desejava a paz e conseguiu o seu fim. O acordo representa a para Irlanda um «controle» completo sobre os seus negocios internos sem a interferencia de qualquer parte do Imperio.—(R.)

O discurso de Lloyd George

LONDRES, 15.—A proxima sessão do Parlamento foi fixada para 31 de Janeiro proximo. Lloyd George falou durante hora e meia na Camara dos Comuns, explicando que a liquidação do problema irlandez viria aumentar o prestigio do Imperio.

O Parlamento do Ulster foi prorogado para 21 de Fevereiro.

Em Dublin, o debate no «Dail Eireann» provocou fortes discussões entre De Valera e Collins.—(R.)

Noticias de toda a parte

O auxilio da America aos famintos russos

WASHINGTON, 15 — A Comissão dos Negocios Estrangeiros do Parlamento deu parecer favoravel ao donativo de vinte milhões de dollars destinado aos famintos da Russia. —(R.)

A rainha Victoria regressou a Madrid

MADRID, 15 — Procedente da Anusluzia chegou a esta cidade a rainha Vitoria, depois de ter percorrido naquela provincia todos os capitais onde se encontram soldados feridos na campanha de Marrocos.

Foi-lhe feita uma grandiosa manifestação de simpatia á sua chegada a Madrid. —(R.)

Um novo tipo de aeroplanos

WASHINGTON, 15 — O almirante Sims, que comandou a frota americana durante a guerra, interessa-se actualmente pela aviação, tendo comunicado ao inventor Edison e ao fabricante Ford os seus planos sobre um novo tipo de aeroplano que segundo consta excederá em perfeição todos os outros inventos aereos.—(Lat.-Am).

O "TIMES" E PORTUGAL

LONDRES, 15.—O «Times» no seu artigo editorial desta manhã diz que a idea em que está a imprensa portugueza de que a imprensa ingleza levantou uma companha de calumnia contra Portugal é falsa. Temos uma estreita amisade pela nossa mais antiga aliada e conservamos a lembrança do reconhecimento pela sua participação na guerra. Diplomamos a sua situação presente, desejamos ardentemente ver o espirito nacional de Portugal afirmar-se capaz de dar ao seu povo industrioso a oportunidade do desenvolvimento pacifico que tanto carece.—(H).

Na Assistencia Publica

Posse do novo Provedor, sr. Julio Roxo

Perante uma numerosa assistencia de amigos e admiradores tomou hoje posse ás 17 horas do cargo de Provedor da Assistencia Publica o sr. Julio da Silva Roxo.

O sr. Roxo foi saudado pelo sr. Jaime Moreira Lopes e por outros personalidades de destaque.

O governador civil de Castelo Branco fez-se representar pelo sr. Moreira Lopes.

O incidente do Ministerio do Interior

Segundo nos consta vai ser concedida uma licença ao sr. dr. José da Silva Fi deiro, chefe de repartição e director geral interino da administração politica e civil, até ser liquidado o seu incidente com o primeiro oficial sr. Gonçalo Figueira.

A fim de proceder a uma sindicancia, aquele caso, foi convidado o juiz de investigação criminal em Setubal, sr. Miguel Homem de Sampaio e Melo.

Porte d'Arma

Mais uma vez foi superiormente determinado que estas licenças só possam ser tiradas pelas residencias dos seus possuidores, sendo consideradas nulas e cassadas as que forem concedidas pelas Administrações dos Concelhos ou bairros, que não sejam as das residencias dos interessados.

O sr. Harding leu o seu discurso anual ao congresso

WASHINGTON, 15 — O presidente Harding leu a sua mensagem anual no congresso, numa sessão mixta de representantes da camara dos deputados e do senado.

A mensagem apenas se refere aos problemas internos dos Estados Unidos e aos planos economicos do governo.

A certa altura da mensagem o presidente diz que é muito provavel que a conferencia do limite dos armamentos termine os seus trabalhos satisfatoriamente para todo o mundo, e que é consolador poder afirmar que não só os Estados Unidos estão livres de qualquer ameaça como tambem aumentam todos os dias as probabilidades de uma paz permamente. — (Lat. Am).

Reuniram os deputados espanhoes

MADRID, 15.—A's quatro horas e meia da tarde de ontem reuniram-se os deputados de Hespanha que realisaram a sua primeira sessão para tratar das fazendas provinciais e das pautas alfandegarias.—(Lat. Am).

Uma conferencia de Romanones

MADRID, 15.—O conde de Romanones teve uma larga conferencia pelo telefone com o presidente do congresso. Aquele ilustre politico crê ser acto de patriotismo apoiar o governo, até ao mez de abril. Julga-se que esta resolução obedece á promessa que lhe fizeram de o chamar ao poder naquela epoca.—(Lat. Am).

Politica internacional

O que significa a «entente» sobre o Pacifico

Para compreender o significado e a importancia da quadrupla «Entente» do Pacifico que se acaba de fechar em Washington, é necessario recordar qual o objectivo principal da conferencia; em seguida torna-se indispensavel refrescar a memoria, recorrer ao «mapa-mundi» e recordar o que noutros tempos aprendemos nas aulas de geografia.

Que desejava conseguir o governo americano convocando a conferencia de Washington? Na sua essencia, o seu desejo era prever ir o perigo de uma guerra entre os Estados Unidos e o Japão, a proxima guerra que tantos projectos já anunciavam.

E que era preciso para evitar um conflito que toda a gente previa? Em primeiro lugar, pensou Mr. Hughes, deter o aumento dos armamentos. A experiencia do periodo que decorre de 1871 a 1914 é concludente a esse respeito. Quando as grandes potencias começam a rivalisar, logo uma aumenta o numero dos seus regimentos dos seus canhões, dos seus navios de guerra e a rival faz precisamente a mesma coisa.

Sabemos como isto acaba: chegam a um dia em que passam á vias de facto.

Havia tres estados que disputavam o dominio dos mares. Os Estados Unidos, a Inglaterra e o Japão puzeram-se de acordo para paralisar as suas construcções navais e assentaram em uma proporção fixa as suas forças proporção expressa na formula 5, 5, 3, a qual durará dez anos.

Mas esta redução e estabilisação de forças navais não são suficientes para impedir a guerra. Observar-se e com razão que é possivel baterem-se com os armamentos limitados e baterem-se até melhor.

De resto se duas das potencias que adoptam este estado de coisas se unis sem contra a terceira, uma especie da aliança anglo-japoneza, a proporção 5, 5, 3, daria 5 + 3 contra 5. Era necessario pois que a aliança anglo-japoneza fosse dissolvida e era este o segundo ponto de vista do presidente Harding e de Mr. Hughes.

Um problema difícil

Ora isto é muito mais difícil. Primeiro era humilhante para o Japão e para a Inglaterra romperam a sua aliança por imposição dos Estados Unidos. Depois se é relativamente facil assegurar por um «contrôle» mutuo que a redução dos armamentos tem sido observada, que os navios teem sido destruidos, que não foram construidos outros, como se pode ter a certeza de que uma aliança se rompeu e liquidou de vez e sobretudo que ela não renascerá.

De todas estas necessidades, sentidas melhor do que expressas, saiu a «entente» do Pacifico. Era preciso, contra a probabilidade de uma aliança numa outra garantia alem do desarmamento naval Era necessario, numa palavra, substituir a aliança anglo-japoneza por um «convenio» honroso para todas as partes.

E' por isso que se torna indispensavel olhar o «mapa-mundi» e recorder o que aprendemos de geografia. O que separa os Estados Unidos do Japão? Primeiramente, partindo da costa americana, uma vasta extensão de agua. Depois, para deante, ilhas e arquipelagos, uma infinidade de ilhas e arquipelagos. Se os Estados Unidos e o Japão guerreassem algum dia os seus navios perseguir-se-hiam ali! E' ao mesmo tempo a posse dessas terras, algumas delas vastas como continentes e outras, não obstante a sua pequenez, bases importantes, que podiam fazer levantar disputas. Neutralizar esta soma intermediaria, fazendo da Oceania uma nação neutra, tal é o resultado pratico que a «Entente» do Pacifico pretende atingir.

Esta «entente» é quadrupla, porque ha uma outra coisa a considerar. Todos estes ilheus, todas estas ilhas que formam como que uma via lactea oceanica pertencem a diversas potencias. Ha uma confusão extraordinaria de soberanias. Ao acaso das navegações, das descobertas e das conquistas, cada um fixou o seu pavilhão onde pôde. A Blynisia, a Melanisia, a Micronesia, são um maravilhoso quebra-cabeças geografico. Sabeis porventura que Toutvoila era americano, Chesterfield francez, Hermadee bretão e Choiseul inglez, como Bongainville era alemão?

Para a manutenção da tranquilidade no Pacifico

Não sómente o Japão e os Estados Unidos, mas tambem a França, sem falar da Holanda e mesmo Portugal têm interesse em manter a tranquilidade no Pacifico e nos mares visinhos. So rebentasse uma guerra nestas paragens quantas inquietações! quantos desastres!

Todas as nações estariam envolvidas porque todas as suas colonias estariam em perigo. E' pois preferivel que cada estado garanta os suas propriedades.

Eis o que realisa em toda a latitude possivel para vontade humana o que representa a quadrupla «entente» em que a França ocupe um logar. E' ela, no mesmo tempo uma situação consideravelmente esplendida para o caso do neutralisação, obrigado assim contra surprezas e surprezas de quaisquer inimigos. Os americanos que conheciam as intenções de Harding e Hughes tinham razão em dizer que a conferencia de Washington devia chamar-se a conferencia do Pacifico com muito mais razão do que a do desarmamento.

A missão desta conferencia não está terminada porque é natural que os seus membros se separem sem resolverem questões bem mais complexas, como os da China.

Mas entre os Estados-Unidos e o Japão, cujo conflito estava previsto desde á muito, levantou-se uma barreira. Certamente a barreira não poderá resistir a um «drecedumght», felicissimos, enfim, os habitantes do Japão a quem as maiores potencias do mundo prometem a paz eterna... por dez anos!

ULTIMA HORA

A crise politica

Fala o sr. Lopes de Oliveira

O sr. dr. Lopes de Oliveira, a quem já apelidam de «leader» dos outubristas» moderados, dirigia-se ontem para o ministerio do Interior quando, proximo ao o Calhariz, abordámos e lhe fizemos esta pergunta:

— Diz-se que fôra v. ex.ª quem indicara, na ultima reunião efectuada pelos «outubristas» no ministerio do Interior, o nome do sr. Cunha Leal para formar ministerio?

O sr. dr. Lopes de Oliveira estaca a meio do passeio e exclama:

— Garanto-lhe que isso é absolutamente destituido de fundamento, embora alguns jornais se tivessem feito éco desses boatos.

«Eu não apresentei nem jamais apresentarei nomes para o desempenho de semelhantes cargos, pois de modo algum quero tomar um lugar de destaque em qualquer situação politica.

«E a prova do que afirmo está na recusa que fiz ao convite para gerir a pasta da Instrução num novo ministerio.

— Mas não foi então v. ex.ª?...

Energicamente, o sr. dr. Lopes de Oliveira evita a nossa pergunta:

— Repito-lhe que não, meu caro jornalista. Foi o sr. Camilo de Oliveira quem nesse reunião lembrou o nome do sr. Cunha Leal para formar gabinete, mas isso não constituiu mesmo assunto de discussão, pois logo varias vozes atacaram a escolha.

— Mas cremos que grande parte dos outubristas «moderados» aceitariam bem o nome do sr. Cunha Leal...

O sr. Lopes de Oliveira sorriu, dizendo:

— Agora já não existem «moderados» nem «radicais», pois todos se uniram para a solução da momentosa situação politica.

«Em seguida á reunião feita no Ministerio do Interior e'á exposição que eu fiz da gravidade do momento, todos concordaram nessa união tão necessaria como digna.

«De resto só assim se poderá evitar um gravissimo movimento revolucionario, acentuadamente militares, e v. sabe os resultados que dai podiam advir.

«Foi isso justamente que eu procurei evitar, tentando estabelecer um acordo entre os elementos revolucionarios e o governo do sr. Maia Pinto, tanto mais que eu sabia que procedendo assim corresponderia aos desejos da Nação inteira, farta já das constantes revoluções que nos teem levado a este apuro.

—E ácerca do Ministerio a organisar?...

—Nada sei, por emquanto. Apenas lhe direi que a lista dos ministros publicada na «Capital» de ante ontem era justamente aquela que foram indicados pelos outubristas.

—E para ministro das colonias?

—Ah! sim, o jornal não publicou o nome desse, e fez bem, porque parece que não correspondia aos desejos dos revolucionarios.

—Quem era?

—Creio que o sr. Santos Monteiro.

E ficou por aqui a nossa palestra.

Greve dos estivadores do porto de Lisboa

Declararam-se hoje em greve os estivadores do Porto de Lisboa, não saindo portanto os vapores que estavam surtos no Tejo.

Crise ministerial

A solução Cunha Leal, se fôr viavel, deve ser completamente conhecida amanhã

O sr. Cunha Leal fez hoje visitas varias, no sentido de organisar o seu ministerio.

A meio da tarde dava-se como assente que o sr. dr. Rocha Saraiva, lente da Faculdade de Direito, assumiria a gerencia da pasta da Justiça e que o sr. Victorino Guimarães seria, efectivamente, o novo ministro das Finanças.

Segundo se afirmava em certos meios politicos, o sr Cunha Leal ver-se-hia forçado a declinar a missão de organisar ministerio, porque contra ele se pronunciaram elementos de influencia do outubrismo. O que apenas podemos averiguar é que, efectivamente, os outubristas radicais, rejeitam um gabinete Cunha Leal, inclinando-se a favor da chamada ao governo do sr. Mesquita de Carvalho. A ser assim, o ministerio teria, aproximadamente, esta organisação: Presidencia e Justiça, Mesquita de Carvalho; Interior o Marinha, Procopio de Freitas; Finanças, Orlando Marçal; Guerra, Tavares de Carvalho; Colonias, Julio Martins ou Santos Monteiro; Trabalho, Borges da Castro; Agricultura, Afonso de Macedo ou Camara Pestana e Instrução, PeresTrancoso.

Indicava-se o sr. Armando de Azevedo para Governador Civil de Lisboa, mas esta noticia não era confirmada geralmente, antes energicamente desmentida. Parece que, na realidade, continuaria a ser chefe do districto de Lisboa o sr. Falcão Ribeiro, caso vingasse a solução ministerial Mesquita de Carvalho.

Alguns amigos do sr. Peres Trancoso puxham hoje, abertamente, a candidatura deste ilustre nomem de Estado para a presidencia do novo governo. Parece que houve, a tal respeito, uma conferencia com o sr. Maia Pinto, mas o certo é que tal candidatura não nos parece ter a menor viabilidade.

❖ ❖ ❖

Os outubristas radicais tinham uma assembleia aprazada no teatro Apolo, mas viram-se forçados a realisa-la no Centro Antonio Maria Batista, por lhes ter sido negado o teatro. No centro reuniram-se, efectivamente, duas centenas de revolucionarios, partidarios quasi todos dum ministerio Mesquita de Carvalho e adversarios formaes da solução Cunha Leal.

Os politicos que, de mais destaque, compareceram foram os seguintes, entre outros: Orlando Marçal, Vasco Fernandes, Virgilio Rocha, Antonio Guimarães, Veloz Caroço, Afonso Monteiro, Magalhães Ferraz, Leopoldo Alves, Henrique Vagueiro e Firmino Alves. Entre a assistencia viam-se alguns oficiais e praças de pret, do exercito e da armada.

Ultima informação ácerca da reunião dos outubristas da esquerda

A discussão travada na assembleia outubrista realisada no Centro Antonio Maria Baptista, terminou pela aprovação duma proposta, apresentada pelo sr. Martins Vaqueiro, a fim de que se nomeie uma comissão que va ao sr. Presidente da Republica pedir-lhe a nomeação do ministerio Mesquita de Carvalho.

A assembleia encarregou dessa missão os srs. Orlando Marçal, Antonio Gaimarães e Antonio de Souza Almeida.

O espirito que presidiu á assembleia foi manifestamente favoravel ao emprego de todos os meios para impedir que o sr. Cunha Leal organise governo.

Produziram-se alguns discursos duma violencia extrema.

TEATRO

João Lopes

E' um actor que honesta e probamente sente a sua arte. No momento em que toda a gente se julga com aptidões para subir depressa, João Lopes vai singrando com toda a segurança, dando-nos sempre verdade — que é arte — nos papeis que interpreta.

Nota do dia

Nestas colunas já por diversas vezes se tem abordado a crise financeira que avassala os nossos teatros. Ha porem um outro aspecto que não deixa de ser alarmante e que largamente contribue para agravar a situação das empresas que é, em ultima analise, a situação de todos os que trabalham a dentro dos bastidores.

Referimo-nos á abundancia de companhias que pululam pelas provincias á falta de casas de espectaculo em Lisboa onde possam apresentar se.

O numero de artistas não deve ter aumentado de tal forma que explique o caso, como desaparecimento do Teatro da Trindade não justifica. Antigamente os grandes artistas juntavam-se para formarem os elencos harmonicos que nos deram saudosas noites no Nacional e no S. Luiz. Nesse tempo ninguem julgaria possivel não haver em Lisboa um teatro de farça ou baixa comedia como resava a tradição do Ginasio; não se explicaria a disseminação de Silvestre Alegrim á frente duma companhia sem outro nome senão o seu e a de Maria Matos—sem Silvestre Alegrim.

Contudo ambos lá estão pela provincia, parando aqui e ali, numa peregrinação que não pode de modo nenhum auxiliar, melhorar ou completar a formação artistica de qualquer actor ou actriz.

Amiudadas vezes se diz que ha poucos teatros em Lisboa. O que ha são poucos «artistas» nos teatros de Lisboa.

Ha frente de cada companhia está um nome. Isto não é exagero, embora se possam apontar exceções.

Aos desconhecidos entregam-se papeis para que eles não tem força e que forçosamente hão-de fazer mal. Estragam o papel, prejudicam a interpretação geral. Ninguem que entra para o teatro quer principiar «pelo principio». Vejamos o que exigia Augusta Rosa dos seus discipulos; lembrem-se de Robles Monteiro. Os papeis insignificantes que ele fez; como ele hoje representa com «consciencia!»

Esta nota, sem ser assinada pelo habitual e ilustre cronista, manifesta apenas a maneira de ver pessoal de quem a escreve. Para o bom exito das empresas torna-se necessario elencos harmonicos, aptos a representar qualquer peça sem falhas. Doutra forma a crise continuará.

X.

Noticiario

Portugal

O «Diario de Noticias», desta manhã, ao mesmo tempo que anunciava para hoje a première da peça «Emigrantes» no Politeama, anunciava, linhas abaixo, que a Zazá subia á scena no mesmo teatro no dia 22 deste mez.

Estando nós a 15, vê-se daqui que o noticiarista, ou o seu inspirador, determinava antecipadamente o numero de representações que o original portuguez que hoje se estreia, devia dar; e é de justiça dizer que não se alargava no calculo: 7 récitas o maximo.

Mas como é de uso não retirar de scena um original sem que dê quatro «perdizes» consecutivas—quer dizer, quatro noites de prejuizo—chega-se a este dilema:

E' que a Empreza está disposta a cortar a carreira duma peça portuguesa mesmo que esteja em sucesso; ou que esta, de antemão, a anunciar o fracasso duma obra que ela propria escolheu para o seu reportorio, sem que ninguem lh'o pedisse.

Tratando-se dum original portuguez dum «novo» que se estreia, é decerto para extranhar esta atitude, que não é, verdadeiramente, animadora para a Arte dramatica nacional...

AGENDA DA SEMANA

HOJE.—Primeira representação da peça «Os Emigrantes» no Teatro Politeama, para estreia, como autor dramatico de Tito Arantes.

Amanhã.—«Reprise» no Eden Teatro da revista «Tic-Tac».

BÔAS NOITES, MINHA SENHORA

CARTAS A CLÓ

Minha Cló. — Ainda não falámos desse Landru de que todos teem falado tanto menos as mulheres.

Já reparaste que logo que se toca no assunto, ha em geral, um grande silencio, na parte feminina do auditorio? Porque será? não haverá nenhuma psychologa que analise o facto e nos dê parte das suas observações.

Será terror, saudade indefinida pena inconfessada de não o ter conhecido, atração do abismo ou sentimento vago de vaidade que nos faça pensar: «Ah, se me tivesse conhecido, «a mim» não me mataria eu faria com que me amasse tanto, ou então será desejo femenino de o regenerar?

Porque, é um facto inegavel, toda a mulher tem no fundo da alma o anceio da regeneração; só assim se compreende a ternura invencivel o de todas as epocas que ela sente pelo estroina e dissipado.

Pegamos num romance, numa historia, numa crónica, nunca vemos a mulher curvar-se terna; carinhosa, a adoradora sobre o homem serio e cumpridor do seu dever; não, o coração só palpita desordenado e ardente, por aquele que a fez sofrer, lhe prefere outras, se ele a atrae; primeiro porque acorda a necessidade de proteção material; precisa de nós para o defendermos dos acusadores depois—é uma alma a salvar e enfim era uma tão grande gloria ser o ultimo dos amores dessa vida, vencer todas as outras que nos precederam!

Onde eu já estou, voltemos para Landru e deixa-me dizer-te em confidencia quando se fala neles. Não é grave, é, apenas estupefação.

Tem barbas, é calvo e despertou tanto amor! Eu, que adoro no homem a face glabra e que, quando gosto de alguem, passeio imediatamente os dedos pelos seus cabelos, posso lá compreender que um calvo e um barbudo inspirem amor!

Ao pensar nisso sinto um grande prazer pois se os barbudos e calvos portuguezes, cheios de inveja e de emulação da celebridade de Landru e lembrando-se que por cá não ha pena de morte, se dispõem a preparar grandes fogachos crematorios, estou segura que não serei victima; para me afogar prefiro as ondas das cabeleiras ás das barbas e para mais estou desconfiada que as barbas influem sobre os figados, prejudicando-os.

Adeus, penduro á tua porta, em despedida, o aviso: «cave» barbas e calvicie. Tua

TANAGRETTE.

HIGIENE DA BELESA

Para fortalecer os cabelos das creanças é muito bom este preparo:

Oleo de amendoas doces 100 gramas, Alcool puro 25 gramas, Tintura de cantaridas 2 gramas, Essencia de bergameto 15 gotas.

Friciona-se a cabeça de forma a fazer penetrar o liquido na pele. Agite-se o preparo antes de o empregar a fim de misturar o oleo que vem naturalmente sempre á superficie.

E' preciso renovar este liquido com frequencia porque o oleo de amendoa doce rança depressa, não é conveniente, por isso, fazer porção maior á que vai aqui indicada.

FRIOLEIRAS

Uma senhora do meu conhecimento que dá lindas festas, está pensando em realisar uma muito curiosa.

Chama-lhe ela, «dança das cores»; consiste em mudar constantemente, por meio de um aparelho qualquer, a côr da luz que ilumina as salas. Os tons serão pouco mais ou menos estes: rosa, esmeralda, jade, lilaz, roxo e uma mistura de preto, branco e pardo.

Será muito bonito e original, mas não vou lá e aconselho a todos do meu conhecimento, que façam o mesmo, olhem que se a luz côr de rosa nos faz mais bonita, a esmeralda e o roxo devem ser terriveis, especialmente para as mulheres que já não estão na primeira mocidade e então aquela mistura de branco, preto e pardo!

O amor á originalidade tem limites.

CONSELHOS PRATICOS

Cravos contra traças

Continuo na minha cruzada contra a nefetalina que empesta as casas. Não aterrorisem, oh, donas de casas, os narizes dos vossos respeitaveis maridos, com a nefetalina! ponham em toda a roupa, cravos da India, assim terão um cheiro agradavel e afugentarão as traças.

MODAS

Ideias velhas

Ao lado da elegancia faustosa veem-se vestidos simples e faceis. A moda atual presta-se imenso a mil arranjos faceis e bonitos dos vestidos do ano passado.

Como a feição que quiz dar á minha secção tomasse, de tratar muitos assuntos diversos, não me permita pôr figuras que ocupariam demasiado espaço, vou-lhes descrever tres figurinos que tenho sob os olhos. Como se usam agora os vestidos mais compridos, podem-se aumentar os antigos por meio de barras de pele, ou para as pessoas mais modestas, de veludo.

A's toilettes de crepe marroquino da estação passada, fitas de veludo ou tafetá, darão uma aparencia mais invernosa.

Para fato de luto o meu jornal de modas aconselha alargarem-se as saias antigas com folhas de crépe, nos lados.

ARTE DA COSINHA

Sopa de almondegas de farinha

Batem-se dois ovos e junta-se-lhes uma porção do tamanho duma noz de manteiga derretida, farinha e um pouco de sal. A massa não deve ficar muito espessa, fazem-se umas bolas com ela e cozem-se em caldo.

MEDICINA CASEIRA

Contra o envenenamento por cogumelos

Quando se dá esse caso deve-se chamar sempre o medico, mesmo que o envenenamento pareça benigno, mas enquanto não vem é conveniente dar-se imediatamente um laxante, magnesia ou oleo de ricino, e pôr-se cataplasmos laudanisados para diminuir as dores, e dar ao doente muito leite, tisanas de escalracho e de pé de cerejas.

Quando ha tendencias a sincopes, chá ou café forte produz bom efeito.

Os vomitorios são inuteis na maioria dos casos, e prejudiciais em alguns por aumentarem a dôr. Nos casos em que se torne necessaria a lavagem do estomago o medico a fará.

PENSAMENTOS

A amizade é o fio de oiro que prende os corações em todo o mundo.

JOHN EVEDLYN

Chora as tuas lagrimas, não peças a ninguem que morra ou sofra por ti.

SARA PIATT

Se todos os que não obtivessem o seu desejo morressem, quem viveria?

PUYSEGUR

SPORT

Dr. Salazar Carreira

Partiu acompanhando a equipe, portugueza para Madrid, o nosso amigo dr. Salazar Carreira.

Sportman de elite, aliando a profundos conhecimentos, uma boa vontade, Salazar Carreria ocupa, por direito no sport nacional um logar de destaque.

O nosso colega Os Sports, *conseguiu, que no numero de domingo, Salasar Carreira publique uma larga reportagem da viagem e da chegada a Madrid dos nossos compatriotas.*

Ciclismo

Parece que o premio de 10 mil francos que a «Academia de Sports» em França costuma anualmente dar, vae este ano ser entregue ao ciclista Poulani, que foi o primeiro que em «aviéte» voou 10 metros;

—Em Nice, a Camara Municipal ofereceu 10 mil francos, para se tratar duma grande reunião ciclista, a ter lugar em abril proximo.

Na reunião para as vitimas do incendio do velodromo do Parque dos Principes, e em que tomaram parte todos os ciclistas actualmente em Paris, o australiano Spears bateu todos os seus adversarios, mostrando que apesar de ter sido vencido no campeonato do mundo, é o melhor ciclista actual, em velocidade.

—Em Geneve, na Suissa, vai construir-se uma pista em cimento de 333 metros, debaixo da direcção do antigo ciclista suisso Castelein.

—Na China começa a haver certo entusiasmo pelo ciclismo, tendo ultimamente sido disputadas algumas corridas entre chinezes, e os soldados que fazem serviço nas legações.

O campeão chinez chama-se Li-ho-Chem.

—Na Algeria tambem a animação pelo sport ciclista é grande, havendo reuniões todos os sabados e domingos.

Entre outros ciclistas que teem tomado parte contam-se os nossos conhecidos Messori, Elegard e Spears.

Automobilismo

Em Lyon no canal de Jonage, fez-se a experiencia dum automovel, que anda pela estrada, e que com uma pequena transformação, pode navegar num rio sem perigo.

Teem 4 cilindros, é de força de 11 cavalos e pesa mil quilos.

Luta

O turco Yousuf, vai encontrar-se com Zbysco, para o titulo de campeão do mundo de luta livre.

—Constant le Marin, venceu em Boston, um dos irmãos Zbysco, de nome Voldek, devendo agora encontrar-se com o outro irmão Stanislau para o titulo de campeão do mundo de luta livre.

NOTICIARIO

PARTIDA DO TEAM NACIONAL PARA MADRID

Partiram hontem da gare do Rocio os «players» portugueses, que vão defender as nossas cores, no «match» peninsular de «foot-ball»

A concorrencia de homens do «sport», a despedir-se do grupo era grande.

Que voltem cheios de gloria é esse o nosso desejo.

O FOOT-BALL NO BOMBARRAL

Realisou-se nesta vila um desafio entre as segundas categorias de Sporting Club de Portugal, de Lisboa, e Sport Club Bombarralense, ficando aquele vencedor por tres bolas a zero.

Esperava-se no Bombarral que a derrota do seu grupo fosse, maior, visto o grupo de Lisboa ser mais forte e conhecer melhor a tatica do jogo.

O Sport Club Bombarralense vai concorrer ao Campeonato de Foot-ball do Centro de Portugal, disputado em Coimbra, sendo o primeiro encontro no dia 15 de Janeiro proximo, com o Sporting Figueirense.

CASA PIA ATLETICO CLUB

Na Rua Victor Cordon, 30, 1.º, está aberta a inscrição para as classes de esgrima e ginastica, que funcionam neste club das 20 ás 23 horas.

50—Folhetim de «A CAPITAL» — 15 de Dezembro de 1921

ROCHA MARTINS

Spartacus

Romance das lutas proletarias em Roma

VIII

Um grande trovão ribombou; os relampagos fuzilaram os seus clarões azulados e Spartacus, sem mostrar desalento, disse:

— Eudoxio... bem vês que preciso de ti... Manda que se reunam as legiões... Que me aprestem o meu cavalo!...

Crixos ia dar um passo rapido para a porta o gigante tapava-a esperando uma decisão do chefe.

— Caminhas para a derrota!... levas-nos comtigo!...

Felux falava; o outro detivera-se ao mesmo tempo que á entrada da sala em nubio anunciava:

— Manda dizer Opalia, oh! Crixos! que tudo é prestes para o teu banquete de noivado!

Entrevia todo o prazer que lhe preparavam; Lavinia com o seu «flanchum» nessa parodia grotesca e tragica da boda; ele satisfazendo o seu capricho e a sua vaidade e tambem Manlio marchando para o sacrificio a ser pregado na cruz alta depois de o vêr recolher com a patricia ao logar da crasta onde assistia. Devia tudo áquela revolta que o outro queria tornar mais de canceiras que de gosos e, então, rindo sempre, satisfeito com o triunfo, perguntava a Spartacus:

— Queres meditar nas tuas resoluções?...

Era dono enorme audacia; o sangue fervia-lhe com o Falerno nas veias escandecidas. Um grande rumor prepassou sob a trovoada e era aquele grito, que começava num gemido e acabava num fragor de ondas revoltas esmagando-se entre os rochedos e o brado de guerra e de reunião dos legionarios.

Já ali não estava Eudoxio; Spartacus dera mais uns passos e descera a sua mão para o hombro do companheiro. Guardava uma serenidade terrivel mas nos olhos brilhava-lhe a colera:

— Não medito nunca no que firmemente tenho como um dever!

— Queres amargurar-me o prazer?

— Quero que ouças a justiça!

A resposta foi uma gargalhada rija, um encolher de hombros, um desdenhoso gesto:

— Talharam-te para consul e detestas tu o mando!?... Dentro em pouco será tarde porque eu tambem sei como responder-te!...

Felux avaliava, precisamente, a força de cada um deles. Dos quarenta mil homens do exercito revolucionario Spartacus não podia obstar a que, pelo menos, quinze mil, os celta-germanicos, seguissem o outro que lhes dava o direito de saque, não queria deles mais que a aventura e a pilhagem.

Quiz tentar uma ultima reconciliação:

— Mas porque se degladeiam quando seria facil entenderem-se numa amisade que para todos seria util e não daria a victoria aos poderosos?! Tu, Spartacus, não podes impedir a Crixos que siga para a Sicilia, por exemplo, a bater a gente de Verres — que segundo afirma o delegado dos escravos, vindo dali, partiu para Roma... Por outro lado tu esperarás os romanos com a legião nova que levantas-te entre os pastores... Eu fico comtigo porque melhor te entendo... Sei a historia velha que é igual á nova! Não gosto de fazer da vida uma aventura proveitosa... Vivi ao lado das riquezas e amei sempre as miserias... Fui a lagarta da terra e ajudei a voar os que pairam sobre as aguias... «Vale», Spartacus!... Combinem-se assim e quem sabe se deste entendimento não falarão os seculos?! Quem sabe se do que fizermos neste inverno do ano 682 não virá a felecidade do mundo?...

— Não... falecer-me-hia coragem... Seria uma aliança, não com um exército mas com uma turba de bandidos... Quando trato com os piratas pago-lhes!

Acabara toda a possibilidade duma trégua. Rancorosamente o outro gritava:

— Insultas os meus homens! Ganicus, que eles o saibam!...

Ouviram-se os passos apressados do outro que ia sair e como o poeta quizesse detê-lo, o chefe ordenou:

— Deixa-o! Que o destino se cumpra!...

Ele passou como uma furia enorme pela via «principalis»; viu o cavalo magnifico de Spartacus relinchando sob a trovoada que ribombava, guardado por dois nubios; deparou com Emerencia assistindo á recolha das cinzas de Oenomaus. Metidas na urna de marmore deviam ser levadas, no carro de guerra, para o columbario que lhe destinava, numa terra que os romanos não calcassem, mal soasse a hora santa da liberdade. Só o deteve Opalia, de cabelos desgrenhados, a perguntar-lhe por Crixos, a boca esgarçada num riso:

— Tenho a presa... Tenho-a guardada! Homem de confiança comanda os vinte homens que a vigiam! E está linda essa Lavinia... Crixos vai tê-la; eu vou vingar-me emfim! O pai dela mandou matar Didia; o irmão assassinou Oenomaus!

Voltava-se para a estatua de Marte, que os romanos tinham deixado na beira do Crastos, vestida na luz dos relampagos e tornava no mesmo tom furioso:

— Pouco falta para que as rosas murchem!

— Sim... Vai festa que eles, os chefes, zangaram-se! Spartacus está pronto a separar-se de Crixos!

— Oh! Oh! E os romanos?! Não... não... é preciso que isso não suceda!

Voltava-se mas já não via Ganicus. Junto dela estava o delegado dos escravos sicilianos com a sua cabeleira ruiva, o rosto sardento incendiado a ouvir o seu regougar:

— Não... não... Que eu veja Crixos!

— Que se passa, mulher?! — interrogou o estranho com pressa. A seu lado Jarmelo, preparado para a jornada, dizia:

— Quando partes para a Sicilia? Anda... Viajamos juntos até ao porto!

— Não! — recusou ele com energia — Faltam-me ainda as ordens para os meus homens!

Soava o mesmo rumor das legiões; Crixos atravessava tambem rapidamente a passagem, depois de ter dito uma ultima vez a Spartacus:

— Se um dia precisar de ti que barre de lama a minha cabeça antes que te peça auxilio...

— Vai, desgraçado! — dissera-lhe simplesmente o outro escutando o ribombo dos trovões.

Sob aquela atmosfera pesada Spartacus montava o cavalo que relinchava alegremente, sacudira as compridas crinas e recebera num fremito nervoso a caricia da mão do dono.

Os soldados da guarda numidia que Eudoxio sempre lhes mandava nos dias solénes, avançavam lentos e logo se seguiam os oficiais que serviam o grande chefe.

Na vastidão do campo, onde os romanos tinham manobrado, a via «decumana» separava as legiões que geralmente formavam juntas. Os mais antigos centuriões romanos, ligados á causa dos escravos, seguravam os troféus de guerra desde a aguia de prata da legião, as insignias das «cohortes»; varas brancas de magistrados e signos de centurias elevavam-se na linha da ponte ocupada pelos mais dextros soldados. Ao longe resahiam as «velites» com as suas armas brilhantes, o arco e o escudo depois eram as «triari», vestidos a rigor com os despojos dos vencidos e a mancha dos auxiliares aos lados com os seus vasos de balas de chumbo nalgumas das quais se marcava o nome dos que se queriam atingir.

(Continua)

Colegio Vasco da Gama

T. das Freiras (a Arroios), n.º 2
TELEFONE, NORTE 2145

O mais bem situado de Lisboa. Campos de equitação e recreios. Educação esmorada. Optima alimentação. Todos os alunos do curso dos liceus, do curso comercial e de instrucção primaria propostos a exames pelo conselho escolar do Colegio, foram aprovados, tendo prestado brilhantes provas, e obtendo alguns as mais elevadas classificações. Pedir esclarecimentos aos directores.

P. Antonio Manuel da Silva Pinto Abreu, Dr. Luiz Gonzaga da Silva Pinto Abreu.

Instalações electricas
EM TODOS OS GENEROS
OLIVER LTD.—Rua da Prata, 250, 2.º—Telefone C. 1158.

Alberto Afonso

—— LISBOA ——
Postais ilustrados

TUBERCULOSE
NUCLEOCALCINA FORMOSINHO
Reconstituinte poderoso, scientifico e racional
PHARMACIA FORMOSINHO
Praça dos Restauradores, 18 — Lisboa

POLICLINICA DO ROCIO

Largo do Camões 19 (ao Rocio)
CLASSES POBRES—Tel 3747

Rins e vias urinarias — Dr. Comosso Saldanha, ás 10 1|2.
Medicina geral, doenças nervosas e electroterapia — Dr. Cancela d'Abreu, as 14 e 1|4.
Olhos — Dr. Henrique Roquete, ás 15.
Pele e sifilis.—Dr. Zeferino Falcão, ás 14 e 1|2.
Bocca e dentes—Dr. Amor de Melo; 10 1|2.
Medicina geral, coração e pulmões.—Dr. F. Martins Pereira, ás 15 1|2.
Cirurgia, doenças, das senhoras partos.—Dr. Luiz Ottolini, ás 15.
Ouvidos nariz e garganta. — Dr. Cordeiro Lobato, ás 14.

A JUVENTUDE

Remedio constituido com o suco de sete plantas medicinais: **Faz nascer** o cabelo ás pessoas calvas. **Cura** em pouco tempo a queda do cabelo e dá a este um extraordinario vigor. **Extermina** radicalmente a caspa em pouco tempo. **A Juventude** é sobretudo um remedio preventivo da calvicie.

Unico depositario:
DROGARIA DIAS
R. Fanqueiros, 842 e 344 Frasco 2$50 correio, 3$00. Todos frascos levam a assinatura do seu verdadeiro auctor *LUIZ ALBERTO DA SILV.*

Joalharia, Relojoaria e Ourivesaria
—— DE ——
JULIO REI, L.da
ex-empregado da *Joalharia Abreu*
Grande sortimento em joalharia, relojoaria e pratas por preços sem competencia
Antiga RELOJOARIA OLIVEIRA
30, Praça dos Restauradores, 31
(Palacio Foz)

—A casa que mais barato vende.—
—Ourivesaria e Relojoaria—
Temos sempre grandes sortidos de objectos que vendemos SO' PELO PESO e joalheria que vendemos com as maximas garantias.
VIUVA MARQUES—R. de S. Paulo, 20
—LISBOA—

Banco Nacional Ultramarino

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Fundos de reserva 26.000.000$

Assembleia Geral Extraordinaria

Por ordem do sr. Ex.mo Sr. Vice-Presidente da Mesa da Assembleia Geral, é convocada a mesma assembleia para em seguimento dos trabalhos da Assembleia Geral Extraordinaria interrompidos em 30 de setembro p. p., reunir no edificio do Banco, no dia 28 do corrente, pelas 14 horas.

Assunto: Circulação Fiduciaria nas Colonias.

Lisboa, 12 de outubro de 1921.
(a) Francisco Mendonça de Sommer.

A Urbana Portugueza

Fundada em 1888

Effectua seguros terrestres, maritimos, de cristais e gréves e tumultos.
Agentes geraes em Lisboa Eduardo de Noronha, Ld.ª Rua Augusta, 56, 1.º
Telefone 1536 C.

RELOGIOS —*A Maior Variedade*—
Ourivesaria e Relojoaria Confiança
... DE ALMEIDA, LIMITADA
Grande sortimento em pratas para brindes e joias
Rua dos Fanqueiros, 1 a 5 e 51 a 53

AZEITE

PURO DE OLIVEIRA
Finissimo para conservas e consumo

PEDIDOS A':
SOCIEDADE EXPORTADORA DE PEIXE, Ltd.
RUA DE S. PAULO, 20, 1.º

Novo Fanqueiro da Avenida

NETTO & CORREIA. Ltd.
Avenida Casal Ribeiro, 3, 5, 7 TELEFONE 2168 Norte
Exposição e Abertura da Estação de Inverno
Muitas variedades e grande sortido em todos os artigos da sua especialidade
RETROSEIRO, MODAS E CONFECÇOES
— GANHAR POUCO PARA VENDER MUITO —

REGALEIRA-CLUB

DANCING PALACE — Telefone 3238
VARIEDADES E CONCERTOS
Jazz Band - Tziganes - Diners - Concerts
SOOPERS TANGOS
Magnifico serviço de Restaurant
ROBERT NICOL—Danseur de L'APOLLO de Paris

INTERESSA A TODOS!...

QUEREIS conservar os vossos calçados pela aplicação de uma «Pomada» de absoluta confiança?

—Usai a INDIANA, incomparavelmente a melhor pelo seu brilho pelas suas esplendidas qualidades de conservação do cabedal e ótima apresentação em cores: **preto, amarelo, castanho escuro da moda — completa novidade.**

Marque déposée — INDIANA — Brillant sans rival pour la conservation des chaussures — La boite bien fermée

A' venda nos principais Armazens de Cabedais, nas boas Sapatarias do Paiz e no Deposito Geral:

A' PELARIA FINA
Casa de bons artigos em SOLAS, CABEDAIS, ATACADORES e mais especialidades destinadas á confecção do calçado de Luxo e Vulgar
de Policarpo Junior, Limitada
RUA JARDIM DO REGEDOR, 13, 15 e 17 --- LISBOA
TELEFONE C. 3223 — TELEGRAMAS: PELFINA — Agentes exclusivos de revenda para Portugal e seus dominios, Espanha e Estados do Brazil

Agua de CALDELLAS

Doenças do Figado e dos Intestinos
(entero-colite muco-membranosa e prisão de ventre)
DEPOSITARIOS:
BANDEIRA DE MELLO, L.DA
Rua Augusta, 75, 1.º e 2.º
Teleph. 2670C.

ULTRAMARINA — Efectua seguros contra todos os riscos
Rua da Prata, 108, 1.º
SINISTROS PAGOS ATE' 31 DE DEZEMBRO DE 1920 — Esc. 3.574.768$37

Antonio Casanovas Augustine, L.DA
CAMBIOS E PAPEIS DE CREDITO
57, 59, 61, RUA DO COMERCIO, 57, 59, 61

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS
LISBOA-PORTO
REPRESENTANTES EM PORTUGAL
DO
— BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL —
LISBOA — PORTO
R. do Ouro, 18 a 24 — 28, Praça da Liberdade, 29
Rua do Comercio, 136 a 140

SABÃO NACIONAL

Sabões — TEL. C. 2519

R. S. Paulo, 104, 1.º

Canetas com tinta
O que ha de melhor
PAPELARIA DA MODA
167 — Rua do Ouro — 169
LISBOA

Furunculos, diabetes, doenças da pelle e dos intestinos

Curam-se com
Fermento d'uvas Formosinho
Recomenda-se exigir o nome FORMOSINHO
FARMACIA FORMOSINHO P. dos Restauradores 18
LISBOA

RITZ-CLUB

ESMERADO SERVIÇO DE RESTAURANTE
— *Concertos todas as noites* —
VARIEDADES
Um dos restaurantes mais chics de Lisboa
Praça dos Restauradores, 27, 1.º

PIANOS Bechstein e outras marcas
Representante:
J. Heliodoro d'Oliveira
ROCIO, 56, 57 e 58
—A casa que mais barato vende—
— Ourivesaria e Relojoaria —
Temos sempre grandes sortidos de objetos que vendemos SO' PELO PESO e joalheria que vendemos com as maximas garantias.
VIUVA MARQUES—R. de S. Paulo, 200
— LISBOA —

som o CORTICITE
Estabelecimento EROLD, Ltd.
Rua dos Douradores, 7

Ourivesaria e Joalheria
J. J. NUNES
171 — RUA DA PRATA — 171

Dr. Lelo Portela

— Clinica medica-sifilis —
RETOMOU A CLINICA
— Consultorio —
Tel: C. 1883 — P. Luiz de Camões, 6

ASSIGNATURAS DE "Os Sports"

Portugal
6 mezes... 7$50
12 » ... 15$00
Estrangeiro
12 mezes... 30$00
Pagamento adeantado

Grande Café d'Italia

é sem duvida o café da moda
ALMOÇOS
serviço á la carte
— Rua 1.º Dezembro —

Simões Bayão
(Laureado pela Escola de Paris)
Doenças da bocca, cirurgia, prothese e ortodoncia
Largo de S. Paulo, 19, 1.º
Telefone 3078

Use Agua, Crême e Pó de Arroz "RAINHA da HUNGRIA"

e todos os productos da

Academia Scientifica de Belleza

que se encontra á venda nos seguintes estabelecimentos

Pharmacia Durão—Rua Garrett, 90.
Pharmacia Nascimento — Rua da Prata, 115 e 117.
Perfumaria Flôr de Liz—Rua Nova do Almada, 67.
José Feleciano Alves de Azevedo & C.ª—R. 1.º de Dezembro, 55, 65.
Pharmacia Avellar—Rua Augusta 22 a 27.
Silva Neves & C.ª—Rua da Prata, 229, 231.
Thomaz Mendonça, Filhos, Ltd.—Calçada do Combro, 43, 47.
União Commercial de Drogas, Ltd. —Rua Augusta, 105.
Perfumaria Paris—Rua dos Retrozeiros, 58.
Galeria Parisiense—Rua Garrett, 42
Eduardo Martins—R. Garrett, 4 a 11
Perfumaria Viuva Dias — Rua da Praça da Figueira, 40.
Camisaria Modelo—Rua do Ouro, 115, 117, 119.
Loja do Povo—Praça de D. Pedro, 87 a 92.
Brazil Elegante—Praça de D. Pedro, 7 a 9.
Farmacia Barreto — Rua do Loreto, 21 a 30.
Farmacia Silva Carvalho—Rua Eugenio Santos, 48 a 52.
Loja da America—Rua do Ouro, 206, 208.
Casa Africana—Rua Augusta.
Salão Mimoso—Rua Augusta, 232.
Neto Natividade & C.ª—Rocio.
Lopes & Maia, Ltd.—Rua do Ouro, 267 a 269.
Tátá & Rodrigues—R. Garret, 53, 55.
Farmacia Coelho de Jesus—Avenida da Liberdade, 5.
Carmona, Ltd.—Rua da Escola Politecnica, 253, 257.
Farmacia Ultramarina—Rua do S. Paulo, 99, 101.
Casa Santos, Ltd.—R. da Palma, 7-A
Retrozaria J. Fernandes—Rua dos Retrozeiros, 79 a 83.
Henrique Xavier & C.ª—Rua do Ouro, 253, 255.
«Au Bon Marché»—Rua da Assumpção, 45, 47.
Damião & C.ª—Rua Garret, 57, 59.
Camisaria Azevedo—Rocio, 34, 35.

Deposito geral para revenda
Academia Scientifica de Belleza
Avenida da Liberdade, 23-A
Telefone: 3641 — Telegramas: «Bellezas»

Sapataria Januario

O mais perfeito Calçado de Luxo
Sempre os mais chics modelos
MEIAS FINAS
— Telefone Central 5527 —
78 - Rua Santa Justa - 80
193 - Rua Arco Banderia - 195
Maquinas de escrever
ACESSORIOS, reparações garantidas —OLIVER, LTD.—Rua da Prata, 250, 2.º —Telef. 1158 C.

Banco Nacional Agricola

Soc. An. Resp. Lda.
SÉDE-R. de S. Julião, 188 e 190
LISBOA

Nos termos do artigo 8 e 13 dos Estatutos do Banco são convidados os Srs. accionistas a entrar com a importancia de Esc. 25$00 por acção, correspondente á 2.ª prestação do capital emitido, desde 15 a 31 de outubro corrente.

As cautelas representativas de acções devem ser apresentadas no acto do pagamento nos locais abaixo designados e nos correspondentes na provincia.

Lisboa, Evora — Banco Nacional Agricola
Lisboa, Porto, Chaves — Pinto & Sotto Maior

Pelo Banco Nacional Agricola
Os Directores
a) *Eduardo Fernandes d'Oliveira*
a) *Eduardo Correa de Barros*
a) *Joaquim Nunes Mexia*

ARTIGOS FOTOGRAFICOS
LUIZ ROSA
233 — RUA DA PRATA — 235

Prisão de ventre

E suas consequencias. Funcionamento metodico do intestino pelo LAXATIVO VEGETAL VERITAS. Infalivel e inofensivo, comprovado por centenas de pessoas que diariamente fazem uso dele. Preparado por Mendes & Braga, farmaceuticos.—185, Rua do Mundo, 135, Lisboa.—Telefone, 554.

Garlopas—Serras de fita 0,70 e 0,90 —Maquinas automaticas para afiar laminas de garlopa e plaina.
EM ARMAZEM
SANTOS AMARAL, Lda.
Rua da Palma, 225|9—LISBOA
Telefone C. 1580

FITA ISOLADORA
Branca e preta
15 m|m e 40 m|m (Fabricação alemã)
Ao melhor preço do mercado
SANTOS AMARAL, Ltd.
RUA DA PALMA, 225|9—Lisboa
TELEFONE Central 1580

Escola Berlitz

20-A, Rua do Alecrim
• Abrem-se brevemente •
— — novos cursos — —
• para principiantes em •
FRANCEZ :
: : INGLEZ
: : Já está aberta : :
: : : a inscrição: : :

Ventoinhas alemãs
110 e 210 volts
EM ARMAZEM
SANTOS AMARAL, L.da
Rua da Palma, 225|9—LISBOA
Telefone C. 1580

TIJOLO

PREÇOS SEM CONCORRENCIA
ENTREGA IMEDIATA
C.ª Ceramica de Telheiras
L. do Directorio, 4, 2.º

TABACARIA CENTRAL
90—Rua da Assunção—90
TABACOS—LOTARIAS—AGUAS REFRESCOS

AGUA DOS CUCOS

TORRES VEDRAS

A AGUA minero medicinal dos Cucos, unica no seu tipo em Portugal para o artritismo, reumatismo gotoso, rins e bexiga, tem além disso dado otimos resultados nas doenças das senhoras, utero e anexos.

A AGUA DOS CUCOS vende-se em toda a parte na linha de Cascais em Carcavelos, Parede, Monte-Estoril e Cascais.

Deposito geral ... 9-LISBOA.

Agua da Certã

A Agua minero-medicinal da Fez da Certã apresenta uma composição chimica que a distingue de todas as outras até hoje usadas na therapeutica.

E' empregada com seguro vantagem nas Diabetes — Dyspepsias — catarros gastricos putrido ou fermentarios—nas perversões digestivas derivadas das doenças infecciosas—convalescença das febres graves—nas atonias gastricas dos diabeticos tuberculosos, brighticos, etc.;—no gastricismo dos esgotados pelos excessos ou privações, etc., etc.

Mostra o exame bacteriologico que a Agua da Fez da Certã, tal como se encontra na garrafa, deve ser considerada como microbicamente pura, não contendo coli bacillo, nem nenhuma das especies pathogenicas que podem existir em aguas. Além d'isso, goza de uma certa acção ... O B. Typhico, Diphterico e Vibrião cholerico em pouco tempo n'ella perdem toda a sua virulencia. Outros microbios apresentam porém resistencia maior.

A Agua da Fez da Certã ... gazes livres, é limpida, de sabor ... vemente acida, muito agradavel como bebida para quer misturada com vinho.

Bénard Guedes
RAIOS X — DIATERMIA
RADIO
Tratamento do cancro
Calçada do Sacramento—10
Todos os dias ás 4 horas — Tel. C. ...

OURO E PRATA
MUITO MAIS BARATO
Só na OURIVESARIA
Correia, Moura, Pimenta, Ltd.
184 — Rua de S. Paulo — 183

Casa das malas

Fundada em 1887
Joaquim da Silva & C.ª (Filhos)
O maior sortimento em Malas, carteiras e artigos de viagem
Rua da Prata, 110, 112 e 114—LISBOA
TELEFONE CENTRAL 3716

Horta e Costa
Rins e vias urinarias
12, Rua da Trindade 12
Consultas das 2 ás 5
TELEFONE 2424

Papelaria Camões

Grande sortimento
— de —
objectos para pintura a oleo e aguarela

A. Guerreiro
Da Escola Dentaria de Paris
Operações insensiveis por ...
Dentaduras sem chapa
R. de S. Paulo, 26
(junto ao Arco) Telefone—22

Leitaria GLOBO
— DE —
Rocha & Coutinho, Ltd. Tel. C. 2169
R. Conceição, 68 e R. Correeiros, 1 e 3
Puro Leite *Especialidades em doçarias*
Serviço permanente de
— chá, café, cacau, torradas, etc. —

O Medico **Conceição e Silva, J.or**
—RETOMOU A SUA CLINICA DAS—
VIAS URINARIAS E DOS RINS
em 6 de Outubro—R. DO OURO, 141

Andrade & Pereira
Alfaiates
—
Novidades da Estação

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS
LISBOA-PORTO
Representantes em Portugal
— DO —
Banco Portuguez do Brazil
LISBOA
PORTO
R. do Ouro, 18 a 24
28, Praça da Liberdade, 29

Vinhos espumosos de Lamego
(CAVES DA RAPOZEIRA)
Reservas de finissimas qualidades
A' venda em todas as confeitarias e mercearias.
Depositario em Lisboa:
ARTHUR BENARUS
Telefone ... — Central
Poço do Borratem 2, 4.

TUBO BERGMAN
da casa Bergmann Elektricitäts Werke
9 m|m e 11 m|m
EM ARMAZEM
SANTOS AMARAL, Lda.
Rua da Palma, 225|9—Lisboa
Telefone C. 1580

OURIVESARIA E RELOJOARIA ATHAYDE
PREÇOS SEM COMPETENCIA
Grande sortimento de objectos de ouro, prata e brilhantes
Rua Fernandes da Fonseca, 1
Esquina da R. da Mouraria, 101 e 103

AZULEJOS telha, tijolos, etc.
Ceramica Mont'Argila "LGÉS"
Preços sem concorrencia
Agencia em Lisboa—Gilman Santiago, Lda.—L. S. Julião, 7, 2.º

MOBILIAS E ESTOFOS

Bizarro da Silva, Limitado
(Antiga casa Bizarro da Silva & C.ª)
Rua Augusta, 82, 84
e Rua dos Correeiros, 21, 23
Telefone C. 2538
Grandes descontos em todos os artigos

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

A corrupção veio vindo do Estado para o cidadão, das ante-camaras para as alcóvas. Começa-se sempre assim; corrompe-se a alma, corrompe-se por fim o corpo. Quando uma sociedade tem este aspecto politico, ela deve ter inevitavelmente este aspecto moral. Quer-se ganhar muito, gosar muito; o que se ganha em apetite, perde-se em dignidade.

João Chagas.

N.º 3954-12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º — LISBOA — Sexta-feira 16 de Dezembro de 1921 — Telefone n.º 2293 — Endereço Tel. CAPITAL — Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

A maior victima

Frequentemente se assevera que a provincia está indignada com Lisboa, porque a ela se deve a desordem em que este desgraçado paiz tem caido.

Não acreditamos que assim suceda, mas se tal estado de espirito real mente existe na provincia contra Lisboa, ela é absolutamente injusta.

Pretende-se apontar Lisboa como um algoz, e Lisboa é uma vitima. E' mesmo muito mais vitima do que a provincia da vaga da desordem, cuja responsabilidade lhe imputam.

Não foi na provincia, mas sim em Lisboa que se praticaram os horrorosos crimes de noite tragica, que envergonh... emquanto não forem castigados os seus autores, os seus comandantes ou os seus cumplices.

Não foi na provincia, mas em Lisboa que andaram as «camionetes» sangrentas arrancando creaturas indefesas dos seus lares, dos braços das suas familias, para traiçoeiramente, hipocritamente as conduzirem á morte.

Não é mesmo agora na provincia, mas em Lisboa que se premeditam novos atentados do mesmo genero se se organisar um governo que restabeleça a ordem, que cumpra a justiça, que restaure a lei.

A provincia é injusta com Lisboa. A capital do paiz é neste momento uma cidade martyr, onde o horror e a vergonha se espalham nos rostos de todos os cidadãos honrados e dignos.

Em Lisboa, ha perto de dois mezes, não se vive, agonisa-se.

O rodar dum automovel faz estremecer. O som duma campainha sobresalta.

Dir-se-ia que a morte paira sobre todos, envolve tudo, escurece a propria luz do dia com a sua aza negra e sinistra.

E' este o espectaculo caracteristico de todas as cidades curvadas ao jugo das facções, que, intimamente desorientadas, julgam que triumfam quando todos se amaldiçoam.

O que é espantoso é que esta cidade seja ainda amaldiçoada pelos que desejam restaurar tudo aquilo por que ela anceia: a paz que a deixe trabalhar, o direito que lhe garanta a existencia, a Constituição que lhe restitua a Republica, porque, pisada aos pés a Constituição, a Republica não vive já.

E' preciso que a provincia olhe para Lisboa sem a prevenção que está demonstrando. Exige-o a justiça, e é ao mesmo tempo da mais alta conveniencia nacional, porque desaparecerá o espectro da guerra civil. Para que ela fosse um facto, seria preciso que os sentimentos de Lisboa não fossem os mesmos que animam a provincia. São os mesmos, e talvez ainda mais vivos, mais ardentes.

Não! A calamidade da guerra civil é uma hipotese que urge pôr de parte. Lisboa e a provincia são o paiz que reage contra a tirania e contra o crime.

Uma canja de perú

Dizem os ultimos jornais de La Paz — chegados hoje pela telegrafia sem fios — que as tropas peruvianas transpuzeram a fronteira chilena. Estamos por conseguinte mais uma vez perante o facto contradictorio de duas nações que se amam tanto — que sentem a necessidade de se aniquilar. La Paz — neste momento — La Guerra. O eterno ramo de oliveira, simbolo da tranquilidade suprema, não floresceu este ano nas fronteiras das duas Republicas sul-americanas. E afinal, meus amigos, temos de reconhecer, com os chilenos, que os peruvianos são duma ama ilidade encantadora. Nem o senhor dr. Bernardino Machado. O natal aproxima-se; a tradicional ceia da meia-noite é ainda hoje, por toda a parte, uma doce ilusão — o Perú resolveu expontaneamente oferecer-se ao Chile para que o Chile tenha a honra de o trinchar á sua mesa, na ceia da meia noite. A guerra entre os peruvianos e os chilenos fica liquidada tranquilamente na peor das hipoteses numa canja de perú... Que o meu senhor não haver perus na Europa — que nos invadam as fronteiras!

Luiz d'Oliveira Guimarães

CROQUIS DE VIAGEM

Por terras já dantes viajadas...

XI - Ultimas impressões de Berlim

Os cobertores na Alemanha são muito curiosos. Não garanto que nas casas de familia sejam identicos, mas nos hoteis, quer em Berlim, quer em Dresden ou Munich tive de os aguentar assim. Um «edredon», nada mais natural; por baixo um lençol duplo. A' noite o «edredon» enfia para este lençol, em forma de saco que se abotôa e aqui temos o... cobertores. Não se pode dizer que não seja pratico; apenas tem o inconveniente, para as pessôas suficientemente compridas, de ao puxarem o cobertor para as orelhas, sentirem os pés a saltar para fóra.

Estava fazendo estas conjecturas quando reparei que havia meia hora carregava sem resultado no botão da campainha do meu quarto. Agarrome ao telefone para mandar vir o pequeno almoço e o malvado não dá sinal, nem ao menos responde ninguem. Ouço mesmo outros telefones e outras campainhas tocando pelos corredores. Semi-visto-me, e espreito pela porta. Ninguem. Inquieto-me. Torno a tocar. Ninguem. Torno a tocar. Ninguem. Exaspero-me. Por fim vejo um americanaço, gordo e a rebentar de vermelho pelo pescoço, hospede no 454 caminhando pelo corredor agarrado a dois jarros com agua.

E, por ali abaixo, até ao «hall» foi uma fartura de não ver ninguem. Era a greve dos empregados dos hoteis. O que me valia era a espectativa de partida no dia seguinte pois não me achava disposto a acarretar agua pelos corredores sem ganhar nada com o frete. Cá fóra em volta do hotel, passeando compassadamente vi-os, a minha creada de quarto, o «groom», o creado de mesa, de chapeus de côco e isto novo, cada um com seu letreiro respectivo pendurado ao pescoço onde se lia: Atenção. O pessoal deste hotel está em greve. Aquele que prestar qualquer serviço aos proprietarios é um traidor. Ao lado um policia, de verde, face prazenteira escolta-os... mas este sem letreiro.

Passo a manhã em «Chalothemburg» numa visita rapida á «Manufactura de porcelana» e á «Escola Superior de Ensino Tecnico» e de passagem a «Rathaus» e outros edificios publicos desta pequena cidade a um canto de Berlim.

O resto foi para as ultimas impressões. Berlim tem que ver para um mez. Só os museus! Não digo os de arte pictoral de que já falei mas todos mais que o prazer de metodizar e do catálogo dos alemães tem organisado com uma previsão e carinho dignos de imitar. Ele é o museu de artes decorativas, o museu oceanografico — o mais interessante que temos visto — onde embevecidos olhamos um padrão que D. João II foi semear lá ao fundo da Africa; o museu etnografico; o museu Hohenzollern no palacio de Mont-Bijou; o museu de antiguidades religiosas do «Marche de Brandebourg»; fóra todos os museus vulgares nas outras cidades, até a um curioso museu postal, onde figuram os modelos de todos os novos e antigos meios de comunicação entre todos os povos.

A cidade velha, para lá da ilha dos museus, tem curiosissimos pontos interessantes para o «tourista» e para o estudioso. A «Rathaus» — a Camara Municipal — é um apinhoado de tijolos com uma torre gigante, vermelha, onde, como numa caverna infernal, se abrem nichos para Guilherme I e Frederico I. Não sei o que lá se faz mas só lhes digo que os ilustres camararios não se contentaram com este enorme monstro de tijolo e já tem um anexo mais adiante — a «Stad house» — tambem colossal; e não sei que arquivar a correspondencia, com uma carris como a nossa.

A dois passos é a «Haupt post», o edificio dos correios, preciso, meticuloso, completo nos seus serviços. Depois é ali, as impressões do que passa sob os olhos, já que tropoi para a imperial dum «Kraft-omnibus». A «Berolina», é uma estatua de mulher, imponente, num gesto largo de braço. Quem é Berolina? Pergunto a quatro alemães, pergunto aos meus «ciceronnes»... ninguem sabe quem é a «Berolina».

Perto da Bolsa — uma bolsa sem cordões e vasta — o monumento a Lutero. E' imponente e bem original. Lutero, é em todas as cidades alemãs, a terceira divindade, depois dos imperadores e dos musicos.

Ha a grandiosa praça de «Gendarmenmarkt» cujo fundo é formado pela «Schauspielhaus» — o teatro Nacional de Comedia — ladeado por duas egrejas com cupulas e arquitetura igual; a meio, em carrara puro, Schiller dá as boas vindas aos novos autores dramaticos da Alemanha.

Para qualquer «promenade» de Berlim, que se vá «Wilmosdorf», «Neukölln», «Weissensee», a viagem leva tres quartos de hora e o preço são dois marcos. Para qualquer lado se encontra a mesma fisionomia arejada, higienica, as mesmas ruas muito largas, as casas claras com janelas floridas e tectos planos alguns brotando verdura. As praças são todas simetricamente arborisadas, e escondem sobre relvas os buracos da sua vida febril: o metropolitano e os «toilettes».

Fui até «Belle-Alliance Platz» em busca da «Coluna da paz» por onde desfilaram em «pas d'oie» as tropas que vinham das manobras. Nem «paz» nem sequer coluna; um buraco ao meio da larga praça para prolongamento do «Untergrunt» é o que encontro.

Dali pela Wilhelm-strass, uma rua grave, sem lojas, toda bordada de edificios luxuosos e ajardinados... os ministerios e as repartições publicas; rua soturna embora cheia de magestosas construções é um deserto e desagrado recanto da Berlim Central.

Ha ainda a um recanto afastado, sobre uma colina banhada pelo ribeiro pardo da «Spree», o parque de Tropwtol onde se pode passar uma hora agradavel. Aqui adormecem ao sol as crianças, os futuros cidadãos da republica alemã, nos carrinhos que são indispensaveis em todo o lar que tem crianças.

E toda esta «miudagem», vem de manhã até á noite, para o sol, um sol fraco, que lhes bate em cheio nas cabecitas rozeas bem viradas de frente ao sol.

No caminho para a estação de Anhalter encontro em «Koniggratzerstrasse», uma larga rua de circulação importante, ao pé de «Postdammerplatz», centenas de carrinhos de mão com bufarinheiros como os nossos. São estabelecimentos improvisados, onde se encontra de tudo; sabonetes, monogrammas, uma biblioteca ou um corte de fazenda; calçado, «bonets», papelaria a preços reduzidos, perfumarias baratas e roupas brancas para todos os destinos. Só o que não se encontra são guardanapos ou toalhas de mesa. Por toda a parte, hoteis ou restaurants, são de papel de seda, quando muito de papel plissado, ou copacto. De resto é de papel comprimido, que o viajante encontrará colarinhos, capas, punhos, até ceroulas e objectos ainda mais estranhos. Imitando, substituindo, estão os alemães ao seu... papel.

◆◆◆

No hotel recebo a conta. Duas pessoas, dez dias, com banhos, roupas lavadas, mil e duzentos marcos. Gorgetas... não dou porque não ha sequer um criado.

E' o proprietario que desce do 5.º andar com uma das minhas malas, e em outra. Chamo um trem, e digo ao cocheiro para vir ao «hall» do hotel buscar a bagagem. Não lhes conto nada; salta a comissão de vigilancia á desempostura ao «traidor» e ahi os vejo em conversa pegada, quasi passados a vias de facto. Os grevistas tomam o numero do velhote, este chama-lhes «mandriões», ameaça-os com o chicote, e o policia, sempre de verde, ri como um perdido do estado social em que se encontram as reivindicações do trabalho na sua patria. Mas intervir... parece que não é das suas atribuições.

Singro então pela ultima vez o «Tiergarten», envolto numa neblina fria que adensa a côr dos arvoredos. Passo em «Postdamer Platz» coalhada de gente, congestionada de carros e automoveis, digo adeus ás brasserias da boa cerveja, á afabilidade das gentes e ponho o credo na boca para o futuro.

A gare do «Anhalter», imensa monstruosidade do tijolo e vidro é simples e quasi elementar por dentro. Em tres movimentos, despejado das malas á porta, estou pouco depois sentado numa carruagem de 2.ª classe, ensanwichado entre dois pacificos «herren», que vão em negocio. E a marcha para Dresden começa.

ARMANDO FERREIRA

A SEGUIR:

XII — A Suissa Alemã ou a Allemanha do... suisses.

IMPRESSÕES DE TEATRO

Hontem, no Politeama...

OS EMIGRANTES, *Peça em quatro actos* — de TITO ARANTES

OS EMBIRRANTES, *Comedia em varios quadros de* — LUCILIA SIMÕES e TITO ARANTES

Representaram-se ontem no teatro Politeama duas peças; uma delas estreia de um novo que ha de ir ainda que falar de si, Tito Arantes, a outra velha e bem conhecida de quem vive na atmosfera de bastidores e que tem milhares de representações em todos os palcos do mundo.

Os espectadores não tem que queixar-se. Tiveram ontem, e pelo preço de uma só, duas representações. Mal terminava um acto da primeira, começava um quadro da segunda e o quarto desta ultima foi dos mais aniciar estes ultimos tempos.

Falemos rapidamente de cada uma das comedias, pois que, se bem que elas se tenham sobreposto, afinal nada tem que ver uma com outra.

◆◆◆

Os «emigrantes» de Tito Arantes são aqueles que saem da sua vida em busca de outra que lhes parece melhor. Como quasi sempre sucede aos verdadeiros emigrantes, um dia reconhecem que erraram caminho e procuram voltar para traz. Raros são os que encontram o primitivo lugar que não deveriam ter abandonado. A maior parte tem de regressar á segunda vida com a dolorosa amargura dos que se enganaram e não conseguem emendar o seu erro.

Tito Arantes, felizmente para ele, tem vinte e poucos anos. Conheceu a vida por ouvir dizer, deleite de que, mal grado seu, cada dia se irá emendando. Por isso, quer a acção, quer as figuras da sua peça, aliás interessante debaixo de muitos pontos de vista, são mais as ficções literarias que os vinte anos se engendram do que a gente de carne e osso e sua sogra que Tito Arantes ha de ir encontrando pela existencia, sofrendo, amando, odiando, vivendo emfim.

Um casal desunido tem um filho, cuja educação moral sofreu do desacordo de seus pais. Vivendo na companhia da mãe, com uma educação familiar incompleta ao ponto de faltar á pobre senhora esmola de cigarro na boca e de chapeu na cabeça — estará isto na peça, D. Lucinda Simões e sr. Calasans? — tendo relações com bailarinas espanholas, o que é pessimo para a saude como se sabe, rapta uma menina, filha de um negociante que adora a sua pequena e que, no final de um primeiro acto muito sofrivelmente delineado, vem reclama-la á pobre mãe, que ignora todo das intenções e decisões de seu filho.

No segundo acto estamos no solar da Beira para onde vinte anos antes os pais do raptor fugiram tambem, onde começou o doloroso romance de que fomos informados no primeiro acto e onde se encontram os dois fugitivos de agora.

As primeiras scenas desse segundo acto são destinadas a marcar — segundo nos parece — a futilidade de aqueles dois espiritos e numa serie de notações, umas vezes de um humorismo pueril, outras de uma sentimentalidade piegas, tal como a vida nos dá todos os dias, o autor quiz demonstrar-nos que a pobre menina fez muito mal em confiar a sua felicidade e o seu destino a um D. Juan daquela especie. O pae deste, que fez outr'ora a infelicidade da mãe, delibera intervir nesta reedição do eterno romance e surge na disposição de separar os dois fugitivos, de reentregar a filha tornada ao pae desolado, que a aceitara apesar do que se passou e prefere receber a sua filha manchada a sabe-la na companhia do raptor. Mas, encontrando uma creaturinha cheia de graça, de mocidade, de ilusões, amando com todo o ardor do seu coração e da sua carne resumes suid... o homem por quem abando nou o lar paterno, lembrando-se tambem da infelicidade que ele proprio encontrou na separação, muda de resolução e prefere fazer tudo para que aqueles dois seres se unam definitivamente.

De passagem, digamos, que este acto teve uma representação absolutamente insuficiente.

No terceiro acto, o pai da pequena não perdoou: mas os dois amorosos estão casados. Dois mezes são passados sobre a fuga, uma criança está para nascer e o filho, tão mal educado debaixo de todos os aspectos, seguindo os belos exemplos de seu pai, já recebe por «chasseurs» do hotel recados urgentes de outras mulheres. A pobre desposada está ao facto de tudo. Ampara a sua desventura na amisade da mãe do seu marido, a qual quizera ...dos de sofrimento decanta ... força de vontade suficiente para repelir todas as tentativas de reconciliação tentadas pelo pai do marido que chega a despedir definitivamente. A pobre creatura, que deixou tudo quanto ela ainda tem de bom e de ternura para o seu filho, e que o leve a

tencia dela ao facto de ter sido substituido no coração e no leito por um amigo da casa, emigrante de profissão, que passou muitos anos em Africa isolado e que, agora em Lisboa, desempenha as funções de amigo dedicado e respeitoso da pobre abandonada.

No fim do terceiro acto é o rompimento entre os recemcasados. Ela dá a escolher ao fantoche que lhe serve de marido entre ela, acrescida de um pequenino que vai nascer, e as suas aventuras mais ou menos canconetistas hespanholas. O fantoche não hesita, vai para a musica ligeira e as duas mulheres ficam nos braços doloridos uma da outra.

No quarto acto volta o marido prodigo, emendado diz ele, e isto quando, mercê da intervenção do amigo da casa, o pai, que vimos louco de dôr no final do primeiro acto, volta e perdôa á sua filha com a condição de que nunca mais se ouvirá falar no causador de toda aquela desgraça. Mas, por um lado o amor que a pequena tem ainda ao seu raptor, por outro a ideia de um netinho rosado e loiro, conciliam e reconciliam aqueles tres entes. O amigo da casa, que ofereceu com o seu nome a sua feição fiel e sincera á mão do rapaz malcasado, voltará para a Guiné, pois ela julga não dever nem poder aceitar o que ele tão comovidamente lhe oferece.

Eis a peça de Tito Arantes. Dos seus quatro actos, tres agradaram e sem favor, se atendermos a que se trata de uma obra de um autor que tem toda a vida deante de si para se emendar da sua natural indecisão no desenho das suas figuras.

Uma qualidade de Tito Arantes, que talvez a muitos escapasse, é o sentido exacto do ritmo do dialogo, indispensavel no teatro e que ele possue intuitivamente. Pela peça adeante e sem perder uma ocasião de o fazer, surgiam as notas de lirismo e de poesia, que são as naturaes flores de rhetorica dos vinte e poucos anos do autor.

Resumindo: foram os «Emigrantes» uma estreia muito aceitavel e que constituem um compromisso que Tito Arantes, sabem-no todos que apreciam o seu talento, ha-de galhardamente cumprir. O segundo acto, que na leitura é interessante, sofreu da sua representação que foi insuficiente e mal encaminhada. No restante, todos os artistas serviram o autor na medida variavel dos seus talentos e com uma boa vontade manifesta, devendo especialisar-se absolutamente Lucilia.

◆◆◆

A segunda comedia agradou-nos muito menos e nem sequer a ela nos refeririamos, se não houvesse, a nosso ver, um ponto de doutrina a fixar.

Por motivos que não vem a proposito, Lucilia Simões está zangada com Tito Arantes. E' um caso de todos os dias este de um desacordo entre intérpretes e autores. Em geral tudo se resolve a bem e sem se saber porquê, como em geral se não sabe também e ao certo como esses casos principiam. Sucede mesmo que é no palco e no caso de um sucesso que essas reconciliações se fazem quasi sempre. Hontem deu-se o contrario e assistimos ao espectaculo pouco divertido, pelo menos para nós, de vermos Tito Arantes e Lucilia, unidos pelo sucesso, pois o talentosissima actriz acabava de defender brilhantemente a obra do joven autor, negarem-se ostensivamente a partilhar em conjunto as ovações. Quando Tito Arantes entrava por uma porta, Lucilia retirava-se para o fundo, até que, no final, tendo Tito Arantes ido, a seu ver tardiamente, o gesto de ir ele proprio buscar Lucilia, esta, num meneio escondido, lhe recusou a sua mão e negou-se a acompanhá-lo á ribalta.

Ora é aqui que eu de... exporá minha doutrina. Autores e interpretes, na hora em que o publico os aplaude, pertencem ao publico e não teem o direito de lhe exporem as suas questões particulares. Quantas vezes artistas que não tem ou certaram relações pessoais veem de mãos dadas agradecer o premio justo que o plateia concede ao seu merito sem a sua interferencia, ignorante ou indiferente ás dos avenças particulares que dentro de bastidores os separam.

S... é certo que Tito Arantes com um pouco mais de habilidade podia ter evitado o gesto infeliz de Lucilia, verdade é tambem que, todos nós, amigos de uma e de outro, o devemos deplorar.

Um amigo de Tito Arantes, autor dramatico aplaudido, manifestou o seu desagrado a Lucilia pateando-a e acusando-a em voz alta de ter sido ...

a ribalta a dar ou pedir uma explicação. Um dos seus camaradas, julgando-a agravada pelo espectador, quiz agredir este, formaram-se imediatamente partidos, numerosos conflitos estiveram eminentes, a policia fez finalmente evacuar o teatro e assim terminou o quarto quadro da segunda comedia, que, repetimo-lo, se foi o gaudio de muitos, nos penalisou bastante, pois teria sido facil evita-lo com um pouco de complacencia reciproca por parte dos dois principais interpretes. E' de crer que, no mais proximo ensejo, Lucilia e Tito Arantes publicamente se reconciliarão e, tudo, acabando em bem, estará muito bem, como se não dizer-se.

ANDRÉ BRUN

MOMENTO POLITICO

O MINISTERIO

está organisado

Ultimas informações acerca dos incidentes politicos dos ultimos dias.—Projectou-se transferir o governo da Republica para Coimbra.—As eleições far-se-hão no dia 8 de janeiro, dizem os politicos mais categorisados.—A ordem publica e as disposições das forças armadas. — O sr. Cunha Leal irá até onde fôr preciso! —

Ao meio dia de hoje dava-se o Ministerio como definitivamente organisado, da seguinte forma:

Presidencia e Interior, Cunha Leal.
Justiça, juiz de direito Costa Gonçalves.
Finanças e interino do Comercio, Victorino Guimarães.
Agricultura, Mariano Martins.
Colonias, Rego Chaves.
Estrangeiros, Julio Dantas.
Trabalho, Alves dos Santos.
Marinha, comandante Manuel de Carvalho.
Guerra, coronel Freiria.
Instrução, Dr. Ruy Teles Palhinha.
O Governador Civil de Lisboa será o sr. Pinto de Lima.

Os decretos devem ser ainda hoje publicados na folha oficial, em suplemento, tomando os novos ministros posse ao fim da tarde, se tal fôr burocraticamente possivel. Em qualquer caso, já é o sr. Cunha Leal que preside á manutenção da ordem, se, por acaso, fôr alterada ou houver fundados indicios de que esteja prestes a sê-lo.

Devemos dizer que ontem, pouco antes da meia noite, já estava organisado um ministerio Cunha Leal, que se modificou em virtude de certas hesitações dos politicos que tinham dado a sua aceitação ao convite do ilustre estadista. Por isso nós acrescentamos que o gabinete ainda não como definitivo pode, repentinamente, sofrer alguma alteração, embora isso não seja provavel. Os leitores de «A Capital» encontrarão na nossa Ultima Hora qualquer noticia politica de que tenhamos conhecimento até á hora de se fechar o jornal.

Cumprido o dever de registar estas informações, vamos fazer um exame retrospectivo dos acontecimentos, mostrando a sua sequencia logica até se chegar á crise ministerial e á solução Cunha Leal, que, a principio, alguma estranheza causou ao publico, embora seja certo que o paiz muito confia da energia e do patriotismo que o sr. Cunha Leal tem evidenciado em todas as circunstancias.

◆◆◆

Depois das declarações que o sr. Cunha Leal fez esta madrugada a um redactor do «Diario de Noticias» e que já vieram a publico, não é segredo para ninguem que o paiz tem estado na iminencia da eclosão duma guerra civil. Após o pronunciamento militar de 19 de outubro, tão profundamente desprestigiado pelos horrores da noite tragica, o vacuo estabeleceu-se nas regiões governamentais. Em quanto subsistiu o gabinete do sr. coronel Coelho, ainda o Ministerio do Interior era frequentado por um ou outro politico; depois que o sr. Maia Pinto tomou posse da governação publica, as salas do Ministerio do Interior ficaram desertas, porque se estabeleceu imediatamente o vacuo absoluto, originado na deserção que das regiões oficiais fizeram uma parte dos outubristas, aqueles que seguiam por quem ainda seguem a palavra de ordem ditada pelo sr. Mesquita de Carvalho e quasi sempre transmitida pelo sr. Orlando Marçal. Esta situação de asfixia pela rarefação da atmosfera politica tornou-se intoleravel ao governo Maia Pinto, cuja vida se arrastava precariamente, não dispondo o governo, muitas vezes, do pessoal indispensavel para manter a maquina politica dos governos civil e das administrações dos concelhos.

Procurou o ministerio Maia Pinto romper o isolamento com o decreto do adiamento eleitoral esperançado em que os partidaristas preferiram aproximar-se dele a lançar-se numa luta ingrata embora caracteristicamente legalista. Enganou-se o governo: os partidaristas encaminharam para o caminho da resistencia, não obstante o oposto que encontraram nos seus directorios. Uma forte corrente de opinião manifestou-se no sentido de se reunir o Congresso e, apoz trabalhos preparatorios, foi escolhida a cidade de Coimbra como séde do Parlamento. Esse devia reunir amanhã, sabado. Seria a apoiá-lo toda a força publica do norte do paiz, a parte nucleos policiais que os legalistas contavam forçar, sem grande custo, á obediencia.

E' evidente que, resistindo Lisboa — ou, antes, a força militar que nesta cidade se localisa — a guerra civil poderia vir a estabelecer-se e, uma vez começada, muito dificil seria saber quando e como terminaria.

Se não fossem as diligencias pessoais que o Chefe do Estado empregou, já na tempos que a contra-revolução teria deflagrado. Houve um instante em que ela pareceu inevitavel. O sr. Presidente da Republica conseguiu convencer os contra-revolucionarios a que era preferivel esperar algum tempo, porque talvez viesse a resolver-se dentro das leis e em conformidade com os sentimentos pacificos da grande maioria dos portuguezes, que apenas desejam que se lhes permita exercer os seus activos direitos profissionais.

Quando o sr. Cunha Leal esteve em Lisboa, ha dias, realisou conferencias varias, com pessoas que o procuraram e solicitaram. Foi então que se lançaram as bases da sua intervenção. O sr. Cunha Leal faria um governo legalista, sem repudio do pronunciamento outubrista, mas sem transigencia com os profissionais da desordem. O governo de Lisboa adoraria ao Parlamento de Coimbra e ás forças da Republica sem a para lá transferida, em caso de extrema necessidade. O exercito constitucionalista, composto de forças de linha e forças da Guarda Republicana, marcharia sobre Lisboa e a sorte das armas decidiria, em ultima instancia, dos destinos da Patria e da Republica. A guerra civil, a pior de todas as guerras, assolaria a Nação, já experimentada por tantas e tão grandes provanças. O futuro apresentava-se envolto em nuvens bem negras, precursoras de tremendas tempestades!

Estes perigos estão evitados. O congresso não reunirá, pelo menos por enquanto. Uma sentença foi negociada entre outubristas e partidaristas, reconhecendo todos que mais convem a luta legal das urnas eleitorais que os morticinios e prejuizos das batalhas a mão armada. Por isso esta é a essencia que as eleições se farão em janeiro e que o Congresso ficará inspeccionado, de votos. O governo Cunha Leal é tudo presidira, interessando-se especialmente em que o novo Parlamento venha a ser composto por pessôas idoneas. O outubrismo terá, alias, a sua representação.

◆◆◆

Afastado o perigo da guerra civil, apresenta-se ainda, com certo aspecto de gravidade, a questão da ordem publica em Lisboa.

O gabinete Cunha Leal conta com apoios valiosos para a manutenção da ordem nas ruas. O comité revolucionario outubrista garante-lhe um apoio efetivo. Mas tem contra ele os outubristas radicais que, segundo o que dizem abertamente, se habilitam a derrubá-lo, empregando para tal fim as violencias mais extremas. Apesar das ordens emanadas dos altos comandos, oficiais e praças de pret continuam a frequentar abertamente os centros politicos.

Vê-se, pois, que o prestigio da autoridade militar está consideravelmente abalado, e seria realmente pretensioso afirmar que o governo Cunha Leal toma conta do poder em circunstancias felizes para ele. E' de elementar justiça fixar desde já que o sr. Cunha Leal e os seus cooperadores dão neste momento um alto exemplo de sacrificio pondo as suas vidas, os seus haveres e a tranquilidade das suas familias ao serviço exclusivo da Patria Republicana. Quaisquer que sejam os vexames todas as horas que vão correr, os homens dos novo ministros ficarão vinculados nas paginas mais dolorosas da historia patria. Secundemos, todos nós, portuguezes, o esforço do governo. Envolvamos-nos na força moral da nossa simpatia. Demos-lhe a nossa solidariedade patriotica. Contemos nele. Unamo-nos republicanos. Repita-se, mais uma vez, o gesto admiravel de Mousanto. Nada mais será necessario para que a Patria se salve e a Republica se glorifique.

E' quanto ao governo—fiquem todos certos disso!—se governará!...

S. N. B. A.

Amanhã A Capital publicará o depoimento de Eugenio de Castro.

A CAPITAL

publicará brevemente:

Duas edições

Factos e palavras

A PROPOSITO

... DE UMA PRIMA...

Tenho por costume conversar longas horas com uma prima.

Ontem demo-nos bem. A's vezes, raras vezes, eu maltrato-a e a prima zanga-se numa voz desafinada. Mas logo passa. Acaricio-a com um gesto lento e brando e a sua voz surge de novo, clara e musical, num harpejo divino.

Esta prima, que eu tenho, gosta imenso de rir. Por qualquer pequenino nada vibra, estreia-se em risos loiros de boneca. As suas gargalhadas por vezes estridentes; finas, agudas quasi, penetram-me, entusiasmam-me a tal ponto que sem querer lhe faço mal.

Ontem, por exemplo, magoei-a sem querer.

Tinha acabado de fumar um cigarro anonimo pedido a um amigo. Conversava-se em roda. Sobre quê? Lembro-me vagamente... talvez em musica.

Raparigas, rapazes, numa convivencia despretenciosa e intima de velhos amigos formavam grupos. Cada um destacava a sua opinião.

Naturalmente, distraidamente, comecei a brincar com a prima.

Sob a influencia do que lhe ia dizendo a prima—conforme o seu costume—começou rindo, num tenir de metais, nervoso, irrequieto.

Em volta a conversa cessou. Apenas voz da prima se elevava.

Entusiasmado, enquanto os outros eram tambem, comecei a sorrir.

Mas a prima ria já demasiado forte.

—A prima ri de mim?

A prima continuava a rir nervosamente.

—De que se ri a prima!

Cada vez mais agudo o riso continuava...

—Prima, basta de troça.

A minha mão desceu no braço, o dedo minino apertou nervosamente a prima.

—Juro que me vou vingar.

A minha unha feriu uma nota de riso agudo e frio, emudecido logo.

A prima tinha estalado.

E enquanto a conversa renascia, puz de lado a guitarra.

❖ ❖ ❖

Com vista ás muitas primas que possuo.

BOTTO DE CARVALHO

* * *

Os antigos membros do conselho de administração do Porto de Lisboa recebiam mensalmente, como ordenado, 9500 escs. Pois o governo que se seguiu á revolução de 19 de Outubro, certamente no intuito de comprimir as despesas nomeou para lá alguns ilustres e desconhecidos cavalheiros que estão a vencer nada menos de 30000 escs. mensais. Como sintoma dos tempos que correm não ha nada melhor. Não lhe parece?

❖ ❖ ❖

Todos os dias os jornais vem cheios de noticias referindo roubos, abusos de confiança, escroquerias, etc, praticados por inumeras pessôas que nós continuamos a ver para ali passearem co... honesto deste mundo. Ain... o Poder Judicial?

❖ ❖ ❖

Os ministros da Instrução sucedem-se tão rapidamente que a gente não sabe em que lei vivo o ensino em Portugal. Quando estamos no inverno e toda a gente anda de côco a cocar um logar de «attacher» no Ministerio dos Estrangeiros, para a Instrução vai um... Palhinha.

❖ ❖ ❖

Segundo o relatorio anual da Comissão de Navegação a tonelagem dos navios americanos no fim do ultimo ano era cerca de onze vezes superior á tonelagem registada em 1914. Em 30 de Junho a totalidade de navios americanos de todas as categorias, era segundo o registo de 28.012

* * *

Todos os dias os nossos homens publicos e os estudiosos se queixam do atrazo consideravel das estatisticas portuguesas. Pois hoje tivemos o prazer de encontrar aqui, na redacção, o «Boletim Comercial e Maritimo» de fevereiro de 1920 e o «Anuario das contribuições directas» de 1916-1919.

As letras

Recebemos «A invenção do dia claro», de Almada Negreiros.

—Arnaldo Forte acaba de publicar um livro de versos. O soneto abaixo é do autor:

A guerra já findou — soldados valorosos!
Já ouço pelo campo o toque d'alvorada,
Mandando vos voltar — herois, victoriosos,
A' Terra portugueza, á Patria abençoada.

Saudades relembrando em noites de Trincheira!
—Corações a sofrer... sorrindo n'uma farda...
Já se acendeu de novo o fogo na lareira!...
Já toda a aldeia canta e ri e vos aguarda!...

Bemvindos sejais vós, soldados que partistes,
Um dia, para a guerra, a vacilar, tão tristes,
Deixando noivas, mães e... choros no Cazal!...

Soldados que chegais! Soldados, meus irmãos;
Mostrai a toda a gente, e cai p'las vossas mãos,
—O Brio que trazeis, ao nosso Portugal.

Politica internacional

Na Inglaterra sugere-se a ideia duma conferencia para tratar da situação economica dos aliados

Varios jornais de Londres, entre os quais o «Daily Telegraph», geralmente informados sobre as intenções governamentais, lançam a ideia de a França e Inglaterra se entenderem com os Estados-Unidos sobre a questão das reparações. E' pois provavel que Lloyd George se entenda nesse sentido com Briand.

Esta sugestão já era esperada porque a reconstituição da Europa e a melhoria do cambio representam uma dificuldade que os aliados não podem resolver sósinhos. Quer se trate duma redução da circulação fiduciaria, quer de realisar vastas operações de credito, a cooperação americana é necessaria.

A ideia duma conferencia economica e financeira em Washington surge hoje na Inglaterra motivada pelas grandes dificuldades economicas que esse paiz atravessa.

Claro está que é aos Estados-Unidos que pertence a iniciativa de convocar as potencias a essa conferencia.

M. Loucheur, ministro das regiões libertadas, acompanhado do seu chefe de gabinete, M. Bosci, chegou a Bruxelas. Ainda que M. Themis não tenha ainda formado governo é quasi certo que ele não deixará o Ministerio das Finanças onde a sua obra tem sido altamente apreciado.

Como antigo representante da Belgica na comissão de reparações, como ministro e talvez amanhã como presidente do conselho, M. Themis está indicado para trocar impressões com M. Loucheur sobre o grande problema que preocupa todos os governos aliados.

Presentemente encontramo-nos perante sugestões e não perante um programa definido. A Inglaterra está certamente disposta a fazer concessões sobre o acordo de 13 de Agosto e sobre as dividas inter-aliadas. Como recompensa ela pede que se estude um sistema provisorio, que impeça a queda do marco, fatal para a sua industria.

A necessidade de abrir um vasto debate, não sómente inter-aliado, mas até internacional sobre reparações é desejado cada vez mais, e sobretudo terá probabilidades maiores depois da entrevista de Londres, onde os dois presidentes do conselho, francez e inglez, vão explicar-se claramente e é natural que os Estados Unidos e as outras potencias sejam convidadas a comparecer.

Para todos estes acontecimentos é necessario que os unionistas francezes e belgas se entendam sem demora. A Belgica e a França tem uma situação moral identica em face da Alemanha. A Belgica está numa posição particular sobre o ponto de vista dos proximos pagamentos.

Ela tem a receber entre mil e cem a mil e duzentos milhões de marcos-ouro por prioridade mas deve nos termos dos tratados, reembolsar a Inglaterra que lhe adiantou nove milhões de libras e os Estados-Unidos, cuja divida ultrapassa quinhentos milhões de marcos-ouro.

A Belgica dessa conferencia pode tirar vantagens precisas e tem todo o interesse em estar dacordo com a França para o debate a iniciar.

Instituto Branco Rodrigues

O Natal dos cegos

O sr. conde de Agrolongo, benemerito instituidor das Escolas Primarias de S. Lourenço do Sande, terra da sua naturalidade, e fundador do sumptuoso Asilo da Mendicidade de Braga mandou ontem entregar ao Instituto Branco Rodrigues, no Estoril, a quantia de cincoenta escudos para o Natal dos cegos, iniciando assim, expontanea e generosamente, a serie de donativos com que por esta epoca os Protectores da instituição a costumam contemplar.

Neste momento de angustiosa crise, é providencial todo o auxilio que se preste a este estabelecimento de ensino especial e de beneficencia que sustenta, alberga e educa tantas criancinhas cegas.

MUSICA

O concerto Blanch de domingo

São sempre enchentes completas os belos concertos «Orquestra Sinfonica Portugueza», dirigida pelo maestro Pedro Blanch, no São Luiz, tardes de grande arte e requintada elegancia. E' por isso que os amadores da boa musica não esperam pela ultima hora e previnem-se durante a semana com os bilhetes desejados.

O concerto do proximo domingo constitue um grande acontecimento pelo maravilhoso programa organisado, pois se executa a famosa «Sinfonia Pathetica», de Tschaikowzky; as «Aventuras de Till Eulenspiegel», de Strauss; o «Oberon», de Weber; duas melodias de Schubert; o «Rienzi», de Wagner e em 1.ª audição, o intermedio de «Raymundo Luzio», do celebre composito espanhol Ricardo Villa.

PELO TELEGRAFO

A Conferencia do desarmamento

Os termos do acordo

WASHINGTON, 16. — Os Estados Unidos, o Imperio Britanico, a França e o Japão para manutenção da paz universal e dos seus direitos ás suas possessões e dominios insulares nas regiões do Pacifico, resolveram concluir um tratado e nomeiam como seus plenipotenciarios: o presidente dos Estados Unidos, sua magestade o rei da Grã Bretanha e dominio do Canadá, Commonwealth da Australia, dominio de Nova Zelandia, India, o presidente da Republica da França e sua magestade o Imperador do Japão.

O pacto das quatro nações consta das seguintes clausulas:

1.º—As partes contratantes obrigam-se a respeitar entre si os direitos que possam ter as suas possessões e dominios insulares no Pacifico. Se sobrevierem problemas no Pacifico que levantem controversias em que se acham envolvidos esses direitos; se não forem resolvidos pela diplomacia, convocar-se-ha uma conferencia das partes contratantes para resolvelos.

2.º — Em caso de ameaça ou de agressão a esses direitos, as partes contratantes devem procurar franca e abertamente chegar a um acordo sobre as medidas a tomar em conjunto ou em separado para fazer face á situação.

3.º — O tratado continuará em vigor durante dez anos e findo este praso deverá ainda ser mantido, podendo qualquer dos signatarios desligar-se mediante participação antecipada de 12 mezes.

4.º — Este pacto será ratificado com a brevidade possivel e segundo as formas constitucionais das partes contratantes, e começará a vigorar quando as ratificações forem arquivadas em Washington, ficando portanto sem valor o tratado com o Japão, realisado em Londres, em julho de 1910.—(Lat. Am.)

A quarta reunião da conferencia

WASHINGTON, 16. — A conferencia reuniu-se pela quarta vez para proceder a um dos seus actos mais importantes — a representação do tratado das quatro nações para garantir a paz do Pacifico. — O senador Lodge, tão conhecido pela forma como atacou no senado a participação dos Estados Unidos na Liga das Nações, foi o primeiro a aparecer e pedindo a palavra dissipou as suspeitas que se haviam formado nos Estados, sobre as palavras «aliança» e «tratado», repetidas vezes mencionadas no pacto das quatro nações. Estas, acentuou o senador Lodge, obrigam-se a respeitar, mas não a garantir o «statu quo» do Pacifico. A «entente» não é imposta pela força, é baseada na boa fé e na amisade. Ao terminar o seu discurso, o senador Lodge deixou a impressão de que uma eterna tranquilidade estava assegurada pelo tratado e que a paz nunca mais seria alterada.—(Lat. Am.)

Briand e Lloyd George não vão a Washington

LONDRES, 16 — Não tem fundamento a noticia de que os srs. Briand e Lloyd George iriam a Washington a uma segunda conferencia de caracter economico. — (H.)

Ainda a quadrupla-entente

LONDRES, 16. — O correspondente do «Times» em Washington informa que o senador Lafollete se ligou ao pequeno grupo que anuncia a intenção de se opôr á ratificação da quadrupla-entente.

A Comissão do Extremo Oriente adiou os seus trabalhos a fim de a sub-comissão naval chegar a um acordo o mais rapidamente possivel, e para que se adiantem as conclusões sobre a questão de Shantung.—(R.)

Um discurso de Balfour

WASHINGTON, 16. — O delegado inglez sr. Balfour, demonstrou em frases vibrantes as boas obras que a aliança anglo-japoneza tinha realisado no passado e acrescentou que embora tivesse findado o praso, teria sido muito embaraçoso para a Inglaterra denuncia-la, e assim se resolveu a contento de todos o acordo quadruplo. O sr. Balfour lembrou que foi o primeiro negociador da aliança anglo-japoneza, assim como presidiu ao governo inglez que organisou a «entente» entre a Inglaterra e a França. Em toda a sua longa carreira politica, acrescentou, tinha sido sempre um constante convicto e persistente patrono de uma mais intima ligação de amisade entre os povos da lingua ingleza. Estas palavras do delegado inglez provocaram fortes aplausos.—(Lat. Am.)

Declarações do delegado japonez

WASHINGTON, 16. — Antes de terminar a sessão da conferencia em que se apresentou o texto da quadrupla «entente», o delegado japonez principe de Tokugawa, confirmou as declarações do sr. Balfour sobre a aliança anglo-japoneza, e depois de os diferentes delegados que assistiam á conferencia terem dedicado palavras lisongeiras ao texto do pacto cujas clausulas acabavam de ouvir, foi levantada a sessão.—(Lat. Am.)

A Alemanha

O governo está firme

BERLIM, 16.—Não teem fundamento os boatos de alterações na constituição do Gabinete Alemão. Consta em especial não haver a intenção de pedir ao sr. Rathenau para fazer parte do Ministerio.—(R.)

A lucta em Marrocos

Vão recomeçar as operações

MADRID, 16.—Assegura-se que no sabado começarão as operações em grande escala na zona de Tetuan-Larache.—(R).

O novo governo belga

5 catolicos e 5 liberais

BRUXELAS, 16. — O sr. Themis completou a formação do novo gabinete, o qual consiste de 5 catolicos e 5 liberais. O sr. Themis ficou tambem com a pasta das Finanças, sendo a dos Estrangeiros confiada ao sr. Jaspar.—(R).

Foi demitido o general Cavalcanti

MADRID, 16.—Confirma-se a demissão do general Cavalcanti de comandante geral de Melilla, substituindo-o neste cargo o general Sanjurjo. Ficará comandando a coluna Sanjurjo o coronel mais antigo que nela faz serviço.

O ministro da guerra proibiu terminantemente a todos os generais e oficiais, que façam apreciações sobre a campanha de Africa.—(R).

Noticias de Espanha

Em Barcelona é preso um grupo terrorista

BARCELONA, 16.—A policia prendeu um chefe dum grupo terrorista que se supõe implicado nos recentes crimes aqui praticados. Procura tambem activamente os seus cumplices.—(R.)

Giner de los Rios abandona o partido republicano

MADRID, 16. — Separou-se do partido radical o prestigioso republicano sr. D. Hermenegildo Giner de los Rios, por discordar da orientação seguida pelo sr. D. Alejandro Lerroux.—(Lat. Am.)

As reparações

A Polonia não paga nada

BERLIM, 16 —A Imprensa de Varsovia declara que a Polonia não tomará a seu cargo parte alguma do pagamento das reparações devidas pela Alemanha, embora uma grande parte da Alta Silesia lhe tenha sido concedida.—(R.)

E' preciso impedir a bancarrota alemã

LONDRES, 16.— O «Times» declara indispensavel acatar as conclusões da Comissão de Reparações, a fim de impedir que a Alemanha cometa o acto de bancarrota fraudulenta. Observa que em 7 da corrente o Reichbank possuia 993.697.000 marcos-ouro ou seja uma soma de 243.697.000 marcos superior á necessaria para os pagamentos de janeiro a Fevereiro.—(H.)

Lloyd George faz declarações

LONDRES, 16.—Nas declarações do sr. Lloyd George aos trabalhistas, o chefe do governo inglez insistiu sobre a excessiva circulação fiduciaria da Alemanha e declarou que nenhum inglez rasoavel poderia pretender que se não insistisse no pagamento das reparações por parte da Alemanha.

A Inglaterra deseja que a Europa regresse á normalidade economica, mas a França não poderá restabelecer-se se se endividar mais com a reconstrução das regiões devastadas sem perspectiva de compensações por parte da Alemanha.

Toda a questão está em saber se os culpados das devastações ou os não culpados vão pagar os prejuizos.

Falando da eventualidade duma conferencia sobre a Russia declarou não ser facil tornar a ter confiança comercial na Russia, enquanto esta mantiver uma atitude dubia na questão das dividas aos aliados e porque não tem qualquer activo a oferecer para obter credito.—(H.)

Entre o Chile e o Perú

O Perú mobilisa

BUENOS AIRES, 16.—O Perú ordenou a mobilisação de dose mil homens e enviou seis regimentos para a Provincia de Tacuda, segundo telegrama daí recebido.—(R).

Comicio intelectual

E' no proximo domingo que se realisa o anunciado comicio de protesto contra a atitude assumida pela direcção da S. N. de B. A. na admissão de novos socios.

Consta-nos que usarão da palavra, entre outros, os srs: André Brun, Gomes Mota, Antonio Ferro, Leal da Camara e Severo Portela que elucidarão o publico sobre os diversos aspectos da questão.

A America é grande em tudo... Até nas modas!

O homem das lindas mulheres

Incontestavelmente os Estados Unidos são uma nação prodigiosa. Prodigios de todo tamanho e calibre se verificam diariamente ali.

Tudo ali cresce, tudo aumenta, tudo ali fica «o maior do mundo»...

Dir-se-ia, afinal, que um colossal vidro de aumento cerca, tal uma muralha transparente a grande Republica do sr. Harding.

Na America do Norte as cousas pequenas, num trabalho perfeito de prestidigitação, ficam, de um momento para outro, grandes.

E lá tudo é colossal, tudo é primeiro, tudo é rico, tudo é forte...

Mas será isso mesmo? perguntará de si consigo, o burguez desconhecedor das subtilezas dos homens e das cousas...

A America é o Continente Novo é a Terra Prometida das inumeras gerações que descendem de Moysés, e que ainda esperam a delicia serena prometida por Deus e esperada até hoje, como um sonho infatigavel.

Para a America afluem hoje todos os que ainda esperam a promessa divina, todos que ambicionam a felicidade que ainda não chegou, como não chegou nunca para os fugitivos do Egypto.

Dahi, a ilusoria da impressão da grandesa, a alucinante obcessão do fausto, que atormenta e embriega os povos que vieram habitar esta parte da terra.

Mas será tudo grande? insistirá o burguez impermeavel á subtilesa da alegoria.

Sim, de facto tudo é grande. O tamanho das coisas está sómente no olhar que as vê.

O peso e a medida são uma relação variavel. Na America do Norte tudo é grande porque os olhos que lá se abrem são maiores do que as coisas que lá existem.

Dahi, as aristocracias em salada...

Ha reis de toda a especie, rei do ferro, rei do carvão, rei do aço, rei do petroleo...

Ha casas que espetam as nuvens e obeliscos que arranham as estrelas.

Ha homens que compreenderam já a essencia de Deus, e ha mulheres que compreenderam a alma dos homens.

Ha tudo, de tudo é para tudo.

Mas tudo grande, tudo forte, tudo sem limite como a vertigem da ambição dos homens que lá moram e vivem.

Actualmente, entre os reis, apareceu o Rei da Moda.

E' o maior. Chama-se Henry Letillier, e milionario, desportista, jornalista, e tem o saboroso apelido de «O homem das lindas mulheres».

Letellier é francez. Emigrou do seu paiz em busca de uma coroa. Essa coroa só nos Estados Unidos ele podia achar. Fez-se então Rei da Moda; e é o mais competente conhecedor da beleza feminina do mundo.

Conhece tudo e tudo sabe a respeito de vestes femininas. Para isso fez, durante longos anos, um paciente, laborioso e profundo estudo, desde a pele de urso que vestem os Laponios até á seda farfalhante e murmurosa que cobre os ombros alvos das princesas do seculo.

Quando Sir James Stanley, o grande milionario de Chicago, intentou divorcio contra sua esposa a formosa Peggi Hopkins Joyce, foi encontrada entre a correspondencia da ilustre dama uma profusa copia de cartas de Letillier...

O rei da moda era o homem do momento.

A sua fama estava «in rages»,

Divorciando-se de sua esposa, que ele transformara, graças ao seu gosto artistico, numa formosissima criatura, procurou aventuras novas. Peggie Gilbespie foi o seu novo motivo de arte. Esta conhecida artista americana achava-se em Paris em dificil situação.

Letellier a socorreu. Ungiu-a com a sua graça, e a artista conseguiu um sucesso imediato. Os seus triunfos eram contados pelos dias em que aparecia ao publico.

Peggi passou como uma sombra. Veio outra—Jacquelina Campbell— uma francesinha loura como o sol, que em pouco tempo se tornou a princesa da graça e do encanto.

As mulheres que passavam pelas ruas encantadas do rei da moda transmudavam-se maravilhosamente, em uma encantada magica num milagre de *transformação*.

O gosto de Letellier se estendia indefiniuamente a tudo quanto o cercava.

A sua casa, ninho das mulheres que ele amava era um verdadeiro museu de arte e bom gosto. Foi ali que ele educara a sua primeira esposa na escola do «Chic» e do «Elegante», de tal maneira que a fez ser julgada pelo rei Eduardo da Inglaterra, «a mais linda mulher da França».

Mas não é tudo.

Um articulista «yankee» afirma que ele conhece a filasofia das vestes «com a erudição soturna e massiça de um filosofo antigo.

A alma de Letellier habituou-se a compreender a alma dos vestidos femininos. Não podendo talvez perscrutar o corpo das mulheres que eles cobriam, orientou a psichologia por um atalho talvez menos complicado: resolveu-se a compreender a psicologia das sêdas que se movem e das rendas que ondulam...

Conhece a fisionomia dos mantos que se enroram com volupia no colo das damas; sabe-lhes os segredos mais delicados e adivinha-lhes a impressão de preguiça com que se aconchegam ao corpo das mulheres.

O prodigioso francês, variando com a moda, possui como suas legitimas esposas uma meia duzia de mulheres belas que, passando pelas suas mãos como objectos preciosos, se substituiram, uma após outra, tendo na sua passagem brilhante, ofuscado, com sua elegancia e encanto, os olhos do grande paiz, graças ao bom gosto excepcional do marido, que as transformava, as talhava, as burdava ao seu sabor finissimo e delicado.

Letellier, de simples burguês anonimo, passou a ser um rei, um verdadeiro rei dessa aristocracia a que todos ambicionam pertencer,—a elegancia, que se impõe pela simples presença, por um gesto, por um manto, por um farrapo de seda usado de acordo com a norma de perfeição.

Decididamente o mundo se transforma. Enquanto as democracias se vão impondo com o regimen normal que deve orientar as gentes, aparecem as aristocracias novas que, mais do que as outras, a tudo governam.

Aquelas tem a força que impõe; estas a força que convence.

E dentro em pouco, o mundo será voltado ás avessas. O direito e a lei terão novos codigos.

A moral social será ditada pelo rei das boas maneiras, do bom gosto, da elegancia. E a influencia dos reis novos virá desthronando aos poucos a magestade dos velhos reis.

Quando abrirmos os olhos veremos então que a humanidade será composta de reis, leis de toda a especie e todo feitio. Desaparecerá a plebe, e todos serão nobres.

Será um passo para a perfeição; e os homens terão subido um degrau na escada do seu ideal...

ULTIMA HORA

O momento politico

O que pensa o sr. Camilo de Oliveira

Na Brazileira, trajando burguezmente á paisana, o capitão sr. Camilo de Oliveira conversa com o sr. capitão Valdez Faria quando nos acercámos dele.

Após os cumprimentos do estilo, perguntamos:

—Que nos diz v. ex.a acerca da momentosa situação politica?

O sr. Camilo de Oliveira sorriu-se e diz:

—Que lhe hei-de dizer, meu caro amigo? Isto está tudo no pé em que estava ontem: O sr. Cunha Leal está encarregado de formar gabinete!

—E conseguirá formá-lo?

—Não sei, mas tudo me leva a acreditar que sim.

—Segundo ouvimos dizer, foi v. ex.a quem indicou o nome do sr. Cunha Leal para formar governo?

—Sim, fui eu de facto quem lembrou o nome desse politico, na reunião efectuada ha pouco no ministerio do interior, mas isso só depois do sr. Cunha Leal ter sido indicado por muita gente para desempenhar esse alto cargo.

«Eu limitei-me apenas a relembrar esse nome e nada mais.

—Na a opinião de v. ex.a era essa a unica maneira de solucionar a crise?

—Sim, tanto mais que o sr. Cunha Leal formando governo oferece uma plataforma muito aceitavel para essa solução.

«E' necessario para formar governo um homem que ás suas qualidades de inteligencia e energia alie o prestigio necessario para bem poder governar o paiz a contento de todos, apoiado tanto pelos revolucionarios de 19 como tambem pelos partidos mais fortes da Republica, que aceitariam muito bem o nome do sr. Cunha Leal para presidente do ministerio.

«De resto, seria essa a unica maneira de se evitar que as camaras fossem para o norte reunir por direito proprio, pois estou certo que o prestigio que o sr. Cunha Leal tem entre os parlamentares poderia evitar que tal facto se désse.

—Produziu má impressão o acto inconstitucional da adiamento das eleições...

O sr. Camilo de Oliveira esboça um significativo movimento de ombros e exclama:

—Pois não foi inconstitucional a revolução?... O adiamento foi a consequencia lógica do movimento revolucionario.

«Não lhe parece?...

Fizemos uma pergunta, forma indirecta de nos escusarmos á resposta:

—Não seria possivel uma recomposição ministerial?

—Sim, talvez. Mas o sr. Maia Pinto parece que não acha a recomposição possivel...

Uma carta do sr. Velez Caroço

Sr. director do jornal «A Capital»—Tendo lido no artigo Crise Ministerial do seu jornal de hoje, que eu, como politico de destaque, assistira á reunião efectuada no Centro Antonio Maria Batista, venho declarar, para os devidos efeitos: 1.º Que não sou politico de destaque; 2.º Que não assisti a tal reunião.—De v. etc. Velez Caroço.

Cruz Branca

A Direcção da Cruz Branca avisa por este meio os portadores de bilhetes para a récita de caridade que devia realisar-se amanhã 17, de que a mesma fica transferida para sexta-feira, 23 do corrente, tendo toda a validade os bilhetes com a data de 17 e que a transferencia foi motivada pelo facto dos enormes prejuizos, que teve a empreza com o encerramento daquela casa de espectaculos por alguns dias como é do conhecimento publico

POLITICA

O novo Ministerio

Depois das 14 horas foi dado conhecimento ao publico da organisação do novo gabinete, que é tal qual o damos na primeira pagina deste jornal, com excepção da pasta do Justiça que ficou a cargo do sr. dr. Rocha Saraiva e da de Instrução Publica, que será gerida pelo sr. Abranches Ferrão.

O pessoal dos gabinetes ainda não foi escolhido. Sabe-se, porém, que o chefe de gabinete do sr. ministro da Marinha será o sr. Procopio de Freitas, o que era tomado como signal da adesão dos marinheiros outubristas á nova situação.

Os ministros foram, ás 16 horas apresentar cumprimentos ao Chefe do Estado.

No regresso realisou-se a posse do sr. Cunha Leal, efetuando-se a cerimonia no salão da Presidencia do Ministerio, completamente cheio por uma multidão por entre a qual se viam politicos de destaque da situação outubrista. Eis alguns nomes das pessoas mais conhecidas:

Capitão Camilo de Oliveira, capitão Sousa Guerra, capitão Sarmento Rodrigues, Lopes Soares, Rosa Martins, tenente Guimarães, Alfredo Boavida, José Silva, Antonio Augusto Ribeiro, dr. Adolfo Coutinho, capitão-tenente Procopio de Freitas, Afonso Monteiro, Antonio Goes, Santos Franco, Domingos Monteiro, Falcão Ribeiro, tenente Dores, Carlos Marques, José Silva, Zeferino Silva, capitão Dornelas, Artur Henriques Abrantes, Manoel Pena Coelho, Jaime de Sousa Sabrosa, Alfredo Leal, etc.

Fez a apresentação do sr. Cunha Leal o presidente do governo demissionario, sr. Maia Pinto. Em seguida pronunciou um longo discurso o sr. Alvaro de Castro.

Falou, por fim, o sr. Cunha Leal, cuja oração brilhantissima, impregnada de um grande sentimento republicano, foi, por vezes, interrompida, com os mais entusiasticos aplausos.

O sr. Cunha Leal disse que vinha fazer uma politica de unificação de todos os republicanos honrados. Pede a estes e a todos os bons portuguezes que o ajudem. «Empenho o mais solene juramento que os desonestos, e os sicarios, que são a vergonha e o oprobrio da Republica, serão castigados».

A unica solução para a crise portugueza é a realisação duma «entente» cordeal entre todos os republicanos honrados (aplausos); quanto aos outros, juro pela minha honra que ou me vencem ou são esmagados! (Aplausos prolongados). O seu posto é do sacrificio, bem o sabe.

Apelaram, porém, para o seu patriotismo e ele não tinha o direito de negar o concurso do seu esforço do restabelecimento da ordem e da legalidade.

«Ajudem-me, para que eu possa governar e para que possa castigar aqueles que mancharam as mãos em sangue, por muito elevada que seja a sua posição social!» (ovação prolongada, com vivas a Republica e á Patria) Não hostiliso ninguem nem faço alguma; entendo, pelo contrario, que devo abrir a porta da conciliação a todos os republicanos dignos desse titulo, quer sejam partidaristas quer sejam outubristas estes não querem ter solidariedade de nenhuma especie com os assassinos da noite tragica (aplausos calorosos, com vivas a revolução de 19 de outubro). Terminou por saudar a Republica e afirmar a sua fé nos destinos da Patria.

Quando o sr. Cunha Leal terminou o seu discurso, a ovação que lhe foi feita atingiu as alturas duma verdadeira apoteose.

O sr. Cunha Leal, visivelmente comovido, retirou-se logo para o seu gabinete, acompanhado por algumas pessoas das suas mais intimas relações.

Os revolucionarios civis outubristas realisam uma nova reunião

Os revolucionarios outubristas, quasi todos civis embora entre eles se vissem tambem alguns oficiais e praças de pret, reuniram hoje de novo no Centro Antonio Maria Batista.

Um oficial superior discursou, pedindo, á assembleia que impedisse a posse do novo governo e declarando que a victoria estava para breve.

O estado da exaltação era grande mas não se deu incidente algum. A sessão continua,

TEATRO

Beatriz de Almeida

Engraçada, viva, graça juvenil. Ficou no Brasil. E' pena. Tem qualidades para nos dar sempre nos seus papeis as mais flagrantes finalidades...

Primeiras representações

TEATRO POLITEAMA — *Emigrantes, 4 actos de Tito Arantes*

A sala

Estreou-se hontem a peça de Tito Arantes há muito anunciada nas secções de teatro como um escandalo intimo de bastidores.

Entendemos que a missão das pessoas encarregadas de transmitir ao publico a impressão dum trabalho teatral está muito acima delas. Nada nos interessa, absolutamente nada, que a grande actriz fulana tenha tido conflitos com o jovem autor cicrano. Tanto peor para eles.

O critico é publico e o publico paga e nada tem que ver com isso. Ora ontem depois desse verdadeiro publico sair, desse autentico publico que vai ali ver arte sem conhecer o autor nem detestar a actriz, as visitas e os colegas do moço escolar de leis sr. Tito Arantes dum lado; e os seus inimigos —se é que os tem— doutro, deram-se ao encantador «sport» de se socarem e de se apostrofarem violentamente.

Houve scenas de pugilato da plateia para o palco, e esteve iminente uma tremenda colisão entre o actor Erico Braga e o dramaturgo Alfredo Cortez. Representaram-se assim mais alguns actos sem duvida mais cheios de interesse e de acção que os da propria peça.

Achamos tudo isto vivo, moço e interessante, embora perfeitamente deslocado.

A' porta, quando já tudo parecia serenado, o poeta sr. Antonio Ferro saia tranquilamente com um grupo de senhoras, entre as quais um pouco mais atraz vinha a grande actriz Angela Pinto que se comovera até ás lagrimas, não pelo entrecho da peça representada, mas pela magoa que lhe causara a peça vivida, tendo-lhe sido ouvida esta frase: «A maior atriz portuguesa pateada por causa dum pequeno!» Momentos depois alguem, um homem, ofendeu uma das senhoras que acompanha o escritor Ferro. Este voltou-se imediatamente e preguntou: «quem falou ahi?»

Todos se calaram, mas o jovem autor da peça, com os nervos muito exaltados, avançou sobre o sr. Antonio Ferro declarando que tomava a responsabilidade do que se havia dito. Calculem os leitores... grande confusão, bandos de elegantes fugindo, atitudes energicas, o sr. Thomaz d'Eça Leal, habituado a pugilatos, protestando contra os que os não deixaram bater-se, gritos, automoveis que se enchem de repelão, as juventudes monarquicas em jogo e um soco no nariz do maior poeta da geração nova.

Apesar desta scena não ter valor nenhum, deve no entanto desde já declarar-se publicamente que o sr. Antonio Ferro nada tinha com o sucesso ou insucesso da peça e que não é preciso recordar que até pedira um excerto dela para o seu «magazine» para provar que foi, como sempre, duma grande lealdade—da lealdade que todos lhe reconhecem sem favor. O acto do sr. Tito Arantes só se explica pela completa embriaguez do momento, por um equivoco ou por uma criancice.

De resto, ele foi unanimemente, «una voce» reprovado, já pelo local, já pela honestidade irrepreensivel do seu antagonista de ontem.

◆ ◆ ◆

Daqui protestamos energicamente contra a atitude da plateia do Politeama como já haviamos protestado contra a da plateia da «Maria Isabel». Não pode nem deve ser. Se não há outro remedio que ponha a policia nas coxias mas que se não irrite o publico que paga com o seu dinheiro e quer ver apenas teatro, não realidade.

A peça de Americo Durão que é um novo de indiscutivel valor como poeta e dramaturgo foi pateada desde as primeiras falas, acolhida com pigarros, teve uma atmosfera hostil, fria, antipatica, agressiva.

Porquê? Porque o autor, republicano (vejam os leitores o absurdo) não tinha a simpatia dos seus colegas monarquicos da F. de Direito que lhe promoveram essa cilada.

Hontem, a atmosfera de carinho, de benevolencia quente e amiga, de simpatia, pairou em toda a sala, risonha e acolhedora.

Tudo era festivo e brilhante; lindas mulheres, «toilettes» caras.

Porquê? Porque o outro, monarquico (continuem a ver que absurdo) tinha a simpatia dos seus colegas monarquicos—a grande maioria—dos alunos da Faculdade de Direito.

Mas para o critico não se vae como para o exame, com empenhos. Ali dá cada um o que pode, sem familia e sem amigos.

Arte, nada mais é o que se pede a um dramaturgo. As coroas de louro não são flores de estufa—criam-se livremente, ao ar mais livre possivel.

Assim não é possivel fazer-se justiça, e quanto a nós tão injustas foram as pateadas exageradas da «Maria Isabel» como os aplausos excessivos dos «Emigrantes». Trabalhem serenamente, façam o mais que puderem, amem sinceramente a sua arte e tenham a honestidade de só se satisfazerem quando comovam e quando apaixonem a grande massa que os não conhece—o povo.

Peça

A comedia «Emigrantes» é dum rapaz que diz tê-la feito aos 19 anos. Isso basta para que o felicitemos sinceramente. Aos 19 anos, escrever os «Emigrantes», corresponde a ter valor real.

De resto Tito Arantes já o havia desde logo mostrado, nesse convivio das salas em que o seu espirito, ao pé da conhecida insuficiencia da alta sociedade, brilhava. E' alem disso um poeta humorista cheio de «verve» e de graça. O que é a sua peça? E ela perfeita? Não. Nem Arantes acreditaria se lho dissessemos.

E' uma historia que não tem interesse como muito bem diz o sr. C. A. no «Noticias» d'hoje.

Tem no entanto um dialogo escrito com facilidade e por vezes com natural intenção, faltando porém aos personagens um desenho seguro e bem definido, e não havendo em toda a obra um conflito serio, ponderado, intenso.

Da peça não se evola mesmo o principio moral que o auctor quiz estabelecer—o da volta irremediavel ao lar conjugal.

E' certo que o pae (Erico) e o filho (Calazans) vêm os dois, com minutos de intervalo pedir a mesma coisa. Mas um é repudiado e outro aceite. Porquê?

Porque um se demorou mais lá dentro. Qual o principio moral posto em equação?

Que se pode atraiçoar o lar e a mulher, contanto que seja poucochinho, que se não torne a coisa notada e que não vá alem de dois mezes.

O segundo acto é com certeza o peor. Chega mesmo ao ponto de se poder passar sem ele. Nada, absolutamente adeanta na acção. Talvez, tendo uma representação superior, que lhe desse um excepcional relevo vivesse mais. No entanto, escutámo-lo com a melhor boa vontade, e nada lhe encontramos nem de subtil nem de profundo, nem mesmo de encantadoramente futil.

E, parecia que para aquele genero de dialogos devia ter excepcional disposição o sr. Tito Arantes, dado a sua qualidade de humorista. Aquela graça do «escadote atravessado» é ou muito ingenua ou muito forte e a historia dos selos não se compreende a que proposito vem.

Quanto aos ilogismos da peça, a não ser a questão das campainhas e dos creados em abundancia e da entrada «sem trinco» do pae (João Lopes) no 1.º acto, tudo nos pareceu regular como carpintaria teatral —isto é movimentação.

Resumo: Peça cheia das naturais indecisões, sem grandes relevos nem concepções completas, mas revelando do autor, uma disposição de valor para o teatro e conhecimento da arte dificilima do dialogo, como se prova insofismavelmente no 3.º acto, sem sombra de duvida o mais completo, e mesmo um acto cheio.

Desempenho

Lucilia deu ao papel que lhe coube nos «Emigrantes» um grande relevo. Foi admiravel. Não nos pareceu nada que atraiçoasse a sua grande arte representando propositadamente mal. Ao contrario, quis mostrar que a mulher pode estar zangada, a artista não sabe o que isso é. Foi grande, foi notabilissima, enchendo com o seu extranho talento a tessitura dramatica do seu personagem. E, com isto ilogiamos tambem o autor. Se Lucilia foi grande é porque o seu papel se prestava a isso.

Amelia Pereira foi discreta e a estreante Georgina Cordeiro tem debil figurita que parecia em scena um pardalinho do Camões, algumas disposições e uma certa inteligencia. Dos homens Lino Ribeiro foi muito bem. Erico muito honestamente, não podendo em boa verdade ninguem dizer que atraiçoou a peça.

João Lopes, infeliz.

Scenarios e «toilettes»

De rasoavel mau gosto o do 1.º acto. Pouca harmonia de mobiliario, falta de graça.

Quando é que estes homens se resolvem a compreender que o «décor» duma scena e seu «mobiliario» é uma arte que nada tem que ver com a representação e precisa dum technico que a saiba dirigir?

Aquele piano com o apanhado «artistico» já não se grama.

E' burguez a valer. Lá nisso, tenham paciencia, mas Amelia Rey Colaço, que teve o bom senso de chamar sua irmã Alice para dirigir artisticamente os «décors», leva a palma a todos.

A scena do 2.º acto muito melhor e a caracter. Não podia ser outra coisa.

A do 3.º não é feia, embora pouco moderna. Precisava apenas que soubessem tirar partido dela, com mobiliario harmonioso e não com aquelas insuportaveis «carpettes» vermelhas a brigar com o azul ferrete das paredes.

Já é preciso não ter gosto nenhum para permitir aquele atentado.

As «toilettes», interessantes algumas, muito bela mesmo a primeira de Lucilia. De quem será?

O grande traje da noite, castanho e ouro, bonito tambem mas mais brilhante. A cauda lindamente desenhada e cortada. O vestido preto e azul, original e sóbrio.

As toilettes de Amelia Pereira, como o seu papel, discretas.

Muito feias as de Georgina Cordeiro, se exceptuarmos a do 4.º acto que lhe ficava muito bem, e era realmente bem achada.

O HOMEM QUE PASSA

Noticiario

Deixou-nos um cartão de despedida a actriz cantora Carmen Osorio.

Agradecemos.

AGENDA DA SEMANA

Amanhã.—«Reprise» no Eden Teatro da revista «Tic-Tac», completamente remodelada.

OS CONTOS DE «A CAPITAL»

O SINEIRO

POR LUIZ RIPADO

Um tipo muito interessante; sim senhor, o sineiro da minha freguezia.

Era um rapaz alto espadaudo rosto sadio e nariz vermelhusco, a atestar que gostava da pinga...

Tinha um defeito: coxeava da perna direita. Apesar disso, as cachopas gostavam dele. Poucas lhe resistiam. Era entendido em materia de amores, e num pé de dança, aos domingos, depois de as seduzir levava-as ao «engano» e roubava-lhes a flôr da honestidade como quem bebe um copo de agua...

Ninguem como ele para entreter uma tarde, quando do alto da Torre se punha a badalar o «Ferreiro bate o malho, «Ora vai tu», «As cartolinhas», ou outra qualquer modinha popular.

A aldeia em peso vinha ouvi-lo, e aquilo era rir até não poder mais.

Ao toque das «Avé-Marias» então não lhes digo nada. Parecia que a alma da Paizagem se transmigrara para o seu corpo de artista e que a luz fresca e vigorosa da manhã lhe transcorria nas veias impulsionando-lhe os nervos, vibrando no bronze em notas cristalinas.

Os passaros cortavam os ares chilreando alegremente, pelos altos outeiros era um nunca acabar de descantes e folias, homens e mulheres dançando, enquanto o sol—como um sino numa torre de cristal—enchia o espaço de repiques de luz, de melodias extranhas, saudado pelas cotovias e pelos galos entoando hinos ao goso de viver.

Instintivamente, sorriamos para a alvorada e as nossas almas esvoaçavam em redor da alma do sol ardendo em chamas...

◆ ◆ ◆

Os garotos chamavam-lhe o «Perna Curta» e ele vivia feliz com a alcunha, como de resto com todas as coisas da vida.

Um dia tornou-se macambuzio e triste. Perdia á bisca e ás vezes iam surpreende-lo a scismar.

Aquilo era paixão. Cupido, traiçoeiramente, cravava-lhe os seus farpões em pleno coração.

Sim senhores, o sineiro tomara-se de amores pela Maria Rosa, a filha do Zé Vicente, uma moçoila branca e perfeitaça, de olhos lindos e tão meigos e doces, que lembravamos de uma pastora da Arcadia de Poussin.

Quando a viu, á volta duma romaria, com seu lenço de lã azul emoldurando-lhe o rosto angelico, sentiu que a vida era bela só para lha consagrar, e quiz-lhe como o musgo quer ao penedo, como a arvore quer á terra onde cresceu.

Desde então a sua imagem gravou-se lhe no coração e lá ficou.

Escreveu-lhe. Amavam-se ás escondidas do pai. Foram felizes.

Mas como na aldeia tudo se sabe, o ti Zé Vicente veio a descobrir que o sineiro «bebia os ares» pela filha.

E então foi o dia de juizo naquela casa. Atroou os ares com pragas e mandou aviso ao sineiro que se acautelasse, que ele acabava-o a tiros de escopeta, se lhe não largasse a casa.

Tinha lá o seu bocadinho de terra e queria casar a rapariga com quem tivesse mais do que ele.

«Era para rir se dava a filha tão prendada a um sineiro pelintra e para mais bebado!»

O «Perna Curta» ria-se como um perdido.

«Quizesse-lhe a cachopa que bem se lhe importavam as «cantigas» do pai! Para haver amor bonda o coração, não é preciso dinheiro...»

E vingava-se nos sinos.

Quanto mais o ti Vicente o perseguia com pragas, mais os sinos repicavam ironias pelo espaço que aquilo até parecia obra de Satanaz.

Duma vez até,—e com isso deu o ti Vicente uma sorte do diabo!—estava o pobre do velho a censura-lo asperamente, e o sineiro galga a escada da Torre e escarranchando-se lá no alto, começa a badalar aquela moda:

«Maria caxuxa com quem dormes tu».
«Durmo com o gato, etc.»

O ti Zé Vicente foi doente para casa.

◆ ◆ ◆

Mas o sineiro, valha-nos isso!, sempre casou com a Maria Rosa.

O pai morreu duma questão, e a rapariga, vendo-se só no mundo, casou para ficar amparada, e porque lhe tinha amor, vamos lá...

Quando o padre João lhes lançou a benção, muitas mulheres choraram de alegria; e Jesus Cristo, do alto da cruz, parecia sorrir aos noivos indicando-lhe a estrada da ventura.

E na verdade, a Maria Rosa ia muito linda com todo o oiro que levava ao peito, não falando nos cabelos, que eram cascatas de um loiro fosforecente, capaz de tentarem um anacoreta...

Foi um dia de festa na aldeia.

Houve folias e descantes e a filarmonica da terra, com o mestre Bernardo á frente, fez figura deixando estarrecidos de entusiasmo os aldeões que, em honra dos noivos, viraram dançar toda a noite no adro da aldeia, debicando as cachopas que riam a bandeiras despregadas.

Rica festa!

O copo de agua foi ali mesmo, no alto da Torre, longe dos homens e perto de Deus, malgas cheias de feijão branco com repolho, a «fritada» de alho, e um «verdasco» especial, oferta do sr. padre-cura.

Os sinos repicaram toda a noite e ninguem pensou em dormir.

◆ ◆ ◆

Um dia os sinos deixaram de tocar e a aldeia sobresaltou-se. Porque seria, porque não seria, ninguem sabia explica-lo.

No dia seguinte, nada.

Num alvoroço, os mais ousados, os mais irrequietos, galgaram á Torre a saber o que sucedera.

Os sinos, lá estavam no mesmo lugar, mas tão caladinhos como se uma praga lhes emudecesse a voz. Não havia duvidas. O amor déra volta á razão do Perna-Curta. Perdia á bisca e ficava as manhãs na cama!

Então desceram a escada e dirigiram-se a casa do sineiro.

E mal lhe entraram no quarto viram a Maria Rosa deitada de costas no seu leito de nupcias, muito branca, muito mirradinha, os olhos abertos fitos no vacuo.

E o Perna Curta, de joelhos, a mão da mulher entre as dele, olhando-a muito terno e que lhes pedia aflito:

—Psciu! Não façam barulho. Dorme como uma andorinha. Não a acordem Nada de repicar os sinos, que ela dorme...

Um garoto que ao tocar nas mãos de Maria Rosa sentira a sensação do gelo, exclamou:

—Está morta!

Mas o Perna Curta não o ouviu.

Afastou-o docemente e a todos pediu que se calassem.

«Não fizessem barulho, fossem andando nos bicos dos pés, deixassem-na socegar.

«E, sobretudo, nada de bulir nos sinos, hein!...

«Ela era tão linda a dormir!...

◆ ◆ ◆

Quando ao outro dia, terminada a osalmodia funebre, a levavam a enterrar no pequenino cemiterio da aldeia, tantas eram as flores que cobriam o caixão, que ninguem diria que aquilo era um prestito funebre. Antes parecia um carro conduzindo a deusa Flora, que triunfante ia entoando a sua canção idilica das rosas, entre florescencias exalando aromas capitosos...

O sineiro, tevalhado na sua côr sem remedio, ia ao lado do esquife, silencioso, cambaleante, aconselhando silencio, numa obstinação...

E foi a primeira vez que, ao passar um cortejo funebre na aldeia, os sinos não dobraram a finados.

Não houve alma cristã que tivesse coragem de galgar á Torre para repuxar as cordas dos sinos...

Tiveram medo de acordar a santinha.

LUIZ RIPADO

N. da R. — *A Capital* no intuito de dar proteção e guarida aos novos, abriu a secção com o titulo acima, onde publicará as produções literarias dos jovens escritores, desde o momento que manifestem verdadeiro interesse. Convem no entanto que se não alonguem nas suas produções, as quais não devem exceder uma coluna de composição.

Augusto Carlos Villas Junior

Engenheiro auxiliar

FALECEU

Sua familia participa a todas as pessoas das suas relações o seu falecimento, sahindo o prestito funebre da rua Maria Pia 251-1.º ás 13 horas para o Cemiterio Ocidental.

Sendo o acompanhamento a pé.

SPORT

O combate Ruivo-Faustino

Na proxima semana devem ser postos á venda os bilhetes de ring e camarotes para o grande combate de box entre Ruivo e Faustino Pereira que se realisará no Coliseu dos Recreios na tarde do dia 31 deste mez.

O organisador mandou fazer uns cartazes que produziram sensação no nosso meio, cuja afixação se deve fazer por estes dias.

Foot-ball

L'auto, fez-se echo do match entre Espanha e Portugal, dizendo contudo, que a equipe espanhola é inferior, pois a escolha foi mal feita.

Aviação

Os pilotos de reserva teem os seus campos de treno, que são sempre concorridos.

A media dos vôos cede domingo ande por 90.

Box

De New-York, telegrafam dizendo estar marcado para o dia 1 de março, o combate Carpentier-Gibon.

—Simeth, o suisso que esteve entre nós está, actualmente em Londres, fazendo sucesso.

—Benz Leonard, campeão do mundo dos pesos leves, recusou a bolsa de 120 mil dolars para um «match» em que o titulo fosse posto em jogo.

Hipismo

Fundou-se a federação nacional de França dos sports equestres, e vai fundar-se a federação internacional.

Estão filiadas, a Sociedade Hipica Franceza, a Sociedade do cavalo de guerra, o Polo, e a União das Sociedades militares de equitação de França.

NOTICIARIO

UM «TEAM» ESTRANGEIRO EM LISBOA

O «foot-ball» em Lisboa vai ter agora tardes de animação só comparaveis ás que houve em epocas atrazadas com a visita de grupos de verdadeiro valor, que até nós vinham dar autenticas lições de tactica, associação e conjunto.

Finalmente, vamos vêr verdadeiras celebridades do desporto mundial nos desafios que o grupo tcheco-slovaco vem jogar a convite do Sport Bemfica, Sporting Club de Portugal e Casa Pia, unidos num esforço digno de todo o elogio, pela excelente orientação desportiva e pelo arrojo que constitui a decisão de arcar com as responsabilidades financeiras—elevadissimas por todos os motivos—da vinda e estada por dias entre nós do famoso grupo, que traz entre os seus elementos cinco jogadores dos que tomaram parte no desafio final dos jogos olimpicos de Anvers, contra os belgas.

Justo será que o publico desportivo compreenda a extraordinaria valia dos jogos que vão realizar-se e corresponda ao esforço dos trez importantes clubs lisbonenses.

O celebre team do «Union de Praga» chega a Lisboa no dia 23, jogando o seu primeiro desafio no dia 25, dia de Natal, no campo do Sporting Club de Portugal sendo o seu adversario o Casa Pia, campeão da epoca passada.

Nos dias 26 e 31 realizam-se mais dois jogos e a 1 e 2 de janeiro os dois ultimos, não estando ainda determinado o adversario do ultimo encontro.

SPORTING CLUB DE PORTUGAL

Em virtude da renuncia do sr. A. Soares Junior, do cargo de presidente da direcção deste club, foi chamado a exercer esse lugar o sr. Manuel Garcia Carabe.

A direcção deste club depois das remodelações sofridas ficou constituida pelos srs.: Manuel Garcia Carabe, dr. Salazar Carreira, dr. Armando de Bastos, Ivo Torres de Sousa, Julio de Araujo, Eduardo Costa e Paulo José Vieira.

POULES HIPICAS

A proxima tarde do domingo 18, no Hipodromo de Sete-Rios, será um ponto de reunião do nosso mundo elegante, para assistirem ás duas Poules Hipicas, para as quais já se inscreveram os nossos melhores cavaleiros.

A 1.ª Poule terá logar ás 15 horas prefixas, podendo os bilhetes serem requisitados na séde da Sociedade Hipica Portugueza, rua Ivens, 56-1.º. Os socios teem direito a fazerem-se acompanhar do numero de senhoras que desejarem.

DESAFIOS PARA O DIA 18

Promoção — 1.ª Categoria — Portugal contra Cruz Quebrada, no Campo Grande A, ás 15 horas; juiz o sr. Ilidio Nogueira.

Royal contra Chelas, em Chelas, ás 15 horas; juiz o sr. Diogo Ferreira.

2.ª Categoria—Cruz Quebrada contra Portugal, no Campo Grande A, ás 13 horas; juiz o sr. Dionisio Duarte.

Royal contra Chelas, em Chelas, ás 13 horas; juiz o sr. Wenceslau Ferreira.

União Comercio contra União Lisboa, em Palhavã A, ás 13 horas; juiz o sr. Frederico de Barros.

3.ª Categoria—1.ª Serie—Portugal contra União Lisboa, no Campo Grande A, ás 11 horas; juiz o sr. Eduardo Costa (S. C. P.).

3.ª Categoria—2.ª Serie—Bom Sucesso contra Marvilense, no Bom Sucesso, ás 15 horas; juiz o sr. Armando Duarte.

4.ª Categoria—1.ª Serie—Marvilense contra União Lisboa, em Sacavem, ás 15 horas; juiz o sr. Tiofilo Constantino.

4.ª Categoria—2.ª Serie—Nacional contra Ateneu, no Bom Sucesso, ás 13 horas; juiz o sr. Roque Pereira.

51—Folhetim de «A CAPITAL»—16 de Dezembro de 1921

ROCHA MARTINS

Spartacus

Romance das lutas proletarias em Roma

VIII

Os «equites», num numero reduzido, escarranchados nos cavalos, vestiam as loriges e nas cimeiras dos seus capacetes tremiam as cristas vermelhas; os «hastatés», os «principes» e uma guarda veterana tinham tanto aprumo nas suas armas que lembravam mais um exercito da republica que uma multidão de escravos revoltados.

Alguns dos militares de Roma que tinham atirado ás espadas e os arcos diante dos pretores da Lucania, dos servos feitos soldados, pela simpatia que Spartacus produzia eram os seus decuriões e queriam aparecer aos olhos do chefe dignos da maneira porque os recebera.

Tinham acorrido os que não se empregavam nas fileiras a ver os seres de todas as raças aglomeradas naquelas falanges; os helenos tostados e firmes, os gigantescos nubios côr do ebano polido, os cavaleiros claros da Italia junto da guarda negra terrivel no combate e que usava diademas de penas nas cabeças rapadas; germanos muito alvos, de barbas cor de fogo, e gaulezes de bigodes pendidos suaves como o linho encostavam-se aos hespanhois morenos de olhos ardentes e os thracios, os iythinios, os carthaginezes, representando toda a escravidão, já não desdenhavam dos syrios traços com rostos femininos que mostravam atitudes marciais querendo enfurecer os lindos olhos de ternura que a devassidão dos milionarios cubiçava como aos das cortesãs. Já não havia efebos, mas rapazes que queriam ser homens, alguns deles ferozes mas cheios de vigor e, da dignidade do sexo.

Os chefes montados nos seus cavalos estavam á frente de espadas altas, a de Crixos scintilava nos luzeiros rapidos dos relampagos. As mulheres tinham vindo com ramos de giestas para atapetarem o caminho e os prisioneiros, arrancados dos carceres, assistiam a essa formidavel parada de quarenta mil soldados e começava a recear da fortuna que tanto cobrira Roma. A enorme estatua de Marte, com a sua lança e o seu elmo, olhava e dominava todo aquele acampamento conquistado onde Spartacus surgia sobre o cavalo de Varinius a cujo pescoço a mão garota de Felux dependurara as insignias do pretorado. Janio e Elio, nos braços de Numesia, chamavam Eudoxio que guardava o ar duma estatua negra segurando a sua espada recurva, e não sorria, embora nos seus olhos se marcasse a ternura pelos pequenitos cheios duma alegria efusiva.

Ribombava a trovoada, ao longe ziguezaguavam corriscos. Lavinia, correra para Myrtha; Opalia segurava-a muito interessada no que ia suceder e Emerencia, junto do carro onde guardara a urna das cinzas do guerreiro, e a sua cythara, só agora começava a voltar á realidade.

A filha de Arunco procurava os olhos de Manlio muito abatido, arrimado a um bordão, na fila dos prisioneiros definhados e via bem a resolução em que estava de morrer. Mais valia tambem aquele bem que Myrta lhe proporcionara do que a vergonha e a infamia e ela, sem querer que Opalia a ouvisse, ia sentindo um grande desejo de lhe agradecer esse final em que as libertara.

A esposa de Spartacus, porém, estava bem distante do sofrimento alheio naquela hora em que via o marido avançar com toda a pompa das armas que vestia, precedido pelos numidas, cercado pelos oficiais, em direção ás legiões formadas, sob aquele céu tempestuoso. Grandes horrores lhe acudiam ao estalar dos trovões; cadeias de traições lhe vinham á mente com a canção desolada que Jarmelo costumava cantar e em que havia a face livida dum grande guerreiro chamado Viriato; os ecos da mesma Lusitania, passando atravez dos mares nos labios dos piratas, lhe diziam como meses antes, Sertorio fôra tambem morto e era Marios fugitivo enterrando-se no lodo dos pantanos e todos esses horrores do poder e do crime a turbarem-no em quanto o exercito atroava o espaço no seu grito misturado ao do trovão:

—Salvé Spartacus!

Ela constatava, mais perturbada, que as tropas de Crixos se conservavam quasi todas silenciosas; só aqui e ali um isolado grito aclamava o general e cada vez que o relampago passava e fazia lampejar as armas mais o contraste se definia entre as saudações duma parte e a sinistra calada da outra.

Não queria que se lêsse no seu rosto branco nem nos seus olhos estranhos o medo que a acometia; desejava mostrar-se a esposa digna do grande guerreiro cujo cavalo ele conduzia para a frente dos soldados silenciosos do gaulez que, de espada alta e um sorriso desafiador nos labios, o esperava.

—Salvé! Salvé!..

Como um rumor que se esvae o grito findara do lado que ele percorrera e agora uma quasi mudez reinava no acampamento. Emerencia, sacudida num estremecimento, olhava o espectaculo singularmente imprevisto e mal ouvia o regougar da mãe, junto de Lavinia, que balbuciava:

—E se o matam?

Spartacus apeara-se; levantara a mão aberta para as avançadas que Priscos comandava ao ceder o seu posto junto da patricia vigiada apenas por dois cimbros e pela velha advinha e ninguem respondia á saudação do chefe naquelas primeiras filas; só de longe, das novas centurias, se elevavam gritos, a que os romanos correspondiam buscando excitar os seus soldados.

Estava no meio dos homens cuja rebelião assim se anunciava; tocava nas armaduras, endireitava as armas, fixava alguns nos olhos que se baixavam envergonhados e dizia a um dos gaulezes, rapidamente:

—Foste um belo revoltado na Campania, mas fugiste no combate de Nola... Poucos da tua situação, no tempo da revolta, são apenas soldados... Distingue-te quando os romanos voltarem!

Duas lagrimas rolaram pelas faces claras do gaulez; os olhos azuis marejados de pranto, voltaram-se para o general e da sua boca saiu apenas uma desculpa:

—Não tinha armas.

—Os teus companheiros as tomaram! Salvé, irmão!

—Salvé, Spartacus, «imperator»! gritou ele num desabafo ruidoso e logo toda a sua fileira repetiu o brado.

Os soldados de Eudoxio atroavam os ares; a guarda numida erguia as espadas recurvas e o comandante, mergulhando cada vez mais nas fileiras, gritava:

—Irmãos! Que os deuses nos acompanhem no proximo combate! Os romanos já nos mandam dois consules, tão aterrados estão com a vossa bravura! E' preciso batermo-nos livres para não morrermos escravos!

—Salvé! Salvé!...

O exercito ia a contagiar-se; a grande trovoada que se desencadeava enervava os homens; gotas mornas grossas de chuva começavam a pingar e Crixos, voltando-se, berrou tambem:

—Salvé Spartacus!...

Logo todas as legiões o aclamaram; o general empalidecera e fixara o outro ao largar para a frente da guarda de Priscos. O gaulez clamava:

—Soldados! Lá em baixo são as cidades ricas onde se guardam os tesouros! Que Spartacus nos leve para lá, nos deixe saquear, prover as nossas reservas para aguardarmos os romanos!

—O saque! o saque!.. Salvé Spartacus!..

(Continúa.)

Colegio Vasco da Gama
T. das Freiras (a Arroios), n.º 2. TELEFONE NORTE 2145
O mais bem situado de Lisboa. Campos de equitação e recreios. Educação esmerada. Optima alimentação. Todos os alunos do curso dos liceus, do curso comercial e do ensino primario propostos a exame ... conselho escolar do Colegio, ... aprovados, tendo prestado ... e obtendo alguns as mais ... classificações.
Pedir estatutos aos directores.
P. Antonio Manuel da Silva Pinto Abreu, Dr. Luiz Gonzaga da Silva Pinto Abreu.

Instalações electricas
EM TODOS OS GENEROS
OLIVER LTD.—Rua da Prata, 260, 2.º
—Telefone C. 1168.

Alberto Afonso
—LISBOA—
Postais ilustrados

TUBERCULOSE
NUCLEOCALCINA FORMOSINHO
Reconstituinte poderoso, scientifico oracional
PHARMACIA FORMOSINHO
Praça dos Restauradores, 18

POLICLINICA DO ROCIO
Largo do Camões 19 (ao Rocio)
CLASSES POBRES—Tel 3747
Rins e vias urinarias — Dr. Cemossa Saldanha, ás 10 1|2.
Medicina geral, doenças nervosas e electroterapia — Dr. Concela d'Abreu, ás 14 e 1|4.
Olhos — Dr. Henrique Roquete, ás 16.
Pele e sifilis.—Dr. Zeferino Falcão, ás 14 e 1|2.
Boca e dentes—Dr. Amor de Melo; 9 1|2.
Medicina geral, coração e pulmões.—Dr. F. Martins Pereira, ás 15 1|2.
Cirurgia, doenças das senhoras e partos.—Dr. Luiz Ottolini, ás 15.
Ouvidos nariz e garganta. — Dr. Cordeiro Lobato, ás 14.

Remedio constituido com o suco de sete plantas medicinais: Faz nascer o cabelo ás pessoas calvas. Cura em pouco tempo a queda do cabelo e dá a este um extraordinario vigor. Extermina radicalmente a caspa em pouco tempo.
A Juventude é, além de tudo um remedio preventivo da calvicie.
Unico depositario: DROGARIA DIAS
R. Fanqueiros, 842 e 844 Frasco 2$50 ... 3$00. Todos frascos levam a assinatura do seu verdadeiro auctor LUIZ ALBERTO DA SILVA.

Joalharia, Relojoaria e Ourivesaria
— DE —
JULIO REI, L.da
ex-empregado da Joalharia Abreu
Grande sortimento em joalharia, relojoaria e pratas por preços sem competencia
Antiga RELOJOARIA OLIVEIRA
30, Praça dos Restauradores, 31
(Palacio Foz)

A casa que mais barato vende. —Ourivesaria e Relojoaria— Temos sempre grandes sortidos de objectos que vendemos SO' PELO PESO á joalharia que vendemos com as maximas garantias.
VIUVA MARQUES—R. de S. Paulo, 200 —LISBOA—

Banco Nacional Ultramarino
Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada
Fundos de reserva 25.000.000$
Assembleia Geral Extraordinaria
Por ordem do sr. Ex.mo Sr. Vice-Presidente da Mesa da Assembleia Geral, é convocada a mesma assembleia para continuamento dos trabalhos da Assembleia Geral Extraordinaria interrompidos em ... de setembro p. p., reunir no edificio do banco, no dia ... do corrente, pelas 14 horas.
Assunto: Circulação Fiduciaria nas Colonias.
Lisboa, 19 de outubro de 1921.
(a) Francisco Mendonça de Sommer.

A Urbana Portugueza
Fundada em 1888
Effectua seguros terrestres, maritimos, de cristais e gréves e tumultos.
Agentes geraes em Lisboa Eduardo de Noronha, Ld.ª. Rua Augusta, 56, 1.º
Telefone 1586 C.

RELOGIOS —*A Maior Variedade*—
Ourivesaria e Relojoaria Confiança
DE ALMEIDA, LIMITADA
Grande sortimento em pratas para brindes e joias
Fanqueiros, 1 a 5 e 51 a 53

AZEITE
PURO DE OLIVEIRA
Finissimo para conservas e consumo
PEDIDOS A':
SOCIEDADE EXPORTADORA DE PEIXE, Ltd.
RUA DE S. PAULO, 20, 1.º

Sapataria Januario
O mais perfeito Calçado de Luxo
Sempre os mais chics modelos
MEIAS FINAS
— Telefone Central 5527 —
78 - Rua Santa Justa - 80
193 - Rua Arco Banderia - 195

Maquinas de escrever
ACESSORIOS, reparações garantidas —OLIVER, LTD.—Rua da Prata, 260, 2.º —Telef. 1168 C.

Agua da Certã
A Agua minero-medicinal da Certã apresenta uma composição chimica que a distingue de todas as outras até hoje conhecidas na therapeutica.
E' empregada com seguro resultado nos Diabetes, Dyspepsias, Catarros gastricos putridos ou fermentativos, nas prevenções digestivas derivadas das doenças infecciosas, na convalescença das febres ..., nas atonias gastricas dos ... tuberculosos, hysterics, ... gastricismo dos exgotados pelos excessos ou privações, etc., etc.
Mostra a analyse bacteriologica que a Agua da Fonte da Certã, tal como se encontra no garrafão, deve ser considerada como microbiologicamente pura, não contendo colibacillo, nenhuma das especies pathogenicas que podem existir em aguas. A'lem, geral, só uma certa carga ... crobicida. O B. Tiphico Dipthérico e Vibrião cholerico em pouco tempo n'ella perdem toda a sua vitalidade, outros microbios apresentam porém resistencia maior.
A Agua da Fonte da Certã é de gosto livre, é limpida, de sabor levemente acido, muito agradavel e bebida pura quer misturada com vinho.

Bénard Guedes
RAIOS X — DIATERMIA RADIO
Tratamento do cancro
Calçada do Sacramento—10
Todos os dias ás 4 horas Tel. C. 1832.

OURO E PRATA
— MUITO MAIS BARATO —
— Só na OURIVESARIA —
Correia, Mouro, Pimenta, Ltd.
184—Rua de S. Paulo—193

Casa das malas
Fundada em 1837
Joaquim da Silva & C.ª (Filhos)
O maior sortimento em Malas, carteiras e artigos de viagem
Rua da Prata, 110, 112 e 114—LISBOA
TELEFONE CENTRAL 5716

Novo Fanqueiro da Avenida
NETTO & CORREIA, Ltd.
Avenida Casal Ribeiro, 3, 5, 7 TELEFONE 2168 Norte
Exposição e Abertura da Estação de Inverno
Muitas variedades e grande sortido em todos os artigos da sua especialidade
RETROSEIRO, MODAS E CONFECÇOES
— GANHAR POUCO PARA VENDER MUITO —

REGALEIRA-CLUB
DANCING PALACE Telefone 3238
VARIEDADES E CONCERTOS
Jazz Band - Tziganes - Diners - Concerts
SOOPERS TANGOS
Magnifico serviço de Restaurant
ROBERT NICOL—Danseur de L'APOLLO de Paris

INTERESSA A TODOS!...
QUEREIS conservar os vossos calçados pela aplicação de uma «Pomada» de absoluta confiança?
—Usai a INDIANA, incomparavelmente a melhor pelo seu brilho pelas suas esplendidas qualidades de conservação do cabedal e ótima apresentação em cores: **preto, amarelo, castanho escuro da moda — completa novidade.**
A' venda nos principais Armazens de Cabedais, nas boas Sapatarias do Paiz e no Deposito Geral:
A' PELARIA FINA
Casa de bons artigos em SOLAS, CABEDAIS, ATACADORES e meias especialidades destinadas á confecção de calçado de Luxo e Vulgar
de Policarpo Junior, Limitada
RUA JARDIM DO REGEDOR, 13, 15 e 17 — LISBOA
TELEFONE C. 3223 — TELEGRAMAS: PELFINA — Agentes exclusivos de revenda para Portugal e seus dominios, Espanha e Estados do Brazil

SABÃO NACIONAL
Sabões — TEL. C. 2519
A CORREIO EXTERNO L.da
R. S. Paulo, 104 1.º

Furunculos, diabetes, doenças da pelle e dos intestinos
Curam-se com
Fermento d'uvas Formosinho
Recomenda-se exigir o nome FORMOSINHO
FARMACIA FORMOSINHO P. dos Restauradores 19
LISBOA

RITZ-CLUB
ESMERADO SERVIÇO DE RESTAURANTE
— Concertos todas as noites —
— VARIEDADES —
Um dos restaurantes mais chics de Lisboa
Praça dos Restauradores, 27, 1.º

Horta e Costa
Rins e vias urinarias
12, Rua da Trindade 12
Consultas das 2 ás 5
TELEFONE 2424

Papelaria Camões
Grande sortimento — de — objectos para pintura a oleo e aguarela

A. Guerreiro
Da Escola Dentaria de Paris
Dentaduras sem chapa
R. de S. Paulo, 26
(junto ao Arco) Telefone—22

PIANOS Bechstein e outras marcas
Representante: J. Heliodoro d'Oliveira
ROCIO 56, 57 e 58

Banco Nacional Agricola
Soc. An. Resp. Lda.
SÉDE-R. do S. Julião, 188 e 190
LISBOA
Nos termos do artigo 8 e 19 dos Estatutos do Banco são convidados os Srs. acionistas a entrar com a importancia de Esc. 25$00 por acção, correspondente á 2.ª prestação do capital emitido, desde 15 a 31 de outubro corrente.
As cautelas representativas das acções devem ser apresentadas no acto do pagamento nos locais abaixo designados e nos correspondentes na provincia.
Lisboa, Evora — Banco Nacional Agricola
Lisboa, Porto, Chaves — Pinto & Sotto Maior
Pelo Banco Nacional Agricola
Os Directores
a) Eduardo Fernandes d'Oliveira
a) Eduardo Correa de Barros
a) Joaquim Nunes Mexia

CORTICITE
Estabelecimento EROLD, Ltd.
R. dos Douradores, 7

Ourivesaria e Joalheria
J. J. NUNES
171 — RUA DA PRATA — 171

Dr. Lelo Portela
— Clinica medica-sifilis —
RETOMOU A CLINICA
— Consultorio —
Tel: C. 1883 P. Luiz de Camões, 6

Leitaria GLOBO
— DE —
Rocha & Coutinho, Ltd. Tel. C. 2160
R. Conceição, 68 e R. Correeiros, 1 e 3
Puro Leite Especialidades em doçarias
Serviço permanente de chá, café, cacau, torradas, etc.

O Medico Conceição e Silva, J.º
—RETOMOU A SUA CLINICA DAS VIAS URINARIAS E DOS RINS em 6 de Outubro—R. DO OURO, 141

Andrade & Pereira
Alfaiates
Novidades da Estação

ARTIGOS FOTOGRAFICOS
LUIZ ROSA
233 — RUA DA PRATA — 235

Prisão de ventre
E suas consequencias. Funcionamento metodico do intestino pelo LAXATIVO VEGETAL VERITAS. Infalivel e inofensivo, comprovado por centenas de pessoas que diariamente fazem uso dele. Preparado por Mendes & Braga, farmaceuticos.—193, Rua do Mundo, 135, Lisboa.—Telefone, 554.

Garlopas—Serras de fita 0,70 e 0,90 —Maquinas automaticas para afiar laminas de garlopa e plaina.
EM ARMAZEM
SANTOS AMARAL, Lda.
Rua da Palma, 225|9—LISBOA
Telefone C. 1580

ASSIGNATURAS DE "Os Sports"
Portugal
6 mezes... 7$50
12 » ... 15$00
Estrangeiro
12 mezes... 30$00
Pagamento adeantado

FITA ISOLADORA
Branca e preta
15 m|m e 40 m|m (Fabricação alemã). Ao melhor preço do mercado
SANTOS AMARAL, Ltd.
RUA DA PALMA, 225|9—Lisboa
TELEFONE Central 1580

PINTO & SOTTO MAYOR
BANQUEIROS
LISBOA-PORTO
Representantes em Portugal
— DO —
Banco Portuguez do Brazil
LISBOA
PORTO
R. do Ouro, 18 a 24
28, Praça da Liberdade, 29

Agua de CALDELLAS
Doenças do Figado e dos Intestinos
(entero-colite muco-membranosa e prisão de ventre)
DEPOSITARIOS:
BANDEIRA DE MELLO, L.DA
Rua Augusta, 75, 1.º e 2.º
Teleph. 2670 C.

ULTRAMARINA Efectua seguros contra todos os riscos
Rua da Prata, 108, 1.º
SINISTROS PAGOS ATE' 31 DE DEZEMBRO DE 1920 — Esc. 3.574.758$31

Antonio Casanovas Augustine, L.DA
CAMBIOS E PAPEIS DE CREDITO
57, 59, 61, RUA DO COMERCIO, 57, 59, 61

Grande Café d'Italia
é sem duvida o café da moda
ALMOÇOS
serviço á la carte
— Rua 1.º Dezembro —

Simões Bayão
(Laureado pela Escola de Paris)
Doenças da boca, cirurgia, protese e ortodoncia
Largo de S. Paulo, 13, 1.º
Telefone 3078

Escola Berlitz
20-A, Rua do Alecrim
Abrem-se brevemente novos cursos para principiantes em
FRANCEZ : : INGLEZ
Já está aberta a inscrição

Canetas com tinta
O que ha de melhor
PAPELARIA DA MODA
167 — Rua do Ouro — 169
LISBOA

Vinhos espumosos de Lamego
(CAVES DA RAPOZEIRA)
Reservas de finissimas qualidades
A' venda em todas as confeitarias e mercearias.
Depositario em Lisboa: ARTHUR BENARUS
Telhone 19—Central
Paço do Borratem 2, 4.º

Use Agua, Crême e Pó de Arroz "RAINHA da HUNGRIA"
e todos os productos da
Academia Scientifica de Belleza
que se encontra á venda nos seguintes estabelecimentos
Pharmacia Durão—Rua Garrett, 90.
Pharmacia Nascimento — Rua da Prata, 115 e 117.
Perfumaria Flôr de Liz—Rua Nova do Almada, 67.
José Feliciano Alves de Azevedo & C.ª—R. 1.º de Dezembro, 55, 65.
Pharmacia Avellar—Rua Augusta 22 a 27.
Silva, Neves & C.ª—Rua da Prata, 229, 231.
Thomaz Mendonça, Filhos, Ltd.—Calçada do Combro, 43, 47.
União Commercial de Drogas, Ltd.—Rua Augusta, 105.
Perfumaria Paris—Rua dos Retrozeiros, 68.
Galeria Parisiense—Rua Garrett, 42
Eduardo Martins—R. Garrett, 4 a 11
Perfumaria Viuva Dias — Rua da Praça da Figueira, 40.
Camisaria Modelo—Rua do Ouro, 115, 117, 119.
Loja do Povo—Praça de D. Pedro, 87 a 92.
Brazil Elegante—Praça de D. Pedro, 7 a 9.
Farmacia Barreto — Rua do Loreto, 24 a 30.
Farmacia Silva Carvalho—Rua Eugenio Santos, 48 a 52.
Loja do America—Rua do Ouro, 206, 208.
Casa Africana—Rua Augusta.
Salão Mimoso—Rua Augusta, 282.
Neto Natividade & C.ª—Rocio.
Lopes & Maia, Ltd.—Rua do Ouro, 267 a 280.
Tâtá & Rodrigues—R. Garrett, 53, 55.
Farmacia Coelho de Jesus—Avenida da Liberdade, 5.
Carmona, Ltd.—Rua da Escola Politecnica, 233, 267.
Farmacia Ultramarina—Rua de S. Paulo, 99, 101.
Casa Santos, Ltd.—R. da Palma, 7-A
Retrozaria J. Fernandes—Rua dos Retrozeiros, 79 a 83.
Henrique Xavier & C.ª—Rua do Ouro, 253, 255.
«Au Bon Marché»—Rua da Assumpção, 45, 47.
Damião & C.ª—Rua Garret, 57, 59.
Camisaria Azevedo—Rocio, 31, 35.
Deposito geral para revenda
Academia Scientifica de Belleza
Avenida da Liberdade, 23-A
Telefone: 3641 — Telegramas: «Bellezas»

Velas phos ...
110 e 210 volts
EM ARMAZEM
SANTOS AMARAL, L.da
Rua da Palma, 225|9—LISBOA
Telefone C. 15 0

TUBO BERGMAN
da casa Bergmann Elektricitats Werke
9 m|m e 11 m|m
EM ARMAZEM
SANTOS AMARAL, L.da
Rua da Palma, 225|9—Lisboa
Telefone C. 1580

TIJOLO
PREÇOS SEM CONCORRENCIA
ENTREGA IMEDIATA
C.ª Ceramica de Telheiras
L. do Directorio, 4, 2.º

OURIVESARIA ATHAYDE E RELOJOARIA
PREÇOS SEM COMPETENCIA
Grande sortimento de objectos de ouro, prata e brilhantes
Rua Fernandes da Fonseca, 1
Esquina da R. da Mouraria 101 a 103

TABACARIA CENTRAL
90—Rua da Assumpção—90
TABACOS—LOTARIAS—AGUAS REFRESCOS

AZULEJOS telha, tijolos, etc.
Ceramica Mont'Argila "LSES"
Preços sem concorrencia
Agencia em Lisboa—Gilman Santiago, Lda.—L. S. Julião, 7, 2.º

AGUA DOS CUCOS
TORRES VEDRAS
A AGUA minero medicinal dos Cucos, unica no seu tipo em Portugal para o artritismo, reumatismo gotoso, rins e bexiga; tem ainda ... dado otimos resultados nas doenças das senhoras, utero e anexos.
A AGUA DOS CUCOS vende-se em toda a parte na linha de Cascais em Carcavelos, Parede, Monte Estoril e Cascais.
Deposito geral ...
LISBOA.

MOBILIAS E ESTOFOS
Eizarro da Silva, Limitado
(Antiga casa Bizarro da Silva & C.ª)
Rua Augusta, 82, 84
e Rua dos Correeiros, 21, 23
Telefone C. 2838
Grandes descontos em todos os artigos

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 3955—12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º — LISBOA — Sabado 17 de Dezembro de 1921 — Telefone n.º 2293 — Endereço Tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

> O espirito militar forma-se de três maneiras: ou seja pelo cunho de um grande governo, ou pelo impulso de um grande general, ou pela lembrança, perpetuamente mantida, da victoria.
>
> Quinet.

O DESPERTAR

Está no poder o sr. Cunha Leal, e o facto de ter formado o seu governo, apesar de todas as ameaças de elementos desqualificados e sinistros que há muito pesam sobre a vida da Republica, constitue um sinal dos tempos que nos deve inspirar consoladoras esperanças.

Para fazer governo bastou ao sr. Cunha Leal a sua energia, essa energia que tem de ser de ferro para que a Republica, para que a propria nacionalidade possam triunfar da desordem e da indisciplina, do crime que tudo iam subvertendo.

Ha perto de dois mezes que se não respirava em Lisboa. Asfixiava-se. Com a subida do sr. Cunha Leal ao poder começa-se a entrar novamente na paz, na ordem, na harmonia, mercê das quais as sociedades se desenvolvem e progridem.

Para todo o país, como muito bem acentuou ontem o sr. Alvaro de Castro, o sr. Cunha Leal surge como o executor da vontade nacional, e essa vontade tem de ser respeitada.

Portugal fica devendo á energia do sr. Cunha Leal a desaparição do espectro da guerra civil. Mais vinte e quatro horas, o nada neste mundo a poderia evitar.

As provincias, o paiz inteiro, iam restabelecer a Constituição afrontada. O parlamento dissolvido reuniria hoje, por direito proprio, em Coimbra. Não se tratava duma nova Mitra que foi um protesto, do qual todavia derivou, a breve praso, o triumfo duma revolução legalista. O parlamento ia reunir e deliberar, pondo fóra da lei os que tinham pisado a Constituição aos pés, coagindo por meio da mais abominavel tortura moral, o sr. Presidente da Republica, enfraquecido e angustiado pelos maiores desgostos que um magistrado, na sua situação, pode experimentar. Garantiriam a liberdade e a força do parlamento não só todas as forças do exército, mas até muitas populações dispostas a marchar sobre Lisboa, para libertar a capital do paiz do jugo que um bando de agitadores sem escrupulos tiranicamente lhe infligia.

O sr. Cunha Leal aceitando um posto de sacrificio, em que a sua vida a todo o instante periga, salvou a pátria duma colisão que era inevitavel se porventura o poder ficasse pertencendo a uma turba de demagogos, incapazes de compreenderem sequer o significado da palavra Republica e muito menos de sentirem a sua beleza moral.

A derrota dessas creaturas era certa. Nada as podia eximir ao descalabro da sua tirania. Nada absolutamente nada, como nada impedirá que fracassem sempre as suas tentativas criminosas. Estamos numa epoca de civilisação que não permite o predominio de paixões, que vão até á pratica do assassinio, como sistema politico.

Mas todos devemos agradecer ao sr. Cunha Leal a sua intervenção, evitando o derramamento do sangue. E' sempre bom evitar uma luta, contanto que para isso se não sacrifique a lei, que é a garantia de nós todos nem o ideal que autentica o nosso sentimento republicano.

Disse tambem o sr. Cunha Leal que espera que todos o ajudem para restaurar a ordem e para fazer justiça. Restabeleça o sr. Cunha Leal imediatamente a Constituição, anule a dissolução do parlamento, invalide todos os decretos com que se fez obra dictatorial, faça prosseguir a investigação das culpabilidades dos assassinos de 19 de outubro, promovendo o imediato julgamento de todos aqueles contra quem já ha provas, e não é só o paiz, é o mundo inteiro que contemplará a sua obra honrada, patriotica, republicana, com admiração e entusiasmo.

Pela nossa parte, todo o apoio lhe prestamos, porque acreditamos na lealdade das suas intenções. Queremos a Republica redimida, queremos a humanidade desafrontada. Aos outros governos que mantiveram relações com creaturas, pelo menos, moralmente cumplices da noite tragica é que não podiamos conceder uma confiança semelhante.

Governe sempre animado pelo espirito da justiça e da lei, sr. Cunha Leal! Em torno da sua figura hão-de cerrar fileiras todos os bons portugueses.

O partido socialista e o congresso de Tomar.—Será inevitavel a cisão deste organismo politico?...

No dia 30 do proximo mez de janeiro reune em Tomar o Congresso Socialista. Nele se debaterá uma velha questão, que já esteve ocasionar, desta vez, a cisão do partido.

Ha no Partido Socialista duas correntes de opinião, muito caracteristicas. E vem a ser que, enquanto alguns socialistas são partidarios da intervenção nos governos da burguesia republicana, outros se conservam na v. lha doutrina, que expressamente proíbe, na carta organica, a participação de partidarios nos gabinetes organisados pelos partidos constitucionais. A primeira destas duas correntes é especialmente defendida em Lisboa, com os srs. Ramada Curto e Borges de Castro á frente da falange intervencionista; têm-se manifestado intransigentemente adversos a ela os socialistas do Porto, comandados brutalmente pelo antigo deputado sr. Manuel José da Silva,—aquele que é do capital do norte e não o seu homonimo cidadão de Oliveira de Azemeis.

Não é de presumir que os socialistas do norte se deixem convencer com os argumentos dos seus correligionarios do sul. Mas pode vir a acontecer que o Congresso note as duas coisas ao mesmo tempo, contentando-se assim todos os paladares e todas as legitimas ambições que o padre Antonio Vieira classificou de coisa vã mas que tantas cabeças seduz e transtorna... E se nós admitimos a possibilidade da realisação do paradoxo é porque, se não estamos em erro, foi num dos ultimos congressos partidarios o ilustre e esclarecida assistencia votou, com entusiasmo, a adesão plena á terceira Internacional de Moscou, antecipadamente bolchevista, e também o principio do intervencionismo nos governos da burguesia indigena. Basta que em Tomar se reproduza o fenomeno, para que todos fiquem contentes, tal qual aconselhava o heroi da fabula de Lafontaine: «Tout le monde est son père...»

OS SPORTS

Bi-semanario ilustrado de propaganda e Educação Fisica.

Publica-se ás quintas feiras e domingos.

ENTRE NOVOS E VELHOS

A questão da Sociedade Nacional de Belas-Artes

Uma carta do grande poeta Eugenio de Castro

Ex.mo Sr. Antonio de Monsanto:

Na sua passagem por Coimbra, teve v. ex.ª a gentileza de querer saber o que eu pensava sobre a questão debatida entre os novos artistas portuguezes e a Sociedade Nacional de Belas Artes.

Entendo que esta corporação, fechando rudemente as suas portas para impedir a entrada duma turba talvez juvenilmente ruidosa, mas sempre correcta nas suas maneiras e generosa nas suas intenções, praticou um acto de condenavel intolerancia, que fatalmente ha-de marcar o oiro falso dos seus creditos.

Os velhos intolerantes, os velhos que não abraçam enternecidamente os novos, são velhos que o foram sempre, que nunca sentiram os entusiasmos divinos da mocidade.

De alma e coração o acompanho e aos seus amigos.

Com toda a simpatia me subscrevo

De v. ex.ª etc.

EUGENIO DE CASTRO

O depoimento do ilustre escritor Silva Gaio

Não compreendo a atitude da Direcção da Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa em face do numeroso grupo de Escritores, Artistas, amadores de Arte que pretendem ser admitidos como socios nessa agremiação.

Verificando-se que nesse grupo se contam nomes de real prestigio e devendo a admissão de todos os pretendentes em campo assegurar á Sociedade de Belas Artes uma opulenta contribuição de valores activos, apenas poderá explicar-se tal atitude pelo receio de que essa contribuição venha perturbar a sua comoda tranquilidade e a sua sonolencia, porventura esteril, com a revoada de mocidade a esperar da entrada dos «novos». Mas, sendo assim, se os da casa estão realmente inertes, adormecidos para a sua missão, não teem direito a impedir que os de fóra os vão acordar, ou, pelo menos, despertar. Dar-se-ha, porém, o caso que alguma coisa de util desejem ainda levar a efeito? Só lhes cumpria, nessa hipotese, aceitar e agradecer a cooperação, por certo valiosa, dos recemvindos.

Em tais condições, saudando os «novos», entendo dever-lhes manifestar a minha confiança nas suas regeneradoras e audaciosas aspirações e protestar contra o timido espirito de rotina que tenta vedar-lhes o terreno de Acção onde melhor lograriam realisa-las.

Coimbra, 16 de Dezembro de 1921.

MANUEL DA SILVA GAIO

"A Capital" ouve o sr. ministro dos Estrangeiros

O sr. dr. Julio Dantas deixa-se entrevistar sem querer...

Hontem. Onze horas da noite. Presidencia do Ministerio. Vai realisar-se a primeira reunião do gabinete Cunha Leal.

Pouca gente, de fóra. Quasi ninguem. O director da policia de Segurança do Estado. Um oficial do exercito. Entra um ministro. O dr. Rocha Saraiva. Logo a seguir o dr. Abranches Ferraz. Caras alegres. Ha ainda com certeza um pouco da fadiga da formação da ministerial. Algum tempo depois, Cunha Leal. A face energica, os olhos energicos, todo ele respira, trasborda vigor e ao mesmo tempo serenidade. Desaparece, ao fundo. Nisto surge o sr. ministro dos Estrangeiros. O dr. Julio Dantas nosso ilustre colaborador. Sobretudo, coco, um «cache-col» parece-nos que azul escuro. Cumprimentamo-lo.

—Muitos parabens, senhor doutor.

—Muito obrigado... O momento é dificil.

—Não concede uma entrevista á «Capital»?

—Não, meu amigo, não. Compreende. O paiz atravessa um momento dificil, grave mesmo... O ministro dos Estrangeiros deve guardar silencio, não é verdade?

—Mas...

—Nós ou tenho a maior simpatia pela «Capital», mas... mas o momento é melindroso, tão melindroso...

Nós pirevemo-nos a acrescentar o «que».

—Ficará para mais tarde a entrevista. Muito boa noite, meu amigo.

—Muito boa noite, sr. dr.

O sr. dr. Julio Dantas que afinal não queria dar e com razão uma entrevista, dadas as susceptibilidades do momento, deixou-se entrevistar sem querer...

CROQUIS DE VIAGEM

Por terras -:- -:- -:- -:- -:- -:- -:- já dantes viajadas...

XII - A Suissa alemã ou a Alemanha á Suissa

De Berlim até Viena de Austria, uma 2.ª classe custa 400 marcos, com todas as sobretaxas e o cambio já feito da moeda da Tcheco-Slovaquia e da Austria.

Os arredores de Berlim são inspidos; planos sem grandes pontos de atração para os olhos sempre atentos do viajante, com cidades ou vilas sem importancia, entroncamentos varios e estações sem grande interesse onde apenas o chefe—sempre de ventarola vermelha na mão—passeia pelo cais. Em «Elsterwerda», cruzamento de linhas para outros pontos do imperio a demora é de cinco minutos. Estende-se ao comprido do cais uma longa meza onde estão dezenas de copos de cerveja. A multidão apeia-se, sofrega, emborca por um marco a «biere» impreseindivel á sua saude, e o comboio continua sereno, impavido, seguro.

Vista do alto por cima do ombro de Deus, a Alemanha deve parecer ligotada por todos os cantos. O emaranhado das redes ferro-viarias é fantastico; não ha recanto que não seja sulcado, nem cidade que não tenha a sua via ferrea de comunicação para facilidade do seu trafego e do seu desenvolvimento; não ha enfim directriz alguma que não seja percorrida diariamente por 6 ou 8 comboios de todas as categorias.

Nos comboios como em todos os veiculos, a entrada e saida são feitas nos paizes centrais pela direita somente; o alfacinha que tente descer dum electrico em andamento, arrisca-se a provar a dureza dos pavimentos. Ha quatro especies de «Zug» (comboios): os «Personenzuge» só de 4.ª classe; isto é «Personen» para eles corresponde a... «ordinariissimo». Os rapidos «Eilzuge» e os expressos ou «Schnellzuge» e os directos abreviadamente conhecidos por «D. zug».

Pois é no «D. Zug» com ligação por Praga para Viena que vamos caminhando em direcção a Dresden. Ao fim de duas horas de marcha estamos deixando já a região plana que circunda Berlim e a entrar na provincia do Saxe, rica de vegetação, populosa, e de que a primeira guarda avançada é a vila industrial de «Grossenhain». Depois estabelece-se contacto com o Elba, em cujas margens se debruçam pequenos «chalets», casinhas simples de campo á maneira Suissa; ha mesmo colinas, elevações maiores, arvoredo alto, monticulos com sorrisos brancos de casas alcandoradas. A paisagem interessando a viagem é mais curta. A's quatro e meia estou em Dresden, onde se entra depois de atravessar o Elba numa larga ponte com uma vista admiravel sobre a cidade debruçada na agua do rio.

❖ ❖ ❖

A scena infalivel da falta de logar nos hoteis repete-se, tudo apinhado; ha familias que deambulam de hotel para hotel apesar de falarem alemão pelos cotovelos; o que não me ha-de suceder a mim que apenas trago uma pronuncia de 4 mezes!? por isso deixo o cocheiro e o píleco seguirem o seu destino até que me vão depôr no «Palast hotel Weber». Recomendo. E' de primeira ordem, e a sensação de entrada é a de que estamos num grande paquete; o marmore branco, os espelhos as sadeirinhas de verga dão o todo da mise-en-scene de bordo. Para mais fica junto ao «Zwinger» e a dois passos do centro da cidade. Só uma coisa me aflige; os cobertores; são dos tais, em saco; mas não tenho tempo a perder. A tarde cai e ha que ir travar conhecimento com a terra. Um trem por 15 marcos mostra-nos tudo. Numa hora vê-se a fisionomia exterior de Dresden e reconhece-se a sua absoluta diferença da capital. Longe da gravidade e magestosidade da feição monumental de Berlim, aqui a construção é caracteristica, os estilos barocco e rococó dominam, a vida não tem o luxo da grande cidade central e nota-se com exactidão que Dresden é ao mesmo tempo um grande centro artistico e uma bela estancia de veraneio dos ricaços e aristocratas de Berlim.

O aceio é o mesmo, as ruas são mais estreitas na maioria, chega a encontrar-se becos, pedaços de cidade velha. O que ha de mais belo em Dresden na parte natural, é a frescura e o encanto que um rio largo, navegavel, traz á cidade que o perfura. Depois esta beleza é aproveitada, estendendo-se um terraço longo —«Bruhlsche Terrasse»— ao longo do rio, o que me faz saudosamente lembrar os lindos terraços da Junqueira e Alcantara sobre o não menos lindo Tejo. Passeemos aqui; uma escadaria magestosa ornada a cada canto pela «Noite», o «dia», a «manhã» e a «tarde» em grupo de marmore, conduz-nos lá acima. O terraço é confortante para os nervos. Longa avenida, ensombreada de frondosas arvores, com bancos virados para o rio, estatuas de musicos e pintores pelo meio, enfeitada de crianças que jogam a bola, correm ou dançam, apetece demorar aqui uma tarde calma. Em baixo os barcos a vapor que chegam e partem para a navegação fluvial entre as inumeras vilas; terras, que se dependuram pelo Elba fóra; em frente a parte nova da cidade, os grandes edificios inesteticos dos ministerios onde se vae dar pela «Carola brucke»; para o poente a silhueta em penadas, das outras pontes. No extremo do terraço, um largo café, o «Belvedére» com teatro e concertos diarios. Tudo aproveitado, tudo civilisado! Formando parede ao terraço ficam os atraz edificios magestosos. «Albertinum», um museu; a Academia de Belas Artes, em renascença, cheia de medalhões e que expõe neste momento, numas salas, trabalhos futuristas e impressionistas, sem meter medo a ninguem.

Voltemos atraz; desçamos. Estamos no meio de outras grandiosas construções, pesadas, graves e sonolentas. Uma praça é formada pela «Stadehaus» pelo castelo do rei e pela egreja da côrte. De sentinela estatuas equestres de imperadores e eleitores. Ao lado outra enorme praça com a «Opera» ao fundo e o «Zwinger». O «Zwinger» é uma galeria ocupando uma area enorme formando um pateo elegante; o estilo barocco tão cheio de decorações enfada e pesa na vista; são 7 pavilhões amarelados, com vidraças, pequenos zimborios, gomados, cinzentos. Só as piramides de buxo e o ajardinado interior dão alguma frescura áquela monstruosidade artistica inacabada ao meio da qual se senta numa poltrona de bronze e vestimenta á romana, Frederico Augusto I. E' num dos pavilhões do «Zwinger» que adormece um dos mais afamados museus de pintura, como é no «Schloss» do rei, hoje transformado em museu, que se guarda a historica galeria verde (Grünes Gewoelbe). Tudo isto fecha ás 3 horas de forma que não ha tempo de visitar; descemos até á «Post-platz» onde se ergue uma exotica fonte ornada de estatuetas; é aqui o Rocio da terra; cá está um expedidor, tambem gordo, e imenso gente sempre á espera do carro que não chega nunca. O comercio fecha ao primeiro escurecer do dia, e apenas retinem as campainhas para os «cines», para os concertos nos hoteis, nos restaurants.

A vida aqui é levemente mais cara que em Berlim; dizem-me contudo que passada a «saison», regressados ás suas terras os que andam por aqui em viagem, os preços embaratecem tambem. Cidade de provincia, Dresden podia ser uma pequena capital. A elegancia e o gosto persistem; as grandes casas comerciais continuam a ter novidades, industrias proprias e modernas, artigos atraentemente dispostos; e pelo meio a especialidade da terra—estabelecimentos com porcelanas, mimos de louça, maravilhas que enchem montras e montras.

Para fechar o dia experimento o «wein-restaurant» do hotel. Um conforto, um prazer de nababo. Não se esqueça o leitor de pedir «schinken», o belo presunto fiambre, delicioso; é uma das maravilhas da terra. Depois um passeio no escuro da noite, pelo jardim mal iluminado que circunda o «Zwinger», onde se estagna um grande lago, se quer ver a indecencia dos costumes. Tape a cara e recolha-se comnosco ao hotel a conversar com a gerente que é um pequeno amavel e falador.

Que a vida para eles está má; que os aliados não os deixam viver; que o seu desejo de trabalhar para a paz e civilisação dos povos é sincero—tal é o eterno disco. O que não pode é deixar-se continuar um povo como o alemão sem condições de desenvolvimento para poderem fazer face aos seus encargos. E o bom e choramingão ex-subdito do Kaiser cita-me um banco qualquer de Dresden que quebrou...

Não lhes garanto que me convencesse, mas o que é certo é que ás 11 horas tinha o almejado sono. Quanto ao banco quebrado... atribuo o facto a ser de Saxe.

ARMANDO FERREIRA

A SEGUIR:

XIII — As pequenas vilas do Saxe autenticas.

Morreu o maestro Saint Saens

ALGER, 17.—Faleceu subitamente o compositor Saint Saens.—(H.)

SEGREDOS A TODA A GENTE

Um bilhete postal

Meu caro Cotinelli Telmo—Prometi um dia falar lhe do seu A. B. C. sinho Venho hoje cumprir a minha promessa. E' tarde? Que quer? Estava á espera de envelhecer um pouco mais—para lhe escrever. Nós somos creanças duas vezes. A minha primeira vez já passou—resta-me a segunda que se aproxima. Queria escrever lhe quando ela chegasse. Chegou hoje? Não sei. Estas coisas chegam sempre sem a gente dar por isso. Sabe que sou um leitor assiduo do seu A. B. C.—tão pequenino que consegue entrar em toda a parte. Oiça. Um dia destes entretinha-me a folhear um livro profundo de «Direito Internacional». Nisto o A. B. C. zinho pediu licença e entrou. Abri-o. A primeira historia começava, como todas. Era uma vez... Pois trez minutos depois foi uma vez o nobre estudo profundo de «Direito Internacional». Acredite meu amigo. Não duvide. E' mais que certo. Entrei na minha segunda meninice. Envelheci tanto que estou uma criança. Foi o seu A. B. C. que m'o revelou perturbadoramente. Agradeço-lhe muito. Porque afinal, meu querido amigo, a unica coisa que se pode ser ainda, nesta linda terra portugueza: é criança...

Luiz d'Oliveira Guimarães

A imperatriz Zita na sua viagem á Suissa tocará em Lisboa

FUNCHAL, 17. — A ex-imperatriz Zita segue para Suissa em 26 do corrente no paquete "Avon" via Lisboa.—(H.)

Comicio intelectual

E' amanhã que se realisa, no «Chiado Terrasse», o anunciado comicio de protesto contra a atitude tomada pela direcção da S. N. de B. A. na admissão de novos socios.

Consta-nos que usarão da palavra, entre outros, os srs. André Brun, Leal da Camara, Antonio Ferro, Almada Negreiros, Gomes Mota, Antonio de Monsanto e L. itão de Barros, que exporão a sua opinião publica sobre os diversos aspectos da questão.

A reforma do Ministerio dos Estrangeiros

Deve ser suspensa imediatamente e submetida ao parlamento

A' sombra do periodo dictatorial, creado de facto pelo decreto de adiamento das eleições, publicaram-se varios decretos com força de lei, tão inconstitucionais como esse. A letra da Constituição é expressa: durante os interregnos parlamentares, os governos só podem ocupar-se de assuntos de mero expediente. Todas as auctorisações parlamentares que lhes tenham sido concedidas caducam de pleno direito. Nestas condições, o decreto reformando os serviços do Ministerio dos Estrangeiros é evidentemente inconstitucional.

O governo do sr. Cunha Leal declarou que se vae regressar desde já á normalidade da Constituição. Para isso, vão ser anulados os decretos que atingiram o parlamento. Não faria sentido que esses decretos fossem anulados e outros o não fossem. Nem queremos admitir tal hipotese. Seria a continuação do sistema imoral adotado pelos governos Manuel Maria Coelho e Maia Pinto, fingindo por um lado respeitar a Constituição e rasgando-a indignamente por outro lado.

O brio politico, a propria honra pessoal, do chefe do novo governo e dos seus cooperadores não consentem sequer que se encare a possibilidade da continuação de tão mesquinha duplicidade. Precisamente, a testa do ministerio dos Estrangeiros está uma das mais elevadas e mais correctas figuras do nosso meio politico. Referimo-nos ao ilustre escritor e nosso velho amigo, o sr. dr. Julio Dantas. O seu respeito á lei não lhe consentirá que adie, sem maduro exame, uma reforma que tantas criticas tem levantado e na qual, se encontram algumas disposições uteis, tambem se não fallam deficiencias e abusos. A reforma do ministerio dos Estrangeiros, com o sr. Julio Dantas a perfilhe, com as suas alterações, não deixará por isso de ir ao parlamento, a cuja discussão se fez todo o possivel para a furtar.

Os neo-diplomatas, inventados pelo sr. Veiga Simões...

Não ha nada como o exemplo para convencer os incredulos.

Já manifestamos, por mais duma vez, a nossa discordancia com o sistema administrativo que o sr. Veiga Simões pretendeu introduzir no regimen republicano, inventando a assistencia aos domicilios em materia da corrupção politica. O ilustre ministro em Viena de Austria não se conformou com a ideia de que ainda havia no paiz uma duzia e meia de portuguezes que não eram empregados publicos e que manejavam a vida diaria neste ingrato mister jornalistico, — fazendo-o, aliás, com muito brilho e competencia. Para terminar de vez com tal anomalia, o sr. Veiga Simões queimou as pestanas engendrando a reforma do ministerio dos Estrangeiros, com a qual pretendeu inaugurar um periodo teso da ditadura administrativa, temperada com o molho de um pouco de adubo politiqueiro, o qual consistia na nomeação de uma fornada de adidos de legação, recrutados por aqui e por ali, por onde muito bem calhava e só ele sabia. E logo apareceram contemplados alguns ilustres desconhecidos á mistura com nomes gloriosos nas lides da imprensa.

Mas quando se tratou de dar posse aos nomeados, surgiu o imprevisto, que o sr. Veiga Simões não teve tempo de remediar, graças á queda, extemporanea ou não, do governo de que fez parte. Eis como as coisas se passaram:

O sr. Veiga Simões, influenciado, talvez, pelas manifestações da opinião publica, mandou suspender a execução da reforma, não se dando posse aos empregados do ministerio, postos em contradança pelas deslocações burocraticas que o diploma impunha. Os adidos improvisados reclamaram, naturalmente. Queriam a posse, ali, á preta... ou então não os tivessem nomeado. E logo o sr. Veiga Simões com magnanima complacencia ordenou que se verificassem as provas dos anunados. Mas quem havia de dar a prova, se os proprios empregados, deslocados daqui para ali, ainda a não tinham, tambem? Como não havia tempo para resolver o incidente burocratico, ficou tudo como estava, até que o Parlamento diga da sua justiça. Resultado: ficamos com adidos a menos, jornalistas a menos, e, por agora, a corrupção domiciliaria não fica constituindo, já suficientemente escandalosa, dos nossos deploraveis costumes politicos e administrativos.

Tout est bien...

Prova-se á evidencia

Que os efeitos da «Fibrocalcina» são documentados por ser o unico recalcificante que emprega a cal e o fosforo já assimilados pelos animais.

E' por isso que a sua acção no tratamento da tuberculose é eficaz.

COMO FOI SOLUCIONADA A CRISE

O que pensam os outubristas

Entrevistando o major sr. Filipe de Sousa

No café da Brazileira do Rocio, á hora em que os mais exaltados frequentadores do café iniciavam os seus interminaveis discursos de incitamento á revolta, tivemos ocasião de trocar algumas palavras com o distinto oficial, major sr. Filipe de Souza, um dos mais valiosos cooperadores do movimento de 19 de outubro.

—Que diz v. ex.ª sobre a forma como foi solucionada a crise?—preguntámos nós.

—A crise que atravessa o nosso paiz é uma crise de caracteres.

Estas foram as palavras de alguer que se pronunciou no Parlamento, com as quais eu então não concordei. Actualmente estou absolutamente convencido de que esse alguem tinha razão.

—Veja v., por exemplo, o que aconteceu com a scisão dos «outubristas».

«Fez-se um movimento para terminar «de vez» com a cabala politica partidaria e com os politicos porque de contrario de nada servia a revolução.

«E contra quem se fez esse movimento? Não foi por certo contra o venerando Chefe do Estado!...

«Não foi, certamente, contra o povo que está comendo caro e mal, mas sim contra o partidarismo que não tem conseguido satisfazer por completo ás aspirações do povo.

—Mas—perguntamos nós—porque não impuzeram os «outubristas» o cumprimento do programa revolucionario?

—Os outubristas exigiram, por vezes, o cumprimento do programa revolucionario, mas uma parte deles quer esse programa cumprido com a aquiescencia dos partidos, ao passo que a outra não.

—E dai a scisão?

—Certamente. A' frente daqueles que pretendem estar bem com Deus e com o diabo está a Junta Revolucionaria, tendo sido dai, ao que parece, que apareceu o sr. Cunha Leal.

—E quem está á frente dos «outubristas» radicais, daqueles que exigem intransigentes, que seja o sr. Mesquita de Carvalho o encarregado de formar gabinete?

—Esses não teem junta propria, não teem chefe, nem dele precisam. «São todos, a maioria dos revolucionarios, os verdadeiros já se vê que de forma alguma podem admitir como chefe dum governo, o sr. Cunha Leal.

—Mas agora, com o governo organisado, que podem os «radicais» de 19 de outubro fazer?

—Não sei, meu caro amigo, porque isso é lá com eles...

—Com eles?... Mas v. ex.ª não é tambem «outubrista», dos verdadeiros?...

—Era, em teoria.

—Em teoria?!

—Sim, porque concordo plenamente com o programa revolucionario, mas praticamente estou afastado de tudo quanto sejam movimentos de facto.

—Mas afirma-se que os revolucionarios estão dispostos a fazer mais uma revolução para impôr o nome do sr. Mesquita de Carvalho como chefe do governo?

O sr. Filipe de Souza esboça um sorriso enigmatico, dizendo:

—Não sei... é possivel...

E logo após:

—Do resto eu pouco me importo com essas coisas! Quem as armou que as desarme!...

A CAPITAL

publicará brevemente:

Duas edições

Reconstituição historica de um Auto de Fé em Lisboa nos fins :-: do seculo XVI :-:

Despertou interesse no publico a noticia que aqui demos de que na proxima semana o erudito professor Ladislau Batalha, nosso colaborador, começara a fazer no nosso jornal a reconstituição dos Antigos Autos da Fé, com todos os seus horrores e o ceremonial de que eram revestidos.

A proposito da nossa interessante secção de «Antiqualhas Historicas», temos-nos perguntado alguns dos nossos assinantes, o que tem que ver o seculo XVI em especial, com o adagio portuguez, cuja historia o nosso colaborador está procurando esclarecer em cinco volumes, cuja publicação está prestes a iniciar-se. Para melhor esclarecer o publico ilustrado, vamos sobre o assunto ouvir o autor uma entrevista, que será interessante para os que cultivam a sciencia historica.

Factos e palavras

DO GOVERNO

Hontem tomou posse o novo governo. O cerimonial do costume, discursos, cumprimentos, muita gente.

No entanto qualquer coisa de novo, de original, fóra da banalidade, existiu ontem. Foi o discurso do novo chefe do governo.

Cunha Leal falou. E conforme o seu costume, quando falas disse coisas.

Não se limitou a vãs palavras. Afirmou, apontando factos.

Cunha Leal mostrou-se ontem mais uma vez um homem de ação, um homem de energia.

E pelas afirmações que produziu mostrou-se, é preciso frizá-lo, um homem de caracter.

Esta minha afirmação parecerá ridicula a muita gente.

—Pois está claro que é, dirão esses. Está claro que é, não!

Para estar claro é preciso mostra-lo com afirmações e com factos.

O caracter hoje, em dia, não é uma regra é uma excepção.

Ora as excepções apontam-se, demonstram-se e não se parte do principio de que existem.

Existo de caracter que parece não valer coisa nenhuma tem no fundo uma grande importancia. Tem tanta que só com caracter se pode fazer qualquer coisa util.

De resto a unica crise, real, verdadeira, notoria, a unica que existe é a de caracter. Todas as outras são apenas uma logica consequencia.

Cunha Leal ao tomar posse, declarou: Eu não sou um aventureiro...

Cunha Leal não é de facto um aventureiro. No entanto a sua nobre atitude é bem uma aventura.

Bem haja por a ter tomado!

BOTTO DE CARVALHO

⁂

Para a pasta do trabalho foi escolhido um membro do Partido Liberal, o dr. Alves dos Santos, ex-deputado, presidente da Camara Municipal de Coimbra, professor de psicologia, filosofia, historia, pedagogia e demais disciplinas da Faculdade de Letras e Escola Normal Superior da Universidade Velha... e desde a fundação da Republica candidato permanente ao «fauteuil» de ministro da Instrução.

Isto é uma biografia instantanea...

O sr. Alves dos Santos sente-se com competencia para gerir uma pasta para a qual nunca se preparou... naturalmente com a mesma competencia com que na Universidade regia todas as cadeiras possiveis e... as imaginaveis.

⁂

A reconstrução da frota mercante alemã progride rapidamente.

Somente nas linhas de Hamburgo deitaram à nado durante o segundo trimestre de 1921 dezasseis novos barcos com uma tonelagem de 106 030 toneladas. Desde o fim de 1920 a tonelagem alemã (sem indicar os barcos construidos para o estrangeiro) aumentou de 428.000 a 700.000 toneladas.

Segundo os jornais tecnicos alemães existem actualmente nos estaleiros da Alemanha 45 barcos em construção. O aumento devido ao resgate de navios que foram alemães e á compra dos barcos estrangeiros progredia rapidamente. O tipo dominante nas unidades alemãs é o vapor de 10.000 a 13.000 toneladas.

As tripulações recebem desde primeiro de Setembro ultimo um ordenado 60 a 80 (?) superior ao antigo. Sem embargo o valor do marco é tal que as companhias de navegação alemãs apesar deste importante aumento podem ainda competir facilmente com as companhias doutros paizes.

⁂

Estão-se fazendo umas interessantes experiencias com a telegrafia sem fios na costa Atlantica dos Estados Unidos, por um grupo de cidadãos americanos que tentam por-se em comunicação com o sr. Godley, o conhecido inventor dos mais aperfeiçoados aparelhos, que se encontra actualmente em Inglaterra munido de um instrumento muito sensivel destinado a apanhar as ondas menos fortes e a abrir o caminho para livres comunicações entre operadores amadores atravez do Atlantico. Se estas experiencias ficar provado que as comunicações transatlanticas se podem estabelecer entre estações particulares de telegrafia sem fios, os tecnicos são de opinião que o governo inglez revogará a lei proibindo o envio de telegramas sem fios pelas estações oficiais, e em breve serão permitidos as comunicações particulares e directas entre os cidadãos da Inglaterra e dos Estados Unidos.

⁂

Em Cameron, na Alemanha, luta-se vivamente contra o tripanosomo e a França espera lutar, ali, mais energicamente que os alemães. Mas o que é o tripanosomo?—interroga o leitor? O tripanosomo é nada menos do que o microbio da doença do sono. Os alemães, para o destruir, ordenaram o encerramento de territorios enormes, onde o comercio não penetra. A França estabeleceu, no Cameron, postos de vigilancia e inspecção nas encruzilhadas mais importantes da região, quer por terra quer por mar. Todos os indigenas, trabalhadores ou condutores de pirogas são minuciosamente examinados e os tripanosomados não podem seguir caminho sem uma injecção de atoxyl. Diz-se que eles teem inventado varios meios de se eximir a esta precaução, o que é disparate, pois não só o remedio é de utilidade para os doentes, mas isso porque os enfados e estudos e cuidados de vigilancia que lhes teem acarretado justos louvores.

Em um dos sectores profiláticos os franceses teem isolado as aldeias e campinas onde pululam os tripanosomos e criado centros de instrução e asseptia para os doentes. Os saderamos mais abandonados nas linhas são di recebidos, assim como os alienados. Em meados do ano que era findo em 40:316 indigenas, o exame medico constatou 6.000 casos. Quem vencerá? O tripanosomo ou os cuidados profilaticos? O futuro o dirá.

⁂

Uma recente e maravilhosa descoberta veio por assim dizer dar vista aos cegos, permitindo-lhes ler um jornal ou um livro impresso em caracteres ordinarios.

O aparelho que realisa esse prodigio chama-se Optophone e foi imaginado por um fisico inglez, M. Fournier d'Albe. O Optophone é um instrumento que aplicado a um texto impresso faz corresponder para cada letra que o compõe um som musical especial.

O principio scientifico que permite esse milagre é o seguinte: o selenium, um receptor telefonico for ligado a uma bateria electrica e um dispositivo especial, uma corrente atravessará esse dispositivo especial e a sua intensidade variará segundo ele esteja mais ou menos iluminado.

Com este fio foi construido o aparelho maravilhoso que permite nos cegos, com a maior facilidade ler qualquer jornal ou livro, bastando adaptar as letras escriptas o aparelho que lhe transmitirá os ouvidos o som correspondente a cada uma das letras.

PELO TELEGRAFO

A conferencia do desarmamento

A imprensa de Tokio aplaude a formação da «quadrupula-entente»

WASHINGTON, 17. — A imprensa de Tokio aplaude com entusiasmo a formação da aliança entre as quatro nações para substituir a actual aliança anglo-japoneza e tentar conseguir dificuldades ou os mal entendidos que apareçam no Extremo Oriente sejam regulados por meio da discussão entre as nações e não pela guerra.—(Lat. Am.)

Uma moção

WASHINGTON, 17.—Por indicação do embaixador inglez sir. Auckland Geddes, a comissão do Pacifico e das questões do Extremo Oriente, aprovou a seguinte moção: Os paizes presentes nesta conferencia, Estados Unidos, Belgica, Inglaterra, China, França, Italia, Japão, Holanda e Portugal declaram ser sua intenção não entrarem em nenhum tratado, acordo combinação ou arranjo, entre si individualmente ou colectivamente, com um ou mais paizes que possa violar ou prejudicar os principios sancionados pela resolução tomada em 21 de Novembro por esta comissão e que garantem que será respeitada a integridade administrativa e territorial da China.—(Lat. Am.)

Palavras de Lord Beatty

LONDRES, 17. — O almirante Beatty tem fornecido promenores interessantes sobre a Conferencia de Washington tendo louvado a atitude dos delegados inglezes que prestaram—segundo as suas declarações—os mais revelantes serviços contribuindo muito para estreitar os laços de amizade e ligar mais intimamente as nações. O almirante sendo convidado em Washington a fazer declarações em publico, da missão por varias vezes de desfazer qualquer mal entendidos que porventura existissem no espirito americano sobre a boa fé da Inglaterra na semana que empreendeu a sua partida; num dia fez 10 discursos em varios pontos da cidade.—(Lat. Am.)

A França vai construir dez couraçados

WASHINGTON, 16.—Diz a Agencia Reuter que a delegação franceza submeteu á sub-comissão naval as propostas relativas ás construções navais. No periodo de 10 anos, a partir de 1925, a França propõe-se construir 10 couraçados. Igual programa se propõe a Italia executar.—(R.)

Lord Beatty já regressou da conferencia

LONDRES, 17.—O almirante Lord Beatty, acompanhado da sua esposa e do um filho, regressou da Conferencia de Washington. O almirante disse que a conferencia foi o facto mais importante que se tem feito nos ultimos anos, para conseguir o estabelecimento da paz mundial. Referindo-se ao limite do armamento disse: «Transparece atravez dos propostos do sr. Hughes um ardente empenho em estabelecer um entendimento no Pacifico e as medidas que prestou merecem a aprovação geral. Os portuguezes teem ainda que ser discutidos. Todos os obstaculos, segundo o ponto de vista da Inglaterra, foram removidos antes da minha partida e desde então não tenho conhecimento de ocorrencia que modifiquem a minha opinião que será assegurada pelo bom resultado dos designios do sr. Hughes.—(Lat. Am.)

As finanças da Europa

A conferencia economica é inevitavel

LONDRES, 17. — Diz o «Times» que se julga ser agora pouco provavel que Lloyd George visite Washington, mas que as suas entrevistas com sr. Briand, sobre a questão economica, serão provavelmente seguidas, no mez de Janeiro, por uma conferencia das potencias, na qual se poderá fazer representar os Estados Unidos por um seu delegado.—(R.)

As reparações

A opinião publica inglesa sobre a moratoria

LONDRES, 17.—A opinião publica inglesa está dividida enquanto ao pedido da moratoria pela Alemanha. Uma parte da imprensa diz que ela deverá efetuar os pagamentos nos vencimentos, outros jornais, e entre eles o «Westminster Gazette», mostram-se muito reservados.

Lloyd George assegurou ao sr. Clynes, «leader» do partido trabalhista, que o problema dos sem trabalho o está preocupando mais do que qualquer outro. Disse ir examinar a questão economica com o sr. Briand.

Declarou tambem que Rathenau lhe tinha observado que a falencia da Alemanha seria eminente se a situação economica não mudar. A dificuldade está em se saber como se poderá obter a indemnisação da Alemanha, porque não deve haver duvida de que a falta de pagamento das reparações afectaria seriamente a França.—(R.)

A França diz que a Alemanha deve pagar

PARIS, 17.—A imprensa franceza é unanime em declarar que a Alemanha deve pagar, e que a nota Alemã não surpreendeu o governo francez nem o governo belga.—(R.)

O Chanceler expõe a situação ao «Reichstag»

BERLIM, 17.—O Chanceler alemão expôs á Comissão do «Reichstag» que era inteiramente nova a situação criada pela entrega da nota alemã á Comissão de Reparações. O Chanceler declarou que quando a Comissão de Reparações visitou Berlim deram-lhe a entender por diversas vezes que deveriam ter obter creditos no estrangeiro. Contudo, o pedido do governo alemão foi repelido por Londres. O Chanceler terminou por pedir o auxilio da Comissão para que em breve ele for obrigado a obter do Reichstag um voto de confiança sobre a politica geral da Alemanha.—(R.)

MUSICA

O concerto Blanch d'amanhã

Damos em seguida completo, o assombroso e artistico programa do belo concerto de amanhã da «Orquestra Sinfonica Portugueza», dirigida pelo maestro Pedro Blanch, a mais antiga e a mais notavel pelos elementos que a compõem e pelo grau de perfeição a que chegou, e que todos reconhecem, e que tanto entusiasmo tem despertado.

1.ª PARTE—I «Oberon», ouverture, Weber; II—a) «Melodia»; b) «Momento musical», Schubert; III «Travessuras de Till Eulenspiegel», poema sinfonico, Strauss.

2.ª PARTE—IV «Sinfonia Patetica», Tschaikowsky, a) Adagios, Allegro non troppo, Andante, Allegro vivo; b) Allegro con grazia; c) Allegro molto vivace; d) Adagio, lamentoso.

3.ª PARTE—V «Rey-mundo Lulio», intermedio, 1.º audição, Ricardo Villa, VI «Rienzi», ouverture, Wagner.

PARA OS NOVOS LEREM

A menina da minha terra

Na minha terra havia uma menina muito triste e doente, de olhar entardecido e gestos desmaiados, que definhava, dia a dia, agonisando desalentos e suspiros, com a face enlivecida e hirta, a contemplar a morte, sem que ninguem arrojasse, sem que ninguem soubesse socorrer acudir-lhe...

Ela já nem tinha mãe. E o pai era um homem velho, cançado e gasto, um daqueles homens que opprimem sempre a mesma edade, que nunca poderam ser novos e até detestam e fogem da mocidade, da alegria juvenil e sã.

O doutor ia de vez em quando ver a menina, mas saia sempre sem esperança, desalentado, porque não atinava com a cura.

E ela, cada vez mais definhada, mais palida, sucumbia lentamente, sem ter ninguem que lhe osculasse os labios esmaecidos de anemia, num beijo frenetico, prolongado e quente, sem ter ninguem que desfolhasse risos e ternuras, canticos e alvoradas á volta da sua agonia.

Os carinhos do pai eram gelados e frouxos como a sua velhice inanimada e calva.

Não lhe bafejavam a vida nem lhe cantavam uma esperança. Desvaneciam-se, inertes, frigidos, no sopro senil da sua propria aragem.

Um dia, certo rapaz, tambem da minha terra, moço robusto e sadio, despontando para a vida em plena juventude e palpitando clamores de fe e audacidade, aventurou arrojadamente esta linda audacia:

Ele queria salvar a menina porque lhe fazia pena, muita pena; queria salvar a menina porque eram os dois da mesma terra e ele gostava tanto, tanto dela...

Ele prometia dar-lhe o seu sangue, comunicar-lhe a sua nova vida; queria ensinar-lhe a bater, a tactear a luz—aquela que cria e fecunda; queria embriaga-la de sol e nas brisas rescendentes e frescas; queria sentir-lhe o amor e o odio, a paixão e a loucura; queria leva-la pelo mundo fóra para ela aprender a vida e os homens, as coisas e os seus enigmas; queria revelar-lhe o segredo das almas, a alegria e a dor, tudo o que existe para além dos nossos olhos miopes; queria apontar-lhe a irrealidade existentes, as misteriosas expressões e as vozes fugitivas, sussurrantes que se escondem e ecoam na treva, fantasmagoricamente; queria, enfim que ela soubesse viver—que ela pudesse ver e sentir.

Mas o pai não consentiu: «A sua filha era só dele... Mesmo que morres se o que importava isso... O sangue da juventude ardia tão empestado e cheio de vicios... Ele não lhe queria dar paras salva-la... Não havia de ser um estranho quem levaria a vida á sua filho...»

E resguardava-a com uzuro, avidamente, vigiando sempre o leito em que ela já delirava, não fosse o rapaz —esse maldito estranho!—aproveitar um momento seguro da sua ausencia.

Pouco tempo depois a pobre menina lá se foi, como uma sombra inerme e fugidia que passou pela vida sem nunca ter vivido, sem nunca ter sonhado e se esfumou e extinguiu, dolorida e flebil, como uma flor outonal.

Eu não sei porquê, porém penso nesta historia, lembro-me tanto da terra portugueza, do sr. Adães Bermudes e de outros tantos Bermudes que, sem haverem tido relações com a Eva se fartam de ter Bermudinhos por esse paiz fóra...

ANTONIO DE MONSANTO

Os inqueritos

Mais duas prisões

O sr. dr. Barbosa Viana, ilustre director da P. S. E. que continua melhorando do ataque de gripe de que há dias foi acometido, esteve ouvindo hoje o capitão de fragata sr. Francisco Luiz Ramos, ex-ministro da Marinha, e o guarda marinha Benjamin Pereira.

Das investigações feitas pelo sr. dr. Barbosa Viana resultou já a ordem de prisão contra um cabo sinaleiro e um 1.º marinheiro, cuja ordem foi comunicada já para a Majoria Geral da Armada.

Machado Santos

Romagem ao seu tumulo

A Comissão Organisadora do cortejo funebre ao Vice-Almirante Machado Santos, convida todo o povo republicano de Lisboa, bem como todas as agremiações em geral, acompanhadas dos seus estandartes e distinctivos, a comparecer amanhã domingo, pelas 13 horas, na Rotunda, perto do local onde funcionou o quartel general de 5 de Outubro de 1910, a fim de prestar a devida homenagem ao malogrado Fundador da Republica Portugueza.

O itenerario do cortejo é o seguinte:—Rotunda, Avenida da Liberdade, Rocio, rua da Betesga, rua dos Fanqueiros, rua da Palma, Avenida Almirante Reis, rua Morais Soares, cemiterio.

O ALCOOLISMO

A America "bone dry,,

Violando o proibicismo — As infracções por meio de receitas medicas, de aeroplanos e de pombos—Uma recente parodia do bom samaritano

A lei que tanto barulho produziu nos Estados Unidos, a celebre «proibitive law» que levou á grande Republica da America a mais severa medida contra a venda e consumo do alcool, tem sido objecto dos comentarios mais curiosos do mundo inteiro.

Evidentemente uma tal proibição, formulada repentinamente e sancionada pela lei basica da grande democracia americana com tão inesperada urgencia, não podia deixar de repercutir, no seio do povo como uma medida violenta e naturalmente sujeitá á reacção que se varifica de todos os modos e maneiras por parte dos bebedores da America.

A lei da proibição, que era o pesadelo do povo livremente educado na escola reconfortante de Bacho—ao contrario do que geralmente se pensa tem uma cotação muito maior, e as autoridades policiais numa luta constante e numa vigilancia sem treguas, não combate ostensivo e contínuo ás bebidas alcoolicas punindo com toda a severidade da lei os transgressores da nova disposição constitucional.

O facto tem uma importancia de grande alcance social, se atentarmos que o povo americano, no uso e no abuso do terrivel toxico, constituiu-se o maior bebedor de alcool, que, desde Noé até os dias presentes, vem sendo um dos grandes males da terra.

O vicio de tal maneira se havia propagado no seio do povo, que o governo não encontrava medida mais segura para defender a raça. Adotou a medida ultima: a proibição absoluta, a abstenção obrigatoria, sob as penas severas da lei.

A reacção era de esperar-se. Os proibicionistas são iludidos de todas as maneiras. Os casos mais curiosos e interessantes do ludibrio se verificam diariamente, como a reacção da natureza do povo habituado, desde seculos remotos a sorver sossegadamente, sem empecilhos nem entraves, a bebida fatal que já se tornara uma quasi condição de vida e um elemento indispensavel ao seu equilibrio fisiologico.

A Constituição dos Estados Unidos, declarou a «America bone dry», seca até os ossos; e assim o individuo transgressor dessa disposição, que sorver uma gota de alcool, é um criminoso sujeito a sancção penal da lei.

A perturbação era inevitavel. Em New York são necessarios 13.000 policiais para vigiar os bebedores e, segundo as estatisticas daquela cidade, mais de mil processos por violação da lei proibicionista estão pendentes, a ponto de o procurador do Estado ser obrigado a lançar um apelo a todos os advogados que queiram assumir voluntariamente o cargo de juizes, para ajudar a justiça.

Mas apesar de medidas tão severas e rectas, continua a beber-se nos Estados Unidos. Bebe-se aliado de todo geito. Os particulares fabricam bebidas alcoolicas. Os medicos, subornados por uma dezena de dollars, receitam para os pseudos-doentes poções de alcool, purgantes de alcool, clysteres de alcool.

Porum processo ultimamente movido contra o medico dr. U. Coskey acusado de formular receitas dessa especie, vai se a saber-se que em 1920 foram aviadas mais de 14 milhões de receitas semelhantes.

De outro lado, o fanatismo dos proibicionistas em vez de diminuir ante a reacção popular aumenta consideravelmente. O caso que a imprensa intitulou o «Bom Samaritano» mostra bem a que ponto chegou o fanatismo desses homens.

Mr. Mackey, cidadão pacifico, mas proibicionista «enragé» foi acometido duma indisposição numa das ruas de Chicago e caiu sem sentidos. Um passante apiedado dele, e sem outro recurso tirou do bolso um frasco de «whiskey» e conseguiu com o precioso licor reanimar o moribundo. Este, ao levantar-se do chão, compreendendo o que se tinha passado, prendeu o seu bemfeitor e, levando-o á policia, promoveu o seu processo que terminou por condenação, em vista do flagrante inconfundivel.

Os anti-proibicionistas, porém, não desanimaram. Os contrabandistas servem-se de todos os meios e modos para fazer entrar alcool nos Estados Unidos, por navios, aeroplanos e até por pombos correios.

Um italiano, que conseguiu acumular uma boa fortuna graças á industria dos hortaliços, fabricava clandestinamente nas suas adegas o alcool necessario ao seu consumo diario; e, assim possuia escondidos, diversos barris de vinho, que guardava com o devido carinho. Um dia teve a desgraça de se indispor com a nóra; e, depois da discussão, esta furiosa, com o intuito de se vingar, telefonou á policia, denunciando-o. Vieram os agentes e confiscaram-lhe o precioso liquido.

Com a fabricação particular das bebidas, pode-se avaliar o continuo estado de sobresalto em que vivem os homens que assim transgridem a lei.

Um simples aviso telefonico, uma simples denuncia de um criado infiel póde acarretar desgraças inesperadas.

Mas, «quand-même», vae-se bebendo no paiz da liberdade.

O generoso sangue de Baco que ainda ferve, por certo, nas arterias de Tio-Sam, tem direitos sagrados que não renuncia.

E não será uma lei humana como a do sr. Harding que irá desmantelar os preceitos do divino Baccho, que a esta hora, nas ruas excusas de Nova York, á hora em que a policia dorme, vai, coroada de parra, com o thirso na mão e uma grande ânfora na atra, distribuindo com economia e carinho o divino vinho que sobrou ás adegas do Olympo.

ULTIMA HORA

A "Capital,, no gabinete do sr. ministro das Finanças

Fala o sr. Victorino Guimarães

Um ministro das Finanças, no momento actual, com o cambio no estado desastroso em que se encontra e com o preço da vida — reflexo imediato daquele — a subir permanentemente, é o alvo das atenções gerais.

O sr. Victorino Guimarães recebe cumprimentos, as fatais saudações dos correligionarios — por vezes tambem fatais.

Pedimos duas palavras para o nosso jornal.

— Que lhe posso eu dizer? Que neste momento se impõe aumentar as receitas dentro do possivel e diminuir as despezas sem afectar ninguem.

Actualmente um ministro das finanças não pode vir de casa com um programa na algibeira porque os problemas a resolver mudam de aspecto todos os dias. Hora a hora por assim dizer aparecem novas coisas novas e quasi sempre dificuldades com que não contavamos.

Ainda mais, não posso resolver definitivamente coisa nenhuma enquanto não entrarmos na normalidade constitucional. E' uma norma que será seguida não só por mim como por todos os ministros do sr. Cunha Leal.

Por enquanto seremos sómente ministros de expediente.

No entanto, enquanto se não normalisa a vida constitucional empregar-nos-hemos a estudar os mais importantes assuntos das pastas, para que possam ter realisação imediata logo depois.

—Consta-nos que v. ex. já foi procurado por uma comissão de funcionarios publicos pedindo melhoria de situação?

—E' facto. E' um assunto muito melindroso para resolver de momento.

Todos conhecemos a triste situação do tesouro, mas não é menos verdade tambem que o funcionalismo se debate na mais angustiosa das crises. Procuraremos uma plataforma, talvez encontremos uma receita para fazer face a esta despesa que sendo justa é enorme para o Estado.

O senhor ministro cala-se, desejoso talvez de terminar a entrevista.

Ensaiamos então mais uma pergunta.

—O senhor ministro tem tantos problemas a resolver. Falemos de um por exemplo...

—Sim, tenho muitos o que não tenho ainda são os meios de os resolver. Depois, mais tarde... deixe voltar á normalidade constitucional.

Uma carta do major sr. Tavares de Carvalho

...Sr. director: — Tendo conhecimento de que no seu jornal de 15 do corrente fui incluido numa lista de um ministerio, que muito se parece com uma «blague» ou brincadeira de mau gosto, rogo a v. ex.ª a fineza de mandar publicar, com a possivel urgencia, que não permiti a ninguem a inclusão do meu nome na organisação de qualquer ministerio, pelas simples razões de não ter tomado parte no movimento de 19 de Outubro nem ter aspirações tão elevadas. Contento-me em ser um oficial da Republica.

De v. ... etc.

Luiz Antonio da Silva Tavares de Carvalho

Funcionalismo publico

A comissão central dos funcionarios publicos procurou esta tarde o chefe do governo para tratar das suas reclamações.

O sr. Cunha Leal ficou de receber essa comissão ás 18 e meia horas de hoje.

POLITICA

A Arcada, os politicos e a questão constitucional

A Arcada, esta tarde, esteve um grand completo. Os partidaristas povoaram-na em grande numero, sais feitos com a solução da crise ministerial,—solução que, em regra, era considerada como uma contra-revolução pacifica. O que se trata, agora, é de reentrar na normalidade da constituição nal. Segundo as mais fidedignas informações as coisas vão ser feitas da maneira seguinte:

Ao contrario do que se tem noticia do, o Parlamento não será convocado. A Constituição não preceitua, realmente, que a não realisação das eleições importe inevigavelmente a convocação do Parlamento. Este prova ipso facto, a ter existencia legal, mas pode reunir ou não reunir, ser ou não ser convocado. E' pois, legitimo o decreto de dissolução, mesmo que o Parlamento não esteja realisando sessões; e como a constituição manda fazer eleições dentro do praso, o não no praso de quarenta dias, dentro do decreto pode convocar os colegios eleitorais para 8 de Janeiro, data que não altera o que já estava aprazado.

Parece que é isto o que se resolveu nas regiões oficiais e que vai ter imediata execução.

Alteração na composição do ministerio

Indica-se para ministro do Comercio o sr. Constancio de Oliveira, a quem, aliás, já foi feito convite oficial. O sr. Constancio de Oliveira aceitou, mas preferiria transitar para o Trabalho, se, porventura, o sr. Alves dos Santos aceitasse a pasta de Comercio.

Posse do novo ministro do Trabalho

Pelas 14 e meia horas de hoje, tomou posse da pasta de Trabalho o sr. dr. Alves dos Santos.

A posse foi-lhe conferida pelo ministro cessante, que poz em relevo as qualidades que distinguem o novo ministro.

Em seguida falou o chefe do governo, sr. Cunha Leal, que em breves palavras saudou o sr. ministro do Trabalho, congratulando-se pela escolha que fizera.

O sr. João Luiz Ricardo, em nome do pessoal superior do ministerio, apresenta os seus cumprimentos de saudação, falando tambem sobre os Bairros Sociais e os seguros obrigatorios.

O sr. Boavida Portugal, em nome dos reformistas, fez importantes afirmações politicas.

Declarando que o seu partido sendo um dos que mais tem reagido contra o movimento de 19 de outubro, ali vem trazer ao novo ministro todo o seu apoio e colaboração.

O sr. José Maria Pereira, em nome do partido Liberal, sauda o sr. dr. Alves dos Santos, em quem ele vê um homem honrado e capaz de levar a bom fim a missão que se impoz.

Por ultimo fala o ministro do Trabalho, que, depois de agradecer todas as saudações que lhe eram dirigidas, prometeu por ao serviço da sua pasta o melhor do seu esforço e do seu trabalho.

Ficou assim constituido o pessoal de gabinete do sr. ministro do Trabalho: chefe de gabinete, dr. Frederico Sanches de Moraes, medico e professor do Instituto Industrial de Coimbra e secretarios os srs. Toga Machado e José de Melo.

TEATRO

Berta d'Albuquerque

E' uma das actrizes mais elegantes com que conta o teatro portuguez.

Alem deste predicado que já é alguma coisa para as nossas plateias, Berta d'Albuquerque sabe representar . . . o que é tudo.

Nota do dia

Minha querida Artista:

Recebi ontem, ao jantar, por intermedio daquele nosso elegante visconde de A. o seu amavel pedido.

¿ Quer que eu vá vêr primeiro do que ninguem as suas «toiletes»?

¿ Para quê? Para dizer-lhe que são bonitas ou feias, elegantes ou ridiculas, pretenciosas ou sobrias?

Proponha minha querida artista que eu, serenamente, inspecione com todo o rigor no seu camarin, um molho inofensivo de «mousselines» de «glacés» de «libertys»?

Mas que posso eu dizer-lhe de «toilettes», que não seja o que toda a gente lhe diz?

Que sou exigente, que tenho bom gosto, que conheço a linha da moda? Mas isso são coisas que só v. vê,—ou por outra, que nem mesmo v. nunca viu.

A critica das suas «toilettes» só lha posso fazer desde que v. as vista—vestir uma «toilette»—é crea-la. Sobre um sofá, os seus trapos não são nada. Sobre o seu corpo, minha amiga... não são «toiletes» feias... E' que o seu grande costureiro, o Poiret incomparavel do seu busto e das suas atitudes foi Deus!

O HOMEM QUE PASSA

A proposito dos incidentes na "première" dos "Emigrantes"

Uma carta de Lucilia Simões

Sr. Redactor do Jornal «A Capital»: Rogo a v. ex.ª a publicação desta carta que tem por fim, não permitir que seja desvirtuada a intenção da minha atitude para com o auctor da peça «Emigrantes» na noite da sua «première» e ainda para fazer conhecer ao publico as causas determinantes da mesma atitude.

Fui gravemente ofendida na minha dignidade de mulher e sobretudo de artista pelo auctor dos «Emigrantes», quando esta peça ainda não estava em ensaios. Imediatamente cortei em absoluto as relações de cortezia existentes entre nós.

Nessa conformidade considerei como um insulto, que esse sr. pretendesse levar-me á boca de scena, pela sua não aproveitando-se do local onde estavamos, o palco, o coagida pelo publico que muito prezo. Como unico desforço possivel a uma mulher, recusei a mão, num justo direito de imediato desagravo. Eis a verdade dos factos.

Agradecendo antecipadamente a amabilidade da publicação, sou De v. ex.ª, *Lucilia Simões.*

Noticiario

Portugal

Seguiu para o Porto a nossa ilustre colaboradora sra. D. Maria Judice da Costa que vai tomar parte nos recitas que a companhia Rey Colaço-Robles Monteiro dará naquela cidade, no teatro de S. João.

—Raul Leal tem prontas duas peças, uma em francez e outra em portuguez. Esta ultima intitula-se «O incomprendido».

—Abilio Soeiro destina a sua peça «Tatuagem» á companhia do Politeama.

—Na proxima semana, em 3.ª recita de assinatura, efectua-se-ha no Nacional, a «premiére» do original do sr. Sousa Costa, intitulado «Frei Satanaz», cujos ensaios, dirigidos pelo distinto actor Augusto de Melo estão quasi concluidos.

Nessa peça reaparecem, nesta companhia, Palmira Torres e Acacia Reis, estreando-se, naquele teatro, Izilda de Vasconcellos.

AGENDA DA SEMANA

Hoje — No Eden-Teatro, reposição da revista «Tic-Tac», com Nascimento Fernandes nos principais papeis.

BÔAS NOITES MINHA SENHORA

PALESTRA AO SERÃO

Provavelmente motivada pela minha palestra de ha dias interrogam-me sobre a minha opinião a respeito da educação das creanças; preguntam-me se acho que se deve ser severa e disciplinadora para com a creança ou se é melhor não a contrariar em coisa alguma.

A minha tendencia natural seria deixa-los fazer sempre a sua vontade, visto que cumpro bastante a maxima de «Faze aos outros o que quererias que te fizessem a ti» e eu gosto tanto, tanto de fazer a minha vontade!

Comtudo, compreendo ser isso impossivel, especialmente quando se trata de creanças, e vou responder á minha consulente.

Creio não poder haver um metodo para educar creanças, neste assunto mais do que em qualquer outro, é a regra geral um absurdo; tudo depende do caracter e indole da creança, mas, parece-me, que parte casos excepcionaes de genios indomaveis que só á pancada se poderia levar, a melhor arma educativa é ainda a ternura. Sei de uma mãe que dava como castigo aos filhos não lhe chamar mamã, durante umas horas conforme a gravidade do «crime». Pois, minhas senhoras, garanto-lhes que o castigo era dum efeito seguro, mais eficaz que os açoites.

Uma severidade continua pode, fazendo retrair a natureza infantil, destruir expansões naturais e encantadoras que, bem dirigidas, mais tarde se tornariam em qualidades maravilhosas.

Afinal a virtude e o vicio tocam-se, a qualidade e o defeito estão tão proximos que basta um gesto brusco para transformar um no outro.

A economia está á margem do abismo da avareza, o genio impulsivo da violencia, a pureza da hipocrisia.

Tomemos cuidado, uma inflexibilidade considerada pois nós como virtude, pode ser causa de torcer uma natureza e si de nós! Uma natureza afastada do seu pendor natural, é muita vez uma desgraça para si propria e uma chaga incuravel para os que a rodeiam.

FRIOLEIRAS

A Via Lactea

Nas noites estreladas em que o ceu rutila de luzes meudinhas e tremeluzentes, gosto de o fixar e de deixar a minha alma embalar-se de mil fantasias.

Tenho a impressão nitida, nessas noites, que os astronomos e os sabios se enganaram e que esses pontinhos luminosos a que chamam estrelas e astros baptisando-os de nomes diferentes são apenas os olhos dos anjos que nos vem espreitar num grande movimento de piedade e quem sabe se tambem de pavor!

A humanidade deve muitas vez assustar os anjos, coitados, e faze-los esconder os rostos com as suas azas brancas.

Mas, nessas noites, o meu olhar busca com mais intensidade o caminho branco e longo da Via Lactea, origem de tanta lenda e de tanta poesia.

Para os antigos esse caminho misterioso era a estrada dos deuses, a via da Imortalidade que conduzia os heroes ao Palacio de Jupiter.

A lenda, que lhe deu o nome, conta que Juno, consentindo a pedido de Minerva, tentar vencer o seu odio por Hercules o amamentou e tendo-lhe a creança mordido o peito, o leite divino esguichou formando no ceu este rasto luminoso.

Os Gregos consideravam-na como a linha que separava os dois hemisferios do globo.

A explicação da sciencia é que a via lactea é uma acumulação de milhares e milhares de estrelas.

Para mim a via lactea é o caminho que seguem os nossos mortos, os seus passos deixam aquele sulco branco para que a nossa saudade saiba onde encontra-los no ceu.

Talvez não seja verdade, que importa? Nesta mundo em geral o que mais consola é o que não é verdade.

Quando perguntaram a Christo o que era a verdade, não quiz responder, compreendeu que o coração humano não tinha força para arcar com ela. Em troca deu-nos a ilusão.

CONSELHOS PRATICOS

Quem quizer arranjar os seus proprios chapeus deve preguear o tecido do que tenciona cobri-los, pois é mais facil fazer desta forma um chapeu elegante, dando lhe diferentes feitios do que usando o tecido em liso e que exige muito mais pericia para que um chapeu apresentavel saia das nossas mãos.

TRABALHOS FEMININOS

Coberta de berço

Inverno e Natal. Bôa ocasião de se pôr em coisas faceis de se fazer para pequenos presentes entre pessoas muito intimas. Lembro pois ás minhas leitoras uma coberta de berço para dar aos bébés.

Flanela branca recortada do azul, dois ramos de miosotis, elegantemente dispostos, ligados por uma fita bordada a amarelo e ouro é dum lindo efeito.

As flores bordadas a ponto de laçada, que é muito facil: mete-se a agulha até quasi ao fim da linha deixando apenas uma pequena laçada do tamanho da petala, a agulha é metida junto do centro da flor saindo na ponta da petala, prendendo com um pontinho a laçada.

Os pes e as folhas das flores, são feitas a ponto de pé.

GULOSEIMAS

Esquecidos

6 ovos, 4 com claras, 250 grs. de assucar. Batem-se muito bem e juntase canela ou sumo de um limão, põese-lhe farinha até se poder tender e fazem-se bolinhos de diversas formas.

HIGIENE DA BELESA

Agua de Ninon

Esta agua é colocada sob a proteção do nome de uma das maiores belezas do seculo XVII, dá a tez a frescura e o brilho da mocidade que tornou celebre a formosura de Ninon de Lenclos até a uma idade muito avançada.

Eis o segredo:

Agua de flor de laranja	1 litro
Glicerina	50 grs.
Borato de soda	10 grs.

SONETO

Na despedida

Eu fui ao bôta fóra. A tisica sombria
Levava-te á Madeira. O teu olhar magoado,
Atravessando o veu do pranto condensado,
Num abraço de luz, do meu se despedia.

De subito soltaste um grito sufocado,
Em nossos corações, como azagaia fria,
Entrou o som do sino, agudo, prolongado,
Dizendo que o vapor em breve partiria.

Os olhos para traz volvendo a todo o instante,
Sob o teu doce olhar, desci inconsciente,
A passos vagarosos, a escada vacilante.

Afastou-se o navio. Em pé, no barco, louco,
De dôr, ao longe, eu vi teus olhos pouco a pouco,
Como dois sóes, a par, morrendo lentamente.

RUY DA CUNHA

SPORT

Atletas antigos

Vigneron

Louis Vigneron nasceu em Paris a 11 de abril de 1827. Seu pae que foi um dos mais valentes saldados de Napoleão, mandou Louis para uma fabrica aprender a torneiro mecanico.

Ali se conservou algum tempo, mas em razão da fraqueza de vista Vigneron abandonou o oficio e veio abrir uma sala de «box» em Paris.

Em 1856 casou-se mas continuou dirigindo a sua sala, onde apezar da sua pequenez,—6,m40 de comprimento, 3,m87 de largura por 9,m13 de altura,—uma centena de alunos aparecia todos os dias.

Nesse pequeno gymnasio todos os «sports» se praticavam: box, esgrima, luta, pesos etc.

De luta muitas sessões se realisaram, algumas bastante movimentadas e violentas. Vigneron ensinava e bem, e n'alguns «matchs» realisados contra os homens mais considerados d'aquele tempo, revelou a sua muita força, coragem e decisão.

Vigneron nunca se intimidou deante de qualquer homem que lhe aparecesse, embora fosse mais corpulento e da aparencia mais forte.

Alem de lutador, era um belo boxeur e um atleta distincto.

Não resistimos a dar alguns desses «trucs», pelos quais se poderá avaliar do muito merecimento de Vigneron.

No começo da sua carreira, levantava mal 44 k. e tal dificuldade tinha em segura-los que se servia de uma correia para os prender. Pelo treino foi que Vigneron alcançou a sua força prodigiosa.

Vigneron tinha 1,m80 de altura e pesava 98 kg.; era «canhoto»; o lado esquerdo estava consideravelmente mais desenvolvido que o direito.

Vigneron levantava 3 pesos de 20 kg., isto é, 60 kg. certos «á lá volée» e estendia perfeitamente 25 kg. Levantava tambem ao «developpé» com duas mãos uma barra de 81 kg., numero extraordinario para o tempo.

O seu grande «truc» era «levantar o canhão», que pesava 305 kg. e com o qual, sustentando-o no hombro direito dava tres voltas á arena sem sombra de esforço e pouco curvado.

Vigneron foi o primeiro «homem canhão» e até hoje ninguem o excedeu.

Foi em Boulogne que morreu.

Vigneron, depois de executar varios numeros, carregou o canhão, poi-o «á prumo» abraço-o e curvando-se um pouco coloca-o sobre o hombro. Diz a outro atleta, que de fogo. Este assim faz mas o canhão não dá o tiro. Vigneron espera e depois, julgando que folhou, coloca novamente o canhão em terra, olhando-o pela boca.

Neste momento dá-se a explosão. Vigneron cai. Passada a fumaceira todo o mundo corre mas só veem um cadaver. O peito de Vigneron estava despedaçado e a cabeça partida.

Sobre o seu tumulo existe hoje a seguinte inscrição:

«O que o fez viver o matou».

Luta

Quando dos ultimos espectaculos no Coliseu dos Recreios, em que os lutadores eram apresentados com varios titulos de campeões mais ou menos autenticos, fomos os unicos que fizemos verdade é que dissemos que Constant le Marin, não era oficialmente campeão do mundo.

Os articulistas a tanto a linha, com a amabilidade peculiar, uniram-se e disseram coisas feias...

Ora como a verdade triunfa sempre é com prazer que démos outro dia a noticia que Constant le Marin vai encontrar o russo Zbyco, actual detentor do titulo e para disputa do mesmo.

Aviação

O aviador Fronval, que esteve entre nós, e que se celebrisou como um dos especialistas da acrobacia no ar, vai disputar a Taça Michelin.

NOTICIARIO

PORTUGUEZES CONTRA ESPANHOES

Todas as atenções do nosso meio desportivo convergem neste momento, para o jogo de amanhã em Madrid, o primeiro desafio entre nações em que Portugal é oficialmente representado. Pelas diligencias de União Portugueza, dá amanhã o nosso «football» mais um grande passo, iniciando os seus jogos internacionais representativos. E' por isso grande a emoção com que é esperado o desfecho, como grande é a responsabilidade que pesa sobre o nosso grupo. Novamente fazemos votos para que o resultado seja favoravel ás nossas côres.

UM «TEAM» ESTRANGEIRO EM LISBOA

Se dura é a tarefa que está incumbida ao «onze» nacional que está em Madrid, dificil é também o compromisso que o Benfica, o Sporting e o Casa Pia tomaram de defrontarem o grupo do Union de Praga, que, valorizado por uma segunda classificação nos Jogos Olimpicos de Anvers, anda numa «tournée» desportiva, que em toda a parte é seguida com viva curiosidade. A situação obtida em Anvers e uma segura indicação do valor dos slovacos e dispensaria, só por si, tudo que quisessemos escrever no intuito de salientar os meritos do grupo de Praga e de auxiliar os clubs promotores da sua vinda.

O Benfica, o Sporting e o Casa Pia são, incontestavelmente, os tres mais fortes clubs dos nossos campeonatos e por isso os que melhores jogos podem opôr aos slovacos. O interesse que os proximos desafios despertam tem ainda outro motivo grande: a emulação natural entre os tres grupos lisboenses, que disputarão o melhor resultado contra os estrangeiros, tanto mais que aquele que melhor tiver jogado será o escolhido para defrontar-se segunda vez com os famosos adversarios.

Na Associação de Foot-ball, travessa da Gloria, 22-A, 2.º, continuam abertas, das 21, ás 23, a assinatura.

COMUNICADO DA A. F. L.

«Não tendo esta Associação conseguido remover as dificuldades que se levantaram na realização dos desafios marcados para domingo 18, a pedido da União Portugueza do Football, ficam estes desafios sem efeito».

UNIÃO SPORT GRAÇA

Realiza-se amanhã, pelas 15 horas, uma «matinée» na séde deste Club, rua de S. Gens, 11.

A's 20,30 havera baile.

E' permitida a entrada aos socios de todos os clubs desportivos, mediante apresentação dos respectivos cartões de identidade.

CONCURSO DE GINASTICA APLICADA

Tenciona o Ginasio Club Portuguez fazer disputar entre os socios que se dedicam á Ginastica Aplicada um concurso que está despertando enorme interesse.

52—Folhetim de «A CAPITAL»—17 de Dezembro de 1921

ROCHA MARTINS

Spartacus

Romance das lutas proletarias em Roma

VIII

Compreendera aquela reviravolta do inimigo, saltava de novo para o cavalo entre as aclamações e exclamavas:

—Irmãos! Devemos bater-nos pela liberdade!...

Um grande trovão se ouviu repercutido pelos despenhadeiros, rouquejando nas quebradas, estoirando nos rochedos e uma faisca passou no seu ziguezague luminoso a abater a estatua de Marte nas beiras da estrada.

Um grito enorme foi repetido por milhares de bocas; Opalia rojava-se no chão a cobrir a cabeça de terra e o poeta Pelex, junto de Spartacus, dizia:

—E' a victoria! E' a victoria! Um deus romano fulminado pelos deuses!...

Uma chovada maior começou a cahir; Crixos dizia fixando Lavinia e guiando o cavalo para o seu lado:

—Que nos deem os prisioneiros!

—Sacrificio! Sacrificio!... gritava a advinha, espojando-se sempre: Os deuses querem sangue.

—Sacrificio! Sacrificio!—respondeu o exercito num côro rijo sobre o batega da chuva.

Crixos caminhava para a patricia; depois de ter atirado as rédeas do cavalo a um syrio de suave andado e dizia-lhe:

—Lavinia tu és romana os teus deuses acabam; que os da escravidão nos ajudem!

Ela correra a refugiar-se nos braços de Myrtha segurando o amuleto onde estava o veneno. Manlio fôra contido no seu passo hesitante pela lança de Priscos e esperava tambem a hora da agonia.

—Andal Vem... E's minha!... dizia Crixos alucinadamente.

Mas um «velite» veiu correndo afogueado, a perguntar pelo chefe e a sua voz sufocada só pondo dizer:

—Os romanos! Os romanos voltaram!...

Deste e cahiu no chão golfando, pela boca escancarada, do fundo peito arquejante, uma grande golfada de sangue.

Spartacus olhava para os montes; via uma linha de sentinelas confusas sob o ceu pardo; voltava-se para o exercito e para Eudoxio ordenou:

—Vai recebe-los!—e depois, fitando o Crixos, que o defrontava tambem colerico:

—De seguida irei eu... Não quero ser um mau chefe, um mau revolucionario e mesmo um mau soldado!...

Os romanos! Os romanos!...—gritava-se em volta do preparo da batalha.

Junio e Elio ao verem passar Eudoxio no galope do seu cavalo fogoso apontavam-no com os deditos cór de rosa e riam com as boquitas frescas, ao colo de Numesia que chorava. Era tão o grande chefe tomando uma das balas de chumbo, onde se gravavam os nomes dos que se desejavam matar sorriu: pegou noutra, revolveu o rosto e balbuciou: E' a mim que querem!

Um bando de corvos grasnando passou no espaço anegrado.

IX

Marcos Crassus sob a jorrada fria pozera a tiritar; a sua carne gorda tremitava, arroxeava-se.

«Batia os dentes e, mergulhando na piscina, naquela manhã, perguntava ao escravo aquario como estava o tempo.

«Como lhe dissesse que o sol aparecera dourado sorriu ao sahir do banho e ao receber a reacção rija das mãos dos servos sob a fricção ásperas.

«Então, no tepidario, estendendo os dedos grossos para o brazeiro roseo, olhando as pinturas com alegres corridas de quadrigas, entregou-se nas mãos do epilatario que começou a arrancar-lhe a penugem das pernas.

«Junto dele, o «Unctor» segurando o vaso do oiro da essencia misturada de violetas e alvendro da Asia, esperava que o chamassem.

«O «dives» tornou a falar das delicias de vez em voz consoladas; lembrou-se das visitas que aguardava para o «jentachisium», o almoço, e quiz saber se tinham vindo as galinholas da Ambracia e os mexilhões de Tarento. Satisfeito com a resposta que lhe dava o seu novo assistente, aquele a quem chamavam o «homero» de Crassus, enterrando-lhe o nome no ouro que custára, suspirou sob a mão macia do «unctor» gosando o aroma evolado e, já risonho, inquirira de quem o esperava.

O secretario passava os olhos pelos pelas taboas e ia dizendo nomes. O seu liberto Anias vinha por causa das construções da Suburra, havia dois militares que tinham tomado os primeiros logares na grande turba que enchia o atrio sob a vigilancia do porteiro

Chegavam á rua apesar da hora matutina numa onda colossal como se só o contacto das pedras daquele palacio onde morava o maior rico da Republica, lhes désse a felicidade.

Entre as celebradas colunas de marmore de Hymeto, tão admiradas em Roma, e que se mostravam aos estrangeiros, calcando os belos mosaicos e enodoando-os de lama das ruas, aglomeravam-se os pretendentes, escreventes de advogados que trabalhavam nas suas ansiedades de se estabelecerem, cambistas ancioses por uma ajuda do milionario, arquitectos que prometiam edificar-lhe magnificencias, os judeus sempre com maravilhosas peças de arte para lhe oferecerem, soldados em busca de melhorias, mendigos á espera de esmolas. Crassus não queria que se mandasse ninguem embora, empregava seis auxiliares em receber a gente de menor importancia e em coarem as pretenções.

Chamava a isso a popularidade.

O «homero» contara-lhe como a turba, que vinha todas as manhãs e só pela tarde se despachava, tomara os lugares, á ponto que tivera de se abrir a porta do jardim e por ali entrara Aurelio, o filho de Arunco, que estava no peristilo conversando com Verres, o pretor da Sicilia, seu hospede e que já se levantara.

Andara passeando no jardim á beira dos macissos de violetas ouvindo um poema imitado do grego a Palias, o seu favorito leitor. Depois estivera examinando, do olhar aceso, o lindo vaso de ouro com os trabalhos de Hercules que viera da Scytia; depois...

Mas Crassus já não queria saber mais nada, entregava-se nas mãos do massagista que o tratava com vagares, o sangue tingia-lhe a face, uma onda rosea lhe passava sob a pele e, suspirando, pensava sempre na cubiça dos olhos de Verres—cujas delapidações e cujos tesouros eram celebres—diante do seu belo vaso onde Hercules se ostentava com a sua grande massa.

Ao passar para o «caldario», olhando com prazer uma estatua de Venus, a cujo pescoço niveo e formoso se penduravam em honra do dia, um colar de opalas trabalhadas por Agathangeles, quando o secretario lhe continuou a ler a primeira lista dos mais dos requerentes, mandou que introduzissem Aurelio, com quem não falta, cerimonia, e Verres, se quiz vir.

Resfolegava satisfeito, as escravas olhas insoltavam-se lhe de prazer e, sentindo no banco de marmore tepido, deixava que lhe encaixassem o cabelo á grega o do aflassem do essencia de lilaz de Chypre.

(Continúa)

Colegio Vasco da Gama
T. das Freiras (a Arroios), n.º 2
TELEFONE NORTE 3145

O mais bem situado de Lisboa. Campos de equitação e recreios. Educação esmerada. Optima alimentação. Todos os alunos do curso dos liceus, do curso comercial e do instrucção primaria propostos a exame pelo conselho escolar do Colegio, ... aprovados, tendo prestado ... e obtendo alguns as mais elevadas classificações. Pedir escларecimentos aos directores: *P. Antonio Manuel da Silva Pinto Abreu, Dr. Luiz Gonzaga da Silva Pinto Abreu.*

Instalações electricas
EM TODOS OS GENEROS
OLIVER LTD.—Rua da Prata, 250, 2.º
—Telefone C. 4158.

Alberto Afonso
— LISBOA —
Postais ilustrados

TUBERCULOSE
NUCLEOCALCINA FORMOSINHO
Reconstituinte poderoso, scientifico eracional
PHARMACIA FORMOSINHO
Praça dos Restauradores, 18

POLICLINICA DO ROCIO
Largo de Camões 19 (ao Rocio)
CLASSES POBRES—Tel 3747

Rins e vias urinarias — Dr. Cosmos Saldanha, às 10 1/2.
Medicina geral, doenças nervosas e electroterapia — Dr. Concela d'Abren, às 14 e 1/4.
Olhos — Dr. Henrique Roquete, às 15.
Pele e sifilis.—Dr. Zeferino Falcão, às 14 e 1/2.
Bocas e dentes—Dr. Amor de Melo; 19 1/2.
Medicina geral, coração e pulmões.—Dr. F. Martins Pereira, às 15 1/2
Cirurgia, doenças das senhoras partos.—Dr. Luiz Ottolini, às 15.
Ouvidos nariz e garganta. — Dr. Cordeiro Lobato, às 14.

A JUVENTUDE
Remedio consultado com o sucesso de sete plantas medicinais: Faz nascer o cabelo às pessoas calvas, em pouco tempo. Cura em pouco tempo a queda do cabelo e dá a este um extraordinario vigor. Extermina radicalmente a caspa em pouco tempo.
A Juventude ... sendo um remedio preventivo da calvicie.
Unico depositario: DROGARIA DIAS
R. Fanqueiros, 349 e 344 Frasco 2$50 ... Todos frascos levam o ... da seu verdadeiro auctor *LUIZ ALBERTO DA SILVA*.

Joalharia, Relojoaria e Ourivesaria
— DE —
JULIO REI, L.da
ex empregado da *Joalharia Abreu*
Grande sortimento em joalharia, relojoaria e pratas por preços sem competencia
Antiga RELOJOARIA OLIVEIRA
30, Praça dos Restauradores, 31
(Palacio Foz)

A casa que mais barato vende—Ourivesaria e Relojoaria—Temos sempre grandes sortidos de objectos que vendemos SO' PELO PESO e joalharia que vendemos com as maximas garantias.
VIUVA MARQUES—R. de S. Paulo, 200
—LISBOA—

Banco Nacional Ultramarino
Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada
Fundos de reserva 26.000.000$
Assembleia Geral Extraordinaria
Por ordem do sr. Ex.mo Sr. Vice-Presidente da Mesa da Assembleia Geral, é convocada a mesma assembleia para em seguimento dos trabalhos da Assembleia Geral Extraordinaria interrompidos em 30 de setembro p. p., reunir no edificio do Banco, no dia 24 do corrente, pelas 14 horas.
Assunto: Circulação Fiduciaria nas Colonias.
Lisboa, 12 de outubro de 1921.
(a) Francisco Mendonça de Sommer.

A Urbana Portugueza
Fundada em 1888
Effectua seguros terrestres, maritimos, de cristais e gréves e tumultos.
Agentes geraes em Lisboa Eduardo de Noronha, Ld.ª Rua Augusta, 56, 1.º
Telefone 1526 C.

RELOGIOS —*A Maior Variedade*—
Ourivesaria e Relojoaria Confiança
... DE ALMEIDA, LIMITADA
Grande sortimento em pratas para brindes e joias
Fanqueiros, 1 a 5 e 51 a 53

AZEITE
PURO DE OLIVEIRA
Finissimo para conservas — e consumo —
PEDIDOS A':
SOCIEDADE EXPORTADORA DE PEIXE, Ltd.
RUA DE S. PAULO, 20, 1.º

Sapataria Januario
O mais perfeito Calçado de Luxo
Sempre os mais chics modelos
MEIAS FINAS
— Telefone Central 5527 —
78-Rua Santa Justa-80
193-Rua Arco Bandeira-195
Maquinas de escrever
ACESSORIOS, reparações garantidas —OLIVER, LTD.—Rua da Prata, 250, 2.º —Telef. 1158 C.

Agua da Certã
A Agua minero-medicinal da Certã apresenta uma composição chimica que a distingue de todas outras até hoje usadas na therapeutica.
E' empregada com seguro exito nas Diabetes—Dyspepsias—Catarros gastricos putrido ou pútridos—nas perversões digestivas derivadas das doenças infecciosas—na convalescença das febres graves—nas atonias gastricas dos diabeticos, tuberculosos, brighticos, etc.—no gastricismo dos exgotados pelos excessos ou privações, etc. etc.
Mostra a analyse bacteriologica que a Agua da F. da Certã, tal como se encontra na garrafa, deve ser considerada como microbiologicamente pura, não contendo colibacilla, nenhum dos ... pathogenicos que podem existir em aguas. A'lém d'isso, ... uma certa acção microbicida. O B. Typhico, B. Diphterico e Vibrião cholerico em pouco tempo n'ella perdem toda a sua vitalidade; outros microbios apresentam, porém, resistencia maior.
A Agua da Fonte da Certã pode ser gaseificada livre, é limpida, ... recommendada ... bebida pura quer misturada com vinho.

Bénard Guedes
RAIOS X — DIATERMIA RADIO
Tratamento do cancro
Calçada do Sacramento, 10
Todos os dias às 4 horas Tel. C. ...

OURO E PRATA
— Só na OURIVESARIA — MUITO MAIS BARATO
Correia, Moura, Pimenta, Ltd.
186—Rua do S. Paulo—189

Casa das malas
Fundada em 1887
Joaquim da Silva & C.ª (Filhos)
O maior sortimento em Malas, carteiras e artigos de viagem
Rua da Prata, 110, 112 e 114—LISBOA
TELEFONE CENTRAL 3716

Horta e Costa
Rins e vias urinarias
12, Rua da Trindade 12
Consultas das 2 às 5
TELEFONE 2424

Papelaria Camões
Grande sortimento — de —
objectos para pintura a oleo e aguarela

A. Guerreiro
Da Escola Dentaria de Paris
Operações indolores por anestesia
Dentaduras sem chapa
R. de S. Paulo, 28
(Junto ao Arco) Telefone—22

Leitaria GLOBO
— DE —
Rocha & Coutinho, Ltd. Tel. C. 2109
R. Conceição, 68 e R. Correeiros, 1 e 8
Puro leite *Especialidades em doçarias*
Serviço permanente de
— chá, café, cacau, torradas, etc. —

O Medico Conceição e Silva, J.or
—RETOMOU A SUA CLINICA DAS—
VIAS URINARIAS E DOS RINS em 6 de Outubro—R. DO OURO, 14...

Novo Fanqueiro da Avenida
NETTO & CORREIA. Ltd.
Avenida Casal Ribeiro, 3, 5, 7 TELEFONE 2168 Norte
Exposição e Abertura da Estação de Inverno
Muitas variedades o grande sortido em todos os artigos da sua especialidade
RETROSEIRO, MODAS E CONFECÇÕES
— — GANHAR POUCO PARA VENDER MUITO — —

REGALEIRA-CLUB
DANCING PALACE — Telefone 3238
VARIEDADES E CONCERTOS
Jazz Band - Tziganes - Diners - Concerts
SOOPERS TANGOS
Magnifico serviço de Restaurant
ROBERT NICOL—Danseur de L'APOLLO de Paris

INTERESSA A TODOS!...

QUEREIS conservar os vossos calçados pela aplicação de uma «Pomada» de absoluta confiança?
—Usai a INDIANA, incomparavelmente a melhor pelo seu brilho pelas suas esplendidas qualidades de conservação do cabedal e ótima apresentação em cores: **preto, amarelo, castanho escuro da moda — completa novidade.**
A' venda nos principais Armazens de Cabedais, nas boas Sapatarias do Paiz e no Deposito Geral:
A' PELARIA FINA
Casa de bons artigos em SOLAS, CABEDAIS, ATACADORES e malas especialidades destinadas á confecção do calçado de Luxo e Vulgar
de Policarpo Junior, Limitada
RUA JARDIM DO REGEDOR, 13, 15 e 17 — LISBOA
TELEFONE C. 3223 TELEGRAMAS: PELFINA — Agentes exclusivos de revenda para Portugal e seus dominios, Espanha e Estados do Brazil

Agua de CALDELLAS
Doenças do Figado e dos Intestinos
(entero-colite muco-membranosa e prisão de ventre)
DEPOSITARIOS:
BANDEIRA DE MELLO, L.DA
Rua Augusta, 75, 1.º e 2.º
Teleph. 2670C.

ULTRAMARINA
Efectua seguros contra todos os riscos
Rua da Prata, 108, 1.º
SINISTROS PAGOS ATE' 31 DE DEZEMBRO DE 1920 — Esc. 3.574.768$37

Antonio Casanovas Augustine, L.DA
CAMBIOS E PAPEIS DE CREDITO
57, 59, 61, RUA DO COMERCIO, 57, 59, 61

SABÃO NACIONAL
Sabões
TEL. C. 2519
A COMERCIO EXTERNO L.da
R. S. Paulo, 104 1.º

Canetas com tinta
O que ha de melhor
PAPELARIA DA MODA
167 — Rua do Ouro — 169
LISBOA

Furunculos, diabetes, doenças da pelle e dos intestinos
Curam-se com
Fermento d'uvas Formosinho
Recomenda-se exigir o nome FORMOSINHO
FARMACIA FORMOSINHO P. dos Restauradores 18
LISBOA

RITZ-CLUB
ESMERADO SERVIÇO DE RESTAURANTE
— *Concertos todas as noites* —
VARIEDADES
Um dos restaurantes mais chics de Lisboa
Praça dos Restauradores, 27, 1.º

PIANOS Bechstein e outras marcas
Representante:
J. Heliodoro d'Oliveira
ROCIO, 56, 57 e 58

— A casa que mais barato vende — Ourivesaria e Relojoaria —
Temos sempre grandes sortidos de objectos que vendemos SO' PELO PESO e joalharia que vendemos com as maximas garantias.
VIUVA MARQUES—R. de S. Paulo, 200
—LISBOA—

sem 9
CORTICITE
Estabelecimento EROLD, Ltd.
R. dos Douradores, 7

Ourivesaria e Joalheria
J. J. NUNES
171 — RUA DA PRATA — 171

Dr. Lelo Portela
— Clinica medico-sifilis —
RETOMOU A CLINICA
— Consultorio: —
Tel: C. 1883 P. Luiz de Camões, 6

ASSIGNATURAS DE "Os Sports"
Portugal
6 mezes... 7$50
12 » ... 15$00
Estrangeiro
12 mezes... 30$00
Pagamento adeantado

Grande Café d'Italia
é sem duvida o café da moda
ALMOÇOS
serviço á la carte
— Rua 1.º Dezembro —

Simões Bayão
(Laureado pela Escola de Paris)
Doenças da boca, cirurgia, prothese e ortodoncia
Largo do ... aulo, 19, 1.º
Telefone 3078

Banco Nacional Agricola
Soc. An. Resp. Lda.
SEDE-R. do 5, Julho, 198 e 100
LISBOA
Nos termos do artigo 8 e 12 dos Estatutos do Banco são convidados os Srs. accionistas a entrar com a importancia de Esc. 25$00 por acção, correspondente á 2.ª prestação do capital emitido, desde 15 a 31 do outubro corrente.
As cautelas representativas de acções devem ser apresentadas no acto do pagamento nos locais abaixo designados e nos seus correspondentes na provincia.
Lisboa, Evora — Banco Nacional Agricola
Lisboa, Porto, Chaves — Pinto & Sotto Maior
Polo Banco Nacional Agricola
Os Directores
a) *Eduardo Fernandes d'Oliveira*
a) *Eduardo Correa de Barros*
a) *Joaquim Nunes Mexia*

ARTIGOS FOTOGRAFICOS
LUIZ ROSA
233 — RUA DA PRATA — 235

Prisão de ventre
E suas consequencias. Funcionamento metodico do intestino pelo LAXATIVO VEGETAL VERITAS. Infalivel e inofensivo, comprovado por centenas de pessoas que diariamente fazem uso dele. Preparado por Mendes & Braga, farmaceuticos.—188, Rua do Mundo, 185, Lisbon.—Telefone, 564.

Garlopas—Serras de fita 0,70 e 0,80—Maquinas automaticas para afiar laminas de garlopa e plaina.
EM ARMAZEM
SANTOS AMARAL, Lda.
Rua da Palma, 225/9—LISBOA
Telefone C. 1580

FITA ISOLADORA
Branca e preta
15 m/m e 40 m/m (Fabricação alemã)
Ao melhor preço do mercado
SANTOS AMARAL, Ltd.
RUA DA PALMA, 225/9—Lisboa
TELEFONE Central 1580

Escola Berlitz
20-A, Rua do Alecrim
• Abrem-se brevemente
— — novos cursos — —
• para principiantes em
FRANCEZ : : INGLEZ
: : Já está aberta : :
: : : a inscrição: : :

Andrade & Pereira
Alfaiates
Novidades da Estação

PINTO & SOTTO MAYOR
BANQUEIROS
LISBOA-PORTO
Representantes em Portugal
— DO —
Banco Portuguez do Brazil
LISBOA — PORTO
R. do Ouro, 18 a 24
28, Praça da Liberdade, 29

Vinhos espumosos de Lamego
(CAVES DA RAPOZEIRA)
Reservas de finissimas qualidades
A' venda em todas as confeitarias e mercearias.
Depositario em Lisboa:
ARTHUR BENAROS
Telfone 16—Central
Paço do Borratem 2, 4.

TUBO BERGMAN
da casa Bergmann Elektricitats-Werke
9 ... e 11 m/m
EM ARMAZEM
SANTOS AMARAL, Lda.
Rua da Palma, 225/9—Lisboa
Telefone C. 1580

OURIVESARIA E RELOJOARIA ATHAYDE
PREÇOS SEM COMPETENCIA
Grande sortimento de objectos de ouro, prata e brilhantes
Rua Fernandes da Fonseca, 1
Esquina di R. da Mouraria, 101 e 103

AZULEJOS telha, tijolos, etc.
Ceramica Mont'Argila "LGÉS,"
Preços sem concorrencia
Agencia em Lisboa—Gilman Santiago, Lda.—L. S. Julião, 7, 2.º

MOBILIAS E ESTOFOS
Eizarro da Silva, Limitada
(Antiga casa Bizarro da Silva & C.ª)
Rua Augusta, 82, 84
— e Rua dos Correeiros, 21, 23
Telefone C. 2633
Grandes descontos em todos os artigos

Use Agua, Crême e Pó de Arroz
"RAINHA da HUNGRIA"
e todos os productos da
Academia Scientifica de Belleza
que se encontra á venda nos seguintes estabelecimentos

Pharmacia Durão—Rua Garrett, 90.
Pharmacia Nascimento — Rua da Prata, 115 e 117.
Perfumaria Flôr de Liz—Rua Nova do Almada, 67.
José Feliciano Alves de Azevedo & C.ª—R. 1.º de Dezembro, 55, 65.
Pharmacia Avellar—Rua Augusta 22 a 27.
Silva Neves & C.ª—Rua da Prata, 229, 231.
Thomaz Mendonça, Filhos, Ltd.—Calçada do Combro, 43, 47.
União Commercial de Drogas, Ltd.—Rua Augusta, 165.
Perfumaria Paris—Rua dos Retrozeiros, 58.
Galeria Parisiense—Rua Garrett, 42
Eduardo Martins—R. Garrett, 4 a 11
Perfumaria Viuva Dias — Rua da Praça da Figueira, 40.
Camisaria Modelo—Rua do Ouro, 115, 117, 119.
Loja do Povo—Praça de D. Pedro, 87 a 92.
Brazil Elegante—Praça de D. Pedro, 7 a 9.
Farmacia Barreto — Rua do Loreto, 24 a 30.
Farmacia Silva Carvalho—Rua Eugenio Santos, 48 a 52.
Loja da America—Rua do Ouro, 206, 208.
Casa Africana—Rua Augusta.
Salão Mimoso—Rua Augusta, 282.
Neto Natividade & C.ª—Rocio.
Lopes & Maia, Ltd.—Rua do Ouro, 267 a 269.
Tátá & Rodrigues—R. Garret, 58, 65.
Farmacia Coelho de Jesus—Avenida da Liberdade, 5.
Carmona, Ltd.—Rua da Escola Politecnica, 283, 287.
Farmacia Ultramarina—Rua de S. Paulo, 99, 101.
Casa Santos, Ltd.—R. da Palma, 7-A
Retrozaria J. Fernandes—Rua dos Retrozeiros, 79 a 83.
Henrique Xavier & C.ª—Rua do Ouro, 253, 255.
Au Bon Marché—Rua da Assumpção, 45, 47.
Damião & C.ª—Rua Garret, 57, 59.
Camisaria Azevedo—Rocio, 34, 35.

Deposito geral para revenda
Academia Scientifica de Belleza
Avenida da Liberdade, 23-A
Telefone: 3641 — Telegramas: «Bellezas»

Ventoinhas alemãs
110 e 210 volts
EM ARMAZEM
SANTOS AMARAL, L.da
Rua da Palma, 225/9—LISBOA
Telefone C. 1580

TIJOLO
PREÇOS SEM CONCORRENCIA
ENTREGA IMEDIATA
C.ª Ceramica de Telheiras
L. do Directorio, 4, 2.º

TABACARIA CENTRAL
TABACOS—LOTARIAS—AGUAS REFRESCOS

AGUA DOS CUCOS
TORRES VEDRAS
A AGUA minero medicinal dos Cucos, unica no seu tipo em Portugal para o artritismo, reumatismo gotoso, rins e bexiga, tem além disso dado otimos resultados nas doenças das senhoras, utero e anexos.
A AGUA DOS CUCOS vende-se em toda a parte na linha de Cascais em Carcavelos, Parede, Monte-Estoril e Cascais.
Deposito geral ... LISBOA.

PINTO & SOTTO MAYOR
BANQUEIROS
LISBOA-PORTO
REPRESENTANTES EM PORTUGAL
DO
— BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL —
LISBOA — PORTO
R. do Ouro, 18 a 24 — 28, Praça da Liberdade, 29
Rua do Comercio, 136 a 140

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

A honra do proximo deve-nos ser tão cara como a nossa propria.

Proverbio hebraico

N.º 3958—12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Segunda-feira 19 de Dezembro de 1921

Telefone n.º 2293 — Endereço Tel. CAPITAL | Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

O restabelecimento da Constituição

Quando se julgava solucionado, pelo menos nos seus aspectos mais graves o problema politico resultante do movimento de 19 de outubro, eis que surgem novas dificuldades, as quais, se é certo que não são insupuraveis, nem por isso deixam de preocupar vivamente a opinião.

Ninguem ignora que nas provincias começara, desde esse movimento, intensificando-se após o golpe do Estado que adiou as eleições marcadas para 11 de dezembro, um grande movimento de resistencia; porventura o mais importante que em todo o pais se tem desenhado, no periodo liberal e democratico, depois de 1846. A provincia colocara-se ao lado da Constituição afrontada, reagindo contra o novo pronunciamento militar que a violara, como já fora violada no pronunciamento militar que produziu a ditadura Pimenta de Castro e que foi esmagada pela revolução legalista de 14 de maio.

Enquanto, em Lisboa, se exigia truculentamente a execução do chamado programa revolucionario, vago, difuso, por vezes incoherente, em que só estava nitidamente assegurado o assalto ás repartições publicas, pondo fóra delas quem não fosse afecto á Republica Radical, a provincia, e com ela todos os republicanos zelosos dos principios e da dignidade das instituições apressaram-se para provar que Portugal não é só Lisboa, e que não basta uma coronhada militar para destruir o codigo fundamental das liberdades republicanas. Esse movimento ia crescendo em importancia, e só a chamada do sr. Cunha Leal ao poder conseguiu que um certo numero de parlamentares permanecesse na espectativa.

Compreende-se essa atitude. O sr. Cunha Leal, para o paiz inteiro, era e continua sendo a garantia mais segura de que serão implacavelmente castigados os ignobeis assassinos de 19 de outubro, e que não menos rigorosamente serão reprimidas as desordens e a indisciplina fomentadas por creaturas sem nenhuma especie de categoria intelectual ou moral. O sr. Cunha Leal escapou, por milagre, ao massacre em que perdeu a vida o desventurado Antonio Granjo.

Foi ferido; salvou-o a intervenção do bravo tenente Agatão Lança. Mas viu os gestos sanguinarios das feras; ouviu os seus uivos; deve ter sempre patente, perante a imaginação, a scena horrorosa em que miseraveis da peor especie conspurcaram fardas gloriosas e lavraram de sangue a historia da Republica. Se a um homem nestas condições não fazem justiça, justiça implacavel, justiça imediata e suprema, esse homem seria um cumplice ou um cobarde, e o sr. Cunha Leal não é um cumplice dos morticinios nem perante eles demonstrou cobardia, mas sim heroismo.

Ha, porem, uma circunstancia que o pais que quasi podemos considerar em armas, não pode verificar sem protesto. E' qualquer especie de acordo com os outubristas sob o ponto de vista de se considerar ainda subsistente, de qualquer maneira, esse desgraçado movimento. Nem o seu famoso programa, empastado em sangue, pode ser considerado com qualquer valor pratico, nem os representantes desse movimento têm o direito de entrar no parlamento pela mão dum governo constitucional. Seria uma abdicação monstruosa. Se têm votos, apresentem-se aos eleitores. Ninguem impedirá a sua eleição, mas nem os partidos nem o governo podem proteger.

Não deve surpreender ninguem que estando os elementos constitucionais já de posse da situação, visto contarem com todo o exercito e com o paiz inteiro, eles dificilmente possam concordar com certas transigencias que consideram indecorosas. Por isso reclamam que se anule toda a obra da dictadura, embora o parlamento que legalmente funcionava em 19 de outubro não tenha duvidas em concordar com a sua dissolução, medida, ao que nos parece, tanto mais desejavel quanto é certo que ela dará ensejo a prover-se, acima de toda a duvida, á repulsa nacional pelo pronunciamento de 19 de outubro. Mas desejam os membros desse parlamento que tudo se execute constitucionalmente, e como o proprio chefe do governo reconhece que ele tem o insofismavel direito de reunir em vista da inconstitucionalidade do adiamento das eleições, afigura-se-nos que não ha de facto nenhuma incompatibilidade essencial entre a orientação do governo e a orientação que esses parlamentares definem.

Tudo se resolverá, por meio dum entendimento leal e seguro, desde o momento em que a obra dos ditadores seja reduzida a pó, anulando-se todos os decretos inconstitucionais. Desses, o principal é o do adiamento eleitoral; mas a Constituição é bem explicita, e determina que durante um interregno parlamentar, provocado por uma dissolução, o governo não pode ocupar-se senão de assuntos de mero expediente, cessando todas as autorisações que ao governo houvessem sido concedidas pelo parlamento. Todos os decretos nestas condições, isto é, com força de lei são irritos e nulos. Quem não os derogar ou pelo menos suspender estará fazendo a obra da ditadura. Eis o que é necessario frisar para que inadvertidamente o governo Cunha Leal não esteja associando-se ao procedimento ilegal do seu antecessor que, pela boca do sr. Maia Pinto prometera não sair das formulas constitucionais, e faltou indignamente á sua palavra.

O que é preciso é que a opinião publica se não sobresalte. Tanto do lado dos elementos constitucionalistas que fizeram o movimento das provincias como da parte do governo Cunha Leal não pode haver outro proposito que não seja restabelecer o imperio da lei, sem nenhuma especie de transigencias com aqueles que a calcaram aos pés.

Os massacres e as investigações

O sr. dr. Barbosa Viana, ilustre director da P. S. E., tem demonstrado, nas investigações ácerca dos massacres da noite tragica, uma notavel actividade, a avaliar, é claro, pelas aparencias. Tem sido ouvida muita gente e todos os dias os jornais anunciam que os depoimentos colhidos são de ordem a inundar de luz os crimes, focando os criminosos. A estas horas supômos nós que os autos da investigação devem ter passado, em extensão, a celebrada legua da Povoa, e em espessura o mais grosso massiço do Hymalaia.

Pois em vista de tão excelente exito alcançado pelo sr. dr. Barbosa Viana e pelos seus mais argutos auxiliares, vamos nós produzir algumas ligeiras considerações, cuja oportunidade nos parece manifesta.

A noite de 19 para 20 de outubro foi preenchida, em Lisboa, pela faina incansavel de diversos facinoras. Para eles não existiu o espaço, porque percorreram distancias enormes em poucas horas. Andaram de porta em porta á procura de gente para assassinar. E, assim, com um pequeno esforço de memoria, podemos constatar, apenas pela leitura dos jornais noticiosos, que foram arrancados aos lares e barbaramente trucidados os srs. Antonio Granjo, coronel Botelho de Vasconcelos, Machado Santos, Freitas da Silva, Carlos da Maia e Carlos Gentil; e foram procurados, na propria residencia e fóra dela, outros ilustres portuguezes, como, por exemplo, os srs. Tamagnini Barbosa, Fausto de Figueiredo e Lelo Portela.

Para realisarem os seus infames designios, os criminosos serviram-se de «camionettes»—e escrevemos no plural porque não é crivel que uma unica «camionette fantasma» fosse capaz de realisar tantas viagens entre pontos tão distanciados uns dos outros. Os criminosos—uns que mataram e outros que pretendiam matar—foram muitos. O sr. dr. Barbosa Viana já conseguiu encarcerar todos eles? Ou as investigações limitaram-se á jornada fatal duma só «camionette», aquela que conseguiu levar a termo o funesto e sinistra «besogne»?...

Eis o que ainda se não disse, á imprensa e ao publico, apesar da farolagem irradiante que todas as tardes é expedida das repartições populosas da Policia de Segurança do Estado.

A proxima conferencia economica

Lloyd George e Briand avistar-se-hão hoje em Downing Street

LONDRES, 19.—As conferencias entre Lloyd George e o sr. Briand começarão na proxima segunda-feira e realisar-se-hão em Downing Street.

O sr. Briand faz-se acompanhar dos srs. Loucheur e Berthelot.

Embora se ligue grande importancia a essas conferencias julga-se que elas não serão mais do que os preliminares da reunião do Supremo Conselho. Nos circulos oficiais diz-se que o Conselho se reunirá dentro de poucas semanas, tanto mais que a politica dos aliados para com a Alemanha terá que ser apreciada antes de 16 de janeiro.

A questão das reparações será discutida em todas as suas fases pelos dois primeiros ministros.

O correspondente diplomatico do «Observer» diz que o sr. Lloyd George estará sem duvida disposto a facilitar bastante a redução da divida da Alemanha, deixando á França o maior numero possivel de beneficios que o acordo de Wiesbaden lhe pode trazer, independentemente de qualquer incidental injustiça á Gran-Bretanha, mas sob condição de que a França esteja disposta a auxiliar o esforço comum na restauração da Europa, em vez de querer só obter indemnisações. O que além disso é absolutamente certo é que o sr. Lloyd George nunca concordará em se sacrificar pela França para que ela tenha fundos de que possa dispor para construir grandes esquadras e para manter grandes exercitos.

O mesmo correspondente acrescenta que a questão da Russia terá que ser debatida, porque não se poderá pensar no restabelecimento da Europa pondo-se de parte aquela nação.—(L.)

Migalhas

Um doido

Numa paragem do carro electrico, emquanto o conductor ia visar a sua papelada a um quiosque proximo e todos nós levantavamos a gola do casaco para evitar, sendo possivel a pneumonia tripla que os trez ventos opostos ali reunidos em congresso nos podem fornecer, um homemsinho decentemente vestido aproximou-se e, com um olhar vago e gestos mecanicos; começou um discurso.

Em primeiro logar censurou as mulheres por usarem péles que custam contos de réis e meias de seda cujo par importa em duzias de escudos. Explicou que para ganharem as sômas fabulosas que taes gastos representam, os homens são forçados a explorar o seu semelhante, a tirar-lhe o pão da boca, a esfomear o pobre etc., etc. Até aqui não havia em tudo quanto o homensinho gritava com os seus gestos vagos e o seu olhar perdido senão a expressão clara daquilo que muitos de nós pensamos em voz baixa.

Mas o homem a certa altura exclamou:

—«Sim, porque todos os homens são irmãos...

Nessa altura, Praxedes, que ia a meu lado, comentou:

—«Coitado! Pobre maluco! Deviam metel-o em Rilhafoles...

Esta opinião do Praxedes exprime duma maneira absoluta a nossa alta sabedoria, a nossa desdenhosa piedade, a nossa serena indulgencia.

Outr'ora este grito:—«Os homens são irmãos» era um grito sedicioso. O homem que o soltava era uma creatura perigosa, pois, não só era escutado, mas tambem era seguido. A' sua voz, os pescadores abandonavam as suas rêdes nas margens do lago de Tiberiada, os mercadores fugiam dos degraus do Templo e até os mortos se levantavam dos seus sepulcros. D'ahi uma profunda perturbação na industria, no comercio e na bôa ordem das heranças e sucessões.

A sabedoria latina e a sabedoria judaica uniram-se contra esse perigo social. O homem, enviado de Caiphás para Pilatos, foi coroado de espinhos coberto de insultos e acabou os seus dias entre dois ladrões. No decorrer dos tempos, demonstrou-se que o homem era realmente perigoso e que a sabedoria latina fôra impotente.

A nossa sabedoria actual é mais alta e mais pratica.

Quando, numa paragem de electrico um velhote acesado grita que todos os homens são irmãos, nós sabemos perfeitamente que se trata de um louco, pois já tivemos tempo de aprender a historia de Caim e de Abel, a historia de Esaú e do prato de lentilhas de Jacob.

A nós não nos convence o iluminado. O carro parte, ele lá fica a prégar, as companhias de pesca continuam na sua faina, os açambarcadores não desertam o atrio do templo e os mortos, muito menos crédulos, deixam-se estar tranquilamente nos seus cemiterios, unicos sitios onde actualmente se pode passar um bocado sem preocupações.

Só os policias de serviço na encruzilhada dos Tres Ventos se deteem um instante, não vá o homem exceder-se e não venha a ser preciso, como diz Praxedes, levar a Rilhafoles aquele insensato megalomano que talvez aspire a um Golgotha.

ANDRÉ BRUN

FIDALGOS-ARTISTAS

Conde de Sabugosa

O nobre conde de Sabugosa quiz ter a carinhosa gentileza de me abrir durante uma tarde destas—as portas do seu palacio. Ha muito que eu tinha mostrado vivos desejos de visitar a velha casa dos Cézares que—toda a gente mo dizia—não se limitando a ser um lar tranquilo era tambem um muzeu precioso. Não quero deixar de agradecer aqui ao autor sintilante desse livro admiravel que é a «Gente dalgo» e ao fidalgo cuja nobreza das melhores de Portugal se esquartela a ouro na «Sala dos Veados»—a hora de tranquila emoção que eu fiquei devendo á sua amabilidade. E' nestas velhas casas portuguezas onde parece ondular, flutuar ainda a poeira doiro do passado que se sente mais intensa e mais viva a impressão de familia e do lar. O caracter dispersivo da vida moderna tem-nos afastado infelizmente do velho espirito patriarcal, do sentimento da familia, do carinho pela casa—para nos dar em troca o nervosismo excitante dos cafés, dos «clubs» e das esquinas. Para muita gente hoje o lar são as quatro paredes frias, despidas, inabitaveis sem elegancia e sem conforto, onde se está apenas o tempo necessario para se dormir. A casa moderna é por consequencia desconfortavel. Não nos atrai: repele-nos; não nos chama: afasta-nos. Pensei-o ainda ha pouco quando tive a honra de visitar, pela mão do sr. conde de Sabugosa, o seu velho palacio de S.to Amaro. Tudo ali é carinhoso e discreto. Tudo ali respira ternura, bem estar, tranquilidade. Os tapetes abafam-nos os passos. Os reposteiros amortecem-nos as palavras. Por toda a parte uma grande sombra dourada, doce, alastra, flutua, debruça-se sobre nós, parece que nos acaricia.

Logo a primeira porta do «hall» de entrada deita para um vasto gabinete de trabalho, carinhoso e solene em cuja mesa antiga, admiravel, sob um retrato delicioso do primeiro conde de S. Lourenço, foi escripto esse fresco modelar que é o «Paço de Cintra». Um gesso, a um canto, chama inesperadamente, a minha atenção. Observo-o, com curiosidade. E' a «maquete do D. Sebastião» de Costa Mota cuja reprodução em marmore, adormece, como uma figura gloriosa, entre as tapeçarias da Ajuda. Percorri depois trez ou quatro salas admiraveis. Panneaux, Arraiolos, estatuas, moveis velhos. Mas por todas elas inevitavelmente a mesma luz froixa, a mesma tranquilidade, o mesmo silencio acolhedor e amavel que nos obriga ao mesmo tempo a pensar, a meditar—e a sonhar. A's vezes ressoam, por toda a parte numa unção regiosa, como se falassemos dentro duma egreja. Entramos na biblioteca, riquissima de manuscritos, de incunabulos, de edições preciosas. E' uma vasta quadra de dois andares sobrepostos ligados por uma escadaria ampla de castanho e iluminada por uma claraboia de vidro fosco onde o sol se atenua. Olho á minha volta. Nas estantes altas de gradil doirado dormem dez mil volumes. Toda a obra secular dos cronistas, dos historiadores e dos filosofos está ao alcance facil da nossa mão. Ao fundo um retrato do conde de S. Lourenço, protector de Bocage. Junto de mim um velho cravo do convento do Paraizo, religioso, fidalgo, feminino—que se abriu muita vez (Deus do céu!) para as freiras dançarem. Naquele interior solene de capela fechada donde tivessem voado as imagens e onde ficou para sempre um vago fumo de incenso, evocámos os dois, em silencio os seculos que envelhecem, que morrem, e que passam. Tive um momento, a impressão exata de que uma multidão de figuras e de espectros gloriosos assomava, e cheia, povoava, coalhava aquela enorme sala, encostando-se nos cadeirões, debruçando-se nos livros, vivendo familiarmente como amigos na velha casa solarenga do antigo mordomo-mór.

Detenho-me um instante vendo dois candieiros de azeite de seis bicos. São uma maravilha. Fala-nos agora de literatura. O autor desses versos tão simplesmente galantes a um «velho Alabardeiro» que se diriam cinzelados em oiro fino; o autor scintilante de tantos volumes curiosos e modelares; o contista leve, elegante, sentimental, dando á frase a leveza das rendas e o preciosismo das joias—continua a lutar, a procurar, a investigar na tranquilidade patriarcal da sua biblioteca de S.to Amaro, a folhear os seus manuscritos, os seus codices, os genealogistas do seculo XVIII e a dar-nos numa linguagem que tem por vezes a suntuosidade da prata lavrada, os seus estudos e os seus livros... O Conde de Sabugosa não descança. Dir-se-hia que para ele o unico repouso—é o trabalho. O seu ultimo livro foi um sucesso. O seu proximo livro vai ser incontestavelmente uma obra admiravel: «Os bôbos da côrte». A' saida já do palacio de S.to Amaro tive ainda a sensação exacta de que o Pinto renascido (o poeta parasitario dos Cezares) assomara, com a sua casaca verde e o seu tricornio no braço, recitando-me versos...

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

Uma estatistica terrivel

E' a do numero dos tuberculosos que se registam anualmente. A sua cura consegue-se com a «Fibrocalcina» e «Lomobiase», recomendados em todos os sanatorios do paiz.

Uma entrevista psicologica

Conversando com o senhor dr. Alves dos Santos, ministro do trabalho

Ao redactor do «A Capital» que por dever de oficios teve de assistir á reposição do «Tic-Tac» no Eden Teatro coube, como de costume, o fateuil n.º 5 da fila D. Ao seu lado, no n.º 7 tivemos o prazer de encontrar, burguezmente sentado, com a sua respeitavel calva e os seus ainda mais respeitaveis oculos, o atual titular da pasta do trabalho, sr. dr. Alves dos Santos, ilustre professor de psicologia na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Desde que s. ex.ª tomára posse era nosso desejo procural-o para que nas nossas colunas o seu brilhante espirito fixasse algumas das medidas que vai pôr em pratica relativas aos varios importantes assuntos que correm pelo seu ministerio. E assim, repentinamente, quiz o acaso que estivessemos em contacto com o sr. dr. Alves dos Santos emquanto no palco varias notas do Banco de Portugal e varias moedas estrangeiras iam dizendo laracha a divertirem o publico...

Quando chegamos, ainda de pé, o nosso abaixar de cabeça ao professor Alves dos Santos quiz dizer um: «parabens». E o sr. ministro, sorridente como sempre, abaixou-nos a cabeça significando: «muito obrigado... olhe que já não é sem tempo...» Com esta troca de impressões estava aberto o caminho para a entrevista e o sr. dr. Alves dos Santos quando o fitamos exclamou logo: «as suas ordens».

No palco agora principiou o segundo quadro. O Artur Rodrigues está a fingir de contra-regra; o nosso entrevistado sorri ministerialmente com a pantomina; esta distraido mas o tempo urge porque um ministro nunca está até ao fim. E' contra o protocolo. Tornamos a olhar o dr. Alves dos Santos; s. ex.ª, por debaixo dos oculos, tambem nos olha:

—Meu amigo é necessario distrair o espirito. De resto estamos em democracia. Resolvi iniciar a minha obra governativa por um grande acto popular, um acto que calasse na psicologia das multidões, um acto psicologicamente profundo. Bem vê, só aqui, assim, entre toda a gente, é que eu posso fazer os meus estudos. Não viu você? mal olhou para mim, compreendi-o logo...

O sr. ministro fez uma pausa, nós ficamos esperando a continuação; não demorou:

—Apoz a posse, tomei o cartaz do dia.

A minha primeira ideia foi ir ao Nacional; achei anti-patriotico. Parece um paradoxo mas é verdade: uma peça franceza, «A casa cercada», com acção em Jerusalem, segundo li. Anti-patriotico. Ao menos isto é portugues, portugues de lei...

Em scena o marido ultrajado mata a esposa adultera e o ruido do tiro assusta o ministro:

—Não se perturbe v. ex.ª, isto é a fingir...

—Como tudo, meu amigo, como tudo neste paiz...

—Tem v. ex.ª razão... finge-se que se trabalha...

—Exactamente. Para isso porem tenho algumas medidas que julgo acabarão com esse vicio... medidas psicologicas, compreende...

—E sobre seguros sociaes?

—Ah! meu amigo, reformas importantissimas... psicologicas, compreende? reformas psicologicas?

—O quê? v. ex.ª vai criar o ramo de seguros psicologicos?

—Perdão, ha equivoco... as reformas é que são psicologicas.

—Perfeitamente.

Mudou o quadro, estamos em frente ao «La Gare».

O sr. ministro um pouco inquieto diz-nos:

—Que horas marca o relogio da estação?

Não compreendemos.

—Da estação?

—Ah! desculpe... como estamos no largo do Camões...—Rimo-nos, um ministro tambem tem espirito...

De traz uns cavalheiros protestam. O sr. ministro córa um pouco:

—E' a psicologia das multidões...

O Nascimento já entrou em scena. Mulheres de condição varia chamam-no «Malandrú». O comico protesta. O sr. ministro presta atenção. Pouco depois da boca de «Malandrú» chovem planos mirabolantes de salvação, reformas mirificas, medidas de finanças... O jornalista atreve-se a dizer:

—Como se brinca com as coisas mais serias... e o sr. ministro replica:

—Não é tanto assim... As vezes, destas graças, consideradas psicologicamente, saem excelentes idéas.

Lá do palco o Nascimento Fernandes exclama: — mudava o ministerio do trabalho para o Rocio... e o jornalista, logo, solicito:

—Que parece a V. Ex.ª...

—Eu não lhe disse: ideia excelente. O Rocio é o simbolo do trabalho...

Aqui interrogação muda do jornalista.

—Sim, meu amigo, a Brazileira, a Chave d'Ouro, os cafés enfim, são o trabalho das idéas... o Nacional, o trabalho da arte... o... o...

Tinha mudado a scena; a Elisa Santos trabalhava e o sr. ministro estudava... psicologia.

Digam-nos agora os entendidos se esta entrevista, psicologicamente, não é a mais moderna das entrevistas.

A reforma do Ministerio dos Estrangeiros

Um rosario de escandalos

O acaso de um passeio fez com que ontem encontrassemos um velho amigo, antigo funcionario do Ministerio dos estrangeiros e um dos raros, para não dizermos rarissimos, cuja presença naquela secretaria de Estado obsta a que ela seja exclusivamente um club de monarquicos de varias matizes. A oportunidade era excelente para conhecermos a opinião de um interessado e, por isso mesmo auctorisado, ácerca da tão debatida reforma daquele ministerio.

—Tenho seguido com toda a atenção as criticas que os senhores veem fazendo sobre o assunto. Nunca as mãos lhes doam. A reforma e, sobretudo, as nomeações, promoções e transferencias a que ela deu origem constituem a mais perfeita obra de inepcia de maldade, de especulação e de suborno que possa imaginar-se. Já que o quer, demonstra-lo-hei. Mas para isso, precisamos de começar pelo principio. E a jornada é longa...

—Não importa. O publico precisa de ser elucidado.

—Eu lhe digo: o publico não pode apreender bem uma questão como esta, de natureza essencialmente tecnica. Ha, porem, nela, como em todas, aspectos gerais e até mesmo pequenos incidentes podem servir de base de apreciação, e que toda a gente compreenderá desde que o assunto seja posto com a maior clareza. Esforçar-me-hei por o fazer.

Comecemos, portanto, repito, pelo principio. Como sabe, graças ao bamburrio de uma revolução surgiu de repente feito ministro dos estrangeiros um ilustre desconhecido: o sr. Alberto Veiga Simões. Por o ser, logo que se viu alcandorado nas cadeiras do poder, o sr. Simões reconheceu que necessitava de adquirir popularidade—á força e sem demora, porquanto, compreendendo tambem que todas as aventuras são efemeras, mesmo quando apoiadas pela força das armas, ele precisava obter um ambiente propicio para pôr imediatamente em pratica o seu plano colossal de «assistencia aos domicilios em materia de corrupção politica» na frase perfeita da «Capital».

E desde logo se viram as antecamaras das Necessidades pejadas de jovens jornalistas que, aos funcionarios do ministerio davam a impressão de donos da casa, tal era a sua atitude e a atitude que para com eles mantinha o proprio ministro que os recebia pressurosamente, fazendo-os mesmo passar á frente de pessoas categorisadas ou dos proprios directores gerais que tinham de esperar o fim desses transcendentes entrevistas para conseguirem obter despacho.

E desde logo tambem certa imprensa começou a fazer o panegirico do sr. Simões, exaltando com um calor desusado as qualidades diplomaticas da nova Metternich da Bemfica.

Os senhores não me deixam mentir porque assistiram á scena. Jornais houve que dedicavam paginas inteiras aos planos, ás ideias, aos gestos e até aos cães de carne e osso do sr. Simões. As «intervierws» sucediam-se. E em todas elas os aspirantes a diplomatas punham a nota elegante que eles dizem caracterizar a moderna reportagem, mostrando-se sobretudo derretidos, babados, com os «bibelots» do sr. Simões, os cigarros do sr. Simões, os licores do sr. Simões e, principalmente, os «maples» do sr. Simões. Ah! meu amigo! Os «maples» deram que fazer aos primitivos! Porque não se passava um dia que os não citassem, mostrando-se assim profundos connecedores da materia. Já lá vai o tempo em que só os estufadores e as pessoas habituadas a possuir moveis ricos podiam distinguir um «maple» de uma poltrona qualquer...

Foi depois de criada esta atmosfera de elegancia, riqueza e intelectualidade que se julgou chegado o momento de espantar as multidões com o producto maximo daquela «superioridade intelectual trasida de Coimbra a Lisboa, por paizes longinquos, numa afirmação de talento.»

Não estava ainda terminada a tarefa da tuba sonora da fama. Mas, era preciso premiar quanto antes os amaveis colaboradores iniciais, abrindo-lhes imediatamente o caminho do Futuro, não fossem mais tarde os legalistas levantar obstaculos ao cumprimento desse dever.

E o bodo começou com uma coleccada de adidos de legação. Não terminou ainda, para os de fóra pois, como deve ter visto, foi ontem publicada a nomeação de um redactor de um jornal da noite para esta crise enorme: director da divisão auxiliar do arquivo e biblioteca da secretaria geral. Por sinal que não se sabe ao certo quanto esse cavalheiro irá ganhar porque o orçamento não o diz.

A distribuição dos premios á rapaziada amiga lá de dentro fez-se paralelamente á dos estranhos. Começou pelo optimo presente dado a um consul de uma encarregatura de negocios em Montevideu, especialmente criada, disseram as gazetas para se iniciarem as negociações relativas ao tratado de comercio—isto, quando a seis horas daquela cidade, em Buenos Aires, reside o nosso ministro acreditado tambem Montevideu o que por sinal é actualmente um perito em questões comerciais. E como se isso fosse pouco, promoveu-se o consul beneficiado a conselheiro de legação que tem vencimentos superiores. Havia ainda um outro a contemplar, antes da saida da reforma, afim de que esta o contemplasse novamente: o consul em Madrid que, em paga do seu transcendente trabalho de visar passaportes a artistas de zarzuela e de cavalinhos, se viu, «em dez dias», passar de 2.ª classe a consul geral. E devo dizer-lhe que o funcionario que abiscoitou duas promoções em tão curto espaço de tempo entrou na carreira em 1915.

Depois veiu a cornucopia da reforma. Está claro que quem é da casa é primeiro servido. E como o sr. Simões se tinha rodeado do que ele chamava o gabinete technico, foi por ele que começou: ao chefe—que uma lei especial fizera em 1919, entrar no ministerio, para se ocupar exclusivamente de assuntos economicos, «mas sem poder ser promovido, dentro da carreira—fez director geral. E como por um certo artigo da reforma, lhe compete fazer parte do conselho de promoções, temos que esteneo funcionario especialista fica com o poder de julgar e decidir da competencia e do futuro de velhos funcionarios de carreira, cujas funções são por s. ex.ª desconnecidas.

O segundo contemplado foi o braço esquerdo do sr. Simões, e que nessa qualidade o ajudou muito a confeccionar o pastelão. Deu-lhe o posto mais importante da carreira, consular, aquele que, pela importancia e delicadeza dos serviços, deve coroar a vida de um optimo funcionario: o consulado no Rio de Janeiro. E como para o sr. Simões a honra e o proveito cabem perfeitamente num saco, vá de aumentar a dotação daquele consulado que é, de resto, um dos raros que não dão «deficit» aos respectivos gerentes. Mais 5.400 escudos, para animar as artes.

E assim, se a reforma passasse, quer v. saber quanto, em moeda portugueza, viria a receber, «além do seu ordenado» o consul geral no Rio de Janeiro? Apenas a modica soma de 120 contos por ano...

—Alem do seu ordenado?!

—Alem do seu ordenado. Ah! aquele Rio de Janeiro, foi sempre muito das simpatias do sr. Simões, desde o tempo em que ele exercia lá as funções de consul no Pará.

—Como? Como?

—Ah! isso é uma outra historia, muito interessante. Contar-lh'a-hei mais tarde...

...E o nosso entrevistado continuou a sua narrativa que, tendo durado cerca de uma hora, não pode ser reproduzida toda de uma vez. Irá por partes—como os folhetins.

A questão da S. N. B. A.

A proposito do comicio de ontem

O ilustre escritor sr. Severo Portela, convidado a falar no comicio intelectual, enviou ao arquiteto sr. José Pacheco o seguinte telegrama:

—Arquiteto José Pacheco
Chiado Terrasse—Lisboa.

No campo onde Vossa Excelencia acaba de colocar a questão chamada de velhos e novos deixou de existir um lugar para o meu depoimento intelectual.

( ) Severo Portela

A atitude do ilustre escritor Sousa Costa

Tem corrido, a proposito do ilustre escritor Sousa Costa, uma versão errada sobre a sua atitude perante a questão dos «novos» das Belas Artes. O senhor Antonio de Monsanto veio afirmar-nos hoje que o ilustre escritor está de alma e coração com o movimento dos «novos» não achando de forma alguma defensavel a atitude dos velhos.

Reconstituição historica de um Auto da Fé, em Lisboa, nos fins do Seculo XVI

Na proxima quarta-feira, 21 do corrente, continuaremos a publicar a nossa interessante secção das «Antiqualhas historicas», em que o seu autor se propôs restabelecer integralmente todas as scenas e peripecias que acompanhavam os antigos Autos da Fé, acompanhadas da interpretação filosofica dos moveis que conduziram a realisação daquelas horriveis hecatombes.

Factos e palavras

DE UM BERÇO

Quem passa no Chiado ás 5 horas da tarde por prazer ou por obrigação, quem vai contente ou triste a uma hora de élite numa rua que dizem ter seu chic, não pode deixar de contemplar por instantes, breves que sejam, um espectaculo que, por todos os titulos, já devia ter sido evitado.

Uma mulher pobremente vestida embala um berço onde duas creanças, sem alegria, sem côr, numa precoce tristeza, abrem os olhos apagados num desejo de luz.

A espaços a mulher por um rasgão duma blusa velha exibe um seio, um seio pobre e definhado, sugado até ao fim, um seio decadente de miseria. Por instantes uma das creanças tem a suprema ilusão de que se vae alimentar aquele seio. Deus sabe se mercenario.

Já não tem alimento aquele seio. E a creança no voltar para o berço tem no olhar mais tristeza e menos brilho, e para sempre mais fome do que tinha.

Espectaculos como este rebaixam o nivel moral dum povo. Espectaculos como este proibem-se.

Mas não se evitam escondendo-se, evitam-se dando-lhes remedio.

Porque alem de tudo quanto se possa dizer e pensar, ha o lado sentimental, ha a questão da Bondade, do caracter racico.

Eu já não falo dessa mulher, porque neste seculo de impostura eu nem mesmo sei se ela será a mãe dessas creanças.

Eu falo pelos dois inocentes que aquele berço cheio de espinhos embala.

Não existe uma lei de proteção ás creanças?

Não existem creches, maternidades onde essas creanças devam entrada?

Pois bem. Então onde ficou o tão falado coração das mulheres portuguezas?

Essas mulheres que passam ás 5 no Chiado não sentem nada ao ver esse espectaculo?

Sentem decerto.

Dão a sua esmola e continuam. E continua no dia seguinte o mesmo espectaculo.

Ora eu duvido um pouco da eficacia dessa esmola. O que se torna necessario é fazer com que essas creanças sejam acarinhadas, com aquele direito que teem as creanças ao amor de toda a gente.

Eu o aponto ás mães, ás doces mães de olhar piedoso e brando.

Que as lagrimas choradas sobre um filho doente, um filho que é a sua propria vida, sirvam para levar um socorro áqueles dois inocentinhos, que não teem culpa de existir no mundo.

BOTTO DE CARVALHO

❖ ❖ ❖

Pelos membros do «Stock Exchange» foram recebidas cartas anonymas dando-se que na proxima segunda-feira serão lançadas bombas no edificio e no districto financeiro. Por este motivo foram destacadas para ali forças especiais de policia em serviço de vigilancia.

❖ ❖ ❖

A subida do dolar tem tido sobre o comercio exterior americano uma influencia deprimente que até aqui tem tornado dificil os diferentes movimentos do desenvolvimento maritimo, produzidos na vida economica dos Estados Unidos. Os numeros de Outubro são bem significativos, se os compararmos aos de Outubro de 1920.

❖ ❖ ❖

Os pardais que vêem, todas as tardes, repousar aqui nas arvores do Camões teem uma filosofia que não é para desprezar. Quando a cidade está ameaçada todas as noites com o estampido e os prejuizos das bombas, os pardais recolhem a penates, numa arvore o que sempre é mais seguro do que fazer estadio na Brasileira...

❖ ❖ ❖

No ministerio da Instrução está um professor. Não é a primeira vez que tal acontece, mas como desta feita se trata dum homem que sabe de «visu» os males de que enferma a Faculdade de Direito, é natural que trate de os expurgar. Isto dos cursos livres é muito bonito, mas... não dá resultado...

* * *

Os constructores navais inglezes estão surpreendidos com o facto de só um estaleiro dos Estados Unidos ter construido mais, no ano corrente, do que tres dos principais estaleiros da Inglaterra na epoca de mais trabalho do ano passado.

O estaleiro americano em questão, a Bethlehem Shipbuilding Corporation construiu neste ano 200506 toneladas brutas, incluindo vinte e quatro «tankers», cinco navios de passageiros, nove navios de carga e vinte navios de guerra.

DE TODOS OS DIAS

DITADURAS ARTISTICAS

Amesendámos no café por esta tarde invernosa, e vá de relembrar horas passadas, queimando cigarros e ideias numa prodigalidade garrula de mocidade, longe dos ataqueiros politicos para onde nos atolarmos para fazer vida a comesinha vida politica de senhoras visinhas cochichando na trapeira intrigas de bairro, que momento a momento mais apoucam e restringem o circulo vicioso em que vivemos.

E vá então de dar largas á fantasia esvoaçando sobre o monturo em busca dos paramos da arte, anotando de comentarios os acontecimentos dessa vida tambem comesinha e local, acomodaticia e enquistada na «degringolade» nacional, que nos separa a todos por rivalidades minusculas, impedindo para sempre que a vida artistica do paiz seja qualquer coisa de ensolado e arejado, que se emancipe e afirme sem transigencias com o meio, que somente é de molde a preparar a sua ruina.

Um amigo que esmaltava de «bons tades» a sua conversa onde sangravam ironias irreverentes que manchavam de escarlate os homens e as coisas, dando-lhes ritus de polichinelos cabriolando pela vida fóra, falava-nos de uma estreia artistica que levantara numa plateia fazendo-a sublinhar intrigas privadas, dando fóros de revolta artistica ao que não passára de uma birra valdeca de creança mimalha, a quem recusam o imperio da travessura, alevantando um pendão a intimidar os que chegam.

Entre nós o virus do favoritismo já fertil em politica avassala a vida nacional, estrangulando-a no colete de forças das conveniencias individuais, peiando a arte nos pequenos interesses das ditaduras artisticas, que cerceiam o desenvolvimento da gente nova de sangue na guelra, fazendo-lhe curvar a cerviz altiva sob o jugo prepotente de suas vaidades.

Novo que surja no teatro com arcanque de novilho, espinoteando á vontade na selva literateira tem certa a carreira cortada, se não transigir com tagatés de conselheiro pateus aras graças donos de isto, incensando-lhes a bazofia com salamaleques e curvaturas da espinhaço.

Tal é o caso do Politeama ha poucos dias.

Verdade é, que a peça ali representada é bem de molde a ser alvo das zagunchadas da critica, embora tenhamos que ter em conta a pouca idade do autor, que conhece a vida um pouco por ouvir dizer, não vincando por isso seus personagens, pouco verosimeis, não tendo no primeiro acto a noção do tempo, e tratando o publico na incerteza do momento preciso em que decorre a ação, com como na infeliz ideia de marcar a personalidade dos dois noivos pouco aversos ás coisas do espirito, com um «tête a tête» em que se fala da colonia da catedral de colonia através de um estereoscopo, e ao aborreces o publico que não coleciona selos, afóra ainda deficiencias de dialogo, e, a conhecermos o velho amigo da familia no primeiro acto, com uma detestavel aparencia de intruso que se aborrece, e que não justifica o beneficio que lhe prestam do que gosa nos actos seguintes.

Não é de nossa feição criticar a peça, mas antes envolvel-a em carinhosa atmosfera, encarando o seu autor como um simbolo da gente nova, defrontando-se com a teatragia de certos actores e actrizes, que por senhores da idolatria incondicional do publico, que por vezes aplaude sem raciocinar, erguem em frente dos que começam uma insuperavel barreira de más vontades.

E' contra esta ditadura que a gente nova se tem que defender altivamente impondo os seus valores reais, não abdicando em vassalagem servis, perante os que sem escrupulos só acolhem as produções estrangeiras, tendo sempre um sorriso desdenhoso para o mendigo da arte que pedincha em seus portais, e a apupadagem de suas matilhas, contra os que teem por habito não se curvarem, alem do que permite a dignidade e o Felix Pereira.

O que se passou a semana passada no Politeama edificará a nova geração sobre o caminho a seguir, numa terra em que a arte nacional não tem ao menos a defeza das instituições, que lhes garantam um acolhimento certo nos teatros oficiais, e com que escalar pela força ou pela manha um pobre logar nas empresas particulares abastardadas, que albergam mais ventadas o escorraçam, quando se não presta a envergar a farda de seus lacaios.

Foi obedecendo a esta conformidade, que no mesmo dia em que os cartazes anunciavam os «Emigrantes» trabalho de um novo portuguez, a empresa mandava para os jornais a noticia de que a semana depois subiria á scena no mesmo teatro a «Zizá», peça estrangeira de publico garantido.

Novo que seu esta coisa o Teatro Nacional, com os estatutos reformados, e que daqui pedimos ao sr. ministro da Instrução.

ORNELAS PEDREIRA

OS SPORTS

Bi-semanario ilustrado de propaganda e Educação Fisica.

Publica-se ás quintas feiras e domingos.

Larga informação do paiz e estrangeiro de todas as especialidades sportivas

PELO TELEGRAFO

A conferencia do desarmamento

Vai resolver-se sobre o aumento da esquadra franceza

WASHINGTON, 19.—Deve reunir-se hoje a sub-comissão para apreciar o pedido apresentado pela França para o aumento da sua esquadra.

Consta que o sr. Hughes declarou julgar ser suficiente a proporção de 1,7 para as esquadras da França e da Italia. Sendo assim, a tonelagem dos grandes navios seria fixada em 198 000 toneladas.—(R).

Os americanos querem um pacto de nove nações para assegurar a paz no Extremo-Oriente.

WASHINGTON, 19.—Os americanos esperam com anciedade o pacto das nove nações para solidificar as condições da paz do Extremo Oriente porque o acordo das quatro nações tem apenas um campo de acção limitado. Na eventualidade de uma guerra entre os Estados Unidos e o Japão no Pacifico, a sua origem será o encontro de interesses das duas nações na China, e por este motivo os Estados Unidos desejam ver rapidamente realisada a aliança das nove nações, que será o nucleo donde brotará a Associação das Nações e a realisação do sonho do presidente Harding.—(Lat.-Am.)

A Irlanda vitoriosa

A reunião do parlamento irlandez

LONDRES, 19.—Deve efectuar-se hoje a sessão secreta do «Dail Eireann». Na proxima segunda-feira realisa-se a sessão publica, onde será provavelmente conhecida a decisão sobre o acordo anglo-irlandez.

As ultimas noticias recebidas de Dublin dizem que o acordo será ratificado. Consta que os chefes do exercito republicano deram definitivamente a sua adesão a favor do acordo o que vem aumentar bastante a maioria que o aprova.

Na suposição de que a ratificação se fará, estão já sendo feitos os preparativos para a retirada imediata, da Irlanda, das forças inglezas, encontrando-se reunidos os navios transportes que as hão-de conduzir.—(R.)

Dinheiro para conquistar a liberdade

NEW-YORK, 19.—Numa reunião da Junta dos Amigos da Liberdade Irlandeza, foi subscrita a quantia de 7.500.000 libras para combater a propaganda ingleza e auxiliar o povo irlandez na luta pela liberdade. A Junta já recebeu por conta da subscrição 65.000 libras que tem em caixa.—(Lat.-Am.)

Noticias de toda a parte

Os vencimentos dos ferroviarios em Inglaterra vão diminuir quatro shillings.

LONDRES, 19.—O «Weekly, Liepatch» diz que devido a ter baixado o custo da vida serão reduzidos em breve os vencimentos dos ferro viarios em quatro shillings; julga-se que esta redução dará logar á respectiva baixa nos fretes e passagens nos caminhos de ferro.—(R)

O Reichstag adiou os seus trabalhos

BERLIM, 18.—O Reichstag adiou os seus trabalhos para o dia 19 de Janeiro.—(H).

ULTIMA HORA

Partido Socialista Portuguez

Uma carta do sr. dr. Ramada Curto

A proposito dum eco publicado neste jornal recebemos a seguinte carta do sr. dr. Ramada Curto:

Sr. director:—No numero de 17 do corrente desse jornal, vem uma noticia referente ao Partido Socialista, em que se me atribuem propositos de scisão partidaria com base na intervenção ministerial nos governos burguezes, ponto de vista que, diz-se, eu sustento contra o dr. Manuel José da Silva á frente dos socialistas do Norte. Pedia-lhe a inserção do seguinte:

1.º—Nunca tive propositos de chefiar scisões e, dentro do Partido como presidente do seu Conselho Central, tenho feito tudo para cumprir o regulamento partidario. Nunca com a minha aquiescencia ele seria infringido.

2.º—Alheio a politicas internas no Partido, limitar-me-ei a respeitar as decisões dos seus Congressos.

3.º—Só as notas oficiosas do Conselho Central a que presido, marcam o ponto de vista partidario e não as noticias avulsas dos jornais.

4.º—O P. S. P. nunca aderiu á 3.ª Internacional.

De V. etc.—Ramada Curto.

O conselho de ministros desta noite

O ministerio reune em conselho, ás 20 horas, sob a presidencia do Chefe do Estado. Tratar-se-ha especialmente da questão Constitucional, que será (cremos nós) resolvida no sentido de que já demos noticia.

Gomes da Costa

O sr. general Gomes da Costa teve hoje no ministerio do interior uma demorada conferencia com o chefe do governo.

Dissolução do Congresso e eleições

Esta noite deve realisar-se no ministerio do Interior uma conferencia decisiva acerca da questão constitucional. Os delegados de Coimbra encontrar-se-hão, pela ultima vez, com o sr. Cunha Leal.

Já expozemos, noutra coluna deste jornal, o criterio que nos parece imperar no animo do gabinete. As eleições far-se-hão no dia 8 de janeiro sendo possivel, quasi certo mesmo, que o decreto apareça amanhã na folha oficial. Mas... «Souvent femme varie», A mulher e os politicos...

ARCEBISPO DE MITILENE

As suas bodas de prata

Pelas 9 horas de hoje, teve lugar na Parochial da Encarnação, a comemoração das bodas de pratas do sr. Arcebispo de Mitilene.

Celebrou missa de pontifical sua ex.ª o sr. Arcebispo de Mitileno, acolitado pelos priores do Socorro, e de S. Lourenço, servindo de presbytero assistente o Rev. Prior dos Anjos. Dirigiu as cerimonias monsenhor Coelho, sendo as solenidades por musica vocal e grande instrumental sob a regencia do Rev. Francisco Esteves executando-se a missa do meestro Eslàve.

A's 17 horas efectuou-se um solene Te-Deum, celebrando o sr. Arcebispo de Mitileno, assistindo o sr. Cardeal Patriarca, e nuncio apostolico, e muitos priores de diversas freguezias de Lisboa.

A partitura executada foi do maestro Casimiro.

Assistiram alguns membros do corpo diplomatico, vendo-se o templo repleto de fieis.

Foram distribuidos donativos a alguns paroquianos pobres.

POLITICA

Cumprimentos da oficialidade da Guarda Republicana de Lisboa

Hoje ás 15 horas, o salão da presidencia do ministerio foi pequeno para conter a oficialidade da Guarda Republicana e muitos civis, que a curiosidade levou a presenciar a cerimonia. Efectivamente e em conformidade com as noticias dos jornais da manhã, a oficialidade da Guarda Republicana, tendo á frente o seu Comandante sr. Vieira da Rocha, compareceu «au grand complet», afim de fazer ao sr. Presidente do ministerio os cumprimentos da pragmatica. O que, todavia, tornou especialmente notavel o facto, é que não faltou um unico oficial e os discursos trocados foram revestidos dum grande acento de sinceridade.

O sr. Vieira da Rocha que, em nome da Guarda, saudou o Chefe do governo, afirmou com clareza e energia, que toda a Guarda, não só de Lisboa como do resto do paiz, se encontrava animada do mais perfeito espirito de fidelidade ás Instituições e a Ordem, no cumprimento do seu dever de obediencia aos poderes constituidos.

O sr. Cunha Leal, em resposta, declarou que tais afirmações profundamente o sensibilisavam, recomendando aos oficiais da Guarda a abstenção de criticas publicas aos actos governamentais, e apelando para o patriotismo dos chefes militares, afim de que a disciplina das forças armadas não mais voltasse a ser perturbada. Acrescentou algumas palavras de elogio para o ilustre comandante, sr. Vieira da Rocha, o que—tivemos ocasião de constatar—foi ouvido com muito agrado pela oficialidade.

Dissemos que compareceram todos os oficiais disponiveis, notando os civis presentes, com interesse, que não faltaram aqueles mesmo que se destacaram no pronunciamento militar de 19 de outubro.

Governadores Civis

O sr. Augusto Casimiro foi efectivamente convidado para assumir o cargo de Governador Civil de Lisboa. Por emquanto, nem recusou nem aceitou.

E' certo que o sr. Falcão Ribeiro insta pela sua demissão e é certissimo que o governo está na disposição de lha aceitar.

Para o Porto foi escolhido o dr. Adriano Gomes Pimenta, democratico, que aceitou, mas só hoje, pela manhã.

Para os outros districtos não há nada de definitivamente resolvido. Se o governo continuar a viver bem com os partidos, a escolha dos chefes administrativos obedecerá a acordo mutuo.

E' claro que por partidos, entende-se, para a hipotese, os seus directorios e não os grupos partidaristas que estão proliferando por essas provincias fóra...

FOOT-BALL

O desafio entre portuguezes e espanhoes

MADRID, 19.—Jogou-se uma partida de foot-ball entre espanhois e portuguezes. A victoria pertenceu aos espanhois. A federação desportiva hespanhola ofereceu um banquete aos sportmens portuguezes ao qual assistiu o conselheiro de legação, sr. Vasco Quevedo e varias outras personalidades. (Lat. Am.)

Seguros Sociais

E' na proxima quarta-feira, 21,—que o nosso antigo colaborador, o professor Ladislau Batalha realisa pelas 21 horas, na União Escolar Estrangeirense, a Alcantara, uma conferencia publica de propaganda do Seguro Social Obrigatorio nos Desastres de Trabalho, sendo a entrada publica.

A libra fechou em New-York a 4, 24 dollars

NEW-YORK, 19.—A libra esterlina fechou hoje neste mercado a 4,24 dollars que é a cotação mais alta que tem tido desde Setembro de 1919. Nos meios bancarios não causou surpreza esta subida da libra, que é atribuida á influencia dos acontecimentos da politica internacional, especialmente ás reparações da Alemanha e á liquidação da questão irlandeza.—Lat. Am.)

Ainda Landru

Uma interpelação no Senado

PARIS, 19.—Foi apresentado no Senado uma nota de interpelação sobre certos incidentes que se deram no Tribunal, por ocasião do julgamento de Landru. Essa nota será discutida na sessão de 22 do corrente.—(R.)

Movimento de professores

O sr. Eduardo Crisanto Xavier Velez foi demitido, por abandono de lugar, de professor efectivo do 3.º grupo do liceu de Bragança. Foi exonerado, a seu pedido, de professor agregado do 4.º grupo dos liceus, o sr. Alvaro Ribeiro Barbosa, e foi colocado no liceu de Setubal, o professor do 7.º grupo do liceu de Faro, sr. Armando Mac-Connam Simões de Carvalho

Funcionalismo publico

Na respectiva associação de classe reunem hoje pelas 20 e meia horas os funcionarios de Estado para a comissão central dar conta das «demarches» realizadas junto do novo governo para conseguir melhoria de situação.

Sá Cardoso

Banquete de homenagem

Já se inscreveram para o almoço de homenagem que um grupo de amigos pessoais e politicos, oferece ao ilustre republicano sr. coronel Sá Cardoso, os srs. ministro dos Estrangeiros, Lima Alves, Melo Barreto, Amadeu Frazão, Mateus de Barros, João Augusto Madeira, Lucio Exorcio, Julio Carola, José Garcia, Capitão Oliveira Santos, dr. Pedro Pita, Capitão Americo Olavo, dr. Carlos Olavo, Rodolfo Xavier da Silva e major Pereira Bastos.

No banquete tomam parte, deputados, senadores, oficiais de terra e mar, camara municipal e comissões paroquiais do Partido Republicano Reconstituinte.

Preside ao banquete o ilustre homem publico sr. dr. Alvaro de Castro.

Associa-se a esta homenagem o sr. Presidente do Ministerio e outros membros do governo, A inscrição encontra-se patente na redacção dos nossos colegas A Manhã e Victoria.

Homenagem a Machado Santos

Um grupo de amigos e admiradores do malogrado almirante Machado Santos, perfilhando o alvitre apresentado no cemiterio do Alto de São João, pelo sr. Manuel Luiz Dias, pede a este senhor a fineza de comparecer na redacção de «A Situação», o mais breve possivel a fim de se iniciarem os trabalhos para a construção de um monumento que perpetue a memoria do Fundador da Republica tão barbaramente assassinado na noite tragica de 19 de outubro.

Ecos & Noticias

FALECIMENTOS

Morreu o sr. Antonio de Sousa Costa—um dos vultos de maior prestigio, no tempo da monarquia, no districto de Vila Real (Traz-os-Montes).

Foi jornalista distinto, redactor principal da Atualidade.

Era neto do ultimo morgado da Casa do Condado de Vila Pouca d'Aguiar, terra da sua naturalidade.

Era pai do Dr. Sousa Costa, Dr. Adriano Sousa Costa, advogado e notario em Lourenço Marques, Domingos de Sousa Costa e Silveira de Sousa Costa—negociantes no Rio de Janeiro e sogro do Dr. Candido Guerreiro, Dr. Costa Pinheiro e de D. Emilia de Sousa Costa.

Caixa Geral de Depositos

Serviço de transferencias

Durante os mezes de Julho a Outubro do corrente ano a Caixa Geral de Depositos emitiu 47 115 cheques de transferencia de fundos no montante de 66:951.306$23, tendo pago no mesmo periodo 45.394 cheques representativos de 66:214.446$79.

Como é sabido, o premio desta operação é de cincoenta centavos ou um escudo por mil escudos a transferir, conforme as localidades onde são emitidos e pagos os cheques.

TEATRO

Ainda a peça "Emigrantes"

Quiz o acaso que hontem encontrasse o joven autor estreado no Politeama e sobre cuja peça assinei aqui a respectiva critica.

Por minha vontade o a seu pedido, com o maior prazer expliquei imediatamente que quando comparei um exame com uma peça de teatro e falei em «empenhos» de forma absolutamente nenhuma pretendia melindrar o estudante de direito, cuja vida escolar eu desconheço mas me afirmam ser brilhante.

Julgo mesmo que só um estado excessivamente nervoso poderia levar Tito Arantes a considerar-se ofendido como estudante — ofendido sobretudo por quem ainda não escreveu uma linha que não fosse ditada pelo mais sereno consciencia e por aquilo que compreendia como melhor justiça.

Não é pelo facto do nosso energico protesto contra a atitude agressiva ou parcial dos plateias, nem pelo de não aplaudirmos inconscientemente a sua obra (a quem alias um dos seus maiores amigos chamou apenas uma estreia «muito aceitavel») que Tito Arantes, embora tenha dado a entender não ligar importancia nenhuma, deixará de contar com a nossa sincera simpatia e justissima admiração.

Em duas «notas do dia» e na critica d'hontem, com a melhor boa vontade, louvamos esse rapaz trabalhador e honesto que, por ser novo, por ter talento e por ter sido infeliz embora com muito reclame na sua estreia, (recordemos a estreia de Carlos Selvagem) só nos pode ser simpatico. Do todo o seu incidente só sinceramente lamentamos que o acaso ou a falta de diplomacia tenha levado tantas pessoas a tantos extremos e só deploravelmente concluimos que a critica de teatro em Portugal seja muitas vezes esta coisa que todos nós acabamos de ver.

O HOMEM QUE PASSA

Da ilustre actriz Angela Pinto recebemos o seguinte telegrama:

—Ao director de «A Capital» rogo o favor de dizer que brevo publicarei uma carta justificando mal entendido em que envolveram o meu nome no incidente dos «Emigrantes» no Politeama.

Ainda sobre o mesmo caso recebemos do estudante da Faculdade de Direito, sr. Armando Soeiro, uma carta da qual extratamos os seguintes periodos:

—No momento em que se pretende desviar um conflito artistico para um conflito politico, depois de ter sido deslocado para um campo irritantemente pessoal, julgo oportuna esta carta, que tem a justifica-la o intuito sincero de restabelecer a verdade.

Na critica publicada no jornal que v. inteligentemente dirige, faz-se salientar esta passagem: «Tudo era festivo e brilhante, lindas mulheres, toilettes caras. Porquê? Porque o autor (Tito Arantes) tinha a simpatia dos seus colegas monarquicos — a grande maioria — dos alunos da Faculdade de Direito».

Nada mais absurdo, nada menos verdadeiro do que esta afirmação. E faço este desmentido como estudante da Faculdade de Direito e como republicano.

As manifestações com que carinhosamente foi recebido Tito Arantes teem uma justificação clara. O autor dos «Emigrantes» era um novo, que embora já firmado como um dos mais brilhantes valores da sua escola, submetia ao publico a apreciação dos seus faculdades com o mesmo assombro com que tinha submetido à apreciação dos seus Professores o seu estudante.

Tito Arantes era naquela noite um simbolo; nós novos só impunha o dever de o aplaudir.

Contra ele se tinham movido campanhas, se tinha preparado uma atmosfera hostil; o que a gente nova, publicana e monarquica, que o aplaudiu sem reservas, num gesto simpatico de camaradagem, nobremente, altivamente, embora um pouco irreverente.

Nunca me, encapotei na multidão ou em grupos para afirmar e defender os meus principios, os minhas atitudes; aplaudi Tito Arantes com entusiasmo, como o mesmo havia feito quando da representação da «Maria Isabel» do meu querido amigo e talentoso Poeta Americo Durão.

Reposições

EDEN TEATRO — Tic-Tac *revista em 2 actos de Luiz d'Aquino, Alberto Barbosa e Xavier de Magalhães.*

Escrever duma reposição é sempre dificil e sobretudo quando se trata duma peça que vem fazendo nos nossos palcos uma carreira de sucesso. O «Tic Tac» reapareceu, porem, remodelado e com novos artistas nos seus diversos personagens. Sendo assim não ha o direito de nos eximirmos a falar da obra e sua respectiva interpretação.

* * *

Já vai o tempo em que revista posto em scena era cartaz garantido para longo tempo com gaudio da empresa e dos autores, porque o publico não tinha exigencias e tudo quanto lhe apresentavam, desde que o fizesse rir com pilherias pornograficas e o deixasse embasbacado perante meia duzia de mulheres semi-despidas, tudo era ótimo de lei, pago ali à bôca da bilheteira...

Os tempos mudaram, o publico está exigente e já se não contenta assim com uma duzia de larachas... «Pau de dois bicos» dum autor de nome feito caiu e a empresa do Eden, após sucessivas «perdizes» resolveu pôr em scena «Tic Tac» como tabua de salvação neste temporal desfeito que ameaça a nossa gente de teatro.

No cartaz do Eden ha um nome que encue porque o publico o aplaude sem reservas: Nascimento Fernandes. No cartaz do Eden ha diversos nomes que o publico ainda não fixou definitivamente mas que principia a prestar com justiça. Seja-nos permitido destacar Augusto Costa e Artur Rodrigues. As suas rabulas foram perfeitas, completas. Da parte feminina entendemos que com justiça só merece o seu nome em letra redonda Adelina Fernandes. As restantes, aquilo que estamos habituados a ver. Mascos corais pouco seguras quer cantando, quer em todo o jogo scenico. Na orquestra Wenceslau Pinto, professor do Conservatorio e estafando-se a manejar a batuta numa companhia de revista. E' para lastimar e merece a nossa censura. Os seus conhecimentos musicais, algumas das suas composições e o logar que ocupa na nossa Escola de Musica obrigam-no a uma certa posição que não é certamente a de reger, embora por acientemente, o... Fado da tristeza.

Dosta feita a referencia à peça ficou para o fim. Em nossa opinião a revista na primitiva ostava melhor. Era porem forçoso substituir o terceiro quadro e nisso os autores não foram completamente felizes.

X.

CRONICA SCIENTIFICA

Os habitantes da lua

A lua será abitada? — Eis a eterna questão dos sabios, preocupação vaga mas latente mesmo nos mais vulgares espiritos, eterna pergunta, sim, talvez eternamente sem resposta... E, no entanto, uma legião de astronomos não desanima, antes porfia na descoberta da verdade, discutindo entre eles os mais variadas hipoteses povoando e espovoando, ao sabor dos seus caprichos, o meigo astro, que, como a esfinge do deserto, os fita sempre com a mesma expressão problematica, indecifravel... Ora, quando que ha a propria terra mal se chegou ainda a saber se o colosso de Rhodes e a esfinge de Menphis eram palacios ou tumulos, como admirar que a 85.000 leguas de distancia não se saiba se a lua é precisamente a habitação de uma brilhante sociedade ou antes apenas a sepultura gelada de uma vida anterior?

Por uma fórma ou por outra, a questão agita neste momento a sciencia, e, a despeito da versatilidade nas conjecturas, com todos os inconvenientes da contradição, é de admirar mais os que andam na lua por causa da lua, do que os vulgares lunaticos que, divididos em questões politicas e sociais, andam na lua por causa da terra... Aquelos, pelo menos, teem a seu favor o dito de Flammarion: «Quem não contempla e estuda o Universo não pode ter ideia clara de Deus nem do homem»...

Escreve o «Matin» que o nosso satelite, depois de ter há dias eclipsado, reapareceu mais brilhante sob a cupula da Academia das Sciencias de Paris, que alguns luminares do pensamento francez constelam, com deslumbramento do mundo inteiro.

Entre os astronomos americanos e os francezes estabeleceu-se polemica sobre a habitabilidade da lua. De um lado a afirmação de que ali existem nevoeiros, bruma, por conseguinte atmosfera; zonas de vegetação, florestas, portanto, vida... Do outro lado a replica, dizendo-se que a lua é mais deserta que o Sahará, arida e morta como um corpo inerte, bafejada apenas pela luz.

Pickering, o astronomo americano da Universidade de Harvard, afirma ter visto na lua macissos verdes que em poucos minutos se transformam. Nascem para logo morrerem — messes de prodigiosa vegetação, que gigantescas foices quasi instantaneamente dizimam. E, em disto, a sua teleobjectiva terá fotografado mudanças que só poderiam ser erupções vulcanicas, meteoros, tempestades...

A estas arrojadas afirmações, opõe-se Le Morvan, o astronomo francez, que estuda em si seu atlas de fotografias lunares tiradas no observatorio de Paris, dá aos factos uma interpretação inteiramente diversa. As brumas que Pickering pretendia ter observado na lua não são mais que o resultado das ondulações e meteoros da atmosfera terrestre. Na lua está provado que atmosfera nenhuma existe, e, sem ela, diz, tambem não pode haver vegetação nem vida sob qualquer forma. Os macissos verdes que Pickering observou, e que só se vêem por momentos, quando o sol nasce em qualquer região da lua, fazendo incidir nela muito obliquamente os seus raios, são o resultado da refracção da luz solar, decomposta nos prismas dos cristais que marginam as crateras e de todos esses extintos — prismas de arestas tanto mais vivas, quanto é certo que na lua nenhum mente acusa, como na terra, a influencia da erosão.

Aqui entre nós, as montanhas, embora tenham por vezes nos afloramentos igneos, a viveza do angulo e o arrojo da crista, esbatem-se geralmente em curvas suaves — sorros como seios de rapariga, cordilheiras como lombada de animal preguiçoso... Na lua não é assim: os relevos dispõem-se em circulos, em cujo centro parece ecoar-se a lava do antigo vulcão; e, em redor, tudo são asperesas, serras dentadas sem suavidade, agulhas e cumeadas em que não passou a lima moduladora do vento e da chuva, das torrentes e dos degelos, de todas as especies de erosão eolica e potamologica.

Hoje, qualquer objecto da lua com mais de 600 metros de diametro será visivel na terra. As florestas, portanto, como os lagos e as cidades, se ela existissem, já não escapariam ao poder dos telescopios actuais. Em fotografias sucessivas, a teleobjectiva retrataria as mudanças do aspecto que os cambiantes de vegetação produzissem na superficie do astro morto. E, no entanto, desde que Galileu em 1609 construiu a primeira luneta astronomica, e desde que Draper em 1840 tirou da lua o primeiro daguerreotipo, nenhuma transformação importante se notou na sua face que o satélite nos mostra — sempre a mesma, porque o seu movimento de rotação é sincrono da sua translação.

Uma unica mudança não oferece hoje duvidas: é que a lua se aproxima cada vez mais de nós, e, assim encurtada a sua órbita e aumentada a influencia atractiva da terra, o mez que o satélite nos marca tornar-se-á cada vez mais curto.

O mapa da lua está de ha muito estabelecido. Carpenter chegou a afirmar que conhecemos melhor a topografia do seu hemisferio visivel que a do nosso planeta. E, com efeito, não ha hoje ali montanha sem classificação, vale ou planicie que não tenha nome geralmente idealico, nos do nosso planeta. Os Alpes, com o seu vale rectilinio de quatro kilometros de largura, os Apeninos, os Carpatos, as planicies que são os antigos mares, os circulos que são os antigos vulcões, tudo isso se vê nas cartas e nas fotografias. Pelo sobre das cristas determinaram-se as altitudes desses llimeisias, que atingem até 8.000 metros. Da falta de nevoeiros e nuvens concluiu-se a ausencia de mares actuais, a solidificação de toda a crosta. E, vendo-se que a luz do sol e das estrelas não sofre desvio ou refracção ao passar rasa sobre a lua, e que o calor por esta irradiado é muito grande em relação à luz que emite, acusando uma temperatura igual à de ebulição na terra, afirmou-se que não existe ali atmosfera. Da falta de atmosfera se induziu a ausencia de vida...

E os anerobios? E a possibilidade de organizações diferentes, mais perfeitas talvez do que as conhecidas por nós?

* * *

A questão está posta, e o problema ha-de ser por muito tempo a principal incognita da equação selenografica. Depois, não é só uma questão scientifica a habitabilidade da lua: tratando-se de um astro que continuamente contemplamos nos nossos continuos olhares, e que parece pensar em nós, é tambem uma questão sentimental.

Lembra-me a proposito uma scena de que certo amigo intimo quiz fazer-me confidente:

Era no Palacio, noite calma de verão, luar puro como o de janeiro. Dois namorados entretinham-se a avenida das Tilias, e, atraidos pela passagem do rio, desceram ao parque. Irmanados na mesma emoção contemplativa quiz a mesma corrente nervosa unir-lhes as bocas, e um beijo, quasi material, soou breve no silencio do bosque. Mas ela comentou:

— Se nos vissem!...

Ao que ele, ignorando a influencia que pode ter uma pequena impressão num espirito de mulher indecisa, replicou, zombeteiro:

— Só se fosse da lua!

Efectivamente o astro, de uma pose imensa, dominava agora em toda a sua plenitude o vale do Douro, vinha desfazer-se, derretido, nas ondulações da agua, obrindo um caminho de prata a uma bateira que passava.

Não era a lua que encima os campanarios e que Musset comparou «como um ponto sobre um i»; não era a «foice de ouro esquecida no campo das estrelas, como lhe chamou Vitor Hugo; era a lua de Olavo Bilac, soberba, que

«como um gladio de prata no corrente Rasga o seio do rio adormecido».

... E aquela rasgou tambem o curso de um idilio que poderia ser romance.

Braços já soltos, os dois subiram de novo a encosta, sacudidos por pudor que uma ideia estranha nela despertou. E Narciso, o infeliz namorado e meu amigo, veio desabafar junto de mim, e protestar contra a sciencia que nos enche os ouvidos de disparates, e, bem ao contrario dos preceitos de Arsène Houssayé, nos obriga a ter espirito em materia de amor.

— Jamais, afirmou ele, me preocupei com bagatelas. A vida é o dia de hoje, como disse João de Deus, e o espaço que nos cerca. Sair dela é cair no vacuo...

Ao que lhe objetei...

— Mas os nossos erros já se não corrigem com gente do planeta. Quem sabe se da lua nos viram um dia o espinam o exemplo!

Narciso procurei consolar-se, e, para o entreter, resolvi propor-lhe esta mensagem que ele enviaria á lua, se lhe acontecesse outra partida igual:

— Lua! Se no teu solo enrugado de crateras viceja a arvore ou empalidece o linquen, se ahi rasteja o musgo, e, na tua vegetação, exuberante ou raquitica, bebem vida seres que desconhecemos; se graves em ti o musculo que dá movimento e força e o nervo que dá sensibilidade e pensamento — manda-nos, no reflexo da tua luz tranquila, todas as reflexões da mentalidade que em ti parece serena. Dizenos mesmo, se a tua radiotelegrafia já transpoz o proprio vacuo, novas maneiras de ser politicas e sociais, fala-nos da tua democracia, conta-nos como os seus habitantes interpretam os sagrados principios da Justiça e do Direito... Mas poupa-nos ao negro dos teus sentidos. E, se ha em ti telescopios ou «até — quem sabe? — olhos» apenas, mais potentes do que os nossos, desvia de nós, oh lua, qualquer indiscreto olhar.

No nosso mundo não ha nada que te interesse: tristeza é dor já tu teus muita, nesse rosto torturado. Apenas, se saires muito alta noite, quando os corpos dormem e os espiritos pairam muito acima das coisas, poderás divisar aqui e alem, pequenos quadros de amor... Mas então manda-nos apenas essa luz velada que permite ver sem se ser visto, possa alta e discreta sobre a nossa mocidade, e deixa que, só mais tarde, o sol ilumine com plena luz o romance da nossa vida, aquecendo-nos a velhice — ele a cuja luz a saudade é menos triste. Do sol disse Rostand que põe rosas no ar, era apoteose em cada arvore, e em todas as coisas a sombra que as duplica, e sem a qual só seriam o que são... Mas o sol é um escultor, e tu, lua, desenhas apenas silhuetas e contornos vagos. Dá-nos, pois, num esboço muito tenue de vida o remanso do sonho e o encanto infinito do misterio!...

CARLOS SANTOS

SPORT

As Olimpiadas

Antigamente tinham logar de quatro em quatro anos, os jogos olimpicos, que interessavam toda a Grecia.

Em todas as cidades havia um «stadio», e pelo menos um ginasio.

As festas realisavam-se numa epoca, que corresponde a fins de Junho do nosso calendario, e a multidão que a elas assistia, era avaliada em 50 mil pessoas.

Nas provas que eram presididas por magistrados, não eram admitidos os barbaros nem os escravos.

A disciplina era tão grande que qualquer concorrente acusado de querer corromper o juiz era castigado com chicotadas.

No primeiro dia eram sempre disputadas as corridas a pé de velocida e, consideradas como o sport mais nobre.

Nos outros a luta e o pugilato.

A luta, que ao contrario do que se pensa, não era no genero do que hoje se chama greco-romana, terminava, pela derrota do lutador que tocasse trez vezes com as espadoas no chão.

O pugilato acabava pela desistencia d'um dos contendores, e muitas vezes pela morte.

A outra luta que tinha o nome de «prancrace», era um misto de luta e pugilato, e duma violencia inaudita.

RUY DA CUNHA

Educação Fisica

O ultimo numero de «Vie au grand air» traz um quadro interessante dos «records» de «sports» atleticos de ca da paiz. Figura tambem Portugal com o nome de Correia Leal, Cortezão, Rocha, Souza, Prestes Salgueiro, Almeida, Pereira e Martins.

OS CAMPEONATOS DO SUL DE BOX NO G. C. P.

RESULTADOS

Minimos — Correia Rodrigues venceu Morais.

Levissimos — Sobral Dias venceu Rumina.

Meios-leves — Abel da Cunha venceu H. Leal.

Leves — Abel da Cunha venceu o J. Araujo.

Meios-medios — Aragão Andrade venceu Melo Rodrigues, no final Rosa Brito e Cesar Ribeiro, fizeram uma exibição.

O FOOT-BALL ONTEM

Nos jogos de primeiras categorias do campeonato de promoção, realisados ontem, o Royal venceu o Chelas por trez bolas a uma e o Portugal venceu o Cruz Quebrada por cinco a zero.

HIPISMO EM SETE RIOS

Resultados de hontem:

Primeira — 1.º Luiz Margaride, no «Vencedor»; 2.º, Julio Morais, no «Selet»; 3.º, Castro Cabrito, no «Spad».

Segunda — 1.º, José Moreinho, no «Ilebrecos»; 2.º e 3.º, os mesmos da primeira «poule».

ATENEU COMERCIAL

Iniciam-se hoje as aulas de luta do Ateneu Comercial, sob a direcção obsequiosa do sr. Antonio Neves, antigo campeão de Portugal.

As aulas realisam-se ás segundas quartas e sextas, das 22 ás 24 horas.

EDUCAÇÃO FISICA

Reabriu o seu curso de ginastica, luta e box, o professor Ruy da Cunha.

NOTICIARIO

UNIÃO VELOCIPEDICA

A' testa de hontem presidiu o sr. Mendes Arnaut, secretariado pelo sr. Eduardo Martins. Fizeram uso da palavra referindo-se ao acto e incitando os corredores premiados, os srs. Mendes Arnaut, Almeida Junior e Vitor Alves. Seguidamente procedeu-se a distribuição dos premios e diplomas dos seguintes provas: 50 quilometros, 1.º premio João dos Santos Borges; 2.º Joaquim Raposo; 3.º Artur Dias da Maia; prova de 100 quilometros, 1.º premio Anibal Fermino da Silva; 2.º Joaquim Raposo; 3.º João dos Santos Borges; 4.º Carlos Luis Branco; 5.º Artur Dias Maia. Ao delegado da Sociedade Recreativa de Carcavelos, cuja «equipe» foi vencedora da prova final deste ano, foi entregue a «Taça União».

LUSITANO CLUB CICLISTA

E' no proximo dia 1 que se realiza o banquete comemorando o 14.º aniversario deste club, sendo entregue á «equipe» vencedora a taça «Ramires de Azevedo» disputada ultimamente.

O ENCONTRO PORTUGAL ESPANHA

Recebeu-se hontem o seguinte telegrama de Madrid.

MADRID, 18. — Realisou-se o desafio de «foot-ball» entre portuguezes e espanhoes, perante uma assistencia bastante numerosa.

Os espanhoes ganharam por tres partidas contra uma.

Ninguem, que esteja ao facto do movimento sportivo, calculava que o nosso «team» pudesse triunfar, e vemos com jubilo, que a derrota foi honrosa, atendendo á grande classe dos espanhois.

UM TEAM ESTRANGEIRO EM LISBOA

Na sede da «A. F. L.» já está aberta a assignatura para os desafios internacionais que o grupo Tcheco-Slovaco vem a Lisboa realisar com os nossos principais clubs.

O grupo chega a Lisboa no dia 23 e joga no dia 25 contra o «team» da Casa Pia.

O União de Praga é um «team» fortissimo pois inclue jogadores internacionais devendo dar-nos boas tardes de «association». Nas sedes dos Clubs Sporting, Bemfica e Casa Pia tambem já estão á venda os bilhetes.

53 — Folhetim de «A CAPITAL» — 19 de Dezembro de 1921

ROCHA MARTINS

Spartacus

Romance das lutas proletarias em Roma

IX

O filho de Aruncc convencera-se de que realmente Emerencia fôra para a Grecia e que Felux a achara mas fugira ao amo. Jamais levantara aquela idea do desaparecimento do poeta, natural sob todos os pontos de vista, porque notara o desgosto do seu socio — pois o continuava a enriquecer — e até a pobreza manifesta de dois ou tres discursos que fizera.

Enquanto o vestiam de linho precioso da Syria e se preparavam para lhe envergar a toga de bysso do Egypto, ele falava com ambos do formoso vaso da Lysthea e perguntava-lhe se tinham visto o seu retrato pintado por Leia.

Elogiavam-no com muito ademanes mas Aurelio parecia ancioso por mudar de conversa e começava a falar das construções, do bairro novo que desejavam edificar ás portas da cidade; havia dificuldades nos carretos dos materiais, parecia que toda a gente se amotinara e não só podiam perder dois milhões com demoras, visto o contrato marcar um praso para os idos de maio. Lançaram-se logo numa grande colera contra os escravos; entraram a contar horrores. Em Nola — dizia Verres — passeando no caldario, de cabeça alta, o rosto vermelhusco de gosador e de barriga dilatada — tinham sido em comerciante dentro dum couro de boi e assado o assaram num forno. Espionava no resto dos escravos agiam scenetas de satisfação mas via-o impassivel e explicava que o homem em questão fôra arromatante de padarias e sofrera, por isso, esse duplo cosinhamento: cosido e assado!

Os outros não riam porque Aurelio referia-se ao rapto da irmã que andava em poder desses bandidos e devia ter sofrido torturas; Manlio quizera juntar-se-lhe e decorto estava morto ou dia a dia o iam aniquilando; seu pai era uma sombra do antigo Arunco, passava os dias aiando e sua mulher, Cysioa, tinha ataques estranhos em que se espojava no chão e deitava espuma pela boca ainda aterrada pelo que presenciara. Parecia repelida dos deuses, uma furia!...

Atenuavam-se, então, descrevendo tudo quanto se dizia por toda a republica acerca da maneira porque os escravos procediam, as infamias que praticavam. Em Nuceria tinham violado todas as virgens e obrigado os pais a assistir aos actos lubricos, em Metaponta atéado fogo aos templos e amarrado os sacerdotes para serem consumidos; um incendio provocado por eles em Nola, nos pobres das vinhos, durára oito dias e percorrerá as suas ruas, com cerejas chamas fluctuantes; açoitaram matronas nas praças publicas, obrigaram patricios a carregar fardos e crucificaram centenas de pessoas! Ao grande agricultor de Turio — o que fazia a alta e baixa dos trigos — que horror! — tinham-lhe enchido de dinheiro a boca e pelo engasgamento pelas moedas de que o atulharam até á garganta e o sangue das feridas rasgadas ele morrera sufocado.

O cadaver fôra exposto com um letreiro singular e impio: Devora aquilo porque nos devoraste!

O «despeculi» acabava de endireitar a tunica do amo, e secretario a falar-lhe dos que esperavam e dum poema grego que lhe tinham mandado, ele, porém, com um rancor na voz, ao ouvir a ultima das execuções feita pelos rebeldes, calcava a sua ideia, amoriscado e rosso, batia o pé e disia:

— Tudo isto porque ainda se não entregaram o comando!

O riham-no admirados de semelhante ideia; julgavam-no ancioso de gosar os seus vestidos de Cós, os seus tapetes de Tyro, as suas estatuas formosas, de ouvir as cadenciadamente o grego, que se jactava de saber largamente, de passear as mais belas mulheres e dar-lhes a beber perolas diluidas em vinagres aromaticos. De surpreza aparecia-lhes desejos das canseiras da guerra, de chefia duma legião, ele, cuja carreira militar não era famosa.

Tinham, porem, a explicação rapida e pronto no vozear irritado em que se exprimia:

— Eu sou quem mais sente esta canalha solta, esse bando de facinoras invertendo a sociedade e tanto que todos os dias, por cesa, mando açoutar dez dos meus escravos e deleicio-me a ouvi-los gritar: Morra Spartacus!... Sou aindi assim clemente... Podia-os fazer frigir em oleo; sou bastante rico para não me fazerem falta, a não ser para estas coisas baixas da vida desde o banho á cosinha... E eu sou simples... o ideal seria servir-me eu proprio! Indiquei ao Senado que desejava conduzir os legiões que em poria em pé de guerra, porque, meus amigos, se a republica não m'as entregar paga-las-ei! Não é rico quem não pode sustentar um exercito!

O Senado deve responder hoje... Depois irei... Sei que ninguem os pode bater senão eu...

Estava no peristilo com os seus amigos e o secretario perfilava-se sempre com as tabuas em punho, de fóra vinha o rumor vago da multidão ansiosa por lhe falar e este, lembrando-se apenas do seu desejo, continuava:

— Quorem vencer com regularidade esse bando que dia a dia, engrossa como uma enxurrada! Loucura! Nenhum para recrutar soldados tem que os recensear, armal-os, instruí-os, darlhes oficiais; os rebeldes pregam a sua doutrina de roubo de prazer; de goso e de vingança, julgo até que dum mundo melhor, e os soldados aparecem-lhes, inscom de todos os descontentes; as armas tomam-nas nos arsenais e nos campos onde derrotam os nossos; o dinheiro teem-no do saque... Podo lucrar-se assim? Não! Só ha uma forma: conhecer-lhes os manejos, a vida que levam, procurar nas suas intrigas o ponto vulneravel e vencel-os! Eis o que tenho feito, eu que não sou chefe, general, consul, eu que, sendo rico, o mais rico, estudo a maneira de defender a minha riqueza, gosar do triunfo em Roma e satisfazer o meu grande capricho com a certeza que, durante um seculo, não mais haverá escravos revoltados... E esse capricho, oh! Verres; tu o sabes, ainda me tortura mais quando conheci que não o conseguia gosar! Diva pela sua realisação tudo isto e tambem o meu vaso da Scythia com os trabalhos de Hercules...

E envolvia no seu gesto o peristilo magnifico com as paredes cheias de frescos em que as arvores delgadas mal escondiam os amores deslisados das nimfas que se entrelaçavam sensuais e nuas; Narciso mirava-se na sua fonte o rosto formoso e Ganymedes beijava os labios dum efebo de palpebras semi cerradas. Orfeu mostrava com orgulho as lichinos de ouro que pendiam do tecto e que iluminavam com seus oleos aromaticos as salas quando a noite caía, as colchas da Babilonia refogadas junto das portas e os tecidos da Bitinia e da Numidia que tapavam os cochins fofos; depois as maravilhas; as missas do citro, os bronzes esplendidos, as belezas de agatas e de cristal, as pedrarias nos seus costinhos de tecido de ouro e o par de taças cinzeladas que pagara por mil sertercios.

— O seu capricho!... — e continuava a enquadrar no movimento da mão o centro da casa, a piscina onde a agua repousava dum bico de ouro e cantava suavidades pelos rebordos lavrados em pra

(Continúa)

Colegio Vasco da Gama
7, das Freiras (a Arroios), n.º 2
TELEFONE NORTE 2145
O mais bem situado de Lisboa. Campos de equitação e recreios. Educação esmerada. Optima alimentação. Todos os alunos do curso dos liceus, do curso comercial e do ensino primario propostos a exame, ficaram aprovados, tendo obtendo classificações. Pedir esclarecimentos aos directores. P. Antonio ... da Silva Pinto Abreu, Dr. Luiz Gonzaga da Silva Pinto Abreu.

Instalações electricas EM TODOS OS GENEROS
OLIVER LTD.—Rua da Prata ...
Telefone C. 1168.

Alberto Afonso
LISBOA
Postais ilustrados

TUBERCULOSE
NUCLEOCALCINA FORMOSINHO
Reconstituinte poderoso, scientifico e racional
PHARMACIA FORMOSINHO
Praça dos Restauradores, 18

POLICLINICA DO ROCIO
Largo do Camões 19 (ao Rocio)
CLASSES POBRES---Tel 2747
Rins e vias urinarias — Dr. Carmosso Saldanha, ás 10 1/2.
Medicina geral, doenças nervosas e electroterapia — Dr. Cancela d'Abreu, ás 14 e 1/4.
Olhos — Dr. Henrique Roquete, ás 15.
Pele e sifilis.—Dr. Zeferino Falcão, ás 14 e 1/2.
Boca e dentes—Dr. Amor de Melo; ás 9 1/2.
Medicina geral, coração e pulmões.—Dr. F. Martins Pereira, ás 15 1/2.
Cirurgia, doenças das senhoras partos.—Dr. Luiz Ottolini, ás 15.
Ouvidos nariz e garganta. — Dr. Cordeiro Lobato, ás 14.

Remedio constituido com o suco de sete plantas medicinais:
A JUVENTUDE
Faz nascer o cabelo ás pessoas calvas.
Evita em pouco tempo a queda do cabelo e dá a este um extraordinario vigor.
Extermina radicalmente a caspa em pouco tempo.
A Juventude é ... sendo um remedio preventivo da calvicie.
Unico depositario:
DROGARIA DIAS
R. Fanqueiros, 349 e 344 Frasco 2$50 ... Todos frascos levam a assinatura do seu verdadeiro autor LUIZ ALBERTO DA SILVA.

Joalharia, Relojoaria e Ourivesaria
— DE —
JULIO REI, L.da
ex empregado da Joalharia Abreu
Grande sortimento em joalharia, relojoaria e pratas por preços sem competencia
Antiga RELOJOARIA OLIVEIRA
30, Praça dos Restauradores, 31
(Palacio Foz)

A casa que mais barato vende.—Ourivesaria e Relojoaria—Temos sempre grandes sortidos de objectos que vendemos SO' PELO PESO e joalharia que vendemos com as maximas garantias.
VIUVA MARQUES—R. de S. Paulo, 200—LISBOA—

Banco Nacional Ultramarino
Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada
Fundos de reserva 25.000.000$
Assembleia Geral Extraordinaria
Por ordem do Sr. Ex.mo Sr. Vice-Presidente da Mesa da Assembleia Geral, é convocada a mesma assembleia para em seguimento dos trabalhos da Assembleia Geral Extraordinaria, interrompidos em 8 de outubro p. p., reunir no edificio do Banco, no dia 22 do corrente, pelas 14 horas.
Assunto: Circulação Fiduciaria nas Colonias.
Lisboa, 12 de outubro de 1921.
O ... Francisco Mendonça de Sommer.

A Urbana Portugueza
Fundada em 1888
Efectua seguros terrestres, maritimos, de cristais e gréves e tumultos.
Agentes gerais em Lisboa Eduardo de Noronha, Ld.ª, Rua Augusta, 56, 1.º
Telefone 1536 C.

RELOGIOS —*A Maior Variedade*—
Ourivesaria e Relojoaria Confiança
— DE ALMEIDA, LIMITADA
Grande sortimento em pratas para brindes e joias
Rua dos Fanqueiros, 1 a 5 e 51 a 53

AZEITE
PURO DE OLIVEIRA
Finissimo para conservas e consumo
PEDIDOS A':
SOCIEDADE EXPORTADORA DE PEIXE, Ltd.
RUA DE S. PAULO, 20, 1.º

Sapataria Januario
O mais perfeito Calçado de Luxo
Sempre os mais chics modelos
MEIAS FINAS
— Telefone Central 5527 —
78 - Rua Santa Justa - 80
193 - Rua Arco Banderia - 196

Maquinas de escrever
ACESSORIOS, reparações garantidas—OLIVER, LTD.—Rua da Prata, 250, 2.º—Telef. 1158 C.

Agua da Certã
A Agua minero-medicinal da Fonte da Certã apresenta uma composição chimica que a distingue de todas as outras até hoje usadas na therapeutica.
E' empregada com seguro resultado nas Diabetes — Dyspepsias — Catarros gastricos, putrido ou fermentações — prova todo ... derivados das doenças infecciosas — convalescença das febres ... nas atonias gastricas dos ... tuberculosos, ... gastricismo dos ... cessos ou privações ...
Mostra a ... que a Agua da ... da Certã, tal como se encontra na garrafa, ... considerada ... microbiologicamente pura, não ... nenhuma ...
A Agua da Fonte da Certã ...

Bénard Guedes
RAIOS X — DIATERMIA
RADIO
Tratamento do cancro
Calçada do Sacramento—10
Todos os dias ás 4 horas. Tel. C. ...

OURO E PRATA
— — — MUITO MAIS BARATO — — — Só na OURIVESARIA — — —
Correia, Mouro, Pimenta, Ltd.
104 — Rua de S. Paulo — 103

Casa das malas
Fundada em 1887
Joaquim da Silva & C.ª (Filhos)
O maior sortimento em Malas, carteiras e artigos de viagem
Rua da Prata, 110, 112 e 114—LISBOA
TELEFONE CENTRAL 3716

Novo Fanqueiro da Avenida
NETTO & CORREIA, Ltd.
Avenida Casal Ribeiro, 3, 5, 7 TELEFONE 2168 Norte
Exposição e Abertura da Estação de Inverno
Muitos variedades e grande sortido em todos os artigos da sua especialidade
RETROSEIRO, MODAS E CONFECÇOES
— GANHAR POUCO PARA VENDER MUITO —

Sabões
TEL. C. 2519
A COMERCIO EXTERNO L.da
R. S. Paulo, 104 1.º

Furunculos, diabetes, doenças da pelle e dos intestinos
Curam-se com
Fermento d'uvas Formosinho
Recomenda-se exigir o nome FORMOSINHO
FARMACIA FORMOSINHO P. dos Restauradores 18
LISBOA

REGALEIRA - CLUB
DANCING PALACE Telefone 3238
VARIEDADES E CONCERTOS
Jazz Band - Tziganes - Diners - Concerts
SOOPERS TANGOS
Magnifico serviço de Restaurant
ROBERT NICOL—Danseur de L'APOLLO de Paris

RITZ-CLUB
ESMERADO SERVIÇO DE RESTAURANTE
— *Concertos todas as noites* —
VARIEDADES
Um dos restaurantes mais chics de Lisboa
Praça dos Restauradores, 27, 1.º

INTERESSA A TODOS!...
QUEREIS conservar os vossos calçados pela aplicação de uma «Pomada» de absoluta confiança?
—Usai a INDIANA, incomparavelmente a melhor pelo seu brilho pelas suas esplendidas qualidades de conservação do cabedal e ótima apresentação em cores: **preto, amarelo, castanho escuro da moda — completa novidade.**
A' venda nos principais Armazens de Cabedais, nas boas Sapatarias do Paiz e no Deposito Geral:
A' PELARIA FINA
Casa de bons artigos em SOLAS, CABEDAIS, ATACADORES e malas especialidades destinadas á confecção de calçado de Luxo e Vulgar
de Policarpo Junior, Limitada
RUA JARDIM DO REGEDOR, 13, 15 e 17 --- LISBOA
TELEFONE C. 3223 / TELEGRAMAS: PELFINA — Agentes exclusivos de revenda para Portugal e seus dominios, Espanha e Estados do Brazil

Marque INDIANA déposée
Brillant sans rival pour la conservation des chaussures
Exiger la boite bien fermée

PIANOS Bechstein e outras marcas
Representante:
J. Heliodoro d'Oliveira
EORO 56, 57 e 59

A casa que mais barato vende — Ourivesaria e Relojoaria — Temos sempre grandes sortidos de objectos que vendemos SO' PELO PESO e joalharia que vendemos com as maximas garantias.
VIUVA MARQUES—R. de S. Paulo, 200—LISBOA—

Ourivesaria e Joalheria
J. J. NUNES
171 — RUA DA PRATA — 171

Dr. Lelo Portela
— Clinica medico-sifilis —
RETOMOU A CLINICA
— Consultorio —
Tel.: C 1883 P. Luiz de Camões, 6

ASSIGNATURAS DE "Os Sports"
Portugal
6 mezes... 7$50
12 » ... 15$00
Estrangeiro
12 mezes... 30$00
Pagamento adeantado

Banco Nacional Agricola
Soc. An. Resp. Lda.
SÉDE-R. de S. Julião, 188 e 190
LISBOA
Nos termos do artigo 8 e 12 dos Estatutos do Banco são convidados os Srs. accionistas a entrar com a importancia de Esc. 25$00 por acção, correspondente á 2.ª prestação do capital emitido, desde 15 a 31 de outubro corrente.
As cautelas representativas de acções devem ser apresentadas no acto do pagamento nos locais abaixo designados e nos correspondentes na provincia.
Lisboa / Evora } Banco Nacional Agricola
Lisboa / Porto / Chaves } Pinto & Sotto Maior
Pelo Banco Nacional Agricola
Os Directores
a) Eduardo Fernandes d'Oliveira
a) Eduardo Correa de Barros
a) Joaquim Nunes Mexia

Horta e Costa
Rins e vias urinarias
12, Rua da Trindade 12
Consultas das 2 ás 5
TELEFONE 2424

Papelaria Camões
Grande sortimento
— de —
objectos para pintura a oleo e aguarela

A. Guerreiro
Da Escola Dentaria de Paris
Dentaduras sem chapa
R. de S. Paulo, 26
(Junto ao Arco) Telefone 2-22

Leitaria GLOBO
DE
Rocha & Coutinho, Ltd. Tel. C. 2165
R. Conceição, 68 e R. Correeiros, 1 e 3
Puro Leite *Especialidades em doçarias*
Serviço permanente de chá, café, cacau, torradas, etc.

O Medico Conceição e Silva, J.ºr
—RETOMOU A SUA CLINICA DAS VIAS URINARIAS E DOS RINS em 6 de Outubro—R. DO OURO, 144

ARTIGOS FOTOGRAFICOS
LUIZ ROSA
233 — RUA DA PRATA — 235

Prisão de ventre
E suas consequencias. Funcionamento metodico do intestino pelo LAXATIVO VEGETAL VERITAS. Infalivel e inofensivo, comprovado por centenas de pessoas que diariamente fazem uso dele. Preparado por Mendes & Braga, farmaceuticos.—188, Rua do Mundo, 135, Lisboa.—Telefone, 554.

Garlopas—Serras de fita 0,70 e 0,90 —Maquinas automaticas para afiar laminas de garlopa e plaina.
EM ARMAZEM
SANTOS AMARAL, Lda.
Rua da Palma, 225/9—LISBOA
Telefone C. 1580

FITA ISOLADORA
Branca e preta
15 m/m e 40 m/m (Fabricação alemã)
Ao melhor preço do mercado
SANTOS AMARAL, Ltd.
RUA DA PALMA, 225/9—Lisboa
TELEFONE Central 1580

PINTO & SOTTO MAYOR
BANQUEIROS
LISBOA-PORTO
Representantes em Portugal
— DO —
Banco Portuguez do Brazil
LISBOA
PORTO
R. do Ouro, 18 a 24
28, Praça da Liberdade, 29

Agua de CALDELLAS
Doenças do Figado e dos Intestinos
(entero-colite muco-membranosa e prisão de ventre)
DEPOSITARIOS:
BANDEIRA DE MELLO, L.DA
Rua Augusta, 75, 1.º e 2.º
Teleph. 2670C.

Grande Café d'Italia
é sem duvida o café da moda
ALMOÇOS
serviço á la carte
Rua 1.º Dezembro

Escola Berlitz
20-A, Rua do Alecrim
Abrem-se brevemente novos cursos para principiantes em
FRANCEZ : : INGLEZ
: : Já está aberta : : : : a inscrição : :

ULTRAMARINA Efectua seguros contra todos os riscos
Rua da Prata, 108, 1.º
SINISTROS PAGOS ATE' 31 DE DEZEMBRO DE 1920 Esc. 3.574.758$37

Antonio Casanovas Augustine, L.DA
CAMBIOS E PAPEIS DE CREDITO
57, 59, 61, RUA DO COMERCIO, 57, 59, 61

Canetas com tinta
O que ha de melhor
PAPELARIA DA MODA
167 — Rua do Ouro — 169
LISBOA

Simões Bayão
(Laureado pela Escola de Paris)
Doenças de boca, cirurgia, prothese e ortodoncia
Largo do ... aulo, 13, 1.º
Telefone 3078

Vinhos espumosos de Lamego
(CAVES DA RAPOZEIRA)
Reservas de finissimas qualidades
A' venda em todas as confeitarias e mercearias.
Depositario em Lisboa: ARTHUR BENARUS
Telefone 16—Central
Poço do Borratem 2, 4.º

TUBO BERGMAN
da casa Bergmann Elektricitäts-Werke 9 m/m e 11 m/m
EM ARMAZEM
SANTOS AMARAL, Lda.
Rua da Palma, 225/9—Lisboa
Telefone C. 1580

Use Agua, Crême e Pó de Arroz
"RAINHA da HUNGRIA"
e todos os productos da
Academia Scientifica de Belleza
que se encontra á venda nos seguintes estabelecimentos
Pharmacia Durão—Rua Garrett, 90.
Pharmacia Nascimento — Rua da Prata, 115 e 117.
Perfumaria Flôr de Liz—Rua Nova do Almada, 67.
José Feleciano Alves de Azevedo & C.ª—R. 1.º de Dezembro, 55, 65.
Pharmacia Avellar—Rua Augusta 25 a 27.
Silva Neves & C.ª—Rua da Prata, 239-241.
Thomaz Mendonça, Filhos, Ltd.—Calçada do Combro, 43, 47.
União Commercial de Drogas, Ltd. —Rua Augusta, 106.
Perfumaria Paris—Rua dos Retroseiros, 58.
Galeria Parisiense—Rua Garrett, 42
Eduardo Martins—R. Garrett, 4 a 11
Perfumaria Viuva Dias — Rua da Praça da Figueira, 40.
Camisaria Modelo—Rua do Ouro, 115, 117, 119.
Loja do Povo—Praça de D. Pedro, 27 a 30.
Brazil Elegante—Praça de D. Pedro, 7 a 9.
Farmacia Barreto — Rua do Loreto, 24 a 30.
Farmacia Silva Carvalho—Rua Eugenio Santos, 48 a 52.
Loja da America—Rua do Ouro, 206, 208.
Casa Africana—Rua Augusta.
Salão Mimoso—Rua Augusta, 282.
Neto Natividade & C.ª—Rocio.
Lopes & Maia, Ltd.—Rua do Ouro, 267 a 269.
Tatá & Rodrigues—R. Garrett, 53, 55.
Farmacia Coelho de Jesus—Avenida da Liberdade, 5.
Carmona, Ltd.—Rua da Escola Politecnica, 263, 267.
Farmacia Ultramarina—Rua de S. Paulo, 99, 101.
Casa Santos, Ltd.—R. da Palma, 7-A
Retrozaria J. Fernandes—Rua dos Retrozeiros, 79 a 83.
Henrique Xavier & C.ª—Rua do Ouro, 253, 255.
Au Bon Marché—Rua da Assumpção, 45, 47.
Damião & C.ª—Rua Garret, 57, 59.
Camisaria Azevedo—Rocio, 34, 35.
Deposito geral para revenda
Academia Scientifica de Belleza
Avenida da Liberdade, 23-A
Telefone: 3611 Telegramas: «Bellezas»

TIJOLO
PREÇOS SEM CONCORRENCIA
ENTREGA IMEDIATA
C.ª Ceramica de Telheiras
L. do Directorio, 4, 2.º

TABACARIA CENTRAL
90—Rua da Assunção—90
TABACOS—LOTARIAS—AGUAS REFRESCOS

AGUA DOS CUCOS
TORRES VEDRAS
A AGUA minero-medicinal dos Cucos, unica no seu tipo em Portugal para o artritismo, reumatismo gotoso, rins e bexiga, tem alem disso dado otimos resultados nas doenças das senhoras, utero e anexos.
A AGUA DOS CUCOS vende-se em toda a parte na linha de Cascais em Carcavelos, Parede, Monte Estoril e Cascais.
Deposito geral ... LISBOA.

Ventoinhas alemas
110 e 210 volts
EM ARMAZEM
SANTOS AMARAL, L.da
Rua da Palma, 225/9—LISBOA
Telefone C. 15 0

OURIVESARIA E RELOJOARIA ATHAYDE
PREÇOS SEM COMPETENCIA
Grande sortimento de objectos de ouro, prata e brilhantes
Rua Fernandes da Fonseca, 1
Esquina da R. da Mouraria, 101 e 103

AZULEJOS telhas, tijolos, etc.
Ceramica Mont'Argila "LGES"
Preços sem concorrencia
Agencia em Lisboa—Gil ... da Santiago, Lda.—L. S. Julião, 7, 2.º

MOBILIAS E ESTOFOS
Bizarro da Silva, Limitado
(Antiga Casa Bizarro da Silva & C.ª)
Rua Augusta, 82, 84
Rua dos Correeiros, 21, 23
Telefone C. 2533
Grandes descontos em todos os artigos

PINTO & SOTTO MAYOR
BANQUEIROS
LISBOA-PORTO
REPRESENTANTES EM PORTUGAL
DO
BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL
LISBOA PORTO
R. do Ouro, 18 a 24 28, Praça da Liberdade, 29
Rua do Comercio, 136 a 140

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 3957-12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Terça-feira 20 de Dezembro de 1921

Telefone n.º 2293 — Endereço Tel. CAPITAL — Oficina de impressão — Rua da Bica, 71

Preço 10 centavos

> Não quero uma Republica ultramontana, jesuitica, intolerante, como a Republica do Equador, de Guatemala em outros tempos; mas tambem não quero uma Republica sistematicamente hostil á Igreja catolica.
>
> **Emilio Castelar.**

Os criminosos

O ultimo governo, que ainda tinha no seu seio representantes do movimento outubrista, caiu. Está no poder o sr. Cunha Leal que não quiz entrar nesse movimento e que dele esteve arredado, ou antes a ser vitima, porque viu apontadas, no Arsenal da Marinha, as espingardas dos assassinos que ainda o feriram. As suas declarações são conhecidas. A' «Imprensa de Lisboa» disse o sr. Cunha Leal, dias depois do massacre, que mesmo que este massacre se não houvesse realisado, o programa revolucionario não era exequivel. Passou pois á historia esse programa no qual só havia uma decisão nitida e assente: o assalto ás repartições publicas. E com ele cerrou o predominio dos elementos que o aceitaram, visto que a Junta Revolucionaria se dissolveu.

Posto isto, é necessario que o sr. Cunha Leal governe, e acreditamos, que os constitucionalistas do norte depositam a maior confiança no nome de s. ex.ª para dirigir os destinos do paiz, no momento gravissimo que atravessamos. E governar é fazer justiça, restaurar a lei, assegurar a ordem.

Não se fará, porem, justiça sem julgar quanto antes os assassinos, investigando-se quem foram os seus cumplices. Não se restaurará a lei sem que todos, «absolutamente todos», os decretos publicados com força de lei, no periodo da ditadura afrontosa que acabamos de sofrer, sejam suspensos ou anulados. Não se assegurará a ordem emquanto a escumalha que tem pesado sobre a Republica com toda a sua malvadez e toda a sua estupidez fanatica e sombria não fôr chamada á responsabilidade dos malefícios praticados.

Neste movimento outubrista entraram creaturas sinceras, ignorantes da politica, e com boas intenções. Mas essas creaturas viram os seus instintos desvirtuados, desde o primeiro instante, por politiqueiros audaciosos e perversos que só queriam satisfazer as suas ambições e os seus rancores. Essa turba de outubristas provoca o paiz a conhece-los.

Precisa conhecer, um a um, os nomes de todos os individuos que não cessam de conspirar contra a Republica com as suas violencias e os seus crimes. Ha um certo numero deles que incitam os outros, não derramando sangue, mas fazendo-o derramar por hordas selvaticas.

São esses individuos que afixam pasquins ultrajando os republicanos e ameaçando-os de chacinas vingadoras; são esses individuos que não querem que se lamentem os bons e ilustres republicanos que cairam assassinados na noite tragica; são esses individuos que apontam, como traidores, todos aqueles que querem uma Republica honesta e digna.

Servem-se do tablado das reuniões publicas, inspiram folhas extremistas, conspiram, caluniam, ameaçam, envenenam, degradam tudo e todos. E' preciso que se saiba quem eles são, porque toda a desordem da sociedade portugueza vem do seu jacobinismo feito capa dos instintos mais sanguinarios e mais vis.

O sr. Cunha Leal conhece-os. Foi a eles que se referiu no numero da «Republica» consagrado á memoria de Antonio Granjo. São aqueles «carões sinistros» que se juntaram nas alfurjas para iniciar o massacre dos bons republicanos. O sr. Cunha Leal conhece-os e sabe muito bem que não pode haver ordem, nem justiça nem lei, emquanto essa gente tiver qualquer influencia na nossa politica.

Eram eles que apontavam como traidor á Republica o pobre Antonio Granjo; agora apontam tambem como traidor o sr. Cunha Leal, porque quem não pactuar com o crime é para eles um traidor.

Escumalha é a deshonra da Republica. O paiz tem de a conhecer e o sr. Cunha Leal tem de a castigar.

LER AMANHÃ NA «CAPITAL»

Antiqualhas historicas

Reconstituição historica de um Auto da Fé, nos fins do seculo XVI por *Ladislau Batalha*

Os inqueritos

Mais uma prisão

O sr. dr. Barbosa Viana, director da P. S. E. ordenou a prisão de mais um marinheiro, que tomou parte na «camionete fantasma».

E' o 1.º marinheiro n.º 7400, cuja prisão foi efectuada já.

Ainda hoje este marinheiro será acareado com os restantes seus colegas que tomaram parte nos morticinios de 19 de outubro, juntamente com o chauffeur do «camionette».

O sr. dr. Barbosa Viana tambem vai ouvir o sr. Antonio Maria da Silva e Afonso de Macedo.

A CAPITAL publicará brevemente; Duas edicões

Migalhas

Mulheres

Falavamos de «novos» e «velhos», como se enumerassem as plataformas onde eles se podem entender, veiu evidentemente a falar-se em mulheres. O meu companheiro de palestra é um novo, afrontosa e insolentemente novo. Ainda anda á procura de uma marca de navalhas de barba que lhe sirva. E porque fez vinte anos ha poucos mezes e lê vinte e seis horas em cada dia todos os livros e livrecos que passam ao alcance da sua curiosidade voraz, sabe, minhas senhoras, coisas acerca das mulheres que pasmariam a qualquer de v. ex.as

Eu, como já soube tudo quanto ele sabe e sei ou cuido saber algumas coisas que ele ignora, ouvia-o falar com deleite, como se ouve cantar um canario dentro duma gaiola por uma linda manhã de primavera.

—«Ha cinco mil anos, lhe disse eu por fim, desde o Paraiso terrestre que o homem busca decifrar o enigma da mulher e os psicologos de cathedra, como o era ha anos o nosso Bourget das «Mentiras», não estão por bem que o cuidem, mais adeantados do que Adão, pai dos homens, quando, muito encavacado pelo sermão que Jehovah acabava de lhe servir, via caminhar adeante de si a sua costela garridamente envolta-digamos assim na sua folha de parra.

De então para cá, exaltando-a ou apoucando-a, crivando-a de epigramas cobrindo-a de insultos, endereçando-lhe preces ou engrinaldando-a de louvores, o homem tem dito da mulher tanto bem e tanto mal, que o assunto já deveria estar esgotado e assente uma opinião definitiva. No entanto a discussão perpetuamente recomeça, porque afinal o homem fazendo o processo da mulher, faz o processo de si proprio e cada homem, cuidando fazer apreciações gerais não faz afinal senão a analise do seu caso particular ou, melhor dizendo, dos seus casos, porque eles sucedem-se, repetem-se e parecendo ás vezes opostos, são afinal todos iguais.

Todo o homem tem na sua vida um anjo e um demonio. Porque não conseguiu fazer sofrer uma e, sem saber como escapou das garras de outra, cataloga-as, classifica-as sem reparar que é da roupagem variavel dos seus sentimentos e das suas sensações que ele está vestindo a nudez de um caso sempre identico na sua essencia fundamental.

E, como se falasse de desilusões profundas, de incuraveis xenofobias, de filosofias amorosas, contei ao meu amigo uma anedocta, que é muito espanhola, mas que é absolutamente masculina.

Em Espanha, um homem gastou a sua vida, o seu dinheiro, a sua saude com mulheres e ficou odiando a mulher. Um dia deliberou abandonar uma existencia, onde lhe parecia que não encontrára senão traição e amarguras. Subiu ao alto da sua casa e, de pé sobre a beira do telhado, antes de se atirar ás pedras da calçada e ahi despedaçar um corpo cheio de todas as fadigas, lançou um anathema á Mulher. Rancorosamente lembrou todo o mal que dela se tem dito e todo o mal que ele proprio pensava por dura experiencia. Falou durante uma hora, teria falado um ano ou um seculo se lhe não falhasse de subito o pé e não desabasse lá de cima.

Mas vinha o homem em viagem, quando, na altura do segundo andar uma janela se abriu e uma morena com dois cravos vermelhos espetados no cabelo, uma copla na boca os braços nus a sair das mangas de um roupão de rendas e uns pesitos leves a bailar numas chinelas de veludo se veiu debruçar a ver quem passava.

Passava o tal que não podia tolerar as mulheres. Mas ao vê-la não poude o pobre conter-se e, com a sua voz mais carinhosa e galanteadora, ainda teve tempo para lhe dizer:

—«Olé! Vecinita . . .»

ANDRÉ BRUN.

Antes da ultima "étape,,

A conferencia de Washington foi grande e util

A conferencia ainda não terminou. Tem ainda algumas étapes a percorrer mas transpoz já montanhas e está já na estrada descendente donde se antevêem longiquos horisontes e o fim. Não podemos deixar de notar mais uma vez o caminho percorrido.

Esta conferencia mostrou-nos um grande homem e grandes coisas.

O grande homem é o secretario de Estado Charles Hughes. Foi ele quem quiz esta conferencia, quem a organisou e senão fosse a sua energia e acção talvez os resultados não tivessem sido tão brilhantes. Mas ele tinha as trez qualidades indispensaveis aos verdadeiros homens de estado: a clarividencia, a coragem e a tenacidade, graças ás quais póde conseguir o que desejava.

Hughes conseguiu em trez quartos de hora para Washington que não se tinha conseguido em ... Recordamo-nos como Wilson, em 1918, chegou a Paris, pedindo para o seu paiz uma unica coisa: a proclamação da liberdade dos mares.

A America que acabava de ajudar a abater o imperialismo terrestre, não queria que continuasse o imperialismo maritimo. Para isso ela contava com a França. Mas a voz da França tinha passado para Lloyd George, numa conversa particular que tinha durado trez minutos, e tinha passado por nada, por uma tolice, por um habito.

A America republicana-democratica teve atravessada na garganta durante tres anos esta derrota. Mas afinal conseguiu a «révanche» em 12 de Novembro de 1921.

Quando a Academia franceza fizer a revisão do seu dicionario e chegar á letra H e á palavra hegemonia, terá de escrever:

«A hegemonia inglesa sobre o mar acabou em 12 de Novembro de 1921, após um discurso de tres quartos de hora pronunciado por Hughes que proclamou a igualdade sobre o mar das forças americanas e inglesas». Sim, até 12 de Novembro de 1921 havia uma dona absoluta dos mares: a Inglaterra. A partir dessa data, existem duas: a America e a Inglaterra. Se não é a liberdade é no menos o fim do absolutismo.

O homem que conseguiu isto, o homem que construiu este plano rasoavel e pratico da limitação dos armamentos navais, o homem que obteve o fim da aliança anglo-japonesa e a sua substituição por uma entente franco-anglo-americana é um grande homem de estado.

Enumerando a obra de Hughes enumera-se a maior parte das coisas mais notaveis que sairam da conferencia de Washington. Pela primeira vez, uma limitação pratica dos armamentos vai ter realidade, 1 600 000 toneladas de navios de guerra, de maquinas, de canhões, vão ser destruidos. Qual foi o congresso pacifista que até hoje conseguiu um tão brilhante resultado?

Por outro lado vai ser tentada uma experiencia interessante e duma alta probidade. Um paiz imenso, a China, estava arrasado, roubado, anarquisada.

Por um acordo comum vai tentar-se libertal-o, restituir-lhe os seus bens, e se ele ajudar este esforço poderá pôr-se de pé, marchar, viver. E' sempre tão comovente arrancar um povo á morte, como um individuo.

Qual foi o congresso humanitario que conseguiu tão grande obra?

Emfim, uma aliança estreita e obscura é morta e nasceu um agrupamento formidavel composto pelas quatro maiores potencias do mundo.

Ha alguns dias disse a Elihu Root: «Foi um grande dia». E ele respondeu-me: «Sim, mas é sobre, tudo a aurora de maiores dias, ainda».

Este velho tinha uma grande alegria de ver no seu jovem povo sair do seu magnifico isolamento e tomar sobre os seus hombros um pouco do fardo do mundo. Ele não avaliava, porém, o peso desse fardo; ele não media todas as responsabilidades que dahi adviriam, mas ele via uma boa semente que faria germinar ententes futuras. O seu olhar estendia-se para um largo futuro de coisas prometedoras. Harding pensava o mesmo quando disse: «E' necessario que esta conferencia triunfe para que se lhe sigam outras. Não poderemos fazer reinar uma primavera eterna por sobre o mundo, mas poderemos evitar o mais possivel, o derramamento de sangue».

Sim, a conferencia de Washington foi uma grande conferencia e deixar-nos-ha uma recordação agradavel. Pela primeira vez, de ha tres anos para cá, não nos pediram sacrificios e inclinaram-se respeitosamente perante os que acabamos de fazer.

Esta conferencia mostrou-nos sobretudo que as amizades dos aliados nem sempre foram uma ilusão e a confiança que neles depositamos—uma burla.

Machado Santos

Homenagem á sua memoria, promovida por alguns dos seus amigos

Os srs. Manuel Rodrigues, dr. Alexandre de Albuquerque e outros amigos pessoais e politicos do desditoso fundador da Republica, vice-almirante Machado Santos, estiveram esta manhã no ministerio do Interior, onde foram convidar o sr. Cunha Leal, chefe do governo, a presidir a uma sessão de homenagem á memoria do falecido estadista.

A cerimonia realisar-se-ha no dia 26 do corrente, no salão nobre do Teatro Nacional. Farão uso da palavra os srs. general Gomes da Costa, coronel Sá Cardoso e José Francisco da Silva.

Questões do dia

O governo e os extremistas —Nem os da esquerda nem os da direita!...

Já os jornais da manhã noticiaram que o governo não se conformou com a intimativa dos partidaristas da Louzã, reunidos, em ameno convivio, num centro politico de Coimbra. O decreto da dissolução do Congresso deve ser publicado ainda hoje na folha oficial, marcando-se, no mesmo diploma, o dia 8 de Abril para se realisarem as eleições. O governo adoptou, pois, o bom criterio, absolutamente legalista, como já, por vezes, aqui temos demonstrado. Mas como nunca é demais dar a razão dos coisas nós vamos reproduzir o que pensamos acerca do delicado momento politico que se está atravessando.

O outubrismo não foi senão um acto brutal da força contra o Direito. Foi um produto, talvez esporadico, do extremismo das esquerdas; mas o gesto dos partidaristas ulapardidos em Coimbra não deixa, por isso, de ser um gesticulo dos extremistas da direita. O nosso sensivel coração não balanceia entre uns e outros, antes os repele a ambos. Preferimos o bom senso á aventura.

E é por isso que acompanhamos o criterio do governo, que dissolveu o Congresso e marcou o dia 8 para eleições. E póde fazê-lo, porque a Lei Fundamental lho permitia.

Efectivamente, o que é que prescreve a Constituição?

Que, dissolvido o Congresso, as eleições sejam marcadas adentro de quarenta dias» seguintes e não «no praso de quarenta dias».

O diploma referente ás eleições não póde ser revogado ou alterado. Mas o governo Maia Pinto, por acto ditatorial, anulou-o: logo, como prescreve a Constituição, o Congresso dissolvido reentrou na plenitude das suas funções, podendo reunir e deliberar, mas não sendo obrigado taxativamente a isso. E' o caso: o Congresso existia de facto e de direito e, por isso mesmo, podia ser dissolvido. E, se o governo podia marcar eleições para o dia 8 de janeiro, que está dentro do praso dos quarenta dias legais.

Cremos que o governo encarreirou pelo verdadeiro caminho, governando com a Lei, e não ha nada a opôr-lhe, em bom direito e em boa justiça. E acreditamos tambem que é essa a melhor forma de se reentrar na via constitucional da Republica. Falarão as urnas e elas dirão quem ha-de governar. A missão do governo Cunha Leal terá então terminado? E' possivel. Mas, presentemente, não é essa a questão a examinar e a resolver...

E' interessante fixar, desde já, que os directorios dos tres partidos da Conjunção se comprometeram, com o sr. Cunha Leal, a dar realidade a essa plataforma de entendimento previo. Os directorios representam a vontade dos partidaristas; mas se os impacientes ou impulsivos não honram os compromissos dos directorios, o conflito é la entre uns e outros.

Pode ser que o governo se encontre em frente do nervosismo dos extremistas da direita. Triunfou, parece, do extremismo esquerdista, que deu a luz luarenta da noite o pronunciamento militar de 19 de outubro e nos mimoseou depois com dois governos extra-legais, presididos pelos srs. coroneis Coelho e Maia Pinto.

Escapamos, por um triz, ao consulado do sr. Mesquita de Carvalho e afastamos o Directorio do sr. Gomes da Costa, fazendo recuar e perder-se na imensidão do espaço um thermidor caseiro. Pois nós, que combatemos o extremismo das esquerdas, não engraçamos agora com o extremismo das direitas e inclinamo-nos, influenciados pela visão que temos duma Republica de progresso e de ordem, para a solução legal da consulta ao eleitorado, realisada em 8 de Janeiro, como ordena o bom senso e impõe a estabilidade das Instituições. Se é este o proposito do governo Cunha Leal, devemos dizer, claramente, que o reputamos acertado, desinteressado e patriotico.

SEGREDO A TODA A GENTE

Os benemeritos

«A's vinte horas de ontem explodiu um petardo de clorato á passagem de um electrico; ás vinte e duas outro na rua do Mundo, nas mesmas ingenuas condições; ás trez horas da manhã, um terceiro, junto ao pavilhão, na Avenida. A policia procede tranquilamente a averiguações. Isto dizem os jornais de hoje. Ah! meus senhor s. Lisboa está um ceu aberto. Os senhores policias — tudo quanto nos resta do homem pré historico—massam-se, fatigam-se, passam noites em branco, e nada. Não descobrem uma pégada, um pormenor, um traço qualquer capaz de lhe indicar o paradeiro dos «graciosos». Tambem não é preciso. As bombas continuam evangelicamente a rebentar por todos os quatro cantos desta pacifica cidade de Lisboa. Mas, meus amigos não devemos querer mal, antes pelo contrario a esses excelentes «homens de bem» que apenas o nosso mau-humor classifica de «desordeiros». Eles são tão finos, tão amaveis, tão bons que até mandam espalhar pela cidade pastilhas de clorato de potassio—para nos curar das dores de garganta. Saude e Fraternidade.

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

CROQUIS DE VIAGEM

Por terras -:- -:- -:- -:- -:- -:- -:- já dantes viajadas...

XIII - As pequenas vilas em Saxe autentico

Dresden, a antiga patria do rococó mas tambem a cidade inventora da porcelana, tem como espinha dorsal a fiada de ruas que se estendem da «Hauptbahnhof» até ao Elba: A «Pragerstrasse», a «Seestrasse» e a «Schloss Strasse». A primeira é uma bela arteria, larga, adornada de montras ricas, de fachadas brancas de hoteis caros. Ao topo, no cruzamento com o «Friedrichsring», semi-avenida á moda austriaca, instala-se um Bismarck de meter medo á gente. E' uma bisarma de bronze, de capacete pontiagudo, num pedestal de marmore côr de grés, circundado duma baixa galeria em cujos extremos batem as azas duas enormes aguias negras. Nóto que em todos os retratos e esculturas de Bismarck ha a expressão de Clemenceau; o mesmo carregado de sobrancelhas expessas, o mesmo bigode branco, basto, a espirrar das ventas largas. E penso tambem sem querer, que, com a moda dos bigodes rapados nunca mais haverá Bismarcks ou Clemenceaus.

A See-Strasse, mais estreita do que a primeira vai dar á larga praça Alt-Markt ao meio da qual ha um monumento á Vitoria, com uma Germania em dourados muito pouco recomendavel sob o lado artistico. Nesta praça é o mercado de flores. Carrinhos pequenos, pequenos kiosques ambulantes vendem toda a manhã flores, sendo a nota mais alegre de todo o conjunto. Depois a «Schloss-Strasse» muito estreita, afunilada, velha, pesada pelo denegrido das construções e que vai dar ao Castelo do Rei. Se o leitor juntar a isto a praça «Neu Markt», e o «Grosser Garten» terá apanhado toda a parte monumental de Dresden do lado de cá do Elba. Em «Neu Markt», encontrará Lutero em frente á egreja de Nossa Senhora fazendo «pendant» com o imperador «Frederic August II. Ainda no estilo caracteristico desta terra, o novo edificio da Camara—Neues Rathaus—com um hercules de 5 metros e dois liões de bronze. Quanto ao «Grosser Garten», vejam lá como as coisas são, é um jardim aprazivel, vasto, muito cuidadosamente tratado e que é situado no local onde outrora se bateram os prussianos e francezes; é ali que estão encorporados os jardins botanico e zoologico, que em paralelo com o de Berlim nem vale apena lá entrar.

Do lado de lá do Elba é a cidade nova, e por isso mesmo ainda menos curiosa. O cosmopolismo da construção edificou apenas casas banais, talhou amplas avenidas, estabeleceu uma grande praça «Albertplatz», espalhou por aqui os ministerios e poz á epoca os frontões. Emquanto Dresden antigo é tipico no casario enfeitado, recortado, de telhados em degraus e torreões, torres a embalesar, para o outro lado é uma chateza vulgar de formas e estilos; e contudo é aqui a civilisação.

✣ ✣ ✣

Repassemos pois á vila velha quer nestes eletricos vermelhos, maxi, bombos de «troley» em arco, cheinhos como o carro da Graça, atravessemos a «Friedric-August-Brück» e entremos na Dresden de fama e de gloria: os museus.

Em primeiro plano a galeria de pintura que faz de Dresden polo de peregrinações de artistas de todo o mundo. Instala-se no «Zwinger» a um canto deste monstro, ao cimo duma escadaria larga que acolhe os quadros duvidosos e... desprotegidos de sorte. A maravilha das maravilhas é, no fundo da galeria a um recanto, num quarto independente com porta para a... meditação, e banquinho para o descanço a Madona ideal, sixtina, de Rafael. E' como um altar; olha-se a Madona e, singular é, adora-se Rafael.

Cá fóra não ha menos beleza; a «Noite» de «Corregio», as melhores peças de «Palma Vechio» de «Tintoreto». Salas inteiras com a claridade mistica e suave de «van Eick», de «Veronese», as sinfonias carnais de «Jordaens e Rubens», mas principalmente um triptico dionial de «Durer», «Jesus na Cruz» e um gentilhomem de «Holbein». Ricado «Rembrandts» não é menos rica esta galeria em copistas. Nunca vi mesmo tantos nos outros museus. Aqui, para cada quadro ha um maduro ou uma madura a reproduzi-lo. Mas por mais que faça esta gente moderna não é capaz de fazer um unico quadro antigo.

A «Grunes Gewoelbe» é uma brilhantissima estopada. Pedrarias e objectos preciosos, curiosidades artisticas a dormir em vitrines estampadas nas paredes dum casarão bafiento e sombrio; ha a «sala dos marfins» e a «sala dos esmaltes», com maravilhosas produções de chinas ou de pessoas com a paciencia mais dura que os proprios esmaltes. Mas nem a propria «sala das joias», faiscante e tentadora me produz o que se diga uma impressão inesquecivel. Muito mais, mas sem comparação muito mais curiosa é a «coleção de porcelanas» no «Johanneunm». Aqui sim; perto de 30 mil peças, desde a mais antiga escola, da mais infima qualidade, ás mais perfeitas porcelanas do Japão, da China, da epoca dos Ming, ou as coleções de Meissen e de Copenhague. Dizem-me, e eu creio, que de todas as especies ha aqui catalogado cronologicamente um exemplar. E' bizarra esta exposição; uma longas salas em arruamentos de barrigudos potes, jarrões como ventres de Budhas, dragões dourados espartinhando ouro em fundos azues, faianças delicadas com motivos de Watteau...

Depois disto nada ha que me force a deixar de deitar um olhar desprezivel á «galeria de armas» do «Museu historico», tambem aqui instalado no 1.º andar e onde o guarda me garante ir encontrar um exemplar de todas as armas do museo. Pergunto-lhe pelas de S. Francisco do meu bom Zé Povinho das Caldas e o guarda confessa intrigado que não vem no catalogo...

✣ ✣ ✣

Dresden é principalmente formosa pelos seus arredores. Um auto, um soberbo taxi, conduz-me numa hora de passeio delicioso para fóra da cidade. São 80 marcos bem merecidos. Atravessa o Elba uma ponte em «cantillever» e deixa-me em «Loxhwitz» uma pequena aldeia em genero cidade. Daqui partem para os montes sobranceiros, um funicular e um naquiavelico caminho de ferro suspenso. O funicular vai depor-nos em «Weisser Hirsch», bela estancia de cura de ar. Varias mãosinhas em postes de ferro indicam o caminho para o sanatorio do Dr. Qualquer coisa. E anuncia tambem por baixo que ás 5 horas ha lá «café dançant».

Convem notar que estes lugares são para gente rica. Os arruamentos são como os dos nossos Estoris. Vilas pequenas, ajardinadas, encostas com vinha amarelecida, alguns bosques escuros no cimo das colinas. E' belo rialmente, mas como temos de aproveitar o tempo, o melhor é descer outra vez e vir experimentar o comboio suspenso. Este sim, deixa a perder de vista em emoções o vulgar funicular de cremalheira embora ás vezes nos leve á... gloria. O comboio suspenso é um carro vulgar com um formidavel gancho no tecto; este ganchinho desliza por umas possantes vigas que vem lá do alto da montanha. Por baixo nada; ou antes, por baixo... o medo.

Ha sitios em que a altura é desproporcionada. E tudo isto, tanto engenho, tanto calculo feito, por «50 pfeningn» cada viagem! Lá em cima um grande restaurant com terraços varios, oculos e postais ilustrados; cerveja, bolos ou compota. A vista é de graça e espantosa. Dresden torna-se parda lá em baixo, emquanto o Elba é uma cobra prateada, em curvas, dentro da cidade. Os campos muito verdes, os montes muito iluminados de sol, as casas muito risonhas, a cerveja muita fresca. Depois esta Suissa não tem o aspecto reclamativo da outra, da verdadeira, onde tudo parece estar na montra esperando o freguez.

Estas vilas muito engraçadas parecem saidas do museu de porcelanas, as vinhas a trepar nos montes parecem acabadas de pintar de fresco, e não ha por toda a parte o hotel, a taboleta do chocolate ou o anuncio da marca de relogios que infalivelmente se encontram escondidos nos fundos de paisagem suissa. E' claro que sem comparação na grandiosidade, porque a região aqui é um pequeno recanto apenas da Alemanha.

Como excursões na Saxonia tem ainda o «touriste» que possa demorar-se, para um ou dois dias, a mais de 300 metros o «Bastei», um grupo... de rochedo a pique sobre o Elba. Uma ponte sobre um precipicio maiz fundo e negro que os cofres do estado de Portugal. A floresta em volta, as gargantas apertadas, a lembrar em cada volta sinistra o nosso homem do talho, o padeiro, o merceeiro, os salteadores emfim.

Nos pincaros destas montanhas rochosas, abruptas, ha sempre um mau caminho e um bom golpe de vista. Uma cascata restolha aos pés, uma vila adormece nas faldas das montanhas e o Elba corre limpido, cinzento de prata e sulcado de vaporsinhos de rodas que são brinquedos de crianças vistos de mais perto de Deus.

E é assim que passamos Pirna, a pretenciosa vila de Schandau e entramos em «Tetschen» depois de galgado o Elba denegrido, numa longa ponte obliqua apertada entre margens quasi a prumo.

E' nesta altura que entra em scena a «Podmo-K y-Dein» ou a «Zdámka na zavazdia».

O leitor não percebe; tambem eu não percebi. Isto porem quer dizer que entramos na «Republica ceskoslovenski», ou antes a Tcheco-Slovaquia, que temos de ir á alfandega mudar de comboio e aprestarmo-nos para de caminho para Viena, atravessarmos este jovem paiz que hoje me faria apanhar um chumbo em geografia.

E a primeira impressão que tenho é que os comboios são mais inferiores, os habitantes mais pobres e de grande porcaria o desleixo, o que é facil de observar pelo que se encontra patente nas estações.

Bem me dizia um americano, higienico e psicologo, que a Europa actual era uma esbelta figura de mulher que cheirava ... dos... «slovácos».

ARMANDO FERREIRA.

A SEGUIR:

XIV—Uma Praga... no meio da viagem

Os massacres e as investigações

Acreditamos firmemente que o ilustre director da Policia de Segurança do Estado, sr. dr. Barbosa Viana, não tem a intenção de fazer desfilar no seu gabinete os seis milhões de habitantes que se abrigam no continente, á sombra das leis da Republica, garantidoras da vida dos cidadãos.

Uma investigação policial, levada a esse extremo de minucia, seria, sem duvida, utilissima ao esclarecimento completo das responsabilidades nos massacres da noite tragica, mas teria o gravissimo inconveniente de projectar para as kalendas gregas o final do seu relatorio. Concordamos, tambem, que, por outro lado, não é possivel dispensar o depoimento desta ou daquela testemunha presencial, afim de que a verdade surja, insofismavel e incontroversa. Mas que diabo! nem tanto ao mar nem tanto á terra. Ou, como se diz em latim, que o sr. dr. Barbosa Viana sabe, com certeza, muito melhor do que nós, «est modus in rebus . . .»

Nós não desejamos senão aquilo que a opinião publica reclama. Ora o que todos os cidadãos honestos pedem, (nós podiamos escrever exigem, porque o governo compõe-se de mais duma pessoa e ele tem o direito de exigir), o que todos querem é que se apurem as responsabilidades criminosas, afim de que as justiças cumpram o seu dever.

O que é que se sabe, de sciencia certa? Que foram assassinados cidadãos, a maior parte deles aureolados pela gloria que a historia reserva para os seus eleitos; que outros cidadãos, reputados como dos mais ilustres entre os portuguezes, foram procurados e só escaparam ao massacre pela fuga, tão imperiosamente imposta pela necessidade da propria segurança que até se viram forçados a passar a fronteira.

Alguns exemplos demos ontem. E agora não julgamos fora de proposito lembrar que o sr. Alfredo da Silva foi ferido a tiro, escapando milagrosamente á morte, quando foi descoberto, já longe de Lisboa, num comboio de passageiros, estacionando por minutos em cidade provinciana. Foi em Leiria, não é verdade, sr. dr. Barbosa Viana? Pois nós recordamo-nos que a população de Leiria declarou, muito categoricamente, que os autores do atentado não eram, com certeza, da localidade. Seria então possivel que eles tivessem acompanhado até Leiria a vitima escolhida, espreitando o momento de descarregar sobre ela as «brownings» assassinas?...

E' sempre a mesma historia: uma «camionette fantasma», para obra tão extensa e intensa, é pouco. Houve então mais que uma? E a falange dos facinoras era tão numerosa que até sobrou gente para destacar por esse paiz fóra?...

E' de acreditar que as investigações policiais não deixem de decifrar os enigmas expostos, sem aliás, prolongar-os trabalhos até ao dia em que a trombeta de Josaphat se diz que ha-de fazer resuscitar os mortos. Porque, a ser assim, a justiça dos homens fica inutilisada, graças ás cabeças do Supremo Juiz, que virá presidir á joeira final dos bons e dos maus. Amen.

Factos e palavras

A PROPOSITO

... DE UMA JORNADA

Vertiginosamente o rapido galga a aguas de Portugal.

Começa a tomar côr esta manhã d'outono, deste interminavel e acariciante outono cheio de doçuras na côr e na tranquilidade no ambiente.

A paisagem amarelece em attitudes calmas. O céu esbatidamente azul põe uma claridade pallida no ar.

Junto das oliveiras de folhas ferrugentas e dos pinheiros isolados, numa teimosia de viverem, ramos que tocam harpas ao vento, erguem-se outonais e quem os braços nus, esguios e frios como esqueletos.

Na doideira do rapido a vida passa sem que eu possa ter dela mais do que uma fugidia impressão.

São grupos que trabalham cantando vozes que eu adivinho e que não oiço, manadas a pastarem na planicie, bois que nos canaes incham as velas claras.

Um clangorar metalico desperta-me. Entro numa estação, o rapido socega. Pregões, gritos de gente, braços erguidos. De novo o rapido vai galgando as leguas de Portugal. Ao longe ha montes que uma leve neblina vai esbatendo. E os meus olhos seguindo as eminadas tracam uma linha oxidalante pelo espaço.

O ambiente interior é banal. Gente habituada a levantar-se tarde, adormeceu. Tomam attitudes grotescas, a cabeça pendida, os pés a baloiçarem, um certo ar de desconsolo e de abandono.

Um velho á minha esquerda lê os jornaes por cima das lunetas, puxou dum livro que tem gravuras que esconde com as mãos.

Uma franceza assogada que já me tem conversa com toda a gente pergunta-me se o que lê. O velho encarou-a de frente, olhou-a bem e aclarou:

— A Afrodite...

E depois intencionalmente:

— ... deve conhecer.

E reintegrou-se na leitura.

Esta franceza é a unica nota curiosa do meu compartimento. Vai para o Porto encontrar-se com o noivo (?) com quem parte para Paris. Adora Portugal como paisagem, mas detesta-o como convivencia.

— Sim, os portuguezes todos muito ternos, uns belos amorosos. Mas todos muito massadores e muito ciumentos... uma ausencia completa da noção das proporções.

Alguem pergunta-lhe pelo noivo, um portuguez.

— Ah! sim. Muita permanencia em Paris, o caracter ja pouco aclimatado. De resto, uma vez chegado a França com a vida cheia de imprevistos, o proprio imprevisto da mulher, enfim, o futuro...

Esta franceza, como nota curiosa, traz umas encantadoras meias côr de carne.

E' mulher!... Chama-se Lucie e nasceu em Perignon 1898, declarou. Ela logo depois de termos saido do tunel — investe agora comigo.

— Para onde vais?

— Para Coimbra.

— Ah! Coimbra!... Os estudantes são de lá, não são?

— Os estudantes são de toda a parte. Coimbra apenas os recebe, abrindo os braços.

— Gostava de vêr os estudantes. Você é estudante. Que pena eu ir com tanta pressa. Gostava de ficar dois dias em Coimbra, queria vêr os estudantes.

Coimbra! O rapido chegou. E' de facto lamentavel que Lucie não fique por aqui. A Academia dar-lhe-hia as honras de Rainha e eu seria o seu leal ministro.

Assim Coimbra perseguirá apenas o seu encantamento e Lucie ficará sendo penas... um episodio de jornada.

BOTTO DE CARVALHO

♦ ♦ ♦

Só bem que a actividade do commercio exterior espanhol pareça ter-se sentido há alguns mezes, a marinha mercante espanhola não atingida ela crise geral. E' interessante assinalar este resultado, na hora em que maior parte das marinhas mundiais estam com sérias dificuldades para sustentarem.

O numero de navios em serviço aumentou em quasi todos os portos. Noutros manteve-se o mesmo nivel. Porém, diminuições não houve nenhuma a assinalar. As variações de tonelagem são maiores, mas definitivamente o total de 1921 revela-se superior ao de 1920.

♦ ♦ ♦

O «Daily Mail» e o «Daily News» publicam desenvolvidas informações da agencia telegrafica portugueza «Latino-Americana» sobre a posse do novo ministerio, presidido pelo sr. Cunha Leal, frisando que, no momento presente este ministerio é uma garantia de ordem e do trabalho em Portugal, pois conta com o apoio dos leaders de todos os partidos, da imprensa e da opinião publica.

♦ ♦ ♦

As estatisticas alemãs sobre o comercio externo que apresentam uma balança desfavoravel sobre as trocas, são voluntariamente inexactas. Por motivos varios a importancia do valor das importações é calculado em relação à das exportações, como mostra o exame das trocas comerciais franco-alemãs, comparando as cifras das estatisticas alemãs com o resumo da alfandega franceza. Tendo em conta que as estatisticas alemãs não incluem as entregas feitas em cumprimento do tratado de paz, essa comparação faz resaltar a diferença de simples ao triplo. Assim no periodo de 1 de Janeiro a 1 de Julho de 1920 as estatisticas francezas dão para as exportações alemãs para França 3473 milhões de marcos, contra 1236 milhões de marcos da cifra alemã.

Em Maio de 1921, 20 milhões de marcos segundo a estatistica alemã e 550 milhões de marcos, segundo as estatisticas dos outros paizes chegar-se-ia a resultados semelhantes.

♦ ♦ ♦

Apesar dos taxos pesados, lançados sobre o automobilismo na Suissa e a interdição da circulação dominical dos automoveis que circulam actualmente na Suissa são 50 000 superiores aos do ano passado. Constava-se com efeito contra 8.992 no 1.º de junho de 1920, 4.639 camions contra 3.331 e 9.860 motocicletes contra 8.179.

As letras

Acaba de sair um novo livro da sr.ª D. Ana de Castro Osorio, intitulado «Dias de festa», admiravelmente ilustrado por Leal da Camara.

— Do livro no prelo de Oliveira Samboio transcrevemos o seguinte soneto:

A musica do teu corpo

Num peregrino encanto, meigo e brando,
As notas doces que os teus dedos foram
Acordar do Silencio onde demoram,
Dispersas, pela sala, andam voando...

E enquanto as cordas do piano choram,
Ha, pelo ar, carcas de som bailando...
E os proprios sons que os dedos vão tirando
Da graça dos teus dedos se enamoram!

Não sei que fada errante ou anjo lindo
Desceu do Céu, nas azas da magia,
E as partes d'outro céu me foi abrindo...

E, num vôo de estranha fantasia,
A musica és tu mesma... e sonho, ouvindo
As formas do teu corpo em harmonia!

PELO TELEGRAFO

A conferencia do desarmamento

A Inglaterra suspende a construção de quatro couraçados

LONDRES, 20. — O Almirantado ordenou a suspensão dos trabalhos de construção de quatro grandes unidades navais, aguardando a decisão final da Conferencia de Washington. — (R.)

Os delegados francezes, conciliadores

PARIS, 20. — Os delegados francezes em Washington receberam instruções do governo para se mostrarem conciliadores no que diz respeito à redução do numero dos grandes couraçados da esquadra.

A França não tem nenhum designio ofensivo e por outro lado o parlamento manifestou claramente que não concorda com a construção de grandes unidades de combate. Os delegados receberam tambem indicações para se mostrarem intransigentes no que respeita aos submarinos. A França não quere privar-se dessa arma defensiva por excelencia que presta maravilhosos serviços na defeza das costas. — (Lat-Am.)

Os centros militares do Japão vêem mal a nova entente

TOKIO, 20. — Os centros militares do Japão apreciam com desagrado a nova quadrupla «entente», mas a opinião publica, em geral, recebeu-a com aplauso e entusiasmo. Os liberais japonezes veem virtualmente na «entente» a continuação da aliança anglo-niponica, e consideram-se como tendo levantado bem alto a situação internacional do Japão, marcando-lhe uma epoca na historia do imperio como potencia de primeira ordem. — (Lat-Am.)

Viviani partiu para França

WASHINGTON, 20. — O sr. Viviani, o principal delegado francez, partiu para França depois de assinar o tratado das quatro nações. Ao despedir-se, as suas palavras foram: «A Conferencia obteve o mais brilhante exito possivel». — (Lat-Am.)

A aliança está sendo discutida no senado americano

WASHINGTON, 20. — A atenção do publico foi desviada temporariamente da Conferencia para o Capitolio, onde será discutida a aliança das quatro nações. A aliança já foi assinada pelos Estados Unidos, Inglaterra, França e Japão, mas a sua ratificação terá de receber a acção dos corpos legislativos que regeitaram o tratado de Versailles. — (Lat-Am.)

O Japão, Estados-Unidos e Inglaterra concordam no desarmamento

WASHINGTON, 20. — Foi participado oficialmente que as tres nações maritimas Estados Unidos, Inglaterra e Japão tinham concordado na proporção do radio naval de 3-3-3. Os principais clausulas deste acordo são as seguintes:

1.º — O Japão conservará o «Mutzu» e desmantelará o «Satzu».

2.º — As fortificações do Pacifico ficarão «in statu quo», excluindo-se desta condição as ilhas Hawaii.

3.º — A Inglaterra desarmará 4 dreadnoughts do tipo de «King George», mas igualará a sua posição para aquisição de dois navios novos.

Emquanto os radios navais destas tres nações não são efectuados pelos negociações franco italianas, este acordo fica dependente das conclusões do acordo entre a França e a Italia. Provavelmente, o acordo naval será incorporado no tratado de cinco nações. — (Lat-Am.)

A proxima conferencia economica

Começaram as conversações entre Briand e Lloyd George

LONDRES, 20. — Começaram ontem as conversações entre mr. Briand, aqui chegado no domingo, acompanhado de mr. Loucheur, e Lloyd George.

A entrevista decorreu num ambiente extremamente cordeal. Esquecem-se de parte a parte os ligeiros mal entendidos que teem surgido entre os dois paizes, estabelecendo-se a conversação num sincero e mutuo desejo de «entente». — (Lat-Am.)

Os comentarios da imprensa

PARIS, 20. — A imprensa comenta as entrevistas de Londres entre os dois primeiros ministros, inglez e francez. «L'Echo de Paris» diz constar-lhe que o primeiro assunto a tratar será a recusa da Alemanha a satisfazer os seus compromissos nos prasos fixados.

E' evidentemente a questão mais palpitante, mas Lloyd George tem outros intuitos, como por exemplo, por em ordem a causa europeia sob o triplice aspecto politico, diplomatico e economico.

«L'Avenir» acentua que é com espirito firme e resoluto que a França aborda as conversações que começaram ontem. A firmeza é a resolução são-lhe naturalmente ditadas por duas ordens de motivos: 1.º porque em todos os pontos em litigio a França tem com ela mil vezes razão e não está no poder de pessoa alguma demonstrar que assim não é; 2.º porque, do concessões em concessão a França chegou áquele ponto em que é impossivel recuar.

«Le Matin» sublinha que os conversações entre os dois primeiros ministros são de caracter privado, trocas de impressões, que precederão certamente o exame dos mais importantes problemas actuais, aos quais se breve o das reparações. A toda franceza esforça-se por conciliar interesses na aparencia contraditorios. Diz-se que o governo britanico tem a intenção de oferecer à França uma compensação do eventual redução da divida dela. — (Las-Am.)

As primeiras entrevistas foram cordeais

LONDRES, 20. — As primeiras entrevistas entre o sr. Briand e Lloyd George foram particularmente cordiais; o sr. Lloyd George manifestou ao sr. Briand o desejo duma formal cooperação franco-ingleza, a mais estreita possivel para o restabelecimento economico do mundo, e regularisação de todos os problemas. O sr. Briand aquiesceu a sugestão do primeiro ministro inglez, declarando que estava disposto, ha muito tempo, a essa colaboração. Um jornal inglez publicou que a França, a Inglaterra e a Alemanha estariam dispostas a um acordo entre as 3 potencias. Esta noticia é formalmente desmentida. Os srs. Briand e Lloyd George não tencionam de forma alguma conversar com quaisquer representantes do Reich. — (H.)

A Irlanda vitoriosa

Continúa o debate

DUBLIN, 20. — Continua em debate no «Dail Ereann» o acordo anglo-irlandez, que durará talvez ainda um ou dois dias. O sr. Griffiths propoz a ratificação dizendo que o acordo defende os interesses da Irlanda. Disse tambem que o pedido de reconhecimento da republica irlandeza nunca foi feito a Londres, porque se sabia qual seria o resultado. De Valera opõe-se veemente a sua ratificação. — (R.)

A discussão durará até ao Natal

LONDRES, 20. — O Parlamento inglez foi prorrogado até 31 de Janeiro. Julga-se que o debate do acordo anglo-irlandez no «Dail Ereann» demorará até á vespera do dia de Natal. — (R.)

A sessão no parlamento irlandês

LONDRES, 20 — Na sessão publica do «Dail Ereann» sr. Griffiths fez um eloquente discurso a favor da ratificação do tratado anglo-irlandez.

Disse que os plenipotenciarios irlandezes estudaram com o governo inglez a forma de reconciliar as aspirações da Nação Irlandeza com os interesses do Imperio.

As negociações foram dificeis, mas chegaram a bom termo.

O tratado não é o melhor que podia ser, mas é um tratado honroso para a Irlanda.

Os homens de honra que o assinaram, tem a obrigação de o defender.

Cumpre ao povo irlandez dizer se está satisfeito e o sr. Griffiths diz que está convencido que noventa e cinco por cento dos irlandezes concordam com ele. Os delegados do povo irlandez no «Dail Ereann» não são ditadores mas sim representantes do povo irlandez. O sr. Griffith disse ainda que este era o primeiro tratado assinado entre o governo irlandez e o governo inglez depois de mil cento e setenta e dois e que desde esse ano era o primeiro tratado que admetia egualdade entre a Irlanda e a Inglaterra. Referindo-se as propostas do sr. de Valera na sessão secreta do *Dail Ereann* disse ele que não mereciam o sacrificio da vida dum unico irlandez. — (R.)

As reparações

A Alemanha só responderá no meado desta semana

BERLIM, 20. — Consta que só no meado desta semana é que será dada a resposta da Alemanha ao questionario apresentado pela Comissão Internacional de Reparações. A opinião publica alemã considera o referido questionario como sendo redigido num tom mais conciliatorio do que foi a anterior nota concluindo-se que a Comissão estará preparada para entrar em negociações. — (R.)

A França quer estar armada

PARIS, 20. — O ministro da Guerra sr. Barthou, discursando no Senado declarou que recusaria licenciar a classe de 1920, pois que a França se deverá encontrar militarmente preparada, quando em Janeiro e Fevereiro se vencerem as prestações devidas pela Alemanha. — (R.)

A comissão não quer atender o pedido da Alemanha

LONDRES, 20. — A Comissão das Reparações informou ser impossivel tomar em consideração ou mesmo examinar o pedido da Alemanha para o adiamento dos pagamentos das prestações, sem que lhe sejam indicadas tambem quais as garantias oferecidas para a moratoria. — (R.)

Noticias de toda a parte

O casamento da Princeza Maria

LONDRES, 20. — O casamento da princeza Maria realisar-se-ha em «Westminster Abbey» entre 20 de Fevereiro e 1 de Março. — (R.)

A Inglaterra e a Irlanda

A discussão do tratado anglo-irlandez no parlamento britanico

Depois do discurso do trono Lloyd George explica o acordo feito com os sinn-feiners

A abertura do parlamento fez-se com o ceremonial do costume.

Os regimentos da guarda prestavam honras em todo o percurso desde o palacio Buckingham até ao Parlamento. Quasi todos os edificios estavam embandeirados. A multidão era numerosa, sobretudo nos proximidades do Parlamento.

O rei, e a rainha, acompanhados da princeza Maria deixaram o palacio ás 11,25 sendo conduzidos num trem, puxado a 4 parelhas. O cortejo real foi muito ovacionado.

O discurso do rei

Eis o texto do discurso do rei pronunciado na abertura do Parlamento:

Convoquei esta assembléa extraordinaria com o fim de que seja ratificado o acordo assinado pelos meus ministros e a delegação irlandeza; e nenhuma outra questão será submetida á vossa aprovação durante esta sessão.

Foi com uma profunda alegria que acolhi o novo acordo conseguido após prolongadas negociações durante muitos mezes e afectando o bem estar, não somente da Irlanda, mas o das regiões britanica e irlandeza do mundo inteiro.

Tenho a sincera esperança em que este acordo, que vos é agora submetido podera por termo a um conflito secular e que a Irlanda como associada livre na comunidade das nações que formam o imperio britanico, assegurará a resolução dos seus ideais nacionais.

A sessão, que foi suspensa imediatamente ao discurso do rei, recomeçou as 15 horas.

O deputado conservador «sir» Samuel Avere pediu que a Camara declarasse estar pronta a ratificar o acordo e que ela apresentasse ao rei as suas humildes felicitações pela realisação da obra de reconciliação para a qual o rei tinha contribuido mais do que ninguem.

O deputado ulsteriano Nac Veil pediu que fosse adiado o debate até que a Camara soube se o acordo foi aceito em Dublin.

Tendo o presidente declarado que o Parlamento britanico era livre e independente de toda a decisão exterior, proseguiu a discussão.

O discurso de Lloyd George

Depois de ter saudado a Camara Lloyd George disse:

O acordo anglo-irlandez recebeu uma publicidade maior do que qualquer outro tratado a excepção do de Versailles. Foi acolhido em todo o paiz com satisfação e nos nossos dominios com aclamações.

E' dificil e perigoso dar uma definição do «statut de dominium». Na recente conferencia dos primeiros ministros do Imperio muitos delos, no decorrer das discussões, fizeram notar a importancia e necessidade de definir nitidamente as relações entre os dominios e a metropole.

Quais são os poderes dos dominios? Quais são os limites dos poderes da corôa? E' tudo isto um assunto que nunca foi limitado por uma lei votada no Parlamento. Tudo quanto podemos dizer é que qualquer que seja a medida dessa liberdade, o «statu de dominium» concedido ao Canadá, á Australia, á Nova-Zelandia, ao sul d'Africa, é a mesma que foi agora concedida á Irlanda.

Uma garantia está concedida e mesmo que se tente violar os direitos dos irlandezes, todos os outros dominios teriam a impressão verdadeira de que a sua posição se encontraria ameaçada. Na pratica isto significa que a Irlanda terá a responsabilidade completa dos seus negocios internos. As finanças, a administração, a legislação, no respeitante a interfronteiras serão da sua propria iniciativa e os representantes do soberano só agirão após os conselhos do ministros do dominio.

E' isto assim no que respeita aos negocios gerais, mas impuzeram-se limites no respeitante ao exercito e marinha, em vista da posição particular da Irlanda, vis-à-vis da Gra-Bretanha.

A Irlanda está numa situação geografica e estrategica completamente diferente de dos outros dominios do imperio britanico: ela está ainda em relação aos outros dominios numa relação diferente, no que respeita a paixões, animosidades religiosas, ajustes dificuldades, acesso aos seus portos, possibilidades de uma interdição aos navios britanicos de fazerem carreira nas suas aguas.

Lloyd George abordou em seguida a questão do direito, por parte da Irlanda, de ter o seu exercito e a sua marinha.

O Ulster

O governo britanico não tomará nenhuma medida que implique a coacção sobre o Ulster. Fará compreender ao Ulster, no seu proprio interesse, que ha a necessidade absoluta de manter a unidade na Irlanda.

Ecos & Noticias

NASCIMENTOS

A sr.ª D. Albertina Lapa Oliveira, esposa do comerciante em Viana do Castelo, sr. Benigno de Oliveira, deu á luz um menino, com felicidade.

FALECIMENTOS

Faleceu ontem o sr. Joaquim Alves Galvão, servidor da Companhia Nacional de Navegação e pai do sr. Julio Alves, tipografo de «A Capital». O funeral, que se realisou ás 15 horas, foi muito concorrido por amigos do falecido, fazendo-se representar o nosso jornal. Sentidos pezames.

ULTIMA HORA

POLITICA

Governador Civil de Lisboa

O sr. capitão Augusto Casimiro, que está servindo no grupo de metralhadoras aquartelado em Coimbra, comunicou pelo telefone ao sr. Presidente do Ministerio que lhe era absolutamente impossivel, em virtude de razões d'ordem pessoal, aceitar o convite que lhe foi dirigido para a chefia do districto de Lisboa.

Em vista disso, o sr. Cunha Leal vai dirigir identico convite ao sr. Agatão Lança que, por certo não deixará de aceitar, concorrendo assim, com o seu proprio esforço, para a punição dos facinoras da noite tragica e tambem para a consolidação da ordem publica.

Liberdade de imprensa

Pelo ministro do Interior e por ordem expressa do chefe do governo foram ou vão ser dadas instruções para se não embaraçarem os jornais na liberrima expressão do seu pensamento e da critica, por mais acerbas que seja, aos actos governamentais. Embora a lei permita a apreensão de jornais quando escritos em linguagem despejada (cremos que está é expressão empregada na lei), o governo não fará uso dessa faculdade, a não ser que verifique que as suas instruções de pacificação não são compreendidas e antes passam a ser exploradas.

Um manifesto

Dizem-nos que os outubristas radicais estão redigindo um manifesto ao paiz.

Militares transferidos

E' positivo que foram transferidos, por conveniencia de serviço, os srs. tenente coronel Augusto Tavares e alferes Pimenta, e Matos Cordeiro.

Agatão Lança

Cremos que o sr. Agatão Lança, embora ainda não tenha dado uma aceitação formal ao convite que lhe foi dirigido para governar o districto de Lisboa, se não recusará, atentas as dificuldades do cargo e do momento. Pode, pois, dar-se como certo que será o referido oficial da Armada o novo Governador Civil de Lisboa.

A questão constitucional está resolvida

O sr. Presidente do ministerio realisa, neste momento, uma conferencia com os directorios da chamada Conjunção Republicana.

Segundo informes que reputamos de absoluta segurança, os partidarios acatam a dissolução do parlamento e concordam em que as eleições se realisem no dia 8 de janeiro. O incidente de Coimbra pode considerar-se, portanto, definitivamente encerrado.

Parlamentares outubristas

E' positivo que o governo patrocinará algumas candidaturas parlamentares outubristas. O numero dos indicados é relativamente pequeno e a escolha fez-se entre os mais moderados da facção conservadora do outubrismo.

POEIRA DA ARCADA

Os srs. ministros da Guerra e das Colonias tiveram, hoje, demorada conferencia com seu colega das Finanças.

♦ ♦ ♦

Assumiu hoje as funções de chefe da repartição do gabinete do ministro da Guerra, o tenente coronel dos serviços do estado-maior sr. Antonio G. Correia de Albuquerque.

♦ ♦ ♦

A direcção da União do Professorado Primario Oficial conferenciou hoje demoradamente, com o sr. ministro da Instrução, sobre diversas reclamações da classe, avultando entre estas as que respeitam a reorganisação dos serviços das inspecções e juntas escolares.

♦ ♦ ♦

Estando a proceder-se a uma sindicancia aos actos do funcionario da administração do porto de Lisboa, sr. Joaquim Padinha Alarra todos as pessoas, que desejem depor, devem comparecer na sede da administração do Cais do Sodré perante o respectivo sindicante, todos os dias uteis das 14 as 16 horas.

♦ ♦ ♦

Deve ser distribuida ainda esta semana a «Ordem do Exercito», da 2.ª serie.

♦ ♦ ♦

O sr. Ministro dos Negocios Estrangeiros voltou hontem a não ir ao Conselho de Ministros visivelmente incomodado de saude, não tendo podido comparecer hoje na sua Secretaria.

A VIDA BARATA

Do pão do nosso compadre...

Nem para todos a vida encarece, pela forma que nós e o leitor tão cariosamente temos experimentado. Outros, que não nós, até a acham barata, tão liberal tem sido, para eles, a cornucopia das graças governamentais. Cremos que assim pensam os egregios cidadãos que abiscoitaram uma comissão ás Indias, paga em autenticas esterlinas, para assistirem à descarga de não sabemos que mercadorias, ainda a bordo dum ou mais navios ex-alemães, isto nos disseram ou ouvido direito. Eis, agora o que soubemos pelo ouvido esquerdo.

O sr. Veiga Simões distribuiu uma grossa fatia do pão do nosso compadre, que é o contribuinte, por diferentes amigos, excelentes afiliados. A referida fornecio foi suspensa, é certo mas o sr. Cunha Dantas não teve a firmeza de animo necessaria para impedir que mais uma legião de pagados publicos desse estrada solene no salão do banquete e se sentassem á lauta mesa orçamental, devorando tranquilamente o pitéu saboroso que lhes cosinhou o ilustre ministro plenipotenciario em Viena d'Austria, sentado sob as Laranjeiras de Bemfica.

Vê-se, pois, que na ginheiro a rodo. Verificou-o o outubrismo triunfante. E não o desmente o actual governo, que mantem as despezas sumptuarias dos seus antecessores.

O sr. Cunha Leal, cujo nome está indissoluvelmente ligado á moralidade da administração dos dinheiros publicos, vai, com certeza inquirir pessoalmente do que se passa no Ministerio dos Estrangeiros. E a opinião publica não esperará muito tempo para saber, ao certo, o que ha de pensar com repeito a aparencia estapafurdia que irradia do Palacio das Necessidades...

Tribunal de Marinha

Sob a presidencia do capitão de mar e guerra srs. Izidoro Pedro Leger, Pereira Leite, juiz auditor dr. Alberto Teixeira de Sampaio, promotor de justiça capitão tenente Artur Vital da Cunha e Freitas, defensor oficioso, capitão de fragata, Antonio Pinheiro Silvano, reuniu hoje o tribunal de marinha para julgar os reus, Joaquim da Silva Dias grumete reformado, por insubordinação, Alberto Pedro, 1.º grumete, Vicente David, 1.º fogueiro, Joaquim Martinho, grumete corneteiro, Joaquim do Rosario Marques, chegador todos pelos crime de deserção.

Depois de ouvidos as testemunhas de acusação e de defesa, usou da palavra o promotor de justiça que num energico discurso fez uma cerrada acusação aos reus ao qual respondeu o defensor oficioso, capitão de fragata Pinheiro Silvano fazendo uma brilhante defeza.

Foram condenados na pena de 12 mezes de presidio, sendo-lhes tambem levado em conta o tempo de prisão já sofrida.

OS SPORTS

Bi-semanario ilustrado de propaganda e Educação Fisica.

Publica-se ás quintas feiras e domingos.

Larga informação do paiz e estrangeiro, de todas as especialidades sportivas.

CARLOS SANTOS

TEATRO

Manuel Rocha

Conseguiu destacar-se na companhia Chaby quando fazia epoca no Politeama.

Actualmente no Brazil, trabalha com agrado das plateias cariocas.

Ainda "Emigrantes,,

Tendo no meu artigo acerca da peça de Tito Arantes, em scena no Politeama, posto em duvida que o autor tivesse acentuado as marcas de má educação familiar do personagem destribuido ao actor Calazans, recebo deste apreciado artista a seguinte carta:

... Sr. André Brun

Tendo lido as referencias feitas por v. no jornal "A Capital" de 16 do correate, á minha interpretação na peça «Emigrantes» atenuando-a de indelicada, venho dizer-lhe humildemente que o papel que me foi distribuido está ao dispôr de v. para verificar as respectivas rubricas.

Muito grato lhe ficarei.

De v. etc.—*João Calazans*

Teatro Politeama
Camarim n.º 18

Cumpre-me dizer:

1.º—Não alcunhei de indelicada a interpretação dada ao seu papel pelo nosso caro João Calazans. O que disse foi que, interpretando um rapaz novo, cuja educação moral foi descurada, ele dava marcas de uma pessima educação familiar falando á sua mamã na peça de cigarro na bocca e chapeu na cabeça. E, por não me terem ferido a atenção esses detalhes quando ouvi ler a peça, atribuí injustamente—do que aqui me penitencio—ao nosso caro Calazans esses, mortes exteriores de falta de respeito á autora dos seus dias, na peça «Emigrantes».

2.º—O nosso caro João Calazans não tem que vir dizer-me «humildemente» cousa nenhuma. Por Deus, levante-se o estimado artista, e não se roje a meus pés.

3.º—Rogando-lhe a fineza de me dispensar de ir ao camarim n.º 18 do Politeama, dou-me por convencido que o autor rubricou na peça a má educação do menino Bibi. Ao nosso caro Calazans competia, neste caso, tomar a iniciativa, se não tivesse tido receio de falar nisso ao autor, de atenuar quanto possivel esse lado antipatico do seu papel. Creia que a impressão no publico é má e os seus daqueles que julgam que «interpreter» pode ser «colaborar para bem».

ANDRÉ BRUN

AGENDA DA SEMANA

6.ª feira—«O Toureador», opereta em tres actos, no «Teatro Avenida», companhia Satanela-Amarante.

CINEMA

Porque Bertini é querida

Francesca Bertini é a estrela italiana mais querida talvez, do publico.

E' certo, porém, que a talentosa actriz merece o conceito e admiração. Os films em que toma parte agradam sempre porque são uma sucessão de atitudes, as mais admiraveis expressões, as mais belas. Bertini tem expressões inimitaveis.

Alem disso possue um raro bom gosto e um não menos raro talento.

Pode-se sem favor dizer que Francesca é uma das melhores artistas latinas do ecran italiano.

Os enredos dos films na Europa diferem dos que se utilisam os directores americanos para os seus films, e isso já o disse Mary Pickford, manifestando, mesmo, desejo de conhecer e aproveitar para seus trabalhos assuntos da vida real nas vilas e cidades dos paizes do Velho Mundo. Bertini mais que nenhuma artista estrangeira saberá dar vida aos films italianos. Estes carecem do gosto e da expressão proprios da alma sensivel dos latinos da moderna Italia.

E' por isso que Bertini é tão querida, emprega a belesa, o gosto e o alma na arte a que se dedica, tal como fazem, alias, um sem numero de artistas americanos.

«A Alma da Juventude»

«A alma da juventude» outro film da triunfante Realart, foi um sucesso, sem duvida, igual ou maior, do que os dos precedentes films da marca magnifica.

«A alma da juventude» é uma produção especial, ensenada por W. D. Taylor, o celebre ensenador de «A Fortaleza», e é um trabalho de folego, uma obra de fundo, um apurado estudo da alma infantil e da psicologia das crianças.

Tendo grande alcance social, pugnando por uma reforma nos metodos educativos correntes, «A alma da juventude», não é entretanto uma filo pretenciosa e seca.

Ao contrario é um trabalho de enredo que prende e comove, uma obra humana e forte, que tira de emocionar a todos, convencendo pelo rialismo das suas scenas e pelo desempenho extraordinario que lhe dão os seus magnificos interpretes.

Entre estes sobresem Lila Lee, Clyde Filmore e Sylvia Ashton, nossos conhecidos, e, no principal papel, a grande figura do pequeno mas notavel actor americano Lewis Sargent, que tendo apenas 13 anos de idade, notabilisou-se pela interpretação soberba e o relevo incomparavel que soube dar neste film de Realart.

«A alma da juventude» no fundo é uma lição e um film de propaganda da educação com novos moldes e nele teremos ocasião de apreciar os julgamentos de menores pelas «juvenil courts», tribunais especiais para crianças, celebres pelo seu sistema de julgar, humano, habil e justo.

Ben Lindsey, um juiz que é uma gloria da magistratura «yankee», figura por gentileza especial da sua parte, nesse film de grande alcance social, para o qual chamamos a atenção especialmente dos pais de familia, dos professorados e dos nossos jovens.

BOAS NOITES, MINHA SENHORA

PALESTRA AO SERÃO

Minhas senhoras, não estão aborrecidas de ouvir sempre frases louvaminheiras á Mulher, versos em louvor de suas virtudes?

Costuma-se dizer que quando alguem é discutido e censurado, é porque esse alguem tem valor—portanto, a mulher deveria desgostar-se se só inspirasse louvores, mas, graças ao Altissimo não acontece assim; avalanches de improperios teem caido sobre nós e, vamos lá com Deus, em muitos casos foram bem merecidas as palavras desamaveis e insultantes.

Hoje, antes de chegar ao Natal, época do ano em que deve reinar paz entre a humanidade, vamos passar em revista algumas das figuras de mulher que se distinguiram pela sua maldade, ao mesmo tempo recordaremos algumas das opiniões que homens celebres e conhecidos nos dedicaram.

Será uma especie de exame de consciencia servindo-nos ao mesmo tempo de assunto de meditação para o fim do ano.

Algumas das maximas revelam um tal despeito e um odio tão misturado de amor que a nossa vaidade e amor proprio sentem-se lisongeados com o proprio insulto e exp rimentamos um certo desejo de citar a celebre frase do drama «Afonso VI»:

«Com quanto amor me odeias!»

FRIOLEIRAS

Maldades celebres

Eva, a primeira mulher, induziu o homem ao pecado e foi a mais amada de todas as mulheres.

Dalila, o protótipo da traição, conseguiu por meio de carinhos e ternuras obter que Samsão lhe revelasse o segredo da sua força para o trair aos Filesteus.

Cleopatra reduziu a um farrapo a honra de Marco Antonio.

Helena—fez arder Troia.

Lucrecia Borgia fez mobilisar os antidotos.

Catarina de Medecis, rainha de França, querendo festejar o S. Bartolomeu e, querem saber—tendo ouvido falar das fogueiras de S. João quiz fazê-las tambem em honra do seu santo, para isso aproveitou a lenha que tinha mais á mão—os protestantes.

Leonor Teles, a «Flor das Alturas» fê-las boas e bonitas quando subiu ás alturas.

Foram más, foram, mas, ai de nós se Mefistofeles, nos aparecesse oferecendo-nos numa das mãos o Amor com essas mulheres inspiraram envolvido em todo a Preversidade deles e na outra o Respeito e a Estima de todos os homens envolto na indiferença deles, qual de nós «ó minha semelhante» e minha irmã» não escolheria o Amor com toda a preversidade e mais que fosse.

CONSELHOS PRATICOS

A Mulher que discute

A mulher deve tomar todo o cuidado para não adquirir o pernicioso habito de discutir e argumentar a todo o proposito, porque se tornará muito impopular, transformando-se em cada elemento de discordia em logar de cimentar a harmonia, como é seu papel fazer, e afastando amigos e conhecidos.

Repito é preciso ter muito cuidado porque esse costume adquire-se rapida e inconscientemente e depois de tomar raizes em nós será dificil libertar-nos dele e, o que é horrivel, a nossa voz tomará uma nota argumentadora que fere os nervos, especialmente os nervos masculinos.

Este tom alem de ser muito antipatico tem o inconveniente de fazer pensar a qualquer que se encontre um pouco distante, que estamos muito zangadas e questionando, mesmo quando assim não acontece.

Como ultimo argumento apresento-lhes duas consequencias desse mau costume criam-se rugas e a nossa voz faz-se aspera como a voz de solteirona rabugenta.

Minhas senhoras, cautela.

MODAS

Ideias sobre chapeus de chuva

Devem-se trazer chapeus de chuva altos ou baixos?

Respondemos: alto, se o castão for grande, trabalhado e complicado; baixo, se for mais modesto, com uma bola de marfim ou figura de mulher.

O chapeu de virola não se usa; só as senhoras de muita edade e que puzeram de lado ideias de elegancia é que ainda trazem esses chapeus.

O mais em voga agora são os cabos de marfim pintado e de pau ou massa, representando cabeças de animais.

HIGIENE DA BELESA

Para tirar os cravos da pele

Antes de os tirar devé-se untar a pele com partes iguais de vaselina e de sabão negro, deixa-se estar uma noite e no dia seguinte lava-se com agua quente e com a seguinte receita:

Sabão verde . . .	25 grs.
Alcool a 90° . . .	50 »
Essencia de bergamote	5 gotas.

Ao fim duma hora tiram-se os cravos, apertando-os da direita e da esquerda com a unha dos dois polegares.

Depois deste tratamento, a pele fica inflamada, põe-se-lhe uma pomada de lanolina junta com um pouco de oxydo de zinco.

ARTE DA COSINHA

Chartreuse de aves

Desmancha-se em leite meio pão, coze-se metade da ave e guiza-se a outra metade, picam-se depois muito bem as duas metades da ave misturando-se com o pão, até ficar tudo numa papa, deita-se essa mistura numa forma de pudim untada de manteiga e vai ao forno.

QUADRAS

Da mulher mansa e calada
Não deixes de ter suspeitas
A agua, quando parada,
E' que provoca as maleitas...

Baixinho. Ninguem nos ouça
P'ra que não dês o cavaco:
Se a virtude fosse louça,
Já não tinhas nem um caco...

Na mulher, o persistir
Em jurar fidelidade,
E' um modo de mentir...
—Co maior solenidade!...

...o Gil

PENSAMENTOS

A mulher é sempre fundamentalmente imoral.

Lombrose

A dissimulação é inata na mulher tanto na m s esperta como na mais tola.

Schopenhauer

SPORT

A representação nacional

O «sport» hoje representa incontestavelmente uma grande força, representada pelos milhares de adeptos que em todo o mundo culto praticam os exercicios fisicos, e por centenas de milhares, que se entusiasmam vivamente por essas manifestações.

Não podem portanto os estados deixar de acompanhar a evolução produzida, como ainda ha pouco provou a França votando um credito enorme para a preparação Olimpica.

Uma victoria sportiva, em qualquer das grandes provas mundiaes, faz enorme propaganda do paiz, a que pertence o vencedor.

Ainda está na memoria de todos a anciedade sobre o resultado do «match Carpentier-Dempsey», e ha dias a noticia da victoria do francez Bracco, na corrida dos seis dias em New-York foi festejada com brilhantismo.

Todas as nações capricham, e estão trabalhando para que a representação do seu paiz seja o melhor possivel, o que depende como é facil de perceber da seleção criteriosa.

Entre nós, até á data nada se tem feito Quando se pensar sobre o assunto, ha-de, como é costume ser feito tudo de afogadilho, arranjando-se uma «equipe ad hoc», sem treno e levando como preparação apenas «boa vontade»... Ora isso é pouco em provas de «sport»...

O caso recente da «équipe» de «foot-ball» é para ponderar. Os hespanhoes são no momento atual um dos melhores especialistas de «foot-ball».

A nossa «equipe» fez boa figura no «match» peninsular. Ora é sabido que o «team» podia ter ido mais homogeneo, e a seleção ter sido mais ponderada, o que nos leva a crer, que a ter se dado esse caso, a defeza teria sido mais brilhante.

Atentem nisso os dirigentes do «sport».

RUY DA CUNHA

Law-Tennis

Nos campeonatos do mundo que se devem disputar em 15 de Feveiro na Suissa, Laurentz e Barotra, estão inscriptos.

No ano passado o francez Laurent ganhou em Copenhague as provas de simples e duplo.

Foot-ball

Os jornais francezes fazem-se echo da formação da «equipe» nacional, para o «match» contra Espanha.

Uma «equipe» de estudantes inglezes vae fazer uma tournée no Brazil.

Ciclismo

No domingo devia ter-se realisado em Paris, um «match» de velocidade entre o campeão do mundo Maeskops, os francezes Dupuy e Sergent e Kaufmais.

Este desafio serve para a entrada em Paris de Sergent.

Box

O tão falado «match» entre Carpentier e o negro Siki, já não se realisa, sob o pretexto que Siki, não é adversario para o francez.

O «boxeur» Egel, que esteve entre nós, vae encontrar-se contra o belga Orkens, em Paris, e com o marselhez Toche.

NOTICIARIO

FOOT-BALL

No rapido de Madrid, chegam amanhã a Lisboa os jogadores portuguezes que foram a Madrid, representar o nosso paiz.

54—Folhetim de "A CAPITAL"—20 de Dezembro de 1921

ROCHA MARTINS

Spartacus

Romance das lutas proletarias em Roma

IX

E esse desejo que o pungia, lhe minha a alma, suporava, finalmente, dos seus labios e subia numa explosão:

—Ter Spartacus no circo pois que quizera comprar a esse Lentulus, estupido... Se lho tivesse vendido nesse dia não teria existido a revolta e Roma gosaria mais um espectaculo maravilhoso! Que gladiador... que combatente?!

Verres testemunhava esse seu teimoso afan da compra, lembrava-se do que lho dissera no anfiteatro de Capua mas os donos tinham querido o contrario e, realmente, esse Spartacus era um famoso combatente. As lagrimas que fizera chorar orani o gosso candal dum rio largo onde boiassem postas de sangue.

Felizmente que fôra ao longe e não em Roma. Na Sicilia, ele Verres, podia entrar com a sua gente! E esfregando as mãos macias, olhando bem fixamente, o grande rico, assentava que nem todos os humildes escandilariam o rebelde e que o ouro sempre teria o seu valor.

De fóra, passando por sobre as arvores do jardim, rolando no ar, subindo com o perfume dos alegretes de violetas vinham os pregões cantarolados nas ruas estreitas de Roma, vozes que ofereciam fructas madurinhas e cheirosas, guinchos de negras celebrando as virtudes das suas hervas odoriferas para defumar as casas, vozes irrequietas e avantajadas de pantomimeiros marcando as ventúras dadas pelos seus amuletos. O chiar dos carros nas subidas misturava-se a tudo e o alarido com o zumbido dos pretendentes no atrio. E Verres, passeando sobre o tapete oriental, enterrando a sandalia amarela no fôfo da lã alta, elevava um hino á riqueza o que fazia aparecer um bom sorriso nos labios grossos de Crassus e enchia de esperança a alma de Aurelio.

—Sem o ouro jamais se poderia ouvir porque tudo por sua causa se movia dum extremo ao outro das conquistas da republica e do orbe. O homem que, no fundo das minas, o descobria, e libertava da sua ganga, era um precioso benemerito, abençoadas as chicotadas que levava quando não cumpria a tarefa porque paralisava o gozo. Ninguem mais daria um passo na existencia nem quereria combater se essas cousas agradaveis que tão bem sabiam ao paladar agradavam ás carnes, lisonjeavam o ufalto, deixassem de surgir tão esplendidamente nos mercados.

—Na sua linguagem rapida, no seu prazer de guloso, ele misturava os beyrilos asiaticos com os bacalhaus de Chalcedonia, as purpuras de Tyro com as essencias da Syria e lamentava, ainda, uma corteza com sedas de Cás e uma mesa sem os sobritos rechea dos por um cosinheiro que tivesse feito o seu curso em todas as oficinas do mundo. Rolava da sua boca a apologia do metal scintilante e frio mas que gerava nas faces das desprotegidas sombras e aqueceria os que a possuiam. Oh! o ouro! sem ele nós seriamos como os animais que pascem as suas hervas, os modestos e se devoram entre si; os de mais necessidades! E querem aboli-lo! Estragam-no metendo-o na boca desse palheiro infecto?! Que por sua causa haja lagrimas e sangue mas que venham tambem os regalos!

—Falaste como Cicero! exclamou Crassus mordendo logo os beiços, ao lembrar-se da campanha em que o orador se empenhava contra o pretor da Sicilia.

—Cicero!—interrompia ele com pressa—Ai está um que a inveja faz eloquente! Queria os meus dominios, os meus vasos preciosos, as minhas maravilhosas pratas, um altar que era para Jupiter e hoje me pertence. Como lh'os recusasse anda a espalhar que pleiteará contra mim... Já chama aos seus futuros discursos Verrinas... Mas eu lhe pagarei, socegue m!...

—Uma luz suave penetrava das bandas do jardim, irisava-se num repucho e entre colunatas de marmore vermelho, os lirios alvissimos espargiam o seu aroma adocicado e um jardineiro sirio, sob um grande chapeu de palha amarela, podava o tolheiro do roseiral.

Crassus deixara-se cair no divan, molemente, ordenara ao secretario que dissesse aos «nomenclatores» para chamarem os pretendentes escolhidos na tabuleta e que os ouvissem. Queria depois do «pentaculum», a relação de todas as ambições; não gostava de ceifar a sua popularidade, sobretudo agora, que ia, sem duvida, comandar o exercito.

O pretor atalhava-o ao ver o «banero» avançar para a porta senefada de purpuras pesadas e recomendava:

—Ha-de vir o meu siciliano... espero-o com impaciencia...

Logo Crassus deu ordem para o introduzirem mal chegasse, embora passasse adiante dos militares e mesmo do senador Flavio se acaso o solicitasse ao mesmo tempo. O servo trazia um pergaminho. Ria, encolhia os hombros, mangava:

—Esse Senado tenho-o aqui—e ao dizer o que pensava dos legisladores fechava nervosamente a concha da sua mão vasta.

Mandou correr os panos largos e franjados de ouro, delicioso um momento gosando a paz das suas paredes grossas, que não deixavam passar mais nenhum ruido e interrogava Verres sobre os negocios que o traziam.

Entrara tarde na vespera por causa dos escabrosos caminhos; não perdera saber o que realisava mas ali, diante de Aurelio, sem saião e seu amigo, ele podia abrir a boca e o coração. E a proposito?! Que maldita ideia aquela de encherem de ouro a garganta do açambarcador de trigos?!

Todos os que sabiam dos manejos da gente de Spartacus, desde as suas devastações nas victimas obtidas, o outro narrava largamente e, apesar da impaciencia dos olhares do milionario, ele não o poupara nem ao destroço das falanges de Varinius nem ao sacrificio de com pombas brancas num columbario de soldados vencidos pelas tropas romanas. Chegava, finalmente, á parte interessante do movimento tentado pelo grande chefe, da sua transação com os piratas para que o ajudassem na travessia do mar a fim de obter a Sicilia e fazer frente ás legiões no Rhegium. Pelos modos tentava esse golpe para de seguida atacar Roma e, dia a dia, se lhe juntava mais gente que acudia do fundo das provincias... O peor, porém, estava em que muitos soldados romanos atiravam as suas armas antes dos combates; deixavam-se seduzir pelas promessas de um mundo novo que scintilavam em todos os discursos do antigo gladiador... Contavam-se ás centenas as deserções e o exemplo, contagio, ameaçavam deveras o poder da Republica!

Crassus movera-se lento e com um bocejo nas almofadas, deliberára com vizamente:

—Sim... Eu já sabia isso!... Por cada centuria em que um homem do meus tal tizer mandarei degolar vinte! Não ha nada como um bom castigo, o castigosinho a tempo...

Apresentava de novo a fulgurante ideia que tivera ao ordenar que açoutassem escravos todos os dias. Trazia-os agora macios... Berravam logo de começo o que se lhes determinava: morra Spartacus!... E era ouvilos em gritos bem da alma, antes de verdadeiras paxadinhas, gritarem contra o bandido que fugira ao seu castigo.

Querem saber o sucedido com os piratas, e no seu chasco de homem rico, ao qual tudo era permitido, dizia:

—Tu, Verres, deves entender-te bem com eles...

(Continúa.)

Colegio Vasco da Gama
T. das Freiras (a Arroios), n.º 2
TELEFONE NORTE 2146
O mais bem situado de Lisboa. Campos de equitação e recreios. Educação esmerada. Optima alimentação. Todos os alunos do curso liceal, do curso comercial e do primario propostos a exame foram aprovados, tendo prestado brilhantes provas, e obtendo alguns as mais altas classificações.
Pedir esclarecimentos aos directores.
P. Antonio Manuel da Silva Pinto Abreu, Dr. Luiz Gonzaga da Silva Pinto Abreu.

Instalações electricas
EM TODOS OS GENEROS
OLIVER, LTD.—Rua da Prata, 2
Telefone C. 1168.

Alberto Afonso
— LISBOA —
Postais ilustrados

TUBERCULOSE
NUCLEOCALCINA FORMOSINHO
Reconstituinte poderoso, scientifico e racional
PHARMACIA FORMOSINHO
Praça dos Restauradores, 18

POLICLINICA DO ROCIO
Largo do Camões 19 (ao Rocio)
CLASSES POBRES—Tel 3747
Rins e vias urinarias — Dr. Couceiro Saldanha, ás 10 1|2.
Medicina geral, doenças nervosas, electroterapia — Dr. Cancela d'Abreu, as 14 e 1|2.
Olhos — Dr. Henrique Roquete, ás 15.
Pele e sifilis — Dr. Zeferino Falcão, ás 14 e 1|2.
Boca e dentes — Dr. Amor de Melo; ás 9 1|2.
Medicina geral, coração e pulmões — Dr. F. Martins Pereira, ás 15 1|2.
Cirurgia, doenças das senhoras, partos — Dr. Luiz Ottolini, ás 15.
Ouvidos nariz e garganta. — Dr. Cordeiro Lobato, ás 14.

A JUVENTUDE
Remedio constituido com o suco de sete plantas medicinais: faz nascer o cabelo ás pessoas calvas. Em pouco tempo a queda do cabelo e dá-lhe um extraordinario vigor. Extermina radicalmente a caspa em pouco tempo. A Juventude é o melhor remedio preventivo da calvicie.
Unico depositario: DROGARIA DIAS
R. Fanqueiros, 842 e 844 Frasco 2$50. Todos frascos levam a assinatura do seu verdadeiro auctor *LUIZ ALBERTO DA SILVA*.

Joalharia, Relojoaria e Ourivesaria
— DE —
JULIO REI, L.da
ex empregado da *Joalharia Abreu*
Grande sortimento em joalharia, relojoaria e pratas por preços sem competencia
Antiga RELOJOARIA OLIVEIRA
30, Praça dos Restauradores, 31
(Palacio Foz)

A casa que mais barato vende. — Ourivesaria e Relojoaria — Temos sempre grandes sortidos de objectos que vendemos SO' PELO PESO e joalharia que vendemos com as maximas garantias.
VIUVA MARQUES—R. de S. Paulo, 20 —LISBOA—

Banco Nacional Ultramarino
Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada
Fundos de reserva 25.000.000$
Assembleia Geral Extraordinaria
Por ordem do sr. Ex.mo Sr. Vice-Presidente da Mesa da Assembleia Geral, é convocada a mesma assembleia para em seguimento dos trabalhos da Assembleia Geral Extraordinaria interrompidos em 30 de setembro p. p., reunir no edificio do Banco, no dia 22 do corrente, pelas 14 horas.
Assunto: Circulação Fiduciaria nas Colonias.
Lisboa, 12 de outubro de 1921.
(a) Francisco Mendonça de Sommer.

A Urbana Portugueza
Fundada em 1888
Efectua seguros terrestres, maritimos, de cristais e gréves e tumultos.
Agentes geraes em Lisboa Eduardo de Noronha, Ld.ª Rua Augusta, 56, 1.º
Telefone 1536 C.

RELOGIOS —*A Maior Variedade*—
Ourivesaria e Relojoaria Confiança
— DE ALMEIDA, LIMITADA
Grande sortimento em pratas para brindes e joias
Rua dos Fanqueiros, 1 a 5 e 51 a 53

AZEITE
PURO DE OLIVEIRA
Finissimo para conservas e consumo
PEDIDOS A':
SOCIEDADE EXPORTADORA DE PEIXE, Ltd.
RUA DE S. PAULO, 20, 1.º

Sapataria Januario
O mais perfeito Calçado de Luxo
Sempre os mais chics modelos
MEIAS FINAS
— Telefone Central 5527 —
78 - Rua Santa Justa - 80
193 - Rua Arco Banderia - 195

Maquinas de escrever
ACESSORIOS, reparações garantidas —OLIVER, LTD.—Rua da Prata, 250, 2.º —Telef. 1158 C.

Agua da Certã
A Agua minero-medicinal da Fonte da Certã apresenta uma composição chimica que a distingue de todas as outras até hoje usadas na therapeutica.
E' empregada com segura vantagem nas Diabetes — Dyspepsia — Catarros gastricos putrido ou parasitarios — nas provenientes de doenças infecciosas — na convalescença das febres graves — nas atonias gastricas dos diabeticos, tuberculosos, arthriticos, etc. — gastricismo dos excessos de alcool, tabaco ou privações, etc, etc.
Mostra o exame bacteriologico que a Agua da Fonte da Certã, tal como se encontra na garrafa, deve ser considerada isenta de microbios, pura, não contendo colibacilo, nem nenhuma das especies pathogenicas que podem existir em aguas. Alem d'isso, gosa de uma certa acção microbicida. O B. Typhico, Diphterico e Vibrião cholerico em pouco tempo n'ella perdem toda a sua vitalidade; outros microbios apresentam, porém, resistencia maior.
A Agua da Fonte da Certã não tem gazes livres, é limpida, de sabor levemente acido, muito agradavel e bebida pura quer misturada com vinho.

Bénard Guedes
RAIOS X — DIATERMIA
RADIO
Tratamento do cancro
Calçada do Sacramento—10
Todos os dias ás 4 horas Tel. C. 1383

OURO E PRATA
— MUITO MAIS BARATO — Só na OURIVESARIA
Correia, Moura Pimenta, Ltd.
184 — Rua do S. Paulo — 186

Casa das malas
Fundada em 1837
Joaquim da Silva & C.ª (Filhos)
O maior sortimento em Malas, carteiras e artigos de viagem
Rua da Prata, 110, 112 e 114—LISBOA
TELEFONE CENTRAL 3716

Novo Fanqueiro da Avenida
NETTO & CORREIA, Ltd.
Avenida Casal Ribeiro, 3, 5, 7 TELEFONE 2168 Norte
Exposição e Abertura da Estação de Inverno
Muitas variedades e grande sortido em todos os artigos da sua especialidade
RETROSEIRO, MODAS E CONFECÇÕES
— GANHAR POUCO PARA VENDER MUITO —

SABÃO NACIONAL
Sabões
TEL. C. 2519
A COMERCIO EXTERNO L.da
R. S. Paulo, 104 1.º

Furunculos, diabetes, doenças da pelle e dos intestinos
Curam-se com
Fermento d'uvas Formosinho
Recomenda-se exigir o nome FORMOSINHO
FARMACIA FORMOSINHO P. dos Restauradores 18
LISBOA

REGALEIRA-CLUB
DANCING PALACE Telefone 3238
VARIEDADES E CONCERTOS
Jazz Band - Tziganes - Diners - Concerts
SOOPERS TANGOS
Magnifico serviço de Restaurant
ROBERT NICOL—Danseur de L'APOLLO de Paris

RITZ-CLUB
ESMERADO SERVIÇO DE RESTAURANTE
Concertos todas as noites
VARIEDADES
Um dos restaurantes mais chics de Lisboa
Praça dos Restauradores, 27, 1.º

INTERESSA A TODOS!...

QUEREIS conservar os vossos calçados pela aplicação de uma «Pomada» de absoluta confiança?
—Usai a INDIANA, incomparavelmente a melhor pelo seu brilho pelas suas esplendidas qualidades de conservação do cabedal e ótima apresentação em cores: preto, amarelo, castanho escuro da moda — completa novidade.
A' venda nos principais Armazens de Cabedais, nas boas Sapatarias do Paiz e no Deposito Geral:
A' PELARIA FINA
Casa de bons artigos em SOLAS, CABEDAIS, ATACADORES e malas especialidades destinadas á confecção de calçado de Luxo e Vulgar
de Policarpo Junior, Limitada
RUA JARDIM DO REGEDOR, 13, 15 e 17 — LISBOA
TELEFONE C. 3323 TELEGRAMAS: PELFINA Agentes exclusivos de revenda para Portugal e seus dominios, Espanha e Estados do Brazil

PIANOS Bechstein e outras marcas
Representante:
J. Heliodoro d'Oliveira
RUA S. 56, 57 e 58

— A casa que mais barato vende — Ourivesaria e Relojoaria — Temos sempre grandes sortidos de objectos que vendemos SO' PELO PESO e joalharia que vendemos com as maximas garantias.
VIUVA MARQUES—R. de S. Paulo, 200 —LISBOA—

Banco Nacional Agricola
Soc. An. Resp. Lda.
SEDE-R. de S. Julião, 188 e 190
LISBOA
Nos termos do artigo 8 e 12 dos Estatutos do Banco são convidados os Srs. accionistas a entrar com a importancia de Esc. 25$00 por acção, correspondente á 2.ª prestação do capital emitido, desde 15 a 31 de outubro corrente.
As cautelas representativas de acções devem ser apresentadas no acto do pagamento nos locais abaixo designados e nos correspondentes na provincia.
Lisboa, Evora — Banco Nacional Agricola
Lisboa, Porto, Chaves — Pinto & Sotto Maior
Polo Banco Nacional Agricola
Os Directores
a) *Eduardo Fernandes d'Oliveira*
a) *Eduardo Correa de Barros*
a) *Joaquim Nunes Mexia*

Ourivesaria e Joalheria
J. J. NUNES
171 — RUA DA PRATA — 171

Dr. Lelo Portela
— Clinica medico-sifili —
RETOMOU A CLINICA
Consultorio:
Tel: C. 1883 P. Luiz de Camões, 6

ASSIGNATURAS DE "Os Sports"

Portugal	
6 mezes...	7$50
12 » ...	15$00
Estrangeiro	
12 mezes...	30$00

Pagamento adeantado

Grande Café d'Italia
é sem duvida o café da moda
ALMOÇOS
serviço á la carte
— Rua 1.º Dezembro —

Horta e Costa
Rins e vias urinarias
12, Rua da Trindade 12
Consultas das 2 ás 5
TELEFONE 2424

Papelaria Camões
Grande sortimento
— de —
objectos para pintura a oleo e aguarela
A. Guerreiro

Da Escola Dentaria de Paris
Operações indolores por anestesia
Dentaduras sem chapa
R. de S. Paulo, 26
(Junto ao Arco) Telefone 22

Leitaria GLOBO
— DE —
Rocha & Coutinho, Ltd. Tel. C. 2160
R. Conceição, 66 e R. Correeiros, 1 e 3
Puro Leite *Especialidades em doçarias*
Serviço permanente de chá, café, cacau, torradas, etc.

O Medico **Conceição e Silva, J.or**
—RETOMOU A SUA CLINICA DAS VIAS URINARIAS E DOS RINS em 6 de Outubro — R. DO OURO, 141

ARTIGOS FOTOGRAFICOS
LUIZ ROSA
233 — RUA DA PRATA — 235

Prisão de ventre
E suas consequencias. Funcionamento metodico do intestino pelo LAXATIVO VEGETAL VERITAS. Infalivel e inofensivo, comprovado por centenas de pessoas que diariamente fazem uso dele. Preparado por Mendes & Braga, farmaceuticos.—183, Rua do Mundo, 185, Lisboa.— Telefone, 554.

Garlopas—Serras de fita 0,70 e 0,90 —Maquinas automaticas para afiar laminas de garlopa e plaina.
EM ARMAZEM
SANTOS AMARAL, Lda.
Rua da Palma, 225|9—LISBOA
Telefone C. 1580

FITA ISOLADORA
Branca e preta
15 mjm e 40 mjm (Fabricação alemã). Ao melhor preço do mercado
SANTOS AMARAL, Ltd.
RUA DA PALMA, 225|9—Lisboa
TELEFONE Central 1580

Escola Berlitz
20-A, Rua do Alecrim
• Abrem-se brevemente novos cursos para principiantes em
FRANCEZ
INGLEZ
: : Já está aberta a inscrição : :

PINTO & SOTTO MAYOR
BANQUEIROS
LISBOA-PORTO
Representantes em Portugal
— DO —
Banco Portuguez do Brazil
LISBOA PORTO
R. do Ouro, 18 a 24
28, Praça da Liberdade, 29

Agua de CALDELLAS
Doenças do Figado e dos Intestinos
(entero-colite muco-membranosa e prisão de ventre)
DEPOSITARIOS:
BANDEIRA DE MELLO, L.DA
Rua Augusta, 75, 1.º e 2.º
Teleph. 2670C.

ULTRAMARINA
Efectua seguros contra todos os riscos
Rua da Prata, 108, 1.º
SINISTROS PAGOS ATE' 31 DE DEZEMBRO DE 1920 Esc. 3.574.758$37

Antonio Casanovas Augustine, L.DA
CAMBIOS E PAPEIS DE CREDITO
57, 59, 61, RUA DO COMERCIO, 57, 59, 61

Canetas com tinta
O que ha de melhor
PAPELARIA DA MODA
167 — Rua do Ouro — 169
LISBOA

Simões Bayão
(Laureado pela Escola de Paris)
Doenças de boca, cirurgia, protheso e ortodoncia
Largo do Camões, 13, 1.º
Telefone 5078

Use Agua, Crême e Pó de Arroz
"RAINHA da HUNGRIA"
e todos os productos da
Academia Scientifica de Belleza
que se encontra á venda nos seguintes estabelecimentos
Pharmacia Durão—Rua Garrett, 90.
Pharmacia Nascimento — Rua da Prata, 115 e 117.
Perfumaria Flôr de Liz—Rua Nova do Almada, 67.
José Feliciano Alves de Azevedo & C.ª—R. 1.º de Dezembro, 55, 65.
Pharmacia Avellar—Rua Augusta 22 a 27.
Silva Neves & C.ª—Rua da Prata, 229, 231.
Thomaz Mendonça, Filhos, Ltd.—Calçada do Combro, 43, 47.
União Commercial de Drogas, Ltd.—Rua Augusta, 115.
Perfumaria Paris—Rua dos Retrozeiros, 68.
Galeria Parisiense—Rua Garrett, 42
Eduardo Martins—R. Garrett, 4 a 11
Perfumaria Viuva Dias — Rua da Praça da Figueira, 30.
Camisaria Modelo—Rua do Ouro, 115, 117, 119.
Loja do Povo—Praça de D. Pedro, 87 a 92.
Brazil Elegante—Praça de D. Pedro, 7 a 9.
Farmacia Barreto — Rua do Loreto, 24 a 30.
Farmacia Silva Carvalho—Rua Eugenio Santos, 48 a 52.
Loja da America—Rua do Ouro, 206, 208.
Casa Africana—Rua Augusta.
Salão Mimoso—Rua Augusta, 282.
Neto Natividade & C.ª—Rocio.
Lopes & Maia, Ltd.—Rua do Ouro, 267 a 269.
Tátá & Rodrigues—R. Garret, 53, 55.
Farmacia Coelho de Jesus—Avenida da Liberdade, 5.
Carmona, Ltd.—Rua da Escola Politecnica, 263, 267.
Farmacia Ultramarina—Rua de S. Paulo, 93, 101.
Casa Santos, Ltd.—R. da Palma, 7-A
Retrozaria J. Fernandes—Rua dos Retrozeiros, 79 a 83.
Henrique Xavier & C.ª—Rua do Ouro, 253, 255.
«Au Bon Marché»—Rua do Ouro, 45, 47.
Damião & C.ª—Rua Garret, 57, 59.
Camisaria Azevedo—Rocio, 34, 35.
Deposito geral para revenda
Academia Scientifica de Belleza
Avenida da Liberdade, 23-A
Telefone: 3641 Telegramas: «Bellezas»

Ventoinhas alemãs
110 e 210 volts
EM ARMAZEM
SANTOS AMARAL, L.da
Rua da Palma, 225|9—LISBOA
Telefone C. 15 0

TIJOLO
PREÇOS SEM CONCORRENCIA
ENTREGA IMEDIATA
C.ª Ceramica de Telheiras
L. do Directorio, 4, 2.º

TABACARIA CENTRAL
90—Rua da Assumpção—90
TABACOS—LOTARIAS—AGUAS REFRESCOS

AGUA DOS CUCOS
TORRES VEDRAS
A AGUA minero medicinal dos Cucos, unica no seu tipo em Portugal para o artritismo, reumatismo gotoso, rins e bexiga, tem alem d'isso dado otimos resultados nas doenças das senhoras, utero e anexos.
A AGUA DOS CUCOS vende-se em toda a parte na linha de Cascais em Carcavelos, Parede, Monte-Estoril e Cascais. Deposito geral: R. Augusta, 9— LISBOA.

PINTO & SOTTO MAYOR
BANQUEIROS
LISBOA-PORTO
Representantes em Portugal
DO
— BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL —
LISBOA PORTO
R. do Ouro, 18 a 24 — 28, Praça da Liberdade, 29
Rua do Comercio, 136 a 140

Vinhos espumosos de Lamego
(CAVES DA RAPOZEIRA)
Reservas de finissimas qualidades
A' venda em todas as confeitarias e mercearias.
Depositario em Lisboa: ARTHUR BENARUS
Telefone 16—Central
Poço do Borratem, 4

TUBO BERGMANN
da casa Bergmann Elektricitats Werke
EM ARMAZEM
SANTOS AMARAL, Lda.
Rua da Palma, 225|9—Lisboa
Telefone C. 1580

OURIVESARIA E RELOJOARIA **ATHAYDE**
PREÇOS SEM COMPETENCIA
Grande sortimento de objectos de ouro, prata e brilhantes
Rua Fernandes da Fonseca, 4
Esquina da R. da Mouraria 161 a 163

AZULEJOS telhas, tijolos, etc.
Ceramica Mont'Argil "LGES"
Preços sem concorrencia
Agencia em Lisboa—Gilman Santiago, Lda.—L. S. Julião, 7, 2.º

MOBILIAS E ESTOFOS
Elzarro da Silva, Limitado
(Antiga casa Bizarro da Silva & C.ª)
Rua Augusta, 82, 84
— Rua dos Correeiros, 81, 83
Telefone C. 2538
Grandes descontos em todos os artigos

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

Os homens sem as mulheres seriam rudes, grosseiros, impossiveis. Mas as mulheres sem os homens seriam dez mil vezes peores.

N.º 3950—12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Quarta-feira 21 de Dezembro de 1921

Telefone n.º 2233 — Endereço Tel. CAPITAL | Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

Caminho a seguir

Foram recentemente tranferidos para regimentos fóra de Lisboa dois oficiais que se colocaram um grande evidencia, durante o recente periodo outubrista. Não duvidamos acreditar que estes transferencias serão bem vistas pelo paiz.

E' que tanto um como outro desses oficiais pertencem, ha muito tempo, ao numero dos elementos que procuram constantemente manter uma atmosphera de agitação que não tem feito senão prejudicar a patria e denegrir o regimen.

E' preciso que nos entendamos. A opinião republicana, o paiz inteiro viu a subida do sr. Cunha Leal ao poder com bem acentuada simpatia porque se convenceu de que finalmente aparecera um homem disposto a cumprir a lei e a restabelecer a disciplina com pulso de ferro, sem alimentar propositos imperialistas que sempre acabam por prender aqueles que os acariciam.

O paiz está farto de agitadores profissionais, e quando eles pertencem ao exercito, e fazem dessa classe, em que todos os cidadãos devem ver a garantia principal das suas liberdades e direitos, uma especie de «club dos Jacobinos» com secções armadas, a sua indignação é vivissima, porque se diria estarmos assistindo a subversão das noções mais fundamentais dos Estados civilisados.

O exercito é o defensor da Patria, é a salvaguarda da Republica. Procurar transformar qualquer das suas forças numa horda indisciplinada, subversiva e demagogica, é um crime de alta traição.

Parece que alguns oficiais que entraram no outubrismo pensaram em oferecer a sua demissão do exercito, dizendo-se persuadidos de que os consideravam indesejaveis. Se andavam pelas alfurjas conspirando, se teem resposabilidades mesmo só moraes nos crimes da noite tragica se em vez de estarem nos seus quarteis se entreteem a excitar os animos por esquinas e cafés, nenhuma duvida resta de que não podem ser desejaveis para ninguem.

A verdade é que não faria sentido que o sr. Cunha Leal fosse levado ao poder nos escudos da opinião publica, para realisar uma politica, que tem por divisa esta palavra: ordem, e a desordem continuasse, vendo-se no meio da creaturas que deviam cohibil-a e nunca manteio-la.

Ponhamos a Republica no são, Sem violencias, mas com o escrupuloso cumprimento da lei. Ainda ontem, segundo dizem jornais, a estação do Rocio foi invadida por bandos que iam assistir á partida dos oficiais em questão, e que aproveitaram o ensejo para manifestações subversivas.

Em paiz nenhum do mundo, isso se toleraria. Se a transferencia de dois ou mais oficiais, pela autoridade legitima, estivesse dependente da vontade de agitadores profissionais, a cujo numero pertencessem, não haveria em nenhum Estado nem a noção da lei, nem o prestigio da autoridade, nem a dignidade das instituições.

O sr. Cunha Leal, já o dissemos, conhece bem quem é perigoso e quem o não é; quem entrou sinceramente no movimento de outubro, e quem nele se imiscuiu para inconfessaveis fins. Se não fizer justiça é porque não quer, e o sr. Cunha Leal está disposto a fazer justiça.

Ha perigo em proceder contra a indisciplina e o crime? E' certo: mas a Republica só pode salvar-se arrostando com esse perigo.

Felicitações ao governo

O sr. presidente do Ministerio tem recebido uma enorme quantidade de telegramas, desejando-lhe um feliz e prospero Governo. Destacamos, de entre outros, o seguinte, expedido pelos portuguezes residentes em Ribeirão Preto, Brazil:

«Os portuguezes desta cidade, consternados com os acontecimentos da noite de 19 de Outubro, certos da grandeza do patriotismo de v. ex.ª, confiam nesta hora dificil nos vossos sentimentos para que em breve cheguem noticias confortadoras para os corações dos compatriotas ausentes da patria — Centro Portuguez».

Em resposta, o sr. Cunha Leal agradeceu, em nome do governo, saudando a colonia portugueza e Brazil.

D. Afonso de Bragança

E' esperado no dia 27, em Lisboa, o navio de guerra «Patrão Lopes», que transporta os restos mortais de D. Afonso de Bragança.

No proximo dia 24, reune o corpo diplomatico, conjuntamente com a comissão executiva da Camara Municipal, afim de ser elaborado o programa das solenidades a realisar, fazendo parte do mesmo programa solenes exequias na Sé Patriarcal, onde será depositada a urna antes da sua entrada no Panteon de S. Vicente.

— E' esperada hoje no Sudex-Espresso, a snr.ª Duquesa do Porto, que vem a Lisboa assistir ás solenidades funebres, de D. Afonso de Bragança.

CROQUIS DE VIAGEM

Por terras já dantes viajadas...

XIV—Uma Praga... no meio da viagem

Os companheiros de viagem valem poemas. Não se sabe quem são, não se sabe para onde vão; a sua vida, sua historia, o seu destino, tudo é uma interrogativa. Quando muito vive-se umas horas da sua existencia e deixam-se pouco depois para nunca mais. Os companheiros de viagem formam uma galeria interessantissima de tipos, retratos que não esqueço e procuro fixar sempre por qualquer coisa de original.

Aqui, no rapido do Tetschen, a caminho de Praga abundam os tipos morenos, as faces queimadas, os cabelos muito negros. São zingaros, figuras de ciganos, expressão do bohemios. São criaturas já de estatura mais baixa, os ombros largos, bigodes frisados em recurvado caracol á domador de féras; são mãos ageis que deitam cartas; são rostos taciturnos, asperos, de bulgaros ou frontes pequenas de turcos semi-civilisados. E' uma amalgama curiosa. Uma rapariga, a testa atada num lenço de seda azul, fuma e faz paciencias em frente ao seu homem de cara dura e bigodeira farta. Emquanto o comboio, veloz atravessa campos desconhecidos paisagens dum paiz velho transfigurado em novo, este casal nem sequer deita um furtivo olhar pela janela. Interrompe as cartas para comer peras sumarentas que se vendem em profusão por todas as estações da Saxonia. Um cavalheiro alto, com umas pernas onde os joelhos são grandiosas ornamentações espetados para fóra, de barbinha ruiva, interessa-se pelos cambios com um cavalheiro gordo, que sua por todos os póros, e quer a janela aberta. Mas ao canto do lado da porta ha um diplomata com muito uso, velho exigente, que se envolve em 4 mantas e vai de vez em quando fechar as janelas do corredor. Toda esta familia galopa em «Tehtsen», na fronteira para o comboio. Oh! uma coisa formidavel! A allemanda alemã, logo em seguida a alfandega tcheque, um homem de barbas que se as tivesse no tempo do patriotico João de Castro deviam valer um dinheirão, exigindo que as senhoras vão á «policia» para serem apalpadas, um corredor apertado, uma sala de restaurant pião onde todos se amontoam de encontro ás portas que dão para a gare.

Um quarto de hora antes da hora marcada, abre-se o dique e aquêles respeitaveis touristes, onde ha biles expremidos, polacos grandiosos e senhoras que gritam, vão de roldão assaltar os logares do comboio «tchéque». A viagem faz-se entre campos cultivados, vinhas, trigos; e lembra-me que é aqui a região mais rica do velho imperio Francisco José, hoje tornada independente coloca na espectativa de fome a nova e minuscula Austria.

As estações não teem interesse de maior, são barracões sujos junto a pequenas vilas; apenas Vysocan é um entroncamento onde o comboio se enche pouco cochins. Estamos a poucos kilometros de «Prag», a capital desta nova Republica; os viajantes teem o aspecto banal de europeus; nem para amostra um desses tipos bohemios com trajes garridos que vi nos postais da estação de «Tetschen»; é tudo gente de chapeu mole e «paletot» vendo as cotações do marco de Praga e vendendo cereais aos extrangeiros.

Por fim a cidade aparece, encostada a um largo rio, o «Moldan», e mal tendo tempo de deitar uma olhadela as 70 torres que perfuram o ceu, acima do casario da cidade, o comboio enfia numa estação apinhada de gente. Oh! que gente, que balbardia! E' flagrante o contraste. Nem o aceio nos comboios, nem a cordura dos costumes, tudo bem diferente da Alemanha. Ha gritos, quem quer subir não deixa descer os que se apeiam, os vendedores de groseilles atordoam os ares, os carregadores e moços berram, conjunto que me faz lembrar a proximidade dos paizes bem «orientais» e pouco civilisado, como o nosso Portugal. No compartimento houve mutação: ao canto vai uma rapariga só, «mannish», embrulhada numa capa de borracha, cabelos cortados, fumando cigarrilhas negras e «lunchando» de vez emquando. E' hungara e come «bombons».

Para a minha frente foi um sujeito de meia idade com uma rapariga formosa, olhos azuis, loura, gentil e elegantemente vestida. Julgo-os amantes e são pai e filha. São austriacos. E ela, puxando tambem dum maço de cigarros, oferecendo ao pai, e oferecendo-me, pergunta serenamente, sorridentemente:

—Incomóda-o o fumo?

❖ ❖ ❖

Não fico em Praga porque o tempo escasseia. Véio-a no entanto do comboio, quando este fez uma larga curva dentro da cidade. Vejo as suas construções europeias sem caracter, as traseiras dos edificios com roupa estendida, um grande campo de «foot-ball» onde se joga animadamente. Depois o campo, sempre o campo. Entretanto cai a tarde. Perto das cinco e meia o comboio pára numa vila, clara, caiada toda adornada de globos e bandeiras. Sob a «marquise» da estação ha tropas formadas, uma banda, uma bandeira amarela com grande emblema vermelho ao centro.

Os uniformes são de caki inglezado, o hino é comprido como os diabos, o ministro da guerra é um jovem bem parecido.

Por toda a parte a fisionomia das manifestações protocolares é a mesma. Um grupo de cavalheiros de negro e chapeu alto—por certo a camara municipal—está gravemente compenetrado da solenidade do momento. As maquinas fotograficas, as manivelas dos cinemas trabalham; cinco vivas e hurras ecoam no ar. E, no lusco fusco o comboio põe-se em marcha, deixando para traz uma povoação em festa a um ministro da guerra e a um exercito... futuro. Os «tcheco-slovacos»! Mas, com franqueza não estão a pedir musica?

No comboio, todos os americanos, os alemães, os proprios austriacos se riem deste paiz novo, cuja habil tatica consistiu em não ser vencido na guerra, eximindo-se ás tributações que lhe competiam; o certo é que o seu dinheiro é hoje mais valorisado que o proprio dinheiro alemão, que as suas finanças são mais sólidas que as dos pequenos povos visinhos; mas, a duvida subsiste se todos eles terão condições de vida para se aguentarem sós, estrangulados, cheios de fronteiras e taxas e impostos.

«Tabor» é uma povoação com torres importantes e cuja silhueta mal distingue na luz crepuscular. Tabor é um centro belo de excursão, fortaleza medieval sobre uma altura escarpada, com restos de muralhas e torres sinistras. Mesmo a distancia, recortada num amarelo esverdinhado do poente debil tem qualquer coisa de belo e atraente.

Depois anoitece por completo e corro a travar relações com a cosinha tcheque. O pão é negro, a sopa devia ser de um arroz, camaradas, de rebentar a boca! Depois esta «menta» com um nome mais esquisito!

Não ha remedio senão aguardar com paciencia a chegada a Viena. Mas a fronteira austriaca, segunda no mesmo dia, só chega ás 8 da noite. E' em Gmunt, um descampado, com uns longos 3 quartos de hora á espera da revista aos passaportes e ás bagagens.

Agora passam fardamentos verdes, sujos, restos da guerra talvez, e o revisor é um barbicano á Francisco José espadaudo e malcriado. Já travei relações com o colega do lado, o homem das pernas altas. E' engenheiro, polaco e mostra-se entusiasmado em falar com um portuguez. Quer saber coisas de politica, de vinhos do Porto, e só não compreende porque é que pertencendo nós aos vencedores tenhamos um cambio tão desgraçado. Olha para mim, para o portuguez, como para um fenomeno e promete não me largar em Viena. De Austria nada direi. E' [illegible]. Apenas Loewy, a rapariguita que vai com o pai para Viena, vienense pura, fumadora incorrigivel, me afirma a beleza da sua terra. Eu olho, olho, mas acho tudo pretissimo. O que faz o patriotismo! O pai tem uma conversa abatida. Todos eles são arruinados, gente sem fé; é a miseria a cada passo, e, olham rancorosamente para os lados da Alemanha.

—E' tão triste agora a Viena! é o que me dizem. E a vida lá é tão medonhamente cára! acrescentam.

Nesta boa disposição de espirito chegamos ás 11 da noite a um largo rio, quieto, silencioso.

—E' o Danubio, e o Donau! gritam num contentamento familiar os vienenses. Apresto-me para sair, mas só vinte minutos depois o comboio chega á estação de Francisco José.

O meu amigo polaco aterrorisa-se com o preço dos trens. Daqui ao hotel mil corôas. Nem menos um rial. O certo é que todos partem e fico eu de mala no chão esperando que a Polonia se resolva. A' meia noite, sem carros, com uma cidade escura e desconhecida pela prôa, não ha que hesitar.

A cidade adormece cedo. As casas altas, negras são grandiosas. Atravesso parques, ruas largas ajardinadas, passo junto a construções monumentais e ao fim de meia hora estamos no «Bristol Hotel».

O meu telegrama de Berlim... Como pelo caminho. Quartos nem um em Viena inteira.

Por mais que o meu polaco falando alemão com os homens do hotel se esforce a demonstrar que pode dahi advir uma complicação com Portugal acredito que fico desta vez na rua.

Mas o «groom» tem dó e puxa de um cartão de visita e dá uma morada ao cocheiro. 10 minutos depois estamos no n.º 9 do «Opernring» a bater á porta duma familia austriaca. Trepamos a um 3.º andar com as malas a estenderem-me os braços, porque o cocheiro depois de apanhar as mil corôas diz que não «faz fretes». Batemos a uma porta... Silencio... Inquietude. Tornamos a bater. Aparece uma cabeça de pele vermelha num «robe de chambre» verde e numas botas de elastico da tropa. Esta figura exotica é a minha salvação. E' a dona da casa.

Depois dum coloquio com o meu guia abre-nos a porta, improvisa uma cama no escritorio, oferece a casa de banho ao polaco, e, eu descanço por fim atraz dum biombo numa casa particular de Viena sem medo de ser devorado pelo povo que segundo me dizem tem fome, o que aconteceria se me encontrasse a dormir num banco do Ring.

ARMANDO FERREIRA

A SEGUIR:

XV—Os pobres de Lisbôa, milionarios de Viena.

LER NA 2.ª PAGINA

MIGALHAS

por ANDRÉ BRUN

O MOMENTO POLITICO

Ouvindo o velho republicano sr. dr. José de Castro

O jornalista apresenta ao sr. dr. José de Castro os seus cumprimentos, e vá de dar conta de sua missão.

—Tendo v. ex.ª uma autoridade especial, visto que foi um perseguido da ditadura sidonista, pode dizer-nos o que pensa da ditadura que ia saindo do 19 de outubro?

—Não posso ter autoridade especial para falar de uma cousa que considero má. E' já um motivo de suspeição contra mim proprio. Direi comtudo o que penso a respeito de ditadura sem querer lembrar-me das violencias que a minha familia e eu sofremos por ocasião dessa ditadura republicano-monarquica que tanto sangue e tanta lagrima produziu. Isso passou, e nem um laivo de odio ficou na minha alma;

Para mim a ditadura é sempre a violencia, e como tenho como certo que humanamente e até legalmente a toda a violencia corresponde toda a resistencia entendo que tal processo de governar povos traz quasi sempre consigo a guerra civil e a morte do ditador.

Haja vista o que tem acontecido sempre entre nós. Em Roma creavam-se as ditaduras para estabelecer a ordem; entre nós os «ditadores» começam por produzir a desordem dizendo em altos gritos que vão restabelecer a ordem, trazer a abundancia e a paz, todas as felicidades possiveis e imaginarias.

Depois verifica-se que tudo era mentira. Dessas ditaduras só uma coisa fica nas almas reservadas—o odio e o desejo de vingança. Desse 19 de Outubro não saiu a ditadura, não chegou a ter viabilidade; mas precedendo esse verdadeiro aborto, veio o «deus odio» servido não sei ainda porque «sacerdotes» imolar pela forma mais infame no seu imundo altar esses desventurados, para quem a vida foi sempre a honra, a abnegação e o amor á sua patria e á Republica. O «dente de ouro» que passou a ser um simbolo e os seus companheiros, foram decerto «acolitos» daqueles «sacerdotes».

E onde estão esses?

O sr. dr. José de Castro fez uma pausa na sua interessantissima conversa. Então o reporter arriscou uma segunda pergunta.

—Acha v. ex.ª valida a reunião do Congresso? Subsistirá acaso, ainda uma forte razão que leve os parlamentares a não desistirem de uma reunião em Coimbra?

—Não havia a menor duvida de que dadas as circunstancias, que se apresentaram pelo facto de não se terem reunido os colegios eleitorais no dia 11 do corrente, a reunião do Congresso, posterior a essa data, era valida.

Mas tendo havido a constituição do Ministerio Cunha Leal em circunstancias verdadeiramente extraordinarias, em que o seu presidente recebeu a maior abnegação tomando esse encargo; e em que os directorios dos partidos constitucionais se comprometeram com o chefe do governo a aceitar a dissolução do Congresso para poder entrar-se definitivamente na ordem e no regimen da legalidade, entendo que a questão assumiu é um outro aspecto que não podia deixar de ser considerado pelos partidaristas da reunião do Congresso. Agora porem a questão está resolvida: o decreto que dissolveu o parlamento fixando o dia 8 de Janeiro para a reunião dos colegios eleitorais solucionou legalmente essa dificuldade. Ainda bem, porque carecemos de paz, de tranquilidade e de ordem.

—Segundo a opinião de v. ex.ª que sairá das eleições?

—Se houvesse bom senso nos partidos, propondo homens dignos, honestos aos eleitores, se o governo se mantiver imparcial no acto eleitoral, o parlamento corresponderá ao justo anceio do paiz; se pelo contrario os partidos enganando o publico, propozerem agitadores arrivistas e semelhantes, o parlamento será um elemento de desordem e desvergonhamento.

Quer-me parecer porem que os partidos como o governo deverão proceder de forma a produzir um parlamento que bem compreenda a sua alta missão.

A lição que acabam de receber é bem rude.

E' urgente não transigir com a desordem. E' preciso solidificar o regimen para se tratar do problema economico: a tranquilidade politica primeiro, para poder depois haver assiduidade no trabalho e na produção.

O sr. Dr. José de Castro, tinha posto nas suas palavras toda a sua fé de velho republicano, para quem a Republica está muito acima de paixões mesquinhas, e continua a ser o mais belo ideal da sua vida.

Nós que tinhamos de antemão formulado mais uma pergunta, abusamos da sua paciencia e dos seus afazeres de advogado.

E assim prosseguimos:

—Dadas as actuais circunstancias da politica portuguesa, qual será o destino dos partidos?

—A meu ver os partidos constitucionais tendo realisado o seu velho pensamento de se unirem sob um entendimento comum, para poderem levar a cabo a obra de progresso de que carecemos, sem haver constantemente soluções de continuidade, na solução de assuntos que não podem ser adiados, teem deante de si um longo destino. O ponto é que desapareçam as intransigencias, as discussões inuteis, as vaidades e as ambições desmedidas.

Eu tenho muita fé nos destinos da nossa Patria, e em que a Republica, a forma politica da dignidade humana, no dizer de um grande escritor francez, ha-de saber guiar-nos com honra a esses destinos.

Assim tinha falado ao jornalista o politico ilustre que impõe á gente nova desvairada, a lição honesta do seu passado, apontando-nos o caminho a seguir para dignidade de todos nós e salvação da paz.

Despedimo-nos.

O Lactario da freguezia de S. José

e a festa da Familia

Promete ser encantadora a festa que se efectua no proximo domingo 26, nesta benemerita instituição situada na rua Alves Correia, 207 (antiga rua de S. José.

A's 13 horas proceder-se-ha a uma encantadora cerimonia, seguindo-se a distribuição de abafos e premios pecuniarios as protegidas deste Lactario.

Haverá uma sessão solene, em que se dignam assistir as entidades oficiais para isso convidadas.

As educandas dalguns asilos entoarão diversas canções.

Estes actos serão abrilhantados por uma apreciavel orquestra de educandas cegas do Asilo Antonio Feliciano de Castilho.

O edificio estará exposto ao publico das 10 ás 15 horas.

Quando por lapso não recebam convite, ficam por este meio convidados os senhores subscritores e familias a assistirem a estes simpaticos festejos.

Um banquete de homenagem a Cunha Leal e Agatão Lança

Projecta-se para os primeiros dias de janeiro a realisação dum banquete de homenagem ao sr. presidente do Ministerio e ao sr. governador civil de Lisboa. A festa terá lugar, possivelmente, no Avenida-Palace. O numero de inscritos é já consideravel.

Para os pobres d'A CAPITAL

Veiu procurar-nos o sr. Caetano Ferreira Vila, procurador de loterias para nos entregar 15 cautelas de 20 centavos com o n.º 3552, para os nossos pobres. Ao sr. Caetano Ferreira que todos os anos faz identica oferta á «Capital» agradecemos muito reconhecidos a sua oferta.

—Tambem a Farmacia Formosinho nos enviou 6 frascos de Iodónal, excelente tonico para crianças. Agradecemos.

A reforma do Ministerio dos Estrangeiros

O velho funcionario continua a desfiar o rosario de escandalos

Uma carta do sr. Eugenio dos Santos Tavares

...E o velho funcionario prosseguiu:

— A juntar aos contemplados do famoso gabinete tecnico ha ainda um adido de legação, recentemente nomeado, que, na sua qualidade de economista distinto, cujos trabalhos sobre a especialidade são considerados verdadeiros evangelhos, foi, como não podia deixar de ser, guindado ao lugar de Director do Instituto de Expansão Economica, com a categoria de Consul Geral. Nada menos.

Temos agora dois que não pertenciam ao gabinete tecnico mas que devem ser uns grandes tecnicos ignorados até aqui porquanto, desempenhando as funções de empregado da camara de Vizeu, um, e o outro de empregado dos impostos na mesma cidade, foram, em harmonia com a reforma, nomeados Inspectores Tecnicos para, segundo o artigo 244, fiscalisarem o cumprimento do decreto n.º 7783 e proporem ao organismo «a criar» para a boa execução do mesmo decreto, as providencias cuja conveniencia a pratica aconselhar. Estes comprovincianos do sr. Simões apenas vencerão 250 escudos por mez e 25 por cento da receita da cedula de identidade até 5.000 escudos anuais.

Em materia de novas nomeações creio que o já exposto basta para o elucidar. E quanto a promoções já viu tambem alguns exemplos frisantes de desinteresse e de espirito de justiça... Mas nesse campo ha mais factos dignos de serem assinalados. Este, por exemplo: Um secretario em Londres que havia sido promovido á segunda classe em 1919 e á primeira em 1920, foi-o agora a conselheiro de legação. Sobe uma classe cada ano. Como o consul em Madrid, entrou na carreira em 1915, e para os dois serem colocados na actual altura da escala foi necessario saltarem por cima de 30 colegas.

Devo dizer-lhe que o secretario em questão é um funcionario muito distincto. Em todo o caso, não lhe parece que por mais valor que um homem tenha, uma promoção tão rapida excede todos os limites do razoavel?

Mas não se ficou por aqui. Era preciso calar bocas, satisfazer apetites — e deitar poeira nos olhos. Já na secretaria, com a patacoada das expansões que, como está vendo e verá melhor, são tudo quanto ha de menos economico, se tinha arranjado numerosos nichos para apaniguados. Isso, porém, não bastava. Toca, portanto, a aumentar o numero dos consulados. Crearam-se mais 17, sendo cinco gerais, um de primeira classe, trez de segunda e oito de terceira. Entre os primeiros contam-se os de Berlim e Roma que ha tempos haviam sido suprimidos por se ter reconhecido a sua inutilidade, e substituidos por consulados não de carreira, adstrictos ás respectivas legações. Era quanto bastava, desde que existiam os de Hamburgo, Berlim e Genova. Em compensação, não se creou o de Napoles, cuja existencia seria mais logica. Tambem desejaria que me dissessem porque se creou um consulado geral em Alexandria — a não ser para justificar a nomeação de mais um consul geral.

Mas o que positivamente passa das marcas é a creação de um consulado de carreira em Fortaleza, no Ceará — onde raros portuguezes vivem e os nossos interesses comerciais são quasi nulos.

Isto só lembraria não ao Diabo mas aos colossais reformadores do gabinete tecnico.

Toda a gente que conhece estes assuntos sabe que o que temos a fazer no Brazil é reduzir o numero dos consulados de carreira. Ha trez que não teem razão alguma para existir: os de Coritiba, Belo Horisonte e Maranhão. Parece — porque não fala nele — que a nova reforma apenas suprime o primeiro. Mas o reformador, repezo deste acto de violencia, inventou imediatamente o do Ceará, dotando-o com 4.500 escudos para despezas de residencia e 1.200 escudos para material e expediente. A ordem é rica. Por outro lado, restabeleceu-se o de Bangkok que ha pouco tempo tinha sido suprimido. Sempre é mais um lugar e sempre é um meio de se gastarem mais 5.300 escudos.

Foi preciso, é claro, preencher estes novos cargos, e como havia individuos que desejavam postos que outros ocupavam, aproveitou-se a oportunidade para, ao mesmo tempo, se organisar uma grande contradança: mais de vinte consules e secretarios foram duma assentada transferidos, sem o terem solicitado e, o que é mais, sem sequer serem ouvidos—o que constitui um facto inedito no ministerio dos estrangeiros. Quer dizer: só este maravilhoso acto de administração consular custaria ao Estado algumas centenas de contos.

Lembre-se de que são cerca de 40 individuos e suas familias que teem de cruzar o globo em varias direções, que as suas viagens são pagas em ouro e que a cada um deles o erario publico tem de pagar, por lei, como despeza de instalação, um terço dos seus vencimentos anuais, tambem em ouro...

E' por causa deste bodo que existem, eu sei, bastantes funcionarios que se mostram satisfeitos com a reforma. São, primeiro, é claro, os que apanharam grossa fatia. E' o seu dever: manifestarem-se reconhecidos a quem tão prodigo foi com eles. São depois, alguns daqueles cujos vencimentos foram simplesmente aumentados—o que não representou um favor, antes a adopção de uma medida que as circunstancias haviam tornado imperiosa. Mas ha pessoas que julgam dever, por isso, hipotecar a sua admiração por uma obra que elas proprias—as que sabem ler e teem miolos—são as primeiras a reconhecer que é uma borracheira...

(Continuar-se-ha)

Lisboa, 20 de Dezembro de 1921

Sr. Manuel Guimarães, meu prezado e querido amigo:—Peço lhe para publicar no seu jornal a bem da verdade e ainda como esclarecimento ao meu colega deste Ministerio que tão preciosas informações lhe tem prestado sobre a reforma do Ministerio dos Negocios Estrangeiros, que eu não fui promovido a conselheiro de Legação visto que esta categoria é equiparada a de consul geral, função que exerço ha mais de tres anos.

O espirito republicano do seu informador a quem, todos nós, funcionarios deste Ministerio devemos as nossas convicções politicas—que lhes agradeçam as referencias, João Chagas, Teixeira Gomes, Duarte Leite, Alves da Veiga, Mayer Garção, Costa Carneiro, José Soares—faltou não só á verdade como tambem deu um exemplo frisante de falta de espirito critico.

Quasi que ponho o dedo na ferida. Essa critica não é feita por um funcionario superior do Ministerio dos Estrangeiros. Advinho, vagamente, um correio deste Ministerio, prestando informações, criticando, e avaliando das qualidades intelectuais do meu ilustre colega dr. Veiga Simões.

Este correio merece-nos a nós todos o maior respeito pela sua propaganda republicana a dentro das aristocraticas paredes do Ministerio dos Negocios Estrangeiros.—Mande sempre, meu caro Guimarães, no seu amigo e admirador,—Eugenio dos Santos Tavares.

E' com o maior prazer que publicamos a carta do nosso ilustre amigo sr. Eugenio dos Santos Tavares. Quanto á preocupação que o sr. Santos Tavares mostra de conhecer o nosso informador devemos dizer-lhe e unicamente para facilitar as suas investigações que é um velho e dedicado republicano historico, isto é, duma epoca em que a ideia republicana não dispunha ainda da valiosa dedicação e dos magnificos serviços do sr. Eugenio dos Santos Tavares.

Quanto aos serviços prestados pelo sr. Veiga Simões, eles são geralmente conhecidos.

A conferencia do desarmamento

O bom exito das resoluções depende da França

WASHINGTON, 21.—Consta ter o sr. Hughes informado claramente o sr. Briand, que o sucesso ou o mau exito do programa da limitação dos armamentos navais dependerá da atitude da França.—(R.)

A França cria dificuldades?

WASHINGTON, 21.—As congratulações pelo acordo da proporção naval da proposta Hughes entre a Inglaterra, os Estados Unidos e o Japão, foram interrompidas inesperadamente pela França. A delegação franceza apresentou, na ultima sessão, o seu programa naval, reclamando o direito a 350.000 toneladas de barcos capitais e tencionando construir nos dez anos subsequentes até 1925 dez navios de guerra de 35.000 toneladas. A Italia vê com pesar surgir a proposta franceza, declarando comtudo o seu delegado que seguirá o exemplo da França, reclamando direitos iguais.—(Lat. Am.)

A reclamação da França

WASHINGTON, 21.—A apresentação da reclamação naval da França causa apreensões nos Estados Unidos apezar de tanto a Inglaterra como a nação americana nutrirem esperança de que a França não alterará a sua proposta, o que aceitará em homenagem do interesse economico e da boa harmonia, um ratio naval de uma pouco menos de Z. Entretanto, a parte naval da proposta Hughes está em litigio e não se sabe para que lado penderá a balança.—(Lat. Am.)

Migalhas

O momento

Afinal quem tinha razão era o meu primo optimista. Quando ha oito dias andava toda a gente com os cabellos em pé, apregoando uma terrivel revolução em Lisboa, uma sublevação geral da provincia contra a anarquia da capital, ele encolhia os hombros, sorria tranquilamente e afirmava sem desassego:

—Não ha nada.

Falavam-lhe de generais dispostos a aventuras hermidorescas, de levantamentos sovieticos, de mãos dos betidos, de dictadores de trazer por casa, de residentes estrangeiros, de intervenções diplomaticas e ele insistia:

—Não ha nada.

Via para cima de quatro grossos dos intemeratos patriotas tomarem o caminho da fronteira com medo que o tão danado da populaça lhos ﬁlasse nas obras vivas, algum dente de ouro, lia as noticias das gazetas do grande e pequena circulação, todas coligidas de modo a promover a desorientação geral, pois que, em vez de porem corajosamente os homens e os factos no seu verdadeiro logar, apenas tendiam ao seu desejo de conservaram a ambição intacta, a dar importancia a creaturas e a circumstancias que não têm afinal nenhuma e o meu primo optimista não desanimava:

—Não ha nada, verão...

E, se alguem, surpreso com tão singular optimismo, indagava dos fundamentos de tão explendido estado de espirito, ele acrescentava simplesmente:

—No dia proximo em que apareça um homem por detraz do qual os medrosos possam cobrar animo e perante o qual os falsos valentes tenham de tomar uma resolução e uma atitude, tudo isto vai ao seu lugar sem quasi ninguem saber como.

E assim foi ou, por outra, assim vai a bom caminho de ser.

Apareceu trasido pela logica um homem que vale evidentemente bastante por si; mas que vale muito principalmente pelo que representa para o espirito publico. E' a scena de Chanteclair acolhendo debaixo da suas azas o galinheiro assustado pela sombra terrivel do gavião.

A situação aliás clara, claramente exposta aos politicos, formidaveis elementos de desorganisação, um desafio aliás natural, conjusamento lançado a meio canto de desordeiros, minusoula e ilusoria força, e aqui têm a confiança regressando a quasi todos os nervos e a grande maioria dos espiritos. Leiam os jornais de semana passada; leiam os de outem...

No fundo tudo isto é imensamente triste e prova altamente que a nossa maior crise é de homens; mas, se nos não é possivel remediar um mal tão terrivel como esse é, felicitemo-nos de que o meu primo optimista tivesse razão e façamos votos para que o homem que nos dirige—ha quantos seculos nós acabamos sempre por ser dirigidos por um homem!—conserve a serenidade de espirito de que tem dado provas nas suas primeiras horas de governo. Continue a falar claro. Não precisa de dizer coisas transcendentes. O que tem a fazer para resolver os problemas mais urgentes é simples, como simples são esses problemas de simples arithmetica e em que não ha incognitas. Faça-o. Terá o aplauso unanime de todos os medrosos que tremiam a semana passada; terá tambem o apoio, talvez menos interessado, mas mais interessante, dos que não teem, pela simples rasão que nada deviam, muito antes pelo contrario.

ANDRÉ BRUN.

Factos e palavras

...DE UM ESPECTACULO

Coimbra ás nove horas da noite enchea-se de nevoeiro.

A Academia, fugida para férias, não enche de bulicio as ruas da cidade. São raros os transeuntes... Coimbra adormeceu.

Apenas na Avenida iluminada, como grande nota de animação, o teatro enche-se, lindas raparigas não desmentindo a graça tradicional, homens, imensos homens, e uma onda negra, curiosa, de capas.

E' a despedida da Companhia Robles-Rey Colaço. Sete espectaculos de apoteose, fechando com chave de ouro: «Os Seductores» de Vasco Mendonça Alves.

Maria Judice da Costa aparece pela primeira vez nos palcos de Coimbra.

Ha no ambiente uma certa agitação. O pano sobe. Amelia Rey Colaço, uma papel todo feito de crispações e nervos ergue o seu talento e arrebata a platéa. Uma grande ovação, quente, carinhosa, viverá de certo na sua memoria de Artista que ainda agora começa a viver. Deve ser curioso assistir ao desenrolar do futuro de Rey Colaço. Quantas noites de emoção a sua Arte nos poderá fazer viver...

Maria Judice teve no ultimo acto uma tirada que se pode chamar magistral. E' um exame com distinção. Diz maravilhosamente.

A peça, peça moderna feita de conjuntos, teve uma bela interpretação.

E assim o compreendeu o publico de Coimbra que os ovacionou calorosamente, numa brilhante apoteose.

A Companhia seguiu no outro dia para o Porto; na estação capas e fitas acenavam.

E sobre este espectaculo a que eu assisti, sem o esperar, num teatro interessante do velho burgo de Coimbra, tão cheio de tradições de belezas artisticas duas considerações me perpassam no espirito.

A Companhia Robles-Rey Colaço é a companhia portugueza que, possuindo um conjunto absolutamente harmonico, com expoentes maximos no seu elenco, está mais habilitada a poder-nos dar espectaculos de verdadeira Arte.

Isto não quere dizer que não haja valores reais nos outros palcos. Apenas que quero frisar que as peças de hoje sendo feitas de conjunto não se podem representar com exito apenas atirando ao publico com as primeiras figuras.

Assim o compreendem e muito bem Robles Monteiro ao organisar a sua companhia. Por isso os seus espectaculos nos oferecem uma garantia de conjunto a que não estamos habituados.

Ora o facto desta companhia ter surgido em Coimbra é verdadeiramente louvavel.

Coimbra pelo papel que representa na nacionalidade portugueza, pelo grão elevado da sua mentalidade, merece apreciar que de vez em quando as melhores companhias acordem os seus teatros.

O triunfo de Robles-Rey Colaço foi completo.

E... como não é apenas com ovações que as companhias vivem... foi absoluto em todos os sentidos.

BOTTO DE CARVALHO

✦✦✦

As tribus independentes dos arquipelagos das Filipinas, os negritos e os selvagens que vivem nas ilhas do pacifico, longe dos costas, aterrados pela emigração europeia, preferem a nudez, são, em verdade, curiosos. Na ilha de Luçon existe uma variedade deles, singular pelo tipo, pelos habitos e pelos costumes.

Estes negros distinguem-se pela pequenez do seu talhe, e ficaram sendo numerosos na ilha de Bongas desde que os espanhois ai se instalaram no seculo XVI, tomando a ilha o nome de Ilha dos Negros, como ainda hoje é conhecida. Uma raça de homens pequeninos existiu no tempo d'Homero. Não fala ele dela no terceiro canto da «Iliada». Ctésias, Herodoto, Aristote, Plinio falam dos pigmeus. Seriam estes os antecessores dos negritos?

O negrito—contra um sabio etnografo—tem o corpo dum menino; pelotaras desenvolvidos, largas espaduas e pernas e braços bem talhados e formados de carne, lembrando os cherubins de Rafael que se veem na egreja da Paz, em Roma. Os cabelos são macios; os labios são grossos, mas os dentes são de alvura espelhante; os olhos negros são bem rasgados e doces. A sua inteligencia é viva; quando querem aprender linguas, ninguem os vence; ao fim de um ano falam inglez, francez, espanhol...

Tues são os negritos. Seriam seus antecessores os Pigmeus? Teem a palavra os etnologos.

✦✦✦

O frio, um frio cortante de provocar sorvetes dentro das veias, cai impiedosamente sobre Lisboa.

E' lamentavel que a Camara Municipal não mande aquecer por qualquer processo as ruas da cidade.

A exposição de Belas Artes

Eles e Elas—Os ultimos—Coisas para se vêr

-§- -§- -§- —O que me parece -§- -§- -§-

Abriu hoje no Palacio das Belas Artes á rua Barata Salgueiro uma exposição de aguarela, de desenhos e de aguas-fortes. Firmam-a alguns dos nomes mais curiosos e mais moços da arte portugueza de hoje: Helena e Rachel Gameiro, Maria de Lourdes Braamcamp, Leitão de Barros, Martins Barata, Varela Aldemira, Jorge Barradas.

Ha outros ainda, na exposição, mas esses ficarão para depois, para o fim —sem se supor entretanto que na minha cronica, como no evangelho os ultimos são os primeiros. Podiam-se aceitar tres criterios diferentes na apreciação dos moços pintores, tao moços que alguns deles chegam a ser ingenuos na sua arte.

O criterio das medalhas, o orientação do catalogo—ou a ordem alfabetica do nome dos pintores.

Não seguiremos o criterio das medalhas—porque toda a medalha tem o seu reverso. Não seguiremos ainda a orientação do catalogo porque o catalogo começa logo por Columbano—que não teve tempo decerto de mandar as Belas Artes a sua «Casa de Jantar». Por exclusão de partes seguiremos a ordem alfabetica do nome dos pintores. Entretanto nao pe permitir que eu abra uma excepção para as pintoras—a quem numa reverencia de fidalgo velho e de pagem moço tenho o prazer em lhes beijar a mão.

Comecemos por Helena Roque Gameiro. E' uma afirmação. E' a grande promessa duma grande artista. Helena Gameiro nasceu pintora—como pintora nasceu Rachel Gameiro. A descendencia de Roque Gameiro continua gloriosamente, pelos seus filhos. Não é um caso excessivamente raro mas é sempre incontestavelmente curioso, o caso destas verdadeiras estirpes de Jupiter cuja costela de oiro é o talento. Helena Gameiro tem quadros curiosos.—«A dama do vestido de cassa» (23). «A jarra azul» (5), «Rosas brancas» (7). A seguir vem Maria de Lourdes Braancamp. Tem a impressão de que a sua larga dispersão artistica (pasteis, aguarelas, china, carvão, cobre) a prejudica um pouco. Pinta de mais. Fatiga-se de mais—e alguns dos seus trabalhos expostos revelam bem a fadiga dos seus sentidos. As duas «Raparigas do campo» (27 e 28) são interessantes. Dignos de ver-se. Em compensação «Ceu de trovoada» (33) pode examinar-se de traz para diante, do baixo para cima que se lhe não nota diferença alguma. Nos desenhos a carvão merece olhar-se com olhos de ver «Cabeças dramaticas» «Reclames para viagens a um logar pitoresco» (55). Seguimos de viagem e encontramos um esplendido logar pitoresco—os quadros de Rachel Ottolini. Excelentes. «Na praia» (60) é uma pequenina obra prima. As suas aguarelas revelam todos que Rachel Ottolini desenha maravilhosamente com uma nitidez, uma firmeza, uma firmeza de traço verdadeiramente model res. Muito bem.

Dos pintores por ordem alfabetica: primeiro Eduardo Leite. Nada de novo. Segue Fernando Santos duas «voinie sêche» e duas aguas-fortes. Pinta mulheres todas elas, coitadas, com cara de dores de dentes. As aguas-fortes parecem-me feitissimas. Gabriel Constante. Tem uma «Poças de Agua» (150) e um «Trecho do Tejo» (156) que vistos com olho de vêr a Deus, passam. Um quasi nada inconstante nos outros quadros. Jorge Barrato. Muito bem. Tem nestes seus quadros expostos uma grande afirmação artistica. «O Faustino» (99) é uma maravilha de processos. Impressionamos. E' um rapaz de grande futuro—sem ser, é claro, futurista. João Hermano Baptista. Uma «Rua dos Bacalhoeiros» (162) que pertence ao senhor Constant Junior e que é, por acaso, uma das granhas do catalogo. Jorge Barradas. Muito bem. Os «Homens do mar» (67) e explendido. Afinal todos os seus quadros estão cheios de interesse e de curiosidade. Varela Aldemira. Curioso. As «Uvas» (131) estão um pouco verdes—para o rapsa. Os dois retratos (142 e 143) muito bons. Goste Paulino Pontes. Algumas cois do merecimento. Trabalhador. «Miragens-nevoeiro» (113) impressiona. «O diabo é o «Arco da Fortaleza», em Peniche» (109). Visto de longo parece uma caveira a surgir das ondas. Leitão de Barros. Posta tar-lhe chamado logo José. Mas prefiri deixá-lo para ultimo. Precisamos de conversar. Leitão de Barros é um grande temperamento de pintor. Tenho-o dito muitas vezes. Tenho-o pensado quasi sempre. Leitão de Barros—ainda hontem disse a alguem—teve ser apenas pintor ou de sera incontestavelmente ainunia alma-galeria. Os seus quadros são muito interessantes. «A Ceia dos Cardeais» é um encanto. Do resto todos os seus trabalhos, designadamente «Queluz» (86); Sevilha (95); Sala encarnada (97); revelam bem os seus qualidades excuberantes. Mas Leitão de Barros deve ser só pintor. E' alguem que o adminra que me pode—um nome dos seus triunfos.

Desceu o pano; a critica que ahi fica (se critica se lhe deve chamar) são as minhas impressões. Falsas? Erradas? Não sei. São as minhas. E como tal faço votos—muito antes das «Lições»—para que os pintores bons me não deixem por medirosos e os outros os maus me consigam desmentir...

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

Os massacres e as investigações

Segundo noticia publicada nos jornais da manhã, o sr. dr. Barbosa Viana, director da P. S. E., deu de mão ás investigações sobre os crimes da noite tragica, tornando agora conta delas o sr. dr. Alexandrino de Albuquerque. «A Manhã» esclarece, mais pormenorisadamente, que a mutação foi motivada porque o sr. Barbosa Viana entendia que as investigações estavam findas, enquanto que os representantes das familias das victimas instavam pela detenção de mais individuos, sobre os quais, parece, recahiram suspeitas fundamentadas de terem concorrido para os massacres. As investigações vão, pois, prseguir, sob a direção superior do dr. Alexandrino de Albuquerque, amigo do infortunado fundador da Republica e conservando, com religiosidade, a veneração pela memoria do martir.

O nosso ponto de vista é só um: queremos luz completa. Pouco se nos dá que o investigador seja este ou aquele, contanto que todos os criminosos, os que mataram e os que se propunham matar, não deixem de sofrer as sanções legais. Encarregue-se, agora, da missão investigadora o sr. Alexandrino de Albuquerque. Está muito bem. E nós só nesta fazemos votos para que a sua energia jámais desfaleça.

Todas as noticias das investigações a que presidia o sr. Barbosa Viana falavam em «camionette fantasma». Parece que a policia não viu senão uma. E é isso que, para nós, se torna incompreensivel.

Efectivamente, houve crimes consumados e crimes frustrados. O exgovernador civil de Lisboa, sr. Lelo Portela, foi procurado na propria residencia e em casa de um amigo. Para que?

Naturalmente para lhe darem a mesma barbara morte com que martirisaram o desgraçado Antonio Granjo.

O sr. Fausto de Figueiredo tambem foi alvo da sanha dos assassinos, devendo a vida a um providencial aviso.

O sr. Tamagnini Barbosa, encontrado fóra de Lisboa, escapou, por acaso e por sorte, a uma morte horrorosa.

O sr. Alfredo da Silva foi ferido a tiro em Lisboa, muitas dezenas de leguas distante de Lisboa.

E disse, não sabemos se com fundamento, que escaparam, pela fuga ou pelo homisio, ao massacre, outros homens notaveis, como os srs. Antonio Maria da Silva, Alvaro de Castro, Sá Cardoso, Hermano de Medeiros, Bernardino Machado, Barros Queiroz, etc.

E não falamos no proprio Chefe do Estado...

Então, perguntamos nós: tudo isto e o mais que se não cita mas que é do dominio publico, foi praticado pela dezena de individuos que tripulavam a «camionete fantasma»? Não, manifestamente. E, nas investigações a que procedeu o sr. Barbosa Viana, nenhuns indicios foram colhidos para se estabelecer a identidade dos restantes mossecrudores? Eis o que o sr. dr. Alexandrino de Albuquerque vai averiguar, não tardando que ele diga ao publico, se já efectuou ou vai efectuar outras prisões, destruindo duma vez para sempre os antros onde se ocultam ou albergam todos ou parte dos criminosos da noite tragica.

Uma circunstancia despertou a nossa atenção. E' vem a ser que, aos interrogatorios a que procedeu o sr. Barbosa Viana, assistiram representantes das familias dos infelizes trucidados. Ora se essas pessoas dizem que as investigações não estão completas, é porque só encontraram vestigios denunciadores da acção criminosa doutros individuos além dos que já estão presos. Isto é deduzido com a mais perfeita logica.

Por outro lado, o sr. Cunha Leal referiu-se ao espancamento de testemunhas. Disse-o no discurso que proferiu quando tomou posse. Tal afirmação, feita em ocasião solene pelo Chefe do Poder executivo, merece ser meditada, se a conjugar-mos com a substituição recente do director da P. S. E.

Confiamos em que o sr. dr. Alexandrino de Albuquerque não interromperá, a meio do caminho, a tarefa que se impoz. E, se o fizer ou fôr forçado a fazê-lo dirá ao publico, com certeza, as razões imperiosas, tão imperiosas como fatais, da sua atitude. Talvez que, nesse caso, nos convençamos da impotencia do Estado para castigar determinados criminosos. E, se assim acontecer, só emigrando...

ULTIMA HORA

Agatão Lança

assumiu hoje a Chefia do districto de Lisboa

Realisou-se hoje, ás 16 horas, conforme foi noticiado nos jornais da manhã, o acto de posse do novo Governador Civil de Lisboa, o sr. Agatão Lança.

O acto foi excepcionalmente concorrido, não só de politicos em evidencia como, principalmente, de velhos republicanos e de amigos pessoais do jovem magistrado. Foram proferidos discursos de saudação, todos eles impregnados dum elevado espirito republicano e patriotico.

Na transmissão dos poderes, o sr. Falcão Ribeiro disse algumas palavras, desejando ao seu sucessor um governo feliz, como é mister na hora dificil que se está atravessando.

O sr. Cunha Leal, chefe do governo, proferiu uma longa e eloquente oração.

Principiou por afirmar que uma das horas mais felizes da sua vida publica foi aquela em que convidou para chefiar o districto de Lisboa o bravo campião da Republica, tenente Agatão Lança; afirma o proposito bom do governo em esclarecer completamente os tenebrosos crimes da noite tragica, entregando os tortores nos tribunais criminais para eles decidirem da sua sorte; não ocultou, antes pelo contrario, a necessidade de sanear o governo civil, por forma a que jámais se possam, nos corredores do edificio, espancar testemunhas, e terminou por entre os mais significativos aplausos, por declarar que se os esforços do que presentemente governam resultarem inuteis, será mais por falta de coragem dos outros que dos governantes.

A união de todos os republicanos de caracter deve, pois, fazer-se em torno do governo, que quer a ordem e a legalidade mantida mesmo que não seja essa a vontade dos desordeiros de oficio e beneficio.

O discurso do sr. Cunha Leal foi por vezes, interrompido por aplausos vehementes e sublinhado, no final, com calorosas aclamações á Patria e á Republica.

Seguiu-se, no uso da palavra, o sr. Antonio Maria da Silva, que esta principiando o seu discurso no momento em que nos vemos forçados a fechar estas notas.

Um incidente

Como quer que o sr. Cunha Leal tivesse feito uma referencia a espancamentos no governo civil, o sr. Falcão Ribeiro quiz esclarecer, afirmando ter-se produzido, apenas, uma questão entre duas mulheres, que ele testemunha...

O sr. Cunha Leal interrompeu:

—Não foi assim.

O sr. Falcão Ribeiro quis insistir. O sr. Cunha Leal encerrou o arrasoado, assim:

—Não quero continuar o dialogo com v. ex.ª.

O incidente ficou imediatamente encerrado.

Um grande acontecimento artistico

E' positivamente um verdadeiro sucesso musical o programa do belo concerto de domingo da «Orquestra Sinfonica Portugueza», dirigido pelo maestro Pedro Blanch no São Luiz. Nunca em Portugal se executou uma composição sinfonica do celebre compositor russo Rachmaninoff; essa gloria cabe á orquestra Blanch, que nos vai fazer ouvir a notavel «sinfonia em mi menor», daquele grande auctor e que ocupa toda a 2.ª parte, executando-se tambem pela unica vez, esta epoca, a brilhante «Cavalgada das Walkyrias» e o «Cortejo funebre de Siegfried», do «Crepusculo dos Deuses», de Wagner e a encantadora «suite» de «Peer Cynt». Um colossal programa que está despertando grande entusiasmo.

PELO TELEGRAFO

A conferencia entre Lloyd George e Briand

Aclarando mal entendidos

LONDRES, 21.—Foi declarado semi-oficialmente que a conferencia entre os srs. Lloyd George e Briand tem por fim aclarar certos mal entendidos, em especial, do que chegar a um acordo formal. A realisação de quaisquer acordos deverá ficar a cargo do Supremo Conselho.

O «Evening Standard» diz que o sr. Lloyd George tem o plano de criar uma aliança defensiva entre a França a Inglaterra, a Alemanha e eventualmente a Italia, visto estar convencido de que a Inglaterra e a França não devem pedir á America mais do que ela lhes possa dar, e por consequencia deverão liquidar entre si as dificuldades europeias.

O «London Chronicle» diz que o sr. Lloyd George lamentou que o estabelecimento de relações entre a França e a Inglaterra não tenha ainda atingido o resultado que se desejava. Declarou também que o Gabinete de Wirth não deverá ser derrubado pelos pedidos dos aliados, pois que ele e o Gabinete Alemão mais solido e de mais confiança que até agora a Europa tem encontrado. Se ele fôr forçado a pedir a demissão, será substituido por outro Governo menos satisfatorio para os Aliados. Refere ainda o mesmo jornal haver a prospectiva duma conferencia dos Aliados em principio de Janeiro.

Segundo o «Journal des debates» escreve que se Lloyd George inclue no seu plano um acordo anglo-francez para a revisão do Tratado de Versailles, é provavel que o sr. Briand não o aceite. Diz que em tal caso a França deverá declarar categoricamente que não deseja fazer parte de qualquer conferencia que tenha por fim, directa ou indirectamente, a revisão desse tratado.—(R.)

As opiniões da imprensa

LONDRES, 21.—O grande interesse que está sendo despertado pelas conferencias entre os srs. Lloyd George e Briand, é indicado pelos artigos tanto da imprensa ingleza como da imprensa franceza, em que se apreciam os diversos assuntos que se julga ali serão ventilados.

Segundo diversos correspondentes ainda não entrou em discussão qualquer assunto de interesse politico. Os melhores informados, declaram contudo, que por enquanto a actividade dos dois ministros se tem dedicado exclusivamente ao exame do problema das reparações e á apreciação dos relatorios que sobre assuntos tecnicos lhes foram submetidos.

Em todo o caso considera-se que o encontro dos srs. Lloyd George e Briand tem em vista uma troca de impressões; que, se espera, facilitará os trabalhos da proxima reunião do Conselho Supremo.—(R.)

A Irlanda vitoriosa

Continua a discussão no Parlamento

DUBLIN, 21.—Continuam os debates, nas sessões publicas do «Dail Eireann», sobre o acordo anglo-irlandez.

Enquanto uma parte da assembleia se inclina a favor da sua ratificação, declarando-se absolutamente satisfeita com a completa liberdade assegurada á Irlanda por esse acordo, a outra parte, que deseja que ele seja rejeitado, insiste pela denunciação do que considera ser um tratado de rendição.

De Valera notificou á assembleia a sua intenção de apresentar diversas propostas quando a ratificação do tratado for posta á votação.—(R.)

O parlamento inglez prorogado até 31 de Janeiro

LONDRES, 21.—O parlamento inglez foi prorogado até 31 de janeiro.

A ratificação do tratado de paz com a Irlanda continua a ser discutida pelo «Dail Eareann». Griffith defendeu, calorosamente a ratificação, afirmando que o tratado protege em absoluto os interesses irlandezes.

Disse, num discurso, que todo o homem honrado deve apoiar o tratado, e acrescentou que não se pediu o reconhecimento de uma republica irlandeza em Londres, porque todos sabiam dantemão qual seria a resposta.

Valera atacou com violencia o tratado.

Chegou a Dublin a celebre agitadora irlandeza, a condessa Markewitz, para assumir o posto de secretaria do Dail Eareann.—(Lat. Am.)

No parlamento britanico foi aprovada a proposta

LONDRES, 21.—As emendas propostas contra o tratado entre a Irlanda e a Inglaterra foram discutidas e reprovadas por uma grande maioria nas duas camaras.

Na camara dos lords houve 166 votos a favor e 47 contra e a maioria de 119 e na camara dos comuns 401 a favor e 58 contra, dando uma maioria total de 343 votos.—(Lat. Am.)

TEATRO

Nota do dia

Apesar de algo doente e sobretudo essencialmente aborrecido, não quero deixar de, embora o assunto tenha já cabelos brancos, marcar ainda, para que nos entendamos, qual foi a minha atitude perante a serie de senas ridiculas a que deu logar a representação do Politeama.

Eu reprovei sinceramente um entusiasmo, que ficando muito bem como solidariedade academica, não era a expressão justa como critica nem representava a atitude dum espectador comovido ou apaixonado perante uma obra de teatro...

Segundo mesmo um testemunho insuspeito que li n'«A Capital», «Tito Arantes (o autor) era um simbolo, havia o «dever» de o aplaudir».

Quiz eu ver uma justificação politica nas posições opostas que tomaram as plateias da «Maria Isabel» e dos «Emigrantes». Dizem-me que não é assim. Que foram estudantes republicanos que aplaudiram o ultimo original. Mas tanto melhor. Fui eu o primeiro a considerar absurda a intervenção politica em materia de arte teatral.

O desmentido que pessoalmente fez um estudante de direito na «Capital», só me causa alegria.

De tudo porem fica um facto.

Porque se pateou ás primeiras scenas da «Maria Isabel»?

Será o sr. Americo Durão nessa altura tambem um simbolo?

E' de crer que sim.

Ahi está talvez o maior perigo de fazer simbolos dos autores dramaticos.

No entanto, confessemos, que antes se aplauda veementemente, com chamadas, com palmas, com socos e com ameaças, do que se ataque quem apresenta o esforço honesto de muito tempo.

Conheci durante muito tempo a solidariedade academica.

Tambem andei pelas escolas Superiores e tambem delas sai com um curso, bom ou mau, mas completo. Entendo porém que ela vive nas escolas e não deve sair delas.

Num teatro publico, em que se paga e se cobram direitos de autor, por muito que isso nos pése, entra se franca mente na vida, na grande vida, cheia de emoções, de tristesas, de represalias, de degladiações.

Ai todos somos julgados em valor absoluto, e a unica justiça possivel é julgar com imparcialidade, com nobresa e com consciencia.

Se porém a politica não interveio tanto melhor, sou o primeiro a felicitar-me.

O HOMEM QUE PASSA

Noticiario

Portugal

—Sabemos que a nossa ilustre colaboradora D. Maria Judice da Costa que debutou ontem no Porto na peça «Seductora», foi calorosamente ovacionada sobretudo numa das scenas mais importantes do 4.º acto.

A companhia do teatro Politeama parte em abril para o Brasil.

—A ordem das peças a representar no Politeama é a seguinte: ensaia-se a Zizi, segue, «A cilaya madame do Barba Azul» Filho do velado, «Amour quand tu nous tiens», A empresa aceitou uma peça do critico co «Jornal do Comercio e das Colonias» sr. Mayo Bonanca.

—A peça do dr. Sousa Costa «em virtude do falecimento do pai deste ilustre escritor só vai á scena na proxima sexta-feira.

—Podemos dar hoje o titulo dos quadros da revista em dois actos «Frou-Frou».

«1.º acto»—1.º quadro—Lisboa film; 2.º Chiado ás cinco; 3.º Museu de arte antiga; 4.º Museu de arte novo; 5.º Monumental Pagóde Club.

«2.º acto»—1.º O almocreve das petas; 2.º Figuinhos de capa rota; 3.º Senhor dos passos... perdidos; 4.º Amor, vinho e mulheres.

—Está marcado o dia 27 para estreia da revista «E' o levas...» no teatro Apolo.

AGENDA DA SEMANA

6.ª feira—«O Toureador», opereta em tres actos, no «Teatro Avenida», companhia Satanela-Amarante.

—No teatro Nacional, «premiére» da peça em trez actos de Sousa Costa «Fr. Satanaz.»

SPORT

A fórma do atleta

Diz-se que o atleta está em forma, quando mercê dum treino inteligente, consegue fazer o maximo, isto é, estar apto a poder renovar os seus records.

Conforme os sports varia o treino, e no mesmo sport é preciso levar em linha de conta as qualidades fisicas a «endurance», o espirito combativo, etc.

Tem sido e será o grande erro de muitos homens de sport, tomarem como base as indicações dos metodos de treino sem olharem primeiro para a sua constituição.

O que um precisa de tempo, de trabalho intenso, e até de alimentação, para conseguir ficar em plena acção, pode ser totalmente diferente para outro.

E' esse o motivo porque individuos aliás bem dotados fisicamente, não conseguem tornar-se homens de classe, ao passo que outros, de constituição menos robusta, atingem progressos superiores.

Os sports de velocidade e os sports de força lenta, completamente diferentes entre si, precisam de treinos diferentes.

Entre nós, grande numero de aspirantes-campiões, tentam praticar indistintamente ambos os generos, não conseguem especialisar-se, e ainda se admiram de não passarem duma mediania vulgar.

Conselhos não os consentem, lições não as tomam, os professores são entes inuteis.

E lá vão vivendo, sem nunca passarem da cepa torta...

RUY DA CUNHA

Aviação

O aviador inglez Ames, pilotando um biplano, bateu o «record» do mundo em velocidade, percorrendo mais de 341 quilometros á hora.

Box

O decantado «match» entre Carpentier, e o negro Siki, está mais do que nunca em foco, pois a desculpa, de que Siki não é adversario para o campeão da Europa, vai de encontro, ao «match» com Cook, que não é superior ao negro. O que é mais curioso, é a direção do Boxing Club de França, estar disposta a organisar o desafio Cook Siki.

Só o negro ganhar, Carpentier fica em má situação.

Esgrima

E' a 30 de janeiro e no Circo de Paris, que terá lugar o assalto ao florete a 20 toques, entre Gaudin, francez e Aldo Nadi italiano.

Pesos e alteres

Vassem o atleta francez que nos visitou ha pouco, vai encontrar-se com Cadine, o campeão olympico, num «match» com quatorze movimentos diferentes.

NOTICIARIO

FOOT-BALL

O UNION DE PRAGA EM LISBOA

As direcções dos nossos clubs de foot ball, estão preparando uma recepção a fazer ao celebre «team» de foot-ball Union de Praga que deverá chegar a Lisboa no dia 23 deste mez.

Os grupos portuguezes, Casa Pia, Sporting e Bemfica conseguiram impôr-se aos Tcheco-Slovacos?

O «Union» é dos melhores grupos do seu paiz, onde abundam as «équipes» de valor, e individualmente o valor dos seus homens é tal que, dos onze, nove teem sido selecionados varias vezes para representar Praga ou a Tcheco-Slovoquia em «matches» internacionais.

O «meia-esquerda», Dvoracek, foi ainda ultimamente escolhido para jogar contra a Suecia, distinguindo-se no decorrer do encontro, e vem acompanhado da fama de terrivel fabricante de «goals».

O «Union», este ano segundo classificado do campeonato nacional, apenas foi batido na epoca passada pelo celeberrimo «Sparta», por 2-0, vencendo todos os outros adversarios e alcançando mesmo um empate 2-2 com aquele mesmo grupo.

Os desafios realisar-se-hão a 25, 26 e 31 deste mez, 1 e 2 de janeiro, no campo do Sporting Club de Portugal.

Os socios do Sporting Club teem entrada de peão, mediante a apresentação da quota de dezembro. Os socios do Bemfica e Casa Pia teem egualmente entrada de peão, mas apenas nos dias em que os seus clubs jogaem.

Em todos os desafios o director de serviço, tratando dos assuntos respeitantes aos jogos, é o sr. Ivo Torres de Sousa.

CRONICA LITERARIA

ANTIQUALHAS HISTORICAS

por **Ladislau Batalha**

Antagonismos profissionais

Um auto da Fé nos fins do seculo XVI — A cavalgada preparatoria dos Inquisidores — O fabrico de tribunas, estrados e palanques — Predispondo os penitentes — O cortejo dos Grandes e o povoleu

Para complemento da obra nefasta da bestificação de um povo, não faltou entre nós um terceiro espectaculo muito mais obcecante do que os já aludidos:—os Autos da Fé.

Não eram estes tão frequentes como as exibições sagradas ou os castigos profanos.

Quando, porém, chegavam a realisar-se por motivo de casamento de Rei, nascimento de Infante ou outras comemorações solenes, davam brado pelo cinismo com que as maiores crueldades se praticavam em publica é provocadora ostentação.

A estranha pragmatica mais valorisada era pelo repique dos sinos e pelos sermões altisonantes escutados por todos os altos dignitarios do Reino e da Igreja, e ás vezes pelo proprio Rei, emquanto se iam ateando as fogueiras onde os supostos criminosos deriam de espernear em pinchos de dor e estorcegões de sofrimento.

Os Autos da Fé eram obra do Santo Oficio, que mandava baixar ás Justiças Seculares os condenados que tinham de sofrer pena Maior ou morte natural.

Na sentença proferida em 1761 contra o Padre Malagrida, acusado de delictos e abusos varios, ainda se leram as seguintes expressões de cinismo:

—«Mandão que seja deposto e actualmente degradado das suas Ordens, segundo a disposição e forma dos Sagrados Canones, e relaxado depois com mordaça e carocha com rótulo de Heresiarca, á Justiça Secular, a quem pedem com muita instancia se haja com elle Réo benigna e piedosamente, e não proceda a pena de morte nem a efusão de sangue.»

Os autos foram conclusos á Relação que, no seu acordão, interpretou a sentença pela seguinte forma:

—«o condemnão a que, com baraço e pregão seja levado pelas Ruas publicas d'esta Cidade até á Praça do Rocio, e que nella morra morte natural de garrote; e que, depois de morto, seja seu corpo queimado, e reduzido a pó, e cinza, para que delle e de sua sepultura não haja memoria alguma, o pague os Autos.»

Pelos termos de rigor e odio em que esta sentença e acordão foram redigidos a mais de meado do seculo XVIII, será licito conjecturar até onde chegaria o cinismo e crueldade da Inquisição dois seculos antes, no momento em que ela imperava incontestada sobre o clero, a nobresa e o povo.

Um mez antes de se realisar alguma dessas procissões infernais que a historia registra com o nome odioso de Autos da Fé, sahiam garbosos a publico em lustrosa cavalgada os Inquisidores, Ministros do Tribunal e mais funcionarios a anunciar por meio de pregões grandiloquos a proxima matança e queima dos hereges.

Soavam as tubas, rufavam os atabales, e a turba-multa corria de todos os lados, pressurosa e ávida de noticias e sensações, a escutar a voz ruidosa dos pregoeiros, em quanto os cavalos dos Inquisidores caracoleavam irrequietos e soberbos dos seus arrogantes cavaleiros.

Era este o prenuncio de uma cruel hecatombe prestes a executar-se em logar bem publico, ás vezes com tribuna real e palanques para os privilegiados.

Um mez depois realisava-se o lugubre sahimento! Até lá, havia no povo uma espectativa repassada de curiosidade, medo e terror. Em poucos pairaria o regosijo.

Fosse como fosse, ninguem, ousava em publico, nem sequer entre amigos fazer a menor referencia de censura ou de louvor ao funebre cortejo. Nem mesmo aos parentes dos presumidos supliciados era licito dar o menor indicio de queixume ou indignação.

As devassas, as inquirições, as falsas e as verdadeiras denuncias, tudo impendia como terrivel ameaça sobre aqueles que ainda estivam livres, mal sabendo se dentro de alguns instantes seriam preza dos esbirros que os lançariam nas masmorras acanhadas, insalubres e mortiferas da Santa Inquisição, acusados de judeus, hereges ou feiticeiros.

O mez que mediava entre o pregão publico ao qual já nos referimos e o dia da execução geral, passava-se em obras e preparativos.

O Cadafalso da Ribeira era em Lisboa o logar adequado; mas em outras praças publicas se fizeram tambem estas celebrações.

A faina era grande durante esse mez, com o levantar de estrados e tribunas destinadas aos membros do Tribunal eclesiastico da Diocese, aos Juizes, Inquisidores, Fidalgos e mais pessoal integrado na celebração.

Tambem se armavam palanques para o povo cuja presença a estes actos se considerava conveniente.

Fazia-se um docél para o Inquisidor Geral, um tablado mais pequeno para os ledores e um pulpito para o prégador. Quando o Rei prometia assistir, preparava-se-lhe um trono riquissimo de estofos, mas sempre menos alto do que o docél do Inquisidor.

Tudo isto se passava quasi a sós entre os artifices e os interessados, porque os curiosos eram poucos, com receio de serem denunciados por anónimos, visto que, durante a instrução dos processos, aos supostos reus nunca era dado conhecer os seus denunciantes nem as testemunhas acusadoras.

Com os preparativos externos coincidiam os internos.

Fidalgos, Inquisidores, Familiares, Deputados da Inquisição, todos se entregavam á tarefa de brunir e renovar os seus trajos, fardas e roupetas, emquanto os supostos condenados agonisavam nas masmorras, na espectativa tenebrosa de morrer queimados ou garrotados.

E tinham de disfarçar a dor, por não agravar a situação, visto que, noite e dia, ao lado de cada penitente permanecium dois frades de crucifixo erguido aos Céus e livro de Horas na mão, a ouvil-os de confessionario e a apontar-lhes o caminho da bemaventurança.

Chegado o dia fatal, das seis ás seis e meia da manhã, com grande Cruxifixo á frente, sahia da Igreja da Misericordia o cortejo dos Grandes, entestado pelo pendão da mesma que seis irmãos da Confraria, empunhando tochas, rodeavam a formar a abertura do séquito onde a cleresia e muita «gente honrada» se encorporava a modos de procissão.

Atravessavam as ruas de Lisboa entoando Psalmos e dirigiam-se ao logar destinado ao Auto da Fé, onde os aguardavam, acaso já sentados nos logares que a pragmatica lhes atribuia, os Familiares, Deputados, Inquisidores, ledores de sentenças, escrivães, o Provisor com a Relação do Arcebispo e outras entidades, todos com as suas vestes talares, os seus distinctivos, as suas togas e capas ornadas de cruzes brancas e negras bordadas a fio de oiro.

Lá bem no alto, junto ao docél onde o Inquisidor Geral tomava assento, estadiava, soberbo e arrogante, desfraldado ao vento o estandarte vermelho da Inquisição, franjado, tendo a um lado, urdidos a oiro, como simbolos de força e gloria, uma espada e uma coroa de louro.

Uma centena de carvoeiros com as suas hachas e piques iam entretanto serrando e partindo os toros e dispondo-os em tantos queimadeiros, quantos eram os presumidos condenados ao fogo.

Dos arredores e de todos os recantos da cidade corria o povoleu em chusma a amontoar-se nos palanques onde se acomodava, e a encarrapitar-se no espinhaço e beirais dos telhados mouriscos ou á embocadura dos vielos e betesgas circumjacentes.

(Continúa ámanhã)

OS CONTOS DE «A CAPITAL»

Um gato é um gato

Morava um rato, um forte ratão vermelho no fundo de aceiado porão de casa rica, de celeiro farto.

Era o valente muridio astuto e possante, ilustre de gloriosos feitos.

Nos arredores, todos povoados de palacetes de fronteria artistica, a rataria toda, tremia do campeão façanhudo, cuja garra possante tinha deixado mais de um topetudo estendido á porta das despensas, quando lhe tentava disputar alguma saborosa iguaria.

Assim já ele tinha o campo todo conquistado, e entrava, armarios e caixa só olhando aos homens, que ratazanas, nao o assombravam.

Andava nédio, pelo a reluzir e até já ia ganhando preguiça, tanto a vida lhe corria facil, sem acidentes, na tranquilidade macia da vitoria.

Certa vez andava ele pelo terreiro, a gozar a caricia do sol, na paz do seu incontestado dominio real, quando os olhos vivos toparam, num muro do vizinho, com um muridio membrudo, de dorso escuro, que caminhava cauteloso pelo topo do muro.

Num meneio de cauda e na voz, que buscava tornar de timbre amigo o ratão novo saudou ao ruivo senhorio dos porões próvidos.

Ratão olhou sombranceiro para o intruso e recebeu a homenagem, não sem que notasse qualquer cousa de estranho e do ambiguo no gesto e na cautela do recem-chegado tão cumprimentador.

Observou-lhe a envergadura; talvez um pouco menos forte e volumoso, mas de maneiras finas, agil no andar e movimentado de olhos; musculos e nervos, bem equilibrados, e um feitio de disfarce tão seguro que deverá ser terrivel nos combates nocturnos da rataria brava.

Emfim... saudára, cortez. Talvez se contentasse com mercadoria secundaria e pequena, que a ele ratão já não convinha.

Só olhava agora os presuntos rosados, os crassos, dalto sabor, os queijos finos muito macios, que levava magestaticamente para sua toca espaçosa, onde os demais não ousavam entrar.

Restos de carne, pontas de pão, migalhas, isto era para camondongos ou ratos novos, segunda classe.

Para ele só caçada gorda, que lhe garantia seus musculos e sua astucia.

Se assim fosse... muito bem. Senão... e retesou os musculos, fincando na terra as garras robustas. Sentiu-se bem e caminhou tranquilo.

Ora, nesta tarde, entrava o palacio a fartura de um fornecimento rico, do qual ratão destacou um queijo maravilhoso, untuoso, de relusencia seductora, de cheiro tão suave que as narinas do gordo muridio dilataram-se numa pregustação de sabores supremos e a bocca se lhe humedeceu toda...

Quando assim antegosava a cuidadosa entrada na dispensa bem disposta, por buraco que sabia, contando com os descuidos costumeiros do pessoal da casa, deparou com o intruso, cujos olhos humidos, enternecidos, meigos, estendiam-se para o queijo, qual se o devorassem.

Um arrepio correu pelo dorso fulvo do rato imperial... ousaria aquele intruso? tomar-lhe-ia o passo na empreitada aquele animal inferior, de pelo impolido, isolado, ah!? Como! se este não estava nos habitos da casa, nem sabia o tal buraco de entrada?

Demais toda a ratada era sua, todos os ratos de importancia estavam com ele. Convocou-os. Mostrou o perigo do outro. Iriam, por precaução, á noite, 20 deles com o Ratão, de modo que, alem de que ele era mais valente, todos juntos dariam cabo do outro. Eles entre si já se entendiam: bolo miudo a eles, na gradação do vulto; bolo graudo para ele. Mas era um só, de modo que sobrava para eles todos da rataria da casa... Todos foram uniformes no manifestar sincero dos sentimentos para com o chefe. Guincharam unisono.

A' hora marcada, faltaram quatro, mas ainda assim, marcharam para o buraco... e, quando transpunham o vão das taboas do assoalho, viram que o ratão mouro entrara pelo mesmo buraco, que, quatro ratos dos maiores lhe haviam indicado, mediante promessas de emancipação da tirania do antigo amo e maior parte nos lucros...

Surpreendidos, os dois grupos enfrentaram-se em rude batalha, que ficou indeciso, pois, se os dois chefes eram bravos e fortes, os quatro companheiros de rebeldia, alem de maiores, defendiam a pele; e os demais, numerosos e unidos, combatiam para manter um statu-quo muito comodo.

O ruido, que fizeram, foi tanto que o pessoal da casa acudiu, todos fugiram e o queijo ficou provisoriamente onde estava.

Da luta tinham saido muitos com feridas sangrentas, e, bem medido tudo e calculado, o rato novo verificou que os quatro companheiros, ainda que bravos, não lhe asseguravam a victoria...

Matutou até manhã; e, por fim resolveu procurar auxilio antes da noite.

Entre os ratos, nada; os campos estavam delimitados firmemente.

Era preciso auxilio estranho.

Ora os «gatos» já não lutavam com os ratões que—unidos contra os gatos,—em varias batalhas tinham malferido aos felinos.

Depois não valia a pena, porque estavam estes bem tratados, andavam fartos.

Mas ratão novo foi persuasivo: valia. A dignidade da classe, tudo exigia que eles gatos voltassem á antiga supremacia. Depois, divididos os ratos, a vitoria seria certa e ele ratão-recem-chegado dar-lhes-hia todas as honras e vantagens.

Depois de muito parlamentar, os gatos—reunidos, primeiro em publico e depois em familia—decidiram-se mas não condicionaram nem a acção nem o premio, que não tinham reparado na belesa do queijo.

Ratão novo exultou: «agora sim era a vitoria! queijo na guela!»

....

A' noite, quando os dois grupos, cada qual mais aguçado de armas e de energia, de tatica mais bem calculada entravam na dispensa, os «gatos», impando e felizes, tinham acabado de se apossar do queijo.

Os ratos ficaram olhando...

NICANOR NASCIMENTO

55—Folhetim de «A CAPITAL»—21 de Dezembro de 1921

ROCHA MARTINS

Spartacus

Romance das lutas proletarias em Roma

IX

A face vermelhasca do pretor amaiou, pegajosamente volveu:

—Porque o dizes?!

—Ah! que imaginaste?! Por Hercules! Não me referia ao que Cicero propala mas sim pensava que esses escravos, tornados reis do mar, devem trazer-te belas cousas das suas tamaslies...

Entusiasmava-se logo; a bôca enchia-se-lhe do bom gosto ao enumerar as suas maravilhas e mesmo aquilo que em Roma se sabia ter sido roubado, ele o dizia fructo das suas compras vantajosas aos capitães dos oceanos que navegavam em galeras de remadas de ouro.

Conhecia um, o celebre Heradio, que lhe oferecera o proprio anel de uma concubina de Mytridates...

—Não o usas?!

—Não... Dei-o a Tercia... Cada vez mais galante, mais bela, capaz de fazer o desespero dos deuses quando não lhes sorri... A's vezes, porem, sento que a sua alma de rameira acorda ou regressa e tem a anciedade das cousas baixas, ordinarias... Não me refiro á sua caprichosa scena de Capua, quando do lançar flores a um gladiador, não... E' que já a ouvi lamentar-se do tempo em que estava acocorada no «fornice» da suburra vendendo os seus beijos aos marujos e aos carregadores!... Mas, no fundo, muito boa rapariga!...

—E os piratas?!... Vamos não te prendas... Aurelio é de confiança... Meu socio nos negocios, tambem o é na politica... Tanto como Cesar...—e logo a troçar:

E ele cada vez mais calvo e mais ambicioso na sua prosapia de «Flamine» de Jupiter...

Um fino cheiro d'essencias queimadas em purificadores de prata vinha do corredor onde os pretendentes passavam arrastando as togas enxovalhadas; escravos semi-nus, acocorados junto dos brazeiros tornavam delicado o ambiente e lá do fundo, na entrada, o guarda-portão com a sua varinha, enxotava de quando em quando, algum mais atrevido dos clientes ávido de ser escutado.

Verres desfechava a sua grande noticia, entre o entusiasmo de Aurelio e de Crassus. Com dinheiro que lhe enviava de Roma, e com algum seu, pagara regiamente ao pirata Heraclio com o qual Spartacus contratára a passagem para Rhegium... Levava-o, afastava-se com os navios e o rebelde ali ficava á mercê dos romanos, tanto mais; pelo que os seus espias lhe diziam, as cousas não estavam boas entre dois chefes... O tal Crixos, pelos modos, só queria independencia para roubar... O outro — acentuava com uma gargalhada—fala sempre da sua humanidade nova... O general que os fôr acometer, vence-os... Oh! o ouro! o poder do ouro!...

Crassus como és feliz! Serás tudo... consul, rei se quizeres!...

—Rei!..

Soltara aquela palavra com delicia; Aurelio, submisso e lisongeiro, murmurara:

—Já o és...

Mostrava-lhe então, como dispunha de Roma á sua vontade, dirigia toda a gente desde os magistrados aos militares guardados na sua mão; os deuses eram-lhe favoraveis.

—Desde que arredondei o meu primeiro milhão... Mas rei?! Por Polux! Tenho que contar com Pompeu e já não falo de Cesar que me deve os olhos da cara e que ainda não é nada... Desejos... desejos...—calava o suspiro que lhe acudia aos labios e varrugava-se-lhe a testa ao ouvir o pretor lamentar a falta do seu siciliano. Mandara o como fingido delegado dos escravos da sua provincia a combinar uma ligação com Spartacus e marcara-lhe entrevista em Roma, ali, naquele palacio cujo atrio tinha colunas de marmore de Hymetra e era celebre no mundo. Dera-lhe tambem um sinal de reconhecimento.

...Aurelio avançava a sua desconfiança acerca do enviado, dizia todos os servos iguais.

Um intendente aparecia com o seu ar grave a anunciar o almoço.

Mas á entrada surgia Remigio, envolto numa capa gauleza de capuz apesar do calor do dia, e Crassus, ao vê-lo, soltava uma profunda gargalhada:

—O' elegante?! Que te fizeram para me apareceres assim?!

Não perdia nem o seu ar jactancioso nem a sua ironia; apenas os elucidava rindo ao vêr as suas faces aterrorisadas:

—Foram batidos os consules por Spartacus! Já veem que se não cubro a minha cabeça de terra molhada ao menos escondo-a no capuz!

Tinham-se levantado; estavam junto dele como a quererem arrancar-lhe as palavras da bocca; ouviam-no numa crudelissima tortura, narrar o que sabia do exercito de Lentulus onde estivera batendo-se para defender a sua estancia de Capua, ou antes para a vingar. Até lhe tinham levado um pergaminho com a assinatura de Sertorio... Que valor! Agora que o assassinaram!

—Mas que sucedeu?! Como foi isso?

Sabia apenas que o exercito rebelde marchara sobre as Apeninas e se dividira; ignorava, porém, se fôra, como se propalava, por uma rixa entre os chefes se por uma tactica maravilhosa... Spartacus batera Cordeus Lentulus, tomara-lhe centuriões e insignias, todo o erario do exercito todas as armas e munições... A maioria dos soldados entregara-se cantando um hino barbaro!

—Malditos! Malditos! Oh! minha pobre Livinia!

Sentidamente Aurelio soltara o seu grito perturbante; caira mais desolado do que nunca sobre os coxins vermelhos e logo, Remigio, na sua tranquilidade, desejando não mostrar piedades nem posmos, que ficavam mal a um elegante, acrescentou:

—Teu irmão Marcio está a esta hora no Senado narrando a derrota e contando o que ouviu dizer ácerca das legiões de Gellius... Parece que foram vencidas tambem!

Oh! deuses!

Verres levantara as mãos para o tecto marchetado; Aurelio gemia sobre as almofadas e Crassus, passeando no peristilo, fazendo tilintar as suas preciosidades ao peso dos seus passos, enlivedecia, e murmurava:

—Com que então essa canalha venceu! Oh! o Senado não pode deixar de me entregar o comando!

Toda a sua ambição despertava e uma raiva profunda vinha do intimo de seu ser explodir furiosamente:

—E' o fim do mundo que anunciam... E' o horror! E' a gloria dele! Eu não posso mais e se o Senado não me dá as legiões eu vou armar um exercito á minha custa? Só é rico quem o póde fazer!

—Cautela com os mercenarios, Crassus! Quando os soldados fogem... Aurelio avisava-o prudentemente, ele, porem, jurava pelos deuses que nunca se deteria no seu proposito. E toda a sua vida de aventura, a politica habil que seguira, os horrores da existencia em que tivera de calcar muita gente para passar, ele vinha num resfolegar intenso sem mais respeito pelas conveniencias. A sua mascara civilisada de amigo das letras e da liberdade serodia e o grande rico aparecia em toda a sua nudez da alma, ela mania. Seria então inutil a sua ambição?! O que apanhára dos bens sequestrados no tempo de Sylla, a inteligencia com que dirigira negocios, os trabalhos empreendidos, a luta contra as companhias poderosas rivais da sua, a gente enriquecida pelo seu esforço, tudo apagado só porque os exercitos romanos tinham colhido no fundo da Thracia um escravo, cuja familia gosára honras reais, e aparecia a pleitear pelos humildes?! Oh! não... Eu esmago-os... eu esmago-os mas primeiro ao Senado!

(Continúa)

Colegio Vasco da Gama
T. das Freiras (a Arroios), n.º 2
TELEFONE NORTE 2145

O mais bem situado de Lisboa. Campos de equitação e recreios. Educação esmerada. Optima alimentação. Todos os alunos do curso secundario, do curso comercial e do ensino primario preparados ... Pedir esclarecimentos aos directores. P. Antonio ... da Silva Pinto Abreu, Dr. Luiz Gonzaga da Silva Pinto Abreu.

Instalações electricas
EM TODOS OS GENEROS
OLIVER LTD.—Rua da Prata, 250, 2.º
Telefone C. 1158.

Alberto Afonso
— LISBOA —
Postais ilustrados

TUBERCULOSE
NUCLEOCALCINA FORMOSINHO
Reconstituinte poderoso, scientifico e racional
PHARMACIA FORMOSINHO
Praça dos Restauradores, 18

POLICLINICA DO ROCIO
Largo do Camões 19 (ao Rocio)
CLASSES POBRES—Tel. 77 7

Rins e vias urinarias — Dr. Cosmosso Saldanha, ás 10 1/2.
Medicina geral, doenças nervosas e electroterapia — Dr. Cancela d'Abreu, ás 14 e 1/4.
Olhos — Dr. Henrique Roquete, ás 16.
Pele e sifilis.—Dr. Zeferino Falcão, ás 14 e 1/2.
Boca e dentes—Dr. Amor de Melo; 9 1/2.
Medicina geral, coração e pulmões.—Dr. F. Martins Pereira, ás 15 1/2.
Cirurgia, doenças das senhoras e partos.—Dr. Luiz Ottolini, ás 15.
Ouvidos nariz e garganta. — Dr. Cordeiro Lobato, ás 14.

Remedio constituido com o suco do sete-plantas medicinais: Faz nascer o cabelo ás pessoas calvas. Cura em pouco tempo a queda do cabelo e dá a este um extraordinario vigor. Extermina radicalmente a caspa em pouco tempo.
A Juventude é o unico remedio preventivo da calvicie.
Unico depositario: DROG RIA DIAS
R. Fanqueiros, 843 e 844 Frasco ... Todos frascos levam a assinatura do seu verdadeiro auctor LUIZ ALBERTO DA SILVA.

Ourivesaria, Relojoaria e Ourivesaria
— DE —
JULIO REI, L.da
Ex empregado da Joalharia Abreu
Grande sortimento em joalharia, relojoaria e pratas por preços sem competencia
Antiga RELOJOARIA OLIVEIRA
30, Praça dos Restauradores, 31
(Palacio Foz)

A casa que mais barato vende — Ourivesaria e Relojoaria — Temos sempre grandes sortidos de objectos que vendemos SO' PELO PESO e joalharia que vendemos com as maximas garantias.
VIUVA MARQUES — R. de S. Paulo, 200 — LISBOA —

Banco Nacional Ultramarino
Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada
Fundos de reserva 26.000.000$
Assembleia Geral Extraordinaria

Por ordem do sr. Ex.mo Sr. Vice-Presidente da Mesa da Assembleia Geral, é convocada a mesma assembleia para continuação dos trabalhos da Assembleia Geral Extraordinaria interrompidos em ... de setembro p. p., reunir no edificio do banco, no dia 27 do corrente, pelas 14 horas.
Assunto: Oxeniação Fiduciaria nas Colonias.
Lisboa, 12 de outubro de 1921.
(a) Francisco Mendonça de Sommer.

A Urbana Portugueza
Fundada em 1888
Efectua seguros terrestres, maritimos, de cristais e gréves e tumultos.
Agentes gerais em Lisboa Eduardo de Noronha, Ld.ª Rua Augusta, 56, 1.º
Telefone 1536 C.

RELOGIOS — A Maior Variedade —
Ourivesaria e Relojoaria Confiança
... DE ALMEIDA, LIMITADA
Grande sortimento em pratas para brindes e joias
Fanqueiros, 1 a 5 e 51 a 53

AZEITE
PURO DE OLIVEIRA
Finissimo para conservas e consumo
PEDIDOS A':
SOCIEDADE EXPORTADORA DE PEIXE, Ltd.
RUA DE S. PAULO, 20, 1.º

Sapataria Januario
O mais perfeito Calçado de Luxo
Sempre os mais chics modelos
MEIAS FINAS
— Telefone Central 5527 —
78 - Rua Santa Justa - 80
193 - Rua Arco Banderia - 195
Maquinas de escrever
ACESSORIOS, reparações garantidas —OLIVER, LTD.—Rua da Prata, 250, 2.º — Telef. 1158 C.

Agua da Certã
A Agua mineio-medicinal da Fonte da Certã apresenta uma composição chimica que a distingue de todas as outras até hoje usadas na therapeutica.
E' empregada com segura vantagem nas Diabetes — Dyspepsia — ... gastricos ... provenientes ... de doenças ... convalescença das febres ... nas atonias gastricas dos diabeticos, tuberculosos, ... gastricismo dos excessos de ... cessos ou privações, etc.
Mostra a ... que a Agua da Fonte da Certã, tal como se encontra na garrafa, deve ser considerada como microbiologicamente pura, não ... do colibacillo, ... nenhuma das ... que podem existir em aguas ... Tiphico ... e Vibrião cholerico em pouco tempo n'ella perdem toda a sua vitalidade ... outros microbios ... resistencia maior.
A Agua da Fonte da Certã ... gasosa livre, é limpida, de sabor levemente acido, muito agradavel ... bebida pura quer misturada com vinho.

Novo Fanqueiro da Avenida
NETTO & CORREIA, Ltd.
Avenida Casal Ribeiro, 3, 5, 7 TELEFONE 2168 Norte
Exposição e Abertura da Estação de Inverno
Muitas variedades e grande sortido em todos os artigos da sua especialidade
RETROSEIRO, MODAS E CONFECÇÕES
— GANHAR POUCO PARA VENDER MUITO —

REGALEIRA-CLUB
DANCING PALACE — Telefone 3238
VARIEDADES E CONCERTOS
Jazz Band - Tziganes - Diners - Concerts
SOOPERS TANGOS
Magnifico serviço de Restaurant
ROBERT NICOL—Danseur de L'APOLLO de Paris

INTERESSA A TODOS!...

QUEREIS conservar os vossos calçados pela aplicação de uma «Pomada» de absoluta confiança?
—Usai a INDIANA, incomparavelmente a melhor pelo seu brilho pelas suas esplendidas qualidades de conservação do cabedal e ótima apresentação em cores: preto, amarelo, castanho escuro da moda — completa novidade.
A' venda nos principais Armazens de Cabedais, nas boas Sapatarias do Paiz e no Deposito Geral:
A' PELARIA FINA
Casa de bons artigos em SOLAS, CABEDAIS, ATACADORES e malas especialidades destinadas á confecção de calçado de Luxo e Vulgar
de Policarpo Junior, Limitada
RUA JARDIM DO REGEDOR, 13, 15 e 17 — LISBOA
TELEFONE C. 3323 TELEGRAMAS: PALPINA — Agentes exclusivos de revenda para Portugal e seus dominios, Espanha e Estados do Brazil

Agua de CALDELLAS
Doenças do Figado e dos Intestinos
(entero-colite muco-membranosa e prisão de ventre)
DEPOSITARIOS:
BANDEIRA DE MELLO, L.DA
Rua Augusta, 75, 1.º e 2.º
Teleph. 2670 C.

ULTRAMARINA Efectua seguros contra todos os riscos
Rua da Prata, 108, 1.º
SINISTROS PAGOS ATE' 31 DE DEZEMBRO DE 1920 — Esc. 3.574.758$37

Antonio Casanovas Augustine, L.DA
CAMBIOS E PAPEIS DE CREDITO
57, 59, 61, RUA DO COMERCIO, 57, 59, 61

SABÃO NACIONAL

Sabões — TEL. C. 2519
CONTRACTO EXTERNO L.da
R. S. Paulo, 164 1.º

Furunculos, diabetes, doenças da pelle e dos intestinos
Curam-se com
Fermento d'uvas Formosinho
Recomenda-se exigir o nome FORMOSINHO
FARMACIA FORMOSINHO P. dos Restauradores 18
LISBOA

RITZ-CLUB
ESMERADO SERVIÇO DE RESTAURANTE
— Concertos todas as noites —
— VARIEDADES —
Um dos restaurantes mais chics de Lisboa
Praça dos Restauradores, 27, 1.º

PIANOS Bechstein e outras marcas
Representante:
J. Heliodoro d'Oliveira
ROCIO 56, 57 e 58

— A casa que mais barato vende — Ourivesaria e Relojoaria — Temos sempre grandes sortidos de objetos que vendemos SO' PELO PESO e joalharia, que vendemos com as maximas garantias.
VIUVA MARQUES — R. de S. Paulo, 200 — LISBOA —

CORTICITE
Estabelecimento EROLD, Ltd.
R. dos Douradores, 7

Ourivesaria e Joalheria
J. J. NUNES
171 - RUA DA PRATA - 171

Dr. Lelo Portela
— Clinica medico-cirurgica —
RETOMOU A CLINICA
— Consultorio —
Tel.: C. 1883 — P. Luiz de Camões, 6

ASSIGNATURAS
DE
"Os Sports"

Portugal
6 mezes... 7$50
12 » ... 15$00

Estrangeiro
12 mezes... 30$00

Pagamento adeantado

Grande Café d'Italia
é sem duvida o café da moda
ALMOÇOS
serviço á la carte
— Rua 1.º Dezembro —

Banco Nacional Agricola
Soc. An. Resp. Lda.
SEDE-R. do S. Julião, 186 e 190
LISBOA

Nos termos do artigo 8 e 19 dos Estatutos do Banco são convidados os Srs. accionistas a entrar com a importancia de Esc. 25$00 por acção, correspondente á 2.ª prestação do capital emitido, desde 15 a 31 do outubro corrente.
As cautelas representativas de acções devem ser apresentadas ao acto do pagamento nos locais abaixo designados e nos correspondentes na provincia.
Lisboa, Evora — Banco Nacional Agricola
Lisboa, Porto, Chaves — Pinto & Sotto Maior
Pelo Banco Nacional Agricola
Os Directores
a) Eduardo Fernandes d'Oliveira
a) Eduardo Correa de Barros
a) Joaquim Nunes Mexia

ARTIGOS FOTOGRAFICOS
LUIZ ROSA
233 — RUA DA PRATA — 235

Prisão de ventre
E suas consequencias. Funcionamento metodico do intestino pelo LAXATIVO VEGETAL VERITAS. Infalivel e inofensivo, comprovado por centenas de pessoas que diariamente fazem uso dele. Preparado por Mendes & Braga, farmaceuticos.—183, Rua do Mundo, 135, Lisboa. — Telefone, 554.

Garlopas—Serras de fita 0,70 e 0,80 —Maquinas automaticas para afiar laminas de garlopa e plaina.
EM ARMAZEM
SANTOS AMARAL, Lda.
Rua da Palma, 225/9—LISBOA
Telefone C. 1580

FITA ISOLADORA
Branca e preta
15 m/m e 40 m/m (Fabricação alemã). Ao melhor preço do mercado
SANTOS AMARAL, Ltd.
RUA DA PALMA, 225/9—Lisboa
TELEFONE Central 1580

Escola Berlitz
20-A, Rua do Alecrim
Abrem-se brevemente — novos cursos — para principiantes em
FRANCEZ : : INGLEZ
: : Já está aberta : : : : a inscrição : :

Bénard Guedes
RAIOS X — DIATERMIA
RADIO
Tratamento do cancro
Calçada do Sacramento—10
Todos os dias ás 4 horas — Tel. C. ...

OURO E PRATA
MUITO MAIS BARATO
— Só na OURIVESARIA —
Correia, Moura Pimenta, Ltd.
164 — Rua do S. Paulo — 168

Casa das malas
Fundada em 1887
Joaquim da Silva & C.ª (Filhos)
O maior sortimento em Malas, carteiras e artigos de viagem
Rua da Prata, 110, 112 e 114—LISBOA
TELEFONE CENTRAL 3716

Horta e Costa
Rins e vias urinarias
12, Rua da Trindade 12
Consultas das 2 ás 5
TELEFONE 2434

Papelaria Camões
Grande sortimento — de —
objectos para pintura a oleo e aguarela

A. Guerreiro
Da Escola Dentaria de Paris
Operações sem dôr
Dentaduras sem chapa
R. de S. Paulo, 26
(junto ao Arco) Telefone 22

Leitaria GLOBO
— DE —
Rocha & Continho, Ltd. Tel. C. 2100
R. Conceição, 68 e R. Correeiros, 1 e 3
Puro Leite Especialidades em doçarias
Serviço permanente de chá, café, cacau, torradas, etc.

O Medico Conceição e Silva, J.or
— RETOMOU A SUA CLINICA DAS VIAS URINARIAS E DO RINS em 6 de Outubro — R. DO OURO, 141

Andrade & Pereira
Alfaiates
Novidades da Estação

PINTO & SOTTO MAYOR
BANQUEIROS
LISBOA-PORTO
Representantes em Portugal
— DO —
Banco Portuguez do Brazil
LISBOA — PORTO
R. do Ouro, 18 a 24
28, Praça da Liberdade, 29

Vinhos espumosos de Lamego
(CAVES DA RAPOZEIRA)
Reservas de finissimas qualidades
A' venda em todas as confeitarias e mercearias.
Depositario em Lisboa:
ARTHUR BENARUS
Telefone 16 — Central
Poço do Borratem, 4, 4.º

Ventoinhas alemãs
110 e 210 volts
EM ARMAZEM
SANTOS AMARAL, L.da
Rua da Palma, 225/9—LISBOA
Telefone C. 15 0

TUBO BERGMAN
da casa Bergmann Elektricitäts Werke
9 m/m e 11 m/m
EM ARMAZEM
SANTOS AMARAL, Lda.
Rua da Palma, 225/9—Lisboa
Telefone C. 1580

TIJOLO
PREÇOS SEM CONCORRENCIA
ENTREGA IMEDIATA
C.ª Ceramica de Telheiras
L. do Directorio, 4, 2.º

TABACARIA CENTRAL
90—Rua da Assunção—90
TABACOS—LOTARIAS—AGUAS REFRESCOS

AGUA DOS CUCOS
TORRES VEDRAS
A AGUA mineio medicinal dos Cucos, unica no seu tipo em Portugal para o artritismo, reumatismo gotoso, rins e bexiga, tem alem d'isso dado otimos resultados nas doenças das senhoras, utero e anexos.
A AGUA DOS CUCOS vende-se em toda a parte na linha de Cascais em Carcavelos, Paredo, Monte Estoril e Cascais. Deposito geral ... LISBOA.

OURIVESARIA E RELOJOARIA ATHAYDE
PREÇOS SEM COMPETENCIA
Grande sortimento de objectos de ouro, prata e brilhantes
Rua Fernandes da Fonseca, 1
Esquina da R. da Mouraria, 101 e 103

AZULEJOS telha, tijolos, etc.
Ceramica Mont'Argila "LSES"
Preços sem concorrencia
Agencia em Lisboa—Gilman Santiago, Lda.—L. S. Julião, 7, 2.º

MOBILIAS E ESTOFOS
Elzarro da Silva, Limitada
(Antiga casa Bizarro da Silva & C.ª)
Rua Augusta, 62, 64 — e Rua dos Correeiros, 81, 83
Telefone C. 2530
Grandes descontos em todos os artigos

Canetas com tinta
O que ha de melhor
PAPELARIA DA MODA
167 — Rua do Ouro — 169
LISBOA

Simões Bayão
(Laureado pela Escola do Pa..is)
Doenças de boca, cirurgia, prothese e ortodoncia
Largo do ... aulo, 13, 1.º
Telefone 3078

Use Agua, Crême e Pó de Arroz
"RAINHA da HUNGRIA"
e todos os productos da
Academia Scientifica de Belleza
que se encontra á venda nos seguintes estabelecimentos

Pharmacia Durão—Rua Garrett, 90. Pharmacia Nascimento—Rua da Prata, 115 e 117. Perfumaria Flôr de Liz—Rua Nova do Almada, 67. José Feliciano Alves de Azevedo & C.ª—R. 1.º de Dezembro, 55, 65. Pharmacia Avellar—Rua Augusta 22 a 27. Silva Neves & C.ª—Rua da Prata, 229, 231. Thomaz Mendonça, Filhos, Ltd.—Calçada do Combro, 43, 47. União Commercial de Drogas, Ltd.—Rua Augusta, 105. Perfumaria Paris—Rua dos Retrozeiros, 58. Bazar Parisiense—Rua Garrett, 42. Eduardo Martins—R. Garrett, 4 a 11. Perfumaria Viuva Dias—Praça da Figueira, 40. Camisaria Modelo—Rua do Ouro, 115, 117, 119. Loja do Povo—Praça de D. Pedro, 87 a 92. Brazil Elegante—Praça de D. Pedro, 7 a 9.

Farmacia Barreto—Rua do Loreto, 24 a 30. Farmacia Silva Carvalho—Rua Eugenio dos Santos, 48 a 52. Loja da America—Rua do Ouro, 206, 208. Casa Africana—Rua Augusta. Salão Mimoso—Rua Augusta, 282. Neto Natividade & C.ª—Rocio. Lopes & Maia, Ltd.—Rua do Ouro, 267 a 269. Tátá & Rodrigues—R. Garret, 53, 55. Farmacia Coelho de Jesus—Avenida da Liberdade, 5. Carmona, Ltd.—Rua da Escola Politecnica, 263, 267. Farmacia Ultramarina—Rua de S. Paulo, 99, 101. Casa Santos, Ltd.—R. da Palma, 7-A. Retrozaria J. Fernandes—Rua dos Retrozeiros, 79 a 83. Henrique Xavier & C.ª—Rua do Ouro, 253, 255. Au Bon Marché—Rua da Assunção, 45, 47. Damião & C.ª—Rua Garret, 57, 59. Camisaria Azevedo—Rocio, 34, 35.

Deposito geral para revenda
Academia Scientifica de Belleza
Avenida da Liberdade, 23-A
Telefone: 3641 — Telegramas: «Bellezas»

PINTO & SOTTO MAYOR
BANQUEIROS
LISBOA-PORTO
REPRESENTANTES EM PORTUGAL
— DO —
— BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL —
LISBOA — PORTO
R. do Ouro, 18 a 24 — 28, Praça da Liberdade, 29
Rua do Comercio, 136 a 140

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

A verdadeira riqueza da vida é o afecto; a unica pobreza é o egoismo.

A. Vinet

N.º 3958—12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Quinta-feira 22 de Dezembro de 1921 | Telefone n.º 2233 — Endereço Tel. CAPITAL — Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

ENERGIA

O sr. Cunha Leal pronunciou ontem na posse do novo governador civil de Lisboa, o sr. Agatão Lança, palavras que hão de encontrar eco no paiz inteiro. Ali declarou o chefe do governo que ha-de apoiar com actos as afirmações que tem feito. E' precisamente isso que a nação espera de s. ex.ª e, devemos confessa-lo, algumas medidas já tomadas pelo gabinete a que preside representam aos olhos de toda a gente garantias de que os grandes actos não se farão esperar.

O sr. Cunha Leal deu ordem para que nas esquinas da «Brasileira», ha muito convertidas em estatuas de Pasquino, não seja permitida a afixão de cartazes, insultando e ameaçando tudo e todos numa linguagem desbragada e traduzindo os mais criminosos propositos. O sr. Cunha Leal mandou transferir já para fóra de Lisboa alguns oficiais indisciplinados. O sr. Cunha Leal arrancou o governo civil aos agitadores outubristas, colocando lá um homem que não transigirá, nem num apice, com a desordem e o crime. O sr. Cunha Leal que á frente das investigações sobre os crimes da noite tragica uma personalidade absolutamente insuspeita de fraquezas ou cumplicidades. Todos estes actos, não representam evidentemente, por emquanto, a solução do problema da ordem e da justiça, mas sabido que medidas semelhantes, ou ainda menos importantes, produziram nas alfurjas, a condenação á morte do sr. Antonio Granjo, não podemos deixar de confessar que o sr. Cunha Leal parece absolutamente decidido a proceder com aquela inquebrantavel energia que tem de ser a principal condição de exito da sua missão.

Produza o sr. Cunha Leal os grandes actos que da sua energia se espera! O paiz respirará, e sobretudo a boa, quando se verificar que os assassinos da noite tragica e os seus mandantes, se os houve, serão chamados a prestar contas da sua abominavel acção. Respirará quando souber que já não está sob a pata dessas duas ou tres centenas de desordeiros que conseguirão apavorar um paiz inteiro mais pelo horror do que pelo receio, porque se chegou a duvidar em Portugal que certas creaturas, nesta terra nascidas, pertencessem realmente á humanidade. Respirará quando vir que só a lei impera, a lei dentro da qual ha recurso para todas as reclamações justas e expressão para todas as aspirações sinceras. Respirará quando o sr. Cunha Leal lhe puder dizer que está tudo no seu logar: os criminosos na cadeia, os mediocres no esquecimento, os agitadores metidos na ordem, a Republica redimida das manchas que tantos miseraveis lhe lançaram, Portugal gosando do conceito que lhe é devido no concerto de todas as nações civilisadas.

Para isso é necessario energia? Que a tenha o sr. Cunha Leal, como é proprio do seu caracter, isto é, como resultante da ponderação e da serenidade, que não excluem, antes robustecem, a firmeza. Ao lado do homem que viu apontadas ao peito as armas dos assassinos, e jogou a vida para salvar a de um bom e leal republicano, está o paiz inteiro, está a opinião republicana, estamos nós todos que não nos vergamos á tirania do crime. O sr. Cunha Leal sabe os perigos que o rodeiam, e avançou para eles resolutamente. E' preciso que todos os homens de bem o ajudem e se solidarisem com ele porque só assim a sua forte inteligencia e a sua formidavel energia poderão levar a cabo a gloriosa tarefa que se impoz.

M grande

Respondo hoje, em dois minutos, á sua observação. Não, minha lôra amiga, não. Socegue. Acalme os seus nervos. Aqui tem um frasquinho de saes. Cheire-os—e tranquilise-se. Bem vê. Absolutamente nada justificava que em sempre que tivesse a honra de me referir ás mulheres, escrevesse mulheres — com letra grande. Absolutamente nada. As mulheres bonitas mesmo com letra pequena são sempre para mim substantivos proprios. Apenas as mulheres feias são sinistramente substantivos comuns. Mas perguntará você com esse sorriso vagamente desdenhoso que não lhe fica mal: «Que lhe custa a si pôr um m grande nas mulheres bonitas? Só mostra a sua consideração por elas». Olga. Primeiro porque não é bonito, depois gasta-se muita tinta, por fim não é gramatical. Não é. Acredite que não é. Mas quer que lhe faça a vontade? Olhe que se arrepende? Não. Então está combinado. Quando me referir a si nunca mais deixarei de escrever Mulheres com M partindo do principio que você tem as pernas grandes...

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

Migalhas

A felicidade sem creados

Não sei se são da minha opinião, mas eu cuido que as edades primitivas deviam ser cheias de encanto. Nelas, por exemplo, se desconhecia um factor essencial e detestavel que a civilisação comporta: o creado.

Está provado que todos os arquimilionários sofrem do estomago e não conhecem os prazeres da meza porque tem constantemente diante de si, quando se sentam á meza, um «maitre d'hotel» cujo olhar tôrvo e desdenhoso segue com reprovação o minimo gesto que eles façam. As pessoas ricas tambem não sabem conversar porque vivem na obsessão da vigilancia insultuosa dos seus lacaios. Antigamente, quando rodavam em carruagem, tinham por detraz de si a companhia de dois creados, que por serem de tabua, não deixavam por isso de ser horrivelmente implicantes. Hoje que giram de automovel, tem sempre adiante dos olhos um dorso insolente, misterioso e ironico.

E' inutil procurar a razão porque a harmonia é impossivel nos casais burguezes. Eles vivem na perpetua tirania de uma creada, de uma cosinheira ou de uma mulher a dias, que impõe os seus gostos, que regula a alimentação, que determina as horas de comida, que tem ideias sobre a educação dos filhos, que complica os problemas do assucar, do pão e do carvão e que causa a ruina do lar com os seus pontos de vista especiais relativamente ao consumo da electricidade.

Felizmente a creadagem vae desaparecer totalmente e digo totalmente porque, como é sabido, muito pouca restava. A maior parte já, como as heroinas de Ibsen, vivia a sua vida e tinha, tolamente a meu vêr, ingressado na desditosa classe dos patrões.

Enviaram-me ha dias um curioso livrinho, cujo talento só por si é de trazer o reconforto aos corações mais dilacerados: chama-se «A felicidade sem creados». Publicou-se em França e o seu autor pretende fazer obra didactica, pois é certo que, se os creados são intoleraveis quando estão dentro dos nossos muros, pode suceder que façam falta quando se vão embora.

Temos, pois, que aprender a passar sem eles e eis, na opinião do autor do livro, as condições necessarias para a nossa libertação.

1.º—Convem morar fóra da cidade. Fóra da circunvalação, como se sabe, não ha armazens de modas e assim, as donas de casa poderão ocupar-se exclusivamente dos arranjos caseiros. Vivendo longe da cidade redusem-se tambem as relações mundanas (E se formos todos para fóra de Lisboa? E' muito possivel que acabemos por nos encontrar).

2.º—Para simplificar a lida da casa, convem reduzir ao minimo o mobiliario. (Sem creados habilitados a partir tudo que se lhes confiar, vai ser um bocado dificil).

3.º—Para tornar mais praticos os trabalhos culinarios evitar quanto possivel os pratos de dificil elaboração, como a cabeça de vitela que leva uma eternidade a coser. (E' pena, por que com azeite, vinagre e cebolinha picada é de se lhe tirar o chapeu).

4.º—Ainda para evitar as massadas da cozinha suprimir o fogão. (Tendo a companhia suprimido o gaz este numero do programa é dificil de realisar em Portugal; mas enfim...)

Não tive ocasião de ler mais para deante. Percebi logo onde o autor queria chegar: é á pipa de Diogenes. E nisso é-me o ilustre publicista infinitamente simpatico.

Os antigos ricos, que ainda se prendem com os usos que vão cahindo em uso, teem o recurso de entrarem como creados em casa dos seus antigos servos, enriquecidos pela guerra ou pelos horrores da paz.

Terão ocasião de passar uma existencia tranquila e regalada, de fumar alguns bons charutos, de comerem os melhores bocados e de ver a vida pelo seu verdadeiro aspecto, isto é, pelo buraco da fechadura.

ANDRÉ BRUN.

"A CAPITAL,, NO MINISTERIO DA INSTRUÇÃO

Os planos do sr. dr. Rocha Saraiva

A continuidade no ensino—Os exames de admissão ás Faculdades—O Conselho Superior de Instrução Publica

Numa sociedade calma, refletida, com as suas forças economicas e intelectuais perfeitamente organisadas e equilibradas, um ministro da instrução só tem que velar permanentemente pela continuação desse equilibrio, pela completa, integral aplicação dos sãos processos pedagogicos que fizeram da raça um verdadeiro espelho da civilisação. Não acontece isso entre nós, infelizmente. A Republica tem sido prodiga em legislação sobre o ensino, mas ainda não conseguiu a sua aplicação e os resultados que todos os pedagogos esperavam. Isso tem contribuindo fortemente para o estado actual da sociedade portugueza: — uma sociedade sem educação e sem ilustração é uma sociedade anarquisada. Não faltam no nosso «Diario do Governo» leis, decretos, etc. melhorando, estatuindo, retocando, os nossos metodos e as nossas escolas. E contudo a instrução continua sendo...

Já vê o leitor que só nos impunha ouvir o sr. dr. Rocha Saraiva, ilustre professor da Faculdade de Direito e actual ministro da instrução.

A primeira pergunta o sr. dr. Rocha Saraiva responde:

—Não me proponho fazer largas reformas sobre os serviços de instrução. Por um lado julgo indispensavel dar um pouco de estabilidade á legislação republicana sobre o ensino que por emquanto, pode dizer-se, mal foi experimentada.

Por outro lado, o governo tem de cingir-se á constituição e esta fixa limites bem apertados á acção do poder executivo no periodo que decorre desde a dissolução ao acto eleitoral.

A grande missão deste governo, que a todas se sobrepõe, é, como se sabe, realisar uma obra de paz, levando as forças desavindas da sociedade portugueza a um terreno de equilibrio, dentro dos quadros constitucionais.

—E, feitas as eleições?

—Se, feitas as eleições, ainda ocupar este logar, será meu desejo, de colaboração com o parlamento, retocar um ou outro ponto as nossas leis do ensino, embora mantendo as linhas gerais do sistema.

Desejaria, assim, fazer em todos os graus de ensino um trabalho de simplificação de programas e de quadros, seguindo deste modo, até certo ponto, na esteira do meu ilustre antecessor, e isto no duplo intuito de defender o tesouro, cuja situação angustiosa todos conhecem e o cerebro do aluno que precisa de sair da escola armado, sem duvidas com uma solida preparação scientifica, mas tambem alegre e sadio e não esgotado, neurastenico.

Procuraria ainda estabelecer entre o ensino primario e o secundario uma continuidade que não existe, acabando com duplicações de ensino a meu ver injustificaveis.

—Qual a sua opinião sobre os exames de admissão ás Faculdades?

—Entendo que poderá dar-se ás Universidades a liberdade de os estabelecer se o julgarem conveniente, com a condição, porém, de os candidatos haverem já demonstrado nas escolas de ensino secundario que possuem a cultura geral indispensavel a quem pretende um diploma desse curso superior, cultura que, estou certo, não seria convenientemente averiguada nos exames, feitos perante as Faculdades.

«Ora a cultura geral, sobretudo numa democracia, tem uma importancia capital. A unidade politica nas democracias supõe uma unidade moral que tem como um dos principais factores o ensino geral.

«O ensino tecnico habilita para a profissão, mas é o ensino geral que faz o homem, o cidadão.

«Empregarei tambem esforços no sentido de tornar o Conselho Superior de Instrução Publica, que pela sua actual organisação e funcionamento nenhuns serviços presta, pois dificilmente se consegue reuni-lo, um orgão util que realise efectivamente possa desempenhar a sua função de colaboração tecnica com o ministro.

«Se conseguir realisar o que ai fica enunciado, estou convencido de que alguns serviços prestará este governo ao ensino.»

Tinha terminado a entrevista. Agradecimentos, despedida afectuosa...

A reforma do Ministerio dos Estrangeiros

DUAS CARTAS

O "velho funcionario,, responde ao sr. Eugenio dos Santos Tavares — Um diplomado que se julga lesado diz de sua justiça

Meu caro amigo: — Na carta que ontem dirigiu ao director da «Capital», o sr. Eugenio Santos Tavares pretende rebater a afirmação que fiz de que ele fôra promovido a conselheiro de legação. Diz s. ex.ª textualmente: «não fui promovido a conselheiro de legação visto que esta categoria é equiparada á de consul geral, função que exerço ha mais de tres anos.»

Não ha duvida de que o sr. Eugenio Tavares exerceu a «função» de consul geral. Mas apenas a função. O seu posto na carreira era o de consul de primeira classe. Nem mesmo pela Lei Organica de 26 de maio de 1911, que a reforma do sr. Simões pretendeu revogar, havia o posto de consul geral, como se vê pelo seu art. 50:

«O quadro dos empregados consulares de carreira, em serviço nos consulados, compor-se-ha de 10 consules de 1.ª classe, 27 consules de 2.ª classe e de 5 de 3.ª classe.» Nada mais.

Por outro lado, se procurarmos no Anuario Diplomatico e Consular a biografia do consul Eugenio Carlos Martinez Tavares—que é o nome oficial de s. ex.ª—encontramos o seguinte:

Decreto de 14 de abril de 1919, promovendo-o a consul de 1.ª classe e colocando-o no consulado geral no Rio de Janeiro.»

Emquanto ali esteve o sr. Eugenio Tavares foi realmente consul geral, mas deixou de o ser logo que o transferiram, visto aquela designação ser apenas um titulo que se dava aos gerentes dos consulados gerais. Pela reforma do sr. Simões é que ela corresponde a um posto, mas como á data da publicação desse diploma o sr. Tavares nem sequer já era possuidor do referido titulo, a minha afirmativa fica inteiramente de pé: s. ex.ª foi promovido a conselheiro de legação. E para o demonstrar deve s. ex.ª reconhecer que me servi dos mais generosos argumentos que tinha ao meu alcance.

E' isto, meu caro amigo, o que tenho a dizer á carta desmentido. Quanto ás ironias que o seu auctor nela se permite ter, não me cabe a mim responder. Isso deve competir aqueles que são responsaveis pela situação que o sr. Martinez Tavares disfructa no Estado republicano.— Aperta-lhe a mão—Um velho funcionario.

Sr. Director da Capital:

Tenho seguido com a maior das atenções e com não menor interesse a campanha que v. ex.ª ousou erguer contra a tão falada Reforma do Ministerio dos Negocios Extrangeiros.

A atitude de v. ex.ª é digna dos maiores aplausos e toma tanto maior relevo quanto é certo que em volta dessa reforma, por parte da maioria da imprensa se nota um significativo silencio, que não querendo dizer tibieza, nem cobardia, muito se assemelha áquele estado de entorpecimento que segue os lautos festins e as avantajadas comesainas. Questão de digestão dificil, que obscurece a inteligencia, o espirito, o senso moral e dilue emfim todo esse conjuncto de belas faculdades que distingue o homem, mesmo quando ele é um «atacho» da fornada do sr. Simões dos outros animais.

Explendida de verdade a conversa que um dos seus redactores teve com um funcionario do Ministerio dos Negocios Extrangeiros, reduzida a artigo e publicada no seu numero de hontem. Mas ainda assim não foi dito tudo, não foi dita a milessima parte dos vergonhosas porcarias que essa monstruosidade, soi-disant, Reforma, mais desejada por varias e indefinidas gentes, do que o proprio Desejado e por acaso, aparecida, como ele deve aparecer dizem os fados, numa nebulosa manhã de Novembro, que essa monstruosidade, ia eu dizendo, esconde ou impudicamente, patenteia aos olhos de toda a gente.

Eu estou convencido que o actual Ministro dos Negocios Extrangeiros, vae repudiar esse aleijão; s. ex.ª não pode ter a minima hesitação e não ha-de querer solidarizar-se com o seu antecessor, perfilhando-lhe a obra. Eu não conheço pessoalmente s. ex.ª; conheço-o porém atravez a sua obra literaria e se é certo que conforme o afirmava o grego em tempos que já lá vão, os livros reflectem, como um espelho o modo de ser, o temperamento, o caracter emfim das pessoas que os escrevem estou seguro que s. ex.ª homem de caracter, homem digno e de tempera rija não hesitará em dar o golpe de misericordia nesse pequenino e mesquinho aborto.

Sua ex.ª não pode hesitar ainda porque o seu passado e o seu nome o incitam a não proceder de outra maneira. O sr. dr. Julio Dantas, não precisou, mercê do seu admiravel e excécional talento atravessar os largos portões das Necessidades para neste paiz ser alguem; não precisa de entourages que gritem aos quatro ventos o seu nome mil vezes consagrado; faz parte de um governo que se propoz apaziguar o paiz e a encerrar esse ciclo revolucionario para todos nós de tão triste memoria e que para o paiz ia sendo de funestas e irremediaveis consequencias... Mas não basta dizer que o periodo revolucionario terminou. E' preciso que toda a obra gerada durante esse periodo seja, não suspensa, mas eliminada, anulada, dôa isso a quem doer. Nem de outra maneira se compreenderiam as declarações do governo ao tomar posse da administração publica. Declarar terminado o periodo revolucionario e conservar-lhe e manter-lhe a obra que ele gerou, não faz sentido, nem mesmo para aqueles que mais fóra vivem da logica.

O sr. dr. Julio Dantas está pois em explendidas, em excécionais condições para com simpatia geral, dar objectividades ás declarações do governo de que faz parte.

Mas ainda que estas rasões não atuassem suficientemente no animo de s. ex.ª bastava o facto desse diploma não ter tido outro fim que não fosse o de servir o ministro, o de servir parentes do ministro, o de servir amigos do ministro para s. ex.ª não ter mais hesitações.

A cinica moralidade de reforma é clara, é patente; o Estado nada lucrou com ela; di-lo uma analise detalhada e conscienciosa de todo o decreto; di-lo ainda o estudo comparativo desse diploma e do que vigorava. Crearam-se apenas lugares, muitos lugares, bastantes lugares, consulados até em localidades em que nunca poisou o pé dum portuguez; com a creação desses lugares serviram-se muitos amigos; fizeram-se nomeações em barda; individuos sem curso nem concursos que um diploma anterior nomeara adidos, passaram aos quadros do ministerio; largas fatias, pesadas fatias foram distribuidas nesse explendido festim com que Veiga armando em Creso sem dispendio para a sua bolsa dum centavo mimoseou todos quantos se prestaram a soprar que o Veiga era excelso, que o Veiga era unico, que o Veiga era «Primus inter pares» que o Veiga era a propria encarnação do genio portuguez que o Veiga emfim tambem era Simões; mas não serei eu o cronista de quantas vergonhosas tropelias que o decreto do sr. Veiga armazena. Isso está entregue ao distinto funcionario do ministerio dos Negocios Estrangeiros que com a sua entrevista de hontem deu origem ao artigo: «Um rosario de escandalos». Sob esse aspecto palpita-me que o bisturi que corta os podres do decreto é de fino metal e que a dissecação do mesmo está bem entregue.

Eu por mim pretendo principalmente chamar a atenção do senhor ministro dos Estrangeiros para outro ponto da reforma. Além de tudo o mais esse diploma, nem sequer como é da mais comesinha praxe, em qualquer disposição transitoria garante direitos adquiridos. Pela antiga organisação do ministerio todos os individuos diplomados com um curso superior tinham competencia para concorrer aos diferentes quadros do Ministerio. Foi o que sempre se fez e nunca no paiz deixou de haver diplomatas; é o que ainda hoje se faz em todos os paizes, exceção, creio, da Espanha e do Brazil! Pois o actual diploma que a torto e a direito nomeia adidos e dá entrada nos quadros a quantos adidos encontrou no Ministerio nega aos individuos diplomados com um curso superior essa competencia; que o fizesse para aqueles que daqui para o futuro se matriculassem em cursos superiores estava bem.

Era um criterio mais ou menos discutivel, mas em todo o caso era criterio. Mas para aqueles que tem um curso superior tirado já na intenção de concorrer ao Ministerio dos Negocios Estrangeiros como é possivel que se lhes negue esse direito? Como se compreende que na lei não haja uma disposição transitoria que lhes garanta esse direito, quando tuti quanti que aprouve agradar ao ministro sem competencia e sem direito é pela reforma beneficiado?

Mas ainda ha mais grave. Existe um curso criado e aprovado pelo Parlamento que garante aqueles que o completarem o ingresso diante concurso nos quadros do Ministerio. E' o curso Superior Consular, o unico curso da especialidade em Portugal. Pois até a esse curso, aos individuos que o possuem, aqueles que o está frequentando Veiga na sua estupenda reforma nega esse direito, baseando-se, disse-o a quem por dever de cargo o procurou demover desse intento em que não compreendia um curso superior feito em quatro anos; o que faz ser uma intelectualidade trazida de Coimbra a Lisboa por intermedio de paizes longiquos na frase dum dos seus panageristas; o que faz um homem ser tecnico especialista e ter inumeraveis cães ao que dizem. Tudo isto seria ridiculo, dum ridiculo elevado a um expoente tão grande quanto se quizesse, se no fundo não trouxesse prejuizos, transtornos, e não fosse um estendal de miserias, desde a miseria intelectual á moral, que nos faz tristeza. Em que situação fica o Estado que aceitou as matriculas de todos os interessados que acabo de citar, que fez portanto com ele um autentico contracto se o sr. dr. Julio Dantas—caso não quizesse anular a Reforma—não remediasse, por meio de justas disposições legais disposições transitorias que fossem essas e outras injustiças da lei.

Tenho a certeza que o sr. dr. Julio Dantas, por um principio elementar de justiça e porque não quer desrespeitar o mais elementar dos principios juridicos qual seja o do reconhecimento e respeito pelos direitos adquiridos, atenderá devidamente estas considerações. Mas como não será demais insistir e porque a rede que os neo-diplomatas andam entretecendo é de rijos fios e malhas estreitas, nós insistiremos ainda sobre este assunto se v. Sr. Director nos der licença para isso.

C. F.

CASO GRAVE

Os massacres e as investigações

Segundo as declarações do sr. Alexandrino d'Albuquerque, vai ser revisto todo o trabalho realisado pelo sr. Barbosa Viana—Ha ou não ha civis comprometidos nos crimes da noite tragica?...

Começou ontem a fazer-se uma certa luz, por enquanto ainda bem fraca, acerca dos resultados já obtidos nas investigações dos pavorosos crimes da noite tragica.

A opinião publica, que não dispensa esclarecimentos completos, só desarmará perante a verdade, posta a nu, ou diante da convicção de que é impossivel alcança-la.

Entretanto façamos nós o nosso dever.

O discurso que o sr. Cunha Leal pronunciou no Governo Civil, dando posse ao novo chefe do distrito, o bravo oficial de marinha Agatão Lança, constituiu um depoimento de extremo valor, principalmente porque foi publicamente exposto pelo homem que é hoje Chefe do Poder Executivo.

Ele afirmou, categoricamente, que era indispensavel pôr fim á perturbação que existe dentro do edificio do Governo Civil, não permitindo que ele seja covil de malfeitores, onde se espancam testemunhas.

A perturbação acusada pelo sr. Cunha Leal não é de hoje nem de ontem, antes vem de longe.

Efectivamente ela já determinou algumas crises na suprema direcção das policias. O sr. Bernardino Machado, por exemplo, não sofreu embaraços na sua acção governativa mais recente, vendo-se forçado, para os arredar, a desviar dos serviços policiais os srs. major Marreiros, que dirigia a P. S. E., e o sr. major Azevedo que chefiava a Policia Civica?

Nunca se soube, ao certo, quais foram precisamente os incidentes que determinaram essas crises, embora alguma coisa transpirasse e fosse mesmo objecto de criticas jornalisticas.

Pois agora verifica-se que, se houve, como realmente houve, embaraços criados ao governo do sr. Bernardino Machado, a causa primaria, talvez unica, desses impecilhos não foi destruida, e os efeitos repetiram-se em virtude da lei que manda corresponder os efeitos ás causas.

Isto foi de ontem até hoje plenamente confirmado, não só em virtude de um incidente imprevistamente surgido entre os srs. Cunha Leal e Falcão Ribeiro, mas tambem pelas declarações do sr. Barbosa Viana, hoje vindas a publico nos jornais da manhã. Ora vejamos se é ou não assim.

O sr. Falcão Ribeiro pretendeu esclarecer a assembleia acerca da afirmação feita pelo sr. Cunha Leal quanto a espancamentos no Governo Civil. Para conseguir esse resultado, o sr. Falcão Ribeiro atribuiu a uma questiuncula entre mulheres a origem unica da versão dos espancamentos. Mas o sr. Cunha Leal manteve o seu ponto de vista, tendo para o sr. Falcão Ribeiro um gesto de energica reprimenda. Ora pelo que hoje diz o sr. Barbosa Viana verifica-se que, ou o sr. Falcão Ribeiro não conhecia os casos do Governo Civil ou deles se esqueceu, muito deploravelmente. E nós dizemos isto porque o sr. Barbosa Viana faz claras referencias, nas suas declarações hoje publicadas, a um incidente tumultuoso, resultando do inquerito a que procedeu sobre os massacres. Dois homens se envolveram então em desordem.

Ora este caso difere, absolutamente, daquele que foi citado pelo sr. Falcão Ribeiro, na sua pretenção de retificar as palavras do Chefe do Poder Executivo. O caso das mulheres, esguedelhando-se mutuamente, não teve realmente importancia. Pode, porem, afirmar-se o mesmo quanto ás vias de facto a que se entregaram os dois homens citados pelo sr. Barbosa Viana? Por enquanto, é esta a questão. O sr. Barbosa Viana devia esclarecer bem este incidente, dando conhecimento dos depoimentos divergentes dos individuos em questão e elucidando a opinião publica quanto á sua identidade, onde os nomes, profissões e moradas são partes essenciais. O sr. dr. Alexandrino de Albuquerque não se privará, estamos certos, de esclarecer completamente o incidente, sobre o qual podem depor, novamente, os dois sujeitos e o proprio sr. Barbosa Viana.

◇ ◇ ◇

Dentro do Arsenal e durante toda a noite tragica não estiveram apenas marinheiros e guardas republicanos. Andavam por lá, conforme noticias uniformes dos jornais, muitos civis armados. Está esclarecido quem eles eram e o que por lá faziam e fizeram?

Este ponto não parece ter merecido a atenção persistente do sr. Barbosa Viana.

O mesmo dizemos com respeito á intervenção de civis nos casos das ruas ou das estradas, dentro e fóra de Lisboa. Por exemplo: o sr. Barbosa Viana soube ou sabe quem andou á procura do sr. Leio Portela? Este ponto está envolvido em obscuridade. Entretanto não é de supor que o sr. Leio Portela fosse tão insistentemente procurado para lhe oferecerem as boróas do Natal. E tambem ainda hoje se não sabe se foram civis ou militares aqueles que tanto empenho fizeram em lhe descobrir o paradeiro. Eis outro pormenor que não pode deixar de ser totalmente esclarecido pelo sr. Alexandrino de Albuquerque.

◇ ◇ ◇

Tão desorganisado se encontra este paiz, que para tudo é indispensavel providenciar especialmente. Nós temos, teoricamente, um Poder Judicial organisado.

Entretanto, quando se trata de esclarecer casos macabros como aquele que preocupa a atenção publica, é forçoso criar um organismo especial e andar, com a lanterna fumarenta de Diogenes, á procura dum homem. Para que servem, então, os servidores habituais do Estado? Tribunais especiais para isto e para aquilo, investigadores especialissimos para apurar esta ou aquela coisa... E no final, escuridão completa, com a sanção dos crimes pela impunidade dos criminosos.

Que é feito, por exemplo, do processo da «Leva da Morte»? Foi acaso punido o matador de Henrique Cardoso? E quantos e quantos casos de 1910 para cá!

Não, isto não está certo nem direito. A maquina do Estado está desconjuntada. A marcha da Justiça é hesitante. E, se isto tudo não sofre concerto, ou porque já não pode com elo ou porque lho não sabem nem podem dar, então vamos todos para casa, fiar numa roca, contando, á lareira, historias de fados e lobishomens, excelentes para adormecer crianças ou entorpecer consciencias...

Luiz Derouet

foi irradiado do Gr.·. Or.·. L.·. Un.·.

O nosso ilustre confrade do jornalismo sr. Luiz Derouet, director e co-proprietario de «A Manhã», acaba de ser fulminado com a pena de irradiação da Maçonaria. A gravissima penalidade foi-lhe imposta por ter permitido a publicação, no seu jornal, duma prancha maçonica, encontrada num dos bolsos do fato que o desditoso Antonio Granjo vestia, quando foi barbaramente assassinado.

Ouvimos que o sr. Luiz Derouet tenciona recorrer da sentença para o Con.·. da Or.·.

LER NA 2.ª PAGINA

ANTIQUALHAS HISTORICAS

POR LASDILAU BATALHA

A CAPITAL

publicará brevemente:

Duas edições

Ao entrar na esteriotipia inutilisou-se parte desta pagina do que pedimos desculpa aos nossos leitores.

Factos e palavras

Uma obra que pelo seu merito, se não pode alinhar de... um livro o uma mulher.
Uma obra da qual teremos de dizer... o livro duma Artista.

BOTTO DE CARVALHO

A PROPOSITO ... DE UM LIVRO

A literatura continua extraindo os novos. Os livros continuam a surgir assustadoramente nas montras das livrarias e o que me espanta não é positivamente a fertilidade e abundancia do talento, mas sim a facilidade e abundancia de dinheiro que permite a continua edição por conta do autor de livros que saiem caros com a agravante de estarmos numa terra onde se lê pouco e mal.

O que são na sua maior parte esses livros é escusado dizê-lo. Todos o sabem.

Manifestações duma arte cronina e incaracteristica, triste principio de creaturas que nasceram destinadas a terem simplesmente um fim. Fim esse indiferente para os estranhos, que os não conhecem, que os não sentem, que os não compreendem; fim tristissimo para os proprios autores que acalentaram uma esperança e que julgaram possivel um triunfo.

Deste oceano de pequenos livros, ondas que nem chegam a erguer-se, surgem por vezes as grandes vagas, surgem por vezes as ondas que principiam a formar-se uma esperança que já se afirma.

Nesta ultima categoria está um livro, surge um nome, ha pouco ainda luminado.

Berta Leite faz a sua estreia com «A Lenda da Praia do Guincho».

E' sempre encantador ver surgir um nome de senhora no ambiente das letras. E a estreia deste nome é uma revelação que nos deve encher de alegria.

«A Lenda da Praia do Guincho» é um livro de prosa. Um livro cuidado escrito em portuguez, o que é curioso numa época em que toda a gente escreve «bunlos». Ha nas suas paginas uma evocação radiosa, que nos leva a seculos atraz. Mas não se fica apenas ao dor chorodeira dum fime nil amor estilado. O livro é cheio de alma, tem atravez das suas paginas um forte querer.

Berta Leite mostrou que o seu raro temperamento de artista necessitava do largo ambiente duma Historia para poder viver. E o que é interessante notar não começou como toda a gente por fazer versos.

A sua frase é facilmente trabalhada, elegantemente cuidada.

Sem abdicar da feminisidade do seu espirito, sabe aliar uma grandesa dalma e de sentir, uma rude impetuosidade á sua prosa.

Daquilo que nos não emociona não vale a pena falar.

E no entanto eu era devedor para com a minha consciencia deste «A proposito»

Não o faço para a elogiar. Isso não teria interesse. Faço-o apenas para apontar o livro aos raros que me lerem.

E no entanto o elogio sai naturalmente das minhas palavras como a consequencia clara e logica dum facto: a belesa da obra.

Foram inumeras as florestas incendiadas, não só durante a guerra, mas constantemente, — não se sabe porque estranho habito do maldade que tambem entre nós abunda —: mas consola saber que elas são quasi inumeraveis. Na America do Norte existe uma que se estende até as provincias de Quebec e de Ontario e prolonga até ao rio de Hudson e á peninsula de Labrador; tem de cumprimento 2.700 quilometros e do largo 1.600 quilometros.

Na America do Sul, vale do Amazonas e norte-oeste do Brazil, existem florestas imensas medindo algumas 3.300 quilometros de cumprimento por 2.000 de largura.

Na Africa Central alguns exploradores teem assinalado nas suas cartas uma floresta que vai desde o Congo as margens do Nilo e do Zambezia. O seu cumprimento é ainda desconhecido, mas a sua largura está calculada em 4.800 quilometros. Ha ainda um outra floresta, na Siberia meridional, que tem 4.200 quilometros de cumprido por 2.700 de largura.

❖ ❖ ❖

Recebemos e agradecemos o n.º 13 do «Boletim das Missões Civilisadoras».

❖ ❖ ❖

Um telegrama de Paris diz-nos que a aliança dos empregados francezes votou a resolução de pedirem a abolição das oito horas de trabalho, visto esse regulamento estar causando o aumento do custo de todos os artigos de necessidade diaria, reduzindo seriamente as facilidades da França poder competir com os outros paizes.

Até que emfim parece que todos os assalariados de todo o mundo principiam a compreender que a elasticidade financeira dos patrões tambem tem limites e que quanto maiores forem os vencimentos mais exorbitantes serão os preços por que pagarão os generos mais necessarios á vida.

Já não é sem tempo.—E em Portugal? Não seria mau olhar a serio para as nossas industrias que estão a definhar-se.

❖ ❖ ❖

A Fabrica Krupp depois de durante trez anos não ter dado dividendo algum, anunciou os dividendos de 4 e 6 0|0 para 1920 e 1921. Os lucros liquidos das Fabricas de Essen atingem 98 milhões de marcos.

❖ ❖ ❖

Consta ao «Daily Mail» que a Ilha de Creta publicará em breve uma proclamação declarando-se em republica independente, tendo Venizellos como Presidente. Por este motivo teem havido grandes demonstrações, que se supõe ser auxiliadas pelas associações gregas existentes na America.

A ruptura comercial franco-espanhola

Um deputado catalão pediu explicações á Camara sobre que condições se deu a ruptura comercial com a França e se nesta questão, puramente economica, não se inscreveram considerações de ordem politica.

Gonzalez Hontoria, ministro dos negocios estrangeiros, tomou a palavra, e em breves abrases, defendeu o ponto de vista hespanhol, declarando que o grande obstaculo a uma «entente» fôra o pedido de suspensão das taxas de compensação do tratado formulado pelo governo francez, é considerado por ele como uma condição «sine qua non» pela continuação das entrevistas. O governo hespanhol oferecera a supressão destas taxas desde que a nova tarifa aduaneira hespanhola entrasse em vigor, mas esta proposição não foi adoptada.

A Espanha ofereceu então a supressão imediata das taxas para os artigos que interessem muito os exploradores francezes. O governo francez respondeu que não podia aceitar esta proposta, não querendo favorecer esta ou aquela industria em detrimento das outras.

Quanto á baixa dos propriamente ditos, que damnifiquem os productos francezes, pedida para um certo numero de artigos, o governo espanhol declarou-se prompto, contra concessões reciprocas, a discutir esta redução para alguns produtos. O governo francez manteve, disse Hontoria, a sua lista intacta e pediu a aplicação irrevogavel do tarifas reduzidas á data em que devia findar o «modus vivendi».

O ministro não disse que a primeira lista apresentada pelo governo francez comportava uma centena de artigos, que por fim se reduziu a trinta.

Sómente depois de ter feito esta grande concessão é que se recusou a aceitar a ultima proposta espanhola que, continua Hontoria, consistia na renovação do «modus vivendi» e na reducção dos direitos sobre alguns artigos francezes, devendo a França renunciar a certas exigencias e renunciando a Espanha ao pedido de compensação para os seus vinhos.

O desejo da Espanha era que o regimen provisorio continuasse em vigor até que uma comissão de tecnicos dos dois paizes chegassem a um acordo definitivo.

Foi nessas posições reciprocas e irredutiveis que, em 10 de dezembro, termo do «modus vivendi», os dois governos se encontraram.

«Em 10 de Dezembro, concluiu o ministro, começamos, pois, a aplicar aos produtos francezes a tarifa geral pura e simplesmente como estava estabelecido, mas a França não sómente aplicou a sua tarifa geral, como tambem a augmentou com uma sobretaxa «ad valorem» que oscila entre 25 % e 80 %, e, além disso, ainda mais uma sobretaxa igual á diferença do valor do franco é da peseta».

Terminando, o ministro anuncia a proxima publicação de um Livro Vermelho.

Frei-Satanaz

Amanhã no Teatro Nacional

O que é a peça de Souza Costa, que sobe á scena no «Nacional», ámanhã? Sabemo-lo por ele proprio no-lo haver dito, interrogado por nós. A sua peça é um capitulo vivo, feito com humorismo e comoção, da desordem que domina a sociedade de hoje.

Conflito violento de paixões, dá a vitoia, na sua logica afinidade com virda, não ás paixões melhores—ás mais fortes.

Uma mulher, fraca de coração vive com o marido e os filhos entre a cupidez sensual duns e a sêde do dinheiro de outros. Mas fraca, nem soube acautelar-se a si, inteiramente, contra os primeiros, nem preveniu o filho, um estroina em liberdade, contra os segundos. Dai o conflito, as paixões em luta, o drama em movimento. Como essa mulher é a fraqueza, e a força as que a rodeiam, sobre ela cai, no momento em que decide libertar-se de si propria, a desgraça que vigia de perto os bens que não sabem acautelar-se das dificuldades da vida. E assim, «Frei Satanaz», o director espiritual das almas nestes dias de alucinação febril, torna-se mais uma vez o vencedor dessa batalha entre a fraqueza, que é bondade, e a cubiça, que é apenas instincto animal.

Quanto ao desempenho desta peça, em que a comedia alterna com o drama, sabemos que é admiravel por parte de alguns dos principais artistas do «Nacional», sendo harmonico por parte de todos.

A primeira é amanhã, sexta feira, como dissemos já.

ULTIMA HORA

A reforma do ministerio dos Estrangeiros

Os ratinhos mexem-se

Os ratos que tomaram conta do queijo do ministerio dos Estrangeiros e que ameaçavam devora-lo completamente mostram-se ha dias bastantes excitados porque... alguem veio perturbar a festa. Vendo-se em perigo de perderem o que tão laboriosamente haviam conseguido, tocaram a reunir, e ei-los que se preparam para resistir ás investidas da vasoura higienica, que a despeito de tudo os levará de vencida.

Ontem publicaram uma nota segundo a qual os funcionarios do ministerio haviam nomeado uma comissão para trabalhar no sentido de fazerem triunfar a reforma.

Como notassem que haviam ido muito longe, vieram hoje fazer a declaração de que é apenas um grupo de funcionarios que se propõe levar a cabo essa tarefa

E é, realmente, assim:

Podemos mesmo afirmar que conhecemos bem os componentes desse grupo. Fazem parte do nucleo dos grandes contemplados que, para poderem levar a agua ao seu moinho, não teem duvida de procurar arrastar o pessoal menor a fazer causa comum com eles, explorando com a situação economica em que se encontram esses pobres serventuarios do Estado.

Ora nós temos a declarar terminantemente que não só não nos move a menor má vontade contra o funcionalismo do ministerio dos Estrangeiros, como achamos justissimo e urgente que sejam aumentados os seus vencimentos, sobretudo os dos que ocupam lugares modestos. Contra o que nos insurgimos e o que não deixaremos que se faça é que, á sombra desses sagrados interesses, se pratique a imoralidade de encher o estomago aos tubarões.

Temos, do resto, a certeza de que isso não se levará a cabo e que, ao contrario, justiça será feita a todos.

A' frente do Ministerio dos Estrangeiros está o dr. Julio Dantas que, alem do espirito superior de todos conhecido, é um autentico homem de bem.

O atentado da linha do Sul e Sueste

Por noticias chegadas hoje do Algarve sabe-se terem sido descobertos e presos já os autores do barbaro atentado de descarrilamento do comboio n.º 6 do Algarve.

Um dos implicados foi preso em Serpa e chama-se Joaquim da Silva.

Os acusados em numero de nove confessaram o crime.

Loteria espanhola

Os premios principais

MADRID, 22.—O segundo premio da loteria do Natal da importancia de 10 milhões de pesetas coube ao numero 39.756 vendido para Barcelona; o 6.º premio de meio milhão sahiu no numero 13.488 vendido para Almeria; o 3.º de 5 milhões saiu no numero 34.205 vendido para Barcelona e o 5.º de 1 milhão ao numero 3.240 para Toleso.—(H.)

Chefes de policia

Pelas 13 horas, de hoje uma comissão de alguns chefes de policia de segurança publica, procurou o sr. ministro de Finanças, afim de lhe expôr a situação em que se encontra aquela corporação, devido aos diminutos vencimentos que aufere.

A comissão era representada pelos chefes do Governo Civil, Nacional, Boa Vista Alcantara, e Belem.

Para os pobres de "A Capital,,

Do sr. Sebastião Paiva, agente do nosso jornal, recebemos seis cautelas de cincoenta centavos com o n.º 3 054.

Agradecemos em nome dos contemplados.

O Natal e os pobres

Lanche infantil

Promete ser brilhante o bôlo a distribuir no dia 25 do corrente na séde da Junta de freguezia de Santa Isabel que constará da distribuição de calçado e piugas, a 60 criancinhas e de um lanche, levado a efeito pela Comissão de Melhoramentos dessas freguezias Santa Isabel e Lapa, que tanto tem ja pugnado pelos seus interesses locais.

Com a comparencia dos srs. Governador Civil, Comandante da Policia e srs. oficiais dr. Daniel Rodrigues, Verdun Martins, Machado Toledo, José do Vale e outras entidades que para esse acto foram convidadas, far-se-ha entrega de uma excelente macarodada, adquirida por subscrição entre os seus parochianos, e para assistencia aos mesmos á 16.ª esquadra.

Neste momento que em quasi todos os lares reina a alegria, é altamente simpatica a ideia da referida Comissão em lembrar-se das inocentes criancinhas, minorando-lhes por esta forma, embora modesta, a angustiosa situação em que se debatem, e levando aos seus pequeninos corações desconfortados, um pouco de alegria que enche os mesmos, um pouco mais bafejados pelo destino.

Esta Junta convida os seus paroquianos a assistir a este acto.

POLITICA

Ministro do Comercio

Não tendo o sr. Constancio de Oliveira aceitado a pasta do Comercio e não tendo o sr. Alves dos Santos acedido em trocar com ele a pasta do Trabalho, o sr. Cunha Leal convidou para a pasta do Comercio o sr. dr. Nuno Simões que, segundo as nossas informações, deu resposta afirmativa. O decreto de nomeação será publicado amanhã.

A nova subvenção ao funcionalismo publico

Embora não tivessemos obtido confirmação oficial cremos que o governo decretará brevemente um aumento de cincoenta escudos mensais nas subvenções ao funcionalismo do Estado.

Conselho de Ministros

Estava marcado para esta tarde, ás 13 horas, um conselho de ministros, que não chegou a iniciar-se. Alguns dos membros do governo— e, entre eles, o sr. ministro das Finanças estiveram no gabinete do chefe do governo, com quem trocaram impressões numa breve conferencia, que não exce deu meia hora.

Na residencia do chefe do Estado

A's 17 horas foi o sr. Cunha Leal conferenciar com o sr. Presidente da Republica. A conferencia devia ter-se realisado na residencia de Chefe do Estado.

Dizia-se, não sabemos porquê, que o governo preparava, para muito brevemente serem decretadas, algumas providencias destinadas a entravar a continua subida dos generos alimenticios.

Havia tambem quem dissesse que se tratava de medidas de ordem politica, destinadas a fazerem uma certa sensação.

POEIRA da ARCADA

Vão ser mandadas cessar as funções do sr. Silva Roxo como Provedor da Assistencia de Lisboa, as quais serão retomadas pelo Provedor efectivo sr. dr. Pais Abranches por desistir da licença que lhe foi concedida.

❖ ❖ ❖

No gabinete dos «reporters» recebeu-se hoje o seguinte radio:

«Os passageiros do vapor «Portugal», estão bons, e enviam boas festas a suas familias.»

❖ ❖ ❖

Uma comissão de operarios da Fabrica de Vidros da Amora, acompanhada do antigo deputado sr. major Tavares de Carvalho, e as comissões politicas do Seixal procurariam o sr. ministro interino do comercio, afim de solicitar a abertura de trabalhos publicos naquele conselho, onde sejam colocados os vidreiros desempregados.

❖ ❖ ❖

São amanhã expedidos malas postais pelo vapor «Lidia», para Bolama e Bissau, e pelo «Ardeola» para a Madeira, Las Palmas e Africa Oriental, via Madeira, sendo as 9 horas a ultima tiragem da correspondencia para o primeiro e ás 12 para o segundo, fechando para este os registos ás 10.

Padrão da Guerra

Os oficiais que fazem parte do padrão da grande guerra tendo á frente o sr. general Gomes da Costa, e coronel sr. Pires Monteiro, conferenciou hoje com os srs. ministros da Guerra, e da Justiça, sobre a organização dos padrões em França.

O Concerto Blanch de domingo é um grandioso sucesso

E' verdadeiramente extraordinario e o mais completo, como não ha memoria doutro igual. O belo programa do concerto de domingo no S. Luis da Orquesta Sinfonica Portuguesa dirigida pelo maestro Pedro Blanch, que terá, sem duvida, uma das suas mais brilhantes tardes. Executa-se, pela primeira vez em Portugal, uma composição sinfonica do celebre compositor russo Rachmaninoff, a sua extraordinaria «Sinfonia em mi menor» e pela unica vez nesta epoca, a brilhante «Cavalgada das Walkyrias» e o «Cortejo funebre a morte de Siegfried», de Wagner, sendo a orquestra consideravelmente aumentada, a «suite» do «Peer Gynt» e outras obras notaveis.

Salão Central

Eddie Polo

Este extraordinario artista norte-americano continua a chamar enorme concorrencia aquele elegante cinema. Nos episodios da bela pelicula «A adaga misteriosa» até hoje exibida, tem o prodigioso actor e atleta um dos seus mais surpreendentes trabalhos.

Repetem-se no espectaculo desta noite, acompanhados do lindissimo film «Espigas de Oiro», que tanto entusiasmo tem disputado.

Amanhã, 6.ª-feira, estreia na «matinée» do emocionante drama em partes «Sombras do passado», do repertorio da formosa e eminente actriz Helena Makowska, actualmente uma das mais rutilantes estrelas da arte do silencio.

A completar o programa um acto comico «Informação desgraçada» cheio de peripecias e improvistos de franca gargalhada.

PELO TELEGRAFO

A conferencia do desarmamento

A imprensa americana censura a atitude da França

WASHINGTON, 22.—A imprensa americana censura a França porque sendo a potencia que tem um exercito mais forte no continente da Europa exige uma marinha de guerra superior á marinha da Italia, da Espanha e da Yugo-Slavia reunidas.

Dizem ainda que a França construirá indirectamente os seus navios á custa dos Estados Unidos, que não teem interesse algum em custear as imensas forças militares da França.

Declaram que não se deverá permitir que a França gaste os biliões que deve á America em armamento inconsistente com as ideias que estão dominando o mundo.—(R.)

O Japão suspende a entrega á China dos Caminhos de Ferro

LONDRES, 22—Consta que o Japão suspendeu as negociações sobre a entrega do Caminho de Ferro de Shantung, visto a China não estar em condições de poder oferecer a garantia de nomear um Engenheiro Chefe um Director Geral e um Inspector de Finanças para a sua administração.—(R.)

Os trabalhos recentes da conferencia

WASHINGTON, 22—Teem-se propalado varios boatos sobre os trabalhos secretos da conferencia, que a imprensa se apressa a publicar, dando noticias de sensação como a da proxima anulação do debito de libras 1.786.000 000 a Inglaterra contraido por varios paizes europeus, sendo esta solução devida a instancias do sr. Lloyd George.

Uma agencia americana chegou a declarar que essas noticias partiam dum dos delegados da conferencia. O presidente da delegação ingleza aproveitando a ocasião de estar usando da palavra declarou que a delegação ingleza não dera essa informação á imprensa e que lastimava o facto de terem aparecido ultimamente na imprensa americana, com frequencia, varias noticias sem fundamento forjados em Londres e todas tendentes a demonstrar que Lloyd George quer forçar a nota com o fim de resolver com brevidade a questão das dividas entre os aliados.

A atitude dum senador americano

WASHINGTON, 22.— Dentro em breve o tratado das quatro nações será apresentado no Senado e entretanto, o temivel senador Borah apregoa bem alto os seus ideais sobre o que a conferencia deve aprovar antes de consentir na ratificação da quadrupla aliança, e dos tratados ligados ao desarmamento e ao futuro da China.

O senador afirma que o tratado das quatro nações como está, é apenas um tratado militar. A conferencia, acrescenta o sr. Borah, na eventualidade duma guerra futura, não decidiu ainda qual a arma que se empregaria.—(Lat. Am.)

A Irlanda vitoriosa

Palavras de Lloyd George

LONDRES, 22. — No discurso pronunciado por Lloyd George na grande sessão solene de Waiminster a que assistiu o rei George de Inglaterra com todo o cerimonial e pompas das grandes festas antes da guerra, para participar o pacto com a Irlanda, o distinto estadista pronunciou as seguintes palavras: «A divisa — os perigos da Inglaterra são as oportunidades da Irlanda», começa desde hoje a ter uma interpretação diferente. Os nossos perigos serão tambem os seus: os nossos receios constituem as suas ansiedades, as nossas vitorias as suas alegrias». A brilhante alocução do presidente do ministerio inglez nesta sessão historica durou 1 hora e 37 minutos.—(Lat. Am.)

Noticias de toda a parte

O Alto Comissario do Canadá, em Londres, demite-se

LONDRES, 22.—O Alto Comissario do Canadá nesta cidade, Sir George Perley declarou tencionar em breve enviar ao novo presidente do governo do Canadá o seu pedido de demissão.—(R.)

Foi eleito Presidente da Camara Belga Emile Brunet

BRUXELLAS, 22.—Foi eleito presidente da Camara o sr. Emile Brunet, antigo «leader» do partido socialista.—(R.)

A Belgica e as potencias

BRUXELAS, 22. — O sr. Theunis declarou que tendo o tratado de Versailles revogado a neutralidade Belga, a Belgica esforça-se por estabelecer o seu estatuto internacional mantendo a sua amizade com a França e com a Inglaterra. O acordo concluido com a França é puramente defensivo e é de crer que este acordo será o preludio doutros semelhantes que serão feitos com outras potencias amigas.

O sr. Theunis lamentou que na questão do desarmamento e no julgamento dos culpados da guerra, as garantias dadas pela Alemanha sejam insuficientes e que haja necessidade de impôr a continuação da vigilancia exercida pelos outros Estados.

A'cerca das reparações disse que a Alemanha diretamente responsavel da situação atual procura furtar-se ás suas responsabilidades, não tendo tomado qualquer medida para melhorar as suas finanças. Os aliados examinarão em breve cuidadosamente a questão dos pagamentos de janeiro e fevereiro, que esta Nação é obrigada a fazer.

Estas declarações feitas no decurso da apresentação ministerial causaram excelente impressão.—(R).

Um novo couraçado espanhol

FERROL, 22.—Foi entregue com toda a solenidade á marinha de guerra o novo couraçado Jaime primeiro.—(R).

Annuncio

Por sentença de 28 de Outubro ultimo, com tranzito, foi autorizado e tido por dissolvido o casamento dos conjuges, José Domingues, morador na rua Sociedade Farmaceutica n.º 27 4.º e Maria Rosa, moradora na rua Gomes Freire, n.º 39 3.º, ambos desta cidade. — Lisboa, 18 de Novembro de 1921. — O escrivão, *Antonio Armando Lima*. — Verifiquei a exatidão, o Juiz de Direito da 5.ª Vara Civel.—*Pinto de Mesquita*.

TEATRO

Palcos e Clubs particulares

CLUB ESTEFANIA — *Inauguração da epoca festiva. A revista C. e P. original dos srs. V. Arriaga e A. Grilo. Musica coordenada e original do sr. Fernando Guimarães.*

Os srs. V. Arriaga e A. Grilo, amadores dramaticos no Club Estefania, reunidos em fraternio convivio, pensaram e em seguida deliberaram escrever uma revista sob o titulo C. e P. (Club e Peras).

Dificilimo se lhes tornou, aos modestos autores, executar um trabalho genero fantasia em que se fixasse bem a côr, o movimento, a acção e até a graça e beleza que acertadamente iria ao encontro do gosto e interesse da selecta plateia do Estefania, ainda com a grandiosa vantagem para agradar a Gregos e Troianos.

Os srs. Arriaga e Grilo, resumiram o seu superfluo trabalhinho, apenas a factos e scenas locais passados a dentro do Club. Criticaram e ridicularisaram com o fim unico de fazer rir, exibiram-se caricaturas grotescas de vultos com o seu destaque á mistura com outros de grande prestigio e a s quais o Club Estefania muito deve. Não queremos com isto dizer, que a revistinha seja molesta. De forma alguma. Diga-se até, em abono da verdade, foi escrita com ponderação, decencia, etc.—como não podia deixar de ser. Mas—e neste «mas» vai o nosso sentir porque com todos estes «predicados» não conseguiu triunfar e alcançar a 5.ª representação tão levianamente esperada e chamada á «la diable». Um superior «tour de force» foi empregado para levar a efeito a 3.ª e ultima recita. O que é positivo, o que ficou provado, é que a revista local portas a dentro do Club, não tem «admiradores» e para tal afirmação fala bem alto a diminuta concorrencia e marcação de logares dando em resultado que a revistinha acusa um prejuizo (segundo nos informaram) superior a mil escudos, o que não é muito «substancial» pela situação actual e economica do Club.

Emitida assim rapidamente a nossa modestissima opinião, que julgamos ser a de muitos consocios, resta-nos a satisfação que com a representação da revista as situações se definiram sobre liberdade de critica, e não só que... o sol quando nasce não seja para «todos».

Com referencia ao desempenho, sómente diremos que todos os amadores foram aplaudidos. A destacar a snr.ª D. Isabel Pego, Maria Gomes Anita Sacramento, Angela Morais, Maria B. da Silva, Amelia Costa e os srs. Eduardo Vasques, Jacobetty Rosa, Delfim Guimarães, R. Bensabat, Inacio Santos, Mario Sousa, Avelino Fialho, etc.

O sr. Arriaga merece louvores pelo cuidado apurado na ensecenação e movimentação da sua peça. Não se podia fazer melhor no limitado espaço da «boite» do Estefania. Côros com notavel falta de vozes femininas. Muito bem aproveitados alguns numeros de musica já conhecida e que o sr. Guimarães aproveitou para o C. e P. e os restantes da sua autoria, merecem elogios. O sr. Guimarães parece ter valor para obras de maior folego e brilho. Regencia musical inteligente pelo distinto maestro Alfredo Mantua. Scenarios apropriados. Guarda-roupa da Casa Cruz, com notas e jogos de bom e mau gosto. Montagem electrica, efeitos de luz, sob a direcção acertada do sr. Luiz de Araujo.

Desceu o pano sobre a ultima representação da revista C. e P. Em breves dias subirá o pano para o *Amigo Fritz*, seguidamente Grande Industrial, Viuva Alegre, etc. etc. Falaremos, com a imparcialidade de sempre.

V. R.

Reclames

Eden-Teatro. — As modas, belas charges, que Zulmira Bettencourt, Angela Barros e Ema Polonio interpretam com a maior desenvoltura e graciosidade é um dos numeros de mais agrado da já eterna revista «Tic-Tac».

Noticiario

Portugal

E' o ilustre maestro Artur Fernandes Fão que vai musicar a opera militar «Os Serranos» inspirada nos nossos heroicos combatentes da grande guerra.

O libreto da autoria do moço escritor Alexandre Balvo e ao que se diz todo ele é cheio de simplicidade e amor pela terra portuguesa.

—O «compere» do 1.º quadro da revista «E' o levas» será desempenhado pelo actor Rosa Mateus, e o do 2.º por Henrique Alves.

AGENDA DA SEMANA

HOJE—Concerto sinfonico no teatro de S. Carlos, sob a direcção do maestro Victtorio Guy e no qual toma obsequiosamente parte o grande pianista Viana Mota. Executam-se tres originais portugueses.

AMANHÃ—«O Toureador» no Teatro Avenida, pela companhia de opereta Satanelá-Amarante.

—«Frei Satanaz» no teatro Nacional 3 actos do dr. Sousa Costa

OS CONTOS DE «A CAPITAL»

A INICIADA

(FRAGMENTO)

POR ORNELAS PEDREIRA

....

A noite descera mesclando os homens e as coisas, numa «pochade» pardacenta e viscosa.

Maria Clara olhou mais uma vez o rosto na oval minuscula do espelho, passou levemente o arminho de pó de arroz, batonisou com um ligeiro traço os olhos a que a febre emprestara maior brilho, e friorenta na peliça burguesa e pobresinha, arriscou os primeiros passos.

O ruido da porta, e o gemido da escada carunchosa que acusava numa oscilação os seus passos mal seguros, sobresaltaram-na.

Parecia que na escuridão á sua volta se erguiam fantasmas que ali vinham para acusal-a. Quiz então reagir, refugiar-se no lar abandonado, começar uma vida sã, honesta de lucta pelo pão.

Mas era tarde. Amanhã as dificuldades avolumadas leva-la-iam a entregar-se ás claras, sem que ao menos a noite acolhedora escondesse a sua falta, num generoso gesto de perdão.

O sol redemi-la-ia, purificando a sua carne maculada. E amanhã a luta não seria tão desigual na sua compleição fransina, porque a sua beleza serena triunfaria, angariando-lhe um bem estar até então inacessivel.

Maria Clara continuou a descer. Invadia-a agora uma grande tranquilidade, uma certesa absoluta de vencer.

No fim da escada, no cubiculo infecto a porteira, que desde a morte da mãe, cerceados os viveres que a sua mão bondosa fazia escorregar até ao tegurio da velha, se tinha posto de má catadura, não mimoseando a sua menina com blandicias servis de alcaiota,—arrastara-se coxeando a sumir-se no escuro, pigarreando entre dentes.—La vai a franga á cata do galo. Todas as mesmas, suas grandes coiras.

As palavras da megera resoavam no ouvido de Maria Clara, acordando-lhe o remorso de sacrificar a sua carne virgem á voragem viciosa dos que passam. E vinha-lhe então o desgosto de se não ter dado já, imolando a donzelia em holocausto a um grande amor que a redimesse, justificando este arremesso forçado ao prostibulo, que nas outras é sempre a consequencia de uma grande hora de amor, na liberdade imensa dos desejos que acordam, e se afirmam num gesto explendido de soberania. Nada no passado que justificasse a sua atitude, ela que escondera a sua vida de sonhadora, no acanhado limite de uma trapeira, alheada de curiosidades doentias, num altivo isolamento impenetravel.

E no entanto, uma força poderosa tinha apontado o seu destino sem raciocinios vacilantes, tão imperiosamente como se lhe indicasse o caminho da clausura, sacrificando sem dó a sua mocidade.

Lá fora áquela hora, a cidade era um Mulok imenso, cubiçando a beleza da sua carne.

Maria Clara ensaiou os primeiros passos no asfalto.

Sombras viciosas confundiam-se com as paredes ciciando no escuro convites canalhas.

Dos cafes e dos teatros a luz apunhalava a sombra com reverberos estranhos, brilhando como laminas.

Dentro o vosear zumbeava numa massa de fumo que parecia evolar-se das almas.

Era o genio da noite que possuia todas as coisas, manejando-as como fantoches, enquanto os bobos riam em casquinadas guisalheiras.

Pelos passeios lamacentos, vadiavam cirigaitas batidas pela nortada, cochichando os conhecidos em mira de esportula, ensaiando novas atitudes mais de molde a acordar as sensibilidades adormecidas pelo frio. E uma agora, outra logo, lá iam sumir-se no escuro da viela proxima, onde sobre um portão enorme lampejava uma lanterna.

Maria Clara foi seguindo-as.

Frases soltas, que diziam desejos brutais, cortavam a noite té aos seus ouvidos. Pragas, obscenidades, e sempre uma voz rouca prometendo.

—Anda filho, sobe, são cinco mil reis, então. Raio de «home», estou enguiçada.

E a um segredo terrivel mais prometedor, sumiam-se abraçados, e Clara parava ouvindo perderem-se na escada lobrega, os passos e as vozes, curiosa do vicio, como a querer penetrar para além das velhas paredes carcomidas, e iniciar a sua alma virgem no misterio imenso da luxuria.

Na viela vadeavam grupos á cata das damiselas de alcouce, tuteando de chalaças as que passavam, caçando-as com abraços violentos, que as faziam soltar palavrões de protesto, por entre gargalhadas loucas e prolongadas.

Então Maria Clara sentiu-se agarrada; uns braços fortes cingiam o seu corpito de ave ferida, e um bafo aguardentado chegou-lhe ao rosto.

—Vens daí pombinha?

Todo um «frisson» violento percorreu-lhe o corpo, acordando-lhe energias que se erguiam para defendê-la.

Um pequeno gesto, e ficou livre. Em volta a malta ria perdidamente, esfumando-se na nebiina agora mais densa.

Clara era cada vez mais senhora nos seus gestos. A visão perfeita da degradação a que descera acusava-a implacavelmente. E fugiu, correu desordenada, libertando-se da viela caminho do largo, com uma sede imensa de ar, de luz, de um braço amigo que a salvasse.

Em volta, toda a gente e ninguem.

O rapazio apregoava os jornais da noite, e do colésito de operarios, vinham os acordes de um violino gemendo uma canção em voga.

Passava gente, imensa gente, e Maria Clara deixou-se ir ao acaso, sentindo-se acompanhada por tantos desconhecidos, que a salvariam se quizesse cair, se não tivesse forças para vencer se.

E lá foi rua fóra, a retardar a hora fatal que havia de soar naquela noite do Golgotha da sua mocidade.

O vosear dos garotos enchia o ar de notas agudas. Todas as coisas estavam presas de magia da noite, que a dominava tambem a ela, que não tinha forças para resistir-lhe.

E caminhou sempre, crusando ruas, contando as pedras para vencer o tempo. Até que um destino estranho a trouxe á viela fatidica abrindo na sua frente a bocarra negra do portal. Era ali. Em cima o lampeão bruxeleava. «Hotel para pernoitar.

As mesmas vozes perdiam-se no escuro, casquinando, prometendo, vendendo-se.

Parou, mas já na sua frente um homem embuçado segredava.

Maria Clara olhou-o, mas o largo braguez ensombrava-lhe o rosto. Fixou-se melhor, mas só conseguia ver um enorme capote alemtejano, e a sombra de um chapeu.

E logo, uma voz doce quasi bondosa, que suplicava.

—Venha, que importa! Hei de trata-la bem.

Clara sentio uma mão que procurava a sua, que a envolvia numa caricia. Quiz ainda vencer-se, reagir, mas era tarde. Em frente a bocarra do portão atraia-a, como se lá no fundo brilhassem uns olhos imperiosos que a dominassem.

Quem seria o desconhecido? Principe ou vagabundo, pertencia-lhe tão absolutamente como se já se lhe tivesse entregado. Sentia que uma força estranha a levava, atirando-a depois do escantilhão por uma ravina. E acordava em si um forte desejo de sofrer, de sentir-se humilada, espesinhada, como tantas, como as mais, como todas...

Foi subindo mal segura as escadas. Uma porta, um corredor fumacento, e uma voz que rouquejava:

—O' Micas arranja o quarto.

ORNELAS PEDREIRA

SPORT

A idade no sport

E' um erro o dizer-se que em certa idade se não pode praticar o sport, quando a idade cronologica até é o limite nada indica.

Ha homens de 50 anos completamente validos e cheios de vigor, assim como ha rapazes de 20 anos incapazes de qualquer esforço.

E' claro que nos sports de velocidade o atleta dura menos tempo, em completa acção, do que nos sports lentos.

O nadador, o lutador, o especialista de pesos e alteres, e o ciclista de fundo, podem ser bons até aos 50 anos.

Paul Pons e Limousin aos 60 anos, lutavam ainda durante 1 hora, o nosso Silveira perto dos 50 anos fez ainda o que os novos não conseguem.

No box e nas corridas de velocidade isto é nos sports onde no menor espaço de tempo é preciso empregar o maximo em força, a mocidade então fala.

Uma das causas que faz tambem o atleta durar, é a continuação do trabalho.

Edegard, o celebre sprinter dinamarquez, aos 56 anos ainda corre, mas nunca abandonou o sport ciclista, Jefris deve a sua derrota pelo negro Jonshon, ao abandono durante 5 anos do treino do box.

Em todo o caso a idade, em que o atleta está apto a dar o maximo, é dos 30 aos 45 anos.

RUY DA CUNHA

Academia das artes e dos sports

Um grupo de escritores, jornalistas, actores e «sportmans», vai fundar em Paris a «Academia das artes e dos sports».

Entre os fundadores contam-se Tristão Bernard, Croisset, e Coolus e escritores e autores dramaticos, Lambert, actor de Comedie Française, Antoine, Desgrange director do L'auto Breizer etc.

Luta

O campeão olimpico Rooth venceu na Suissa o alemão Van Necker, Rooth, tem-se afirmado lutador de valor.

Box

O «manager» de Criqui, declarou que caso o seu «boxeur» vença o «match» contra Ledoux, tem já oferta de 500 mil francos para exibição.

Johny Buf, campeão do mundo dos pesos «bautau», foi vencido aos pontos em 15 «rounds» pelo «boxeur» Moore.

Educação Fisica

Em França, os professores de educação fisica dos liceus, não podem ministrar o ensino noutros estabelecimentos.

Se o caso pegasse entre nós, os professores oficiais de gimnastica morriam de fome...

NOTICIARIO

FOOT-BALL NO DIA 25 CAMPEONATOS DE PROMOÇÃO

1.ª Categoria.—Sacavenense contra Royal, em Sacavem, ás 15 horas; juiz sr. Rogerio Peres.

União Lisboa contra Portugal, no Campo Grande A, ás 13 horas; juiz o sr. João Pereira de Figueiredo.

2.ª Categoria.—União Comercial contra União Lisboa, no Campo Grande A, ás 13 horas; juiz o sr. Francisco Quintela.

Sacavenense contra Portugal, em Sacavem, ás 13 horas; juiz o sr. Raul Soares.

3.ª Categoria—1.ª Serie.—Sacavenense contra Cruz Quebrada, em Sacavem, ás 11 horas; juiz o sr. Gregorio da Silva (M. F. C.).

3.ª Categoria—2.ª Serie.—Nacional contra Chelas, no Bom Sucesso ás 15 horas; juiz o sr. Vitorino Matu.

4.ª Categoria—3.ª Serie.—Nacional contra Fosforos, no Bom Sucesso, ás 13 horas; juiz o sr. Jorge Paucada de Silveira.

GINASIO CLUB PORTUGUES

Reune-se a assembléa geral amanhã, ás 21,30 horas, para continuação dos trabalhos da sessão de 10 do corrente.

O MATCH FAUSTINO-RUIVO

Já não é o «sportman» Humberto Caldas, que vai arbitrar o combate Ruivo-Faustino.

56—Folhetim de «A CAPITAL»—22 de Dezembro de 1921

ROCHA MARTINS

Spartacus

Romance das lutas proletarias em Roma

IX

E baralustando indignações, rompendo a sua andada para uma pressa brusca, agarrava um vaso etrusco onde dois amores brincavam, como borboletas voejando, e arremeçara-o ao chão.

O intendente anunciava-lhe pela segunda vez, o almoço e avisava-o de que a vulva de porca parida se devia comer quente e que os francolins da Phrygia podiam endurecer.

Remigio pedia que lhe dessem tempo de se lavar, que lhe emprestasse Crassus uma tunica e mais alguma roupa porque jamais um desgosto lhe turbara a fome quando lhe ofereciam deliciosas coisas e prometia ser breve nas abluções.

—Tens razão... Esses bandidos até me roubam já o apetite! Vamos!

Detinha-se ainda ao pisar os cacos do vaso quebrado, uma aresta ferira a sua sandalia e berrava:

—Dez açoites a mais em cada um dos que devem receber hoje o castigo... Vamos que os francolins podem endurecer!

Ao atravessarem o corredor ouviram ainda intensamente, o rumor dos que pejavam o seu atrio, entrevia o atiense com a sua chibata, os gorros vermelhos dos libertos, as caras estanhadas dos dois centuriões. Pensara em chama-los mas já lhe anunciavam Marcio que vinha do Senado, e dando-lhe o braço, levou-o para o «triclinium» apesar de ele declarar que não tinha vontade de comer.

O irmão de Lavinia, magro, abatido, andava ainda a curar-se de uma ferida que recebera na luta com Oenomaus; a carne ressequida e tostada pelas intemperies das campanhas de tanto tempo, acabrunhavam a sua beleza e com as insignias de tribuno bom á vista, a fronte perolada pelo suor, anunciava, ao deixar-se cair pesadamente no leito e ao recusar a corôa de rosas frescas que lhe oferecia um escravo sirio:

—Já sabes decerto... Lentulus batido! Gellios batido! Arrius sofreu a mesma sorte depois de ter conseguido um simulacro de vitoria... E' o fim de Roma! Esses bandidos parece que se dividiram mas até hoje a vitoria é sempre de Spartacus! Minha irmã! Minha querida irmã... Oh! pobre patria que se afunda... E porquê?! Porquê?! Porquê?!

O secretario entrara e fôra sentar-se num tamborete aos pés do missionario, os seus olhos piscos não deixavam as taboas onde estavam inscritos os pedidos e Crassus, empurrando-o, mandava-o estar quieto e declarava saberem-lhe mal os mariscos de Tarento que lhe serviam.

Os convidados achavam-nos otimos; o proprio Marcio dizia cheirarem-lhe bem mas este declarava:

—São esses malditos que me já me roubam o apetite!...

Da sala visinha mansinha chegava a toada da musica, os escravos avançavam docemente a ungir as pernas dos hospedes de seu amo e sob a luz suave, os jardins vastos, cheios de estatuas, de repuchos, de rampas, espargindo o seu aroma de violetas, amarguravam-lhe mais o prazer ao pensar que um dia podia tudo aquilo deixar de lhe pertencer.

—Tanto trabalho! Tanto trabalho gasto sem resultado!.. O que eu trabalhei!...

Lisongeavam-no, falavam da grandeza do seu esforço molhando os dedos na agua tepida das funcas conchas de ouro, cercavam toda a sua labuta e Aurelio, interrogando o irmão sobre a sorte de Lavinia, quasi insultava os deuses:

—Que mais querem?! Todos os dias lhes fazemos sacrificios! Lamentava os dois ultimos jarros da Thessalia oferecidas a Jupiter Capitolino; num arremeço de iconoclasta.

—E' o fim dos fins! gemiam diante da mesa de bronze onde aparecia uma grande raia da Tartessia e Crassus, querendo mostrar despreocupação só encontrava ainda colera:

—Porque não atiro eu os meus pedreiros ás mareias ou não as dou a comer ás raias?!... Que bem me saberiam!...

Ao atascar os dentes na polpa macia do peixe, ao chupar as suas nervuras deliciava-se como se trincasse aqueles que o perturbavam.

Verres emborcara a taça de vinho dourado e frio, parecia mais resignado, declarava que o mundo não mudaria assim ao sabor de semelhante gente e, como se podia falar diante de todos, ligados, como estavam, na guerra aos bandidos, bem alto dizia que não lhe falecia a esperança de em breve os vêr vencidos, as combinações ardilosas feitas por Crassus dariam os seus opimos resultados e, desde que se zangassem, entre si os bandidos, e se tornasse, efectivo o acordo com os piratas, esse Spartacus acabaria num brazeiro, ali no pateo de Crassus, soltando rugidos.

Houve um pouco de consolo, esvasiaram novas taças enfolhadas de hera e como fossem mais suaves os acordes da musica, Aurelio relembrou Emerencia.

Verres que sabia do segredo perguntou logo, ante a fronte enrugada do dono da casa, se não havia poesias novas para lêr e evocava a que ouvira, á sombra das roseiras suspensas dos seus plynthos de porphiro.

—Que vira... O seu «homero» actual era um monstro! — e com um suspiro, Crassus, disfarçando, lamentou a demora do grego.

Ouviu um gemido a seus pés e esboçou um sorriso, ante o queixume do secretario e atulhou a boca de um bom naco de vulva de porca no seu molho leitoso, atirou ao marmore do chão um grande golo da sua taça e disse:

— Sacrifiquei, ao começo a Hercules, que Marte me escute tambem!... Como se na verdade o deus o ouvisse, o «nomenclator» vem anunciar o senador Flanto que entrava esbaforido e antes de os saudar, bradava:

— Salvé por ti oh! Crassus! O Senado acaba de te nomear comandante das novas legiões!

— Flavio dou-te a minha terra de Ancio, dou-te o meu palacio que está nesse logar! Aurelio mandaremos oferecer a Marte cincoenta vasos de prata macissa!

Estendia-se mais no leito, a sua fronte prupurejava-se de uma enorme alegria e, no ruido das emboras soltas de todas as bocas, ante o agradecimento rasteiro do senador, emfim reconciliado e pago, ele mandou que fossem buscar o seu vinho de Chio, de quarenta anos porque desejava vêr reinar felicidade. E logo, para o «homero», que o saudava tambem, decidia:

— Todos os pretendentes que foram admitidos serão satisfeitos! Eis, como eu, melhor do que Spartacus, compreendo a ventura alheia! Vae dizer-lh'o!

Leve como uma alveloa no seu vôo o grego sumiu-se e por toda a casa silvou um gesto de jubilo abafando as lamurias dos que tinham ficado sem audiencia.

Crassus, alegremente, mandava que lhes atirassem alguns punhados de moedas. Depois largamente expandira o seu plano, dissera como os queria atacar. Sem duvida uma das legiões dos escravos, a que Arenis devastara em Mutina, não se juntaria jámais aos outros: sabia-se, pelas escoltas de Verres, que Spartacus avançaria para Rhegum, confiado nos piratas que estavam deitados. Uma vez ali, e feitos ao largo as goletas nada mais simples do que o cerco e todos cahiriam em seu poder.

(Continúa.)

Colegio Vasco da Gama
T. das Freiras (a Arroios), n.º 2
TELEFONE NORTE 2145

O mais bem situado de Lisboa. Campos de equitação e recreios. Educação esmerada. Optima alimentação. Todos os alunos do curso dos liceus, do curso comercial, e de instrução primaria propostos a exame ... conselho escolar do Colegio ... aprovados, tendo prestado ... obtendo alguns ... classificações. Pedir prospectos aos directores — *P. Antonio Manuel da Silva Pinto Abreu, Dr. Luiz Gonzaga da Silva Pinto Abreu.*

Instalações electricas EM TODOS OS GENEROS — OLIVER, LTD. — Rua da Prata ... — Telefone C. 1158.

Alberto Afonso — LISBOA — Postais ilustrados

TUBERCULOSE
NUCLEOCALCINA FORMOSINHO
Reconstituinte poderoso, scientifico e racional
PHARMACIA FORMOSINHO
Praça dos Restauradores, 18

POLICLINICA DO ROCIO
Largo do Camões 19 (ao Rocio)
CLASSES POBRES — Tel. 5747

Rins e vias urinarias — Dr. Costa Saldanha, às 10 1/2.
Medicina geral, doenças nervosas e electroterapia — Dr. Cancela d'Abreu, às 14 e 1/4.
Olhos — Dr. Henrique Roquete, às 15.
Pele e sifilis — Dr. Zeferino Falcão, às 14 e 1/2.
Boca e dentes — Dr. Amor de Melo, às 9 1/2.
Medicina geral, coração e pulmões — Dr. F. Martins Pereira, às 15 1/2.
Cirurgia, doenças das senhoras e partos — Dr. Luiz Ottolini, às 15.
Ouvidos, nariz e garganta — Dr. Cordeiro Lobato, às 14.

A JUVENTUDE

Remedio constituido com o succo de plantas medicinais: Faz nascer o cabelo nas pessoas calvas. Em pouco tempo faz que o cabelo e dá a este um extraordinario vigor. Extermina radicalmente a caspa em pouco tempo. A Juventude ... ...
Unico depositario: DROGARIA DIAS — R. Fanqueiros, 342 e 344. Frasco 2$50 ... Todos os frascos levam a assinatura do seu verdadeiro auctor LUIZ ALBERTO DA SILVA.

Joalharia Abreu, Relojoaria e Ourivesaria
— DE —
JULIO REI, L.da
ex-empregado da Joalharia Abreu
Grande sortimento em joalharia, relojoaria e pratas por preços sem competencia
Antiga RELOJOARIA OLIVEIRA
30, Praça dos Restauradores, 31
(Palacio Foz).

A casa que mais barato vende. — Ourivesaria e Relojoaria — Temos sempre grandes sortidos de objectos que vendemos SO' PELO PESO e joalharia que vendemos com as maximas garantias.
VIUVA MARQUES — R. de S. Paulo, 20 — LISBOA —

Banco Nacional Ultramarino

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Fundos de reserva 26.000.000$

Assembleia Geral Extraordinaria

Por ordem do sr. Ex.mo Sr. Vice-Presidente da Mesa da Assembleia Geral, é convocada a mesma assembleia para em seguimento dos trabalhos da Assembleia Geral Extraordinaria interrompidos em 30 de setembro p. p., reunir no edificio do Banco, no dia 22 do corrente, pelas 14 horas.

Assunto: Circulação Fiduciaria nas Colonias.

Lisboa, 12 de outubro de 1921.
(a) Francisco Mendonça de Sommer.

A Urbana Portugueza
Fundada em 1888

Efectua seguros terrestres, maritimos, de cristais e greves e tumultos.
Agentes gerais em Lisboa Eduardo de Noronha, Ld.ª Rua Augusta, 56, 1.º
Telefone 1536 C.

RELOGIOS — *A Maior Variedade* —
Ourivesaria e Relojoaria Confiança — DE ALMEIDA, LIMITADA
Grande sortimento em pratas para brindes e joias
R. dos Fanqueiros, 1 a 5 e 51 a 53

AZEITE
PURO DE OLIVEIRA
Finissimo para conservas e consumo
PEDIDOS A':
SOCIEDADE EXPORTADORA DE PEIXE, Ltd.
RUA DE S. PAULO, 20, 1.º

Sapataria Januario
O mais perfeito Calçado de Luxo
Sempre os mais chics modelos
MEIAS FINAS
— Telefone Central 5527 —
78 - Rua Santa Justa - 80
193 - Rua Arco Banderia - 195

Maquinas de escrever
ACESSORIOS, reparações garantidas — OLIVER, LTD. — Rua da Prata, 250, 2.º — Telef. 1158 C.

Agua da Certã

A Agua minero-medicinal da Certã apresenta uma composição chimica que a distingue de todas as outras até hoje usadas na therapeutica.

E' empregada com seguro exito nas Diabetes — Dyspepsias — Catarros gastricos putrido ou paralisações ... derivadas das doenças infecciosas — convalescença das febres gastricas ... atonias gastricas dos ... tuberculosos, brighticos, ... gastricismo dos esgotados ... cessos ou privações, etc.

Mostra a analyse bacteriologica que a Agua da Certã ... é nenhum dos germens pathogenicos que podem existir em aguas ...

A Agua da Certã ... gazes livres, é limpida, de sabor ... muito agradavel ... nas refeições.

Novo Fanqueiro da Avenida
NETTO & CORREIA, Ltd.
Avenida Casal Ribeiro, 3, 5, 7 TELEFONE 2168 Norte
Exposição e Abertura da Estação de Inverno
Muitas variedades e grande sortido em todos os artigos da sua especialidade
RETROSEIRO, MODAS E CONFECÇÕES
— GANHAR POUCO PARA VENDER MUITO —

SABÃO NACIONAL

Sabões — TEL. C. 1519
A CONFIANÇA EXPRESSO, L.da
R. S. Paulo, 104 1.º

Furunculos, diabetes, doenças da pelle e dos intestinos
Curam-se com
Fermento d'uvas Formosinho
Recomenda-se exigir o nome **FORMOSINHO**
FARMACIA FORMOSINHO **P. dos Restauradores 18**
LISBOA

Bénard Guedes
RAIOS X — DIATERMIA — RADIO
Tratamento do cancro
Calçada do Sacramento — 10
Todos os dias ás 4 horas — Tel. C. ...

OURO E PRATA
— MUITO MAIS BARATO — Só na OURIVESARIA — Correia, Moura, Pimenta, Ltd. 184 — Rua de S. Paulo — 183

Casa das malas
Fundada em 1837
Joaquim da Silva & C.ª (Filhos)
O maior sortimento em Malas, correias e artigos de viagem
Rua da Prata, 110, 112 e 114 — LISBOA
TELEFONE CENTRAL 3716

REGALEIRA-CLUB
DANCING PALACE — Telefone 3238
VARIEDADES E CONCERTOS
Jazz Band - Tziganes - Diners - Concerts
SOOPERS TANGOS
Magnifico serviço de Restaurant
ROBERT NICOL — Danseur do L'APOLLO de Paris

RITZ-CLUB
ESMERADO SERVIÇO DE RESTAURANTE
— *Concertos todas as noites* —
— VARIEDADES —
Um dos restaurantes mais chics de Lisboa
Praça dos Restauradores, 27, 1.º

PIANOS Bechstein e outras marcas
Representante:
J. Heliodoro d'Oliveira
RUA 56, 57 e 58

— A casa que mais barato vende — Ourivesaria e Relojoaria — Temos sempre grandes sortidos de objectos que vendemos SO' PELO PESO e joalharia que vendemos com as maximas garantias.
VIUVA MARQUES — R. de S. Paulo, 200 — LISBOA —

Ourivesaria e Joalheria
J. J. NUNES
171 — RUA DA PRATA — 171

Dr. Lelo Portela
— Clinica medica-sifilis —
RETOMOU A CLINICA
— Consultorio — Tel.: C. 1883 — P. Luiz de Camões, 6

Banco Nacional Agricola
Soc. An. Resp. Lda.
SEDE — R. do 8, Julião, 188 e 190
LISBOA

Nos termos do artigo 8 e 12 dos Estatutos do Banco são convidados os Srs. accionistas a entrar com a importancia de Esc. 25$00 por acção, correspondente á 2.ª prestação do capital emitido, desde 15 a 31 de outubro corrente.

As cautelas representativas de acções devem ser apresentadas no acto do pagamento nos locais abaixo designados e nos correspondentes na provincia.

Lisboa, Evora — Banco Nacional Agricola
Lisboa, Porto, Chaves — Pinto & Sotto Maior

Pelo Banco Nacional Agricola
Os Directores
a) *Eduardo Fernandes d'Oliveira*
a) *Eduardo Correa de Barros*
a) *Joaquim Nunes Mexia*

ARTIGOS FOTOGRAFICOS
LUIZ ROSA
233 — RUA DA PRATA — 235

Horta e Costa
Rins e vias urinarias
12, Rua da Trindade 12
Consultas das 2 ás 5
TELEFONE 2424

Papelaria Camões
Grande sortimento — de — *objectos para pintura a oleo e aguarela*

A. Guerreiro
Da Escola Dentaria de Paris
Operações ... por processo ...
Dentaduras sem chapa
R. de S. Paulo, 26
(junto ao Arco) Telefone — 22

Leitaria GLOBO
— DE —
Rocha & Coutinho, Ltd. Tel. C. 2169
R. Conceição, 68 e R. Correeiros, 1 e 3
Puro Leite *Especialidades em doçarias*
Serviço permanente de chá, café, cacau, torradas, etc.

O Medico **Conceição e Silva, J.or**
— RETOMOU A SUA CLINICA DAS VIAS URINARIAS E DOS RINS em 6 de Outubro — R. DO OURO, 141

INTERESSA A TODOS!...

QUEREIS conservar os vossos calçados pela aplicação de uma «Pomada» de absoluta confiança?

— Usai a INDIANA, incomparavelmente a melhor pelo seu brilho pelas suas esplendidas qualidades de conservação do cabedal e ótima apresentação em cores: preto, amarelo, castanho escuro da moda — completa novidade.

Marque déposée — INDIANA — Brillant sans rival pour la conservation des chaussures — Exigez la boîte bien fermée

A' venda nos principais Armazens de Cabedais, nas boas Sapatarias do Paiz e no Deposito Geral:

A' PELARIA FINA
Casa de bons artigos em SOLAS, CABEDAIS, ATACADORES e malas especialidades destinadas á confecção de calçado de Luxo e Vulgar
de Policarpo Junior, Limitada
RUA JARDIM DO REGEDOR, 13, 15 e 17 — LISBOA
TELEFONE C. 3223 — TELEGRAMAS: PELFINA — Agentes exclusivos de revenda para Portugal e seus dominios, Espanha e Estados do Brazil

---

ASSIGNATURAS DE "Os Sports"

Portugal
6 mezes... 7$50
12 » ... 15$00

Estrangeiro
12 mezes... 30$00

Pagamento adeantado

Prisão de ventre

E suas consequencias. Funcionamento metodico do intestino pelo LAXATIVO VEGETAL VERITAS. Infalivel e inofensivo, comprovado por centenas de pessoas que diariamente fazem uso dele. Preparado por Mendes & Braga, farmaceuticos. — 188, Rua do Mundo, 135, Lisboa. — Telefone, 554.

Garlopas — Serras de fita 0,70 e 0,90 — Maquinas automaticas para afiar laminas de garlopa e plaina.
EM ARMAZEM
SANTOS AMARAL, Lda.
Rua da Palma, 225/9 — LISBOA
Telefone C. 1580

FITA ISOLADORA
Branca e preta
15 m/m e 40 m/m (Fabricação alemã)
Ao melhor preço do mercado
SANTOS AMARAL, Ltd.
RUA DA PALMA, 225/9 — Lisboa
TELEFONE Central 1580

Andrade & Perello
Alfaiates
Novidades de Estação

PINTO & SOTTO MAYOR
BANQUEIROS
LISBOA-PORTO
Representantes em Portugal
— DO —
Banco Portuguez do Brazil
LISBOA — PORTO
R. do Ouro, 18 a 24
28, Praça da Liberdade, 29

Vinhos espumosos de Lamego
(CAVES DA RAPOZEIRA)
Reservas de Bairradas qualidades
A' venda em todas as confeitarias e mercearias.
Depositario em Lisboa: ARTHUR BENAROS
Telefone 15 — Central
Poço do Borratem, 34

Agua de CALDELLAS
Doenças do Figado e dos Intestinos
(entero-colite muco-membranosa e prisão de ventre)
DEPOSITARIOS:
BANDEIRA DE MELLO, L.da
Rua Augusta, 75, 1.º e 2.º
Teleph. 2670 C.

ULTRAMARINA
Efectua seguros contra todos os riscos
Rua da Prata, 104, 1.º
SINISTROS PAGOS ATE' 31 DE DEZEMBRO DE 1920 — Esc. 3.574.786$83

Antonio Casanovas Augustine, L.da
CAMBIOS E PAPEIS DE CREDITO
57, 59, 61, RUA DO COMERCIO, 57, 59, 61

Grande Café d'Italia
é sem duvida o café da moda
ALMOÇOS
serviço á la carte
— **Rua 1.º Dezembro** —

Simões Bayão
(Laureado pela Escola de Paris)
Doenças de boca, cirurgia, prothese e ortodoncia
Largo do ... Julio, 19, 1.º
Telefone 3078

Canetas com tinta
O que ha de melhor
PAPELARIA DA MODA
167 — Rua do Ouro — 169
LISBOA

Escola Berlitz
20-A, Rua do Alecrim
Abrem-se brevemente novos cursos para principiantes em
FRANCEZ : : INGLEZ
: : Já está aberta : :
: : : a inscrição: : :

Ventiladores eléctricos
110 e 210 volts
EM ARMAZEM
SANTOS AMARAL, L.da
Rua da Palma, 225/9 — LISBOA
Telefone C. 1580

TIJOLO
PREÇOS SEM CONCORRENCIA
ENTREGA IMEDIATA
C.ª Ceramica de Telheiras
L. do Directorio, 4, 2.º

TABACARIA CENTRAL
90 — Rua da Assunção — 90
TABACOS — LOTARIAS — AGUAS REFRESCOS

AGUA DOS CUCOS
TORRES VEDRAS

A AGUA minero medicinal dos Cucos, unica no seu tipo em Portugal para o artritismo, reumatismo gotoso, rins e bexiga, tem além disso dado otimos resultados nas doenças das senhoras, utero e anexos.
A AGUA DOS CUCOS vende-se em toda a parte na linha de Cascais em Carcavelos; Parede, Monte-Estoril e Cascais.
Deposito geral ... LISBOA.

TUBO BERGMAN
da casa Bergmann Elektricitats Werke ... m/m
EM ARMAZEM
SANTOS AMARAL, Lta.
Rua da Palma, 225/9 — Lisboa
Telefone C. 1580

OURIVESARIA E RELOJOARIA ATHAYDE
PREÇOS SEM COMPETENCIA
Grande sortimento de objectos de ouro, prata e brilhantes
Rua Fernandes da Fonseca, 1
Esquina da R. da Mouraria, 101 e 103

AZULEJOS telha, tijolos, etc.
Ceramica Mont'Argila "LSES"
Preços sem concorrencia
Agencia em Lisboa — Gilman Santiago, Lda. — L. S. Julião, 7, 2.º

MOBILIAS E ESTOFOS
Elzarro da Silva, Limitado
(Antiga casa Bizarro da Silva & C.ª)
Rua Augusta, 82, 84 — e Rua dos Correeiros, 21, 23
Telefone C. 2338
Grandes descontos em todos os artigos

PINTO & SOTTO MAYOR
BANQUEIROS
LISBOA-PORTO
REPRESENTANTES EM PORTUGAL
— DO —
— BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL —
LISBOA — PORTO
R. do Ouro, 18 a 24 — 28, Praça da Liberdade, 29
Rua do Comercio, 136 a 140

Use Agua, Crême e Pó de Arroz
"RAINHA da HUNGRIA"
e todos os productos da
Academia Scientifica de Belleza
que se encontra á venda nos seguintes estabelecimentos

Pharmacia Durão — Rua Garrett, 90.
Pharmacia Nascimento — Rua da Prata, 115 e 117.
Perfumaria Flôr do Liz — Rua Nova do Almada, 67.
José Feliciano Alves de Azevedo & C.ª — R. 1.º de Dezembro, 55, 63.
Pharmacia Avellar — Rua Augusta 23 a 27.
Silva Neves & C.ª — Rua da Prata, 229, 231.
Thomaz Mendonça, Filhos, Ltd. — Calçada do Combro, 43, 47.
União Commercial de Drogas, Ltd. — Rua Augusta, 165.
Perfumaria Paris — Rua dos Retroseiros, 63.
Galeria Parisiense — Rua Garrett, 42.
Eduardo Martins — R. Garrett, 4 e 11.
Perfumaria Viuva Dias — Rua da Praça da Figueira, 40.
Camisaria Modelo — Rua do Ouro, 115, 117, 119.
Loja do Povo — Praça de D. Pedro, 87 a 92.
Brazil Elegante — Praça de D. Pedro, 4 a 6.
Farmacia Barreto — Rua do Loreto, 24 a 30.
Farmacia Silva Carvalho — Rua Eugenio Santos, 48 a 52.
Loja da America — Rua do Ouro, 206, 208.
Casa Africana — Rua Augusta.
Salão Mimoso — Rua Augusta, 282.
Neto Natividade & C.ª — Rocio.
Lopes & Mais, Ltd. — Rua do Ouro, 267 a 269.
Tatá & Rodrigues — R. Garret, 53, 55.
Farmacia Coelho de Jesus — Avenida da Liberdade, 5.
Carmona, Ltd. — Rua da Escola Politecnica, 253, 257.
Farmacia Ultramarina — Rua de S. Paulo, 99, 101.
Casa Santos, Ltd. — R. da Palma, 7-A.
Retrozaria J. Fernandes — Rua dos Retrozeiros, 79 a 83.
Henrique Xavier & C.ª — Rua do Ouro, 253, 255.
«Au Bon Marché» — Rua da Assunção, 45, 47.
Damião & C.ª — Rua Garret, 57, 59.
Camisaria Azevedo — Rocio, 31, 33.

Deposito geral para revenda — **Academia Scientifica de Belleza**
Avenida da Liberdade, 23-A
Telefone: 3641 — Telegramas: «Belleza»

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

> ... Mas se o policia é odioso, o espião é indigno. O policia magoa, mas o espião revolta. Um é ainda a tirania, mas o outro é a tirania e a infamia.
>
> João Chagas

N.º 3960—12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Sexta-feira 23 de Dezembro de 1921

Telefone n.º 2293 — Endereço Tel. CAPITAL — Oficina de impressão — Rua da Bica, 71

Preço 10 centavos

CONTRA O GOVERNO?

Ainda não ha oito dias que se encontra organisado o gabinete Cunha Leal, e já novamente se fala em crise ministerial, principalmente inspirada em atitudes tomadas por elementos outubristas.

Assim o diz hoje o «Seculo», declarando constar-lhe que o capitão sr. Camilo de Oliveira procurara o sr. Cunha Leal para lhe declarar que os elementos que ele representa, e que são os dos outubristas considerados sérios e sinceros, não estão já de acordo com o governo.

Nenhuma afirmação poderia produzir mais viva impressão no espirito publico do que esta de que o «Seculo» se torna éco.

O sr. Cunha Leal foi para o governo para efectuar uma obra nacional. Pediu o apoio dos partidos, e os directorios dos partidos devem-lhe esse apoio. Mais ainda: forneceram-lhe ministros com todas as responsabilidades partidarias. Um jornal do Porto notava ha pouco que ainda se não constituira um Ministerio em que todos os partidos importantes da Republica se representaram, numa tão inteira comunhão de ideias. Nem mesmo na ocasião da guerra. Semelhante circunstancia tem uma grande e especialissima importancia.

E' certo que houve ao principio alguns atrictos com diversos elementos do parlamento dissolvido. Mas os parlamentares reunidos em Coimbra acabaram por se convencer que em vez de contrariarem o governo o deviam auxiliar. E a publicação do novo decreto de dissolução regularisou a situação constitucional. Pode-se observar que o espirito da lei, em tal assunto, não ficou absolutamente defendido; mas o novo decreto de dissolução é legal. Ninguem pode avançar o contrario.

Ao mesmo tempo, o sr. Cunha Leal assegurara-se do apoio dos outubristas sãos, isto é, aqueles elementos que entraram no movimento de 19 de outubro, não para assassinar republicanos, nem assaltar as repartições, nem exercer perseguições, nem servir grupelhos politicos. Esses outubristas aceitaram acima de tudo o sr. Cunha Leal porque a base do programa do sr. Cunha Leal consistia em restabelecer a ordem e em fazer justiça, castigando os assassinos de 19 de outubro.

O sr. Cunha Leal foi ao poder. Começou desde logo a mostrar que transformaria as suas palavras em actos. Castigar oficiais indisciplinados e tratar de activar a averiguação dos crimes da noite tragica, não deixando na impunidade nenhum dos seus cumplices ou mandantes. Pois bem! Assim que esta acção se desenha, esta acção que corresponde a um verdadeiro mandato nacional, surgem logo atrictos ao governo, afirmando-se que os elementos outubristas que o apoiavam, já não estão de acordo com o governo!

Se esta informação é verdadeira, ela possue uma gravidade extrema, porque dificil seria convencer o espirito publico de que se não pensara em cobrir com a impunidade alguns criminosos da noite tragica e porventura os mais responsaveis, e por isso mesmo os mais odiosos, os mais abjectos.

E' o sr. Camilo de Oliveira um dos elementos do movimento outubrista a quem se tributa maior consideração pelo seu caracter. Não nos pudemos capacitar de que esse ilustre oficial tomasse uma iniciativa que no momento que decorre se poderia prestar ás mais tristes interpretações.

Em todo o caso, vê-se que o sr. Cunha Leal está pouco fortalecido pelos principais elementos com que contava, visto que do lado dos partidos tambem algumas dificuldades teem surgido, ao que se afirma, no ponto de vista eleitoral, pois é necessario que todos lhe dêem força. Nem os partidos, nem a força armada tem o direito de o contrariar ou abandonar quando ele procura restabelecer a ordem e fazer justiça. O sr. Cunha Leal é uma grande esperança da nação. Se fracassar, será uma catastrofe nacional.

Loteria espanhola

Os premios pequenos

MADRID, 23.—Além dos numeros em que sairam os primeiros premios da loteria do Natal, já transmitidos, foram premiados com cem mil pesetas os numeros—32335, e 47621, com oitenta mil pesetas 32602 e 12436. Com sessenta mil pesetas 17980 e 21144, com cincoenta mil pesetas 45074, 21749, 33700, 29045, 14860, 13479 e 49079.—(R)

CROQUIS DE VIAGEM

Por terras já dantes viajadas...

XV - Os pobres de Lisboa, milionarios de Viena

O sol alinda tudo. Esta duvidosa casa onde subi ontem á noite, tem hoje, sob um sol matinal, claro, o aspecto confortavel duma casa burgueza. Corro á janela e vejo quasi em frente a opera, a celebre opera de Viena.

Em baixo passa uma larga avenida, longa, arborisada, o «Opernring».

Mas sou surpreendido na minha observação pela dona da casa, em «robe de chambre», os pés em chinelos velhos, os cabelos muito louros e queimadinhos, carcassa dos seus 50 e tal anos, que vem trazer-me chá.

Chama-se Elise Ptaschnik é esposa dum ex-oficial austriaco e aluga bocados da sua casa para poder viver. No escritorio onde dormi, encontro indicios em farta da antiga prosperidade desta gente. Ha restos de varias mobilias amontoadas na mesma casa, e num pequeno «porte-bibelots» de laca, sobre uma almofada, medalhas do antigo imperio. Hoje, o seu possuidor Daly Ptaschnik, exferido da guerra, sem exercito a que dê as suas exclusivas aptidões, anda pela porta dos hoteis esperando que algum americano necessite de «guia» para lhe mostrar a cidade, ou aguarda gratificações por ir reservar logares nos comboios e nos teatros. Este ex-capitão fazendo fretes é um sintoma da vida de mizeria de Viena. Não ha um só austriaco que aguente a desproporção de preços, e a fome é patente em todos os rostos dos honestos habitantes de Viena. Um exemplo é suficiente. O kilo de manteiga custava antes da guerra 4 corôas; custa agora mil. Por isso, nos «restaurants», onde os extrangeiros se enchem gulotonamente por pouco dinheiro, os austriacos não se atrevem a mais do que uma sopa e uma dose de espinafres com um copo de agua para auxiliar a digestão.

No entanto Viena conserva a sua vida buliçosa de Paris em segunda mão. Ha a mesma febre de divertimentos, a mesma sofreguidão de musicas, o mesmo luxo de toilette. O desregramento dos povos vencidos, no limiar do cáos, é flagrante. Por algumas corôas as mulheres são raptadas das mesas deste para aquele; por um «dollar», por uma «libra», vende-se a alma ao diabo, compra-se uma consciencia e vinte corpos.

O extrangeiro caiu em Viena como o abutre numa presa que estrebucha. Ha um francez que paga por ano num belo «apartement» do «Ring» o que gastava num mez de Paris. Ha um americano, que faz vida de principe por tres dolars por dia.

Por isso é estranha a vida de Viena. Paralelamente a grande orgia, a doidice de preços de negocios, a especulação da bolsa e dos cambios, e por outro lado a miseria flagrante, os mutilados espojados pelos cantos da rua pedindo esmola, as grêves sucessivas, o desregramento dos costumes e o pouco cuidado com as avenidas e praças.

Não se pode dizer que falte qualquer coisa em Viena; não ha deficiencias de alimentação. Qualquer hotel, qualquer «restaurant» apresenta uma lista de pratos igual ás da Alemanha, e o pão branco, não em pãesinhos, mas em fatias, encontra-se por toda a parte. E' claro que só para os extrangeiros porque uma fatia custa dez corôas. Para os austriacos resta um pão negro, quasi preto e que é sem duvida, este sim, o que o Kaiser amassou.

Na Austria anda-se sempre com a carteira cheia de notas. E' incomodo, é tudo miseria!

A nota de mil corôas com um palmo de comprimento troca-se a cada refeição. As de 10 mil corôas, ainda mais compridas, tem de figurar na carteira como reforço; as de cem corôas como os nossos 10 mil réis são aos macinhos e as de 20 e 10 em compridos linguados deselegantes são as gorgetas e os trocos dos electricos.

A unidade de preço para vestuario é a nota de 10 mil corôas, uma cerveja custa 80 corôas, uma viagem de electrico custa 10.

De trem não se pensa em andar; o minimo duma corrida é mil coroas; o automovel, taximetro é mais acessivel porque embora se pague 50 vezes o que está afixado, sempre... está afixado. Um fauteuil num teatro custa mil a mil e quinhentas coroas, o cinema tem otimos logares a 50 coroas.

A primeira vez que travei relações com o dinheiro austriaco foi no expresso de Praga a Viena. Dei 50 marcos de Praga para pagar dois jantares e recebi de troco, num pessimo cambio para mim, 426 corôas.

Eu levara de Lisboa, comprado no Pinhal da R. dos Capelistas, um cheque de 60 mil coroas a 33 réis. Era o que eu chamava um grande negocio. No primeiro dia porém, comecei fazendo contas e encontrei a vida de Viena carissima. Resolvi recolher as 60 mil coroas e trocar 400 francos. Foi uma transformação á vista. Pelos 400 francos deram-me perto doutras 60 mil coroas e estas a menos de 6 réis cada uma. E a vida de Viena passei a acha-la baratissima. Quando dava a um moço 10 coroas e ele se desfazia até ao chão em agradecimentos começava a sentir os sintomas de ser milionario: aquilo para mim eram tres vintens. O que é que hoje em Lisboa se consegue com os tres vintens?

O que é certo é que ao fim de 9 dias de Viena, pagando hospedagem de duas pessoas numa casa particular consequentemente mais cara que no hotel, depois de pagar os bilhetes para Munich, de ter enchido as malas com compras, eu juntava ás 60 mil coroas que levara de Lisboa, dez mil que me sobraram... dos 400 francos.

❖ ❖ ❖

Milionario, nem que fosse por um dia, é o sonho de meia população portugueza! Mas isso é tão facil; é tudo questão da local. Em «Viena» qualquer pobre de Lisboa é milionario. Tudo é relativo, e o valor do dinheiro uma pantomima de surpreentes efeitos.

Quando eu desci pela ultima vez a escadaria do «Opernring» n.º 9, para ir tomar o taxi que me conduzia ao comboio, minha mulher gratificou a criadita da casa. A donzela veiu numa subita alegria acompanhar á rua, improvisou um ramo de flores e beijou-nos em reverencia antiga a mão.

Pai do ceu! Tudo isto por 100 corôas, o melhor de 6 tostões!!

ARMANDO FERREIRA

A SEGUIR:

No Ring... de Viena.

SEGREDOS A TODA A GENTE

O chapeu alto

Dizem os jornais estrangeiros que lá fóra voltou a usar-se exuberantemente o chapeu alto. Aqui a moda ainda não pegou—mas tenho a certeza que ha de pegar um dia. Assim o impõem os elegantes? Não. Assim o exigem os chapeleiros. Eu tenho até certo ponto, alguma admiração por essa especie de pequeninas chaminés de seda preta mais ou menos herdeiros desses canudos altos que fizeram as delicias dos homens de romantismo. O chapeu alto politico, o chapeu alto diplomatico, o chapeu alto, elegante, o que ia ás Camaras e o que ia aos bailes—desapareceu, ha muito, entre nós. Não será agora ocasião de o ressurgir? E' certo que á autocracia sucedeu a democracia como ao chapeu alto do conselheiro Beirão sucedeu o chapeu mole do sr. Brito Camacho. Mas não importa. Ainda estamos a tempo, de o reabilitar—mesmo dentro do regimen republicano. Mãos á obra—e chapeu na cabeça.

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARAES

O funcionalismo publico

Produziu grande descontentamento entre os funcionarios publicos a noticia de que o sr. ministro das Finanças só lhes concederá aumento de subvenção diferencial a contar do proximo mes de janeiro, quando o seu pedido abrangia o periodo que vem desde junho do corrente ano.

O reparo é tanto mais justificado quando nos termos da lei n.º 1044 a subvenção já deveria ter sido melhorada em 1 de janeiro de 1921, data em que a vida já estava agravada em relação ao semestre anterior.

Hoje andou a roda!

A extração começou ao meio dia, encontrando-se a sala literalmente cheia de pessoas que anciosamente aguardavam a saida dos premios.

O primeiro premio coube ao numero 2086, o segundo ao 4295, o terceiro ao 7516 e o quarto ao 472.

Sabe-se que os dois primeiros premios foram vendidos avulso, cabendo o primeiro prémio de 600.000$00 aos tripulantes do cruzador «Republica».

As aproximações foram vendidas para Lourenço Marques.

O terceiro foi vendido pelo Campeão.

A extração terminou cerca das 14 horas.

A reforma do ministerio dos Estrangeiros

Como se fez o mostrengo

O velho funcionario que tão interessantes informações nos tem prestado, continuou assim a sua narrativa:

—Deve estar lembrado de que nos ultimos tempos da monarquia um antigo parlamentar encontrou uma formula que consubstanciava todo o problema politico do momento. Era esta: «Baralhar para tornar a dar». Pois bem. Foi ainda esse o criterio que presidiu á factura da reforma do sr. Simões. O fim era este: tornar a dar para crear corte, para arranjar amigos para armar á popularidade. E para isso baralhou-se tudo: os serviços como o pessoal. Já viu como este andou numa contradança. Quanto aos serviços, devo dizer-lhe que actualmente ninguem se entende no ministerio. Tentou-se executar até certo ponto a reforma porque se achou preferivel seguir esse caminho, em vez de se ficar de braços cruzados enquanto as instancias superiores não deliberassem sobre o destino definitivo do mostrengo. Mas não. Anda tudo ás aranhas.

—Então a reforma não tem ponta por onde se lhe pegue?

—Tem, sim senhor; injustiça seria nega-lo. A reforma tem coisas boas. Tem mesmo algumas ideias interessantes. Mas tudo isso, envolvido em disparates de grosso calibre, ficou soterrado sob os escombros da antiga organisação do ministerio que, se não era, boa tinha, todavia, bases que lhe permitiam ser remodeladas por forma a satisfazer as nossas principais necessidades e exigencias. Tinha falhas? Havia nela serviços tacanhamente montados ou mal distribuidos que impediam se fizesse um trabalho profiquo? Quem o nega? Mas porque não se alargaram uns, se não deu uma nova distribuição a outros, não se lhe incrustaram novos organismos reconhecidamente uteis, desde que havia bastante campo para tal?

E esse processo teria ainda a vantagem de aproveitar numa mesma directrix as competencias especialisadas que felizmente ainda existem nas Necessidades e que actualmente andam por lá de cambulhada com os valores negativos da burocracia a dar com as cabeças pelas paredes.

Olhe aquela peregrina ideia de tirar os assuntos mais delicados da nossa politica externa, que exigem absoluta continuidade de acção, das mãos do Secretario geral, cujas funções são permanentes, para as meter nas do chefe do gabinete do ministro, que deixa de o ser quando este abandona o governo! E sabe porque se fez isto? Disse-o o sr. Simões numa entrevista: para neutralisar a pasta dos estrangeiros! E acrescentou: «A neutralisação neste caso quer dizer simplesmente acção continua, esforço e persistencia, uniformidade de ideias». Quere-o mais completo?

E aquela do Instituto de Expansão Economica? Segundo o relatorio da reforma, esta nova repartição—chamemos-lhe assim—«organisará feiras e certames onde os nossos productos possam ser sistematicamente comparados e estudados; organisará mostruarios volantes que figurarão em todos os certames internacionais sem maior dificuldade que a da expedição e transporte».

Ora diga-me francamente se estes serviços se podem considerar proprios das funções de um ministerio de Negocios Estrangeiros? Então para que temos nós ministerios do comercio e da agricultura? E para que servirão as associações comerciais e agricolas? Por pouco que o sr. Simões não creou caixeiros viajantes com a categoria de, por exemplo, conselheiros de legação, pondo-os, pagos pelo Estado, é claro, ao serviço das firmas comerciais do seu conhecimento. Podia mesmo ter ido mais longe: mandar colocar um balcão á porta do Palacio das Necessidades e por cima uma tabuleta com os seguintes dizeres: «A. V. Simões & C.ª—Sociedade anonima de responsabilidade muito limitada».

Não, meu amigo, o que se pretendeu principalmente foi fazer uma obra de mistificação e de suborno. Já lh'o demonstrei e continuarei a demonstrar porque as provas são em abundancia. Aqui tem mais uma.

O relatorio a que já me referi diz a certa altura:

«Os serviços a cargo do Instituto de Expansão Economica serão desempenhados por funcionarios de carreira que na rotação pelo ministerio lá irão fazendo estagios, de forma a que esse organismo propulsor da nossa vida economica seja tambem uma escola de aprendizagem de perfeitos funcionarios».

Pois bem! A quem se entregou a direcção deste organismo propulsor da nossa vida economica, que será tambem uma escola de aprendisagem de perfeitos funcionarios? A um mancebo de vinte e tantos anos, que poucos dias antes o sr. Simões nomeara adido de legação!

Num outro ponto do relatorio lê-se que aos Serviços centrais «ficará competindo a distribuição de funcionarios por uma rotação desenvolvida em espiral, de forma a que o funcionario transite pelo maior e mais variado numero de postos nos cargos mais inferiores e sucessivamente especialisando-se; se vá fixando nos postos, de forma que ao atingir a categoria de consul geral ou de conselheiro de legação se encontre já perfeitamente especialisado a ocupar esse cargo em determinado paiz, e para ele tinha demonstrado no decorrer da carreira, uma competencia que o fixo ao cargo e ao local».

Foi em obediencia a esta «rotação desenvolvida em espiral» (!) que se fez de um adido de legação director de uma repartição; de um consul de segunda classe consul geral; de um estranho á carreira director do arquivo, com a categoria de ministro de segunda classe, etc...

Mas onde se revela a mistificação maxima é na fixação das verbas orçamentais. Viu com que atrevimento se disse: receita, tantos escudos, despeza, tantos, «superavit», tantos? Assim dogmaticamente. A demonstração das contas não se fez, nem era preciso fazer. Para quê? Bastava que os cadetes da Mesa Redonda das Necessidades afirmassem que o contribuinte ia ganhar dinheiro com a reforma para o mesmo pedaço d'asno ter obrigação de acreditar.

As receitas com que conta o reformador são as que proveem da cedula pessoal e da actualisação da tabela de emolumentos consulares. Ora a cedula pessoal terá o destino que o meu amigo já conhece. Quanto á tabela de emolumentos, foi realmente actualisada ha cerca de um ano, no tempo do ministro Domingos Pereira que, afinal, não chegou a apresenta-la ao parlamento. Sucede, porem, que os zoilos do ministerio introduziram depois na sua parte fundamental (para efeitos de receita) modificações que a tornaram perfeitamente inexequivel ou, pelo menos, inutil, se não fôr ainda causa de complicações de outro genero

O MOMENTO POLITICO

Possibilidade de uma crise ministerial, aliás improvavel

Se os partidos retirarem o apoio ao gabinete Cunha Leal, é possivel a organisação de um ministerio composto de republicanos independentes

Se bem que a estabilidade ministerial esteja ainda plenamente assegurada não deixa, todavia, de existir um certo mal estar, artificialmente provocado pela atitude hesitante do partido liberal em frente do governo. Eis o que se passa:

Quando o sr. Cunha Leal acedeu a assumir a dificil tarefa de constituir governo—e só o fez depois das instancias mais veementes, vindas de toda a parte e canalisadas por todos os politicos—assegurou-se do apoio da intitulada Conjunção Republicana, artificiosa combinação dos tres maiores partidos da Republica. Todos eles dariam representantes para o governo. E, efectivamente, todos os deram.

Mas o Partido Liberal que é, como geralmente se sabe, dirigido pelos mais cerebrosos politicos da Nação, julgou apropriado o ensejo para produzir mais uma das habilidosas costumeiras, cujo alcance pratico não nos é dado a nós, nem mesmo a qualquer mortal, descobrir a olho nú ou armado.

E, d'este-te, o Partido Liberal começou a fazer o jogo das escondidas com as duas pastas que lhe couberam, indicando para o Trabalho o ilustre psicologo sr. Alves dos Santos e destinando ao Comercio o sr. Constantino de Oliveira, cujos estudos da especialidade são geralmente desconhecidos. Mas, enquanto que o sr. Alves dos Santos se apressou a tomar conta da pasta, o sr. Constancio de Oliveira demonstrou incomensuraveis vagares, incompativeis, aliás, com os graves problemas que se debatem naquela pasta e a que urgia dar solução rapida. Começaram então a surgir nos jornais as «notas oficiosas», anunciando um «chassez-croisez» na contradança ministerial, com a passagem para a pasta do Comercio do sr. Alves dos Santos e para a pasta do Trabalho do sr. Constancio de Oliveira. A estas «notas oficiosas» era completamente estranho o ilustre Chefe do Governo, que apenas por elas tinha vago conhecimento da crise latente que existia no ministerio. A manobra era, afinal, dirigida pelo directorio do Partido Liberal. Com que fim? Não se percebeu. Jamais se compreendera. Deve ser coisa muito metafisica e, portanto, relegada á decifração do sr. ministro do Trabalho, especialista na materia.

O sr. Cunha Leal fatigou-se, de certo, com a soma de habilidades com que pretenderam assedia-lo. Cortou então o mal pela raiz. Escolheu o sr. dr. Nuno Simões,—com muita felicidade, digamo-lo de passagem e sem espirito de lisonja—para preencher, de vez, a pasta do Comercio, que não fica adstrita á influencia dos partidaristas, visto que o ilustre confrade de «A Patria» é republicano independente, embora já estivesse filiado no Partido Democratico, se não estamos em erro por infedilidade de memoria. O Partido Liberal terá de se contentar com a pasta do Trabalho ou então...

Eis agora a questão principal. O Partido Liberal ficou, no governo, com uma representação inferior á dos outros dois partidos da Conjunção.

Ou se resigna a essa situação, por ele proprio criada, ou rompe com o governo, retirando dele o sr. Alves dos Santos, o que será perda grave, porque o sr. ministro do Trabalho é professor da Psicologia da Faculdade de Letras e da Pedologia da Escola Normal Superior da Universidade de Coimbra, director da Biblioteca da mesma Universidade, presidente da Camara Municipal daquela cidade, antigo parlamentar, etc. etc. Ora se este ilustre homem publico deixa a pasta, fica o governo privado do apoio do Partido Liberal, abandonando este a Conjunção ou sendo por ela abandonado. Excluimos a hipotese do conflito se estender aos representantes dos outros partidos, que poderiam ser chamados a pronunciar-se em virtude dos compromissos que servem de traço de união entre os tres partidos da Conjunção.

E excluimos essa hipotese porque, em tal caso, dar-se-hia uma crise total do gabinete, de solução extremamente dificil e manifestamente perigosa. O mais natural é que tudo se harmonise, continuando o sr. Alves dos Santos na pasta do Trabalho e singrando a barca governamental, com vento de feição, até ás proximidades do fim de janeiro.

❖ ❖ ❖

Em 8 de Janeiro far-se-hão as eleições. E' certo que ha quem as deseje ver adiadas. E porquê? Simplesmente por motivo de divergencias na vida interna dos partidos, que os respectivos directorios desejariam concertar com tempo e vagar. Os partidaristas provincianos não acatam, incondicionalmente, as indicações dos respectivos directorios que, por seu lado, dificilmente marombam perante as pressões dos seus grandes homens, residentes em Lisboa e não dispondo, em regra, de influencia eleitoral propria.

E' possivel, pois, que o adiamento eleitoral conviesse aos directorios partidaristas; mas é impossivel deferir ás suas pretensões, porque tal acto seria inconstitucional e o gabinete Cunha Leal é o menos apto e, com certeza, o mais resistente em praticar qualquer acto cuja constitucionalidade seja duvidosa. Nós, de resto, não temos duvida acerca da inconstitucionalidade do adiamento eleitoral. E eis as nossas razões.

E' certo que a Lei Fundamental manda marcar eleições «dentro do praso de quarenta dias» após a data do decreto de dissolução do Parlamento. Entendemos, porem, que uma vez fixado esse praso ele não é susceptivel de alteração, mesmo que se possa fixar outro dia ainda compreendido nesse praso maximo de quarenta dias. E por duas razões principais: 1.º—porque a alteração imputava revogação do decreto que fixou o dia para a reunião dos colegios eleitorais e tal revogação tornaria nulo de pleno direito o decreto de dissolução; 2.º—porque o Poder não deve ser exercido com hesitações ridiculas e seria manifestamente grotesco—que é mais que ridiculo—andarmos eternamente a debater-nos nesta questão eleitoral já aborrecida e amanhã intoleravel.

Teremos, pois, eleições no dia 8 de janeiro. O paiz dirá da sua justiça. E se mal usar da faculdade de exprimir livremente a sua vontade, pior para todos nós, que damos assim mais uma manifestação de incompreensivel desvairo politico que se assenhoriou do eleitorado portuguez.

❖ ❖ ❖

A questão de nomeação de autoridades administrativas, pode, tambem, levantar dificuldades ao governo. Não acreditamos que elas vão até ao ponto de o sacrificar aos intoleraveis processos do partidarismo. Mas, se assim for, pior para as organisações partidarias. Cremos que ainda se encontrariam republicanos independentes para se formar um novo gabinete Cunha Leal que, apoiado pelos elementos de força ordeira da Nação, soubesse realisar o acto eleitoral dentro do mais perfeito espirito de imparcialidade.

Só os portuguezes indolentes

Não se darão ao incomodo de procurar ver confirmados os documentos acerca do valor do «Durenal» para o reumatismo e irão tomar outros remedios por vezes nocivos para os rins e figado.

O celebre Rachmaninoff e a "Cavalgada das Walkyrias"

E' grandioso, pelo notavel programa e pela suprema perfeição a que chegou a orchestra, o concerto de domingo da «Orchestra Sinfonica Portugueza», dirigido pelo maestro Blanch, em que se executa, pela primeira vez em Portugal, uma obra sinfonica do celebre compositor russo Rachmaninoff, a «Sinfonia em mi menor» a sua maior obra prima, o que constitue um extraordinario acontecimento artistico, e pela unica vez nesta epoca a brilhante «Cavalgada das Walkyrias» e o «Cortejo funebre á morte de Siegfried», do «Crepusculo dos Deuses» de Wagner, grandes exitos da Orchestra Blanch e toda a encantadora suite do «Peer Gynt» completa com todos os numeros, sendo a orchestra consideravelmente aumentada."

Migalhas

Hoje anda a roda

A' hora em que escrevo, os outros a quem vão sahir a sorte grande já estão scismando no resto da tarde que vão passar depois que a feliz noticia lhes fôr anunciada.

Houve um tempo em que os filosofos podiam dizer que o dinheiro não dava a felicidade. Era quando a vida não dava trabalho nenhum a viver, quando em todas as primaveras o macarronete e a gabardine estavam em flor e só bastava aos que passavam na estrada da existencia estender a mão para colher um jantar no Tavares rico por oito tostões e um fato de bom cheviote no Grandela por quatro mil e quinhentos.

Então quem tinha vinte contos ao canto da gaveta dormia descançado e quem conseguira, apoz largos anos de paciencia, ser viuva de um major reformado vivia feliz com uma pensão mensal de trinta escudos.

Havia para os espiritos distracções a que o dinheiro podia ser alheio. Assim podiam alguns isolar-se dentro dos seus sonhos, quotidianamente tecidos, como o bicho de seda se encerra dentro do casulo que ele proprio produz.

Os tempos de hoje vão mudados. Todos os conhecemos demais para que seja necessario esboçar deles uma pintura explicativa. Isso a que chamavam os poetas o vil metal e que não é agora senão um papel sujo é a mola real do universo. Os paizes não tem hoje maiores preocupações do que as das suas finanças. O fundo de todas as crises politicas e a situação economica. E como os paizes os individuos scismam de dia e sonham de noite unica e exclusivamente com dinheiro.

Por isso uns cavalheiros—talvez seja um só—a quem desde já felicito verão esta tarde a sua existencia transformada e acharão natural essa surpreza. Todas as estatisticas antigamente provavam que a sorte grande procurava quem com ela não contava. A Santa Casa era o ultimo vestigio dos contos de fadas e dos milagres.

Hoje, porem, todos contam com o premio gordo.

A historia do sujeito que tinha comprado uma cautela sem lhe olhar para o numero, e a quem de subito davam a noticia que estava rico e que não sabia o que devia fazer ao dinheiro é uma historia da carochinha.

Nestas alturas todos nós contamos absolutamente com o primeiro premio. Já destinámos todos como o havemos de repartir entre as nossas necessidades urgentes, entre as nossas mais acarinhadas aspirações, entre os nossos projectos mais loucos. Até—e com isso montamos uma armadilha á Deusa cega da Fortuna—já destinamos uma parte, pequena, é certo, a certas generosidades. Se recebermos mil, somos muito capazes de dar metade de um, aos pobres, á familia, a um amigo encravado.

Todos nós precisamos do dinheiro da sorte grande. E, como ele não caberá a todos, haverá esta tarde um formidavel ranger de dentes. Os felizardos — ou felizardo — contemplados e cujo nome as gazetas amanhã apregoarão serão profundamente invejados e sinceramente odiados. Quando passarem na rua serão olhados com desprezo. Com efeito terão roubado qualquer cousa a todos nós.

Oxalá fosse eu esse ladrão execrado.

ANDRE BRUN.

Para as crianças pobres

Coliseu dos Recreios

Da empreza do Coliseu dos Recreios recebemos para as crianças pobres de «A Capital» 100 bilhetes de geral para a matinée que naquela excelente casa de espectaculos se realisa no proximo dia 29.

Em nome dos contemplados muito reconhecidamente agradecemos.

Legação de França

Enquanto não chega o novo secretario da Embaixada que deve substituir o Baron de Ravignan, o sr. Moujon, que estava designado para um outro logar em Espanha continua provisoriamente em Lisboa encarregado oficialmente das funções de secretario da Legação de França.

Factos e palavras

...DA TAL REFORMA

A vida portugueza toma por vezes aspectos interessantes para aquelles que enchem as horas de ocio procurando atravez do tumultuar atordoante de todos os dias uns pequeninos nadas significativos de atitudes curiosas de analisar.

Tem sido debatido, discutido e bloqueado o assunto curioso e importante da reforma do Ministerio dos Estrangeiros. São anedotas, são criticas, são os despeitados, são os da oposição... tudo fala, minha gente!

E depois de tudo ter falado, uns com imensa razão, outros sem razão alguma, chega-se a esta triste conclusão, aliás corrente e habitual nos nossos processos: — ainda não houve ninguem que fizesse uma solida analise da reforma, apontando-lhe as virtudes e os defeitos, os erros e as vantagens.

Para uns a reforma não passa duma larga falta atirada por mão soberana e sinolir a meia duzia de esfomeados. Para outros a reforma vem remediar uma velha necessidade, chegando mesmo alguns a considera-la como a maior obra da Republica.

Uns tratam o assunto de aspecto carregado e carrancudo, outros abrem o seu melhor sorriso e largam trez piadinhas de fazer estoirar os botões das ceroulas.

Não é necessaria uma grande inteligencia para se ver o que ha de inocente em tudo isto.

E' espantosa a maneira leviana, o animo leve com que se tratam assuntos desta natureza. A falta de energia, o epaparassordismo que tal atitude revela é quasi repugnante. Pois não seria muito mais logico, muito mais inteligente (inteligente, estão compreendendo?) e muito mais util estudar (estudar!!!) a questão a fundo, analisa-la e critica-la depois?

Eu não defendo nem ataco a reforma pela simples razão de que a não conheço mais que superficialmente.

E por uma questão de consciencia repugna-me fazê-lo.

Mas, desde que tão diferentes opiniões teem sido atiradas á publico, e que o celema se tem levantado, pareceme (que ingenuidade) interessante cuidar do assunto e revelá-lo ao publico.

Ha dias disse um jornal da manhã que os funcionarios do ministerio dos Estrangeiros escandalisados com a atitude da imprensa iam reunir e protestar e estudar o assunto, em virtude da reforma lhes satisfazer em parte as aspirações.

Em parte teem razão. Mas o interesse da questão não reside apenas na satisfação de interesses pessoais. Isso seria mesquinho e ridiculo.

O interesse verdadeiro e unico consiste em verificar se dessa reforma alguma utilidade advem ao Estado, confrontando as suas necessidades economicas com as possibilidades da Tesouro.

Assim é que está certo.

Neste momento o interesse pessoal é quasi nada junto do interesse elevadissimo e incompreendido duma nacionalidade que se afunda.

Vamos, meus senhores!

Quem é capaz de estudar a questão, desinteressada e seriamente?

Vamos, acabemos de vez com tanta leviandade.

BOTTO DE CARVALHO

❖ ❖ ❖

Em pleno Chiado, numa loja de brinquedos, entre os objectos expostos para presente de Natal ás creanças, estão umas poucas de roletas em ponto pequeno.

E' encantador!

Ao lado deviam estar algumas pistolas, bombas, navalhas e uns exemplares do Kama Sutra para ficar completa a educação da creança.

❖ ❖ ❖

Ha di s, no Campo de Sant'Ana, pelas seis e meia da tarde, foi agarrado, cloroformisado e roubado um pobre transeunte.

Deixemo-lho o tito por amor á decencia.

Havemos de concordar que os gatunos ainda tinham uns certos modos de moral.

❖ ❖ ❖

Recebemos e agradecemos «Os elementos da historia da empreza ceramica de Lisboa».

O estado livre da Irlanda

O acordo com a Gran-Bretanha

Terminou, finalmente, o longo pleito travado com a Inglaterra a proposito da independencia da Irlanda, que acaba de se separar da Gran-Bretanha, erigindo-se em Estado livre e autonomo.

«It's a long way to Tipperary», como diz a canção, mas tudo acaba em bem quando reina o acordo e a harmonia entre as partes mal avindas. Depois de seiscentos anos de querellas e cento e vinte anos de hostilidades chronicas entre a Irlanda subjugada e a Gran Bretanha, foi, por fim, assignada a paz entre os dois paizes, e proclamada livre o Estado na Irlanda.

Desde o armisticio ainda não houve nenhum acontecimento que tão profunda impressão causasse na Inglaterra. Lloyd George, muito conhecido pelas suas qualidades de pacificador, obteve, por isso, mais honra no papel que desempenhou na solução da questão irlandesa do que a que lhe coube no tratado de paz. O rei, a quem Lloyd George enviara todos os detalhes do tratado assinado na noite de 5 para 6 de dezembro, mandou-lhe já um telegramma de felicitações, extremamente cordial. Milhares de despachos chegam a todo o momento á rua Downing felicitando o primeiro ministro e os seus colegas.

Os jornais que aparecem com titulo como: «Deus salve a Irlanda» e «O novo Estado livre de Irlanda», publicam o texto integral do tratado anglo-irlandez. Publicam igualmente um fac-simile do fim do documento ductilographado que constitue a nova carta da Irlanda com as assignaturas dos delegados inglezes e irlandezes.

Em summa, o acordo fez-se mediante a concessão de dar á Irlanda o titulo de «Estado livre», que precedentemente, fôra concedido ás republicas boers pelo imperio britannico, dando-lhe, porem, um regimen sem lhante ao do Canadá, o mais antigo dos Dominios e o mais estreitamente ligado á metropole.

Alem disso as clausulas relativas á parte da divida da guerra respeitante á Irlanda e á despeza causada pela independencia, e especial posição geografica da Irlanda e das suas estreitas relações com a Gran-Bretanha.

Eis o texto do tratado:

I. A Irlanda terá o mesmo estatuto constitucional na comunidade das nações conhecidas com o nome de Imperio britanico que o Dominio do Canadá, o Commonwealth da Australia, a Nova Zelandia e a União da Africa do Sul, com um parlamento que tenha o poder de legislar em tempo de paz, a ordem e o bom governo da Irlanda um poder executivo responsavel perante esse parlamento, e que estará subordinado ao nome de Estado Livre de Irlanda.

II. Sob a reserva das clausulas indicadas contra a situação do Estado livre da Irlanda perante o parlamento e o governo imperial está tambem a do Dominio do Canadá, e a lei, as praticas e os usos constitucionais regendo as relações da corôa e do representante da corôa e do Parlamento imperial perante o Dominio do Canadá serão as que hão-de reger as suas relações com o Estado Livre da Irlanda.

III. O representante da corôa na Irlanda usará do mesmo nome que o governador geral do Canadá e conforme o costume observado nas designações desse genero.

IV. O juramento que os membros do Parlamento do Estado Livre da Irlanda hão-de prestar será concebido do seguinte modo:

«Eu, abaixo assinado, juro solenemente fé e homenagem á Constituição do Estado Livre da Irlanda, tal como está estabelecido pela lei e fidelidade a Sua Magestade el-rei Jorge V, seus herdeiros e sucessores legais, em virtude da comunidade existente entre os cidadãos da Irlanda e da Gran-Bretanha, e da entrada da Irlanda no grupo de nações que constituem o Commonwealth britanico.»

V. O Estado Livre da Irlanda assumirá uma parte da divida publica do Reino-Unido já existente numa proporção justa e equitativa, tendo em conta toda a reivindicação justa da Irlanda concernente á parte da Irlanda, como contra-partida, o total das somas feitas de serem determinadas, por defeito de acordo pela arbitragem de uma ou varias pessoas independentes, cidadãos do imperio britanico.

VI. Até que se chegue a um acordo entre os governos britanico e irlandez, acordo em cujos termos o Estado Livre da Irlanda assumirá a defeza das suas costas, a defeza por mar da Gran-Bretanha e Irlanda será assegurada pelas forças imperiais de Sua Magestade, mas isto não impede a construção ou as despezas feitas pelo governo do Estado livre da Irlanda em obras necessarias á protecção das alfandegas ou pescarias.

As clausulas deste artigo serão estudadas de novo no decurso de uma conferencia dos representantes britanicos e irlandezes, cuja expiração terá logar daqui a cinco anos, a contar da data desta acta para decidir a maneira como a Irlanda se encarregue de assegurar a sua propria defeza costeira.

VII. O governo do Estado Livre da Irlanda porá á disposição das forças imperiais de Sua Magestade:

a) em tempo de paz, os portos e outras facilidades indicadas no artigo anexo ou outras facilidades semelhantes pelos quais um acordo, de tempos a tempos, possa intervir entre o governo britanico e o governo do Estado livre da Irlanda; b) em tempo de guerra ou do periodo de tensão das relações com uma potencia estrangeira, os portos e outras facilidades de que o governo britanico possa ter necessidade para garantir essa defeza como acima está indicado.

VIII. Com o fim de assegurar a observação do principio da limitação annual internacional dos armamentos, se o governo do Estado livre da Irlanda estabelecer e mantém uma força militar de defeza, as despezas desses estabelecimentos em relação aos estabelecimentos militares inglezes estará na mesma proporção que a população irlandeza em relação á população britanica.

IX. Os portos da Gran-Bretanha e do Estado livre da Irlanda estarão livremente abertos aos navios do outro paiz, mediante o pagamento dos direitos usuais de porto e outros.

X. O governo do Estado livre da Irlanda responsabilisa-se a retribuir com uma justa compensação sobre as bases não menos favoraveis do que as indicadas na acta de 1920 aos juizes, funcionarios, membros dos corpos de policia e de outros serviços publicos licenciados por estes serviços ou que se retirem em seguida a uma mudança de governo, com a condição que esta acordo não se aplique aos membros das forças da policia auxiliar ou ás pessoas recrutadas pela Gran-Bretanha para o calculamento dos reais pontanos irlandezes durante os dois anos precedentes a este acordo. O governo britanico assumirá a responsabilidade dessas compensações ou das pensões podendo voltar para as pessoas fazendo o objecto da reserva anterior.

XI. Até á expiração dum periodo dum mez a datar do voto duma acta do parlamento e do governo do estado livre da Irlanda não se exercerão sobre o norte da Irlanda e as clausulas da acta de 1920, para o governo da Irlanda, continuarão a ter o seu pleno efeito, e nenhuma eleição de membros antes de exercer no norte da Irlanda haverá a menos que seja votada uma resolução pelas duas camaras do parlamento do norte da Irlanda decidindo de tais eleições antes do fim do corrente mez.

XII. Antes da expiração do corrente mez, será enviado um endereço a Sua Magestade pelas duas camaras do parlamento do norte da Irlanda, para que os poderes do parlamento e do governo do estado livre da Irlanda para o futuro não se estendam ao norte da Irlanda, as clausulas da acta de 1920 sobre o governo da Irlanda (compreendendo os tratados pelo conselho de Irlanda) continuarão, desde que se refiram ao norte da Irlanda, em vigor e este instrumento subsistirá sob a reserva das modificações necessarias.

Já que um tal memorandum vai ser apresentado assim, uma comissão composta de tres pessoas uma nomeada pelo governo do Estado livre da Irlanda, outra pelo norte da Irlanda e uma outra que será presidente, designada pelo governo britanico, determinará conforme os desejos dos habitantes e na medida compativel com as condições economicas e geograficas, as fronteiras entre o norte da Irlanda e o resto da Irlanda e, para preencher os fins visados pela acta de 1920 sobre o governo da Irlanda e os visados por esse instrumento, a fronteira do norte da Irlanda será tal como possa ser determinada por similhante comissão.

XIII. Conforme com o artigo anterior os poderes do parlamento do sul da Irlanda, pelos termos da acta de 1920 sobre o governo da Irlanda, de eleger os membros do conselho da Irlanda serão, logo que esteja constituido o parlamento do Estado livre da Irlanda, exercidos por este parlamento.

XIV. Depois da expiração do corrente mez se nenhum memorandum, como o mencionado no artigo XII, por mandado, o parlamento e o governo do norte da Irlanda continuarão a exercer, no que diz respeito ao norte da Irlanda, os poderes que lhes foram conferidos pela acta de 1920 sobre o governo da Irlanda. Mas o parlamento e o governo do Estado livre da Irlanda terão, no norte da Irlanda, nas questões em que o parlamento do norte da Irlanda tem o poder de legislar segundo os termos desse acta (compreendo os questões que caiam sob a jurisdição do conselho da Irlanda) os mesmos poderes que no resto da Irlanda, sob reserva de medidas similhantes sobre as quais se poderá estabelecer um acordo somemento ao que indicado.

XV. Seja em que epoca for, após a data desta acta, o governo do norte da Irlanda e o governo provisorio do sul da Irlanda poderão reunir-se com o fim de discutir as clausulas que hão-de reger a aplicação do ultimo artigo supra no caso que o memorandum mencionado não seja apresentado. Esses clausulas podem compreender:

a) Salvaguardas, no que diz respeito aos embaraçadores no norte da Irlanda; b) salvaguardas concernentes á percepção dos direitos aduaneiros no norte da Irlanda; c) salvaguardas, no que diz respeito aos direitos de importação e de exportação que afectem o comercio e a industria do norte da Irlanda; d) salvaguardas para minorias do norte da Irlanda; e) o regulamento das relações financeiras entre o norte da Irlanda e o Estado livre da Irlanda; f) o estabelecimento e os poderes do mesmo local do norte da Irlanda e as relações das forças de defeza do Estado livre da Irlanda e o norte da Irlanda respectivamente.

E se por ocasião de tais reuniões, alguma acordo nessas clausulas, terão o mesmo valor que se fossem compreendidas nas clausulas que regulam os poderes do parlamento e do governo do Estado livre da Irlanda no norte da Irlanda segundo os termos do acordo XIV.

XVI. Nem o parlamento do Estado livre da Irlanda, nem o parlamento do norte deverão tomar medidas legislativas susceptiveis de acarretar compeclições, directa ou indirectamente, á liberdade de consciencia e á liberdade do culto nos dois Estados.

XVII. Como medida de acordo provisorio para a administração do sul da Irlanda, durante o intervalo que deve decorrer entre a data desta acta e a constituição dum Parlamento e de um governo do Estado livre da Irlanda, tomar-se-hão imediatamente medidas para a reunião dos membros do Parlamento eleitos nas circunscripções do sul da Irlanda desde o voto da acta de 1920 sobre o governo do norte da Irlanda e para a constituição de um governo provisorio e o governo britanico tomará as medidas necessarias para transmitir a um tal governo provisorio os poderes e os meios necessarios para lhe permitir o abandono do poder desde que cada um dos membros dum tal governo provisorio afirme, por escrito a aceitação dum tal instrumento. Mas este artigo não subsistirá, para alem da expiração de 12 mezes a contar da data desta acta.

XVIII. Este instrumento será imediatamente submetido pelo governo de Sua Magestade á aprovação do Parlamento e pelos signatarios irlandeses, numa reunião dos membros eleitos para constituir a Camara dos Comuns do sul da Irlanda, e se for aprovado, será ratificado pela legislação britanica e pelo Dail Eireann.

A situação na Austria

O que diz uma testemunha

A situação na Austria neste momento é verdadeiramente desesperada. A sua situação economica é aflitiva e em consequencia disto a vida dos nacionais é angustiosissima. Pode dizer-se que a moeda não existe na Austria, ou para melhor dizer, é uma pura ficção, porque se perdeu completamente a noção do valor do dinheiro. A situação da maior parte das familias é lancinante, porque as ordenados de que vivem apesar de serem aumentados todos os mezes, não compensam os aumentos diarios de hora a hora, que sofrem as subsistencias. Para se apreciar bem este estado de coisas bastará dizer que o preço que um comerciante estabelece pela manhã para um dado artigo, não pode manter-lo na tarde do mesmo dia. Compreende-se facilmente que desta forma as relações comerciais se tornam extremamente dificeis e quasi impossiveis.

A vida é relativamente boa e facil para os estrangeiros por causa da depreciação da moeda austriaca. Nos restaurantes pode-se comer bem por mil corôas e por duas mil corôas come-se admiravelmente, conseguindo os nacionais alimentar-se por uma media de dusentas a tresentas corôas.

Como em todos os paises, que entraram na guerra tambem na Austria ha novos ricos que se passeiam pelas ruas de Viena em magnificos automoveis vestidos com magnificos casacos de peles que os alemães compram na Russia para vender nos paises estrangeiros.

Viena dá a impressão duma grandeza e dum esplendor moribundos e duma vida ficticia enquadrada nas suas linhas esculturais e nos seus grandiosos monumentos.

Viena actualmente é um cabaret, onde a orgia, devido á afluencia de estrangeiros a transforma numa cidade de sensualidade e prazer, mas duma sensualidade famelica que transparece nas fisionomias das graciosas e elegantes vienenses que apesar das privações sofridas conservam ainda as suas encantadoras silhuetas.

De Viena hoje nada mais resta do que a mostra: as mulheres graciosas e o luxo ficticio.

O estrangeiro que vá a Viena deve limitar-se a contemplar a mostra não deve pretender tomar um conhecimento profundo com o interior da vida de Viena. Esse interior está minado pelo bolchevismo, está podre...

Viena, em como consequencia da atitude que os aliados tomaram para com ela, em como consequencia da sua situação durante a guerra, é hoje um foco revolucionario, e o centro de maior actividade do bolchevique da Europa.

Se o vulcão que está minando Viena explodir, e é certo que explodirá, advirão de ai serias consequencias para a vida e para a tranquilidade dos outros povos europeus.

Os sucessos ocorridos em Viena no dia 1 e 2 deste mez devem ser tomados como preludio de outros mais graves que se preparam com ramificações no estrangeiro.

Foi extraordinaria a violencia com que os operarios bolchevistas absolutamente senhores da situação assaltaram os grandes hoteis e os estabelecimentos importantes, lançando pelas janelas do hotel em que estavam instalados os oficiais da missão de fiscalisação dos aliados os moveis e os arquivos dessa missão.

Ao mesmo tempo que isto sucedia espalhavam nos jornais da Europa central a noticia de que em Espanha os operarios se tinham apoderado do parlamento apoiados pelo exercito, e que os comunistas tinham proclamado a Republica entregando o poder aos chefes republicanos, e que o rei aguardava nas suas posições de Vilagarcia (?) o resultado da revolução.

Para que estas absurdas noticias fossem aceites sem reserva pela opinião publica, diziam que estas informações lhe tinham sido fornecidas pelo ministro de Espanha em Viena.

Não se limitaram os bolchevistas a espalhar estas falsas noticias referindo-se sómente a Espanha, tambem as inventaram referindo-se a outros paizes.

Deve acrescentar-se que este movimento foi inspirado e em grande parte dirigido pelo celebre hungaro Bela Kon que se encontra em Viena de regresso de Moscou. Alguns dias antes destes acontecimentos, Joseph Pogani iniciou uma activa propaganda bolchevista em Badapest, mas C|M perseguido pelas autoridades dirigiu-se á Russia e dahi a Viena. Tambem incitaram os operarios que se lançassem nesta aventura o bolchevista Komdor, que ganhou ultimamente muito dinheiro em negocios bastantes misteriosos e que dirige um grupo de bolchevistas que conta mais de cinco mil filiados e Azember antigo chefe do gabinete da imprensa que dirige dois jornais vermelhos que aparecem em Viena escritos em hungaro o «Gondor Ferenc» e o «Voro Ujsag», que fazem uma activa propaganda contra a Hungria e cujo governo por ter perseguido o bolchevismo é denominado por eles o «Terror Branco».

A municipalidade de Viena está governada por socialistas extremistas, a quem pertence a maioria.

Como se vê por este relato a Austria ainda pode ser teatro de bem desagradaveis surpresas.

ULTIMA HORA

POLITICA

Dificuldades no governo

Correu hoje, com muita insistencia, que os outubristas moderados, á frente dos quais se diz estar o sr. capitão Camilo de Oliveira, se tinham declarado em oposição ao governo, em razão das dificuldades por este encontradas para lhes garantir a eleição de determinados candidatos ao Parlamento. Não conseguimos obter nenhuma confirmação á noticia, que, aliás, era oficiosamente desmentida.

E' possivel que esta versão fosse originada pela longa conferencia que ontem se realisou, no ministerio do Interior, entre o chefe do governo e o sr. Camilo de Oliveira.

Banquete de homenagem ao chefe do governo e governador civil

E' no proximo dia 5 que se realisa no Grande Hotel de Inglaterra, o banquete de homenagem aos srs. Cunha Leal e Agatão Lança.

A inscrição encontra-se aberta no escritorio do mesmo hotel, sendo já bastante elevado o numero de convivas.

O serviço será exclusivamente á portugueza.

Braamcamp Freire

Faleceu hoje

Faleceu esta manhã o sr. Anselmo Braamcamp Freire.

N. R.—Apesar da infausta noticia do passamento deste homem ilustre não nos surpreender, visto que era geralmente prevista, foi com sincero pesar que vimos desaparecer um dos mais inteligentes caracteres que Portugal tem possuido.

O sr. Braamcamp Freire foi um dos mais belos triunfos da propaganda republicana, que o conquistou ainda antes da queda do antigo regimen.

Após a vitoria de 1910, o sr. Braamcamp Freire foi parte da Assembleia Nacional Constituinte, que o elegeu seu presidente, logar que ocupava na hora feliz e inolvidavel da aprovação, pela Assembleia, da Lei Fundamental. Chegou a ser indigitado para a Presidencia da Republica, retirando voluntariamente a suacandidatura e demons trando, assim, um alto espirito de desinteresse politico e de amor acrisolado ao regimem que ajudou a fundar.

Afirmou-se, durante toda a vida como um exemplar homem de honra e como um espirito esclarecido, sempre havido de estudo.

POEIRA da ARCADA

Com destino á Provincia de Moçambique a Casa da Moeda e Valores Selados expediu os seguintes valores:

Selos postais ..... 1.926.000$00
Idem do porteado. 88,062.00

❖ ❖ ❖

Um grupo de capitalistas acaba de adquirir uma explendida propriedade na Costa de Caparica, para a adptar a sanatorio.

❖ ❖ ❖

Foi transferida para o dia 28 do corrente a partida do vapor «Mossamedes», para S. Tomé e Principe, via Madeira.

❖ ❖ ❖

Segundo o boletim de sanidade interna, na semana finda em 17 do corrente manifestaram-se em Lisboa 16 casos de difteria, 4 de febre tifoide, 1 de meningite e 4 de variola.

❖ ❖ ❖

Na sessão de ontem a Comissão de Importação de trigos lavrou na sua acta um violento protesto contra o facto de se ter autorisado a importação de trigos exoticos a diversas fabricas de moagem por ser absolutamente contrario á lei e aos interesses do Estado.

PELO TELEGRAFO

A luta em Marrocos

As tropas descançam

MADRID, 23.—Foram suspensas em Melilla até ao dia 2 de janeiro as operações contra os mouros afim de que as tropas possam descançar e passar tranquilas, as festas do Natal. Em janeiro recomeçarão os avanços em direcção a Drius.

Ontem foram lançados pelos aeroplanos muitas granadas sobre grupos de mouros em Drilla Kert.—(R.)

Noticias de toda a parte

A questão economica entre a França e a Espanha

MADRID, 23.—A Gazeta oficial publica o decreto do ministro da Fazenda proibindo a importação nos portos francos das Canarias, de Ceuta e de Melillo, de todas as mercadorias de origem franceza, salvo autorisações especiais.—(R.)

As negociações vão recomeçar

PARIS, 23.—As negociações para um acordo comercial entre a França e a Espanha vão ser reatadas em Madrid para onde o governo francez mandou para o efeito mr. Serruys, havendo apenas duvidas sobre se o seu estado de saude lhe permitirá manter-se em Madrid. O governo espanhol nomeou seu representante nestas negociações mr. Lopez Lage funcionario do ministerio dos Estrangeiros.—(Lat. Am.)

As reparações

Um plano de Lloyd George

LONDRES, 23.—Lloyd George tenciona submeter á apreciação de mr. Briand um plano para uma combinação sobre as dividas de reparação da Alemanha, tendente a aliviar a seria situação industrial da Inglaterra sal vaguardando ao mesmo tempo os interesses da França por uma nova distribuição da divida financeira entre as tres nações.—(Lat. Am.)

Entre Briand e Lloyd George

LONDRES, 23.—As conferencias entre Lloyd George e mr. Briand versarão principalmente sobre a questão das reparações, mas apesar deste ser o assunto que provocou a visita de mr. Briand, julga-se que será aproveitada a oportunidade para se examinar a questão da solidariedade da «Entente Cordiale» na eventualidade de uma agressão da Alemanha.—(Lat. Am.)

Palavras de Briand

CALAIS, 23.—Mr. Briand, ao embarcar no vapor inglês «Maid of Orleans» disse a um correspondente da imprensa inglesa. Regosijo-me por ter aceitado o convite de Lloyd George, porque o seu desejo é assegurar unidade tanto de pontos de visto como de acção entre a Inglaterra e a França em todos os problemas actuais, incluindo o das reparações. O mesmo desejo o a boa vontade que existem de parte a parte darão com certesa bons resultados e tenho a certesa que serão compensadores os frutos da nossa conversação. A França não esqueceu que em face de dificuldades ligadas ao assunto das reparações, como as que surgiram em fevereiro ultimo, a Inglaterra sempre se colocou ao seu lado, exigindo para a França a parte que lhe competia. Tenho a certesa de que se repetirá o mesmo agora.—(Lat. Am.)

TEATRO

Nota do dia

Não é possivel escrever qualquer coisa sobre teatros em Portugal, sem que nos encomodemos. O meio portuguez não permite, nem ás pessoas melhor dotadas e melhor intencionadas numa acção moralisadora e elevada, pelo menos no respeitante a Arte-Fazer uma critica correspondente, na melhor das hipoteses, a crear tantos inimigos quantos são os autores, interpretes e suas excelentissimas familias. Nem mesmo elogiando não se pode aquele artista cujo trabalho nos pareça mais justo ou mais honesto se pode contar com a sua correcção e a sua simpatia.

Não. Se se diz mal, é porque se diz mal, e se se diz bem ainda é sempre se diz pouco bem.

Quem aqui costuma escrever, despretenciosissimamente, as noticias criticas das prim ... iras representações, chegou já a conclusão de que tem por esse facto mais inimigos do que cabelos na cabeça, inimigos que vão desde as estrelas até ás modistas que as vestem.

No entanto nunca ofendeu ninguem, nunca fez humorismo sobre o trabalho dos outros, nunca trocou um artista por mais modesto que fosse, ou por mais em evidencia que se colocasse. Nunca marcou um defeito sem apontar o remedio, nem disse onde estava mal sem indicar como lhe parecia bem. E, apesar disso... inimigos, muitos inimigos, só inimigos. Porquê?

Porque toda a gente se julga notavel e impecavel, porque ninguem admite um conselho, reconhece uma competencia, domina uma vaidade.

Criticar pois teatro equivale a crear inimigos.

Se a critica de teatro sobre sua missão mais ingrata, acresce ainda, ao que parece, ser a missão mais inutil.

O HOMEM QUE PASSA

POLITICA INTERNACIONAL

A conferencia de Londres

A Inglaterra é a principal responsavel da crise

Como se sabe Lloyd George e Briand reuniram-se em Londres. Os representantes da Inglaterra e da França vão empregar os seus esforços para encontrarem um remedio para a crise economica. Tal porem não é possivel sem se definir a crise, recordando a data em que ela começou e procurando os seus autores.

As reparações da Alemanha não são, como muitos julgam, a unica causa de todos os males da Europa. A Inglaterra não foi invadida e contudo —lord Derby recordou-o ha dias com uma sobria e dolorosa eloquencia—ela tem regiões devastadas. Nem o acordo de 13 de Agosto, mesmo que ele seja retificado, nem os 22 % dos pagamentos alemães, dos quais o Tratado de Versailles lhe deu direito, mesmo se ela forçar a Alemanha a pagal-os, servirão para abrir novos mercados á sua industria e dar trabalho aos seus desempregados.

A causa inicial da ruina de que a Inglaterra é hoje a primeira victima é a desordem dos cambios.

De quando data ela? De março de 1919.

Quem foi o seu principal causador? O governo inglês.

Em Março de 1919 com efeito, o governo inglês significou ao gabinete de Paris que tinha chegado o momento de pôr termo á organisação de credito internacional que tinha permitido durante a guerra fazer face ás dificuldades monetarias, suspendendo os creditos do tesouro.

O governo de Clemenceau não fez nenhum protesto, o assunto não foi mesmo levado a conselho de ministros: era de tão pequena importancia!

Até essa data, quaisquer que tenham sido as imensas necessidades do tempo da guerra, o prodigioso consumo dos productos da America e do imperio britanico fizeram subir o cambio.

Quando variavam os mercados neutros com a victoria, as divisas americanas, inglesas, e francesas subiam ou desciam ao mesmo tempo e pouco mais ou menos nas mesmas proporções.

Se em 1917, depois da defecção russa, o franco perdia em Genebra mais de 20 % sobre o par, o dollar, tambem baixava 15 % e a libra esterlina 18 %. O mesmo sucedeu em todas as datas importantes da guerra, em julho de 1918, no momento da contra-ofensiva aliada, em setembro no momento do armisticio bulgaro, emfim, até aos primeiros mezes de 1919.

Aparece em Março, antes da paz, a decisão do governo britanico. Logo a seguir, em 13 de Março de 1919, o Banco de França julga-se na obrigação de fazer sobre aos francezes que o futuro dos cambios, escapando a todas as provisões—tão rapido tinha sido o golpe de Lloyd George—o impossibilitava de corresponder ás exigencias da praça.

Alguns dias mais tarde, ao saber da nova, a America por sua vez vê-se obrigada a recorrer ao mesmo processo da Inglaterra a fim de defender o seu dollar.

Resultado: nos meses seguintes a libra esterlina passa de 25 francos para 45, até chegar a 67. A França assim não pode mais comprar á Inglaterra e á America. A Inglaterra por sua vez não pode vender á Europa, nem comprar á America o trigo que preciso, sem perder até 26 % sobre o dollar. Foi a decadencia financeira para a França, a decadencia industrial e comercial para a Inglaterra. Eis consequencias da operação que Lloyd George realisou em Março de 1919 com a cumplicidade de Clemenceau. Este dois homens teem custado caro ás suas patrias.

Se contamos hoje esta historia é porque ela represents na abertura da conferencia de Londres, uma moralidade: que a França não se deixe dirigir. Ela encontrará o seu caminho. E a Inglaterra tambem!

CRONICA LITERARIA

ANTIQUALHAS HISTORICAS

por Ladislau Batalha

Antagonismos historicos

Um Auto de Fé no seculo XVI—O despertar dos condenados — Diminutos, negativos e relapsos — Samarras, sambenitos e carochas — Condenados, ossos e estatuas O funebre cortejo

Não se faziam esperar muito os penitentes.

Durante a noite, á hora de se entregarem ao mais profundo sôno ou de rezarem mais fervorosamente aterrados pelo muito que padeciam, vinha sobresalta-los o ruidoso correr dos ferrolhos.

Penetravam os carcereiros com archotes acesos, e o Alcaide da prisão ia-lhes entregando a um e um apertados vestes de pano preto raiado de branco, com mangas estreitas que lhes chegavam aos pulsos e calções estirados da mesma fazenda e côr, compridos até aos calcanhares.

Obrigados a sair por alta madrugada, eram os presos conduzidos ao pateo grande da Inquisição onde os enfileiravam para receber os fardamentos do suplicio.

Então traziam-lhes em trouxa os fatos que pelo Regimento lhes eram adequados, em harmonia com os delitos que lhes imputavam.

De Diminutos se classificavam os que faziam confissão incompleta dos seus erros, e não conseguiam dar com o nome de todos os seus desconhecidos acusadores. Esperava-os a decapitação seguida de fogo.

«Negativos» chamava a Inquisição áqueles que, depois de terem sido obrigados pelo tormento a denunciar parentes, amigos e conhecidos, não acertavam com o nome exacto dos que os tinham denunciado.

Se nem na hora do sofrer novos tormentos satisfaziam á torpe exigencia, logo mereciam o epiteto de negativos impenitentes.

Destinavam-nos a ser queimados vivos, salvo o caso de adivinharem todos os seus denunciantes, pois a piedade do Santo Oficio comutava-lhes então a pena... em açoutes galés, degredo ou carcere perpetuo.

Se aqueles uma vez acusados de um delicto, reincidiam, cometendo-o segunda ou terceira vez, logo mereciam o nome de—relapsos.

Como Hereges—contumazes se condenavam os que, depois de, verdadeira ou caluniosamente acusados de heresia, nela teimosamente persistiam.

Ainda outras subtilezas havia na classificação dos condenados a castigo maior.

Assim classificados, á hora de terem de se dirigir ao lugar do suplicio, a uns obrigavam a vestir samarras, que consistiam numa opa de côr pardacenta, aberta aos lados e dependurada sobre os hombros. Chegava-lhes apenas um pouco acima do joelhos. Nas costas e no peito eram salpicadas de uns simbolos em forma de chamas, a que davam o nome de —fogo revolto.

Para outros que, perante a perspectiva do fogo, confessavam tudo que se lhes exigia, as samarras, em vez dos simbolos do fogo revolto, tinham na frente e por detraz as cruzes de Santo André, em diagonal a todo a altura da vestimenta, feitas de largas e longas fachas vermelhas.

A'queles que a Inquisição considerava irremediavelmente perdidos, distribuiam-se emfim os Sambenitos, de feitio aproximado ao das Samarras, tendo, porem, pintadas a vermelho scenas infernais, demonios, chamas e tições.

Perto da orla inferior dependuravam-lhes disticos difamatorios, tais como:—«queimado por herege relapso», por «convicto negativo», por «herege contumaz», e outros similhantes.

Como pungente sarcasmo, colocavam-lhes sobre a cabeça uma especie de grandes mitras feitas de papelão esbranquiçado a que se dava o nome de—«carochas» — egualmente sarapintadas de chamas e demonios.

Varias cerimonias e peripecias acompanhavam durante bastante tempo este macabro serviço de guarda-roupa, doloroso representativo doutro tanto sofrimento para os pacientes.

Por aqui não ficava, porem, a fereza dos Inquisidores, cuja intolerancia levava aos ultimos desvarios da perseguição. Tomando a si a ingrata missão de vingar os excessos da Reforma, visavam a domina-la pelas praticas do terror.

A essa longa fileira de condenados de ambos os sexos que, vestidos de penitentes e empunhando tochas amarelas, iam metendo na forma, para em funebres cortejo os conduzir a dois e dois, ou a tres e tres, ao logar do suplicio, juntavam-se outras exteriorisações de perversidade.

Já previamente preparados, apresentavam-se tambem, levados á mão e aos hombros dos esbirros da Inquisição, lugubres caixões dos ossadas daqueles que, acusados antes ou depois de falecidos, victimas da doença ou da tortura, tinham de sancionar pela presença dos ossos a confiscação dos seus bens para melhor satisfazer aos olhos do publico fanatisado o espirito megalomanico dos crueis julgadores.

Algumas vezes em tais féretros continham-se os restos de supostos reus cujo interrogatorio se tinha feito já decorridos dez e doze mezes após o momento da prisão.

Casos houve em que os presos só eram chamados a confessar o motivo da prisão muito tempo depois de terem morrido.

Estes caixões eram egualmente de um amarelo esbranquiçado, com salpicos de fogo revolto e figurinhas apocalipticas em vermelho.

Nem os acusados ausentes ou foragidos escapavam á vindicta. Faziam-nos comparecer em estatua, e assim os incorporavam como simbolo no sahimento, para serem queimados no Auto e sequestrados todos os seus haveres.

E tudo isto se ia passando pela calada da noite até alta madrugada, a sós e a dentro do páteo da Inquisição, donde pela manhã, já tudo a ponto e bem ordenado, o prestito macabro sahia a cruzar as ruas e travessas até ao logar do suplicio.

Rodeava-os a clerezia das Paroquias, os Corregedores e Alcaides da Cidade, os beneficiados, as irmandades de S. Martinho, Santiago e outras.

A' frente, a servir de abertura á triste procissão, ia um grande Crucifixo, ao qual se seguiam outros menores a separar as varias categorias de condenados.

Como torpe pragmatica, os crucifixos, quando de costas voltadas para algum turno de pacientes, indicavam que a Igreja lhes retirava toda a protecção do Ceu, abandonando-os ás Justiças Seculares que logo os rodeavam.

—Prestito magnifico! diziam os Inquisidores nos seus Relatorios.

Que triste magnificencia deveria ser aquela dum acompanhamento de casulas, estolas e sobrepelises, habitos de monge, Irmandades e Confrarias; soldados cavaleiros de pique no talabarte, peões de couraça reluzente com suas alabardas e arcabuzes, tudo a fazer cerco e guarda a dezenas de dezenas de vitimas cabisbaixas que, em trajo grotesco e humilhante eram conduzidas ao suplicio, como se os levassem para um festim!

E festim era, porque se se fazia por ocasião de comemorações publicas e grandes solenidades!

A chegada deste segundo cortejo ao local onde o primeiro já estava acomodado e a postos nos seus respectivos lugares, constituia sempre um numero importantissimo do tremebundo espectaculo.

Certamente, nem os comparsas da funebre festança, nem a multidão dos populares, assistentes e avidos de estranhas sensações, conseguiriam abafar esse cumor esquisito, simultaneamente feito de prazer e dor, de fé e odio, ao aproximar-se o momento das execuções.

(Continúa ámanhã.)

SPORT

Manifestações sportivas

Num dos ultimos dias, quando das finais do campeonato do sul, no Ginasio Club Portuguez, parte do publico durante o combate em que entrava o amador Abel da Cunha, manifestou-se hostilmente, dando motivo, a vias de facto, e varias outros matchs de pugilato, fóra do ring.

Todos temos a perder com isso.

Os boxeurs que seguramente se enervam com o facto, perdendo portanto qualidades para o combate, o publico verdadeiramente sportivo, que não pode estar na alternativa de pacato espectador, tem num dado momento de transformar-se num Carpentier feito á pressa, para meter na ordem algum exaltado, e os manifestantes a que me refiro, que dentro em pouco verão a sua entrada não ser permitida.

Sim, porque é um espectaculo gratis, desempenhado por amadores, e efetuado numa casa onde a entrada é feita por amavel convite.

O que diriam esses mesmos manifestantes, se convidando alguem para sua casa, esse alguem quizesse passar o tempo a quebrar os moveis?

Compreende-se que pagando por bom preço um logar, haja o direito de protestar, sentindo-se logrado, e mesmo isso até certo ponto, mas de graça, acho forte.

Compete á direção do G. C. P., evitar que se repitam dessas cenas, prejudiciais ao bom nome do club.

RUY DA CUNHA

Esgrima

O italiano «Pini», que vive ha anos em Buenos-Aires, e que foi o mais estraordinario esgrimista do seu tempo, deve chegar a 20 de janeiro a Paris, para assistir ao encontro Gaudin-Nadé.

Pini traz um novo projecto de regulamentação do jogo da espada, que deve causar sensação, sob o ponto de vista tecnico.

Law-Tennis

A classificação dos jogadores internacionais de Low-Tennis para o ano que vem, é a seguinte.

Homens—1.º Tilden, americano, 2.º Johnston, 3.º Richard, americanos.

Senhoras – 1.ª Suzana Longlen, franceza, Malary, americana, Browne, americana.

Box

Os boxeurs que trabalharam em Lisboa, Egrel, Violas e Cadieu, combatem por estes dias em Paris.

Ciclismo

No match a 4 que se disputou em Paris, como dissemos, entre Maes Kop campeão do mundo, Kaufnan, suisso e os franceses Després e Sergent venceu o primeire.

Jornalistas sportivos

Em Março proximo deve disputar-se em Paris o campeonato anual dos jornalistas sportivos.

A proposito consta-nos que se pensa em fazer reviver a antiga Associação Portugueza dos Jornalistas Sportivos.

NOTICIARIO

NATAÇÃO — REUNIÃO DA LIGA

Tendo a delegação do Porto pedido á Liga Portugueza dos Clubs de Natação para adiar a assembleia geral, que esteve marcada para o ultimo domingo, foi escolhido o dia 15 do proximo mês para a sua re-leisação.

GINASIO CLUB PORTUGUEZ

Reune hoje, no Ginasio Club Portuguez, a assembleia geral do Club para continuação dos trabalhos da sessão do corrente para aumento da quota.

SPORT CLUB RECREATIVO DA PENA

A comissão administrativa do Sport Club Recreativo da Pena trabalha activamente para realisar, dentro de pouco tempo, uma grandiosa festa dedicada a todos os seus jogadores de «foot-ball», na qual tomará parte o grupo dramatico do Club.

FOOT BALL — OS DESAFIOS COM OS TCHECOS-SLOVACOS

A' hora de fazermos este noticiario, não ha ainda a certeza da chegada amanhã, do grupo Tchecos-Slovacos. Espera-se um telegrama.

Contudo o primeiro jogo internacional deve realisar-se no dia de Natal, no Campo do Sporting, tendo o forte agrupamento como adversario o «team» campeão da epoca passada Casa Pia Atletico Club.

O segundo jogo efectua-se na segunda feira com o Sporting e no dia 31 contra o Bemfica.

A anciedade no nosso meio é grande.

FOOT-BALL

Em Vila Nova de Famalicão realisou-se no campo da Barberia, um desafio de «foot-ball» entre o Grupo dos Galitos, de Aveiro, e o Grupo Desportivo Famalicense, ganhando aquele por 5 a 2.

57—Folhetim de «A CAPITAL»—23 de Dezembro de 1921

ROCHA MARTINS

Spartacus

Romance das lutas proletarias em Roma

IX

Seria, emfim, o triunfo num carro engalanado e a sua entrada em Roma saudada pelo povo libertado! Nem tudo estava perdido!

—Depois o consulado! exclamou Verres, acrescentando baixinho—E tu me defenderás de Cicero!

—Talvez mais. Quem sabe. Talvez mais!... berrava Flavio bebendo uma grande golada de Chio.

Embalavam-se todos ao calor dos vinhos e nas esperanças jorradas daquele espirito tão disposto a enriquece-los e só a fronte de Marcio, amargurada e triste, não se tingia na alegria dos outros. Pensava na irmã que decerto tinha sido imolada, em Manlio que vira a seu lado combatendo e que ninguem poderia ter salvo, relembrava o tempo da infancia em que todos tinham brincado juntos e, ao mesmo tempo, a sua alma de guerreiro, movida pela colera, não podia deixar de albergar admiração por esse bando, a que não queria chamar exercito, e que tão bem se batia. As suas aspirações ao ouvir falar de Athenion e dos companheiros que se tinham suicidado no circo, para não se darem em espectaculo aos vencedores, voltavam-lhe com mais ardor e via-se já no meio de outra guerra, alcançando a victoria e procurando Lavinia no meio dos destroços, e mesmo violentada, aconchega-la-hia ao seu peito, numa paixão de lhe pagar todos os horrores sofridos.

O irmão tocara-lhe no braço e ele dizia-lhe isto tudo; acrescentava que não queria descrer do exito e falava de seu pai, de Aronco, doente, fechado num quarto, de Daria, sua mãe, ajoelhada diante dos deuses lares de Cyrene, chorando e escabuando no seu vasto desespero, nascido na hora em que os escravos tinham entrado na sua casa. Era o nome de Manlio a borbulhar constantemente dos seus labios que decerto lhe recordava como o vira, por terra, banhado em sangue e a doença subita da cunhada aterrava-o tanto como a Aurelio, que via a esposa presa naquele pesadelo.

Nenhum deles podia advinhar o amor que a pungia, filiar no abandono tantas lagrimas e tantas torturas, os ataques que a tornavam uma furia e imputavam ainda aos escravos semelhante maldição.

Aurelio comovia-se imenso e como entrassem outros senadores festivamente, os dois irmãos, no meio da alegria do banquete, relembraram os males das suas familias recusando já os alimentos.

Chegavam os famosos francolins da Phrygia e uma ambumbaia siria começava a voltear no mosaico ao som das musicas saltitantes e sonoras em que os pandeiros estrugiam.

Os senadores serviam-se tambem; alguns aceitavam apenas umas taças largas de bom Chypre gelado que bebiam consoladamente e Marcio, no meio do jubilo, não deixava de recordar ao irmão todas as desventuras dos seus. Bem sabia que por toda a Campania e nas cidades onde os escravos passavam, faulhavam incendios, aparecia gente morta, prisioneiros obrigados aos mais rudes trabalhos, cruzes altas onde os senhores estavam pregados.

Mas não era mais horrivel, mil vezes mais desolador, aquela pobre Lavinia sacrificada decerto entre as mãos brutais dos vencedores, Manlio executado, Cyrene semi-louca e os seus pais sem um sorriso nos labios?! E eles mesmos?! Sim; Aurelio ganhava o seu ouro mas não era feliz; ele, Marcio, combatera e a morte não o quizera. Via dançar aquela linda bailarina semi nua, escutava a musica ruidosa que a febricitava nos seus passos, diante da mesa bem servida, na presença de gente do poder e da riqueza e desesperava-se.

Remigio falava baixinho com Verres a informar-se do seu altar de Jupiter tomado ao rei da Syria e queria uma descrição; não se podia esquecer de Emerencia e lamentava que não estivesse ali a animar aquela sala:

—Oh! Se Roma tinha que se esborrachar um dia, que fosse ao som da sua voz divina!

Tudo se calava a ambumbaia recuava mostrando os cabelinhos louros dos sovacos e a cova doce do seio branco ao erguer os braços, e o elegante gabava-a:

—Bela femea.—Oh! mas não vale a outra.—Eu em tudo quero arte... Que mal me saberiam estes francolins se não tivessem um tão lindo dourado na sua cama d'agriões.

Comia delicadamente uma fatia de carne e pedia a um escravo que lhe trouxesse gelo.

Aquecera naquele meio da tarde; desimpedira-se o atrio; pelas ruas passavam sempre os vendedores elevando os seus pregões gargarejados. Um grande asiatico parára á porta de Crassus oferecendo salchichas e um nubio que chegára empurrára-o para passar gritando para o atriense irritado com a bulha:

— Teu amo está na felicidade do seu lar?

— Sim... Que lhe desejas?

— Que lhe entregues este pergaminho vindo de longe, da mão de quem lhe quer bem! Envia-lh'o já, pelos deuses e ele será feliz! Annuncia-lhe que está escrito em grego!

Tomára o rolo e o escravo rapidamente fugira, torpeçando, desta vez, num judeu que mercava maçãs muito cidadas a uma mulher que lhe sorria.

Na volta da rua topava Jarmelo vestido numa magnifica toga e que o interrogava ácerca do recado. Ao ouvir que ficára nas mãos do atriense sorrira:

— Bem... Teremos que partir esta noite a caminho de Rhegum... e baixinho, consolado, dizia: Foi um terror no Senado... Spartacus venceu de novo.. Que grande tormenta!

Gargalhava esquecendo o seu papel de elegante sem reparar na multidão que passava das bandas do Forum agitada e falando alto. Advogados, em largos gestos paravam explicando a derrota dos romanos e que Crassus, o grande rico, ia comandar as novas legiões. O que o ferro não fizera fal-o-ia o ouro e ele tinha o bastante para os comprar a todos! O lusitano apertou na mão o punhal de fina lamina que jámais deixava de apalpar por cima das vestes, rangeu os dentes mas deteve-se diante de uma nova onda que chegava e em que havia numidos e galatas de olhos espantados sem compreenderem o latim; mulheres com as suas mitras na cabeça e que se roçavam entre os grupos, dois soldados de testas franzidas clamando contra Spartacus a quem chamavam maldito.

Mais uma vez o lusitano tivera desejos de lhes saltar ao pescoço mas encolhia os hombros, rompia para as bandas da ruela estreita que ia dar ao Forum, e de repente parava a olhar um homem que caminhava apressadamente. A cabeça ruiva tomava ao sol um tom de cobre palido, a face sardenta vinha vermelha do esforço da carreira e a sua tunica suja de terra estava negra. Deteve-o julgando que o vira; o outro deu um passo para traz e quiz gritar.

— Que tens?! Não me conheces?!

No seu atilado espirito aparecera a desconfiança de uma traição, ao mesmo tempo receava que ele o denunciasse e disse logo ao nubio numa ordem seca.

— Vê se vem alguem ahi desse lado que eu vou conversar com este sob o arco... Está calor... Depois vamos beber uma gota de fresco vinho de Ancia... Crassus pagou-me bem...

Dava-lhe a entender que viera de casa do milionario cujos jardins estavam proximos, uma cabeça de fauno espreitava por uma das arvores mostrando os chifres muito hirtos dourados pelo sol e a sua boca tinha, no marmore, um sorriso ironico para as violetas da alfombra.

(Continúa).

Colegio Vasco da Gama
T. das Freiras (a Arroios), n.º 2
TELEFONE NORTE 2145
O mais bem situado de Lisboa. Campos de equitação e recreios. Educação esmerada. Optima alimentação. Todos os alunos do curso dos liceus, do curso comercial e de instrucção primaria propostos a exame pelo conselho escolar do Colegio ... aprovados, tendo prestado ... provas, e obtendo alguns as mais ... classificações. Pedir ... aos directores: *P. Antonio Manuel da Silva Pinto Abreu, Dr. Luiz Gonzaga da Silva Pinto Abreu.*

Instalações electricas
EM TODOS OS GENEROS
OLIVEIRA, LTD.—Rua da Prata, 250, 2.º
—Telefone C. 1158.

Alberto Afonso
— LISBOA —
Postais ilustrados

TUBERCULOSE
NUCLEOCALCINA FORMOSINHO
Reconstituinte poderoso, scientifico oracional
PHARMACIA FORMOSINHO
Praça dos Restauradores, 18

POLICLINICA DO ROCIO
Largo do Camões 19 (ao Rocio)
CLASSES POBRES—Tel 8747
Rins e vias urinarias — Dr. Camossa Saldanha, ás 10 1/2.
Medicina geral, doenças nervosas e electroterapia — Dr. Cancela d'Abreu, ás 14 e 1/4.
Olhos — Dr. Henrique Roquete, ás 15.
Pele e siffilis.—Dr. Zeferino Falcão, ás 14 e 1/2.
Boca e dentes—Dr. Amor de Melo; 9 1/2.
Medicina geral, coração e pulmões.—Dr. F. Martins Pereira, ás 15 1/2.
Cirurgia, doenças das senhoras partos.—Dr. Luiz Ottolini, ás 15.
Ouvidos nariz e garganta. — Dr. Cordeiro Lobato, ás 14.

Remodil constituido com o suco de sete plantas medicinais: Faz nascer o cabelo ás pessoas calvas. Cura em pouco tempo a queda do cabelo e da caspa com extraordinario vigor. Extermina radicalmente a caspa em pouco tempo.
A Juventude é ainda um remedio preventivo da calvicie.
Unico depositario:
DROGARIA DIAS
R. Fanqueiros, 342 e 344 Frasco 2$50 ... Todos frascos levam a assinatura do seu verdadeiro auctor LUIZ ALBERTO DA SILVA.

Joalharia, Relojoaria e Ourivesaria
— DE —
JULIO REI, L.da
ex empregado da *Joalharia Abreu*
Grande sortimento em joalharia, relojoaria e pratas por preços sem competencia
Antiga RELOJOARIA OLIVEIRA
30, Praça dos Restauradores, 31
(Palacio Foz)

A casa que mais barato vende — Ourivesaria e Relojoaria — Temos sempre grandes sortidos objectos que vendemos SO' PELO PESO e joalharia que vendemos com as maximas garantias.
VIUVA MARQUES—R. de S. Paulo, 200
— LISBOA —

Banco Nacional Ultramarino
Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada
Fundos de reserva 25.000.000$
Assembleia Geral Extraordinaria
Por ordem do sr. Ex.mo Sr. Vice-Presidente da Mesa da Assembleia Geral, é convocada a mesma assembleia para continuação dos trabalhos da Assembleia Geral Extraordinaria interrompidos em 30 de setembro p. p., a reunir no edificio do banco, no dia 22 do corrente, pelas 14 horas.
Assunto: Circulação Fiduciaria nas Colonias.
Lisboa, 12 de outubro de 1921.
(a) Francisco Mendonça de Sommer.

A Urbana Portugueza
Fundada em 1888
Effectua seguros terrestres, maritimos, de cristais e gréves e tumultos. Agentes geraes em Lisboa Eduardo de Noronha, Ld.ª, Rua Augusta, 56, 1.º
Telefone 1536 C.

RELOGIOS —*A Maior Variedade*—
Ourivesaria e Relojoaria Confiança — DE ALMEIDA, LIMITADA
Grande sortimento em pratas para brindes e joias
Rua dos *Fanqueiros, 1 a 5 e 51 a 53*

AZEITE
PURO DE OLIVEIRA
Finissimo para conservas e consumo
PEDIDOS A':
SOCIEDADE EXPORTADORA DE PEIXE, Ltd.
RUA DE S. PAULO, 20, 1.º

Novo Fanqueiro da Avenida
NETTO & CORREIA, Ltd.
Avenida Casal Ribeiro, 3, 5, 7 TELEFONE 2168 Norte
Exposição e Abertura da Estação de Inverno
Muitas variedades e grande sortido em todos os artigos da sua especialidade
RETROSEIRO, MODAS E CONFECÇOES
— — GANHAR POUCO PARA VENDER MUITO — —

REGALEIRA-CLUB
DANCING PALACE Telefone 3238
VARIEDADES E CONCERTOS
Jazz Band - Tziganes - Diners - Concerts
SOOPERS TANGOS
Magnifico serviço de Restaurant
ROBERT NICOL—Danseur de L'APOLLO de Paris

INTERESSA A TODOS!...
QUEREIS conservar os vossos calçados pela aplicação de uma «Pomada» de absoluta confiança? — Usai a INDIANA, incomparavelmente a melhor pelo seu brilho pelas suas esplendidas qualidades de conservação do cabedal e ótima apresentação em cores: preto, amarelo, castanho escuro da moda — completa novidade.
Marque déposée — INDIANA — Brillant sans rival pour la conservation des chaussures — Demandez la boîte bien fermée
A' venda nos principais Armazens de Cabedais, nas boas Sapatarias do Paiz e no Deposito Geral:
A' PELARIA FINA
Casa de bons artigos em SOLAS, CABEDAIS, ATACADORES e maiss especialidades destinadas á confecção de calçado de Luxo e Vulgar
de Policarpo Junior, Limitada
RUA JARDIM DO REGEDOR, 13, 15 e 17 — LISBOA
TELEFONE C. 3223 — TELEGRAMAS: PELFINA — Agentes exclusivos de revenda para Portugal e seus dominios, Espanha e Estados do Brazil

Agua de CALDELLAS
Doenças do Figado e dos Intestinos
(entero-colite muco-membranosa e prisão de ventre)
DEPOSITARIOS:
BANDEIRA DE MELLO, L.DA
Rua Augusta, 75, 1.º e 2.º
Teleph. 2670 C.

ULTRAMARINA
Efectua seguros contra todos os riscos
Rua da Prata, 108, 1.º
SINISTROS PAGOS ATE' 31 DE DEZEMBRO DE 1920 — Esc. 3.574.750$37

Antonio Casanovas Augustine, L.DA
CAMBIOS E PAPEIS DE CREDITO
57, 59, 61, RUA DO COMERCIO, 57, 59, 61

SABÃO NACIONAL
Sabões — TEL. C. 2519
A COMERCIO EXTERNO L.da
R. S. Paulo, 104 1.º

Canetas com tinta
O que ha de melhor
PAPELARIA DA MODA
157 — Rua do Ouro — 159
LISBOA

Sapataria Januario
O mais perfeito Calçado de Luxo
Sempre os mais chics modelos
MEIAS FINAS
— Telefone Central 5527 —
78 - Rua Santa Justa - 80
198 - Rua Arco Bandeira - 196

Maquinas de escrever
ACESSORIOS, reparações garantidas
—OLIVER, LTD.—Rua da Prata, 250, 2.º
—Telef. 1158 C.

Furunculos, diabetes, doenças da pelle e dos intestinos
Curam-se com
Fermento d'uvas Formosinho
Recomenda-se exigir o nome FORMOSINHO
FARMACIA FORMOSINHO P. dos Restauradores 18
LISBOA

RITZ-CLUB
ESMERADO SERVIÇO DE RESTAURANTE
Concertos todas as noites
VARIEDADES
Um dos restaurantes mais chics de Lisboa
Praça dos Restauradores, 27, 1.º

PIANOS Bechstein e outras marcas
Representante:
J. Heliodoro d'Oliveira
ROCIO 56, 57 e 58

A casa que mais barato vende — Ourivesaria e Relojoaria — Temos sempre grandes sortidos de objetos que vendemos SO' PELO PESO e joalharia que vendemos com as maximas garantias.
VIUVA MARQUES—R. de S. Paulo, 200
— LISBOA —

Ourivesaria e Joalheria
J. J. NUNES
171 — RUA DA PRATA — 171

Dr. Lelo Portela
RETOMOU A CLINICA
— Clinica medico-sifilis —
Consultorio:
Tel.: C. 1883 P. Luiz de Camões, 6

ASSIGNATURAS DE "Os Sports"
Portugal
6 mezes... 7$50
12 » ... 15$00
Estrangeiro
12 mezes... 30$00
Pagamento adeantado

Grande Café d'Italia
é sem duvida o café da moda
ALMOÇOS
serviço á la carte
— Rua 1.º Dezembro —

Simões Bayão
(Laureado pela Escola de Paris)
Doenças de boca, cirurgia, protheses e ortodoncia
Largo de S. Paulo, 13, 1.º
Telefone 3078

Banco Nacional Agricola
Soc. An. Resp. Lda.
SÉDE-R. de S. Julião, 188 e 190
LISBOA
Nos termos do artigo 8 e 19 dos Estatutos do Banco são convidados os Srs. accionistas a entrar com a importancia de Esc. 25$00 por acção, correspondente á 2.ª prestação do capital emitido, desde 15 a 31 de outubro corrente.
As cautelas representativas de acções devem ser apresentadas no acto do pagamento nos locais abaixo designados e nos correspondentes na provincia.
Lisboa, Evora — Banco Nacional Agricola
Lisboa, Porto, Chaves — Pinto & Sotto Maior
Pelo Banco Nacional Agricola
Os Directores
a) *Eduardo Fernandes d'Oliveira*
a) *Eduardo Correa de Barros*
a) *Joaquim Nunes Mexia*

ARTIGOS FOTOGRAFICOS
LUIZ ROSA
233 — RUA DA PRATA — 235

Prisão de ventre
E suas consequencias. Funcionamento metodico do intestino pelo LAXATIVO VEGETAL VERITAS. Infalivel e inofensivo, comprovado por centenas de pessoas que diariamente fazem uso dele. Preparado por Mendes & Braga, farmaceuticos.—183, Rua do Mundo, 185, Lisboa.—Telefone, 554.

Garlopas—Serras de fita 0,70 e 0,90—Maquinas automaticas para afiar laminas de garlopa e plaina.
EM ARMAZEM
SANTOS AMARAL, Lda.
Rua da Palma, 225/9—LISBOA
Telefone C. 1580

FITA ISOLADORA
Branca e preta
15 mm e 40 mm (Fabricação alemã)
Ao melhor preço do mercado
SANTOS AMARAL, Ltd.
RUA DA PALMA, 225/9—Lisboa
TELEFONE Central 1580

Escola Berlitz
20-A, Rua do Alecrim
• Abrem-se brevemente •
— novos cursos —
• para principiantes em •
FRANCEZ : : INGLEZ
: : Já está aberta : :
: : : a inscrição: : :

Agua da Certã
A Agua minero-medicinal da Foz da Certã apresenta uma composição chimica que a distingue de todas as outras até hoje usadas na therapeutica.
E' empregada com segura vantagem nas Diabetes — Dyspepsia — Catarros gastricos putrido ou parasitarios — nas provenções digestivas derivadas das doenças infecciosas — na convalescença das febres graves — nas atonias gastricas dos diabeticos, tuberculosos, ... e no gastricismo dos exgotados pelos excessos ou privações, etc.
Mostra a analyse bacteriologica que a Agua da Foz da Certã, tal como se encontra na garrafa, deve ser considerada como microbiologicamente pura, não contendo colibacillo, nem nenhuma das especies pathogenicas que podem existir em aguas. Além d'isso, goza de uma certa acção microbicida. O B. Tiphico Diphterico e Vibrião cholerico em pouco tempo n'ella perdem toda a sua vitalidade e outros microbios apresentam pequena resistencia maior.
A Agua da Foz da Certã não tem gazes livres, é limpida, de sabor levemente acido, muito agradavel quando bebida pura quer misturada com vinho.

Bénard Guedes
RAIOS X — DIATERMIA
RADIO
Tratamento do cancro
Calçada do Sacramento—10
Todos os dias ás 4 horas Tel. C. 2539

OURO E PRATA
MUITO MAIS BARATO
Só na OURIVESARIA de Correia, Moura Pimenta, Ld.
184 — Rua de S. Paulo — 190

Casa das malas
Fundada em 1887
Joaquim da Silva & C.ª (Filhos)
O maior sortimento em Malas, carteiras e artigos de viagem
Rua da Prata, 110, 112 e 114—LISBOA
TELEFONE CENTRAL 3716

Horta e Costa
Rins e vias urinarias
12, Rua da Trindade 12
Consultas das 2 ás 5
TELEFONE 2424

Papelaria Camões
Grande sortimento — de —
objectos para pintura a oleo e aguarela

A. Guerreiro
Da Escola Dentaria de Paris
... especiaes
Dentaduras sem chapa
R. de S. Paulo, 26
(junto ao Arco) Telefone 2...

Leitaria GLOT...
— DE —
Rocha & Continho, L.da
R. Conceição, 68 e R. Correeiros ...
Puro Leite *Especialidades em bolaria*
Serviço permanente de chá, café, cacau, torradas, etc.

O Medico **Conceição e Silva, J.or**
—RETOMOU A SUA CLINICA DAS—
VIAS URINARIAS E DOS RINS
em 6 de Outubro—R. DO OURO, 141

PINTO & SOTTO MAYOR
BANQUEIROS
LISBOA-PORTO
Representantes em Portugal
— DO —
Banco Portuguez do Brazil
LISBOA
PORTO
R. do Ouro, 18 a 24
28, Praça da Liberdade, 29

Vinhos espumosos de Lamego
(CAVES DA RAPOZEIRA)
Reservas do finissimas qualidades
A' venda em todas as confeitarias e mercearias.
Depositario em Lisboa:
ARTHUR BENARUS
Telefone 18—Central
Paço do Terreiro, 1 ...

PINTO & SOTTO MAYOR
BANQUEIROS
LISBOA-PORTO
REPRESENTANTES EM PORTUGAL
DO
— BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL —
LISBOA PORTO
R. do Ouro, 18 a 24 — 28, Praça da Liberdade, 29
Rua do Comercio, 136 a 140

Use Agua, Crême e Pó de Arroz
"RAINHA da HUNGRIA"
e todos os productos da
Academia Scientifica de Belleza
que se encontra á venda nos seguintes estabelecimentos:
Pharmacia Durão—Rua Garrett, 90.
Pharmacia Nascimento — Rua da Prata, 115 a 117.
Perfumaria Flôr do Liz—Rua Nova do Almada, 67.
José Feliciano Alves de Azevedo & C.ª—R. 1.º de Dezembro, 55, 65.
Pharmacia Avellar—Rua Augusta 22 a 27.
Silva Neves & C.ª—Rua da Prata, 229, 231.
Thomaz Mendonça, Filhos, Ltd.—Calçada do Combro, 45, 47.
União Commercial de Drogas, Ltd. —Rua Augusta, 125.
Perfumaria Paris—Rua dos Retrozeiros, 55.
Galeria Parisiense—Rua Garrett, 42
Eduardo Martins—R. Garrett, 4 a 11
Perfumaria Viuva Dias — Rua da Praça da Figueira, 40.
Camisaria Modelo—Rua do Ouro, 115, 117, 119.
Loja do Povo—Praça de D. Pedro, 87 a 92.
Brazil Elegante—Praça de D. Pedro, 7 a 9.
Farmacia Barreto — Rua do Loreto, 24 a 30.
Farmacia Silva Carvalho—Rua Eugenio Santos, 48 a 52.
Loja da America—Rua do Ouro, 205, 208.
Casa Africana—Rua Augusta.
Salão Mimoso—Rua Augusta, 282.
Neto Natividade & C.ª—Rocio.
Lopes & Maia, Ltd.—Rua do Ouro, 267 a 269.
Tatá & Rodrigues—R. Garret, 53, 55.
Farmacia Coelho de Jesus—Avenida da Liberdade, 5.
Carmona, Ltd.—Rua da Escola Politecnica, 263, 257.
Farmacia Ultramarina—Rua de S. Paulo, 99, 101.
Casa Santos, Ltd.—R. da Palma, 7-A.
Retrozaria J. Fernandes—Rua dos Retrozeiros, 79 a 83.
Henrique Xavier & C.ª—Rua do Ouro, 253, 255.
«Au Bon Marché»—Rua da Assunção, 45, 47.
Damião & C.ª—Rua Garret, 57, 59.
Camisaria Azevedo—Rocio, 34, 35.
Deposito geral para revenda
Academia Scientifica de Belleza
Avenida da Liberdade, 23-A
Telefone: 3641 Telegramas: «Belleza»

Vanio nhas diemas ...
110 e 210 volts
EM ARMAZEM
SANTOS AMARAL, L.da
Rua da Palma, 225/9—LISBOA
Telefone C. 1580

TIJOLO
PREÇOS SEM CONCORRENCIA
ENTREGA IMEDIATA
C.ª Ceramica de Telheiras
L. do Directorio, 4, 2.º

TABACARIA CENTRAL
90—Rua da Assunção—90
TABACOS—LOTARIAS—AGUAS REFRESCOS

AGUA DOS CUCOS
TORRES VEDRAS
A AGUA minero medicinal dos Cucos, unica no seu tipo em Portugal para o artritismo, reumatismo gotoso, ... e bexiga, tem além disso dado otimos resultados nas doenças das senhoras, utero e anexos.
A AGUA DOS CUCOS vende-se em toda a parte na linha de Cascais em Carcavelos, Parede, Monte-Estoril e Cascais.
Deposito geral ... LISBOA.

TUBO BERGMAN
da casa Bergmann Elektricitats Werke
EM ARMAZEM
SANTOS AMARAL, Lda.
Rua da Palma, 225/9—Lisboa
Telefone C. 1580

OURIVESARIA E RELOJOARIA ATHAYDE
PREÇOS SEM COMPETENCIA
Grande sortimento de objectos de ouro, prata e brilhantes
Rua Fernandes da Fonseca, 1
Esquina da R. da Mouraria, 101 a 103

AZULEJOS telha, tijolos, etc.
Ceramica Mont'Argila "LGÉS,"
Preços sem concorrencia
Agencia em Lisboa—Gilman Santiago, Lda.—L. S. Julião, 7, 2.º

MOBILIAS E ESTOFOS
Elzarro da Silva, Limitada
(Antiga casa Bizarro da Silva & C.ª)
Rua Augusta, 82, 84
e Rua dos Correeiros, 21, 23
Telefone C. 2553
Grandes descontos em todos os artigos

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

> ... Mas se o policia é odioso, o espião é indigno. O policia magoa, mas o espião revolta. Um é ainda a tirania, mas o outro é a tirania e a infamia.
>
> **João Chagas**

N.º 3961-12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Sabado 24 de Dezembro de 1921 | Telefone n.º 2233 — Endereço Tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

PARADAS

Annuncia-se para amanhã uma parada da Guarda Republicana, com o pretexto de significar ao Chefe de Estado e ao governo a dedicação da Guarda ás instituições politicas do paiz. Pode ser que não haja outro intuito nessa iniciativa, mas dificilmente se convencerá o publico de que ela não representa, na realidade, uma exhibição de força, semelhante áquelas que o sr. Sidonio Paes costumava fazer quando se via ameaçado por algum perigo.

Seja como fôr, o que é certo é que não se nos afigura o dia de Natal o mais indicado para uma parada dessa natureza. Duma maneira geral, pensamos que, se o ciclo das revoluções se fechou, o ciclo militar terá já tambem o seu encerramento, e glorioso, com a grande parada de forças efectuada na homenagem aos soldados desconhecidos. Com essa apotheose, por tantos titulos merecida, o exercito recebeu a sua maxima recompensa nacional. Foi o ultimo acto solemne da guerra. Agora, deve ter-se fechado o templo do Marte. O que a nação deseja é colher, na paz e no trabalho, os fructos da situação que os seus bons soldados lhe conquistaram na grande victoria dos aliados, que ficará sendo, por muito tempo, o facto culminante da moderna historia.

Não ha guerra. Não ha necessidade de estadeiar canhões e metralhadoras, de brandir espadas e levantar baionetas. Os povos não precisam desse espectaculo, e, nas tristes circunstancias politicas dos ultimos tempos da Republica, ele só lhes pode recordar luctas fratricidas, dictaduras sangrentas, pronunciamentos subversivos. Tudo episodios anormaes de que nenhuma vantagem tem redondado para o paiz, cuja tranquilidade, cuja prosperidade, têm sido pertubadas pelas armas que ele paga.

As paradas que a nação reclama, e que desejaria que se produzissem o mais frequentemente possivel, são as do trabalho, são aquelas em que se vae, para assim dizer, dia a dia, verificando os progressos da agricultura, do comercio e das industrias, a florescencia das artes, o desenvolvimento das sciencias, e até os naturais impulsos da alma humana, desentranhando-se em obras de solidariedade e de assistencia.

São essas as glorificações do nosso tempo. São essas as verdadeiras paradas da democracia. São aquelas com que se aumenta a felicidade dos povos, que é o «desideratum» das mais nobres, das mais generosas aspirações em que o espirito dessa democracia se afervora.

Nas nossas provincias quando se quer fazer uma festa solemne vae-se buscar as relhas dos arados, os instrumentos do trabalho, enfeitando-os de plantas e de flores em que se estampa a viva imagem da natureza, que corresponde ao esforço humano com a plenitude da paz. Numa proporção mais vasta, outra coisa não justificam as grandes exposições, que tantas vezes chegam a gerar enternecimentos perante as maravilhas que o genio e o saber do homem sabem crear.

A sociedade portugueza tem de esquecer o troar do canhão. Felizmente, estamos em paz com todas as nações do mundo, e oxalá que sempre assim premaneçamos. Sem duvida devemos estar preparados para a nossa defeza, e por isso mesmo o exercito é uma instituição util e gloriosa. Mas só temos que ouvir o estrondo das detonações, só devemos vêr brandir armas, quando fôr necessario combater os inimigos da Patria.

Temos por seguro que é este o sentimento nacional, e a Republica só pode inaugurar as novas eras, que o paiz dela espera interpretando rigorosamente o sentimento patrio.

Antiqualhas historicas

por LADISLAU BATALHA

Antagonismos profissionaes

Um auto de Fé no seculo XVI --- Preliminares espirituaes --- Leitura de sentenças --- O ultimo adeus dos supliciados --- Inicia-se a hecatombe com aprazimento d'El-Rei

Feitas as cerimonias preliminares e trocados os cumprimentos e mesuras que a pragmatica de então impunha, a um sinal convencionado rompia em côro geral o «Veni Creator Spiritus» que todos os circunstantes, incluindo o grande publico, acompanhavam contrictos e convictos, emquanto os esbirros, sob a cynica inspecção dos Familiares do Santo Oficio, iam amarrando atraz das costas as mãos dos pacientes, para evitar-lhes o esbracejamento no acto da tortura.

A's vezes dizia-se tambem missa resada ou cantava em altar erguido no proprio recinto do Auto.

Na altura conveniente fazia-se um profundo silencio, acaso apenas perturbado pelos involuntarios gritos de dôr dos condenados, e todos aprestavam os ouvidos para escutar o prégador que subia ao pulpito a exaltar a Fé e engrandecer a terrifica obra de exterminio que a breve trecho teria de seguir-se.

Este sermão panegirico onde havia que desenvolver grande habilidade e artificio, era sempre confiado a orador conspicuo e afamado de recursos oratorios e acuidade de espirito.

Seguiam-se os trabalhos propriamente ditos dos Autos. Os leitores tomavam os seus logares na bancada e iam lendo as sentenças dos reus ausentes e presentes, por ordem e graduação de penas.

Primeiro as referidas a ausentes que teriam de ser queimados em efigie e as dos já falecidos, que só fôra possivel representar pelas ossadas.

Nestes casos, como em todos os outros, a confiscação total dos bens era sempre obrigada, por mais benevolas que as sentenças tivessem de ser.

Tambem se liam as conclusões dos processos dos Reconciliados de Heresia, que ali mesmo tinham de prestar o seu juramento de abjuração, após o qual os conduziam ao carcere perpetuo ou temporario, conforme a gravidade das heresias de que tinham sido arguidos.

Feita a absolvição dos Reconciliados passavam a ler-se as sentenças dos directamente condenados a degredo, prisão temporaria ou simples exilio, inculpados de judaizar nos carceres ou fóra deles, exercer feitiçaria, inversão de costumes, astrologia extra-judiciaria e outras acusações.

Durante todo este pungentissimo aparato de justiça e devoção, iam os esbirros apresentando-se para bem desempenhar o seu oficio, desembaraçando os garrotes e examinando a solidez dos prumos erguidos sobre os preparados queimadeiros onde teriam de perecer os sentenciados ao fogo.

Lidas as sentenças de morte, o Alcaide do Santo Oficio vibrava a cada um dos condenados uma pancada no peito, significando com ela o abandono da Igreja e a entrega ao Braço Secular.

Estes momentos eram os derradeiros e os mais dolorosos. Consentia-se ás victimas o ultimo adeus aos seus parentes.

Assim se infere de um dos documentos que temos vindo a seguir para a reconstituição de um antigo Auto da Fé.

E' uma carta de João de Mello para El-Rey (D. João III), onde se dá conta do caso nos seguintes e impressionantes termos:

«Certifiquo a Vossa Alteza que de nenhuma cousa estou tão espantado como do dar Nosso Senhor tanta paciencia em fraqueza humana, que vissem os filhos levar seus Pais a queimar e as molheres seus maridos e uns irmãos aos outros, e que não ouvesse pessoa que falasse nem chorasse, nem fizesse nenhum outro movimento senão despedirem-se huns dos outros com suas bençoes como que se partissem para tornar a outro dia»

Como seria doutro modo numa atmosfera envenenada de suspeitos, numa sociedade replecta de denunciantes e na presença de todas as forças inquisitoriais então preponderantes!

Para maior tortura, permitia-se, pois que os padecentes, antes de ser queimados em vida, se despedissem de suas mulheres, maridos, pais, filhos, filhas e irmão, e pasmava-se da serenidade e resignação com que se apartavam, como, se fosse licito em publico a menor manifestação de dôr que logo se interpretaria como solidariedade e motivo de novos encarceramentos, processos e sequestros!

Deviam ser pavorosos esses instantes em que o povo quasi se esmagaria no apertão para assistir ás mudas, crueis e lancinantes despedidas dos entes mais queridos. Separação cruel, feita de amor e odio, de paixão e revolta, tudo amargurado pela disfarçada ameaça que obrigava a beber as proprias lagrimas e a calar as naturaes espansões de sentimento!

A este tempo, já entregues ao Braço Secular os condenados ao fogo e ao garrote, todo o pessoal maior da Santa Inquisição se retirava, ficando apenas a apinhar-se no largo a multidão ávida de sangueira e carnificina.

No recinto, os carvoeiros alçavam os queimadoiros e os esbirros iam-lhes por cima amarrando as victimas aos postes alçados.

Viam-se cruelmente apáticos nos seus logares os verdugos que se destinavam a garrotar antes de queima-los, como acto de clemencia, aqueles que, interrogados pelos Juizes Seculares, declaravam querer morrer cristãos.

Então principiava essa como visão apocaliptica, mais avolumada pelo algazarrear da turba ignara e fanatica a desfazer-se em froixou d'estupida gargalhada, de cada vez que o garrote estrangulava alguma goela de Cristão Novo, ou quando os padecentes, presos nos postes sinistros, soltavam os derradeiros gritos de dôr, ao sentir as labaredas a lamberem-lhes as plantas, ainda antes que o fogo lhes pegasse nas samarras e sambenitos e o fumo os matasse por asfixia.

Era o momento solene, culminante da hecatombe. Os parentes e amigos iam-se retirando cabisbaixos e horrorisados.

O povoléu, a comprimir se nos apertões, já embriagado pelo fumegar das carnes, e atordoado com o rechinar dos ossos carbonisados das vitimas, atroava os ares com as suas chufas, doestos e chascos, sugeridos pela avidez de vingança e pelos ódios que só o mais sordido fanatismo sabe segregar.

Lá fóra, por toda a cidade, dobravam os sinos a defuntos, e no interior dos templos abertos, toda a cleresia resava em côro responsos de cinismo e piedosa barbaridade.

No dia seguinte tudo voltava á normalidade; o resto era do dominio dos escrivães e anotadores, e limitava-se a enterrar os residuos, arquivar os processos e pouco mais.

O adagiario ressente-se muito da opressão que então pairava sobre o povo portuguez: não pouda desenvolver-se.

—«Para ser judeu, basta ser rico!» —segredava-se em familia por entre dentes e muito a medo, aludindo ao espirito de saque e roubo que orientava os processos do Santo Oficio.

O rei D. João III era muito guloso destas celebrações de que fôra fanatico iniciador em Portugal.

A's vezes assistia pessoalmente.

«Senhor irmão, escreveu ele a seu irmão o infante D. Henrique, o auto da inquisição se fez mui bem louvado seja nosso Sôr, de que eu recebi um grande contentamento favorecer este negocio».

A propria gramatica era desconsiderada pelo rei, como se vê, nos seus encomios a esta obra horrivel de perversidade que nem a corrente do seculo nem os tantas vezes invocados costumes do tempo conseguem absolver (2).

(Continua).

(1) Torre do Pombo—G.2—M. 2—n.º 38.

(2) Idem n.º 40.

Migalhas

Elogio da credulidade

D. Aninhas esteve esta manhã sentada no divan grande oficina de literatura contemporanea e durante meia hora, ao menos, eu estive explicando a minha filha como é que o Menino Jesus sabe quaes são os meninos que não fazem maldades, que comem todos os dias a sua sôpa, como êle se põe ao facto do que eles desejariam encontrar nos sapatos que esta noite vão pôr na chaminé, como finalmente ele faz a sua distribuição sem se enganar e dando aquele os seus soldados de chumbo áquelas a sua boneca de louça e aos meninos pobres que os grandes jornaes protegem cinco frascos de Iodonal ou doze lapiseiras sortidas de metal.

Os grandes olhos da minha princeza eram pequenos para ouvir todas aquelas maravilhas, pois não sei se repararam que as creanças ouvem principalmente com os olhos. Ela via o que eu lhe contava e para o que ela estava vendo fosse realmente belo, eu aparava me na descrição, inventava pormenores, tratando de fazer da minha mentira um conto pelo menos tão interessante como o do Grão de Milho.

E quando ela abalou, radiante, a explicar á creada o que acabava de lhe ser confirmado, pois ha já quatro anos que eu reedito a minha historia, eu invejei mais uma vez os sete anos ingenuos de D. Aninhas.

Bemaventurados os que acreditam quer tenham sete quer tenham setenta anos. E' tão bom acreditar e não ha neste mundo maior felicidade. Soberba missão é essa de prover de ilusões os espiritos confiantes. Se queremos mal áqueles que nos mentem, na hora em que descobrimos a falsidade de aquilo que nos disseram, porque somos nós ingratos esquecendo o bem que nos fizeram no momento em que nos enganaram?

Pela existencia ha sempre alguem ou alguma cousa que nos aconselha que ponhamos os nossos sapatos na lareira. Todas as manhãs saltamos da cama e corremos a ver o que lá nos puzeram e se tanta vez, talvez porque não fazemos maldade, os nossos sapatos estão recheados, porque nos havemos de irritar quando outras, e sem duvida porque não quizemos comer a vossa sopa—ou tivemos ideia de comer a sopa no visinho—eles estão deploravelmente vasios?

Tenhamos confiança na vida e, quando nos faltar ao que dela esperamos, não amaldiçoêmos o menino Jesus que não veiu pela chaminé abaixo. Procuremos em nós proprios as causas do nosso insucesso e acreditemos num sonho de amanhã, quer ele nos seja sugerido pelos contos da carochinha com que os outros nos embalem, quer nasça da nossa propria imaginação.

Infelizes os que não acreditam, os que duvidam, os que não sabem esquecer as desilusões. Eu tinha ontem pensado que o velho papá Natal me trazia seiscentos contos. Não m'os trouxe. Paciencia. Cá estou esta manhã escrevendo a minha cronica e muito satisfeito porque tive a minha garota entretida meia hora deante dos meus olhos, porque lhe meti no espirito uma esperança e porque sei que essa esperança não falhará.

ANDRE BRUN.

Segredos a toda a gente

Ex-ministros

Entre nós portuguezes ha uma mania muito curiosa toda a gente usa pasta. E' uma verdadeira instituição. E afinal, meus amigos, a pasta corresponde, nos homens—á malinha de mão das mulheres. Ha porém uma diferença: emquanto nesta se guarda o espelho pequenino, a boneca de pó de arroz o lenço perfumado — naquelas toda a gente esconde hoje, mais ao menos teoricamente, os segredos do Estado. Como veem a pasta, a pasta soléne, a pasta elegante, a pasta couraça da vida publica—adaptou-se, e duma forma evidente ao novo regimem politico. Cumpriu o seu dever? Talvez. O que o cumpriu foi duma maneira dispersiva de mais. Mas até talvez se explique. Se hoje toda a gente usa pasta,—é pelas simples razão de que não ha ninguem que não tenha sido ministro...

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARAES

Brindes

Da Sociedade Lusitana de Electricidade A. E. G. recebemos um lindo calendario para 1922 que agradecemos.

O MOMENTO POLITICO

Se a crise ministerial se der...

A missão do gabinete Cunha Leal é esta: manter a ordem publica e fazer eleições no dia 8 de Janeiro --E, se a realisar, bem merecerá da Republica!.

Fizemos-nos hontem echo da versão corrente nos circulos politicos e, segundo a qual os elementos militares outubristas estariam em divergencia com o governo, acerca do acto eleitoral que vai realisar-se em 8 de Janeiro. Parece que alguma coisa existe, de facto, no sentido dum arrefecimento de relações politicas entre uns e outros, mas acreditamos firmemente que mais preocupações causa ao governo a atitude dos partidos — ou, mais propriamente, dos directorios partidaristas — do que a ação, aliás, por enquanto, puramente amistosa, dos outubristas moderados.

Os directorios dos partidos da intitulada Conjunção Republicana tem sido ferteis em «gaffes».

Foram cumplices do acto ditatorial que o sr. Maia Pinto perpetrou, adiando as eleições e pondo lamentavelmente a descoberto o proprio chefe do Estado; concordaram expressamente com o sr. Cunha Leal para que as eleições fossem marcadas para 8 de Janeiro, comprometendo-se, assim, a não dar apoio á reunião do Parlamento dissolvido, mas ocultaram tudo aos partidaristas de Coimbra, que andaram, durante dias, a jogar a cabra cega, entre si e com o governo; prometeram ministros, á escolha do sr. Cunha Leal e confessam, agora, pela boca ingenua do directorio liberal que, se os escolhidos não tomaram posse da Pasta do Comercio, é porque não quizeram,—nem mesmo o sr. Constancio de Oliveira; finalmente, pretendem á ultima hora forçar o governo ao adiamento eleitoral reincidindo no crime do acto ditatorial, de que já foram cumplices e que ia levando o paiz á guerra civil. Como demonstração do talento dos luminares partidaristas, parece-nos que não é preciso espiolhar mais nos acontecimentos dos ultimos dias.

E' preciso que nos entendamos sobre um ponto, antes de mais nada. E isso é mesmo indispensavel para que ninguem —absolutamente ninguem— tenha ilusões ácerca da nossa atitude. Nós não somos hoje, como nunca fomos, partidaristas. E tambem não estamos incondicionalmente ao lado do governo. Orienta-nos, apenas o amor á Republica, que é de todos os que a ajudaram a fundar. E nós somos desse numero. E se, neste momento grave da nacionalidade portuguesa, damos apoio ao sr. Cunha Leal é porque entendemos que este homem publico é uma garantia, talvez transitoria mas nem por isso menos verdadeira, da legalidade, que é, a nosso ver, a maior e mais perfeita escora da estabilidade do Regimen. Se os partidaristas cegos pela paixão mesquinha dos seus interesses politicos, pretendem querer forçar o sr. Cunha Leal e o governo a lançarem-se no caminho da ditadura, nós pronunciamo-nos, sem hesitação, contra tais manobras; e se o sr. Cunha Leal, que assumiu o Poder para sustentar, atravez de tudo, o imperio da Constituição, fraquejar nessa missão, nós pronunciar-nos-hemos contra o governo, por entendermos que ele é prejudicial aos supremos interesses nacionais e ao prestigio e honra das Instituições republicanas.

O governo tem duas missões a cumprir, atravez de tudo e de todos: manter a ordem publica e fazer eleições. E' certo que temos gravissimos problemas de administração publica a resolver e que melhor seria que este ou outro governo podessem tranquilamente entregar-se ao trabalho extenuante de «pôr a casa em ordem», para nos servirmos duma expressão que é já um logar comum. Mas as circunstancias presentes, criadas pelo intempestivo pronunciamento militar de 19 d'outubro, não dão azo a obra de maior vulto que esta: manter a ordem publica e fazer eleições em 8 de janeiro. Cumpra o governo esta missão e terá bem merecido da Patria.

E é por isso que nós dizemos o seguinte: se os partidaristas intrigam, junto do chefe do governo, para o levarem ao acto da força, inconstitucionalissimo, do adiamento eleitoral, deve todo o governo—e não sómente o sr. Cunha Leal—opôr a tão destrambilhada ideia a mais tenaz e invencivel oposição. Façam-se as eleições em 8 de janeiro, dê por onde der e haja o que houver! E se a Nação não falar claro pela boca das urnas, pior para ela, que sofrerá as consequencias da sua duplicidade ou covardia moral.

O adiamento eleitoral seria um acto absolutamente adverso á letra e ao espirito da Constituição.

A letra é clara: as eleições têm que se realisar dentro dos quarenta dias seguintes á data do decreto da dissolução do Congresso, e, uma vez marcado esse praso, o decreto não pode ser revogado, sob pena de anulação do decreto de dissolução. Pouco importa que o dia marcado para eleições seja o ultimo dos quarenta dias de que fala a Lei ou um dos dias intermediarios entre a data da dissolução e o termo final do praso para a consulta ao eleitorado. E importa pouco porque o decreto que marca as eleições (na hipotese presente) teria de ser revogado e esse acto é mais que suficiente por si só para dar vida legalissimamente constitucional ao Parlamento dissolvido. Reeditar-se-ia logo a comedia da Louza ou de Coimbra, com agitação nos quarteis e a consequente eminencia duma guerra entre duas metades do paiz. Isso é que não.

A interpretação do espirito da Lei tambem não pode oferecer duvidas, que não sejam do dominio da mais carateristica má fé. A Lei fez-se para «haver eleições» e não para «não haver eleições». O adiamento eleitoral significa, pois, um ataque ao espirito do legislador, porque teem, como consequencia imediata, a não realisação do acto eleitoral. Mas, podem realisar-se mais tarde? Isso é outra questão, que pertence ao dominio da letra da Lei, que já examinamos, e não ao seu espirito.

Se os directorios partidaristas levassem tão longe a insania que forçasse o governo a declaração da crise parcial ou total, não nos parece que a missão do sr. Cunha Leal fique inutilisada de facto. Dentro dos partidos não está alistada a maioria dos republicanos portuguezes, antes pelo contrario. A verificar-se tal hipotese —e nós simplesmente a esse titulo a mencionamos—o sr. Presidente da Republica ratificaria, por certo, a sua confiança no sr. Cunha Leal, que encontraria, naturalmente, sem grande dificuldade, alguns republicanos que o ajudassem a cumprir o seu programa de momento, tão simples, tão patriotico e tambem de puro sacrificio civico: manter a ordem publica e fazer eleições no dia 8 de janeiro.

E a «debacle» dos partidos seria a consequencia fatal da ininteligente acção dos seus directorios.

ENTRE PROFISSIONAIS

(Caricatura de Eduardo Faria)

—E' verdade que já não gostas agora tanto de aguardente como gostavas d'antes?

—E' verdade... agora gosto mais.

A reforma do Ministerio dos Estrangeiros

Nova carta do sr. Eugenio Santos Tavares

Senhor Manuel Guimarães, meu prezado e querido amigo: — Peço lhe meu ilustre amigo, para publicar em «A Capital» a seguinte carta em que pela ultima vez respondo ao anonimo colega que no seu jornal se tem referido á reforma do Ministerio dos Negocios Estrangeiros.

Respondendo a esse velho e ilustre funcionario, velho porque ele o diz e porque o seu jornal me garante que ele acompanhou o Grande Elias Garcia no Pateo do Salema; ilustre pelo seu espirito de classe e pelos seus ataques não á aludida reforma mas aos seus colegas deste Ministerio, devo-lhe lembrar que em 7 de dezembro de 1917, o falso republicano signatario desta carta, solicitou a sua passagem á disponibilidade, situação em que se conservou até fevereiro de 1919.

O velho funcionario não seguiu, certamente, o nobre e digno exemplo do grande republicano João Chagas.

Posta assim a questão a respeito do meu republicanismo e do alto espirito republicano do velho funcionario—de que nunca duvidei—rogo-lhe me deixe manifestar-lhe que a critica do novo estatuto do Ministerio dos Negocios Estrangeiros, não tem seguido a tradição do seu jornal, visto que até hoje só tenho visto referencias de caracter individual, sobre colocações e transferencias, e nem uma só palavra no sentido de esclarecer a opinião do paiz sobre o que pode representar, para a economia publica, a execução da referida reforma.

«Velho funcionario», com a sua competencia da especialidade, devia já ter dito e provado que a nova organisação de serviços do Ministerio dos Negocios Estrangeiros, não procura defender os nossos interesses internacionais, não procura aumentar a nossa exportação equilibrando a balança economica, não facilita a execução de novos tratados de comercio, não estabelece a assistencia moral aos emigrantes, não procura promover novos mercados aos nossos productos e finalmente não procura desenvolver as nossas relações politicas e economicas com os outros paizes.

Esperando, com confiança, que o espirito de solidariedade do «Velho funcionario» acabe com os ataques pessoais e directos aos seus camaradas do Ministerio dos Estrangeiros, servindo-se para isso do anonimato em que se esconde, e que entre com o seu alto e esclarecido espirito na analise da reforma, peço-lhe meu querido amigo, que me creia sempre seu amigo serio e admirador. — Eugenio dos Santos Tavares.

Uma conferencia

O sr. Fernando de Sousa (Nemo) teve hoje uma demorada conferencia com o sr. Presidente do Ministerio.

O misterio dos 50 milhões ainda dá que falar...

Extractamos de *A Manhã*, de hoje:

«Constava ontem que o governo providenciára no sentido de se activar o processo, pendente na Boa-Hora, ácêrca dos 50 milhões de dollars».

E' de estranhar que o governo necessite de intervir para que a acção das justiças não sofra interrupção.

Entretanto é mais que certo o seguinte: todos os dias se descobrem crimes politicos ou com a politica aparentados; não conta, porém, que criminoso algum expie o delicto nas prisões, que, aliás, só para tal fim foram inventadas...

D. Manuel I

Na Parochial de Santa Maria de Belem, teve lugar hoje pelas 11 horas, uma missa, seguida do libera-mé sufragando a alma de D. Manuel I.

O acto foi celebrado pelo Rv.º Parocho, tendo assistido a comissão promotora, e muitas senhoras entre as quais algumas da nossa primeira sociedade.

Lêr na 2.ª pagina

Os massacres e as investigações

Machado Santos e Carlos da Maia

Como temos noticiado, realisa-se na proxima 2.ª feira 26, pelas 15 horas, e sob a presidencia do s. ex.ª sr. Presidente da Republica, a sessão funebre de homenagem aos malogrados oficiais da armada e grandes martires da Republica, Machado Santos e Carlos da Maia, no salão nobre do teatro Nacional Almeida Garret.

Foram convidados, todo o governo, corpo diplomatico, Camara Municipal, e todas as entidades oficiais. Usarão da palavra os srs.: Presidente do Ministerio, coronel Sá Cardoso, general Gomes da Costa.

Tenente-coronel Melo Simas; D. Maria Oneil; Boavida Portugal; e capitão de Mar e Guerra José Francisco da Silva.

A Comissão torna publico que a entrada é por bilhetes de convite.

QUESTÕES SOCIAIS

A industria de seguros

E' a Providencia dos que vivem só do producto do seu trabalho—Para um chefe de familia segurar-se contra acidentes individuais é não só uma obrigação moral, mas até um caso de consciencia

A imprevidencia está infelizmente na indole dos portuguezes. Raros são os que se preocupam com o futuro, bastando-lhes que a vida lhes decorra propicia no presente. O rifão—para hoje ha, para amanhã Deus dará—tem entre nós aceitação quasi geral.

E' uma pessima tendencia que necessario se torna combater energicamente. Que o individuo só não inquiete muito com o que lhe póde suceder pessoalmente ainda se admite; um individuo assim corre os riscos das consequencias do seu feitio desleixado e imprevidente. Mas que lhe não cause menor cuidado o futuro dos seus filhos, daqueles que poz cá neste mundo e que por isso tem obrigação de proteger, isso é que de modo algum se póde considerar procedimento honesto e humano. O chefe duma familia cuja subsistencia depende dos vencimentos do seu trabalho, não tem o direito de a fazer viver na constante preocupação do acidente acaso infelizmente tão frequente, que lhe rouba ou inutiliza o seu unico sustentaculo. Uma familia em tais condições, com um tal chefe descuidado e imprevidente, vive sempre sob a ameaça de passar repentinamente da abastança á mais negra miseria. E todos nós sabemos com que facilidade, com que imprevisto, sucede um desastre, sobretudo a quem anda frequentemente em viagem. E' certo que ha infelizmente muita gente que a este respeito costuma dizer que *quem cá ficar que se arrange*, mas quem consegue tranquilisar a sua consciencia com um pensamento desta ordem dá prova do mais revoltante, feroz e desumano egoismo.

Quem constitue familia não pode [illegible] a dar-lhe a protecção que lhe deve, nem [illegible], pela sua imprevidencia ou egoismo, a uma existencia miseravel.

A falta de diversos materiais não diminue as responsabilidades de quem assim procede, porque a sociedade oferece hoje meios seguros de cada qual poder garantir o futuro dos seus, ainda quando não possua meios de fortuna suficientes para isso.

◆ ◆ ◆

A industria de seguros é Providencia de todos os que vivem apenas do produto do seu trabalho sem poderem economisar o bastante para garantir uma existencia livre de cuidados pelo futuro.

Essa industria é a mais palpavel manifestação da influencia que a organisação da sociedade tem no progresso humano. Nos paizes civilisados atinge um grande, enorme desenvolvimento o qual pode servir para aferir o grau de civilisação dum povo.

Entre nós está infelizmente, por assim dizer, ainda na infancia.

Avessos, talvez por temperamento, a qualquer sentimento de providencia, a industria de seguros, aparte a que se refere a incendios, é quasi uma novidade para a maioria da população. A lei dos seguros obrigatorios contra acidentes de trabalho, vulgarisou-a um pouco, mas não com a largueza que seria para desejar. Nos paizes mais civilisados do mundo toda a gente procura o seguro para tudo e a proposito de tudo, correspondendo esse procedimento a uma natural tendencia, derivada da propria civilisação, para diminuir cada vez mais a influencia do acaso na vida de cada qual.

Parece que só entre nós fazem larga carreira os ditos populares—para hoje ha, para amanhã Deus dará—quem cá ficar que se arranje—o que, com franqueza, depõe muito pouco a favor da nossa inteligencia, dos nossos sentimentos humanitarios.

Deve dizer-se, todavia, em abono da verdade que, entre nós, o Estado nada faz, nem nada tem feito, para vulgarisar entre o povo a ideia do recurso ao seguro como meio eficacissimo contra os acidentes imprevistos da vida. O Estado, se alguma vez se lembra dos seguros, é sómente para contribuir as respectivas companhias com pesadas taxas, embaraçando o exercicio de tão proveitosa industria.

◆ ◆ ◆

A lei dos seguros obrigatorios contra desastres de trabalho deu origem a que as companhias de seguros se associassem para o efeito no Consorcio Geral de Seguros, instituição utilissima que tem já prestado e continuará a prestar relevantes serviços a todos os que vivem do produto do seu trabalho e teem a infelicidade de serem atingidos por um acidente funesto.

O Consorcio Geral de Seguros não limitou, porem, a sua acção nos seguros contra desastres no trabalho, mas alargou o exercicio de tão util industria aos seguros contra desastres pessoais e acidentes individuais.

Quem seja cauteloso e previdente não precisa de viver mais em cuidados pela sorte dos seus, visto que pode, segurando-se, garanti-los contra as consequencias de qualquer lesão corporal que venha a suceder-lhe devida a causa fortuita espontanea e exterior, violenta e independente da sua vontade.

O Consorcio vai, porém, um pouco mais adiante pois segura ate qualquer individuo contra atentados pessoais, contra casos de hidrofobia, e carbunculo e ainda contra um caso de morte repentina por [illegible] a agua ou asfixia acidental por meio de gazes.

Quem viaja, sobretudo, não deve deixar de se acautelar contra um acidente sempre possivel nos meios modernos de transporte. Todos os dias, por assim dizer, temos noticias de desastres sucedidos em caminhos de ferro, em automovel ou no mar.

Uma familia cuja subsistencia dependa exclusivamente do trabalho do seu chefe, quando este viaja tem toda a razão para ficar em sobressaltos pois que um acidente pode priva-la não só da pessoa querida, mas tambem lança-la na miseria.

Se, porem, o chefe de familia tiver tido o cuidado de entregar a sorte dos seus ao Consorcio Geral de Seguros, segurando-se contra um desastre sempre possivel, evitará a sua familia a segunda daquelas consequencias que é por certo a mais terrivel.

E cumpre, é portanto insistir nas vantagens que toda a gente tem em se segurar contra acidentes de viagem que produzam a morte, mutilação ou incapacidade permanente de trabalho ou ainda simplesmente incapacidade temporaria. Para todas estas hipoteses tem o Consorcio Geral de Reseguros indemnisação estabelecidas em conformidade com o premio pago pelo segurado, premio que é insignificante em comparação com os prejuizos das terriveis consequencias que para uma familia podem advir dum acidente casual que mate ou inutilise o seu chefe.

O seguro contra tais acidentes individuais é pois, não só uma obrigação moral mas até um caso de consciencia e só por ignorancia se pode admitir que não seja isso de uso corrente entre nós.

O cinema Condes

Salão preferido da nossa sociedade elegante—Os seus films e os seus concertos—Um programa de arte

Impoz-se já de ha muito entre nós, onde o gosto pelo cinema tanto se têm desenvolvido ob decendo a um rigoroso criterio de selecção artistica, a ampla e higienica sala do Condes, o preferido para a frequencia da nossa primeira sociedade, a que dita a moda e a elegancia nos teatros e nos cinemas. E' que sempre os programas do Condes reservam em cada sessão uma agradavel surpreza, abrangendo em cada noite todas as variadas manifestações da arte do silencio, desde a comedia burlesca de Charlot, dos «films» mist[eri]osos de aventuras, com escola para drama, a alta comedia e o «magazine Jornal do Condes».

Esta época de inverno vai ser uma revelação de maravilhas no Condes. Assim, já no proximo dia 27 se estreará um soberbo «film» de grande espectaculo, «Thaïs», extraido do celebre romance de Anatole France, o pujante escritor a quem acaba de ser conferido o premio Nobel de literatura, e onde Massenet foi beber a inspiração para a sua adoravel opera do mesmo titulo.

Depois outros virão, tambem sob todos os aspectos notabilissimos, tais como «A soberana do Mundo», em episodios, «films» de viagens e aventuras por exoticos e misteriosos paizes, «Os tres mosqueteiros», extraido da imortal obra-prima de Dumas Pae, e muitos outros recentemente escolhidos dentre os mais [illegible] exitos de Paris.

Mas além disto vão iniciar-se em breve os concertos especiais das «soirées» da moda, em que os ilustres professores do sexteto do Condes executarão a sólo notaveis obras dos mais celebres compositores classicos e modernos.

Os massacres e as investigações

O sr. Augusto Machado Santos explica á "Capital" porque não confiava a familia das victimas no dr. Barbosa Viana

A intervista do sr. dr. Barbosa Viana para o «Diario de Noticias», veiu confirmar a nossa maneira de vêr a respeito das investigações, convencendo-nos absolutamente que embora o sr. dr. Barbosa Viana, seja uma pessoa assáz competente, é ainda cedo para pôr ponto final sobre o assunto.

Daí o descontentamento dos que teem a sagrada missão de vingar os mortos; daí resultar a substituição do sr. dr. Barbosa Viana pelo sr. dr. Alexandrino de Albuquerque.

Os representantes das familias dos assassinados não julgam ainda chegado o momento de findar o inquerito; e com eles muita gente, que crê ser louca generosidade responsabilisar por tão barbaro crime, sómente os «dentes de ouro» já encarcerado.

Esta tarde conversamos com o sr. Augusto Machado dos Santos:

— Póde nos dizer, quais as principais razões que levaram v. ex.ª a protestar junto do sr. Presidente do Ministerio, da provavel conclusão do inquerito do sr. dr. Barbosa Viana?

—Pela simples razão de que estou convencido, de que esse inquerito ainda está longe do fim, para se poder honestamente fazer justiça.

Existe imensa gente que devia depôr e muita que o deseja fazer, e que não foi ouvida pelo sr. Director da Policia de Segurança do Estado.

Ha depoimentos valiosissimos, que ainda não foram recolhidos, como sejam dos srs. Lelo Portela, Antonio Maria da Silva, o secretario do Governador Civil de então, o sr. major Esmeraldo, pessoas de familia de Freitas da Silva o «chauffeur» Gentil, o valioso depoimento do sr. Cunha Leal, que ficou em meio, e outros muitos outros como o sr. Marinha de Campos etc, etc.

E' caso, coisissimo para finalisar. Existem pessoas, que podem aumentar o processo com o subsidio de frases comprometedoras de A e B, como as que se pronunciaram nos arraiais dos revoltosos, quando o sr. Presidente da Republica se recusou a assinar a demissão do gabinete Granjo—«Soltam-se as feras, e verão depois como ele assina.»; explicações titubeadas varrendo a testada, mas deixando felizmente transparecer cumplicidades criminosas.

Se o sr. Barbosa Viana quizesse continuar o inquerito, sem temer obstaculos, teria ainda terreno para exercer a sua acção justiceira.

Mas o sr. Barbosa Viana não quer continuar, ele o disse ao «Diario de Noticias», porque para bom entendedor meia palavra basta. Ha a acrescentar que o seu Director da P. S. E. afirma, que não existem listas de individuos condenados á morte por seitas criminosas, quando eu conheço individuos, que viram essas seitas, que sabem muito bem onde elas existem, e que se fossem chamados a depôr, revelariam coisas interessantes.

—Foi v. ex.a quem indicou ao sr. Cunha Leal o sr. dr. Alexandrino de Albuquerque?

—Foi. Este senhor, merece a minha consideração, e estou certo que irá iniciar um inquerito pormenorisado e consciencioso, sobre os acontecimentos.

—Consta-nos no entanto, que esta nomeação levantou protestos?

—Como quasi tudo o que se faz neste paiz. Calcule que até houve um oficial da guarda republicana, que alvitrou a nomeação dum oficial da mesma guarda, para continuar o inquerito!

Se ha alguem que deveria querer conservar-se neste momento alheado dos acontecimentos é a guarda!

Mas não entendem assim...

A nomeação do sr. Alexandrino de Albuquerque é por todos os motivos bem feita, e não digo isto por ser amigo dele, pois puz como condição, que enquanto durassem as investigações, eu e o dr. Alexandrino viveriamos como desconhecidos, não nos aproximando, a não ser oficialmente.

Confio na sua inteligencia, e creio que será desta vez que se fará luz sobre este infame gesto.

E olhe que nós tinhamos confiança no sr. dr. Barbosa Viana, apesar de ele se ter declarado outubrista, mas felizmente, aclarou-se a tempo, que ele não pode ser a pessoa indicada.

—V. ex.ª deve ter um juizo formado sobre os responsaveis.

—Sim tenho, e é por ter que não deixarei abafar as investigações.

Não quereram pedir contas a esses individuos, mas eu não os deixarei encerrar o processo, como se verdadeira justiça se tivesse feito. Isto embora, juntamente com o sr. Carlos da Maia Junior, eu tenha sido ameaçado.

Devo dizer-lhe ainda que me poz de sobreaviso o facto do sr. Barbosa Viana ter declarado, que não encontrava premeditação no crime, aliviando assim os assassinos de 6 anos de prisão segundo o Codigo.

Como é, que não houve premeditação, se um dos acusados conseguiu ajudar a matar 3 pessoas na mesma noite? Então foi só o acaso, que o levou a cometer semelhantes actos!?

Não, isto não podia ficar assim, e nós que confiamos no espirito de justiça do sr. Presidente do Ministerio, não podémos deixar de apresentar o nosso protesto.

E' a voz das vitimas, das viuvas e dos filhinhos, que se não calará assim.

Despedimo-nos. O sr. Augusto Machado dos Santos que tinha dado ás suas palavras o calor da sua alma dorida muito amavelmente acompanhou á porta o jornalista.

Parada da Guarda Republicana

Deve amanhã realisar-se uma parada geral da Guarda Republicana de Lisboa. E' provavel que o sr. presidente da Republica assiste ao desfile da varanda do Teatro Nacional.

Sabemos que a ideia da parada partiu da oficialidade da Guarda, que quer assim dar uma publica demonstração de disciplina e de caloroso apoio ao chefe de Estado e ás Instituições que ele simbolisa.

POLITICA

O governo afasta de Lisboa um oficial bastante conhecido

Recebeu guia para se apresentar em Tomar, com urgencia, o major da administração militar, sr. Filipe de Sousa, que passará a fazer serviço na 7.ª Divisão.

Circulação fiduciaria

Ouvimos que o sr. ministro das Finanças está examinando, com atenção a hipotese duma autorisação no Banco de Portugal para ser elevada a circulação fiduciaria, prestes a atingir o seu limite maximo, se é que já o não atingiu ou excedeu.

Afonso Costa

Na presidencia do ministerio não foi ainda recebido o costumado telegrama de felicitações do sr. Afonso Costa.

O SAQUE...

Nas regiões oficiais procura-se pôr a descoberto outra scena deste baixissimo Imperio — Mais 3.000 contos para o sorvedouro das delapidações

Isto nunca mais acaba. Ainda não ha muitos dias que a Nação foi instruida da ruinosa administração dos Transportes Maritimos do Estado, e já hoje nos chegou informações acerca de mais delapidações dos dinheiros publicos.

O sr. Antonio Maria da Silva, reclamou um dia, em pleno Parlamento, que «o paiz estava a saque». Desgraçadamente, os factos confirmaram a sua afirmação.

O tesouro publico tem realmente sofrido as mais audaciosas sangrias, ministradas por habeis cirurgiões que umas vezes as fazem com as unhas da palma das mãos e outras vezes permitem inconscientemente que o dinheiro desapareça, graças á incuria ou ignorancia dos administradores. O caso, de que vamos dar sucinto relato, pertence ou não se esta ultima hipotese. Isso é em nós não sabemos. Compete averigua-lo a quem de direito, e que vem a ser um oficial superior do exercito, para tal fim já nomeado e que brevemente vai dar inicio aos trabalhos do inquerito.

Os dinheiros do Estado, muito rapidamente desaparecidos, não estavam nos cofres do Terreiro do Paço, do Banco de Portugal ou em qualquer das inumeras repartições fiscais que os costumam arrecadar. Foi, já fora, no estrangeiro e na patria de Leandro, que se deu pela falta dele. Foram sarejados uns tres mil contos, restos da maior quantia,—a qual era constituida por dinheiro em ouro destinado á sustentação do Corpo Expedicionario Portuguez. Mas, o melhor, é entrar resolutamente, na narração do que já se sabe.

Instalou-se em Paris, á custa do tesouro portuguez, uma comissão para apuramento de contas entre o C. E. P. e o governo inglez. Ha cerca de trez anos um oficial do C. E. P. verificou que as contas da comissão estavam viciadas, com grave prejuizo para o tesouro portuguez. Como lhe cumpria, deu parte aos seus superiores hierarquicos da descoberta.

Resultado: foi punido com alguns dias de prisão.

Mas não desanimou.

Pelo contrario. Continuou a insistir por um inquerito que puzesse a claro os desvios de dinheiro acusados, e conseguiu, afinal, que o ministerio da Guerra nomeasse o sr. coronel Antonio Wodlington para proceder a uma sindicancia, que vai começar ainda nos ultimos dias do mez corrente.

O que já está apurado é, pouco mais ou menos, o seguinte: a comissão tinha em Paris, á ordem, uns quatro mil contos, de tão elevada quantia já não resta senão a quarta parte; quanto ao apuramento de contas esta ainda longe de se dar por encerrado, o que permitirá, por certo, que a comissão dê ainda sumiço ao milhão de francos que lhe resta para gastar.

Como nota final diremos ainda que o chefe da missão portugueza conseguiu receber, por uma, o melhor de duzentos contos. Pouco mais tinha o ex-rei de Portugal!

Terminamos como começamos: isto nunca mais acaba. Todos os dias se descobrem crimes contra a vida ou contra a propriedade. Mas, até hoje todos ficam impunes. E' assim que entre nós se compreende o [illegible]...

Ultima Hora

POEIRA DA ARCADA

Tendo o governo determinado que os ordenados dos funcionarios publicos fossem pagos antes do Natal, a tesouraria do ministerio das Finanças no Banco de Portugal esteve hoje á cunha durante algumas horas, espalhando-se ainda os interessados pelas dependencias e em volta do edificio do Banco.

◆ ◆ ◆

Por motivo de serviço publico o sr. ministro do comercio não partiu hoje de manhã para Famalicão onde tencionava passar o Natal com sua familia.

◆ ◆

Afim de poderem ser atendidas as reclamações de aumento de salarios dos manipuladores de tabacos e fosferos, terá de ser elevado o custo destes dois produtos. A comissão de melhoramentos do pessoal, dos tabacos voltou hoje á secretaria das finanças para tratar do assunto.

Anselmo Braamcamp Freire

O seu funeral

Pelas 10 horas de hoje realisou-se o funeral do sr. Anselmo Braamcamp Freire que, conforme noticiamos, faleceu no seu palacete na rua do Salitre, após uma longa enfermidade cancerosa, que de ha muito lhe torturava a existencia.

O cadaver amortalhado, com um habito de S. Francisco foi encerrado num caixão forrado de negro e este colocado sobre uma simples eça, em uma sala da residencia do extinto, onde pelas 10 horas teve lugar uma missa de corpo presente.

A' hora acima indicada, foi o caixão colocado numa sege dourada, seguindo-se uma outra conduzindo o rev. Prior de S. Mamede e seu acolito, e após esta uma curta fila de trens, conduzindo pessoas das mais intimas relações do finado, e de familia.

Por disposições testamentarias não foram colocadas corôas nem flores, não se tendo feito convites, nem participações ficando o cadaver sepultado em cova separada no cemiterio ocidental.

No cemiterio foram organisados turnos.

TEATRO

Primeiras representações

TEATRO NACIONAL — «Frei Satanaz» — 3 actos de Sousa Costa.

A sala

Merece aplauso a resolução da gerencia do Nacional pelo facto de levar á scena o primeiro original do escritor distinto que é Sousa Costa. E merece aplausos porque — repetimol-o — só vindo á scena muito teatro nosso se poderá emfim fazer uma razoavel escolha, uma depuração justa e precisa que origine a «élite» de reconstrução que a dramaturgia nacional, desorientada e fraca exige.

O aspecto da sala do Nacional, ontem, não era brilhante.

Alguns camarotes, que a dupla assignatura da opera e do teatro deixara vagos e negros deram uma nota fria. Na penumbra da tribuna o sr. Presidente da Republica bocejava e o sr. Ministro da Instrução, consideravelmente encasacado e consideravelmente moreno, tinha um ar grave e elegante. Na fila dos criticos, os monoculos impertinentes e os «habitués» de sempre.

Juntos, pelo acaso das marcações da gazeta — Avelino d'Almeida, Acacio de Paiva e Antonio Ferro.

Vi-os de perfil. Atento, inteligente, prescrutando a construção da frase, inclinado a frente na ancia de ouvir, Acacio de Paiva.

Monóculo de aro de ouro, tranquilo, sorridente, «neglige», um belo ar de distinção, Avelino d'Almeida.

Um sorriso de bonomia, flacido e sereno, um relancear vagueante dos olhos pelos camarotes, descançando com certa subtileza num camarote misterioso, não esgotaram a Antonio Ferro, no entanto toda a atenção.

A peça decorre no palco, e a vida, mesmo ali apertada nos braços dos «fauteils», vence a ficção.

O sr. Ferro tinha o direito de olhar certo camarote... Ha coisas mais fortes que o interesse teatral, muito sobretudo aos 26 anos...

A peça

«Frei Satanaz», que constituiu a estreia dramatica do romancista Sousa Costa, sem ter sido um sucesso retumbante, não deixou de proporcionar ao publico a ocasião de verificar que existe mais alguem, em Portugal, com disposições reais para o trabalho da literatura de teatro.

As suas conhecidas faculdades de prosador e de artista pôl-os francamente em acção Sousa Costa, desde a primeira á ultima scena do «Frei Satanaz».

A cada passo porem o romancista atraiçoou o dramaturgo, chocando vivamente a platéa, por vezes, o intercecionismo destas antagonicas expressões literarias.

A primeira fala que se diz em scena é mesmo, completamente, consagradamente o começo dum romance; Fulano de tal, com tal emprego, e de tal idade etc.

Depois a citação exagerada de nomes e de referencias a pessoas não presentes na acção o que é fundamentalmente mais um teatro, a precipitação ao complicar-se o enredo, a dolorosa entrada e saida de personagens, e até os finais de actos, que são como certos finais de romances publicado em folhetins, que acabam no melhor da festa, para obrigar o leitor a comprar outro numero. A arte de fecharem um pano num pedaço de pseudo-realidade, um traço de existencia scenica, é uma grande arte. E' preciso que o parentesis do intervalo conte a acção sem a tornar incompleta. E' preciso saber parar a tempo, «pero no cortar» como dizia Benavente na sua conferencia do «Atheneo» de Madrid.

A maneira como Sousa Costa fechou o seu 2.º acto é fóra de toda a lógica scenica. A acção fica em suspenso, e o espectador exige que ele se prolongue até ter uma orientação definida.

Mas, quanto a nós, o principal defeito da obra é a complicação do enredo, para cuja compreensão é preciso um esforço, a que as platéas actuais já não estão habituadas.

Conclue-se porem de tudo isto que «Frei Satanaz» seja uma obra que ... Sousa Costa a produzir mais teatro? De forma nenhuma. Sousa Costa tem que nos dar, e brevemente qualquer outra obra, onde estas deficiencias, naturalissimas em quem nunca escreveu teatro, desapareçam. Porque, desde já, ele marcou um brilho de dialogo facil e expontaneo, uma fantasia creadora e engenhosa para o entrecho e uma certa versão de «frisson», e de arrepio de tragedia que interessa sem duvida o espectador.

«Frei Satanaz» é, alem disso, uma peça de verdadeiros intuitos morais se bem que o nosso ponto de vista seja diametralmente oposto, no que respeita á equação desse problema da vida moderna que a peça do Nacional vagamente quiz ontem pôr em foco.

Dos seus tres actos o melhor é o primeiro, decrescendo em valor pela ordem numerica.

Sem embargo o 2.º é ainda empolgante até certa altura, pelo infalivel «truc» da corrida de «maratona» dos romances:

Chegará ele primeiro?

Ouvir-se-ha o telefone a tempo?

Terei tempo de a prevenir da mentira salvadora?

Sinto passos, será ele?

Seja-nos licito distinguir, desde já na interpretação da peça «Frei Satanaz» a artista ilustre que é Palmira Torres.

Foi, sem sombra de duvida, duma naturalidade de bela escala e duma inteligentissima dicção, representando com uma notavel compreensão toda a sua longa parte da peça, modelando como convinha, destacando o melhor, aplanando as partes mais fracas, infiltrando o seu subtil instinto nas veias da sua fragil personagem, dando-lhe calor, vida, alma, humanismo. Agradou-nos. Estudou com carinho, mostrou o que era e o que valia. Eis ahi uma senhora que está muito bem no teatro nacional.

Brazão pareceu-nos desta vez, realmente um pouco frio nas scenas violentas. Não era certamente aquilo que Sousa Costa tinha sonhado. E' claro, nas scenas de naturalidade e de vida corrente, foi magistral, fazendo-as com a sobriedade e o «sans façon» que todos lhe reconhecemos. A sua amnesia tambem ontem o mortificou — a ele e a nós.

Rafael Marques muito bem.

Correcção, elegancia, esplendidas intenções de pose. Tem nesta peça um notavel trabalho.

Antonio de Melo, em toda a 1.ª scena do 1.º acto esplendido tambem. Mostra grandes progressos. Na bebedeira achamo-lo ainda um pouco exuberante. E' preciso estudo, repetir, procurar frase a frase, palavra a palavra, até ajustar tudo. Sentiu-se que se deixou ainda muito entregue ao que se suisse.

Joaquim Costa e Acacia Reis em dois caracteristicos, muito bem o primeiro, muito exagerada a segunda.

Irene Grave e Jorge Grave, bem. Aquela, as vezes um pouco «afadistada» de maneiras, não se percebe bem porquê, muito discretamente elegante e distincta Ana de Oliveira.

Scenarios e «toilettes»

Marcação

O scenario do 1.º acto antigo ao que parece de execução e antiquissimo com certeza, de gosto. O mobiliario inverosimil de mau gosto.

O scenario do 2.º e 3.º actos muito melhor, mas o mobiliario pessimo tambem de gosto, embora com um ou outro movel rico. Insuportaveis uma jarra azul e umas rosas de cores, flagrantes, de papel.

As toiletes de Ana d'Oliveira, de Irene Grave e a do 1.º acto da Palmira, bonitos ou passaveis.

O que bate o record da infelicidade é a bata, armada em lençol turco com que a ilustre actriz Palmira Torres se vestiu nos dois ultimos actos.

Garantimos-lhe que não é por «parti-pris», mas sinceramente aquilo é o que se chama um suicidio de elegancia.

A marcação é toda passavel, excepto a do 3.º acto, que é, durante um pedaço, mas sem sofismas, com 4 figuras a meio, a avançar e a recuar, em tipo de exercicio militar.

E fica revogada a legislação em contrario.

BÔAS NOITES, MINHA SENHORA

CARTAS A... VOCE

Onde lerá você esta carta? No teatro, no cinema, no electrico ou no seu escritorio? Não sei, mas do que tenho a certeza é que, seja onde fôr que depare com ela, o seu misterioso sorriso descerá dos olhos aos labios e murmurará com amizade:

— Para que me teria esta «telhuda» escrito assim?

Não haverá no seu espirito duvida nem hesitação. Você sentirá que a carta é para si e só pode ser para si. Esta segurança que eu tenho na sua certeza é que me faz perdoar muitas horas silenciosas e de aparente esquecimento.

Esta «telhuda» escreve lhe assim, porque quer que os seus desejos para umas festas felizes lhe cheguem antes que elas acabem, e só Deus sabe, oh irrequieto e bondoso amigo! quantos dias passariam sem que você se defrontasse com a minha carta se ela fosse banalmente pelo correio: depois, os envelopes que uso são grandes, mas não tanto que lá pudessem caber toda a amizade e desejos de felicidade que sinto por si, e por fim, porque espero que assim, ecoadas aos quatro ventos as minhas palavras sejam colhidas por todos os espiritos bons do ceu, do mar e da terra e depostos aos pés do Jesus Menino que as transformará numa radiosa realidade fazendo-o, a si o sêr mais feliz do mundo.

Aproximo-me da assinatura. Que nome hei-de pôr? Tanagrete? Para si? Não quero. Tan grette é de muita gente. O nome que você me deu? Não, não quero profanar, dando o a conhecer a indiferentes. Abra pois o seu coração e sentindo cair-lhe braçadas e mancheias de carinho sa amisade sabera que sou

EU.

LENDA DO NATAL

Era um vez um Menino de olhos escuros e cabelos anelados estava deitado numas humildes palhinhas e aquecia-o o bafo de animais. Encontrava-se só, sua Mãe afastara-se uns minutos e os seus olhos fitavam por o espaço carregados de tristeza, da tristeza de todos os pecados do mundo.

De repente, ouviu um chilrear alegre junto de si, voltando a cabeça viu um passarinho, todo preto, que o fitava meigamente. Ao sentir o olhar daqueles olhos tristes e bons, a avesita redobrou de jubilo no seu chilreio e voltou anciosa e amiga em volta do bercinho.

Assim passaram horas, num convivio intimo e em estreita comunhão, a andorinha cantando as suas alegrias, o pequenino contando as suas tristezas, até que de subito, ouviram-se passos e a avesita assustada dispoz-se a fugir.

Então o Menino estendeu a mãosita e ouviu-se uma voz longiqua que dizia:

Vai, andorinha e como consolaste o meu Filho numa hora triste, terás a recompensa de sêres eternamente desejada. O teu nome evocará sempre a ideia de flores e sol, de alegria e amor, toda a humanidade anciará pela tua chegada.

A Voz calou-se, o Menino abriu a mão e onde ela tinha pousado viu-se um rasto de luz.

Desde esse dia o peito da andorinha ficou branco e ela foi chamada a Mensageira da Primavera.

CONSELHOS PRATICOS

Nestes dias festivos, toda a gente gosta de enfeitar a sua meza com mais requinte que nos outros dias.

Lembro pois as minhas leitoras que os inglezes, os grandes devotos do Natal enchem sempre vasos e paredes com «holly» e o «mistletoe» que podem ser substituidos aqui em Portugal por ramos de azevinho e de visco. E já agora deixem as minhas leitoras que eu as informe que em Inglaterra todo o rapaz que consiga colocar um ramo de visco por sobre a cabeça de uma rapariga adquire o direito de a beijar.

Minhas senhoras um conselho muito pratico: informem os rapazes do seu conhecimento que «A Capital» é um jornal muito interessante e convençam as mamãs que as ideias «made in England» são as melhores do mundo.

TRABALHOS FEMININOS

Agora, nestes dias, os unicos trabalhos femininos, que nos acorrem á mente, como possiveis, são os presepios e as arvores de Natal.

Não é preciso dar conselhos nem lições sobre estes trabalhos, qual a mulher que não conhece, desde a sua infancia como eles se fazem?

Só lembro uma coisa, tenho observado nestes ultimos anos uma grande tendencia para sobrecarregar o presepio de figuras secundarias. E' uma pena, o sentimento perde e a estetica não ganha, pois as figuras, em geral, não teem nada de artistico.

Dou de conselho que a figura primacial num presepio seja a do Menino e que empreguemos todo o nosso gosto na sua escolha, porque a beleza é um grande elemento da devoção e a prova é que Pio X, o Papa que melhor soube ser pontifice da religião do amor, aconselhou aos priores que só puzessem imagens belas e artisticas nas suas egrejas.

GULOSEIMAS

Pudim do Natal

250 gramas de corintos e a mesma porção de passas de alicante a que se deve tirar a grainha, citrão e cebo de rim, bem limpo de peles. Corta-se tudo muito miudo e deixa-se ficar de vespera.

No dia seguinte batem-se 4 ovos e deitão-se-lhes pouco e pouco, mexendo sempre, 250 gramas de farinha e 250 gramas de assucar.

Põe-se depois o polme numa fôrma untada de manteiga e vae cozer a banho-Maria por tres horas.

NO PRESEPIO

Ora, eram vindos os dias,
segundo os signos dos ceus,
e as letras das Prophecias.
— que nascia um filho de Deus.

Mas este filho real
não foi nos ceus embalado,
não teve ouro, nem brocado,
nem teve régio enxoval!

As nuvens não o enfaixaram
nos seus mantos de setim!
Nem estrelas lhe cantaram
junto ao berço de marfim!

Não lhe cantaram cantigas
as aves para o adormecer.
— Teve o ouro das espigas,
— e os rubins do amanhecer!

Não se ergueu do seu assento
Deus a beijal-o na face!
— Teve a luz do sol que nasce,
— e as ladainhas do vento!

Só de manhã, o saudaram
As andorinhas do ninho!
Só as violetas o olharam,
Mais a flor do rosmaninho!

Não lhe fez festas o Eterno
Ao colo de uma Rainha.
— Só teve o bafo materno
— Da vaca, e da jumentinha.

E o Rei da morte e da Dôr
Sem ter arqueiros reais,
Só teu cortejos de amor
— Nos olhos dos animais.

GOMES LEAL.

PENSAMENTOS

E o batel dos damnados,
Porque nasceu hoje Christo,
Está c'os ramos quebrados,
Em sexo. O' descuidados,
Cuidai n'isto

GIL VICENTE

MUSICA

O concerto Blanch de amanhã

Damos a seguir o notabilissimo programa do grandioso concerto da «Orchestra Sinfonica Portugueza», dirigida pelo ilustre maestro Pedro Blanch o que pelo entusiasmo levará amanhã toda a Lisboa ao São Luiz. O concerto principia ás 3 em ponto afim de terminar mais cedo, a tempo de todos poderem festejar em suas casas o Natal.

Primeira parte I «Peer Gynt», suite n.º 1 Grieg a) Le Matin, b) La Mort d'Ase, c) Danse d'Anitra d) Dans la halle du roi de montagne.

Segunda parte II «Sinfonia em mi menor» «1.ª audição», Rachmaninoff, a) Largo Allegro moderato, b) Allegro molto, c) Adagio, d) Allegro vivace. E' a primeira vez que se executa em Portugal uma obra sinfonica deste celebre compositor russo.

Terceira parte III «Crepusculo dos Deuses» «Cortejo funebre á morte de Siegfried», IV «Cavalgada das Walkyrias», Wagner.

A orchestra é aumentada.

SPORT

Desafios internacionais

E' treinando que o homem de sport, mostra a sua classe, dentro da sua especialidade, e que hoje com uns, amanhã com outros, consegue assimilar todos os trucs, e todas as finesses, do ramo de sport, a que se dedicou.

A maioria dos sportmans hesitam muitas vezes a defender a sua chance, contra um adversario, que se lhes afigura perigoso.

E d'ahi quasi sempre o não atingirem a classe, que faz os grandes campeões, a classe, que só se consegue com grande numero de matchs, onde é claro, fatalmente ha-de haver derrotas.

Fazem excepção, diga-se em abono da verdade, os nossos amadores de foot-ball

Teams de grande reputação teem vindo a Portugal e teem sempre encontrado com quem jogar e as derrotas sofridas pelos nossos, só tem servido para lhes estimular as energias, sem desanimos nem tibiezas.

E é esta a razão porque o progresso do foot-ball é enorme entre nós; e tempo virá, estamos certos, em que as nossas equipes de primeira categoria, imporão o nome de Portugal nos encontros internacionais.

Para qualquer sport temos o mais necessario, a materia prima, que é excelente, haja um pouco mais de orientação, e o progresso do sport em geral ha de ser evidente.

Os campeonatos anuais inter-clubs, que se fazem no foot ball, dão o belo resultado facil de ver.

Pois bem, efectuem-se encontros entre as salas de armas, poules de luta entre os clubs que praticam esse sport, desafios de pesos e alteres, e dentro em pouco haverá entre nós especialistas que poderão sem desdouro representar o país em matchs internacionais.

Se os players do foot ball conseguem isso qual a razão porque noutro genero não será possivel identico resultado?

Porque esses trabalham, e os outros descançam, e nos sports não se treina de... ouvido.

RUY DA CUNHA

NOTICIARIO

Foot-ball

O desafio de amanhã com os jogadores Tcheco-Slovacos

Encontram-se já em Lisboa, tendo chegado esta manhã, os jogadores do «Union Praga» que amanhã como temos dito, efectuam o seu primeiro encontro no Campo Grande pelas 14 horas e 30, contra o Casa Pia Atletico Club.

O desafio deve ser uma bela demonstração de «association», devido á «classe» do grupo visitante.

Os jogos que o Union de Praga realisa entre nós são os seguintes:

Dia 25 contra Casa Pia Atletico Club
Dia 26 contra Sporting
Dia 31 contra Sport Lisboa.
Dia 1 contra um team mixto.
Dia 2 contra o team portuguez que melhor «score» obtiver.

Todos os jogos, exceptuando o de amanhã, principiam ás 15 horas.

SEARA NOVA

Apareceu hoje á venda o 5.º numero desta interessante revista. Dentre a colaboração neste numero mais variada versando todos os assuntos do maior interesse devemos destacar: — **Sélecções politicas**, por Jaime Cortesão; **Porque se matou Mousinho de Albuquerque** — **O Paço das Necessidades depois da revolução**, por Raul Brandão; **Os escultores francezes e a Renascença em Portugal**, por Reynaldo dos Santos; **A utilisação da energia hidro-electrica**, por José Ferreira da Silva; **Acerca do Integralismo Lusitano**, por Raul Proença; **Natal**, por Camara Reys, etc. etc.

---

58 — Folhetim de «A CAPITAL» — 24 de Dezembro de 1921

ROCHA MARTINS

Spartacus

Romance das lutas proletarias em Roma

IX

Jarmelo no grande rico como a desvair da ideia do outro o desejo que acalentasse de o apontar como amigo de Spartacus e o siciliano, logo, sem reserva interrogou mais tranquilo:

— E' na volta não é a casa de Crassus?

— Sim... Mas acaso...

E punha-se a rir de bom modo, palavo, batia lhe no hombro, entregava-se a uma alegria semi-louca ao retorquir-lhe:

— Vais lá tambem... oh! a vida é assim. A gente aproveita a esperteza. A mim mandou-me espreitar o proprio Crassus por alguem que me pagou...

Cheio de aborrecimento, sobressaltado, receando que tivesse contado mais do que ele sabia, ...

— Disseste-lhe tudo?!

— Oh! não ficou nada por contar... Que queres! Eu estava em todos os segredos mas Crixos desagradava-me...

No seu grande respeito nem queria pronunciar o nome de Spartacus; via o outro descontente, a enfurecer-se, a gaguejar:

— Oh! mas estava lá Verres, o pretor da Sicilia?

— Se estava! Até me ofereceu para o acompanhar á sua porteria! Eu volto breve... Ela é o teu amo?!

— Oh! Mas que fosse fazer? Decerto sabes mais do que eu!

— Se é pelo dinheiro não te importes... Nós dividimos o ouro que me deu... E' que simpatiso contigo...

— Divides?! Divides?!

Estavam na meia sombra do arco, ...

turba agitada, o nubio lançava olhares desconfiados para as bandas do jardim e de repente, exclamava:

— Vem gente! Vem gente!

O lusitano tilintava a bolsa na mão, o outro levantava o braço para a agarrar mas foi uma lamina que scintilou, que se lhe embebeu na garganta donde saiu um som rouco repuchado em sangue. O corpo caira para fóra da sombra da arcaria. O fauno sorria sempre no seu pedestal olhando o siciliano, de bocca escancarada, os olhos ressaidos, banhado na sangueira.

— Vamos! dissera Jarmelo; e arrastando o nubio perdeu-se na multidão que clamava contra Spartacus. Levava nos labios um sorriso satisfeito; de quando em quando espreitava a ver se tinham descoberto o morto mas as pessoas que o negro anunciara não apareciam. Naturalmente tinham ficado junto do cadaver, admirados de semelhante espectaculo de dia, numa rua de Roma.

No triclinio de Crassus já quasi não cabiam os que chegavam a oferecer os seus serviços, a saudar aquele poder que o senado subitamente creára. Ele impava de alegria, estava o seu plano de ataque, devorava, como seguro da victoria, o ... de uma ...

Marcio sahira do seu desespero; ao vêr que se aproximavam os histriões para fazerem os seus mónos, no intervalo da musica, diante dos senadores sentados nos coxins ou deitados nos leitos almofadados, erguera-se e exclamava:

— Crassus! Desde que rebentou a guerra dos escravos, que, cumprido o juramento feito sobre a minha espada e pelos deuses, tinha ido combater... Entrei em doze recontros, em treze assaltos, em duas batalhas formais... Feri e fui ferido; mas-i Oenomaus que raptára Lavinia! Enchi com o meu sangue os caminhos da derrota e voltei para de novo ser vencido! Não posso negar o valor a esses rebeldes que se batem numa alucinação de crime... São valentes!

Ouviu-se um sussurro e ele, como julga se que o desaprovavam, acrescentou;

— Quem duvidar, por Hercules! faça o que eu fiz! Vá ao seu encontro! Eu, porem, apenas te quero dizer Crassus, que me entrego nas tuas mãos... Desta vez, porem, ou volto vencedor comtigo ou morro porque não posso mais. Esses homens ofendem o valor de Roma! Aceitas-me!?

— Sim, Marcio, tomo-o para a Patria o teu juramento!... Mas venceremos!

Esses bandidos atacam-se com o que dizem detestar: o ouro!..

De novo, no meio dos aplausos, sorriu a gloria da riqueza e Remigio, com o seu tom de sempre, debruçando-se para Verres, balbuciou:

— Pois eu fico para imaginar as torturas que lhes hei-de fazer se forem derrotados, Verres.. o teu amigo ser viu-á mesmo como um nubio. Jurou-o porem, que o fez com elegancia!

Começavam a cair do tecto as petalas de rosas perfumadas; iam servir-se mais vinhos preciosos. Crassus mandara abrir as botelhas antigas de Chypre mas o nomenclator entrava e dizia ter sido morto, junto do jardim, um homem em cujo peito se encontrara um pergaminho dirigido a Verres, e trazia-o ali. Mostrava-o, num prato de ouro lavrado, o rolo a que o pretor deitava a mão, cortava o fio e abria. Fez-se palido; era a palavra de reconhecimento que entregara ao siciliano para entrar em casa de Crassus.

Um grande silencio baixára; largava o pergaminho e, com os dedos sujos do sangue fresco em que ele se embebera, apenas podera exclamar, metendo a mão na concha de agua tepida que lhe traziam:

— Malditos! Foram eles! Já chegaram a Roma! ...

— O quê?! Que dizes?!

Estavam todos de pé e ele interrogava desesperado: Como é esse homem?

O nomenclator respondia, que, segundo dois soldados que o tinham visto, era um ruivo sardento.

— O siciliano assassinado!

Crassus erguera-se; conservava uma enorme serenidade, dizia: Não ha duvida... O teu espião foi morto por um dos homens de Spartacus... Mas quem?! Como procural-o?! Tens razão Marcio, é preciso destrui-los ou morrer... a vida assim é um tormento!

Aquele homem tão rico desesperava; os convivas abatiam-se tambem sobre os coxins; os escravos tinham ficado suspensos com as grandes bandejas de doces e a ambora, dos vinhos preciosos e sob aquela chuva de rosas, entre tantas maravilhas, diante da mesa opulenta, havia terror. Os histriões recuavam e empalideciam deitando as caretas alegres. O milionario, porém, exclamava:

Felizmente já tinha comido. Ainda não me roubaram a fortuna nem ... E um homem sabe, destruido e rico ainda pode alguma cousa contra os pobretanas que querem transformar o mundo, ...

O intendente aparecia; na sua mão tremia o prato onde aparecia outro rolo de pergaminho;

— Crassus, para ti... Vem um nubio traz-lo da parte, disse ele de quem está longe e bem te quer. E' esse grego e da missiva! Bem me recomendou ... os seus desejos de felicidade para ti...

Interessou ... o chronometro que se erguia do tamborete, com uma venia, desfazia o rolo e ficava aguardando a ordem de o ... Receava-se mais alguma desdita e quedavam-se ancioso.

Nem uma vez macia, como embalado na frase ou como se dissesse um verso começou:

Posta Felix a Marco Crassus ...

Houve uma exclamação de curiosidade e ... o dono ... deixou a rir: Ai vem uma epopeia de ... !

(Continúa.)

Lisboa Comercial

O ACTUAL MOMENTO DO COMERCIO

E' de fé em melhores dias : : : : futuros : : : :

DIZ-NOS O CONCEITUADO COMERCIANTE SR. ANTONIO MARQUES

Antonio Marques, o comerciante artista e patriota que Lisboa inteira conhece atravez do mais elegante estabelecimento de modas que se desencia pelas artérias «chics» da cidade lisboeta, falou-nos assim do momento actual do comercio:

—Se eu tenho fé no futuro de Portugal, num caminho mais desafogado e claro para a praça de Lisboa, isto é, em melhores dias para todos os portuguezes!... Mas evidentemente que tenho fé, mesmo muita fé...

Descrer do futuro de Portugal seria descrer das qualidades de inteligencia, de energia e do coração que tem o povo portuguez. Ora essas qualidades são por mim apregoadas, a todo o momento, sempre que visito os grandes centros mundiais e me interpelam sobre o meu paiz.

E Antonio Marques, sempre com o olhar iluminado por uma chama bemdita da fé patriotica prosegue:

—Ainda ha poucos mezes quando eu estava em Paris, por ocasião dos tragicos acontecimentos que enlutaram Portugal, eu gritava, no hotel, onde me encontrava e onde esses acontecimentos eram tristemente comentados, que se tratava do grito desvairado de meia duzia de malvados que não representavam, de modo algum, o povo portuguez, com a alma cheia de doçura e de bondade...

—Quando chegou de Paris com os seus lindos modelos, notou algum retrahimento nas compras?

—Sim, é verdade... Os primeiros momentos foram talvez de retraimento, por parte das nossas clientes que não apareciam e de receio para nós que traziamos muitas dezenas de contos em modelos dos mais celebres costureiros parisienses. Mas, dentro de poucos dias, esse retraimento principiou a desaparecer e os nossos sobresaltos não tiveram mais razão de existir. Agora, é o que está verificando...

Efectivamente, o pequeno e elegante estabelecimento do «Ultimo Figurino», que o coração do Chiado engasta como a sua joia mais apreciada, enche-se de senhoras da nossa primeira sociedade que ali vão procurar as «toilettes» elegantes e ricas da estação de inverno.

A atenção de Antonio Marques vae distrair-se da entrevista jornalistica a que ele se está prestando, sem saber, mas, antes, diz-nos ainda:

—Olhe... a propaganda que eu faço de Portugal lá fóra, no estrangeiro, é tão intensa e patriota que a pouco e pouco, eu levo os comerciantes estrangeiros, meus colegas, a falar e a escrever em Portugal... E quantos não conhecem já razoavelmente a lingua portugueza á custa do meu esforço paciente, dedicado e dispendido com grande entusiasmo!...

Charcuterie française

Quem ha em Lisboa que ao passar a rua do Carmo não tenha parado uns momentos a admirar a montra da Charcuterie française onde aos olhos do publico se encontram sempre expostos magnificos productos da cosinha franceza, explendidas galantines, belos exemplares ictiologicos, aves apetitosas, etc. etc.?

E' um dos melhores estabelecimentos do genero que em Lisboa nos é dado frequentar e a sua prestigiosa tradição dos magnificos jantares e ceias do Natal acentua-se cada vez mais, consolidando os creditos do teo elegante «restaurant».

Frequentados pela melhor sociedade lisbonense, encontram ali plena satisfação os mais exigentes «gourmets».

Os vinhos e champagnes que ali servem são os das melhores marcas.

Como de costume nos anos anteriores, o estabelecimento a que nos vimos referindo, encher-se-ha completamente nos dias das festas de Natal e do Ano Novo. E' já sabido que nesses dias a aludida casa se esmera especialmente em bem servir os clientes, embora nem sempre tire dahi um lucro apreciavel. Ali acorrem, por isso, os amantes dos finos e delicados acepipes.

A Charcuterie française será sem duvida uma das casas onde se passarão melhor as noites do Natal e do Ano Novo.

Exposição de Mobiliario

Parte da marcenaria é uma das que com mais gosto se cultiva em Portugal. Não é raro vêr nas montras dos estabelecimentos da especialidade lindissimos e curiosissimos modelos de moveis com aplicações várias.

O publico analisa longamente essas exposições e apreciadas com gosto.

Por isso não admira que tivesse produzido uma tal ou qual sensação a abertura de uma nova exposição do genero no estabelecimento de moveis dos srs. Gouveia & Campos, onde em salas artisticamente ornamentadas, toda a gente póde admirar os mais belos e recentes modelos de mobiliario de luxo, fabricado todo no nosso paiz, em oficinas ótimamente montadas, com todos os apetrechos modernos, sob a direcção tecnica do habil artista sr. João Gouveia, ficando a parte decorativa a cargo do sr. Julio de Campos.

Vale bem a pena ir de longada pela Avenida acima admirar os magnificos e curiosos specimens da exposição a que nos referimos.

E' na Avenida da Liberdade n.º

Ali admiramos nós trez mobilias completas artisticamente confeccionadas, pelo modico preço de 2.250.000 réis que nada ficam a dever ao que no extrangeiro se fabrica. E é consolador pensar que ainda ha ramos industriais onde o nosso paiz póde figurar com honra, como sucede neste da marcenaria.

Não perde o seu tempo quem fôr vêr a a exposição dos srs. Gouveia & Campos.

Farmacia Amancio

São muitas as farmacias em Lisboa. Os doentes preferem umas e outras, umas vezes por simpatia instinctiva, outras vezes porque, na realidade, a farmacia faz aquilo que é necessario para captar a preferencia dos clientes.

Está neste caso a farmacia Amancio da rua Augusta, 216 e 218, onde o proprietario auxiliado por pessoal devidamente habilitado e com longa experiencia usa de um tão conhecido escrupulo na confecção dos medicamentos que os clientes afluem á farmacia cheios de fé e confiança.

As especialidades que ali se encontram são das melhores marcas nacionais e estrangeiras.

A referida farmacia fabrica tambem especialidades suas. Entre elas conta-se a Antibearina, xarope antidispneico, calmante e expectorante, medicamento maravilhoso experimentado, com optimo resultado, nas afecções das vias respiratorias, no hospital do Rego pelo distinto clinico sr. dr. Alberto Faria; o Ergogenal, excelente elixir cardio tonico, nervino, reconstituinte no tratamento da neurastenia, das cardiopatias, das dispepsias e, em geral, de todos os casos de depressão nervosa ou muscular, é aconselhado pelos ilustres medicos srs. drs. Marçal de Mendonça, Tovar de Lemos, Antonio Pedro Martins, Fernando Cabral, Salvador Marques, etc.

A farmacia Amancio tem um enormissimo stock de aguas medicinais, de artigos de borracha, de perfumarias, de produtos esterilisados de uma asepsia absolutamente garantida, etc.

Os produtos injectaveis com o nome de Nevrostenol & Nevrostenol Ferruginoso são dois esplendidos tonicos de resultados seguros na convalescença de doenças agudas e nos casos de esgotamento fisico e intelectual.

A farmacia Amancio é pois um dos melhores estabelecimentos do genero, merecendo a numerosissima clientela que ali aflue, porque toda a gente pode depositar na farmacia referida a maxima confiança.

Armazem de viveres

(Casa fundada em 1823)—Telf. 434 C.

Loja de chá e café

Completo e variado sortido de generos de primeira qualidade

::: BISCOITOS INGLEZES :::

;:! Importações diretas ;:!

Viana, Coelho, Almeida & C.ta

Sucessores de Rua Viana Junior, Suc.es

Artigos de fantasia proprios para BRINDES

25, Praça Luiz de Camões, 26 e 27

1, Rua do Loreto, 9

LISBOA

O IODONAL

Uma especialidade Farmaceutica que honra a industria nacional

A farmacia Formosinho, na Praça dos Restauradores, 18, é uma das que melhores especialidades fabricam. Todos os seus productos são bafejados por uma justa reputação de excelentes.

Assim sucede com o iodonal.

Ha numerosos compostos medicamentosos de iodo, mas nenhum com as vantagens do iodonal. E' um poderoso agradavel tonico para crianças, empregando-se com enormes vantagens no escrofolismo, raquitismo e linfatismo.

Tem produzido verdadeiros milagres e conservado para a vida numerosas crianças que, sem ele, teriam deixado este mundo em idade infantil.

Ha duas formulas deste produto sem rival, o simples e o metalaninado. Ambos satisfazem ás condições requeridas num bom reconstituinte geral.

SAPATARIA Palais de la Mode

J. ANACLETO

Deseja boas festas aos seus Ex.mos fregueses e aproveita a ocasião para lhes lembrar que continua tendo como sempre eu cada vez mais grande variedade de modelos coisas mesmo de alta novidade para senhora e homem.

RUA S. JOSÉ, 39

GRANDES ARMAZENS DO CHIADO

DURANTE A PROXIMA SEMANA

Continuação da grande venda de artigos proprios para brindes e obras de caridade

Comemorando as festas do

ANO NOVO!!

Secções de Lãs, Mercador e Fato feito

LÃS de fantasia, bons padrões para vestidos. Metro 2$300!

LÃS ás riscas, a grande moda para vestidos. Metro 3$000

SARJA DE LÃ com grande largura, enorme sortido em todas as côres. Seu valor 15$00. Vende-se atualmente por Metro 9$000

LÃS em x drez, [illegible] para vestidos. Metro 4$500!

LÃS, padrões de novidade para vestidos. Metro 5$500!

Um córte de fato de belo cheviote, padrão de novidade, genero inglez, para homem. 3 metros por 12$000!

Um córte de vestidos de lã de fantasia para senhora a 18$000, 15$00, 12$000 e 9$200!

Um córte de fato de cheviote inglez, padrão da moda, o que ha de chic, para homem. 3 metros por 29$500!

Por 5$200! FATINHOS de diversos tecidos e feitios para meninos!

Por 55$000! FATOS feitos de bons cheviotes, novos padrões para homem!

Secção de Fanqueiro

Cortes de Blusas

CORTES DE BLUSA de flanela lisa, côres da moda, 2 metros por 1$800 e 3$200.

CORTE DE BLUSA de flanela de fantasia, muito larga, 2 metros, 3$000.

CORTE DE BLUSA de chita percal, 2 metros por 1$900.

Cortes de Vestidos

CORTE DE VESTIDO de flanela lisa, bela qualidade, 5 metros por 4$500 e 7$500.

CORTE de flanela para vestido, artigo de fantasia, 5 metros por 5$000.

CORTE DE VESTIDO de percalina, desenho muito lindo, 5 metros por 5$500.

Outros cortes

CORTE DE CAMISA de patente para senhora, 2 metros por 2$000

CORTE DE CAMISA de pano cru para senhora, 2m,50 por 2$250.

CORTE DE CAMISA pano cru para criança, 2m,50 por 1$500.

CORTE DE LENÇOL pano cru 4m,50 por 4$950.

CORTE DE FATO de cotim sarjado, artigo muito forte para homem, 6 metros por 7$200.

CORTE DE FATO de cotim de fantasia, imitação a casemira, para homem, 6 metros por 10$800.

CORTE DE CALÇA de cotim sarjado, muito forte, 2m,50 por 3$000.

CORTE DE CALÇA de cotim, imitação a casemira, para homem, 2m,20 por 4$500.

CORTE DE CAMISA de riscado do Norte, para homem, 3 metros por 3$550.

CORTE DE CEROULAS de riscado, bela qualidade, para homem, 2 metros por 1$900.

Secção de Rouparia

BIBES de lindos tecidos para crianças, a 4$500, 3$500, -$500, 2$000, e 1$500.

VESTIDOS de flanela para crianças, a 4$000, 3$500 e 2$000.

ENXOVAES para recemnascidos, 42 peças, por 10$800.

CAMISAS de bom pano, guarnecidas com ponto «ajour», para senhora a 3$850.

CAMISAS de fino pano, bordadas á mão, para senhora, a 4$850.

CORPETES da mesma qualidade bordados á mão, para senhora a 3$500.

CALÇAS do mesmo pano, bordadas á mão, para senhora a 3$500.

SAIAS de flanela, para senhora, a 4$000 e 2$750.

LENÇOES do bom pano para 2 pessoas, a 8$250.

ROBES de flanela, para senhora, a 15$000 e 8$000.

ESTES ARTIGOS VALEM 3 VEZES MAIS

Secção de Malhas

BLUSAS de malha de lã para senhora, a 9$500 e 7$500.

FATINHOS de malha para menino, a 7$250.

LUVAS de malha de lã para homem, a 150 e 100.

SAPATINHOS de malha de lã, para criança, a 100.

CAMISOLAS de malha de lã, para homem, a 4$250.

CEROULAS de malha de lã, para homem, a 2$450.

BARRETES de malha de lã, para homem, a 500.

BOINAS de malha de lã, para homem a 950.

PEUGAS para criança a 180.

PEUGAS para homem, a 450.

MEIAS de seda pretas, para senhora, a 7$500, 5$200 e 4$000.

ESTES ARTIGOS VALEM MUITO MAIS

SECÇÃO DE ESTOFADOR

ACTUALMENTE

Deslumbrante exposição de mobiliarios, edredons, carpettes e tapetes

O maior e mais deslumbrante dos sortidos!—Mobiliarios ricos, mobiliarios baratos, ao alcance de : : : : todos os bolsos! : : : :

CARPETTES E TAPETES

em quantidades colossais e a preços inegualaveis EDREDONS EXPLENDIDOS baratissimos e de dura garantida, por serem confeccionados com sedas da nossa fabrica! — Cortinas, Parize-bizes, Passadeiras, Tapessarias, Bourretes, Fitas, Veludos, Moirées; de tudo, as mais sensacionais novidades

BOLO REI o mais delicioso e o mais bem fabricado, fabrico especial da nossa pastelaria. **Kilo 4.500**

BOLO CHIADO uma especialidade, todos com brinde de prata, fabrico especial da nossa pastelaria. **Kilo 8.000**

BROAS ESPECIAIS

BROAS de milho, qualidade fina, a .... 60!

BROAS de especie e casteiar qualidades muito finas a .... 200!

FABRICO ESPECIAS DA NOSSA PASTELARIA

SORTIDO DESLUMBRANTE de cartonagens, lindos modelos, o que ha de mais chic para brindes!

EXCUTAM SE ENCOMENDAS de todas as especialidades em dôces e pudings, todos os formatos

Fornecem-se lunchs

BRINQUEDOS! BRINQUEDOS! engenhosos, lindos, baratissimos. O maior e mais deslumbrante dos sortidos, encontra-se á venda, nos GRANDES ARMAZENS DO CHIADO

PLANTAS NATURAIS

O maior e o maior variado sortido de lindissimos exemplares : : : : : : a PREÇOS BARATISSIMOS : : : : :

Aviso importante

Todos os sortidos dos Grandes Armazens do Chiado quer de Lisboa, Porto e Coimbra, quer das suas 19 restantes filiais, estão sendo vendidos, **30 a 40 % mais barato** que o seu valor real atual dado não só a grande subida de todas as materias primas, como ao novo agravamento de cambios e direitos alfandegarios.

Os Grandes Armazens do Chiado estão pois vendendo todos os artigos sem excepção, muito mais barato que o preço por que os terão de adquirir logo que estes se achem exgotados e por cujo motivo muito terão todos a lucrar fazendo as suas compras o mais rapido que lhes seja possivel em qualquer das **22 casas** dos

GRANDES ARMAZENS DO CHIADO

BRINDES

GRANDE SORTIDO em estojos com objectos de prata proprios para brindes a preços de pechincha e que ninguem pode competir

Vende só a ourivesaria do BARATEIRO -- -- PIMENTA -- --

2, RUA DA PALMA, 2

Os melhores brindes do Natal

COMPRAM-SE

Na secção comercial da sucursal "Latino-Americana,,

RUA AUREA, 81

Havanos principescos de todas as marcas

As mais deliciosas cigarretes

Os mais lindos artigos para fumadores

Grandes Armazens de Paris

MATTOS & RUA, L.da

SECÇÕES: ALFAIATARIA-MERCADOR -CAMISARIA-CHAPELARIA

:: Confecções para senhoras e creanças ::

Especialidade em fazendas nacionais e estrangeiras

Fornecedores da cooperativa Vacuum Oil Company

ARTIGOS DE NOVIDADE

RUA DOS FANQUEIROS, 110, 112 LISBOA

CHARUTOS

CAIXAS a 4$50

Sortido completo para BRINDES

Tabacaria Americana L.da

Rua Garrett, 44

Telefone Central 4327

Anibal Neves, Limit.

Rua da Prata, 242 a 248 Rua de Santa Justa, 26 a 32

Telef. 3040 C. **LISBOA** Teleg.: Vapor

SECÇÃO TECNICA

Fornecimentos de maquinas e ferramentas para todas as industrias

-o- -o- -o- -o- -o- Instalações de fabricas e centraes de força

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS de:

Maschinenfabrik Badenia Weinheim (Alemanha) — **Locomoveis e semi-fixas de todas as potencias**

Saechsische Turbinenbau Und Maschinenfabrik, Meissen (Alemanha) — **Turbinas, instalações de cerâmica, etc.**

Usines Beduwée S. A. Liége (Belgica) — **Bombas e compressores**

Storebro Aktiebolag. Storebro (Suecia) — **Maquinas-ferramentas**

Badal & C.º Dresden (Alemanha) — **Aparelhos de elevação e transporte**

Franz Sieper Remscheid (Alemanha) — **Ferramentas para industrias e oficios**

Berna Lorries, Limited Olten (Suissa) — **Camions, tractores de estrada e agricolas, carros de reboque**

Edoardo Bianchi S. A. Milão (Italia) — **Automoveis, motos e bicicletes**

POÇOS ARTESIANOS

Abertura de poços, trabalhos de irrigação

OFICINAS

de reparação de automoveis, construções mecanicas e metalicas, **soldadura autogenea**

SECÇÃO DE IMPORT E EXPORT

Materias primas, materiaes de construção, tintas, vernizes, productos quimicos, etc.

SECÇÃO CORKY

Pavimentos sem fendas de superior qualidade. Isolamentos para instalações de vapor e frigorificas

Contra as Frieiras usai o PICROMOL

O melhor remedio até hoje conhecido

Depositos: em Lisboa: União Comercial de Drogas, Rua Augusta, 180

No Porto: Drogaria Moura, L.da, Largo de S. Domingos, 97

Deposito geral: Laboratorios da Farmacia Cardoso, Rua Açores, 32

AGUA — CREME

RAINHA DA HUNGRIA

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA LISBOA

PÓ D'ARROZ — SABONETE

PEÇA-SE EM TODA A PARTE

Lisboa Industrial

QUESTÕES ECONÓMICAS

A INDUSTRIA DAS CONSERVAS DE PEIXE

Se não a libertarmos dos encargos fiscais que a asfixiam, morrerá. Para milhares de operarios é a fóme, para o Estado representará uma desgraça a perda d'uma das mais importantes fontes de oiro

A politica fiscal é aquela que os governos portuguezes mais facil e desembaraçadamente seguem nas questões economicas.

E' a mais simples e de menor dispendio do esforço intelectual. De fomento não querem os nossos governantes ouvir falar. No regimen de deficits permanentes e aviltados a preocupação principal do Estado é arranjar dinheiro sem olhar ás consequencias desse sistema que afugenta todas as iniciativas de produção de riqueza. E assim, as industrias, em vez de progredirem, definham a olhos vistos, a agricultura geme sob o peso da carestia da mão de obra e dos adubos e a vida se ha-de embaratecer, cada vez mais encarece, subindo por saltos bruscos e incomportaveis para a maior parte das bolsas dos cidadãos portuguezes.

Para isto não olham os dirigentes a dinheiro lançado nos cofres do Estado. Este tudo sobrecarrega de impostos incomportaveis, o peixe, a folha de Flandres, a solda, as fabricas etc., etc., e por ultimo até os escritorios onde as fabricas tratam os seus negocios e fazem a sua correspondencia.

A industria das conservas de peixe vive assim numa atmosfera asfixiante. Se não fosse a desvalorisação da nossa moeda—«á quelque chose malheur est bon»—que lhe permite colocar no estrangeiro os seus produtos com uma relativa barateza, seria a estas horas uma industria morta ás mãos gananciosas do Estado. Mas venha um dia o cambio a melhorar e lá se irá por agua abaixo uma das mais importantes fontes de oiro com que nós podemos contar, o que alentará em grande parte ou anulará, até, aquele beneficio.

ruina inevitavel. O caso da industria das conservas de peixe é tipico.

Se se ha de proteger, aliviando-a do peso incomportavel dos impostos que para a ajudar a conquistar os mercados estrangeiros e a manter-se nelos mesmo em caso de melhoria cambial, é precisamente o contrario que se pratica.

Cada vez se agravam mais os impostos que a afogam.

Um escritorio conhecemos nós, um bem pequeno escritorio, por sinal onde «apenas» se faz a correspondencia de tres fabricas, que este ano foi colectado com mais 32 contos que no ano anterior! Mais 32 contos!

E' de morrer! Já pagam as fabricas, paga a folha de Flandres, paga a solda, paga o peixe e ainda pagam os escritorios que apenas dirigem e canalisam para os mercados estrangeiros os produtos das fabricas que representam!

da administração publica, entretidos como andam sempre com as frioleiras da politica interna, de campanario partidario, sem grandesa, sem elevação, sem objectivo nacional.

A vida economica da nação tem-se vindo dificultando sucessivamente, mercê dos erros, desleixo e indiferença dos poderes publicos.

O oiro é mercadoria raríssimo e de custo elevadíssimo no nosso paiz e os governos em vez de fomentarem os meios de o obter pelo desenvolvimento das fontes de riqueza já criadas, procedem de forma a esta carquosi cessas fontes de riqueza, na ancia de cobrar dinheiro para as suas despezas sempre crescentes para satisfação das lieutalhas partidarias insaciaveis.

A exportação dos vinhos, da cortiça e das conservas de peixe figura entre as principais fontes de oiro com que pode contar o Estado portuguez na metropole. Pois ainda ha bem pouco tempo foi necessario um movimento colossal de protesto e ameaça de toda a região duriense para que o governo se resolvesse a acudir á crise tremenda que assoberbava os lavradores e fabricantes de vinhos licorosos.

Por um lado a industria das conservas de peixe debate-se aflita no meio duma rede de peias fiscais cada vez mais apertadas. Desde a lota do peixe até á sua saida pela barra fora acomodadinhas nas latas de conserva, é um sem numero de complicações, embaraços e dificuldades só venciveis

Na realidade custa a ver os nossos politicos a gastarem-se em lutas estereis e irritantes, em vez de estudarem e tentarem solucionar com beneficio para o paiz os atraentes e interessantes problemas de economia social. Dir-se-ha que não os abordam por incompetencia, e na verdade assim parece.

Para gritar no parlamento ácerca de qualquer baboseira politica de interesse restrito aos partidos, todos servem, porque para tal função todos estão habilitados.

Por isso ha tantos politicos no nosso paiz, por isso todos se julgam habilitados á governança publica.

Para tratar, porém, de um assunto como este das conservas de peixe e outros, dos problemas de economia nacional, é necessario preparação, inteligencia e saber e, porisso mesmo, eles não figuram nas preocupações dos nossos politicos, a não ser rótulo.

Pelas suas exportações é que um paiz se valorisa, pelo excesso da exportação sobre a importação é que ele marca a sua prosperidade, assim como pelo inverso manifesta a sua deficiencia economica. Verdade elementar que só os nossos dirigentes parece ignorarem. Para a maioria dos nossos politicos ha um expediente para resolver todas as dificuldades financeiras, é a impressão da nota com curso forçado e outro para os embaraços economicos que é a importação do estrangeiro.

Claro está que um Estado que se rege por tais principios corre direito á

E' este um regimen asfixiante espoliador e não admira porisso que nos horisontes da laboriosa provincia do Algarvia desponte a ameaça do encerramento das fabricas de conservas de peixe.

Pois quem se ha-de aguentar com tão pesadissimos encargos fiscais! E depois serão milhares de operarios soldadores e pescadores sem trabalho. Virão então as aflições para o Estado e o recurso a expedientes que pesarão cruelmente no orçamento geral já assoberbado com um «deficit» medonho.

Ora não será melhor antes de se chegar a tais extremos perigosos para a ordem publica e carissimos para o tesouro nacional, tratar de colocar a industria das conservas de peixe em condições de progresso, tanto mais que ela será uma fonte perene de oiro de que nós tanto necessitamos para alivio dos nossos males?

Cremos bem que sim e ousamos confiar em que o actual governo no qual figuram pessoas de elevadissima inteligencia, como o sr. Cunha Lial, estudiosos, como o sr. ministro do Comercio apaixonados pelos problemas economicos, alguma coisa fará de util para este importantissimo ramo de riqueza nacional. Deixar morrer a industria das conservas de peixe seria um crime inqualificavel de perigosissimas consequencias.

Chamamos, pois, para tão instante problema a atenção do governo.

Na Rua dos Fanqueiros

A sapataria Salgado é uma das que melhor serve o publico

Não é verdade o que por vezes se insinua, que o nosso comercio não é honrado.

A carestia da vida que dia a dia se acentua é mais uma consequencia logica da depreciação da nossa moeda do que da ganancia desmedida dos srs. comerciantes.

Está neste caso a Sapataria Salgado da Rua dos Fanqueiros, 72 76 que tendo á testa da sua gerencia os srs. Salgados pae e filho, comerciantes probos duma atividade espantosa conseguem na realidade servir a sua numerosissima clientela com uma tal modicidade de preços que chega a ser inacreditavel. E' que os seus enormes stocks de calçado de todos os feitios, de uma requintada elegancia e de um solido acabamento, permitem-lhe essa leal concorrencia de preços que fazem afluir ali uma freguesia desmedida.

E' bom acentuar que se para essa afluencia contribue o esmerado fabrico dos seus produtos, a elegancia sobria e a situação previlegiada do seu estabelecimento, não menos contribue tambem o pessoal ao seu serviço que é atencioso e zelador do bom nome que disputa a Sapataria Salgado.

Da ultima vez que ali estivemos podemos constatar a existencia de um colossal stock de calçado de abafo e de botas forradas de cabedal com umas solas ao preço realmente fantastico de 35$00.

Queremos prestar um bom serviço ao publico lembrando-lhe uma visita aquele estabelecimento para confronto de preços e convicção das vantagens que acima enumeramos.

Simões Carmo & C.ª L.da

12-Largo de S. Domingos-13

PALACIO ALMADA

E' a firma que mais se recomenda para quem necessitar de instalações ou reparações electricas

Talvez ainda muita gente ignore por falta de publicidade suficiente que um piquete de pessoal devidamente habilitado fica todas as noites na «Brazileira» do Rocio ás ordens de quem precise uma reparação urgente na sua instalação electrica.

Esse piquete pertence á acreditada firma Simões Carmo e C.ª Ld.ª, que não esquecendo os interesses e comodidades dos seus numerosos clientes e do publico faz esse dispendiosissimo sacrificio.

E' uma firma empreendedôra que sabe aliar as conveniencias da sua industria com o bom nome do paiz. A ela se deve a montagem de modelares oficinas de reparação de todo o material eletrico que antes da guerra ia a concertar ao estrangeiro e que é como todos o podem reconhecer um grande beneficio, para o publico e para o paiz em geral. Não é todavia só ao material electrico que a referida firma dedica a sua atenção. Ela acaba de crear uma secção especial para o comercio do café e madeiras do Brazil, sob a gerencia de Assis Adriano Teles, conhecido fundador das «Brazileiras», do Porto e Lisboa.

Mas é na industria electrica que a casa se tem tornado mais conhecida tendo á venda dynamos das melhores marcas, grande sortido de candieiros de muito bom gosto, ferros eletricos de engomar e tudo o que no genero ha de mais moderno.

A casa destingue-se especialmente nas instalações de iluminação electrica e reparações de todas as maquinas electricas, para o que a mesma firma está pronta a dar gratuitamente todos os orçamentos que os seus estimaveis clientes requisitam.

Dispõe para isso dum pessoal muito especialmente habilitado para aqueles trabalhos.

IMPORTANTE JOALHARIA

Passando casualmente pela rua da Prata, tivemos ocasião de visitar uma importante casa de ourivesaria que ali se acha estabelecida. Referimo-nos á joalharia do sr. Anibal Tavares, no numero 90 daquela rua, que é um estabelecimento modelar no genero, recomendando-se á preferencia do publico pela modicidade dos preços, bom acabamento e gosto artistico dos artigos expostos á venda.

Ninguem que ali passa deixa de deter uns momentos na contemplação dos objectos de ouro prata e pedras preciosas, joias artisticas de finissimo gosto, constituindo tudo uma exposição atraente por todos os motivos, sobretudo pela extrema barateza comparada com os preços de outras casas do genero.

Lisbôa que se diverte

NATAL! NATAL!

O club "Maxim" no seu grande entusiasmo

Como se festeja a tradicional consoada numa expansão bem portugueza -o- -o- -o-

Vai o Club «Maxim» marcar pelo brilhantíssimo das suas arrojadas iniciativas a festa encantadora do Natal que realisará nos seus adoraveis salões. O «Maxim» é um dos Clubs de Lisboa que se recomenda não só pelo seu luxo e pelas suas comodidades, como ainda pela sua frequencia que é sempre das mais distintas e das mais apreciadas. No «Maxim» o visitante tem fatalmente que divertir-se, passar algumas horas com o espirito alheado ás preocupações constantes da vida, é como que o balsamo maravilhoso para esquecer as torturas da labuta de todos os dias, em que mil dificuldades se erguem para entorpecer e atrofiar a existencia.

No «Maxim» implantou-se de ha muito a alegria, mas a alegria com ordem, fina, delicada, e ninguem ha que, uma vez tendo entrado nesse verdadeiro paraizo, não volte a frequenta-lo, tais as diversões explendidas que ali encontra como tambem a maneira afavel e respeitosa como é tratado.

Vai o «Maxim» festejar o Natal e vai fazê-lo com o explendor que mantem sempre em todas as suas iniciativas, não faltando a abundancia e a embriaguez da luz, os sons harmoniosos e belos duma musica apropriada em que vibre com intensidade a alma portugueza. Na sala principesca do seu incomparavel restaurante servir-se-ha para todos os que a reclamem a «Ceia do Natal», e V. Ex.as poderão avaliar ao surpreendente «menú» em que nada faltará, preparado pelos mais afamados «maitres d'hotel», «menú» delicadissimo, bem proprio dessa noite grandiosa em que se avivam saudades e se manteem largas esperanças no futuro.

O club «Maxim», instalado com todos os confortos modernos, é aquele club preferido pelos forasteiros. Esta preferencia natural é devida especialmente ao local onde se encontra, ao ar de seriedade que nele se nota, á fórma verdadeiramente ruidosa e acertada como se realisam todas as suas festas. No «Maxim» os seus frequentadores obedecem a uma certa escolha e quem para lá vai tem a convicção de que póde levar a sua casaca, porque o ambiente da sua concorrencia, tanto feminina como masculina, assim o reclama. E' um club que se impõe notavelmente, adquirindo uma supremacia que não sai dos limites dos seus meritos.

Organisando a festa do Natal, tão tradicional e tão portugueza, o Club «Maxim» tem em vista proporcionar á «élite» dos seus frequentadores uma noite memoravel de alegria.

Nessa noite passar-se-hão ali horas magnificas, horas de verdadeiro sonho, em que só haverá sorrisos, em que só haverá a nota alegre e invocadora das mais belas recordações. A tristeza, a pobre, será arredada daquele logar em que o contentamento impera exhuberantemente. Se lagrimas houver serão de... alegria! As outras, as que chamam o sofrimento, essas não terão entrada, essas não se querem lá, nessa noite admiravel em que tudo convida á recreação absoluta do espirito.

Bem andou, pois, o club «Maxim» em festejar o Natal!

Nessa obra de generosidade, encontrará ele uma grande compensação que é ver os seus sumptuosos salões pejados duma concorrencia selectissima e escolhida, concorrencia a que tem direito pela disciplina e ordem que sabe manter, e que se torna indispensavel dentro de casas respeitaveis, como esta, que tem na sua direcção verdadeiros modelos de individuos, cujo procedimento é dos mais correctos e considerados.

Não falte, pois, o leitor amigo ao «Club Maxim», e verá que as suas palavras não são exageradas, e bem longe estão dum reclame banal. Não. A noite de Natal no «Maxim», que se passará no meio dum louco entusiasmo, entre a alegria do champagne e a enternecedora musica tocada por um sexteto dos melhores que existem, sexteto de que fazem parte notaveis artistas, deve ser dos que ficam na memoria dos que a ela assistirão, e que arrastará á maior ventura.

Noite de Natal, noite de Natal, quem poderá resistir-te em face das atrações que te prepára o «Maxim»? Ninguem? E porque não possamos dar aqui mais que uma palida ideia dessa encantadora festa, e porque queremos mesmo que no teu espirito leitor surja aquela surpreza que te consolará, eis porque te convidamos a visitar o «Maxim» na noite adoravel do Natal, e verás que não te enganaremos, e antes nos ficarás agradecido, tu que cançado um ano inteiro dum trabalho cheio de longas canseiras e dificuldades esperas este momento para lançar calculos ao teu futuro, e para te convenceres da verdade que os anos passam, exgotando-se a vida e que todos nós temos o direito, ao menos uma vez, de esquecer paixões e avivar esperanças, essas esperanças que nos animam a perseguir sem desfalecimentos, e que tem o calor dum intenso beijo d'amor.

E o «Maxim» realisará todos estes «desideratuns», dando-te momentos de felicidade e d'alegria que nunca mais esquecerás.

Natal!... Natal!... Ah!... que de recordações nos trazes!..

O Ritz em festa

A noite do Natal passada com grande entusiasmo

O Ritz Club é uma casa de diversões distintas em que se faz boa musica, alem de magnificos numeros de baile, e onde tambem ha um serviço de restaurante que é, sem favor, um dos melhores de Lisboa. No Ritz Club a frequencia numerosa é dos mais escolhidos e, tanto damas como cavalheiros, primam por embelezar com a sua correcção o nome verdadeiramente respeitavel que de ha muito vem gosando esta magnifica casa de recreio. O Ritz Club possue vastos e grandiosos salões cheios de conforto, mobilados luxuosamente, em que permitem passar uma noite sem se dar por isso, tais os muitos encantos que o revestem. Todo o seu pessoal é escolhido, destinguindo-se pela sua grande correcção e delicadeza, sendo essa boa condição um dos melhores atrativos desse explendido Club em que nada falta desde o deslumbramento de milhares de luzes até ás mezas preparadas para soberbas refeições. No Ritz ha sempre flores que são como quem diz inumeras atrações cheias de delicadeza. E para comprovar o seu bom gosto e a sua grande iniciativa o Ritz vai proporcionar aos seus distintissimos frequentadores a maneira de passar com entusiasmo e com alegria a noite de Natal, essa noite que é toda de paz em que vivem as maiores saudades e em que permanecem as mais carinhosas recordações. Para que tudo isto se leve a efeito resolveu o Ritz mandar servir a verdadeira ceia do Natal, com um «menu» excelente e irresistivel. Mas não fica só aqui o atractivo.

No Ritz haverá ainda nessa noite musica deliciosa, bailes encantadores, dos mais modernos, dos mais elegantes, dos mais belos. Imaginar-se-ha, pois, o que será a noite do Natal passada no Ritz, noite de enorme alegria, de entusiasmo e de vida. Noite em que as saudades se aumentarão para que no espirito de todos se receba o encoragecimento para a vida futura; noite em que a amisade terá aquele enternecimento proprio de que consagra verdadeiras afeições.

Noite feliz, emfim, noite que o Ritz preparou aos seus distinctos frequentadores e que será recebida entusiasticamente.

Ao Ritz, ao Ritz; que é onde se passará a tradicional e festiva noite de Natal.

Trocadero

Este acreditadissimo estabelecimento que é um dos mais luxuosos e mais bem servidos da capital tem no dia de Natal para os seus numerosissimos clientes magnificos jantares de menu delicadissimo, como, de resto, é de uso e costume em tão conhecido estabelecimento.

Segundo nos consta na noite de 24 para 25 apresentará aos seus estimabilissimos fregueses, por lista, belissimos pratos, magnificamente confeccionados, proprios para festejar a noite que se comemora.

A concorrencia será, pois, nessa noite e no dia seguinte verdadeiramente extraordinaria, porque em poucas casas de Lisboa se passam horas tão agradaveis como no Trocadero.

O Natal no Club da Regaleira

Uma noite deliciosa que todos devem passar

Déve atingir um brilhantismo fóra do vulgar a festa admiravel que o distincto Club da Regaleira vae realisar na noite do Natal, noite que, como v. ex.as muito bem sabem, está ligada a saudosas recordações.

O Club da Regaleira que é um dos mais bem frequentados e dos melhores que existem em Lisboa organisou, por assim dizer, um programa á altura da reputação que gosa esta casa magnifica de diversões.

Haverá explendida ceia, em que deliciosas iguarias completarão um «menu» excelente, musica primorosa confiada a verdadeiros artistas que executarão modernas composições de exito seguro e admiraveis numeros de variedades, atracções das melhores que teem vindo a Portugal e que, por certo, causarão a maior das surpresas.

O Club da Regaleira que dispõe de amplas e vistosas salas, tem um restaurante verdadeiramente modelar, e todos os confortos que exigem as casas desta ordem. A sua direcção, cheia de actividade e de bem demonstrada inteligencia, tem-se interessado dia a dia pelo desenvolvimento do conceituado Club, de forma a satisfazer os seus muitos frequentadores em todas as suas exigencias.

A noite de Natal, em que vive o maior sentimento a par da maior saudade, é daquelas que devia ser festejada por entre a maior alegria. Não admira, pois, que as casas de diversões, com iniciativas como o Club da Regaleira, venham exuberantemente impor os seus creditos, realisando uma festa que ficará memoravel em quantos a ela assistirem, festa em que todos os seus colaboradores reunidos não serão mais do que uma só familia e onde a maior alegria brilhará em todos os rostos e em todos os corações.

Toda a gente conhece o Club da Regaleira que tem atractivos e comodidades incontestaveis. A festa do Natal virá marcar um triunfo mais entre os muitos já obtidos porque nessa noite haverá encantos tais que ninguem deixará de reconhecer o bom gosto e a distinção dos dirigentes do Club da Regaleira, sempre cuidadosos em atender á sua grande clientela que é a que na festa do Natal se reunirá para passar uma noite soberba e verdadeiramente feliz.

Ao Natal, pois, no Club da Regaleira.

Banco Colonial Português

Séde:—Rua Aurea, 175 a 191

LISBOA

Sucursais:

PORTO — Casa Pinto & Sotto Mayor

RIO DE JANEIRO — Banco Português e Brasileiro

TELEGR. — **Procolonia**

CAPITAL AUTORIZADO: **Escudos 100.000:000$**

CAPITAL EMITIDO: **Escudos 10.000:000$**

SUCURSAIS NA AFRICA OCIDENTAL e ORIENTAL PORTUGUESA

Correspondentes em todas as localidades do continente, ilhas e em todas as praças estrangeiras

Efectua todas as operações bancarias: descontos, transferencias, depositos á ordem e a prazo em moeda nacional e estrangeira, contas correntes, compra e venda de cambiais e de moedas e notas estrangeiras, pagamento por ordem telegrafica e por correspondencia, cartas de credito, ordens de bolsa no País e no estrangeiro, compra e cobrança de coupons, emprestimos caucionados, transacções sobre mercadorias, etc.

Banco Nacional Ultramarino

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Séde em Lisboa R. do Comercio—Agencia em Lisboa-C. Sodré

Capital Social Esc. 48.000.000$00
Capital Realisado Esc. 24.000.000$00
Reservas Esc. 26.000.000$00

FILIAIS NO CONTINENTE—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Mirandela, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Povoa de Varzin, Regoa, Santarem, Silves, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real e Vizeu.
FILIAIS NAS ILHAS—Funchal, Ponta-Delgada, e Angra do Heroismo.
FILIAIS NO ESTRANGEIRO—Paris Rue do Helder, 8, Londres 27 B Throgmorton Street, New York 25 Liberty Street.
FILIAIS NAS COLONIAS—S. Vicente e S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, S. Tomé, Principe, Cabinda Kinshassa (Congo Belga), Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Belmonte (Bihé), Mossamedes, Lubango, Lourenço Marques, Inhambane, Beira, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique, Ibo, Mormugão, Nova Gôa, Bombaim (India Ingleza), Macau e Dilly.
FILIAIS NO BRAZIL—Rio de Janeiro, Campos, S. Paulo, Santos, Bahia, Pernambuco, Parahiba, Pará e Manaus.

Recomendam-se ás Filiais deste Banco no Brazil para os saques sobre qualquer localidade de Portugal, Correspondentes nas principais localidades do Continente e Ilhas Adjacentes e em todas as cidades do mundo, operações bancarias de todos os generos, compra e venda de saques, notas e moedas estrangeiras, coupons, operações de Bolsa, cartas de credito directas ou circulares sobre as colonias e todos os paizes do mundo.

Banqueiros Dias, Costa & Costa

76 e 78 RUA GARRETT LISBOA

End. telegrafico "PUSHING"

Telefone Central 380

Secção bancaria
Secção mercadorias
Secção maritima
Secção transito
Secção Seguros

COMPANHIA DE SEGUROS "TRANQUILIDADE PORTUENSE"

Fundada em 1871

AGENCIA GERAL EM LISBOA

Banco Espirito Santo

RUA DO COMERCIO, 103, 2.º

LISBOA

Pinto & Sotto Mayor

Banqueiros

LISBOA—Rua do Ouro, 18, 24
PORTO—P. da Liberdade, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

Banco Portuguez do Brazil

Depositos á ordem e a prazo—Contas correntes em moeda nacional e estrangeira—Saques sobre o paiz e estrangeiro Descontos e transferencias—Operações financeiras—Fundos publicos nacionais e estrangeiros.

Agua de CALDELLAS

Doenças do Figado e dos Intestinos

BANDEIRA DE MELLO, L.DA

Rua Augusta, 75, 1.º e 2.º

Teleph. 2670 C.

POLICLINICA DO ROCIO

Largo do Camões 19 (ao Rocio)

Rins e vias urinarias — Dr. Comossa Saldanha, ás 10 1/2
Medicina geral, doenças nervosas e electroterapia — Dr. Cancela d'Abreu, ás 14 e 1/2.
Olhos — Dr. Henrique Roquete, ás 15.
Pele e sifilis.—Dr. Zeferino Falcão, ás 14 e 1/2.
Bôca e dentes—Dr. Amor de Melo, ás 9 1/2.

Escola Berlitz

20-A, Rua do Alecrim

Abrem-se brevemente novos cursos para principiantes em

FRANCEZ : : INGLEZ

: : Já está aberta : : : : a inscrição : :

Banco Portuguez e Brazileiro

LISBOA

FUNDADO EM 1891

Telefones. (C.) Expediente 531 Direcção 4038 — Telegramas Brazileiro

Codigos A. B. C. 4.ª e 5.ª edição e Ribeiro

Capital, Esc. 10:000.000$00.

Reservas, Esc. 9:000.000$00

Filial no Porto

PRAÇA ALMEIDA GARRETT

Agentes em todo o paiz

Correspondentes nas principais praças do Mundo

Depositos á ordem e a praso em moedas portuguezas e estrangeiras

COMPRA E VENDA DE CAMBIOS

Cartas de credito e circulares sobre todos os paizes

Operações bancarias em todos os generos

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

> Os especuladores que se dirigem á nação apelam para o patriotismo, justamente porque não querem que ela se manifeste, pois que naquele dia em que os portuguezes houverem compreendido o verdadeiro alcance desse sentimento, desde o trono que os compromete até aos governos que os exploram, tudo será varrido de norte a sul.
>
> **João Chagas**

N.º 3962-12.º ano — Direção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Segunda-feira 26 de Dezembro de 1921

Telefone n.º 2293 — Endereço Tel. CAPITAL — Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

A reforma do ministerio dos Estrangeiros

Fala o velho funcionario

—Quando o sr. Simões, por aquele bamburrio que conhecemos, tomou conta da pasta dos estrangeiros anunciou aos quatro ventos, por intermedio do seu serviço de imprensa, que ia rodear-se de um gabinete tecnico, com a colaboração do qual executaria o seu plano de completa transformação dos serviços diplomaticos e consulares, «arejando-os», insuflando-lhes ideias novas, pondo em pratica novos processos, em uma palavra elaborando a famosa reforma que havia de conduzi-lo á posteridade.

E se bem o disse melhor o fez, daí resultando aquela linda trapalhada. Nem outra coisa podia resultar, dada a constituição do tal gabinete. Formavam-o, salvo erro, aquele antigo funcionario das alfandegas de quem depois fez director geral, dois consules de carreira e dois adidos de legação. Pondo estes de parte porque a sua acção era manifestamente insignificante, temos de considerar apenas os três primeiros. São todos pessoas estimabilissimas, perfeitos conhecedores dos serviços a que se teem dedicado e no ambito dos quais haviam de, na elaboração da reforma dar boa conta de si.

Simplesmente, por mais tecnico que se seja, ninguem é enciclopedico. Ora eu pergunto: chamou-se para junto do gabinete algum diplomata de carreira com conhecimento perfeito da actual politica internacional e, consequentemente, das necessidades de ordem moral; intelectual, tecnica e mesmo material dos nossos representantes no estrangeiro? Ou algum secretario de legação que pudesse orientar os legisladores acerca do que ha a fazer para tornar mais proficuo o esforço e melhorar as condições da sua desgraçada classe? Ou alguem que tivesse feito um estudo detalhado da Sociedade das nações e dos serviços que dela resultaram? Não me parece que estes sejam assuntos a desprezar...

Pergunto mais: quem é que no gabinete conhecia a fundo o modo de ser e as necessidades das nossas colonias da America do Norte e do Oriente? Porque é preciso que se saiba que as caracteristicas das colonias diferem de país para país e ás vezes mesmo de região para região, como sucede, por exemplo, no Brazil e nos Estados Unidos.

Quem é que nele estava apetrechado para lidar com assuntos que se prendessem com a questão das jurisdições? Quem é que nele podia dizer alguma coisa acerca da questão de ópio que tanto interessa a Macau e os nossos consulados da China? Quem é que nele tinha autoridade para falar de carreira e legislar sobre serviço consular maritimo-comercial —o mais importante de todos—nos seus variadissimos aspectos? Decerto os cavalheiros em questão teem conhecimentos gerais acerca destas materias, mas o facto tambem é que os verdadeiros especialistas delas nem sequer foram chamados a dizer de sua justiça.

Não, admira, portanto, que se fizesse uma reforma, com a qual se pretendia modernizar os serviços, dar-lhes uma feição pratica e tecnica, chamar para eles ou preparar para eles verdadeiras competencias—e se fosse cair no erro já velho de os organisar de uma maneira uniforme, como se as funções e o modo de agir do consul em Badajoz fossem as mesmas do consul no Cabo, as deste as mesmas do que está em Londres e as deste as mesmas do que actúa em Xangai.

Então pretende-se actualisar, modernisar a tabela de emolumentos, por forma a tirar dela o maior proveito possivel, e insiste-se na asneira de adotar o principio «ad valorem» ás declarações de carga—que o relatorio ufanamente classifica de «moralisador»—isto depois de um verdadeiro perito no assunto ter demonstrado á sociedade que tal disposição está destinada a dar resultados contraproducentes, pode dar origem a serias complicações e, pelo menos, virá complicar e dificultar extraordinariamente a cobrança, sobretudo em paizes de moeda inglesa? E é assim que se ha de arranjar receita para pagar a bambochata da Mesa Redonda?

A actualisação da tabela de emolumentos pode e deve dar o bastante para cobrir todas as despezas do Ministerio dos Estrangeiros, incluindo o justo e indispensavel aumento de vencimentos aos funcionarios que, atendendo á natureza das suas funções, são talvez os mais mal pagos de todos.

Mas para isso é preciso que ela seja feita integralmente por quem de direito, não se permitindo que simples curiosos em certos assuntos venham meter a foice na seara alheia e escangalhar com inovações idiotas uma obra que necessita ser ponderadamente executada.

Respondendo ao sr. Eugenio dos Santos Tavares
Uma carta do velho funcionario

Meu caro amigo:

O sr. Eugenio Tavares respondeu no sabado pela ultima vez. Eu respondo hoje. Podia dispensar-me de o fazer, visto s. ex.ª não ter destruido nenhuma das afirmações que produzi a seu respeito—sem, todavia, lhe haver citado o nome—nem mesmo na sua ultima e mais estilisada carta, na qual s. ex.ª se abstem prudentemente de a elas se referir.

Ha, entretanto, nela dois pontos que julgo não deverem passar em silencio. Em primeiro lugar cumpre-me registar, em homenagem á lealdade que deve presidir a todos os nossos actos, que, desta vez o sr. Tavares apresenta ao publico os seus pergaminhos republicanos, cuja existencia, aliás, eu nunca puzera em duvida. Consistem eles no seu pedido feito em 7 de Dezembro de 1917 de passagem á disponibilidade, situação em que se conservou até fevereiro de 1919. Não explica o sr. Tavares as razões que o levaram a fazer esse pedido. O certo é que o fez—o que equivale a ter estado na Rotunda. Permitto-me, todavia, observar que se esse acto representou para s. ex.ª uma profissão de fé não representou menos um excelente negocio, visto que dois meses depois de voltar á actividade do serviço s. ex.ª era promovido á primeira classe —para o que foi preciso saltar por cima de vinte colegas seus—e colocado no melhor posto da carreira. E uns oito ou nove meses mais tarde era condecorado com o habito de Cristo.

Feita esta pequenina observação, passemos ao segundo ponto.

S. ex.ª mostra-se desgostoso com a critica que tenho feito aos vergonhosos actos de favoritismo praticados, sobretudo á sombra da reforma, em beneficio de uns tantos funcionarios do Ministerio e de alguns estranhos. A ela chama s. ex.ª «ataques pessoais e directos». E, com uma desenvoltura que toca os raios da semcerimonia, invoca o meu espirito de solidariedade (!) para que eu acabe com tais ataques. Nada menos.

Quasi chega a ter graça! Quer então o sr. Tavares que eu me solidarise com aqueles que calcam aos pés os direitos alheios em seu proveito pessoal; que atropelam leis e regulamentos para roubarem aos outros o quinhão que lhes pertence, e que ainda por cima os escarnecem!

Eu devo dar a minha solidariedade aos emeritos videirinhos que tomaram de assalto o Ministerio dos Estrangeiros e que se aproveitam de todas as oportunidades, como a passagem pelo poder de ministros complacentes ou parvos, para arranjarem situações ilegitimas e chorudas conezias, para repararem, para encherem os estomagos insaciaveis, em detrimento do trabalho honrado do maior numero! Eu devo fazer causa comum com os usurpadores contra os explorados—não é isso o que se pretende? Eu devo, finalmente, parodiando os antigos gladiadores, saudar, reconhecido, quando deles me expolium, os cesares roedores da Mesa Redonda das Necessidades?

Não, sr. Eugenio Tavares! Eu dou a minha solidariedade, inteira, completa, absoluta, mas é á grande maioria dos funcionarios dos Estrangeiros eternos vitimas desses pescadores d'aguas turvas que a brandura dos nossos costumes tem permitido que se multipliquem. A esses, sim! E é por ela que eu me empenho em impedir que eles sejam atingidos por uma nova traficancia.

Quanto ao meu anonimato não é ele tão completo como supõe. Porque se deseja desvendal-o não tem mais do que dirigir-se ao director deste jornal que imediatamente satisfará a sua curiosidade.

E' o que tem a dizer a s. ex.ª.

UM VELHO FUNCIONARIO

Fausto de Figueiredo

Faleceu a sr.ª D. Maria José de Almeida Figueiredo, mãe extremosissima do nosso querido amigo Fausto de Figueiredo. Avaliamos bem sinceramente a amargura que atravessa neste momento quem, longe da Patria, não pôde dizer o ultimo adeus á virtuosa senhora que enchia muito da ternura do seu coração.

O "Salon" de Aguarela

Tem sido muito frequentado na Sociedade Nacional de Belas Artes á Rua Barata Salgueiro o certamen de pintura de aguarela, a que concorrem os nomes gloriosos de Roque Gameiro e Columbano.

Tem-se ultimamente vendido muitos quadros dos expositores Helena Roque Gameiro, Maria Braancamp Freire, Raquel Otolini, Leitão de Barros, Martins Barata e Montes.

Tem-se vendido obras no valor de bastantes contos de reis, o que mostra o apuramento progressivo do gosto publico.

A exposição está aberta ao publico amanhã e dias seguintes, sendo a entrada publica, e tem constituido um enorme sucesso, a despeito da campanha feita contra ela em alguns jornais.

PORTUGAL REGIONALISTA

Evocando Vizeu

O capitão Almeida Moreira e a sua obra

Eu conheci o capitão Almeida Moreira dum modo um pouco cinematografico. Voltava de Caldelas a caminho da serra do Caramulo. Um comboio miniatural corria ao longo do Vale do Vouga por uma linda manhã de verão. No meu compartimento quatro homens apenas... Em boa verdade com dificuldade caberia mais alguem.

Vizeu que eu nunca vira despertava a minha curiosidade. Um beirão entusiasta com quem eu convivera em Caldelas emprazara-me a conhecel-a. Dera-me até uma carta de apresentação para o capitão Almeida Moreira, a pessoa que melhor podia conduzir os meus passos na minha peregrinação pela cidade.

E enquanto o comboio se arrastava nessas encostas de encantamento a minha imaginação de eterno descobridor ia arquitectando uma Vizeu feita de fotografias e do que me tinham contado.

Os dois homens que viajavam a meu lado falavam do Congresso do Porto em que tinham tomado parte, e referiram-se depois largamente a Vizeu e ás obras de reconstrução em que um deles se empenhava.

O comboio parou numa estação alegre. Uma mulher apregoava figos.

E fomos comprar uns figos enormes, maduros, cheios de orvalho.

Na pressa da partida os nossos figos misturaram-se.

O almoço começou.

—V. Ex.ª é servido? São optimos os figos. E' de Vizeu? Vai para lá?

A conversa tinha principiado alegre e comunicativa. O meu companheiro era decididamente um belo companheiro.

—V. Ex.ª sabe-me dizer se o capitão Almeida Moreira está em Vizeu?

—Não, não está com certeza em Vizeu.

—E' lamentavel.

E contei a historia do meu empenho em querer sabel-o.

—O capitão Almeida Moreira viaja por acaso neste mesmo comboio a caminho de Vizeu, onde certamente o poderá encontrar.

—E podia V. Ex.ª indicar-m'o quando chegarmos á estação?

—Pois não, com muito prazer. Até neste momento. O capitão Almeida Moreira viaja neste compartimento e conversa com V. Ex.ª neste instante...

✤ ✤ ✤

No dia seguinte comecei a visita á obra do capitão Almeida Moreira: A Sé em reconstituição, o Museu Grão Vasco. Acompanhado por ele todo um dia passei—e pouco foi o tempo—na contemplação dessa enorme maravilha.

A Sé tinha sido atravez dos seculos coberta de remendos, imensos aleijões que a deformavam. Apendices, corredores, pedra e cal a cobrir a nudez primitiva.

O capitão Almeida Moreira, nascido em Vizeu, sentindo a beleza do seu torrão, dedicando o seu espirito de artista á ressurreição da historica cidade começou entre o clamor, as lutas e as dificuldades habituais, a empreender a sua obra.

E então verdadeiras maravilhas se foram descobrir dentro do templo hoje quasi totalmente restituido á sua primitiva beleza.

Mas á custa de quantas dificuldades!

Na primeira metade do seculo XIX tinham construido dum dos lados do templo uma dependencia a que chamavam o tesouro novo. Essa dependencia ia encobrir exactamente uma das paredes primitivas do templo datando do seculo XII. Pois a celeuma foi tal que até o Bispo de Viseu protestou!

De resto a obra do capitão Almeida Moreira é feita com uma consciencia digna de nota. Existem fotografias do templo antes e depois da reconstituição e todas as obras são feitas com a prévia concordancia do Conselho de Arte e Arqueologia.

Uma das reconstituições mais interessantes que se fizeram foi a do interior do templo que veio permitir a descoberta de dois tumulos e quatro portas ligando com o interior, um dos quais em estilo romanico-ogival.

O interior do templo estava até então revestido de azulejos até meia altura das paredes, e a parte restante de cal.

Começou a reconstituição pela tiragem da cal.

Foi nessa altura que, por sobre os azulejos se descobriram os vestigios das portas.

Retirados os azulejos, feitas as demolições necessarias, voltou o templo a possuir o seu primitivo caracter, tanto quanto possivel.

Esses azulejos colocados ali em 1722 foram agora colocados nos claustros.

Sendo como obra de arte inferiores teem no entanto um certo interesse historico. Pintados por Agostinho Dias de Coimbra representam scenas da vida de S. Teotonio, 2.º prior da Sé de Vizeu, padroeiro da cidade e fundador do Convento de Santa Cruz de Coimbra.

✤ ✤ ✤

O Director do Museu Grão Vasco acaba de publicar o catalogo do Museu. Melhor do que eu ele nos diz a importancia desse empreendimento.

Que ele sirva de exemplo para que todos façam o mesmo, porquanto constitue um factor importantissimo na divulgação do nosso tesouro artistico.

Hontem conversei dois minutos com o capitão Almeida Moreira, vindo a Lisboa para tratar da continuação da sua obra.

—O que lhe falta fazer ainda, capitão?

—Na Sé quero vêr se acabo a reconstituição das paredes internas um pouco deterioradas com a cal que lhe tiramos; substituir as janelas seculo XVIII pelas primitivas janelas de estilo romanico de que tenho felizmente indicações. E ficaremos por aqui.

Agora, quanto ao Museu, quero vêr se lhe dou um grande desenvolvimento alargando-o para uma parte do antigo edificio do Paço Episcopal, ocupado até agora pelo Liceu.

Poderei então fazer uma sala para os paramentos seculo XVII uma outra de Arte contemporanea de caracter regionalista.

Mas para tudo isto, que dificuldades, que lutas! Quantas coisas se estão perdendo que poderiam estar no Museu.

Ha um quadro de S. João de Tarouca na igreja do convento do mesmo nome, ainda não autenticado, mas pertencendo á escóla de Grão Vasco, quem sabe se ao proprio Mestre.

Este quadro que se não fôr tratado convenientemente está em riscos de se perder, continua no mesmo sitio sem ter conseguido ainda nem ao menos reparal-o.

Existem ainda outros casos identicos. Uma tristeza, meu amigo!

Conversou-se em seguida sobre a representação regional na proxima exposição do Brazil.

—A região, diz Almeida Moreira, pode e deve ter uma digna representação. As pequenas industrias caseiras, tecidos de lã e linho, bordados rendas, obras de verga e de vime, algumas obras de marceneiro e de ferragens não nos envergonharão.

A arte antiga da região tambem deve concorrer, quer por boas reproduções, quer levando lá alguns dos objectos que menos riscos corram com o transporte; é duma grande responsabilidade mas é tambem uma questão de cuidado.

E isto devia ser feito por todas as regiões.

✤ ✤ ✤

O capitão Almeida Moreira é alguem em Portugal. O seu esforço, a sua tenacidade, o seu amor pela terra em que nasceu, impõem a admiração e o respeito de todos nós. A sua ultima obra, o catalogo do Museu, é mais um empreendimento que se regista com orgulho.

Bem haja!

B. C.

SEGREDOS A TODA A GENTE

O rei e a dama

Sabe, minha amiga, que deitei hontem cartas por si. Você que acredita em tudo—não acredita nisso. Faz mal. As cartas são como as mulheres: falam sempre verdade—mesmo quando mentem. Depois está assim privada de saber, quando quizer—precisamente aquilo que eu sei a seu respeito. Sabe que as cartas—as mesmas cartas que me fazem perder todas as noites, ao jogo,—revelaram-me, hontem, tudo. Veja como os seus segredos misteriosos —podem depender de duas cartas de bridge. *Hontem estava frio. Não tive coragem de sair. Não tinha nada que fazer. Entretive-me toda a noite na minha sala de fumo a adivinhar tranquilamente o futuro de todas as mulheres minhas conhecidas. A primeira foi você. As duas primeiras cartas a seu respeito foram logo um rei de paus—e uma dama de espadas. Adivinhe o que quer dizer? Casamento proximo. Não negue. Para quê? As cartas sabem tudo. Você vai casar. Eu sei. E vai casar dentro de muito pouco tempo —quinze ou vinte dias. Não se ria.* Je sais tout. *Venho enviar-lhe, minha amiga, muitos parabens, e faço votos para que você senhora dama de espadas não proclame seu marido—rei de paus... Adeus. Quando quizer conhecer a sua vida, escreva-me. As cartas sabem tudo.*

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

Algumas informações de politica e de administração

As ordens já foram...

Publicou o «Diario de Lisboa»:

> Já tomou posse do cargo de adido militar, em Paris, que acumulará com o de adido em Londres, o sr. tenente coronel Ivens Ferraz, tendo recebido ordem de regressar a Lisboa, os tres adjuntos que estavam em França.

As ordens já se deram, mas «eles» ainda por lá andam. O que sabemos, a este respeito, é pouco, e resume-se, afinal, no seguinte: junto do governo mobilisam-se as mais poderosas influencias partidaristas para se conservar em Paris o tal adido militar, já oficialmente destituido e substituido.

Parece-nos, de resto, que pode vir a declarar-se a beligerancia entre o Portugal que está no Terreiro do Paço e o outro Portugal que se estadeia nos boulevards de Paris. Não ha ainda rompimento de relações diplomaticas entre os dois paizes, felizmente; mas nota-se, desde ha dias, um certo arrefecimento de relações, que pode vir a degenerar em hostilidade declarada.

Aproveitamos a ocasião para ampliar uma nossa informação de ha dias: não só o sr. Afonso Costa se esqueceu de cumprimentar telegraficamente o governo, como tambem nenhuma das altas personalidades que formam a sua «entourage» o fez. Exceptuamos, para evitar confusões, o sr. João Chagas, que enviou um despacho secamente amistoso e assinado oficialmente, com todos os «efes» e «erres»: Ministro de Portugal.

Atribuem-se todas estas aparentes «gaffes» á circunstancia de não sobrar tempo ao pessoal da Lusitania Parisiense, que todo ele é pouco para amparar o adido militar... «in articolo mortis rei publiçae.»

A parada militar

Está resolvido que a parada geral da Guarda Republicana de Lisboa se realise no dia 31 do corrente, desde as 15 horas. O sr. Presidente da Republica assistirá ao desfile na Avenida da Liberdade ou, se não fôr possivel armar o pavilhão indispensavel, da varanda principal do Teatro Almeida Garret.

Candidaturas outubristas e atitude do governo nas eleições

O outubrismo apresenta candidatos seus ás eleições do dia 8 de janeiro.

Os candidatos da facção moderada são os seguintes: Camilo d'Oliveira, Procopio de Freitas, Cortez dos Santos, Manoel Maria Coelho, Rosa Mateus, Serrão Machado e Sarmento Rodrigues.

As listas dos outubristas radicais não estão ainda completas. Informam-nos de que serão apresentados candidatos a deputados e senadores, em lista completa, pelos dois circulos eleitorais de Lisboa. Os nomes, já escolhidos, são os seguintes:

Mesquita de Carvalho, Orlando Marçal, Albino Vieira da Rocha, Camara Pestana, Ladislau Batalha, Antonio Bernardo, João de Freitas Ribeiro, Machado Toledo, Salustiano Correia, Almeida Vollez, Almeida Arez e João dos Santos Monteiro.

O governo não apresentará candidatos seus, mas não se desinteressa, em absoluto, do acto eleitoral. Tendo em atenção o equilibrio das forças republicanas em luta, dará, onde for preciso, o apoio oficial que mais convenha á organisação do Parlamento.

"Diario de Noticias"

Numero ilustrado do Natal

O nosso brilhante colega «Diario de Noticias» acaba de publicar, a exemplo do que tem feito nos demais anos, um numero ilustrado, brilhantemente colaborado por Julio Dantas, Guerra Junqueiro, Manuel de Sousa Pinto, Luiz de Magalhães.

Da parte artistica, temos a capa, verdadeiramente bela, assinada por João Vaz e desenhos de Antonio Carneiro, Roque Gameiro, Leitão de Barros e Acacio Lino.

Em separata um quadro de Carlos Reis e uma musica de Luiz Costa.

E' sem duvida um belo brinde para esta epoca.

Um diplomata antigo presidiario

PARIS, 25.—A policia prendeu um tal Emilio Leclerc adido ao pessoal do presidente da Venezuela, sr. Bustamante, em viagem pela Europa. O detido não é senão um antigo forçado evadido da Guyana e que conseguiu vir a ocupar um logar de destaque no meio oficial de Caracas.

UM LIVRO

DIAS DE FESTA

por D. Ana de Castro Osorio

A ilustre escritora que tão brilhantemente tem enriquecido a literatura portugueza contemporanea com muitas obras admiraveis de ternura, acaba de publicar um novo volume, Dias de festa *ilustrado pelo grande artista que é* Leal da Camara.

As Janeiras! As Janeiras!

Noite álgida, noite de alegria e vela, cantada pelas portas e pelas ruas na minha terra de pinheirais e castanheiros, defrontando, altiva, a Estrela escorrendo neve sob o luar gelado.

Lá muito no cimo do monte a Senhora do Castelo miraculando em leguas de redor, ergue-se, branca e risonha, esperando impassivel as ofertas que nas romarias buliçosas do verão perturbam o silencio em que escuta as queixas magoadas das moiras, que se escondem nas pedras truncadas do velho castelo, a chorar seus encantos mortos.

As Janeiras! As Janeiras!... Crianças e criados correm de roldão á porta e ás janelas para melhor ouvirem os descantes laudatorios que sobem em massa da rua, despertada em alvoroço.

As Janeiras! As Janeiras!... A esta hora lá muito longe na terra agreste onde meus olhos se abriram á luz, e da vida recebi as primeiras inolvidaveis impressões, as estrelas scintilam arrepiadas pelo frio cortante do ar que a nevada da Serra nos manda, numa facha de gaze iluminando o fundo, onde os ciprestes do quintal fronteiro, como pontos de exclamação, se erguem, esguios e discretos.

Da escuridão da noite sobem vozes em côro, cantando aqui e alem em grupos, as mesmas alusivas cantigas ha centenas de anos repetidas e ouvidas na mesma solicitação e na mesma acquiescencia benevola a comunhão da festa do ano nôvo:

> «Levante-se daí senhora,
> Do banquinho do cortiço,
> Venha-nos dar as Janeiras
> Ou de carne ou de chouriço...»

Porcos mortos, papas na taleiga, fartura de sequeiro, ainda cheirando ao sol do ultimo outôno, a despensa bem provida para aguentar as fomes da invernia, quem dirá que não ás pobres cigarras que vão cantando a alegria inconsciente da vida?...

Aos garotitos umas maçãsinhas, nozes, figos secos, algumas castanhas... tudo serve, tudo se junta para a divisão final.

Outro rancho se aproxima. Vozes já feitas, cantadeiras de estimação, que a viola segue e a guitarra acompanha nos seus trinados:

> «Viva o senhor Joãosinho,
> Cara de fino papel,
> Deitam-se as moças a ele
> Como as abelhas ao mel...»

As raparigas com os chales pela cabeça abafando o riso, para não serem reconhecidas; mas os homens, sem quererem saber de misterios, aceitam a pinga de vinho, que se não pode recusar, de tão boa vontade é oferecido.

E elas, já se deixa vêr tem de se descobrir; e o baile começa, improvisado num momento, em casa da senhora Candida, misto de operarios e de lavradores, entrando já na compreensão da vida moderna, desagregada e individualista, mas ainda presos ao passado pelos filamentos mais delicados das raizes do coração.

DE TODOS OS DIAS

"Le reveillon"

O velho natal, consoada bemdita ao canto da lareira, numa comunhão de almas em que se ouve a voz do sangue transmitindo aos netos a virtude dos avós, foi para alguns tristemente substituida pelo «reveillon» pelintra na sala dum hotel, numa promiscuidade de desconhecidos, o mesmo carnaval de elegancias de todos os dias, como se os homens tivessem medo de desmascarar-se na intimidade ingenua do serão e da familia, e o remorso de ver erguer-se como um espectro acusador, algum patriarcal avoengo, que amealhou honradamente em vida o patrimonio agora esbanjado na kermesse bizarra do «grand monde».

E dahi o «reveillon», que tudo mascara, que tudo confunde na farandola louca das danças, em que os corpos ensaiam atitudes de alcova, e as almas procuram no fundo das taças uma filosofia estranha; que justifique a sua razão de existir.

Velhos e novos, dadas as mãos em uma camaradagem complice cabriolam, gesticulam, casquinam, na ancia disfarçada de encher o tempo, de afogar bem intimamente farrapos de vida, que procuram ainda sobrenadar, acusando implacavelmente; e vão desvirtuar a data teimosa, que a saudade aviva, pondo travos na boca, que se abre em madrigais cubiçosos de satiros.

Então todas as mascaras se patinam, maquilando um fiosinho de civismo fim de raça, de molde a justificar o abandono do lar na noite santa, com uma razão inteligente e espirituosa.

Os «zingaros» de pacotilha arrancam dos violinos os acordes lubricos das canções do «boulevard», e mesmo uma bailarina adventicia arrisca sem pudor um bailado do «Mayol». E em volta as mães de cabelos pintados, cubiçam-lho os vestidos para as filhas casadoiras.

Nas hombreiras, o conselheiro Z. e o casquilho Y. monocolisam impertinentes, parceiros na vida e no leito da Lóla.

Ha no ambiente uma atmosfera perversa, «canaille», abelha de ouro zumbeando por entre tantas cabecinhas loucas.

Aquela alem foi ha dias ao seu primeiro baile, e agora o «reveillon» vem trazer-lhe a primeira desilusão. E' que o primo, o fatal primo de todas as garotas que foram ao seu primeiro baile, que a embalou naquela valsa como uma elegia de amor, esta a «enoiter-se» escandalosamente com a bailarina.

Pobre cabecita louca; como eu aqui ao canto do meu lume tenho pena do teu triste Natal!

E no entanto se tu tivesses nascido de uns lavradores da minha aldeia, lá na serrania com o vento a fanfar na telha vã, por esta nortada de Dezembro, o teu «reveillon» seria uma consoada, sem zingaros, sem «Champagne» e sem bailarinas, que roubassem o teu primeiro amor, antes servida na velha meza de alva toalha de li-

Factos e palavras

.... DO NÁTAL

Esta noite, quando bateu a meia-noite, pela chaminé enfarruscada o velho do Natal de longas barbas brancas e grande saco ás costas irá pôr, da parte do Menino Jesus, alguns brinquedos sobre os sapatos das creanças.

E' das mais lindas recordações de infancia que eu conheço.

Nascida na eterna hipocrisia humana e no conceito errado do premio para o bemfazer, ela conserva no entanto qualquer coisa de espiritual na aproximação da alma das creanças com a Aurora Divina.

No espirito infantil nasce nesse momento a certeza de que os seus pequeninos sorrisos encantadores teem um espelho no ceu e que alem das nuvens e do azul ha um outro sorriso infantil perenemente bom, que, por não poder brincar com eles—tão longe está!—lhes manda o motivo duma grande alegria.

—São os brinquedos que me deu o Menino Jesus...

Que deliciosa ingenuidade envolve esta frase corrente na boca das creanças!

Que delicioso mundo de ilusões que ela revela, essas ilusões teem fatalmente de cair ou cedo ou tarde!

Que os pais se não esqueçam de que da noite o menino Jesus manda brinquedos...

Que se não esqueçam de os pôr nos sapatinhos...

Que se não esqueçam de contar a historia desta noite...

Amanhã despertarão de madrugada ainda, para vêr, para vêr o que deu o menino Jesus.

Pobres daqueles que não acordam..

Pobres daqueles que acordando encontram vasio o sapatinho, e daqueles, coitados, que nem ao menos teem um sapatinho pobre...

24-XII-921.

BOTTO DE CARVALHO

❖ ❖ ❖

Já não ha ponto algum do globo onde a Moda não meta o nariz, estabelecendo o seu capricho e fazendo-o vencer! Até nas coisas mais insignificantes ela se imiscue, a intrometida! Até os antigos habitos, as coisas mais insignificantes ela condena! Imaginem que até os «abat-jours» vão deixar de ser o que têm sido desde o seu aparecimento! Os «abat-jours», segundo a determinação da Moda, terão a fórma, de hoje para o futuro, dos varios animais que vivem no ar, na terra ou no fundo das aguas. Os corpos dos peixes, dos passaros, dos gatos e dos cães, é que vão ocultar as lampadas electricas com o seu tecido de sêda transparente. E, assim, a Moda dita vai fazer aparecer os «abat-jours» mais singulares e mais burlescos, em uma palavra. E' só esperar um pouco para ter pela frente, e custando, estáse a vêr, os olhos da cara, o novo artigo imposto pela Moda, animais prehistoricos e animais caseiros vomitando pela boca e pelos olhos jorros de luz maquiavelicos.

❖ ❖ ❖

A Portugalia tem uma das montras cheias de livros enfeitados a penas de pavão. Produz um efeito curioso...

❖ ❖ ❖

A nota do dia de hontem deu-a a petisada granando pelas ruas com as mãos cheias de brinquedos, e a boca lambusada de bolos.

As confeitarias não ficaram com um unico bolo.

Nem só a Santa Casa da Misericordia tem loteria no Natal. Ha muita gente que não compra cautelas e que se apanha com a sorte grande.

❖ ❖ ❖

Recebemos e agradecemos o numero unico «O Tempo», publicado em comemoração do Natal.

...nho, por entre bençãos, na paz de Deus Nosso Senhor.

A tua beleza de infanta seria falada leguas ao redór, na boca rúde dos cavadores, que se descubriam para pronunciar-lo o nome.

E o teu noivo de jaqueta garrida capaz de desafiar Deus para merecer-te, córaria, quando sorrisses assim menina e môça.

Natal das cidades, onde as almas se corrompem, triste data desapercebida, mascarada continua, que não poupa os homens, nem as coisas, abastardando tudo, com a mania chinfrim de pincelar com o zarcão do «boulevard» a face mirrada da nossa vida mórna e comedida.

ORNELAS PEDREIRA

Frei Satanaz

A discussão feita em volta da peça do Sousa Costa, «Frei Satanaz», agora em scena no «Nacional», levou hontem a este teatro, terceira representação uma concorrencia enorme, por certo na intenção de cotejar o valor da peça e do seu desempenho com a atitude da critica, tão desigual, acerca desse trabalho. O publico poz-se por completo ao lado de Sousa Costa, chamando-o á scena, calorosamente no final do 2.º acto. O sr. dr. Sousa Costa, que não compareceu á chamada, foi forçado a fazel-o no ultimo acto da sua peça, sendo estrondosamente ovacionado.

A lotação da casa esgotou-se.

A PROVINCIA "NA CAPITAL"

SERNACHE DO BOMJARDIM, 21. —Pelas 2 horas da madrugada de hoje foi esta povoação despertada pelo toque a rebate do sino da igreja matriz.

Tinha-se declarado um violento incendio no Café Internacional, sito num pavilhão exterior do Mercado Betencourt que em poucas horas redusiu tudo a cinsas, apezar dos esforços empregados por toda a população para debelar o incendio.

O predio que é propriedade do Club Bomjardim não estava no seguro, estando o Café que é propriedade do comerciante Antonio Martins dos Santos seguro em algumas companhias.

Parece tratar-se de um crime porque foi encontrada uma porta aberta e o mobiliario em grande desordem, faltando tambem uma caixa de ferro contendo dinheiro que não foi encontrado nos escombros.

Crê-se que o mobil do crime foi o roubo.

GREMIO TOLERANCIA

O coronel
Eduardo Augusto de Sá
F. LECEU

São convidados todos os obr.'. desta R.'. of.'. e todos os maç.'. a acompanhar o funeral do seu prestimoso obr.'. efectivo e Ven.'. Hon.'. o coronel Eduardo Augusto de Sá, que se realisa amanhã 27 pelas 12 horas da rua Correia Teles, 21, 2.º, para o cemiterio dos Prazeres sendo o acompanhamento a pé.

GREMIO LIBERDADE

Tendo falecido o ex.mo coronel Eduardo Augusto de Sá, ilustre presidente honorario deste Gremio, cumpro o doloroso dever de convidar os ex.mos socios a incorporarem-se no seu funeral, que se realisa ás 12 horas de amanhã 27, saindo da rua Correia Teles, 21, 2.º, dt. para o cemiterio Ocidental. O acompanhamento é a pé.

O presidente

(a) *José Bernardo Ferreira*

PELO TELEGRAFO

Noticias de toda a parte

Desinteligencias do ministerio espanhol

MADRID, 26.—Ha grandes desinteligencias no ministerio por causa do projecto de lei das recompensas a exercito. O ministro da guerra La Cierva, como o parlamento não chegou a pronunciar-se sobre esse projecto, quer fazel-o promulgar por simples decreto do poder executivo. A isso se opõem terminantemente os ministros liberais e o sr. Cambó os quais só desistirão se triunfar em conselho de ministros o criterio do ministro da guerra. Por seu lado este declarou que se não demitirá por coisa alguma, pois julga-se chamado a cumprir uma missão patriotica. —(Lat. Am.)

A Irlanda victoriosa

A incerteza do acordo

LONDRES, 26.—Um navio transporte que chegou a Queenstown, na Irlanda, na quarta feira da semana passada, a fim de receber a bordo forças inglesas que retiravam da Irlanda, conduzindo-as para Bilford Haven, partiu daquele porto no sabado, vasio, devido á incerteza do acordo anglo-irlandez ser ratificado. —(R.)

Uma proposta De Valera

DUBLIN, 24.—O sr. De Valera apresentou um documento na sessão secreta do parlamento do Sinn-Fein, confiando que provocaria a rejeição unanime do tratado de paz com a Inglaterra, mas como assim não aconteceu, De Valera, na sessão publica que se seguiu, opoz-se terminantemente a que o seu antagonista, sr. Griffith produzisse em publico esse documento.—(Lat. Am.)

A conferencia do desarmamento

A redução da tonelagem dos submarinos

WASHINGTON, 26.—A proposta americana para a redução da tonelagem dos submarinos foi apresentada á comissão naval.

Por essa proposta seriam atribuidas aos Estados Unidos e á Grã-Bretanha 60.000 toneladas, e ao Japão á França e á Italia a tonelagem dos submarinos que estas nações respectivamente possuem.

Segundo a declaração do sr. Hughes á actual tonelagem dos submarinos das grandes potencias é a seguinte: — Estados Unidos 95.000 — Grã Bretanha 82.454 — França 42.850 — Japão 31.400 — Italia 20.288.

A tonelagem agora proposta pelo sr. Hughes para as diversas potencias representa uma redução, sobre a proposta originalmente apresentada, de 30.000 toneladas para os Estados Unidos e para a Grã-Bretanha, e de 33.000 toneladas para o Japão.—(R.)

A França desiste do seu pedido

WASHINGTON, 26—A França desistiu do seu pedido de tonelagem de navios capitais igual á do Japão e aceitou a percentagem fixada pela proposta Huges. As percentagens das forças navais, segundo a proposta, são as seguintes: Estados Unidos, 5; Inglaterra, 5; Japão 3; França 1,70; Italia 1,70. Os tres primeiros aceitaram e a França tinha reclamado a percentagem de 3, igual á do Japão e a construção de 10 navios capitaes com 300.000 toneladas. A Italia aceitou a proposta original de 1,70.—(Lat-Am.)

Palavras de Balfour

WASHINGTON, 25.—O sr. Balfour declarou que se a conferencia não concordasse com a eliminação dos submarinos, a Inglaterra tinha «ideias fixas» sobre os radios de tonelagem e limite dos tamanhos, para serem discutidas pela comissão dos quinze.—(Lat-Am.)

Os soviets

Um discurso de Lenine

LONDRES, 26.—Lenine no discursar na nova conferencia dos soviets sobre a situação interna e internacional da republica dos soviets, atacou os comunistas e os trabalhistas por ainda julgarem ser possivel resolver os problemas economicos pela guerra civil e pelo exclusivismo comunista.

Referindo-se aos famintos russos declarou que o governo dos Estados Unidos tinha feito uma importante oferta de cereais sob a condição da Russia lhe comprar tambem com o destino de socorrer os famintos, cereais no valor de dez milhões de dollars. O governo dos soviets autorisou o sr. Arcestino a aceitar essa condição.

Lenine declarou ainda que o governo dos soviets pedirá ao Congresso para reduzir os poderes draconicos das comissões extraordinarias para a supressão da contra-revolução os quais não são por mais tempo compativeis com a nova politica economica.—(R.)

Recenseamento eleitoral

Pelas Administrações dos quatro bairros de Lisboa, foram afixados editais anunciando a revisão do recenseamento politico para 1922.

Todos os cidadãos com capacidade recenseavel podem requerer a sua inscrição no recenseamento desde 1 Janeiro a 28 de Fevereiro, dando-se esclarecimentos para esse efeito nas referidas Administrações, Juntas de Freguezia e Comissões politicas.

Tambem as repartições publicas são obrigadas a enviar aos secretarios recenseadores, dentro daquele prazo, uma relação do pessoal, e [illegible] as [illegible] constantes dos referidos editais.

MUSICA

S. CARLOS.—Os concertos de Vittorio Gui

Terminou a série de seis concertos que o maestro Vittorio Gui dirigiu no teatro de S. Carlos. Foram seis noites de apoteose em que se executaram trez programas. Fizeram-se primeiras audições, executaram-se obras consagradas que foram coroadas de grande exito, dada a sua interpretação e execução.

Como nota de destaque executaram-se ainda trez originais portuguezes. Este facto foi sensivelmente bom acolhido pelo publico e pela critica.

Vittorio Gui, é merecedor de todos os elogios por o ter feito.

Ha ainda a acrescentar a tudo isto o facto de nos dois ultimos concertos o grande pianista Vianna da Mota ter dado a sua colaboração, executando, acompanhado pela orquestra, o 5.º concerto de Beethoven.

Por tudo isto os concertos dirigidos por Vittorio Gui representaram um grande acontecimento musical entre nós. Oxalá ele se repita ainda durante os espectaculos de opera brevemente inaugurados e que prometem ser brilhantes dados os elementos de que dispõe.

S. LUIS.—Orquestra Sinfonica Portugueza

O concerto de ontem no teatro S. Luis, dirigido pelo maestro Blanch, tinha no seu programa uma parte interessante. A 1.ª audição em Portugal da sinfonia em mi menor de Rachmaninoff.

Duma grande beleza estrutural e duma grande riqueza de efeitos, foi a nota da tarde. A orquestra sensivelmente melhorada executou-a com brilho.

A terceira parte em que se executou o cortejo funebre do Crepusculo dos Deuses e a Cavalgada das Walkirias deu-nos a impressão de que estavam todos (musicos e publico) com bastante desejo de ir passar o Natal com a familia.

A interpretação das Walkirias não foi das mais felizes.

Continuamos lamentando que a Orquestra Sinfonica Portugueza não execute originais portuguezes, tal como o estão fazendo as outras orquestras existentes. E' um empreendimento indispensavel o que o publico recebe sempre com carinho.

B. C.

Uma mediação entre a Grecia e a Turquia

PARIS, 25.—As grandes potencias aliadas e, especialmente, a Inglaterra e a França, proseguem nas negociações tendentes a chegar-se a um entendimento para o restabelecimento da paz no Oriente.

Parece que em janeiro se reunirá uma conferencia em Paris, destinada á revisão do tratado de Angora, acabando a paz por ser imposta aos governos de Athenas e Angora e redigindo-se um estatuto especial para o governo da Asia Menor.

Desastres no trabalho

Amanhã, pelas 20 horas, realisa o Professor Ladislau Batalha na União Escolar Estrangeirense, a Alcantara, a sua anunciada conferencia.

Sobre o mesmo tema, realisará outra na proxima quarta-feira na Associação de Classe dos Vendedores de Leite, na Rua do Bemformoso, 150, onde fará a distancia entre a assistencia temporal e a caridade espiritual, apostolisando a necessidade inadiavel de desenvolver e dar a maior amplitude ao Seguro Social Obrigatorio nos Desastres, já em execução.

A entrada é publica.

Legação de França

O sr. ministro da França e M.me Bonin depois de terem assistido á missa da meia-noite na igreja de S. Luiz de França convidaram para um «reveillon» o pessoal da legação, consulado e algumas pessoas da amisade.

ULTIMA HORA

Questões do dia

Os partidos são impenitentes e continuam a fazer a obra da dissolução nacional

Quando o sr. Cunha Leal aceitou, após as maiores insistencias a missão de organisar governo, os directorios dos partidos da conjunção, postos de cócoras diante do seu para-quedas inesperado, prometeram-lhe quanto ele quiz, que, aliás, pouco foi. Horas depois de constituido o gabinete Cunha Leal, já os directorios encontravam habilitadosos sofismas, para se equilibrarem entre as promessas feitas ao chefe do governo e as indisciplinadas hostes de Coimbra. A plataforma que estabeleceram com o sr. Cunha Leal foi esta, pura e simplesmente: o Parlamento seria disolvido, sem reunião do Congresso, e as eleições far-se-iam em 8 de janeiro. Mas como aos partidaristas provincianos não agradaria, talvez, tal solução, logo os directorios, escudados nas lições de Loyola, passaram a dizer que a plataforma obedecia a esta formula: o Parlamento seria dissolvido, «com ou sem a reunião do Congresso»; as eleições far-se-iam em 8 de janeiro. Acrescentaram, por conta, propria, as palavrinhas «com ou sem reunião», afim de ficarem com a porta aberta para a jogatina politica de Coimbra e apresentarem-se aos partidaristas descontentes como victimas duma precipitação governamental. Vê-se que são sempre os mesmos, apezar das lições dos ultimos tempos entre os quais avultam a Traulitania e o outubrismo.

Não deixa de ter um certo interesse recordar, neste momento, alguns episodios da vida republicana, quasi que irremediavelmente desastrosos para a Nação e, pelo menos, prejudiciaes á Republica,—e a ponto tal que a tem colocado ás portas da morte. Se não fosse a fé civica do povo, os directorios dos partidos já ha muito tempo teriam enterrado a Republica, ou sepultada na vala comum que lhe chegou a abrir a Traulitania ou afogada no mar de sangue dos massacres da «Leva da morte» e da «Noite tragica». E' evidente que os directorios não teem responsabilidades directas, de qualquer ordem, nestes tragicos acontecimentos. Mas a politica atrabiliaria, mesquinha e personalista, que sempre fizeram e continuam a fazer, leva invariavelmente ás explosões do rancor popular, cada vez mais farto de aturar e ser vitima dos processos inclassificaveis dos directorios partidaristas.

Ha quem diga que os partidos da Republica se constituiram antes de tempo e que sofrem ainda, como sempre sofreram, desse vicio original. Que eles se constituissem na hora propria ou não, importa pouco; o que porem, não oferece sombra de duvida, é que muitos republicanos se agruparam em torno de trez vultos eminentes da propaganda, fazendo-o, não por atenção de ideias ou principios, mas simplesmente por afeições pessoais ou interesses momentaneos, tambem de ordem pessoal.

E o velho Partido Republicano Portuguez, cuja unidade de ação deu o Poder ao Governo Provisorio da Republica, depressa se encontrou dividido em tres facções, que se degladiaram a ponto de não ser poupado nem mesmo a honra pessoal dos mais eminentes personalidades republicanas. O espectaculo de tais lutas, onde os batalhadores não guardavam impudorosamente o respeito de si proprios alienou a Nação dos partidos, que hoje não passam de agrupamentos de homens desavindos, até mesmo no seio do proprio partido a que pertencem.

A ação perniciosa das suas desavenças fez-se até sentir, muito lamentavelmente, na questão nacional da guerra. A intervenção militar portugueza, que poderia e deveria ter sido um dos grandes alicerces onde se edificasse um Portugal Novo, foi perturbada pelas desavenças dos partidaristas, que não hesitaram em lançar tropas na fogueira revolucionaria, distraindo-as da afronta, onde se jogavam, nesse instante supremo, os destinos da nacionalidade. E foi assim que surgiu o dezembrismo, funebre hiato na vida republicana da Nação.

A politica dos directorios partidaristas fez triunfar o revolucionario Sidonio Paes, tão farta estava a Nação de sofrer o nervorismo e a epilepsia dos governantes e seus acolitos.

Não foi a força material que Sidonio Paes arrastou á revolução que lhe deu o triunfo; foi, antes, a espectativa benevola dos republicanos, saturados, até ao ponto maximo, das espertesas (para não escrevermos das inepcias) dos dirigentes partidaristas da epoca, deu ganho de causa ao audacioso aventureiro.

A lição dezembrista devia ter sido aproveitada pelos directorios. Depressa, porem, foi esquecida. Não lhes serviu de nada! O povo republicano salvou as instituições, a quando de Monsanto. E os partidos, refeitos do susto, logo trataram de se instalar nas poltronas do Poder, distribuindo, ás mãos cheias e impuras, os benesses nos e os favores,—mas só para aqueles que punham preço venal, á incondicional adesão partidarista.

Com tal sistema admira acaso que dentro da Republica tenha proliferado a corrupção? Não, evidentemente. O caso, profundamente criminoso, dos Transportes Maritimos do Estado, e um exemplo eloquentissimo da delapidação dos dinheiros publicos, levada a cabo graças ao regimen do favoritismo que os partidaristas herdaram do velho regimen da monarquia constitucional morre que e aperfeiçoaram, a perder de vista, nesta Republica que lhes recorre ás mãos.

A lição outubrista é de ha dois dias Possuidos dum terror panico, os directorios dos partidos desapareceram instantaneamente. Houve partidaristas que só pararam em Paris, outros passaram-se para a Alemanha, mais assustadiços e prudentes.

Encontrada, porém, a solução Cunha Leal, os directorios partidaristas logo deram sinal de vida, bamboleando numa intriga infindavel, verdadeiramente criminosa, avidos de governadores civis e de administradores de concelho, que lhes escolhem, a seu geito e em seu proveito, o pitéu do carneiro com batatas eleitoral. E se amanhã, por desgraça, vier á supuração outro tumor revolucionario, os directorios partidaristas somem-se pelo alçapão adrede preparado, tal qual acontece com os diabos dos magicas de grande espectaculo.

Nem ao menos teem o instinto da propria conservação. Porque a vida politica dos partidos depende agora irrevogavelmente, da manutenção da ordem e da efectivação do acto eleitoral marcado para 8 de janeiro.

59—Folhetim de «A CAPITAL»—26 de Dezembro de 1921

ROCHA MARTINS

Spartacus

Romance das lutas proletarias em Roma

IX

No mesmo tom, deliciado, sem poder conter-se, o secretario continuava:

«Tenho-me lembrado muito de ti no canto da Lucania onde, sob a benção dos deuses, escrevo o meu poema, emquanto o sol dá o seu giro, as rosas desabrocham e ouço a voz de Emeroncia no seu cantico divino».

Crassus fizera um gesto raivoso logo transformado sob o olhar de Aurelio; o servo satisfeito com a tradução, quasi a cantava:

«E se ao pensamento me chegas, ó dives! no sopro da inspiração, é porque tu és rico e eu canto a miseria e se te evoco, ao escutar a tua escrava fugitiva, é, porque, amando-te como te amo, me consolo em que não sejam magoados teus ouvidos pelo que ela tão divinamente entôa. Agora só canta revoltas e se a teu lado estivesse molestaria os teus ouvidos afectos á harmonia do louvor. Por isso estimo que viva longe de ti—porque te quero de alma, ó Crassus!—a mulher de voz de oiro e mãos sagradas. Vi ha dias, tambem, numa sala devastada um morto, em cuja boca borbulhava espuma de sangue e espreitavam moedas de ouro, dessas que tanto mal fazem ao mundo, e de novo me chegaste á mente, oh! Marcos! com Opalia, a advinha, que leu nas entranhas palpitantes dum pavão o teu destino».

—Oh! é demais! gritou o senador Flavio com o aplauso dos outros mas Remigio, fascinado exclamava: Parece que os aterra a fantasia dum grego! E' sina dos romanos terem medo de sons... Já os soldados de Sylla fugiram no templo de Delphos julgando ouvir tocar a lyra de Apolo.

O alvejado quiz mostrar-se forte, gargalhou e o leitor, dando toda a expressão ás palavras, procurando-lhes o ritmo, proseguiu:

«Morrerás comendo o manjar de que mais gostas que não é a raia de Tartesaia, nem os estorgões de Rhodes, nem as tamaras do Egito mas sim o ouro que adoras acima da familia, da patria dos deuses! E porque muito te tenho no meu afecto—oh! dives! escuta o conselho, a boa e sã palavra amiga, de quem mordeu o teu pão num molho de lagrimas: foge do ouro, odeia o seu brilho, teme o seu tinido; toma uma mão cheia de farinha na dobra da tua toga, uma amfora de simples barro com a agua pura, um alfabeto grego e vai—oh! adorado amo!—para a solidão dos campos, mingua te, apouca-te, e viverás—oh! hoje rico dos ricos, e talvez que, coroado de violetas silvestres, emfim, aprendas o idioma dos deuses.»

—Bebado! regougou ele—Insinuas que não sei grego! E tu, onagro, para que o lêste?!

Agarrou, furiosamente, num jarro pesado de oiro, cheio de precioso Chypre, e atirou-o á cabeça do secretario que caiu, com um berro, banhado no licor e em sangue.

O milionario, sufocado, de faces apopleticas, ordenou:

—Tragam-me outro «homero» que saiba lêr melhor!

Uma forte risada subiu; ele, sacudindo o corpo e resfolegando, seguiu, sem vêr, o vôo de duas pombas, por sobre as roseiras, os faunos, os brancos plintros e as rampas ametistadas, vestidas de violetas.

X

Crixos, ao ouvir o echo do grito guerreiro que soara no acampamento, denunciando os romanos, largou Lavinio, fixou Spartacus e, tomando-lhe o braço, afastou-se a seu lado.

Deviam ser as avançadas das cohortes consulares que surgiam na alpendurada do monte sob a violacea luz dos relampagos; nem uma aguia asinalava no ar a força que avançava; alguns manipulos com os «funditaris» os fundibularios, os sagitarios e mais peonagem, e que, decerto, observavam a crasta. O gaulez, num fim reservado, falava agora, ao chefe, da proposta feita para seguir outro ramo. Iria á Sicilia e ficaria sendo um aliado; naquele momento, mesmo compersuação, não conseguiria levar ao combate os seus soldados avidos de sangue e fartos de glorias.

Podiam vencer Lentulus e Gelios —acrescentava com um ar de duvida —mas, se os deuses quizessem, tambem seria possivel a derrota. A estatua de Marte, fulminada pelo raio, era um aviso; jamais se tinham batido com tão mau tempo, e então ele, Crixos, propunha-lhe que se separassem, ficando cada um com a sua gente, munições e animais de tiro, os objectos das tomadias e os viveres. Entregava-lhes toda essa gloriola dos trofeus a aguia de prata conquistada a Publuis, as insignias das divisões, dos chefes e do pretor, mas como ele desejava resgatar Castos, que lhe pertencia por um pacto, levaria os prisioneiros.

—Já sabes que não temos os mesmos fins nem podemos combater juntos. E' melhor assim...

Eu sigo o caminho que os meus querem, tu agarra-te ao sonho até que caias na pratica!... Por Hercules! que não seja grande a queda!

Ouvira-o, cheio de serenidade, acedora desde logo, brandamente, com pena desse companheiro valoroso, embora irrequieto; concedia-lhe o que pedia e acrescentava que nunca pudera conter Castos, bravo mas atrabiliario. Para o salvar lhe dava os captivos e, se um dia a má sorte o perseguisse e, em sua consciencia, pudesse valer lhe teria sempre os seus braços de gladiador para o amparar num abraço.

—Oh! Por Jupiter! Jurei... Só te apareceria com a cabeça coberta de vasa!

Ao cabo de um instante as legiões do gaulez começavam a mover-se; quinze mil homens avançavam, sonoramente, para fóra dos muros: ruidosos nos seus passos, quasi chasqueantes nos seus olhares, viam-se já menos disciplinados, formando bandos, tendo, por sua conta as cidades, como, segundo lhes narravam, os piratas possuiam o mar.

Os carrinhos ligeiros da batalha partiam escoltados pelos soldados, as «carrucas» touradas, os vehiculos de todas as especies, rolavam, guinchando, sob a grita dos conductores, os oficiais aprumados obrigavam os seus homens á marcha da ordenança mas notavam-se rumores nas fileiras e até se soltavam risos quando a manada das vacas malhadas, passou sob o aguilhão dos auxiliares.

Levavam tudo quanto havia de do melhor; começava a pilhagem. Seguiam os prisioneiros, espicaçados famintos, cobertos de lama, os cabellos empastados de suor e que corriam tanto como o gado, sob os impropérios. O seu carcere negro e fetido esvasiava-se. O exercito desfilava no mesmo barulho quasi alegre, e os que ficavam imaginando que iam emprender o ataque ainda o saudavam. Só a cavalaria reunida, negra sobre os seus pesados corseis se conservava serena, os outros «equites» estranhavam que os não mandassem marchar e queriam saber os motivos; interrogavam-se, muito suspeitosos, depois que os do Crixos não tinham saudado o chefe com o entusiasmo egual ao seu, antes alardearam a defecção.

Chegavam oficiais de Spartacus a dar ordens para a defeza, a mandarem tomar as posições, no seu desejo de atrahir o inimigo, batê-lo a distancia daquele sitio, depois de aniquilar todo o acampamento onde se installavam ainda.

A ideia do chefe era galgar para as bandas da Sicilia, entrar em Regium, para o que já tinha conducções, aguardar os romanos e decidir do caminho a seguir, depois de aferrar, com a divisão de Eudocio, a primeira batalha aos legionarios comandados pelos consules.

Deste modo falava o general á numida que o ouvia atentamente.

(Continua.)

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS

LISBOA-PORTO

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

— BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL —

LISBOA — R. do Ouo, 18 a 24 — Rua do Comercio, 136 a 140

PORTO — 28, Paça da Liberdade, 29

Mario Duarte
Cirurgia da boca e dentes
P. RESTAURADORES, 13
Telef. 514 C.

Agua de CALDELLAS

BANDEIRA DE MELLO, L.DA

Rua Augusta, 75, 1.º e 2.º

Banco Nacional Ultramarino

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Séde em Lisboa R. do Comercio—Agencia em Lisboa-C. Sodré

Capital Social Esc. 48.000.000$00
Capital Realisado Esc. 24.000.000$00
Reservas Esc. 26.000.000$00

FILIAIS NO CONTINENTE—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Mirandela, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Povoa de Varzim, Regoa, Santarem, Silves, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real e Vizeu.
FILIAIS NAS ILHAS—Funchal, Ponta Delgada, e Angra do Heroismo.
FILIAIS NO ESTRANGEIRO—Paris Rue de Helder, 8, Londres 27 B-Throgmorton Street, New York 23 Liberty Street.
FILIAIS NAS COLONIAS—S. Vicente e S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, S. Tomé, Principe, Cabinda Kinshassa (Congo Belga), Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguel , Belmonte (Bihé), Mossamedes, Lubango, Lourenço Marques, Inhambane, Beira, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique, Ibo, Mormugão, Nova Gôa, Bombaim (India Ingleza), Macau e Dilly.
FILIAIS NO BRAZIL—Rio de Janeiro, Campos, S. Paulo, Santos, Bahia, Pernambuco, Parahiba, Pará e Manaus.

Recomendam se ás Filiais deste Banco no Brazil para os saques sobre qualquer localidade de Portugal, Correspondentes nas principais localidades do Continente e Ilhas Adjacentes e em todas as cidades do mundo, operações bancarias de todos os generos, compra e venda de saques, notas e moedas estrangeiras, coupons, operações de Bolsa, cartas de credito directas ou circulares sobre as colonias e todos os paizes do mundo.

Banco Colonial Português

Séde:—Rua Aurea, 175 a 191

LISBOA

Sucursais:

PORTO — Casa Pinto & Sotto Mayor
RIO DE JANEIRO — Banco Português e Brasileiro

TELEGR. — **Procolonia**

CAPITAL AUTORIZADO: Escudos 100.000:000$
CAPITAL EMITIDO: Escudos 10.000:000$

SUCURSAIS NA AFRICA OCIDENTAL e ORIENTAL PORTUGUESA

Correspondentes em todas as localidades do continente, ilhas e em todas as praças estrangeiras

Efectua todas as operações bancarias: descontos, transferencias, depositos á ordem e a prazo em moeda nacional e estrangeira, contas correntes, compra e venda de cambiais e de moedas e notas estrangeiras, pagamento por ordem telegrafica e por correspondencia, cartas de credito, ordens de bolsa no País e no estrangeiro, compra e cobrança de coupons, emprestimos caucionados, transacções sobre mercadorias, etc.

Sociedade Industrial de Adubos, Pêlos e Grudes, Limitada

Séde em Lisboa—Rua da Prata, 59, 2.º

Endereço telegrafico: JOSELIA

TELEFONES: Séde — Central, n.º 2293
Fabricas — Paio Pires nº 16
Armazens — Poço do Bispo, nº 25

FILIAIS: No Porto, Rua de Santa Catarina, n.º 108, 2.º
Em Pampilhosa do Botão, Estrada da Mealhada

FABRICAS: No Seixal, "Moinho do Breyner,,

DEPOSITOS: Lisboa, Poço do Bispo, Porto, Rio Tinto, Ruas, Pampilhosa do Botão e Leiria

AGENCIAS: Em varios pontos do paiz

Fabricação especial de adubos compostos de todas as qualidades e para todas as culturas

Superfosfatos, sulfato de amonio, nitrato de sodio, fosfato Tomaz, sais potassicos, guanos e farinhas de peixe

Productora e fornecedora das melhores purgueiras do mercado

Sulfatos de cobre e de ferro e enxofres

Consultas e informações gratuitas sobre todos os assuntos agricolas.

No proprio interesse dos srs. lavradores aconselhamo-los a não fecharem as suas compras sem primeiro nos consultarem.

EXCELENTES RESULTADOS

Anibal Neves, Limit.

Rua da Prata, 242 a 248 — Rua de Santa Justa, 26 a 32

Telef. 3040 C. — **LISBOA** — Teleg.: *Vapor*

SECÇÃO TECNICA

Fornecimentos de maquinas e ferramentas para todas as industrias
Instalações de fabricas e centraes de força

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS de:

Maschinenfabrik Badenia Weinheim (Alemanha)
Locomoveis e semi-fixas de todas as potencias

Saechsische Turbinenbau Und Maschinenfabrik, Meissen (Alemanha)
Turbinas, instalações de ceramica, etc.

Usines Bedouwé S. A. Liége (Belgica)
Bombas e compressores

Storebro Aktiebolag. Storebro (Suecia)
Maquinas-ferramentas

Budal & C.º Dresden (Alemanha)
Aparelhos de elevação e transporte

Franz Sieper Remscheid (Alemanha)
Ferramentas para industrias e oficios

Berna Lorries, Limited Olten (Suissa)
Camions, tractores de estrada e agricolas, carros de reboque

Edoardo Bianchi S. A. Milão (Italia)
Automoveis, motos e bicicletes

POÇOS ARTESIANOS
Aberlura de poços, trabalhos de irrigação

OFICINAS
de reparação de automoveis, construções mecanicas e metalicas, soldadura autogenea

SECÇÃO DE IMPORT E EXPORT
Materias primas, materiaes de construção, tintas, vernizes, productos quimicos

SECÇÃO CORKY
Pavimentos sem fendas de superior qualidade. Isolamentos para instalações de vapor e frigorificas

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

Já não ha que destruir. Está tudo por terra: homens e cousas. A realeza impopular, os governos amaldiçoados, as virtudes e os talentos desmascarados, as ficções desmentidas. Neste país em que ainda se combate, já não ha que combater. O alvanejo vai, d'alvião em punho, de norte a sul, e o que se vê são destroços; um montão de escombros — entulho e vasa.

João Chagas

N.º 3963-12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Terça-feira 27 de Dezembro de 1921

Telefone n.º 2233 — Endereço Tel. CAPITAL — Oficina de impressão — Rua da Bica, 71

Preço 10 centavos

Ainda a parada

Não se realisou no dia de Natal a anunciada parada da Guarda Republicana. Afirma-se agora que se realisará no dia 31, como que para marcar o fecho deste desgraçado ano. Nem no dia de Natal nem no dia 31 se nos afigura oportuna uma tal exibição.

E' natural que nenhum dos nossos leitores deixasse de tomar conhecimento do importantissimo discurso que o sr. Cunha Leal hontem pronunciou na sessão de homenagem á memoria de Machado Santos e Carlos da Maia. Nesse discurso fizeram-se afirmações graves. Quem o ouviu proferir, quem leu o relato que dele fizeram os jornais, certamente viu desenhar-se um espectaculo tragico, repleto de ameaças para a Republica e para a Nação.

O sr. Cunha Leal referiu em que circunstancias tomara conta do governo. Dum lado, outubristas reclamando que se não fizesse mais investigações sobre os crimes da noite tragica, e ameaçando assumirem uma nova atitude revolucionaria, do que poderia resultar a subversão da nacionalidade. Do outro, os elementos partidarios, procurando, com o apoio das guarnições do norte e centro do país, reunir o Congresso dissolvido, e marcharem depois sobre a capital, a fim de decidir pelas armas o conflito latente.

A perspectiva deste choque fratricida não podia deixar de gelar o sangue nas veias dos mais dedicados patriotas.

Mas em tudo isto havia uma vitima que seria a mais martirisada. Essa victima seria a cidade de Lisboa. Entregue a todos os horrores das lutas das facções, a experiencia tremenda da noite tragica habilitava a supor o que seria esse periodo sinistro, no qual, emquanto se não decidisse a guerra civil iniciada, bandos ferozes a percorreriam, exercendo vinganças do genero daquelas que fizeram cahir, sem vida Antonio Granjo, Machado Santos e os seus companheiros de infortunio. Metida entre as balas, com nenhuma especie de segurança individual, reproduzir-se-hia em Lisboa o quadro sempre tragicamente lembrado da Saint Barthélemy. Foi isto que o sr. Cunha Leal evitou, o baterial deste facto para que o episodio o abençoassem todos os bons portuguezes.

Eis o que Lisboa tem lucrado com as lutas revolucionarias, quasi inteiramente de caracter militar, e por isso compreende-se bem como ela deseja as tropas nos quarteis, tranquilas na sua força, sómente aplicada no serviço da Patria quando ameaçada pelo estrangeiro.

Efectuar paradas militares neste momento, quando o que se desejaria é que em vez do toques de clarins só se ouvisse o ruido das maquinas, trabalhando, é aumentar o nervosismo geral. Ninguem ignora que essas ostentações da força tem sempre um ar de ameaça bem triste, que nunca deixam de marcar uma pressão no espirito.

Para que avivar receios que excelente seria se fossem gradualmente desvanecendo?

Entre os dirigentes do movimento outubrista, ha homens que maior responsabilidades p esnem, precisamente por serem considerados os melhores e os mais conscientes. Sirva de exemplo o sr. capitão Camilo de Oliveira. Nós desejariamos que esses homens avaliassem bem a situação criada pelos actos de força que constantemente tem realizado, sob a Republica, o elemento militar. Desejariamos que reflectissem, desejariamos que não afrontassem o sorriso de Lisboa, palido e dolorido sorriso, com a magua e a ironia confundindo-se, vendo mais uma vez brilhar espadas, rolar canhões, e lembrando-se do sangue que tem corrido, das lagrimas que se tem derramado, do sangue e das lagrimas que ainda podem derramar-se novamente na nossa desventurada Patria!

Portugal lá fóra

Um artigo que causa protestos

MADRID, 26. — Entre os amigos de Portugal tem causado pessima impressão um artigo publicado no Imparcial e firmado por Gonzalez Blanco que actualmente se encontra em Lisboa.

Diz-se nesse artigo que das proximas eleições sairá um parlamento sedicioso e assegura que algumas das mais importantes personalidades tratam de promover a reunião do parlamento dissolvido no Porto ou em Coimbra, fugindo da imoralidade que reina na capital da Republica que actualmente se encontra em estado de sitio.

Este amontoado de mentiras á mistura, para dar ao todo uma tal ou qual veracidade, com a verdade da minima importancia da frustrada tentativa de reunião do parlamento dissolvido no Porto ou Coimbra, tem aqui causado a maior indignação entre os que prezam a amizade do povo [illegible]

CROQUIS DE VIAGEM

Por terras já dantes viajadas...

XVI — No Ring... de Viena

A «Baixa» de Viena é a chamada cidade interior — «Innere stadt» — ocupando apesar da sua grande area, talvez um decimo da cidade toda. A cidade interior é cercada por um hexagono de longas e faustosas avenidas que se chama o «Ring».

E' destas avenidas cheias de beleza, dos seus grandes jardins e parques no centro da cidade, dos seus caes enrelvados sobre os varios canaes e afluentes do Danubio, que nasce para Viena a frescura da cidade, o encanto dos seus aspectos onde sempre espreita uma nesga de folhagem, e o viço perturbante do ambiente oxigenado, do ar puro que se serve na velha metropole dos absburgos.

A construção é toda grandiosa; sem grandes rasgos de arquitetura, sem grandes belezas de estilo ha porem a impressionante nota de grandeza. As casas altas, crivadas de janelas, e a decoração reduzida o mais possivel.

Nota-se ainda, á parte o relevo moderno e o sopro do ultimo seculo que imprimiram ás obras de arte o seu cunho de civilisação e beleza, a fisionomia pesada que lembra a Viena dos combates, das lutas de gerações de castas e até de raças. Em muitos edificios, mormente palacios, a golpe de vista o aspecto e o de velhos fortalezas agora sossegadas, os de grandes quarteis em... licença ilimitada.

Um passeio no «Ring» é obrigatorio. O «Ring» é o centro elegante do parisianismo... vienense. O «boulevard» vibrante, o mostruario das belezas femininas, das vienenses puras,... e mesmo sem ser puras.

A opera cuja fachada original deita para o «Opernring» é um soberbo edificio em renascença franceza, bem lançado, elegante, mesmo mais elegante exteriormente que visto por dentro. Dum lado e outro fontes, e espaço livre, largas praças.

Sigamos pelo «Ring»; todos os edificios são grandiosos; parecem grandes muralhas a ladear estes 60 metros de largura. Qualquer destas avenidas vistas do topo tem ainda o aspecto dos fossos e das fortificações que Francisco José mandou cortar... á escovinha. Encontram-se aqui os hoteis caros, o «Bristol, o Grando Hotel, o Imperial».

Mais adiante a Casa dos artistas, logo a seguir uma sociedade «Musik verein» como uma biblioteca da especialidade com 30 mil volumes. Vale a pena subir até lá cima, pedinchar uma entrada para ver velhos instrumentos e algumas reliquias gloriosas. Eu não sei se tu, caro leitor viajante que me acompanhas, gostas de meter o nariz em toda a parte. Por mim confesso, desde que me sinto estrangeiro, o que não ha forma de me suceder em Portugal, torno-me atrevido, furo, entro em todos os sitios, pergunto, suborno guardas e só assim aproveitando o maximo dou por bem empregada a moideira dos ossos em sair do torrão para fóra. Eu em musica só toco pianola por sinal que com os pés, e vou começando em mavioso assobio a trautear um refrain do «Mon homme», e no entanto julgo de um dever moral e social recomendar que se visite esta bela instituição de musica, que ocupa um quarteirão inteiro.

Logo a seguir o «Ringstrass» faz um angulo, em cujo vertice se encara uma praça grandiosa com o principe de «Schwarzenberg» a galopar ha meio seculo... no mesmo local. Para o fundo abre-se o panorama verdejante dos jardins do palacio do referido principe, e mais acima os jardins do «Belvedere».

Antes de entrarmos no «Kolowrat tring» esquina se muito provocante o «Cercle des etranges»... O que escusa explicar a fazer o quê. Os cartazes encostados ás paredes dizem o bastante.

Depois avançamos no «Parkring» porque dá á direita ao magnifico «Stad-parks» com um grande «Kursal» em pedra, fingida e musica real; esculturas, grandes lagos onde no inverno o mundanismo patina.

Do outro lado da rua uma construção avantajada intriga-me. Rebusco no Baedeker e nada vem; entro; pudera E' a sociedade de horticultura por sinal fazendo neste momento uma exposição de flores. Mas, santo Deus louvado, até que emfim encontro uma exposição em que Portugal faria figura muito superior; também só com auxilio da natureza, e isto sem falar nas flores... de retorica que tanto tem empestado o país.

Ainda no «Ring», agora o «Stubbring», deparo com um monumental edificio onde se albergam avantajada e separadamente a escola e o museu de artes e oficios. Para quem já esteve no «South Kensington» a visita não vale o tempo em fazê-la. Por isso o melhor é seguir viagem, fazer a continuação a este marechal da mata-

ções que comanda uma imponente construcção perfilada 10 metros á retaguarda e de cujo frontão saem duas aguias enormes e negras. Entram e saem de lá muitos paisanos e atrevendo-me a perguntar a um varredor o que é aquilo, julgo perceber no seu alemão cerrado, que é o ministerio da guerra.

Continuando em frente desembocamos numa ponte sobre o canal do Danubio. Para lá é o «Prater»; lá iremos depois. Por isso, encostamo-nos ao canal — um riosinho suficientemente largo, tomaram-nos os hespanhoes para regar Madrid! — e seguimos pelo cais Francisco José.

E' aqui, apesar da madame Dely me dizer que é muito feio e mal frequentado, um dos pontos mais belos de Viena. O ribeirito com as suas dezenas de metros de largo é galgado por varias pontes, qual a mais formosa, esta suspensa, aquela em pedra, estaoutra em arco de ferro; cá em baixo entrepostos de pequeno trafego, casêtas de banhos; do outro lado a fiada de construções modernas da «Leopoldstad», e de cá, uma esplanada, arborisada, ampla, larga, com uma rua onde passam electricos e bordejada de edificios altos, elegantes, modernos, recheiada de escritorios, casas comerciais até aos 6.ºs andares.

De noite é brilhante, scintilante este trecho de Viena. Esqueço as miserias do hoje, e admiro este recanto da cidade soberba que foi outr'ora capital do grande imperio austro-hungaro. Os arcos voltaicos, o violeta da iluminação, as mil luzinhas dos pequenos candieiros ou nas pontes ou ao longo dos cais, os reverberos dos automoveis circulando sempre, as chapadas amarelas dadas dos electricos em bichas de 3 atrelados, as luzitas dos barcos que sempre acostam ao longo do canal, é um scenario que não esqueço. E não esqueço principalmente a um morador do bairro dos castelinhos cuja iluminação ainda é regida pelo Borda de agua.

Outro lado do poligono que fecha a cidade interior é «Schottenring». Ornamentos principais: uma caserna em tijolo, dentada nos topos, um monumento aos mortos da Crimeia, onde mais do que a escultura dum soldado de bandeira em punho, se podem admirar os marmores empregados, e a «Bolsa». Não entrei lá; não tenho por habito entrar nas bolsas alheias e muito menos quando sei que elas estão... vazias. As finanças austriacas comovem-me até ao agradecimento; se não fosse o seu estado de debilidade onde havia de ir valorisar os mais fracos escudos?...

E vamos então entrar num dos aspectos mais magnificentes da magnifica Viena.

O «Franzenring» e o «Burgring» este indo ter no Opernring», donde partimos. A serie de edificios grandiosos que se estendem em todo este trajecto equiparam-se á serie ininterrupta de jardins que se ligam, entrelaçam e deleitam a vista.

Mas como esta volta pequenina só por si consome um dia, o melhor que ha a fazer é vir comigo descançar e comer alguma coisa. Aqui temos na primeira esquina um restaurant; é egual a todos os outros; é restaurant de alto a baixo. No 1.º andar mais caro, «Wein-restaurant»; no pavimento da rua, restaurant simples; nas caves «restaurant» mais popular. O melhor é não subir nem descer. A lista é farta e uma pessoa já não se engaça a pedir «Delikatessen». Ha porem uma surpresa no menú; na altura dos «Mehlspeisen» — as sobremezas — leio: «Portugiese Reis». Ora aqui está uma bela surpresa. Vir encontrar em Viena, arroz doce. Pelo menos assim julgo. Ele ahi vem, da cosinha, no 2.º andar da banda de baixo; chega; deposita-se na meza e parece cheio de agafrão, azeitonas velhas e calda de tomate! O meu patriotismo promete vingar-se. Se algum dia em Lisboa estiver com um austriaco, hei-de comer uma rosca com suas barbas, dizendo-lhe que esta a comer um pãosinho de Viena. Que estas pequenas coisas tocam muito ao patriotismo de quem viaja.

ARMANDO FERREIRA

A SEGUIR.

XVII.—Os pãesinhos de... Viena.

Migalhas

Os comos e os porquês

Hontem passei durante a tarde pela cidade com um americano que veiu á Europa cuidando que a guerra tinha acabado e afim de preparar umas excursões de turismo para compatriotas seus. Mal ele tinha chegado, rebentou ali perto uma bomba de clorato que o deixou perplexo e hesitante sobre a pacificação do velho mundo. Não deixámos, no entanto, de dar uma volta pela Lisboa amada.

Toda a tarde o homem me agrediu com uma serie de perguntas embaraçosas no genero das que nos fazem as creanças de sete anos. Quando passavamos por uma rua, perguntava me o nome dela e, como eu quasi sempre lhe indicasse um nome de pessoa, ele indagava logo a seguir quem tinha sido esse portuguez notavel e os três quartas partes das vezes não conseguia dar-lhe uma razão exacta de tamanha celebridade.

—E' curioso. Porque dão os srs. ás suas ruas nomes de pessoas quasi sempre desconhecidas de toda a gente?

Quizemos tomar um carro...

—Porque é, perguntou-me o americano, que os homens vão todos sentados e tantas senhoras em pé...

Respondi-lhe que os homens tomam os melhores lugares porque são os mais fortes e que essa é uma lei da natureza.

Na rua não se viam senão creaturas com a mão estendida.

—«Só os srs. têm varias Assistencias, se ha leis contra a vadiagem, como se consente este terrivel estendal de mendicidade?...

Em todas as esquinas, pelas portas dos cafés, havia molhos de homens parados, discutindo acaloradamente e como eu explicasse, que estavam discutindo politica, o nosso homem indagou:

—«E porque não vai esta gente tratar das suas ocupações? Serão por ventura todos homens de Estado, parlamentares ou jornalistas?

Tive de confessar que nove decimos eram simplesmente idiotas e que o decimo restante não se pode abrir senão com todas as cautelas.

Paramos varias vezes a contemplar o espectaculo da nossa gaiatada, pulando por todos os cantos e fazendo quantas extravagancias se possam imaginar...

—«Porque deixam os senhores as creanças em liberdade na rua, de parceria com os gatos? Porque deixam fumar tantos petizes? O tabaco é um veneno para garotos desta edade e a vagabundagem a peior das escolas...

Afim de evitar mais perguntas deste genero, á noite levei-o a um teatro.

—«Porque é que uns sujeitos tão tristes representam ás escuras em teatros onde não vão senhoras?...

Fiquei radiante quando o larguei á porta do hotel. Calculo que os turistas americanos não virão a Lisboa. E, com franqueza, é melhor que assim seja. Bom será que continuemos em familia, emquanto não deixarmos de fazer perpetuamente e por todas as formas a apologia do ilustre desconhecido, emquanto formos tão malcreados, emquanto não nos catarmos dos nossos mendigos, emquanto cada qual não tratar da sua vida e dos seus deveres, emquanto não soubermos educar as creanças e emquanto os nossos divertimentos forem uma coisa só para homens e de uma tão desoladora tristeza.

ANDRE BRUN.

Segredos á toda a gente

Saquinhos de mão

«Se quizeres conhecer uma mulher a fé o seu saquinho de mão». Disse-o Gasparo Gozzi. E a verdade é que dentro desses pequeninos cofres de veludo ou de setim que escondem tudo e que revelam tudo, palpita sempre um mundo de segredos misteriosos. Desvendá-los é quasi sempre sorrir, é muitas vezes chorar. Tive aqui á meu lado ainda ha pouco dois saquinhos de mão—tão diferentes como as mulheres que os usam. Um deles pertence a uma senhora de edade, grisalha, distinta, feliz—o outro a uma encantadora rapariga de vinte anos, viva, alegre, fresca como uma folha de rosa. Pedi licença para os abrir e discretamente observei os dois. O primeiro continha dois cartões de visita, uma conta de modista, um lenço de rendas, uma bolsa de prata e a chave da porta; o segundo um espelho, uma borla de pó de arroz, um frasco de perfume—e um belhetinho de amor. Nestes dois saquinhos de mão, coloridos como bolões venezianos retratam-se á maravilha as fisionomias diversas das suas possuidoras. Não é verdade? Entretanto eu pergunto a mim proprio porque virtuoso e incomodo destino aquele pequenino na chave da porta—não está no mesmo saquinho de mão que guarda religiosamente o bilhetinho de amor?

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

Ministerio dos Estrangeiros

A ordem não é rica nem os frades são poucos... Mas o delirio de grandezas leva os governantes a gastarem á doida!...

Parece que Portugal inteiro dansa, sem se cansar, uma sarabanda interminavel de historica loucura. Quanto mais se dispende em dinheiro e juizo, mais furor se nota no infindavel delapidação. E os exemplos dos desastres causados pelas crises desta doidice colectiva não servem para travar a marcha acelerada do carril da ruina nacional, que se aproxima, minuto a minuto, do precipicio fatal. Assistimos serenamente os factos e vejamos se temos ou não temos razão para formular estas pessimistas ideias.

A Nação atravessa uma crise gravissima. Apezar da situação angustiosa, quasi desesperada, do tesouro publico, assolado pela catastrofe financeira e economica, os governos só se preocupam só quasi exclusivamente com a ordem publica, continuamente ameaçada por novas sublevações. Esta questão, que não devia existir se a sociedade portugueza não estivesse edificada sobre areia movediça, sobreleva a todas as outras. Pois os governos, quando se trata de por uma seguro e solido travão á dissolução ininterrupta dos costumes e moral, titubeiam, hesitam e acabam por se integrar na onda geral da corrupção, delapidando os dinheiros da Nação e lançando achas ardentes na fogueira revolucionaria. E' o caso da reforma do ministerio dos Estrangeiros.

Não curamos de saber, desde já, se ela é boa ou má, rasoavel ou pessima. Dizem que a reforma em questão é, pelo menos, original, smartissima, o «dernier cri» da moda diplomatica. E' possivel. Os arquivos de todos os ministerios estão abundantemente fornecidos de relatorios e planos e o sr. Veiga Simões podia realmente ter ideias de desenterrar muitas cousas novissimas, cerzidas pelos ex da diablos para engendrar a debatida reforma do ministerio dos Estrangeiros. Qual quer que seja, porem, o valor positivo do rebento cerebrino do ex-ministro dos Estrangeiros, entendemos — e entendemos muito bem — que lhe falta uma qualidade essencial para obrigar a Nação a esportular os impostos necessarios á sua plena execução. E essa qualidade chama-se legalidade. A reforma é o producto inoportuno, até mesmo esporadico, dum gesto dictatorial de ministro adventicio, que passou pela administração publica como gato sobre brazas, arremessado por acaso para as cadeiras do Poder pela acaso feliz, para ele, ministro, que não para a Nação... dum pronunciamento militar. O governo do sr. Cunha Leal, confinado na missão restrita do seu programa do momento, não pode ou não deve, como quizerem, dar foros de realidade objectiva a uma obra feita sobre o joelho, dando sanção a um crime politico por meio douro delicto de mesma especie. A reforma do ministerio dos Estrangeiros tem de ser totalmente suspensa, até que sobre ela se pronuncie o Parlamento.

Isto é que é digno, serio e correcto. Se o governo enveredar por outro caminho, recorrendo a habilidades de «jogleurs» politiqueiro, emparceira-se aos aventureiros e perde uma parcela da força moral, alicerçada na opinião publica, que o mantem no Po-

der. Mas a questão não tem apenas este aspecto legalista, que, aliás, seria bastante para lhe aplicar a solução para as kalendas parlamentares, que não coincidirão, estamos certos, com as suas homonimas gregas. Vejamos um outro.

O outubrismo foi ao Poder paradizia ele—diminuir as despezas superfluas, criadas pela obra dissolvente dos partidos. E, para se estrear, disparou contra a Nação a obra sumptuosa da reforma Veiga Simões criando lugares novos e nomeando para eles individuos das mais disparatadas profissões, que o sr. Veiga Simões andou a arrebanhar, sem visivel critério, pelas relações que por mais ou pelos escritorios profissionais de toda a cidade. Esta desfaçatez na corrupção dum caracter não tem precedentes na historia da nossa decadencia politica.

Nunca tal se fez. Sempre, mais ou menos, se protegeu a corrupção, mas jamais se levou a audacia á distribuição do bolo nos domicilios dos desocupados. A gloria da invenção deste processo de corrupção politica cabe, de direito, ao sr. Veiga Simões, que tom, para lhe cobrir as costas, a irresponsabilidade do outubrismo, que o tinha e tem na conta do mais brilhante dos seus grandes luminares.

Emquanto este bodo se distribuia, prodigamente, os funcionarios publicos queixavam-se da penuria dos seus vencimentos, e a oficialidade do exercito, reduzida a meia ração pelo torpe invencivel dos seus parcos vencimentos, devorava a propria fome, disfarçada nos uniformes multicolores e tantejoulados. Um momento chegou em que os poderes publicos reconheceram a impossibilidade de se manter o regimen famelico dos funcionarios civis e militares do Estado. Nunca o governo pôde a subvenção de vida cara fosse elevada, mas só a partir do fim de janeiro. Parece que para antes não havia dinheiro. Pois no, sim. Ha de sobra. Ha tanto que chega para fazer novos funcionarios, criando-se pela reforma do ministerio dos Estrangeiros, uma legião de neo-diplomatas, que são destacados para todas as partes do mundo, desde Badajoz ao Extremo Oriente, com escala por Fiume. O dinheiro que escasseia para aliviar o sofrimento da vida ingrata do funcionalismo sobra ao Ministerio dos Estrangeiros, que abarrota de ouro e o deixa fugir, em marcha acelerada, para a criação e sustentação dos consulados portuguezes em que o sr. Veiga Simões quiz inundar o mundo.

Não, não e não! Isto, assim, não aguenta, antes desanda. Se o governo ira queja na sua missão de moralidade, é porque vale tanto como os outros. A reforma do ministerio dos Estrangeiros tem de ser suspensa, totalmente, para ser totalmente, revista. Essa revisão só é da competencia do Parlamento.

Vá, pois, a reforma ao Parlamento. Não parte dela, mas toda, sem portas falsas, sem postigos abertos para despesas inuteis e improdutivas.

Para essa o governo Cunha Leal?...

NO MUZEU

(Caricatura de *Eduardo Faria*)

—O' mamã, todos os anjos vôam?

—Vôam, sim, filhinha.

—Hoje o papá deu um beijo na criada e disse que ela era um anjo. Ela tambem vôa?

—Vôa sim, filhinha. Assim que chegarmos a casa vais vêr como ela vôa — para o meio da rua...

UM CRIME EM NANCY

E' preso Lucien Boppe por tentativa de assassinato em sua mulher, sobrinha — de Maurice Barrès —

M. Fressord, comissario da 15.ª brigada de policia, prendeu em Figuies, no momento em que pretendia passar a fronteira, um antigo inspector dos serviços florestais na disponibilidade, Lucien Boppe, de quarenta anos, irmão dum ministro plenipotenciario recentemente falecido, inculpado de tentativa de assassinato na pessoa de sua mulher, Suzana Demange, filha dum professor da Faculdade de Nancy e sobrinha do escritor Maurice Barrès, da Academia francesa.

Um romance doloroso

Foi o epilogo dum triste e doloroso romance, conhecido apenas dos intimos da familia, porque a familia, respeitando nesse ponto a vontade formal de madame Boppe, queria salvar a honra do seu nome, irremediavelmente comprometido se a justiça tomasse conta do caso. M.me Boppe foi, por tres vezes, victima de tentativa de assassinato por parte de seu marido.

Paulo Luis Luciano Boppe, professor de escola florestal de Nancy, entomologista distinto e inspector djunto dos serviços florestais, casou a 17 de Novembro de 1905 [illegible] Suzana Demange. Foi o que se convencionou chamar um bom casamento. O marido tinha fortuna. O noivo instalaram-se no Castelo de Montbois magnifica propriedade, proximo de Nancy.

Um casal nasceu desta união que parecia o mais feliz possivel, pois que M.me Boppe era uma boa esposa [illegible].

Mas aparece uma mulher...

Isto, no entanto, não passava das aparencias, pois o sr. Luciano Boppe tinha, para sua desgraça, e dos seus, somado conhecimento com uma mulher sequestro, linda e ambiciosa, cuja unica aspiração era conquistar a sua fortuna ainda muito tenra.

Os amigos da familia intervieram. M.me Boppe que ignorava tudo sobre esta union, perdoou ao marido de tudo o seu grande coração.

A esposa foi substituida pela amiga. No começo da guerra Boppe foi mobilisado para uma unidade combatente e posteriormente foi cavado, como capitão, para o estado-maior do governo militar de Epinal.

E a amante instalou-se nessa cidade.

Duas tentativas de envenenamento

No decurso duma licença em Nancy Boppe visitou sua mulher a qual levou um pacote de chá. No decorrer da conversa ela convidou-o a tomar, no dia seguinte, ás 5 horas, uma chavena desse chá.

Os filhos porém não gostaram do chá trazido pelo pai, pois ele tinha-os proibido terminantemente de beberem dele.

Sem querer, as creanças tinham salvo a vida á sua mãe, pois o chá continha cianeto de potassa; demonstrou-o uma analise.

Uma vez ainda, M.me Boppe perdoou; fê-lo saber a seu marido numa carta enternecedora.

Segunda tentativa não foi melhor sucedida: um toxico violento foi deitado num copo a irmã de M.me Boppe, instalada á cabeceira da sua conhada enferma — surpreendeu-o a tempo e lançou o copo contendo o veneno, na chaminé.

Entra em scena o revolver...

A seu pedido, Luciano Boppe foi licenciado a 15 de Março de 1920, e pouco tempo depois abandonava Nancy.

Na noite de 7 para 8 de Junho de 1920 passou-se um drama misterioso no castelo de Montbois: um homem entrou por uma janela, atravessou o quarto onde dormiam duas creanças — que reconheceram o pai — penetrou no quarto de M.me Boppe.

Acordada pelo ruido, ela avançou para o assaltante; reconheceu o marido e este fez disparar o revolver:

—Desgraçado! Que fazes? Perdôo-e... exclamou M.me Boppe, que, atingida na cara, teve a energia suficiente para esconder as suas feridas.

Um segundo tiro foi disparado; a ferida perdeu os sentidos.

Sobre o leito foi encontrada a arma do crime, uma velha pistola, em mau estado, a pistola que tinha servido para se suicidar o irmão de M.me Boppe, de 22 anos, estudante em Paris.

Algumas horas depois a ferida era transportada para o Hospital onde os professores a operaram do trofano.

Ambos os medicos declararam que as feridas de M.me Boppe eram acidentais; marejando imprudentemente um revolver ela tinha tentado suicidar-se.

Depois de varios mezes de sofrimento, Mme. Boppe, desfigurada e fraca voltou para Montbois. Fez-se o silencio sobre este drama intimo, com o perdão da victima.

Depois de um conselho de familia, porem, foi pedida separação de pessoas e bens perante o tribunal de Nancy o qual foi concedido com a condição de serem aplicados 600

Factos e palavras

..DA EXPOSIÇÃO DO BRAZIL

A exposição do Brazil que se realisará no proximo ano deve-nos merecer por todos os motivos uma especial atenção.

Porquanto não se trata apenas do confronto que logicamente se vai estabelecer com as outras nações. Trata-se — e aqui reside o principal interesse e o maior cuidado — de uma exposição a efectuar num paiz nosso amigo e nosso irmão, mercado excelente para os nossos produtos, onde é necessario afirmar o nosso esforço e as nossas qualidades produtoras.

A condição essencial e indispensavel para atingir o fim que procuramos, dando o nosso concurso, consiste na união de esforços e na mais absoluta comunhão de boa vontade.

Num artigo publicado ontem na «Capital» o capitão Almeida Moreira expôz sumariamente o seu modo de ver sobre este assunto.

E' de facto curioso e mesmo de uma grande utilidade fazer a nossa exposição de modo a que todas as regiões tenham a sua parte cuidadosamente tratada para que resulte uma exposição nacional e não um simples mostruario parcial.

Só deste modo se atingirá o fim a que se propõe.

E h je mais do que nunca essa necessidade se impõe.

Portugal, atravessando uma tremenda crise, precisa de aproveitar todas as ocasiões que se lhe deparem para patentear as qualidades que ainda lhe restam.

A exposição do Brazil é indubitavelmente uma optima ocasião para o fazer.

Resta apenas, saber aproveita-la.

E' só com uma representação nacional e com uma grande comunhão de esforços se poderá tirar um resultado util e honroso.

Que todos os interessados atentem nisto, e cumpram o seu dever.

BOTTO DE CARVALHO

❖ ❖ ❖

O tesoureiro dos Estados Unidos, sr. White, demonstra no seu relatorio anual que ha em circulação 3344284603 de notas no valor de 1,347.094.812 dollars. O stock de prata é de outuros 2887.883,78, havendo em circulação 750 583,33 dollars. A totalidade da moeda de prata subsidiaria de prata em stock era de 271 314 315 dollars. A parte desse quantia em circulação é de 261 650.873 dollars ou mais de que 2 dollars por habitante.

❖ ❖ ❖

Obtem á tarde deu-se um desastre no Rocio. Uma pobre mulher ficou ferida o em riscos de ser atropelada por um carro da Estrela quando se metia num outro do Poço do Bispo.

Só a muita prudencia pode evitar que esses desastres se realisem todos os dias dada a péssima organisação desses serviços. Entre as duas linhas medeia apenas meio metro ou pouco mais. Atendendo a que os carros que ali fazem estação de partido são carros grandes, onde o publico aflui um grande numero, e dado o movimento da linha que lhe fica ao lado é lamentavel que se consinta nessa má organisação. Não ha quem olhe para essas coisas?

❖ ❖ ❖

Em Paris foi presa uma mulher que roubava creanças.

A principio teceu-se uma lenda em que ela aparecia cheia de romantismo a roubar uma creança para que lhe substituisse um filhito que lhe morrera.

Mas afinal... veio-se a descobrir que para ser assim era preciso que lhe tivessem morrido muitos filhos.

❖ ❖ ❖

Um numeroso grupo de banqueiros e financeiros americanos de alta envergadura teem publicado artigos nos jornais sobre a reabilitação e a estabilidade economica do mundo. Entre os artigos, ha um assinado pelo sr. Wadsworth, secretario adjunto do tesouro, que afirma ser impossivel remediar a paralisação geral do comercio, sem préviamente o governo estar autorisado a iniciar negociações para solucionar o emaranhado problema das dividas internacionais.

❖ ❖ ❖

Corre nos meios financeiros que as negociações entre o consorcio de banqueiros americanos e a delegação da conferencia do desarmamento da China, não deram resultado. Os banqueiros concordaram em que a China é um vasto campo de especulações digno do emprego do capital americano, mas os delegados chinezes interromperam as negociações porque as garantias que exigem para um emprestimo estrangeiro são atentatorias dos direitos soberanos da China.

❖ ❖ ❖

O governo francês está disposto a enviar um tecnico a Madrid com o fim de estabelecer, de acordo com os tecnicos espanhois, as bases dum novo acordo comercial para substituir o que acaba de ser publicado. As relações comerciais franco-espanholas teem sido até aqui dado lugar a transacções ativas.

Os principais artigos trocados são os seguintes:

1.º Exportação de Espanha para França: vinhos, frutos, enxofre e piritas, lãs, minerios diversos e ourivesaria; 2.º Exportação de França para Espanha lãs, maquinas, quinquilharias, tecidos de lã, seda, e ferramentas. Deve-se frisar todavia que durante a guerra, a Espanha exportou para França, quantidades importantes doutros produtos tais como: chumbo, zinco, productos quimicos, fios, azeites, pescarias, peles e trabalhos em metal.

francos com rendas de 18.000 para as duas creanças.

A' procura de M. Boppe

Entretanto, tinham sido cometidas indiscreções: cartas escritas por M. Boppe a uma mulher que amava proximo de Mirecourt chegaram ás mãos do procurador da republica o qual mandou que se instruisse o processo por causa de assassinato.

O antigo inspector florestal, porem, tinha desaparecido; soube-se que ele se propunha partir para uma longa viagem, para a Africa Ocidental ou Extremo Oriente, tendo para isso reunido o dinheiro parte dos seus bens; atribuiu-se-lhe alem disso a intenção de não contribuir mais para a alimentação dos filhos.

Posta a policia á procura do acusado, Fressard, comissario da 15.ª brigada prendeu-o.

Provincia na "A Capital"

AMADORA 25. — Na Amadora a benemerita Associação «Solidariedade com os Pobres», promoveu este ano uma festa a todos os titulos muito simpatica e que muito honra os seus promotores.

No Salão dos Recreios Desportivos, pelas 21 horas, foi oferecido a todos os pobres velhos e orfãos da freguesia uma ceia, que constou de sopa de carne com massa e grão, carne guisada com batatas, arroz doce, laranjas, figos, bolos e café.

Cada pobre foi contemplado com 2$00 em dinheiro e as creanças com agasalhos, serviram a ceia Madame Costa Nunes, Campos Palermo, Santa Claro, Rodrigues Sequeira, Herculo Pinto Martins e Lopes de Azevedo.

No fim da ceia que decorreu no meio da maior alegria, realisou-se uma recita, em que tomaram parte distintos amadores, sendo os acompanhamentos a piano feitos obsequiosamente pela Sra. D. Capitolina Vieira.

Durante a ceia tocou o grupo musical Luiz das Neves.

Foram distribuidos agasalhos e bodos de creanças. — (C.)

PORTALEGRE, 26. — Encontra-se nesta cidade, onde lhe foi fixada residencia pelo Ministerio da Guerra, o alferes [illegible] de artilharia sr. Matos Cordeiro.

[illegible] revolucionario outubrista, [illegible] propôr-se candidato inde[pendente] [illegible] dos circulos de [illegible] solicitado já do Ministerio da Guerra a licença necessaria para poder realisar a propaganda da sua candidatura.

— O Partido Republicano Portuguez disputa as maiorias no circulos de Portalegre, propondo como candidatos a senadores, o tenente coronel sr. Jorge Caroço e o sr. Catanho de Menezes e como deputados os srs. dr. João Camoezes e dr. Baltazar Teixeira.

O partido liberal disputa as minorias, e os monarquicos, que nos ultimos dias teem desenvolvido uma grande actividade na defesa dos seus candidatos, disputam as maiorias.

O TIC-TAC no EDEN Oh! uma maravilha

Entre novos e velhos

A questão da S. N. de B. A.

Do sr. Antonio de Monsanto recebemos o esquema que se segue e que com seu criador, concretiza, ainda que sumariamente, as aspirações da moderna geração e desta, por completo todos os versos tendenciosas que o esse respeito se teem propalado.

❖ ❖ ❖

Os artistas novos de Portugal pretendem:

Transformar o edificio da S. N. de B. A., modificando inteiramente o seu miseravel aspecto arquitectonico, modernizando e construindo novas salas e terrassos destinados a conferencias, serões literarios, audições musicais, festas e exposições de arte;

Solicitar do governo um subsidio para a construção anexa duma grande casa de espectaculos, onde serão recebidas as melhores companhias nacionais e estrangeiras e todos os mais reputados artistas da arte dramatica, coreografica e musical;

Promover todos os anos, independentemente de quaisquer outras, exposições que possam efectuar-se, dois grandes «certamens» de pintura, escultura, arquitetura, desenho, artes decorativas e aplicadas, realisando-se o primeiro na prima-era e o segundo no outono. Da exposição da primavera poderão os «novos» ser excluidos por um juri exclusivamente nomeado pela direcção da Sociedade. A outra exposição — o salão de outono — dispensará o juri de admissão, destinando-se principalmente aos artistas modernos, sendo no entanto admitidos todos os outros que a ela queiram concorrer;

Impetrar o concurso efectivo de todas as colectividades e agremiações de caracter intelectual para se preparar em comum um poderoso movimento de restauração da mentalidade portugueza;

Estabelecer uma forte corrente de intercambio espiritual e artistico com os principais paises da Europa;

Mandar desde já os artistas portuguezes ao estrangeiro afirmar a vitalidade da raça;

Expandir a arte até no contacto das massas populares, nos diversos aspetos o mais adequados e em todo o seu poder educativo, afectivista e de moralisação;

Encarar de frente o problema do engenismo na sua real aplicação ao culto da força, da saude e da beleza fisica;

Publicar uma revista, com a colaboração de todos os artistas e escritores novos, para servir no paiz e que seja, ao mesmo tempo, um orgão orientador e de divulgação estetica e intelectual;

Chamar a atenção dos poderes publicos para o incremento e a protecção que lhes devem inspirar todas as genuinas expressões de arte;

Crear, pela difusão e afinamento gradual da cultura e do sentimento estetico, um ambiente propicio onde os artistas possam viver e respirar, evitando assim a emigração forçada e necessaria para o estrangeiro;

Atrair a Portugal todas as manifestações de arte moderna que triunfam deslumbradoramente pela Europa e que viriam trazer-nos um estimulo admiravel e impulsionar-nos para a disciplina e eclosão de aptidões adormecidas, apontando a nossa sensibilidade vibrante e sequiosa o caminho de novos horizontes;

Realizar o projecto do escritor Manuel de Sousa Pinto sobre a criação duma escola de dança e de ritmo, com uma feição acentuadamente portugueza;

Imprimir á arte nacional, dentro dos limites do possivel e sem conflitar orientações em contrario, o cunho e o timbre da sua origem, revelando, atravez da estilisação moderna, os motivos plasticos (no sentido empregado pelo sr. Bermudes), literarios, coreograficos e musicais das diferentes regiões;

Estabelecer um entendimento com as sociedades de turismo, no intuito duma mais eficaz e intensa propaganda das belezas naturais e artisticas da nossa terra, pois nós somos europeus mas mesmo na Europa ninguem nos conhece;

Abstrair no alcance e na efectivação pratica destes ou de quaisquer outros empreendimentos todas as formulas politicas e partidarias, tendo apenas em vista, como fim altamente civilizador, o resurgimento e a elevação do nivel intelectual e moral da patria portugueza.

E' é assim que os artistas novos de Portugal querem «comercializar» e desvirtuar os fins para que a S. N. de B. A. foi constituida...»

ANTONIO DE MONSANTO

PELO TELEGRAFO

A Irlanda vitoriosa

Declarações de Griffith

DUBLIN, 27. — O sr. Griffith no partir par na historica sessão publica em que o novo parlamento irlandez Dail Eireann aprovou o tratado de paz com a Inglaterra, declarou que ele e os seus colegas tinham trabalhado pelo povo da Irlanda e que eram servidores e uno senhores do povo irlandez. — (Lat. Am.)

A conferencia do desarmamento

A França e os submarinos

PARIS, 27. — Está convocada para hoje uma reunião do gabinete para apreciar a situação da França com relação á questão dos submarinos, e para formular a resposta a enviar para Washington sobre a proposta do sr. Hughes relativa á proporção da tonelagem dos submarinos que se deseja atribuir ás potencias ali representadas. — (R.)

Os aliados e a Alemanha

Contra o «contrôle» financeiro

LONDRES, 27. — Por uma nota publicada em Berlim consta que o Governo alemão não se opõe, em principio, á modificação do «Reichstag», mas é contra ao «controle» financeiro da Alemanha pelos aliados, pois que afectaria a indepencia da nação. — (R.)

A proxima reunião do Supremo Conselho

PARIS, 27. — Depois da reunião do Supremo Conselho em Cannes em 6 de janeiro, realisa-se outra reunião em Paris, fixada para o dia 9.

Nesta segunda reunião será Lloyd Carzon quem representará a Inglaterra em Paris. — (R.)

Declarações de Briand

PARIS, 27. — O sr. Briand declarou na Camara que os interesses da França não seriam sacrificados na conferencia de Cannes, e acrescentou que a «entente» da França com a Inglaterra tinha sido completa em Londres.

Disse ainda que o sr. Lloyd George nunca tinha pedido o menor sacrificio sobre a questão das reparações, pois que ele sabia perfeitamente qual era a actual situação da França; que talvez os financeiros alemães tivessem tido essa ideia, mas que ela não tinha fundamento. — (R.)

Noticias de toda a parte

As manobras americanas

WASHINGTON, 27. — As manobras conjuntas das esquadras do Atlantico e do Pacifico estão anunciadas para fevereiro e março proximos.

A secção naval informa que, por economia, certos elementos das esquadras se reunirão em Quantonamo para instrucção de tiro ao alvo, bem como ao longo das costas do Pacifico. — (R.)

O novo gabinete chinez

PEKIN, 27. — Foi nomeado a ordem do Presidente nomeando Liang-Shih-Yi presidente do governo em substituição de Chin-Yun-Peng que apresentou a demissão do seu ministerio. — (R.)

A prorogação do parlamento inglez

LONDRES, 27. — O discurso da corôa, prorogando o parlamento inglez foi lido por Lord Birkenhead, assistindo á sua leitura Lloyd George, presidente do governo e mr. Briand, chefe do ministerio francez, que ainda se encontrava em Londres. — (Lat. Am.)

O Egito revoltado

CAIRO, 27. — Produziram-se hoje novas desordens de gravidade no bairro indigene, onde as tropas fizeram fogo, causando numerosas vitimas.

O total das prisões desde o começo das desordens atinge 400 individuos.

O estado de sitio no Egito

PARIS, 27. — Comunicam de Londres ao «Journal» que teria sido proclamado já o estado de sitio em Port-Said e Suez e que a flotilha de canhoneiras inglesas começaria hoje a subir o Nilo.

O cruzador Céres chegou a Alexandria. Varios regimentos da guarnição de Malta receberam ordem de prevenção.

Entre os mortos nas ultimas desordens figura João Orth que se tinha passar por arquiduque de Austria e havia desaparecido misteriosamente. Em Alahabad a policia ingleza procedeu a 91 novas prisões. 45 pessoas foram condenadas de 3 a 6 meses de prisão. — (H.)

A explicação dos fenomenos espiritos

São produzidos pelo desprendimento duma materia organica, o ectoplasma. As experiencias de Mme. Curie, Maeterlink e outros

A sciencia — factor dos modernos estudos dos fenomenos psychicos, reserva ao mundo grand surpresas no terreno dos complicados manifestações de alem-tumulo... As atenções do mundo civilisado voltam-se, no momento, para os que investigam nos modernos laboratorios o que existe, realmente, além dos grosseiras afirmações dos «curiosos» do dificil problema.

Mais um artigo num jornal parisiense trouxe aos olhos dos interessados da questão recentes descobertas e interessantes fotografias algumas das quais, as de maior interesse aqui estampamos. Não se trata do resultado de estudo de «amadores» que se tivessem intrometido no assunto, sem bagagem scientifica, sem base e sem um fim determinado na busca dos fenomenos psychicos. Madame Curie, a scientista franceza descobridora, juntamente com seu marido, do radio metal que anda a revolucionar a quimica moderna; o professor Richet; Maurice Maeterlink, Bruny e outros, são scientistas cujos nomes estão intimamente ligados as novas descobertas que damos a seguir:

O fenomeno do ectoplasma

Ao lado da metaspychica-subjectiva existe a que o professor Richet denominou «metapsycnica objectiva», isto é, a acção sem contacto. Um exemplo melhor fará compreender o que essas palavras significam. Suponhamos um medium e uma meza. Nem um nem outro tem qualquer ponto de contacto. Toda a hipotese de fraude será portanto nula. O medium pela sua acção psychica suspende a mesa que escapa, ao menos por alguns segundos, ás leis da gravidade.

Esses casos são extremamente raros. O proprio professor Richet declarou que até hoje existiam talvez dez ou doze mediuns capazes de realisar tal fenomeno e «que presentemente existem no mundo talvez uns três ou quatro». E' nesse ponto que intervem o fenomeno interessantissimo do «ectoplasma». Etimologicamente esse termo equivale, mais ou menos, a «produção biologica exterior».

Foi a viuva de um escritor francez, md.me Bissou, quem constatou em primeiro logar esses fenomenos.

Caracteristicos do Ectoplasma

O «ectoplasma» é uma substancia gazosa que se desprende, conforme provou a fotografia das extremidades de medium em estado de transe. Essa substancia, ás vezes deixa escapar um odor semelhante a ozona, tendo o aspecto de uma pasta maleavel. A visibilidade, por vezes se modifica. E' frio e viscoso ao contacto dos dedos e o seu contacto é sentido dolorosamente pelo medium. Por esse motivo diz-se que o ectoplasma é o proprio medium exteriorisado. O sabio inglez Crawford notou que durante a exteriorisação o medium sofria uma diminuição de peso que, ás vezes atingia a 24 kilogramas!

As fotografias tomadas durante as experiencias demonstraram que o «ectoplasma» actua como uma alavanca, elevando ou tombando os objectos.

Uma outra descoberta, a mais interessante talvez de todas as que se tem conseguido nas investigações dos fenomenos psichicos é que o «ectoplasma» toma, ás vezes, a aparencia de uma formação organica: um pé, um craneo «do qual apalpei os ossos atravez uma espessa cabeleira» afirma o sabio dr. Geley não sem duvida e unhas perfeitas e, ás vezes, formas bizarras, desconhecidas.

Chegou-se a mergulhar essas formações organicas em uma cuba cheia de parafina derretida. Conseguiram-se assim, verdadeiros modelos, semelhantes as mascaras de gesso tiradas nos cadaveres.

«O ectoplasma» é uma realidade», dizem os scientistas. «Esta explicada a aparição dos fantasmas», afirmam outros. «E' preciso ainda esperar mais...», concluem finalmente os mais prudentes...

Um caso romanesco

A actual Sultana da Turquia é uma joven da aristocracia italiana

ROMA, 25. — Os jornais referem o seguinte:

Quasi ao terminar a guerra um submarino alemão afundou um paquete de passageiros vindo da America do Norte para Napoles. Dentre os nau fragos salvou-se uma sr.ª italiana, dando-se, primeiro como desaparecida e depois como morta, uma sua filha, muito formosa, de 18 anos de idade. Sabe-se agora que esta joven foi salva por um veleiro turco, que a conduziu a Constantinopla, já na vigencia do armisticio. O Sultão apaixonou-se da moça italiana e fez dela a primeira favorita ou Sultana do Imperio. Os pais italianos reclamam-na, mas o Sultão está disposto a entregal-a nem ela pretende deixar a posição elevada de rainha do desconjuntado Imperio do Mohammed 5.º

ULTIMA HORA

Tribunal de Defeza Social

Sob a presidencia do juiz de direito dr. Joaquim Crisostomo da Silva, esteve a parte acusatoria a cargo dos srs. drs. Ferreira de Sousa e Gomes da Costa, e a defeza so dos srs. drs. Horlander Ribeiro, Sobral Cid e Bossa de Abreu, responderam hoje no Tribunal de Defesa Social pelo crime de vadiagem 16 reus, entre os quais a conhecida gatuna de forasteiros, Micas Gouveia.

Tambem no mesmo Tribunal responderam Francisco Correia, e José Augusto Seixas, acusados o primeiro de ter fabricado um explosivo, e o segundo de ter feito uso dele contra a residencia do juiz de direito da Comarca de Castelo de Vide.

Como não foi provado o crime foram absolvidos.

Dos reus suspeitos de se entregarem á vadiagem, só 4 foram condenados. São eles Serafim Antonio Menezes, Artur Pereira da Silva, Francisco Padila e Antonio Bernardo.

Funcionalismo Publico

A comissão central dos funcionarios e assalariados do Estado voltou hoje a procurar o sr. ministro das Finanças, afim de se informar dos suas reclamações sobre melhoria de situação. O sr. Victorino Guimarães respondeu a um dos comissionados que o assunto deveria ficar definitivamente resolvido no conselho de ministros convocado para a noite podendo porem informar desde já que a melhoria não será concedida desde julho do actual ano, mas apenas a contar do proximo mez de Janeiro.

Quanto á reclamação da nova subvenção ser de taxa igual para todos os funcionarios, seria tambem resolvida em conselho de ministros. A comissão tenciona procurar novamente amanhã, o sr. ministro das Finanças para saber as resoluções do conselho.

Foi assinado o acordo italo-russo

ROMA, 27. — Foi esta noite assinado na Consulta o acordo comercial italo-russo. — (H.)

No ministerio do Interior

O sr. Presidente do Ministerio falou hoje aos jornalistas — O que o Governo espera da acção patriotica de cada um deles

Os jornais de Lisboa foram hoje convidados, pelo sr. Presidente do Ministerio, a enviarem representantes para ouvirem uma comunicação do Governo. A reunião começou ás 15 horas, no gabinete do ministerio do Interior.

O sr. Cunha Leal expoz o objectivo da reunião. Ele era simples: o Chefe do Governo apelava para os jornais afim de que realisassem uma propaganda de pacificação na sociedade portugueza. O sr. Presidente do Ministerio não pede aos jornalistas a supressão ou mesmo suspensão temporaria do exercicio do critico aos actos governamentais. O que ele deseja é apenas aquilo a que o dever patriotico obriga todos os portuguezes e que se limita a não se exercitarem paixões desencontradas, antes procurem apaziguá-las, com palavras de ordem e de pacificação. Os jornais tem sido benevolos para com o governo, diz o sr. Cunha Leal. E acrescenta que, por isso, nenhuma queixa deles tem.

Mas é preciso, a bem da Patria, que é de todos os portuguezes, persistir nesse proposito, porque o governo, ele mesmo não faz é porque não pode e é indispensavel dar tempo ao tempo para que lhe seja possivel cumprir totalmente o seu programa. Não se esquecendo jámais do criterio republicano — salientou o sr. Cunha Leal — ele, chefe do governo, guiará a sua acção no sentido de conseguir a realisação completa das promessas que fez á Nação e que constituem o programa minimo do governo.

O discurso do sr. Cunha Leal produziu uma excelente impressão em todos os jornalistas, que assim lh'a asseguraram pela voz do decano presente, sublinhada de muitos e repetidos apoiados.

A assembleia dissolveu-se ás 16 horas.

TEATRO

Ainda a peça «Emigrantes»

Do sr. Tito Arantes recebemos sabendo de tarde uma carta, resposta a outra da actriz Lucilia Simões, publicada no nosso jornal.

A hora tardia em que essa carta chegou ás nossas mãos não nos permitiu a sua publicação no sabado e como a mesma já veiu publicada noutros jornais, julgamo-nos dispensados de a inserir.

Noticiario

O ilustre actor José Alves da Cunha recebemos um telegrama desejando-nos boas festas. Agradecemos muito penhorados a gentileza do grande artista e fazemos votos para que, dentro em breve, a sua arte apareça num dos teatros de Lisboa.

—Tudo se prepara para que a matinée que a Empreza do Coliseu dos Recreios oferece, depois de amanhã aos alunos das Escolas gratuitas de Lisboa e ás crianças protegidas pela imprensa da capital atinja um brilho desusado. A nota interessante dessa festa será, sem duvida, o riso e alegria desses pequeninos espectadores para quem os «clowns» da Companhia prepararam os seus mais engraçados intermedios comicos.

—Os principais papeis femininos da revista «E' o levas», que se estreia amanhã no Apolo, são desempenhados pelas atrizes Justina de Magalhães, Dora Vieira que reaparece, Maria Alves, Lina Demoel, Maria de Lourdes que se estreia e Honorina Cruz.

AGENDA DA SEMANA

AMANHÃ —No Teatro Politeama, reprise da «Zá Zá» com Lucilia Simões na protagonista.

—Primeira no Apolo da revista de Raul Leal, Alfredo Gameiro e Candido Malheiro, musicada por Luz Junior e Vasco de Macedo.

—Reaparição de Emilia de Oliveira na peça «A Sacrificada» no Teatro Chiado Terrasse.

5.ª FEIRA—No Teatro de S. Luiz festa artistica de Ausenda d'Oliveira com «A Moreninha» original do D. José Paulo da Camara e Luna de Oliveira.

Um senador americano propõe que Harding convoque uma conferencia mundial

M. France apresentou no senado americano uma proposta, pedindo ao presidente Harding para convocar em Washington, no mez de Março uma conferencia internacional. O fim da proposta seria discutir a criação duma união internacional mais perfeita, o estabelecimento da justiça em geral, os meios de assegurar a paz universal e resolver os graves problemas economicos e financeiros deixados da grande guerra.

Nesta conferencia devem tomar parte cincoenta paizes.

Ultimos ecos do processo Landru

Uma interpelação no senado francez

M. Philip, senador por Gers, enviou para a mesa do senado francez uma interpelação «para que sejam tomadas medidas afim de evitar que se renovem os recentes incidentes ocorridos no tribunal de Versailles».

Quando usou da palavra o referido senador recordou os escandalos ocorridos no decurso do julgamento de Landru:

«As sessões do julgamento constituiram para todo o Paris um divertimento. Nos ultimos dias estava, entre o publico uma alteza serenissima, um principe da Asia, o qual não encontrou outro divertimento mais importante em Paris do que o julgamento de Landru.

Na noite da leitura da sentença disputaram-se a peso de ouro os bilhetes de entrada a tal ponto que um empregado subalterno ganhou uma pequena fortuna».

O senador Philip não reclamou nenhum castigo. Quiz simplesmente narrar esses factos para que sejam tomadas medidas afim de os evitar. O ministro da Justiça respondeu ao senador que não tinha lido as noticias sobre o processo Landru e acrescentou:

«Tenciono dirigir aos magistrados uma nova circular. Os cartões da imprensa serão nominativos e os fotografos não entrarão mais na sala das audiencias. Serão postas em vigor as disposições regulamentares ácerca do acesso ao recinto reservado».

Até parece o Senado portuguez, com um ministro da Justiça portuguez!

BÔAS NOITES, MINHA SENHORA

REFLEXÕES AO BORRALHO

Como é bom voltar para casal Estive agora uns dias fóra, foram poucos e no entanto experimentei um prazer infindo ao entrar de novo na minha casinha.

Que bom é abrir a porta, sentir-lhe o ranger conhecido o familiar! Depressa! depressa! abramos as janelas, que os nossos olhos percorram rapidos todos os amigos que nos cercam, que a nossa mão as pouse ao de leve em todos os objectos para que eles nos sintam e nos reconheçam.

Ao nosso casal Ha uma recordação em cada movel, um sorriso em cada bibelot, uma lagrima em cada cantol Os espelhos conhecem-nos melhor que nós proprios nos conhecemos, eles observam minuciosamente cada ruga que nos vai aparecendo, cada fio branco que vem acodado, preparar a casa á velhice! Ele viu-nos chorar, ele viu-nos rir, ele viu-nos que caro os nossos corações é—viu-nos sorrir, do sorriso vago e feliz das horas do sonho, das horas de ilusões.

Como é agradavel fitar o nosso espelho e ver reflectido nele, não a nossa figura, não o nosso rosto, mas a nossa alma, o nosso coração. Amigo espelho! amigo espelho! eis-me de novo deante de ti; que os nossos sorrisos se encontrem de novo, que a claridade da tua alma franca e sincera ilumine e minha me digas com a amizade de sempre e preparando-me já para a desilusão que mais tarde levei nos olhos dos outros «Sabes, estás mais velha. Estás mais velha que ontem e menos que amanhã. Lembra-te que o teu riso franco e contente, que a tua expressão alegre é o que te salva da velhice».

Mais do que nunca, deves apresentar agora á vida um rosto sorridente e agradavel.

Adeus espelho vou continuar o passeio pela minha casa, pelo meu reino. Como os meus moveis parecem tristes e o seu ar resignado á medida que o sol cai sobre eles e os penetra.

A minha mão vagueia ao acaso segura de encontrar um objecto querido ao qual emprestei uma vida misteriosa e intima.

As cadeiras arredondam as costas para me receberem, a meza á qual me costume encostar para ler, nos meus serões, espera-me, o meu amigo mais intimo, o relogio parece fitar-me na espectativa que va acordá-lo do seu somno temporario.

A vida da minha alma que esteve suspensa, num quarto de hotel vai recomeçar e eu sinto-me feliz!

FRIOLEIRAS

Ha dias, falando-se do cavaleiro andante moderno, isto é, do cavaleiro que anda a traz das damas, contaram-me um caso cuja veracidade não fianço e do qual me limito a dizer: «si non é vero, é ben trovato».

A historia conta-se assim:

Um dia, um rapaz dos tais que passam a sua vida no encalço da mulher, parou defronte duma montra, breve reparou que a seu lado parára egualmente uma linda mulher; nova, cabelos loiros, olhar magnetico, tão magnetico que ele sentiu-se imediatamente atraido e quando ela principiou a descer o Chiado—creio que era o Chiado—e ele lá foi, todo pinoca e elegante, seguindo-lhe na peugada.

Andaram, andaram, como nos contos de fadas, até que ela chegou a uma rua mais escusa; o rapaz aproximou-se e diz-lhe «V. Ex.ª dá-me licença que siga ao seu lado».

Ela—muito gentil—Pois não e já agora, era favor se me levasse estes embrulhos.

Ele acedeu gostoso e lá foram de grande conversa, ao chegaram á porta de casa ela agradeceu-lhe profusamente e pediu-lhe muitas desculpas de não o convidar a tomar uma chavena de chá, mas o marido não gostava de ver caras extranhas porém nunca esqueceria a gentileza de que ele déra prova, trazendo-lhe as compras.

—«isto de moços, agora, estão pela hora da morte, acrescentou sorridente».

CONSELHOS PRATICOS

Vi ultimamente um substituto muito original da classica colher de pau para a cozinha.

Era um tronquinho de uma arvore, tinha sido escolhido curto e a creada que o usava, declarou-me que era muito preferivel á colher, porque rebuscava todos os cantos da caçarola.

E' necessario, claro está, escolher uma madeira que não deixe gosto no comer. Este pau deve ter polegada de diametro.

AS NOSSAS CASAS

A cama do hospede

O portuguez é muito hospitaleiro e gosta sempre de ter um quarto para hospedes, mas neste cochicho a que actualmente se dá o nome de casa é dificil caber a familia, quanto mais o hospede.

Pois para essas hospitaleiras almas ha um recurso, é mandar fazer um divan comprido e largo; os pés podem-se fazer de mogno, torneados e trabalhados, por cima põe-se um colchão de lã que se cobre dum tecido bonito e mesmo rico, havendo posses para isso.

Emquanto o hospede não vem serve de divan, empilhando-se ali almofadas de todos os feitios e tamanhos como tanto se usa agora.

O hospede chega. Pronto, a coberta desaparece e fica a cama com um confortavel colchão de crina ou lã, segundo o gosto das donas de casa.

GULOSEIMAS

Pudim de sagú

Põe-se de molho em agua fria durante meia hora 125 gramas de sagú, deita-se fóra a agua e coze-se o sagú em chavena e meia de leite a ferver, mexe-se durante cinco minutos, tira-se do lume e continua-se mexendo uns instantes, ali esfriar, junta-se-lhe então 1 ovo batido com uma colher de leite, 10 gramas de assucar e limão ralado; depois de tudo bem misturado mete-se uma forma, polvilha-se de noz muscada e coze-se num forno pouco quente durante uma hora.

HIGIENE DA BELESA

Palpebras inflamada.

E' necessario tomar muito cuidado com as inflamações de palpebras que pode dar em resultado a quedas das pestanas.

E' muito bom para isso lavar as palpebras, com este preparo que não faz mal aos olhos:

Agua de rosas..........	25	gramas
Agua de flôr de laranja.	25	»
Agua de alface..........	25	»
Agua de meliloto........	25	»
Agua de cerefólio.......	25	»

Deve-se lavar os olhos com essa agua de manhã e á noite.

Estrela

Estrela que me nasceste
Quando a vista mal te alcança
Nessa aboboda celeste,
Onde a nossa alma descança
A sua ultima esperança.

Estrela que me nasceste
Quando a vista mal te alcança.

Antes nascesses mais cedo,
Estrela da madrugada!
E não já noite cerrada...
Que até no ceu mete medo
Vê essa estrela isolada.

Antes nascesses mais cedo,
Estrela da madrugada!

João de Deus

SPORT

Coisas de sport

«Time», cronista de box num jornal de sport, insinua que ha jornalistas sportivos, que recebem dinheiro para reclamarem feitos de amadores...

Não sabemos, se o facto é ou não verdadeiro, mas parece-me que está dentro da logica, que um jornalista profissional receba dinheiro, por um «reclame» destinado a chamar gente a um espectaculo.

O que porem é curioso, é que «Time» é o pseudonimo, do presidente da «Federação Portugueza de Box», a qual «Federação», recebe 50 escudos por cada combate de amadores, a que ela mande um delegado...

Já Frei Tomaz, pregava, aquilo que não fazia...

Falando de arbitros de box, o mesmo Time, cita varios nomes de sportmans, que acha competentes para o cargo, e entre eles o de Nobre Guedes.

Ora Nobre Guedes e Time, são a mesma pessoa...

Presunção e agua benta...

◆ ◆ ◆

Dizem os jornaes que o cargo de juiz de linha do team de foot-ball, que foi a Madrid, coube ao senhor Kalberg.

Parece-nos, a avaliar pelo nome, que este senhor é estrangeiro, e ficamos a cogitar, se entre tantas centenas de players portuguezes, não haveria um que fosse em logar do citado Kalberg.

Misterios onde o patriotismo leva tratos de pólé...

◆ ◆ ◆

Não gostou do peito do profissional Faustino Pereira, o distincto amador Abel da Cunha, a quando dos combates no G. C. P., e vai dahi deita epistola, desafiando-o, e falando em sentimentos humanitarios, e podridões da sociedade...

Decididamente gostamos mais de o ver com as luvas de 6 onças, do que com a pena de jornalista.

RUY DA CUNHA

Aviação

Durante os ultimos doze meses foram entregues por intermedio da aviação 351.742 cartas, entre a França e Marrocos.

Box

Está decidido que o match Criqui-Ledoux, se dispute no velodromo de inverno em Paris, no dia 4 de Fevereiro.

—O professor Charlemont vai organisar ainda este mez, uma festa de box francez, com o concurso dos melhores especialistas, e sob a presidencia do ministro do sport em França.

Luta

Nas ultimas sessões de luta, nos clubs de Paris, tem-se evidenciado um filho de Emilio Derias, nosso conhecido, que parece ser homem de futuro nesse sport.

Emilio vai tambem reaparecer num desafio contra Paul Favr.

Pesos e alteres

Intercalado entre varios matchs de box, vai realisar-se como já dissemos, o match entre os atletas francezes Vasseur e Cadine, o primeiro dos quais já nosso conhecido.

São 14 os movimentos a executar.

Vasseur pesa 100 quilos e Cadine 80.

A nosso entender Vasseur deve ganhar.

—A 5 de fevereiro no ginasio Japy, disputa-se o campeonato de força de Paris.

Foot-ball

O jornal «L'auto» descrevendo o match peninsular ou de Madrid, elogia os nossos compatriotas, que segundo o seu correspondente, jogaram com ciencia e conhecimento do jogo.

Ciclismo

A «U. V. F.» vai, para o campeonato de velocidade de França, fazer a mesma organisação, que é a que poz em pratica para o campeonato de estrada. A prova será disputada numa serie de corridas, ficando vencedor o que obtiver maior numero de victorias.

NOTICIARIO

O GRUPO TCHECO-SLOVACO VENCE O S. C. P.

Depois dos «Nex-Cruzaders», é sem duvida o melhor «Team» que nos tem visitado.

Hontem venceu o grupo do S. C. P. por 2 bolas a uma.

O COMBATE FAUSTINO PEREIRA E RUIVO

Consta-nos, que em virtude de impossibilidade do artista escolhido pela «F. P. B.», poder dirigir o combate vai ser convidado o senhor Xavier Araujo para esse cargo.

Presiste a «F. P. B.», em que amadores entrem em provas de profissionais. E' a propaganda ao contrario e a negação da necessidade das duas classes, amadores e profissionais.

Oxalá que o publico não lhe faça sentir que andam por caminho errado.

Sim, porque o «sport» de «box» não pode estar dependente do histerismo do senhor Guedes.

ANTONIO MARTINS

Parece que o mestre de Armas Antonio Martins, director do C. N. E., vai realisar no mez de Janeiro uma festa sportiva e ginastica.

GRUPO FOOT-BALL 31 DE JANEIRO

Continuam abertas as inscrições para as provas pedestres e de bicicletas que o grupo Foot-ball 31 de janeiro vai organisar por ocasião do seu aniversario.

60—Folhetim de «A CAPITAL»—27 de Dezembro de 1921

ROCHA MARTINS

Spartacus

Romance das lutas proletarias em Roma

X

A dois passos, no angulo da «via principalis» á qual ia ser demolida com o rosto da orasto, Celia, triste desde a partida de Jarmolo, dava a comer uns bolos a Junio e Elio, que enchiam as boquitas e olhavam a grande estatura do negro na sua admiração costumada. De vez em quando retiniam risinhos e Numesia, acendendo o seu fogo, pensava o que seria o dia seguinte, sempre na aventura, sem segurança para os pequenitos. Olhava o exercito dos dissidios que se afastava, as mulheres que o seguiam e entre as quais ia a matrona apaixonada pelo «velito», rebolando as suas carnes ao som da grilhada da soldadesca e as chufas dos fornicadores.

Um carro pesado atascava-se na lama, sob a chuva, empurraram-no, gemendo, com os esforços que faziam e a ama já via toda a significação de semelhante partida, já a sentia como um horror com que só os adversarios teriam que aproveitar. Escolhera-se aquele vehiculo para Crixos descançar durante a noite tempestuosa emquanto Ganicus comandaria; pelas cortinas levantadas entreviam-se, lá dentro, peles de leões, almofadas longas e fofas, uma soberba purpura, que lembrava um lago de sangue á beira de nevados loiros, pois tal pareciam as lãs de aníes ligadas umas ás outras, formando macias coberturas.

Opalia, morria-se, rindo, em volta do carro; tiaram, mesmo levar para lá uma cuba de vinho, estribada, os cabelos ainda sujos de terra, os olhos dilatados. Os soldados que ficavam não tinham exigido o sacrificio, a morte por degolamento, dos prisioneiros, e ela regougava agourava mal do que ia suceder.

Neste momento os pequenitos começavam a gritar; um chôro berrado se seguia, Celia ficava muito palida sem saber que fazer e Numesia erguêra-se ao ver Lavinia debater-se nos braços de dois soldados que seguiam Crixos. Manlio de pulsos encadeados ia arrastado na lama, as feridas reabertas encrustadas de terra molhada. Relampagos fuzilavam; do tôpo do comoro os sagitarios romanos espreitavam o manejo das tropas de Spartacus. A patricia quizera levar aos labios o amuleto que continha o veneno subtil da Tracia mas um sirio eleminado tomara-lho das mãos e pusera-se a rir mirando a pedra rebrilhante.

Mirtha, acorrera; firmemente detivera Crixos, interrogara o com uma faulha vivissima de raiva nos seus olhos estranhos:

—Para onde a levas?!

—E' minha! Spartacus entregou-me os prisioneiros!

—Salva-me! Salva-me! gritava a filha de Arasco emquanto Manlio se debatia nas algemas.

Os cabelos loiros de Lavinia tinham se soltado e vestiam-na; eram um resguardo aos seus seiosinhos brancos que saltavam da tunica rasgada. Os olhos, com um clarão de loucura, apareciam de cada vez que sacudia a cabeça e esse manto de oiro agitava-se como uma ondasita batida de sol a deixar ver o rosto magoado de virgem.

Os dois rapasinhos choravam, chamavam por Eudoxio num berreiro. O negro desviara a vista do chefe, receoso de lhe faltar ao respeito mas ante os brados das creanças correra tambem, largara para junto do grupo que chegava no carro já desembaraçado. Elio agarrava uma das longas pernas do numida, na outra segurava Junio e foi preciso que Numesia os salvasse da queda inevitavel á primeira passada do herculeo negro.

Ele ficara uns momentos indeciso, baixara-se, e ao ver os dois no seu pranto, atirara um empurrão aos soldados, pusera-se diante de Lavinia, gritava para Crixos, que se colocara na sua frente, scintilando as solares o punho cravejado do gladio:

—Que queres?! Esta mulher não vai comtigo!

Mirta agradecia, ... um ... rapido, e o outro apenas exclamára, ... que desagradaria a ...

—Spartacus deu-m'a!

Os longos braços decairam, os olhos de Eudoxio humedeceram-se mas a esposa do chefe fôra chamal-o ao meio dos oficiais, exactamente quando Crixos dizia a Lavinia:

—Porque obrigares-me a violencias?! já te disse que sou o teu noivo, o herdeiro de Oenomaus!...

—Em nome do seu espirito te digo que a deixes!—gritava Emerencia na sua voz vibrante e magnifica. Guardei as suas cinzas; sou a sua viuva! Deixa Lavinia!

—Filha! Os deuses querem sacrificios!—exclamou Opalia num tom de medo.

Mas Spartacus chegava; dizia simplesmente:

—Deixa-a! Emerencia tem razão!

—Que chefe és tu que me tiras os prisioneiros cedidos ainda ha pouco?! Oh! gladiador que quer ser rei, oh! ambicioso! oh! homem sem palavra! Esta mulher é minha!

—Crixos! bradou Spartacus e num movimento ia lançar-se sobre ele quando Eudoxio tomou os pulsos do gaulez e prendendo-o, sacudindo-o sem que o visse defender-se, ordenou:

—Cumpre o que o chefe diz, ou morres!

—Ouve ainda! — tornou o comandante — Lavinia é um refens que Emerencia solta!...

A segunda legião do exercito do rebelde passava a distancia; os fieis iniciavam a sua manobra de batalha e na noite que cahia viam-se acender ao longe fogueiras logo apagadas sob a chuva.

— Vai-te! ordenou Spartacus — Entreguei-te prisioneiros e não a patricia que guardava esperando apenas ouvir a voz daquela por causa de quem a prendemos... Emerencia agora está entre nós e quer, em nome dos restos do nosso companheiro, que se salve dos teus desejos maus, da tua perfidia, essa virgem! Vai-te! O meu acampamento já tem na sua frente um inimigo, não quero outro no seu seio... Vai-te!...

Tornara-se terrivel as suas qualidades de homem de guerra surgiram e o outro, encarando-o de frente, disse!

— Os romanos te ensinarão a protegê-los! — e cuspiu em terra, saltou para o cavalo, desdenhando o carro e gritando ainda:

— Só com a cabeça cheia de lama te aceitaria conselho... Traiste a revolução!

Depois, vendo Lavinia nos braços de Mirta uma protegida e Emerencia com o seu corpo ... como a escondê-la, sentiu uma raiva profunda acometê-lo, puxou a lança dum hastiario em, riscos de se ferir, e levantou-a sobre a cabeça de Manlio que os soldados arrastavam. Voou-lhe da mão feita em pedaços. O proprio general, na sua raiva funda, a desviára e a quebrára. Uma nova maldição sahiu dos labios furiosos de Crixos e com esse grito se perdeu na noite lugubre em que os romanos iam atacar um exercito que o seu chefe já começára a mover numa tactica prodigiosa.

— Mirta! Emerencia! exclamou Lavinia ao desmaiar nos braços da cantora que descia os labios puros para a sua fronte esbraseada.

Os cabelos de ouro continuavam a varrer o chão de onde Manlio era levantado por dois nubios ás ordens de Eudoxio.

— Filha! Filha! Que fazer?! Os deuses querem sacrificios!—bradava Opalia fitando o seu negro.

(Continua)

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS

LISBOA-PORTO

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

— BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL —

LISBOA	PORTO
R. do Ouro, 18 a 24	28, Praça da Liberdade, 29
Rua do Comercio, 136 a 140	

Mario Duarte
Cirurgia da boca e dentes
R. dos Retrozeiros(?)... ADORES, 13
Telef. 814 C.

Agua de CALDELLAS

BANDEIRA DE MELLO, L.DA

Rua Augusta, 75, 1.º e 2.º

Banco Nacional Ultramarino

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Séde em Lisboa R. do Comercio—Agencia em Lisboa-C. Sodré

Capital Social Esc. 48.000.000$00
Capital Realisado Esc. 24.000.000$00
Reservas Esc. 26.000.000$00

FILIAIS NO CONTINENTE—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Mirandela, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Povoa do Varzim, Regoa, Santarem, Silves, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real e Vizeu.
FILIAIS NAS ILHAS—Funchal, Ponta Delgada, e Angra do Heroismo.
FILIAIS NO ESTRANGEIRO—Paris Rue do Helder, 8, Londres 27 B Throgmorton Street, New York 23 Liberty Street.
FILIAIS NAS COLONIAS—S. Vicente e S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, S. Tomé, Principe, Cabinda Kinshassa (Congo Belga), Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Belmonte (Bihé), Mossamedes, Lubango, Lourenço Marques, Inhambane, Beira, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique, Ibo, Mormugão, Nova Gôa, Bombaim (India Ingleza), Macau e Dilly.
FILIAIS NO BRAZIL—Rio de Janeiro, Campos, S. Paulo. Santos, Bahia, Pernambuco, Parnahyba, Pará e Manaus.

Recomendam se ás Filiais deste Banco no Brazil para os saques sobre qualquer localidade do Portugal, Correspondentes nas principais localidades do Continente e Ilhas Adjacentes e em todas as cidades do mundo, operações bancarias de todos os generos, compra e venda de saques, notas e moedas estrangeiras, coupons, operações de Bolsa, cartas de credito directas ou circulares sobre as colonias e todos os paizes do mundo.

Banco Colonial Português

Séde:—Rua Aurea, 175 a 191

LISBOA

Sucursais:

PORTO — Casa Pinto & Sotto Mayor
RIO DE JANEIRO — Banco Português e Brasileiro

TELEGR. — **Procolonia**

CAPITAL AUTORIZADO: **Escudos 100.000:000$**
CAPITAL EMITIDO: **Escudos 10.000:000$**

SUCURSAIS NA AFRICA OCIDENTAL e ORIENTAL PORTUGUESA

Correspondentes em todas as localidades do continente, ilhas e em todas as praças estrangeiras

Efectua todas as operações bancarias: descontos, transferencias, depositos á ordem e a prazo em moeda nacional e estrangeira, contas correntes, compra e venda de cambiais e de moedas e notas estrangeiras, pagamento por ordem telegrafica e por correspondencia, cartas de credito, ordens de bolsa no País e no estrangeiro, compra e cobrança de coupons, emprestimos caucionados, transacções sobre mercadorias, etc.

Sociedade Industrial de Adubos, Pêlos e Grudes, Limitada

Séde em Lisboa—Rua da Prata, 59, 2.º

Endereço telegrafico: JOSELIA

TELEFONES: Séde — Central, n.º 2293
Fabricas — Paio Pires n.º 16
Armazens — Poço do Bispo, n.º 2?

FILIAIS: No Porto, Rua de Santa Catarina, n.º 108, 2.º
Em Pampilhosa do Botão, Estrada da Mealhada
FABRICAS: No Seixal, "Moinho do Breyner,,
DEPOSITOS: Lisboa, Poço do Bispo, Porto, Rio Tinto, Ruaa, Pampilhosa do Botão e Leiria
AGENCIAS: Em varios pontos do paiz

Fabricação especial de adubos compostos de todas as qualidades e para todas as culturas

Superfosfatos, sulfato de amonio, nitrato de sodio, fosfato Tomaz, sais potassicos, guanos e farinhas de peixe

Productora e fornecedora das melhores purgueiras do mercado

Sulfatos de cobre e de ferro e enxofres

Consultas e informações gratuitas sobre todos os assuntos agricolas.

No proprio interesse dos srs. lavradores aconselhamo-los a não fecharem as suas compras sem primeiro nos consultarem.

EXCELENTES RESULTADOS

Anibal Neves, Limit.

Rua da Prata, 242 a 248 — Rua de Santa Justa, 26 a 32

Telef. 3040 C. **LISBOA** Teleg.: *Vapor*

SECÇÃO TECNICA

Fornecimentos de maquinas e ferramentas para todas as industrias
Instalações de fabricas e centraes de força

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS de:

Maschinenfabrik Badenia Weinheim (Alemanha)
Locomoveis e semi-fixas de todas as potencias

Saechsische Turbinenbau Und Maschinenfabrik, Meissen (Alemanha)
Turbinas, instalações de ceramica, etc.

Usines Bedouwé S. A. Liége (Belgica)
Bombas e compressores

Storebro Aktiebolag, Storebro (Suecia)
Maquinas-ferramentas

Bading & C.º Dresden (Alemanha)
Aparelhos de elevação e transporte

Franz Sieper Remscheid (Alemanha)
Ferramentas para industrias e oficios

Berna Lorries, Limited Olten (Suissa)
Camions, tractores de estrada e agricolas, carros de reboque

Edoardo Bianchi S. A. Milão (Italia)
Automoveis, motos e bicicletes

POÇOS ARTESIANOS
Abertura de poços, trabalhos de irrigação

OFICINAS
de reparação de automoveis, construções mecanicas e metalicas, soldadura autogenea

SECÇÃO DE IMPORT E EXPORT
Materias primas, materiaes de construção, tintas, vernizes, productos quimicos, etc.

SECÇÃO CORKY
Pavimentos sem fendas de superior qualidade. Isolamentos para instalações de vapor e frigorificos

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

Ha homens que criam destruindo, mas tambem os ha que destroem pela impossibilidade de criar.

(Duma antiga filosofia critica)

N.º 3964—12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Quarta-feira 28 de Dezembro de 1921

Telefone n.º 2293 — Endereço Tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Barra, 71

Preço 10 centavos

A missão da imprensa

O sr. Cunha Leal, numa nitida e perfeita compreensão do papel profundamente orientador do publico que a imprensa representa, convidou os jornais para uma reunião que se realisou hontem, no ministerio do Interio.

O sr. presidente do ministerio invocou o patriotismo de todos, pô-los ao facto da gravidade do momento presente e disse esperar dos jornais uma atitude de reflectida calma, não dando noticias alarmantes, não provocando a excitação publica, pois o criterio do governo era impôr a ordem, condição indispensavel de cada um desenvolver a sua actividade a dentro do trabalho util e productivo, para assim se conseguir levantar o espirito nacional, tão abatido pelas feridas, ainda dolorosas, de tristes acontecimentos.

O decano dos jornalistas presentes á reunião do ministerio do interior assegurou estar a imprensa disposta a cooperar nessa obra nacional, reconhecendo ao governo Cunha Leal uma missão que é urgente cumprir, porque dela depende na verdade, os destinos da Patria.

Aqui e neste logar só queremos acentuar o nosso acordo com as palavras proferidas pelo decano dos jornalistas.

Velhas questões inuteis, partidarismos mesquinhos, bagatelas que só excitam e corrompem, devem desaparecer das colunas da imprensa para darem logar a uma outra obra mais alta, mais elevada—o apoio á ordem, levando a cada espirito a tranquilidade e a cada coração uma esperança cada vez maior nos destinos imortais de Portugal.

Livros

Um livro para si? O que lhe hei de mandar? Francamente não sei. Na sua idade tem-se lido quasi tudo. Bourget, Loti, d'Annunzio. Os outros não se usam. Os outros: os filosofos, os historiadores, os moralistas são só para homens. Mas você pede, suplica, exige um livro da minha estante—um livro que eu não tivesse lido nunca e que, por consequencia, nunca tivesse anotado. As minhas anotações metem-lhe medo, esclarecem-na demais, são tão perigosas que você que tem anotado com beijos todos os livros de Bourget e de D'Annunzio, não se sente com forças para ler as minhas sem receio de corar. Ainda me lembro dum livro que lhe emprestei uma vez e onde eu tinha escrito logo na primeira pagina: «O pecado é a unica virtude das mulheres bonitas». Recorde-me que você corou, sorriu, achou mal e durante uma tarde inteira leu ta'o quanto era possivel para me mostrar que eu tinha razão. E' dessa tarde que lhe vem o horror aos livros anotados por mim. Mas bem vê. Um livro que eu não tivesse lido—é um livro que eu não tenho. Ah! é verdade. Está servida. Acabaram de trazer-me, ha cinco minutos um livro novo de mortalhas. Mas lá'o mando. Não o leia; fume-o. O livro de mortalhas é ainda o grande livro da vida. Desfaz-se em fumo como ela; desfaz-se em nada, como nós... Ahi lh'o mando. Não tem ainda uma anotação minha.

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

A Irlanda vitoriosa

Foi aprovado pelos Sinn-Fein o acordo com a Grã Bretanha

LONDRES, 28.—O parlamento Sinn-Fein, Dail Eireann que se esperava que se mantivesse em sessão permanente e levasse toda a noite para discutir o tratado entre a Inglaterra e a Irlanda aprovou-o rapida e inesperadamente por 77 votos contra 44. A sessão foi levantada, marcando-se o dia 3 de Janeiro para a proxima reunião. Esta data coincide com a da reunião do Conselho Supremo dos aliados em Cannes, constando-se que o presidente do governo inglês, Lloyd George, assistirá a essa reunião.—Hat. Am.

Migalhas

Praxédes eleitor

O nosso querido Praxédes descia hoje das Amoreiras para o Rato e estava parado a uma esquina da praça mirando um bando de pardais muito tristes, que um «leader» e um «sub-leader» de tenra edade, cada qual munido duma cana, encaminhavam para os lados das avenidas novas, unicos sitios, onde, como se sabe, esse volatil pode ser actualmente apreciado na sua cotação na Bolsa.

—Então, Praxédes, que ha de novo?

—Que mais um ano vai a findar, que um novo ano vai alvorecer, que a gente se vai fazendo cada vez mais velho e isto vai cada vez peor...

—Não diga isso... Isto para peor já não pode ir... Que diabo! Anime-se, arrebite-me essas orelhas... Que mais quer você? Vai ter eleições...

—Eleições? interrompeu o Praxédes posto subitamente de bom humor. Só essa me faria rir.

—Você ri de cousas tão sérias como seja a voz da consciencia nacional, o sufragio universal, a livre expressão da vontade popular?

—O' meu amigo! Olhe que eu ainda sou do tempo da outra senhora, quando o chefe da repartição nos chamava num sabado á tarde e nos entregava a cada um uma lista para ir votar no domingo de manhã. Já nesse tempo a expressão de vontade popular era livre.

—Pois sim; mas v. ás escondidas trocava a lista do governo por uma lista republicana.

—E' que, meu amigo, a gente nesse tempo ainda tinha fé.

Ia se aos comicios ouvir falar os tribunos da propaganda, liam-se as gazetas vermelhas, esperava-se que o escalhão que era o cruzado viesse para esta vitena, como eles diziam... Agora...

—Agora o quê?

—Agora a gente nem sabe quem são os deputados. E' uma coisa que se ha-de saber na vespera, quando os directorios tiverem acabado as suas combinações. Não aparece um candidato que venha explicar á gente o que tenciona fazer e o que nos prometeu em troca do nosso voto. Eles só se dirigem aos eleitores; dirigem-se á secretaria do partido para não deixarem de ser incluidos na lista. Pois se ele até ha por ahi alguns que fazem revoluções, gritando que vão endireitar tudo, que exprimem a opinião publica, etc., etc. e, passados dias, andam no Terreiro do Paço a querer que o governo lhes eleja um certo numero de notaveis desconhecidos...

Queixam-se os do bom tempo de que o eleitorado já não vai ás urnas, que se desinteressou das eleições. Votar é um dever civico. Sim, senhor, não ha duvida. Mas votar em quem? Pois se eu ainda não sei a quem terei de dar o voto? Se houvesse propaganda publica, se cada um que pretende representar o paiz viesse dizer da sua justiça, afirmar a sua competencia, expôr as suas ideias sobre os grandes problemas, tomar compromissos solenes, se essas reuniões fossem contraditorias, se viesse outro pretendente descompor o primeiro, prometer mais e melhor, expôr outras ideias, indicar outros planos, vá que a gente se interessasse, que mais ou menos conscientemente, melhor ou peor enganado, tomasse partido, fundamentasse o seu voto. Assim?...

Os directorios lá estão mechendo a panela eleitoral, apartando os candidatos. A maior parte são os mesmos que ha varias legislaturas vem dando provas da mais absoluta insignificancia, nem sequer tendo a qualidade essencial da assiduidade, pois quasi a um mez já deixa de haver sessões por falta de numero.

Não, meu amigo, não irei votar e como eu, ficarão em casa milhares de cidadãos. Para que um acto, como é o da consulta eleitoral, tenha qualquer significação e apresente algum interesse, é preciso que se faça agitação em torno de ideias ou mesmo em torno de certos casos em torno de pessoas. Ideias não ha senão a desses meninos se governarem e as pessoas já não merecem que ninguem se prenda com elas... A unica maneira de nos levarem a encher a barriga dos outros é convencerem-nos que tratamos da propria. Assim, com o jogo a descoberto...

Não sei se este mau humor do Praxédes provinha de ter visto passar aquele bando de pardais inocentes, o caso é que falava com uma convicção melancolica e ironica que enchia aquele largo do Rato de uma profunda tristeza. E o mau é que aquele nosso velho correligionario tem afinal razão.

ANDRÉ BRUN.

A reforma do ministerio dos Estrangeiros

O velho funciona ao contínua a falar

—Os disparates da reforma, dos quais já lhe dei alguns especimens, sucedem-se. Vai ver.

O artigo 114 diz: «Os funcionarios, desta terceira secretaria ou consules de terceira classe até conselheiros de Legação e consules gerais, quando permaneçam numa categoria mais de seis anos, terão direito a uma melhoria de 20 por cento do seu vencimento de classe por cada periodo de igual duração. Perdem essa melhoria quando promovidos á categoria superior.»

O resultado de tão sabia providencia é este: Tome nos um consul de primeira classe que percebe, por lei, 804 escudos anuais. Ao fim de seis anos passa a vencer 804 mais 160 (20 por cento)=a 964, ou seja mais do que um consul geral que vence 950. Ao fim de doze anos começa a receber 964 mais 160=1124 e ao cabo de desoito anos 1124 mais 160=1284, ou seja mais do que um ministro de segunda classe que aufere 1.200 escudos. Mas um belo dia o cavalheiro é promovido a consul geral. E sucede-lhe esta coisa engraçadissima: passa a receber 950 escudos, isto é, menos 334 do que recebia anteriormente.

Outra: Pelo artigo 151 «os Embaixadores ou Chefes de Legação que nem casados receberão anualmente um abono especial equivalente a dez por cento dos seus vencimentos; quando, além de casados, tiverem dois filhos ou mais, o abono será de 15 por cento.»

Não diz a lei que idade devem ter os filhos do embaixador ou chefe da legação para que ele tenha direito a receber aquele abono. O:a o homem pode ter dois, trez, quatro ou mais rebentos que sejam todos eles conselheiros de legação, consules gerais, etc., — e por esse simples e dispendioso incidente na sua vida o Estado portuguez, que é bom pai, dá-me cinco por cento dos seus vencimentos para que o infeliz diplomata possa equilibrar o seu orçamento domestico. Que me diz a estes notaveis financeiros do gabinete técnico?

E já que estou falando de vencimentos, deixe-me ainda referir a um aspecto curioso da questão. Os vencimentos propriamente ditos não foram aumentados.

O que se aumentou foi a percentagem garantida dos emolumentos que passou a ser de 240 para os da secretaria e 180 para os do quadro externo, em vez de 120 que era anteriormente para uns e outros. Tambem se aumentaram as despezas de representação e residencia para legações e consulados e, valha a verdade, a não ser um ou outro caso especial, em proporções que não só nada teem de exageradas como ficam ainda áquem das necessidades actuais.

Da forma que todos foram mais ou menos beneficiados. Todos—excepto o pessoal menor. Essa humilde classe que tão mal paga era, continúa a sê-lo pela mesma forma porque, pela reforma, não tem direito á partilha de emolumentos. De facto, pelo artigo 178 «Os vencimentos de classe dos funcionarios diplomaticos e consulares do Ministerio dos Negocios Estrangeiros compõem-se de ordenados fixos, com vão indicados na tabela n.º 1 e do emolumentos pagos por cofre creado pelo decreto n.º 5765, de 10 de Maio de 1919.»

E pelo artigo 179, «o limite determinado nos artigos 3.º, 12.º e 17.º daquele decreto passa a ser de 240 por cento para os diplomaticos e consulares, quando na secretaria de Estado e de 160 por cento quando nos postos no estrangeiro».

Como vê, em ambos os artigos se frisa claramente que se trata só dos funcionarios diplomaticos e consulares: ora não pretendendo o pessoal menor a nenhuma daquelas classes, fica privado de receber emolumentos.

Pois bem! E' este mesmo pessoal menor, sacrificado ás ambições e á voracidade dos ratões e das ratinhos das Necessidades, que estes procuram arrastar a que faça causa comum com eles na campanha a favor da manutenção da reforma, fazendo-lhes crer que se esta não for para deante ele, pessoal menor, ficaria sem aumento de vencimentos—como se ela lho desse!

Quer dizer: vendo-se perdidos apelam para todos, até mesmo para os seus indigitados.

BELAS-ARTES

"AR LIVRE"

Inaugura-se amanhã no «Bobone» a 10.ª Exposição do mestre Carlos Reis = e seus discipulos =

Se as exposições de Belas Artes, lá em cima na Avenida, de xam sempre muito a desejar pela dificuldade talvez de encher todas as paredes de que resulta a admissão de muitos banalidades, as paredes do Bobone, pequeninas, aconchegadas, comportam com facilidade cinco nomes sem que o publico se canse ou o olhar se hostil se.

Depois, os nomes que agora aparecem no Bobone são de conhecidos. Todos os anos, e já lá vão 10, este grupo do «Ar livre» tem afirmado os seus trabalhos e marcando no seu genero. E' a escola moderna, do nosso seculo, jogando com as claridades, cheia de «pochades» impressivas, pedaços de natureza arrancados em golpes subitos de vista. Sae-se do Bobone, como de tantas outras exposições, sem grandes espantos de maravilha, mas com o contentamento de não termos tropeçado em mais meia duzia de loucuras guindadas á força do elogio mutuo a celebridades incompreendidas. E' ainda uma arte vivida pela inteligencia e não interpretada pelos nervos.

Carlos Reis tem a iluminar a sala, cinco telas. Ao topo, «A esmola do sabado», soalhenta, sincera, fugindo em contraste entre os figuras dos pobres e o muro em branco crú. O n.º 3 «Passagem do Cirio» é tambem uma bela sinfonia de luz, notando-se uma dificuldade vencida, na pintura dos varios planos. Tem a nosso ver um «burrico» fora do seu logar, elevado, no ar...

O «Eterno faduario» (3) é para nós o melhor dos trabalhos. Um interior com luz bastante, figuras detalhadas, cheias de expressão, e um efeito de agua magnifico.

Os dois restantes «Nascer da lua» (4)—um pequeno poema em violeta—e «Bucolismo» (2) um estudo de luz entre arvoredo, são mais vulgares embora revelando em cada detalhe o pincel do mestre Reis.

Antonio Saúde é o 2.º do catalogo. A par dalguns trabalhos modernos reaparecem as «pochades» impressionistas de 1913, como os «morgens» nebulosos, esquisitos, predicados do Mesa (6) e dois trabalhos sobre o «sonho». Deles destacam-se o dos «Efeitos de luz durante a noite», (8) essa braseira amarela, incendiando tudo, e cujo reflexo baila nas aguas verdenegras do rio.

As margens do Vouga (10) é muito detalhado, cheio de luz, um pouco duro talvez na margem do lado do outeiro. Os restantes são telas vulgares, sem desdourar do nome que Saúde até hoje tem conseguido.

Falcão Trigoso a quem nos referimos largamente a quando da exposição que ele realizou em 1920, exhibe agora 4 lindissimos trechos do nosso admiravel Algarve.

«Aquela tarde» (14) é tão ligeiro de tons que lembra uma aguarela delicada. Que belos efeitos de luz, que tonalidades tão reais. Os amendoeiras algarvios (16) é um recanto da praia, rochas caprichosas erguidas junto ao mar, o mar que está admiravelmente pintura tão local, tão regional deste pintor. Nas 2 restantes as mesmas caracteristicas; cor local, carinho e amor na arte, bem patente.

Alves Cardoso, um belo nome tem dois quadros grandes «A vaca branca» (19) e «Sara descança» (18), este parecendo-nos ecos um pouco que uma deixa colocado. São obras de consagrada, trechos da vida campesina rasgados com sciencia. «Casebres» (22) é um pequeno estudo de nuvens e ceu a entrever-se; «No planalto» (21) um trecho com bela perspectiva, bem longe da nossa terra.

Frederico Aires expõe 7 telas no seu processo costumado. As ruas de aldeia, suas menos de 3, sao a sua especialidade; afaguladas, casario á Lidar, cheio pedregoso, tudo em colorido vivo.

Em contraste com as paisagens, alguns estudos e telas de mar. Aqui principalmente larga, gesto amplo com «A dragua (26) e «A descarga da sardinha» (25). Frederico Aires é um trabalhador, afoito que deve orientar as suas faculdades afim de que o seu nome já conhecido, mais se afirme ao publico.

João Reis fecha o grupo dos 6. Acaba a imprensa de se referir em particular as seus trabalhos apresentados na «Exposição do seu atelier». E' também um artista cheio de valor, cuja orientação artistica ainda não está definida. No entanto qualquer dos seus trabalhos apresentados, os largos «Cepas com «Inverno» (32) onde ha revelações de talento, ou os trechos cuidados, desenhados como os «Tias de Caldelas, são de um artista de largos recursos. O quadro «Nebelina» (33) merece referencia especial.

E assim se sae do «Bobone», repetimos, sem grandes satisfações de prazer, mas com a consciencia, hoje mais do que nunca, de ter notado, de termos visto uma serie de trabalhos honestos e honestamente feitos com consagração á arte e á natureza.

ARMANDO FERREIRA

Lêr amanhã:

Por terras já dantes viajadas

XVII—Os pasantes de... Viena

por ARMANDO FERREIRA

POLITICA INTERNACIONAL

A bancarota fraudulenta

Notavel artigo de Raymond Poincaré

A Camara votou já o orçamento. A Comissão de Finanças do Senado, imediatamente redobrou de actividade para em poucos dias terminar a redação dos seus relatorios e espera poder colocar a alta Assembleia em condições de começar ainda esta semana a discussão do orçamento.

Começar, porém nada é. O que é preciso é chegar ao fim antes de 31 de Dezembro. Isto exige um esforço que tem de fazer-se.

Os oradores inscritos deverão renunciar aos seus longos discursos; será necessario sacrificar á utilidade publica os interesses eleitorais e as satisfações do amor-proprio; aqueles dos homens publicos sobre quem a tribuna exerce uma atração irresistivel, serão obrigados a confessar a si mesmos que ha momentos em que o silencio é um dever patriotico. O Senado compreenderá em eleito que nas circunstancias presentes o regimen instavel e movediço dos duodecimos provisorios só nos pode trazer inconvenientes e mesmo perigos.

Certamente, o orçamento tal como ele resultou das deliberações da Camara é bastante imperfeito. Os deputados sabem-no melhor do que ninguem. Eles porém e sobretudo quiseram apenas entrar no bom regimen, terminando a sua obra antes do 1.º de janeiro; e não deixam de ter razão. Um orçamento mesmo mediocre é mil vezes preferivel neste momento á incerteza e á desordem financeira a que fatalmente os duodecimos nos conduziriam.

Nunca o nosso tesouro teve como agora a necessidade de encontrar diante de si, um pouco de futuro; nunca como agora será tão mau para a nossa administração viver ao Deus dará.

Sobretudo nunca como agora houve tão grande perigo para a nossa politica externa arriscar entravar a sua acção pela irregularidade dos motivos documentais. Não querendo com isto desagradar aos amadores dos torneios oratorios, entendemos que os senadores que souberem calar-se, merecerão bem o reconhecimento do paiz.

E' imediatamente após a votação do orçamento que hão-se postas as questões de que depende a sorte das nossas finanças.

No «Matin» de 4 de outubro, no momento em que os aliados acabavam de levantar tão inoportunamente as sanções economicas escrevia eu: «Cedo, bem cedo, nós saberemos de que maneira a Alemanha republicana que se assemelha como uma irmã á Alemanha monarquica nos pagará esta nova amabilidade. E expuz detalhadamente o trabalho preservante e subtil a que se entregava a Alemanha para fugir ás consequencias do ultimatum de Londres ao estatuto de pagamento que lhe dirigia e significava, no começo de maio a comissão de reparações. Citava nesse artigo não só artigos extraidos dos jornais alemães e as palavras siginificativas de Stresemann e Simons mas sobretudo estas palavras caracteristicas pronunciadas pelo proprio Rathenau: «A execução integral do ultimatum atingirá, o mundo inteiro, mais do que nós».

A 21 de Novembro repetia em aqui «Uma grande ofensiva se prepara não só contra o tratado de Versailles, mas ainda contra o estatuto dos pagamentos. Pareçe que alguns dos aliados escutam as vozes do Reich com certa complacencia e meditam novos regulamentos que favorecem sem duvida a reconstituição da Alemanha, mas que levariam as finanças francezas a extremos deploraveis.

As minhas previsões realisaram-se mais depressa do que eu supunha. Hoje o mesmo chanceler Wirth offeres nova a irrisoria quantia de 150 a 200 milhões de marcos oiro; previnenos que a Alemanha não podia honrar completamente os seus compromissos pagando as prestações de 15 de Janeiro e 15 de Fevereiro de 1922 e anuncia-nos o revamente que as mais dificuldades surgirão nos prazos seguintes. Ora recentemente, quando o «comité» das garantias e a comissão das reparações se encontraram em Berlim, reservaram o exame da prestação de 1.º de Maio para a qual entreviam alguns embaraços. Mas antes uma como a outra foram de opinião que nas datas de 15 de Janeiro e 15 de Fevereiro, a Alemanha podia perfeitamente honrar os seus compromissos. O senhor Wirth diz-nos hoje: «Tentamos um emprestimo na Inglaterra. Não o conseguimos porém. Mas como poderia o Reich supôr que encontraria credito na Inglaterra, antes de sanear as suas finanças, de suprimir as suas despezas sumptuarias e de assegurar a entrada dos seus impostos? Era no proprio Reich, junto dos seus grandes industriais que ele devia procurar as devisas estrangeiras necessarias.

Como muito justamente frisava ha dois dias o Daily Mail: «A Alemanha deve pagar porque pode pagar. Empenhou quantias enormes parte de um bilião de libras sterlings, desde o armisticio em emprezas estrangeiras. Nada mais tem do que recorrer a esse dinheiro, para liquidar 2 ou 3 vezes a prestação de Janeiro». E o mesmo jornal nota, com não menos razão que a comissão de reparações depois de um estudo aturado e consciencioso da situação economica da Alemanha estabeleceu que o Reich se encontra em condições de pagar quantias bastante avultadas. Inutil será recordar que o delegado inglez, sir John Bradbury se associou a este trabalho técnico e que assignou com o sr. Dubois a nota enviada nesse sentido á Alemanha. Nessa acta cuja importancia é inutil frisar, a comissão declarava ao Reich que se as prestações de Janeiro e Fevereiro não fossem pagas a Alemanha se expunha a «graves» consequencias.

Depois de tais palavras, recuar é impossivel.

* * *

Será possivel que Lloyd George no dia seguinte á receção da nota de Wirth tenha pensado e creia oportuno dedicar-se sem mais demora á reconstituição economica do mundo e que queira amanhã nas suas entrevistas com Briand abordar este gigantesco problema? Era preferivel desejaria, no entanto que os aliados se deixassem de tanto fantasiar e que resolutamente metessem mãos á questões mais comesinhas, é certo, mas mais praticas e precisas.

Os aliados sabiam, no mez de Maio precisamente o que sabem hoje. Estiveram em vesperas de ocupar o Ruhr. Podiamos ter mobilisado uma classe, podiamos, sem mais razões apropriarmo-nos até pagamento total de todo o carvão alemão. Disseram-nos porem «Devagar, esperem. Comecemos por um ultimatum. E se a Alemanha o aceita, teremos, sem mais incomodos o que desejamos; e recusa então marcharemos.

A Alemanha tinha que aceitar; prometeu-nos tudo quanto lhe pedimos; fomos ás portas do Ruhr, e hoje como não podemos facilmente atingi-las, a Alemanha confessa-nos: «Só acedi ao ultimatum para ganhar tempo e não estou disposta a executa-lo».

A não ser que queiram cavilecer que se queiram condenar a si proprios os aliados não tem senão uma resposta a dar-lhe: «Não. Basta. Pague ou tomaremos as nossas medidas». Diriam: a quantia de 32 biliões fixada pela comissão das reparações, muito abaixo dos prejuizos reais e aceite por todos os governos interessados, seria tomar uma medida em tudo contraria ás mais solenes promessas feitas ao parlamento e tirando á autoridade moral dos povos aliados. Modificar um estatuto que foi inserto num ultimatum e que se tornou um verdadeiro contrato entre a Inglaterra, a Belgica, a Italia a Alemanha e a França, seria deixar que a incoerencia nos conduzisse ao desconhecido. Tomamos uma posição. Não sou daqueles que a aplaudiram. Mas tomámo-la. Conservemo-la. Do contrario não mais saberemos aonde vamos parar.

* * *

Resta, ainda, alegentar dos acordos de Londres, algumas ilusões que ainda conteem e dar-lhes enfim efeitos praticos.

Em primeiro logar dizse num desses acordos... «Se a Alemanha não aceita o ultimatum nós entraremos no do Ruhr.

Teria sido de uma prudencia elementar acrescentar:

Se a Alemanha depois de ter aceite não executa os seus compromissos, tomar-lhe-homos as garantias a que provisoriamente renunciámos. E' preciso pois preencher esta lacuna. E' preciso egualmente agarrar a ocasião que nos oferece a sua vontade ao Reich, para fazer admitir pelos nossos aliados a doutrina franceza dos prazos de evacuação da margem esquerda do Rheno.

Estes prazos não decorrem, pois que a Alemanha mostra-se em falencia, mas seria bom que aparecesse sobre este assunto uma declaração comum.

Em segundo logar foi criado pelos acordos de Londres ao lado da comissão das reparações um «comité» ao qual foi recusado todo e qualquer meio de ação. Foi expressamente proibido de se intrometer na administração alemã e não procurar para com se informar outros recursos que não sejam os do escutar o que muito bem lhe querem dizer dos agentes do Reich.

E' tempo de acabar esta comédia.

O sr. Briand afirmava ha dias no parlamento que a Alemanha podia pagar e que se ela não pagasse era propria se porta em caminho da bancarrota fraudulenta.

Ordem publica

Houve efectivamente um alarme mas o governo confia na força publica

Lisboa inteira, ao passar pelos olhos os jornais da manhã, arregalou-os espavorida o insolito, por instantes, em sentar-se da normalidade. A revolução—mais outra!—era distribuida nos domicilios ainda fresca da tinta da impressão e dos boatos noticios s. A fatia, porém, do primeiro impulso dum instintivo susto Lisboa volve-se para os orgãos maior da pessoas transeuntes e de homens de negocio nos orterios centrais, havia-se esta suavisado e acordado sol de inverno. Verificou-se assim a aviso, que nada houvera e que assim alguma havia. E assim assim.

O certo, porem, é que não ha fumo sem fogo. Só o governo se conservou vigilante até altas horas da manhã, as tropas se conservaram formadas, durante a maior parte da noite, em armas, nas portas dos seus quarteis e porque, evidentemente, suspira um grito de alarme. Mas foi só isso.

O que houve, de positivo, foi o seguinte: á policia de segurança do Estado foi dada ordem para efectuar certas prisões de agitadores conhecidos, missão que se recusou a cumprir; o governo dispensou imediatamente do serviço os agentes indisciplinados. Esse gesto de policia teria ligação com algumas reuniões de elementos civis, efectuadas, esta noite, em determinados centros? E possivel que sim. E o governo, á cautela, precaveu-se com a efectivação de medidas de segurança geral. Cuidou apurar o que estava planeado, e se na noite alguma coisa de anormal se projectava levar a efeito.

E' natural que casos semelhantes se vão repetindo, á medida que se aproxima o acto eleitoral. O governo do sr. Cunha Leal toma precauções, visto conhecer os designios de agitadores. Vela, enfim, pela ordem publica. Ninguem, no fim de tudo, pode a levar a mal.

O «Vasco da Gama» deve largar proximamente ao Tejo. Ira aos Açores, realisando uma pequena viagem de instrucção para os guardas-marinha. O sr. Nortoa de Matos, Alto Comissario de Angola, necessita dum navio de guerra para uma comissão urgente de serviço. O general tencionava fazer uma visita oficial ao governador do Congo Belga, convidando-o depois a ir á Lisboa e a percorrer uma parte da provincia, como hospede do governo angolense. E' possivel que o serviço maritimo se desempenhado pelo cruzador «Vasco da Gama», que já tem, alias, quasi concluidos os seus preparativos de viagem.

Alguns contingentes do exercito tem vindo reforçar as unidades militares de que o governo poderá lançar mão, em caso de necessidade. Assim, noticiam os jornais que alguns baterias de artilharia estão acampadas em Vila Franca de Xira e que outras se aproximam das margens do Tejo.

Deve haver tambem concentrações de infantaria, que nos, ahas desconhecemos.

Em resumo: não ha motivo para alarme o publico, que deve manter-se tranquilo, entregando-se ao habitual labor, confiante na acção das autoridades.

Um novo invento de Edison

A destruição das trincheiras

LONDRES, 28.—«Daily Chronicle» da informações sobre o novo invento do laboratorio de Edison para destruir trincheiras. O invento consiste numa grande roda carregada de poderosos explosivos. A essa roda seria dado um movimento giratorio de trinta e cinco milhas por segundo e seria em seguida lançada como por uma catapulta. Nas experiencias feitas esta roda percorreu duas milhas cortando arames e obstaculos de arame, o que teria sido de grande utilidade na guerra.—(R.)

Se se tratasse dum francez, em tais casos, este incorreria nos termos do artigo 402 do Codigo Penal, na pena de trabalhos forçados.

Devemos nós, tratar a caloteira Alemanha com mais indulgencia do que tratamos os nossos compatriotas?

A condenação pronunciada pelo Briand deve ter uma sanção, comece-nos obrigar a Alemanha a trabalhar para reparar e reconhecer-se a fiscalisar as suas finanças, as suas exportações e as suas divisas.

Tudo que não for esta fiscalisação, é incorajá-la á banca rota e á insolvabilidade.

O sr. Briand, fez-se acompanhar a Londres, por um grupo de peritos. Só o tomos a felicitar por isso. Porque é mais do que certo ele encontrar o sr. Lloyd George, rodeado do um exercito de peritos.

Os assuntos a estudar nada teem com a oratoria. Exigem atenção, paciencia e reflexão. Seja qual for o valor dos seus auxiliares, Briand poder-se-ha considerar bem inspirado se não tomar nenhuma decisão, imediatamente, se se souber reservar se voltar a Paris inteiramente livre. São os proprios destinos de França que estão em jogo.

Factos e palavras

A PROPOSITO

... DA GRAÇA E DA PIADA

Em Portugal já não ha cavaqueadores que tenham graça. O espirito nacional tende a desaparecer. Lá aparece um de vez em quando, o sorriso franzido nos cantos da boca, a frase afivelada ao sorriso. Mas isso é raro, rarissimo. Tão raro como encontrar uma pessoa que consiga conversar duas horas a fio sobre assuntos que interessem.

Mas no entanto a graça não desapareceu em absoluto. A graça evolucionou e deu logar á piada. E até em certas ocasiões a piada dá logar... ao piadão.

Por piadão deve entender-se todo e qualquer dito atirado quer á queima-roupa quer com preparação e que obriga o auditorio a rir ás escancaras com prejuizo ao fato que deve ficar pelo menos sem os botões dos suspensorios e a presilha das calças.

Um cidadão que hoje em dia consiga ter um piadão é um cidadão feliz, solecisado, convidado para jantares, reuniões, bailes, e recitas de amadores.

Aquele que apenas tiver uma certa piada é pessoa estimavel, apreciavel, digna de ser escutado alguns minutos se traz alguma nova.

E finalmente aquele que tiver graça — piada fina, como lhe chamam — tem que se contentar com dois ou tres amigos que o escutem, quando o escutarem.

Como creação moderna um pouco afrancesada temos ainda o «blaqueur».

O «blaqueur» inventa sempre. Faz os boatos, arranja as intrigas, movimenta os cafés e acaba por não saber o verdadeiro nome das coisas.

Se é inteligente a sua «blague» é uma arma terrivel. Levanta anões e derruba gigantes com ironia com leveza, com subtileza.

Se é estupida fica estrangulada nas mãos dos seus proprias «blagues».

Tem sucedido isso a muito ser inofensivo, o que aliás é lamentavel.

BOTTO DE CARVALHO

◆ ◆ ◆

Para socorrer o compositor Meshawaki que em encontra doente e em precarias circunstancias, promoveu-se em seu beneficio um concerto no Carnegie Hall, em que tomaram parte 15 celebres pianistas. O concerto terminou tocando os 15 pianistas ao mesmo tempo e em 15 pianos a marcha de Schumann, produzindo um soberbo efeito.

◆ ◆ ◆

O vice almirante sr. Hipolito de Brion já começou a efectuar o inquerito sobre o conflito entre o capitão de mar e guerra sr. Morais de Carvalho e o 1.º tenente da Administração Naval sr. Covachiche.

O sr. Hipolito de Brion tinha sido encarregado pelo ministerio Maia Pinto de efectuar o inquerito acerca dos acontecimentos de 19 de outubro no Arsenal.

Mas nessa altura não se poude encarregar desse inquerito por não lhe caber a vez na escala de serviço.

◆ ◆ ◆

Hontem exibiu-se pela primeira vez no Cinema Condes o film Thais, extraido do romance de Anatole France.

Precedeu esta exibição o reclame habitual.

Anatole France não deve ter visto a fita porque estamos convencidos de que se a tivesse visto não ia na fita... deixando-a correr.

E' o que se chama estragar honestamente um assunto.

◆ ◆ ◆

Ontem voltou o aspecto agitado á cidade de Lisboa. O portuguesinho valente já estava sentindo a falta do numero habitual no programa da vida citadina.

◆ ◆ ◆

O movimento de passageiros nas linhas dos caminhos de ferro alemães foi este ano muito inferior ao dos anos anteriores, devido ao excessivo custo das passagens.

◆ ◆ ◆

Os primeiros resultados apurados com relação ao movimento comercial da Alemanha com o estrangeiro mostram que no mez de novembro o saldo negativo foi de quatrocentos milhões de marcos somente, ao passo que em outubro tinha sido de quatro mil e duzentos milhões.

Duvida-se que esta melhoria se possa considerar como uma melhoria que seja permanente; durante os ultimos sete mezes o saldo negativo foi de 13 700 milhões.

◆ ◆ ◆

Segundo a estatistica oficial faleceram nos Estados Unidos cerca de 89.000 pessoas vitimadas pelo cancro.

As letras

Recebemos e agradecemos o folheto «A glorificação da arvore» do sr. A. Castro.

IMPRESSÕES

Lisboa vista por um americano

A importante revista americana «World Traveller» publicou recentemente um artigo bastante curioso, em que um viajante, o sr. T. R. Yberra, que passou em Lisboa a bordo do Britania, narra as impressões que recebeu em Lisboa, onde desembarcou.

São desse artigo os seguintes passagens:

Trez dias depois ingressava o Britania no Tejo, demandando Lisboa.

Diante de nós a terra historica de Vasco da Gama e de Camões — o lindo Portugal.

Passámos junto á torre de Belem, outrora formidavel, hoje ornamental apenas.

O sol dardejava, a pino no ceu; a agua rebrilhava; as vidraças da torre faiscavam — como era bom tornar a ver a Europa, a terra do pitoresco.

Lisboa é uma cidade agradavel. Construida sobre vales e colinas, de onde seria facil esmagar, bombardeando-a, a cidade baixa, está crivada de ascensores enormes.

Ha em Lisboa o habito deveras curioso de forrar por completo de azulejos ornamentais as paredes das casas em vez de os dispôr por aqui e por ali segundo as indicações da estética. E' mais uma nota no color do brilhante da capital portugueza mas é de um efeito pelo menos estravagante.

Não é só nisto porém, que os lisboetas manifestam o seu amor aos mosaicos de cores claras. Fizeram o chão do principal largo da cidade, o que chamam o Rocio, de um empedrado branco e preto, ás ondas, que é de entontecer toda a gente, muito especialmente a que vem de bordo.

Fui a uma tourada logo no dia do desembarque. Uma tourada á portugueza é tão diferente duma á espanhola como o dia da noite. As autoridades portuguezas não permitem a morte do touro. Tambem não ha o picador, fazendo morrer nas hastes da fera, duma morte horrorosa a sua nobre montada.

Em Portugal limitam se a uma serie de sortes com touros embolados. A mais importante de todas é feita por brilhantes cavaleiros, vestidos como fidalgos de ha trez seculos, que cravam ligeiras farpas no pescoço do bicho, desviando habilmente dos seus impetos os magnificos cavalos que montam.

...O que ha de mais notavel a ver em Lisboa é o mosteiro de Belem, construido pelo rei D. Manuel I, como sinal de regosijo e agradecimento pela descoberta do caminho maritimo para a India.

O claustro do convento tem uma fama universal. E' um optimo especimen do estilo chamado Manuelino, o qual, nas suas colunas torsas e aspecto exotico, revela uns longes de influencia da arquitetura daquela India tão estranha que tanto maravilhou Vasco da Gama e os seus companheiros de aventura.

...Depois segui para Cintra. Ir a Lisboa e não ver Cintra é ir a Roma e não ver o Papa.

Cintra é uma pequena cidade a algumas milhas de Lisboa, escondida entre densos arvoredos e cercada por serras alterosas de que se disfruta uma surpreendente vista.

Dominam-na as ruinas dum velho castelo mouro, muito interessante.

O melhor de Cintra é o palacio mouro, (sic) mesmo na cidade. Foi construido pelos Mahometanos emquanto governavam na peninsula e parece uma obra das «Mil e Uma Noites».

E' cheio de claustrozinhos sombrios, repuxos murmurantes, janelas misteriosas, gradeadas de ferro... Se pudessem aparecer grupos de arabes e odaliscas veladas, a alegria do visitante seria completa.

E então a cozinha do palacio! Com chaminés daquelas, assar no aspeto um boi inteiro era coisa de pouca monta!

....

Quem estiver farto de coisas ja muito vistas venha a Portugal.

E não se ha de arrepender.

Lá como cá...

A demissão do sr. Berthelot

LONDRES, 28. — Lamenta-se nesta cidade que o sr. Berthelot ministro dos negocios estrangeiros francez tenha abandonado o seu cargo.

O sr. Berthelot pediu a sua demissão por ter sido severamente criticado na imprensa e na Camara franceza por ter enviado um telegrama aos Bancos americanos solicitando-lhes que aceitassem cheques a favor do Banco Industrial da China do qual era director gerente seu irmão. — (R.)

DE TODOS OS DIAS

Almas doentes

A tarde põe manchas macerados em nosso facies fim de raça, afivelando-nos mascaras dolorosas, sorrisos contrafeitos de palhaços, cabriolando numa alegria que não temos, arrastando a vida com frases sangrentas de vencidos, alspinhadas pelos cafés da Baixa a horas de palreio literario e maldizente, ou misturando-nos num insolito des boulevardiers com a turba-multa que circula.

E os dias passam estiolando-nos as energias enfraquecidas, incapazes de dominar a avalanche que nos esmaga, e gritar bem alto impondo nossos valores acorrentados, prisioneiros sonambulos do «struggle» feroz e utilitario.

Em nossa volta, a atmosfera dele's ri de uma instabilidade insustentavel exalando forforescencias politiqueiras, que entoxicam, tudo envolve num abraço de vampiro, cercando os horisontes, amordaçando todos os brados, e tolhendo todos os gestos. Uma intensa malevola, confunde todas as atitudes superiormente morais, amarrando-as ao pelourinho das vaias, zurzindo-as de ataques pessoais, que os garrotam á nascença, imbuindo assim, que as ideias nasçam e ensaiem o vôo soberano da iniciação.

A nossa vida politica, que morto o rotativismo sonolento do passado, tem vindo a gandaia, creando situações momentaneas em que os campos e as atitudes atingem proporções odiosas de barricada, reflete-se na evolução mental da gente nova, quebrando-lhe a natural altivez de suas afirmações, comprometidas de morte amanhã, sempre generosamente se distinguem os ideias dos gestos do «bas fond», de tal sorte entre nós se encaram as profissões de fé politica, abstraindo sempre qualquer razão intelectual a secunda-las.

De resto, o materialismo interesseiro que a guerra acordou, e cada vez mais senhor de nossos passos, estimulando todos os egoismos, hoje encarados com uma passividade degradante, por novos e velhos, lançados na luta como forçados, na ancia gigantesca de vencer.

E assim as gerações desabrochand num meio corrompido, em que qual quer palavra escapada ao acaso, pode ser o libelo de uma condenação eterna, aprendem cedo a gatinhar na sombra, matreiras, em busca do naco apetecido, com a manha subida de velhas raposas; — que não o fizessem e la estava a fobre das casamatas pra devorar-lhes os ossos pelo crime imperdoavel de pensar.

Depois, urge vencer já. A vida é de momentos. Mais do que nunca sentimos que ela nos foge, que a nossa hora passou despercebida, que ficamos condenados, vencidos, esquecidos. E vá então de ensaiar um ultimo esforço, enorme, definitivo, para vencer tambem o nosso instante, que ha de salvar-nos ou perder-nos. E' o momento dos fortes!

Os outros, a legião imensa dos vencidos, continua a arrastar na sombra suas almas doentes maldizendo a vida em rezas de sarcasmo esverdeado, a cavar a ruina dos que grimparam na vespera, e não consolidaram ainda o pedestal.

São eles que zigzagueiam pelas ruas na meia luz das 5 horas, á cata da mulher que não possuem nunca, que acumulham de dichotes sangrentos os burguezotes bem comidos, que amesendam pelos cafés demolindo reputações literateiras do momento, e erguendo sempre mais alto o seu sonho irrealisavel, que escuta a sua eterna dispersão inutil.

Almas doentes Quichotes deste Chiado decadente, toda uma geração de vencidos, demolindo o tributo «terra-a-terra» de meia duzia, gente nova corcovando ao peso da tragedia de viver, el s ahi vão passando na vida como um detalhe picaresco, uma nota á margem do carnaval politiqueiro de todos os dias, queimando inconscientemente toda a seiva duma geração, incapaz de se bater por uma ideia, e nem já mesmo na sua passividade acomodaticia, por uma mulher, por nada que desperte e reanime, vivificando de novas energias a pulmoeira envenenada de todos nós.

A nova geração é bem um producto do ambiente onde nasceu e medrou, refletindo nas suas atitudes o desiquilibrio de ideias a que chegamos, tão identificada com o meio, que a ele se adapta tão facilmente, como o polvo toma a cor da rocha, para viver bem com Deus e com o Diabo. E' o meio, que exige que afivelemos esta mascarilha dubia e traiçoeira, ensaiando de momento o sorriso incolor dos que nunca tomaram uma atitude, arcando desassombradamente com o peso das responsabilidades.

Saida de nós, a geração que nos suceder, herdeira de todas as taras que corromperam o nosso espirito mal formado, acostumada a esconder intimo, os arrancos de entusiasmo e de desespero, será um triste rebento fim de raça, a apressar nem «de profundis clamavit» a hora maldita de mergulhar na sombra do esquecimento.

E afinal, nós não somos os culpados.

ORNELAS PEDREIRA

PELO TELEGRAFO

A Irlanda

A favor da ratificação do tratado

LONDRES, 28. — Começou um forte movimento na Irlanda a favor da ratificação do tratado. No dia de Natal o Bispo de Cloyne dirigiu uma carta aos seus paroquianos, a qual foi lida em todas as igrejas, recomendando o acordo anglo-irlandez, indicando as suas vantagens e as consequencias da sua rejeição.

O sr. Michael Collins enviou á America uma mensagem na qual salienta que as clausulas do acordo deixam o futuro da Irlanda nas mãos dos irlandeses. Se eles forem fortes e corajosos a Irlanda seguirá triunfante. O sr. Collins conclue a sua mensagem declarando poder dizer ao povo americano que encara o futuro com grandes esperanças e com a maior confiança. — (R.)

Na India

A população hostil ao principe de Galles

CALCUTÁ, 28. — O celebre agitador indiano Ghandi ordenou que fosse considerado luto o dia da visita do principe de Galles. Os indios em obediencia a estas ordens afastaram-se das ruas percorridas pelo principe e paralisaram todos os seus negocios. Houve rixas no bairro de Mohamet tendo ficado vinte e quatro pessoas feridas e um individuo foi para o hospital agonisante. — (R.)

Reparações

Um convite ás potencias para a proxima conferencia

PARIS, 28. — O sr. Briand pediu aos governos britanico, italiano, americano, japonez e belga, para se fazerem representar no dia 6 de Janeiro na conferencia de Canes. O programa da conferencia consta das questões das reparações e da convocação da conferencia internacional. A comissão das reparações examinará hoje as providencias a tomar em vista da nova falta da Alemanha a respeito do fornecimento do coque industrial a entregar á França. As reduções que se teem notado nas entregas não são provenientes das circunstancias desfavoraveis, mas sim de repugnancia manifestada pelos industriais alemães em verem o coque servir na utilisação do mineral loreno. — (H.)

Noticias de toda a parte

Foi denunciado pela Espanha o tratado comercial com a Alemanha

BERLIM, 28. — A Espanha denunciou o tratado de comercio com a Alemanha, que termina em 20 de Dezembro de 1922, declarando desejar que continuem as relações comerciais que normalmente existiram entre os dois paizes. A Espanha convidou a Alemanha a apresentar as suas propostas neste sentido. — (R.)

Os motins no Cairo

LONDRES, 28. — Teem continuado os motins no Cairo. Os estudantes juntaram-se aos revolucionarios, tendo sido cinco mortos e ficando feridos vinte.

Dois regimentos inglesos receberam ordem de seguirem imediatamente de Malta para o Egipto. — (R.)

A gripe em Berlim

BERLIM, 28. — Está grassando nesta cidade uma epidemia de gripe. Os hospitais acham-se apinhados de enfermos. — (R.)

Um acordo da Inglaterra e França com a Russia?

LONDRES, 28. — O «Times» diz estar informado de boa fonte que os presidentes do conselho de ministros francês e inglez resolveram convidar o sr. Tchitcherine comissario dos negocios estrangeiros da Russia e Litvinoff comissario ajudante, a visitarem Londres nos começos de fevereiro. — (R.)

A questão Berthelot

PARIS, 28. — Depois de um grande debate na Camara sobre a questão do Banco Industrial da China foi resolvido rejeitar a nomeação duma comissão de inquerito e foi aprovada uma moção de confiança ao governo por trezentos e sessenta e um votos contra duzentos e trinta e oito. — (R.)

Compilação dos sumarios do «Diario do Governo»

Inicia-se no proximo mez de Janeiro a publicação da Compilação dos sumarios do «Diario do Governo», 1.ª serie, Legislação — publicação de grande utilidade para as Repartições publicas, jurisconsultos, advogados, companhias, bancos, casas comerciais, e industriais, etc., que se vêem na necessidade de consultar o «Diario do Governo», sobretudo a sua 1.ª série, que é aquela onde se insere os diplomas contendo materia legislativa.

Não é, porém, muito facil esta consulta devido a multiplicidade de diplomas que no mesmo «Diario» se publicam, tornando-se por isso muito util esta publicação mensal, devido a ficar sendo um precioso auxilio que evita a perda de muito tempo nas buscas do «Diario do Governo».

A Alemanha e os aliados

As conversas de Londres. A questão das reparações e a da segurança da França; o restabelecimento do comercio internacional. Nova reunião do Conselho Supremo e nova Conferencia internacional

Ignora-se o que tem dado as conversas entre Briand e Lloyd George esta semana (domingo a sexta), mas é certo que estas conversas teriam por fim, não fixar as resoluções definitivas, mas preparar as soluções a apresentar ao proximo Conselho dos aliados. Por outras palavras, dada a oposição de interesses entre a França e a Inglaterra, em muitos dos actuais problemas internacionais, os dois estadistas terão procurado achar soluções conciliadoras, com as quais se apresentarão aquele Conselho, e destarte se evitarão certos conflitos que em anteriores reuniões estiveram a ponto de originar uma rutura. Vejamos onde estão os interesses duma e doutra potencia.

A França procurou obter as reparações que o tratado de Versailles lhe reconheceu, e a garantia da sua segurança contra uma Alemanha que não esquece e que não desarma. A Inglaterra procura fazer negocio, para resolver a sua crise de trabalho — a principal preocupação de Lloyd George, desde que a libertou das dificuldades da Irlanda, se o Dail Eireann não nos reservar alguma surpreza, o que é pouco crivel. Estes serão os pontos necessariamente tratados; mas terão os dois ministros abordado tambem a questão do Oriente (grego-turca), em que se opõem as duas politicas, a daquem e a dalém da Mancha? Deve presumir-se que sim, a atendermos ao pessoal de que se fez acompanhar o sr. Briand — peritos da politica estrangeira, e não apenas tecnicos.

1.º A questão das reparações. Tres dias antes de o sr. Briand partir para Londres, a comissão das reparações recebeu do chanceler alemão uma nota em que ele declarava que a Alemanha não podia satisfazer os seus compromissos de 15 janeiro e 15 fevereiro senão em parte. A bancarrota alemã? Não basta que o devedor se declare insolvente; é preciso conhecer a situação do devedor, e a comissão das reparações pronunciou-se pela solvabilidade da Alemanha. Resta apelar aos que os aliados se unam para impor o pagamento.

2.º A questão do comercio ingles. Em 1913 (ultimo ano antes da guerra), a Inglaterra exportou para a Alemanha mercadorias na importancia de 60 milhões de libras; em 1921, 51 milhões. A diferença parece pequena; mas ha a atender ao valor da moeda, ou, se o preferem, aos preços novos das mercadorias. A' nova escala de valores, aqueles 60 milhões representam hoje mais de 100 milhões. Quer dizer: as exportações da Inglaterra para a Alemanha reduziram-se a metade, aproximadamente, representando uma diferença anual de 50 milhões de libras, ao valor actual.

Ora, representando as reparações, para a Inglaterra, uma totalidade de 40 milhões de libras esterlinas por ano (22 por cento sobre 3 milhões e meio de marcos-ouro), vê-se que ela ainda lucraria se desistisse da parte que tem a receber, contando que o comercio se restabelecesse. Isto na hipotese de a Alemanha pagar, porque, se não pagar, o interesse da Inglaterra em ceder a sua divida ainda é maior. Mas o mesmo não acontece com a França, primeiro porque o seu comercio com a Alemanha é muito menor, segundo porque o valor a receber pelas reparações é muito maior.

Compreender-se-ão assim certas combinações que surgiram e que por certo foram estudadas nas palestras de Londres desta semana. A Inglaterra renunciaria a sua parte das reparações. A França pagaria a sua divida a Inglaterra (600 milhões de libras) entregando-lhe obrigações alemãs da serie C; um procedimento analogo entre os restantes aliados devedores para com os aliados credores. Os Estados Unidos seriam convidados a seguir o exemplo. A divida alemã das reparações ficaria reduzida assim a menos de metade (60 biliões em vez de 132), que seria principalmente empregada em pagar as reparações devidas pelas destruições alemãs (França, Belgica). O credito da Alemanha fortalecer-se-ia, as suas operações no estrangeiro (emprestimos) facilitar-lhe-iam o cumprimento das suas obrigações, o convenio internacional retomaria o seu vigor ao antes da guerra.

Estas as linhas muito gerais dum vasto programa financeiro e economico que não pode ser decidido numa conversa a duas. E' preciso expôr estas ou outras ideias directrizes num Congresso internacional economico, que parece estar decidido, e onde serão ouvidas todas as potencias, sem excluir a Alemanha nem a Russia.

Mas tudo isto são projectos, talvez quimeras, e a França não pode esquecer que, entretanto, tem de olhar pela sua defeza. No ano que vai começar, os seus efectivos militares orçarão por 700 mil homens. Pode ser? Alguns clamarão contra o «militarismo» francez, esquecidos de que a França está em condições geograficas muito especiais — é a nação mais exposta a um possivel ataque duma Alemanha que não desarma, e cuja população continua a crescer. A França, que não quer correr de novo os perigos de agosto e setembro de 1914, só pode contar consigo, desde que não foram aprovadas as convenções militares com os Estados Unidos e com a Inglaterra, que a deviam proteger duma agressão alemã. Ela bem sabe — porque as sente — as despezas avultadas que essa defensiva lhe custa, mas como evita-las? Como trabalhar, sem estar segura?

O argumento é serio, e a resposta seria simples: dar á França as garantias com que lhe faltaram. Em Washington isso não se fez, segundo cremos; em Londres, o caso foi mais discutido, chegando ao ponto de se advogar uma aliança franco-britanica. Seria uma solução, que permitiria a França aliviar o seu orçamento e socegaria os que figem inquietar-se com o imperialismo da França.

ULTIMA HORA

Ordem publica

Foram presos o chefe Xavier e o dr. Orlando Marçal

Por ordem do chefe do governo foi hoje preso o chefe Xavier da 4.ª secção da policia de investigação, um dos elementos do movimento de 19 de outubro ultimo.

O chefe Xavier, que durante o dia esteve sob prisão no Governo Civil foi de tarde transferido para o quartel de Campolide.

Por agentes da P. S. E. tambem hoje foi preso o sr. dr. Orlando Marçal.

A prisão deste antigo parlamentar efectuou-se na sua residencia onde ha 5 dias se encontrava enfermo.

Está entregue á P. S. E. onde um medico requisitado a seu pedido constatou que a sua doença requeria cuidados.

O saque...

O que dissemos, está dito, regeitamos o que não dissemos

Publicamos em 24 do corrente a noticia de que no ministerio da guerra tinha sido aberto um inquerito, a cargo do sr. coronel Antonio Waddigton, para apurar a verdade ácerca de uma denuncia sobre delapidação de dinheiros publicos, entregues á responsabilidade da comissão de apuramento de contas entre os governos portugues e inglez, ocasionadas pela acção militar portugueza no front. Pouco mais temos que acrescentar á noticia já produzida.

Alguns jornais transcrevendo a nossa informação, envolveram no caso o nome do sr. Afonso Costa, que não citamos, visto que este homem publico não exerce nenhuma função de confiança do governo no estrangeiro, nem é actualmente chefe de coisa alguma oficial. Nessas condições, é claro que o sr. Afonso Costa não teve, que nós saibamos, nenhuma interferencia no caso noticiado. De resto, o nosso informador esclarecerá tudo completamente, no depoimento que vai fazer, em praso curto, junto do oficial superior encarregado da sindicancia.

O sr. Cunha Leal, na reunião de ontem, apelou para os jornalistas, afim de que não alimentassem questões irritantes e fossem comedidos no noticiario de casos susceptiveis de provocarem explosão de indignação patriotica. Por esse motivo entendemos que, temporariamente, nos compete suspender o noticiario referente a este caso estranho.

POEIRA DA ARCADA

O sr. ministro da Instrução prometeu á sr.ª D. Amalia Luazes reabrir o Instituto do Professorado Primario no dia 15 de Janeiro proximo.

◆ ◆ ◆

O sr. José Nunes de Matos foi exonerado de professor da escola movel de Vidual de Baixo, concelho de Pampilhosa da Serra, e foram nomeadas, mediante contracto, professoras das escolas moveis de S. Marcos do Campo, Reguengos, a sr.ª D. Gertrudes Maria Queimada; de Poligno de Tancos, Barquinha, a sr.ª D. Benedita do Carmo Santos, e de Sabrosa, Mortagua, a sr.ª D. Esperança da Gloria Leite Lima.

◆ ◆ ◆

O sr. dr. Sobral de Campos reassumiu hoje as funções de director do Asilo da Mendicidade e Anexos.

◆ ◆ ◆

Os srs. Silva Barreto e dr. Costa Junior partiram para Leiria em propaganda eleitoral, demorando-se naquele districto até ao fim da semana para voltarem mais tarde.

◆ ◆ ◆

São amanhã expedidas malas postais, pelo vapor «Wangoni», para Las Palmas, Angola e Congo, e pelo «Mossamedes», para Cabo Verde, S. Tomé, Principe e Africa Ocidental, sendo ás 8 horas a ultima tiragem da caixa geral para o primeiro e ás 14 para o segundo, fechando para este os registos ás 12.

O imperador Carlos vai deixar a Madeira?

PARIS, 28. — Dizem de Berlim ao «Echo de Paris» que a «Gazetta de Voss» publica hoje o boato que Carlos IV e Zita irão proximamente para a ilha de Wight onde lhe está reservado um «chateau». — (H.)

O "Vasco da Gama"

Informam-nos do Ministerio da Marinha que o cruzador «Vasco da Gama» que vai aos Açores em viagem de instrução dos guardas-marinhas, só tem ordem do governo para sair do Tejo amanhã ao meio dia.

Diremos, a proposito, que não tem fundamento os boatos que hoje correram.

O inquerito a que procedemos trouxe-nos a convicção de que a viagem do «Vasco da Gama» é do agrado da tripulação, que desde ha muito tempo recla nava contra a inação a que estava submetida. A saida do cruzador não dará lugar, portanto, a incidente algum.

POLITICA

Cumprimentos do Chefe do Governo á Guarda Republicana

O sr. Cunha Leal, acompanhado do seu pessoal de gabinete, foi hoje, ás 15 horas, ao Quartel do Carmo, retribuir os cumprimentos da oficialidade da Guarda Republicana.

Os discursos trocados foram extremamente cordeais, renovando a guarda os seus mais formais protestos de fidelidade ás Instituições e ao governo.

Estamos autorisados a desmentir categoricamente o boato, que esta tarde se fez circular, e segundo o qual o sr. coronel Vieira da Rocha, comandante geral da Guarda, apresentara ao Governo a sua demissão. As relações, pessoais e politicas entre o sr. Vieira da Rocha e o sr. ministro do Interior são de mutua confiança, sentimento que é partilhado pela oficialidade e pelo Governo.

Eleições

Nas regiões oficiais são desmentidas todas as versões acerca do adiamento das eleições. Todo o governo considera irrevogavel o decreto que marcou o dia 8 de janeiro para a consulta no eleitorado.

Tambem não é provavel que se dêm antes dessa data qualquer modificação na constituição do ministerio.

General Dantas Baracho

O seu falecimento

Pelas 8 horas de hoje, faleceu na casa de sua residencia, Calçada do Galvão, o sr. general Dantas Baracho.

O extincto contava 78 anos de edade, e tinha saido de tratamento na passada sextafeira, dos quartos particulares, do hospital de S. José.

O seu cadaver encerrado em caixão de chumbo e este, em uma urna de mogno, encontra-se depositado numa sala, da residencia do extinto, armada em camara ardente, vendo-se dispostas algumas coroas, oferecidas por pessoas de familia.

O seu funeral realisa-se amanhã, para o cemiterio ocidental não estando ainda determinada a hora do saimento.

COMPANHIA

Carris de Ferro

Nota oficiosa

Em varias comunicações ultimamente aparecidas nos jornais de Lisboa tem se noticiado que o pessoal da Companhia Carris de Ferro pensa em declarar a gréve dando como motivo desta resolução a falta de cumprimento, por parte da Companhia, das clausulas do acordo celebrado em 2 de Julho ultimo. Ora o n.º 2 do citado acordo diz:

«A Companhia concede ao seu pessoal a titulo de adiantamento a quantia de sessenta escudos aos maiores de desoito anos e cincoenta aos menores que será descontado nos vencimentos que vierem a ser fixados em virtude do estudo da comissão de que trata o n.º 7 do acordo estabelecido entre o Governo e a Companhia».

Cumpriu a Companhia integralmente esta concessão e apesar do incontestavel direito que tem de ser reembolsada da importancia abonada com tais adiantamentos, ainda não fez os respectivos descontos ao pessoal.

Pelo n.º 3 do acordo citado prometeu a Companhia o aumento de salarios de um escudo ao pessoal maior de desoito anos e cincoenta centavos ao pessoal menor de desoito anos.

Este aumento de salario foi concedido provisoriamente ao pessoal durante o praso de sessenta dias que o Governo fixou para estudar a situação financeira da Companhia.

Mas a verdade é que ha muito findou esse praso e a Companhia para não criar maiores dificuldades no seu pessoal, tem continuado a abonar estes aumentos de salarios sempre esperançada em que a Camara Municipal e o Governo acordo com os alvitres apresentados pela Comissão nomeada pelo Governo para melhorar a situação financeira da Companhia, lhe proporcionariam os meios de poder continuar a manter ao pessoal os aumentos que provisoriamente lhe foram concedidos em 2 de Julho.

Tais meios, porem, ainda até agora lhe não foram proporcionados, a despeito de todas as diligencias e solicitações que a Companhia tem feito nesse sentido.

TEATRO

Primeiras representações

TEATRO AVENIDA—Pae 3 mão—*Comedia de Armely—Adaptação de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos.*

Deu 2.ª feira, a homogénea e excelente companhia do actor Amarante em reprise, a engraçadissima comédia espanhola, a que o espirito da parceria dos conhecidos escritores Bermudes, Bastos & Rodrigues emprestou, sem sombra de duvida, a verve dama serie de apropositos de chistes e de trocadilhos que, longe de tirarem expressão á peça muito enriqueceram o seu valor original.

Feita está de ha muito a critica a comedia e só agora interessa acentuar que o desempenho, quasi todo novo e sem duvida excelente.

Tratando-se duma comedia, que toca não raras vezes a plena farça, facil era cair qualquer interprete em xcessos grosseiros, que tão mal sabem ao publico e que dão, em scena, um i feliz desdobramento de ridiculo — do actor e o do personagem.

Houve-se porem a companhia dum modo equilibrado e por parte de Amarante, José Victor, Silva e Maria Santos, excelentemente. Amarante fez rir a plateia e provou mais uma vez ser um actor de comedia de magnificos recursos, exteriorisando com uma expontaneidade notavel, marcando del fras com um perfeito instincto, não se repetindo nada—esse não se repetir que é o segredo maximo dos comediantes de ruço.

Propositadamente deixamos para o fim a interpretação felicissima dada pelo actor Carvalho á rabula do «Caixeiro de Sapatarias».

Trata-se, mais uma vez o afirmamos, dum actor comico de excelentes dotes, duma impagavel e imperturbavel serenidade perante o publico, e que dá a sua forma comica um «verve» muito pessoal.

Henrique d'Oliveira em duas rabulas e Abilio Batista muito bem, dando com o seu esforço cheio de boa vontade um optimo conjunto.

Quanto ao pano de boca, o melhor é nao abrir a dita.

O HOMEM QUE PASSA

A festa das crianças no Coliseu

Os alunos das escolas gratuitas de Lisboa e as crianças protegidas pela imprensa da capital teem amanhã ocasião de passar umas horas de alegria no auditorio que a Empreza do Coliseu dos Recreios lhes oferece em comemoração da quadra festiva que se está atravessando. Os pequeninos a quem a festa é dedicada certamente rejubilam com a noticia, tanto mais que, junto ao admiravel programa que se executa ha engraçadissimos intermedios comicos que não deixam de manter em constante alegria e gargalhada.

Noticiario

Começa amanhã no Teatro Chiado Terrasse, sob a direcção de Luz Veloso e do autor, os ensaios da comedia em tres actos «O juiz de fóra», adaptação lib rrima de André Brun. A acção da peça passa-se em Lisboa e em Santarem e a leitura que se realisou ante-ontem obteve um grande exito de gargalhada. Tomam parte no desempenho todos os artistas do Teatro Terrasse e alguns outros contratados especialmente.

AGENDA DA SEMANA

HOJE —No Teatro Politeama, repr.se da «Zá Zá» com Lucilia Simões na protagonista
—Primeira no Apolo da revista de Raul Leal, Alfredo Gameiro e Candido Malheiro, «E' o levas...» musicada por Luz Junior e Vasco de Macedo.
—Reparição de Emilia de Oliveira na peça «A Sacrificada» no Teatro Chiado Terrasse.

AMANHÃ—No Teatro de S. Luiz festa artistica de Auzenda d'Oliveira com «A Moreninha» original de D. José Paulo da Camara e Luna de Oliveira.

OS CONTOS DE «A CAPITAL»

O menino dos olhos azuis

(Para os pequeninos meditarem)

por RODRIGUES MIGUEIS

As ruas vão desertas sob a chuva insistente e o latego do vento, ululante sombrio.

Raras luzes espreitam, tremeluzente, pela noite. Ouvimos daqui os s lugos dos arvores desfolhadas que o temporal sacode. Os que tardaram em recolher, fazem-no agora, á pressa, porque a chuva cresce e a noite é imensa.

Esta historia é eterna... E' uma historia que os anjos contam, no seio estrelado do infinito, para que a ouçam as almas que ascendem á sua presença. E' uma historia cheia de misterio e feita de neve e frio de inverno, haltos de luar e bençãos do senhor. (A chuva tamborila nos vidros da janela, como quem diz: Deixa-me entrar...—Não pode ser! não s ri Pobre chuva! A escorre, feita em lagrimas geladas.)

A espaços soam na rua passos dos ultimos que fogem a noite.

Quando dormires has de sonhar com ela, e o teu sonho povoar-se-ha da visões de encanto, ora onve...

—Era uma vez...—a voz começa a contar; a melopeia do vento e da chuva segue embalando a escuridão da noite em que espreitam raras luzes...

—Era uma vez, sabe-se lá em que tempos isto foi! Um menino louro e rosado como os pequenos anjos do ceu; os seus olhos eram azues, purissimos, serenos como as aguas serenas dum lago. Tinha os pésinhos nus, vermelhos d frio—se isto era no inverno!—e pisava assim, sem se queixar, as pedras, a neve, os tojos dos caminhos asperos da serrania.—Ele era tão pobre, tão pobresinho, que nunca pessoa alguma soube do que se alimentava e vivia! Mas apesar disso, Senhor! nunca o ouviram chorar ou lamentar-se. Nunca suas faces perderam a cor rosada que as cobria, nem escureceu jamais o seu olhar azul, como um lago em calmaria.

Não lhe conheciam pai nem mãe. Donde viera? Ninguem sabia onde repousava a sua terra encantada. Os pastores contavam have-lo visto alguns vezes na serra, acariciando um cordeiro branco, de aspeto mistico,—mas isto contavam os pastores na sua credulidade arcaica... — e quem sabe lá se foi verdade?

Nas aldeias poisadas na serra como bandos de rôlas bravas, em volta dos campanarios humildes, mulheres cristas e cheias de piedade davam-lhe fanécos de broa ainda quente e cheirosa, que ele comia devagar, recolhidamente. Outras agasalhavam-no com os roupinhos velhos dos filhos. Sentavam-no á lareira para que se aquentasse perto dos chamos que tornavam rubros os seus cabelos de ouro. Partia de noite, sem medo aos lobos que uivavam pelos matos e penedias, e sem dizer palavra, mas olhando sempre os que o bemfaziam com o mesmo olhar radiante e um sorriso suave como a voz das fontes... Erguia-se do logar, sempre sorrindo, e seu olhar confiante um hino de infantil ternura. E saia, sem fazer mais bulha que pardal no milho... As boas mulheres olhavam que não se atreviam a detel-o em sua rota, benziam-se maravilhadas daquele olhar como o do Menino Deus. As crianças ficavam-se nos seus escabelos em torno do lume santo e não bulham até que ele se sumia...

Outras noites repousava só da caminhada em palheiros e currais, no perfume do feno e no bafo das ovelhas; os pegureiros que passavam a noite junto do gado, para o botarem fóra, no caminho do monte, tão depressa luzisse a estrela da manhã, não podiam dormir, todo o tempo embebidos a olhar aquela claridade azulina e doce que brotava do canto onde ele se recolhera.—Das suas almas primitivas jamais se apagava essa lembrança... Toda a noite, o menino conservava os olhos abertos, palpitantes e luminosos como duas estrelas. Olhando-os, os pegureiros criam, supersticiosamente, olhar o ceu. Pelas madrugadas, partiam atravez da neve, ao tintinar ingenuo das esquilas, depois de haver repartido com ele a sua broa dura e trigueira.

—Os lobos não o comem—diziam—porque ele olha-os com os seus olhos que são duas estrelas e foi-se fugir...

Casa ou choupana onde entrasse e lhe dessem agasalho, nunca mais lá havia fome, nem frio, nem tristeza, nem mal nenhum. O lume crepitava para sempre no lar, o trabalho via-se medrar, e o gado luzia, anafado e contente, como se fôra abençoado por Deus...

As mulheres da serra que tinham filhos pequenos e acreditavam na Graça de Deus, diziam entre si, as soleiras dos casebres, vendo-o partir nas tardes de neblina doirada—que o menino era algum anjo do Senhor...

Uma noite do inverno, — a tamanho o temporal que os velhos diziam nunca ter havido uma invernaria assim—noite em que o vento dobrava e partia os pinheiros amortalhados de alvura da neve, em que, quando ammainava o tufão se ouviam os lobos uivar de frio e fome — numa noite assim, o famoso menino dos olhos azuis como lagos serenos, atravessava a serrania hostil. Fustigava-o o vento.) A névoa ornava-lhe de flócos o oiro dos cabelos. Subia para voltar a descer e a subir novamente, na escuridão, entre os uivos dos lobos e do vento. Andou, andou muito, sabe Deus quanto tempo. Não se via uma casa: arvores, arvores, e o mato...

Era um deserto, a noite.

Por fim, perdido entre penedos, topou com um casebre muito pobre, muito miseravel, de pedras soltas, o tecto de lages, que a tempestade ameaçava arruinar.

Por todos os lados o vento gemia, querendo derrubar a solitaria habitação. Bateu. E depois, responde lá de dentro uma voz cansada, mas melodiosa:

—Santo Deus! quem andará por montes e vales, em uma noite assim?

A porta abre-se para mostrar uma velha de cabelos f.itos de névo fiada, e faces rugosas como os pinheiros. No interior ha uma escuridão glacial. Na lareira não arde uma acha, nem ha sinais de cinza...

—Entrai, entrai, menino, quem quer que sejais! Jesus, senhor! tão pequenino e só por estas serranias!

E então, pela primeira vez, o menino falou:

—Por amor de Deus, dai-me um bocadinho de pão e agasalhai-me.—Ha muito que não como e venho gelado com frio.

A velhinha escuta estas palavras com as mãos tremulamente cruzadas sobre o seio magro. Vai-se o amo arco muito velha que tem a um canto. Tira de dentro um bocado de broa negra—o ultimo...

—Tomai, comei — diz — é só o que tenho, mas Deus é grande e amanhã nos dará mais.

(O vento, na porta, faz tanto barulho que mal se escutam estas palavras).

A criança sorriu e pôz-se a comer muito em silencio. A velha Ana estava enlevada naquele olhar azul que alumiava o casebre sem luz. Apanpou os farrapos que cobriam o menino:

—Vindes tão molhado! Não tenho lume para vos aquecer (o olhava a lareira, com duas lagrimas a fugirlhe dos olhos) mas a roupa do meu corpo está enxuta...

E vai a santa criatura, pôe-se a vestir com a pobreza do seu fato o menino que sorria sempre com o mesmo sorriso de misterio e de sonho. E dos olhos parecia brotar-lhe uma luz celestial...

A noite correu assim. De manhã, o vento amainou e a neve cessou de cair. Voltavam montanheses o pastores pelos caminhos brancos onde dormiam cadaveres hirtos de pinheiros. Para o escurecer, o vento nasceu de novo, a uivar, a uivar, e a neve tornou a cair, abundante o avelludada. Começou a cerrar-se a noite. Aldeões que voltavam do muito longe, foram apanhados de surpreza pelo inverno. Resolveram passar a noite na primeira choupana que topassem na serra. Partiram na manhã seguinte para a aldeia que ficava perto, para a de longa. Era perigoso descer de noite a serra, onde se abriam boqueirões cheios de neve—o inimigo seu sardol... Aconteceu que a primeira casa com que depararam foi a da boa velha. Bat ram a porta: nada de resposta. Bateram ainda,—se era costume a tí Ana ter a porta sempre aberta—nem chuz, nem luz. Até que disseram, olhando-se uns aos outros, cheios de receio:

—Ti'Ana! Ti'Ana! não está cá! Abram a porta pelas cinco chagas de Nosso Senhor, que vemos a tecer por ai nos lobos!

... E ninguem respondia.

Empurraram a porta que cedeu. Entraram. O casebre estava deserto e silencioso. Errava no ar um perfume sobrenatural, melhor que o rosmaninho. E na parede enegrecida pelo fumo da lareira onde se haviam aquecido muitas gerações de pastores, liam-se estas palavras refulgindo como oiro e luar:

«Bemaventurados os justos que delles é o reino dos Ceus!»

O vento e a chuva continuam a cantar nos vidros.

Esta historia é eterna... E' uma historia que os anjos contam sentados aos pés de Deus, enquanto os escutam as estrelas pelo infinito. As velhinhas trêmulas e cheias de rugas, contam-na tambem aos netos, á lareira, nestas interminaveis noites de Dezembro...

SPORT

Aviação

A policia parisiense vai ser dotada de uma brigada de agentes aviadores, para caça e multa aos aeroplanos, que infrinjam os regulamentos da circulação dos ares.

Luta

O campeonato para o titulo de campeão do mundo de luta livre, entre o russo Zbysco e o belga Constante le Marin, não foi efeito, devido ao que parece, ás exigencias do primeiro.

Foot-ball

Os jornais franceses, dão a noticia de que o «Foot ball club do Porto», já não vai a Paris, como estava anunciado.

—Por documentos publicados, no «jornal dos Sports da Africa do Norte», parece que em 1498, quando Colombo descobriu a America, os naturais jogavam com uma bola, um jogo semelhante ao actual «foot-ball». Nada ha de novo sobre o tema...

—O tribunal de Rouen castigou com 15 dias de prisão e 10 mil francos de multa, um jogador de «foot-ball», que depois do jogo, agrediu outro.

Se fosse ca...

Ciclismo

A montagem da pista de «Madison Square», em «New-York», onde se disputou a corrida dos 6 dias, foi feita apenas numa noite.

—A «União Velocipédica de França» não consentiu que o antigo campeão «Crupelandt», corredor do novo «Crupelandt» foi condenado por um crime grave, mas sofreu a pena, e é justo, que tendo pago a sua divida á sociedade, seja impedido de ganhar a sua vida.

Box

Um jornalista, que foi visitar o campo de treino de Carpentier, em Inglaterra, declarou que parece que o campeão está em forma, mas inapareceu com aspecto cançado e abatido.

Deve ser o resultado do punição de Dempsey.

O amador Fritsch, vencedor dos jogos olympicos em Anvers, vae dedicar-se ao profissionalismo.

Num artigo muito sensato sobre arbitro, diz «Paul» que os directores de combate de «box», não devem ser «menageres», nem «boxeurs».

E' uma doutrina inteligente, porque não fez sentido, que uma pessoa habituada a servir de segundo, de um «boxeur», vá depois servir de arbitro num combate, onde entre esse mesmo homem.

Entre nós não se pensa assim, até qualquer desilusão...

Cadine, tambem nosso conhecido, vae combater contra Tessier, em Paris.

Mario, que tanto tempo esteve entre nós, vae a 3 de janeiro, jogar contra Deberve, no circo de Paris.

Marnis que jogou no Colyseu, foi vencido aos pontos por Gillet, em Paris.

O boxeur Egrel, que esteve entre nós, teve uma victoria brilhante sobre o belga Orkens, em Paris.

O auto refere-se ao campeonato do sul, que teve logar no G. C. P.

Violos, que o nosso publico conhece, vae encontrar-se com Max Henry em Paris.

Levantaram-se de novo complicações para a realisação do match Criqui-Ledoux.

NOTICIARIO

Parte amanhã no rapido para o Porto o professor Ruy da Cunha.

RUIVO—FAUSTINO

Foi adiado para o dia 7 de Janeiro o combate entre estes dois pugilistas.

LAW-TENNIS

Alguns elementos em destaque no nosso meio desportivo estão tentando organisar o campeonato de Law-Tennis inter-escolar, ainda dentro do atual ano lectivo.

O Lawn-Tennis Internacional, na Rua Rodrigues Sampaio, autorisa os seus «courts» a alunos de escolas secundarias com mais de 12 anos, durante as ferias do Natal, todos os dias, excepto domingos, das 10,30 as 12 horas, sem prejuizo dos seus associados, mas em condições muito favoraveis para os referidos alunos.

GINASIO CLUB PORTUGUEZ

A assembleia geral deste club, deliberou, elevar a 2$50 o preço da quota e 3$00 a joia.

—Parece que vai ser convidado o professor «Ruy da Cunha» para dirigir a classe de luta nesse club.

—Os treinos de pesos e alteres, para o proximo campeonato, estão animadissimos.

O GRUPO TCHECO-SLOVACO EM LISBOA — O RESULTADO DE ONTEM

Com uma enchente enorme, realisou-se o primeiro desafio entre o grupo de «foot-ball tcheco-slovaco» e o «team» do «Casa-Pia».

O grupo estrangeiro demonstrou grande superioridade, batendo o nosso team por 4 bolas a 1.

Hoje jogou o «Sporting», e quinta-feira luta dar logar a um encontro interessante.

No sabado joga o «Sport Lisboa e Benfica», que a nosso ver, deve ser o adversario mais dificil do grupo que nos visita.

LUSITANO CLUB CICLISTA

O Lusitano Club Ciclista, atendendo a inumeros pedidos, resolveu adiar o seu banquete para o dia 8, ás 18 horas.

NACIONAL METALURGICA FOOT-BALL CLUB

Sob esta denominação acaba de se fundar, entre o pessoal da Fabrica Nacional Metalurgica, um club desportivo. Os corpos gerentes ficaram constituidos do seguinte modo:

Direcção:—Acacio Macedo (presidente); Mario da Costa (secretario); Francisco Afonso (tesoureiro).

Conselho fiscal:—Ernesto da Costa (presidente) e João Braga (secretario).

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a sede provisoria, 202 e 204, Rua do Benformoso.

FOOT-BALL CLUB BARBADINHOS

Este club acaba de eleger os seus novos corpos gerentes.

Assembleia Geral—Presidente, José Felix Ferreira; vice-presidente, Alexandre dos Santos Pirez; secretarios, Julio João da Silva e Francisco ...

Direcção—Presidente, Manuel Ferreira; vice-presidente, Joaquim da Silveira Menezes Junior; 1.º secretario, José Martins Gomes; 2.º secretario, Mario José Firmino; tesoureiro, Jacinto Nicolu; vogais, Joaquim Ferreira e Antonio Mario da Silva.

Conselho Tecnico—Manuel de Matos Carvalho, Alexandre dos Santos Pirez e Artur Leal ...

Conselho Fiscal — José Maria Silveira, José Augusto dos Santos Victor e Francisco Paulino.

BOX

O «boxeur» João Rosa Rello deve partir para a Africa no dia 7 do proximo mez de Janeiro.

—O «boxeur» Mario Gil deve entrar em Lisboa no mez de Fevereiro, ... G. C. G.

FOOT-BALL

UM GRUPO INGLES ... NOS

Afim de jogar em Lisboa, na proxima Pascoa, o Imperio Lisboa Club entrou em negociações com o team inglez (amador) Oxford City.

HOMENAGEM DO TEAM NACIONAL

Por iniciativa dos tres jornais «Sport de Lisboa», «Os Sports» e «Foot Ball» vai realisar-se no principio do mez de janeiro um banquete em homenagem ao team nacional que representou o nosso paiz no encontro Portugal-Espanha.

A inscrição está desde já aberta na redacção dos jornais promotores.

61—Folhetim de «A CAPITAL»—28 de Dezembro de 1921

ROCHA MARTINS

Spartacus

Romance das lutas proletarias em Roma

X

— Os deuses querem beijos!—dizia a numida alegremente agarrando os pequenitos anciosos de treparem para os seus ombros atleticos e ria a mostrar o esmalte dos dentes, muito brilhantes entre os labios rubros, delicados de purpura no seu rosto de bronze.

Spartacus avançava para o meio do exercito; ó negro largara Elio e Junio e seguira-o, os ultimos homens de Crixos perdiam-se rumorosamente na treva, amaldiçoando uns o tempo invernio, outros o chefe irrequieto.

E, no fundo do carcere, assindo debaixo dum molho de palha, livido, a boca desdentada, calvo, com a sua barbicha branca, o consul que se furtara ás buscas, ajoelhava-se diante de Manlio julgando-o um inimigo.

Os que amparavam o noivo de Lavinia riram e gritaram:

—E' arranjar forças que já ha ordens de marchar!...

Quando pela primeira vez, depois daquela noite terrivel, Lavinia recuperou os sentidos, sentiu que ia dentro dum carro, deitado sobre peles fofas, e, no desvairamento da sua cabeça fraca, imaginou que, caida em poder do rebelde, ele a levava no seu sequito e que não tardaria a aparecerlhe odioso e louco. Foi, porém, o rosto de Mirtha que viu a seu lado, na doce sombra do toldo da viatura e, ao mesmo tempo, ouvia uma voz suave, magnifica, elevar-se, num cantico, ali perto. Dizia a canção que os romanos deviam acabar para bem do mundo, morrerem, serem exterminados, não se lhes dar guarida, nem um hino dos lobos nem mesmo nos parres onde as sanguesugas viviam no lodo, viscosas e avidas de sangue, porque eles se devoravam na sua maior sêde de vidas. Aquilo tinha um ritmo estranho, harmonioso e, ao mesmo tempo, marcial, quando milhares de vozes o repetiam alarmando a campina vasta por onde passavam, sob o luzeiro do sol que subitamente voltava naquele inverno de guerra.

A mulher de Spartacus tomara as mãos da patricia, achara, cheia de piedade e seu rosto emagrecido, e, ao ouvi-la perguntar por Manlio, voltara:

—Socega... Melhorou tambem... O general quer vel-o quando volter... Ha oito dias que batemos um exercito e Endoxio detem outro na volta de Mutina... Spartacus está junto dele... A vitoria ha-de coroal-o muita uma vez...

—Os deuses querem sacrificios!... Sangue dos ricos para bem dos pobres!

A voz de Opalia subia sinistramente quando a bela tracia falava tão esperançadamente e o cantico de Emerencia era repetido por tantas mil bocas entusiasmadas. Mas alguem a calava. Era o poeta Felux, o autor do hino, o «segonha» rial», como lhe chamavam na legião tendo-o proclamado juntando-lhe a designação á sua antiga alcunha.

Não se lembrando que a filha de Aruneo era uma patricia, a outra ia-lhe narrando toda a grandeza do combate quando o general, servindo-se do contraforte dos Apeninos, cobertos de neve, atraiu o consul Lentulus a uma planicie e tomando o topo dos rochedos, metendo a cavalaria numida num desfiladeiro, a desbaratara sem piedade. Nos seus labios satisfeitos a entusiastica narrativa ganhava o colorido da paisagem alegre, com a neve a fundir-se, o sol rebrilhando quando os romanos fugiam desbaratados e se ouvia o cantico de Emerencia repetido por todo o exercito. Boa fôra a presa; enormes as vantagens obtidas, os legionarios a sorte propicia. Agora, segundo se esperava, ainda se obteria maior triunfo se atacassem as cohortes de Gelius que iam perseguindo. Marchavam a caminho de Regium. O roubo de Spartacus em breve teria venci o e tomar-se-ia a terra da felicidade.

Tanto se prendera na sua descrição, rapida mas veemente, que de todo olvidára as qualidades daquela creança a quem se afeiçoára.

Agora, via-se chorar baixinho, como envergonhada, e ouvi-a a murmurar:

—Marcio, meu irmão, terá morrido?

Sentia uma dôr profunda na sua alma torturada e escutava a gemer:

— Mirta! Mirta? Porque não será a tua felicidade a minha, e minhas tambem as tuas desditas?!

— Quem sabe, Lavinia! Quem sabe?! Quando estivermos no mundo novo seremos iguais e felizes!

O cantico de Eremencia contra os romanos subia sempre entre os montes altos entre os quais voavam aguias.

Pela tarde, quando se fizera um alto, os oficiais tinham dado ordens para se vigiar pelos fogos cobertos e a noticia de uma derrota correra. A ausencia de Spartacus e de Endoxio comovia-os e atemorisava-os; pensamentos horriveis acudiam a todos; o grande chefe podia ter perecido e desanimava-os a idéa.

A patricia não se atrevia a falar á mulher de Spartacus receando aprender dos seus labios, que tudo via dos rebeldes. Se a sua alma de romana, profundamente sofria, ela via-o agora, sabia-o com demasia, não era porque receiasse por um esmagamento dos escravos, mas sim porque receava a morte de Marcio; lembrava-se que as suas lagrimas chorariam Aruneo e Dario. A sua casa de Roma lembrava-lhe ao fim de tanto tempo de aventura; era a familia que desejava vêr á sua volta mas acudia lhe agora, com as suas loucuras, toda a sociedade cujos propositos conhecia, as leis que davam os direitos mais certos sobre os humildes e desesperava-se. A seus olhos passavam os abraços brutais de Crixos a queima, a incendio das cidades que presenciára, os saques e os prisioneiros conduzidos como um rebanho e Manlio, tilintando os seus ferros; tambem acudiam a lascivia de Crassus querendo Eremencia e se forma como o mercado se fizera, as torturas infligidas aos trabalhadores e como os lançavam ao longe, na montanha, quando estavam velhos e não os queriam matar. Relembrava-os lidando sempre, satisfazendo todos os caprichos dos senhores, de joelhos, de rastos, esgotando-os na força do cal, dando o seu amôr á terra, as mulheres oferecendo os seios ás creanças dos ricos.

Invocava Numesia confundindo seu sobrinho, o pequeno Elio, com o proprio filho, não os querendo distinguir e Didio crucificado numa teima; por um gesto farisco da ama, O cessar de Opalia era uma ameaça a toda a servidão se ver vertera-se o sangue dos trabalhadores. Elogo dentro, contrastando com aquela velha má e rigida, Mirtha, Emerencia e Numesia bondosa.

O que ambicionava era uma grande paz no fundo de um campo, onde não chegassem nem as declarações dos romanos nem as dos escravos, uma terra onde os homens se contentassem com um pouco de pão e com a certeza de que todos o teriam, em que lidassem, amassem, fossem bons, e onde teves tão queridas, sem aqueles desegualdades dum Crassus tão rico e dum pobre como Felux, tão pobre, mas cheio de talento, celebrisando o dono e servindo-o sob as vergastadas.

Mas era isso o que Spartacus costumava dizer. A patricia exitava-se; ficava perturbada, sem compreender bem o que a assemelhava assim ao homem que sem assassinos dos seus; tivera, desde menina, piedade dos humildes; ela nem era uma cruel, era um guerreiro. Ardilosa? E seu pai, Aruneo?

(Continua)

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

> As ideias politicas para terem força e possibilidade de triunfo devem discutir-se á luz plena do dia, em lucta leal e honesta. Querer impo-las por processos anti-humanitarios é dar-lhes morte ingloria.

N.º 3965—12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Quinta-feira 29 de Dezembro de 1921 | Telefone n.º 2233 — Endereço Tel. CAPITAL | Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

O despertar

No seu discurso ontem pronunciado no quartel do Carmo, em presença da oficialidade da Guarda Republicana, o sr. Cunha Leal poz mais uma vez a questão, tal como ela deve ser considerada por todos os portuguezes, quer pertençam á classe civil, quer á classe militar. Essa questão é a da ordem, é a da justiça. Emquanto se não crear a ordem e emquanto não se fizer justiça, a vida de Portugal está suspensa.

De tudo poderá ser acusado o sr. Cunha Leal, nunca duma cousa: de de não ser franco, é de não ser claro e explicito, é a de não manifestar insofismavelmente as suas intenções embora elas possam ser dificeis e arriscadas. O sr. Cunha Leal não dissimula os seus pensamentos. Fala para o publico como se monologasse, apenas escutado pela sua consciencia. E desde o momento em que subiu ao poder as suas afirmações são sempre as mesmas.

Quando estava para se dar um tremendo choque entre a provincia e Lisboa, entre a Guarda Republicana e o exercito, o sr. Cunha Leal foi convidado a assumir o poder, e quem com ele mais instou foi a Guarda Republicana, representando os elementos mais sãos e mais honestos que entraram no movimento de 19 de outubro.

Esses elementos não querem ser solidarios com os desordeiros de cadastro, com os profissionais da agitação que entraram nesse movimento para lhe dar um caracter extremista, anarquico, demagogico, perseguidor, sangrento, e que não só o inutilizaram como o mancharam. O sr. Cunha Leal era o homem que não transigiria com semelhante gente; o republicano consciente e valoroso que bem compreende que a Republica só pode salvar-se, engeitando a responsabilidade dos crimes cometidos, e punindo-os; o homem de coração e de coragem que viu diante de si, espingardeando-o, as feras que tinham assassinado Antonio Granjo, que ele procurara salvar. Ninguem, como o sr. Cunha Leal, estava nas condições de merecer a confiança de todos os republicanos, de todos os homens de bem, para a obra indispensavel e urgente de acabar com a desordem e de executar a justiça.

Certa gente, pelo menos cumplice moral dos massacres de 19 de outubro, porque de facto quer garantir a impunidade aos seus autores, visto que se insurge contra os que querem fazer justiça, levantou-se em alta grita contra o sr. Cunha Leal, antes ainda de ele haver praticado a minima ação ministerial. Desde logo, os campos se estremaram, e cada dia se irão estremando mais. Dum lado, os desordeiros, os indisciplinados, os indesejaveis em qualquer sociedade e em qualquer regimen; do outro, todos os que querem salvar a patria, provando que ela tem direito a se considerar a par de todas as nações civilisadas.

Por isso ninguem se deve admirar de que ao lado do sr. Cunha Leal enfileirem hoje pessoas que já discordaram da sua politica. E' que essas pessoas põem acima de quaisquer antipatias pessoais e de quaisquer divergencias de processos ou ideias, a grande causa da Patria, e o sr. Cunha Leal da mesma forma procede, porque não tem o direito de arredar dedicações e esforços tendentes a auxilia-lo na obra gigantesca a que se abalançou.

Vivemos ha muito tempo num grave estado de indisciplina social. Está tudo contaminado. Está tudo a ponto de se perder. Só uma energia de ferro pode impedir a perda da nacionalidade.

A tarefa é dificil, mas não é impossivel, porque louvado Deus! a grande maioria do povo portuguez é honrado, é digno, é patriotico, e tem nas profundas raizes do seu sentimento um escudo eficaz contra as sugestões pavorosas do crime.

Hontem, os homens da desordem constatariam que o terreno lhes vai faltando debaixo dos pés. Cada dia lhes faltará mais. A consciencia nacional desperta, e o homem de coração e de coragem que está á frente do governo é desse despertar a expressão mais poderosa e mais viva!

O cruzador "Vasco da Gama" sahiu esta tarde

Cumprindo as ordens do governo sahiu hoje a barra o cruzador «Vasco da Gama», com rumo ao Funchal. Não se produziu incidente algum, conforme, aliás, já ontem previramos.

O ministro da França cumprimenta o Chefe do governo

O sr. ministro da França, acompanhado dos adidos navais á Legação, foi hoje, ao meio dia, ao ministerio do Interior, cumprimentar o Chefe do governo e manifestar-lhe, da parte do seu governo, desejos de prosperidade á Nação Portugueza.

A entrevista foi pouco demorada e mas cordealissima.

CROQUIS DE VIAGEM

Por terras -:- -:- -:- -:- -:- -:- -:- já dantes viajadas...

XVII — Os pãesinhos... de Viena

Os pãesinhos de Viena foram afamados. Hoje poucos se vêem. A capital da Austria, rival de Paris tinha a fama do luxo e da elegancia. Ainda hontem durante a guerra, a Berlim dos militares e dos industriais, ia beber a sua vida de prazeres em fonte vienense; as operetas vinham de lá; a moda era em figurinos do Prater; hoje, porém, Viena vê arrastar-se o seu explendor nas vascas duma miseria agonisante. Os «dandys», as aristocratas, os luxuosos e inactivos da grande capital onde estão? Nas arterias chics, nos «rendê-vous» da elegancia ha apenas uma escassa meia duzia de mulheres bem vestidas, passeando como nos boulevards, mas sem alegria, sem ruido. Viena é uma cidade que morre. Por sobre as folhas no chão, nunca varridas, ha passos incertos de gente cujo futuro é ainda mais incerto; pelo chão cheio de covas, mal calçado, nunca reparado, não passam já as equipagens de luxo, nem os automoveis dos palacianos. Os ociosos de hontem jogam freneticamente ou na bolsa ou nos inumeros clubs espalhados pela cidade, entram em negocios na voragem de se salvar da ruina, ou aproveitar do frenesim do momento. Repito: não ha em Viena nada daquele brilhante scenario tão decantado; ha vida, divertimentos, como para entorpecer. As lojas, os grandes «magazins» estendem setins e sedas em fravados e cores berrantes; as perfumarias são enormes centros de perdição. Por toda a parte os estrangeiros a encher, em profusão a comprar, a comprar. Numa perfumaria vi um esgalgado grupo de inglezes enchendo o balcão de frascos de litro de aguas de colonias e perfumes. A pêles caras, os abáfos mal teem tempo de figurar nas montras.

E' como um levantar da feira. Falta a todos o mais rudimentar assômo de esperança. Uns amaldiçoam a Alemanha—a causadora da sua desgraça —outros aventam como unica salvação, uma aliança, uma fusão á republica alemã. Trabalhar ninguem quer. Os pais enviam os filhos para fóra do minusculo paiz em que se converteu o grande imperio, incertos do que será o dia de ámanhã na sua terra. A desconfiança, é absoluta. Quando tive de ir receber o meu cheque a um banco, Dely Prasohik, austriaca, pergunta-me qual ele é, e quando eu lhe cito o «Vien Bank Varein», quasi me leva a supôr que não receberei uma corôa sequer. Só os bancos estrangeiros, só esses inspiram confiança.

O «Prater» éra o logar elegante de Viena de hontem. Um enorme bosque á maneira de Longchamp, deitando sobre o Danubio e frondoso de castanheiros monumentais.

O «Prater» hoje, abandonado, chora o seu perdido «corso» a ver passar sonolentas e graves, algumas velhas carruagens, e os automoveis taxis dos «touristes extrangeiros». Da «Estrela do Prater», uma larga praça onde se eleva uma coluna rostral, em marmore e bronze ao almirante «Tegetthoff», irradiam trez grandes avenidas que dividem o grande parque em 3 partes. A «Hauptallée» é a mais bela avenida, enorme recta de alguns kilometros entre castanheiros Em volta cafés, concertos musicais, todos os restos dum passado brilhante. Os terrenos para os concursos hipicos, para as corridas de cavalos são quasi á borda do Danubio. Ainda hoje são certamens disputados, cuja melhor atração é o valor desproporcionado e louco das apostas. E, já que estamos aqui ao pé paremos nesta «Rotunde» em amarelo de caserna, mas de ornamentação cuidada, e no frontal o distico «Viribus unitis».

Entrar não custa senão 10 corôas nesta ocasião. Aqui está instalada nesta enorme amplidão, uma exposição de todos os productos industriais austriacos. A «Rotunda» fez-se propositadamente para «exposições» e cumpre magnificamente o seu destino Todos os paizes tem lá por fóra o seu palacio para exposições, só nós não achamos necessidade desse luxo. A nossa «Rotunda» não é para exposições é para revoluções... Mas viremos para a outra zona do «Prater».

E' o «Volks-Prater»—ou Prater do Pôvo. E' a nossa feira de Alcantara mas em tamanho ampliado e sem sardinhas assadas. Cá estão, a grande roda, as montanhas russas, os canais navegaveis, os carrousseis com aeroplanos, os grandes cafés, as brasseries», os restaurants populares, os cinemas, os circos. Ao domingo, dia em que visito a feira popular, o povoléu é enorme. As bichas são ordeiras mas pelo sim pelo não, ha um gradeamento por onde a bicha se estende de fórma que só podem marchar a um de fundo. Qualquer destes divertimentos custa 10 corôas, para mim tres vitens. Um copasio de cerveja para refrescar as ideias 12 corôas ou 70 réis.

O Prater assim como está é um divertimento popular; a gente de melhor categoria não o frequenta. Para se divertir ha que ir aos teatros ou aos cinemas.

Os teatros começam das 7 ás 8 1|2 e tem as horas a que acabam marcadas nos jornais; em geral ás 10 ou 10 1|2 estão os 3 actos passados. Escuso de dizer que a maioria dos cartazes indica peças musicadas; encontro 25 teatros funcionando o que não é pouco para uma cidade que se arrasta á beira da desgraça. A acrescentar com surprezas varias o «Ronacher Varieté», o «Simpl-Kabarett», o «Casino de Monte Carlo» com estrelas de canção e baile em voga, o «Chat-noir», o «Lurion» e «Revuebühne Femina» com uma descaradissima revista «Geht in Ordnung!» onde o nú era tão livre como em Paris ou no Paraiso. Os preços são os mais desencontrados; desde 500 corôas para cima ha belos lugares em qualquer teatro. O gosto decorativo, os scenarios são ricos; as comodidades das casas de espectaculo como as das grandes cidades simplesmente os espectadores são diversos, heterogeneos, encontrando-se uma fauna.. perigosa por toda a parte. Todos os teatros anunciavam o seu respectivo Bar e os espectadores fazem á maneira de Berlim: comem nos intervalos com grande apetite. Os cafés anunciam concertos diarios de «Kapelle musik», os cinemas retinem desde as 3 horas da tarde. Não faltam diversões para quem ainda tem dinheiro e despreocupações em Viena. Não faltam mesmo mulheres bonitas, garridamente vestidas, peles caras, cigarros atrevidos, entrando e saindo de automoveis para as casas de espectaculo. Uma ceia, para duas pessoas puxada a champagne pode ir até 2 mil coroas, ai uns 12 mil réis. Mas o que falta é a estabilidade de toda aquela sociedade. Basta olhar para a rua, atentar nos policias, nos carros, no vestuario para se ver quão ficticia é aquela vida e como é este o terreno facil para a propaganda das bandas orientais.

Os policias têm fardamento de «caqui» amarelado, um traçado inofensivo a escorrer-lhe da perna. Os soldados, os poucos que passam nas ruas são mostruario sujo de miserias; fardamentos remendados, côr duvidosa, mal calçados, mau tipo. Aquelas capas longas que eram o orgulho da oficialidade austriaca desapareceram por completo das ruas.

Quanto aos carros, são vermelhos, atrelados sempre aos dois e tres, e sempre apinhados como latas de sardinhas, o preço das carreiras é de 10 corôas; os bilhetes complicados, longos, de cores varias, tem impressos os dias todos do mez, as horas, dia da semana... verdadeiros bordas d'agua populares. Só uma nota da antiga civilisação está nas paragens, de cem em cem metros: casas envidraçadas longas, onde o povo se recolhe das intemperies e em frente ás quaes vem parar o eletrico... cheio.

Nos «omnibus» anda pouquissima gente. Não só ha limitadas carreiras como são incomodo. Eu que gosto tanto de viajar á moda de Vitor Hugo, encarrapitado na imperial, até quasi enjoei na curta travessia que fiz entre o Graben e a Estação do Sul. Aquilo é que era balanço! Fazia-me lembrar tanto a minha Lisbôa...

ARMANDO FERREIRA

A SEGUIR:

Viena... de pedra e cal.

A imperatriz Zita vai sair do Funchal

LONDRES, 29.—A Agencia Reuter está informada que a conferencia dos embaixadores autorisou a ex-imperatriz Zita a permanecer 15 dias na Suissa durante a operação de seu filho e que portanto a ex-imperatriz partirá do Funchal sem demora.—H.

O tratado de comercio com a França

Continuam as negociações

PRAGA, 28.—Continuam as negociações com Portugal para a celebração do tratado de comercio, cujo projecto elaborado aqui está sendo apreciado em Lisboa.—(H.)

O MOMENTO POLITICO

O governo e os partidos

Não é impossivel que se resolva hoje uma questão decisiva — Vão os partidaristas pronunciar-se contra a acção disciplinadora da sociedade portugueza?...

O sr. Cunha Leal convocou para o ministerio os directorios partidaristas.

A conferencia politica que vai realisar-se será decisiva: ou os directorios partidaristas colaboram lealmente na obra de pacificação ou o sr. Cunha Leal dará por finda a sua missão, nas mãos de quem de direito, que é o sr. Presidente da Republica. E depois, que surgirá?

A questão é grave, porque o momento não o é menos. Os partidos, representados por directorios que teem dado repetidas demonstrações de carencia de maleabilidade politica, vão reeditar, talvez, junto do Chefe do Governo aquelas habilidades que tão prejudiciais tem sido ao paiz. Irredutiveis nas questões minusculas dos seus interesses especiais, os partidaristas hão-de talvez continuar a querer acorrentar o Governo da Nação ao ferro jugo das suas organisações. Entretanto, o que nos consta que o Chefe do Governo pretende é bem pouco e não representa, afinal, sacrificio incomportavel para a influencia politica partidaria. Nós não estamos, de resto, ao segredo das aspirações dos politicos, quer dos que estão no Terreiro do Paço quer de quaesquer outros. Mas supomos que a plataforma conciliatoria será como vai ler-se.

Importa-nos mediocremente que ela seja ou não adoptada. Mas desde já afirmamos que, não se chegando a um acordo, peor para todos mas especialmente para os organismos partidaristas, porque mais uma vez darão ao paiz o espectaculo deprimente e desprimoroso de que os não anima um puro sentimento de amor á Republica mas apenas um mesquinho impulsionismo de extremado anarquismo individualista. Mas digamos qual é o ponto de vista de que temos conhecimento.

◆ ◆ ◆

E' indispensavel que ao Parlamento vão todos os ministros do actual governo. Os directorios concordarão, naturalmente, com tal necessidade, porque, com duas ou trez excepções, todos os membros do gabinete Cunha Leal são partidaristas, isto é, democraticos, liberais ou reconstituintes.

E' incompreensivel, de resto, que membros do Poder Executivo fiquem fora do Parlamento, impossibilitados, portanto, de darem contas á Nação da forma como se desempenharam do mandato que lhes foi conferido e que eles aceitaram sob a pressão da Patria em perigo.

A não ser que o governo queira fracassar na finalidade do seu objectivo e se resigne a ir trabalhando com pura perda para o interesse colectivo da nacionalidade, tambem ouvimos que não pode desinteressar-se em absoluto, da composição do Parlamento. Não é suficiente fazer eleições para que delas surjam um parlamento qualquer; é preciso que se possa governar com ele, depurando-o convenientemente e dando-lhe sangue novo, inteligencias vivas, capacidades organisadoras.

Por ultimo, é de desejar que no Congresso estejam devidamente representados todas as correntes de opinião publica, principalmente aquelas que se afirmam ou querem afirmar-se como elementos de reconstrução nacional.

Fechar sistematicamente as portas do Palacio de S. Bento á exposição das varias doutrinas constitucionais é empurrar para a desordem elementos politicos de valor positivo, que não querem senão fazer-se ouvir pacificamente. Todo o governo, seja ele qual for, dum regimen fundado no equilibrio dos poderes constitucionais, não pode deixar de ponderar estas circunstancias, se realmente quer produzir obra duradora.

Ora nós firmemente acreditamos que o gabinete Cunha Leal ambiciona deixar as cadeiras do Poder áqueles que legitimamente o conquistarem no pleito eleitoral, tendo deante de si horizonte limpo de nuvens precursoras da desordem politica ou social.

Que representa, afinal, tudo isto na massa geral do Parlamento? Duas duzias de cadeiras, so tanto. E' legitimo aos partidos resistirem a desordenadas exigencias governamentais, que porventura, lhe cerceiem decisivamente a influencia parlamentar. Mas cometem um erro irreparavel (para eles, que não para a Nação) se impossibilitarem a acção governamental, forçando o sr. Cunha Leal á declaração duma crise total do seu gabinete.

Em razão dos nossos deploraveis costumes politicos, que impõem aos partidaristas a subordinação da consciencia e inteligencia proprias á vontade dos respectivos directorios, podem estes impôr aos ministros partidaristas o abandono do governo. Resta saber se, neste instante gravissimo, talvez decisivo para a nacionalidade, os ministros partidaristas se sujeitam ou não ao capricho dos directorios. Admitindo, porem, que sim, o paiz assistiria ao desastre duma crise total dum ministerio, que é olhado pela opinião publica com manifesta simpatia e que, por culpa dos partidos e, especialmente, dos seus directorios, se encontraria momentaneamente enfraquecido na sua ação de depuração social. Quererão os directorios assumir, perante a Nação, tão tremendas responsabilidades?... Ver-se-ha em breve. E o povo, supremo arbitro, julgará depois, em ultima instancia.

◆ ◆ ◆

Não estamos, aliás, absolutamente convencidos da solução laboriosa da crise politica, se os directorios partidaristas ineneptamente a provocarem.

O remedio seria simples: um governo, organisado com elementos republicanos independentes, completaria o que já se fez, cumprindo, até final, a missão do Governo actual, missão que se limita, essencialmente, em manter a ordem publica e fazer as eleições.

As obras de Braamcamp Freire poderão ser concluidas?

Entrevista com o sr. dr. Antonio Baião

A morte de A. Braamcamp Freire deixou um imenso vácuo nas letras patrias na erudição portugueza. Havia publico para as suas obras e nas estantes dos bibliofilos ocupam elas um logar de destaque.

Concluir-se-hão? E' a pergunta que vem aos labios de todos os admiradores desse altissimo espirito para sempre desaparecido do numero dos vivos.

Sabendo que o sr. dr. Antonio Baião, o erudito director da Torre do Tombo, foi durante os ultimos vinte anos da existencia de Braamcamp Freire um seu amigo dilecto, um seu companheiro e confidente de investigações historicas, resolvemos interroga-lo. Para isso nos dirigimos ao Arquivo Nacional, onde, sob o olhar complacente do Herculano e do visconde de Santarem, no seu gabinete decorado com moveis historicos, o sr. dr. Baião nos diz:

—A. Braamcamp Freire foi, na verdade, uma figura colossal. O seu nome é dos que hão-de ficar na nossa historia literaria, pois a sua obra gigantesca não pode ser joeirada porque é toda trigo sem joio, oiro sem pechisbeque. Dificil é a escolha entre elas; fez avançar e progredir muito a historia naciona', desde a economica com a publicação, por exemplo, das cartas de quitação do reinado manoelino, com a historia das relações economicas de Portugal com Flandres, desde a historia literaria, com as suas notabilissimas publicações acerca de Gil Vicente e André de Rezende, até á historia da aristocracia portugueza empreendida nessa obra gigantesca intitulada «Brasões da sala de Cintra.»

Aqui interrompemos o sr. dr. A. Baião: Será possivel concluir a reedição desta obra?

—Sem duvida. Para o primeiro volume mais duma vez recorreu a mim, a fim de verificar citações, extractar documentos, cuja nota tinha em seu poder e que na ocasião não podia verificar. Decerto que os outros volumes serão levados a bom termo, pois nesta segunda edição acrescenta muito ao investigado na primeira.

—E que outras obras sabe v. ex.ª ter Braamcamp Freire deixado no prélo?

—Olhe, uma interessantissima é a reedição das «Saudades», do Bernardim Ribeiro, reedição feita segundo a edição «princeps», de Ferrara.

Braamcamp, numa das suas viagens ao estrangeiro, obtivera a reprodução fotografica dessa joia literaria, rarissima. Pensou reproduzi-la em fac-simile, tal qual Huntington reproduziu o Cancioneiro de Rezende, o sr. Joaquim Bensaude o «Tratado da Esfera», de Pedro Nunes, etc. mas as dificuldades materiais eram insuperaveis e por isso resolveu esta reedição. Outra obra era a segunda edição acrescentada do Gil Vicente: edição popular feita no Rio de Janeiro pela antiga Renascença Portugueza, hoje empreza do «Anuario do Brasil», sob a gerencia do tão activo quanto inteligente Alvaro Pinto.

—E o «Arquivo Historico Portuguez»?

—Desse tinha Braamcamp Freire ha muito tempo no prélo um volume. Mas as dificuldades materiais eram extraordinarias.

«Nos primeiros anos a publicação correu muito regular; ai estão esses formosissimos volumes em papel de linho a atestá-lo.

Veiu depois a presidencia do senado, a politica, e esta não deixou ser regular publicação tão valiosa. Só o «Arquivo Historico» de per si seria suficiente para enaltecer um nome. Braamcamp Freire foi o seu proprietario e com essa propriedade dispendeu centos de mil réis, dos antigos, note—foi o seu principal colaborador e nas suas colunas brilharam nomes como o de Sousa Viterbo, Brito Rebelo, para só falar nos mortos.

Se não fosse a generosidade com que o sr. Braamcamp pôs á minha disposição as paginas da sua revista eu dificilmente teria publicado—num tempo em que ainda não tinha nome literario—o meu largo e documentado estudo acêrca da inquisição no seculo XVI. Do «Arquivo Historico» pois está um volume no prélo. Contrariedades de tipografia, contrariedades de papel, tem sido, segundo supônho, os obices que tem obstado á conclusão desse trabalho. Dificuldades que, decerto serão removidas.

Para terminar diz-nos o sr. dr. Antonio Baião:

—Os meus ardentes votos, como amigo, admirador e colaborador do finado, são que não demorem a publicação destes valiosissimos trabalhos de investigação historica que de ha muito tinha entre mãos.

As obras de Braamcamp Freire ficam; e quando dele não restar senão pó e cinza ir-lhe-hão ás suas paginas eruditas e documentadas procurar lições e ensinamentos.

Os mortos, quando da estatura intelectual deste, mandam sempre podemos estar sempre com ele em contacto e ouvi-los e esse é o grande prazer que nos resta.

SEGREDOS A TODA A GENTE

Cigarros

Perguntou-me você um dia destes se era feio uma rapariga fumar diante de gente — depois de me ter dito que lá fóra todas as mulheres fumam e que um cigarro distrae, perturba e alegra. Não, não é feio fumar diante de gente. Uma rapariga, como você, educada nos habitos faceis de Londres, pode, sem grande risco de ser «gauche», acender o seu cigarro, diante de todos nós. Nada o proibe. Nem a nossa educação —nem, sobretudo, a sua sensibilidade. Se o seu espirito aceita, familiarmente, um «bout-rouge»—não lho negue. Tem apenas — sem ser necessario que lho diga—de pedir licença ás mulheres que não fumam e aos homens que detestam o tabaco. Concedida a licença nada a impedirá, sem desmanchar a sua elegancia e as suas conveniencias, de acender o seu cigarro e de queimar os seus dedos. Nada. Absolutamente nada. Agora o que lhe aconselho—se é possivel um homem como eu dar conselhos a uma mulher como você—é que não ofereça os seus cigarros a ninguem. Os homens abusam muito—e ha fumadores incorregiveis Nunca acenda, tambem o seu cigarro—noutro cigarro. Não é prudente. Prefira gastar um fosforo —se não tiver, como certas raparigas que eu conheço, acendedor automatico... Para outros esclarecimentos, sempre ao seu dispôr, a minha experiencia e os meus cigarros.

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

Os preços da correspondencia entre Portugal e Espanha

MADRID, 29.—A partir do proximo dia 1 de janeiro a correspondencia postal para Portugal, incluindo Açores e Madeira, terá a mesma franquia que a destinada ás provincias de Espanha. A indemnisação pela correspondencia perdida não poderá exceder 20 pesetas.—(Lat. Am.)

Universidade Popular Portuguesa

Na 5.ª secção desta Universidade, na Associação dos Operarios do Arsenal do Exercito—Campo de Santa Clara, 87 1.º—realisa-se hoje, pelas 21 horas, uma conferencia da série sobre «As grandes invenções e descobertas scientificas» pelo professor Ferreira de Macedo."

Em seguida ha sessão cinematografica educativa.

Ateneu Comercial de Lisboa

Agradecemos o convite que nos foi enviado por esta prestimosa agremiação para o seu tradicional baile que se realisa no dia 1 de Janeiro pelas 21,30.

Brindes

Da casa de ferragens Antonio Furtado dos Santos, Ayres & C.ª recebemos dois elegantes calendarios de parede para o proximo ano que muito agradecemos.

Ministerio dos Estrangeiros

Nova carta do velho funcionario

Meu caro amigo — Chamam a minha atenção para uma entrevista que o sr. Simões da reforma concedeu ha dias a um jornal da manhã e que, por certo, lhe passou, como a mim despercebida.

Nela o sr. Simões, depois de pretender demonstrar, sem o conseguir, que o orçamento da receita está cuidadosamente calculado, tenta justificar a cabazada de adidos de legação com o facto de haver necessidade de mais pessoal.

E a certa altura tem esta frase: «Em regra, o pessoal que a Republica fez entrar pela janela no ministerio dos Estrangeiros, não é do mais apurado».

Para este Metternich de trazer por casa, quando a Republica, após uma revolução nacional que fez ruir um regimen de sete seculos de existencia, nomeou novos funcionarios da sua confiança, fe-los entrar pela janela».

Aceitemos a designação, visto partir de quem vem—e vamos aos factos.

As pessoas nomeadas durante o periodo revolucionario para o Ministerio dos Estrangeiros foram, salvo erro, 22, se considerarmos apenas os que estão ainda na efectividade do serviço. Segundo o sr. Simões, este pessoal não é, em regra, do mais apurado. «Em regra» aqui significa, é claro, a grande maioria. Ora entre os 22 nomeados contam-se os seguintes nomes:

João Chagas, Duarte Leite, Teixeira Gomes, Eusebio Leão, Alves da Veiga, Brito Machado, Mayer Garção, Costa Carneiro, Alfredo Mesquita, Santos Tavares, Arnaldo Fonseca, Antonio Patricio, Fran Pacheco — para só citar os mais conhecidos. Total 14.

Temos, portanto, que, no entender do sr. Simões muitos destes cavalheiros—porque os restantes são apenas oito—constituem materia desprezivel.

E aqui tem, meu amigo, para que a maior parte deles gastou a existencia a trabalhar na proclamação da Republica—para que junto do seu pedestal surja um belo dia, sem se saber donde, um sr. Simões qualquer, alce a perna e ejacule aquela imundicie.

◆ ◆ ◆

Junto agora a este facto a seguinte conversa, ouvida ha dias nos corredores do Ministerio dos Estrangeiros, e diga-me depois se não começam a explicar-se certos factos que até aqui se apresentavam muito enigmaticos.

O dialogo travou-se entre dois funcionarios do quadro externo; um que acabava de chegar a Lisboa e outro que aqui chegara havia mais de um mês, que acompanhara carinhosamente a confecção da reforma e que, graças a isso, conseguira apanhar, á sombra dela, a promoção a primeiro secretario. Devo acrescentar que este é um dos ratinhos que mais se mexem agora para que ela seja mantida.

O primeiro, confessando-se desorientado no meio do pandemonio causado pela reforma, fazia sucessivas perguntas.

—Mas o que eu não percebo é para que se crearam consulados em sitios onde eles não são por óra necessarios, como Dantzig, Riga, etc.

Resposta do outro:

—Eu lhe digo: era preciso «liquidar» alguns funcionarios. Como não se podia pô-los fóra da carreira, crearam-se esses consulados e transferiram-nos para eles... (textual).

Não faço comentarios. O publico que os faça.

UM VELHO FUNCIONARIO

Universidade Livre

Continuando esta Universidade a sua obra altamente educativa, pela difusão de conhecimentos uteis nas camadas populares, e para comemorar o 1.º centenario da independencia do Brazil, que passa no proximo ano, a Direcção desta colectividade, resolveu convidar o sr. dr. Antonio Ferrão, socio da Academia de Sciencias de Lisboa, a realisar na sua séde, uma serie de conferencias. O sr. dr. Antonio Ferrão acedeu em fazer um curso publico em 8 lições, sobre a historia do Brazil, durante o periodo colonial, isto é, de 1500 a 1822. Constará este curso de um rapido, mas coordenado balanço da actividade portugueza no Brazil, onde as paginas mais emocionantes o heroicas da historia luzo-brazileira, serão evocadas, como as lutas contra os piratas de Thomaz Cavendish, depois contra os francezes de Villegaignon, emfim, contra os holandezes de Pieter Heyns e de Vons Durth e de Nassau.

Tambem a passagem do padre Antonio Vieira e a sua acção religiosa-politica, serão relembradas, bem como a vida dessa criatura enigmatica e curiosa, que sempre foi o sacerdote paulista Manoel de Morais. Será egualmente descrita a conquista sobrehumana, lenta mas persistente e sempre heroica do sertão por Braz da Cunha, Luiz Martins, Moreira Cabral, Lema Parsenal Araujo, Bartolomeu Bruno, Domingos Prado, B... doro Pereira, João Amaro e outros. Emfim, será estudada ... crita documentalmente toda ... civilisadora, economica, ad...tiva e intelectual.

Factos e palavras

A PROPOSITO ...DA NOSSA MELHOR COLONIA

O sr. Antonio de Vasconcelos foi entrevistado por um jornal. O sr. Antonio de Vasconcelos é aquele portuguez director-secretario da Beneficencia Portugueza que em nome da colonia portugueza do Rio de Janeiro vem oferecer ao sr. Presidente da Republica uma riquissima pasta encerrando a mensagem que de longe a colonia lhe envia. Nessa entrevista o sr. Vasconcelos disse coisas interessantes, coisas que merecem uma nota, coisas que merecem a atenção de todos nós.

Assim, depois de patentear as ideias da colonia portugueza do Rio de Janeiro unicamente baseados nos altos interesses da sua Patria, afirma que apenas esperam publicação de um decreto que lhes garanta a exclusiva colocação do capital enviado periodicamente no pagamento da nossa divida externa para o fazerem.

Estas ultimas palavras reveladoras dum facto da mais alta significação e da mais alta importancia, merecem da nossa parte o aplauso e o carinho maior que lhes podermos dar.

Portuguezes como nós, nossos irmãos, a distancia fez aumentar o amor que devem ao seu torrão, fez esquecer a mesquinhez das lutas facciosistas, dos pequeninos interesses pessoais que medram tão abundantemente na metropole. O olhar colocado num ponto de vista bem mais alto, melhor do que nós, os que andamos por aqui a desmanchar, a empatar, a derruir, compreendem e sentem o que é preciso que se faça para que os negocios do Estado possam desanuviadamente progredir.

O seu gesto é para todos nós uma lição. Para quem tiver vergonha uma censura.

Para a Patria um auxilio poderoso, desinteressado, leal e generoso que ela acolherá e bendirá com o reconhecimento que a Historia sabe dar.

Lembram-me agora aqueles versos de Guedes Teixeira:

«Portugal ....

«Que os filhos dizem não prestar de perto,
«Que os filhos amam quando estão distantes.

De resto bem o dizia já Oliveira Martins.

«O Brazil é a nossa melhor colonia, desde que deixou de ser colonia nossa.»

BOTTO DE CARVALHO

✣ ✣ ✣

A Associação de Agricultura alemã com certa dirigida á Associação Industrial Alemã salienta que a maneira de restaurar a situação economica da Alemanha será aumentar a produção agricola tornando o povo alemão independente da importação de generos alimenticios do estrangeiro.

Que esse fim só poderá ser atingido com o auxilio da industria, a qual poderá aumentar consideravelmente os meios de produção.

✣ ✣ ✣

As autoridades fiscaes inglezas são dum extremo rigor para os contribuintes relapsos. Ha dias, o rev. Walling, vigario de uma pequena egreja dos arrabaldes de Londres, foi chamado pelo comissariado de policia de Tottenham, a pedido do fisco, que reclamava o pagamento de cerca de 75$00 escudos, da nossa moeda, é claro de impostos em atraso.

O reverendo, ali chegado, declarou que, desde que estava na sua nova paroquia, se encontrava como que na miseria. Que vendera já as joias de uma pessoa de sua familia, o seu relogio, a sua corrente, tudo o que podia valer dinheiro, incluindo o piano, os seus livros, etc. E acrescentou:

—Os meus paroquianos afastam-se de mim, sem razão, é verdade; talvez porque me veem na miseria.

Mas «dura lex sed lex», e o comissario, ou quem suas vezes fazia, mostrou-se inexoravel, resolvendo que o rev. Watling pagava dentro do prazo de quatorze dias, ou ficava sujeito a pena de prisão preventiva.

Que fez o pobre sacerdote? Não podendo contar com quiquer socorro eventual; pediu para ser imediatamente preso sem esperar o prazo «graciosamente» marcado pela lei

E assim foi...

... Tal e qual como se fosse em Portugal...!

✣ ✣ ✣

Toda a gente que possui uma associação de classe tem protestado contra a instituição da cedula pessoal obrigatoria.

Agora são os vendedores de leite que protestam.

Vendedores de leite puro, vendedores do leite com agua, de agua com leite e de agua pura.

Todas as quatro associações protestam sob a denominação generica de—vendedores de leite.

Dizem para si que as vacas tambem vão protestar... mas estas contra os vendedores. Elas que o vão fazer já teem decerto as suas rasões.

✣ ✣ ✣

Antigamente quando um rapido chegava com o atraso de trinta minutos era caso para os jornais darem a noticia do facto.

Hoje o atraso habitual, fatal e certo é de quarenta e cinco minutos.

E tão habitual, tão fatal e tão certo que os jornais já nem dizem nada.

✣ ✣ ✣

Uma extensa area entre a cordilheira dos Andes e o Oceano Atlantico escureceu completamente por causa de enormes nuvens de cinzas provenientes dos vulcões Peyoso e Caulles que estão em erupção ha muitos dias. Na região sita entre as latitudes 41 e 51 graus formou-se um denso nevoeiro amarelado tão escuro que parece noite; na zona onde parte os habitantes estão fugindo aos milhares para a região do norte, julgando ter chegado o dia de juizo. Os prejuizos são importantes e estão-se organizando socorros para as vitimas.

A Provincia na "Capital,,

ALMADA, 28.—A prestimosa Sociedade Cooperativa Almadense resolveu solenisar a data do seu 31.º aniversario com uma brilhante festa que terá lugar no proximo domingo, 1.º de janeiro, e cujo programa é o seguinte:

A's 6 horas e meia alvorada com girandolas de foguetes; ás 14 horas sessão solene, para a qual foi convidado o sr. dr. Corneiro de Moura, e em que se farão representar varias congeneres e outras colectividades, sendo abrilhantada pela banda da Academia; ás 17 horas concerto pela banda da Incrivel Almadense. A séde da Cooperativa estará patente ao publico.

Pelo nosso amigo sr. Francisco José da Silva, digno secretario da direcção, foi-nos endereçado, em nome desta, um amavel convite, que muito agradecemos.

—A Junta Autonoma das obras do novo Arsenal, realisou no dia de Natal uma festa dedicada ás crianças pobres, a qual foi abrilhantada por uma banda desta vila. A imprensa não recebeu qualquer convite—estamos convencidos que por modestia dos promotores, visto tratar-se duma festa de beneficencia.

—Decorreu muito animada a festa no Club Recreativo José Avelino, na noite de Natal, e que teve o concurso bastante apreciavel, do sexteto do Asilo Antonio Feliciano de Castilho, desta cidade.

No proximo domingo terá lugar uma recita nesto mesmo Club.—(...)

PELO TELEGRAFO

A conferencia do desarmamento

A França e os submarinos

LONDRES, 29. — O «Daily News» no seu artigo de fundo diz que Lord Balfour, com os seus conhecimentos sobre submarinos, adquirid s pela experiencia sofrida pela Inglaterra durante a grande guerra, pode apreciar um detalhe o assunto apresentado pelos representantes da França em Washington, sobre a chamada arma dos fracos.

Demonstrou ele que como arma defensiva os submarinos poderão tomar parte no plano de defesa geral, mas unicamente uma parte limitada.

Como meio ofensivo as suas possibilidades quasi que não teem limite, como aconteceu com as bombas de gazes asfixiantes.

Se a liberdade da França fôr novamente ameaçada por uma potencia militar, ela não poderá defender as suas comunicações, com os submarinos que possua, embora os tenha às centenas, mas defender-se-ha com os milhares de pequenas embarcações inglesas que já salvaram os seus portos de serem destruidos e que permitiram aos exercitos da Grã Bretanha e da America vir vitoriosamente em seu auxilio.

«Evening Standard» observa que, como o sr. Balfour disse, não é principalmente uma arma militar. O seu aproveitamento principal durante a guerra foi contra os navios mercantes. Não pode ser indiferente para a Inglaterra a visinhança da França possuidora de uma grande esquadra de submarinos, pois que a sua população depende muito da liberdade de comunicações, que a Inglaterra se esforçou sempre por manter e de que conserva pungentes recordações da grande guerra.

A França vê-se assim em face da pregunta, se é mais importante para ela a posse duma grande esquadra de submarinos, ou um entendimento com a principal potencia naval da Europa, que a terá ao abrigo duma agressão pelo mar que lhe permitira concentrar-se na realisação da defesa terrestre, e que lhe evitará um imenso dispendio em que só servirá velvida tendo que competir com as outras potencias no seu armamento naval.—(R.)

A proxima conferencia

WASHINGTON, 29.—O presidente Harding declarou que antes de terminar a actual conferencia se entrará em negociações para a realisação da nova conferencia em que se tem falado.—(R.)

A Alemanha e os aliados

Vão ser reduzidas as forças americanas

BERLIM, 29.—Depois do dia 5 de Janeiro as forças americanas de guarnição no Rheno serão reduzidas em mais tres mil homens.—(R.)

A Comissão de reparações

LONDRES, 29.—Consta que a Comissão das Reparações receberá amanhã em Paris os representantes do governo alemão.—(R)

Em Cannes

CANNES, 28.—Chegou a delegação americana. A delegação ingleza deve chegar no dia 1 de janeiro e as outras no dia 5.—(H)

Os soviets

As negociações para um acordo

BERLIM, 29.—As negociações anglo-alemãs de Londres e em particular as empreendidas diretamente por Hugo Stinnes, foram seguidas com muita atenção pelo governo de Moscou, tendo o governo dos soviets ficado muito inquieto por saber que Lloyd George era partidario da formação de um sindicato anglo-franco-alemão para tratar dos assuntos russos.

Nos meios governamentais da Russia diz-se que os soviets não estão dispostos a que lhes seja imposta a sorte da Turquia e da China e que estão inteiramente decididos a não se deixar exterminar economicamente.—(R)

Noticias de toda a parte

As desordens no Egipto

LONDRES, 29.—As desordens no Egipto tendem a ilimitar-se e segundo as ultimas noticias recebidas em Londres ha a esperança de que se dominem rapidamente. As medidas militares rapidamente tomadas tiveram um efeito salutar, e as noticias recebidas das grandes cidades bem como das provincias indicam o restabelecimento da ordem. Os funcionarios egipcios retomaram as suas ocupações mas as escolas continuam ainda fechadas.—(R.)

O concerto Blanch do domingo

São dos mais poeticos e encantadores trechos os lindos «Romances sem palavras» de Mendelssohn; o grande compositor alemão Hillemacher, arranjou com uma bela instrumentação cinco desses romances em suite de orquestra: «Lo Depart, Lo Gondolier, Scherzetto, Marche funebre e La Chasse», que a «Orquestra Sinfonica Portugueza», dirigida pelo maestro executa no magnifico concerto de domingo no São Luiz, em 1.ª audição, juntamente com a celebre «Scheherazade», a colossal obra prima de Rimsky Korsakoff, a pedido e pela ultima vez e tambem o «Coriolan» de Beethoven, a «Menuetto» de Bolzoni e o celebre Scherzo «L'Apprenti Sorcier», de Dukas. O concerto principia ás 3 em ponto, a fim de terminar a horas de todos poderem festejar o Ano Bom em suas casas.

As reparações

As entrevistas franco-britanicas —O ponto de vista britanico O governo alemão e a prestação de 15 de janeiro—Os creditos suplementares dos alemães

Briand, acompanhado por Loucheur ministro das regiões libertas; Philipe Berthelot, secretario geral do Ministerio dos Estrangeiros; Temery Cheysson, Petsch, Mantoux, o embaixador de França em Londres, partiram para aquela cidade, a fim de ter uma conferencia com o primeiro ministro britanico.

Vão discutir o problema das reparações e os meios de restabelecer o equilibrio economico mundial. Estas conferencias são como o preludio de uma reunião do conselho supremo dos aliados (França, Grã-Bretanha, Italia, Japão, Belgica e talvez os Estados-Unidos), que terá a sua primeira assembleia na primeira quinzena de Janeiro.

Eis que o «Observer» julga delas: «Esperamos e cremos que as entrevistas tidas entre Briand e Lloyd George conseguirão manter a Entente. A Inglaterra já não pode continuar a insensata politica financeira, porque enveredou desde o armisticio. Como muitas vezes dissemos, uma perfeita aliança economica entre a Grã-Bretanha, a França, a Italia, a Belgica e a Alemanha repararia as devastações, resolveria muitos problemas, estabilisaria os cambios e restabeleceria o comercio. Demais, seria preciso convidar a Russia a juntar-se no trabalho de reconstrução e então poder-se-ia convocar para o principio do novo ano, uma conferencia em Londres, conferencia presidida por Lloyd George, conferencia que poderia transformar as condições economicas do mundo inteiro.»

O projecto de uma grande conferencia economica europeia, que é muito falada pelos amigos de Lloyd George, poderá fazer o objecto das entrevistas que começaram na rua Downing, mas num acordo mais restricto se imporá antecipadamente entre a França e a Grã-Bretanha.

Segundo o habito, no decorrer das consultas periodicas entre os dois paizes, prevê-se um programa muito extenso que levará uma semana a ser discutido: questão geral das reparações, acordo financeiro de 13 de agosto, questão do Oriente, tratado de Angora, politica naval da França.

E' evidente que os dois primeiros ministros, que podem abordar estes diversos problemas, não terão tempo de os tratar a fundo nos tres ou quatro dias de que dispõem antes das férias do Natal, que suspendo toda e qualquer actividade na Inglaterra.

Ha muito que se conhece a these ingleza sobre os problemas economicos e financeiros, cuja consideração se impõe hoje á Europa. Baseia-se na identidade de interesses entre devedores e credores, na solidariedade economica dos povos e na previsão das reações multiplas e longiquas que póde provocar um sistema de pagamentos internacionais tal como nunca se viu. Por outras palavras, a Inglaterra pensa em renunciar ás suas dividas para se enriquecer.

Em primeiro logar abandonaria a sua parte nas reparações alemãs, reserva feita de que o Reich poderia pagar em mercadorias e em serviços. Prevê-se a possibilidade de uma especie de acordo de Wiesbaden anglo-alemão, nos termos do qual o Reich entregaria certos produtos, produtos córantes e outras materias que a Grã-Bretanha necessita e contribuiria para o desenvolvimento comercial da Russia.

Em seguida, a Inglaterra anulará a divida da França para com ela, que se eleva a 557 milhões de libras esterlinas (14:049 milhões de francos em ouro, ao curso normal do cambio), mas receberia em troca uma soma equivalente em bons marcos alemães das reparações da série C, que ela destruiria em seguida. A vantagem que os ingleses esperam tirar desta dupla operação seria um aumento sensivel no curso do marco e do franco.

Depois, no dominio politico, a Inglaterra ofereceria a validação do pacto de garantia para França, assinado em 28 de junho de 1919, ao mesmo tempo que o tratado de Versailles transformará a Entente numa aliança sob a reserva de um acordo relativo aos armamentos navais da França. A Grã-Bretanha, nesto caso, tomaria a responsabilidade de garantir a França contra qualquer agressão naval.

Emfim, passando aos problemas gerais na Europa no dominio economico assim como no politico, o governo inglez proporia a reunião, no principio do proximo ano, de uma conferencia na qual participariam não só os paizes aliados, mas tambem a Russia e os antigos paizes inimigos.

Julgam os inglezes, porém, que se a Europa mostra que é capaz de encarar e talvez resolver as grandes dificuldades que a afligem os Estados-Unidos não poderão continuar a desinteressar-se pela sua sorte.

Tais são as ideias gerais, ainda mal definidas nos seus detalhes, que se discutem nos meios governamentais inglezes. E' indubitavel que Lloyd George seja apoiado na sua nova politica pela grande maioria dos inglezes. Admitindo que o tratado anglo-irlandez seja ratificado e que as eleições marcadas para fevereiro deem ao governo todo o sucesso que espera, o primeiro ministro britanico vêr-se-ha numa situação singularmente forte para abordar os problemas economicos da Europa e que dependem da solução de outra grande questão da politica ingleza: a paralisação do trabalho.

Emquanto assim se pensa na Inglaterra, dizem-nos que antes do governo alemão enviar a sua nota á comissão das reparações, já examinava seriamente a possibilidade de recusa eventual de uma moratoria para os pagamentos de janeiro e fevereiro.

A maior parte dos quinhentos marcos de oiro da prestação de 15 de janeiro estava já completa, apesar da declaração contraria contida na nota do governo.

E assim mesmo a comissão fiscal do Reichstag adoptou os creditos suplementares para o titulo das reparações para o exercicio fiscal de 1 de abril de 1921 até 31 de março de 1922.

As despezas resultantes do tratado de paz elevar-se-iam, após a provisoria avaliação actual, a 112 biliões e 250 milhões de marcos, papel, decompondo-se assim:

Despezas gerais para as reparações 86 biliões e meio; gastos de ocupação, 6 biliões; comissões inter-aliadas, 250 milhões; prestações que resultam do tratado de paz, 3 biliões; despezas resultantes dos pagamentos de compensação, 12 biliões; outras despezas resultantes do tratado de paz, 4 biliões.

Uma estatua a Camões no Rio de Janeiro

Constituiu-se no Rio de Janeiro uma comissão para ali erigir um monumento ao cantor dos «Lusiadas».

A iniciativa partiu do sr. Rafael Pinheiro, que promoveu para tal fim uma reunião dos nossos patricios no S. João Club Ginastico Portuguez, que apesar das suas dimensões se tornou pequeno para conter toda a assistencia.

Assumiu a presidencia o sr. Carlos Sampaio, constituindo a meza os srs. comandante Neiva, representante do sr. Presidente da Republica; sr. Duarte Leite, embaixador de Portugal; o representante do sr. Ministro do Exterior; dr. Silva Ramos e Felinto de Almeida, representante da Academia Brasileira de Letras e os srs. Rafael Pinheiro e Alexandre d'Albuquerque.

Sobre o assunto discursaram os srs. Pinheiro, Alexandre d'Albuquerque e dr. Pinto da Rocha, que apresentou a seguinte proposta:

1.º — Que seja lançado na acta um voto de agradecimento a s. ex.ª o sr. Presidente da Republica, dr. Epitacio Pessoa, não só como brazileiro e intelectual, como tambem como chefe da Nação no exercicio da sua elevada autoridade.

2.º—Que em local, oportunamente designado; seja lançada, no dia 10 de Junho de 1922, centenario da Independencia do Brazil e 342.º aniversario da morte do cantor dos «Lusiadas», a pedra fundamental da sua estatua.

3.º—Que essa estatua seja inaugurada no dia 5 de Fevereiro de 1924, 4.º centenario do nascimento do epico imortal.

4.º—Que entre artistas brazileiros e portuguezes, no Rio de Janeiro e em Lisboa, seja aberto concurso publico para os respectivos projectos.

5.º—Que para completa execução desta idea seja aclamada uma grande comissão, composta dos seguintes cavalheiros:

Presidentes de honra—o sr. Presidente da Republica dos Estados-Unidos do Brazil, o sr. Presidente da Republica Portuguesa, Ruy Barbosa e Guerra Junqueiro.

Vice-presidentes de honra — o sr. ministro das Relações Exteriores do Governo Brazileiro; o sr. ministro dos Estrangeiros de Portugal; o sr. embaixador do Brazil em Portugal; o sr. embaixador de Portugal no Brazil; o sr. Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro; o sr. Cardeal Patriarca de Lisboa; o sr. Presidente da Academia Brazileira de Letras; o sr. Presidente da Academia de Sciencias de Lisboa.

Secretarios de honra—Consul geral do Brazil em Lisboa; Consul geral de Portugal no Rio de Janeiro; a sr.ª D. Julia Lopes de Almeida; a sr.ª D. Carolina Michaelis de Vasconcelos.

Presidente efectivo—sr. dr. Carlos Sampaio, vice-presidente, Conde de Afonso Celso, dr. Teixeira de Abreu, Carlos Malheiro Dias, presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro; presidente do Gabinete Portuguez de Leitura, Conde de Pereira Carneiro, visconde de Moraes, Afonso Vizeu.

1.º e 2.º secretarios gerais—Dr. Artur Pinto da Rocha, dr. Raul Pederneiras.

Secretarios efectivos:—Dr. Rafael Pinheiro, Castro Guindão, Dr. Alexandre de Albuquerque, Dr. Marques Pinheiro.

Tesoureiros—Comendador José Rainho da Silva Carneiro, Raul Vidor, Manuel Gomes Soares, Dr. Pinto da Rocha e Dr. Jaime de Vasconcelos.

Esta lista foi unanimente aclamada por toda a assistencia.

A nossa colonia acolheu, com todo o entusiasmo, esta iniciativa.

ULTIMA HORA

A explosão de bombas na C. G. T.

Pormenores e investigações

A séde da C. G. T. continuou, durante o dia de hoje, guardada pela policia, que dentro do pateo daquele edificio não permite a permanencia de pessoa alguma.

Logo de manhã dois agentes da P. S. E. estiveram ali selando as portas daquele edificio, motivo porque a «Batalha» não se publicará amanhã, em virtude de se achar instalada no predio onde se deu a explosão.

A gaveta que continha grande numero de bombas e que pela mesma policia foram apreendidas encontram se já na P. S. E. As bombas são de grande potencia.

Alem destas bombas foi tambem apreendida muita metralha, alguns kilos de polvora, dinamite, clorato de potassio, etc.

A P. S. E. foi a primeira a comparecer na C. G. T.

As investigações, que estão a cargo do chefe sr. Zeferino da Silva, prosseguem activamente, diligenciando-se efectuar a prisão de mais alguns elementos que se sabem estar envolvidos no fabrico de explosivos.

Os individuos que foram presos na C. G. T. são Manuel Joaquim Junior, Leonel do Nascimento, Manuel Luiz Barboso, Raimundo Sousa Santos, Luiz Morais, Cristiano Lima, Francisco Fernandes, José Gomes Pereira, «o Avantes», chefe de um grupo bolchevista; Joaquim Antonio Pereira, e José de Sousa, conhecido agitador das juventudes sindicalistas.

A maioria destes individuos foram presos dentro da redação do jornal a «Batalha» para onde tinham fugido logo após a explosão das bombas, motivo porque também se encontra preso o quadro tipografico daquele jornal.

Os mortos e os feridos

Na morgue encontram-se dois cadaveres cuja identidade se ignora.

Hoje faleceu um dos feridos, Armando dos Santos, serralheiro mecanico, de 21 anos.

Os restantes feridos que continuam em estado grave, são Matias Sequeira, Manuel Simões, Manuel Agostinho Nunes e Raul Santos.

General Dantas Baracho

O seu funeral

Pelas 10 horas de hoje realisou-se o funeral do general Sebastião de Souza Dantas Baracho.

O cadaver encerrado em caixão de chumbo e este em urna, esteve exposto numa sala da residencia do extinto.

Depois das orações funebres feitas pelo rev. Prior da freguezia de Ajuda foi a urna colocada numa carreta forrada de negro pertencente á sociedade de beneficencia a «Voz do Operario» seguindo-se a cortugem conduzindo o rev. sacerdote o seu acolito, e após esta alguns trens transportando pessoas das mais intimas relações do finado, e da sua familia.

O cadaver ficou depositado em jazigo de familia no cemiterio da Ajuda.

As finanças da Italia

O banco italiano

PARIS, 29.—E' muito grave a situação do Banco Italiano, estando tomadas muitas medidas.—(H)

POLITICA

Desmentidos oficiais opostos pelo Chefe do Governo a noticias de «A Situação»

O sr. Presidente do ministerio pede-nos para opor o mais formal desmentido a varias «sensationais», publicadas em «A Situação», de hoje.

Assim, não é exacto que tres generais fossem encarregados pelo governo de dirigirem operações militares.

O sr. general Gomes da Costa nem ao menos tem qualquer função de comando, dentro ou fóra de Lisboa; e quanto aos srs. generais Silveira e Souza Rosa, exerce o primeiro, desde ha bastantes anos, o comando em chefe do Campo Entrincheirado e está o segundo á frente da 3.ª Divisão militar, com séde no Porto.

Egualmente é pura fantasia afirmar-se que em volta de Lisboa estão concentrados cerca de 10000 homens, ou que em Santarem se aglomeram tropas das provincias, ou que, dentro em tres dias, o governo conte com um exercito de 20000 homens, do qual, a ser verdadeira a informação, não sabia realmente o que havia de fazer. Mas o que especialmente feriu a atenção do Chefe do Governo e acerca de cuja falsidade ele não deseja que restem duvidas, é que tivesse pensado, penso ou venha a pensar na redução da Guarda Republicana, ideia alias, em opsição manifesta ás declarações que tem feito, muito recentemente a não por ocasião do discurso que pronunciou no quartel do Carmo, quando foi retribuir a visita dos oficiais da Guarda.

Não ha intenção de licencear forças da Armada nem de fazer sair navios de guerra. Se o «Vasco da Gama» partiu, foi por necessidade urgente de serviço publico e mais nada.

Quanto ao estabelecimento da pena de morte, nem merece a pena falar nisso.

Conferencias

O sr. Cunha Leal teve hoje uma demorada conferencia com o chefe de Estado.

A' 17 horas devem encontrar-se em conferencia, no ministerio do Interior, os directorios dos partidos da Conjunção e o Chefe do governo, sr. Cunha Leal. Tratar-se-ha como referimos noutra pagina deste jornal, da questão eleitoral.

Adiamento das eleições?

Nos circulos politicos começa a encarar-se, muito a sério, a possibilidade de o governo se ver forçado a um novo adiamento do acto eleitoral.

O "Vasco da Gama,,

Uma avaria impede-o de seguir viagem

O cruzador «Vasco da Gama» que largou da baia cerca das 14 horas com destino á Madeira, parece ter sofrido uma avaria que o impediu de seguir viagem, achando-se fundeado proximo a Caxias.

Presos

A P. S. E. prendeu em Aldeia..., concelho de Viana do Castelo, os seguintes individuos, implicados no lançamento de bombas naquela localidade e que já se encontram nos calabouços do governo civil de Lisboa: Jaime Pereira da Silva, Agostinho da Silva, Manuel da Costa Amorim, João Antonio da Costa Junior, João Antonio da Costa e João Antonio de Matos.

TEATRO

Primeiras representações

POLITEAMA — Zázá — 5 actos, de Breton.

Lucilia Simões fez hontem reviver no palco do Politeama, vestida de novo, com automovel e toilettes da estação, a velha peça romantica de Breton.

A' falta dum grande repertorio moderno que lhe desse margem a marcar os seus multiplos recursos de primeira actriz, a comediante explendida da «Estraviada», foi buscar ao teatro da sua primeira epoca passados triunfos, e não fez mal com isso, visto que nos pode dar ainda hoje, em plena fulguração, uma ideia completa das suas passadas criações.

Não se pode criticar—porque seria já ridiculo—a peça de Breton representada em todo o mundo, como uma dessas «grandes machines» que estão para a literatura do teatro como para a pintura estão certos quadros de museu.

O que nela se pode tornar novo ou interessante é a forma de exteriorisação que lhe emprestam os varios conjuntos scenicos.

Sem sombra de duvida se pode dizer que ontem no Politeama se representou, pêlo menos no respeitante ás 4 primeiras figuras, Lucilia, Erico, Lucinda e Ribeiro Lopes, duma forma completa.

Lucilia que no 1.º acto não conseguiu logo mostar o que seria nos outros, foi depois, em toda a peça, dum tão alto e eloquente poder de expressão que arrebatou a plateia, obrigando-a a sofrer e dominando-a com a nobresa dos seus nervos, com a força indiscutivel da sua grande arte.

Lucilia,—está ja isso muito dito—é uma actriz profundamente pessoal na sua arte. Para que se compreenda a sua «fórma» histrionica ha que vê la muito e sentir, atravez muitas interpretações, o seu talento.

Erico Braga esteve hontem explendidamente. Não fraquejou nada.

E, não fraquejar, ao pé de Lucilia, aguentar-se naqueles balanços violentos, sustentar com ela a violencia de toda a gama dramatica do 4.º acto, corresponde—sem favor nenhum—a ser um actor notavel.

Sim, senhor, hontem deu mais um grande passo.

Ribeiro Lopes foi excelente.

Continua a ser um dos grandes elementos da companhia.

Para o fim deixamos Lucinda. Que maravilha não foi tambem o seu trabalho de hontem! Não se representa melhor.

E, depois a composição do personagem, que inteligente compreensão, até aos mais insignificantes detalhes da indumentaria. Um grande bravo!

Como e consolador ver essa mulher —a avó do teatro portuguez—essa mulher rara que está assim fresca e viva de espirito. 50 anos sobre as táboas da scena—como se fossem, 50 breves dias duma «tournée», como se esta grande «tournée» da vida a não cançasse nunca.

Bom seja-nos agora que a parte capital de representação de hontem esta fixado, fazer a empresa os justos reparos que a apresentação continua dos seus maus senorios nos provoca.

Um grande conjunto scenico, verdadeira honra duma capital, como é a grande companhia de comedia de Lucilia e Erico, precisa acompanhar em tudo os ultimos passos da arte moderna. A scenografia actual evoluiu muito. O publico tem muito maiores exigencias.

Não se toleram já os cenarios como os que hontem apareceram no Politeama. Aquele mobiliario, aquele arranjo scenico não é sequer suportavel.

Desculpe-nos quem arranjou a scena. E' justamente pela muita consideração que nos merece a companhia do Politeama que assim falamos. E' absolutamente preciso que alguem de gosto, de bom gosto moderno dirija os décors das scenas. Com isso todos teriam a ganhar. Ganhavam os comediantes pelo melhor ambiente em que representariam, Ganhava o publico, e ganhava até o metteur-en-scène que se lhe tirava de cima essa preocupação.

Assim é que não pode ser.

Aquilo é uma scena tal como se arranjava em 1900, no velho D. Maria. Hoje, em 22 anos o publico andou muito—e os «décors» do Politeama pararam, mesmo com automovel e tudo.

O HOMEM QUE PASSA

Noticiario

Portugal

E' a seguinte a distribuição da opera «Tristão e Isolda» que subirá á scena em recita de assinatura extraordinaria, sob a direcção do grande director que é Vittorio Gui: Isolda, Elsa Bland; Brangania, Maria Capuana; Tristão, Caza Bianchi; Eurvenaldo, Cesare Formichi; Rei Marke, Griff; Meló, Erauzkin; Um pastor e um piloto, Cesaro Spadoni. A segunda recita deve efectuar-se no dia 1 de janeiro, com a mesma opera, em 7.ª recita de assinatura ordinaria.

Estrangeiro

LONDRES, 29. — O famoso actor Sir John Hare faleceu nesta cidade com a idade de 77 anos.—(R.)

AGENDA DA SEMANA

HOJE—Festa artistica de Auzenda d'Oliveira, com a premier da opereta «A Moreninha» de D. José Paulo da Camara e Luna d'Oliveira, com musica de Filipe Duarte.

BÔAS NOITES, MINHA SENHORA

PALESTRA AO SERÃO

Vamos hoje falar de um assunto que está preocupando as raparigas e com razão; os casamentos rareiam bastante e uma das razões desse facto é com certesa o luxo da mulher; ao mesmo tempo, se elas andam modestamente vestidas, o rapaz, habituado ao luxo, desconsola-se e procura por outro lado essa elegancia que os seus olhos avidos de estetica reclamam. E' um dilema e um dilema sem solução.

As lojas de modas com as suas ocasiões unicas e os seus saldos são muito tentadoras, as pessoas as mais silenciosas deixam-se persuadir e abafam a voz da consciencia procurando encontrar uma plataforma que lhes permita comprar o que desejam sem ao mesmo tempo se verem obrigadas a cair na divida; por fim na maioria dos casos o demonio do luxo vence. Com um pequeno arrepio de medo e de arrependimento subterraneo, decidem-se, o objecto cubiçado passa para as suas mãos! Aquela renda, aquela seda, aquela pele, representa uma privação, um prato a menos ao jantar, um tonico que não se comprará nesse mez, mas era-lhe absolutamente necessaria á sua felicidade aquela frioleira não poderia passar sem ela, servirá para aumentar o seu encanto e receber a sua beleza e depois irá juntar-se no saco dos trapos ás mil inutilidades que todas temos a um canto.

Sim, tudo isto é natural, mas é natural que o homem, ao ver como as coisas se passam se assuste e diga:

«Como vou eu sustentar o luxo desta mulher com o meu parco ordenado e as dificuldades diarias da vida actual?

E dessas reflexões a procurar raparigas ricas não ha senão um passo portanto apesar de arriscar incorrer no vosso desagrado muitas senhoras, termino a minha palestra com éste conselho:

Vistam-se segundo as suas posses, tendo todo o cuidado de escolher as cores e os feitios que melhor convenham e que as torne mais atraentes; tenham sempre uma certa elegancia que não depende do luxo mas sim do bom gosto, sejam especialmente e acima de tudo «senhoras» na maneira de vestir e talvez não casem com um menino pintadinho e elegante, mas com certesa, se casarem, serão escolhidas por um homem inteligente e são de espirito.

Bem sei, o conselho é arduo, mas tenho a certesa que será seguido por toda a mulher que mereça esse nome.

FRIOLEIRAS

Consideramo-nos muitos mais cultas e ilustradas do que os nossos antepassados, mas estudando bem as cronicas e os livros que tratam dos tempos idos, chegamos á conclusão, que talvez isso seja verdade porém que os nossos avós eram muito mais intelectuais do que nós. E senão, observemos: quais os divertimentos da sociedade moderna? «O five o'clok tea» em que a conversa prima pela banalidade, o «trote da raposa» e de todos os animais da creação.

Agora pensemos nos divertimentos dos nossos antepassados. Abremos o cancioneiro de Garcia de Rezende e ele teremos as descripções dos entretimentos da côrte:

«Os porquês em que se pregavam nas paredes uma especie de perfis das damas da côrte, fatos em versos espirituosos mesmo quando desamaveis e inspirados no despeito.

Por essa mesma epoca instituiram-se as côrtes de Amor em que os homens louvavam as damas eleitas pelo seu coração e em que se propunham em verso inqueritos sentimentais, aos quais as damas davam resposta, egualmente em verso, chegando-se ás vezes a formar verdadeiros tribunais, com advogados e juizes, que era sempre uma mulher.

Mais perto de nós os «outeiros» nos atrios dos conventos, desafios em verso, quadras glosadas sobre motes dados pelas freiras.

Qual sera mais intelectual estes devertimentos ou os da nossa epoca? Inclino-me a pensar que os antigos levavam-nos a primazia.

TRABALHOS FEMININOS

Desenho á pena

Para as pessoas que têem mão firme, e certa disposição para o desenho, ha um trabalho relativamente facil e com o qual se faz muita coisa bonita: o desenho á pena.

E' encantador vêr nos «menus», nos programas de baile e em livros, rapidos esboços e arabescos, deitados com aparente descuido por entre as letras.

A qualidade que se necessita neste trabalho é uma mão leve firme para que as linhas não sejam nem brutas nem hesitantes.

As linhas sobrepostas devem ser obliquas e muito carregadas, para que se abstenham tons graduados num processo que só admite o negro sobre o branco mas por mais fortes que sejam no principio terminarão muito ao de leve.

E' preciso cultivar o nosso gosto para que insensivelmente saibamos pôr de quando em quando um traço, um ponto que dê sombra sem endurecer as linhas, para isso é que não é possivel dar instruções, pois só a observação pessoal é que poderá indicar as ocasiões, segundo o desenho.

Ha uma unica regra a seguir, num mesmo desenho não se deve empregar dois processos diferentes, se as linhas de sombra começam em sentido obliquo teem de continuar assim em todo o trabalho.

Um trabalho bonito seria um calendario com a figura do tempo e seus atributos. Essa figura feita em tres graduações de preto, em volta rosas e frutas pintadas a aguarela. As cores que se escolherem para as flores são as que devem reproduzir-se nos laços pelos quaes o calendario se pendura.

HIGIENE DA BELESA

Pomada para os labios

Uns labios rosados e frescos muito contribui para a beleza feminina deve-nos preocupar muito portanto conservar a frescura dos labios. Uma boa pomada para alcançar esse fim é a seguinte:

Oleo de amendoa doce	100 gr.
Cera branca . . .	50 »
Carmim	0,50
Oleo volatil de rosas	0,50

PENSAMENTOS

O exemplo desce e não sobe.

JOUBERT

A justiça é a verdade em acção.

JOUBERT

SONETO

A que passa

Talvez não volte a vê-la em meu caminho,
Como á folha que o vento ha-de arrastar,
ha-de forçá-la a vida a ir levar
a sua graça airosa a outro ninho.

E quando, ás vezes, me encontrar sósinho
hei-de sentir a magua de pensar
que um outro tem a dita de gosar
seus beijos, suas graças, seu carinho

Passou por mim como outras tem passado:
Palavras, um sorriso, um olhar trocado...
—a divina ilusão que pouco dura—.

Não tarda na su'alma o esquecimento
e uma saudade em mim. Não me lamento.
Saudade chega quasi a ser ventura.

Do livro em preparação «Alma».

CORIOLANO LEITE

SPORT

Sam Mac Vea

Morreu o antigo campeão negro de box Sam Mac Vea.

Estou ainda a ve-lo em pleno sucesso em Paris. batendo sucessivamente todos os que lhe eram opostos.

Estatura de gigante, admiravelmente bem musculado, pois é bem a ele, que se deve na Europa, parte do incremento que tem o box actualmente.

No primeiro dos dois matches que sustentou com o mulato Jae Jeanete, Sam venceu, mas no segundo, em que não havia limite de rounds, barbaridade felizmente posta de parte hoje, Sam resistiu 49 rounds, com os olhos fechados, a cara em sangue, e nos intervalos dos dois ultimos rounds com a ajuda de balões de oxigenio.

Sam veio fazer um match á praça do Campo Pequeno, por conta de Antonio Santos, com o escossez Drumond.

O match não teve importancia sportivo, devido á desigualdade da classe dos dois pugilatos. Foi o primeiro combate que arbitrei, ainda não havia «entendidos», nem «Federação»...

Sam foi um dos quatro melhores boxeurs da epoca. Morreu aos 46 anos, o que chegou a ser um dos idolos do publico parisiense.

RUY DA CUNHA

Luta

Zbysco, o lutador sueco, detentor do titulo de campeão de luta, venceu por duas vezes o gigante Doviscourt, natural de Texas, num match em tres mãos.

Automobilismo

Na America quasi todas as passagens de nivel nas linhas ferreas não teem cancelas. Ultimamente uma companhia, poz suspensos a um poste, os destroços dum automovel...

Bom aviso.

—Com a actual tarifa da alfandega espanhola, os direitos a pagar por um automovel, são tão exageradas, que um carro de marca espanhola do preço de 30 mil pezetas, custa para entrada em França a bagatela de 200 mil francos.

Aviação

O aviador Marmier fez o raid Constantinopla-Paris em cerca de 17 horas, passando por Strasbourg, Praga, Budapest, Belgrado, Bucarest.

Box

Os boxeurs Wilson e Greb vão encontrar-se para o campeonato do mundo de pesos medios.

Natação

No dia de Natal disputou-se a prova de natação que tem o nome de Taça do Natal, em Paris, no Rio Sena.

Está inscrito o campeão belga Combet.

E' a 13.ª vez que tem lugar esta prova.

NOTICIARIO

O GRUPO TCHECO-SLOVACO

No sabado o Sport Lisboa e Benfica vai defrontar-se com o team estrangeiro que está entre nós, e no domingo joga com uma selecção de Lisboa.

Devem ser dois matchs interessantes, e que estão despertando anciedade.

FEDERAÇÃO SOCIALISTA DE DESPORTOS ATLETICOS

Está definitivamente marcada para 22 de janeiro a inauguração da séde da Federação Socialista de Desportos Atleticos, no Palacio das Galveias ao Campo Pequeno, que por motivo das importantes obras, quasi concluidas, tem sido varias vezes adiada.

A Federação cedeu aos grupos filiados 10 amplas salas de uso privativo onde estão instalados já o Atletico Club de Portugal, que é formado apenas por socios efectivos da Federação; a Sociedade Desportiva Viriato (classes infantis); e Club Desportivo Nacional, Linhares Foot-ball Club e Oriental Atletico Club, continuando aberta a inscrição. Em varias terras da provincia se estão organisando agrupamentos sob a direcção de delegados da P. S. D. A. devendo ainda esta semana ser largamente afixado um interessante placard de propaganda, composição artistica de Chaves d'Silvo.

62—Folhetim de «A CAPITAL»—29 de Dezembro de 1921

ROCHA MARTINS

Spartacus

Romance das lutas proletarias em Roma

X

Talvez não tivessem, por uma vencida, a piedade que o chefe tivera ao defende-la e a Manlio. Recordava então o que seu pai narrava das devastações na Grecia quando Sylla o mandara incendiar os bosques sagrados de Atenas e saquear o tesouro de Epidauro e o de Olimpia.

Nunca se esquecera dos gestos do velho ao descrever, glorioso, uma rapariga agarrada aos cofres das reliquias gritando que se não devia tocar no ouro dos deuses e como a vira com as mãos decepadas, jorrando sangue sobre a sua tunica branca, por terra, elevando os cotos dos braços para os soldados e salpicando-os de vermelho.

Oh! Que horror é a guerra!

De subito todo o acampamento vibrava numa explosão alegre; o cantico de Emerencia subia e logo as vozes se abafavam. Agora era uma toada nova, mais doce e mais calma, em que saudava um chefe cuja vida, cuja alma, cujo braço, servia para tornar todos irmãos, num mundo sem odios, sem rancôres e logo sem queixumes, terra sem flores sob um ceu de estrelas.

Repetia-se o hino; ela queria-se erguer, mas sentia-se fraca; a custo entreabria as cortinas do carro e pressentia Spartacus que chegava montado no seu cavalo negro, ouvia o rumor do exercito que o seguia, comandado por Eudoxio, via os clarões rubros das fogueiras, subindo, á vontade, ao clamor da vitoria.

—Outro triunfo!...

Os soldados levantaram-no; no ar, descavalgavam-no, soltavam os seus gritos de gloria. Acendiam-se archotes, e de todos os labios sahia a nova de que o consul Gelius tambem fôra batido. A noticia que correra relativa a uma derrota, tinha uma certa razão: o pretor Arius atacara e batera grande parte da legião de Crixos.

Os de Spartacus tinham vencido; as cohortes romanas rolaram no fundo dos vales, os exercitos iam levar essa noticia que devia gerar um brado de colera em todos os labios com um grande terror a espalhar-se na cidade orgulhosa.

—Salvé! Spartacus!

Lavinia via parte do exercito á sua volta, adivinhava os soldados de Eudoxio que chegavam retumbando tambem o seu grito ecoante nas concavidades dos rochedos. Vinham alegres, alguns, delirantes, a quererem levantar nos braços os oficiais e, para ela tudo aquilo representava não já a derrota de Roma que não a pungia mas a distancia a que se colocava dos seus sonhos de paz.

Por toda aquela vastidão, que a luz dos fogareus e fáchos alegrava as aclamações retumbantes e a patricia largava a cortina, dava um grito e caia sobre as almofadas fofas. Julgava ver Spartacus metido num lago de sangue coagulado onde só resaia a sua cabeça marmorea.

Os soldados tinham-no revestido dum manto vermelho, tomado ao general inimigo, as insignias de «imperator dux belli.»

Ao dealbar a mancha continuava e uma legenda nascera.

Spartacus subira na imaginação dos soldados. Fôra duro e cruel nessa guerra mas duma serenidade heroica.

Passava sobre montões de cadaveres, esmagava vencidos, impassivel, sôberbo como quem exercia uma missão superior. Descobrira num bosque as pontas das lanças dos romanos luzindo numa rastea de luz e para que eles mais scintilassem largara fogo, por sua mão, ás arvores seculares da floresta e mandara calar rudemente a gargalhada dos seus homens quando sagitarios, fundibularios e até equites espanhois, largaram a correr estarrecidos, encontrando, por todos os lados, ardentes paredes de fogo e por traz delas outras do ferro das armas.

Fizera tudo aquilo lentamente, sem prazer, sem odio tambem, de olhos fixos, dirigindo a batalha, sob um zenido constante de balas ponteagudas, fundidas em chumbo e que se lhe dirigiam.

A cavalaria numida aparecera-lhe fresca, sem um arranhão, os cavalos enxutos, e logo a despedira, com a velocidade duma rajada ao encontro do consul Lentulus. Voltara coberta de gloria; as montadas de ventas pintadas de vermelho do sangue esparrinhado do tapete de corpos que enchiam o campo. Ao longe alteava-se, de azas abertas, a grande aguia de prata da legião, scintilavam as insignias consulares, as varas de justiça os machados punidores, e ele arrebanhava de novo os cavaleiros negros, suados e extranhos com as suas penas de pavão nos elmos e arremeçava-os numa furiosa ordem de vencer. Tinham encontrado os romanos decedidos a dete-los, a guarda pretoriana com a sua anciedade de não voltar a Roma desonrada; oficiais sem cohortes porque estavam por terra, formavam manipulos e combatiam loucamente. O guerreiro franzia o sobrolho ao ver o Eleno, picara o cavalo e como uma visão, de espada nua, galgara por entre o exercito que se enchera de coragem ao vê-lo na sua formidavel carreira.

Atraz ia Eudosio dominando tudo com a sua estatura; fizera uma massa de armas do varal dum carro de guerra e chegava, seguindo Spartacus, ao amago das legiões romanas que recebiam ordem de retirar.

O comandante vira um dos pretorianos, vertendo sangue por cinco feridas, cavando ainda a terra com a sua larga espada como se quizesse rasgar a propria sepultura e ahi descançar para sempre. Percebêra que escondia alguma cousa sob o manto e reconhecera a aguia abatida, a ave da gloria que encimava o guião e que ia ocultar dos vencedores. Tirara-lha e poz no acampamento, diante de Eudosio, que fizera uma bengala da vara do «lictor proximus» do consul e se lhe arrimava coxeando, ordenara que levassem aquele soldado para junto dos «legati», para o comando, e não para a cadeia longa dos prisioneiros que fizera.

Dizia preferir aquele bravo á tomadia do proprio Lentulus ou de Gelius e voltava a cabeça porque os olhos se lhe marejavam.

Todo isto Lavinia e Manlio ouviam admirados de tão singular espirito; ela já conhecia, por Mirta, o temperamento do homem cujo nome se tornava o terror de Roma. Ele, porém, pasmava e dizia ser tudo fruto da imaginação dos soldados.

Curara uma das feridas; a mais grave ia-se tambem fechando e esperava, a toda a hora, o momento do castigo, sem o dizer a Lavinia, tão palida, fraca e doente que para sair do carro carecia do auxilio cerido de Emerencia ou da mulher do grande chefe.

Opalia seguia sempre, sempre o vôo dos corvos que adejavam em bandos para os lados do campo de batalha, vindos de longe, atrahidos pela podridão, e abanava a cabeça, rosnava coisas incompreensiveis, que eram agoiros.

Já iam no caminho de Grotium, por aquela manhã arripiada de frio, sob um solsinho amarelo, enfermiço, e ainda as aves negras continuavam na sua passagem, grasnando, lá do alto, esfaimadas.

Na primeira paragem achegavam-se-lhe homens estarrapados nos quais reconhecia combatentes; alguns traziam armas romanas mas todos lhe contavam a devastação dos bandos de Crixos e se diziam seus parciais, foragidos desde que Ganicus partira para a pilhagem e deixara o outro ás mãos com os adversarios que tinham dispersado as duas centurias.

(Continúa)

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

> Só falta á Republica o apoio dos republicanos. No dia em que não a combaterem como se fossem seus inimigos ela encontrará o seu caminho definitivo.

N.º 3956—12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Sexta-feira 30 de Dezembro de 1921

Telefone n.º 2233 — Endereço Tel. CAPITAL — Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

O sr. Cunha Leal

A situação politica, a dois dias das eleições, o depois dos primeiros actos necessarios para o cumprimento da missão que o paiz espera ver totalmente executada pelo sr. Cunha Leal apresenta aspectos graves e singulares. Afigura-se-nos que não deixará de haver vantagem quando mais não seja para a compreensão exacta dum dos mais delicados periodos da nossa historia, em fixar a posição do chefe do governo em face das entidades e das contigencias que podem dificultar ou favorecer essa missão.

Temos primeiro os partidos. Com os respectivos directorios trava neste instante o sr. Cunha Leal uma das inevitaveis lutas que as circunstancias lhe propõem. Sabe-se o que o sr. Cunha Leal deseja. E' que seja assegurado o triunfo de alguns candidatos seus. Não são muitos: apenas 12, a distribuir pelas duas camaras do parlamento. Estarão os partidos decididos a votar nesses candidatos? Ninguem ignora que o sr. Cunha Leal, reclamando esses doze logares no futuro Congresso, não o faz por simples desejo de levar consigo um grupo de adeptos, o qual, por ser tão reduzido, de pouco lhe poderia valer. A sua força está nele proprio. Está no seu nome, está na sua inteligencia está na sua energia, está nos serviços que já tem prestado á Republica e que continua prestando-lhe. Mas não ha duvida que por este lado podem surgir graves dificuldades ao sr. Cunha Leal.

Depois dos partidos, o sr. Cunha Leal tem na sua frente, pode dizer-se, dois factos. Todos sabem que quando o sr. Cunha Leal tomou conta do poder estavam para se desencadear dois movimentos antagonicos. Um, era o extremista, exigindo o fim das investigações sobre os crimes da noite tragica e o cumprimento integral do chamado programa revolucionario. A esse jugulou-o, e continua a jugula-lo o ilustre presidente do Ministerio. O outro, contando com importantissimos meios de acção, era o movimento constitucional. A esse, permita-se-nos ainda o termo, empolgou-o, de entrada, o sr. Cunha Leal, mas não lhe reduziu a expressão. De facto era um movimento destinado ao triunfo, e que na realidade triunfou com a solução governativa, mas que evidentemente não terá realisado todos os seus fins emquanto, com a normalidade constitucional, não desaparecer o perigo dela novamente ser perturbada. Esto movimento, com a sua maior força no exercito, não terminará, segundo todas as probabilidades desde já.

Se esta é a situação do sr. Cunha Leal ante os partidos constitucionais, e os elementos que podem ir até á acção revolucionaria, embora com fins diversos, não é menos interessante a sua posição ante os sidonistas e os monarquicos. Os primeiros dão-lhe um apoio que se pode qualificar de fervoroso, mas procurando substituir a Constituição do Estado, com o seu programa presidencialista estabelece, poderá o sr. Cunha Leal considera-los como cooperadores irmanados na obra que procura levar a cabo, o que não são dos moldes constitucionais? Por outro lado, os monarquicos, vendo que com o sr. Cunha Leal dispontu uma nova força na Republica, pedem a dissolução dos partidos, e vão mostrando assim que o programa outubrista não lh s desagrada inteiramente.

Entre tantas aspirações e interesses contradictorios e divergentes, só resta ao sr. Cunha Leal um recurso. E' o recurso do seu proprio espirito, das suas proprias energias, que o salvaram em 19 de outubro, e que lhe deram o poder ha doze ou quinze dias. Integre-se na vontade nacional, verifique onde deve estar o equilibrio, que é a razão e que é a força. A sua popularidade é cada vez maior. Utilise-a para bem da Patria e da Republica, sem esquecer a ponderação, mas sabendo sempre, no momento proprio, proceder com firmeza. Nunca, como neste momento, se reconheceu com mais nitidez que a politica é sempre, e acima de tudo,—a acção.

A crise do Banco Italiano

Uma medida para seu auxilio

ROMA, 29.—Foi publicado um decreto que modifica o codigo comercial permitindo ás sociedades de credito que são obrigadas a suspender pagamentos a obterem uma moratoria para adiar esses pagamentos. Em consequencia deste decreto o banco italiano de desconto apresentou logo no tribunal um pedido de moratoria. —(H.)

Que mais provas querem?

As pessoas que compram farinhas medicinais estrangeiras tendo nós no paiz a Farinha Lacto-Bulgara que é recomendada pelos distinctos especialistas srs. drs. Salazar de Souza, Leite Lage, Castro, Freire, Carlos Fradique, Pina Junior, Salazar Carreiro, Jaboré Salwoczy, Fuas Roupinho, Frotte, Emeraldo etc.

POLITICA INTERNACIONAL

A proxima conferencia de Cannes

O futuro congresso economico

No proximo Conselho Supremo, em janeiro e em Cannes, a França e a Inglaterra apresentar-se-hão com um programa combinado e as respectivas soluções já estudadas e afinadas. Quer dizer, procurará evitar-se o espectaculo das soluções improvisadas, dos desacordos postos a descoberto perante os outros convidados, que estavam naturalmente tentados a fazer o seu jogo, dando força a um contra o outro, isto é, alargando a «fissure» entre a França e a Inglaterra até a converter num barranco intransponivel. A ninguem será cortado o direito de discutir, de apresentar ideias que porventura melhorem o plano que está sendo estudado por tecnicos francezes e inglezes; mas é licito esperar que a discussão não apresentará o caracter de agudez de anteriores conselhos.

A segurança da França será talvez o problema basilar, porque antes dele estar resolvido não é de esperar que a França adopte uma atitude conciliadora em relação aos outros pontos. E' humana a exigencia da França, porque esta ainda se lembra dos perigos que correu, e de que se salvou quasi por um milagre, que é prudente não contar se repita.

Essas palavras, que se referem especialmente á defeza da fronteira terrestre, poderão alargar-se até á defeza da fronteira maritima e ás suas extensas comunicações com as colonias; pode assim justificar-se o programa naval da França, que causou tanta sensação em Washington, onde foi considerado excessivo mesmo por alguns dos aliados mais afeiçoados a França, apesar desta ceder no pedido das grandes unidades para insistir na tonelagem dos navios ligeiros (especialmente submarinos). E a noticia do que se ia passando em Washington veio assim a ter repercussão sobre as conversas de Londres, como as terá sobre as decisões de Cannes.

Devemos desde já dizer que algumas soluções de maior envergadura, que aqui apontamos como possivel objecto das conversas de Londres, não foram ali tratadas, como a abolição de dividas entre aliados e a mobilisação da divida alemã das reparações.

Mas como ao mesmo tempo se anuncia a celebração de um Congresso internacional economico, devemos interpretar aquele silencio como significando apenas um adiamento e um deslocamento para outro tribunal.

Por agora, os dois primeiros ministros entenderam-se no tocante a reclamar da Alemanha 500 milhões de marcos-ouro nos proximos vencimentos (15 janeiro e 15 fevereiro) a conferir ao Reichsbank autonomia (mas sob a vigilancia de um inspector neutro ou americano), a marcar um praso para que o governo de Berlim proceda a certas reformas ou coiba certas fraudes, etc.

Nestes pontos, como se vê, prevaleceram as ideias da França, contrarias á concessão duma moratoria e favoraveis a alargar o «contrôle» sobre as finanças da Alemanha. Da resto, era natural que assim fosse, pois tal atitude equivale apenas a manter o estabelecido na nota que os aliados enviaram á Alemanha em 5 de maio (embora sob a forma de um ultimatum), e a que esta declarou submeter-se em 10 de maio. Com efeito, nessa nota apontam-se quais as receitas consignadas á divida alemã das reparações e o direito de os aliados verificarem as condições financeiras da Alemanha. Ora nada, ou quasi nada, se tem feito. Assim, os 25 por cento sobre as exportações alemãs ainda não começaram a ser recebidas, apesar da intimação feita á Alemanha; e, quando esta se resolva a pagar, a quantia ficará muito áquem do que devia ser (talvez um bilião de marcos-ouro, por ano), porque a Alemanha dissimula as suas exportações.

Mas a resolução destes problemas restritos não impede que se pense em os alargar, pensando na reconstituição europeia. E' o plano da tal Conferencia de Washington. Para pôr em ordem a Europa não é possivel deixar de parte nenhuma das grandes potencias. Lloyd George pensou, a principio, entrar em acordos com o governo dos soviets—e só logrou desilusões. Mais tarde pensou em se aproximar da Alemanha, sem se entender com a França. Agora busca o remedio para a doença da Inglaterra—a falta de negocios—numa «entente» geral que resolva os seguintes problemas: valorisação da Russia (reconstrução das linhas ferreas e material, etc.) com a participação da Alemanha; regularisação dos cambios (diminuição da circulação fiduciaria, etc.); fiscalisação do estado financeiro da Alemanha (receitas e despezas, exportações de capitais, Reichbank, etc.). Este ultimo problema vem ligar com o das reparações, caso não seja resolvida pelo Conselho Supremo de Cannes. Mas pergunta-se: e os Estados Unidos? Será possivel fazer a reconstrução da Europa, sem contar com o concurso da America?

O professor Ladislau Batalha não quer ser deputado

Uma carta

Sr. redactor de «A Capital». — Em vista de uma das correntes de opinião publica já ter expontaneamente apresentado o meu nome ao proximo sufragio, escolha aliás imerecida, com que muito me distinguiram, e constando-me que outros aglomerados politicos, inclusive o proprio Partido Socialista Portuguez, pensam em propôr a minha candidatura, peço licença, sr. redactor, por intermedio do seu muito lido jornal, para fazer as seguintes e concisas declarações:

—No actual momento da politica portugueza, considero inteiramente desnecessaria e improficua a minha acção dentro do Parlamento, pelo que solicito que o meu nome seja substituido na lista de protesto dos extremistas, e não seja incluido noutras quaesquer listas partidarias, que tenham de disputar votos.

Esta deliberação não obedece a outros intuitos que não sejam os resultantes da minha profunda convicção de que muito melhor sirvo os interesses do nosso paiz continuando a entregar-me á leccionação, ao estudo dos problemas historicos e á efectivação de conferencias publicas para vulgarisação de conhecimentos do que esterilisando-me no Parlamento em controversias, extensas e esgotantes, que, repassadas de segundo sentido, raras vezes chegam a conclusões, devéras praticas e proveitosas para a Republica.

Pela publicação desta lhe fica muito obrigado, o de V. etc.—*Ladislau Batalha.*

Lastimamos profundamente a resolução inabalavel do professor Ladislau Batalha de não querer aceitar a candidatura que lhe foi oferecida, pois do seu talento muito havia a esperar. No entanto não podemos deixar de concordar com o seu ponto de vista pois a sua actividade intelectual será tambem util e proveitosa para a Nação.

A serra

Estou, ha dois dias, em plena serra onde não chega senão vagamente o rumor da grande cidade. Aponta a manhã, cantam os galos, uma neblina longiqua e cerrada rompe-se, esgarça-se, pouco a pouco nos arvoredos cinzentos, o primeiro fumo dos casaes como num extase, para o ceu, como uma nevoa. Faz frio, muito frio. Quando me levanto, tenho impressão de que vivo sob uma campanula de gêlo. Chegam os jornaes. Lisboa continua positivamente a «vivre sa vie» Entretanto Lisboa parece mais tranquila — o que não pode deixar de prejudicar os «profissionais da desordem politica». Desde que aqui cheguei, só leio Julio Diniz, com uma brazeira aos pés. O inverno na aldeia é insuportavel. E' o «Père-Lachaise». Ia jurar que a minha literatura, que os meus livros, que as minhas ideas estão em plena Siberia de sentimento. Não consegui fazer hoje uma chronica foi quando muito um sorvete. Perdoem, sim?

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

O Papa

recebeu o ministro de Portugal no Vaticano

ROMA, 29. — O Pápa recebeu o ministro de Portugal, dr. Pedro Martins, que lhe foi apresentar os seus votos a proposito do novo ano.—(H.)

A Irlanda

A ratificação do acordo

LONDRES, 30.—A opinião publica irlandesa continua esperançada na ratificação do acordo anglo-irlandez. No entretanto os Bancos e as casas comerciais de Dublin uniram-se ás autoridades policiais para se defenderem dos assaltos dos bandos que estão aterrorizando a população da cidade.—(H.)

Migalhas

Entre os rôlos de fumo

Os jornais publicam os retratos dos desgraçados que foram victimas da explosão da madrugada de ante-hontem. Já se sabia que eram uns creançolas entre os dezasete e os vinte anos; mas o nosso espirito e o nosso coração mais se confrangeu e surpreendeu vendo aquelas fotografias, que nos mostram uns rostos ingenuos de adolescentes.

Não sou daqueles que se indignam porque, num cubiculo isolado de um casarão onde fermentam as ideias mais dolorosamente concebidas, uma duzia de rapazes se juntam a manipular misteriosamente bombas destinadas não se sabe, ao certo, a que fins directos e que, afinal, como se na realidade houvesse uma força superior de logica, rebentam para provar aos que as estavam manipulando e a muitos outros que ha violencias inuteis e esforços cuja realisação não compensa em resultados os perigos que acarreta.

Quando mesmo essas creanças tivessem levado a cabo a sua obra, que a sociedade que nós constituimos considera criminosa, quando essas bombas tivessem rebentado, não para dilacerar aqueles que as fabricavam, mas sob os passos dos que eles consideram os causadores dos males da hora presente, cuidam eles que haveria alguma coisa mudado sobre a crosta da terra e debaixo da luz do sol?

E' preciso ter vinte anos para acreditar que o mundo que já nasceu velho, porque havia um jehovah que mandou trabalhar e um homem que obedecia, se pode emendar. Não somos escravos dos outros; somos escravos de nós mesmos, escravos das tristes contingencias do nosso ser e das duras exigencias da Natureza, que nem com bombas podemos alterar.

Haveria talvez um remedio para isto; que todos os que se sentem mal sobre a terra — e creio que, no fundo, somos nós todos — se juntassem a fabricar explosivos, a cavar um fornilho formidavel que chegasse ás entranhas do globo carregassem essa mina, lhe chegassem lume ao rastilho e fizessem voar no espaço infinito desfeito em milhões de pedaços esta esfera achatada nos polos, segundo dizem, em que a humanidade passeia através da eternidade e da dôr.

No momento seguinte seriamos todos iguais, porque a grande, a unica e verdadeira egualdade nos absorveria a todos. Emquanto houver um sôpro de vida sobre a terra, emquanto houver dois homens sobre a sua superficie, haverá um grande e um pequeno, um dominador e um escravo, um que comerá o melhor bocado e um que roerá o que sobeja.

Aos vinte anos ainda se não teve tempo para ler e digerir os depoimentos de todas as historias, incluindo o da Historia. Sucede que o acaso nos depára certas leituras enganosas, escritas ás vezes por velhos que aos cincoenta ainda tem vinte anos e, que contam historias da carochinha. E, como se é uma creança crédula ou se não tem a inteligencia formada, o que corresponde ao mesmo, acredita-se nessas paginas, tão falsas e tão belas e tão seductoras afinal como as fantasias dos poetas. E fabricam se bombas. Algumas rebentam antes de tempo. Riem-se então e alegram-se aqueles que, porventura, imaginam que elas lhes podiam ser destinadas. Os que acreditam na eficacia de semelhantes meios para melhorar os homens e a vida, lamentam a sorte dos companheiros inhabeis. E todos se enganam: aqueles, porque hão de continuar a aprestar-se revoltas emquanto houver ingenuos e estes, porque todo o esforço de libertação é inutil emquanto o mundo fôr mundo.

ANDRÉ BRUN

Na China

Liang-Shih-Yi, primeiro ministro

LONDRES, 29.—Um telegrama de Pekim noticia a nomeação de Liang-Shih-Yi para primeiro ministro da Republica.

A fome na Russia

Outro apelo ao mundo civilisado

CHRISTIANIA, 29.—O dr. Nansen, geografo eminente e explorador afamado, dirigiu ao povo norueguez e ao mundo civilisado um apelo para que se socorram os esfaimados da Republica Sovietica. No seu despacho, Nansen diz que a situação na Russia é de tal ordem que não ha palavras capazes de darem dela uma palida idea; que ha milhões de individuos que morrem á fome e ao frio, porque os alimentos aproveitaveis e as peças de vestuario são exiguas para prover ás necessidades do exercito; que, se os socorros não demorarem, ainda será possivel salvar centenas de milhares de russos, principalmente mulheres e crianças.

Um outro despacho acrescenta que os governos europeus estão seguros de que todos os socorros chegarão nos esfaimados, estando livres do confisco pelo governo sovietico.

A reforma do Ministerio dos Estrangeiros

O velho funcionario fala-nos da criação das Escolas portuguezas no estrangeiro

— Mas um dos disparates de maior calibre é aquele das escolas portuguezas no estrangeiro.

Pelo artigo 204 da reforma, «a instrução de portuguezes em paizes distantes da metropole é ministrada em escolas de dois tipos:

a) Escolas portuguezas com a primeira secção do curso dos liceus da metropole ou plano de estudos equiparavel;

b) Escolas portuguezas, ou locais, com o curso geral dos liceus da metropole ou plano de estudos equiparavel »

O simples enunciado nesta disposição faz rebentar a rir todos aqueles que conhecem um pouco estes assuntos. Eu não faço ao sr. Simões a injustiça de supor que aquilo foi ali posto inconscientemente, mas, ao contrario, de proposito, para deslembrar os ignorantes e os parvos. Porque se é certo que ele conhece apenas dois a tres nucleos de colonisação portugueza no estrangeiro, deve conhecer os outros pelo menos de ouvido e saber, portanto, que a creação de escolas com tal envergadura só pode ter uma utilidade: servir de pasto á troça dos governos estrangeiros e das proprias colonias.

Porque o meu amigo está vendo: é o curso geral dos nossos liceus, com o latim, o inglez, o desenho, a matematica, a historia, a fisica, a quimica, etc., que Portugal, que cá dentro não obriga os seus filhos a aprender a ler, estende num gesto magnanimo através o orbe, áqueles que por lá andam a cavar a vida e a quem o tempo mal chega para tal.

Eu bem sei que este curso é apenas destinado ao Rio de Janeiro e ao Pará—por ora. Mas, dando de barato que nessas cidades os colonos se resolvessem a abandonar completamente os seus afazeres, o que seria indispensavel para o poderem seguir a rigor, eu pergunto que necessidade teria o Estado de gastar um rôr de dinheiro com professores para ministrar aos seus emigrantes disciplinas que eles podem aprender nas escolas já existentes e mantidas pelo governo brazileiro—disciplinas para cursar as quais o mesmo Estado exige propinas elevadissimas aos habitantes da metropole.

Passemos agora ás escolas do primeiro tipo. As considerações que sugeriram as outras são inteiramente aplicaveis a estas—e mais algumas. Tais escolas são destinadas a quatro nucleos de colonisação, seis dos quais na America do Norte. Ora o legislador devia saber que naquele paiz todo o individuo é obrigado, sob pena de severo procedimento, a mandar os filhos á escola aprender pelo menos a lingua ingleza. Já nisso os rapazes gastam um minimo de duas horas por dia. Mas como os pais não precisam deles para os auxiliarem na labuta quotidiana e querem ser agradaveis ao sr. Simões, não terão certamente duvida em empregar o tempo que lhes sobra fazendo-os cursar os latins, desenhos e matematicas das escolas portuguezas, a fim de se justificar a existencia de uns tantos professores que ganhem uns tantos milhares de escudos em ouro por ano.

A asneira, porem, não termina aqui. Estas escolas foram inventadas e creadas sem se ouvirem previamente sobre o assunto os consules que estão ou teem estado na America —unicas entidades, creio eu, que teem autoridade para sobre ele dizerem alguma coisa. Se essa elementar precaução houvesse sido tomada, os famosos tecnicos certamente teriam aprendido algumas coisas interessantes e não cairiam a não ser que fossem teimosos de todo, na crassa tolice que praticaram.

Teriam sabido que as escolas que convêm aos colonos portuguezes nos Estados Unidos—como, de resto, em todos os outros pontos do globo, são as escolas primarias onde se ministrem ao mesmo tempo lições de coisas, principalmente noções gerais de historia patria e, de educação civica.

Teriam sabido que se nos estados do leste essas escolas necessitam ser fixas, nos do Pacifico devem ser moveis—visto que naqueles a população portugueza se concentra sobretudo nas cidades e nestas se encontra espalhada pelo campo.

Teriam sabido que San Francisco «da California» não o nome que se empregue em documentos oficiais, visto ser uma expressão de emigrante boçal

A cidade em questão chama-se oficialmente San Francisco—e mais nada. Simplesmente, os americanos quando escrevem o nome dela, como o de qualquer outra das suas cidades, fazem-no seguir, separado por uma virgula, do nome do estado a que ela pertence, e este em abreviatura.

Teriam sabido que crear uma escola em San Francisco, seria, como foi, dar uma estrondosa prova da mais completa ignorancia, absolutamente intoleravel em estadistas, mesmo que eles sejam de pechisbeque —visto que em San Francisco há tão poucos portuguezes, que, todos juntos, caberiam á vontade numa das mais pequenas salas do palacio das Necessidades!

A sciencia destes cavalheiros é toda ela assim feita de ouvido. Ouviram dizer que na California havia muitos portuguezes; que havia lá uma cidade chamada San Francisco. Isso bastou para deduzirem que em San Francisco existe um grande nucleo de colonisação portugueza, e que este nucleo está muito necessitado de uma escola onde se ensine... matematica. Ora a verdade é, como já lhe disse, que a colonia portugueza da California está espalhada, em nucleos grandes e pequenos, por todo o estado.

Teriam sabido que já se fizeram na California umas seis tentativas para se crearem escolas portuguezas, que pelo menos duas dessas tentativas foram coroadas de exito, mas que as escolas tiveram de fechar, passados poucos mezes, por falta de... alunos! tratava-se de escolas elementares e instaladas na localidade onde ha mais portuguezes reunidos.

Não se procurou saber nada disto porque o jito era apenas este: deitar poeira nos olhos do publico e arranjar mais uns tantos lugares para um novo bôdo. Calcule o meu amigo que cada escola do primeiro tipo teria quatro professores «efectivos», e cada uma do segundo aqueles que as «necessidades do serviço exigissem. Junte agora a isto as despezas com a instalação dessas escolas, em paizes onde só em renda de casa se gastam somas fabulosas, as despezas com o material escolar, carteiras, utensilios, livros, etc. — despezas feitas todas «em ouro» — e diga-me depois se acha que isto, alem da grande imoralidade que reveste, não demonstra tambem uma profunda, incomensuravel estupidez!

Agora, para fechar este picaresco capitulo da reforma, ouça mais esta: acabam de me dizer que um dos professores nomeados para uma das escolas da America é... um mulato! Um individuo de côr a representar a pedagogia portugueza... nos Estados Unidos!

E não se mete na cadeia um farçante que faz coisas destas!

POLITICA

São prematuros, por emquanto, os boatos de crise ministerial

Conforme foi por nós provisto, o momento decisivo aproxima-se.

No conselho de ministros de hoje, que começou ás 10 horas para terminar ás 14, o sr. Presidente do ministerio deu conta das «demarches» efectuadas ontem junto dos directorios e que, se não foram absolutamente negativas tambem não marcaram um resultado final positivo. Os pardidaristas mostram-se, por emquanto, adversos a darem ao governo o apoio eleitoral que ele reclama, apesar de se encontrar reduzido apenas a doze cadeiras nas duas casas do Parlamento. E' evidente que, a dar-se um rompimento formal nas negociações, será declarada a crise ministerial, que muito provavelmente, abrangerá todo o governo.

A situação, porém, ainda não assumiu um tal caracter de gravidade, visto que as negociações entre o governo e os directorios não foram encerradas, antes continuam activamente.

Julgamos, por tudo isto, que são prematuras quaisquer noticias dando como existente de facto a crise governamental, sendo todavia certo que ela não deixa de estar latente e de poder vir á supuração dum instante para o outro.

MUSICA

O concerto Bianchi de domingo

As tardes dos domingos no São Luiz constituem sempre o grande acontecimento artistico e mundano do inverno; os belos concertos da «Orquestra Sinfonica Portugueza» dirigida pelo maestro Pedro Blanch reunem tudo o que de mais distincto e elegante tem Lisboa, no proximo domingo não fica um logar vago lá só pelos creditos firmados ha onze anos da protecção da Orchestra Blanch a mais notavel orchestra portugueza como pelo magnifico e artistico programa em que figura a celebre canção «Cinco romances sem palavras», dos mais encantadores de Mendelssohn, «Le Départ, La Gondole» Schubert, Marche funebre, La Chasse», arranjados em suite de concerto por Hillemacher e ainda, a pedidos pela ultima vez a extraordinaria «Scheherazade», de Rimsky-Korsakoff, o «Menuetto» de Bolzoni, o «Coriolan» de Beethoven e o famoso «Apprenti sorcier», de Dukas.

Ordem publica

As forças que se concentram nos arredores de Lisboa

As forças do exercito que se teem concentrado em volta de Lisboa estão divididas por sectores e estendem-se numa area que abrange o campo entrincheirado a partir de Caxias, Linda-a-Pastora, Amadora e limites de Bemfica. Se vierem todas as tropas que foram convocadas as formações estender-se-hão até ao Carregado.

Esta manhã vieram de Cascais para Caxias trez peças de artilharia de posição.

Em Mafra procede-se á concentração de tropas sob o comando do sr. coronel Roberto Batista.

As forças do campo entrincheirado são comandadas pelo sr. general Alberto da Silveira e as restantes pelo comandante da 1.ª divisão o general sr. Pedroso de Lima.

Essas forças dispõem entre peças de campanha e artilharia movel cerca de 60 bocas de fogo.

Duqueza do Porto

E' esperada amanhã em Lisboa, a sr.ª duqueza do Porto, que como se tem noticiado vem assistir á trasladação dos restos mortais de D. Afonso de Bragança.

A explosão na séde das Juventudes sindicalistas

A explosão que na madrugada de hontem se deu na séde das juventudes sindicalistas veiu mostrar bem claramente os meios de que se servem os agitadores para levarem a fim a inspiração dos seus ideais.

Foram creanças novas, imberbes ainda, pouco mais de dezasseis anos os sacrificados na madrugada de hontem. Em vez de aperfeiçoarem a sua cultura tecnica, em vez de se dedicarem áqueles sports que trazem o desenvolvimento fisico, esses rapazes metidos entre quatro paredes, obcecados por uma ideia, perdiam a noite—no que veio a dar as oito horas de trabalho — fabricando bombas, preparando as morte dos seus semelhantes num futuro mais ou menos proximo.

E' sempre assim. Já os jesuitas, no seu tempo de actividade apoderavam-se das crianças para lhes inculcar o virus dos seus pensamentos, deformando-lhes o caracter, obscurecendo-lhes a inteligencia, formando-as a sua moda e gosto. Era preparar a mocidade futura; era cimentar em bases solidas a continuação, a imortalidade daquilo que eles supunham ser a verdade. Conhecedores profundos da psicologia eles viam nos imberbes uma força inexpugnavel, tambem, para a propaganda e realisação dos seus fins.

Modernamente o agitador, desejando a todo o transe sublevar, e o que é mais, subverter a sociedade actual, serve-se dos mesmos meios empregados pelos jesuitas. Arrebanha para o seu seio, convertendo ao seu credo, os novos, os imberbes, aqueles que ainda não teem uma inteligencia desenvolvida e formada de modo a poderem pensar pela sua cabeça. Guiam-nos e sobre eles despejam toda a responsabilidade; encarregam-nos de praticar aqueles actos condenaveis para que se sentem sem coragem; e os rapazes operarios, taciturnos, vivendo sob a pressão torturosa dos mandantes, vão, como sonambulos ou como obcecados, construindo os destroços em que as proprias ideias que defendem hão de morrer.

Tem sido sempre assim; lembre-se disso a mocidade operaria. Ha muitas maneiras honestas, dignas, leais de conseguir o triunfo de uma reclamação, de uma aspiração, dum ideal. O que não é logico, o que não é correto, o que não é humano—é em nome da humanidade que eles trabalham—e que se sacrifiquem os novos, abusando da sua ingenuidade, da sua bôa fé e da sua mocidade.

Legação de França

O ministro de França e Madame G. E. Bonin terão a honra de receber na legação de França os membros da colonia franceza e suas familias no domingo 1. de Janeiro de 1922 ás 11 horas da manhã.

Os soviets

Alastra o movimento anti-bolchevista

PARIS, 29.—Alastra o movimento anti-bolchevista na Siberia Oriental. Diz-se que as tropas brancas tomaram Khabarovsk e repeliram os exercitos vermelhos da provincia maritima.

Os territorios libertos do dominio bolchevista proclamaram a sua adesão ao governo provisorio de Vladivostock.—(R.)

No Governo Civil

Com o sr. governador civil conferenciaram hoje o comandante da G. N. R. sr. coronel Vieira da Rocha, capitão da mesma guarda sr. Florentino Martins e o major Tavares de Carvalho.

O governo civil estove hoje muito movimentado.

A PROPOSITO

... DE UMA FACADINHA DE PRETO

O «Diario de Noticias» informa hoje o publico sobre o que René Maran escreveu acerca dos portuguezes no seu livro «Batouala» premiado pela Academia dos Goncourt

René Maran limita-se a dizer que os portuguezes foram feitos dos excrementos dos pretos.

Está bem! como portuguez que sou até á medula, até á raiz dos cabelos, com os seus defeitos enormes e as suas estupendas qualidades, declaro que me não sinto ofendido.

A «blague» do sr. Maran não me atinge porque... sou branco.

Pela mesma razão porque me não sinto ofendido quando as ... oscars no verão sujam o meu chapeu de palha.

Quanto á consagração que ao livro deu a Academia dos Goncourt, isso é lá com ela, com os seus membros e com a consciencia dos outros premiados passados e futuros.

De resto o sr. Maran que pode ter mostrado grandes qualidades como literato provou não passar dum ignorante vulgar sobre a historia do seu continente. Ele é um menino de instrução primaria andam a par em materia de conhecimentos.

Ignora em absoluto que fomos nós os primeiros que lhe disseramos que nem tudo no mundo é preto; que o mundo encerra outras maravilhas alem do continente africano; que ha muita gente no mundo que não fala «bundo».

O sr. Maran ignora em absoluto que fomos nós o primeiro povo que lhes tirou do pescoço a canga da escravatura.

O sr. Maran ignora que sem a nossa acção no seculo XVI os seus avós ainda teriam usado por mais algum tempo ... no nariz e contos nas orelhas.

... Maran ignora tudo quanto se ... continente onde viveram os ... batuques e esgares os srs. seus ...

Finalmente..., o sr. Maran é digno de lastima. Não passa dum ignorante com pretensões.

Mas agora queremos saber o que é que no meio de tudo isto me magôa?

E' que se não fosse a nossa estupida conduta o sr. Maran não teria o arrojo de escrever o que escreveu.

Se não fosse nós andarmos a dansar o fox-trot como quem dansa o batuque, se não fosse adorarmos o jazz imitação requintada das orquestras dos sertões, se não fosse o consentirmos que as mulheres se disfarcem em pretas á força de tanga, de colar e de contas, se não fosse fazermos mulatos com a mesma facilidade com que se faz um café com leite já o sr. Maran não teria o arrojo de escrever romances emitindo a sua opinião sobre brancos.

O sr. Maran não faz mais do que tentar passar de burro para cavalo... é natural!

Nós é que lamentavelmente nos esquecemos do respeito que deviamos á nossa raça.

BOTTO DE CARVALHO

✣ ✣ ✣

Ha ruas privilegiadas. Ora saibam os leitores que na rua Luciano Cordeiro em dois meses e meio já tres dos seus habitantes foram nomeados ministros. Seria muito mais rasoavel, que se, nos parecer, arranjar uma escola... Ao menos assim a gente já subia a nossa altura.

✣ ✣ ✣

Foi mandado suspender a execução dum decreto do ex-ministro da Instrução sr. Costa Cabral, referente ás Escolas Primarias Superiores.

Porque será que as coisas novas que aparecem neste paiz andam sempre nos primeiros anos aos baldões da sorte? Haja em vista os Transportes Maritimos do Estado, vulgo Trapalhada Maritima do Estado ou tantos mais escandalos...

✣ ✣ ✣

Uma comissão de socios da «Sociedade Recreativa Dois Amigos» promove em diversos dias do proximo mez de Janeiro diversas festas na sua séde Calçada de S. Vicente, 91, 1.º

Agradecemos o convite recebido.

✣ ✣ ✣

A opera vai abrir hoje. Musica, vozes sonoras e cantantes, decotes, casacas, os doirados luzindo.

Os trens e automoveis desfilarão em linha ininterrupta.

Nos corredores as vezes subirão. Binoculos, mulheres...

A Opera vai abrir hoje...

✣ ✣ ✣

Segundo as ultimas informação do «Reichsbank», durante a semana que findou em 23 do corrente, foram postos em circulação na Alemanha quatro biliões e oitocentos milhões de marcos do novo papel moeda.

A circulação fiduciaria na alemanha fica assim sendo quasi de 117 biliões de marcos em papel.—(R.)

✣ ✣ ✣

Eis o autentico e curioso anuncio que se lê nos vidros dum quiosque destinado á venda de jornais:

Steno-dactylo
Ensino completo e individual:
Francez, inglez, «bandolino»,
Trabalhos de cópia

Naturalmente o bandolim está, sem duvida, neste «Ensino individual e completo», destinado a distrair os steno-dactilografos nas suas longas horas de descanso. Salvo se ele se destina ao repouso do espirito e do ouvido, dos discipulos, fatigados pelo ruido mecanico e monotono das varias «Olivers», «Mercedes», «Monarcas», etc...

No cume mais alto do mundo

A proxima conquista do monte «Everest» por uma comissão scientifica da Inglaterra

Uma expedição scientifica formada por subditos da Inglaterra, trata actualmente de conquistar o Everest, que é a montanha mais elevada do mundo.

A noticia que damos abaixo é a tradução de um relatorio da mesma comissão publicado em Londres, no dia 23 de outubro ultimo tendo a data de 2 do mesmo mez de «Kharta».

Eis o relatorio:

«No dia 22 de setembro partimos ás 4 horas da manhã do nosso acampamento de Raduren, situado a 7.000 metros de altitude ascendendo por Shakpala (Windey Pass).

Levavamos comnosco 26 peões indios, divididos em quatro partes, com os quais descemos até ao planalto entre Everest, com os seus cumes cobertos de neve, representando um quadro soberbo iluminado pela lua.

A neve do planalto era excelente, sustendo-se compacta o que permitiu efectuarmos um apreciavel progresso.

Ascendemos pois, gradualmente, vencendo a superficie conica da neve de onde podiamos divisar as imensas colinas nevadas que surgiam magestosas, como que dirigindo-se directa mente na nossa direcção. Depois de passar atravez de bancos de gelo que ofereciam alguma dificuldade aos nossos passos seguimos por um extenso e, ás vezes ingreme caminho que existe cercando o cume onde a neve se apresentou branda.

Os humanos

Nestas alturas, havia curiosos passos marcados sobre a neve, podendo-se distinguir aqui e ali, passos de cachorro e de lebre e outro, um particular, que evidenciava a marca de um pé humano, cousa que nos causou assombro.

Os peões nos asseguraram que era aquela marca, o rastro de um homem selvagem, que encontravam de quando em quando, nos montanhas mais silvestres e inacessiveis.

Molhados até os ossos

No fim deste planalto podemos obter uma maravilhosa vista do «Everest» agora a uma milha de distancia.

Ao nosso lado havia um abismo escarpado de 300 metros de profundidade que dava num planalto que se dirige, depois de interminaveis e pronunciados serpenteados ao grande planalto principal chamado Rongbuk.

Do lado oposto havia um cume de 8.000 pés que se unia ao Everest, cuja parte norte mais pronunciada se levanta a 9.200 metros até ao infinito.

Nosso unico objectivo era ascender a esse importante cume que oferecia uma escalada dificil.

Mais tarde, encontramos certo logar, um pouco abrigado, com a neve de 4 metros de espessura, e ali assentamos as nossas barracas. O vento bramia materialmente, sobre as nossas cabeças, mas o nosso melhor amigo o sol brilhava em todo seu explendor, conservando quentes, os nossos, ás vezes entumecidos membros. O vento sem embargo, era demasiado tempestuoso para permitir que preparassemos nossa comida até a hora do pôr do sol, momento em que, lograsmos sobre duras provações aquentar um pouco a sopa e o chá para retirarmo-nos depois, ás nossas barracas, amontoados como outras tantas sardinhas em lata, unica forma de conseguir aquecimento. Durante a noite o termometro desceu á sua minima—1 grao Farenheit abaixo de zero. Tudo em torno estava gelado.

Por azar, o sol apareceu uma hora mais tarde do que do costume na manhã seguinte, e com esforço sobrehumano conseguimos erguer-nos, levantar-nos, sahirmos de nossas barracas, esquentar o chá e tomar um pequeno repasto de peixe em conserva.

Os nossos companheiros de expedição, Molloy, Bullock e Weeler com a metade dos peões, partiram do acampamento, descendo ao planalto e acampando a uns 3.500 metros nas fraldas do cume norte para tratar de descobrir se aquelo caminho era indicado para o Everest.

Entretanto, Wellaston, Mershead e eu (e o coronel Howard Bary) nos demos por satisfeitos ao voltar ás nossas barracas situadas a 7.000 metros de altitude com a ilusão, em nossa mente de que volviamos para logar comodo.

No dia seguinte os trepadores alpinos desceram 2 1|2 horas desde o seu acampamento pelo cume norte, levando consigo 3 peões indios carregados encontrando de espaço a espaço, terrenos despenhadiços, de dificil escalada mas, entretanto praticaveis.

Os torvelinhos asfixiantes

Ao ganhar o cume, a 8000 metros da sua ferocidade, e por não haver possibilidade humana nem utilidade alguma em ascender em circunstancias tão adversas volveram ao acampamento ante-altura, os alpinos encontram-se presos duma tempestade de neve e gelo, produzida por intensos remoinhos de vento, que formavam verdadeiro temporal. Sobre eles o magestoso Everest parecia bocarradas de fumo, mas que não era senão neve que se debatia furiosa no espaço.

Dentro de semelhante ventoral, e a essa altura excessiva é materialmente impossivel ao ser humano sobreviver durante algumas horas. Onde os declives do Everest ofereciam salvamento para lá os trepadores se viam obrigados a dirigir, retrocedendo com grande pezar, na intenção de acometer tão ardua empresa no dia seguinte.

Mas no dia seguinte o furacão de noroeste continuou esvurmando com toda a furia.

Ao outro dia continuava a tempestade sem amainar em nada tendo os alpinos passado para o acampamento central tão desenganados da possibilidade de explorar esse roteiro para o cume que tanto Wolaston, Wheeler e eu, acompanhados de 15 peões cruzámos atravez um fosso de neve a a 16000 pés de altitude no lado oposto precisamente do vale Kama. A descida era pronunciadissima e penhascoso.

Vimo-nas obrigados a fazer baixar os peões carregados, um por um, mediante grossas cordas, operação que nos tomou consideravel tempo mas ao fim logramo-nos pôr todos a salvo da temperatura desencadeada.

Depois só nos restava um planalto para, caminhando lentamente, ganhar Pethang Ruigno a 5.500 metros de altitude. No dia seguinte, 27 de Setembro que foi um destes dias positivamente outonaes, sem mancha alguma no espaço, de uma atmosfera completamente limpa, Wollaston fez ali interessantes estudos botanicos tirando fotografias do incomparavel panorama; Wheeler dedicou-se tambem com todo o empenho ao reconhecimento da região, tirando fotografias, emquanto eu aproveitei a oportunidade de partir com 2 peões, logrando chegar entre Makalu e Everest a uns 7.200 metros de altitude.

E' um sitio onde, olhando abaixo se contempla os picos de gelo e neve, ao sul do grande vale que se extende prodigiosamente além de Makalu. Desde este ponto de mira o monte Everest não parece tão primoroso, mas os aneis que formam em sua parte inferior, são imponentes, dando bem a idéa da sumptuosidade de ser ele conquistado por este lado.

Depois de um dia encantador, quasi perfeito, o tempo mudou radicalmente, tornando-se de novo desagradabilissimo.

Durante os 3 dias que se seguiram descemos o valle Pam chegando á Kharta no dia 30 ao anoitecer.

A 5.ª-feira holandeza de amostras

Realisou-se de 6 a 16 de setembro deste ano em Utrecht, a 5.ª feira holandeza de amostras, que pela primeira vez teve caracter internacional, admitindo-se industriaes de todos os paizes.

O numero dos expositores foi muito superior ás dos outros quatro feiras levando-se nesta a 1508 quando no primeiro tinha sido de 690, e estavam representados Holanda, Inglaterra, Belgica, França, Alemanha, Suissa, America, Portugal, Tcheco-Slovaquia, Italia, Austria, Suecia, Finlandia, Africa Ocidental, Dinamarca, Grecia, Croacia, Hespanha e Hungria.

Além do Palacio da Feira, que tem cinco andares a 120 metros de comprido por 80 de largo, a exposição fazia-se na área de Vredenburg e de Kengsbaterrol, onde havia instalações apropriadas, cobertas, e ao ar livre.

Repartidas por secções em que as industrias iguais ou similhantes se agrupavam, visinhas umas das outras estavam representadas: Electricidade, machinas, industrias metalurgicas e de ourivesaria, accessorios para industrias, borracha, combustiveis, tintas e vernizes, instrumentos de musica, alimentos, materiais de construção, tipografia, papel, objectos de escritorio, tecidos, confecções, productos quimicos e farmaceuticos, couros, madeiras, cortiça, vime, palha, faianças, porcelana, vidro, artigos caseiros, de toucador e de desporto, agricultura, horticultura e creação.

Oficialmente ou semi-oficialmente fizeram-se representar a Inglaterra, França, Belgica, Alemanha, Suissa, Portugal, Romania, Austria, Colonia e Finlandia. As colonias holandezas tinham uma secção especial no primeiro andar do Palacio da Feira, onde se expunham diversos produtos e curiosidades do arquipelago indo-neerlandez. Em uma sala reservada era servido gratuitamente chá de Java aos visitantes, a titulo de propaganda.

A inauguração foi presidida pelo governador da provincia de Utrecht, assistindo S. A. o principe Henrique, e havendo em seguida um almoço em que o embaixador de Portugal, como decano do corpo diplomatico, que em grande numero assistira tambem, respondeu, aos brindes, ao «maire» de Utrecht.

Em 7 de setembro foi visitada a feira por S. M. a rainha com S. A. o principe Henrique.

Póde dizer-se que a feira foi um sucesso, havendo uma concorrencia de cerca de 10.000 visitantes diariamente, realisando-se importantes transacções, especialmente para exportação.

A feira proxima realisar se-ha de 21 de fevereiro a 3 de março do proximo ano.

PELO TELEGRAFO

A conferencia do desarmamento

Liberdade de contrução de submarinos

LONDRES, 29.—Devido á França insistir no seu pedido de 90.000 toneladas como limite que lhe devia ser atribuido para os barcos submarinos, ou seja trez vezes mais do que era proposto pelo plano americano, foi impossivel chegar-se a uma conclusão em Washington, constando ter sido posto de lado a ideia de se proseguir na discussão.

Por este motivo as potencias terão a liberdade de construir os submarinos que quizerem.

Diz-se que por esta razão a Inglaterra manterá o direito de fazer construir não só barcos submarinos mas todos os navios auxiliares, de que necessite para defender o seu comercio.—(R.)

A conferencia terminará em meados de janeiro

WASHINGTON, 30.—Tudo leva a crer que a Conferencia de Washington, sobre a limitação de armamento, terminará em meiados de janeiro. Os delegados ingleses reservaram já logares a bordo de vapores que saiem daqui no dia 14 de janeiro, os italianos fizeram o mesmo para o dia 18 e os japonezes para 24.

Os embaixadores dos diversos paizes e trez comissões demorar-se hão ainda para estudar vários problemas ligados com a China e resolver certos pormonores.—(Lat. Am.)

A proxima conferencia de Cannes

Os preparativos

LONDRES, 29.—Espera-se que a conferencia de Cannes terminará com o desassocego economico e social que está afectando a Inglaterra.

Sir Worthington Evans, ministro da Guerra, presidiu ontem ao banquete que lhe foi oferecido, e parte hoje para Paris, fazendo parte da delegação inglesa Sir Backett, Inspector de Finanças do Tesouro.

Na sexta-feira e no sabado efectuar-se-ha a conferencia dos representantes da França e da Inglaterra sobre os assuntos a tratar na conferencia de Cannes.—(R.)

Onde será a residencia de Lloyd George

PARIS, 30.—Por noticias chegadas de Cannes sabe-se que um delegado de Lloyd George acaba de escolher uma «vila» onde o primeiro ministro inglez fará uma pequena cura de repouso antes do inicio da nova conferencia que realisará ali.

As reuniões do Supremo Conselho continuarão até o regresso a Paris de sr. Briand, para tomar parte na Conferencia dos embaixadores aliados entre a questão do Oriente. A data desta conferencia não está fixada por estar dependente da duração das reuniões em Cannes que, segundo se calcula, não irão alem de 12 de janeiro. (Lat-Am.)

As reparações

A comissão ouve o dr. Fischer

BERLIM, 29—A imprensa refere-se á partida inesperada para Paris do sr. Rathenau, que vae provavelmente auxiliar o dr. Fischer que deve ser hoje ouvido pela Comissão de Reparações. O sr. Rathenau tomou parte nestes ultimos dias em todas reuniões do gabinete, e manifesta um grande optimismo sobre o resultado das entrevistas que teve em Londres com os estadistas ingleses.—(R.)

A França prepara-se para invadir o Ruhr?

BERLIM, 30.—Por noticias enviadas de Moguncia e de outras cidades situadas na zona de ocupação consta que a França se está preparando para avançar pelo districto do Ruhr se o pagamento devido em 15 de Janeiro não fôr efectuado. Estão sendo concentradas tropas ao longo da fronteira da zona não ocupada e estão chegando de França reforços em grande numero.

Nos centros industriais a oste de Dusseldorf, que é o posto de ocupação mais avançado da França no Rheno, consta que os comerciantes franceses estão adquirindo grandes quantidades de generos alimenticios, mobilia e outros artigos, que deixam ficar armazenados, julgando assim os habitantes que eles formam a vanguarda da nova ocupação.—(R).

O que a Alemanha pode pagar

BERLIM, 30.—Consta, por informações de origem autorisada, que a Alemanha informará em Paris na conferencia das reparações, que o maximo que ela poderá pagar em 15 de Fevereiro será duzentos a trezentos milhões de marcos ouro, sem tocar na reserva de ouro do «Reichsbanck».

Se a Alemanha se vir forçada a fazer uso da sua reserva de ouro, ela só conseguirá, mesmo assim, pagar um bilião e seiscentos milhões de marcos ouro durante 1922, em vez dos dois biliões que lhe são exigidos.

No caso da Alemanha ser desapossada de toda a sua reserva de ouro, é quasi certo que ela não conseguirá efectuar os pagamentos das reparações que se vencerem depois de 1922.—(R).

O Sarre

BERLIM, 30.—Os partidos politicos do distrito do Sarre enviaram uma nota a Liga das Nações dizendo que este distrito se não fôr aliviado dos pesados encargos que sobre ele pesam estará arruinado em pouco tempo e solicitam por isso á Liga da Sociedade das Nações sob cuja administração o distrito se encontra que modifique a legislação vigente e estabeleça medidas que facilitem o progresso da região.—(R)

ULTIMA HORA

Sempre seguiu o "Vasco da Gama"

Embora alguns jornais da manhã noticiem não ter ainda partido para as nossas ilhas o cruzador «Vasco da Gama» podemos afirmar que esse navio saiu ainda hontem do nosso porto pelas 19 e 45 minutos.

Assim nolo declararam na secretaria do sr. ministro da Marinha, junto de quem nos informamos, que nos mostrou um radio recebido em que diz ter partido o «Vasco da Gama» á hora a que acima dizemos.

Nota oficiosa

Todos os individuos que desejem propôr-se a senador ou deputado pelas colónias devem apresentar dentro do prazo legal, na Secretaria Geral do Ministerio das Colonias as suas propostas de candidatura.

Os individuos que já haviam apresentado as suas propostas para as eleições de 11 do corrente devem tambem apresentar, dentro do praso legal e na mesma Secretaria Geral, novas propostas.

Um discurso de Briand

PARIS, 30.—Durante a discussão no senado do orçamento do Ministerio dos Negocios Estrangeiros, o sr. Briand respondendo a varias perguntas que lhe foram feitas sobre a politica externa, declarou que o governo já se explicou sobre os problemas das reparações, os quais, disse, dominam a situação da França, sendo impossivel qualquer transação a este respeito. O sr. Briand declarou que os aliados estão de acordo sobre este ponto e a proposito recordou as palavras do sr. Lloyd George na ultima conferencia de Londres: «a França deve ser reparada; se alguns sacrificios deve haver, é aos outros paises que compete fazê-los. Falando em seguida da conferencia de Washington, o sr. Briand declarou que mostrou na conferencia a necessidade delos para a França, qual não alimenta qualquer pensamento de agressão, mas apenas salvaguardar a sua segurança sob o ponto de vista militar.

O sr. Briand recordou tambem as concessões que a França fez no tocante aos navios de grande tonelagem e mostrou a impossibilidade de fazer sacrificios pelo que respeita aos cruzadores e submarinos, necessarios para a defeza das costas e das suas colonias. A este respeito a França não transigirá.—(H).

Os direitos ouro

O sr. dr. Velez de Lima, representante dos fabricantes de conservas de carne e peixe de Angola, especialmente da companhia do sul de Angola, procurou hoje o sr. ministro das Finanças, para reclamar contra o pagamento em ouro dos direitos aduaneiros que incidem na metropole sobre a importação daquelos productos, o que afecta gravemente uma industria que é nacional.

Na ausencia do sr. Victorino Guimarães, o sr. dr Velez de Lima foi atendido pelo chefe do gabinete, sr. capitão Costa Dias.

MOMENTO POLITICO

Demissão do governo? Constituição dum ministerio de republicanos independentes? ...

Depois do conselho de ministros desta manhã e a que nos referimos noutra parte deste jornal, o sr. Presidente do Ministerio foi almoçar ao Avenida-Palace, onde se demorou até cerca das 16 horas.

Terminado o conselho, começaram logo a correr boatos de demissão do gabinete, boatos que, pelas 17 horas, se intensificaram, a tal ponto que nos circulos politicos se dava como certa a demissão do ministerio, noticia que, aliás, era desmentida no gabinete da Presidencia do Governo.

O que parece certo é que o sr. presidente do Ministerio, acompanhado de todos os colegas do governo, reuniriam na residencia do Chefe do Estado, realisando-se então uma conferencia para exposição e aclaração da situação politica.

E' intuitivo que dessa conferencia—que estava aprazada para as 17 horas—pode surgir a queda do governo Cunha Leal.

E' geralmente acreditado que, a verificar-se esta ultima hipotese, o sr. presidente da Republica aceite o pedido de demissão, encarregando novamente o sr. Cunha Leal de organisar o novo gabinete.

E como o sr. Cunha Leal não pode contar com elementos partidaristas para o ajudarem a resolver a crise, dava-se como viavel um governo inteiramente constituido por republicanos independentes, — governo, aliás, da duração efemera, porque limitaria a sua acção a fazer as eleições do dia 8 de janeiro e a manter a ordem publica que, de resto, parece assegurada duma forma mais ou menos estavel.

Outra versão contrariava a formação do gabinete extra-partidario, se bem que não fosse capaz de nos orientar quanto á viabilidade da organisação d'outro qualquer ministerio.

A versão oficial ácerca do momento politico

Do ministerio do Interior recebemos a seguinte «nota oficiosa»:

O conselho de ministros esteve reunido no ministerio do Interior desde as 10 ás 13 horas, apreciando a nota dos directorios dos partidos, que, pelas 17 horas, será comunicada ao Chefe do Estado pelo sr. presidente do Ministerio, que exporá a situação politica.

O tempo aperta...

Na segunda feira termina o praso para apresentação das candidaturas parlamentares. Isto significa, naturalmente, que a situação governamental tem que ficar esclarecida dentro de 48 horas, no maximo.

Ultima informação

O conselho de ministros volta a reunir esta noite, depois da conferencia que o sr. Cunha Leal terá com o Chefe de Estado.

Esta reunião ministerial é destinada a esclarecer-se completamente a situação, que amanhã já não poderá oferecer duvidas.

A conferencia do sr. Cunha Leal com o sr. presidente da Republica tem evidentemente por fim conhecer a opinião do chefe de Estado acerca da orientação a imprimir á politica nacional.

A explosão nas Juventudes Sindicalistas

Continuaram hoje as investigações sobre a recente explosão de bombas no edificio da C. G. T.

Parece que a policia está na posse duma pista, a que se liga a maior importancia, devendo realizar-se a prisão de dois conhecidos agitadores que se dizem altamente comprometidos no fabrico das bombas.

E' provavel que ainda hoje seja posto em liberdade o quadro tipografico do jornal a «Batalha», por se provar nada terem os seus componentes com o que se passava na sala onde se reuniam os sindicalistas.

E' natural que ás instalações de «A Batalha» ainda hoje sejam arrancados os selos.

Sabemos que nesse sentido se empregam os melhores esforços.

O estado dos feridos que se encontram no hospital de S. José é o mesmo, á excepção do sindicalista Matias Ferreira, que continua peorando, não havendo esperanças de salvamento.

Na proxima segunda feira deve reunir o conselho medico-legal, afim de efectuar a autopsia dos tres cadaveres que se encontram na Morgue.

Os funerais dessas vitimas serão feitos a expensas da C. G. T., que nesse sentido vem convidando todos os sindicatos operarios para nelles se encorporarem.

A Provincia na "Capital"

AVIZ, 29.—A Camara Municipal deste concelho poz ha dias a concurso o partido medico do Ervedal, com o ordenado anual de dois mil escudos o pulso sujeito á tabela camararia.

Na sua casa do Ervedal tem estado gravemente doente o sr. Antonio Paes um dos candidatos a deputado nas proximas eleições.

Nos dias 3 e 6 de Janeiro proximo realisam-se aqui as feiras anuais respectivamente do gado ... e de quinquilharias.

TEATRO

Primeiras representações

TEATRO APOLO.—E o levas! *de Alfredo Gameiro, Raul Leal e Candido Malheiro, musica de Vasco de Macedo e Luz Junior.*

A Revista que hontem subiu á scena no Apolo não é boa.

Sem embargo mostra, aqui e alem, que os seus autores não são inteiramente destituidos de faculdades, mas mostra tambem que outras muitas lhe faltam.

Ha alguns numeros possivelmente bem achados, mas é tão diluida a sua apresentação e tão escassa a viveza geral que resulta para o espectador uma completa impressão de monotonia.

Vê-se sobretudo que aos autores falta mais pratica que boa vontade e que talvez, estudando mais os seus futuros trabalhos nos deem algum teatro popular aproveitavel.

Só depois de se ver uma revista sem grandes condições de graça e de exito como esta se começa a dar o verdadeiro valor a Lino Ferreira, a Roldão, á parceria Bermudes, Bastos, e Rodrigues e ainda a alguns outros especialisados neste genero.

A Revista é realmente cada vez mais dificil de escrever.

Quanto ao desempenho, como o Bilheteiro do Apolo nos não deu programa, terá que ir a noticia incompleta, pois não temos positivamente obrigação de conhecer pelos nomes todos os artistas que trabalham nos palcos de Lisboa.

E' justo destacar em primeiro lugar Maria de Lourdes, a estreiante de hontem, rapariga cheia de mocidade e de inteligencia, elegante, fresca, gentil, possuindo uma voz magnifica e que desde já marcou na opereta e na revista o seu lugar. Com um pouco mais de pratica a quebrar-lhe os arestos naturais no principio, ela será uma graciosissima «divette», cheia de encanto e de brilho. Que bom é vermos certamente transitar para a opereta onde lhe não faltarão lugares á sua escolha, a menos que com a vaidade doutros, e a indiferença dalgum empresario a não saiba aproveitar, tirando dela o partido que é possivel tirar, tendo aquela materia prima para uma primeira figura de opereta.

Dos homens Henrique Alves sempre bem, mas lutando com a falta de espirito do seu papel.

Alvaro Pereira tirando o maximo efeito de algumas rábulas.

Alberto Reis, com a sua boa voz, muito á vontade.

Maria Alves, Justina de Magalhães e Dora Vieira, com os seus nomes já feitos, á altura deles.

E ha por aqui tanto que fazer que não posso levar mais tempo com a revista.

E' o levas...

O HOMEM QUE PASSA

Noticiario

Enviaram os seus cumprimentos ao nosso jornal os artistas do S. Carlos Maria Capuana, prof. Cesa-Bianchi e Cesare Formichi.

A todos, os nossos agradecimentos pela sua gentilesa.

PROSA VARIA

Os ninhos

Quantas vezes nos quedamos, encantados, ante o talento arquitetonico das aves na construção dos ninhos, dando-lhes conforto e segurança,—sem reparar na poesia que reside á decoração dessas moradas de breves dias!

O elegante tentilhão, por exemplo, alegra o ninho, alternando hastes de musgo com hervas, varias, entre as quais, por vezes, aparecem tiras de papel que lhes dão encanto singular. O papa-figos, abundante no Minho enche o ninho de quantas penas encontra.

Por vezes, dão-se factos singulares: uma senhora deixou no jardim a renda com que ornava um berço; após um momento de distração, notou que ela desaparecera e ficou impressionada; mas a sua surpreza não teve limite quando, tempo depois, encontrou a renda envolvendo o ninho de uma toutinegra, tão artisticamente, como pensára engalanar o berço.

O tarambol, as andorinhas e muitos outros passaros quasi não fazem ninhos; mas cercam os seus ovos de conchas e seixos. As aves de rapina teem o instinto da astucia: ha uma especie que cobre o ninho de flores campestres; o milhafre tem o vicio dos farrapos de côres vivas e dos bocados de corda que entrança artisticamente.

Mas o caçador não vê a arte; mata quanto topa no caminho, e ri ao ver o rapazio que, com visco ou ratoeiras, corre os campos, o ano inteiro, triturando e matando as avesitas—quantas delas tão uteis. O «sport» da caça é bem inutil, tanto como o da morte dos pequeninos aves, di-lo o livrinho de Henry Kering, presidente de uma sociedade de vulgarisação de zoologia agricola, que prova como é desastroso não proteger as aves; afirma-o dizendo que os prejuizos causados nas colheitas por nocivos insectos são, anualmente de milhares de francos, que no departamento da Gironda dois desses insectos devoraram num ano quinhentos mil hectolitros de vinho em cachos verdes e maduros, e que vale cem milhões de francos! E, todavia, são as aves quem, devorando esses animaculos, defendem as colheitas!

Eis porque em França, onde a série, as colheitas se protegem, vai ser ensinado, em todas as escolas, que a caça aos passaros é pessimo serviço.

Aquele professor conta ainda que dois passaros em vinte e um dias haviam devorado quarenta mil larvas e dois estomagos de andorinhas trezentos insectos comidos num só dia!

E na quem digo:—come como um passaro!...

BÔAS NOITES, MINHA SENHORA

REFLEXÕES DE UM RATINHO -:-

Fui uma noite da semana passada ver os «Emigrantes» e aconteceu-me uma coisa muito curiosa.

Deante de mim estava uma cadeira aparentemente vazia; não fiz reparo no caso que não tinha nada de raro, mas, num dos intervalos, fitando mais o lugar, vi ter-me enganado; a cadeira estava ocupada por um ratinho que me fixava.

Estabeleceu-se imediatamente entre nós laços de simpatia; porque entre essa raça e eu existe uma grande atracção, não sei se por ter olhos redondinhos e farejadores como os deles.

Tão grande foi a simpatia, que a breve trecho estabelámos conversa perguntando-me ele:

—Então veiu ver os Emigrantes?

—E' verdade, esta peça deu tanto que falar...

—E' o caso da montanha... veiu e... encontrou um ratinho. Pois olhe que eu estive tambem para fazer parte da peça.

—Sim?

—E' verdade, estive para ser um dos Emigrantes, emigrando para bem longe daqui. Eu lhe conto: ha muito tempo que moro no Politeama e tenho assistido a alguns espectaculos, pois gosto muito de ir ao teatro, especialmente quando ha pouca gente.

Mas, minha querida senhora, desde que veiu a D. Lucilia não tenho tido um momento de descanço, porque ela á chegada, já trazia na sua bagagem os Emigrantes e esse nome pode passar a ser considerado como sinonimo de revolução.

Emfim, as coisas lá foram andando até á noite da primeira e então é que foi barulho! Palmas, pateada, gritos, murros e até bofetadas! Calcule que eu sai do buraco julgando que era algum gato assanhado. Depois, quando vi que eram apenas homens degladiando-se, fiquei a um canto em observação.

Falava se muito em mão recusada... parece que tudo girava em volta da D. Lucilia ter recusado a mão ao autor da peça.

A proposito: é curioso a importancia que a humanidade dá á mão: se um homem gosta duma mulher, pede-lhe a mão, se a mulher não gosta dele, recusa-lhe a mão; se casam, da-lhe a mão; se duas pessoas se encontram apertam a mão, se se desaveem dão-se de mão, emfim muito complicado...

Quando tudo acabou, retirei-me reflectindo no que tinha ouvido e visto; notára que mesmo no mais aceso da discussão, ninguem poz defeitos ao trabalho de D. Lucilia, pelo contrario, chamavam-lhe brilhante e notabilissimo, no entanto desagradára a magistral artista ao autor e aos espectadores, não teria ela pois feito melhor em representar mal e dar as duas mãos ao autor, visto que naquilo tudo parece que não se tratava de uma questão de arte mas sim de uma questão manual...

O ratinho calou-se por alguns momentos e eu atrevi-me a perguntar-lhe

—Gosta da peça?

—Do primeiro acto, muito. Do segundo, não; quasi todo o acto se passa em arrumações e eu não gosto de mudanças, não sei onde me hei-de meter e tenho sempre medo que o escadote ou o quadro caiam sobre mim.

O terceiro acto faz-me efeito que estou em Setteis ouvindo o eco, o par mais velho declama, o mais novo repete em tom atenuado. Do quarto gostava muito se não fosse falar-se tanto em pratos «saborosos e saudaveis» o que a um ratinho no meu tempo de crise chega a ser cruel. E agora—vou-me embora.

—Então, não vê o quarto acto?

—Não, Lino Ribeiro chora, a desgraçada senhora fica abandonada, estas scenas todas fazem-me mal aos nervos. «Bôas noites, minha senhora».

TRABALHOS FEMININOS

Um agasalho caseiro

Um agasalho que leve o minimo espaço é um artigo muito util para quem viaja. O agasalho de que trato está nestas condições, é feito de sêda; em geral, de seda japoneza. Apesar de leve, como todos sabemos, a seda acquece.

Para as pessoas de estatura regular bastam tres metros e meio de seda estreita. Tira-se 25 cent. para cada manga, o resto da fazenda é dobrada ao meio e cosida ao lados até á altura das mangas, que são colocadas em angulo recto.

Como o abafo é do estilo kimono as mangas ficam bem, se a custura ficar aberta na parte inferior e da mais liberdade ao braço.

Depois corta-se o decote que póde ser em redondo ou em quadrado, conforme o gosto.

Os debruns do agasalho podem ser feitos da propria seda voltada ou em ponto de malha feito numa cor que se destaque ou então em fita. Prende-se o agasalho na cintura com uma fita de cor do debrum.

Em geral a seda que se tira para formar o decote chega para fazer uma touca para a noite. Fransem-se as bordas de maneira a que a touca fique redonda e enfeite-se com rendas ou rosetas de fita.

CONSELHOS PRATICOS

Uma escova em uso diario.

Ha muita gente que limpa a casa todos os dias e se esquece de escovar o fato, especialmente as mulheres que trabalham fóra de casa. Estão com presses esquecem-se, mas olhem que uma saia ou um casaco que passou dois dias sem ser escovado deita nuvens de pó, se é sacudido.

E' bom ter uma chibatinha para bater as saias que se trazem mais a uso feito com geito não se estraga o fato e limpa melhor.

No que diz respeito aos chapeus devemos seguir o exemplo masculino; um homem que se préza, nunca sae de casa sem escovar o chapeu.

GULOSEIMAS

Bolo de nozes

250 gramas de farinha, 125 gramas de margarina muito bem misturado com 125 gramas de assucar, 2 ovos deitados, um de cada vez, 1 colher de chá mal cheia de baking powder, sal, e duas colheres de leite, 100 gramas de nozes. Vae ao forno em latinhas pequenas.

RESPOSTA AO INQUERITO -:-

Recebi uma carta muito interessante sobre o inquerito que aqui abri, não a publico hoje por falta de espaço, mas da proxima vez fa-lo-hei, pedindo desculpa a «Uma Romantica» de não aceder ao seu pedido conservando «só» para mim o que a carta diz.

QUADRAS

Bilha nova, canta a agua,
Na velha não canta não;
Comparo a bilha de barro
Das mulheres ao coração

Sósinho ninguem se sente,
Deixa falar, quem diz tal;
Pois mais só que a gente viva
Ha mortos por nosso mal.

Uma fonte aqui bem perto
Vae sempre seca no verão,
Vem o inverno alaga-a
Que penas virão do chão!

Passa o amor, tudo passa,
Os anos passam tambem;
Só a saudade não passa
Infelizmente a ninguem

Ha no mundo uma verdade
Em que todos vão cahir
O amor só se conhece
Quando a gente o vê fugir.

VICENTE ARNOSO

OS CONTOS DE «A CAPITAL»

O crime de bébé

por LUIZ RIPADO

Bébé tem seis anos. E' linda como uma amora de abril, serena como uma noite de estio, e tem uns olhos azeus como um ceu de verão.

Não nasceu num leito de rosas, mas é a rosa mais linda que ainda desabrochou num lar de pobresinhos...

Fragil como as açucenas, muito inteligente e muito meiga, Bébé é como um raio de sol na existencia do velho porteiro do sr. Conde de X X X.

Bébé já não tem mãe. Mas o pai quere-lhe mais que a Deus-Nosso-Senhor.

Como todas as creanças, Bébé gosta muito de bonecas. Que admiração se até nós, como diz Anatolio France, pela vida fóra, depois de crescidos, somos eternas creanças correndo sem cessar ao encontro de novos brinquedos!...

Infelizmente, o destino não se compadece de Bébé. O pai é pobresinho e não lhe pode satisfazer os caprichos.

Ha anos que Bébé adora uma boneca de trapos que lhe compraram na «Feira da Ladra», com uns olhos de goraz e um nariz desforme, mas que Bébé vestiu a primor, e porque muito lhe quere, acha-a muito linda.

Todas vós sois assim, mamãs do meu paiz!

Oxalá que, quando Bébé fôr crescida, empregue melhor os seus afectos, ela que tem um coração de oiro!...

Bébé não tem brinquedos. Em compensação, Joãozinho, o filho do sr. Conde, tem uma ruma deles. Arregalam-se os olhinhos meigos de Bébé só de olhar para eles! São grandes palhaços, comboios, corceis de prata, exercitos de soldados de E'pinal em pé de guerra, tambores, espadas, que sei eu!...

E todos os anos, pelo Natal, é certo que o menino Jesus lhe traz um novo presente.

Só ao Bébé é que não traz nada! E dizem que o menino Jesus é amigo dos pobresinhos...

Bébé não compreende esta amizade. Talvez quando for crescida, compreenda melhor...

E a raiva de Bébé, sobretudo, é por saber que o Joaosinho estraga todos os brinquedos para ver o que é que eles teem lá por dentro...

O sr. Conde gosta muito da pequena.

Quem não ha-de gostar dela?

Por isso, todos os anos pelo Natal, o sr. Conde põe mais um talher á mesa: é para a Bébé.

E' o dia mais feliz da sua vida!

Vão-se-lhe os olhos na arvore do Natal; repleta de luzes e de brinquedos, e quasi não come nada! Sendo tão amiga de doces e de trouxas d'ovos, nem mesmo as goloseimas a tentam.

Mas todos lhe acham muita graça e Bébé sente-se feliz...

❖ ❖ ❖

Duas horas da manhã.

Bébé que dormiu em casa do sr. Conde, num quarto muito lindo, num leito em docel dum tecido muito leve, talvez feito de estrelas, Bébé teve um sonho delicioso...

Sonhou que o menino Jesus, seguido dum cortejo de pombas e passarinhos, viera até ao jardim do palacio, onde tres fadas se penteavam á sombra das arvores, com seus pentes de oiro que scintilavam...

As fadas lhe disseram que ali perto um Bébé o esperava e ele, que é muito amigo das crianças, entrara pela janela da cosinha do palacio e viera colocar na lareira uma linda boneca de olhos azues e labios escarlates, como as flores do aloendro.

E os passarinhos chilrearam tanto barulho que acordaram Bébé, que, despertando, esfregou muito os olhinhos e ficou-se a pensar longo tempo.

E se aquilo fosse verdade?

Então Bébé ergueu-se e, em camisinha, com muitas precauções, pé ante pé, foi direitinha á lareira.

E qual não foi o seu espanto ao ver uma linda boneca que a fitava com seus olhos muito azues, e com os pezinhos côr de rosa metidas na chinelinha do Joãozinho.

Pegou-lhe, mirou-a, acariciou-a, tocou-lhe nos seios e a boneca disse: mamã.

Então não duvidou mais. A boneca era para a Bébé.

A mamã não podia ser outra.

Foi outra vez para a cama levando-a pela mão e, ao deitar-se, beijou-a tanto, que parecia que um bando de passarinhos estava cantando...

❖ ❖ ❖

Quando Joãozinho acordou, foi á lareira verificar se o Menino Jesus lhe deixára, como era seu costume nos outros anos, um novo brinquedo.

Mas encontrou o sapatinho vasio. Jesus esquecera-se dele.

Chorou, bateu o pé, atroou a casa com gritos, e quando a mãe veio saber o motivo daquelas lagrimas, disse-lhe que Nosso Senhor era um ingrato, que nunca mais lhe rezaria um «padre-nosso»... Tinha-se esquecido dele como se fosse um menino feio...

A sr.ª Condessa lá o consolou como as mães sabem consolar-nos quando somos pequeninos, mas, lá no intimo, não sabia explicar o desaparecimento da boneca, que ela propria, na vespera deixára na lareira...

Os creados acordaram e nada souberam dizer.

Só Bébé dormia, sonhava...

E quando o Joãozinho entrou no seu quarto, ao ver que a sua amiguinha dormitava abraçada a um bébé tão lindo que outro não podia ser senão Jesus, atravessou-lhe o espirito um clarão do tamanho resplendor, que lhe iluminou o entendimento. E, então, compreendeu tudo; e muito naturalmente disse para a sr.ª Condessa:

—Olhe, mamã, não vê: deixaram-se dormir os dois: a Bébé e o Menino Jesus! Por isso Ele se esqueceu de mim...

Para o ano, a Bébé não dorme cá...

63—Folhetim de «A CAPITAL»—30 de Dezembro de 1921

ROCHA MARTINS

Spartacus

Romance das lutas proletarias em Roma

X

E o que fôra a sua vida sob o sol ardente duns dias e as chuvadas rapidas de outros, bem o mostravam nas vestes rasgadas, nas pernas feridas pelos cardos, nos cabelos tisnados pelos incendios que atearam para espalhar o terror por todas as regiões onde passavam.

Olhava-os sentindo uma tristeza profunda, calado, guardando no rosto a expressão extranha em que julgavam ver colera ou condenação. Voltára-se para um dos soldados e dissera:

— Conheço-te, eras ognariço... Passas para os cavaleiros!

— Spartacus — exclamava outro — Bem amaldiçoamos a hora em que te trocámos pelo outro...

— Eu estou aqui para receber, não só os escravos, mas todos aqueles que quizerem morrer pela egualdade!... Não...!

Parecia quebrada toda a sua grandiosa furia que tanta gloria lhe dera; resurgia como um outro homem aos olhos dos que o imaginavam terrivel e um Crixos, nas margens dum rio, vendo uma casa incendiada, dentro da qual soavam gritos mandara que a salvassem e ficára a ver as paredes abrazadas estalando, as colunas abalando-se, os tectos esbarrondando-se, no meio daquela vila onde as ruinas se sucediam.

As hostes esfaimadas e sequiosas de Crixos tinham passado por ali e nem em um só templo ficára um vaso, mesmo dos mais ordinarios, nem um resto de farinha nos lares.

Sem as riquezas advindas do exercito dificil lhes seria a vida. Mulheres semi-nuas vinham falar-lhe da fuga que tinham tomado deixando os filhos; pequenitos sujos roiam cascas das arvores requeimadas e, com um brilho medroso nos olhos, um ou outro homem achegava-se a oferecer-se para o acompanhar.

Pois se lhes não restava mais onde deitarem as cabeças, assar os seus gados, os poucos que lhe deixaram nos campos distantes das tomadias, se não tinham onde fabricar o seu pão logo que respigassem as searas perdidas?! Em gestos largos mostravam-lhe a terra calcada e os celeiros vasios.

Um que lhe quizera falar mais de espaço confessava que se escudara á chegada dos inimigos no fundo da sua casa que tinha duas saidas e pedia-lhe para não se incomodar ante as labaredas altas porque o predio era de um antigo guerreiro que sempre fizera mal ao povo e que ia morrer sob os escombros da sua casa á qual só acudiria quem não conhecesse o tirano. Numa das bocarras abertas o velho surgira com a tunica lambida pelas labaredas, as pestanas queimadas, a face livida de medo e tisnada pelo fogo. Jamais atendera uma dor e contava-se que amarrara um dia ao rabo de um cavalo bravo certo servo que não conseguira domar o corcel. Ainda lá ao fim da estrada, entre os ulmeiros, se via a pedra onde ele parara, com os miolos esborrachados, numa massa ensanguentada.

Ordenára que levassem o barbaro e lhe curassem as feridas. Os outros, em roda, pasmavam, e Manlio murmurava para Lavinia:

— Mas é um na paz e outro na guerra!

Como duas creancinhas adormecessem lividas no poial de uma fonte, ao sabe-las filhas dum senhor foragido que obrigára um moleiro a engulir farinha até se sufocar só porque tirára um punhado destinado a dois mendigos, entregára os pequeninos a Celia e dissera-lhe sorrindo:

— E' para aprenderes a ser mãe!

O denunciante via que jámais receberia a paga e, então confessava ter ganho dinheiro para ocultar na montanha os que tinham pegado o fogo e temiam a sua aproximação.

Eram tambem escravos batidos, gente do bando de Crixos, segundo tinham afirmado. Mandou que lh'os trouxessem sem oferecer paga a quem lh'o revelava.

Um deles, porém, quizera proporcionar-lhe ... Trazia ... de uma dama cujo saquito fugira; vestia de sedas de Cós e trouxera sobre elas um tesouro que lhe fôra roubado pelos rebeldes.

Ia buscá-la e boa seria a propina que lhe dariam desde que se soubesse quem era.

— E quem é?!

A cortezã Tercia, a amante de Verres, pretor da Sicilia! — exclamára o outro, numa alegria de quem esperava recompensas vastas — Queres que a conduza?

Acenára lentamente, ficára á espera, dissera duas palavras a Felux, todo entusiasmado á ideia de vêr de perto essa beleza que arruinára tantos romanos, a cuja, vestida de rosas, se tinham espalhado rios de lagrimas e dois patricios vertido o sangue das suas veias ao expirarem ali loucos, preferindo o suicidio ao abandono.

Mas o chefe apenas tinha olhos para os saqueantes, que chegavam ligados por cordas rijas e queriam ajoelhar.

Grave e brevemente, ordenava:

— Tirem-lhes essas prisões dos pulsos e lancem-lh'as ao pescoço!

— «Imperator»! — gritou um — Vinha vingar-me de tantos horrores sofridos!

— Chefe! Eu quasi apenas gosan, ... melhor! — gaguejava outro.

—Que os enforquem! Na guerra tudo é permitido; na paz proceder assim é um crime!... Os homens são todos eguais!

Dentro em pouco eles balanceavam lividos e de linguas pendentes sobre os poiais da fonte onde ha pouco desmaiavam as creancinhas filhas do inimigo dos servos e, na aragem doce dessa mansa tarde, um borbulhando vinho o sangue dos labios, de mãos espalmadas, deixava vêr, sob a tunica, um jarro de ouro preso na cintura e o outro, com a lingua arroxeada, arrepanhava com ancia, na mão um colar de perolas que lhe feriam a palma morta.

Diante de Tercia baixara a cabeça; recordara-se dessa tarde do circo em que ela atirava rosas aos gladiadores e como o denunciante lhe sorrira, ganhando-lhe o seu passo e avaliando os seus serviços, dissera que lhe trouxessem a liteira de Lentulus tomada na batalha. Felux, casquinava:

—Vais manda-la a Platão, em boa gala?

—Solta! Estas mulheres são escravas da riqueza, como nós!

Voltava-lhe as costas, sem vêr o agradecimento que ela esboçava e, ante o sorriso ancioso de que lhe trouxera, gritava:

—Acoitem este denunciante!

Quando o exercito começou a marchar ficava o homem gemendo e amaldiçoando Spartacus.

Manlio meditara em toda aquela scena a que assistira e não se atrevia a conta-la a Lavinia, que lhe falava sempre na bondade, na paz, no desejo da harmonia. Ele começava tambem a compreender a justiça de Spartacus; o bem para as victimas que pareciam culpadas, o castigo para quem buscava explorar com os que num momento dado queriam tirar interesse dos seus crimes.

Ao cahir da tarde largara o exercito em que ia o chefe; bem longe se encontravam já as avançadas e foi neste momento que chegou, numa nuvem de poeira, o nubio a anunciar a volta de Jarmelo. Num instante ele estava diante do general, amassado pelo empastamento do suor que se colava o pó de todas as estradas desde Roma até ali.

(Continua.)

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 3907-12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Sabado 31 de Dezembro de 1921

Telefone n.º 2293 — Endereço Tel. CAPITAL — Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

> O futuro está nas nossas proprias mãos e é com o que se faz hoje que talhamos o dia de ámanhã.
>
> **Frederico Passy**

O outubrismo perante as urnas

Expuzemos ontem varios aspectos da situação do sr. Cunha Leal em face dos diferentes problemas politicos que forçosamente tem de encarar. Um deles era o do choque entre o governo e os partidos. Esse choque já se deu, e o resultado não é duvidoso para ninguem. Os partidos cederão.

Porque não tenham motivos atendiveis para reagir contra a reclamação que lhes é feita, no sentido de patrocinarem candidaturas de outubristas, isto é, daqueles elementos que fizeram um pronunciamento militar a fim de os escorraçar do poder? Não; mas por não terem força. Os partidos estão enfraquecidos, estão, pode dizer-se, dissolvendo-se de dia para dia, porque teem tremendas responsabilidades na má administração e na má politica da Republica. Dai o seu descredito, tão grande que um dia, da direita, Sidonio Pais, os faz capitular quasi sem resistencia, e noutro dia, da esquerda, a guarda republicana faz uma parada militar, e vê-os des parecer na sua frente.

Em todo o caso, esse aspecto do problema politico vai ser resolvido. Os partidos cedem. Os partidos vão incluir nas suas listas os nomes dos outubristas. Os partidos passarão mais uma vez por debaixo das Forcas Caudinas. Simplesmente, esse sacrificio não dará o resultado que se deseja.

Ninguem ignora que o sr. Cunha Leal se comprometeu a fazer eleger meia duzia de outubristas.

Já se contentam com meia duzia de lugares aqueles que ainda há pouco afirmavam representar a vontade do paiz. No governo Manuel Maria Coelho queriam a maioria. Com o governo Maia Pinto queriam trinta a quarenta candidaturas garantidas. Agora contentam-se com sete, porque as cinco restantes são para os elementos independentes do Ministerio.

Mas a dificuldade maior não está em levar os partidos a incluirem nas suas listas esses seis nomes. A dificuldade está em os eleger. O sr. Cunha Leal não se comprometeu apenas, ao que parece, no sentido deles terem as suas candidaturas sancionadas pelos directorios dos partidos. Comprometeu-se a que eles fossem eleitos. Mas se-lo-hão, quer as eleições se realisem em 8 ou em 22 de Janeiro, mercê dum novo adiamento eleitoral?

Seria desconhecer o estado do espirito publico responder duma maneira categorica e terminante no sentido da afirmativa. A ninguem é dado pronunciar-se com segurança sobre as garantias dessa eleição. Os directorios proporão outubristas ao lado dos homens que eles proclamaram maus politicos e administradores criminosos. Mas ninguem votará em outubristas. Ninguem! Quem julgar o contrario está positivamente com os olhos fechados.

Para as populações do paiz inteiro esses candidatos são os candidatos da Guarda Republicana de Lisboa, que fez um movimento á sombra do qual se cometeram os peores crimes. Por muito que nos custe verifica-lo, porque se ha jornal que se empenhou pelo desenvolvimento e pela força da Guarda Republicana foi a «Capital» um dos primeiros, a provincia generalisa a toda essa corporação a responsabilidade do que se passou em 19 de outubro. Evidentemente não considera toda a Guarda Republicana composta de criminosos, mas não se pode eximir a constatar que nesse dia e na noite que se lhe seguiu essa corporação procedeu com uma inadmissivel fraqueza ou com uma ainda mais inadmissivel indiferença.

Trata-se duma opinião excessiva, até mesmo injusta? O certo é que a provincia pensa assim, porque a provincia via na guarda republicana precisamente aquela força que nunca mais consentiria o atropelo das leis e que inalteravelmente garantiria a segurança de vidas e fazendas contra todos os agitadores de profissão, acostumados a uma impunidade revoltante. A desilusão da provincia é tão grande que não pode deixar de se manifestar com todos os protestos da mais sentida indignação. Ela não aceita o outubrismo, com qualquer tinta que lhe queiram dar. Está disposta a combate-lo. Como é que se resignará a dar-lhe qualquer especie de apoio com os seus votos?

Eis o aspecto mais frisante da situação creada, situação que já não admite certos equilibrios que podem ainda agrava-la em vez de a favorecer.

SEGREDOS A TODA A GENTE

As luvas, o monoculo e o charuto

Ha tres coisas porque se pode conhecer um homem elegante: o monoculo, o charuto e as luvas. Toda a gente usa luvas, toda a gente usa charutos, toda a gente usa monoculo—e entretanto quasi ninguem sabe por o monoculo, fumar um charuto e calçar umas luvas. De facto são precisos muita elegancia, muita distinção, muito «conhecimento de causa» para que essas trez futilidades—tão inuteis afinal que nós não podemos passar sem elas—equivalam, nas nossas mãos, ás arruelas de oiro do mais puro bom-tom. Conhecem-se bem as pessoas que sabem usá-las, sem esforço, sem pedantismo, sem esse ar «blazé» que caracteriza quasi sem excepção, as falsas aristocracias dos ultimos tempos. As luvas, o monoculo e o charuto são deliciosamente a «prova dos nove» dos verdadeiros «gentlemen». Não se esqueçam, minhas senhoras de reparar sempre para a maneira como os seus noivos calçam essas luvas, põem esse monoculo ou fumam esses charutos...

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

"Pão do Exilio,"

Por Salema Vaz

O poeta cheio de inspiração e de «charme» que é o sr. Salema Vaz, acaba de nos enviar um volume de versos sob o sujestivo titulo de «Pão do Exilio».

É primorosa a apresentação artistica da edição, e duma rapida leitura ficou-nos uma grata sujestão do ritmo facil e interessante do poeta de tantos quadros e canções que andam ahi já [illegible] pelo povo.

Os concursos da Exposição do Rio de Janeiro

Os noveis arquitetos s rs. Cottinelli Telmo, Luis Cunha e Carlos Ramos, que obtiveram o primeiro premio no concurso do Pavilhão de Honra para a Exposição do Rio de Janeiro, bem como os seus colegas Paulino Pereira Montes e Eugenio Correa, auctores do projecto que obteve o 2.º premio teem sido muito felicitados pela vitoria que para a moderna geração constitue o facto daquelas recompensas terem sido adjudicadas a artistas muito novos. No concurso de cartazes obteve um dos primeiros premios o nosso colaborador e professor sr. Leitão de Barros e o ilustrador de o A B C sr. Martins Barata sendo o seu cartaz, ao que parece e segundo informação ainda um pouco prematura o unico que obedecia ás modernas condições que se exige para uma placa de reclamo.

Alguns concorrentes, e entre eles o conhecido desenhador sr. Sanches de Castro vai protestar contra a organisação do jury deste ultimo concurso que não reconhecem idoneo.

E' realmente de lamentar, se o cartaz anunciador escolhido não está á altura do fim a que se dedica.

Os cartazes anunciadores da Alemanha e da Italia, já reproduzidos em revistas do Rio, são verdadeiras maravilhas. Oxalá o noso não seja uma tampa de lata de bolachas, que nos encha dum ridiculo que não merecemos.

CROQUIS DE VIAGEM

Por terras já dantes viajadas...

XVIII — Viena ... de pedra e cal

«Sehr gut, sehr shöne» poderá o «touriste» exclamar neste recanto de Viena que vamos percorrer. Em avenidas largas cheias de arvoredo, seguem-se espaçados, cercados de jardins os mais belos edificios da capital absburguesa. A «Igreja Votiva», de torres goticas, ao fundo duma praça triangular é magnificente, mas o meu respeito pelo interior decorado de dourados e pinturas é inferior á admiração pelo aspecto geral rendilhado, elegantemente alongado para o ceu a agradecer á proteção divina ao imperador após uma tentativa abortada de regicidio; eu penso que não haveria hoje já um só hectar onde não estivesse erecta uma catedral votiva se a moda pegasse até ao civilisado seculo XX, dos reis fazerem construir um templo a cada tentativa de assassinio. Segue-se a «Universidade», mas não tenho tempo para a visitar, seguindo logo para a «Rathaus» tambem em estilo gotico e que custou noutros tempos 15 milhões de «florins».

Ao cambio actual, pobre e exausta Austria até eu... construiá uma pelo mesmo preço. O que chama a atenção neste edificio são os nichos onde se recolhem estatuas, e a sua longa e fina torre central.

Cá por fóra é um belo exemplar, e dentro uma longa estafadeira de salas, onde apenas se salienta uma ou outra pelos marmores ou pelos frescos. Mais bela é a vista sobre os jardins e parques em redor, que se disfruta de qualquer das janelas superiores.

O museu da cidade é tambem o armazem costumado das tradições bolorentas e aguerridas dos povos.

Em frente, um barrigudo palacio chama a atenção. E' o teatro da «Hofbourg» o que me faz curvar em reverencia o bradar á arte de Thalma: viva o luxo.

Para desenjoar tenho logo a seguida o «Parlamento». Mas esta palavra desperta em mim uma tal sensibilidade de arrepios, que não aceito o convite para ir visitar a sala das sessões nem outras calamidades que por lá ha.

Limito-me a admirar o estilo grego do edificio para onde se sóbe por duas rampas curvas ornadas de oradores da velha Grecia; descanço alguns minutos aos pés de galo de Tucidedes, contemplando as belezas do marmore de Carrara e do Untersberg empregados para pôr em pé este tormento nacional e sigo pela avenida fóra, a colher melhores impressões.

O «palacio da justiça» a um canto não interessa e por isso nos encontramos no «Burgring» e na soberba praça ajardinada de «Maria Tereza». Nos dois lados os museus imperiais, edificios semelhantes, em renascença italiana, imponentes de longe e onde se estendem, a Historia Natural, a Arte, a Industria e a Pintura.

Ao meio o monumento á imperatriz, um dos mais ricos e maiores que a Europa admira.

A rainha muito gigante, com mais de 6 metros está lá em riba sentada. Nas faces da pianha estão os generais, os artistas, os notaveis do seu tempo, entre os quais quatro marechais a cavalo; mas a linha geral do monumento é graciosa e a todo elegantemente imponente.

Se o leitor quer passar pelos museus, recomendo-lhe apenas a galeria de pintura, notavel e rica, e a coleção de objectos de arte da idade media e renascença.

As armaduras e armas antigas não recomendo senão a quem necessita dum tratamento energico... de ferro; e a parte antiga e um arremêdo modesto do «British museum» ou do «Louvre».

Em face desta praça ornada de fontes e esculturas, do lado de lá do «Ring», é o «Burg» o palacio imperial, sombrio rispido acasernado. O «Burg» rodeado de dois enormes jardins, cheira ainda a pontes levadiças, a baluartes, torres. Toda a dinastia austriaca desde que lá chegou da Suissa Rodolfo de Habsburgo tem ali o seu livro de historia.

Para visitar é complicado como os diabos. São casarões, corredores, varios palacios entrelaçados, com pateos diversos onde se encontra sempre um imperador em pedra. No dia em que o visito, fazendo bater os tacões para assustar os fantasmas daqueles longos corredores, está cá instalada uma secção da exposição industrial, que tambem abriu na Rotunda do Prater; mas nem as turbinas, nem as linotipes, nem as maquinas de multiplicar conseguem desasombrar o velho e caduco palacio. Para outro canto ha um grupo de «touristes», ar enfadado, como quem vai ali por honra da firma, e que espera a entrada nos dominios do «tesouro imperial». Mas áquilo está agora muito por baixo visto que as principais riquezas já foram para o museu.

Do lado que dá para a cidade interior o palacio tem uma arquitetura bizarra, cheia de fontes, portas esculpidas, tritões, grupos simbolicos, o diabo a quatro que torna apezar de tudo carregado o edificio. Do lado do Ring, são os jardins, as estatuas equestres, o «Burgthor» com 12 colunas doricas mas que dá ideia da entrada duma fortaleza.

⁂

Ha dias que estamos em Vienna e ainda não falámos no principal monumento da cidade: Santo Estevam. A sua torre aguda, grito altisono, ouve-se de todos os pontos da cidade; domina, vibra, atroa o espaço, penetra no ceu. E' a catedral avó, a catedral historica, lendaria. Tem uma torre devia ter duas. A outra não quiz o diabo que se terminasse. Mestre Pilgram, segunda a lenda quem fez a existente tinha uma filha linda como todas as mulheres de que ha alguma coisa a contar. Um seu discipulo atirava-se, e recebido com sorte atreve-se a pedi-la ao velho arquiteto. Este estabelece como condição que elefaça a segunda torre da catedral. O rapaz deita mãos á obra e a torre começa a crescer. Mestre Pilgram morre de inveja o que fez com que um outro admirador da filha espalhe que o descipulo tem pacto com o diabo. Uma noite os dois encontram-se no cimo da torre, correm, desafiam-se, tal e qual como nas fitas americanas em que os ladrões correm nos telhados como pelo chão, e zás, rebentam os dois lá do alto até cá baixo. Dizem que ninguem se atreveu a continuar a obra temendo o diabo, e a filha de Pilgram não fez convites especiais pelo estado de consternação em que se achava. O certo é que Santo Estevam assim muito caracteristico, é uma das maravilhas do centro de Vienna. O interior sombrio, tumulos com varias capelas e sarcofagos riais deve ser visitado de passagem para a torre. Lá para cima, sim, merece a pena uma pessoa trepar.

A vista é deslumbrante, Viena bulhenta jaz aos pés, escarrapachada num campo verde, nuns longes ferteis. Vê-se a Hungria vêem-se sumidamente os Carpatos. E o Danubio é uma serpente a indicar a directriz das invasões. Foi daqui, do alto desta torre que os austriacos viram os turcos acercar-se para tomar conta da sua civilisação, e mais tarde se viram as massas de tropas de Napoleão movimentando-se batalhando em Essling.

Mas como nem só de panoramas vive o touriste ha que descer, dar uma gorgeta ao sacrista e voltar a respirar o pó das ruas. Aqui junto á catedral é o centro comercial de Viena.

Uma estreita praça com tudo que o europeu necessita, desde o «Grand magazin», á agencia «Cook», da sucursal «Kodak» aos escritorios do «Wagon-lit». Aqui a um canto era o «Stock in Eisen». o tronco de ferro; procurei-o e não vi senão o logar. Ignoro se existe ou foi feito em carvão. Era um velho tronco de arvore rodeado com um cinto de ferro a cadeado fechado. Todo ele estava coberto de pregos, pois diz a tradição que qualquer serralheiro que entrasse ou saisse da cidade devia cravar nele um prego e rezar um padre nosso. A lenda do tronco, que tambem mete um homem possesso não vo-la contarei porque eu tambem fiquei sem ver a... maravilha. Tudo isto no entanto tresanda a seculo XVI e a lendas religiosas sediças. A dois passos é o «Graben» uma rua larga, curta, que foi ha 7 seculos um fôsso, conforme o nome indica. Hoje é recheado de casas comerciais importantes, tem um emaranhado monumento no meio, cheio de figuras pequenas entre as quais o Imperador Leopoldo a expulsar a Peste. Por baixo veiu estabelecer um café, subterraneo, e que anuncia musica, baile e cerveja da bôa... tambem *para expulsar a peste*.

Viena é cheia de monumentos, colunas, templos votivos, egrejas varias. Na sua parte central mais antiga as ruas são acanhadas, estreitas; é preciso vir para fora do Ring para encontrar um pouco do ar livre. Dentre a escultura a ir admirar, ha a um recanto duma socegada rua, a «Rapariga e o Ganço» sorridente, candida, deliciosa de expressão e recorte, e entre as igreias destaca-se,-alem da «Igreja de S. Carlos», da cupula, bizarra na sua colunada corintia,—a pequena e modesta «Igreja dos Agostinhos».

E' um lugubre divertimento, este de nos fazerem visitar o panteon dos Habsburgos. Um capuchinho semi-automatico léva arrastadamente o visitante atravez os caixões simples de imperadores e imperatrizes. A luz electrica que ilumina a cripta não tira o efeito soturno do local. Ha nomes que ecem como vindos de outros mundos; assassinatos, lutas, desgraças o grande rosario de amarguras do imperio austriaco. Apenas o monumento de Canona a Maria Cristina me descobre um pouco de interesse e lembra o mesmo motivo da obra aos «Mortos» de Bartholomé. Ha tambem um nome que evoca um outro mundo de recordações: o do jovem filho de Napoleão, «l'Aiglon».

Mas, rialmente, francamente, não se deve vir a Viena, nestes tempos tristes e desaustinados, para perdermos tempo a... «falar aos mortos.»

E de galgão entramos nos dominios da vida e da musica, indo ouvir junto do novo monumento a «Strauss», um «pot-pourri» da «Tango Königin»...

ARMANDO FERREIRA

A SEGUIR:

XIX — No Imperio de Franz Lehar.

Migalhas

S. Silvestre

Acho graça a S. Silvestre. Estou a vê-lo chegar correndo, esbaforido para entrar no calendário. Se se demora vinte e quatro horas, ficava sem logar. O mais que lhe poderiam arranjar—e para isso era preciso que tivesse muito boas recomendações — era, de quatro em quatro anos, o vinte e nove de fevereiro que compete a cada ano bissexto.

Assim como S. Pedro é o patrono dos guardas portões e S. Quitéria advogada contra os cães danados—dizem uns—, contra a inveja e a calunia—dizem outros,—assim como S. Gonsalo é agente de casamento de velhos gaiteiros e S. Cecilia empresaria dos concertos sinfonicos, S. Silvestre deve ser o patrono dos que chegam fóra de horas, dos que vão em pé na grelha dos electricos, dos que só conseguem arranjar uma dobradiça e na mão dos contratadores, dos que comem o pescoço da galinha em festa de anos, dos que são tirados a ferros, de todos aqueles, emfim, que por uma unha negra não vêm o seu destino transtornado.

E, como em Portugal quasi todos somos uns patuscos nesse genero, guardando tudo para a ultima hora e andando aos solavancos da sorte, não nos lembrando de S. Barbara senão quando o raio nos cai em casa, contentando-nos facilmente com o que sobeja, sentindo-nos felizes com caidos de portaria e apanhando com prazer confeitos de baptisado, cuido que S. Silvestre devia ser um santo bem festejado entre nós e o verdadeiro patrono desta terra portugueza. Estou a ver que o seu logar na folhinha ele o arranjou com pedidos e empenhos, com preterição doutros santos obscuros, que tambem podiam ter entrado, se tivessem tido um pouco mais de sorte ou quem melhor os empurrasse. Seria este mais um motivo para que os nove milhões de portuguezes, que, dentro dos seis da população total, são empregados publicos ou estão de boquinha aberta, como os peixinhos encarnados dum aquario, á espera dum logar do Estado, acendessem hoje uma vela em louvor do santo retardario nos oratórios que ainda por ahi ha.

O dia de S. Silvestre tambem deveria, a meu vêr ser dedicado a exames de consciencia, a recapitulações morais, em resumo, a balanços de espirito, como é, destinado ao inicio dos balanços comerciais. Hoje todos nós nos deveriamos recolher, passar em revista o ano que finda, somar o formidavel debito das asneiras que deliberadamente praticamos, totalisar o limitado credito das cousas sensatas que levamos sem querer a efeito, reconhecer que quasi sempre estamos á beira da bancarrôta a mais fraudulenta e, finalmente tornar a firme resolução de arripiar caminho, de começar o novo ano com novas ideias, outra moral, diversos costumes...

Mas isso sim. Ninguem festeja S. Silvestre, ninguem aproveita o ensejo que ele nos dá de fingirmos, ao menos, que scismamos em emendarmo-nos. Ele, se calhar, tambem era da mesma força e conseguiu ser santo porque não era outubrista e estava filiado num dos partidos da conjunção muito copulativa com quem anda ás turras o sr. Cunha Leal, a quem desejo de todo o coração muito boas sahidas destes e melhores entradas dos outros, que, como ele diz, se calhar são os mesmos.

ANDRE BRUN

Antiqualhas Historicas

Na proxima terça-feira, 3 de Janeiro, o professor Ladislau Batalha, nosso velho colaborador, principia a publicar nesta interessante secção do nosso jornal um estudo sintetico da espoliação dos Judeus em Portugal no seculo XVI, e suas perniciosas consequencias que ainda actualmente se fazem sentir.

POLITICA INTERNACIONAL

O Conselho Supremo em Cannes

I

Lembram-se os senhores ainda da Conferencia de Washington?

A minha pergunta podendo á primeira vista parecê-lo não tem nada comtudo de ociosa, nem de disparatada, como pode a seguir demonstrar-se.

Antigamente a realisação dum congresso ou duma conferencia internacional era um acontecimento que marcava sempre nas paginas da historia; mezes, longos mezes antes da abertura, mesmo da convocação duma conferencia, já se conheciam e já se tinham abundantemente discutido os pontos que nela iam ser debatidos; e tratadas que eram as questões, analisados e estudados os problemas, achado para eles uma solução melhor ou peor mesmo sem o auxilio da longa cauda de comissões e sub-comissões de tecnicos que atraz delas arrastam hoje os diplomatas. redigidos os tratados e seus respectivos protocolos, chegados emfim os congressistas a um arranjo final, que a todos ou quasi todos contentasse, embaixadores, plenipotenciarios, ás vezes mesmo os Soberanos, não sei se afogados em comoção e diluidos em lagrimas—a historia não esclarece este ponto—despediam-se sem esperança, as mais das vezes, de se tornarem a encontrar. Presentemente, as coisas não se passam desta maneira; a lei da evolução, que Darwin aplicou ás especies, parece querer tambem estender-se aos acontecimentos, e hoje as conferencias internacionais sucedem-se como num *ecran* os diferentes quadros dum film complicado; e comtudo não pode dizer-se que esse sem numero de entendimentos, conversações, entrevistas e «tutti-quanti» tenham trazido ao consideravel monomio de questões e problemas que trazem o mundo em uma perpetua agitação, uma solução aceitavel. ao menos um pouco de luz, antes parece que eles se apresentam cada vez mais complicados, e como que insusceptiveis de resolução.

Pondo de parte assomos de modestia, podiamos, com alguma felicidade com os ultimos anos que temos visto decorrer, formar tambem um periodo que poderiamos caracterisar pelo meio milhão de conferencias internacionais que nele se tem realisado á guiza do que para ciclos e edades passadas fizeram geologos e outros homens de sciencia.

Postas estas premissas, já não nos causará a mais pequena surpresa se um dia virmos o sr. Briand, terminada uma conferencia, fazer com um almoço o jantar que na vespera lhe oferecera o sr. Lloyd George apoz o encerramento dum congresso: para lá nos encaminhamos levados por esta febre que agita todos e todas as coisas, por esta ancia de realisar ou destruir um mundo em dois minutos. E se não vejam os senhores: decorrem, ainda, bastante agitadas e sem esperanças de se chegar a um acordo, as secções da Conferencia de Washington iniciada, como todas as conferencias, sob os melhores auspicios e no meio dum entusiasmo mais ou menos sincero, nos primeiros dias de Novembro; e no entretanto já em Londres, ha dias, conversavam Lloyd George e Briand e dessa conversa, onde, parece, a unidade de vistas dos dois Premiers, apenas existe na nota oficiosa que os jornais publicaram, resultou que se saiba a nomeação duma grande comissão de tecnicos, industriais e banqueiros, que numa semana estudarão uma serie de propostas, que serão presentes á conferencia economica Franco-Ingleza de Paris, as quais depois de devidamente apreciadas por esta serão transportadas á reunião do conselho supremo em Cannes, o qual por sua vez «suggerirá» um grande congresso economico europeu, lá para a Primavera, isto é claro, independentemente da reunião dos ministros aliados dos negocios estrangeiros que deve realisar-se em Paris no dia 9 de Janeiro, do projecto, apresentado no Senado americano para a reunião dum congresso que a paz da reconstituição economica e financeira do mundo, lançará as bases duma nova liga de nações, recitando, como é de prever, de mistura, as mais inspiradas Odes á Paz e ainda aos rumores, que levemente correm, duma nova conferencia a realisar brevemente em Tokio para, —oiçam os senhores,—estudar os variados problemas do Pacifico e o desarmamento naval. Enunciar toda esta serie de conversas preliminares, «ententes», entrevistas, conferencias, e projectos de conferencias que nos hade levar pela certa e pelo numero á Paz, á Harmonia, ao Bem estar geral, sem ao menos tomar folego trez vezes é positivamente querermos nos suicidar pela asfixia.

⁂

E dito isto á guisa de preambulo entremos diretamente no assunto desta cronica. Nos primeiros dias de Novembro deste ano, que termina hoje, a convite do presidente Harding reuniram-se em Washington os delegados das cinco primeiras potencias navais, que por signal agora pelo projecto Hughes são só tres e com estas os delegados das potencias que possuem interesses no Pacifico.

Aberta a conferencia pelo presidente Harding com uma oração dirigida ao omnipotente e com um pequeno discurso em que pretendeu provar ao mundo atento que a guerra era um crime, eleito Mr. Hughes, presidente da conferencia, quando todos os congressistas esperavam ouvir da boca de Mr. Hughes, um empolado discurso sobre a Paz Universal, sobre a futura comunidade dos povos, assente numa perfeita harmonia e n'um fraternal amor, eis que este homem pratico e decidido, deixando de parte ou parecendo deixar quaesquer habilidades diplomaticas e o vocabulario sonoro que é de uso e praxe empregar-se nessas reuniões e nesses momentos solemnes, eis que este ia ou dizendo sacando de dentro da sua pasta um pequeno relatorio e uma proposta, logo apoz a leitura da primeira e sem mais delongas a segunda aos delegados das potencias ali reunidas, quando estes mal se tinham ainda refeito da surpreza que não sabemos se o atrevimento se a astucia de Mr. Hughes neles provocara.

Os correspondentes dos jornais que assistiram á abertura da conferencia, afirmam que os delegados japonezes mal continham uma certa agitação e que a proverbial fleugmacia britanica não conseguia esconder um tal ou qual nervosismo que as insistentes contracções dos musculos faciaes de Lord Balfour e dos seus companheiros denunciavam. Chegara o momento das palavras sonoras; e as palavras sonoras despedidas em catadupa pelas bocas dos diferentes delegados á conferencia, bailaram na sala, compondo discursos d'uma musicalidade mais quê celestial, esculpindo afirmações generosas e soberbos rasgos duma beleza ideal dizendo sacrificios e desprendimentos de todo o orgulho e de toda a vaidade humana. Depois os delegados das potencias desceram um pouco mais a terra e a realidade das coisas e, declarando aceitar a proposta de Mr. Hughes em principio, pediram venia ao presidente para consultarem os seus governos.

A proposta de Mr. Hughes pelo que respeita as unidades navais de guerra decompunha-as em tres categorias:

1)—Capital—Ships.

2)—Cruzadores auxiliares e destroyers.

3)—Submarinos.

E eis onde está o primeiro erro de Mr. Hughes. Se o secretario de Estado americano em vez de decompor as diferentes unidades navais em categorias tivesse proposto a redução da armamento duma maneira global, a Conferencia de Washington, cujos resultados ao que se está passando, promete ser nulo, teria tido talvez um fim não tão conforme aos desejos de Mr. Hughes, em todo o caso um fim palpavel e dalguma utilidade para aquelas nações que trazem sobre os seus hombros o pesadissimo fardo das despesas navais. Outro erro e de não menores consequencias, para os resultados da conferencia da proposta Hughes foi o ter relegado para um plano secundario, como potencia naval a França sempre orgulhosa das suas tradições maritimas, e a Italia, sem tradições maritimas é facto, mas cujos sonhos de ocupar um lugar no concerto das potencias navais de ninguem são desconhecidos. Pelo que diz respeito a França, dizem os inimigos de Mr Hughes que ele nota, ao tracejar a sua proposta, e ao fazer apelar a França da categoria de potencia naval de 1.ª ordem, não deixou de influir a campanha que a imprensa franceza levantou contra ele quando da sua candidatura á presidencia da Republica-Norte-Americana em 1917 e certas sujeições para resistir ás quais o seu sangue de origem ingleza não lhe deu a força suficiente.

Digam, porém, o que disserem, os detractores do secretario de Estado americano, o que eles não podem negar é que Mr. Hughes na sua proposta sobre o desarmamento foi sincero, brutalmente sincero; deixem-nos classificar assim. Sinceridade condimentada pelo interesse, dirão alguns. Mas evidentemente; é claro que Mr. Hughes, representando o Estado americano, com a sua proposta, mesmo cheia de erros, de que os outros como veremos, mantendo-os se aproveitaram, teve em vista não só evitar complicações e uma possivel guerra no Pacifico mas principalmente quebrar a aliança Anglo-Japoneza que para a America era uma constante ameaça e a qual, aceite o desarmamento nas condições em que ele o propuzera, não mais tinha razão de existir. Era pois interessada essa sinceridade de Hughes. Em todo o caso sinceridade que não encontramos atravez toda a Conferencia nem na Inglaterra nem no Japão; nem ele pretendeu esconder esse interesse.

Refeitos do susto que a proposta Hughes lhes metera, tendo-a analisado de animo mais sereno e descobertos aqui e ali os pontos fracos que decerto anularão todo o esforço americano, os delegados inglezes e japonezes apressaram-se a declarar que, com pequenas modificações aceitavam a proposta Hughes, ficando pois assente que, pelo o que dizia respeito aos grandes couraçados de combate, se estabelecesse a conhecida proporção de 5: 5: 3 respetivamente para Inglaterra, America e Japão, [illegible] de se determinar para [illegible] qual o limite maximo [illegible] unidades que deviam [illegible] ça e a Italia. E ao [illegible] esperavam [illegible] viesse [illegible] Hughes, [illegible] desarmamento [illegible] cinco [illegible] daquele politica [illegible]

e na realidade mas que é tambem um pessimo diplomata, levantar inoportuna e intempestivamente a questão do desarmamento terrestre, em que ninguem até ahi falara, a impossibilidade em que estava a França de desarmar mostrando quanto era vã a acusação de imperialismo que á França, a todo o momento, se fazia. Ardeu Troia. Na Italia por causa dum mal entendido, foram apedrejados os varios consulados francezes.

E a Inglaterra que não esquecera ainda o acordo de Weesbaden e esse tratado de Angora que puzera calafrios na espinha hieratica de Lord Curzon achou azado o momento para intervir. As imprensas dos dois paizes, num tiroteio de palavras como regateiras de vielas, disseram-se as ultimas. Houve um momento em que depois de uma eficaz preparação de mutuos insectos, pareceu que iam revelar as mais escondidas intenções. A Inglaterra pela boca de Lord Curzon, depois de ameaçar a França declarou que não desarmava o mais antigo dos seus navios, se a França persistisse nas suas ambições imperialistas. Foi ainda Hughes, que com felicidade, conseguiu por ponto no debate. Encolheram-se as garras, pareceram socegar os animos o debate porém tinha de surgir mais grave, mais irremediavel, mais funesto para os bons resultados da Conferencia de Washington. E surge nas vesperas da partida de mr. Briand para Londres a convite de Lloyd George, quando a conferencia determina fixar o limite maximo em grandes unidades, para a França.

Esta baseada, com alguma felicidade mais no seu extenso dominio colonial do que em razões de ordem patriotica e sentimental, propôz á conferencia colocar-se no mesmo pé de igualdade com o Japão. Hughes, conciliador e astuto, propôz a Briand acumulando razões, aceitar este para as grandes unidades 175.000 toneladas mostrando-lhe ao mesmo tempo que a não aceitação dessa proposta pode pôr em cheque a conferencia. Briand aceita a proposta Hughes, aceita-a incondicionalmente, declarando porém que para as unidades auxiliares e submarinos não pode abater uma unica tonelada.

Em nosso entender porém Briand mostraria mais tacto, mais finura diplomatica se tivesse aceitado a proposta Hughes para a redução das grandes unidades «com a expressa condição» da Conferencia de Washington aceitar a tonelagem que a França pede para submarinos e cruzadores auxiliares. Não o fazendo assim deu origem aos debates que se vem arrastando ha longos dias sobre a supressão ou não supressão dos submarinos. A Inglaterra pede a sua supressão total; a França por um lado pede um minimo de 90.000 toneladas, baseando-se em que precisa, falha de grandes unidades, de proteger as suas costas, os seus extensos dominios coloniais, a sua navegação mercante e sobretudo fazer face á frota de guerra que o tratado de Versailles deixou nas mãos dos seus visinhos alemães. Alem disso acrescenta o delegado francez almirante de Bon, a França tem de defender-se daquelas nações que não fazendo parte da conferencia, não sendo pois obrigadas a respeitar as suas decisões estão em condições e podem aumentar a sua frota submarina até onde quizerem. Hughes, segundo nos dizem as ultimas noticias, nesse supremo esforço para salvar a sua obra, pretende estabelecer um estatuto que regule a acção dos submarinos na guerra.

A Inglaterra porém que aceitou a proposta Hughes fazendo galardão da sua generosidade, boa vontade, altruismo e quantos bellos termos encontrou no seu vocabulario, que no fundo a aceitou porque ela lhe dava a supremacia naval que desprezivelmente classificou os submarinos de «arma dos fracos» mas que no fundo os teme porque lhes conhece a eficacia e sabe quanto eles lhe roubam essa supremacia não aceita senão a sua supressão total ameaçando aumentar a sua esquadra se a sua tese não for aceite. Da conferencia de Washington até ao presente de util que se soubesse só veio a quadrupla-entente do Pacifico classificada, ainda assim pelo senador americano Reed de Sociedade para o roubo de Thantonvg. Sobre desarmamento não se enganará muito quem profetisar á conferencia de Washinton a mesma sorte de todas as outras, conferencias que pela Paz e contra a Guerra se reuniram. Nela em face uma da outra detestando-se, odiando-se, os seus interesses e os seus ideaes chocando-se a cada momento estão a França e a Inglaterra. E esta pela sua atitude e pelas suas ambições que ela tão bem dissimula, ha de acabar por estrangular todo o esforço norte-americano.

E' pois nesta explendida disposição d'espirito que em 6 de Janeiro as duas se encontrarão em Cannes [illegible] tentativa de resolução [illegible] mos problemas [illegible] economicos [illegible] proxi-

CARREIRA DE FREITAS.

Uma tarde de arte no São Luiz

Está despertando grande entusiasmo o magnifico concerto da «Orchestra Symphonica Portugueza», dirigida pelo maestro Pedro Blanch, que no domingo se realisa no São Luiz, tarde de arte o ponto reunião elegante de toda a sociedade, pelo belo programa organisado, em que se executa pela primeira vez cinco encantadores «Romances sem palavras», «Le Départ», «Le Gondolier», «Scherzetto», «Marcho funebre», «La Chasse», arranjados em «suite» de orchestra pelo celebre compositor Hillemacher e a pedido, pela ultima vez a extraordinaria obra de Rimsky-Korsakoff, inspirada nos contos das «Mil e uma noites», sendo o solista o professor Flaviano Rodrigues, e ainda o famoso scherzo de Dukas, «L'Apprenti sorcier», o «Menuetto», de Bolzony, e «Corrolano», de Beethoven.

O concerto principia ás 3 em ponto [illegible] terminar a horas de todos [illegible] festejar o Anno Bom em [illegible]

DE TODOS OS DIAS

O ultimo dia

O ano agonisa os ultimos momentos. Todas as almas nesta hora estão ungidas de esperança, irmanando-se na ilusão do ano que desponta. Toda uma seiva nova parece acordar refazendo os organismos, que a tragedia de viver depauperou, emprestando-lhe uma energia desconhecida, que é a fé inabalavel de vencer.

Quem ha, que na meia noite de hojo, não cale bem fundo uma esperança, uma certeza do viver, de ser feliz!

Nenhuma hora, nenhum momento como este, nos domina tão absolutamente.

Portas a dentro, no conchego do lar, vá de rememorar alegrias passadas, e horas malditas de sofrimento. Toda uma vida se desenha na penumbra do ambiente, revivendo, exaltando-se, gesticulando ante nossos olhos. E nós presidimos a este juizo final do ano que passa, e por um momento senhores do nosso destino, murmuramos—heide vencer. Amanhã no novo ano, toda uma vida nova que desponta.

Não ha logica que resista, á magia extraordinaria desta ideia que nos embriaga.

Septicos, descrentes da vida, envergonhamo-nos do descrer, e entregamos ingenuamente toda a nossa alma ao destino, ao amanhã que surge, á terra prometida de uma felicidade que não chega.

Convulsionados de norte a sul por uma anarquia de ideias e de gestos, vivendo num periodo de transição que se eternisa, garrotando-nos de dificuldades, todo o longo ano bramamos em casa na hora das sopas minguadas, ou nos cafés onde rastejamos a nossa decadencia secular, acreditando hora a hora nos messias que aparecem, inculpando homens e teorias, e regressando a mascar monosilabos de desalento.

O ano corre e os governos sucedem-se numa vertigem de cinematografo. E vadiando por essas ruas presos dessa vertigem, nós vemos passar os factos ora secundando-os com os nossos gestos tantas vezes inconscientes, ora encolhendo os hombros numa passividade idiota, quasi sempre cumplice.

A vida estreita-se comesinha, numa luta de interesses borbulhando á meia luz, trazendo-nos sempre uma desilusão maior, avolumando o nosso scepticismo, neurastenisando-nos e aniquilando-nos.

E' assim que o ultimo dia nos encontra, almas esfarrapadas, singrando desarvoradas no mar encapelado, nesse «brouhaha» das grandes arterias, cançados de luctar, contorcidos de esforços ciclopicos que não afloram, mas que cavám nos ossos sulcos eternos.

Mas o dia chega e com ele, toda uma seiva nova, que se enfiltra em nós, que erage de beleza todas as coisas, que parecem sorrir como creanças.

Vestida a andaino, galgamos o asfalto, a misturar-nos na dança do que passam a partilhar nosso quinhão no bodo da alegria e de bençãos, que parece descer do ceo.

Todo o passado se extingue, como se o apagassemos com uma esponja.

E' como se nascessemos hoje.

E' preciso recomeçar a lutar, porque este ano venceremos.

Quem ha, que hoje não comungue esta mesma ideia, a morder-lhe o cerebro a domina-lo! O passado é como se não o tivessemos vivido.

No entanto ha feridas que sangram ainda fantasmas que se erguem á nossa volta.

O ano veio encontrar-nos ado. mecidos sobre ruinas, impotentes sem um gesto nem uma ideia.

A saudade morde-nos a alma, e do passado ficou-nos ainda a lembrança dos que desapareceram, que é ainda mais forte quando queremos esquecer o que já vivemos.

E' então, que mais do que nunca nos possue a esperança. Olhamos á nossa volta os que ficaram, cabecitas louras que gorgeiam, mãos amigas que se nos estendem. E' preciso viver. E com que fé o dizemos!

Encarar o amanhã que desponta, entregando-lhe todas as nossas energias, para vencer.

O ultimo dia!

E' uma porta fechada sobre o passado; uma comunhão de almas ajoelhadas olhando o futuro.

E' talvez o unico dia em que nos encontrâmos todos, velhos e novos, crentes e não crentes.

Esta religião do amanhã é maior do que todas as religiões. Professamos nóla cheios de fé, abrasados de esperança, cheios de sinceridade.

Pertencemos totalmente a esse deus que nos vence, e para ele vão neste momento as nossas preces, um coro de rezas balbuciadas em segredo por todas as almas.

Noite maior do que todas.

Amanhã! Amanhã!

ORNELAS PEDREIRA

Questões do dia

Os bombeiros e a policia

Se nós avaliarmos a quantidade e qualidade de instituições policiais pelos titulos que as ornam, chegaremos fatalmente á conclusão de que não ha mais nem melhor em parte alguma do mundo. Possuimos uma fauna policial de todas as formas e feitios: Policia de Segurança do Estado (Grand-Prix, Hors Concours), Policia de Investigação Criminal (medalha de ouro), Policia de Costumes (menção honrosa), Policia de Emigração Clandestina (medalha de prata de serviços extra-relevantes), Policia Civica (medalha de ouro de comportamento exemplar), Policia Internacional (medalha de cobre), Policia de Impostos Camararios (medalha de... livra!...), etc, etc. De modo que, por esta sucinta relação, se verifica que nós somos o paiz melhor policiado do mundo, no que diz respeito, é claro, á quantidade. Se, porem, mencionarmos a qualidade, o caso muda de figura, sem com isso querer susceptibilisar as prosapias profissionais dos ilustres membros.

Efectivamente que é que nós vemos, assim, de repente? Isto, que não é pouco: todos os dias ou quasi todos, rebentam bombas nos pontos mais centrais da cidade, com larga ceifa de vidas e não pequenos prejuizos materiais. E logo que o estrondo atordoa a cidade surgem agentes policiais aos magotes, que olham enternecidos para as victimas, que arrumam os destroços e que ficam esperando como nós, por outra manifestação explosiva para repetirem o mesmo gesto pressuroso de acudirem ao local do atentado e ficarem, outra vez a ver navios do Alto de Santa Catarina.

E', certamente, muito louvavel e digno de elogio o zelo policial que assim se transforma em espectador inofensivo do burro morto cevada ao rabo. Mas, como isso não serve para nada, melhor seria, certamente, que a duzia e meia de corpos policiais se empregassem em descobrir, a tempos e horas, onde se fabricam as bombas, para que elas não rebentassem senão nos laboratorios oficiais onde fossem recolhidas para exame. Mas, isso sim! Para tal não tem servido a policia e não é de supor que, de repente, possa vir a ser utilisada nessa util obra de prevenção e impedimento do crime premeditado.

Ha, ainda, um outro aspecto desta questão. Ele é-nos sugerido pela idade presumivel dos fabricantes de bombas no laboratorio da calçada do Combro. Segundo os calculos mais aproximados, os bombistas eram jovens de 16 a 21 anos.

Esperançosos mancebos, tão cedo roubados á missão que se tinham imposto de fazer a felicidade humana! Por muito doentia que seja a nossa sentimentalidade, não podemos furtar-nos ao pensamento egoista de que as bombas que os victimaram ou ofenderam podiam ter sido empregadas contra nós, que temos, a respeito da inviolabilidade da vida humana, uma noção diametralmente oposta á dos assassinos, bombistas ou não bombistas.

Em todo o caso, ha um ponto que nos parece vir a concentrar todas as manifestações dessa tal sentimentalidade. E vem a ser que, por loucos que estivessem os jovens bombistas, eles poderiam vir a curar-se, tornando-o a dedicar a sua actividade em proveito proprio e alheio. O fim da aventura sinistra da calçada do Combro é tanto mais lastimavel quanto é certo que a responsabilidade moral da loucura dos jovens sindicalistas não é inteiramente deles, mas da sociedade em que proliferaram e que nem ao menos dispõe duma policia preventiva que evite, já não dizemos sempre mas uma vez, por acaso, crimes da natureza daqueles que salpicaram de sangue as paredes onde se instalam a C. G. T. e algumas das suas ramificações.

De tudo isto se pode concluir que o problema da reorganisação policial tem de preocupar a atenção dos governantes, logo que os profissionais de revoluções e pronunciamentos deixem tempo para disso se cuidar, a serio e com «esprit de suite». Por emquanto falta o tempo. E, por isso, resignemo-nos a suportar com paciencia, os bombistas, que nos querem salvar pela morte, e a policia, que quer, mas não sabe, garantir-nos a vida.

Um artigo sensacional

E' o que vai publicar o proximo numero do Boletim Farmacologico, por deixar em cheque as pessoas que aconselham o uso de preparações de Iodo ou de Iodetos em solução ou ás gotas, esquecendo-se de que só o «Iodal» granulado de Iodo-Iododetado evita o Iodismo.

Factos e palavras

A PROPOSITO

... DO "A PROPOSITO,, DE ONTEM

No numero de ontem tratei apenas do sr. René Maran como ignorante da historia do seu continente. E não discuti as suas qualidades literarias porque não tendo lido a obra não fazia dela a mais pequena ideia quanto á fórma.

Mas qual não é o meu espanto quando ao cair da noite pegando no «Le Journal» de 27 eu vi na 4.ª pagina na secção A travers les lettres, o seguinte que traduzo o mais fielmente possivel:

E eis que, por um excesso de sorte, o acusam já de plagiato!

Um leitor escreve-nos:

—Acabo de ler um romance cujo enredo é o seguinte: Mouroussamy, rabat do Coromandel, está profundamente apaixonado pela sua joven esposa, apesar de o não dar a conhecer. Esta mulher é desejada e cortejada pelo rico Gourlab. Mouroussamy e Gourlab, que se adivinharam nos seus secretos sentimentos, fingem a mais perfeita amizade.

Mouroussamy recebe Gourlab á sua mesa, convida-o para as suas festas. Projecta-se uma caçada aos tigres que Gourlab transforma numa cilada para o seu rival. Mouroussamy é abandonado a morrer. Dansas banquetes, florestas, sumo-sacerdote, bruxos, etc.

E' o resumo de Héva, de Méry, livro publicado em 1840.

Outro romance que acabei neste instante de ler: Batonala, chefe guerreiro do Oubanghi, ama profundamente a sua joven esposa apesar de o não dar a conhecer. Esta mulher é requestada pelo joven guerreiro Bissibingui. Batonala e Bissibingui, que se adivinharam mutuamente nos seus secretos sentimentos, fingem entre eles uma perfeita amizade.

Batonala recebe Bissibingui á sua mesa, convida-o para as suas festas.

Organisa-se uma caçada á pantera que Bissibingui transforma numa cilada para o seu rival que fica morto. Danças, bruxos, caçada, florestas...

E' o assunto de Batonala do sr. Maran, premio da Academia Goncourt para 1921.

Os membros da Academia nunca leram Méry!—

Ora é isto que o «Le Journal» de 27 publica na sua quarta pagina.

E' demasiadamente elucidativo para precisar de comentarios.

O sr. René Maran além de ser ingrato, alem de ser ignorante, é um escritor de baixos processos.

Não admira, deve-lhe estar na indole.

Já lhe não quero mal. O castigo merecido está na risota que a estas horas deve ir nos meios literarios de Paris.

E agora só nos resta uma coisa: Esperar pela conduta da Academia Goncourt, cujos membros já devem ter coçado a careca um pouco atrapalhados

Sr. René Maran:

—Quem... «torto» nasce...

BOTTO DE CARVALHO

❖ ❖ ❖

O Papa deu ordem para que fossem enviados 40 vagons de mantimentos aos famintos russos.

* * *

Tem causado a pior impressão em Tuy o encerramento da fronteira portugueza ordenado pelo governador civil. A imprensa insurge-se contra tal medida e reclama a reciprocidade, tanto mais que agora faltam muitos generos de primeira necessidade por causa da sua exportação para Portugal.

❖ ❖ ❖

O desenvolvimento da industria de ferro nos Estados-Unidos, começou a manifestar-se, ha alguns mezes. Acaba de revelar-se dum modo particular em Novembro, no qual a produção de ferro em bruto elevou-se a 1.415.481 toneladas contra 1.240.162 em Outubro.

Os numeros de Novembro são superiores, aos atingidos depois de Março ultimo; eles fazem sobressair uma taxa de produção de 17 milhões de toneladas, enquanto que a produção de Setembro não correspondia senão a uma taxa anual de 15 milhões. A media diaria em Novembro ultrapassa contudo a 47.185 toneladas contra 40.005 de Setembro ou seja um aumento de 18 0/0.

❖ ❖ ❖

Produziu triste impressão entre os seus numerosos amigos, pois conta em Madrid grandes simpatias e muita consideração, o sr. Vasco de Quevedo, que noticias de Lisboa dizem que vai ser transferido para Roma para o cargo de consul geral e conselheiro comercial da legação portugueza n'aquela cidade.

❖ ❖ ❖

O resultado do recenseamento geral da população em 1921, incluindo a Alsacia e a Lorena, dá 3.402.739 habitantes, dos quais 1.550.449 estrangeiros. O recenseamento de 1911 dava 39.604.992, dos quais 1.132.696 estrangeiros.

❖ ❖ ❖

Até ao dia 1 de Dezembro, os emprestimos realisados pela Corporation da Finança da Guerra, tinham atingido 132 milhões de dollars, sendo 52 desses emprestimos para exportação de algodão e de cereais. Fizeram-se 51 emprestimos a sociedades cooperativas, 72 a banqueiros e 9 a exportadores.

❖ ❖ ❖

Recebemos da Agencia Stella o argumento da opera «Tristão e Izolda», que agradecemos.

MUSICA

Tristão e Isolda em S. Carlos

Foi hontem em S. Carlos a primeira noite de Opera. E para aquelles que lá estiveram a inauguração da ópera na inauguração da época 1921-22 deve ter deixado uma bela recordação. A representação do Tristão e Izolda tal como hontem foi feita honra sobremaneira o nosso primeiro teatro lirico. Parece-nos dificil conseguir um conjunto tão perfeitamente harmonico, que possa imprimir o brilho que hontem ostentou o Tristão e Isolda, uma das melhores obras de Wagner.

A orquestra sob a direção brilhante de Vittorio Gui executando uma partitura cheia de dificuldades e de efeitos houvese de modo a merecer uma calorosa ovação. Gui continúa a afirmar os seus creditos de extraordinario maestro.

A snr.a Elsa Bland que mostrou ser uma bela interprete de Wagner, esteve á altura do seu papel, tendo cantado toda a scena da morte com uma grande elevação.

A snr.a Maria Capuana com muito brilho na parte de Braugania.

A sua voz dum timbro muito agradavel cantou sem esforço e com brilho.

Cesa Bianchi foi um Tristão admiravel.

A interpretação que deu ao seu papel, a maneira como o cantou e como o representou foi digna de todo o aplauso. Wagner teve em Bianchi um interprete magistral.

O mesmo diremos do baritono Formichi que nos deu um Lurogrraldo como será dificil igualar. Possuidor duma voz agradabilissima imprimiu a todo o terceiro acto um relevo notavel.

Grill, Eranzkin, Spadoni e Marchesini, contribuiram para o optimo conjunto do Tristão e Isolda.

Não queremos deixar de fazer referencia á maneira correcta como a opera foi posta em scena tanto em guarda roupa como em scenarios.

Resumindo: o Tristão e Isolda constituiu um verdadeiro sucesso e merece da nossa parte os maiores aplausos.

B. C.

O CONSUMO DOS ASSUCARES EM RAMA

Continua a ser permitida a intoxicação do publico

Li nos jornais a noticia de que uma comissão de refinadores de assucar do Porto se avistou com o sr. ministro da Agricultura e dr. Ricardo Jorge, para pedir-lhes que seja proibida a venda do assucar em rama.

Já por mais de uma vez nos ocupamos deste assunto, pela grande importancia que ele apresenta, sob o ponto de vista da higiene publica.

Grande quantidade de importadores de ramas já não se dão ao incomodo de os mandarem refinar, antes de pôr á venda o assucar.

O negocio assim é muito mais rendoso, porque pagam apenas 8 centavos pela moagem de cada kilograma e vendem-no como se fosse assucar puro, com os mesmos lucros que teriam se o assucar passasse pela refinaria.

Tanto no comissariado geral dos abastecimentos, como no ministerio da agricultura, se conhece este facto e só não se compreende o motivo porque não se ha de proibir esta fraude, que é condemnada pela higiene publica.

As penalidades a aplicar devem ser rigorosas não só para os comerciantes que assim procedem, como para os industriais que se prestam a aceitar as ramas para moer, cooperando assim na fraude e na intoxicação do publico.

Já dissemos que na rama do assucar entram substancias toxicas, tais como os oxalatos que são eliminados pela refinação. O assucar escuro, do mais ordinario, é menos nocivo para a saude, do que a rama, por mais branca que se apresente. E se assim não fosse, não se compreendia que em toda a parte do mundo fossem gastos tantos capitais em refinarias de assucar.

E' tempo da direcção geral da higiene publica atender as reclamações que por diversas vezes se lhe teem feito.

ULTIMA HORA

A Crise

E' certo que o governo se demitiu, mas, apezar disso...

Podemos garantir, guiados por informações que nos merecem todo o credito, que o sr. Cunha Leal apresentou, ontem á noite, ao Chefe do Estado, a demissão colectiva do gabinete, depois de lhe ter feito uma exposição das dificuldades criadas ao Governo pelos directorios partidaristas. O sr. presidente da Republica não aceitou a demissão, mas, perante as instancias formais do sr. Cunha Leal, pediu-lhe que adiasse para hoje ao meio dia a declaração publica da crise, se, até então, o sr. Antonio José de Almeida não conseguiu demover da sua irreductibilidade os chefes partidaristas. Assim ficou combinado.

A crise devia, pois, já estar publicamente declarada, facto que, aliás, não aconteceu até ás 17 horas, sendo as declarações oficiosas concordes em afirmar que a situação não é, por enquanto, absolutamente irremediavel. A mutação na sequencia dos acontecimentos previstos deve-se, parece, a diligencias pessoais do Chefe do Estado junto dos partidaristas, cujos diretorios estão reunidos, á hora em que fechamos estas notas. E' possivel é mesmo quasi certo, que a situação fique definitivamente esclarecida esta noite, em conselho de ministros, que foi convocado para as 23 horas.

Em certos meios politicos defendia-se a oportunidade da constituição dum ministerio democratico, chefiado pelo sr. Antonio Maria da Silva, para suceder ao gabinete Cunha Leal.

Respectivamente a versão do adiamento eleitoral, que ontem mencionamos, nada ha a acrescentar.

Depende tudo das combinações politicas que estão em marcha. O que parece já assente é que, a verificar o adiamento, ele será apresentado sob uma formula tanto quanto possivel constitucional, não excedendo o praso dos quarenta dias da lei e mantendo-se, no mesmo diploma, as doutrinas consignadas no decreto que dissolveu o Parlamento. A unica alteração, pois, seria apenas referente á data de 8 de Janeiro que passaria a ser outra posterior, por enquanto ainda nem ao menos examinada em hipotese.

Prisão do chefe da policia maritima

Pelas 17 horas de hoje foi preso no governo civil o sr. Leopoldo Alves chefe da policia maritima, pelo adjunto da P. S. E. sr. Damião dos Santos. Deu motivo a esta prisão uma discussão travada entre os dois naquele edificio.

POEIRA DA ARCADA

Reuniu hoje pelas 15 horas a comissão importadora de trigos e farinhas afim de apreciar as propostas que lhe possam ser apresentadas para fornecimento de trigo exotico.

❖ ❖ ❖

Conferenciou demoradamente esta tarde com o sr. governador civil o almirante sr. Leote do Rego.

Ao que nos consta essa conferencia versou sobre as nossas colonias.

O sr. Leote do Rego saiu do governo civil acompanhado pelo sr. Agatão Lança.

❖ ❖ ❖

O sr. governador civil de Lisboa recebeu hoje os cumprimentos dos srs. capitão tenente Navarro, Anibal Ferreira Brejo, dr. Agostinho de Almeida Paiva, Joaquim Cobato Quingtino, Francisco Fernandes Costa de Carvalho, oficial de marinha, etc.

A explosão de bombas na C. G. T.

O chefe Zeferino da P. S. E. prosseguiu hoje nos interrogatorios dos feridos vitimas da explosão das bombas na C. G. T.

Ainda hoje deve ser ouvido o porteiro da C. G. T.

Tambem se efectuaram hoje algumas buscas em casa de alguns dos presos, sendo apreendidos documentos importantes.

TEATRO

Primeiras representações

S. LUIS.—A Moreninha, *opereta em 3 actos de D. José Paulo da Camara e Luna de Oliveira. Musica de Filipe Duarte.*

«A Moreninha» constitue, na sequencia interminavel das operetas modernas uma nota de indiscutivel interesse, moldada em talhes diferentes, não só da produção estrangeira como mesmo da nacional o poema da opereta do S. Luiz impõe-se talvez pelo seu caracter muito portuguez, pelas suas delicadas «nuances» de sentimento, bem livres, bem aqui desta «borda de agua» terna, pachorrenta e triste, que é este pedaço de terra dos nossos pecados».

Em todo o trabalho se nota esse lirismo que em D. João da Camara foi um instinto maximo, uma subjectiva adivinhação das consciencias e das pessoas.

Hoje porém, o teatro de opereta está mudado em formas tão diferentes e em cada dia que passa, os exigencias do publico variam tanto, tão demasiados se tornam, que o que ontem era encantamento hoje é monotonia.

No entanto a «Moreninha» tem ainda um grande publico—todo esse publico conservador, de habitos, de sentimentos e do costumes.

✦ ✦ ✦

O desempenho foi por parte de toda a companhia de S. Luiz excelente. Destacaremos Auzenda, vestida com muita elegancia e representando cada vez melhor!

Sales Ribeiro, tambem elegante e distinto conquistou a plateia desde logo com a sua nova criação.

Vasco Santana e Sofia Santos, melhores, muito melhores que do costume.

Resumo destas duas linhas, que não é possivel mais hoje: A «Moreninha» é peça para levar ao S. Luiz toda a alta sociedade de aristocracia e do sentimento.

O HOMEM QUE PASSA

Ano Bom

Asilo d'Espio Miranda-Campolide

O asilo d'Espio Miranda, situado em Campolide, festeja o dia de amanhã, melhorando a expensas de alguns socios e bemfeitores, as refeições dos seus asilados da seguinte forma:

Almoço, carne guisada com batatas, vinho, café com leite e pão. Jantar, sopa de massa, Coelho guisado com ervilhas, carne assada com batatas, fruta, nozes, doce, vinho tinto e do Porto, café e tabaco. O asilo está patente ao publico até ao sol posto.

✦ ✦ ✦

O Grupo Dramatico Lisbonense, ao Marcos de Portugal, 24, 1.º realiza amanhã um baile, comemorando o ano novo.

Festas de caridade

Vão continuar a favor da Albergaria e de outras instituições de beneficencia que estão lutando com enormes dificuldades

Por caso de força maior, como foi o movimento de 19 de outubro, a comissão do jornalistas encarregada de promover festas de caridade a favor da mendicidade de Lisboa, teve que suspender a realisação dessas festas. Ao ex-governador civil Lelo Portela, foi entregue em setembro a quantia de 1.620$00 producto da primeira dessas festas que se realisou no Club Regaleira, e que s. ex.ª mandou entregar á Albergaria de Lisboa.

A comissão, vai continuar com essas festas, tendo recebido já a adesão de todos os clubs os quaes, duma forma bastante gentil, se prontificaram a organisar os seus programas de maneira a que resultem brilhantes tais festas de caridade, e donde se possa tirar o maior lucro para beneficiar a pobreza.

Abre com essa festa o Monumental Club, na noite de 19 de Janeiro, seguindo-se o Maxim's, Palais Royal, Montanha, etc.

Brevemente, publicaremos o programa da festa a realisar no Monumental.

Igreja de S. Mamede

Realisa-se amanhã pelas 14,30 na igreja de S. Mamede, que há tempos ardeu, uma festividade em honra dos salvadores do Socorro e imagens da referida igreja.

Loteria de Lisboa

Numeros mais premiados

3871 100.000$00

3282	20.000$00
2007	4.000$00
5426	1.000$00

A expedição de Schakleton ao Polo Norte

As aventuras da viagem no mar do gelo

O explorador Schakleton que esteve ha pouco tempo no Tejo com destino ao Polo Sul fez em Londres uma conferencia em que narrou as aventuras da sua primeira viagem ás regiões polacas. Damos hoje aos nossos leitores um extracto dessa conferencia:

«Comecei a minha primeira expedição, disse ello, em meados de 1913, mas não foi senão em janeiro de 1917 que pude anuncia-la. Depois de receber bastante dinheiro, e muitas promessas de dinheiro—as quais não foram tão boas como o dinheiro mesmo recebido—fiz uma chamada de voluntarios e reuni 55 homens, alem da minha propria pessoa, para ir ao sul. Comprei um navio inteiramente, novo a que dei o nome de «Endurance» (Paciencia) e tambem a velha não de Nawson «Aurora».

A guerra de 1914

Tudo andava bem até meados de julho de 1914, quando, de repente, surgiram nuvens de guerra. Ninguem ignora como vieram bruscamente as ameaças da guerra, e, atraz das ameaças a conflagração. Ancoravamos fora de Margate, quando veiu a ordem de mobilisação geral. Chamei os meus homens e disse-lhes o meu proposito de oferecer o navio e as provisões ao almirantado, pedindo, sómente, para empregar-nos como unidade avulsa para de alguma maneira não malograr a expedição. Recebi promptamente do almirantado esta lacónica resposta: «Proceda». Duas horas mais tarde chegou um longo telegrama do sr. Churchill, dizendo que o governo agradecia a minha proposta, porém, que desejava, sucedesse o que sucedesse, que a expedição se efectuasse. No dia seguinte o rei mandou chamar-nos e me ofertou uma bandeira nacional para leva-la na expedição.

A' meia noite do mesmo dia estalou a guerra. Mas, á vista daquelas ordens terminantes, fizemo-nos ao mar. No dia 26 de outubro de 1914 saimos de Buenos Aires com rumo á South Georgia e ali tivemos a ultima relação com o mundo, até 20 de maio de 1916.

Alguns dos membros de expedição não vieram a saber nada do que sucedia até 9 de janeiro de 1917.

Rumo do Polo Sul

Abandonámos South Georgia, ilha distante umas 2.000 milhas do estreito de Magalhães, e a 5 de dezembro fizemos rumo ao sul, indubitavelmente o mar em que nos achavamos, mar do Weddell, não o por do mundo. Visitára-no sómente tres navios e não subiu dele senão um, que não foi o nosso. Demais, para augmentar o rigor habitual do mar, desta vez não houve verão no Arctico e em logar de navegarmos livres de gelo, a duas mil milhas como calculámos, entramos nos campos de gelo dois dias depois de deixar a ilha. Desta maneira, durante todo o mez seguinte cortámos gelo com a nossa quilha, atravês 1.500 milhas, para chegar, por fim, a um trecho do terra firme. Mantivemo-nos ao largo dessa terra cartografando e levantando planos até 18 de janeiro.

Depois de fortes correntes haverem impelido contra o navio o gelo que acabavamos de atravessar, o vento caiu, fazendo o mesmo a temperatura, de sorte que no mais forte daquele chamado verão, experimentámos uma temperatura de 53 grãos abaixo de zero.

O «Endurance» estava aprisionado pelo gelo, para não poder sair dele por seus proprios meios e por longos nove mezes esteve á mercê da corrente do mar gelado. Levámos a direcção sul e sudoeste, resignando-nos, na medida que o permitiam os nossos respectivos temperamentos ao desengano de não poder seguir viagem até o Polo, e, muito além, até o mar de Ross.

Organizámos os nossos trabalhos scientificos; todos os dias treinavamos os nossos cachorros; acumulámos provisões para o inverno, esperando que a corrente nos levasse logo, ao norte, ao mar aberto. Na estação seguinte poderiamos então fazer rumo ao sul.

Dentro da noite sem fim

Ao fim de abril o sol desapareceu, para não deixar-se ver durante tres mezes. Ficamos encerrados na longa noite polar. Havia muitas cousas a fazer. Ninguem estava ocioso e formavamos uma feliz familia a bordo da pequena «Endurance».

Em principios de junho, em plena obscuridade invernal, ouvi um ruido longiquo e sai com os cachorros a ver o que havia. A dez milhas de distancia, demos com a fonte do ruido. Provinha da pressão do gelo. Toda a extensão deste grande mar estava coberta de blocos impelidos pelos ventos e a corrente até ás extremas do continente antartico. O gelo, sendo mais brando do que a terra firme, não oferece suficiente resistencia e empilha-se em largas crostas que avançam desde as extremas até o mar. A «Endurance» estava sob a ameaça da pressão do gelo e eu me dei conta de que, sem um milagre o navio estaria perdido.

Sob a pressão do gelo

Volvi ao barco e dei ordem para colocar sobre a coberta as provisões de emergencia; de trenar os cachorros por um periodo mais longo, diariamente, e indicar a cada homem o seu posto, de maneira que, quando chegasse o momento, estivessemos todos prontos para afrontar o perigo, como fosse humanamente possivel.

Durante o mez de junho a pressão avançou até uma distancia de cinco milhas do navio. Em meados de julho estava a duas milhas e meia; ao fim do mez a trezentas jardas. Em 1.º de agosto de 1915, em meio de um furacão, fomos agarrados pela pressão. A «Endurance» foi erguida, impelida pelo vento do outono e acabou por parar, mais tarde, com o leme roto e outros estragos. Desde esse momento a pressão se fez de mais em mais ativa: comprimia o barco ás vezes por espaço de dez segundos e trazia-o á superficie, exactamente como se alguem espremesse entre os dedos a polpa de uma cereja.

Outras vezes, grandes pedaços de gelo ameaçavam juntar-se e o navio estremecia todo, tremendo o seu arcabouço. Então o barco fazia um movimento para diante e saltava do gelo, ficando desta maneira colocado em posição que era de relativa segurança. As coisas continuaram assim durante os mezes de agosto, setembro e outubro. Em 26 de outubro, exactamente, um ano depois de deixar Buenos Aires, compreendi que haviamos chegado ao fim.

O naufragio no mar de gelo

A prôa do «Endurance» foi comprimida por um enorme bloco de gelo e a pressão se fez sentir até á pôpa. Ordenei que se colocassem os nossos tres botes sobre um pedaço de gelo perto do navio. Um deles media 22 pés de extensão, os outros dois 18 pés. Puzemos a bordo provisões para 50 dias. Sabiamos que era tudo quanto podia levar para pôr sobre o gelo, além dos nossos 60 cachorros e das tendas. Ao dia seguinte sucedera o que era esperado.

A «Endurance» viu-se erguida; a pressão passou atravez sua popa, dos postes de popa e do leme. Começou a afundar-se. A pressão renovou-se. Dei ordem de abandoná-lo, e, ás 5 horas da tarde de 26 de outubro, ercio sobre a sua coberta, vi o seu grande mastro dobrar-se e encurvar-se as suas maquinas moverem-se.

Este foi o mais duro momento da expedição, pois não só o navio tinha sido a nossa hospitaleira morada, como havia levado tambem nossas esperanças e nossas ambições.

A marcha a pé no campo de gelo

Não era tempo, entretanto, de pensar nisto. O principal era a segurança do pessoal.

Baixei ao gelo, reuni os meus homens e disse-lhes que me propunha marchar em direcção de terras mais proximas, e que, se ficassemos bem unidos, a alcançariamos com a ajuda da Providencia. A terra mais proxima estava distante 346 milhas, através de um pesado mar de gelo.

A primeira noite foi má. Tivemos 48 gráus abaixo de zero e uma forte ventania. Tres vezes, durante a noite, tivemos de mudar de acampamento, porque o gelo se rompia sob nós outros. Toda a noite caminhei no largo, escutando o gemido da «Endurance» em agonia, até que amanheceu um dia frio e cinzento. Chamei a Wild a Hurley e com leite em pó fizemos uma bebida quente para o resto dos companheiros; logo, cheios dessa beatitude que brota de todo acto caritativo, fugimos a percorrer as tendas, com nosso leite; Wild passou o leite quente á primeira tenda. Nenhuma palavra de agradecimento! Logo a outra. Nenhuma tem pouco! E não ouvindo um agradecimento da terceira tenda, ouvi dizer: «Se algum dos senhores quizer que lhe engraxe as botas, não tem senão que coloca-las do lado de fóra».

Esse dia tratamos de caminhar e o resultado de 15 horas de trabalho forçado foram 2 1/2 milhas a nosso favor. Ao dia seguinte, fizemos outra milha e quarto. Pensei que andando assim, acabariamos com as provisões antes de fazer 70 milhas das 346 que deviamos percorrer.

Navegando sobre um bloco de gelo

Em consequencia, consultei a Wild e a Worsley, e decidi acampar em um grande e solido bloco de gelo, ao qual justamente haviamos chegado, e volver ao navio para tirar mais provisões e deixar á corrente a tarefa de levar-nos até o oeste, á terra, ou até o norte, ao mar aberto.

Isto fizemos. Volvemos ao navio, e, estando as cobertas debaixo de agua e geladas, abrimos caminho até aos porões para o qual nos servimos de instrumentos.

Puzemo-nos logo a arrancar os caixões e numa semana extrahimos em caixões de provisões. Depois disso era demais perigoso acercarmo-nos do barco naufragado. Arrastámos as provisões em treuó sobre o gelo movediço, até o acampamento do oceano como haviamos chamado á nossa casa flutuante. Foi um trabalho durissimo para os homens e os cachorros, mas todos o fizeram sem nenhuma queixa.

Ao sabor das correntes do mar gelado

A 21 de novembro o navio afundou-se, a proa primeiro, em 11.000 pés de agua, e nós nos encontrámos sobre a corrente de degelo. Ás vezes progrediamos umas 30 milhas numa semana; logo vinha ao vento a ideia de soprar do norte, e então tudo o que ganháramos numa semana, perdiamos num dia. A nossa não de gelo não tinha nem leme para guia-la, nem vela para empurra-la. Estavamos á mercê do vento e da corrente.

Nova marcha á pé

Na terceira semana de dezembro haviamos feito só 120 milhas das 346 e decidimos fazer outra tentativa para marchar. O resultado desta marcha foi que, em cinco dias, ganhámos 9 milhas trabalhando 15 horas por dia. O que mais esforços custava era mover os botes. Arrastamos um bote cem jardas. Depois voltavamos para fazer o mesmo ao outro bote, e assim tambem para o terceiro, de sorte que cada milha que avançavamos caminhavamos tres milhas. Ao cabo do terceiro dia encontramos gelo picado. Os botes começaram a afundar-se, e tivemos que regressar ao bloco de gelo flutuante, que haviamos chamado «o acampamento Paciencia».

Sobre esse bloco passamos os mezes de janeiro, fevereiro e março de 1916 descendo lentamente até o norte. O nosso bloco, porém, gastava-se de mais em mais, pelos ataques dos blocos vizinhos o estava ameaçado de liquifazer-se devido ao mar que começava a fazer-se sentir desde o Atlantico ao norte.

As peripecias do acampamento sobre os blócos de gelo

Aproximava-se a estação do inverno. Nossos vestuarios estavam gastos e estavamos reduzidos a comer uma vez por dia. Eu seguia mantendo as imprescindiveis provisões para a viagem em botes. Aos fins de março vimos, ao longe, os picos da ilha de Joinville, porem era impossivel manobrar sobre o gelo movediço.

A 1 de abril o nosso bloco de gelo, já reduzido a um pedaço de 100 jardas quadradas, partiu-se, tomando varias direcções. Coloca-mos em nossas trez embarcações e seguimos com vento favoravel em direcção oeste, sendo nosso objectivo a ilha da Decepção, a 150 milhas de distancia do lugar em que esperavamos encontrar um barco de pesca do baleia retardado.

Os seis dias e noites seguintes foram um pesadelo. A primeira noite acampamos sobre um bloco de gelo, porém, depois de algum tempo, comecei a sentir-me inquieto porque o nosso gelo começava a cabecear, em vez de balançar-se, estando por isso mesmo, exposto a fundir-se.

(Continua)

64—Folhetim de «A CAPITAL»—31 de Dezembro de 1921

ROCHA MARTINS

Spartacus

Romance das lutas proletarias em Roma

IX

Sentados na borda dum lago de vastado, cujos rebordos de marmore se revestiam de esverdinhados limos, conversavam.

Os soldados iam passando e... continencia, mas Spartacus não os via, cada vez mais interessado no que lhe narrava o luzitano.

— Sim! Oh! Chefe! E' Crassus, o rico, que vem combater contra ti! Teem corrido rios de ouro em Roma e quando se soube como Arrius derrotara Orixos, os banqueiros sucederam-se.

Eles declaram que o ferro é fraco para nós; reconhecem-nos o valor e esperam que o amo fará melhor efeito... Crassus quer comprar tudo, distribue o dinheiro ás mãos cheias; os melhores cavalos de toda a republica aguardam os melhores cavaleiros que recrutam entre os mais experimentados «equites». Abriu largamente a bolsa, meteu as mãos até meio dos cofres, porque o fundo custa a encontrar, e não ha aventureiro, mestre de armas, gladiador sem colocação, que não vá pejar de manhã á tarde o átrio do palacio de Crassus, entre as colunas de Hymeto, a ofertar-lhe a sua vida á troco de uns sestercios!

— Cavo ouro?! Quem tinha que se vender já se vendeu.

Ao ouvir narrar-lhe como matára o siciliano, cujas intenções lhe mostrou, abraçou-o e disse-lhe:

— Jogaste a vida!

Simplesmente, Jarmelo volveu:

— E' tua! Tu és maior que Viriato, ó Deus da minha Lusitania. ele era por uma patria; tu és pela humanidade!

Aparecia a testeira da coluna que defendia os carros das mulheres; passava exactamente a liteira onde ia Torzia e ela, fazendo um sinal para os condutores, atirou com a ponta dos dedos rosados um beijo ao antigo gladiador, e na sua voz meiga e dôce exclamou:

— O unico que não vendo!...

Nas suas faces duas covinhas graciosas tomavam um ar provocante mas Spartacus quasi não reparava nela; erguia-se ao ver aparecer Lavinia a pé, encostada ao braço de Mirta para gosar, na sua convalescença a frescura da tarde. Ao seu lado Manlio falava-lhe baixinho.

Mavernes, encarpada na toga, olhava de quando em quando o carro onde ia a sua, como os cinzas do Asonnes, e cada vez que do meio do exercito se elevava o cantico contra os romanos ela parecia sorrir pela patricia, sempre devorada pelos olhos loucos de Opalia.

Por um aceno rapido Spartacus ordenara a Manlio que se aproximasse, e ele, muito lívido, vendo que chegara o momento das explicações, volvia para a noiva o seu olhar triste e via-a amparar-se mais com Mirta que sorria vagamente.

Jarmelo afastara-se mas Spartacus dizia-lhe:

—Feliz que me escreva uma carta para Crassus dizendo-lhe que jámais desprezei tanto um inimigo e que tambem jámais desejei tanto encontra-lo. E' que desta vez não é a luta de dois exercitos mas sim a da pobreza com a riqueza, a dos humildes com os grandes, a dos servos com os senhores!

—E deve escrever-se que se lhe escreve em latim, visto ele desconhecer o grego!

O poeta dizia aquilo rindo e aparecia com o seu riso nos lábios, o perfil de cegonha altoado e com o «stilo» nos dedos agudos, de tabua encerada interrogando curiosamente:

—Mas como chegerá esta carta ao seu destino?

—Poeto!—volveu o general com um riso—bem se vê que apenas pensas em inês! Não tenho eu duzentos portadores, duzentos prisioneiros?!...

O noivo de Lavinia estremeceu. Julgou que ia envia lo nessa missão que o deprimia e sobretudo o afastava daquela por quem tantos sacrificios fizera.

Spartacus olhava-o de alto a baixo, quasi severamente. Os outros tinham dado uns passos para a beira do lago onde deixavam as rãs.

O patricio receava sempre que Spartacus o enviasse por esses caminhos até ás legiões de Crassus, fazendo-o um dos seus embaixadores com a insolencia nos labios, o que ele não saberia dizer mas não poderia calar para explicar bem a situação. Diria tudo quanto viu, as coisas analisadas dia a dia te-las-ia de narrar e elas eram tantas, agora que as recordava atonito. Era tudo tão estranho á sua memoria que Manlio tremia á sua evocação. Não sabia já encontrar a sua altivez de romano ante o que relembrava diante daquele escravo chefe de um exercito entusiasta, fanatico pelo seu comandante que levava á vitoria.

Então pensava em que assim se ocrava todo o patriciado, vindo de uma origem comum no tempo da lôba, mãe de Roma, que das carnificinas se gerára e o mais cruel os mais afortunado recebia as insignias do mundo, os bens, o que se tirava aos vencidos para os enriquecer. As castas tinham-se formado assim, exactamente como esse rebelde talhava o seu dominio. Mas que diferença entre os generais da Republica, com as suas purpuras simbolicas da chefia, côr de sangue, para que não houvesse duvidas no seu significado, e aquele gladiador transformado num soberano!

Ele dividia com os soldados a tomadia, criava uma igualdade nos bens da terra que os outros não toleravam e procedia de forma que o admirava e o fazia amar esse homem, visto tanto tempo como um inferior, por ele, Manlio, patricio, filho de uma raça nobre, descendente desses mesmos sanguinareos do passado. Abalava-se qualquer coisa na sua alma, como se uma luz muito viva o enchesse, ele achava que ao soldado faltaria o nascimento num berço nobre mas em compensação desprezava as riquezas. Se ele vencesse e fosse como os outros, se ve de usar essa tunica de fazer a felecidade de todos numa igualdade perfeita, os seus descendentes seriam cezares porque, bem o via, Spartacus poderia, se quizesse, abaixar a Republica. Porém se o destruisse não seria para regressar ás monarquias mas para cimentar a terra ideal que a seus olhos aparecia como um sonho.

Que ia suceder? Que quereria, na realidade, dele esse general que o olhava, sentado na beira do lago onde se rãs se tinham calado sob os pesados ina?

Os trens do exercito vam passando nos solavancos no empedrado da via, largo, a tarde declinava com tintas melancolicas, listras esmaecidas de vermelho e ouro barravam o horisonte e emquanto desfilavam os soldados que, de quando em quando, soltavam o seu grito entusiasta, o evohé ao chefe, este começara a dizer:

—Patricio, senta-te á minha beira e escuta-me...

Manlio ficára de pé olhando-o, indeciso, julgando não ter ouvido bem mas a mão do gladiador desenhou um gesto de bom convite e aquele respondia esmagado:

—Sou um vencido!

—E's um homem! Senta-te junto doutro homem...

Ele bem aquilo que tinha imaginado; a criatura bárbara na guerra tornara-se na paz o ser da igualdade, o espirito recto e justo como não julgava que existissem.

Acedera ao seu gesto, ficava envolvado do lago e ouvia a voz de Spartacus a dizer-lhe numa simplicidade que constituia ... pa para ele:

— Estás livre!...

— Livre?...

— Sim...